



SÉRIE COMPLETA

ERA  
UMA VEZ  
• → U M ← •  
CORAÇÃO  
PARTIDO

STEPHANIE GARBER

ERA  
UMA VEZ  
»UM•  
CORAÇÃO  
PARTIDO

ERA  
UMA VEZ  
»UM•  
CORAÇÃO  
PARTIDO

---

STEPHANIE  
GARBER

TRADUÇÃO: Lavínia Fávero

GUTENBERG

Copyright © 2022 Stephanie Garber

Título original: *Once Upon a Broken Heart*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORIA RESPONSÁVEL  
*Flavia Lago*

ILUSTRAÇÃO DE CAPA  
*Lisa Perrin*

EDITORAS ASSISTENTES

Natália Chagas Máximo  
Samira Vilela

PROJETO GRÁFICO DA CAPA  
*Hodder & Stoughton*

PREPARAÇÃO DE TEXTO  
*Marina Bernard*

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
*Diogo Droschi*

REVISÃO

*Ana Cláudia Lopes  
Claudia Barros Vilas Gomes*

DIAGRAMAÇÃO  
*Christiane Moraes de Oliveira*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Garber, Stephanie

Era uma vez um coração partido / Stephanie Garber ; tradução  
Lavinia Fávero. — São Paulo, SP : Gutenberg, 2022.

Título original: *Once Upon a Broken Heart*.

ISBN 978-85-8235-762-0

1. Ficção norte-americana I. Título.

22-103341

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Elete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÉNTICA ®

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073 . Conjunto Nacional  
Horsa I , Sala 309 . Cerqueira César  
01311-940 . São Paulo . SP  
Tel.: (55 11) 3034 4468

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

SAC: [atendimentoeditor@grupoautentica.com.br](mailto:atendimentoeditor@grupoautentica.com.br)

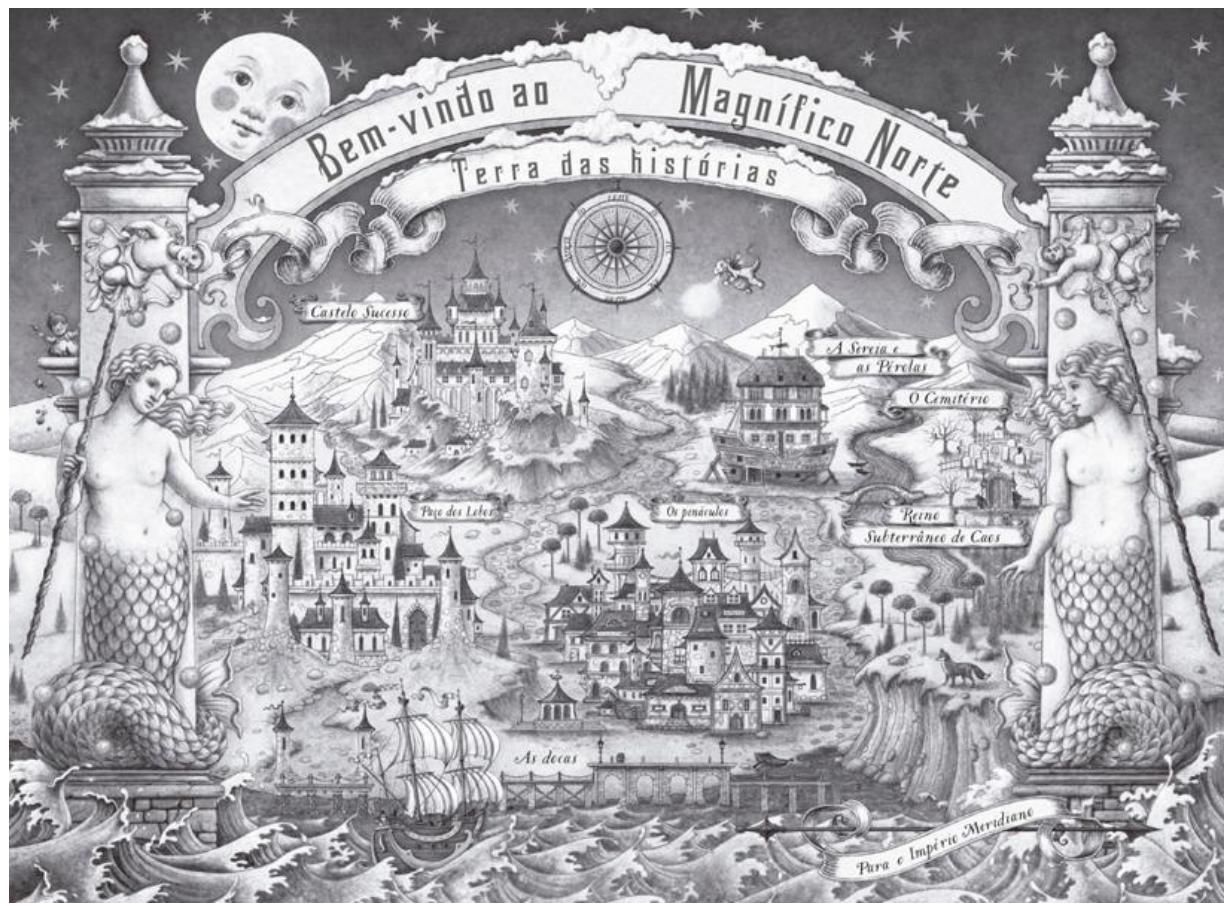
**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420  
Silveira , 31140-520  
Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500



Para todos que já tomaram uma decisão equivocada  
porque estavam de coração partido.



## Sinais e alertas

A sineta pendurada do lado de fora da loja de curiosidades sabia que aquele humano era encrenca pelo jeito como passou pela porta. Sinos têm excelente audição, mas não era preciso nenhuma habilidade específica para ouvir o barulho grosseiro da corrente do relógio de bolso na cintura do rapaz, nem do raspar áspero de suas botas quando ele tentou andar de forma estilosa, mas só conseguiu arranhar o chão da Maximilian's Curiosidades, Caprichos & Esquisitices.

Aquele rapaz iria arruinar a garota que trabalhava dentro da loja.

O objeto tentou alertá-la. Dois segundos antes de ele abrir a porta, a sineta tocou seu badalo. Ao contrário da maioria das pessoas, aquela balconista cresceria cercada de esquisitices – e a campana havia muito suspeitava de que aquela humana também era uma curiosidade, apesar de ainda não saber de que tipo específico.

A jovem sabia que muitos objetos eram mais do que aparentavam ser e que sinos possuíam um sexto sentido que os humanos não têm. Mas, infelizmente, ela, que acreditava na esperança, em contos de fadas e em amor à primeira vista, costumava interpretar mal as badaladas.

Naquele dia, a sineta tinha quase certeza de que a balconista ouvira seu toque de advertência. Mas, pelo tom empolgado com o qual ela falava com o rapaz, parecia que havia entendido a badalada adiantada como um sinal do destino em vez de um alerta.

# PARTE I

*A lenda de  
Evangeline Raposa*



I

---

## Gazeta do Sussurro

Onde as pessoas de coração  
partido irão rezar agora?

Por Kutlass Knightlinger

A porta da igreja do Príncipe de Copas desapareceu. Pintada com o vermelho-sangue dos corações partidos, a entrada emblemática de uma das igrejas mais visitadas do

Distrito dos Templos simplesmente sumiu em algum momento da noite, deixando em seu lugar uma parede de mármore impenetrável. Agora ficou impossível entrar na igreja...

---

**E**vangeline enfiou a página do jornal de duas semanas antes no bolso de sua saia florida. A porta no fim daquele beco decrépito era um pouco mais alta do que ela e estava escondida atrás de uma grade de metal enferrujada, e não coberta de uma bela tinta vermelho-sangue. Mas ela até apostaria a loja de curiosidades de seu pai, tamanha sua certeza de que aquela era a porta perdida.

Nada no Distrito dos Templos era assim tão pouco atrativo. Todas as entradas dos santuários tinham painéis entalhados, arquitraves decorativas, toldos de vidro e fechaduras douradas. Seu pai fora um homem de fé, mas costumava dizer que as igrejas dali eram como vampiros – não existiam para

adoração, eram projetadas para atrair e aprisionar. Só que aquela porta era diferente. Aquela porta era apenas um bloco de madeira rústica com a fechadura faltando e a tinta branca descascando.

Aquela porta não queria ser encontrada.

E, apesar disso, não conseguia esconder de Evangeline o que realmente era.

Sua forma denteada era inconfundível. De um lado, uma curva acentuada; do outro, um rasgo serrilhado, formando a metade de um coração partido – símbolo do místico Príncipe de Copas.

*Até que enfim.*

Se a esperança fosse um par de asas, as de Evangeline estavam se abrindo atrás dela, ansiosas para alçar voo de novo. Depois de procurar por duas semanas por toda a cidade de Valenda, ela havia encontrado.

Quando aquela página do jornal de fofocas anunciou que a porta da igreja do Príncipe de Copas havia sumido, poucos pensaram que era uma porta mágica. Foi o primeiro artigo do tabloide, e as pessoas disseram que fazia parte de um boato para vender assinaturas. Portas simplesmente não desaparecem assim, do nada.

Mas Evangeline acreditava que eram capazes de sumir, sim. Aquela história não parecia um truque, mas um sinal, dizendo onde procurar se quisesse salvar seu coração e o rapaz ao qual pertencia.

Ela podia até não ter visto muitas evidências de magia fora das esquisitices da loja de curiosidades de seu pai, mas tinha fé que existiam. Maximilian, seu pai, sempre falara da magia como se fosse algo real. E sua mãe nascera no Magnífico Norte, onde não existia diferença entre contos de fadas e histórias. “Todas as histórias são feitas igualmente de verdades e mentiras”, ela costumava dizer. “A diferença é o modo como acreditamos nelas.”

E Evangeline tinha um talento especial para acreditar em coisas que os outros considerariam mitos – como os Arcanos imortais.

Ela abriu a grade de metal. A porta em si não tinha maçaneta, o que a obrigou a enfiar os dedos na minúscula fresta entre a lateral denteada e a parede de pedra suja.

A porta comprimiu seus dedos, fazendo sair uma gota de sangue, e ela jurou que ouvira o objeto dizer, com um tom de farpa:

– Você sabe em que está se metendo? A única coisa que você vai conseguir com isso é ficar de coração partido.

Só que o coração de Evangeline já estava partido. E ela entendia muito bem os riscos que estava correndo. Conhecia as regras de visitação das igrejas místicas:

“Sempre prometa menos do que você pode dar, porque os Arcanos sempre exigem mais.

Não faça tratos com mais de um Arcano.

E, acima de tudo, nunca se apaixone por um Arcano.”

Existiam dezesseis Arcanos imortais, e eles eram seres ciumentos e possessivos. Antes de desaparecerem, séculos antes, diziam que governavam parte do mundo com uma magia que era tão maligna quanto maravilhosa. Nunca deixavam de cumprir um trato, ainda que, não raro, prejudicassem as pessoas que ajudavam. Apesar disso, a maioria das pessoas – mesmo as que acreditavam que os Arcanos eram meros mitos – ficava desesperada a ponto de rezar para eles em algum momento da vida.

Evangeline sempre teve curiosidade a respeito daquelas igrejas, mas conhecia o suficiente sobre a natureza temperamental dos Arcanos e dos tratos místicos para evitar uma visita aos locais de adoração a eles. Até duas semanas antes, quando se tornou uma daquelas pessoas desesperadas que servem de exemplo para a moral das histórias.

– Por favor – sussurrou para a porta em forma de coração, transmitindo em sua voz aquela esperança louca e maltratada que a levou até ali. – Sei que você é uma coisinha inteligente. Mas permitiu que eu te encontrasse. Deixe-me entrar.

Ela forçou a madeira uma última vez. E, então, a porta se abriu.

Evangeline deu o primeiro passo com o coração acelerado. Enquanto procurava a porta perdida, lera que a igreja do Príncipe de Copas exalava um aroma diferente para cada pessoa que a visitava. A ideia era ter o cheiro da maior decepção amorosa de cada pessoa de coração partido.

Mas, quando Evangeline entrou na catedral gelada, o ar não a fez lembrar de Luc – não havia nenhuma nota de camurça ou lavanda. O hálito sutil da igreja era levemente adocicado e metálico: maçãs e sangue.

Seus braços ficaram arrepiados. Aquilo não tinha nada a ver com o rapaz que ela amava. O que havia lido devia estar errado. Mas Evangeline não deu meia-volta. Sabia que os Arcanos não eram santos nem salvadores, apesar de ter esperança de que o Príncipe de Copas tivesse mais sentimentos do que os demais.

Seus passos a levaram para o interior da catedral. Tudo era de um branco chocante. Tapetes brancos, velas brancas, bancos brancos de carvalho branco, álamo branco e bétula branca descascada.

Evangeline passou por fileiras e mais fileiras de bancos brancos, cada um de um tipo. Que um dia deviam ter sido bonitos, mas agora muitos tinham pernas faltando, almofadas mutiladas ou estavam partidos ao meio.

Partidos.

Partidos.

Partidos.

Não era para menos que a porta não queria deixá-la entrar. Talvez aquela igreja não fosse sinistra, e sim triste...

O som de algo se rasgando cortou o silêncio da igreja.

Evangeline virou para trás e segurou um suspiro de assombro.

Várias fileiras atrás, em um canto escuro, havia um jovem que parecia estar de luto ou fazendo algum ato de penitência. Cachos dourados e rebeldes cobriam seu rosto, sua cabeça estava baixa, e seus dedos rasgavam as mangas de seu sobretudo vinho.

A jovem sentiu uma pontada no coração ao observá-lo. Ficou tentada a perguntar se ele precisava de ajuda. Mas o rapaz devia ter escolhido aquele canto justamente para que ninguém o visse.

E ela não tinha muito tempo.

Não havia nenhum relógio dentro da igreja, mas Evangeline jurou ter ouvido o *tique-taque* do ponteiro dos minutos, esforçando-se para apagar os preciosos minutos que tinha até a hora do casamento de Luc.

Correu pela nave até chegar à abside, onde as fileiras irregulares de bancos terminavam e um estrado de mármore reluzente se erguia. A plataforma era alvíssima, iluminada por uma parede de velas de cera de abelha, e rodeada por quatro colunas caneladas que protegiam uma estátua, em tamanho maior que o real, do místico Príncipe de Copas.

Evangeline sentiu um arrepio na nuca.

Sabia que era assim que ele devia ser. Recentemente, os Baralhos do Destino, que usavam imagens místicas para a leitura da sorte, tinham se tornado um objeto popular na loja de curiosidades de seu pai. A carta do Príncipe de Copas representava o amor não correspondido e sempre retratava o Arcano com uma beleza trágica: olhos azuis vívidos chorando lágrimas que eram da mesma cor do sangue que manchava o canto de sua boca emburrada.

Aquela estátua não possuía lágrimas de sangue. Mas seu rosto possuía, sim, uma espécie de beleza impiedosa, do tipo que Evangeline esperaria de um semideus que tinha a habilidade de matar com um beijo. Os lábios de mármore do príncipe estavam retorcidos em um esgar perfeito que deveria parecer frio, duro e afiado, mas havia um toque de suavidade em seu lábio superior levemente mais carnudo, que fazia um biquinho, parecendo um convite mortal.

De acordo com os mitos, o Príncipe de Copas era incapaz de amar porque seu coração tinha parado de bater havia muito, muito tempo. Apenas uma pessoa poderia fazê-lo funcionar de novo: seu único e verdadeiro amor. Diziam que o beijo do príncipe era fatal para todos, menos para ela – sua única fraqueza –, e que o Arcano a procurava, deixando um rastro de cadáveres.

Evangeline não era capaz de imaginar uma existência mais trágica. Se algum dos Arcanos tivesse compaixão pela situação dela, seria o Príncipe de Copas.

Seu olhar pousou nos elegantes dedos de mármore do príncipe, que seguravam uma adaga do tamanho do antebraço dela. A faca apontava para baixo, para uma tina de pedra equilibrada em um fogareiro, logo acima de um círculo de chamas brancas bruxuleantes. As palavras “Sangue em troca de uma oração” estavam entalhadas na lateral.

Evangeline respirou fundo.

Era para isso que fora até ali.

Pressionou o dedo na ponta da adaga. O mármore afiado furou sua pele, e o sangue caiu gota a gota, fervilhando e chiando, contaminando o ar e intensificando aquele aroma metálico e doce.

No fundo, tinha esperança de que aquela oferenda pudesse conjurar alguma espécie de demonstração mágica. Que a estátua criaria vida ou que a voz do Príncipe de Copas retumbaria na igreja. Mas nada se moveu, com exceção das

chamas na parede de velas. A jovem não conseguia sequer ouvir o jovem angustiado nos fundos da igreja. Estava a sós com a estátua.

– Caro... Príncipe – ela começou a dizer, gaguejando. Nunca havia rezado para um Arcano e não queria fazer nada errado. – Estou aqui porque meus pais morreram.

Evangeline se encolheu toda. Não era assim que devia começar.

– O que eu quis dizer é que tanto meu pai quanto minha mãe faleceram. Perdi minha mãe há dois anos. Depois perdi meu pai, na estação passada. E agora estou prestes a perder quem eu amo... Luc Navarro... – A garganta dela se fechou quando pronunciou o nome e imaginou o sorriso torto do rapaz. Talvez, se Luc fosse mais simples, mais pobre ou mais cruel, nada disso teria acontecido. – Nós estávamos nos encontrando escondido. Eu deveria estar de luto pelo meu pai. Então, há pouco mais de duas semanas, no dia em que eu e Luc contaríamos para nossa família que estávamos apaixonados, Marisol, minha irmã postiça, anunciou que ela e Luc iriam se casar.

Evangeline parou de falar e fechou os olhos. Essa parte ainda a deixava zonza. Noivados de última hora não eram incomuns. Marisol era bonita e, apesar de reservada, também era gentil – muito mais gentil do que Agnes, a madrasta de Evangeline. Mas Evangeline jamais vira Luc no mesmo recinto que Marisol.

– Sei o que isso deve parecer, mas Luc me ama. Acredito que ele foi enfeitiçado. Não fala comigo desde que o noivado foi anunciado; não quer nem me ver. Não sei como ela fez isso, mas tenho certeza de que é tudo obra de minha madrasta.

Na verdade, a jovem não tinha nenhuma prova de que Agnes era bruxa e havia enfeitiçado Luc. Mas tinha certeza de que sua madrasta ficara sabendo de seu relacionamento com Luc e queria que Luc, e o título de nobreza que um dia ele herdaria, fossem de sua filha, e não de Evangeline.

– Agnes tem ressentimento por mim desde que meu pai morreu. Tentei conversar com Marisol a respeito de Luc. Não acho que, ao contrário da minha madrasta, Marisol me prejudicaria intencionalmente. Mas toda vez que tento abrir a boca, as palavras não saem, como se também estivessem enfeitiçadas ou como se eu estivesse enfeitiçada. Então estou aqui, implorando sua ajuda. O casamento é hoje, e preciso que você o impeça.

Evangeline abriu os olhos.

A estátua sem vida não havia mudado. Ela sabia que estátuas não costumavam se movimentar. Mas, mesmo assim, não conseguia parar de pensar que a estátua deveria ter feito *alguma coisa* – mexer, falar ou movimentar os olhos de mármore.

– Por favor, sei que você entende o que é ter o coração partido. Impeça Luc de se casar com Marisol. Evite que o meu coração se parta de novo.

– Uau... que discurso patético.

Duas palmas bem lentas soaram após a voz indolente, que parecia estar a poucos metros de distância.

Evangeline virou para trás, e o sangue se esvaiu de seu rosto. Não esperava ver o jovem, que até então rasgava as roupas nos fundos da igreja. Apesar de que era difícil de acreditar que fosse a mesma pessoa. Pensara que aquele rapaz estava sofrendo, mas ele devia ter rasgado sua dor junto com as mangas do casaco, que agora estavam despedaçadas e dependuradas por cima de uma camisa de riscas pretas e brancas, por dentro das calças curtas, mas só pela metade.

Ele se sentou nos degraus do estrado e se encostou bem à vontade em uma das colunas, com as pernas compridas e magras esticadas para a frente. O cabelo era dourado e rebelde; seus olhos azuis, vivos demais, estavam vermelhos; e sua boca, retorcida no canto, como se não estivesse gostando muito, mas sentisse prazer com aquela dor breve que acabara de infligir em Evangeline. O rapaz parecia entediado, rico e cruel.

– Quer que eu fique de pé e dê uma voltinha para você poder admirar o restante? – debochou.

A cor voltou imediatamente às bochechas de Evangeline.

– Estamos dentro de uma igreja.

– E o que isso tem a ver?

Com um único e elegante movimento, o jovem pôs a mão no bolso interno do seu casaco vinho rasgado, tirou uma maçã do mais puro branco e deu uma mordida. O sumo vermelho-escuro escorreu da fruta por seus dedos compridos e brancos, caindo nos degraus de mármore alvíssimo.

– Não faça isso! – Evangeline não queria ter gritado. Apesar de não ter vergonha de falar com estranhos, geralmente evitava discutir com eles. Mas não

conseguia se controlar com aquele jovem tão grosseiro. – Você está sendo desrespeitoso.

– E você está rezando para um imortal que mata toda garota que beija. Acha mesmo que ele merece algum tipo de reverência?

O jovem terrível entremeava suas palavras com grandes mordidas na maçã.

Evangeline tentou ignorá-lo. Realmente tentou. Mas parecia que alguma magia terrível havia se apossado dela. Em vez de ir embora pisando firme, a jovem imaginou aquele desconhecido trocando a maçã por seus lábios e beijando-a com sua boca doce com sabor de fruta até ela morrer em seus braços.

*Não. Não pode ser...*

– Você está me encarando de novo – murmurou.

Evangeline virou o rosto imediatamente, voltou a olhar para a estátua de mármore. Há poucos minutos, só de ver os lábios da estátua, seu coração já bateu mais rápido, mas agora o monumento parecia apenas uma estátua comum, sem vida, comparada àquele jovem perverso.

– Pessoalmente, acho que sou bem mais bonito.

De repente, o jovem estava bem ao lado dela.

Borboletas ganharam vida no estômago de Evangeline. Borboletas assustadas. Batiam freneticamente as asas, rápido demais, alertando-a para sair dali, para correr, para fugir. Mas ela não conseguia desviar o olhar.

Visto assim, de tão perto, o rapaz era inegavelmente atraente e mais alto do que Evangeline havia pensado. Ele lhe deu um sorriso de verdade, revelando duas covinhas que, por um breve instante, o fizeram parecer mais anjo que demônio. Mas a jovem pensou que até os anjos deveriam ter cuidado com ele. Evangeline era capaz de imaginá-lo mostrando aquelas covinhas enganadoras, convencendo um anjo a perder as asas só para ele poder brincar com as plumas.

– É você – sussurrou Evangeline. – Você é o Príncipe de Copas.



O Príncipe de Copas deu uma última mordida na maçã e a jogou no chão, manchando tudo de vermelho.

– Quem não gosta de mim me chama de Jacks.

Evangeline teve vontade de dizer que não deixava de gostar dele, que sempre fora seu Arcano preferido. Mas aquele não era o Príncipe de Copas louco de amor que ela havia imaginado. Jacks não parecia um coração partido que ganhou vida.

Será que tudo aquilo era uma piada de mau gosto? Os Arcanos, teoricamente, desapareceram do mundo havia séculos. E, mesmo assim, tudo o que Jacks vestia – do lenço desamarrado no pescoço às botas de couro de cano alto – estava na última moda.

Ela olhou para todos os lados da igreja branca, como se os amigos de Luc pudessem aparecer a qualquer instante e dar risada da situação. Luc era filho único de um nobre, e apesar de nunca agir como se desse importância a isso quando estava com Evangeline, os amigos dele a consideravam inferior. Como o pai de Evangeline era dono de diversas lojas em Valenda, ela jamais fora pobre. Mas não era da classe mais alta da sociedade, como Luc.

– Se você está procurando uma saída porque recobrou o bom senso, não vou te impedir de ir embora.

Jacks entrelaçou as mãos atrás da cabeça repleta de madeixas douradas, encostou-se na estátua dele mesmo e deu um sorrisinho.

O estômago de Evangeline se revirou, em estado de alerta, avisando-a para não se deixar enganar pelo sorriso de covinhas nem pelas roupas rasgadas do jovem. Aquele era o ser mais perigoso que ela já havia encontrado.

Evangeline não achava que Jacks a mataria – jamais seria tola a ponto de permitir que o Príncipe de Copas a beijasse. Mas sabia que, se ficasse ali e fizesse um trato com o Arcano, ele destruiria para sempre alguma outra parte sua. E, apesar disso, se fosse embora, não teria como salvar Luc.

– O que a sua ajuda irá me custar?

– Por acaso falei que vou ajudar?

Os olhos do príncipe pousaram nas fitas creme que subiam dos sapatos de Evangeline e se enroscavam em seus tornozelos até desaparecer sob a bainha de seu vestido de bordado inglês. Aquele era um dos velhos vestidos de sua mãe, coberto com um bordado de cardos roxo-claros, flores amarelas minúsculas e pequenas raposas.

Jacks retorceu os lábios de desgosto e continuou fazendo isso enquanto seu olhar subia até os cachos que, naquela manhã, ela tinha enrolado meticulosamente com o ferro modelador.

Evangeline tentou não se sentir ofendida. Pela pouca experiência que tivera com aquele Arcano, já achava que ele não era de aprovar muita coisa.

– Que cor é essa? – perguntou o príncipe, apontando vagamente para os cachos dela.

– É ouro rosê – respondeu a jovem, animada. Evangeline jamais permitia que ninguém a fizesse se sentir mal por causa de seu cabelo incomum. Sua madrasta estava sempre tentando convencê-la a tingi-lo de castanho. Mas era do cabelo, com suas ondas rosa-pálido e suas mechas ouro-claro, o que Evangeline mais gostava em sua própria aparência.

Jacks inclinou a cabeça e continuou observando a jovem, fazendo careta.

– Você nasceu no Império Meridiano ou no Norte?

– Por que isso tem importância?

– Pode chamar de curiosidade.

Evangeline resistiu ao impulso de retribuir a careta do príncipe. Normalmente, adorava responder a essa pergunta. Seu pai, que gostava de fazê-la ter a sensação de que sua vida era um conto de fadas, sempre brincava que a havia encontrado enroladinha dentro de uma caixa de madeira, junto com outras mercadorias curiosas que foram entregues em sua loja – era por isso que tinha cabelo cor-de-rosa, como as fadas, era o que o pai sempre dizia. E sua mãe sempre assentia com a cabeça e dava uma piscadela.

A jovem tinha saudade das piscadelas da mãe e das brincadeiras do pai. Tinha saudade de tudo relativo aos dois, mas não queria contar nada disso para Jacks.

Conseguiu dar de ombros em vez de responder verbalmente.

Jacks enrugou as sobrancelhas e insistiu:

– Você não sabe onde nasceu?

– E essa é uma exigência para ter sua ajuda?

O Arcano a mediou de novo e, desta vez, pousou os olhos em seus lábios. Mas não a olhou como se quisesse beijá-la. Seu olhar era clínico demais. Jacks olhava para a boca de Evangeline como alguém examinaria mercadorias em uma das lojas de seu pai, como se seus lábios fossem algo que pudesse ser comprado, uma coisa que ele poderia possuir.

– Quantas pessoas você já beijou? – perguntou Jacks.

Evangeline sentiu uma leve pontada de calor no pescoço. Trabalhava na loja de curiosidades do pai desde os 12 anos. Não fora exatamente criada para ser uma jovem dama que se preza: não era como a irmã postiça, a quem ensinaram que sempre devia ficar a um metro de distância dos cavalheiros e a jamais falar de assuntos que fossem mais controversos do que as condições do clima. Os pais de Evangeline a incentivaram a ser curiosa, aventureira e simpática, mas ela não era ousada em todos os aspectos. Certas coisas a deixavam nervosa, e o modo como o Príncipe de Copas ficava olhando fixamente para sua boca era uma dessas coisas.

– Eu só beijei Luc.

– Que patético.

– Luc é a única pessoa que quero beijar.

Jacks coçou o maxilar pronunciado com uma expressão de dúvida.

– Estou quase tentado a acreditar em você.

– Por que eu mentiria?

– Todo mundo mente: as pessoas acham que eu me sentirei mais inclinado a ajudar se estiverem atrás de algo nobre, como o verdadeiro amor. – Sua voz tinha um leve tom de deboche, consumindo um pouco mais da imagem que Evangeline tinha do Príncipe de Copas. – Mas, mesmo que você ame este rapaz de verdade, estará melhor sem ele. Se esse tal Luc também te amasse, não se casaria com outra pessoa. Ponto-final.

– Você está enganado.

A voz de Evangeline transmitiu a mesma convicção que ela sentia no coração. A jovem havia questionado seu relacionamento com Luc depois do noivado intempestivo com Marisol, mas a pergunta sempre era respondida com meses e meses de lembranças significativas. Na noite em que o pai de Evangeline morreu – momento no qual o coração dela não parava de bater acelerado e de doer –, Luc a encontrou perambulando pelos corredores da loja de curiosidades, procurando uma cura para seu coração partido. Seu rosto estava manchado de lágrimas, e seus olhos, vermelhos. Ela teve medo de que seu choro assustasse Luc e que ele fosse embora. Mas, em vez disso, o rapaz a abraçou e disse: “Não sei se posso consertar seu coração partido, mas você pode ficar com o meu, porque ele já é seu”.

Evangeline já sabia que o amava havia algum tempo, mas foi naquele momento que teve certeza de que Luc a amava.

As palavras dele podiam até ter sido tiradas de uma história popular, mas o rapaz as comprovou com atitudes sinceras. E ajudou o coração de Evangeline a cicatrizar naquela noite e em muitas noites depois. E agora ela estava determinada a ajudá-lo. Pedidos de casamento e noivados nem sempre eram sinônimo de amor, mas Evangeline sabia que instantes como os que ela havia passado com Luc eram.

O rapaz só podia estar enfeitiçado. Por mais radical ou tolo que isso pudesse parecer para outras pessoas, essa era a única explicação em que Evangeline conseguia acreditar. Não fazia sentido Luc não querer, pelo menos, falar com ela. Nem o fato de ela abrir a boca, e as palavras não saírem toda vez que tentava dizer a verdade para Marisol.

– Por favor. – A jovem não tinha vergonha de implorar. – Ajude-me.

– Acho que isso que você quer não vai te ajudar. Mas gosto de uma boa causa perdida. Vou impedir o casamento em troca de três beijos.

Os olhos de Jacks assumiram um brilho bem-humorado e se voltaram, mais uma vez, para a boca de Evangeline.

Ela sentiu uma nova e súbita onda de calor no rosto. Havia se enganado ao pensar que Jacks não queria beijá-la. Mas, se o que as histórias diziam era verdade, bastaria um único beijo do príncipe para que ela morresse.

O Arcano deu risada, uma risada curta e grosseira.

– Relaxe, meu bem, não quero te beijar. Isso a mataria e você deixaria de ser útil para mim. Quero que você beije três *outras pessoas*. Que eu vou escolher. Quando eu escolher.

– Que tipo de beijo? Um selinho... ou mais?

– Se você acha que isso conta, talvez nunca tenha sido beijada. – Jacks se afastou da estátua e chegou mais perto dela, ficando novamente bem ao seu lado. – Não é beijo de verdade se não tem língua.

Evangeline estava resistindo a ficar corada, mas o calor aumentou, descendo até seu pescoço. Suas bochechas e seus lábios pegaram fogo.

– Por que a dúvida, meu bem? São só beijos. – Jacks falou como se estivesse segurando o riso. – Das duas, uma: ou esse tal de Luc não sabe usar a boca, ou você está com medo de dizer “sim” logo de cara, porque, lá no fundo, gosta da ideia.

– Eu não gosto da ideia...

– Então esse seu Luc beija mal?

– Luc beija muito bem!

– Como você sabe se não tem com o que comparar? Se acabar ficando com Luc, pode até querer que eu tivesse te pedido para beijar mais do que três pessoas.

– Eu não quero beijar ninguém desconhecido. A única pessoa que quero é Luc.

– Então este deve ser um preço pequeno a pagar – declarou Jacks, curto e grosso.

Ele tinha razão, mas Evangeline não podia simplesmente concordar. Seu pai havia ensinado a ela que os Arcanos do Baralho do Destino não determinavam o futuro das pessoas, como o nome do baralho sugere. Em vez disso, abriam as portas de novos futuros. Mas as portas abertas pelos Arcanos nem sempre levariam as pessoas aonde esperavam que levassem. Muito pelo contrário: não raro levavam as pessoas a fazer novos tratos desesperados para consertar a primeira negociação ruim. Isso acontecia em inúmeras histórias, e Evangeline não queria que acontecesse na história dela.

– Não quero que ninguém morra. Você não pode impedir o casamento beijando alguém que estiver lá.

Jacks fez uma cara decepcionada.

– Nem mesmo sua irmã postiça?

– Não!

Ele aproximou os dedos da boca e ficou mexendo no lábio inferior, tapando metade de uma expressão que podia tanto ser de irritação quanto de deleite.

– Você não está em condições de barganhar, na verdade.

– Eu achava que os Arcanos gostavam de barganhar – desafiou Evangeline.

– Só quando nós é que ditamos as regras. Ainda assim, como estou de bom humor, vou atender ao seu pedido. Só quero saber mais uma coisa: como você conseguiu convencer a porta a te deixar entrar?

– Pedi com educação.

O Príncipe de Copas coçou o queixo.

– Só isso? Você não encontrou a chave?

– Eu nem sequer vi uma fechadura – respondeu Evangeline, sendo sincera.

Um brilho que parecia de vitória surgiu nos olhos de Jacks, e então ele segurou o pulso da jovem e aproximou-o de sua boca gelada.

– O que você está fazendo? – perguntou ela, assombrada.

– Não se preocupe. Continuo não querendo te beijar.

O príncipe roçou os lábios na pele delicada da parte de baixo do pulso de Evangeline. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. Mal encostou e, mesmo assim, aquele toque tinha algo de incrivelmente íntimo. Isso a fez lembrar das outras histórias que diziam que os beijos do príncipe podiam até ser letais, mas valia a pena morrer por eles.

A boca gelada de Jacks ia e voltava intencionalmente sobre o pulso acelerado dela, aveludado e gentil, e... os dentes afiados do Arcano se afundaram na pele da jovem.

Evangeline gritou:

– Você me mordeu!

– Relaxa, meu bem, nem saiu sangue.

Os olhos de Jacks brilhavam ainda mais quando ele soltou o braço da jovem.

Evangeline passou o dedo na pele sensível onde o Príncipe de Copas acabara de afundar os dentes. Havia três marcas brancas finas, no formato de minúsculos corações partidos, alinhadas na parte de baixo do seu pulso. *Uma para cada beijo.*

– Quando eu...

Evangeline ergueu os olhos.

Mas o Príncipe de Copas já havia sumido. Ela nem sequer o viu partir; apenas ouviu a porta da igreja bater.

Ela havia conseguido o que queria.

Então por que não estava se sentindo melhor?

Sua atitude fora acertada. Luc a amava. Ela não conseguia acreditar que o rapaz iria se casar com Marisol de livre e espontânea vontade. Não que Evangeline não gostasse de Marisol. Na verdade, mal conhecia a irmã postiça. Cerca de um ano depois que sua mãe morreu, o pai de Evangeline pôs na cabeça que precisava se casar de novo, que precisava de uma esposa para cuidar da filha caso algo acontecesse com ele. Ela ainda conseguia se lembrar da preocupação que tomara o lugar da luz nos olhos do pai, como se ele soubesse que não tinha muito tempo de vida.

O pai de Evangeline havia se casado com Agnes apenas seis meses antes de morrer. Durante aquele período, Marisol nunca pôs os pés na loja de curiosidades onde Evangeline passava a maior parte do tempo. A irmã postiça havia dito que era alérgica à poeira, mas ficava tão tensa quando estava perto de qualquer coisa minimamente estranha que Evangeline sempre suspeitou que ela, na verdade, tinha medo de maldições e coisas misteriosas. Já Evangeline e Luc brincavam que, se algum dia fossem enfeitiçados, isso só provaria que a magia existe.

Era risivelmente triste o fato de que agora Evangeline tinha essa prova, mas não tinha Luc.

Mesmo que Jacks voltasse e permitisse que a jovem mudasse de ideia, ela não mudaria. O Arcano havia dito que impediria o casamento de acontecer e tinha prometido não matar ninguém.

Ainda assim... Evangeline não conseguia se livrar da sensação de ter cometido um erro. Não achava que havia concordado com as condições rápido demais, mas só conseguia lembrar o brilho nos olhos de Jacks quando ele segurara seu pulso.

Evangeline começou a correr.

Não sabia o que iria fazer nem por que, mas, de repente, começou a se sentir mal. Só sabia que precisava falar com Jacks de novo antes que ele impedisse o casamento.

Se estivesse dentro de uma igreja comum, poderia tê-lo alcançado rapidamente. Mas aquela era uma igreja mística, protegida por uma porta mágica que parecia ter vontade própria. Quando a abriu, a porta não a levou de volta para o Distrito dos Templos. A porta a cuspiu em uma farmácia antiga e mofada, cheia de poeira, de vidros vazios e de relógios compassados.

*Tique. Taque. Tique. Taque. Tique. Taque.*

Os segundos nunca haviam passado tão rápido. Entre um *tique* e um *taque*, a porta mágica pela qual ela acabara de passar sumiu, e foi substituída por uma janela gradeada que dava para um conjunto de ruas tortas como dentes encavalados. Ela estava no Bairro das Especiarias – do outro lado de onde Luc e Marisol supostamente se casariam.

Evangeline saiu correndo, soltando palavrões.

Quando atravessou a cidade e chegou em casa, temia que já fosse tarde demais.

Marisol e Luc estavam prestes a dizer seus votos no jardim que fora de sua mãe, dentro do gazebo que seu pai havia construído. À noite, os grilos faziam música no lugar, e os passarinhos cantavam durante o dia. Evangeline conseguia ouvir todas as pequenas canções deles ao entrar no jardim, mas não ouviu nenhuma voz. Havia apenas os pássaros delicados, voejando alegres pelo gazebo e pousando em um grupo de estátuas de granito.

As pernas de Evangeline ficaram bambas.

Aquele jardim nunca teve estátuas. Mas agora havia nove, todas segurando taças, como se tivessem acabado de fazer um brinde. Cada um dos rostos era perturbadoramente real e assustadoramente conhecido.

Evangeline ficou observando, com ânsia de vômito, uma mosca barulhenta voar e pousar no rosto de uma estátua igualzinha a Agnes, e alçar voo de novo para aterrissar em um dos olhos de granito de Marisol.

Jacks havia impedido o casamento transformando todos em pedra.



O horror correu nas veias de Evangeline.

A mosca saiu voando, e um pássaro cinzento, da mesma cor monótona das estátuas, encontrou a grinalda de flores que enfeitava o cabelo de Marisol e começou a bicar, bicar, bicar.

Evangeline e Marisol até podiam não ser próximas – e talvez a jovem tivesse mais inveja da irmã postiça do que gostaria de admitir –, mas Evangeline só queria impedir seu casamento. Não queria que ela virasse pedra.

Doeu respirar quando ficou de frente para a estátua de Luc. Normalmente, ele parecia ser tão descontraído... Mas, transformado em pedra, seu rosto estava congelado em uma expressão alarmada, seu maxilar delicado estava rígido, os olhos, apertados, e... uma ruga havia se formado entre suas sobrancelhas de granito.

Ele estava se mexendo.

Seus lábios de pedra se entreabriram, como se estivessem tentando falar, tentando dizer algo para ela...

– Mais um minuto, e ele vai parar de se remexer.

O olhar de Evangeline disparou em direção ao lado de trás do gazebo.

Jacks estava encostado, bem à vontade, em uma treliça coberta de flores azul-tempestade e mordiscava outra maçã branca e reluzente. Parecia meio jovem nobre entediado, meio semideus malvado.

– O que foi que você fez? – indagou Evangeline.

– Exatamente o que você me pediu. – Mais uma mordida na maçã. – Garanti que o casamento não acontecesse.

– Você precisa consertar isso.

– Não posso. – Seu tom de voz era lacônico, como se já estivesse cansado daquela conversa. – Um amigo que me devia um favor fez isso. A única maneira de desfazer é alguém tomar o lugar deles. Jacks olhou para a grama ao lado do gazebo, onde havia um cálice de bronze pousado em um toco de árvore envelhecido.

Evangeline se aproximou da taça.

– O que você está fazendo? – Jacks se afastou da treliça de repente, não mais indiferente, enquanto Evangeline observava o cálice.

Se ela bebesse, tudo estaria consertado?

– Nem pense nisso. – A voz dele se tornou mais aguda. – Se você beber e ficar no lugar deles, ninguém vai salvá-la. Você virará pedra para sempre.

– Mas não posso deixá-los desse jeito. – Apesar de uma parte de Evangeline concordar com Jacks, não queria se tornar uma estátua de jardim. Não tinha nem coragem de pegar o cálice enquanto lia as palavras gravadas em cada um dos lados.

*Veneno*  
*Não me beba*

Um cheiro de enxofre subia do objeto, e a jovem não tinha sequer certeza de que seria capaz de beber o líquido malcheiroso. Mas como poderia se perdoar se permitisse que todos continuassem enfeitiçados?

Evangeline olhou para o pássaro, que ainda bicava a grinalda de flores de Marisol, depois para Luc e seu pedido de ajuda congelado. Os pais de Luc estavam de pé, ao lado dele. Havia ainda um azarado juiz de paz, que escolhera a união errada para oficializar. Evangeline não queria se sentir mal pelos três amigos de Luc nem por Agnes. Só que, ainda que seu pai não tivesse se casado com Agnes por amor, ele odiaria tudo aquilo. Tanto seu pai quanto sua mãe ficariam decepcionados pela fé de Evangeline na magia tê-la feito enveredar por aquele caminho.

– Não era isso que eu queria – sussurrou.

– Você está encarando isso da maneira errada, meu bem. – Jacks jogou no chão do gazebo a maçã comida pela metade, que rolou até bater na bota de pedra de Luc. – Assim que essa história se espalhar, todos no Império Meridiano vão querer ajudar você. Você será a garota que perdeu a família por

causa dos terríveis Arcanos. Pode até não ficar com Luc, mas vai se esquecer dele logo, logo. Com sua madrasta e irmã postiça transformadas em pedra, acredito que vai herdar algum dinheiro. Amanhã de manhã, você será famosa e nem um pouco pobre.

Jacks exibiu as duas covinhas, como se realmente tivesse feito um favor para Evangeline.

Ela ficou enjoada de novo.

Nas histórias, os Arcanos eram deuses malvados que só queriam causar confusão e caos. Mas era *daquilo* que as pessoas deveriam ter medo. Evangeline olhava para aquelas estátuas humanas e via nelas o horror, mas Jacks via nelas uma utilidade. Os Arcanos não eram perigosos porque eram maus: os Arcanos eram perigosos porque não sabiam a diferença entre o bem e o mal.

Mas Evangeline sabia a diferença. E também sabia que, às vezes, existe um espaço nebuloso entre o bem e o mal. Era nesse espaço que pensou ter entrado naquela manhã, quando fora rezar na igreja de Jacks e pedir um favor. Mas tinha cometido um erro e precisava remediar-lo.

Evangeline pegou o cálice.

– Largue isso – advertiu Jacks. – Você não quer fazer isso. Você não quer ser a heroína, quer o final feliz; foi por isso que me procurou. Se beber, isso nunca vai acontecer. Os heróis não têm direito a finais felizes. Abrem mão deles em favor de outras pessoas. É isso mesmo que você quer?

– Quero salvar o garoto que amo. Só terei que torcer para que ele resolva me salvar também.

E, antes que Jacks pudesse impedi-la, Evangeline bebeu.

O gosto do veneno era pior do que o cheiro – gosto de ossos queimados e esperanças perdidas. A garganta dela fechou, e Evangeline ficou com dificuldade de respirar e, depois, de se mexer.

Pensou ter visto Jacks sacudir a cabeça, mas era difícil ter certeza. Sua visão estava ficando enevoada. Veias negras tomavam conta do jardim, espalhando-se como tinta derramada. Escuridão, escuridão por todos os lados. Era noite, sem lua nem estrelas.

Evangeline tentou se convencer de que tinha tomado a atitude correta. Salvara a vida de nove pessoas. Uma delas a salvaria também.

– Eu avisei – murmurou Jacks. A jovem ouviu o príncipe soltar um suspiro frustrado, ouviu-o resmungar a palavra “pena”. E aí...

Ela não ouviu mais nada.



Pelo menos, Evangeline ainda era capaz de pensar. Por mais que, certas vezes, essa capacidade doesse. Costumava acontecer depois de dias de nada sem fim, quando Evangeline imaginava que finalmente sentira alguma coisa. Mas nunca era o que ela realmente queria. Nunca era calor em sua pele, formigamento nos dedos ou o toque de outra pessoa, avisando-a de que não estava completamente sozinha no mundo. Normalmente, era só a flechada do coração partido ou uma beliscada de arrependimento.

O arrependimento era o pior.

O arrependimento era azedo e amargo, e seu gosto era tão parecido com o da verdade que a jovem precisava se segurar para não afundar nele. Tinha que lutar contra a crença de que Jacks tinha razão – que ela devia ter deixado o cálice quieto, deixado os outros continuarem transformados em pedra e fazer o papel de vítima.

Jacks estava errado.

Ela fizera a coisa certa.

Alguém iria salvá-la.

Às vezes, quando Evangeline se sentia especialmente esperançosa, chegava a pensar que Jacks poderia vir resgatá-la. Mas, por mais esperançosa que ficasse, sabia que o Príncipe de Copas não era nenhum salvador. As pessoas é que precisavam ser salvas dele.



5

Então... Evangeline sentiu algo que não era coração partido nem arrependimento.



A

Igo que parecia luz fez cócegas em sua pele.

*Na sua pele.*

Evangeline conseguia sentir sua pele.

Ela não sentia nada há... – na verdade, não sabia quanto tempo havia se passado. Por tanto tempo, houvera tanto nada, mas agora conseguia sentir tudo. Pálpebras. Tornozelos. Cotovelos. Lábios. Pernas. Ossos. Pele. Pulmões. Coração. Cabelo. Veias. Joelhos. Lóbulos da orelha. Pescoço. Peito.

Evangeline tremia do queixo até os dedos do pé. Sua pele estava coberta de suor, e era uma sensação incrível – fria, úmida e viva.

Ela estava viva de novo!

– Seja bem-vinda de volta.

Um braço firme enlaçou a cintura dela bem na hora em que suas pernas bambas se acostumavam a ter músculos e ossos novamente.

Em seguida, sua visão se firmou.

Talvez fosse só porque fazia tempo que não via um rosto, mas o jovem que segurava sua cintura era extraordinariamente belo – pele negra, olhos emoldurados por cílios longos e volumosos, um sorriso que deixava transparecer um arsenal de charme. Seus ombros estavam cobertos por uma capa verde estonteante, forrada de folhas acobreadas como o seu rosto.

– Você consegue falar? – perguntou ele.

– Por quê... – Evangeline tossiu para tirar uns cascalhos que estavam em sua garganta. – Por que você está vestido feito um mago da floresta?

A jovem se encolheu toda assim que as palavras saíram de sua boca. Obviamente algumas de suas funções – como seu bom senso – ainda não

estavam trabalhando direito. Aquele desconhecido salvara sua vida. Ela torceu para não o ter ofendido.

– Ainda bem que o sorriso brilhante do jovem ficou ainda mais largo.

– Ótimo. Às vezes, a voz não retorna imediatamente. Agora me diga o seu nome completo, queridinha. Preciso me certificar de que você está de posse de sua memória antes de deixá-la ir.

– Ir aonde? – Evangeline tentou entender o restante dos seus arredores. Parecia estar em um laboratório. Todas as bancadas de trabalho e os armários de farmácia estavam tomados por copos de béquer borbulhantes ou caldeirões fumegantes que exalavam algo que parecia resina. Aquele lugar não era o jardim de sua mãe. A única coisa conhecida naquele recinto era o brasão real do Império Meridiano pintado em uma das paredes de pedra. – Onde estamos? E por quanto tempo fui uma estátua?

– Apenas por cerca de seis semanas. Sou o mestre das poções do palácio, e você está em meu excelentíssimo laboratório. Mas pode ir embora assim que me disser seu nome.

Evangeline levou um instante para organizar seus pensamentos. Seis semanas significavam que estavam no meio da Estação Quente. Não tinha sido uma perda tão devastadora. Poderiam ter sido seis anos, ou sessenta.

Mas, se só se passaram seis semanas, por que não havia ninguém ali para cumprimentá-la? A jovem sabia que a madrasta não se importava com ela, e Evangeline não era muito próxima da irmã postiça, mas havia salvado a vida das duas. E Luc... Só que ela não queria imaginar por que Luc não estava ali. Será que nenhum dos três sabia que Evangeline voltara à vida?

– Eu me chamo Evangeline Raposa.

– Pode me chamar de Veneno.

O braço do mestre das poções saiu da sua cintura para fazer um gesto magnânimo.

E, na mesma hora, Evangeline teve certeza de quem era aquele jovem. Devia ter se dado conta logo de cara. Ele era extremamente parecido com aquela carta do Baralho do Destino. Usava uma capa comprida e esvoaçante, anéis com pedras preciosas em todos os dedos e, obviamente, fazia poções. Veneno era O Envenenador. Um Arcano, assim como Jacks.

– Eu achava que todos os Arcanos haviam desaparecido – disparou Evangeline.

– Voltamos em grande estilo recentemente, mas isso não tem a ver com essa história.

A expressão de Veneno ficou estranhamente imóvel, alertando Evangeline de que ele não queria discutir aquele assunto.

Ela ainda podia estar grogue, mas sabia que não devia insistir, apesar de todas as perguntas que aquela revelação fez surgir em sua mente. A reputação de Veneno não era tão mortífera quanto a de Jacks. De acordo com os mitos, ele não costumava fazer mal a ninguém diretamente, mas criava elixires tóxicos, poções peculiares e soros estranhos para outras pessoas, que às vezes faziam um uso terrível deles.

Evangeline olhou para o cálice que ainda estava em sua mão.

*Veneno*  
*Não me beba*

– Posso pegar isso? – Com a mão cheia de anéis, Veneno tirou o cálice da mão dela.

A jovem deu um passo para trás, desconfiada.

– Por que estou aqui? Foi Jacks quem te pediu para me ajudar?

Veneno deu risada, e sua expressão voltou a ser simpática.

– Sinto muito, queridinha, mas Jacks já deve ter se esquecido completamente de você. Acabou tendo um problema durante as semanas em que você estava transformada em pedra. Posso te assegurar de que ele não vai voltar para Valenda.

Evangeline sabia que não devia ser curiosa. Depois de seu último encontro com Jacks, nunca mais queriavê-lo nem lhe dar a oportunidade de cobrar a dívida que tinha com ele. Mas Jacks não lhe parecia ser do tipo que foge. Não podem matá-lo – a menos que essa parte da história do Príncipe de Copas não fosse verdade, e os Arcanos não fossem completamente imortais. Será?

– Que tipo de problema Jacks arranjou? – perguntou.

Veneno apertou o ombro de Evangeline de um jeito que deu a sensação de que a palavra “problema” era pouco para descrever o que havia acontecido com Jacks.

– Se você tiver o mínimo de senso de autopreservação, vai esquecer-lo.  
– Não se preocupe – respondeu Evangeline. – Não tenho a intenção de ver Jacks novamente.

Veneno ergueu a sobrancelha, cético.

– Você pode até dizer isso. Mas, uma vez tendo atravessado a porta para o nosso domínio, é quase impossível voltar ao normal. A maioria de nós fugiu dessa cidade, e é provável que você não encontre outros Arcanos por acaso. Só que agora que sentiu o gostinho de nosso mundo, sua vida vai começar a parecer chata. Você vai se sentir atraída por nossa espécie. Mesmo que jamais queira ver Jacks novamente, irá gravitar em volta dele até cumprir o trato que fez com o príncipe. Mas, se deseja uma chance de ser feliz, lute contra essa atração; Jacks só levará você à destruição.

Evangeline retorceu os lábios, fazendo careta. Não discordava, mas também não conseguia entender por que um Arcano daria aquele conselho para ela.

– Nunca vou compreender os humanos – suspirou Veneno. – Todos vocês, pelo jeito, gostam das nossas mentiras, mas nunca gostam quando dizemos a verdade.

– Talvez porque seja difícil acreditar que um Arcano iria querer ajudar um humano por pura bondade de seu coração.

– E se eu falar que estou fazendo isso por mim? – Veneno tomou um gole da taça. – Valenda é meu lar. Eu gostaria de não ser obrigado a fugir para o Norte por mau comportamento, como os demais. Não gosto do que a magia de lá faz com minhas habilidades, e o clima na região é muito frio. Então, estou tentando ser útil para o reino. Agora, vá, há outras pessoas esperando no salão para ver você.

Veneno virou Evangeline em direção a uma escadaria em espiral, e ela sentiu, sutilmente, um dos mais deliciosos aromas: o de bolo de unicórnio rosa.

Seu estômago roncou. Ela não havia se dado conta de que estava tão faminta.

Agradeceu Veneno e foi subindo os degraus.

Em questão de segundos, o ar ficou ainda mais doce, e o mundo ficou claro de um jeito que a fez ter a sensação de que sua vida antes daquele instante havia sido monótona. O salão parecia ser feito de brilho e de luz: havia lustres dourados em forma de coroa iluminando mesas folheadas a ouro, harpas e

pianos de cauda dourados com teclas douradas. E, apesar de tudo isso, foi ao ver todas as pessoas que ali estavam que Evangeline esqueceu como se faz para respirar.

Tantas pessoas... Todas batendo palmas, sorrindo e olhando para *ela*.

A jovem conhecia muitas delas por causa da loja do pai, e parecia que todas estavam lá para dar as boas-vindas para a garota. Era tocante e carinhoso, mas também um pouco estranho o fato de ter tantas pessoas ali presentes.

– Olá, minha linda! – gritou a sra. Mallory, que colecionava mapas de lugares fictícios. – Tenho tanto para te contar sobre o meu neto.

– Estou louca para ouvir – respondeu Evangeline, depois de apertar a mão de um cavalheiro que sempre encomendava livros de culinária estrangeiros e obscuros.

– Estou tão orgulhosa de você! – disse Lady Vane, que tinha um fraco por potes de tinta que desaparecia.

Depois de semanas de um nada interminável, a jovem foi cercada por um casulo de abraços e beijos no rosto. E, apesar disso, sentiu um aperto no coração porque não avistou Luc em meio àquela multidão.

Sua irmã postiça estava um pouco mais afastada, e Luc não estava com ela. Mas Evangeline não sentiu o alívio que esperaria sentir ao ver que os dois não estavam juntos. Será que ele não sabia daquela reunião? Ou será que havia outro motivo para Luc ter resolvido não comparecer?

A expressão de Marisol era difícil de interpretar. Estava meio na ponta dos pés, balançando, tentando impedir que uma mosca pousasse no bolo de unicórnio rosa cintilante que segurava. Mas, assim que Marisol reparou em Evangeline, seu sorriso foi ficando mais largo, até ficar tão cintilante quanto o lindo bolo.

Agnes desdenhava do amor que a filha tinha por fazer bolos – queria um futuro grandioso para Marisol e dizia que cozinhar era um passatempo comum demais –, mas Evangeline se questionou se ela havia permitido que a filha fizesse aquele bolo para a ocasião. Eram quatro camadas de bolo rosa fofinho que se alternavam com creme de unicórnio, além de ter um laço de glacê e uma etiqueta de biscoito gigante escrita: “Bem-vinda de volta, irmã!”.

A culpa, pesada e esmagadora, misturou-se ao desconforto de Evangeline. Ela jamais esperava tamanho gesto da irmã postiça e, certamente, não merecia.

– Ah, aí está a minha linda e preciosa garota! – Agnes se aproximou de Evangeline e a abraçou. – Estávamos todos desesperados de preocupação. Foi um alívio tão grande saber que havia alguém que poderia consertar você. – Agnes apertou ainda mais Evangeline e sussurrou: – Tantos pretendentes têm perguntado por você. Agora que voltou, vou combinar uma visita com os mais ricos.

A jovem não sabia ao certo como responder ao que Agnes acabara de dizer ou àquela versão da madrasta que acreditava em abraços. Mesmo logo depois de se casar com o pai de Evangeline, aquela mulher jamais a abraçara. Agnes se casara com Maximilian pelo mesmo motivo que ele havia se casado com ela: para garantir que a filha fosse sustentada. Maximilian Raposa não era rico – seus empreendimentos financeiros fracassavam quase com a mesma frequência com a qual eram bem-sucedidos –, mas era um pretendente respeitável para uma viúva que já tinha uma filha.

Agnes soltou Evangeline e em seguida a virou para um cavalheiro. A garota torceu para que não fosse um pretendente.

O homem usava uma camisa de seda branca esvoaçante, com um jabô de renda que cascadeava por suas calças de couro preto – tão apertadas que a jovem ficou surpresa ao perceber que ele era capaz de se mexer.

– Evangeline – disse Agnes –, este é o senhor Kutlass Knightlinger, do jornal *Gazeta do Sussurro*.

– Você escreve para aquele tabloide?

– Não é um tabloide; é um periódico – corrigiu Agnes, fungando, o que fez Evangeline pensar que aquele jornaleco recém-criado tinha conquistado mais leitores e credibilidade desde que publicara a matéria que havia inspirado a jovem a procurar a porta da igreja do Príncipe de Copas.

– Na verdade, não me importa como você o chama, senhorita Raposa, desde que me permita escrever sobre você. – O sr. Kutlass Knightlinger passou a pena preta de uma caneta-tinteiro nos lábios e completou: – Estou cobrindo tudo o que se relaciona à volta dos Arcanos e tenho várias perguntas para te fazer.

Subitamente, Evangeline sentiu as pernas bambas. A última coisa sobre a qual queria falar era o que havia acontecido com Jacks. Ninguém jamais poderia saber que ela havia feito um trato com um Arcano.

Se Evangeline estivesse completamente restabelecida, teria se afastado, dando uma desculpa sagaz. Mas, em vez disso, foi o sr. Kutlass Knightlinger, do jabô de renda e das calças de couro pretas, quem dominou a situação.

Ele logo afastou Evangeline das outras pessoas, passando com a jovem por cortinas grossas e douradas até chegar a um banco escondido em uma alcova que tinha cheiro de mistério, almíscar e magia de imitação. Ou será que era a colônia de Kutlass Knightlinger?

– Senhor Knightlinger... – Evangeline se levantou do banco, e o mundo começou a girar. Ela realmente precisava comer alguma coisa. – Acho que hoje não é o melhor dia para eu dar uma entrevista.

– Não se preocupe, o que você disser não faz muita diferença. Eu faço todas as pessoas que entrevisto passarem uma boa imagem. E todo mundo já te ama. Depois do sacrifício que você fez, é uma das figuras preferidas de Valenda.

– Mas não sou nenhuma heroína.

– Você é modesta demais. – Kutlass se aproximou. O aroma pungente que Evangeline sentia era, definitivamente, da colônia dele. – Durante a Semana do Terror...

– O que é Semana do Terror?

– Foi tão empolgante! Começou logo depois de você ter virado pedra. Os Arcanos voltaram. Você acredita que estavam presos dentro de um baralho? Foi um caos, uma confusão e tanto, quando eles escaparam e tentaram assumir o império. Mas sua história... você, tomando o lugar das pessoas daquele casamento e se transformando em pedra, inspirou gente de todo lado durante aquele período difícil. Você é uma heroína.

Evangeline, de repente, ficou com a garganta seca. Não era para menos que havia tanta gente ali.

– Espero ter feito o que qualquer pessoa faria na minha situação.

– Perfeito. – Kutlass tirou um caderno incrivelmente pequeno do colete de couro e começou a anotar. – Meus leitores vão adorar. Agora...

O estômago da jovem cortou Kutlass, dando um ronco alto.

O homem deu uma risada ensaiada e ligeira, como seus traços de pena.

– Está com um pouco de fome?

– Não me lembro da última vez que comi. Eu provavelmente devia...

– Eu só tenho mais algumas perguntas. Há boatos de que, enquanto você ainda era de pedra, sua mãe adotiva começou a receber pedidos de casamento em seu nome...

– Ah, Agnes é minha madrasta – Evangeline logo interrompeu –, ela nunca me adotou.

– Mas acho que podemos dizer que agora a adotará. – Kutlass deu uma piscadela. – A sua estrela vai continuar em ascensão, senhorita Raposa. Agora, posso te pedir um último conselho para todos os seus admiradores?

A palavra “admiradores” deixou um gosto ruim na boca de Evangeline. Ela não merecia mesmo nenhum admirador. E todos, sem dúvida, mudariam de opinião se soubessem o que realmente havia feito.

– Se você estiver meio sem palavras, vou inventar algo brilhante. – A caneta-tinteiro correu pelo caderno.

– Espere... – ela ainda não sabia o que iria dizer, mas tremeu só de pensar no que o homem poderia estar escrevendo. – Sei que, muitas vezes, as histórias ganham vida própria. Já sinto como se o horror que passei estivesse se transformando em um conto de fadas, mas não sou especial, e isso não é um conto de fadas.

– E, ainda assim, tudo terminou bem para você – insistiu Kutlass.

– Ela virou pedra por seis semanas – disse uma voz suave atrás deles. – Eu não diria que tudo acabou bem.

Evangeline olhou por cima do ombro de Kutlass e viu a irmã postiça.

Marisol estava parada entre as cortinas douradas, segurando seu bolo de unicórnio como se fosse um escudo.

Kutlass rodopiou, em um borrão de renda e couro, e disse:

– A Noiva Amaldiçoada!

As bochechas de Marisol ficaram com um tom doloroso de vermelho.

– Excelente! – A pena da caneta de Kutlass começou a se movimentar novamente. – Eu adoraria dar uma palavrinha com você.

– Na verdade – interrompeu Evangeline, sentindo que era Marisol quem precisava ser resgatada –, eu e minha irmã postiça ainda não tivemos tempo de ficar juntas, então acho que vou roubá-la e comer um pouco de bolo.

A jovem finalmente se livrou do homem, ficou de braço dado com a irmã postiça e desapareceu no meio das cortinas.

– Obrigada. – Marisol apertou o braço de Evangeline, apesar de as duas nunca terem sido de ficar de braços dados, e ela sentiu que a irmã postiça havia emagrecido. Marisol sempre fora esbelta como a mãe, mas agora parecia frágil. E sua pele quase parecia de cera de tão pálida, o que poderia ser por causa da interação com Kutlass. Mas também estava com olheiras debaixo dos olhos castanho-claros que pareciam estar lá há dias, ou talvez semanas.

Evangeline parou de repente, antes que as duas voltassem para a festa. Havia se perguntado por que Luc não estava ali, mas agora tinha medo da resposta.

– Marisol, o que há de errado? E... cadê Luc?

A garota sacudiu a cabeça e respondeu:

– É melhor não falarmos disso agora. Este é o seu dia feliz. Não quero estragá-lo.

– Você fez um bolo para mim e me salvou do rei dos tabloides. Acho que você é a verdadeira heroína.

Os olhos de Marisol se encheram de lágrimas. Por dentro, Evangeline teve a impressão de que alguém havia a apunhalado e girado a faca.

– O que foi? – insistiu Evangeline. – Qual é o problema?

Marisol ficou mordendo o lábio e disse:

– Aconteceu há quatro semanas, quando eu e Luc resolvemos tentar nos casar de novo.

*Eles tentaram se casar de novo enquanto ela ainda era de pedra?* Desta vez, Evangeline teve a sensação de que a faca dentro dela estava arrancando sangue. Aquela notícia não devia tê-la ferido tanto. Quando não viu Luc à sua espera no laboratório de Veneno nem na festa de boas-vindas, imaginou que nada havia mudado entre os dois. Mas, ainda assim, doía ouvir que o rapaz nem sequer lamentara a perda dela. Que, passadas meras duas semanas depois de Evangeline ter virado pedra, Luc havia planejado outro casamento.

– Achávamos que seria seguro, porque a Semana do Terror havia terminado. Mas, a caminho do casamento, Luc foi atacado por um lobo selvagem.

– Espere aí... Espere aí... O quê? – balbuciou Evangeline. Valenda era uma cidade portuária movimentada. Os maiores animais que havia eram cachorros, seguidos pelos gatos-do-mato que se esgueiravam pelas docas à procura de ratos. Não existiam lobos em Valenda.

– Ninguém sabe de onde veio esse lobo – comentou Marisol, arrasada. – O médico disse que foi um milagre Luc ter sobrevivido. Mas não sei se ele realmente sobreviveu. Foi atacado brutalmente.

As pernas de Evangeline perderam seus ossos. Ela tentou abrir a boca para dizer que, pelo menos, Luc ainda estava vivo. Desde que o rapaz ainda estivesse vivo, tudo ficaria bem. Mas Marisol falava quase como se Luc tivesse morrido.

– Já se passaram semanas, e ele ainda não saiu de casa e... – As palavras de Marisol se tornaram entrecortadas, e o encantador bolo que segurava tremeu até que um tanto de creme caiu no tapete. – Luc se recusa a me ver. Acho que pensa que foi culpa minha.

– E como poderia ser culpa sua?

– Você ouviu o senhor Knightlinger. Todo mundo em Valenda está me chamando de “Noiva Amaldiçoada”. Dois casamentos e duas tragédias terríveis no intervalo de poucas semanas. Mamãe fica dizendo que não é ruim, que sou especial porque, quando os Arcanos voltaram, fui a primeira pessoa que chamou a atenção deles. Mas sei que não sou especial. Sou amaldiçoada.

Lágrimas rolaram pelo rosto pálido de Marisol.

Até aquele momento, Evangeline estava se esforçando muito para não se arrepender de suas atitudes. Poderia até ter sido uma coincidência o fato de Luc ter sido atacado a caminho do casamento, mas parecia muito mais provável que o ataque sofrido pelo rapaz não tivesse sido apenas obra de um lobo selvagem. Jacks havia dito a ela que impediria o casamento e, claramente, cumprira sua promessa.

Evangeline jamais deveria ter feito aquele trato com o Príncipe de Copas.

A jovem queria pôr a culpa toda em Jacks, mas era culpa dela tanto quanto do Arcano. Assim que viu as estátuas no jardim, teve certeza de que havia cometido um erro. Achou que tinha consertado tudo fazendo aquele sacrifício, mas jamais deveria ter pedido a ajuda do Príncipe de Copas, para início de conversa.

– Marisol, preciso te contar...

As palavras ficaram presas na língua de Evangeline. Ela mexeu o maxilar para extrair a confissão, mas sabia que a causa do problema não era aquela tensão súbita que sentia. Estava com medo.

Evangeline tremia, tanto quanto no momento em que ficara sabendo que Luc estava noivo de Marisol. As palavras também ficaram presas em sua garganta naquele dia, quando tentou conversar sobre o rapaz com a irmã postiça. Estava convencida de que era uma espécie de feitiço. E ainda queria acreditar nisso. Mas não podia mais ignorar a possibilidade de que, talvez, tivesse se enganado.

Talvez, o verdadeiro motivo para Evangeline nunca ter conseguido conversar com Marisol a respeito de Luc não fosse um feitiço. Talvez fosse o medo que paralisava sua língua. Talvez, lá no fundo, Evangeline tivesse medo de que Marisol e Luc não estivessem enfeitiçados de verdade, e que ele fosse apenas um garoto infiel.

– Não tem problema, Evangeline. Você não precisa dizer nada. Só estou feliz por você ter voltado!

Marisol pôs o bolo na mesa dourada mais próxima e abraçou a jovem, do jeito que Evangeline sempre imaginou que irmãs de verdade se abraçariam.

E teve certeza de que não poderia contar a verdade para Marisol, não naquele dia.

Evangeline acabara de passar as últimas seis semanas sozinha e transformada em pedra. Não estava preparada para ficar sozinha de novo. Mas ficaria, se alguém descobrisse o que ela havia feito.



**S**e tempestades fossem causadas pela combinação de tabloides, filas de cavalheiros vestidos com lenços engomados no pescoço e bilhetes de origem questionável, uma tempestade perfeita estava se formando no mundo de Evangeline na manhã seguinte. Ela apenas não sabia disso ainda.

Só sabia do bilhete de origem peculiar, que a fez sair de fininho de casa ao amanhecer.

---

*Encontre-me.*

*Loja de curiosidades.*

*Assim que o sol raiar.*

*– Luc*

---

O coração de Evangeline quase explodira quando ela descobriu a mensagem em seu quarto na noite anterior. Ela não sabia se era um bilhete novo ou um bilhete antigo que só havia encontrado naquele momento. Mas caiu no sono lendo e relendo o bilhete, torcendo para que Luc a estivesse esperando pela manhã com uma história diferente da que ouvira da boca de Marisol.

A conversa com a irmã postiça no dia anterior deixara a jovem abalada: quase a convencera de que havia se iludido a respeito de Luc. Mas a esperança é algo difícil de matar; uma mera faísca é capaz de causar um incêndio, e aquele bilhete acendera uma nova faísca em Evangeline.

Seu pai era dono de quatro lojas e meia espalhadas por Valenda. Fora sócio oculto de um alfaiate que escondia armas costurando-as nas roupas. Construía uma livraria secreta, que só podia ser acessada por uma passagem escondida. Então havia a loja do Bairro das Espaciarias, coberta de cartazes decorativos de “Procurado”, com legendas que mais pareciam pequenos contos policiais mirabolantes. A terceira loja era um segredo até para Evangeline. E a quarta loja era o lugar preferido dela: Maximilian’s Curiosidades, Caprichos & Esquisitices.

Foi nessa loja que Evangeline começou a trabalhar assim que seu pai permitiu. O homem tinha o costume de falar para os fregueses que tudo lá dentro era *quase* mágico. Mas ela sempre acreditou que alguns dos objetos que passaram pela loja do pai eram mesmo encantados. Não era raro ela procurar peças de xadrez que haviam se separado dos tabuleiros e, às vezes, ver quadros cujas expressões eram diferentes das que tinham no dia anterior.

Evangeline sentiu um aperto no peito, como se sentisse saudade de casa, assim que virou a esquina da rua pavimentada com tijolinhos que abrigava a Maximilian’s Curiosidades. Sentira falta da loja durante as semanas em que ficou transformada em pedra, mas não sabia o quanto até aquele momento. Sentira falta das paredes que sua mãe havia pintado, das prateleiras lotadas de achados de seu pai, da sineta...

Evangeline parou de repente.

A Maximilian’s Curiosidades havia fechado as portas. As janelas com molduras de cobre estavam tapadas por tábuas. O toldo fora rasgado, e alguém pintara por cima do nome que havia na porta:

*Sob nova direção  
Fechado até segunda ordem*

– Não! A loja não!

Evangeline bateu na porta sem parar. Aquele era o último pedaço que restava de seu pai. Como Agnes foi capaz de fazer isso?

– Com licença, senhorita. – A sombra corpulenta de um guarda se abateu sobre ela. – Você tem que parar de bater desse jeito.

– O senhor não entende. Esta loja era do meu pai, era a minha herança. – Evangeline continuou batendo, como se a porta fosse abrir por um passe de

mágica, como se Luc estivesse esperando do outro lado, como se não tivesse acabado de perder o que restara de seus pais. – Há quanto tempo está fechada?

– Sinto muito, senhorita. Acho que fechou há cerca de seis semanas e... – A expressão do jovem guarda se iluminou. – Céus... É você... você é a Queridinha Salvador da Valenda. – Ele parou de falar e alisou o cabelo antes de dizer: – Se me permite, a senhorita é ainda mais bonita do que os jornais dizem. Sabe onde posso conseguir um daqueles formulários?

– Que formulários?

Evangeline parou de bater na porta, sentindo-se incomodada de repente, quando o guarda tirava do bolso da calça uma folha de jornal impressa em preto e branco.

---

## Gazeta do Sussurro

**Das ruas ao estrelato, passando pela pedra:  
Uma entrevista com a Queridinha Salvador da Valenda**

**Por Kutlass Knightlinger**

**E**vangeline Raposa, de 17 anos, parece uma princesa de contos de fadas, com seu cabelo cor-de-rosa cintilante e seu sorriso inocente. Mas, há poucas semanas, era órfã de pai e mãe. Recentemente, quando conversei com ela, a jovem garota me contou

que nem se lembrava da última vez que havia comido.

Evangeline não foi convidada para a cerimônia de casamento de Luc Navarro e Marisol Tourmaline, a quem muitos de vocês conhecem como Noiva Amaldiçoada. E, ainda

assim, quando Evangeline viu que as pessoas presentes no evento haviam sido transformadas em pedra por um dos Arcanos, não pensou duas vezes antes de salvar a vida de todas, tomando seu lugar e se tornando estátua.

"Acho que apenas fiz o que qualquer pessoa, espero, faria na minha situação. Não sou mesmo uma heroína", disse ela.

Evangeline é tão humilde. Foi difícil fazê-la falar sobre seus atos heróicos. Mas a Queridinha Salvadorã de Valenda abriu o coração quando

comentei sobre Agnes Tourmaline, mãe da Noiva Amaldiçoada, e seus planos magnânimos de adotar Evangeline.

"Já sinto que o horror que passei está se transformando em um conto de fadas", contou.

Agnes também me informou que Evangeline está louca para seguir em frente com sua vida, assim que possível. Está aceitando pretendentes, que devem preencher um formulário para pedir sua mão em casamento...

(continua na página 3)

---

— Ai, meu... — Evangeline deu um sorriso hesitante para o guarda. — Desculpe, este jornal está errado. Não estou procurando pretendentes.

Ela se encolheu toda só de pronunciar essa palavra. Não foi nenhuma surpresa. Sabia que os abraços e sorrisos de Agnes no dia anterior haviam sido falsos. Mas não esperava que sua madrasta a vendesse assim tão rápido.

Outro homem que passava pela rua já tinha parado para olhar. Alguns cavalheiros afoitos estavam com cara de quem tentava criar coragem para se aproximar.

Se Jacks estivesse ali, provavelmente tomaria aquilo como prova de que fizera um favor a Evangeline ao torná-la tão famosa. Mas não era isso que ela queria.

Jogou o tabloide na lixeira mais próxima e olhou novamente para o bilhete de Luc. A mensagem era antiga. Tinha certeza disso, afinal ele não teria pedido para encontrá-la na loja se soubesse que estava fechada.

Evangeline tinha vontade de chorar, mas tinha mais vontade de encontrar um jeito de voltar no tempo, para antes. Para antes de Agnes, para antes de Luc, para antes de ter perdido tanto a mãe quanto o pai. Só queria mais um abraço do pai. Mais um instante do cafuné de sua mãe. A dor que sentia por ter perdido Luc não era nem um arranhão em comparação à ausência de sua mãe e de seu pai.

Ainda queria estar com Luc, mas o que realmente queria era a vida e todo o amor que havia perdido.

Era difícil não se sentir arrasada enquanto se arrastava de volta para aquela casa que não era mais seu lar desde que o pai morrera. Normalmente, Evangeline adorava a cidade. Adorava aquela mistura de barulhos, o afã das pessoas, e o fato de a rua onde morava ter, com frequência, cheiro de bolo recém-assado por causa da padaria da esquina. Mas, naquela tarde, a rua tinha cheiro de uma colônia desconhecida, usada em excesso.

O aroma a deixou enjoada, mas foi a visão de todos os cavalheiros que a fez parar de repente. Engomados com seus melhores casacos, capas e chapéus, os homens faziam fila na rua de sua casa, e Agnes estava parada na soleira da porta, recebendo alegremente flores, elogios e papéis.

“Está aceitando pretendentes, que devem preencher um formulário para pedir sua mão em casamento...”

Evangeline cerrou os punhos. Uma fração daqueles homens era quase atraente, mas muitos deles eram da idade de seu pai, ou até mais velhos. Ela teria dado meia-volta, se tivesse algum lugar para ir. Mas, graças a Agnes, a loja de curiosidades estava fechada. E Evangeline percebeu que estava mais a fim de brigar do que de fugir.

Aproximou-se da casa com passos firmes e um sorriso fingido.

– Ah, aqui está ela – arrulhou a madrasta.

Mas Evangeline não deu oportunidade para a mulher dizer mais nada. Logo se virou para os cavalheiros, ergueu a voz e disse:

– Obrigada por terem vindo, mas gostaria de dispensar todos vocês. – Então ficou em silêncio, encostou as costas da mão esquerda na testa e fechou os olhos, em um gesto teatral, imitando um movimento de uma peça trágica de teatro de rua a que assistira com o pai. – Não sou mais uma estátua, mas ainda sou amaldiçoada, e quem eu beijar virará pedra.

Murmúrios eclodiram por todos os cantos.

– Pedra...

– Amaldiçoada!

– Vou dar o fora daqui.

Os cavalheiros se dispersaram rapidamente e, com eles, a fachada amorosa da madrasta também se foi.

Agnes segurou Evangeline pelos ombros, apertando-a com seus dedos finos.

– O que você fez, sua garota maldita? Aqueles pretendentes não eram só para você. Eram uma oportunidade de Marisol ser notada novamente.

Evangeline se encolheu toda e se afastou de Agnes. Sentiu uma pontada de culpa pela irmã postiça. Mas, até o dia anterior, Marisol ainda não havia esquecido Luc.

– Não finja que sou a vilã dessa história – declarou Evangeline. – Você não deveria ter feito isso e não deveria ter vendido a loja do meu pai. Aquela loja era a minha herança.

– Você foi considerada morta.

Agnes deu um ameaçador passo à frente.

Evangeline empalideceu. A madrasta jamais havia batido nela, tampouco a havia segurado daquele jeito até então. E ela odiava pensar no que mais Agnes poderia fazer. Se a expulsasse de casa, Evangeline ficaria na rua, pois não tinha nenhum lugar para ir.

Provavelmente, ela deveria ter pensado nisso antes de ter dispensado os pretendentes. Mas era tarde demais para voltar atrás – e ela nem sabia ao certo se queria fazer isso.

– Espero que isso não seja uma ameaça, Agnes – declarou Evangeline, com toda a bravata que conseguiu reunir. – Nunca se sabe quem pode estar escutando, e seria uma pena se sua verdadeira natureza chegasse aos ouvidos de alguém como Kutlass Knightlinger.

As narinas de Agnes se dilataram.

– Kutlass não pode te proteger para sempre. Eu achava que você sabia que os rapazes podem mudar seu foco de atenção rapidamente. Das duas, uma: ou Kutlass Knightlinger vai se virar contra você, ou logo vai te esquecer, assim como o seu amado Luc te esqueceu.

A alfinetada atingiu Evangeline bem no meio do peito.

Agnes sorriu, como se estivesse se coçando de vontade de dizer aquelas palavras.

– Eu ia esperar para te mostrar isso depois que Marisol visse, mas mudei de ideia.

A madrasta pegou um papel dobrado da mesinha que montara para receber os formulários dos candidatos e estendeu para Evangeline.

Com todo o cuidado, ela abriu o bilhete.

*Marisol, meu tesouro mais precioso,  
Eu queria não precisar dizer “adeus” desse  
modo. Mas estou torcendo para que esse não seja  
um verdadeiro adeus. Vou embora de Valenda  
na esperança de encontrar um curandeiro.  
Da próxima vez que vir o seu lindo rosto, serei  
o Luc pelo qual você se apaixonou, e poderemos  
ficar juntos novamente.*

*Com todas as batidas do meu coração...*

Evangeline não conseguiu terminar de ler. Não precisava ler até o fim para saber que aquela letra era de Luc.

Luc havia escrito cartas para ela, mas costumavam ser curtas, como o bilhete que encontrara na noite anterior. O rapaz jamais a chamara de “meu tesouro mais precioso” nem falara das batidas de seu coração.

– Isso não pode ser verdade – sussurrou Evangeline. – O que você fez com ele?

Agnes deu risada.

– Você é mesmo uma criança burra. Seu pai dizia que você acreditava em coisas que não era capaz de ver, como se isso fosse um talento. Mas é melhor começar a acreditar nas coisas que vê.

A família de Luc Navarro morava do outro lado da cidade, uma região nova, onde as casas eram maiores e mais afastadas. O tipo de bairro que sempre fez Evangeline sentir necessidade de respirar fundo antes de se aproximar.

No dia em que Marisol anunciou seu noivado com Luc, Evangeline correu até lá. Bateu na porta da casa do rapaz, certa de que, quando ela se abrisse, Luc diria que era tudo um grande mal-entendido.

Luc fora seu primeiro amor, seu primeiro beijo, seu coração quando o coração dela parou de funcionar. Era inimaginável que não a amasse, tão impossível quanto viajar no tempo. No fundo, Evangeline sabia que existia a possibilidade de ser verdade, mas sua alma lhe dissera que não. Ela esperava que Luc confirmasse isso. Mas o rapaz nunca lhe dissera nada. Os criados a mandaram embora e bateram a porta na sua cara. Fizeram a mesma coisa no dia seguinte, e em todos os demais.

Mas, naquele dia, finalmente foi diferente.

Naquele dia, ninguém atendeu a porta quando Evangeline bateu.

Ela não ouviu passos dentro da casa, não ouviu vozes. Quando encontrou uma fresta nas cortinas fechadas, só viu, do lado de dentro, lençóis cobrindo todos os móveis.

O rapaz e sua família tinham ido embora, exatamente como estava escrito no bilhete de Luc.

Evangeline perdeu a noção de quanto tempo ficou ali, parada. Mas, a certa altura, lembrou-se das palavras de Jacks e ficou se perguntando se o Arcano não tinha razão quando dissera: “Se esse tal Luc também te amasse, não se casaria com outra pessoa. Ponto-final”.



O tempo passou.  
O clima esfriou.  
As folhas mudaram de cor.

Bancas de maçã surgiram nas esquinas, vendendo tortas, bolos e outras delícias da estação. Sempre que Evangeline passava por uma dessas bancas e sentia o cheiro adocicado de fruta, lembrava-se de Jacks e da dúvida que tinha com o Arcano, e seu coração galopava como um cavalo, querendo escapar do seu peito. Mas, pelo jeito, o Príncipe de Copas havia se esquecido dela, exatamente como Veneno dissera.

Luc nunca mais voltou, e a loja de curiosidades não reabriu.

Evangeline convenceu Agnes a deixá-la trabalhar na livraria secreta de seu pai. Que não era tão mágica quanto a loja de curiosidades, mas pelo menos tinha algo para fazer. Só que, passados alguns dias, começou a se sentir como um dos livros usados e empoeirados que ficavam nas prateleiras do fundo da loja. Títulos que já haviam sido populares, mas que ninguém mais procurava.

Evangeline ainda era conhecida demais para a madrasta expulsá-la de casa, mas tinha medo de que isso acontecesse mais dia, menos dia. Os tabloides haviam publicado o boato de que seu beijo transformava cavalheiros em pedra. Desde então, seu nome só era mencionado discretamente, com pouca frequência. Kutlass também estava começando a esquecer-la, exatamente como Agnes havia dito.

Mas Evangeline se recusava a abandonar a esperança.

Liana, sua mãe, criara a filha com base nos contos de fadas da região onde crescera, o Magnífico Norte.

No Norte, contos de fadas e histórias eram tratados do mesmo modo e como uma coisa só, porque tanto as histórias reais quanto as fictícias eram amaldiçoadas. Algumas lendas não podiam ser escritas sem que o papel pegasse fogo; outras, não saíam do Norte, e muitas mudavam sempre que alguém contava, tornando-se cada vez menos reais a cada reconto. Diziam que todas as lendas do Norte começaram sendo histórias verdadeiras. Mas, com o tempo, a maldição das histórias do Norte distorceu todas as lendas até sobrar apenas resquícios de verdade.

Uma das histórias que Liana costumava contar para Evangeline era “A balada do Arqueiro e da Raposa”, uma lenda romântica sobre uma plebeia, que era talentosa e capaz de se transformar em raposa, e um jovem arqueiro, que a amava, mas era amaldiçoado e tinha necessidade de caçá-la e matá-la.

Evangeline adorava tal história porque também era uma “raposa”, apesar de não ser dessas capazes de se transformar em animal. E também podia ter uma quedinha minúscula pelo arqueiro. A jovem pedia para a mãe contar e recontar a história inúmeras vezes. Mas como a lenda era amaldiçoada, toda vez que sua mãe se aproximava do fim, esquecia de repente o que estava dizendo. Nunca conseguia contar para a filha se o arqueiro beijava a garota-raposa e os dois viviam felizes para sempre, ou se ele caçava a garota-raposa, e a história terminava em morte.

Evangeline pedia simplesmente para Liana contar como achava que a história terminava. Mas a mãe sempre se recusava, dizendo: “Acredito que existem muitas outras possibilidades além de finais felizes ou tragédia. Toda história tem potencial para infinitos fins”.

A mãe de Evangeline repetia isso com tanta frequência que a frase cresceu dentro da filha, enraizando-se no coração de suas crenças. Esse era um dos motivos para ela ter ingerido o veneno que a transformara em pedra. Não porque era destemida ou absurdamente heroica: era porque Evangeline simplesmente tinha mais esperança do que a maioria das pessoas. Jacks dissera que sua única opção para ter um final feliz era ir embora. Que, se bebesse o veneno, seria de pedra para sempre. Mas a jovem não podia acreditar nisso. Sabia que sua história tinha potencial para infinitos fins – e essa crença não havia mudado.

Havia um final feliz esperando por ela.

A sineta presa à porta da livraria tocou. A porta ainda não tinha se aberto, mas a sineta deve ter sentido que alguém especial ia entrar, porque tocou segundos antes da hora.

Evangeline percebeu que estava segurando a respiração, torcendo para que Luc entrasse. Gostaria de perder esse hábito. Só que a mesma esperança que levava Evangeline a acreditar que ainda poderia haver um final feliz esperando por ela também a fazia pensar que, um dia, Luc voltaria. Não importava quantas semanas ou meses tivessem passado. Sempre que a sineta da livraria tocava, ela não conseguia deixar de ter esperança.

A jovem sabia que certas pessoas a achariam tola por ter essa atitude, mas era incrivelmente difícil deixar de amar alguém completamente quando não se tem mais ninguém para amar.

Evangeline desceu depressa a escada e passou correndo por diversos fregueses que vasculhavam as prateleiras dos corredores. A última pessoa que passara pela porta não era Luc, mas também era alguém inesperado.

Marisol nunca tinha visitado Evangeline na livraria. Na verdade, a irmã postiça nunca saía de casa, raramente saía do quarto, e parecia visivelmente incomodada por ter feito ambas as coisas naquele dia. Retorcia as mãos enluvadas a cada passo que dava.

Dado que a livraria era um tanto secreta, não parecia ser grande coisa do lado de fora. Apenas uma porta com uma maçaneta que sempre dava a impressão de estar prestes a cair. E, apesar disso, havia uma espécie de magia do lado de dentro. Era a sensação de luz de velas no crepúsculo, poeira de papel no ar, e fileiras e mais fileiras de livros insólitos guardados em estantes inclinadas. Evangeline adorava, mas Marisol se movimentava entre as pilhas como se fossem cair em cima dela.

Ao longo dos últimos meses, a Noiva Amaldiçoada havia se tornado parte do folclore local. Ninguém mais se casava no jardim e, se um casamento fosse cancelado, era considerado de mau agouro remarcar. Como raramente saía de casa, Marisol não era tão reconhecida como a verdadeira Noiva Amaldiçoada, mas Evangeline já podia ver o desconforto da irmã postiça percebendo que os demais fregueses tinham a sensação de que havia algo a temer. As conversas se tornaram sussurradas, e os fregueses fizeram questão de passar longe dela.

Evangeline continuou andando na direção dela com um sorriso no rosto, torcendo para que a irmã postiça não percebesse aqueles olhares nem um pouco simpáticos.

– O que você faz aqui? Quer um livro? Acabamos de receber um carregamento de livros de culinária.

Marisol sacudiu a cabeça, de um modo quase violento.

– Talvez seja melhor eu não encostar em nada. As pessoas podem achar que eu amaldiçoei os livros.

Ela lançou um olhar furtivo para a porta, onde algumas pessoas, por acaso, estavam saindo apressadas.

– Não estão indo embora por sua causa – garantiu Evangeline.

Marisol franziu o cenho, nem um pouco convencida.

– Não vou demorar. Só vim te entregar isso.

Então mostrou um elaborado pedaço de papel vermelho aparentemente caro, decorado com arabescos feitos em folha de ouro e selado com um símbolo de cera vermelha.

– Quando vi que entregaram, achei que parecia importante e queria garantir que mamãe não escondesse de você. – Marisol finalmente conseguiu dar um sorriso, um sorriso que pareceu um tanto malicioso. – Sei que jamais poderei compensar as semanas que você passou transformada em pedra, mas pelo menos é alguma coisa.

– Eu já te disse que você não me deve nada.

Evangeline sentiu a tão conhecida pontada de culpa. Todos os dias, ela se sentia tentada a contar a verdade para Marisol. Mas, todos os dias, faltava-lhe coragem. Como trabalhava na livraria, e a irmã postiça ficava escondida no próprio quarto, as duas garotas não haviam se tornado próximas. Só que, apesar disso, para Evangeline, Marisol era o que mais se aproximava de alguém da família.

Um dia, ela contaria a verdade para a irmã postiça, mas ainda não era capaz de fazer isso.

E Marisol nem sequer deu a chance para ela contar. Assim que entregou o papel vermelho, desapareceu por onde tinha vindo, deixando Evangeline sozinha para abrir o misterioso bilhete.

*Cara srta. Raposa,*

*Eu e minha irmã adoraríamos ter  
o prazer de sua companhia para o chá  
da tarde amanhã, no Pátio Real dos  
Beija-Flores, às duas horas.  
Admiramos a senhorita de longe e  
gostaríamos de conversar sobre uma  
oportunidade empolgante.*

*Saudações cordais,  
Scarlett Marie Dragna  
Imperatriz do Império Meridiano*





**E**vangeline leu o convite da imperatriz mais uma vez enquanto a carruagem aérea pousava no chão impecável do palácio. Passara o dia anterior tentando imaginar que tipo de oportunidade a imperatriz poderia querer discutir com ela, mas ainda não fazia a menor ideia do que era. Marisol tampouco conseguia imaginar. Quando Evangeline voltou para casa e contou qual era o conteúdo do bilhete vermelho para Marisol, sua irmã postiça repetiu várias vezes que estava feliz por ela, mas também pareceu nervosa.

O convite que recebeu era misterioso, mas a nova imperatriz era ainda mais.

Antes de Evangeline ser transformada em pedra, o trono tinha um herdeiro diferente: um jovem cujo apelido era Vossa Lindeza. Infelizmente, ela ficara sabendo que, durante a Semana do Terror, os Arcanos comunicaram seu reaparecimento ao público assassinando este membro azarado da realeza. A nova imperatriz e sua irmã mais nova – a quem as pessoas chamavam de a Caça-Arcanos – lutaram com os Arcanos para reconquistar o império, matando um deles e provando que a teoria de Evangeline estava correta: os Arcanos não eram verdadeiros imortais. Não envelheciam, mas podiam morrer.

Quase todos na cidade idolatravam as irmãs por terem vencido os Arcanos, mas havia quem acreditasse que, na verdade, a nova imperatriz era um Arcano. Os tabloides alegavam que ela era capaz de ler pensamentos e que seu noivo era um pirata coberto por uma teia de cicatrizes.

Evangeline sabia que não devia acreditar em todos os boatos. Apesar disso, ainda estava nervosa por causa da leitura da mente. Não queria que a imperatriz lesse seus pensamentos e soubesse que não era a salvadora que todo mundo acreditava que fosse.

A jovem mexeu nos botões de sua pelerine creme ao sentir um calor súbito quando desceu da carruagem. Seguiu um criado do palácio pelo caminho de flores que levava à porta com maçaneta dourada em forma de beija-flor.

O criado abriu a porta e se curvou:

– Sua Majestade, a senhorita Evangeline Raposa chegou.

Ele deu um passo para o lado, dando as boas-vindas a Evangeline e convidando-a a entrar em um jardim cheio de árvores verde-absinto com cachos de flores em tons de coral, rosa e pêssego, que a fizeram pensar em delicados beijos no rosto.

– Seja bem-vinda!

– É um prazer finalmente conhecê-la, Evangeline!

– O seu cabelo é simplesmente divino!

A imperatriz e a princesa Donatella, sua irmã, falavam ao mesmo tempo, enquanto os beija-flores voejavam no céu.

– Como não sabíamos do que você gosta, pedimos para fazer um pouco de tudo – anunciou a princesa.

Com fitas azuis-celestes em seus cachos loiros e uma expressão divertida no belo rosto, ela não se parecia em nada com a famigerada e ousada Caça-Arcanos, cuja imagem Evangeline imaginara baseada nos tabloides.

– Temos tortas de amora, terrinas de legumes da estação, pudim de abóbora, tortinhas de castanha e todo tipo de chá.

A princesa apontou para uma torre com vários andares de bules coloridos, que soltavam uma bela fumaça cor-de-rosa. Se as irmãs da realeza estavam tentando impressioná-la, tinham se saído muito bem.

Evangeline se sentiu como uma princesa quando finalmente tirou a pelerine e se sentou à mesa farta.

– Que maravilha. Obrigada por terem me convidado.

– Ficamos tão felizes ao saber que você poderia vir – disse a imperatriz. Ela era jovem; devia ter a mesma idade de Evangeline, mas era difícil saber ao certo, porque Scarlett tinha largas mechas grisalhas no cabelo castanho-escuro. Usava um vestido longo rubi com decote ombro a ombro, calçava belas luvas de renda e exibia um sorriso tão doce que Evangeline achava difícil acreditar que havia ficado nervosa com a possibilidade de conhecer a imperatriz. –

Queríamos conhecê-la desde que ficamos sabendo de seu heroísmo durante a Semana do Terror.

– Mas também queremos pedir um favor – interveio a princesa.

A imperatriz olhou feio para a irmã, que, aparentemente, estava saindo do roteiro planejado.

– Que foi? Tenho certeza de que ela está morrendo de curiosidade. Só estou tentando salvar a vida dela.

A princesa esticou o braço por cima do prato da irmã e pegou um quadrado de papel creme com letras acobreadas.



A tinta metálica brilhava como se ainda estivesse molhada – *ou tocada pela magia do Norte*. Evangeline tentou não tirar conclusões precipitadas e foi quase que imediatamente malsucedida. Torcia para que houvesse outro final feliz à sua espera e, ao olhar para o convite, era praticamente impossível não imaginar que aquela seria a maneira de encontrá-lo.

– O Norte tem costumes diferentes dos nossos – disse a imperatriz, baixinho. – O príncipe herdeiro não pode de fato subir ao trono até se casar, e dar um baile para escolher sua noiva é uma das tradições mais antigas da região.

Era também uma tradição que Evangeline conhecia, o que pareceu ser mais um sinal. Sua mãe havia contado tudo a respeito do Sarau Sem Fim para ela. Quando era pequena, Evangeline achava esse evento a coisa mais romântica da qual já ouvira falar. Salões de baile secretos eram construídos especialmente para a ocasião, em florestas onde estrelas cadentes haviam pousado, salpicando tudo com um toque de encantamento. Liana Raposa costumava dizer que certas espécies de magia só existiam no Norte e que nem mesmo lembranças dessa magia conseguiam chegar ao Sul. E então contava para Evangeline que, todas as noites, durante o Sarau Sem Fim, o então príncipe herdeiro ficava observando escondido, até escolher cinco damas para dançar. Noite após noite, ele seguia o mesmo roteiro: observava e depois convidava damas para dançar, até encontrar a noiva perfeita.

– Eu sempre tive esperança de que o Sarau Sem Fim fosse real – declarou Evangeline. – Mas nunca tive certeza.

– Bem, é real, sim, e queremos que você vá. – A imperatriz tomou um gole de chá bem na hora em que um beija-flor soltou pétalas de flor de pêssego em sua xícara. – Nós até iríamos, mas acredito que não seja prudente deixar o império agora, tão pouco tempo depois de ter sido coroada e...

– Estou querendo ficar longe de uma pessoa que está lá no Norte – comentou a princesa.

– Tella! – advertiu a imperatriz.

– Que foi? É verdade. – A princesa se virou para Evangeline e continuou: – Adoro bailes e festas que têm uma grande probabilidade de ter um fim dramático. Mas eu poderia causar um incidente internacional, possivelmente uma guerra, se comparecesse a essa comemoração.

A testa da imperatriz ficou cheia de rugas mortificadas.

– Não podemos ignorar o convite – continuou a imperatriz, sendo mais diplomática que a irmã. – E prefiro não começar meu reinado negligenciando uma das comemorações mais valorizadas do Norte. Então, meu conselho e eu pensamos muito em quem deveria representar o Império Meridiano. – Seus olhos castanhos se dirigiram aos de Evangeline. – O que você fez durante a Semana do Terror foi um ato de coragem, altruísta. Isso nos fez pensar que você é exatamente o tipo de pessoa que gostaríamos de ter como embaixadora.

– Seu sorriso régio se tornou mais largo, e a irmã ficou balançando a cabeça, concordando.

Evangeline finalmente enfiou uma torta de amora na boca para disfarçar um súbito sorriso amarelo.

A jovem queria dizer “sim”. Sempre teve vontade de ir para o Norte, explorar o mundo onde a mãe cresceu e descobrir se as histórias que Liana contava eram verdadeiras. Estava desesperada para saber se realmente existiam *goblins* confeiteiros que distribuíam doces nas festas de fim de ano e dragões do tamanho de um animal de estimação que viravam fumaça se tentassem voar para o Sul. E queria comparecer àquele baile. Queria conhecer o príncipe, dançar a noite inteira e, finalmente, esquecer Luc.

Se havia algo na face da Terra capaz de fazê-la se esquecer dele, seria o Sarau Sem Fim.

Mas será que Evangeline poderia dizer “sim”? A imperatriz e sua irmã queriam que sua embaixadora fosse uma heroína, queriam a órfã salvadora dos tabloides, e Evangeline não era essa garota. Era o extremo oposto. As duas irmãs haviam lutado contra os Arcanos, e Evangeline fizera um trato com um deles.

Sua garganta ficou seca de repente. Por mais que tentasse não pensar em Jacks, ele estava sempre escondido em seus pensamentos, e Evangeline temia que, um dia, esse segredo viesse à tona.

Ainda não sabia para onde Jacks fora depois de sumir. De acordo com Veneno, a maioria dos Arcanos havia se aventurado pelo Norte, onde receberam asilo político, e todos os boatos que a jovem ouvira desde então confirmavam essa informação. Nenhum desses boatos mencionava o Príncipe de Copas especificamente. E por acaso Veneno não avisara que, querendo ou

não, ela seria atraída por Jacks? E se essa fosse a verdadeira razão para tudo isso? E se essa não fosse a oportunidade para Evangeline ter um final feliz, mas uma manipulação do destino?

Depois do último encontro que Evangeline tivera com o Príncipe de Copas – quando ele de fato tentou ajudá-la –, a jovem foi transformada em pedra. Não queria imaginar o que poderia acontecer se visse Jacks novamente, e o Arcano decidisse cobrar os três beijos que ela lhe devia.

A melhor maneira de se proteger contra o Príncipe de Copas era recusar o convite para ir ao Norte.

Mas e daí? Na melhor das hipóteses, Evangeline continuaria trabalhando na livraria e ficando ansiosa, sem ar, toda vez que a sineta tocasse. O que, de repente, pareceu um tanto patético e nada promissor.

– Se você está preocupada com aquele boato maldoso, já resolvemos a situação – declarou a imperatriz.

– Ah, sim, foi tão divertido!

A princesa Donatella estendeu a mão, e dois beija-flores vigorosos entregaram uma folha de jornal impressa em preto e branco para Evangeline.

---

## Gazeta do Sussurro

### COMUNICADO ESPECIAL

Por Kutlass Knightlinger

**A**cabei de saber por uma fonte confiável que a Queridinha Salvadoria de Valenda foi curada. Não transforma mais os homens que toca em pedra.

---

Evangeline nem sequer pensara em se preocupar com esse boato, mas ficou impressionada com o fato de as irmãs já terem resolvido a questão.

– Acabou de sair. Até a noite, ninguém mais vai pensar que você é amaldiçoada – confirmou a princesa. – Apesar de eu achar que, a essa altura, a maioria das pessoas deveria saber que não pode acreditar em tudo que lê. Você

deve ter visto algumas das coisas que falaram a meu respeito depois da Semana do Terror.

– Eu devo ter lido algumas – admitiu Evangeline. – A livraria onde trabalho guarda todos os jornais velhos.

– E o que você achou? – insistiu a princesa, parecendo animada, e não envergonhada, enquanto colocava na boca uma tortinha em formato de coração.

Evangeline não pôde deixar de rir. Ela gostou das duas irmãs.

– Acho que o senhor Knightlinger entendeu tudo errado. A senhora é muito mais intrépida ao vivo do que as colunas de fofoca fazem parecer.

– Falei que ela seria perfeita. – A princesa bateu palmas. – Fale que você vai dizer “sim”! Não precisa fazer nada, só ir.

As irmãs deram um sorriso igual, pétalas de flores choveram, e outros beija-flores voejaram.

Se soubessem da verdade a respeito do dia em que Evangeline virara pedra, jamais teriam feito esse convite. Mas, quem sabe, a jovem pudesse aproveitar esse baile para se tornar mais parecida com a pessoa que as duas achavam que era. O convite até podia ser uma manipulação do destino, que a faria encontrar Jacks de novo, mas isso não significava que não poderia ser a chance de encontrar um final mais feliz para a própria história. Ela sabia que era uma ilusão imaginar que, se fosse para o Norte, conheceria o príncipe Apollo, que se apaixonaria por ela e a escolheria. Mas fora criada para acreditar em ilusões, contos de fadas e coisas que parecem impossíveis.

E se essa não fosse apenas a sua chance de ter um final feliz, mas também uma oportunidade para Marisol? Evangeline queria encontrar um jeito de melhorar a situação da irmã postiça. Talvez esse fosse o jeito.

Se Marisol fosse para o Norte, ninguém de lá saberia que ela era a Noiva Amaldiçoada. Sua irmã postiça seria apenas mais uma garota presente no baile, e Evangeline faria de tudo para que aquele fosse o melhor baile da vida de Marisol. Quando voltassem para Valenda, Luc seria uma página virada para ambas.

A jovem retribuiu os sorrisos das irmãs da realeza.

– Se eu disser “sim”, seria possível levar minha irmã postiça comigo?

– Que ideia encantadora – respondeu a imperatriz.

– Eu deveria ter pensado nisso – murmurou a princesa. – Mas não se preocupe, pensamos em todo o restante. Você deve ter notado que as estações do Norte são diferentes das nossas. Como só faltam três semanas para o primeiro dia de inverno deles, já começamos os preparativos.

E então conversaram bastante sobre as acomodações, depois sobre vestidos. A moda no Norte era bem diferente. Os cavalheiros usavam gibões e muito couro. As damas usavam vestidos longos de saia dupla e cintos ornamentados. E então a princesa ficou fazendo “ah!” e “oh!”, falando das pedras preciosas e das pérolas, e Evangeline teve a sensação de que suas entradas eram fitas decorativas, tamanha sua empolgação frívola.

E foi aí que fez uma última pergunta para satisfazer sua curiosidade.

– Por acaso alguma de vocês duas sabe algo a respeito do príncipe?

– Sim! – responderam as duas irmãs, entusiasmadas.

– Ele é... – Os olhos da princesa Donatella ficaram enevoados. – Na verdade, não consigo lembrar o que ouvi a respeito dele.

– Eu... – A imperatriz ficou sem fala de modo semelhante, tentando lembrar o que havia ouvido também.

Evangeline ficou se perguntando se as informações a respeito do príncipe eram amaldiçoadas, assim como muitas das histórias do Norte. Nenhuma das duas conseguia se lembrar de absolutamente nada a respeito do príncipe Apollo Acadian ou de sua família. Se Evangeline não conhecesse tanto a respeito do Norte, isso a teria deixado nervosa. Mas se sentia muito mais incomodada com as três cicatrizes em forma de coração partido em seu pulso, que, de repente, começaram a arder.



Durante o tempo em que Evangeline Raposa viveu como estátua de pedra, sua vida ficou estagnada. Parada como uma lagoa esquecida, intocada pela chuva, por pedregulhos ou pelo tempo. Ela não se moveu. Ela não mudou. Mas sentiu. Sentiu tantas coisas... Solidão com pitadas de arrependimento, esperança colorida pela impaciência. Nunca era apenas uma única emoção pura e simples. Sempre era uma coisa mais outra. Exatamente como neste dia.

As cicatrizes no pulso da jovem tinham parado de arder. Não davam mais a sensação de que Jacks acabara de mordê-la. Mas, por dentro, ela ainda sentia um farfalhar de borboletas quando chegou à bela porta do quarto de Marisol. Branca com uma janela basculante, um dia fora a porta do quarto de Evangeline.

Sabia que sua irmã postiça não havia roubado seu quarto: fora acomodada ali a pedido da madrasta, quando ela estava transformada em pedra. Assim que Evangeline voltou, Marisol tentou devolvê-lo. Mas a jovem se sentia culpada e deixou a irmã postiça ficar com o quarto. Evangeline ainda se sentia culpada. Mas, naquele exato momento, era uma espécie diferente de culpa, uma culpa que surgia porque ela não conseguia criar coragem para bater na porta do quarto que um dia fora seu e convidar Marisol para viajar rumo ao Norte.

Evangeline não parava de pensar que, um dia, Luc também fora seu. E, ainda que estivesse mais determinada que nunca a esquecer Luc, talvez não tivesse se esquecido de que Marisol e Luc já haviam ficado juntos. Era uma daquelas coisas nas quais tentava não pensar. Não acreditava que Marisol soubesse que ela amava Luc – sua irmã postiça sempre fora tão gentil e tão

tímida... Não parecia ser capaz de roubar um livro sequer, muito menos um namorado. Só que era difícil não imaginar.

E se Marisol soubesse que Evangeline amava Luc? E se tivesse roubado seu namorado de propósito? Será que Marisol roubaria seu amor de novo se Evangeline o encontrasse lá no Norte?

A mão da jovem ficou pairando no ar, entre bater na porta e desistir. Quando...

– Mamãe, por favor... – As palavras de Marisol não foram ditas em uma voz especialmente alta, mas o corredor estreito estava tão silencioso que Evangeline foi capaz de ouvir do outro lado da porta. – Não diga isso.

– É verdade, minha menina. – A voz de Agnes mais parecia melaço. Doce demais para ser palatável de fato. – Você relaxou nesses últimos meses. Olhe só para você. Para sua pele. Para seu cabelo. A sua coluna mais parece uma fita enrugada, e essas suas olheiras são horrorosas. Um homem poderia até fechar os olhos para sua reputação de amaldiçoada se você fosse algo bom de se ver, mas mal posso suportar a visão...

Evangeline abriu a porta, incapaz de ouvir mais uma palavra cruel sequer.

A pobre Marisol estava sentada em sua cama cor-de-rosa claro, e parecia mesmo uma fita enrugada. Mas, provavelmente, era porque Agnes a pisoteara. Fosse o que fosse, Marisol também era vítima de Agnes. Mas, ao contrário de Evangeline, passara a vida inteira com aquela mulher terrível.

– Você não tem educação? – gritou Agnes.

Evangeline ficou desesperada de tanta vontade de dizer que Agnes é quem não tinha educação nem bondade. E mais algumas outras coisinhas. Só que deixá-la ainda mais brava não seria a atitude mais prudente naquele momento.

Evangeline se obrigou a dizer:

– Desculpe. Tenho uma notícia para contar e achei que vocês duas iriam querer saber imediatamente.

Agnes imediatamente espremeu os olhos.

Marisol disfarçadamente secou os dela.

E Evangeline se sentiu ainda mais convencida de que ir para o Norte, para o Sarau Sem Fim, era exatamente do que ela e Marisol precisavam. Sua irmã postiça talvez precisasse ainda mais. Evangeline não podia acreditar que chegara a pensar em não a convidar. Ao olhar para Marisol, não conseguia imaginar a

irmã postiça sequer pensando em roubar Luc dela e, mesmo que tivesse pensado, não seria Luc o verdadeiro culpado?

– Bem... – falou Agnes. – O que foi, garota?

– Hoje conheci a imperatriz – anunciou Evangeline. – O príncipe herdeiro do Magnífico Norte dará um baile, e a imperatriz me pediu para ser a embaixadora do Império Meridiano. Transporte, acomodação e roupas, tudo pago. Partirei daqui a uma semana, a contar de hoje, e quero levar Marisol comigo.

Marisol ficou radiante, como se Evangeline tivesse dado um buquê de estrelas cadentes para a irmã postiça.

Mas Agnes não disse uma palavra. Ficou com uma expressão vagamente assombrada, como se tivesse visto um fantasma ou avistado, de relance, seu próprio coração maligno. Evangeline teve quase certeza de que a mulher diria “não” quando abrisse a boca enrugada. Só que, em vez disso, a voz de Agnes saiu doce mais uma vez, e ela bateu palmas e disse:

– Que notícia maravilhosa! É claro que você pode ir e levar Marisol.

## PARTE II

*O Magnífico  
Norte*



II

**D**urante catorze dias, a única coisa que havia eram as ondas escuras, a espuma cinzenta do mar e a bruma salgada e fustigante. E, então, como se fosse tirado de uma das histórias que a mãe contava para Evangeline dormir, ela viu as curvas cobertas de neve do Grande Arco de Acesso ao Magnífico Norte.

Feito de granito com veios azuis marmorizados, e tão alto quanto o torreão do castelo, o arco tinha colunas desgastadas e esculpidas com sereias segurando tridentes, que perfuravam esculturas de homens como se fossem marinheiros espetando peixes. As costas dos homens eram curvadas, e suas mãos se estendiam para segurar a placa, que formava o topo do enorme arco.

*BEM-VINDO AO MAGNÍFICO NORTE  
TERRA DAS HISTÓRIAS*

– É ainda maior do que eu imaginava – comentou Marisol.

Seu cabelo castanho-claro brilhava, e seu rosto delicado tinha uma cor saudável. As semanas no mar haviam feito bem para ela. Nos dois primeiros dias a bordo do navio, a garota ficara nervosa demais para sair da cabine. Mas, a cada dia, foi se aventurando um pouco mais e, neste, ficou grudada em Evangeline, perto do gradil de segurança.

– É aqui que precisamos fazer silêncio? – sussurrou Marisol.

Evangeline assentiu com um sorriso, feliz porque a irmã postiça estava começando a acreditar em suas histórias do Norte, assim como ela. Durante a viagem, não ficara surpresa quando soube que Agnes nunca havia contado histórias para Marisol quando ela era pequena. Sendo assim, Evangeline

compartilhou com a irmã algumas das histórias que a mãe contara, incluindo seus conselhos para adentrar no Norte: “Jamais diga uma palavra ao passar pelo Arco de Acesso. A magia antiga do Norte não é capaz de ultrapassar fronteiras, mas sempre tenta. Fica acumulada em volta do Arco de Acesso e, se você falar enquanto passar por ele, a magia vai roubar sua voz e usar suas palavras para atrair viajantes desavisados, pedindo ajuda para escapar e alcançar outras partes do mundo”.

O que devia ser um mito bem conhecido. Ou, então, todos os passageiros do navio tratavam a questão com a mesma solenidade que Evangeline, porque passaram debaixo do arco em silêncio.

Do outro lado da construção, o ar era frio como gelo, e o céu estava repleto de nuvens tão baixas que a jovem conseguia sentir o gosto delas.

– Queria que a gente pudesse atravessar esse trecho mais rápido – resmungou um marinheiro. – Essa parte sempre me dá dor de barriga.

As ondas pararam de arrebentar, e as nuvens próximas se afastaram, cobrindo o sol e sombreando o navio, que percorria, silenciosamente, o trecho de mar conhecido como Canal Valor, que servia de cemitério à primeira família real do Norte.

Os antigos monumentos aos Valor eram exatamente como sua mãe havia descrito. Erguidas no fundo do mar, com aquelas águas azuis-acinzentadas na altura dos joelhos, as estátuas eram quase tão altas quanto o arco, e cada centímetro delas fora entalhado para parecer que as pessoas usavam armadura ou trajes finos – com exceção das cabeças, que estavam todas faltando. E, ainda assim, quando o navio passou pelas estátuas, Evangeline ainda pôde ouvir suas vozes – ou talvez fossem as vozes roubadas daqueles que haviam passado debaixo do arco antes dela.

“Liberte-nos”, sussurravam.

“Conserte-nos.”

“Ajude-nos.”

“Podemos...”

Evangeline não ouviu o restante das súplicas porque o navio chegara às docas de Valorfell, e todo mundo começou a se preparar para o desembarque.

– Senhorita Raposa? Senhorita Tourmaline? – perguntou uma mulher de cabelo grisalho que usava um vestido azul-turquesa sobre uma saia prateada,

ajustado com um cinto, no qual estavam amarrados diversos rolos de pergaminho. – Eu me chamo Frangelica. Acompanharei vocês até as acomodações e farei de tudo para que a senhorita Raposa chegue a tempo do jantar marcado para esta noite.

Frangelica tinha um sorriso simpático e acenou com pressa, fazendo sinal para as garotas descerem do navio. Mas Evangeline não teve vontade de ir mais rápido quando desceu na doca úmida, repleta de peixeiros e outros vendedores, além de barris de madeira abarrotados de ostras.

Ela sempre adorara viver no Sul. Adorava o calor do sol e as cores supervivas das roupas de todos. Mas, de repente, as ruas cintilantes de Valenda pareciam extravagantes demais. No Norte, tudo era tocado pela névoa. Eram tons de cinza-enevoado, azul-escuro e roxo-profundo, da cor exata das ameixas recém-colhidas.

Todos aqueles homens corpulentos das docas davam a impressão de que seriam capazes de entrar em uma floresta e derrubar uma árvore com um único golpe de machado. Usavam botas de couro cobertas de fivelas pesadas, e as mulheres usavam vestidos de lã grossos e longos, ajustados por cintos parecidos com o de Frangelica, nos quais havia de tudo pendurado, de vidros de elixires a arcos e flechas em miniatura, com um palmo de tamanho.

Só de sentir aquele ar gelado e seco, Evangeline já ficava com a postura um pouco mais ereta e respirava um pouco mais fundo. E...

– Olhe, Marisol! Dragões minúsculos!

– Ai, meu...

Marisol ficou pálida porque, com um estalido forte, um dragão minúsculo, do tamanho de um esquilo, de uma cor escura, parecida com pimenta-do-reino, soltou um fogo vermelho para cozinhar um espetinho de peixe em uma banca próxima.

Nas docas, esses adoráveis monstrinhos pareciam ser tão comuns quanto esquilos. Quase todos os vendedores tinham um. Marisol, visivelmente, não estava gostando das pequenas criaturas aladas, mas Evangeline observava, encantada, os minúsculos dragões azuis, que se empoleiravam nos ombros das pessoas, e os de cor marrom, empoleirados em carrinhos. Os monstros em miniatura assavam maçãs e carnes, sopravam bibelôs de vidro e aqueciam canecas de cerâmica cheias de chocolate quente.

Tudo era tão encantador quanto sua mãe havia dito.

Evangeline foi obrigada a baixar o olhar até os paralelepípedos úmidos, para ter certeza de que seus pés continuavam no chão e de que ela não havia alçado voo, porque tinha a sensação de que partes de seu corpo flutuavam. Ao pisar no Norte, não tinha apenas a impressão de que aquele era o começo de alguma coisa: parecia o começo de tudo.

Atrás das docas, havia pináculos com lojinhas de madeira convidativas que ficavam umas em cima das outras, em vez de lado a lado. Cada andar glorioso tinha vitrines pitorescas, como nos livros de histórias, e todos eram conectados por passarelas tomadas pela neblina, que se cruzavam acima da cabeça de Evangeline, formando um labirinto de contornos maravilhosos. O Norte a fez se lembrar da mãe, claro. Mas, com uma pontada de dor, a jovem também se deu conta de que aquele era um lugar pelo qual adoraria se aventurar com o pai. Conseguiu enxergar o lado de dentro de poucas lojas, que eram exatamente o tipo de lugar onde ele teria encontrado todo tipo de esquisitices para sua loja.

– Comprem o seu *Boato Diário!* – gritava uma menina, com uma sacola cheia de jornais enrolados. – Perfeito para aqueles que vão apostar seu dinheiro, tentando adivinhar quem o príncipe vai pedir em casamento... Ou para quem quer saber quais são as oponentes!

– A gente devia comprar um – disse Marisol, curiosa, olhando de soslaio para os jornais. Dado que Marisol não gostava de tabloides, Evangeline não esperava que a irmã postiça se interessasse por eles. Mas era exatamente o tipo de espírito aventureiro que ela esperava que o Norte traria à tona em sua irmã postiça.

Evangeline pôs a mão dentro da bolsinha. A moeda dali era diferente, mas a imperatriz generosamente dera alguns trocados em moeda do Norte para elas.

– Quanto?

– Só meioмарке – disse a menina dos jornais. – Espere aí... – As sobrancelhas da garota se ergueram de repente ao reparar em Evangeline. – É você! E tem mesmo cabelo rosa. – A menina pôs um jornal úmido de névoa na mão de Evangeline e deu uma piscadela. – É por minha conta. Apostei que o príncipe Apollo vai te escolher.

Evangeline não soube como responder a não ser insistindo em pagar à menina duas vezes o que o jornal custava.

---

## O Boato Diário

### QUE COMECEM AS APOSTAS!

*Por Kristof Knightlinger*

**A**manhã é a primeira noite do Sarau Sem Fim. A Chancelaria agora está aceitando apostas em qualquer categoria, dos pares da dança aos pedidos de casamento. E, como prometi, fiz minhas previsões!

Todos sabemos que o príncipe Apollo disse que, talvez, não escolha noiva nenhuma e que, quando o Sarau Sem Fim começar, poderá jamais acabar. Mas eu não apostaria dinheiro nisso. Creio, com uma boa dose de autoridade, que Apollo está de olho em diversas damas e tenho algumas excelentes teorias a respeito de quem essas jovens possam ser.

Minha primeira favorita é Thessaly Sucesso. Tenho certeza de que a jovem necessita de pouca apresentação. Dado que vem de uma das Grandes Casas, eu não me surpreenderia se Thessaly fosse a primeira a ser tirada para dançar pelo príncipe Apollo, amanhã à noite.

Contudo, se nosso príncipe herdeiro tem esperança de cair nas graças daqueles entre nós que não vêm das linhagens proeminentes, pode tirar a recém-famosa Ariel "LaLa" Lágrimas para dançar primeiro. A família de LaLa é envolta em mistério. O que, não raro, é uma tentativa de

disfarçar o fato de ser comum. Mas sua beleza é quase mítica. E todos sabemos o quanto o príncipe Apollo valoriza a beleza.

Infelizmente, eu não apostaria em casamento para LaLa. Tenho ouvido, repetidas vezes, que o príncipe Apollo já pode estar comprometido com a famosa princesa estrangeira Serendipity Skystead, das Ilhas Icehaven. A dupla se conhece desde a infância.

"Ela costumava enviar cartas semanais ao palácio", revelou uma fonte secreta.

Se você vai apostar seu dinheiro tentando adivinhar quem o príncipe pedirá em casamento, a princesa Serendipity pode ser a aposta mais garantida.

Entretanto, se você gosta de se arriscar, como eu, pode querer apos-

tar seu dinheiro em outra estrangeira: Evangeline Raposa, do Império Meridiano. Órfã, amaldiçoada pelos Arcanos, e agora queridinha da nova Imperatriz Meridiana, as histórias que rondam Evangeline mais se parecem com um dos nossos contos de maldição – é difícil acreditar que poderiam ser completamente verdadeiros.

Meu primo do Sul contou que Evangeline tem cabelo cintilante, cor-de-rosa e dourado, e uma veia aventureira e ousada que combina com suas madeixas. A jovem já dispensou uma fila de pretendentes do tamanho de uma rua da cidade para que sua mão estivesse disponível caso o príncipe Apollo deseje pedi-la em casamento – e eu posso apostar que ele deseja.

---

Quando deu por si, Evangeline estava sorrindo para a página e se esquecendo de Luc só mais um pouquinho. Vinha tentando controlar suas expectativas para que não fossem grandes demais. Mesmo quando conversava com Marisol sobre o Sarau Sem Fim, nunca falava só sobre o príncipe. Falava de dançar, das roupas e do tipo de pessoas que poderiam conhecer. Mas Evangeline tinha de confessar que realmente queria acreditar que tinha uma chance de ser alvo do afeto do príncipe Apollo. Sabia que não era a coisa mais prática imaginar um casamento com alguém que nem sequer conhecera, mas tampouco acreditava que era completamente impraticável.

Seus pais tiveram um romance de contos de fadas, o que ensinara Evangeline a acreditar em coisas como "amor à primeira".

Toda vez que seus pais contavam a história deles, era um pouco diferente, como se fosse outro dos contos do Norte de sua mãe. Sempre começava com o pai à procura de curiosidades no Norte, e ele acabou chegando a um poço do qual saía a mais hipnótica das canções. Como achou que o poço era encantado, é claro que tentou falar com ele. O poço respondeu. Ou melhor: a mãe de

Evangeline respondeu. Ouvira a voz do rapaz saindo do poço da família, e gostou da ideia de convencer aquele desconhecido do Sul de que era um elemental das águas. Em algumas versões da história, a brincadeira durou semanas. Em outras, o pai de Evangeline sabia desde o início que, na verdade, uma moça estava brincando com ele. Mas, em todos os recontos, os dois se apaixonavam.

– Amor à primeira ouvida – dizia seu pai.

E então sua mãe sempre dava um beijo no rosto dele e dizia:

– Para mim, foi só amor à primeira.

E então os pais da garota faziam questão de falar para Evangeline que nem todo amor acontece à primeira: alguns levam tempo para crescer, como sementes, ou podem ser como bulbos, que ficam dormentes até a estação certa se aproximar. Mas Evangeline sempre quis um amor à primeira – queria um amor como o de seus pais, um amor como aqueles dos contos e lendas. E olhar para aquele jornal a convencera, só mais um pouquinho, de que poderia encontrar seu amor à primeira ali, no Sarau Sem Fim.

– Tudo isso é muito empolgante – comentou Marisol, com um gritinho. Foi um som atrevido, um som absolutamente feliz. Mas, um segundo depois, Evangeline viu uma sombra perturbadora cruzar o rosto delicado de sua irmã postiça. – Apesar de o jornal dizer que você é uma aposta arriscada, vai precisar ter cuidado com as outras garotas hoje à noite. Devem estar afiando as garras e os dentes, com certeza.

Evangeline sabia que essa reação era, sem dúvida, devida à influência venenosa de Agnes. Mas sentiu mesmo uma pontada de dor. Bem na hora em que Marisol pronunciou a palavra “dentes”, as cicatrizes em forma de coração em seu pulso começaram a arder. A garota as vinha sentindo com mais frequência desde que resolvera ir para o Norte. Normalmente, ignorava as pontadas de dor e a lembrança de Jacks que as acompanhava. Só que, naquele exato momento, não conseguia se livrar da ideia inquietante de que, naquela noite, não era com as outras garotas que deveria se preocupar, mas com o Arcano de olhos azuis que havia deixado aquelas marcas nela.

Oficialmente, o Sarau Sem Fim só teria início no dia seguinte. Mas, naquela noite, haveria um jantar privativo, para dar as boas-vindas a todos os embaixadores estrangeiros. Ao contrário do baile oficial, em

que o príncipe só dançava com cinco garotas, naquela noite, ele ficaria a sós com todas, incluindo Evangeline.

– Damas! – exclamou Frangelica, batendo palmas. – Nada disso terá importância se a senhorita Raposa não chegar ao jantar na hora.

Em seguida, fez sinal para as duas entrarem na carruagem que as esperava.

A sensação de queimação no pulso de Evangeline diminuiu, mas não desapareceu completamente, à medida que foram sacolejando por uma pista cinzenta e acidentada, cercada por estalagens e tavernas nomeadas em homenagem a várias lendas e figuras históricas do Norte. Passaram por um cantinho de leitura da sorte chamado Zum-Zum Vespertino. E por uma forja barulhenta denominada Arsenal Lobric. O Príncipe Eterno, pelo jeito, era uma taverna famosa, mas a garota ficou mais curiosa ao ver a fila serpenteante de pessoas em direção às Sensacionais Águas Saborizadas Sucesso. Ela não reconheceu o sobrenome das histórias que sua mãe contava, mas se perguntou se aquele estabelecimento tinha alguma ligação com a jovem da Casa Sucesso que, segundo o tabloide local, era uma das possíveis favoritas do príncipe.

Eles finalmente pararam, quase no fim da rua movimentada, em A Sereia e as Pérolas: Estalagem para Viajantes Aventureiros. Os boatos diziam que o lugar fora construído com vestígios de um navio naufragado. O chão de tábuas da estalagem rangia, e o local tinha um calor estrondoso, que aqueceu imediatamente a pele gelada de Evangeline.

As paredes eram forradas com papel de parede em tons de sépia, cheio de desenhos de marinheiros hipnotizados e sereias jovens e perversas. O quarto de Evangeline e Marisol era decorado com o mesmo tema. A cabeceira das camas de dossel imitava baús de tesouro abertos, e as colunas eram formadas pelas maiores pérolas brancas que elas já viram na vida.

De acordo com sua mãe, *A Sereia e as pérolas* era a história de uma sereia que enganava marinheiros, convencendo-os a permitir que ela os transformasse em pérolas gigantes. Era um dos mitos que, para Evangeline, sempre parecera mais conto de fadas do que história verdadeira. Mas, só por garantia, caso fosse mais verdade do que mentira, ela passou longe de todos aqueles pilares perolados quando foi se arrumar para o jantar. Havia tentado conseguir um convite para Marisol, mas o jantar daquela noite era bastante exclusivo.

Todos os participantes deveriam usar trajes representando algo de si mesmos ou do reino de onde vinham, e o vestido que Evangeline ganhara da imperatriz claramente a representava. No lugar das mangas, havia apenas finas linhas prateadas que envolviam seus braços, abrangiam seu colo e desciam, fluidos – como veios de uma peça de mármore –, por um corpete branco como a neve e uma saia também branca e justa.

Evangeline parecia uma estátua que ganhou vida.

Marisol ficou pálida.

– Suponho que foi bom eu não ter sido convidada para este jantar. Se me dessem um vestido que simbolizasse a minha vida, provavelmente teria uma caveira e ossos cruzados bordados no peito. – A jovem disse isso em tom de piada, mas sua voz saiu levemente estridente e rouca demais.

E, de novo, Evangeline voltou a sentir aquela tão conhecida pontada de culpa.

– Aqui as coisas serão diferentes – declarou.

Em seguida, segurou a mão da irmã postiça e a apertou. Mais uma vez, ficou tentada a confessar a verdade e contar para Marisol que a suposta maldição que sofria era tudo culpa dela.

– Senhorita Raposa! – gritou Frangelica, do outro lado da porta. – Está na hora de partir, minha querida.

Evangeline fechou a boca e engoliu seus segredos. Confessar até poderia diminuir sua culpa, mas estragaria tantas outras coisas, e não apenas para ela. Se contasse a verdade para Marisol, sua irmã postiça talvez não se sentisse mais amaldiçoada, mas se sentiria traída.

Por ora, Evangeline só tinha que torcer para as coisas realmente serem diferentes ali – e que o Norte tivesse magia suficiente a ponto de criar finais felizes para ambas.

E vangeline não sabia se era por causa da luz da lua ou da magia incomum do Norte, mas a neblina havia se tornado uma névoa iridescente que iluminava as ruas, fazendo as pontas das coníferas brilharem em tons de ouro-azul e verde-absinto enquanto a carruagem avançava pelas saliências e reentrâncias das ruas esburacadas, que reviraram seu estômago. Ou talvez simplesmente estivesse nervosa.

Ela tentava se convencer de que não havia motivo para ficar ansiosa. Mais cedo, quando as cicatrizes em seu pulso arderam, ficou com medo de ver Jacks naquela noite. Mas, dada a exclusividade do jantar, as chances de o Arcano comparecer eram mínimas. Se Jacks estivesse mesmo naquela região do Norte, Evangeline duvidava de que ele gostaria de comparecer ao jantar. A maioria das damas estaria lá pela oportunidade de conhecer o príncipe Apollo. E, se os Arcanos eram tão ciumentos quanto as histórias contavam, Evangeline não conseguia imaginar o Príncipe de Copas gostando disso.

*Não, ela tentou se tranquilizar. Jacks não estará lá. O único príncipe que vou ver esta noite será o príncipe Apollo.*

Seu estômago se revirou mais uma vez quando a carruagem finalmente parou. Frangelica não se dignou a descer, mas disse, alegremente:

– Boa sorte! E não arranke nenhuma folha.

– Eu nem sonharia em arrancar – respondeu Evangeline, porque lhe pareceu a resposta mais correta. Então saiu da carruagem e encarou o frio da noite gelada.

Esperava chegar a um castelo coberto de neve ou a um daqueles palácios de livros de história, mas só viu uma floresta de árvores altas e raquíáticas que

pingavam gelo e um arco feito do mesmo granito marmorizado azul que formava o Arco de Acesso ao Magnífico Norte.

O arco não era, nem de longe, tão grande quanto o outro, mas havia tochas em ambos os lados, iluminando relevos entalhados que eram igualmente intrincados e muito mais convidativos. Evangeline viu símbolos de incontáveis lendas e canções do Norte: chaves em forma de estrela e livros rasgados, cavaleiros de armadura, uma cabeça de lobo coroada, cavalos alados, pedaços de castelos, flechas e raposas, e ramos entrelaçados de lírios.

Isso a fez lembrar um pouco dos bordados de sua mãe. Ela estava sempre criando nos vestidos imagens curiosas, como raposas e buracos de fechadura. A jovem desejou que sua mãe estivesse ali naquele exato momento, e que o que estava por vir a deixasse orgulhosa, independentemente do que fosse.

– Você vai ficar parada aí até congelar ou vai passar pelo arco? – disse uma voz rouca.

De início, Evangeline pensou que a voz vinha do arco. E então ela o viu.

O jovem estava parado ao lado do arco, do mesmo modo que uma árvore fica parada em uma floresta, como se estivesse ali desde sempre. Não usava manto nem capa, só uma armadura sinuosa de couro e um elmo de bronze incomum. A parte de cima do elmo quase parecia uma coroa, bem grossa e decorada com símbolos desconhecidos, que circundavam a testa do rapaz. O elmo deixava boa parte de seu cabelo castanho ondulado à mostra, mas cobria quase todo o seu rosto, fazendo uma curva ampla de metal áspero e pontiagudo, que envolvia as laterais da cabeça e cobria o maxilar até chegar à ponte do nariz, deixando à mostra apenas um par de olhos e as bochechas pronunciadas.

Por instinto, ela deu um passo atrás.

O soldado deu risada, uma risada surpreendentemente suave.

– Você não corre perigo em minha presença, princesa.

– Não sou princesa – corrigiu Evangeline.

– Mas talvez se torne.

O soldado deu uma piscadela e desapareceu do seu campo de visão, porque a jovem atravessou o arco e ouviu uma voz rouca dizer: “Estamos tão felizes de você ter nos encontrado”.

Mais um passo, e o mundo ao seu redor se transformou.

Um calor agasalhou sua pele como o sol da tarde. Evangeline continuou do lado de fora, mas a névoa, a bruma e o frio haviam sumido. Tudo ali era em tons de bronze polido, vermelho e laranja: as cores das folhas que estavam prestes a cair.

Ela estava em outra clareira na floresta. Esta, sim, havia sido arrumada para uma festa: havia músicos tocando alaúdes e harpas, e árvores enfeitadas com fitas penduradas. No meio de tudo, reinava uma árvore-fênix real, e a proibição críptica de Frangelica de repente fez sentido. Era a primeira vez que Evangeline via tal árvore, mas sabia a seu respeito pelo que a mãe contara. As árvores-fênix levavam mais de mil anos para crescer, esticando seus galhos e engrossando o tronco, enquanto as folhas se transformavam em ouro *de verdade*. À luz de velas, brilhavam como um tesouro de dragão, e era uma tentação arrancá-las. Entretanto, de acordo com a mitologia, se uma única folha de ouro fosse arrancada antes de todas ficarem douradas, a árvore inteira arderia em chamas.

Em volta da árvore, havia todo tipo de gente que parecia importante. Ao contrário dos homens das docas, que pareciam capazes de derrubar uma árvore com um único golpe de machado, aquelas pessoas pareciam capazes de pôr fim a vidas com poucas palavras bem escolhidas ou um traço de caneta. A maioria dos homens vestia gibões de veludo fino, combinando com as cores quentes da decoração, mas as damas usavam vestidos mais variados. Quase todas tinham trajes à moda do Norte, com sobressaias de brocado pesado, cintos cobertos de pedras preciosas e mangas com fendas, esfuziantes e longas, passando dos dedos.

Felizmente, Evangeline não viu o Príncipe de Copas em meio aos presentes. Não havia nenhum jovem segurando maçãs, manifestando expressões cruéis nem vestindo roupas rasgadas.

Ela respirou com um pouco menos de dificuldade e se concentrou em encontrar o príncipe Apollo entre os convidados que bebericavam, distraídos, seus cálices de cristal, como se comparecer a eventos onde príncipes escolhiam suas noivas fosse algo tão corriqueiro quanto um almoço em família. Para sua decepção, nenhum deles usava coroa, o que levou Evangeline a concluir que o príncipe ainda não havia chegado.

A jovem poderia ter perguntado a respeito dele para alguém na festa. Mas, apesar de todos parecerem à vontade, ninguém incluía desconhecidos em suas

conversas. Os grupinhos se fechavam, e as bocas se calavam toda vez que Evangeline se aproximava.

Isso a fez se sentir envergonhada – o que não era comum – e grata por Marisol não ter sido convidada. A irmã postiça provavelmente pensaria que as pessoas a estavam excluindo por causa de sua “maldição”.

Umas poucas pessoas olharam para Evangeline, provavelmente pensando se aquele cabelo ouro rosê queria dizer que ela era a garota da qual os tabloides falavam. Mas, obviamente, não foi o suficiente para ela conseguir entrar em algum dos grupinhos.

A única outra garota que parecia ser ignorada de propósito era uma jovem que tinha mais ou menos a idade de Evangeline e usava um vestido estonteante de escamas de dragão da cor de rubis ardentes. Ninguém falava com ela, mas todos eram obrigados a reparar na sua presença. Era provavelmente a mais bonita da festa, e seu vestido era, de longe, o mais ousado. Não tinha as mangas longas à moda do Norte. Não tinha manga nenhuma: ideal para revelar faixas de sua pele negra perfeita e as chamas de dragão desenhadas nos ombros, que desciam pelos braços formando vibrantes luvas pintadas.

Evangeline pegou duas taças de cristal e foi em direção à garota, que se balançava de leve, como se dançasse sozinha.

– Quer um? – perguntou Evangeline, estendendo um dos dois cálices.

A garota examinou a taça, depois Evangeline, espremendo os olhos.

– Não se preocupe, não está envenenado. – Evangeline bebeu das duas taças antes de novamente oferecer uma para a garota. – Viu só?

– A menos que um esteja envenenado e o outro tenha o antídoto. É isso o que eu faria.

A jovem deu um sorrisinho surpreendentemente diabólico, e Evangeline teve a súbita impressão de que esse era o motivo para os convidados a excluírem das conversas. Talvez aquela garota não fosse lá muito inofensiva. Ou talvez Evangeline estivesse apenas contaminada pelo conselho que Marisol dera à tarde, quando disse que garras e dentes estariam afiados.

– Eu me chamo Evangeline, aliás.

– Eu sei – murmurou a garota.

Evangeline esperou que ela fosse se apresentar, mas a garota só disse:

– Reconheci pelo cabelo rosa. Também percebi que você estava procurando o príncipe quando chegou. Mas seu olhar não foi amplo o suficiente.

A garota finalmente aceitou um dos cálices e, com ele, apontou para o alto da árvore-fênix real.

Evangeline não sabia como não o vira ali antes. Agora que sabia o que procurar, Apollo e sua pose inesperada eram praticamente impossíveis de passar despercebidos. Ele estava no alto da árvore em um camarote de madeira, deitado de lado no corrimão, mal se equilibrando.

Era o próprio retrato do príncipe galante, vestido em tons de vinho e madeira, usando uma coroa dourada que lembrava chifres enroscados. De tão longe, a garota não conseguia ver com clareza todos os seus traços. Mas, esparramado naquele corrimão, Apollo observava a festa com toda a concentração, como se estivesse desesperado, tentando encontrar o amor de sua vida. Quase parecia estar posando para um retrato. Não...

Ele *estava* posando para um retrato!

Evangeline notou outro camarote escondido nas árvores, do outro lado da clareira. Nele, um pintor parecia estar capturando a pose dramática do príncipe, com pinceladas febris.

– Você tem que ver Apollo quando está mais calor – murmurou a garota ao lado dela. – Ele sempre faz essas poses sem camisa.

– O príncipe faz isso com frequência?

A outra garota balançou a cabeça vigorosamente e falou:

– Era emocionante quando o irmão mais novo dele, Tiberius, o provocava lançando flechas ou largando uma ninhada de gatinhos em cima dele.

– Acho que eu teria gostado de ver isso.

– Era fantástico. Aliás, pelo jeito, Tiberius não está aqui. – A outra garota suspirou e explicou: – Os príncipes tiveram um desentendimento temporário há alguns meses. Tiberius ficou sumido por várias semanas, ninguém sabia onde ele estava. E, desde que voltou, não tem comparecido à maioria dos eventos.

– O quê...

Um raio gelado atingiu a nuca de Evangeline, fazendo-a esquecer completamente o que iria dizer e pensar em um nome. *Jacks*.

Ela não sabia como sabia o que aquela pontada gelada queria dizer, mas teria apostado a própria vida, tamanha sua certeza de que o Príncipe de Copas acabara de entrar na festa.



**N**ão vire para trás.  
Não vire para trás.  
Não...

Evangeline só queria ter olhado por um segundo. Só para ter certeza de que Jacks estava mesmo ali, que aquele frio fantasmagórico que envovia sua pele não vinha de algum fantasma ou de uma brisa invisível. Seus olhos se dirigiram primeiro para o arco. O Arcano estava logo atrás dele, com a neblina do outro lado ainda presa nas fivelas de suas botas, atravessando a clareira.

O gelo na nuca de Evangeline deu a volta em sua garganta e atravessou seu colo. *O que ele está fazendo aqui?*

Desde a última vez que o vira, o Príncipe de Copas mudou a cor do cabelo para um tom de azul-escuro impressionante. Se seu rosto anguloso não fosse tão inconfundível, Evangeline não o teria reconhecido assim, tão depressa. Mas até o rosto do Arcano parecia mais frio do que antes. Seus lábios eram dois rasgos perversos; seus olhos, de gelo; e sua pele perfeita, mais pálida do que ela lembrava: alva, lisa e impenetrável.

Dentro de sua igreja, exibia um toque de jovialidade degenerada que suavizava seus traços impiedosos. Mas tudo isso havia sumido. O Príncipe de Copas perdera algo desde a última vez que Evangeline o vira, como se antes tivesse um toque humano, mas ali não tivesse mais. Ali ele era completamente Arcano, e Evangeline precisava dar um jeito para que Jacks não a avistasse.

– Ah, você viu o Lorde Jacks.

Evangeline logo se virou de volta para a nova amiga.

– Ele é confidente íntimo de Apollo – disse a garota. – Mas não vai te ajudar a conquistar o príncipe.

– Eu... eu só achei que o conhecia – balbuciou Evangeline. E ela tentou, tentou mesmo, não olhar para o Príncipe de Copas de novo.

Da última vez que a garota vira Jacks, o Arcano estava indo embora enquanto ela se transformava em pedra. Evangeline não queria saber a que outro destino cruel o Príncipe de Copas poderia condená-la se a visse. Mas ela era como a maré, que é atraída pela tremenda força da lua. Não era nenhuma surpresa as ondas estarem sempre arrebatando: deviam odiar essa atração tanto quanto ela odiava.

Quando Evangeline se virou, Jacks ainda estava andando pela festa, com sua elegância feita de sangue frio e desinteresse. Em vez do tradicional gibão, usava uma camisa solta de linho cinza, calças pretas como penas de corvo e botas de couro pesado, da mesma cor escura que sua meia capa revestida de pele, pendurada de qualquer jeito em um de seus ombros retos. Não parecia estar vestido para uma festa – nem mesmo havia fechado todos os botões da camisa –, mas chamou mais do que apenas a atenção de Evangeline. As pessoas tiraram os olhos de Apollo, ainda deitado em cima do corrimão do camarote, apenas para observar Jacks ignorar grosseiramente todo mundo que tentava chamar sua atenção.

Ninguém parecia temê-lo como deveria. Ninguém se encolheu nem ficou pálido nem saiu correndo. Evangeline não chegara a descobrir exatamente qual fora a confusão em que Jacks havia se metido durante a Semana do Terror. Mas, desde então, o Arcano devia ter resolvido esconder sua verdadeira identidade. Ali, era apenas um jovem aristocrata insolente, com um rosto cruel, e confidente do príncipe.

Jacks foi direto à árvore-fênix, e os guardas imediatamente deram permissão para ele subir as escadas que se enroscavam pelo tronco. Não tirou os olhos do caminho nem se aventurou a olhar na direção onde Evangeline estava. O que foi bom. Ela não queria que o Príncipe de Copas percebesse que estava ali.

– O Lorde Jacks não fala muito com ninguém – disse a nova amiga de Evangeline. – Há boatos de que está de coração partido e ainda se recupera de uma grande decepção amorosa.

Evangeline segurou um riso nervoso. Jacks não parecia estar de coração partido. Quando muito, parecia ainda mais insensível do que da última vez que o vira.

A aposta mais garantida seria fugir. Escapar passando pelo arco, onde Jacks não poderia enxergar. Mas, se fosse embora, também decepcionaria a imperatriz e abriria mão de sua melhor oportunidade para conhecer o príncipe Apollo.

Evangeline olhou novamente para o camarote, onde o príncipe ainda estava deitado em cima do corrimão. Sua pose era improvável, mas também interessante e um tanto parecida com o que Luc teria feito se fosse um príncipe. Não que Luc fosse vaidoso; ele meramente gostava de atenção. Estava sempre brincando, tentando divertir os outros, e ela se perguntou se Apollo também seria assim. E se o príncipe herdeiro realmente fosse sua chance de ter um final feliz, e ela fugisse por causa de um outro qualquer que se chamava Jacks?

Só de pensar nele, as cicatrizes em seu pulso latejaram. Mas o Arcano nem sequer a notou.

– O que mais você ouviu a respeito de Lorde Jacks? – perguntou Evangeline.  
– Você sabe por que ele está aqui? É uma espécie de embaixador?

– Ah, não. – A outra garota deu risada. – Tenho quase certeza de que Jacks seria um embaixador abominável. Na verdade, ouvi dizer que ele acabou exilado aqui depois de se meter em uma confusão horrorosa com uma princesa do Sul.

Isso foi dito do jeito que a maioria das pessoas conta fofocas, de um jeito leve e seco, feito vinho espumante. Mas as palavras deixaram Evangeline com uma sensação que estava longe de ser borbulhante. A garota se lembrou de Donatella, a irmã da imperatriz, que havia dito algo a respeito de provocar uma guerra se por acaso viesse para o Norte e se deparasse com certa pessoa. Será que estava falando de Jacks? Será que era por isso que o Príncipe de Copas tinha ido embora do Sul: porque havia feito algo terrível à princesa Donatella?

– Você sabe exatamente o que aconteceu?  
– É difícil saber ao certo, já que as histórias se distorcem por aqui, mas acho que foi a princesa do Sul quem partiu o coração dele.

A garota tentou disfarçar seu ceticismo. A princesa Donatella era encantadora e cheia de vida. Evangeline tinha gostado muito dela. Mas era difícil imaginar qualquer jovem humana sendo capaz de partir alguma coisa de Jacks.

– LaLa! Evangeline! – interrompeu uma voz, vinda de trás delas. – Faz tempo que quero falar com vocês duas.

Evangeline olhou para trás disfarçadamente.

Um homem que era quase idêntico a Kutlass Knightlinger, vestido com as mesmas calças de couro preto e a mesma camisa com detalhes de renda, vinha correndo na direção delas.

– Kristof Knightlinger – informou a outra garota, que devia ser a mesma LaLa mencionada pelo *Boato Diário*. E, pelo jeito, as duas estavam prestes a ser mencionadas de novo.

Evangeline sentiu um embrulho no estômago. Apesar de Kristof ter falado bem dela em sua coluna do dia, não queria dar outra entrevista na qual todas as suas palavras seriam distorcidas até ficar parecendo uma órfã que não tinha onde cair morta tentando fisgar um príncipe ou coisa pior.

– É tarde demais para fugir? – sussurrou.

– Provavelmente, mas eu bem poderia dizer que fiz você sair correndo de medo porque ameacei cortar todo o seu lindo cabelo rosa caso você falasse com Apollo hoje à noite.

De início, Evangeline achou que a outra garota estava brincando, mas aquele sorriso diabólico estava de volta.

– Não faça essa cara tão horrorizada. Eu só gosto de sair no jornal. – LaLa levantou a taça, como se fizesse um brinde a si mesma. – Ao contrário do que saiu no *Boato Diário*, já sei que, na verdade, não tenho chance de me casar com o príncipe, mas gosto de participar da diversão. Agora saia correndo antes que eu não possa mais te salvar.

– Fico te devendo essa – prometeu Evangeline e se afastou às pressas.

Sua saia era justa demais para andar rápido, e ela não estava prestando muita atenção aonde estava indo. Ficara tão perturbada com a ameaça representada por Kristof que havia esquecido da outra ameaça que a rondava até quase ir de encontro ao peito forte dele.

Evangeline tentou transmitir coragem em sua postura, porque seu coração disparou de pânico.

Já tinha visto Jacks de longe, mas perto daquele jeito era diferente. O Arcano era como mil cortes acontecendo ao mesmo tempo. Uma devastação feita de

um cabelo tão azul quanto as turvas ondas do mar, e lábios tão pontiagudos quanto cacos de vidro, que a cortariam com o maior prazer.

*Como é possível ninguém mais aqui saber que ele é um Arcano?*

Evangeline era capaz de sentir o olhar inumano do Príncipe de Copas percorrendo sua pele, fazendo seu sangue ferver, enquanto os olhos de Jacks percorriam cada fio prateado que apertava seus quadris, sua cintura, seu peito. Jacks parou; o olhar ficou pairando por um tempo até ele olhar bem nos olhos dela, como se Evangeline não valesse o esforço de continuar observando.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou, lançando uma maçã dourada e polida no ar, com uma das mãos. – Pensei que, a essa altura, já estaria casada com aquele garoto que você *amava*.

A voz do Arcano era ainda mais impiedosa do que da última vez que Evangeline a ouvira, quando Jacks a abandonou no jardim, depois que ela virou pedra.

Ela se segurou para não ter um ataque de raiva. Precisava se afastar de Jacks, não brigar com ele. Mas, sabe-se lá por que, o fato de o Príncipe de Copas não se importar fazia Evangeline se importar ainda mais.

– Você acabou com as chances que eu poderia ter de ficar com Luc quando o fez ser massacrado por um lobo!

Jacks parou de brincar com a maçã e retrucou:

– Nunca mandei lobo nenhum massacrar ninguém. Isso causou uma confusão terrível.

Então ficou observando Evangeline por alguns instantes e finalmente a olhou nos olhos.

Antes, a jovem jurava que os olhos do Arcano eram de um azul-vivo e encantador. Mas, naquela noite, eram de um azul-claro gelado e completamente sem alma. Um olhar bastou para o corpo inteiro de Evangeline ficar gelado. Ela pensou no que LaLa alegara, que a princesa Donatella partira o coração de Jacks. Mas as palavras que o Príncipe de Copas disse em seguida destruíram qualquer compaixão que Evangeline poderia sentir por ele.

– Então, você não o amava mesmo, no fim das contas. Foi por causa das cicatrizes, ou você só deu uma olhadinha no rosto mutilado dele e saiu correndo?

Evangeline fez careta. Jacks pensava o pior dela, porque, provavelmente, era isso o que o Arcano faria. Mas não o corrigiu. Preferia que o Príncipe de Copas pensasse mal dela do que soubesse que tinha razão, e que o verdadeiro motivo pelo qual não estava com Luc era porque o garoto preferira Marisol e depois desaparecera. Só que Evangeline não queria ficar ruminando esse assunto. Fora até lá para esquecer Luc, para encontrar um novo final feliz, e era exatamente isso que planejava fazer, de preferência com um príncipe bem diferente do que estava diante de seus olhos.

– Prefiro não discutir isso com você e acho que estão chamando para o jantar...

– Ah, não, Raposinha. Temos assuntos pendentes.

Jacks jogou a maçã no chão e segurou o pescoço de Evangeline, tapando as têmporas da jovem com a mão gelada.

– Jacks! – assombrou-se Evangeline. – O que você está fazendo?

E do que ele acabara de chamá-la?

A outra mão foi deslizando pelo seu cabelo, bagunçando seus cachos. A carícia era inapropriada e íntima, assim como aquele apelido íntimo demais que o Arcano acabara de dar. Evangeline era capaz de sentir suas chances de ter um final feliz escorrendo ainda mais por seus dedos, quando ouviu a conversa da festa se transformar em sussurros. De repente, uma centena de línguas, todas falando do jeito escandaloso que Jacks a estava segurando, bem debaixo do camarote do príncipe.

– Jacks, já falei que vou beijar outras três pessoas, mas não você.

– Então por que você não está se afastando de mim? – provocou o Príncipe de Copas.

– Não posso brigar com você: você é um Arcano.

– Mentirosa. Não vou nem te machucar nem te beijar. – Ele baixou a mão até o pescoço de Evangeline, brincando com a veia que pulsava, acelerada, passando suavemente os dedos para cima e para baixo daquele frenético *tum-tum-tum* e fazendo o coração dela bater ainda mais rápido. – Acho que isso deixa você excitada.

– Você está delirando!

Evangeline finalmente se soltou de Jacks. Seu coração estava a mil, mas não era de excitação, disso tinha certeza. Apesar de, talvez, ter só uma pitadinha de

excitação, mas ela não conseguia dizer o motivo.

Jacks riu e declarou:

– Relaxe, Raposinha. Não estou tentando arruinar sua reputação.

Então ele a puxou pelo pulso, trazendo-a para perto, como se estivessem dançando.

Evangeline deu um passo para trás, e Jacks foi para a frente, até as pernas da garota baterem na mesa dura.

– O que você está fazendo, Jacks?

– Estou tentando deixar você mais interessante. – Ele se aproximou ainda mais. Não a tocou, com exceção do pulso, mas quem visse de longe poderia ter pensado que os dois estavam prestes a se beijar, pela inclinação deliberada do corpo e da cabeça do Arcano. Evangeline era a única capaz de enxergar que os olhos de Jacks estavam mortos. – Antes, você era apenas uma ameaça de pouca importância, uma ameaça que os outros pensavam que poderia desaparecer se resolvessem não olhar para você. Mas, agora que reparei em você, não terá como desaparecer.

– Você se acha grande coisa – resmungou Evangeline.

Mas as pessoas estavam definitivamente observando. Pelo menos metade dos olhos da festa estavam fixos nos dois. No canto do seu campo de visão, ela conseguia ver que Kristof Knightlinger com uma caneta, anotando coisas em um caderno.

– Se estiver com sorte – murmurou Jacks –, Apollo também deve estar olhando para você e já está com ciúme.

– Não quero que ele tenha ciúme de mim.

– Mas devia. Isso tornará sua tarefa muito mais fácil de cumprir, já que Apollo é a primeira pessoa que quero que você beije.

Com um de seus movimentos rápidos e sobrenaturais, o Arcano soltou o pulso de Evangeline, tirou da bota uma adaga coberta de pedras preciosas e furou a ponta de seu dedo indicador. Um sangue vermelho-escuro reluziu, com improváveis veios de ouro.

Ela tentou desviar, mas Jacks foi mais rápido. Levou a própria mão à boca da jovem e manchou o lábio superior dela com sangue. Metálico e doce. Incrivelmente doce. Evangeline queria odiar aquele gosto, mas era mais uma sensação do que um sabor. Era o último instante antes de um sonho acabar,

gotas de raios de sol caindo, feito chuva, desejos perdidos que foram encontrados. A jovem teve vontade de lamber...

– Não – disse Jacks, levantando a mão rapidamente e fechando os lábios de Evangeline com seus dedos. – Não lamba, você precisa deixar o sangue ser absorvido por seus lábios, senão a magia não vai funcionar.

A euforia dela se transformou em um pavor gelado e melequento. Quando fez o trato com o Arcano, havia ficado com medo de beijar pessoas estranhas – mas nunca ocorreria na cabeça dela que beijá-las poderia de fato fazer mal a elas, ou que Jacks poderia pintar seus lábios com sangue e contaminá-la com sua magia.

– O que foi que você fez? – perguntou. – O que vai acontecer se eu beijar o príncipe Apollo?

– *Quando* – corrigiu o Príncipe de Copas, curto e grosso. – Se não beijar o príncipe Apollo até o final da festa, você vai morrer. O que seria uma pena, já que existem jeitos muito melhores de morrer.

Os olhos sem sentimentos de Jacks se dirigiram à boca que acabara de pintar com o próprio sangue.

Em seguida, o Arcano foi andando calmamente em direção aos demais convidados da festa.



**E**vangeline não sabia se o tempo era como a magia, que funcionava de um modo diferente no Norte. Mas apostaria a própria vida, tamanha sua certeza de que o tempo começou a passar mais rápido no instante em que Jacks se afastou dela.

O jantar foi servido em uma requintada mesa ao redor da árvore-fênix. Havia cálices de estanho, velas de favo de mel em forma de castelos e, ao lado de cada prato, dragões de madeira minúsculos seguravam uma plaquinha com o nome dos convidados. O nome de Jacks fora colocado ao lado do de Evangeline. O Príncipe de Copas não apareceu, mas sua cadeira atraía a curiosidade perpétua dos nobres – Jacks, pelo jeito, tinha razão quando dissera que dar atenção à jovem faria maravilhas por sua popularidade.

Todo mundo era simpático, meio de um jeito só-estou-falando-com-você-porque-outra-pessoa-a-fez-parecer-importante. Evangeline ouviu muito “que linda cor de cabelo, é igualzinho ao daquela princesa”. É claro que ninguém conseguia lembrar o nome “daquela princesa” ou do príncipe com o qual ela se casara, mas quase todo mundo comentou isso. A jovem fez de tudo para ser atenciosa e educada, mas só conseguia pensar em beijar o príncipe Apollo. No fundo, estava levemente intrigada com essa ideia – quem não ia querer beijar o príncipe? –, mas não queria que fosse daquele jeito. Não queria obrigá-lo a beijá-la e não sabia por que Jacks queria que ela fizesse isso. O que o Arcano teria a ganhar?

Evangeline torcia para que Jacks estivesse brincando quando disse que ela morreria se não beijasse Apollo naquela noite. Só que o Príncipe de Copas parecia ser do tipo que falava absolutamente sério mesmo quando parecia estar brincando. E, dado que o Arcano a havia abandonado quando ela se

transformou em pedra, Evangeline não conseguia imaginar Jacks se importando com o fato de ela se transformar em um cadáver, caso acontecesse. Ou...

– Com licença, senhorita Raposa. – Um criado do palácio bateu em seu ombro. – É a sua vez de morrer.

Evangeline levou um susto, mas logo percebeu que não foi isso o que o criado havia dito. Na verdade, ele disse: “É a sua vez de conhecer o príncipe”. Mas, naquele momento, pareceu a mesma coisa. A jovem só havia conseguido chegar a uma teoria a respeito de por que Jacks queria que ela beijasse o príncipe Apollo: o Arcano queria matá-lo. O Príncipe de Copas pintara os lábios de Evangeline com o próprio sangue, transferindo um pouco de sua magia para ela, e a magia de Jacks consistia em seu beijo mortal – o que, provavelmente, significava que, agora, o beijo de Evangeline também era mortal.

Sua respiração foi acelerando à medida que se aproximava dos degraus que contornavam a árvore-fênix.

Jacks estava encostado no corrimão da escada na base da árvore, com a cabeça para trás e o cabelo azul caído no olho, e dando a impressão de que esperara por Evangeline metade da noite.

– Preparada, meu bem? – perguntou.

Em seguida, ofereceu-lhe o braço, como um cavalheiro.

Evangeline o ignorou, mas se aproximou o suficiente para sussurrar em seu ouvido quando os dois começaram a subir os degraus serpenteantes:

– Por que você quer que eu beije o príncipe Apollo? Ele vai morrer?

Jacks lançou um olhar de esgueira para ela e respondeu:

– Eu aprecio uma boa imaginação, mas deixe para usá-la quando beijar o príncipe, não para pensar em quais podem ser as consequências.

– Não vou beijá-lo a menos que você me diga por que quer que eu faça isso.

– Se eu quisesse que você matasse o príncipe, não estaria subindo essa escada ao seu lado. – Jacks enroscou o braço que Evangeline acabara de recusar em volta do braço dela. As mangas da camisa cinza do Arcano estavam arregaçadas, e a jovem podia sentir a pele dele, gelada e dura como pedra. Esse contato fez Evangeline se arrepiar toda, de modo indesejado, porque o Príncipe de Copas a

trouxera para mais perto de si. – Não faz sentido obrigar outra pessoa a cometer assassinato se você está no mesmo recinto.

Evangeline teve vontade de continuar discutindo, mas Jacks apresentara um argumento convincente, o que trouxe um leve alívio. Ela realmente não queria morrer, mas também sabia que não seria capaz de beijar o príncipe se achasse que o beijo dela o faria mal.

– Se não é esse o seu plano, o que vai acontecer quando eu beijar Apollo?

– Depende de seu desempenho. – O olhar arrepiante de Jacks se dirigiu aos lábios dela. – Você sabe beijar, certo?

– É claro que sei beijar! – Evangeline puxou o braço para se soltar do Arcano.

Jacks fez uma careta e perguntou:

– Por que você está tão brava? Acha o príncipe feio?

– Não tem nada a ver com a aparência dele. Não quero causar mal a Apollo.

– Não vou te pedir para confiar em mim, porque é uma péssima ideia. Mas pode acreditar que, se eu fosse usar você para fazer mal a Apollo, não ficaria por perto quando isso acontecesse.

Quando chegaram ao final da escada, o ar se tornou perfumado, com aromas fortes de bálsamo e madeira. Acima deles, folhas douradas e castanhas farfalhavam, e Evangeline reparou que havia pelo menos meia dúzia de guardas, que usavam vestes nos mesmos tons de castanho e dourado e estavam sentados nos galhos que formavam o telhado do camarote do príncipe Apollo.

Ela lançou um olhar de pânico para Jacks.

– Não se preocupe – sussurrou ele. – Ninguém vai te dar uma flechada por ter beijado o príncipe.

Mas *algo* aconteceria quando ela beijasse o príncipe. Evangeline deveria ter se esforçado mais para se livrar daquela situação. Pensou em tentar naquele exato momento.

O príncipe Apollo estava parado perto do corrimão do camarote, de costas para ela, observando o que acontecia lá embaixo. Mas, então, teve que se virar.

O príncipe era alto, mas não tão absurdamente atraente quanto Jacks.

O rosto de Apollo estava mais para interessante do que para uma beleza clássica. Possuía um nariz aquilino levemente torto que poderia ter dominado o rosto de outra pessoa. Só que todos os seus traços eram um tanto intensos, das

sobrancelhas grossas e castanho-escuras aos olhos profundos. A pele era olivada. O cabelo também era castanho-escuro e pesado, e o corte dele era curto, o que valorizava os traços fortes. Ele havia tirado a coroa de chifres, mas ainda era obviamente um príncipe. Absolutamente dominador, encostou um dos cotovelos no corrimão do camarote e lançou um sorriso para Evangeline que parecia dizer: “Eu posso até não ser a pessoa mais bonita do recinto, mas você sabe que ficou interessada”.

Evangeline não podia negar que ficara. Mas não sabia ao certo se era pelo simples fato de Apollo ser um príncipe, ou se era por ter conseguido lançar um olhar sedutor para ela. Luc havia tentado lançar esse mesmo tipo de olhar, mas jamais dominara a manobra como Apollo. Os olhos do príncipe eram profundos, castanho-escuros e âmbar, com minúsculas partículas de bronze reluzente.

– Você está babando um pouco – disse Jacks, sem sequer ter a decência de falar baixo.

Apollo deu risada, uma risada sinistra, musical e absolutamente mortificante.

Evangeline chegou a pensar em se esconder, mas o sofá do camarote era baixo demais para caber debaixo dele, e o príncipe já estava se aproximando.

– Não se sinte mal, senhorita Raposa. – Apollo já estava bem do lado dela. A jovem ficou surpresa ao perceber que, apesar da intensidade de seu rosto, o príncipe parecia ter apenas dois anos a mais do que ela. Dezenove ou vinte e um, no máximo. – Acho que nosso amigo em comum está com ciúme. Faz semanas que ele me fala que você é estonteante. Mas, até agora, eu achava que Jacks estava exagerando.

– Jacks falou de mim para você?

Evangeline nem sequer tentou disfarçar o choque e lançou um olhar para o Príncipe de Copas.

Mas ele já havia saído do lado dela e andava pela pequena suíte. Retribuiu o olhar de Evangeline com o mesmo desinteresse taciturno que dedicara a todos os convidados quando chegou à festa. Se olhares pudesse falar, esse teria dito: “Só porque falei não significa que eu acredite nisso”.

Mas ele havia dito. Evangeline não ligava se Jacks acreditava nisso ou não. O Arcano tinha agido como se encontrá-la aquela noite fosse uma surpresa e que

tudo aquilo não fosse planejado. Mas já sabia, há semanas, que ela viria. Ele estava armando aquele beijo. Por quê? O que Jacks queria? O que será que aconteceria quando Evangeline beijasse o príncipe?

Evangeline não conseguiu pensar em uma única teoria nova sequer. Tentou, mas estava ficando mais difícil se concentrar. Havia algo de muito errado com seu coração, que batera mais rápido da primeira vez que falou com Jacks, mas agora era quase como se ela tivesse dois corações – a pulsação estava enlouquecendo, batendo dolorosamente em seu peito, como se estivesse prestes a ficar sem batidas.

Quando olhou de novo para Apollo, seu coração começou a bater. *Beija. Beija. Beija.*

Não parecia tanto um desejo dela, mas mais uma necessidade.

Apollo estava tão perto que Evangeline podia dar um único passo, inclinar a cabeça e encostar os lábios nos do príncipe. E, mesmo assim, ela não conseguia fazer isso. Pelo menos, não até tentar entender por que Jacks havia armado aquela situação.

Em vez de beijá-lo, Evangeline conseguiu dizer:

– Faz tempo que você conhece Jacks?

O sorriso ousado do príncipe se desfez.

– Não estou acostumado a damas subirem aqui e me perguntarem sobre outros rapazes – respondeu Apollo.

– Por favor, não confunda minha pergunta com interesse por Jacks. Não me interesso por Jacks...

– E, apesar disso, você não para de dizer o nome dele.

As palavras de Apollo soaram como uma brincadeira, mas seu olhar disse o contrário. O príncipe a olhava do jeito que Evangeline imaginava que os retratos ficavam olhando para as pessoas quando elas viravam as costas. Fim dos sorrisos magnéticos. Fim dos olhos castanhos com ar sensual. Aquele olhar era o equivalente a pegar uma faca e incliná-la para que refletisse a luz.

Pelo jeito, a autoconfiança do príncipe Apollo tinha seus limites. Ou, talvez, ele não fosse tão autoconfiante assim, afinal de contas. Talvez Apollo e Jacks fossem mais rivais do que amigos. Talvez fosse esse o motivo para aquilo tudo. Evangeline ainda não conseguia entender o que Jacks pretendia nem quais seriam as consequências daquele beijo, mas não teve tempo para descobrir.

Agora, seu coração não estava apenas batendo, estava doendo, palpitando. Jacks havia dito que ela morreria se não beijasse o príncipe até o fim da festa e, apesar de a festa não ter terminado, Evangeline sabia que aquele encontro terminara. A postura de Apollo estava mudando: ele estava prestes a dispensá-la. Logo daria as costas e se afastaria sem dizer mais uma palavra. Se quisesse beijá-lo, aquela era sua última chance.

A jovem ergueu os olhos, procurando os lábios do príncipe. Mas, por algum motivo, seu olhar passou por cima dos ombros largos de Apollo e pousou em Jacks. Que estava encostado no corrimão do camarote, girando uma moeda de prata entre os dedos compridos.

Os cantos dos lábios do Arcano se retorceram muito sutilmente, e ele continuou a virar a moeda, dizendo, sem emitir som: “Será que ela vai beijá-lo? Será que ela vai morrer? Será que ela vai beijá-lo? Será que ela vai morrer?”.

Evangeline morreria um dia, mas não seria naquela noite.

Ela concentrou o olhar em Apollo. Viu pontinhos pretos, que transformavam o príncipe em um borrão de pavor.

– Sinto muito.

Então esticou o braço e segurou o rosto de Apollo, ficou na ponta dos pés e encostou os lábios dela nos dele.

Apollo não se mexeu.

O coração de Evangeline deu um pulo. Aquilo não estava funcionando. O príncipe ia se afastar e chamar os guardas, que certamente atirariam nela, a prenderiam ou a expulsariam da festa, arrastando a jovem pelo cabelo. Mas, em vez de empurrá-la para longe, Apollo pressionou os lábios contra os de Evangeline, como se fosse assim que costumasse terminar suas conversas com visitas do sexo feminino e como se não fosse nenhuma surpresa o fato de aquela garota querer um beijo de despedida.

O príncipe levou a mão quente à cintura dela, puxou-a mais para perto e pôs a língua dentro de sua boca, acariciando a língua de Evangeline como se estivesse dando um presente de despedida.

Ela ficou com as bochechas quentes ao pensar que Jacks estava observando aquele beijo, mas não se afastou do príncipe. A técnica de Apollo era melhor do que a de Luc, que sempre era um pouco afoito demais. E, apesar disso, tudo no modo como Apollo a tocava parecia mais ensaiado do que apaixonado.

Por um instante fugaz, Evangeline se perguntou se o príncipe havia convocado pintores para capturar o beijo dos dois, se era por isso que tinha a leve sensação de que tudo era um teatro.

Apollo pressionou suavemente os dedos nas costas de Evangeline, aplicando apenas a força suficiente para que ela sentisse uma pontada de surpresa.

– Adeus, senhorita Raposa – murmurou o príncipe, com os lábios ainda encostados nos dela. – Gostei disso mais do que eu imaginava que iria gostar.

Ele fez que ia se afastar, mas então apertou mais a cintura de Evangeline.

E a beijou de novo. Os lábios do príncipe pressionavam os da jovem avidamente, e sua outra mão deslizou pelo cabelo dela, destruindo os cachos que Jacks já bagunçara, em um beijo fervoroso. O beijo do príncipe tinha gosto de luxúria, de noite e de algo perdido que deveria ter continuado assim.

O coração de Evangeline se transformou em um tambor, que foi batendo cada vez mais alto e rápido à medida que Apollo pressionava o corpo contra o dela. Havia camadas de roupa entre os dois, mas ela era capaz de sentir o calor que emanava do corpo do príncipe. Com Luc, jamais sentira tamanho calor. Era quase quente demais, ávido demais. Apollo ardia feito uma fogueira que consome em vez de esquentar. E, ainda assim, pelo menos em parte, Evangeline queria ser carbonizada ou, pelo menos, chamuscada pelo príncipe.

Ela pôs as duas mãos em volta do pescoço de Apollo.

A boca do príncipe se afastou dos lábios dela e foi até seu pescoço, dando um beijo depois do outro, descendo por...

Uma mão gelada apertou o ombro de Evangeline e a arrancou dos braços do príncipe.

– Acho que está na hora de ir embora.

Jacks puxou Evangeline até a escada do camarote com uma agilidade sobrenatural. Em um instante, ela só conseguia sentir Apollo e, no seguinte, estava presa debaixo do braço rígido do Príncipe de Copas, pressionada contra a lateral do corpo gelado dele, que a foi puxando escada abaixo.

– Continue andando – ordenou o Arcano. A cor de seus olhos havia mudado, de um gelo sem alma para o mais vivo dos azuis. – Não olhe para trás.

Mas é claro que Evangeline teve que olhar para trás. Ela precisava ver o que acabara de fazer.

Apollo continuava parado no mesmo lugar – felizmente, ainda estava bem vivo –, mas não parecia estar lá muito bem. Ficou parado no meio do camarote, passando o dedo nos lábios. Passava e repassava o dedo, como se o gesto pudesse revelar ao príncipe o que tinha acabado de acontecer e por que tinha perdido o controle com uma garota que chegara a pensar em dispensar.

Evangeline ficou se perguntando a mesma coisa.

Apollo cruzou o olhar com ela. Ainda havia brasas de calor no olhar do príncipe, mas ela não conseguia distinguir se eram de paixão ou de raiva.

– Jacks, o que foi que você fez? – sussurrou ela.

– Eu não fiz nada, Raposinha. Você é quem fez. E, amanhã à noite, fará ainda mais.



---

## O Boato Diário

(continuação da página 1)

**E**vangeline Raposa tem feito jus à sua reputação de curinga!

Enquanto a maioria das damas presentes no jantar de ontem à noite ficaram se pavoneando para o príncipe Apollo, Evangeline Raposa foi vista nos braços perversos de um dos amigos íntimos do príncipe.

Não sei se Evangeline ouviu os boatos de que Apollo pode não escolher uma noiva e, por isso, apostou suas fichas em outro alguém. Ou se apenas espera causar ciúme no príncipe. Mas, ao que parece, eu tinha razão, quando a chamei de "aposta arriscada".

---



**E**vangeline tentou ignorar os sussurros das pessoas próximas e aquele buraco permanente em seu estômago. Estava no Magnífico Norte, terra dos contos de fadas que a mãe contava, cercada por paisagens fantásticas, e prestes a apreciar uma maçã assada por um dragão. Mas os murmúrios eram como vilões no final de uma história. Simplesmente não morriam.

– É ela, aposto um dragão que é.  
– Li que ela beijou um amigo do príncipe Apollo ontem à noite...  
– Ignore – disse Marisol, lançando um olhar mordaz impressionante para a fila de pessoas que murmuravam atrás das duas. – Já deviam saber que não podem acreditar em tudo que leem nos tabloides – completou, bem alto.

E Evangeline amou a irmã postiça só um pouquinho naquele momento. Por mais que boa parte do que Kristof escrevera a seu respeito no jornal matutino fosse verdade. A jovem fora vista em uma posição escandalosa com Jacks. O Arcano a abraçara como se fosse beijá-la, grudara as costas de Evangeline na mesa e depois pintara seus lábios com o próprio sangue. Só de pensar, ela ficava com o estômago embrulhado.

Marisol acreditara que era tudo mentira assim que vira o jornal, e Evangeline não desmentiu. Simplesmente tentou esquecer o acontecido quando ela e a irmã postiça saíram de manhã para aproveitar ao máximo a estadia no Norte, visitando diversas lojinhas dos pináculos. Marisol procurou receitas típicas do Norte e ingredientes raros, e Evangeline queria encontrar as coisas improváveis mencionadas nas histórias de sua mãe, como as maçãs carameladas assadas por dragões que as duas estavam esperando para comer.

Sua mãe costumava dizer que o fogo de dragão deixa tudo mais doce. As maçãs assadas por dragões, teoricamente, tinham gosto de amor verdadeiro. A fila para comprar essas delícias era tão grande que Evangeline e Marisol já esperavam havia quase meia hora. E, durante todo esse tempo, os moradores locais ainda fofocavam a respeito de Evangeline e do suposto beijo que dera no amigo de Apollo.

No fundo, ficou aliviada ao saber que essa era a fofoca do dia. Poderia ser muito pior. Na noite anterior, fora embora da festa temendo que o beijo que realmente dera em Apollo o tivesse enfeitiçado. Ela meio que ficara apavorada, achando que abriria os tabloides naquela manhã e descobriria que algo terrível havia acontecido com o príncipe. Mas a única coisa que havia mudado era sua própria reputação, e as coisas que as pessoas andavam falando nem eram lá tão terríveis. Mesmo assim, deixavam a jovem nervosa.

Evangeline se perguntou, mais uma vez, o que Jacks pretendia de fato com aquilo. Sentira que havia uma rivalidade entre Jacks e Apollo. Só não entendia por que ela se encaixava nisso. O Príncipe de Copas só podia querer tirar algum proveito do beijo que Evangeline havia dado no príncipe. Mas que proveito era esse?

Ela então passou a mão no pulso. Apenas duas cicatrizes em forma de coração partido continuavam ali. A terceira havia desaparecido depois do beijo da noite anterior. Jacks dera a entender que cobraria mais um beijo naquela noite. Mas, antes, precisaria encontrá-la e, naquela noite, a garota não pretendia permitir que o Arcano a encontrasse.

Não comparecer à primeira noite do Sarau Sem Fim estava fora de questão. As fofocas matutinas até poderiam ter diminuído suas chances de conquistar Apollo, mas Evangeline não queria acreditar que haviam acabado com elas. Algo acontecera entre os dois quando se beijaram. A única questão era: será que o calor daquele beijo entre ela e o príncipe fazia parte do plano de Jacks ou era algo que ele não esperava? Evangeline não sabia a resposta, mas esperava reencontrar Apollo naquela noite e descobrir antes que o Príncipe de Copas a encontrasse.

– Sal! Compre seus sais e temperos! – gritou um ambulante, empurrando um carrinho pesado pelas ruas de paralelepípedos. – Importados das minas do Norte Glacial. Eu tenho doce, eu tenho salgado...

– Evangeline, você vai me odiar se eu te deixar aqui sozinha? – perguntou Marisol, lançando um olhar de desejo para o carrinho de sal. – Eu adoraria levar para casa uns temperos glaciais.

– Pode ir – respondeu Evangeline. – Vou pegar uma maçã para você.

– Não precisa. Eu não quero, na verdade. – Marisol já estava se afastando.

Evangeline teve a sensação de que, apesar de a irmã postiça estar gostando do Norte, ainda não tinha superado o incômodo que sentia ao ficar perto de todos aqueles pequenos dragões.

– Ainda estou empapuçada por causa das tortas de *goblin* que compramos há pouco – disse Marisol. – Mas você precisa comer uma! A gente se encontra na stalagem.

Antes que Evangeline pudesse discutir, chegou sua vez na fila, e Marisol estava a caminho de transformar seus sonhos de sais importados em realidade.

– Prontinho, moça!

O vendedor entregou a ela uma maçã chamuscada espetada em um palito, ainda com faíscas de fogo de dragão.

A parte de fora da maçã era caramelada em um tom de dourado e, quando finalmente esfriou ao ponto de Evangeline conseguir morder, ela sentiu uma doçura quente, ardente, com gosto de Jacks...

Ela fechou os olhos e soltou um palavrão.

De repente, não queria mais a maçã.

Uma dupla de dragões azuis sarapintados e sem dono voejou na altura das suas mãos, e ela lhes entregou o doce. Em seguida, foi se dirigindo às lojas da parte mais alta dos pináculos.

O pôr do sol se aproximava. O céu era uma névoa de luz cor violeta e nuvens cinzentas, dizendo que era hora de voltar para o quarto da stalagem A Sereia e as Pérolas e se arrumar para o Sarau Sem Fim. Só que Evangeline ainda não estava disposta a ir.

Ela e Marisol deviam ter entrado em pelo menos cinquenta lojas naquele dia, e Evangeline teve vontade de voltar a uma delas. Achados e Perdidos – Histórias & Outras Excentricidades. A fachada era malcuidada, coberta com tinta desbotada. Mas, quando ela olhou pela vidraça empoeirada, reparou em um livro que jamais chegara a ser exposto em uma prateleira fora do Norte: *A balada do Arqueiro e da Raposa*.

A história que sua mãe costumava contar, a história da qual Evangeline jamais ouvira o verdadeiro final. Ficou muito empolgada quando viu o livro, mas então reparou no seguinte aviso:

*Sai para almoçar  
Devo voltar uma hora ou outra*

Infelizmente, pelo jeito, “uma hora ou outra” ainda não havia chegado. O aviso ainda estava apoiado na porta toda riscada. Ela bateu, no caso de o proprietário ter retornado e simplesmente ter se esquecido de tirar o aviso, destrancar a porta e ligar qualquer uma das luzes.

- Oi?
- A porta não vai te responder.

Evangeline levou um susto quando virou para trás e percebeu o quanto os pináculos haviam crescido e o quanto a noite se apossara do crepúsculo mais rápido do que deveria. O soldado parado diante dela parecia ser mais uma sombra do que um homem. Ela teria corrido se não tivesse reconhecido o penoso elmo de bronze que tapava tudo, menos os olhos, as ondas do cabelo e a ossatura impressionante do rosto. Era o soldado que estava de guarda no arco na noite anterior. Aquele que a chamara, brincando, de “princesa” e a deixara encantada, apenas de leve. Mas, naquele momento, o homem não pareceu tão encantador.

- Por acaso você está me seguindo? – perguntou Evangeline.
- E por que eu estaria seguindo você? Por acaso está planejando roubar os contos de fadas?

O soldado falou isso em tom de piada. Mas havia um brilho predatório em seu olhar, como se desejasse que Evangeline estivesse ali para roubar alguma coisa, para que a jovem saísse fugindo, e ele pudesse sair à sua caça.

Disfarçadamente, Evangeline deu uma olhada para trás dele, para ver se tinha mais alguém por perto.

O soldado fez *tsc-tsc-tsc* baixinho.

– Se está procurando alguém para te ajudar, não vai encontrar por aqui. E você tampouco deveria estar aqui. – Seu tom de preocupação foi algo inesperado. Mas a presença daquele homem continuava inquietando Evangeline, enquanto ele erguia a cabeça na direção de todos os degraus, que

agora terminavam em blocos errantes de neblina, e para as pontes estreitas que desapareciam na escuridão, que tomara o lugar das vitrines das lojas. – Não é seguro andar pelos pináculos à noite. Muitas pessoas que se perdem por aqui jamais são encontradas.

Então fez sinal com a cabeça para a porta atrás de Evangeline.

Por instinto, ela se virou. Agora, estava quase escuro demais para ler o aviso, mas Evangeline conseguia enxergar que o papel estava velho e amarelado. A partir daquele momento, ela sempre ficaria imaginando se aquele aviso estava pendurado naquela porta havia mais tempo do que apenas um dia.

Quando se virou novamente, o soldado misterioso havia sumido. E ela não esperou para ver se o homem reapareceria. Voltou correndo, descendo a escadaria mais próxima, tropeçando na própria saia mais de uma vez.

Podia jurar que ficara nos pináculos por menos de uma hora, mas devia ter passado mais tempo. Os postes de gás haviam se acendido, e as ruas estavam cheias de carruagens, todas levando pessoas para o Sarau Sem Fim.

Marisol já estava pronta para sair quando Evangeline finalmente chegou ao quarto da estalagem.

Como sua irmã postiça adorava fazer bolos, a imperatriz havia enviado para ela um vestido longo vaporoso, com decote de ombro a ombro e borda em ondas, além de uma saia dupla que parecia ser feita de uma camada de mel e outra de açúcar cor-de-rosa.

– Parece que você nasceu para ir a bailes – comentou Evangeline.

Marisol ficou radiante, mais radiante do que jamais ficara lá no Sul.

– Já deixei seu vestido esticado em cima da cama.

– Obrigada. – Evangeline teria dado um abraço na irmã postiça, mas não queria amassar o vestido dela. – Só preciso de um minutinho.

Evangeline tentou se arrumar rápido. Não tinha tempo para fazer cachos no cabelo com o ferro quente modelador, mas deu um jeito de fazer uma trança em cascata rápida, decorada com as flores de seda que havia comprado naquele dia.

Seu vestido para aquela noite imitava a treliça de flores do jardim de sua mãe, onde ocorreria o casamento de Marisol cujos convidados a jovem havia salvado. Mas quem olhasse para ela não pensaria nisso. A base do corpete de Evangeline era de uma seda cor da pele, o que dava a impressão de que seu

corpo era envolto apenas pelas fitas cruzadas de veludo creme, que iam até a altura dos quadris. Nesse ponto, flores em tons pastel começavam a aparecer e ficavam mais densas, até que cada centímetro de sua saia de baixo estivesse coberto de uma mistura vibrante de violetas de seda, peônias de pedras preciosas, lírios de tule e ramos retorcidos e salpicados de detalhes dourados que pareciam estampa de caxemira.

– Prontinho...

Evangeline gelou quando chegou à saleta e encontrou a irmã postiça parada feito uma estátua, segurando uma folha de jornal em preto e branco.

– Alguém passou isso por baixo da porta – disse Marisol, dando um gritinho, com os nós dos dedos brancos de tanto apertar o papel, amassando-o, antes que Evangeline conseguisse arrancá-lo dela.



---

## O Boato Diário

### CUIDADO COM A NOIVA AMALDIÇOADA

*Por Kristof Knigblinger*

**O**uvi um boato que Evangeline Raposa, a famosa Queridinha Salvadoria de Valenda, não é a única dama bem conhecida que veio do Sul para as festividades. Ao que parece, Marisol Tourmaline, a famigerada Noiva Amaldiçoada de Valenda, está aqui para arruinar o Sarau Sem Fim.

As chances de Evangeline conquistar o príncipe agora podem estar em xeque, depois do showzinho de ontem à noite. Mas parece que a Noiva Amaldiçoada tem tanta inveja dela que

está determinada a destruir qualquer chance que a srta. Raposa tenha de se casar com o príncipe e se tornar nossa próxima rainha. Minhas fontes avistaram a srta. Tourmaline hoje em diversas lojas de feitiço e bruxaria de primeira linha dos pináculos, procurando modos de transformar Evangeline em pedra novamente.

A Noiva Amaldiçoada, sem dúvida, estará presente nas festividades de hoje à noite. Se você a vir, cuidado...

*(continua na página 3 ¾)*

---

**E**vangeline amassou o jornal.

Por que alguém teria dado aquilo a elas duas? Não conseguia acreditar que alguém tivesse sido cruel suficiente para passar aquela notícia por baixo da porta e ficou decepcionada ao saber que as mentiras a respeito de Marisol haviam seguido a garota até ali.

Sua irmã postiça saíra sozinha naquela tarde. Mas, ainda que tivesse entrado em uma loja de feitiços, como Kristof alegava, devia ter sido por puro acaso: Marisol deve ter pensado que era uma loja de ingredientes exóticos. Ela morria de medo de magia, a ponto de nem pôr os pés na loja de curiosidades do pai de Evangeline.

– Agora não posso ir mais.

Marisol se encolheu em uma poltrona em formato de concha e começou a puxar os botões de suas luvas compridas de seda.

– Pare com isso. – Evangeline segurou uma das mãos da irmã postiça antes que ela destruísse completamente as bainhas. – Todo mundo sabe que as coisas que saem nos tabloides não são verdade. Você mesma falou isso hoje. As pessoas leem para se divertir, não para se informar.

– Mas tem gente que acredita – resmungou Marisol. – Sempre tem uma ponta de verdade nesses jornais, o que basta para as mentiras parecerem verdade. Se eu aparecer na festa hoje à noite, como disse o jornal, as pessoas vão achar que é uma prova de que todo o resto que publicaram sobre mim está correto.

– Então mostre que estão erradas. *Quando* você aparecer na festa e eu não virar pedra, vão saber que você não está planejando me enfeitiçar.

– E se alguma outra coisa terrível acontecer e eu levar a culpa?

Evangeline queria dizer para a irmã postiça que ela não precisava se preocupar com desastres se abatendo sobre o Sarau Sem Fim. Mas não estava em condições de fazer essa promessa, até porque Jacks estaria lá.

– Na probabilidade ínfima de uma catástrofe acontecer esta noite, é mais provável que você leve a culpa se não aparecer na festa. É fácil transformar uma sombra em vilão, mas qualquer um que te conhecer perceberá o quanto você é atenciosa, bondosa e gentil.

– Acho que você acredita demais em mim – disse Marisol. Então fungou e continuou: – Deixa, vou ficar aqui. Você está parecendo uma princesa de verdade com esse vestido e, se me levar, vou mesmo acabar com as chances que restam para você se tornar uma princesa. Ninguém quer ter uma cunhada amaldiçoada.

– Você não é amaldiçoada. E eu não estou preocupada com o que vai ou não vai acontecer com o príncipe.

A jovem ficou tentada a dizer que, depois do que haviam publicado sobre ela nos tabloides matutinos, suas chances de ficar com Apollo eram mínimas. Mas Evangeline não acreditava nisso de fato. Acreditava que ainda tinha chances de conquistar Apollo ou de encontrar algum outro final feliz maravilhoso. E acreditava que a mesma coisa aconteceria com Marisol. Sua irmã postiça não era o que os boatos e as mentiras publicadas a seu respeito diziam. E, se ela e Marisol aparecessem na festa juntas, sorrindo, felizes e destemidas, as pessoas poderiam enxergar a verdade e parar de acreditar em todas aquelas mentiras.

– Um dos motivos pelos quais eu aceitei fazer essa viagem foi porque eu queria trazer você. Achei que, se viesse para cá comigo, poderia reencontrar sua autoconfiança e, quem sabe, um recomeço. O Sarau Sem Fim não é apenas um baile, é uma oportunidade de entrar em um conto de fadas, de mudar o curso de sua vida e de encontrar oportunidades que certas pessoas procuram por uma vida inteira. Essa é uma noite para reinventar quem você é, para encantar a todos que você vir, e para provar, a quem for tolo o suficiente para acreditar nos jornais de fofoca, que você não tem inveja de mim a ponto de ter arquitetado um plano mágico para me fazer voltar a ser pedra.

– Quando você fala desse jeito, eu até pareço poderosa. – Marisol fungou de novo. Mas, desta vez, foi algo um tantinho mais próximo de uma risada.

Ela estava começando a mudar de ideia. Sua voz estava mais leve, e o tom correto de rosa coloria suas bochechas.

– Vou com você ao baile, mas só porque é muito bobo de minha parte pensar que eu poderia acabar com as suas chances de conquistar o príncipe, já que você está tão linda. Aposto que vai receber cinco pedidos de casamento antes de o príncipe escolher a primeira dama com quem vai dançar hoje à noite.

Marisol esticou um dos dedos enluvados e encostou em uma das centenas de flores de seda presas às saias de Evangeline.

– Ah, não! – A violeta de tecido em que Marisol tocou se soltou do vestido.  
– Ai, desculpa...

– Não tem problema – garantiu Evangeline. – Não dá para notar.

O vestido tinha tantas flores que seria preciso olhar muito de perto para perceber a violeta que faltava. E, mesmo assim, os olhos de Evangeline se voltaram para o ponto da saia que fora estragada, onde antes havia uma flor.

Cinco fios roxos estavam soltos. Fios grossos, que não deveriam se romper com tanta facilidade.

Será que Marisol arrancara a flor de propósito?

Evangeline tentou ignorar esse pensamento maldito assim que ele surgiu. Essa dúvida era apenas fruto da coluna de Kristof que a atingia, trazendo à tona algumas das suspeitas que Evangeline tentara deixar para trás, lá no Sul. Marisol não era sua inimiga. A irmã postiça jamais faria mal de propósito a ela, nem estragaria seu vestido.

Só que a dúvida era como o sal. Não precisava muito, mas alterava o gosto de seus pensamentos. Ela se lembrou da sombra que cobriu o rosto de Marisol no dia anterior, depois de ler o tabloide declarando que Evangeline era uma das favoritas. E a irmã postiça tinha mesmo saído sozinha naquela tarde. Ela ainda queria acreditar que, se Marisol tivesse mesmo entrado em uma loja de feitiços, fora por mero acaso. Mas e se Marisol tivesse um pouco de inveja? E, por isso, tivesse entrado na loja, apesar do medo que tinha de magia?

– Damas, espero que as duas estejam prontas. Está na hora de ir! – A voz simpática de Frangelica acompanhou duas batidas alegres na porta do quarto das duas.

Um minuto depois, as três já estavam saindo da estalagem em direção à carruagem puxada por quatro cavalos pretos, tão sombrios quanto as dúvidas que Evangeline ainda tinha. Ela realmente não queria pensar o pior da irmã postiça. Mas a verdade é que as observações que Kristof fizera a respeito de Evangeline na noite anterior foram quase que inteiramente corretas. Sendo assim, também era possível que ele tivesse escrito a verdade a respeito de Marisol.

– Mil desculpas. – Evangeline parou de repente antes de entrar na carruagem. Se Kristof tivesse razão a respeito de Marisol, ela precisava saber antes de chegar ao baile. – Acho que deixei minhas luvas no quarto. Já volto.

Voltou correndo para a estalagem e subiu os degraus como se fosse um borrão de saias cheias de flores que não haviam sido feitas para correr. Precisava ser rápida e precisava garantir que a irmã postiça não viria atrás dela. Se estivesse enganada a respeito de Marisol – e Evangeline tinha quase certeza de que estava –, não queria que a irmã postiça a pegasse no flagra, procurando

livros de feitiço no quarto. Se ela descobrisse que até Evangeline se sentira tentada a acreditar no que Kristof Knightlinger havia escrito, ficaria arrasada.

Assim que entrou no quarto, passou reto pela mesinha da saleta, onde deixara intencionalmente as luvas, e foi direto para o quarto de Marisol. O fogo ainda ardia na lareira, lançando uma luz quente no quarto, que era exatamente igual ao de Evangeline, com a diferença do aroma de chantili e baunilha que sempre acompanhava sua irmã postiça.

Encontrou livros, mas não pareciam ser de natureza mágica. Os únicos volumes que Evangeline encontrou foi em uma pilha de belos livros de cozinha cor-de-rosa na mesinha de cabeceira.

*Receitas do antigo Norte: traduzidas pela primeira vez em quinhentos anos*

*Como cozinhar igual a um goblin confeiteiro*

*Sal doce: o ingrediente secreto de tudo*

– Evangeline...

O tempo parou quando ela ouviu a voz de Marisol.

Evangeline se virou e deu de cara com a irmã postiça parada na soleira da porta arredondada.

Parecia que todos haviam resolvido pegá-la de surpresa naquele dia. Não... Evangeline logo se corrigiu. Marisol não a pegara de surpresa. A jovem apenas estava tão concentrada em suas suspeitas de que a irmã postiça praticava bruxaria que não a ouviu entrar.

– O que você está fazendo no meu quarto?

Uma ruga minúscula e confusa se formou, curvada como uma vírgula, entre as sobrancelhas delicadas de Marisol.

– Desculpe... Eu... – Evangeline lançou um olhar frenético em volta do quarto, enquanto procurava algo para dizer. – Por acaso você viu minhas luvas?

– São essas aqui que você está procurando? – Marisol mostrou um par de luvas creme. – Estavam na mesinha da saleta.

– Que tonta que eu sou.

Evangeline deu risada, mas o som de seu riso deve ter sido tão pouco convincente quanto o sorriso que Marisol deu.

A vírgula entre as sobrancelhas de Marisol se transformou em algo parecido com um ponto de interrogação. Agora era ela quem estava em dúvida. A expressão não durou muito, mas foi o suficiente para fazer Evangeline lembrar que estava escondendo mais do que apenas seus motivos para ter entrado naquele quarto. Ao contrário da irmã postiça, a jovem tinha, sim, segredos a esconder. E, se Marisol um dia descobrisse quais eram, ela ficaria muito mais magoada por causa deles do que pelas dúvidas passageiras da irmã – e esses segredos arruinariam Evangeline completamente.



**N**a noite anterior, quando Evangeline desceu da carruagem, só viu algumas nuvens de neblina e o arco. Mas, quando ela e Marisol chegaram à primeira noite oficial do Sarau Sem Fim, a jovem mal enxergou o novo arco feito para aquela noite, em meio a tantos malabaristas musculosos equilibrando machados e acrobatas dando cambalhotas no lombo de cavalos usando armadura.

A música dos menestréis vestidos com mangas bufantes flutuava em volta de homens de cabelo branco vestidos de feiticeiros, com longas vestes prateadas e grandes caldeirões cheios de tudo, de cidra borbulhante de *cranberry* a um ponche espumante da sorte. Mas, ao que parecia, a maioria das pessoas era atraída pela mulher ao lado, que vendia garrafas de cor de pedra preciosa das Sensacionais Águas Saborizadas Sucesso.

Evangeline nem sequer entrara no baile e já tinha a sensação de estar no início de um conto de fadas do Norte, quando tudo é só um pouquinho mais do que deveria ser. A felicidade parecia palpável, a magia no ar tinha gosto, e o céu parecia estar um pouco mais próximo da terra. Pensou que, se tivesse uma adaga, poderia ter cortado uma fatia daquela noite, como se fosse um bolo, e roubado um pedaço dela para ficar mordiscando toda aquela maravilhosa escuridão.

Apesar de se encolher sutilmente ao ver algumas daquelas coisas levemente mágicas, Marisol também dava a impressão de estar se divertindo. O constrangimento e as dúvidas haviam sumido, e Evangeline torcia para que nada naquela noite fizesse essas duas coisas voltarem à tona.

Deu uma rápida olhada em volta procurando por Jacks, e ficou aliviada ao perceber que ele não estava entre a multidão que se apinhava para passar por

baixo do arco daquela noite. Não que ela fosse capaz de imaginar o Arcano fazendo fila para alguma coisa. Se o Príncipe de Copas estivesse ali, provavelmente já deveria ter entrado no baile, encostado em uma árvore, indolente, jogando sementes de maçã no chão.

As borboletas dormentes dentro de Evangeline começaram a estremecer. Ela realmente esperava ver Apollo antes que Jacks notasse sua presença.

Na fila, só havia mais duas pessoas na frente dela e de Marisol. Duas garotas usando vestidos cujo corpete era formado por lombadas de livros de couro e saias feitas de páginas de histórias de amor.

Evangeline ouviu a primeira garota-livro dar uma risadinha ao se aproximar da entrada. Era um arco diferente do que havia na noite anterior. As palavras “Que você encontre o seu final feliz” estavam gravadas no topo em letras garrafais. E, no lugar dos símbolos variados, havia duas figuras humanas entalhadas, uma em cada lado: um noivo e uma noiva. O rosto forte do noivo era o do príncipe Apollo, mas o da noiva mudava, assumindo a aparência da próxima garota prestes a entrar no baile.

Evangeline pôde ver o puro deleite no rosto das garotas que entraram logo antes dela. A esperança irradiava das duas, clara como a luz que atravessa uma vidraça. E, sem dúvida, ambas imaginavam que o príncipe Apollo poderia escolher uma delas.

Talvez esta fosse a verdadeira magia do Sarau Sem Fim: não os menestréis nem os magos, mas a incrível esperança que todos encontravam. Havia algo de fantasticamente encantador na ideia de que o destino de alguém poderia mudar em uma única e maravilhosa noite. Evangeline sentiu esse poder quando ficou debaixo do arco.

Uma corrente de vento quente roçou sua pele, e ela ouviu uma voz rouca sussurrar: “Estávamos esperando por você...”.

Mais um passo, e o ar ficou condimentado pelo aroma da cidra quente com frutas e especiarias e das possibilidades. Evangeline ficou tensa ao sentir um leve aroma de maçã. Mas as duas cicatrizes que restavam no seu pulso não estavam ardendo, e ela não viu nenhum rapaz dolorosamente belo com cabelo cacheado azul-escuro.

Naquela noite, ela estava no salão de baile de um castelo de pedra envelhecido e jamais vira tanto encantamento no rosto de tantas pessoas. A

maioria das damas – e vários dos cavalheiros – parecia estar olhando para cima, para as tapeçarias e camarotes decorativos, à procura de Apollo, o príncipe herdeiro. Mas o mesmo número de pessoas estava se jogando na festa, literalmente.

Em volta de todo o salão, havia portas altas com palavras no meio delas, como “sorte”, “mistério” e “aventura”, gravadas a ferro e fogo. Evangeline ficou observando uma dupla de rapazes de mãos dadas passar pela porta onde estava escrito “amor”. Logo atrás deles, uma garota, de cabelo tom de palha enfeitado com uma coroa de papel, respirou bem fundo e pisou em um enorme tabuleiro de xadrez preto e branco. Havia outros jogadores no tabuleiro, alguns usavam batinas de bispo por cima dos gibões coloridos, outros vestiam luvas de peão ou adereços que os identificavam como peças. Eles jogavam uma espécie de xadrez, no qual as peças humanas se beijavam em vez de expulsar umas às outras do tabuleiro.

Evangeline sentiu-se corar de curiosidade ao ver um peão aos beijos com um cavaleiro vestido de couro preto.

– Até que o jogo é divertido – disse LaLa, que surgiu ao seu lado em uma faísca de ouro reluzente e laranja. Seu vestido sem alças combinava com as tatuagens de fogo de dragão que tinha nos braços negros, e a fenda de sua saia brilhava em torno de sua perna à mostra, como se estivesse em chamas.

– Você está maravilhosa! – declarou Evangeline. – As velas do mundo todo devem estar com inveja.

– Obrigada! Sempre quis deixar o fogo com inveja. – LaLa fez uma mesura discreta. – Agora vou voltar para o jogo – completou, inclinando a cabeça na direção do tabuleiro de xadrez, onde a garota que usava a coroa de papel estava na ponta dos pés, prestes a beijar um rapaz que vestia a capa preta de bispo. As mãos da jovem estavam tremendo, mas suas bochechas estavam coradas de empolgação. E o garoto parecia estar quase tão nervoso quanto ela. Ficou completamente parado. Evangeline não soube dizer se o rapaz estava com medo do beijo ou de que a garota mudasse de ideia.

Evangeline se perguntou se aquele jogo poderia ser uma coisa boa para sua irmã postiça, se poderia aumentar sua autoconfiança. Só que, pelo jeito, Marisol ainda não havia cruzado o arco.

– Você vai tentar jogar? – perguntou LaLa.

– Acho que nem sequer entendi como funciona – respondeu Evangeline.

– Não tem muitas regras no xadrez do beijo. Cada lado tem um jogador que movimenta as peças humanas, casando-as com peças do lado adversário, até que um dos pares decida que prefere se beijar do que beijar outra pessoa.

– E esse jogo tem um vencedor ou é só uma desculpa para as pessoas se beijarem?

– E por acaso faz diferença? São beijos... – completou LaLa, soltando um suspiro.

– Por que você não joga?

– Eu jogaria, mas não posso deixar de tentar a sorte com o príncipe Apollo.

Ela fez questão de levantar o rosto em direção a um camarote vazio e fixou o olhar lânguido de maneira afetada.

Evangeline tirou um instante para observar o baile como um todo, procurando um príncipe diferente. Seria muito fácil se deixar levar pela noite de gala, mas precisava permanecer vigilante. As cicatrizes em seu pulso ainda não estavam ardendo, mas era difícil acreditar que Jacks ainda não havia chegado. Pelo jeito, todo mundo já tinha chegado. O castelo estava ficando lotado de gente mais rápido do que água invadindo um navio que afunda.

Talvez só precisasse procurar melhor. Seus olhos foram de cavalheiro em cavalheiro, percorrendo o salão de baile lotado até que... Jacks.

Seu coração bateu mais forte.

O Arcano estava perto do início da pista de dança, espreguiçado em um divã e jogando uma maçã preta para cima, com uma das mãos.

Ele parecia uma péssima decisão que uma pessoa desafortunada estava prestes a tomar. Seu cabelo azul-noite estava bagunçado, e sua meia capa de zibelina estava torta em um dos ombros de um jeito ousado, revelando um gibão cinza-chumbo parcialmente abotoado.

O Príncipe de Copas jogou a maçã no chão e se levantou do divã. Ele se aproximou de uma garota que estava por perto, usando um vestido vaporoso em um tom de açúcar rosa. Uma garota que tinha uma semelhança perturbadora com Marisol.

Evangeline piscou, como se, assim, pudesse mudar o que estava diante de seus olhos e fosse ver Jacks conversando com a cascata de ponche cor-de-rosa, e não com aquela garota. Mas, com toda a certeza, a jovem era Marisol e estava

tão radiante que Evangeline praticamente podia enxergar seu brilho do outro lado do salão de baile.

*Quando ela entrou na festa?*

Evangeline presumira que o arco teria posicionado sua irmã postiça exatamente no mesmo lugar que ela, mas, das duas, uma: ou isso não tinha acontecido, ou Marisol atravessara o baile porque não conseguira ver Evangeline e foi direto até Jacks, como um coelhinho inocente que pula bem na frente de um caçador.

Evangeline ficou observando horrorizada sua irmã postiça dar um sorriso tímido. Jacks retorceu os lábios de forma tentadora, e fez uma mesura de cavalheiro para ela. Na noite anterior, o Arcano havia ignorado todo mundo, menos Evangeline e Apollo. Só que, pelo jeito, naquele momento estava tirando Marisol para dançar.

Um incômodo apertou o peito dela. De todos os rapazes que sua irmã postiça poderia conhecer no Sarau Sem Fim, por que tinha que ser Jacks? Duvidava que fosse mera coincidência. Ainda não fazia ideia de qual era o jogo que o Príncipe de Copas estava investindo, mas não poderia permitir que também arrastasse a pobre Marisol para aquela situação. Sua irmã postiça já havia sofrido demais.

Evangeline precisava ficar longe de Jacks, mas não podia permitir que ele fizesse mal a Marisol.

Virou-se para LaLa, prestes a pedir licença para se ausentar, bem na hora em que o castelo inteiro começou a tremer e a ribombar. Os camarotes de pedra se encheram de corneteiros, que usavam casacos cobre impecáveis.

Todos olharam para cima. Em seguida, dirigiram o olhar para a porta onde estava escrito “Majestade”, que se escancarou, e o príncipe herdeiro Apollo Acadian entrou no salão de baile em um impressionante cavalo dourado.

– Vossa Alteza!

– Príncipe Apollo!

– Amo você! – gritavam as pessoas, como se não conseguissem se controlar.

Apollo estava com uma aparência menos refinada do que na noite anterior. Dispensara a coroa e nem sequer usava um gibão. Naquela noite, estava vestido de caçador, com botas gastas, calças curtas em um tom de madeira, camisa sem

colarinho e colete de pele decorado com tiras de couro cruzadas, que seguravam um arco dourado e uma aljava de flechas contra sua coluna ereta.

Ele bem que poderia ser o arqueiro da lenda do Norte preferida de Evangeline, “A balada do Arqueiro e da Raposa”. O príncipe ficou vasculhando o salão de baile, com um olhar ardente, do mesmo nível de intensidade com o qual observara Evangeline ir embora de seu camarote na noite anterior.

– Acho que ele quer encontrar você! – comentou LaLa. Então pegou Evangeline pelo braço, a puxou para perto e falou, com a voz estridente: – Você deve ser a Raposa dele.

– E isso é bom ou ruim? – murmurou a jovem. – Continuo sem saber como essa história termina.

– Ninguém consegue se lembrar de como essa história termina, mas não tem importância. Apollo não está tentando recriar o conto. Está fazendo um gesto romântico!

Evangeline ficou sem palavras. Apollo devia ter se afetado de verdade pelo beijo da noite anterior. Ficou tentada a olhar para o Príncipe de Copas de novo, para ver o que ele estava pensando daquilo. Mas não conseguia tirar os olhos do príncipe herdeiro do Magnífico Norte, que se movimentava mais devagar por causa do corcel dourado, e parou no meio do salão de baile.

– Boa noite – declarou Apollo, e sua voz grave silenciou o ruído dos súditos.  
– Sei que devo tirar cinco damas para dançar, mas não poderei cumprir a tradição esta noite. – Ele ficou em silêncio por alguns instantes, parecendo levemente dividido. – Esta noite, só quero dançar com uma garota. – Seus olhos castanho-escuros finalmente cruzaram com os de Evangeline. E foi um olhar de pura avidez.

As pernas de Evangeline viraram geleia.

Por todo o salão, damas desmaiaram.

– Eu sabia! – falou LaLa, com um gritinho.

– Você está bem do meu lado. O príncipe pode estar olhando para você – sussurrou Evangeline.

– Você sabe tão bem quanto eu que não.

Mais desmaios se seguiram.

Apollo desceu do cavalo e foi se aproximando dela com uma autoconfiança inabalável, como só alguém que nunca foi rejeitado na vida poderia se

movimentar.

Evangeline soltou o braço de LaLa e deu um passo à frente, pronta para cumprimentar o príncipe com mesura.

Só que Apollo parou a alguns metros de distância e estendeu o braço para outra garota, uma jovem muito bonita, de vestido champanhe, com um longo cabelo liso e preto reluzente, enfeitado com um discreto diadema dourado.

Evangeline bem que poderia ter virado pedra.

LaLa rapidamente segurou seu braço de novo e a arrastou para o meio da multidão, mas não em tempo de evitar que ela ouvisse diversas gargalhadas e risadinhas abafadas.

– Você viu a garota?

– Achei que o príncipe estava se dirigindo a ela.

– Ignore – disse LaLa. – Eu também achei que ele ia tirar você para dançar.

– Acho que aprendi minha lição sobre dar ouvidos ao que dizem os jornais de fofoca – Evangeline tentou brincar, na esperança de estancar suas lágrimas de vergonha.

LaLa fez a gentileza de dar risada, mas o som de seu riso foi logo abafado por todas as demais vozes. A bela garota que Apollo havia escolhido era a princesa Serendipity Skystead, a favorita. E, pelo jeito, todo mundo também estava esperando por isso.

– Eu sabia.

– Ela é tão sofisticada... E fala vinte e sete línguas.

– O sangue da família é tão bom... Realmente, não havia como escolher outra.

A cada comentário, Evangeline se sentiu diminuída, encolhida no meio da multidão, tentando abafar as vozes e subjugar sua crescente humilhação.

Fora tola. Nem sequer o conhecia. Não deveria se sentir tão rejeitada, só que era difícil acreditar que sua aventura pelo Norte terminaria daquele jeito, antes mesmo de ter realmente começado. E, lá no fundo, ela achava mesmo que havia causado uma boa impressão com o beijo que dera no príncipe, mas talvez o beijo tivesse causado impressão só nela.

Evangeline se soltou do braço de LaLa e falou:

– Acho que vou pegar um pouco de ponche.

*Talvez o suficiente para se afogar.*

*Autocomiseração não lhe cai bem, Raposinha.*

Evangeline ficou petrificada.

A voz grave que ouvia em sua cabeça era muito parecida com a de Jacks. Ela jamais ouvira a voz do Arcano daquele jeito. Nem sequer tinha certeza de que era mesmo o Príncipe de Copas – poderia ser sua imaginação –, mas a voz a fez se lembrar de Marisol e de que ainda precisava salvá-la.

Evangeline procurou a irmã postiça e Jacks pelo baile. Mas não os avistou. Havia pessoas demais no recinto.

– Com licença – disse uma voz grave bem atrás dela. Muito parecida com a do príncipe Apollo, mas Evangeline sabia que não devia se deixar levar por outra ilusão mortificante e imaginar que ele a havia encontrado escondida atrás da cascata de ponche.

– Evangeline... – A voz estava um pouco mais alta e foi acompanhada por um roçar de luvas de couro macias em seu ombro à mostra. – Você se importaria de virar? Por mais encantadoras que sejam as suas costas, prefiro ver seu rosto.

Evangeline arriscou olhar para trás disfarçadamente.

O príncipe Apollo estava bem atrás dela. Jurou que Apollo estava mais alto do que ela lembrava, porque ele olhava para baixo, em sua direção, com um sorriso um pouco mais tímido do que aquele que havia lançado para o salão de baile. Apenas uma leve inclinação nos lábios.

– Oi de novo. – A voz do príncipe se tornou rouca e suave. – Você está parecendo um sonho que virou realidade.

Evangeline se derreteu toda por dentro. Mas, depois de sua conclusão precipitada, tinha medo de imaginar por que Apollo estaria parado ali, olhando para ela como se realmente estivesse falando sério.

Um pequeno grupo de pessoas começou a se formar ao redor dos dois, e ninguém se deu ao trabalho de fingir que não estava olhando para eles.

Tentando ignorá-las, Evangeline se virou completamente e conseguiu fazer uma medida para o príncipe sem perder o equilíbrio.

– É um prazervê-lo de novo, Vossa Alteza.

– Eu esperava que, depois de ontem à noite, você me chamasse simplesmente de Apollo.

Ele segurou a mão de Evangeline, aproximou-a dos seus lábios e beijou seus nós dos dedos com cuidado, quase com reverência.

A carícia fez a pele dela estremecer de leve, mas foi o olhar de bronze ardente de Apollo que a fez ficar sem ar. Sentiu as pernas ficarem moles de novo, e sua esperança começar a imaginar coisas que não deveria imaginar.

Ela esperou que o príncipe dissesse mais alguma coisa, mas ele só engoliu em seco. Várias vezes. Seu pomo de Adão subia e descia. Apollo parecia estar sem palavras. Nervoso. Evangeline estava deixando o príncipe, que ficara pendurado no corrimão do camarote na noite anterior, nervoso.

E isso a fez criar coragem para dizer:

– Pensei que você só tiraria uma dama para dançar hoje à noite.

– Eu não queria sequer fazer isso, mas existe uma lei infeliz que me obriga a tirar pelo menos uma garota para dançar. – Ele engoliu em seco de novo, e sua voz ficou levemente mais grave: – Eu teria tirado você para dançar, mas sabia que, se você estivesse em meus braços, eu não chegaria ao fim da dança sem fazer isso.

Apollo se ajoelhou.

Evangeline, de repente, esqueceu como se respirava.

Apollo não podia estar fazendo o que a jovem achava que ele estava fazendo. Evangeline nem queria pensar no que pensava que o príncipe estava fazendo – muito menos depois de ter passado por boba havia tão pouco tempo.

Só que todas aquelas pessoas deviam estar pensando a mesma coisa que ela estava tentando não pensar. Os sussurros começaram de novo, e os grupos ao redor dos dois estavam crescendo, encorralando Evangeline e Apollo em um círculo de vestidos de baile, gibões de seda e expressões de choque. Ela viu Marisol dando um sorriso de orelha a orelha no meio dessas pessoas. Evangeline não avistou Jacks, mas ficou imaginando o que ele devia estar pensando daquilo. Ainda não sabia o que o Príncipe de Copas queria. Mas, se o Arcano fosse rival de Apollo, a garota não conseguia imaginá-lo planejando aquela virada nos acontecimentos.

O príncipe segurou as mãos da jovem com suas mãos quentes.

– Eu quero você, Evangeline Raposa. Quero escrever palavras para você nas paredes do Paço dos Lobos e gravar seu nome em meu coração com espadas.

Quero que você seja minha esposa, minha princesa e minha rainha. Case comigo, Evangeline, e permita que eu te dê tudo.

Apollo beijou a mão de Evangeline de novo. E, desta vez, quando olhou para ela, foi como se o restante do baile não existisse. Os olhos do príncipe disseram mil palavras exóticas. Mas a palavra que Evangeline mais sentiu foi “quero”. Apollo queria ficar com ela mais do que com qualquer outra pessoa naquele salão de baile.

Ninguém jamais olhara para Evangeline daquela maneira – nem mesmo Luc. Na verdade, a garota nem conseguia mais lembrar a imagem de Luc. Só conseguia enxergar o desejo, a esperança e a pontada de medo que a expressão de Apollo transmitia, como se ela pudesse dizer “não”. Mas como Evangeline poderia fazer isso?

Pela primeira vez em meses, ela sentiu seu coração tão cheio que estava prestes a explodir.

E foi por isso que, quando Evangeline abriu a boca, disse exatamente o que a maioria das garotas diria se um príncipe herdeiro as pedisse em casamento no meio de um salão de baile encantado.

– Sim.



**N**o mesmo instante em que Evangeline conseguiu pronunciar seu “sim”, os corneteiros que estavam nos camarotes soltaram um viva com seus metais, o salão inteiro explodiu em aplausos, e Apollo a abraçou de forma galante.

O sorriso do príncipe era da mais pura alegria. Poderia tê-la beijado naquele instante. Suas pálpebras estavam se fechando, e sua boca estava se aproximando. E...

Evangeline tentou encostar nela.

Ela estava em meio a um conto de fadas, flutuando no centro de um castelo encantado, nos braços de um príncipe que acabara de escolhê-la, em detrimento de todas as demais garotas que estavam ali.

Mas o modo como Apollo se aproximava para beijá-la a fez lembrar outro beijo. Do último beijo entre os dois, um beijo que Jacks orquestrara por motivos que ela ainda não era capaz de entender. Mas e se fosse *aquilo* que o Arcano esperava? Evangeline não queria pensar que aquele pedido de casamento era obra de Jacks. O Príncipe de Copas não tinha como saber que essa seria a consequência daquele beijo – e Evangeline nem sequer entendia por que ele poderia planejar aquele noivado. Era muito mais fácil e agradável imaginar que não era aquilo que Jacks pretendia, nem de longe.

E por acaso não diziam que os Arcanos eram ciumentos?

– Tudo bem? – A mão quente de Apollo subiu pelas costas dela, massageando-a suavemente, como se quisesse acordá-la de um pesadelo. – Você não mudou de ideia, mudou?

Evangeline respirou fundo, temerosa.

Ainda não tinha avistado Jacks em meio aos presentes, mas a sensação era de que o reino inteiro a estava observando. O salão de baile inteiro se reunia em volta deles, com expressões que variavam do maravilhamento à inveja.

– Você está chocada. – Os dedos de Apollo tocaram o queixo de Evangeline e inclinaram o seu rosto mais para perto do seu. – Desculpe, meu amor. Queria poder ter feito esse pedido a sós com você. Mas teremos muitos momentos só nossos no futuro.

O príncipe baixou a cabeça e se preparou, de novo, para beijá-la.

Evangeline só precisava fechar os olhos e beijar Apollo. Aquela era sua oportunidade de ter um final feliz. E, se deixasse suas dúvidas de lado, estava mesmo feliz. Vinha torcendo para que aquilo acontecesse, esse era o único motivo de sua viagem para o Norte. Queria uma história de amor igual à dos pais. De início, desejara um amor e uma chance de conquistar o príncipe. E agora possuía tudo isso.

Levantou a cabeça na direção de Apollo.

A boca do príncipe encostou em seus lábios antes que ela pudesse fechar os olhos. Na noite anterior, Apollo relutara, de início. Mas ali, naquele momento, ele a beijou com a autoconfiança de um príncipe que jamais ouvira um “não” na vida. Seus lábios eram macios, mas o beijo parecia flores caindo de seu vestido, porque o público suspirava, em choque, então Apollo a pegou no colo e a rodopiou, e a beijou, a beijou, a beijou. Era o tipo de beijo de delírios febris, um borrão de uma carícia, com um calor estonteante. E, desta vez, Jacks não pôs fim ao beijo. Evangeline não sentiu sua mão gelada no ombro nem ouviu sua voz dentro de sua cabeça, dizendo que cometera um erro. Só ouviu os murmúrios de Apollo, prometendo a Evangeline que tudo o que ela pudesse querer na vida seria seu.



**D**epois que o pai de Evangeline morreu, a jovem sonhava que tanto ele quanto a mãe ainda estavam vivos. Nos sonhos, estava na loja de curiosidades, parada perto da porta, olhando pela vidraça, esperando os dois chegarem. Ela os via vindo na rua, caminhando de mãos dadas, e, assim que se aproximavam da porta – bem na hora em que estava prestes a ouvir a voz dos dois e sentir seus braços a abraçando –, Evangeline despertava. Sempre tentava, desesperada, dormir de novo, só para ter mais um minuto desse sonho.

Esses sonhos eram a melhor parte de seu dia. Mas, agora, tinha a sensação de que estava sonhando acordada. Algo meio irreal e meio maravilhoso. Evangeline não teve coragem de abrir os olhos logo de início. Por muito tempo, sua esperança fora algo tão frágil quanto uma bolha de sabão, e ela ainda tinha medo de que essa esperança estourasse. Estava com receio de se encontrar completamente sozinha, dentro do próprio quarto abarrotado em Valenda.

Só que Valenda estava do outro lado do mundo, e logo ela nunca mais ficaria sozinha.

Quando Evangeline abriu os olhos, estava em Valorfell, na cama de baú do tesouro, na estalagem A Sereia e as Pérolas, e estava noiva de um príncipe!

Evangeline não conseguia parar de sorrir nem de dar aquela risadinha que vinha do fundo do peito.

– Ah, que bom! Você finalmente acordou.

Marisol espiou dentro do quarto da irmã. Ficou perto da porta, trazendo uma onda de calor da lareira que ficava no quarto vizinho. Devia estar acordada havia algum tempo. Já estava arrumada, com um vestido em um tom de pêssego com chantili e com o cabelo castanho-claro já trançado com

capricho. Ela segurava duas canecas de chá fervente que aqueceram a suíte gelada de Evangeline com o aroma de azevinho e menta branca. As duas garotas estavam tão exaustas na hora em que foram embora do baile que praticamente desmaiaram dentro da carruagem e dormiram o tempo todo até chegar à estalagem.

– Você é um anjo.

Evangeline se sentou na cama e pegou, agradecida, a caneca de chá quente.

– Não acredito que você conseguiu dormir depois de tudo o que aconteceu ontem à noite – disse Marisol, empolgada.

Mas sua voz saiu aguda demais, de um jeito que não era natural, e seus dedos tremiam ao segurar a caneca.

Evangeline pensou que, apesar de a irmã postiça dar a impressão de estar empolgada, aquilo tudo não deveria ter sido fácil para ela: observar Evangeline encontrar seu final feliz enquanto ainda era chamada de “Noiva Amaldiçoada”.

Tudo por causa dela.

E agora Evangeline tinha ainda mais a perder se contasse para a irmã postiça a verdade a respeito de seu trato com Jacks.

De repente, o chá ficou com gosto de lágrimas e sal, porque Marisol comentou:

– O pedido de casamento do príncipe Apollo foi a coisa mais romântica que eu já vi na vida. Pode até ser a coisa mais romântica que já aconteceu no mundo. Você vai ficar tão linda de noiva!

– Obrigada – disse Evangeline, baixinho. – Mas não precisamos continuar falando nisso.

Marisol franziu o cenho e argumentou:

– Evangeline, você não precisa esconder sua felicidade só para eu me sentir melhor. Você vai se tornar princesa. Ninguém merece isso mais do que você. E tinha razão. Nenhuma pessoa sequer reconheceu que sou a Noiva Amaldiçoada. Até me tiraram para dançar. Você viu o rapaz? – Marisol mordeu o lábio, deu um sorriso e completou: – Acho que era a pessoa mais bonita da festa. Depois do príncipe Apollo, é claro. Tem cabelo azul-escuro, olhos azuis-claros e o mais misterioso dos sorrisos. Chama-se Jacks, e já estou torcendo...

– Não!

Marisol foi para trás, como se tivesse recebido um tapa.

Evangeline se encolheu toda. Não queria ter falado de um jeito tão grosseiro, mas precisava proteger a irmã postiça do Príncipe de Copas.

– Desculpe, é que ouvi coisas perigosas sobre ele.

Marisol retorceu os lábios.

– Sei que os tabloides têm sido gentis com você, mas achava que você, mesmo assim, saberia que não pode dar ouvidos às palavras maldosas que as pessoas sussurram pelas costas das outras.

– Você tem razão, eu não devia dar ouvidos a fofocas, mas não são apenas boatos. – Desta vez, Evangeline tentou ser mais delicada. – Eu conheço Jacks. Ele estava na festa, naquela primeira noite, e... não acho que vá te fazer bem.

Sua irmã postiça deu uma risada debochada e retrucou:

– Nem todo mundo pode se casar com um príncipe, Evangeline. Certas pessoas, como eu, se contentam quando chamam a atenção de qualquer um.

– Marisol, des...

– Não, eu é que peço desculpas – Marisol disse rapidamente, já ficando sem cor. – Eu não deveria ter dito isso. Isso é coisa que minha mãe faria, não eu.

– Tudo bem.

– Tudo bem nada.

Marisol olhou para o chá que acabara de derramar na saia e ficou com os olhos cheios de lágrimas. Mas Evangeline sabia que ela não estava chorando por causa da saia. Nunca era por causa da saia.

Marisol se sentou na beira da cama, ainda olhando para a mancha no vestido, e disse, com uma voz distante:

– Quando era criança, você por acaso participava daquela brincadeira em que as cadeiras são dispostas em círculo, e, quando a música para de tocar, a gente precisa se sentar em uma delas? Só que nunca tem cadeira para todo mundo, e uma pessoa sempre fica de fora e tem que sair do jogo. É assim que eu me sinto, como se tivesse perdido a chance de me sentar na cadeira e agora tivesse que sair do jogo.

Marisol respirou fundo, trêmula, e Evangeline sentiu esse tremor no próprio peito.

Sempre fora um desafio tentar se aproximar da irmã postiça. As duas nunca tiveram muito em comum, a não ser Luc, o que era algo terrível para ter em

comum. Mas isso estava começando a parecer a coisa menos importante que elas tinham em comum.

Ao olhar para Marisol, Evangeline se lembrou daqueles meses em que tinha trabalhado na livraria e começara a se sentir como um daqueles romances esquecidos nas prateleiras de livros usados do fundo da loja, negligenciada e sozinha. Mas sempre teve esperança de que tudo iria mudar. Podia até ter perdido o pai e a mãe, mas podia se apegar às lembranças que tinha deles, às suas histórias e palavras de incentivo. Só que Marisol não tinha ninguém além da mãe, que sempre a colocava para baixo, em vez de pô-la para cima.

Evangeline pôs a caneca na mesinha de cabeceira, foi até o outro lado da cama e abraçou Marisol bem apertado. Não tinha certeza se deveria criar coragem e conversar com a irmã postiça sobre Luc ou confessar o que havia acontecido no dia de seu casamento. Mas continuaria tentando encontrar jeitos de se redimir com Marisol. Ainda mais agora, que Apollo a colocava na posição ideal para fazer isso.

A irmã postiça se aninhou em seus braços, fungando.

– Desculpe estragar sua felicidade.

– Você não estragou nada nem saiu de brincadeira nenhuma. No Norte, as pessoas nem brincam de dança das cadeiras. Ouvi dizer que foi proibido por lei e substituído pelo xadrez do beijo.

Assim que disse isso, Evangeline já pensou em organizar uma partida para a irmã postiça com todos os rapazes solteiros do lugar. E se pedisse ajuda para Apollo?

Isso até podia não remediar tudo, mas era um começo. Evangeline já ia sugerir a ideia quando começaram a bater na porta.

As duas garotas pularam da cama, derramando mais chá. Desta vez, no tapete. A única pessoa que já havia batido na porta do quarto delas era Frangelica, mas sempre fora delicada. Aquelas batidas pareciam quase furiosas.

Evangeline demorou apenas um segundo para vestir um roupão de lã e correu até a porta. A madeira sacudia quando ela se aproximou.

– Evangeline! – Era a voz de Apollo, gritando do outro lado da porta. – Evangeline, você está aí?

– Abra! – falou Marisol, aflita. – *É o princípio* – completou, sem emitir som, como se o título significasse que as atitudes dele não eram nem um pouco

alarmantes.

– Evangeline, se você estiver aí, por favor, me deixe entrar – implorou Apollo. Sua voz tinha tons de medo e desespero.

A garota abriu a tranca.

– Apollo, o quê... – Evangeline foi interrompida assim que a porta abriu, porque o príncipe entrou na suíte das garotas acompanhado por uma dúzia de soldados reais.

– Meu coração, você está bem? – perguntou Apollo, abraçando Evangeline. Seu peito arfava. Estava com olheiras. – Eu fiquei tão preocupado. Jamais deveria ter permitido que você fosse embora ontem à noite.

– Qual é o problema? – indagou ela.

O soldado mais próximo estendeu um tabloide úmido para Evangeline ler, e Apollo a abraçou com menos força.

---

## O Boato Diário

### NOIVOS!

*Por Kristof Knightlinger*

No passado, o Sarau Sem Fim durava semanas, às vezes meses. Mas, ontem à noite, poucos minutos depois de chegar ao baile, o príncipe herdeiro Apollo Acadian pediu a mão

de uma noiva considerada um curinga, a favorita de todos vinda do Sul: Evangeline Raposa.

Apollo selou seu noivado com um beijo que deixou metade das damas

presentes aos prantos. Mas diversas garotas pareciam mais bravas do que tristes. Depois que o príncipe largou a princesa Serendipity Skystead no meio da pista de dança para pedir a recém-noiva em casamento, a princesa praticamente fez cara de assassina. A Noiva Amaldiçoada não conseguiu fazer mal a Evangeline. Só que, enquanto observava a declaração de amor de Apollo, mais parecia que ela queria

fazer o casal virar pedra. E uma das minhas fontes de ouvidos aguçados também ouviu falar que a matriarca da Casa Sucesso reclamou com a neta, Thessaly, que o príncipe deveria tê-la escolhido, mas ainda estava em tempo de mudar essa decisão.

O príncipe Apollo e a srtá. Evangeline Raposa devem se casar dentro de uma semana – isto é, se ninguém fizer mal a ela primeiro.

---

Evangeline parou de ler.

– O que está escrito? – perguntou Marisol.

– Só mais uma distorção da verdade – desconversou Evangeline. Ela arrancou o jornal da mão do guarda e o atirou na lareira antes que a irmã postiça pudesse ver as palavras escritas a seu respeito. – Kristof só está tentando vender jornal, falando que estou em perigo. Ninguém tentou me fazer mal – garantiu a Apollo. – Depois que nos despedimos, eu e Marisol voltamos para cá, e dormi até agora.

Apollo estalou o maxilar e se virou para Marisol, como se tivesse acabado de notar sua presença.

A garota ficou tensa. Havia parado de chorar, mas ainda parecia pequena e frágil. E Evangeline sabia que precisava intervir antes que mais erros fossem cometidos.

– Minha irmã postiça jamais me faria mal. Na verdade, seria possível impedir que o senhor Knightlinger e o *Boato Diário* publicassem mais mentiras maldosas sobre ela?

Apollo fez cara de quem ia argumentar. Era visível que o príncipe acreditava nas fofocas. Mas quanto mais Evangeline olhava para ele, mais Apollo parecia amolecer. As rugas em torno dos seus olhos sumiram, e seus ombros tensos relaxaram.

– Isso te deixaria feliz?

– Deixaria.

– Então irei me certificar de que isso seja feito. Mas preciso que me faça um favor.

Apollo segurou o rosto de Evangeline com as duas mãos.

Ela ainda não estava acostumada a sentir o toque do príncipe. A mão de Apollo era maior do que a de Luc, mas seu toque era mais delicado. E, apesar disso, a expressão em seus olhos profundos era completamente atormentada.

– Quero que você venha morar no Paço dos Lobos comigo, onde ficará a salvo de qualquer tipo de ameaça.



---

## O Boato Diário

FALTAM SEIS DIAS!

*Por Kristof Knigblinger*

**N**inguém sabe ao certo há quanto tempo o Paço dos Lobos existe, mas reza a lenda que Lobric Valor construiu cada uma das torres altíssimas, cada salão de teto abobadado, cada masmorra tortuosa, cada pátio romântico e cada passagem secreta do castelo como presente de casamento para sua noiva, Honora.

Não sei o que Apollo planeja dar de presente de casamento para a srtá. Evangeline Raposa, mas ouvi o boato

de que ele já providenciou a mudança da noiva para o Paço dos Lobos, assim como a da cunhada, Marisol Tourmaline, e minhas fontes garantem que a jovem não é amaldiçoada nem tem planos para amaldiçoar a irmã postiça. Na verdade, foi confirmado que a srtá. Tourmaline continuará aqui depois do casamento, fazendo parte da corte real do Norte.

*(continua na página 7)*

---



No dia seguinte, chegou o vestido de noiva. Evangeline o encontrou esparramado em cima de sua cama de princesa, dentro do Paço dos Lobos. O vestido era branco e dourado e vinha com um par de asas emplumadas que arrastavam no chão.

Minha querida Evangeline,

Vi esse vestido e pensei em você, porque  
você é um anjo.

Do seu eterno e mais verdadeiro amor,

Apollo



23

**U**m dia depois, Evangeline acordou e encontrou a banheira cheia do que parecia um tesouro de pirata reluzente.

*Minha querida Evangeline.*

*Você merece tomar banho de imersão  
em pedras preciosas.*

*Do seu eterno e mais verdadeiro amor,*

*Apollo*



Então estavam em um estábulo cheio de cavalos. Os corcéis eram de um branco faiscante, adornados com selas de ouro rosê, da mesma cor do cabelo de Evangeline.

– Para podermos cavalgar juntos ao pôr do sol – disse Apollo. Seu olhar era de adoração quando segurou as mãos da noiva.

Evangeline tinha a sensação de que seus dedos eram pequenos dentro das mãos quentes dele, mas estavam começando a se encaixar.

– Você não precisa me dar tantos presentes – falou.

– Eu te daria o mundo se fosse possível. A lua, as estrelas e todos os sóis do universo. Tudo para você, meu amor.



Tudo ia além do que Evangeline poderia querer ou sonhar. Os últimos dias tinham sido um vendaval de maravilhas. Sua suíte real estava repleta de vestidos coloridos, flores e presentes. Até a imperatriz Scarlett enviara algo para ela, e Evangeline não fazia ideia de como o pacotinho fora entregue tão rápido.

A jovem deveria ter se sentido nas nuvens. Deveria ter sentido empolgação, romance e amor. Apollo era generoso, atencioso e absurdamente gentil com ela. E Evangeline, com certeza, sentia algo sempre que pensava no príncipe, mas não eram nuvens, infelizmente. Era algo mais próximo daquela sensação perturbadora que sentira depois de fazer o trato com Jacks, ou daquela sensação de que havia algo errado quando soube que Luc pedira Marisol em casamento.

Algo não era o que deveria ser.

Evangeline se sentou na frente da ampla lareira, soltou a caixinha vermelha que a imperatriz Scarlett enviara, e então pegou a edição daquela manhã do jornal de fofoca.



---

# O Boato Diário

## FALTAM TRÊS DIAS!

*Por Kristof Knightlinger*

**E**vangeline Raposa e o príncipe Apollo Acadian ficaram noivos há tanto tempo que essa é a maior história de amor que o Magnífico Norte já viu. Os boatos que circulam são extravagantes – principalmente sobre o príncipe, que um dia disse que não escolheria noiva nenhuma. Mas estou muito animado em contar que consegui uma rara entrevista com o príncipe herdeiro, para descobrir quais lendas a seu respeito são verdadeiras.

**Kristof:** Todo mundo tem comentado sobre o senhor e Evangeline Raposa. As pessoas dizem que o senhor foi completamente enfeitiçado. Tenho ouvido que o senhor fica, todas as noites, no pátio em frente à janela do quarto dela, fazendo serenata. O senhor declarou feriado no dia do aniversário de sua noiva e pediu para refazer todos os seus cento e vinte e dois retratos para incluí-la. Há algo de verdade nessas histórias?

**Príncipe Apollo:** Fiz mais do que isso, senhor Knightlinger. (Com um sorriso de orgulho, o príncipe abriu metade dos botões da camisa e a afastou, revelando uma tatuagem vibrante de duas espadas curvadas, formando um coração e contendo um só nome: Evangeline.)

**Kristof:** Muito impressionante, Vossa Alteza.

**Príncipe Apollo:** Eu sei.

**Kristof:** Não há quem possa duvidar que vocês estão apaixonados ao véspera. Mas ouvi rumores de que

menos de uma semana, e já estão escrevendo canções a respeito dos dois e falo. O Conselho das Grandes Casas não está feliz pelo senhor ter escolhido não apenas uma noiva estrangeira, mas uma que não vem de uma família proeminente. Dizem que querem cancelar o casamento e que é por isso que o senhor escolheu uma data tão próxima para realizá-lo.

**Príncipe Apollo:** Isso é uma completa mentira. Mesmo que houvesse algo de verdade nela, nada poderia me afastar do amor da minha vida.

**Kristof:** E seu irmão, o príncipe Tiberius? Há boatos de que os senhores se desentenderam novamente esta semana. Dizem que ele apoia a objeção das Grandes Casas à noiva escolhida porque quer impedir seu casamento e impedi-lo de se tornar rei.

**Príncipe Apollo:** Isso é uma mentira absoluta. Meu irmão não poderia estar mais feliz por mim.

**Kristof:** Então por que andam dizendo que ele sumiu novamente?

**Príncipe Apollo:** Há quem esqueça que Tiberius também é príncipe e tem suas próprias obrigações reais.

O príncipe Apollo não quis me dizer se o príncipe Tiberius estará presente no casamento, mas nossa entrevista conseguiu confirmar os boatos de que o príncipe herdeiro está completamente enfeitiçado pela futura esposa. Nunca vi ninguém tão apaixonado quanto o príncipe Apollo.

Ah, se ao menos Evangeline conseguisse acreditar que Apollo estava realmente apaixonado. Mas, infelizmente, ela temia que Kristof tivesse razão, ao chamar seu prometido de “enfeitiçado”.

Evangeline acreditava em amor à primeira vista, acreditava em um amor como o de seus pais, no amor dos contos de fadas. Era por causa desse tipo de amor que fora para o Norte, na esperança de encontrá-lo. Só que as atitudes e os sentimentos de Apollo eram tão extremos que não pareciam ser amor. Mais pareciam uma obsessão – ávida e ultrajante, e, sendo sincera, um tanto perturbadora. Como se fossem obra de um feitiço, de uma maldição, ou de um Arcano.

*Como Jacks.*

Quando Apollo pediu Evangeline em casamento, ela pensou de imediato que Jacks não aprovaria aquele casamento. Mas, agora, não podia deixar de se perguntar: será que Jacks era o motivo para aquele noivado ter acontecido? Será que o sangue com o qual Jacks pintara seus lábios infundira magia no seu beijo, fazendo Apollo cair de *amores* por ela?

Evangeline não queria pensar isso. Não queria pensar em Jacks de forma alguma. Mas, se o Arcano tivesse feito algo com Apollo, isso explicaria o comportamento exagerado do príncipe.

*Mas por quê?*

Evangeline não conseguia encontrar nenhum motivo para o Príncipe de Copas querer que ela e Apollo se casassem, o que dava esperanças de que sua teoria estivesse errada e que o príncipe herdeiro realmente estivesse vivenciando um dramático amor à primeira vista.

Ela queria tanto acreditar que os dois viveriam uma história de amor de conto de fadas. Queria que tudo aquilo fosse verdade. Não queria voltar para a casa de Agnes nem para Valenda, onde a melhor parte de seu dia era quando a sineta tocava do lado de fora da porta de uma livraria.

E ainda havia Marisol. A irmã postiça podia até ter começado com o pé esquerdo no Norte, mas Apollo obrigara os jornais a não dizer mais nem uma palavra ruim sobre ela. E, se Evangeline se casasse com Apollo, poderia fazer muito mais por Marisol.

Mas se o príncipe herdeiro estivesse enfeitiçado por Jacks, nada disso teria importância e nada disso seria verdade.

Evangeline enrolou o jornal lentamente, sabendo o que precisava fazer, mas morrendo de medo, mesmo assim.

Não queria ver Jacks novamente. Só que se ele havia feito isso com Apollo, precisava convencê-lo a desfazer.

Duvidava que o Príncipe de Copas quebrasse o feitiço de Apollo por pura e simples bondade de seu coração, já que todas as histórias diziam que o coração de Jacks nem sequer batia. Mas Evangeline não precisava contar com a bondade do Arcano. Se Jacks quisesse que se casasse com o príncipe, ela tinha o poder de barganha, que pretendia usar para convencer o Arcano a consertar o príncipe Apollo e depois descobrir exatamente o que Jacks pretendia.

*Caro Jacks,*

*Gostaria que tivéssemos uma oportunidade  
de conversar respeito de um assunto impor-  
tante que requer sua ajuda imediata. Se você  
não tiver outro compromisso, adoraria esbarrar  
em você enquanto dou minha caminhada  
matutina na floresta, fora do Paço dos Lobos,  
amanhã.*

*Cordialmente,*

*Evangeline Raposa*



Raposinha,

Se você estava tentando escrever um bilhete ameaçador ou persuasivo, precisa melhorar suas habilidades.

Não tenho tempo para ficar vagabundeando pela floresta com você, mas pode me encontrar amanhã à tarde, no Beco Capricórnio.

- J

*Caro Jacks,*

*Eu só estava tentando ser educada. É uma pena você ser tão acostumado ao engano e ao fingimento ao ponto de nem ser capaz de reconhecer uma cortesia. Nem todo mundo recorre à manipulação para conseguir o que quer.*

*Cordialmente,*

*Evangeline Raposa*

**É**claro que Evangeline não podia mandar aquele bilhete, mas se sentiu bem ao escrevê-lo antes de sair escondida para encontrar Jacks no dia seguinte.

Ficara um pouco receosa, sem saber como faria. Depois que o tabloide publicou aquela matéria incendiária a respeito de sua segurança, Apollo dera uma dupla de guardas para garantir que ninguém fizesse mal a ela. Mas também dera absoluta liberdade para ela fazer o que quisesse, e Evangeline aproveitou essa liberdade para reunir informações a respeito das passagens secretas do Paço dos Lobos. E, convenientemente, havia uma localizada em seu quarto, a qual ela usou para conseguir dar sua escapadinha.

Evangeline não sabia se alguém iria perceber que ela havia saído. Mas torceu para que ninguém a seguisse até aquela faixa estreita de neblina e escuridão chamada Beco Capricórnio.

Encolheu-se ainda mais dentro da capa forrada de pele e esfregou as mãos uma na outra, arrependida de não estar com luvas mais grossas. Afastado de todas as docas e das outras lojas, aquele beco parecia o tipo de lugar que

alguém só encontraria se estivesse perdido. Havia nevado por toda Valorfell durante a noite, mas a neve, pelo jeito, esquecera aquele local nada convidativo e deixara suas sinistras pedras cinzentas intocadas. A única porta era adornada por um círculo de caveiras, o que a fez pensar que os negócios realizados ali não eram lá muito tentadores.

Uma carruagem preta laqueada, sem identificação, parou.

O coração de Evangeline deu diversos pulinhos. Ela não estava fazendo nada de ilícito ou de errado. Estava tentando fazer algo correto, algo nobre. Mas seu coração deve ter pressentido o perigo, porque continuou a acelerar quando a porta se escancarou e ela entrou na carruagem.

Jacks parecia um empregado dos estábulos devasso que havia roubado a carruagem do patrão. Estava esparramado de um lado da carruagem, com uma das botas de couro gastas em cima das almofadas, sem ter o menor cuidado. Havia um gibão cinza-chumbo amarfanhado no assento de couro macio ao seu lado; ou seja: ele estava apenas de camisa de linho, parcialmente desabotoada e com as mangas arregaçadas. Evangeline pôde perceber a pontinha de uma cicatriz áspera no peito do Arcano bem na hora em que ele pegou sua adaga de pedras preciosas e começou a cortar uma maçã prateada.

– Você fica olhando assim para todo mundo ou só para mim? – perguntou Jacks.

Em seguida, o Príncipe de Copas ergueu a cabeça. Seus olhos de um azul-vívido cruzaram com os de Evangeline.

O que não devia ter feito o sangue da jovem ferver do jeito que ferveu. Nem era propriamente um olhar, era mais uma espiada vaga. Jacks, então, voltou a cortar a casca metálica da maçã, fazendo o ar ficar com um cheiro absolutamente doce.

Evangeline resolveu ir direto ao ponto:

– Preciso que você desfaça o que quer que tenha feito ao príncipe Apollo.

– Qual é o problema? – Ele descasca. *Tchéc.* – Por acaso ele te machucou?

– Não, não acho que Apollo seria capaz de me fazer mal. Ele praticamente me idolatra: esse é o problema. O príncipe só pensa em mim. Me dá banheiras cheias de pedras preciosas e diz que não precisa de mais nada além de mim.

– Não consigo entender por que isso seria um problema. – A boca emburrada de Jacks se acomodou em uma expressão que ficava a meio caminho

entre a careta e a risada. – Quando você entrou em minha igreja pela primeira vez, havia perdido seu amor. E agora te dei um novo.

– Então isso é obra sua?

Jacks olhou bem nos seus olhos, voltando a ter um olhar gelado.

– Vá embora, Raposinha. Volte para seu príncipe e para seu final feliz e nunca mais me faça essa pergunta.

Em outras palavras: “sim”.

Uma por uma, as minúsculas bolhas de esperança que havia dentro de Evangeline estouraram. *Puf. Puf. Puf.*

Ela sabia que aquilo tudo era bom demais para ser verdade. Tinha a sensação de que estava vivendo uma ilusão e, se olhasse bem de perto, veria que tudo que ela acreditava ser poeira estelar eram, na verdade, as brasas ardentes de um feitiço perverso. Apollo não a amava: até onde sabia, o príncipe nem sequer gostava dela. Apollo tinha dito, certa vez, que ela era o sonho dele que virara realidade. Mas, na verdade, Evangeline era a maldição do príncipe.

– Não vou sair dessa carruagem enquanto você não consertar Apollo.

– Quer que ele deixe de amar você?

– Apollo não me ama de verdade. O que ele está sentindo não é real.

– É real para ele – insistiu o Arcano, falando arrastado. – Provavelmente, o príncipe nunca se sentiu tão feliz na vida.

– Mas a vida não é feita só de felicidade, Jacks! – Evangeline não queria gritar, mas o Príncipe de Copas tirava qualquer um do sério. – Não finja que não fez nada de errado.

– Certo e errado são coisas tão subjetivas... – Jacks soltou um suspiro e continuou: – Você diz que o que fiz com Apollo é errado. Eu digo que fiz um favor para ele e estou fazendo um favor para você também. Sugiro que aceite. Case-se com o príncipe e deixe que ele te torne primeira princesa, depois rainha.

– Não.

Aquilo não era tão ruim quanto Jacks ter transformado todos os convidados de um casamento em pedra, mas Evangeline não conseguiria se perdoar se vivesse com Apollo naquelas condições. Queria ser o amor de alguém, não uma maldição. E achava que, se o príncipe herdeiro descobrisse o que haviam feito, tampouco iria querer viver com ela naquelas condições.

E Evangeline também não acreditou, nem por um segundo, que aquilo era uma espécie de favor. Jacks queria que aquele casamento acontecesse. Ela ainda não sabia o porquê, mas o Arcano se empenhara muito para que aquilo acontecesse.

– Conserte Apollo. Senão cancelarei o casamento.

Jacks deu um sorrisinho irônico e provocou:

– Você não vai desmanchar o noivado com um príncipe.

– Não duvide de mim. Você tampouco acreditou quando falei que beberia do cálice de veneno, mas eu bebi.

O Príncipe de Copas cerrou os dentes.

Ela deu um sorriso triunfante.

E então a carruagem começou a se movimentar.

Evangeline se segurou nas almofadas para não cair no colo de Jacks.

– Espere aí... Aonde vamos?

– À sua próxima tarefa.

O olhar de Jacks pousou no pulso de Evangeline, e as duas cicatrizes em forma de coração partido que restavam começaram a arder. *Ai. Ai.* Parecia que dentes em brasa afundavam na sua pele.

Ela apertou ainda mais as almofadas, sentindo-se tonta de repente. Ainda estava lidando com as consequências de seu último beijo. Não estava pronta para outro e estava noiva. Por ora, pelo menos.

Os olhos azuis de Jacks brilharam, como se o Arcano achasse graça no medo dela.

– Não se preocupe, Raposinha. Esse beijo será diferente. Não vou te pedir para fazer nada que possa colocar esse casamento em risco.

– Eu já te falei. Não haverá casamento se você não consertar Apollo.

– E, se eu consertar Apollo, tampouco haverá casamento.

– Então acho que vou cancelar meu noivado.

– Faça isso e destruirá Apollo, não eu. – Jacks enfiou a faca na maçã. – Se não se casar com o príncipe, irá partir o coração dele, mais do que você pode imaginar. E o coração de Apollo jamais cicatrizará com o tempo, a ferida só irá aumentar e supurar. A menos que eu queira, o príncipe herdeiro jamais irá superar o amor não correspondido que sente por você. Passará o resto da vida consumido por esse amor. Até que, um dia, será destruído por ele.

O Príncipe de Copas terminou de dizer isso com um sorriso que beirava a alegria, como se a ideia de deixar alguém de coração partido para sempre o deixasse de bom humor.

O Arcano era terrível. Não havia outra palavra para descrevê-lo – a não ser, talvez, “sem coração”, “depravado” ou “podre”. O fato de Jacks parecer gostar de infligir dor era absolutamente estarrecedor. A maçã que tinha nas mãos devia possuir mais compaixão do que ele. Aquele não era o mesmo jovem que praticamente sangrara de tanta dor de amor por toda a nave da própria igreja. Algo dentro dele havia se partido.

LaLa comentara que estavam dizendo que Jacks estava de coração partido por causa da irmã mais nova da imperatriz. De início, Evangeline não acreditou. O Príncipe de Copas não parecera triste na primeira noite que o vira em Valorfell. Só parecera mais cruel e mais frio. Mas talvez fosse assim que os Arcanos ficavam quando estavam de coração partido. Talvez não ficassem magoados, sentindo-se sós e terrivelmente infelizes. Talvez, estar de coração partido só tornasse os Arcanos ainda mais inumanos. Será que fora isso que havia acontecido com Jacks?

– Você está com pena de mim? – perguntou o Príncipe de Copas, dando uma risada grosseira e debochada. – Não tenha pena, Raposinha. Será um erro você se convencer de que não sou um monstro. Sou um Arcano, e você não passa de uma ferramenta para mim.

Então levou a ponta da adaga à boca e ficou passando nos lábios até saírem várias gotas de sangue.

– Se você está tentando me assustar...

– Cuidado com essas suas ameaças. – Jacks se levantou de supetão e pressionou a ponta da adaga manchada de sangue no meio da boca de Evangeline.

A jovem teria soltado um suspiro de assombro, se não temesse que o Arcano enfiasse a faca em sua boca. Os olhos azuis de Jacks voltaram a ficar claros enquanto ele a provocava com a lâmina, pressionando-a contra sua boca fechada até ela conseguir sentir aquele gosto doce perturbador do sangue do Arcano.

– Como já deve ter percebido, só estou conversando com você porque preciso que se case com Apollo. Sendo assim, vou te dar um presente de

casamento. Prometo consertar o príncipe e apagar todos os sentimentos artificiais que ele tem por você depois do casamento.

A carruagem parou de repente. Mas Jacks não se mexeu. Nem Evangeline. Ela nem sequer olhou pela janela para ver onde tinham parado. Ficou apenas olhando fixamente para o Príncipe de Copas.

Jacks a havia encurralado. Tinha que se casar com Apollo para salvá-lo. E, se o salvasse – se o Arcano apagasse os sentimentos que o príncipe herdeiro tinha por ela *depois* que os dois se casassem –, Apollo certamente a odiaria quase tão profundamente quanto pensava que a amava naquele momento.

A única pessoa que realmente poderia sair ganhando era Jacks.

Com cuidado, Evangeline inclinou o corpo para trás, até a faca de Jacks não estar mais encostada em seus lábios. Mas ainda conseguia sentir o fio da lâmina, a frieza do metal e a doçura do sangue dele, que ainda manchava seus lábios. Tinha a impressão de que sentiria aquele gosto para sempre.

– Pelo menos, me diga por que você quer este casamento.

– Apenas aceite o presente. O que quero não vai magoar nem machucar ninguém.

Evangeline olhou para a adaga de pedras preciosas que ele acabara de pressionar contra seus lábios e falou:

– Acho que eu e você temos uma definição diferente de magoar e machucar.

– Dê graças aos céus por isso, Raposinha. – Jacks deu um sorriso afiado.

Uma gota de sangue caiu do canto de sua boca, e uma expressão desolada tomou conta de seu rosto. – Foi a mágoa que me deixou assim.



Certa vez, a mãe de Evangeline disse que existiam cinco tipos de castelo no Norte. O castelo fortaleza, o castelo encantado, o castelo mal-assombrado, o castelo em ruínas e o castelo dos livros de história. Evangeline ainda não tinha visto todos esses tipos de castelo. Mas pensou imediatamente nas palavras “castelo dos livros de história” quando saiu da carruagem de Jacks e viu a encantadora construção que estava diante dos seus olhos.

O castelo era feito de tijolos roxos cintilantes, tinha telhado duas águas azul e janelas com esquadrias cor-de-rosa atravessadas por uma luz dourada. Evangeline pensou que aquele era o lugar onde os contos de fadas ganhavam forma. Sendo assim, torceu para estar errada na mesma hora, dado que Jacks simplesmente destruiria o que quer que houvesse lá dentro.

– Você me trouxe aqui para destruir o final feliz de alguém? – perguntou a jovem.

O Arcano lançou um olhar fulminante para o castelo e começou a percorrer o caminho de paralelepípedos.

– Você não vai encontrar nenhum final feliz aqui. A matriarca da Casa Sucesso vive dentro dessas paredes ridículas. Gosta de fingir que é uma avó amorosa como as dos livros de história, mas é quase tão doce quanto veneno. Se quiser chegar ao fim dessa visita com vida, depois de ser apresentada à matriarca, beije o rosto ou a mão dela o mais rápido possível.

– Por quê? O que você quer dela?

Jacks lançou um olhar para ela, dando a entender que não podia acreditar que Evangeline realmente achava que ele responderia a essa pergunta.

Ela não achava, claro, mas precisava tentar.

– Essa visita fará mal a ela? – insistiu.

Ele deu um suspiro de frustração.

– Quando conhecer a matriarca, não vai mais se preocupar com o fato de fazer ou não mal a ela.

– Mas...

– Raposinha... – Jacks encostou um dedo gelado na boca de Evangeline, silenciando seus protestos, sendo mais gentil do que fora dentro da carruagem. Como se pudesse enganá-la com essa gentileza. – Vamos pular a parte em que discutimos sobre isso. Sei que você não quer fazer isso. Sei que não quer fazer mal a ninguém e que o seu coração humano e sensível está tentando fazê-la se sentir culpada. Mas você vai fazer o que te peço para pagar a dívida que tem comigo e, se não fizer, irá morrer.

– Se eu morrer, não tenho como me casar com o príncipe Apollo.

– Então vou encontrar outra pessoa para cumprir a tarefa. Ninguém é insubstituível.

O Arcano passou o dedo no lábio inferior dela uma única vez. Então se afastou e foi andando, despreocupado, pelo caminho de paralelepípedos que levava até a casa.

Evangeline adoraria ter dado meia-volta e ido na direção contrária. Não acreditava cem por cento que era dispensável. Mas tampouco podia esquecer que Jacks havia dado as costas para ela quando virara pedra. Podia até não acreditar cem por cento que era substituível. Mas acreditava, sim, que o Príncipe de Copas permitiria que ela se ferisse – ou coisa pior – se, com isso, conseguisse o que queria.

– Agora entendo por que você ignora todo mundo nas festas – bufou Evangeline, praticamente correndo para alcançá-lo. – Se alguém falasse com você, as pessoas parariam de fofocar sobre o quanto você é misterioso e falariam sobre o quanto não suportam você.

Jacks a alvejou com um olhar de soslaio.

– A maldade não combina com você, Raposinha. E eu não ignoro todo mundo. Naquela noite, tive uma conversa encantadora com sua irmã postiça.

– Fique longe dela – advertiu Evangeline.

– Que engraçado. Eu já ia te dizer a mesma coisa.

Os lábios de Jacks se curvaram como se fossem uma lâmina em forma de meia-lua, esperando que ela mordesse a isca. Que perguntasse por que o Arcano dissera para ela se afastar de Marisol. A pergunta estava na ponta da língua de Evangeline. Mas ela não queria duvidar de novo da irmã postiça. Não fora Marisol quem transformara todos os convidados de um casamento em pedra nem enfeitiçara um príncipe para que ele amasse Evangeline. Sua irmã postiça tinha uma fama de amaldiçoada que não merecia, e era exatamente o que Evangeline seria se tivesse sido criada por Agnes em vez de por seus pais.

– Aposto que você está me ignorando porque já sabe que ela tem inveja de você.

– Pare – disse Evangeline. – Não vou permitir que você semeie a discórdia entre nós.

– A discórdia já foi semeada. Aquela garota não é sua amiga. Pode até tentar se convencer que quer ser, mas o que ela realmente quer é o que você tem.

– Isso não é verdade! – disparou Evangeline.

E poderia ter continuado a argumentar. Poderia ter continuado a brigar com Jacks até o fim dos tempos. Felizmente, para os tempos, o caminho até chegar à propriedade da Casa Sucesso era curto, e os dois já haviam chegado à porta, que tinha um tom roxo suave, como de ameixas congeladas, e um batente em forma de querubim bem no meio.

O Arcano segurou a alça do querubim e deu duas batidas rápidas.

Evangeline podia jurar que o anjo fez uma careta e entendia como o querubim se sentia.

Ela tampouco queria ser tocada por Jacks. Nunca mais. Seus lábios ainda formigavam no ponto em que o Príncipe de Copas havia encostado e, se os lambesse, sabia que sentiria o gosto do sangue do Arcano mais uma vez. Jacks a havia marcado. E agora planejava utilizá-la.

Seus nervos estavam à flor da pele quando a porta se abriu. Evangeline se perguntou, mais uma vez, o que Jacks realmente queria e quais seriam as consequências do beijo que daria na matriarca da Casa Sucesso.

Um criado acompanhou a entrada dos dois, e Evangeline ficou tentando imaginar o que o Príncipe de Copas estaria buscando ali. Ficou imediatamente claro que a Casa Sucesso era muito rica. Tudo dentro de seu castelo de livros de história tinha o dobro do tamanho dos objetos da casa em que ela cresceria. Até

os tapetes eram mais grossos e engoliam os saltos de suas botas a cada passo. Mas ela duvidava que Jacks estivesse atrás apenas de riqueza.

Ficou observando o Príncipe de Copas, dando especial atenção aos olhos, para ver se eles pousavam em algum objeto específico. O criado os guiou, passando por uma fileira de retratos de pessoas com cabelo loiro quase branco e sorrisos pintados, até finalmente acomodá-los em uma sala de estar aquecida por duas crepitantes lareiras de mármore, um piano de quartzo polido e um janelão enorme. A vista era encantadora: um jardim coberto de neve, onde um gato peludo, branco como a neve, tentava pegar as faíscas exaladas pelas risadas de um alegre dragão azul.

Jacks nem sequer dirigiu o olhar para a cena nem para nenhuma das coisas encantadoras que havia na sala. Parou perto de uma das lareiras, apoiou o cotovelo na cornija e ficou fitando Evangeline desavergonhadamente.

*Não se preocupe, Raposinha. Você pode até gostar disso.*

Antes que a garota conseguisse pensar demais no fato de a voz lânguida do Arcano ter conseguido ressurgir em seus pensamentos, a porta da sala se escancarou.

– Darei um minuto para os dois saírem daqui antes de soltar Júpiter e Hadez para atacar vocês. – A idosa, que deveria ser a matriarca da Casa Sucesso, entrou correndo na sala, ladeada por dois cães de cor de aço que chegavam à altura da sua cintura. – Ainda não está na hora do jantar deles, mas meus cães sempre têm fome quando é para comer a carne de meus inimigos.

– Tabitha... – falou Jacks, soltando um suspiro tão dramático quanto sua pose. – Não há necessidade de fazer ameaças exageradas.

– Posso te garantir que minhas ameaças são verdadeiras. – A mão enrugada fez carinho no cão à sua esquerda, que mostrou os dentes reluzentes. – Agora vocês têm quarenta e dois segundos. Eu estava falando sério quando disse que mataria essa arrivistazinha se ela cruzasse o meu caminho.

O olhar da matriarca se dirigiu a Evangeline. Com dois círculos de *blush* pintados no rosto e o vestido lavanda-crepúsculo, acinturado por uma corrente de ouro, a idosa mais parecia uma boneca muito cara. Daquelas que, nos pesadelos, criam vida e te matam enquanto você está dormindo.

– Óbvio que os jornais exageraram ao comentar sua aparência – disse ela. – Não acredito que Apollo escolheu você, e não minha Thessaly. Mas, depois que

você sair da jogada, farei questão de que o príncipe repare esse erro.

Evangeline queria ter esperança de que a mulher estivesse brincando. Só podia estar brincando. Gente que mora em castelos roxos cintilantes não ameaça servir os convidados para os cachorros.

Ela lançou um olhar incomodado para Jacks. Ele olhou feio para o relógio pedestal que havia no canto, tiquetequeando sem parar.

Não era brincadeira, então.

– Vocês têm oito segundos – disse a matriarca.

Ambos os cães rosaram, com os lábios cinzentos esticados, mostrando os caninos, enquanto a dona fazia carinho na pelagem curta de suas cabeças.

A respiração de Evangeline ficou mais curta.

Ela tentou se convencer de que eram apenas cães, e, afinal de contas, não precisava beijar o focinho deles. Só precisava beijar a mulher que os acariciava.

– Que lindos os seus cães – desconversou Evangeline, e seu coração acelerou a cada palavra que disse. Fingiu que ia fazer carinho nos animais, mas segurou os ombros da mulher e sapecou um beijo em sua bochecha enrugada.

A matriarca da Casa Sucesso ficou rígida e esbravejou:

– Como ousa...

Suas palavras foram abafadas pelos ganidos e latidos dos cães, que pularam ao mesmo tempo. As patas fortes acertaram o tronco de Evangeline. Ela tentou ir para trás, mas os cães...

... estavam lhe lambendo?

Uma língua molhada sapecou um beijo de cachorro no rosto de Evangeline, enquanto o outro lambia seu pescoço afetuosamente.

Diante dela, a matriarca da Casa Sucesso estava com um sorrisinho discreto em seu rosto levemente enrugado. E, de repente, parecia ser tão doce quanto seu belo castelo roxo.

– Júpiter! Hadez! – ordenou a mulher. – Sentados, meus amores. Deixem nossa preciosa convidada em paz.

Os cães obedeceram imediatamente, ficando apoiados nas quatro patas.

Em seguida, a matriarca deu um abraço em Evangeline, quentinho como biscoitos que acabaram de sair do forno junto a mantas de tricô. E, pela primeira vez, Evangeline ficou verdadeiramente grata pela magia de Jacks,

porque aquilo era obviamente obra dele. O beijo transformara a matriarca de boneca assassina em avó amorosa.

– Releve Júpiter e Hadez. Só se comportam mal desse jeito quando ficam excepcionalmente empolgados ao ver alguém. Você também precisa perdoar meu comportamento deplorável. Queria ter ficado sabendo de antemão que vocês vinham me visitar hoje. Teria pedido para o cozinheiro fazer doce de *hobgoblin* para vocês.

Jacks deu risada e disfarçou, tossindo de um jeito muito parecido com o som das palavras “doce de *hobgoblin*”.

– É o doce preferido da minha Thessaly – continuou a matriarca. – Você teve a oportunidade de conhecê-la? Pensávamos que o príncipe Apollo iria pedi-la em casamento. E, apesar de Thessaly ter ficado chateada por ele não ter pedido, acho que vocês duas poderiam ser grandes amigas. Pedirei que uma carruagem a traga aqui agora mesmo.

– Não será necessário, Tabitha. – Jacks se afastou da lareira e se aproximou de Evangeline com uma graciosidade despreocupada. – Acredito que a senhorita Raposa realmente adoraria ver o cofre da Casa Sucesso.

– Não. – A idosa sacudiu a cabeça grisalha, meio dura, mas de modo insistente, como se não quisesse dizer “não”, mas algo mais forte do que a magia de Jacks a compelisse a dizer. – Não permito que ninguém entre nos cofres. Eu... eu sinto muito.

Ela relaxou os ombros, e as rugas do seu rosto ficaram mais evidentes quando se virou para Evangeline.

A expressão a fez lembrar Apollo de um modo perturbador. Sempre que o príncipe achava que a noiva não estava feliz, parecia que seu coração havia esquecido de bater e o restante de seu corpo também começava a dar defeito.

– Não estou gostando nada disso – Evangeline sussurrou para Jacks.

– Então me ajude a acabar logo com isso – sussurrou ele. – Assim que conseguir pegar o que quero, ela recuperará seu temperamento terrível. Quanto antes, melhor.

– Posso te mostrar outros lugares – prosseguiu a matriarca. – E se eu fizesse um *tour* pela casa com vocês e mostrasse os retratos de todos os meus netos preferidos?

– Por mais interessante que isso possa parecer, Jacks tem razão. – Evangeline sentiu uma pontada de culpa por ajudar o Arcano de livre e espontânea vontade, mas aquilo não terminaria enquanto ele não alcançasse seu objetivo. Aquela também era a sua oportunidade de descobrir o que o Príncipe de Copas estava pretendendo e por que queria que se casasse com Apollo. – Eu gostaria de ver os cofres.

A matriarca da Casa Sucesso mordiscou o lábio e apertou a chave quebrada em forma de esqueleto que levava pendurada em volta do pescoço. Não queria fazer aquilo, nem um pouco. Devia haver algo muito precioso – ou perigoso – em seus cofres. Mas, como o pedido viera diretamente de Evangeline, a mulher enfeitiçada parecia incapaz de recusá-lo. Ficou parecendo uma boneca de novo, seus lábios formaram um sorriso alegre que não combinava nem um pouco com o tremor de seus braços e de suas pernas. Então se virou e levou os dois até os cofres.

Um emaranhado de corredores cada vez mais estreitos.  
Um punhado de portas trancadas.  
Uma passagem escondida dentro de uma penteadeira.  
Um longo lance de escadas de ferro.  
Mil batidas de coração aceleradas.

E estavam quase chegando. No subterrâneo profundo, nas entradas do castelo dos livros de história.

Era o tipo de lugar que fazia Evangeline ter vontade de cruzar os braços contra o próprio peito. As paredes de granito úmidas eram cobertas de candeeiros manchados de fuligem, mas apenas alguns estavam acesos. Juntas, as chamas eram fracas demais para expulsar as sombras escondidas nos cantos. Só havia luz suficiente para revelar o arco solitário no meio da câmara.

Evangeline cruzou os braços contra o próprio peito.

Desde que chegara ao Norte, já tinha visto três outros arcos. O Grande Arco de Acesso ao Magnífico Norte, o arco coberto de símbolos da primeira festa dada por Apollo, e o arco de noivas cambiantes que levava ao Sarau Sem Fim.

Aquele arco era muito mais simples, e, mesmo assim, emanava um poder semelhante ao dos demais. Coberto de musgo seco e teias de aranha sépia, parecia ser mais cinzento do que azul, e fez Evangeline pensar em algo que tivesse ido dormir havia muito tempo e fora deixado propositalmente sozinho.

– Pelo jeito, não sou o único que tem se comportado mal. – O Príncipe de Copas ergueu uma das sobrancelhas imperiosas, tirou os olhos do arco cheio de limo e os dirigiu para a matriarca da Casa Sucesso, que estava tremendo.

– Vocês não podem contar para ninguém! – gritou a idosa, balançando os braços nas laterais do próprio corpo, no ponto em que antes acariciava os cães,

que haviam parado de segui-la em algum ponto do trajeto. – Evangeline, por favor, não pense mal de mim por guardar isso aqui.

– Por que eu pensaria mal da senhora?

– Porque esse arco deveria ter sido destruído – comentou Jacks.

O Arcano parou bem na frente da construção e ficou completamente imóvel. Evangeline duvidava que ele tivesse consciência disso. Não, com certeza, não tinha. Se tivesse, teria fechado a cara muito antes. Cachos de seu cabelo azul caíam em sua testa, mas não esconderam seus olhos, que estavam arregalados, brilhando como uma estrela partida, um brilho muito parecido com esperança.

Ela teve a sensação de que não deveria ficar fitando tão abertamente, mas não conseguia desviar o olhar.

Aquele olhar de Jacks suavizou um pouco seus traços, deixando-o mais parecido com o Príncipe de Copas que ela imaginava antes de conhecê-lo, todo belo e de coração tragicamente partido.

Estavam se aproximando do que o Arcano queria. Evangeline só gostaria de saber o que era.

Ela examinou o arco adormecido novamente, tentando descobrir o que o tornava diferente dos demais arcos. Levou um bom tempo e teve que espremer os olhos para ver por baixo da sujeira, mas encontrou um conjunto de palavras estrangeiras gravadas, com letras pequenas, no topo. Um arrepião de empolgação percorreu sua coluna. Não conseguia ler as palavras, mas, sabe-se lá por que, reconheceu a língua.

– Está escrito na antiga língua dos Valor? – perguntou a jovem, lembrando as estátuas decapitadas que sussurraram para ela do meio do mar, quando chegou àquela parte do mundo.

Jacks inclinou a cabeça, surpreso, e indagou:

– O que você sabe a respeito dos Valor?

– Minha mãe sempre me falava deles. – É claro que, enquanto Evangeline tentava lembrar o que sua mãe havia dito, não conseguiu lembrar muita coisa. Só tinha algumas imagens nebulosas de uma antiga família real que fora decapitada. – São equivalentes aos Arcanos, só que do Norte.

– Não...

– Nem um pouco...

Tabitha e Jacks responderam ao mesmo tempo.

– Os Valor eram meros humanos – corrigiu o Príncipe de Copas.

– Eles não tinham nada de *mero* – retrucou a matriarca. Em seguida, empertigou-se, ficando mais parecida com a mulher formidável que Evangeline vira pela primeira vez. – Honora e Lobric Valor formaram o primeiro casal real do Norte e eram governantes extraordinários. – Tabitha ficou com o olhar distante e enevoado, e Evangeline teve medo de que ela não dissesse mais nada. Que, como em tantas outras lendas do Norte, aquela história fosse enfeitiçada, para que as pessoas se esquecessem dela. Mas a mulher prosseguiu: – Lobric Valor era um guerreiro insuperável, e Honora Valor era uma curandeira talentosa, capaz de consertar ou curar quase qualquer um que ainda apresentasse um sopro de vida. Todos os filhos dos dois também possuíam habilidades especiais. Vesper, a filha, era capaz de prever o futuro; e o segundo filho era capaz de mudar de forma. Dizem que, quando diversos integrantes da família Valor combinavam seus poderes, eram capazes de infundir magia em objetos inanimados e lugares.

– Claro que – interrompeu Jacks, delicadamente –, como todos os governantes talentosos, os Valor se tornaram poderosos demais, e seus súditos se viraram contra eles. Cortaram-lhes a cabeça e, em seguida, declararam guerra contra o que restava de sua magia.

– Não foi isso o que aconteceu – replicou Tabitha. Suas palavras foram rápidas e firmes, mas então ela ficou boquiaberta, como se as próximas palavras que queria dizer não quisessem sair de sua boca. Pelo jeito, a história era mesmo enfeitiçada.

O Arcano retorceu os lábios enquanto a matriarca tentava falar, até que ela finalmente olhou para Evangeline e conseguiu reencontrar suas palavras. Só que, agora, estava contando outra parte da história.

– Os arcos eram uma das coisas mais incríveis que os Valor haviam criado. Podiam servir como portais para lugares distantes e inalcançáveis. E, quando funcionavam como portas, eram impenetráveis. Uma vez trancado, um arco só poderia ser aberto com o tipo certo de chave. Se um arco lacrado for destruído, não há mais como encontrar o que há do outro lado.

– Entretanto – interveio o Príncipe de Copas –, o principal motivo para a família Valor construir os arcos era poder usá-los para se deslocar a qualquer

lugar do Norte. Alguns, como este, podem ter sido dados de presente. Mas, mesmo esses arcos contêm portas dos fundos secretas, que só integrantes da família Valor poderiam usar, permitindo que tivessem acesso a qualquer lugar onde existisse um arco.

– Isso é mentira – falou a matriarca, soltando uma risada debochada. – As pessoas inventaram essas histórias para diminuir o poder das Grandes Casas. Proibiram os arcos, exigindo que fossem destruídos, exceto pelos arcos régios, porque a família Valor se foi e não vai mais voltar. Você verá, Evangeline, que é uma coisa completamente inofensiva. – Tabitha então se aproximou do arco e estendeu a mão aberta para Jacks. – Agora, rapaz, fazendo o obséquio.

– Com todo o prazer.

O Arcano pegou a faca com pedras preciosas que havia usado na carruagem e, com ela, cortou a palma da mão da mulher.

– Com o meu sangue abençoadão, peço entrada para meus amigos e para mim mesma. – A matriarca pressionou a mão ensanguentada na pedra, que bateu feito um coração. *Tum-tum-tum*. As pedras ganharam vida diante dos olhos de Evangeline, tingindo-se de um azul reluzente com um toque de verde, quando o musgo seco se renovou, pingando de orvalho.

– Viu só, querida? – disse Tabitha.

A matriarca tirou a mão ensanguentada do arco, e a parte do meio, até então vazia, foi preenchida por uma porta de carvalho brilhante, que tinha cheiro de madeira recém-cortada e magia ancestral.

– Essa porta só pode ser aberta com sangue dado de livre e espontânea vontade da mão do chefe da Casa Sucesso.

– O que a torna impossível de arrombar – debochou Jacks, enquanto abria a porta que acabara de aparecer.

Evangeline se aproximou e, assim como acontecera com todos os demais arcos, ouviu um sussurro rouco vindo das pedras: “Você também poderia ter me destrancado”.

Levou um susto ao ouvir essas palavras. Em seguida, ficou imóvel como um cadáver, surpresa e irritada por perceber que Jacks a observava em vez de olhar para o cofre no qual estava tão desesperado para entrar.

– Que foi, Raposinha? – perguntou, com uma voz simpática. Evangeline não gostou, nem acreditou naquela voz. O Arcano era muitas coisas, mas

simpático não era uma delas.

– Nada.

A jovem nem ao menos sabia se isso era ou não mentira. Os arcos deviam sussurrar coisas diferentes para cada pessoa e, se não fizessem isso, Evangeline é que não ia contar para Jacks que os arcos andavam falando com ela.

Em silêncio, os três entraram no cofre. Evangeline esperava que a câmara escondesse algo de ilícito ou de terrível. Mas, à primeira vista, mais parecia uma cozinha um tanto estranha. Havia diversos caldeirões, garrafas e colheres de pau penduradas e etiquetadas com frases como “Só mexa em sentido horário” e “Não use depois que escurecer”.

– Aqui está a coleção de receitas de família para nossas Sensacionais Águas Saborizadas – anunciou a matriarca, apontando para uma parede tapada de volumes grossos com diversas fitas, cordas e algumas correntes.

Evangeline ficou observando Jacks atentamente, para ver se algo chamava a atenção do Arcano. Esperava que ele ficasse no mínimo intrigado pelos livros acorrentados. Mas o Príncipe de Copas apenas lançou um olhar superficial na direção deles. Não que Evangeline achasse que Jacks estivesse atrás de um livro de receitas.

Ela continuou examinando atentamente cada movimento do Arcano, só que Jacks não se impressionou com nada enquanto andavam. Ficou com as mãos nos bolsos e, se olhava para alguma coisa, era sempre de relance.

Quando chegaram a um armário de cálices com pedras preciosas, Evangeline pensou ter sentido os olhos de Jacks em cima dela, observando-a com mais atenção do que havia olhado para qualquer outra coisa. Mas, quando se virou para conferir, o Príncipe de Copas já estava mais adiante.

A boca do Arcano se tornou mais emburrada quando a matriarca levou Evangeline até uma prateleira cheia de ovos de dragão antigos. Depois, mostrou o armário onde guardava corações pulsantes de *hobgoblins*, o que a fez dar graças a Deus pelo fato de o cozinheiro não ter feito o tal doce.

Depois disso, os objetos foram se tornando cada vez mais aleatórios. Alguns espelhos possivelmente mágicos, vestes ornamentais e uma série de quadros emoldurados meio esquisitos, mas interessantes. E, assim como o restante dos objetos, nenhum chamou a atenção de Jacks.

– Não está se divertindo? – Evangeline alfinetou.

– Tenho a sensação de estar nos bastidores de um espetáculo de magia ruim – resmungou o Arcano.

Evangeline provavelmente se sentiu satisfeita por Jacks não estar encontrando o que queria. Mas isso também significava que ela tampouco estava descobrindo o que o Príncipe de Copas queria.

– Deixe-me ajudar você – sussurrou Evangeline, na esperança de, finalmente, arrancar uma resposta dele. – Se me disser o que está procurando, posso tentar encontrar.

Jacks nem sequer tomou conhecimento de sua oferta de ajuda. Ignorou completamente Evangeline, pegou uma caveira de esmeralda e ficou jogando para cima e para baixo, como se fosse uma maçã, com movimentos rápidos, elegantes e um tanto violentos, como se quisesse machucar algo.

Das duas, uma: ou Jacks era orgulhoso demais para aceitar a ajuda dela, ou não queria que Evangeline soubesse o que estava procurando. Seja como for, o Arcano estava ficando visivelmente cansado do cofre. E podia até ser só imaginação da jovem, mas parecia que a magia do beijo que ela dera na matriarca também estava se exaurindo. O sorriso da idosa diminuiu, seus ombros estavam curvados, e ela parou de se exibir ao mostrar seus objetos preferidos. Nem sequer se deu ao trabalho de repreender Jacks por ficar jogando a caveira de um lado para o outro.

Se Evangeline quisesse descobrir o que o Príncipe de Copas estava procurando, precisava fazer alguma coisa.

– Covarde – falou, como se tivesse tossido.

Dois olhos aguçados se dirigiram a ela.

– Como?

– Nada – murmurou Evangeline. – Mas... agora que parei para pensar, é um tanto decepcionante que o seu plano sinistro seja tão fraco a ponto de ir por água abaixo se você me contar um pedacinho sequer.

– Muito bem, Raposinha. – Jacks continuou atirando a caveira para o alto, com a elegância impiedosa de um jovem capaz de pegá-la no ar com a mesma facilidade que poderia deixá-la cair. – Já que você quer me ajudar, pergunte para sua amiga matriarca se pode ver a coleção de pedras.

– Você está procurando *pedras*?

O Arcano fez que “não” com a cabeça uma única vez, em silêncio, como se já tivesse falado demais.

Evangeline tinha a sensação de que o Príncipe de Copas estava brincando com ela. Mas também começou a acreditar que, mesmo quando Jacks brincava, estava falando sério.

– *Lady Sucesso* – disse Evangeline. A mulher estava a alguns passos mais adiante, o suficiente para a jovem ter que gritar uma segunda vez. – Senhora Sucesso!

– Sim, minha querida. – Ela finalmente se virou. – Há alguma coisa que você gostaria que eu te mostrasse?

– Ouvi dizer que a senhora tem uma coleção de pedras, e eu adoraria vê-la.

– Ah, não, minha querida, receio que eu não tenha nenhuma... *pedra*. – A postura toda da mulher mudou quando ela pronunciou essa última palavra. Sua boca começou a repuxar-repuçar-repuçar, desfazendo o que restava de sua expressão adorável, até a fachada de avó sumir e a de boneca assassina voltar. – Você... É você...

– Raposinha. – Jacks falou baixo, de um jeito esquisito. – Acho que está na hora de você sair correndo.

– Como eu não percebi? – assombrou-se a idosa, olhando para Evangeline como se ela fosse a pessoa mais perigosa daquele cofre. – Você é a única capaz de abrir o Arco da Valorosa.

– Jacks... – sussurrou Evangeline. De repente, por mais que tivesse falado que os arcos eram gloriosos, a matriarca parecia horrorizada. – Do que ela está falando? O que é o Arco da Valorosa?

– Por que você ainda está aqui? – O Arcano segurou o braço da garota e, com um movimento fluido, a empurrou para trás dele.

Mas Jacks não foi embora. Nem Evangeline.

– *Você a reconhecerá porque ela estará coroada de ouro rosé* – recitou a mulher.  
– *Ela será tanto plebeia quanto princesa.*

– Tabitha enlouqueceu – urrou Jacks. – Você precisa sair daqui agora.

O coração de Evangeline bateu acelerado, pressionando-a a acelerar também. *Saia. Saia. Saia.* Mas ela continuou parada no mesmo lugar, ouvindo a matriarca recitar:

– Você a reconhecerá porque ela estará coroada de ouro rosê. Ela será tanto plebeia quanto princesa.

Evangeline não acreditou que a mulher havia enlouquecido. Aquelas palavras pareceram quase proféticas.

– Você não pode se casar com o príncipe! O Arco da Valorosa jamais pode ser aberto! – gritava a matriarca.

Alguma coisa metálica reluziu em suas mãos. E então ela foi para cima da jovem, segurando um objeto que parecia ser uma faca.

Evangeline pegou o objeto mais próximo: o retrato emoldurado de um gato.

– O que você vai fazer com isso? – resmungou o Príncipe de Copas, soltando um palavrão.

Em seguida, pegou a caveira de esmeralda e a espatifou na cabeça da matriarca.

Tabitha foi ao chão, formando um amontoado lavanda todo amarfanhado.

Evangeline abriu a boca de repente, mas levou vários segundos para pronunciar as seguintes palavras:

– Você... você sabia que isso ia acontecer?

– Você acha que eu queria que ela tentasse te matar?

Jacks parecia ofendido, mais do que Evangeline poderia esperar. Soltou a caveira, deixando-a cair no chão, e o objeto foi parar ao lado da matriarca, fazendo um barulho alto. O peito da mulher subia e descia, em um ritmo lento e inconstante. Tabitha ainda respirava, mas mal.

– Agora ela não vai nos contar nada. – Jacks se abaixou, aproximando-se da idosa, e encostou os lábios nos da matriarca.

Algo enjoativo revirou o estômago de Evangeline. O Arcano ia beijar aquela mulher – e *matá-la*.

– Pare, Jacks! – gritou a garota, segurando-o pelos ombros. Sabe-se lá como, conseguiu fazê-lo ir para trás, provavelmente devido ao tom furioso de sua voz, mais do que pela força de suas mãos trêmulas. Evangeline não conseguia entender completamente o que acabara de acontecer, mas nem por isso ia permitir que o Príncipe de Copas piorasse ainda mais a situação. – Se você a beijar, estamos terminados. Não vou me envolver em nenhum assassinato.

– Não podemos deixá-la aqui desse jeito. – A voz de Jacks era perfeitamente racional e completamente sem emoção. Matar aquela mulher não o

incomodaria nem um pouco. – Assim que ela acordar, irá atrás de você.

– E por quê, Jacks? O que é o Arco da Valorosa? E quem ela acha que eu sou?

Jacks fechou a boca, apertando os lábios, e ergueu um pouco o corpo. O que, do ponto de vista de Evangeline, pareceu uma resposta. O Arcano acreditava que aquele cântico falava dela. O ambiente começou a girar, e todos aqueles cacarecos e objetos insólitos viraram um borrão ao seu redor, enquanto a jovem tentava entender aquela última virada nos acontecimentos.

“Você a reconhecerá porque ela estará coroada de ouro rosê.

Ela será tanto plebeia quanto princesa.”

Evangeline tinha cabelo ouro rosê, era plebeia naquele momento, e seria princesa dentro de dois dias, caso se casasse com o príncipe Apollo.

Devia ser por isso que Jacks queria que ela e Apollo se casassem. O Príncipe de Copas arquitetara tudo aquilo para que Evangeline se tornasse a garota do cântico da matriarca da Casa Sucesso, que, de acordo com a idosa, abriria aquele tal Arco da Valorosa.

– O que é o Arco da Valorosa? – perguntou, mais uma vez. – E por que essa mulher estava com tanto medo de que eu o abrisse? O que há dentro dele?

Jacks foi se levantando lentamente até ficar completamente de pé. Olhou de cima para Evangeline e falou, com toda a calma:

– Você não precisa se preocupar com o Arco da Valorosa. Só precisa se casar com o príncipe Apollo.

– Eu...

O Arcano segurou o rosto da jovem com as duas mãos, silenciando-a com uma única carícia gelada.

– Se você deseja quebrar o feitiço de Apollo, sua única opção é se casar com ele. Ou será que preciso lembrá-la do quanto é desesperador ter o coração partido? Que dói tanto, ao ponto de compelir você a fazer um trato com um demônio como eu? Quer mesmo cancelar seu casamento e deixar Apollo assim, apaixonado para sempre por alguém que jamais corresponderá aos seus sentimentos? – Nessa hora, Jacks ficou com aquele mesmo olhar perturbador e desolado que ficara na carruagem. – Não faz muito tempo que vi você dentro de minha igreja disposta a me prometer quase qualquer coisa para acabar com essa dor. Era mentira? Ou será que você já esqueceu que ter o coração partido

estraçalha a alma, pedacinho por pedacinho, que isso a transforma em masoquista, fazendo você sentir falta do que acabou de te eviscerar, até não restar mais nada para ser destruído?

Jacks apertou o rosto de Evangeline com os dedos gelados.

Ela endireitou os ombros e se afastou.

– E você ainda está falando do meu coração partido ou do seu? – Evangeline perguntou.

Jacks soltou uma risada e deu um sorriso tão afiado que seria capaz de cortar um diamante.

– Você está melhorando no quesito maldade, Raposinha. Mas, para ter o coração partido, primeiro é preciso ter um coração que funcione. Coisa que não tenho. Posso manter Apollo enfeitiçado por toda a eternidade. Então, das duas, uma: você pode se casar com ele e salvá-lo de uma vida inteira de infelicidade, ou pode tentar evitar que uma profecia empoeirada se cumpra, uma profecia que você nem sequer entende.

E vangeline ficou com a cabeça virada para a janela, observando o vidro gelado da carroagem que a levava de volta para o Paço dos Lobos. Fingiu que Jacks não estava ali, ainda que ficasse repassando em sua cabeça as últimas palavras que o Arcano havia dito: “Uma profecia empoeirada... que você nem sequer entende”.

Não conseguia pensar em outra coisa. Ela sabia que a maioria das histórias do Norte não eram completamente confiáveis, mas será que uma profecia poderia ser considerada uma história?

Sua mãe nunca havia falado de profecias. Será que eram aqueles tipos de magia que não podiam sair do Norte? Mais pareciam uma espécie de magia do que histórias. Qualquer coisa podia ser transformada em história, mas, por definição, cada elemento de uma profecia precisava ser algo passível de ser concretizado – ou não era uma profecia de verdade.

Evangeline teria perguntado a respeito para Jacks, mas não queria mais falar com ele. E, de todo modo, não esperava que o Arcano desse alguma explicação.

O Príncipe de Copas agira como se ela não tivesse muita escolha, como se sua única opção fosse se casar com Apollo. Mas era raro Evangeline acreditar que só havia uma opção. Acreditava no que sua mãe ensinara, que toda história tem potencial para infinitos fins.

Entretanto, Evangeline não conseguia se imaginar abandonando Apollo, que ficaria de coração partido para sempre se ela rompesse o noivado naquele momento.

Mas e se ela fosse mesmo a garota de cabelo ouro rosê mencionada naquela profecia? E se o casamento dela com Apollo desencadeasse vários eventos, abrindo o tal de Arco da Valorosa e soltando algo horroroso no mundo?

Evangeline não sabia o que o arco continha de fato, mas a matriarca da Casa Sucesso a deixara com a impressão de que não era nada bom.

Cruzou os braços, apertou o próprio peito e continuou a olhar pela janela, para as ruas congeladas do Norte.

Quando a imperatriz a convidou para ir até lá, Evangeline pensou que seria a chance de entrar em um conto de fadas, de encontrar um novo amor e um final feliz. Mas agora se perguntava se aquilo, na verdade, era o destino manipulando o seu caminho. Queria poder conversar com Marisol, mas isso estava fora de questão.

Evangeline tentou imaginar o que seu pai ou sua mãe diriam se ainda estivessem vivos. Os dois provavelmente a tranquilizariam com carinho, dizendo que o futuro seria determinado pelas decisões dela, não pelo destino. Diriam que ela não fazia parte de nenhuma profecia calamitosa. Mas, como eram do tipo de pessoas que acreditariam em coisas como profecias, também pesquisariam o assunto em segredo, pelas suas costas. E era exatamente isso que Evangeline pretendia fazer.

O Paço dos Lobos estava mais para uma fortaleza do que para um castelo de livros de história: tinha pedras robustas cinza-ardósia, torres altas e paredes com parapeitos denteados.

Evangeline respirou fundo e fingiu que não estava voltando escondida quando entrou pela mesma passagem secreta que usara para sair. Àquela altura, alguém provavelmente já teria notado sua ausência, mas ela planejava dizer que havia se perdido na vastidão do castelo. Era algo fácil de acontecer.

O Paço dos Lobos era enorme, repleto de corredores sem fim e recintos com pé-direito alto, cujas lareiras estavam sempre funcionando para aquecer-los. Quando Apollo mostrou o castelo para Evangeline, os cômodos pareceram todos iguais. Muita madeira, estanho e tapetes felpudos, em tons terrosos e vivos, que a fizeram pensar nas florestas úmidas e nos jardins encantados do Norte.

Ainda bem que o castelo também era repleto de plaquinhas úteis, com flechas alegres que indicavam onde tudo poderia ser encontrado.

Evangeline seguiu uma das placas até a Ala dos Eruditos e à biblioteca real. A biblioteca era mais fria do que o restante do castelo porque era desprovida de

janelas, já que deixar entrar luz poderia ser nocivo aos livros. Ela pisou mais leve ao entrar, na esperança de passar despercebida pelos bibliotecários de vestes compridas e brancas e dos eruditos que se debruçavam sobre os pergaminhos.

Apollo havia dito que ela poderia entrar em qualquer parte do Paço dos Lobos, mas Evangeline não queria que ninguém soubesse o que estava procurando, caso isso desencadeasse uma reação como a que a matriarca da Casa Sucesso tivera. “Você não pode se casar com o príncipe! O Arco da Valorosa jamais pode ser aberto...”

Evangeline respirou fundo, trêmula, e procurou nas prateleiras por qualquer livro sobre arcos, profecias ou a família Valor. Não tinha muita expectativa de encontrar tomos repletos de profecias e, dado que a matriarca dissera que os arcos foram destruídos, Evangeline não se surpreendeu com o fato de não haver nenhum livro intitulado *Arcos do Norte* ou *Um arco com um segredo mortal*. Mas era estranho não conseguir encontrar um único livro sobre a família Valor, que havia criado todos os arcos.

Encontrou livros sobre botânica, teatro de bonecos, leilões, forjas e sobre quase tudo o mais. Mas nenhuma lombada sequer mencionava a família Valor.

Não fazia sentido. Os Valor eram a famosa primeira família real. Havia estátuas enormes deles logo depois do porto. A capital, Valorfell, tinha esse nome em homenagem a eles. Devia haver pelo menos um livro falando da família.

A luz se tornou mais fraca, e o ar, mais abafado pelo cheiro da poeira, à medida que ela foi se aventurando mais fundo na biblioteca, onde as estantes ficavam mais próximas umas das outras, e os livros pareciam mais desgastados pelo tempo.

– Posso te ajudar com alguma coisa, senhorita Raposa?

Evangeline levou um susto ao ouvir a voz rouca. Virou para trás e deu de cara com um bibliotecário diminuto, que parecia ser tão velho quanto o próprio tempo.

– Perdoe-me por tê-la assustado. Eu me chamo Nicodemus e não pude deixar de perceber que a senhorita está procurando alguma coisa.

O sorriso que ele deu foi emoldurado por uma barba grisalha comprida, com fios de ouro que combinavam com a barra de suas vestes brancas.

– Obrigada, só estou um pouco perdida – desconversou Evangeline. E quase deixou por isso mesmo. Mas, se saísse da biblioteca naquele momento, iria embora com mais perguntas do que quando havia entrado. Ainda achava que não era prudente perguntar sobre o Arco da Valorosa. Entretanto, talvez pudesse abordar o assunto, chegando perto, mas sem levantar suspeitas que poderiam levar a outro ataque contra sua vida. – Na verdade, estava procurando livros sobre a família Valor, mas não consegui encontrar nenhum.

– Receio que seja porque a senhorita está procurando no lugar errado.

Para alguém tão velho, Nicodemus era ágil, e logo sumiu em um corredor próximo, dando a Evangeline apenas um instante para resolver se iria atrás dele.

Ela não tinha motivos para ficar em dúvida, mas obviamente não havia superado sua recente experiência com a matriarca. Ninguém havia tentado matar Evangeline até então, e isso a deixara com a sensação de que a morte estava um tanto perto demais.

Teve que se segurar para não olhar para trás diversas vezes, enquanto Nicodemus a levava para os recônditos da biblioteca, passando por mais estantes de livros, entremeadas de quando em quando por retratos impressionantes de Apollo. Alguns passos depois, o chão de lajotas mudou para pedras verdes envelhecidas, e as paredes mudaram: de estantes de livros para uma série de portas curiosas, sinalizadas com símbolos de armas, estrelas e algumas outras figuras que ela não conseguiu decifrar.

Finalmente, Nicodemus parou diante de uma alcova protegida por uma porta arredondada, decorada com uma cabeça de lobo usando coroa.

– Acredita-se que todas as histórias a respeito da família Valor estão do outro lado desta porta – disse ele. – Infelizmente, ninguém consegue abri-la desde a era Valor.



O coral de sinetas havia chegado ao grande pátio interno do Paço dos Lobos um dia depois de Apollo ter pedido a mão de Evangeline em casamento. Apareceram exatamente ao meio-dia, vestidos com capas vermelhas pesadas, para contrastar bem com a neve que logo cairia. O coral tinha cento e quarenta e quatro integrantes, um para cada hora que faltava até o casamento. E, a cada hora, um integrante ia embora em silêncio.

Naquela noite, restavam apenas doze integrantes do coral – faltavam doze horas até o casamento, na manhã seguinte –, e então o príncipe amaldiçoado se juntou a eles.

Evangeline soltou um suspiro profundo e entreabriu as portas duplas. O frio a atingiu em cheio quando saiu para a sacada e se deixou envolver pelo doce murmurar dos sinos e pelo som grave da serenata de Apollo.

– Meu amor! – gritou o príncipe. – O que devo cantar para você esta noite?

– Está frio demais para você ficar aí fora – respondeu a jovem. – Você vai congelar se continuar fazendo isso.

– Eu congelaria por você com todo o prazer, meu coração.

Ela fechou os olhos. Apollo dizia a mesma coisa todas as noites, e todas as noites Evangeline ficava na sacada, observando e ouvindo até as pontas dos fios de seu cabelo ficarem cobertas de geada e seu hálito se transformar em gelo. Congelar junto com Apollo parecia uma penitência, que ela pagava por ter ajudado Jacks a fazer aquilo com o príncipe. Era tentador fazer a mesma coisa naquela noite, ficar simplesmente parada ali e esquecer tudo o que havia acontecido nos cofres da Casa Sucesso, casar-se com Apollo, quebrar o feitiço e torcer para que recomeçassem, do zero. Só porque ele era vítima de uma maldição não significava que a história dos dois também seria.

Só que, por mais que Evangeline quisesse, não conseguia se esquecer da profecia e não poderia se casar com Apollo sem saber mais a respeito do Arco da Valorosa e do que aconteceria caso fosse aberto.

Ela deu mais um suspiro profundo e, antes que pudesse mudar de ideia, gritou:

– Apollo, não quero que você pegue um resfriado antes de nosso casamento. Por que você não sobe aqui em vez de cantar?

Estava escuro, mas Evangeline jurou que o rosto do príncipe se iluminou. Em seguida, ele começou a escalar a parede.

– Apollo! Pare... O que você está fazendo?

O príncipe parou, já a alguns metros do chão, segurando-se nas pedras grossas que deviam estar escorregadias por causa do gelo, para dizer:

– Você me mandou subir.

– Achei que você viria pela escada. Assim, vai cair e morrer.

– Confie um pouco em seu príncipe, minha noiva. – Ele continuou a escalar a parede, parando apenas quando seu guarda pessoal tentou segui-lo, e falou: – Ficarei bem sozinho, Havelock.

Apollo chegou à sacada com mais alguns movimentos ágeis e pulou com destreza por cima do corrimão.

– Estou quase triste, porque, depois desta noite, não haverá mais necessidade de te mostrar o quão longe eu iria só para estar com você, meu coração.

Em seguida, o príncipe lançou um olhar ardente para a garota.

Evangeline não havia colocado a camisola. Como planejava convidar Apollo para subir ao seu quarto, ainda estava bem agasalhada, com um vestido de lã de mangas compridas e uma veste com barra de pele. Mas, a julgar pelo olhar de cobiça do príncipe, ela bem que poderia estar simplesmente enrolada em alguns metros de fita.

Com um movimento elegante, ele tomou Evangeline nos braços e a levou para dentro do quarto.

O cômodo fora feito para uma princesa. Os tapetes cor-de-rosa e de creme eram fofos como travesseiros, a lareira, feita de rocha cristalina, crepitava, e a cama floral era de carvalho branco elegante, com colunas que iam do chão até o teto e uma cabeceira entalhada do comprimento da parede.

Evangeline esqueceu como se respira por alguns instantes, porque Apollo a levou direto para aquela cama enorme e a deitou no meio das colchas de cetim, dispondo a garota como se fosse um sacrifício em um altar.

– Tenho a sensação de que espero por esse momento há uma eternidade.

– Apollo... Espere!

Ela esticou o braço antes que o príncipe também se deitasse.

– O que foi, meu coração? – Uma ruga se formou entre as sobrancelhas de Apollo, mas seus olhos castanho-escuros ainda pegavam fogo. – Não foi por isso que você queria que eu viesse aqui em cima?

Evangeline respirou fundo. Não contava com aquela reação. Só queria conversar com o príncipe.

No dia anterior, a jovem tentara encaixar sua mão na abertura da porta da biblioteca que guardava os livros a respeito da família Valor. Mas, assim como todas as pessoas que haviam tentado antes dela, não teve sucesso. A porta estava trancada pela mesma maldição que distorcera tantas histórias do Norte, transformando-as em contos de fadas. Havia voltado à biblioteca naquela manhã, mas não conseguira encontrar nada nem remotamente relacionado ao Arco da Valorosa, e estava nervosa demais para perguntar a alguém.

Evangeline também tinha receio de perguntar para Apollo a respeito do Arco da Valorosa ou da profecia ligada a ele. Não deveria. Mas se suas perguntas de fato quebrassem o feitiço de Jacks, como acontecera com a matriarca da Casa Sucesso, seria bom para o príncipe, que seria libertado da maldição, e ela não precisaria mais ter medo de concretizar uma profecia perigosa quando se casasse com ele.

Só que, sendo bem sincera, lá no fundo, ela queria se casar com o príncipe. Evangeline queria ter a oportunidade de viver um conto de fadas – e de amar.

Só que sabia que aquilo não era amor de verdade. Assim que se casasse com Apollo, ele não seria mais *aquele* príncipe. Seria o príncipe que Evangeline conhecera na primeira noite que passara em Valorfell e estaria muito mais propenso a dispensá-la do que a escalar uma parede paravê-la.

Sentou-se na cama enorme, ficando com as pernas para fora, de frente para seu prometido, como se os dois estivessem no mesmo nível, em vez de ficar deitada feito um sacrifício.

– Desculpe pela confusão. Quero você aqui comigo, mas é porque preciso te perguntar algo a sós.

– Você pode dizer qualquer coisa para mim.

Apollo ficou de joelhos, sacudiu o cabelo, livrando-se da umidade, e olhou para Evangeline com absoluta adoração: os olhos faiscavam com brasas castanhas e bronze.

– Se for sobre amanhã, se você estiver com medo da noite de núpcias, prometo ser delicado.

– Não, não é isso.

Só que, agora que ele havia tocado no assunto, Evangeline subitamente ficou com receio disso também. Mas não era a hora para isso, já que ainda não tinha se decidido se ia ou não se casar com o príncipe no dia seguinte.

– Tenho tentado aprender sobre o seu país, me preparar para ser sua noiva...

– Que ideia maravilhosa, meu coração! Você será uma excelente rainha – arrulhou Apollo, praticamente começando a cantar de novo.

Evangeline ficou tentada a pôr um fim na conversa imediatamente. Seria um crime deixá-lo preso daquele jeito para sempre. Mas não podia ignorar a profecia.

Ela respirou fundo e se preparou para o pior, segurando firme o canto aveludado da cama. Então perguntou:

– Você já ouviu falar no Arco da Valorosa?

Apollo ficou com um sorriso infantil.

– Achei que você ia me perguntar sobre alguma coisa assustadora.

Evangeline achou que tinha perguntado.

– O Arco da Valorosa é algo que você chamaria de conto de fadas.

A jovem franziu o cenho e comentou:

– No lugar de onde venho, chamamos todas as histórias de contos de fadas.

– Eu sei.

Os olhos de Apollo ficaram com um brilho maroto. E, por um instante, o príncipe não parecia tão amaldiçoado. Parecia apenas um garoto tentando provocar uma garota.

– Nossa história foi amaldiçoada, mas acreditamos mais em certas lendas do que em outras. Todo mundo acredita que certas coisas são histórias verdadeiras, como a existência da família Valor. Mas, com o tempo, algumas das histórias a

respeito deles se tornaram tão distorcidas que são consideradas o que você chamaria de contos de fadas. Entre elas, está o mito do Arco da Valorosa.

A voz de Apollo ficou mais grave, mais dramática, e ele se sentou na cama ao lado da noiva. Perto, mas não a ponto de encostar em Evangeline.

– As histórias a respeito do Arco da Valorosa figuram entre nossas lendas amaldiçoadas. Histórias sobre a família Valor só podem ser transmitidas de boca a boca. E, no caso do Arco da Valorosa, há duas versões diferentes. Para sua sorte, conheço as duas.

O príncipe abriu um sorriso orgulhoso, e Evangeline ficou um pouco menos tensa.

– Acredita-se que o Arco da Valorosa seja o portão de acesso à Valorosa. Em uma das versões da história, a Valorosa era uma prisão mágica construída pela família Valor. Como a magia não pode ser destruída, a família Valor alegou ter criado a Valorosa para aprisionar quaisquer objetos de poder mágico perigoso ou prisioneiros estrangeiros com habilidades mágicas. Disseram que a Valorosa foi construída para proteger o Norte das forças que pretendiam destruí-lo, mas...

Apollo ficou em silêncio por alguns instantes, como se estivesse procurando as palavras certas. E, disfarçadamente, chegou mais perto, até encostar sua perna na de Evangeline.

O coração dela sobressaltou-se.

– Posso? – perguntou Apollo, e sua voz grave de repente soou suave e absolutamente sincera.

Ele teria se afastado se Evangeline quisesse, mas isso destruiria a frágil esperança que o príncipe estava tentando disfarçar com seu sorriso tímido.

– Gostei – disse a jovem, que ficou surpresa ao se dar conta de que estava sendo sincera.

Desde que suspeitara, pela primeira vez, que Apollo estava enfeitiçado por Jacks, tudo o que o príncipe fazia parecia um pouco exagerado demais e um pouco irreal demais. Mas aquilo – Apollo contando uma história para ela e tentando tocá-la tão sutilmente e com tanta timidez – pareceu possível de ser real, como se fosse assim que as coisas deveriam ser, se Apollo realmente gostasse dela. E ter alguém que gostasse dela era uma sensação boa...

Evangeline lembrou que não era algo genuíno, que o príncipe só agia daquela maneira por causa do feitiço lançado por Jacks, mas fazia tanto tempo que não se sentia tão importante para alguém... E Apollo não sabia que estava enfeitiçado: só sabia de seus sentimentos por Evangeline.

Ela pôs a mão delicadamente no joelho do príncipe, e Apollo sorriu como se a noiva tivesse acabado de lhe oferecer o sol de presente.

– Infelizmente – continuou o príncipe –, a família Valor mentiu. A Valorosa não foi construída para proteger o Norte de seus inimigos. A prisão foi construída para trancafiar algo abominável que eles mesmos criaram. Ninguém sabe ao certo o que foi que a família Valor concebeu, mas foi algo tão terrível que todas as Grandes Casas se voltaram contra eles e decapitaram toda a família. Aliás, fizeram isso antes que a horrível criação fosse trancafiada. Sendo assim, coube às Grandes Casas aprisionar essa coisa abominável na Valorosa e lacrar o arco que dava acesso a ela. Normalmente, os arcos são trancados com sangue, mas ninguém queria correr o risco de que esse arco fosse aberto. Então, um tipo especial de tranca foi criado. Uma profecia.

Evangeline resistiu à tentação de entrar em pânico. Aquela era apenas uma das versões de uma história amaldiçoada e, portanto, não era confiável. Mas, ainda assim, ela perguntou:

– Como se tranca algo com uma profecia?

– A versão que eu sempre ouvi contar é que os versos de uma profecia funcionam como sulcos e saliências de uma chave. Um certo número de versos proféticos é revelado por um adivinho, e então esses versos são entalhados em uma porta. Ou, nesse caso, em um arco. Feito isso, o arco permanecerá trancado até que cada verso da profecia tenha sido concretizado, criando a chave que permitirá abrir o arco de novo. É bem engenhoso. Se bem-feita, a profecia pode garantir que algo permaneça fechado por muitos séculos.

– Você por acaso sabe quais seriam as palavras dessa profecia?

Apollo parecia estar achando graça, como se tivesse vontade de dizer que a profecia não era real, mas continuou fazendo a vontade de Evangeline.

– De acordo com esta versão da história, o arco que continha a profecia foi despedaçado, e os pedaços foram enviados ao Protetorado, uma sociedade secreta que jurou jamais permitir que o arco fosse reaberto. Mas nunca

ninguém encontrou os pedaços do arco desaparecido. E, vou te dizer, quase todo mundo que vive no Norte procurou em algum momento da vida.

Ao ver a expressão surpresa da noiva, o príncipe explicou:

– A segunda versão da história é completamente diferente. Esta versão alega que a Valorosa não era uma prisão para conter uma magia terrível, mas uma arca do tesouro que guarda os objetos mágicos mais poderosos da família Valor. Há quem acredite que esse foi o motivo para os integrantes da família terem sido assassinados, porque as Grandes Casas queriam roubar sua magia e seus tesouros. Neste relato da história, os Guardiões, aqueles que continuaram sendo leais à família Valor mesmo depois de todos terem morrido, trancaram o arco com a profecia para que os poderes e os tesouros da família não caíssem em mãos erradas.

*Mãos como as de Jacks.*

Evangeline podia, com absoluta certeza, imaginar Jacks interessado por um tesouro mágico. Infelizmente, também era capaz de imaginá-lo interessado pelo terror mágico da primeira versão da história.

Ela tentou se lembrar do que o Arcano havia dito a respeito da família Valor, para ver se conseguia descobrir em qual das duas versões da lenda ele acreditava. Mas só sabia, com certeza, que o Príncipe de Copas estava desesperado para pôr as mãos no que estava trancafiado, fosse o que fosse. A cara que ele fez quando chegaram ao arco da Casa Sucesso foi de absoluta esperança. Mas por quê? Por que Jacks acreditaria em uma história que Apollo, tão claramente, considerava um conto de fadas? Será que esperava encontrar o maior tesouro da família Valor ou libertar o maior terror criado por ela?

– Quando eu era mais novo – prosseguiu Apollo –, eu e meu irmão, Tiberius, nos aventurávamos em busca da Valorosa. Era uma de nossas brincadeiras preferidas... – A voz do príncipe ficou melancólica. Ele deixou a frase no ar e ficou perdido em suas lembranças na companhia de um irmão cujo nome raramente mencionava.

Logo que Evangeline se mudou para o Paço dos Lobos, uma criada tagarela contou para ela que o quarto de Tiberius ficava bem ao lado do seu. Mas, quando tentou saber mais, os lábios da criada se tornaram um túmulo. Apollo continuava negando o boato de que havia se desentendido novamente com o irmão depois de ter pedido Evangeline em casamento. Mas ela ainda não tinha

visto Tiberius no castelo e, sempre que perguntava para Apollo aonde seu irmão tinha ido, ou por que saíra, seu noivo só respondia que ela iria adorar Tiberius quando os dois finalmente se conhecessem. E aí mudava de assunto abruptamente. Evangeline ficou tentada a questionar Apollo a respeito do irmão de novo, antes que o dia seguinte chegasse e tudo mudasse. No dia seguinte, àquela hora, nada mais seria igual entre os dois. Porque ela se casaria com Apollo; Jacks poria fim à maldição do príncipe; e este, então, talvez nunca mais olharia para Evangeline do modo como estava olhando naquele momento.

Ela não sabia se aquela era a atitude certa ou errada a tomar. Só sabia que, depois daquela noite, era o que queria fazer.

Permitir que Apollo continuasse amaldiçoado parecia ser muito similar a deixar que Marisol e Luc continuassem sendo estátuas de pedra: seria muito menos doloroso para Evangeline, mas ela não conseguia fazer isso. Não conseguia condenar Apollo a uma vida enfeitiçada.

Ainda estava receosa por causa da profecia. Mas com tanta coisa por saber a respeito do Arco da Valorosa, Evangeline resolveu fazer o que estava ao seu alcance com aquilo que sabia. E sabia que a única maneira de salvar Apollo daquela maldição era se casando com ele, independentemente das consequências.

– Evangeline, meu amor, você está bem? Por que está tremendo?  
A jovem olhou para as próprias mãos. Quando tinham começado a tremer?

– Estou... Estou... – Ela não sabia o que dizer. – Com frio. Você não está com frio?

Apollo franziu o cenho. Era óbvio que não havia acreditado que Evangeline estava com frio, usando aquela capa pesada, com o fogo da lareira ardendo atrás dos dois.

– Sei que tudo isso foi repentina e sei que a pressionei, mas juro que cuidarei bem de você.

Ela começou a tremer ainda mais.

A expressão do príncipe ficou completamente transtornada.

– Apenas dê tempo ao tempo. Sei que você não sente a mesma...

– Não é isso... – Evangeline não completou a frase, porque não sabia ao certo o que dizer, querendo que existissem palavras mágicas capazes de poupar

Apollo do sofrimento e, apesar disso, estabelecessem certa distância entre os dois. Naquele estado, o príncipe faria qualquer coisa pela noiva, e ela não queria se aproveitar da situação. Não queria magoá-lo, nem a si mesma, aproximando-se dele ou acreditando no delírio de que tudo aquilo era real. – Você tem sido tão carinhoso comigo...

As rugas dos lábios apertados do príncipe ficaram mais pronunciadas.

– Você fala como se amanhã tudo fosse mudar.

– É claro que tudo vai mudar. Não é por isso que vamos nos casar?

E, por um instante, ficou tão tentada a se aconchegar no noivo... Ela sentia a perna dele quente, mesmo com todas aquelas camadas de roupa, e imaginou que os braços do príncipe também seriam quentes. Quentes, reconfortantes e firmes. Apollo já havia abraçado e beijado Evangeline. Mas, desde Luc, ninguém tinha simplesmente dado um abraço nela. Sentia falta disso. Não apenas de ser abraçada por ele, mas de ser abraçada por qualquer pessoa. Desde que perdesse os pais, todas essas pequenas carícias amáveis e reconfortantes se tornaram ainda mais preciosas para Evangeline. Ela sentia falta do jeito como o pai costumava abraçá-la, do jeito como a mãe costumava confortá-la e...

Apollo passou o braço por seus ombros, uma carícia mais afável e calorosa do que a jovem havia imaginado, e não havia nada que pudesse impedi-la de se aconchegar no príncipe. Só por alguns instantes, depois ela se afastaria.

– Se você quiser, posso ficar... – Apollo pronunciou cada palavra como se estivesse segurando a respiração. – Não precisamos fazer nada. Posso só dormir de roupa e abraçar você.

Evangeline não falou nada porque não confiou em si mesma.

Deveria ter dito “não”. Deveria mesmo.

Apollo não era ele mesmo naquele momento: se fosse, não estaria fazendo aquela sugestão. Nem sequer estaria no quarto da noiva. Mas estava, e olhava para Evangeline como se seu maior desejo na vida fosse que ela dissesse “sim”.

– Por favor, Evangeline, deixe-me ficar aqui. – O príncipe passou o outro braço nos ombros da noiva e a abraçou, como se fosse uma promessa que ele pretendia cumprir. Ele a tocou de um jeito delicado, respeitoso, transmitindo aquela sensação reconfortante da qual Evangeline sentia tanta falta.

Mesmo assim, ela deveria ter dito “não”. Mas algo entre os dois havia mudado desde que Apollo escalara a parede até o seu quarto. Evangeline sabia

que tudo mudaria de novo no dia seguinte, mas talvez não fosse tão ruim assim tirar vantagem daquilo só por uma noite.

– Seria ótimo.

E foi. Foi ótimo mesmo.

Possivelmente, a última coisa ótima que aconteceria entre os dois.



---

## O Boato Diário

### O DIA PELO QUAL TODOS ESTÁVAMOS ESPERANDO

*Por Kristof Knigtlenger*

Estou quase triste porque hoje o príncipe Apollo e a futura princesa Evangeline Raposa irão se casar. Tem sido tão excitante que odeio o fato de a espera ter chegado ao fim. Mas, se metade dos boatos que ouvi a respeito do casamento forem verdadeiros, o dia será espetacular.

Infelizmente, parece que haverá pelo menos uma pessoa importante faltando na comemoração real.

Tabitha Sucesso, da Casa Sucesso, sofreu uma terrível queda há vários

dias. É difícil de acreditar que alguém tão formidável pudesse ser vencida por uma escadaria. Mas, ao que parece, a queda foi tão feia que causou danos à mente da matriarca. Ouvi pessoas murmurando as palavras "sedada", "louca" e "maldições mágicas", fazendo parecer que foi mais do que uma simples queda. Ou será possível que alguém esteja tentando roubar o lugar ao sol de nossa bela Evangeline Raposa?

---

**M**eses antes, em um dia úmido e tempestuoso em que as nuvens de chuva guerrearam contra o sol e saíram vitoriosas, Evangeline Raposa planejou seu casamento com Luc Navarro.

Ela não pretendia planejar um casamento. Antes daquela tarde de tempestade, nem sequer havia pensado em se casar com Luc. Tinha apenas 16 anos, não estava preparada para se tornar esposa de alguém. Queria apenas ser uma garota. Mas, naquele dia, a forte chuva impedira os fregueses de entrar na loja, deixando-a sozinha com uma nova remessa de esquisitices, que incluía uma caneta-tinteiro com uma etiqueta curiosa: “Para encontrar sonhos que ainda não existem”.

Evangeline não conseguia resistir à vontade de testar a caneta. E, assim que fez isso, um sonho inédito tomou forma. Não sabia por quanto tempo ficaria desenhando. Só sabia que, quando terminou, seu desenho parecia o retrato de uma promessa. Evangeline estava com seu amor, e os dois estavam em lados opostos de uma doca coberta de velas. Essas velas faziam o oceano brilhar tanto que parecia um mar de estrelas cadentes. Apenas a noite e a lua observavam a cena. Não havia mais ninguém, apenas Evangeline e seu noivo. Com as testas encostadas. E ela não saberia dizer ao certo o que estavam fazendo, se não fosse pelas palavras que a caneta havia riscado no céu: “E, então, eles escreverão seus votos na mão e colocarão a mão no peito um do outro, para que os votos penetrem em seu coração, onde sempre e para sempre estarão protegidos”.

Aquela seria uma cerimônia que os pais de Evangeline aprovariam. Um casamento simples, feito de juras de amor e promessas de um “para sempre” que passariam juntos.

Era exatamente o contrário do que aconteceria com Apollo.

As enormes asas presas ao vestido de noiva se arrastavam pelo chão dos aposentos de Evangeline, que olhava por uma janela marcada por teias de geada.

Em cada uma das torres do Paço dos Lobos, havia pombos aguardando em suas gaiolas, prontos para serem soltos depois que o príncipe herdeiro e a jovem fizessem seus votos matrimoniais debaixo de um arco de gelo salpicado de ouro, que reluzia no sol da manhã. A noite e a lua nem sequer veriam de relance aquela cerimônia. Mas um reino inteiro de pessoas estaria presente. Os convidados já estavam esperando, empetecados com suas peles e joias mais finas. Estariam presentes quando Apollo beijasse sua noiva e prontamente deixaria de amá-la.

Evangeline sentiu um aperto no estômago.

Não haveria nenhum final feliz depois daquele casamento.

Na noite anterior, sentira que era a decisão correta, mas, naquele momento, sentiu seu coração partido bem de leve. Não deveria ter permitido que Apollo passasse a noite com ela. Não deveria ter permitido que ele a abraçasse. Não deveria ter permitido que o príncipe a fizesse lembrar de tudo o que ela não tinha – e talvez nunca mais tivesse depois daquele dia.

Evangeline não queria que Apollo deixasse de amá-la.

Desde que a pedira em casamento, o príncipe vinha sendo carinhoso, gentil e atencioso, ainda que um pouco exagerado em suas declarações de amor. Mas quem seria ele quando o feitiço de Jacks se quebrasse? Ainda seria o Apollo carinhoso que a abraçara a noite inteira? Seria o príncipe frívolo que estava disposto a dispensá-la quase no mesmo instante em que a conhecera? Ou aconteceria outra coisa, uma coisa ainda pior?

Ela tentou não pensar na profecia do Arco da Valorosa. Já havia decidido que não podia acreditar em nada que ouvira a respeito do arco. E, apesar disso, não conseguia apagar completamente suas preocupações. Se ela fazia parte daquela profecia, o que aconteceria quando a profecia se concretizasse?

– Por que você está tão nervosa? – perguntou Marisol, chegando perto de Evangeline. A irmã postiça usava um vestido em um tom de damasco cristalizado, com anágua creme e um cinto grosso de pérolas, e estava linda. Como não era mais chamada de Noiva Amaldiçoada, Marisol passara os últimos dias divertindo-se, tomando chá, provando vestidos e aproveitando

todas as delícias do Paço dos Lobos. Parecia feliz e renovada, mas seu olhar era de puro assombro ao ver a extravagância do vestido de noiva de Evangeline.

As asas com bordas de ouro eram um ultraje, mas Evangeline até que tinha gostado do vestido. O decote em coração realçava seu peito pequeno, e a saia de princesa era absolutamente divertida, feita de intermináveis camadas de um tecido branco absurdamente delicado, com exceção da longa cauda de penas douradas que fluía na parte de trás do vestido, descendo a partir da cintura.

– Você não tem nada a temer – garantiu Marisol. – Está prestes a se casar com um príncipe que a idolatra.

Apollo não faria isso por muito tempo.

*Plim.*

*Plim.*

*Plim.*

Por um instante, o toque distante pareceu um alerta de sineta, até que Evangeline lembrou. O último integrante do coral continuava no pátio. Não era um alerta, era apenas o som de sua música suave chegando ao fim.

– E se ele deixar de me amar? – disparou Evangeline. – E se, depois que nos casarmos, Apollo resolver que foi um erro e expulsar nós duas do Norte?

– Acho que você não precisa se preocupar com isso – respondeu Marisol. – A maioria das garotas teria que se valer de magia para fazer alguém amá-las do jeito que Apollo ama você.

Evangeline ficou rígida.

– Não quis dar a entender que você o enfeitiçou – emendou a irmã postiça. Ela ficou com as bochechas vermelhas, de um jeito que fez Evangeline ficar mais inclinada a pensar que fora um lapso, e não uma insinuação maldosa. – Não é nenhuma surpresa Apollo te amar tanto – prosseguiu Marisol, determinada. – Você é Evangeline Raposa. Ainda nem se casou com o príncipe, e já existem contos de fadas a seu respeito. Você é a garota que desafiou os Arcanos e transformou a si mesma em pedra, a que não teve medo de rejeitar uma rua inteira de pretendentes nem de trazer a irmã postiça amaldiçoada para um baile real, onde então roubou o coração de um príncipe. Apenas ame Apollo do mesmo jeito que vive sua vida: ame Apollo sem receios, ame Apollo como se cada dia que passar com ele fosse mais mágico do que o anterior, ame

Apollo como se ele fosse o seu destino, e como se o mundo fosse melhor se vocês dois estiverem juntos, que ele jamais vai conseguir deixar de amar você.

Marisol terminou o discurso dando um abraço tão carinhoso e sincero em Evangeline que foi fácil acreditar que a garota tinha razão. Evangeline andava tão consumida de preocupação com o que os sentimentos de Apollo por ela poderiam ser, que não pensara muito a respeito de seus sentimentos por *ele*. Sabia que não o amava naquele momento, mas poderia amá-lo com facilidade. Sentira faíscas de afeto na noite anterior e sentira ainda mais naquela manhã, depois de passar a noite em seus braços.

Os dois poderiam até não se amar logo de início, mas os pais dela haviam dito que amar leva tempo. Evangeline só precisava que Apollo desse tempo, que desse uma chance para ela. Só que isso talvez fosse difícil depois que Jacks pusesse fim à maldição. Mas, se Apollo permitisse, o amor de Evangeline poderia ter força suficiente para garantir um final feliz a ambos.

Ainda havia esperança.

No fundo de seus pensamentos, uma vozinha fraca a fazia lembrar de que estava, mais uma vez, ignorando a profecia. Mas Evangeline optou por não dar ouvidos àquela voz. Poderia se preocupar com isso no dia seguinte.

Saiu da suíte nupcial determinada a se apaixonar por seu príncipe. Mas de duas, uma: ou o dia tinha sido amaldiçoado, ou a maldição da história estava afetando aquele dia, porque ela não conseguia fixar nenhuma lembrança de seu casamento, nem mesmo no instante em que estava acontecendo.

Em um segundo, Evangeline estava pisando no pátio nevado do Paço dos Lobos, com o ar gelado fustigando seu rosto e uma corte de expressões de escrutínio olhava em sua direção. No outro, ela estava segurando as mãos de Apollo, e o juiz de paz amarrava seu pulso ao do príncipe com cordões de seda. A jovem sentiu o sangue correndo em suas veias. Sua pele pegava fogo, assim como a do noivo. Parecia que algo além de um simples cordão dourado unia os dois.

— E agora — disse o juiz de paz bem alto, para que todos os presentes pudessem ouvir —, pelas minhas palavras, uno essas duas pessoas. Amarro não apenas seus pulsos, mas também seus corações. Para que possam bater como se fossem um só a partir deste momento. Se um for flechado, que o outro sangre pelos dois.

– Eu sangraria por você com todo o prazer – sussurrou Apollo. O príncipe apertou com mais força as mãos de Evangeline, olhando-a nos olhos com uma intensidade ainda mais ardente, como se as chamas que ela causara na primeira noite em que o beijou tivessem se multiplicado por dez.

E Evangeline apenas torceu para que aquela faísca permanecesse em Apollo depois que Jacks quebrasse o feitiço.



Agora que estavam casados, Evangeline se preparava para o instante em que Apollo soltaria sua mão e a fulminaria com um olhar raivoso, que o príncipe sacudiria a cabeça, como se estivesse despertando de um sonho. Só que, pelo contrário, ele segurou suas mãos ainda mais forte. Olhava para ela com ainda mais devoção, como se realmente os votos que os dois fizeram fossem mágicos, e eles estivessem unidos de verdade.

Instantes depois da cerimônia, Apollo e Evangeline foram colocados em um trenó prateado, puxado por uma matilha de lobos brancos como a neve. O príncipe a aqueceu, abraçando-a bem perto, enquanto iam deslizando até um castelo de gelo, construído para durar apenas aquela única noite. A construção reluzia, azul, efêmera e encantadora, de um jeito transcendente. O que tornava mais fácil ter esperança e acreditar que a história dos dois estava apenas começando.

Ah, como Evangeline queria acreditar...

Do lado de dentro das paredes reluzentes, que pareciam de vidro, os convidados recebiam cálices prateados cintilantes com vinho quente e bolinhos individuais verde-floresta com sabor de sorte e amor. Em vez de uma banda, uma grande caixa de música se abriu, e dela saíram músicos mecânicos em tamanho natural para tocar uma sequência interminável de sons etéreos. As notas eram como fios de teia e rabiolas de pipas, encantadoras e enérgicas. Fizeram Evangeline se lembrar daquelas histórias que falavam de meninos e meninas tão enfeitiçados por canções mágicas que dançavam até morrer.

Apollo bebeu o que havia em seu cálice de um gole só e se dirigiu ao grupo ruidoso de cortesãos e nobres do Norte:

– Obrigado a todos por estarem aqui para comemorar o dia mais importante de minha vida. Na verdade, eu não tinha desejo de me casar até conhecer minha amada Evangeline Raposa. Vocês vão perceber que, em homenagem à minha noiva, temos raposas-

fantasmas aqui. – Neste momento, o príncipe fez sinal com o cálice vazio, indicando uma raposa alegre feita de fumaça, que estava empoleirada em um cervo esculpido em gelo. – São criaturas especiais. Se conseguirem conquistar uma, receberão um presente, que poderá ajudá-los a encontrar o amor de vocês também.

– Um brinde ao amor e às raposas! – felicitaram os presentes, e suas vozes ecoaram pelo gelo reluzente.

Evangeline deu um gole da bebida que havia em seu cálice, mas mal conseguiu engolir. Sua garganta estava apertada pelo nó formado por muitos medos, esperando que Apollo deixasse de amá-la.

Por que o príncipe não deixara de amá-la?

Não queria que Apollo deixasse de amá-la, mas aquela espera também parecia uma tortura.

O príncipe lançou um sorriso sonhador para ela quando uma canção mais lenta emanou dos músicos mecânicos e então foi flutuando pelo gelo brilhante.

– Você está pronta para finalmente fazermos nossa primeira dança?

Evangeline assentiu com a cabeça e dirigiu o olhar para além dos ombros largos de Apollo, procurando o rosto de Jacks em meio aos convidados. O que ele estava esperando? Será que a magia do Arcano havia se quebrado? Será que ele havia esquecido? Será que o Príncipe de Copas ao menos estava presente no casamento?

A jovem se obrigou a continuar dançando, a continuar sorrindo. Só que as asas presas em suas costas ficavam mais pesadas a cada rodopio. Pelo jeito, Jacks não estava entre os convidados. Não estava ali para consertar Apollo. A menos que...

E se o Arcano não estivesse lá porque o feitiço já tivesse sido quebrado? E talvez não parecesse que fora quebrado porque Apollo realmente havia começado a amá-la. Provavelmente era querer demais, mas Evangeline sempre tivera um fraco por querer coisas que as outras pessoas considerariam impossíveis.

Ela criou coragem para olhar nos olhos do marido. Nos últimos dias, via estrelas brilhando no olhar do príncipe, e a paixão enevoando sua visão. Mas, naquele exato momento, os olhos de Apollo eram apenas olhos castanhos, afetuosos e firmes.

– Como você está se sentindo? – perguntou Evangeline. – Sente algo diferente do que sentia pela manhã?

– É claro, meu coração. Estou casado com você. – O príncipe a puxou mais para perto, tirou a mão da cintura dela e a colocou debaixo das asas. Então foi subindo pelas costas de Evangeline, deixando sua pele arrepiada. – Sinto a autoconfiança de uma centena de reis e a paixão de mil príncipes. Esta noite, eu poderia lutar com Lobric Valor e sair vitorioso.

Apollo bem poderia ter lançado aquele olhar sedutor naquele instante.

Sem dúvida, ainda estava enfeitiçado.

Só que, assim como na noite anterior, isso não parecia ser tão terrível. E por acaso não era desse jeito que um noivo deveria olhar para a noiva logo depois do casamento? Evangeline sabia que Apollo ainda estava sob efeito de uma maldição, mas esperava que também estivesse começando a se apaixonar por ela.

O príncipe a rodopiou mais uma vez, e ela não ficou procurando por Jacks. Procuraria de novo, mas depois. Não naquele momento. Não durante a primeira dança com o marido. Iria apenas desfrutar daquele instante. E então encontraria o Arcano e o obrigaria a quebrar o feitiço.

Apollo roçou os lábios na têmpora de Evangeline.

Murmúrios empolgados se espalharam pelos convidados e foram em direção aos dois. Pareciam um sorriso que se movimentava, pareciam alegria e bolhas de sabão. E aí... *shh*.

Uma onda de silêncio atravessou o castelo de gelo cintilante.

Evangeline tirou os olhos do noivo, achando que Jacks finalmente havia chegado. Mas todos estavam olhando para outro rapaz, que usava um gibão de listas verdes.

O jovem era um tanto magro e não muito alto, mas abria caminho entre os presentes como se fosse uma pessoa que possuía poder: os ombros retos, a cabeça erguida, e o olhar que desafiava os convidados a lhe dizer para não interromper a primeira dança dos noivos.

Evangeline viu os sussurros morrerem nos lábios daqueles rostos boquiabertos, com expressão chocada. Quando o rapaz chegou perto do casal, o salão de baile inteiro estava em silêncio, a não ser pelo tilintar perdido dos instrumentos da caixa de música e do suave *réc-réc* que as patas das raposas-fantasmas faziam no chão.

– Olá, meu irmão – disse o desconhecido, falando baixo e um tanto rouco, como se tivesse perdido a voz recentemente e acabasse de recuperá-la.

Então aquele era o misterioso Tiberius. Os dois não pareciam irmãos. Mas Evangeline não teve muita chance de examiná-lo, porque Apollo parou de dançar e logo se escondeu atrás dela.

Tiberius deu risada.

– Não quero problemas – disse Apollo.

– Então, por que está com a mão no cabo da espada? Você acha que vou contar para ela...

Apollo desembainhou a espada.

Metade dos convidados soltou um suspiro de assombro, e alguns podem ter batido palmas, afoitos para assistir a uma rusga da realeza.

Evangeline precisava fazer algo imediatamente. Suspeitava que Apollo e Tiberius tinham assuntos mal resolvidos, mas não imaginava que o marido estaria disposto a recorrer à violência para defendê-la, caso não estivesse sob o efeito do encantamento que o fizera ficar tão obcecado por ela.

A jovem ficou entre o noivo e o irmão dele.

– Meu amado... – falou, colocando a mão no peito de Apollo. Mas, pelo jeito, seu gesto não era mais necessário.

Assim que ela o chamou de “amado”, o príncipe herdeiro mudou completamente de atitude. Evangeline nunca o havia chamado por um termo carinhoso, e assim que chamou, parecia que Apollo estava prestes a soltar a espada e a beijá-la bem no meio da pista de dança.

Tiberius deu mais uma risada disfarçada.

– Não acredito que os boatos são verdadeiros: você a ama. Ou foi enfeitiçado.

Evangeline ficou com os nervos à flor da pele. Torcia para que Tiberius estivesse brincando, mas talvez não estivesse. Talvez suspeitasse da verdade e fosse por isso que os irmãos haviam se desentendido recentemente.

Apollo se livrou da mão da esposa e ergueu a espada. A raiva brilhou em seus olhos novamente.

– Se insultar minha esposa de novo, cortarei a sua língua.

– Meu amado... – Evangeline arriscou mais uma vez. Mas as palavras não tiveram o mesmo efeito.

Apollo a ignorou e deu um passo na direção do irmão.

O gelo do chão ficou com finas rachaduras de suas botas.

Tiberius ergueu as mãos, em um gesto de rendição.

– Não vim aqui para brigar. – Ele rodopiou e fez uma mesura exagerada para Evangeline. – Minhas desculpas, princesa. Eu adoraria remediar a ofensa que posso ter causado a você com uma dança.

Apollo estava com cara de quem queria se contrapor à sugestão com a espada, mas Evangeline falou primeiro.

– Obrigada. Seria uma honra. – Então se dirigiu a Apollo: – Quem sabe, como presente de casamento, vocês dois possam fazer as pazes por mim.

Seu marido movimentou o maxilar.

A jovem segurou a respiração. Torceu para que não o tivesse provocado demais. Aquele momento seria uma hora terrível para o feitiço de Jacks perder o efeito.

Depois de um instante doloroso, Apollo embainhou a espada.

– Como você quiser, minha noiva.

Os artistas mecânicos tocaram uma melodia desconhecida quando Tiberius segurou a mão de Evangeline. O irmão do príncipe a segurou muito mais perto do que deveria. Talvez para fazer desaforo ao irmão, mas também suspeitava que o cunhado dançasse mal. Parecia ser o tipo de homem que não tem paciência para fazer aulas de dança.

Assim, tão de perto, as diferenças na aparência dos dois irmãos ficavam ainda mais evidentes. O rosto de Apollo era mais entalhado grosseiramente do que esculpido em cinzel, mas o rosto de Tiberius não era sequer esculpido. Era um rosto suave, decorado com sardas salpicadas que lhe conferiam uma aparência travessa.

Não devia ser muito mais velho do que Evangeline, se é que era mais velho. Seu cabelo era acobreado e um tanto comprido, mas estava preso para trás, só o

suficiente para revelar um pedaço da tatuagem que tinha no pescoço, o que aumentava o ar de ser o irmão mais novo rebelde.

– Você não é o que eu esperava que fosse – declarou Tiberius, espremendo um dos olhos e erguendo uma das sobrancelhas.

Evangeline poderia ter se ofendido pela indiscrição dele se tivesse se casado com Apollo pelos meios tradicionais. Mas, dadas as circunstâncias, o olhar inquisidor do príncipe mais jovem era compreensível.

– Se você está falando das asas que está pisoteando neste momento – respondeu ela, na esperança de que Tiberius não a segurasse com tanta força –, infelizmente, só fazem parte do meu vestido. Estou longe de ser um anjo.

Tiberius retorceu os lábios, mas Evangeline não soube dizer se era o início de um sorriso alegre ou de desdém, se Tiberius estava tentando causar boa impressão ou se queria deixar claro que não confiava nela. E essa não foi a única coisa que despertou a curiosidade de Evangeline.

– Por que você sumiu depois que fiquei noiva de Apollo?

Os olhos de Tiberius brilharam, de surpresa.

– Você é ousada – respondeu ele.

– O que você estava esperando?

– Não muito, para ser sincero. Apollo costumava dizer que se... – Tiberius deixou a frase no ar e se encolheu todo. – Desculpe, eu não deveria dizer isso no dia do casamento dele. É só um costume que tenho, ser maldoso com Apollo. É como demonstro meu amor. – Mais um sorriso que poderia ser de desdém, e o príncipe começou a dançar mais rápido, rodopiando a noiva pelo chão de gelo. – Você ama meu irmão, Evangeline?

A respiração da jovem ficou acelerada. “Sim” era, obviamente, a resposta correta, mas Evangeline tinha a sensação de que Tiberius já sabia que era mentira. O rapaz olhava para ela como se fosse um quebra-cabeça que ele queria desmanchar, e não montar. Ficou visível que Tiberius e Apollo brigavam, mas ela teve a impressão de que Tiberius realmente se preocupava com o irmão mais velho e tinha suas dúvidas em relação a ela por causa disso.

– Eu amava outra pessoa antes de conhecê-lo – admitiu Evangeline. – Quando o perdi, pensei que jamais amaria alguém do mesmo modo que o amava. Mas tenho esperanças de que irei amar Apollo ainda mais. – Desde que

os dois conseguissem continuar juntos depois do que acontecesse quando Jacks quebrasse o feitiço. – Também gostaria de ser sua amiga. Nunca tive um irmão.

Ela deu um sorriso tímido para Tiberius. Se Evangeline e Marisol conseguissem consertar aquela situação, também havia esperança para Apollo e Tiberius. Talvez, com o tempo, os quatro pudessem se tornar uma família, compensando as pessoas que haviam perdido – ou, no caso de Marisol, a integrante da família que ela viveria melhor sem.

A expressão de Tiberius era inescrutável. E não deixava claro se Evangeline passara no teste. Mas percebeu que o príncipe não estava mais pisoteando suas asas quando a rodopiou uma última vez no chão de gelo.

– Obrigado pela dança, Evangeline. Da próxima vez que nos encontrarmos, eu te conto por que desapareci. Não quero estragar mais nada para você esta noite.

Tiberius a soltou e fez uma mesura formal quando a música parou de tocar.

E então se afastou rapidamente, girando entre os dedos uma pena que roubara de suas asas.



**A** rigor, as festas de casamento do Norte duravam até o sol raiar. Supostamente, as pessoas bebiam até o último barril secar e comiam até a última migalha de bolo ter sido engolida. Mas, logo depois do crepúsculo, quando ainda havia torres de bolo e um império de cálices esperando por mais um brinde, o príncipe Apollo chegou perto de Evangeline e sussurrou em seu ouvido:

– Amo meu reino, mas prefiro não passar meu casamento inteiro com eles. – Em seguida, deu um beijo demorado na orelha de Evangeline e completou: – Saia de fininho comigo, meu coração. Vamos para a suíte nupcial.

As entradas de Evangeline se emaranharam de ansiedade. Aquilo tinha ido longe demais. Ela precisava encontrar Jacks. Divertir-se durante parte da festa não era algo ruim, mas não era para as coisas terem chegado àquele ponto, muito menos com Apollo ainda sob o efeito do feitiço.

Estava na hora de pôr um fim àquela maldição e descobrir quais eram os verdadeiros sentimentos do príncipe com o qual Evangeline tinha se casado.

A jovem precisou prometer diversas vezes para o marido que logo o encontraria na suíte nupcial para conseguir que ele a soltasse. Mesmo assim, sentia os olhos de Apollo em cima dela, observando-a enquanto a noiva desviava dos convidados, dos músicos mecânicos e das torres de bolo, determinada a localizar o Arcano.

Depois de dançar com Apollo, Evangeline finalmente avistara o Príncipe de Copas saindo do salão principal e entrando em um dos corredores de gelo. Naquele momento, ela e o marido estavam apresentando Marisol ao grupo de

nobres solteiros que participariam da partida de xadrez do beijo que organizara para a irmã postiça. Evangeline não teve vontade de ir atrás de Jacks naquele momento. Mas viu outras pessoas correrem na mesma direção. A maioria retornou, pálida ou com uma expressão alarmada, o que a fez suspeitar que o Príncipe de Copas estava atendendo seus admiradores de alguma forma aterrorizante e clandestina.

E, pelo jeito, ela havia acertado. Estava tremendo, já querendo se livrar do frio daquele castelo glacial, quando finalmente encontrou Jacks em uma sala do trono da qual o Arcano havia tomado posse. O teto era formado por vigas de gelo grossas e abobadadas. As paredes eram de gelo fosco cintilante, gravadas de imagens de estrelas, árvores e uma meia-lua crescente com sorriso afetado.

Jacks estava acomodado em um trono de gelo e olhava feio para uma raposa que parecia ser mais corpórea do que fantasma – tinha sua pelagem branca e fofa, com exceção de um círculo castanho em volta de um dos olhos em tom de carvão.

O Príncipe de Copas parecia estar horrorizado com o animal, como se aquela criatura adorável fosse capaz, de alguma maneira, de suavizar traços de sua personalidade terrível. Evangeline bem que gostaria que o animal fosse capaz de fazer isso e ficou um pouco afastada para observar, gostando de ver, pela primeira vez, que era Jacks quem não estava se sentindo à vontade.

O Arcano se encolheu todo quando a criaturinha cutucou suas botas gastas com o nariz.

Evangeline deu risada, finalmente chamando a atenção de Jacks.

– Acho que ela gosta de você.

– Não sei por quê.

O Príncipe de Copas fez careta para o animal, que respondeu lambendo a fivela do cano da bota, afetuosamente.

Evangeline continuou sorrindo.

– Você deveria dar um nome para ela.

– Se eu fizer isso, ela vai achar que é um animal de estimação. – As palavras de Jacks eram de puro nojo, o que só a convenceu mais ainda de que aquela raposa devia ser a melhor coisa que acontecera na vida daquele Arcano.

– E se eu escolher um nome para ela em sua homenagem? Que tal Princesa da Fofureza?

– Nunca mais diga isso.

Ela deu um sorriso discreto.

– Da próxima vez que eu fizer um trato com um Arcano, vou escolher um que tenha senso de humor, como Veneno.

Jacks foi erguendo o olhar lentamente até Evangeline. Seus olhos estavam em um tom de azul-claro, como o gelo de seu trono, e seu rosto estava cercado pelo cabelo azul-escuro ondulado, por causa do frio. O Arcano usava um gibão cinza-azulado com metade dos botões abertos, calças pretas do tom das penas de um corvo e um cinto caído, que ficava logo acima de seus quadris, fazendo-o parecer um rei do inverno maltrapilho. Um rei bravo, a julgar pelo jeito que olhava feio para Evangeline.

– Achei que você já tinha aprendido a lição de que não deve fazer tratos com a nossa laia.

– Aprendi. E é por isso que, da próxima vez que eu precisar, se fizer um trato, não será com você.

– Isso não é motivo de piada – urrou Jacks.

– Achei que você não se importasse.

– E não me importo. Mas você ainda me deve um beijo e, até eu receber o pagamento, você é minha, e não gosto de dividir o que é meu.

– Se eu não te conhecesse tão bem, diria que está com ciúme.

– É claro que estou com ciúme. Sou um Arcano.

– Se está com tanto ciúme assim, por que não desfez o feitiço de Apollo?

– Não dou a mínima para o que acontece entre os humanos.

– Então desfaça, porque eu e Apollo já nos casamos – disse Evangeline, com firmeza. – Cumprí a minha parte do trato. Agora está na hora de você cumprir a promessa que fez para mim.

– Muito bem – falou Jacks, com a voz arrastada. Evangeline ficou chocada com o fato de o Arcano ter concordado com tanta facilidade. – Continuo achando que é uma decisão precipitada. Mas, se você realmente quer que Apollo não tenha mais sentimentos por você, vou te dar os meios para isso.

Jacks pegou sua adaga com pedras preciosas e furou a ponta do dedo, deixando sair uma gota do tão conhecido sangue com lascas de ouro.

A raposa mal sentiu o cheiro da gota e foi para trás, choramingando.

– Viu só? – disse Jacks, entediado. – Até esse animal sabe que é uma má ideia.

– Não, ela sabe que você é mau. É uma diferença considerável. – Só que o sangue do Príncipe de Copas também deixava Evangeline perturbada. – Qual é a pegadinha?

– É tão difícil assim acreditar que estou disposto a cumprir minha palavra?

Os Arcanos eram de fato famosos por cumprirem sua palavra quando o assunto era trato. Era por isso que, apesar de todos os alertas em contrário, as pessoas se dispunham a fazer tratos com eles. Mas algo impedia Evangeline de ir em frente.

– Está em dúvida? Serei o último a julgar se você quiser que ele continue enfeitiçado por você.

– Ele não foi enfeitiçado por mim, foi você quem o enfeitiçou.

Evangeline deu um passo na direção do trono.

As sobrancelhas de Jacks se ergueram subitamente, revelando sua surpresa.

Isso deveria ter feito a jovem se sentir triunfante. Mas, em vez disso, a fez pensar na última vez em que havia deixado o Arcano chocado. Quando bebeu do cálice de veneno e transformou a si mesma em pedra.

Ela engoliu em seco.

Jacks foi para a frente, com uma elegância indolente, e pressionou suavemente nos lábios dela o dedo que sangrava.

Evangeline ficou toda arrepiada. O toque de Jacks não era mais frio do que o castelo, mas era sempre perturbador receber a carícia do Príncipe de Copas.

– Assim que você beijar Apollo, todos os falsos sentimentos que ele tem desaparecerão. – Jacks passou o dedo gelado na boca de Evangeline com mais firmeza, de um modo grosseiro e um tanto punitivo. O sangue do Arcano tinha um gosto amargo, e não doce. Gosto de erro. – Você precisa beijá-lo antes de o sol raiar para a magia funcionar. Mas já vou te avisando: se fizer isso, seu príncipe não vai achar que você fez um favor a ele. Heróis e heroínas não têm direito a finais felizes.

E vangeline não havia pensado direito naquela situação. Se tivesse pensado, teria perguntado para Apollo onde ficava exatamente a suíte nupcial. Se soubesse que ficava no topo de uma das torres altíssimas do Paço dos Lobos, poderia ter sugerido que se encontrassem em algum outro lugar – em algum lugar mais perto do chão, de preferência, com várias saídas.

Não acreditava de fato que Apollo poderia jogá-la pela janela da torre assim que ela o libertasse da magia de Jacks. Mas Evangeline ainda não sabia quem Apollo seria depois que o feitiço fosse quebrado. Seria o afetuoso príncipe que contara contos de fadas para ela, ou se tornaria o príncipe raivoso que quase agredira o irmão naquela mesma noite? Aquilo seria o verdadeiro começo da história de amor entre os dois ou seu fim?

Evangeline estava comprometida com a ideia de amar Apollo e fazer aquele casamento dar certo depois que o feitiço fosse quebrado. Mas só conseguia ouvir as palavras de Jacks: “Seu príncipe não vai achar que você fez um favor a ele”.

Havia seis soldados de guarda diante da suíte nupcial em que ela estava prestes a entrar.

De repente, a ideia de dar meia-volta e deixar tudo como estava pareceu muito tentadora.

Também poderia entrar e tentar não beijar Apollo. Tinha até o nascer do sol para quebrar o feitiço. E se entrasse, mas não o beijasse logo de cara? Os dois poderiam ficar acordados conversando. Quanto tempo faltava até o sol raiar?

Evangeline tentou respirar fundo, mas o ar ficou preso em sua garganta à medida que se aproximava da porta da suíte nupcial. Não deu meia-volta. Mas

se arrependeu de não ter feito isso assim que entrou no quarto e fechou a porta, ruidosamente.

O quarto estava abafado demais por causa da lareira e de uma centena de velas acesas, e o ar estava doce demais por causa do aroma inebriante de mil pétalas de flores brancas. Toda e qualquer superfície, do chão aos divãs, passando pela cama gigante com dossel, estava coberta delas.

– Olá, meu coração – ronronou Apollo, que estava esparramado naquela mesmíssima cama, fazendo uma pose cheia de intenções. Já estava sem camisa. Uma grande pedra de âmbar era a única coisa que cobria seu peito nu, que estava reluzente por causa de algo muito parecido com óleo.

Evangeline ficou com o estômago embrulhado. Todas as dúvidas que tinha a respeito de beijá-lo naquela noite desapareceram. Tinha que pôr fim àquele feitiço, por mais difíceis que as coisas se tornassem para ela depois disso.

– Você me fez esperar, esposa – disse Apollo.

Em seguida, ficou passando uma pétala de flor pelo peito untado. O pavor se juntou ao ar que ainda estava preso na garganta de Evangeline. Estava torcendo para que o príncipe não a odiasse quando ela desfizesse o feitiço. Mas, naquele momento, isso parecia pouco provável.

– Só preciso de mais um minutinho – enrolou.

Evangeline não era muito fã de vinho, mas avistou uma mesa entalhada e, em cima dela, uma bela garrafa da bebida em um tom de ameixa. Serviu-se de um copo bem generoso.

A bebida era espumante, mas tinha gosto de amoras podres e sal. Evangeline quase cuspiu, mas ainda não estava preparada para chegar perto do príncipe. Deu mais um gole grande, tomando metade do copo. E tomaria mais, mas não queria estar bêbada quando fizesse aquilo.

Ela pôs o copo sobre a mesa e se aproximou da cama com passos firmes.

Apollo lambeu os lábios.

Antes que perdesse a coragem, Evangeline fechou os olhos e o beijou.

Os braços de Apollo serpentearam em volta de seu corpo, quentes e escorregadios. O príncipe a puxou para cima da cama, e ela não tentou resistir. Aquilo logo terminaria. Tudo logo terminaria.

No instante em que pensou nisso, sentiu a língua de Apollo saindo de sua boca, e os braços do príncipe soltando seu corpo.

Evangeline se desvencilhou do abraço.

Apollo não tentou segurá-la, como normalmente faria. Na verdade, deu um leve empurrão em Evangeline e sentou-se na cama.

Cerrou os punhos e tensionou os ombros. Sua boca forte se abriu e fechou em seguida, e seu olhar ficou pairando, pousando nas pétalas de flores, nas velas e no próprio peito untado. Então ele fez uma careta, passou a mão no abdômen oleoso e limpou-a na cama.

O quarto se tornou menor, e o ar se tornou mais quente e doce demais, por causa do cheiro de todas aquelas flores. Mas era o silêncio de Apollo que tornava tudo abafado e opressor.

Evangeline nunca entendera por que levara tanto tempo para deixar de amar Luc. Mesmo quando não queria mais amá-lo, o sentimento persistiu. Chamam isso de “deixar de amar”, mas *deixar* é algo fácil, passivo. Abrir mão de Luc exigira todas as suas forças. Lutara para se reerguerativamente, para deixar aquele amor para trás e encontrar outra coisa à qual pudesse se apegar.

Queria simplesmente esquecê-lo, fechar os olhos para tudo ir embora. Mas não é por acaso que emoções poderosas não desaparecem em um piscar de olhos; a pessoa precisa se tornar mais forte que os próprios sentimentos para conseguir renunciar a eles.

Apollo segurou-se nos lençóis com força. Em seguida, esfregou o rosto com a mão, e toda a raiva desapareceu, dando lugar à mágoa nua e crua. O príncipe estava com os olhos vermelhos, os lábios retorcidos, e os dentes tão cerrados que Evangeline pensou que o maxilar dele iria quebrar.

– O que foi que você fez, Evangeline? – Suas palavras duras não chegaram a ser um grito. Mas, provavelmente, foram altas o suficiente para os guardas ouvirem do outro lado da porta. – Por que tenho a sensação de que você apunhalou meu coração?

Em seguida, o príncipe fez uma careta de dor e fechou os olhos.

Evangeline sentiu um nó na garganta de remorso. Tentou engolir o que pareceu o início de um choro de soluçar. Esperava que Apollo fosse ficar com raiva. Mas não esperava que ele se mostrasse tão ferido.

Teve vontade de abraçá-lo, de se oferecer para consolá-lo. Mas, provavelmente, era melhor deixá-lo em paz.

– Desculpe... Eu não queria magoar você – falou e foi saindo da cama.

– Não... – Apollo segurou sua mão. – Eu... Nós... Este...

A jovem pensou que o príncipe estava tentando decidir o que iria dizer.

E então Apollo soltou sua mão, sua pele ficou cinza, seus ombros caíram, seus olhos se reviraram, e ele caiu duro em cima da cama, tudo ao mesmo tempo.

A cabeça do príncipe estava caída para o lado em uma posição terrível.

– Apollo! – Evangeline foi para a frente e colocou a mão no peito do príncipe. Que ainda estava quente e escorregadio, mas não se mexia. – Apollo... Apollo...

Ficou repetindo seu nome e levou a mão ao pescoço do príncipe, tentando encontrar sua pulsação, mas não teve sucesso.

Pôs de novo as mãos no peito dele, onde Apollo tatuara seu nome dentro de um coração formado por espadas. Tampouco estava pulsando, mas a pele em volta da tatuagem ficara com um tom estranho de azul. *Não. Não. Não. Não. Não.*

Tentou sacudi-lo.

Nada aconteceu.

– Apollo, acorde! – gritou Evangeline, com lágrimas de pânico escorrendo pelo rosto aos borbotões.

Ela o sacudiu de novo. Apollo tinha que se mexer. Tinha que respirar. Tinha que estar vivo. Não podia estar morto. Não podia estar morto. Não podia estar morto. Se estivesse morto...

Outro soluço fechou sua garganta, porque o pior de todos os pensamentos ocorreu em sua cabeça.

Se Apollo estivesse morto, o beijo que dera nele não apenas quebrara o feitiço, mas também o matara.

Evangeline havia matado Apollo, e Jacks a obrigara a fazer isso sem que ela soubesse.



Jacks havia dito para Evangeline: “Não faz sentido obrigar outra pessoa a cometer assassinato se você está no mesmo recinto”.

E o último beijo que dera em Apollo foi o primeiro beijo encantado em que Jacks não estava no mesmo recinto.

– Socorro! – gritou Evangeline. Mais soluços desesperados fizeram seu peito estremecer.

A porta se escancarou, e aquela suíte, que havia poucos instantes era puro fogo e pétalas de flores, se transformou em um emaranhado de botas pesadas, armas reluzentes e palavrões violentos.

– Precisamos de um médico – falou a jovem, soluçando.

Evangeline tinha a sensação de que ainda era cedo para começar a chorar, mas não conseguia controlar as lágrimas.

– O que a senhora fez com o príncipe?

– Acho que ele morreu!

– Ela matou o príncipe!

As palavras dos soldados eram disparadas feito flechas, rápidas e certeiras, e dois homens arrancaram Evangeline da cama pelas asas, fazendo penas voarem por todos os lados.

– Saia daqui – alguém ordenou.

– Esperem... – protestou, chorando. Evangeline sabia que, em parte, a culpa era sua, mas a culpa não era só sua. – Eu... Eu não... Eu não...

– Ouvimos o príncipe gritar com você. E agora... – O soldado nem sequer terminou a frase. Deixou as palavras pairando no ar, e dois outros guardas a arrastaram até a porta.

– Amarrem essa garota e a coloquem em um cômodo vazio. E vocês... – ele apontou para outra dupla de soldados – ... encontrem o príncipe Tiberius e sejam discretos. Por ora, precisamos manter essa situação em segredo.

Evangeline tentou protestar, mas suas palavras foram entrecortadas por mais soluços. Soluços horríveis, de fazer o corpo inteiro tremer, tão intensos que ela mal sentiu o ar gelado da torre nem a dor causada pelos soldados, que castigavam seus braços, apertando-a forte e arrastando-a escada abaixo, destruindo suas asas a cada degrau e deixando um rastro de penas e lágrimas.

– Vocês... vocês têm que encontrar o Lorde Jacks... – Evangeline finalmente conseguiu dizer. – Foi ele que fez isso: ele é o Príncipe de Copas.

– Pegue uma mordaça para ela – grunhiu o soldado menor quando ele e o colega jogaram Evangeline em um cômodo escuro que cheirava a umidade e poeira.

Juntos, terminaram de arrancar o que restara de suas asas. Um ar gelado impiedoso fustigou as costas de Evangeline, e os dois a atiraram na única cadeira de madeira que havia ali. Foram logo amarrando seus pulsos nos braços da cadeira, e seus tornozelos nas pernas do móvel. Em seguida, o soldado enfiou um pano fétido na boca da jovem.

O pano interrompeu as súplicas de Evangeline, e a imundície do trapo interrompeu suas lágrimas por alguns instantes. Mas não durou muito. No silêncio que se seguiu, ela só conseguia ouvir as palavras “assassina” e “tolo” e enxergar o olhar desolado de Apollo. Até que uma enxurrada de lágrimas borrou até essa lembrança.

– Por que a mordaça não calou a boca desta garota? – perguntou o menor soldado.

– Só deixe ela chorar – resmungou o outro, que era mais corpulento e de cabeça raspada. Ele tinha ido acender o fogo da lareira vazia. Evangeline o reconheceu: era Havelock, o guarda pessoal de Apollo. Ela não imaginava que ele daria importância para o fato de ela estar ou não com frio. Mas aquele cômodo abandonado estava um gelo, e duvidava que os dois soldados fossem deixá-la ali sozinha. Até parece que poderia fugir. Mesmo que a desamarrassem, não chegaria muito longe no estado que estava. Evangeline soluçou ainda mais.

Ela havia matado Apollo.

Apollo estava morto.

Apollo estava morto, e ela o havia matado.

– Agora você precisa calar essa boca. – O guarda mais baixo ergueu a mão para bater...

– É assim que o guarda real trata a sua próxima rainha? – perguntou Jacks, que havia surgido perto da porta entreaberta.

Era difícil enxergá-lo naquela escuridão e enquanto chorava tanto, mas Evangeline sempre reconhecia a crueldade de sua voz.

– É o Príncipe de Copas! Ele é o assassino! – ela tentou gritar.

Só que ainda estava com aquela mordaça terrível. E agora havia algo de errado com os guardas. Nenhum dos dois se mexia.

Evangeline se balançou na cadeira em uma tentativa vã de se soltar.

– Não deixem que ela se machuque – ordenou Jacks, curto e grosso.

O soldado mais baixo, que estava prestes a bater em Evangeline, pôs a mão nas costas da cadeira imediatamente, para impedir que ela caísse no chão.

*O que está acontecendo?*

Parecia que os soldados estavam possuídos. Havelock fitava Jacks como alguém olharia para uma sombra que empunha uma faca, mas só se mexeu quando o Arcano entrou no cômodo e falou baixinho:

– Saim.

Sem dizer uma palavra, os dois soldados foram embora, deixando Evangeline amarrada e a sós com o Príncipe de Copas.

– Fique longe de mim! – ela tentou gritar, sacudindo a cadeira de novo, quando Jacks se aproximou.

Na penumbra, deveria ser difícil enxergá-lo, mas seus olhos brilhavam sutilmente, um brilho azulado que a percorreu de cima a baixo. Jacks observou as asas douradas partidas aos pés de Evangeline, a bainha rasgada de suas volumosas saias brancas, e as manchas que as lágrimas haviam deixado no seu rosto.

*Pare de chorar.* A voz de Jacks era baixa e calma e estava invadindo os pensamentos de Evangeline mais uma vez. *Você não está triste. Você está tranquila e feliz em me ver.*

Olhou feio para o Arcano, desejando ser capaz de falar exatamente o quanto sua presença a deixava infeliz. Não queria chorar na frente do Príncipe de

Copas, mas vê-lo ali parado, tão frio e cruel, só a fazia lembrar o modo como Apollo havia morrido.

Mais lágrimas escorreram pelo seu rosto.

Jacks espremeu os olhos e dirigiu o olhar para uma poça d'água aos pés de Evangeline.

– *Tudo* isso são lágrimas? – indagou.

Um brilho que parecia de alarme surgiu nos olhos do Príncipe de Copas. Não que acreditasse, nem por um segundo, que o Arcano se importava com ela. Jacks iria matá-la, assim como havia matado Apollo, para que não pudesse contar a ninguém o que ele havia feito.

Evangeline se preparou para o pior quando Jacks fez menção de tirar a mordaça de sua boca. E, assim que ele a tirou, gritou:

– Assassino! Vá...

A mão do Arcano cobriu os lábios de Evangeline na mesma hora.

– Você realmente quer que eu coloque esse pano nojento na sua boca de novo?

A jovem ficou petrificada.

O Príncipe de Copas lançou um sorriso irônico e sutil.

– Agora, vou te fazer uma pergunta, e você vai responder sem gritar. Quanto tempo faz que está chorando desse jeito?

Em seguida, tirou a mão da boca de Evangeline delicadamente.

Para horror dela, mais lágrimas rolaram antes que conseguisse responder.

– Não finja que se importa com o meu sofrimento. Você vai me matar, assim como matou Apollo.

– Não matei Apollo, e não tenho nenhuma intenção de te machucar. Ainda preciso de você para concretizar aquela profecia, lembra?

– Nunca mais vou ajudar você – esbravejou Evangeline. Ou pelo menos tentou. As palavras saíram em uma fungada vergonhosa, mas ela continuou tentando: – Prefiro ficar amarrada aqui para sempre a ajudar você.

– Você não deveria ser tão descuidada com suas palavras.

Jacks pegou a adaga de pedras preciosas. Mas, em vez de cortar a garganta ou apunhalar o coração de Evangeline, ele se abaixou e cortou a corda que prendia o tornozelo direito da jovem à cadeira. Ela tentou chutá-lo com a perna solta.

Mas é claro que o Arcano foi mais rápido. Segurou a perna dela com a mão gelada, levantando-a a ponto de fazer seu vestido subir, deixando-a completamente sem equilíbrio. E então ficou de pé.

– Se você deseja viver, precisa parar de brigar comigo.

– Nunca vou parar de brigar com você. Você me enganou e me fez matar Apollo! Achei que estava ajudando o príncipe, mas ele morreu assim que eu o beijei.

Jacks ficou mexendo o maxilar e declarou:

– Apollo não morreu por causa de seu beijo. Não havia magia nenhuma naquele beijo.

– Mas...

– Nunca houve magia em seus beijos – interrompeu Jacks. – Quando Apollo se apaixonou por você, não foi porque você o beijou, foi porque eu o convenci, com a força do pensamento.

– E como isso é possível?

– Sou um Arcano. Você acha mesmo que meus beijos são o único poder que tenho? – O Príncipe de Copas parecia muito ofendido. – Eu não seria lá muito aterrorizante se só fosse capaz de fazer isso. E, antes que você comece a discutir e desperdice mais tempo dizendo que não acredita em mim, você acabou de me ver usando esta habilidade nos soldados, quando ordenei que saíssem do recinto. Não precisei sequer encostar neles. Você só precisou beijar Apollo e *Lady Sucesso* porque seria divertido. E, quando a magia perdesse o efeito, suspeitariam de você, e não de mim. As pessoas tendem a não confiar e evitar contato conosco quando sabem que somos capazes de controlar os sentimentos delas. Manipulei você, sim, mas não matei seu príncipe.

Evangeline tentou olhar feio para Jacks, apesar das lágrimas. Não queria mesmo acreditar no Arcano nem admitir que o que ele dizia fazia sentido. Queria culpá-lo pelo assassinato de Apollo. Queria chutá-lo e gritar. Mas, quando tentou gritar, sua voz se transformou em um soluço de frustração.

– Se você está falando a verdade, use sua magia em mim – falou, soluçando.

– Use sua magia para me fazer parar de chorar.

– Eu tentei e não funcionou. – Jacks fez uma careta ao ver mais uma cachoeira de lágrimas saindo dos olhos dela. – Essas suas lágrimas não são normais. Acho que você foi envenenada.

– É tristeza, Jacks, não veneno! Apollo acabou de morrer diante de meus olhos.

– Não estou te criticando por ser emotiva – comentou o Arcano, rangendo os dentes. – Mas se esse seu choro fosse devido apenas aos seus sentimentos, eu deveria ser capaz de fazê-lo parar.

Ela recordou as palavras que Jacks dissera em silêncio, logo depois de ter entrado no cômodo.

– Você... tentou me dizer que eu estava feliz em vê-lo.

O Príncipe de Copas não respondeu, mas o olhar brutal que ele lançou fez Evangeline suspeitar que ela não deveria ser capaz de ouvi-lo.

– Algo que não é natural está amplificando seus sentimentos – disse Jacks, com um tom grosseiro. – Existe outro Arcano que chora lágrimas envenenadas que têm poder de matar, partindo o coração da pessoa. Acho que alguém envenenou você com essas lágrimas. E, se não conseguirmos encontrar a cura logo, você vai chorar até morrer.

Evangeline queria continuar discutindo. Só porque os poderes de Jacks não tinham efeito nela, não queria dizer que estava envenenada. Estava sofrendo: seu marido morrera diante dos seus olhos. Mas, antes que conseguisse dizer algo, foi atingida por uma nova onda de soluços incontroláveis que pareciam, sim, um veneno. Nunca havia chorado tanto na vida.

Tinha a sensação de que seu corpo estava sendo pressionado por todas as tristezas que já havia sentido. Cada lágrima ardia ao escorrer por seu rosto. Então se lembrou do gosto do vinho salgado que quase cuspira. Será que fora desse modo que a envenenaram? Será que o vinho também havia matado Apollo? O príncipe não chorou, mas o seu último olhar fora uma expressão do mais absoluto coração partido.

Jacks finalmente soltou o tornozelo de Evangeline. Em seguida, terminou de cortar as demais cordas e passou o braço sob os ombros da garota, para ajudá-la a ficar de pé.

– Me solta! – gritou ela, tentando se desvencilhar do Arcano.

Ainda que Jacks não tivesse matado Apollo, Evangeline não queria chegar nem perto de suas mãos geladas, de seus braços gelados, de seu peito de gelo duro como pedra. Mas suas pernas estavam fracas feito um fio solto. E, quando percebeu, estava apoiada nele em vez de se debater.

O Príncipe de Copas ficou rígido, como se Evangeline tivesse encostado uma faca nele, e não o próprio corpo. E então Jacks a levantou do chão e a colocou em suas costas.

– O que você está fazendo? – gritou Evangeline, entre um soluço e outro. Até no papel de herói ele era um maldito.

– Você mal consegue ficar de pé, e temos que ir rápido para te tirar daqui.

– Você não pode simplesmente lançar sua magia em todos pelos quais passarmos? – Evangeline se debatia, tentando se soltar, mas o braço de Jacks mais parecia feito de ferro, enquanto a segurava dobrada por cima de seu ombro.

– No Norte, minha magia não funciona do mesmo jeito que em outros lugares – declarou o Príncipe de Copas, entredentes.

Em outras palavras, “não”. O poder que Jacks possuía de controlar as emoções dos outros tinha seus limites. Evangeline tentou organizar seus pensamentos frenéticos, lembrando o instante em que a magia do Arcano deixara de surtir efeito sobre a matriarca da Casa Sucesso. Na ocasião, ela pensou que havia quebrado o feitiço por ter perguntado a respeito das pedras. Mas devia ter sido o controle do Príncipe de Copas que deixara de funcionar. Provavelmente, ele tinha precisado de muito poder para fazer Apollo amá-la tão intensamente, e não sobrara magia suficiente para manipular a matriarca por muito tempo.

Talvez Jacks só conseguisse controlar poucas pessoas ao mesmo tempo. Senão, ele estaria usando sua magia em todo mundo. Naquela noite, o Arcano conseguira manipular dois guardas e ficou chateado quando percebeu que não era capaz de controlá-la. Logo, o Príncipe de Copas era capaz de comandar pelo menos três pessoas, mas talvez não mais do que isso.

Jacks arrancou a capa dos ombros e cobriu Evangeline com ela. A jovem não conseguia enxergar nada enquanto ele a carregou, tirando-a do Paço dos Lobos, nem quando a colocou dentro de um trenó que estava à espera deles, e, pelo jeito, seria a parte mais gelada daquela noite.

– Estamos quase chegando.

Essas foram as únicas palavras que o Arcano pronunciou durante todo o trajeto, a menos que Evangeline não tivesse ouvido o que ele dissera entre seus

soluços intermináveis. As lágrimas deixavam trilhas de gelo em seu rosto, até que começaram a congelar suas pálpebras, que começaram a se fechar.

O trenó parou, e Jacks a pegou nos braços de novo.

Evangeline não conseguia enxergar aonde estavam indo. O Príncipe de Copas a manteve coberta com sua capa e a apertava com força contra o próprio peito. Era a primeira vez que o corpo do Arcano transmitia calor. Evangeline estremeceu só de pensar no que isso queria dizer a respeito dela.

Meses antes, ela havia sido transformada em pedra. Mas, agora, tinha a sensação de estar sendo transformada em gelo, enquanto Jacks se arrastava por um local que, a julgar pelos ruídos, devia estar coberto de neve. E então ele começou a subir o que parecia um lance de escadas interminável. Evangeline torceu para que Jacks a estivesse levando para um lugar quente. Seria ótimo sentir algum calor. Entretanto, mesmo que o Príncipe de Copas conseguisse abrir os olhos dela e libertá-la do veneno que a estraçalhava, não seria o suficiente para apagar o fato de que agora Evangeline era fugitiva, viúva e órfã. Tudo o que tinha era um Arcano no qual nem sequer confiava e do qual nem sequer gostava...

– Nem pense em desistir – urrou Jacks. – Se você se render ao veneno, ele causa efeito mais rápido.

Suas palavras foram seguidas por uma rápida batida em uma porta. Depois outra, mais outra e mais outra...

A porta finalmente se abriu, com um rangido.

– Jacks? – A voz era feminina e vagamente conhecida. – O que, em nome dos Arcanos...

Ficou calada quando o Príncipe de Copas tirou a capa do rosto de Evangeline.

– Ela precisa que você a salve agora – esbravejou Jacks.

– O que foi que você fez? – indagou a garota.

E, neste momento, Evangeline gostou só um tantinho dela.

– Acho que você sabe tão bem quanto eu que não fui eu quem fez isso.

– Por acaso você... Deixe para lá, traga ela para dentro. E não a solte – alertou a garota. – Se você parar de abraçá-la, ela pode se dissipar. Tente consolá-la enquanto preparam o antídoto. Finja que é alguém de quem você gosta.

Os braços de Jacks enrijeceram em volta do corpo de Evangeline.

E foi aí que o mundo se tornou mais quente, crepitante e flamejante. A garota não ligava mais para como o Arcano a abraçava, desde que ele continuasse indo em direção ao calor. Evangeline não conseguia abrir os olhos. Mas, depois de alguns movimentos desajeitados, ele a colocou no colo.

A garota imaginou que os dois estavam diante de uma fogueira, que Jacks estava sentado na lareira, abraçando-a com a mesma afeição que dirigiria a um pedaço de lenha prestes a ser jogado no fogo.

– Há maneiras muito melhores de morrer do que essa, Raposinha.

– Suas tentativas de me consolar são trágicas – gaguejou Evangeline.

– Você ainda está viva – ele resmungou.

Em seguida, roçou os dedos nas pálpebras da garota e, com carícias leves como uma pluma, tirou o gelo que estava derretendo.

Talvez o Arcano não fosse completamente incorrigível. Evangeline pensou que talvez Jacks apenas não tivesse muita prática. Consolar alguém era algo íntimo. E, de acordo com as histórias, ter intimidade com alguém era algo que nunca acabava bem para o Príncipe de Copas. Mas, obviamente, ele sabia ser delicado. Evangeline foi descongelando pouco a pouco, sentindo os dedos de Jacks tocando seu rosto, limpando as lágrimas congeladas.

– Pronto. – Era a voz da outra garota. – Dê isso para ela comer.

A mão esquerda do Arcano saiu do rosto de Evangeline. Em seguida, os dedos voltaram, tocando seus lábios com cuidado. Jacks pintou a boca dela devagar, cautelosamente, mais ou menos do mesmo jeito que havia pintado os lábios da jovem com o próprio sangue. Mas, ao contrário do sangue do Príncipe de Copas, o gosto daquilo não era doce nem amargo. Não tinha gosto nenhum: era mais parecido com aquela sensação inebriante do instante que vem logo antes de um beijo.

– O antídoto está funcionando – disse a garota.

– Quer dizer que posso soltá-la?

– Sim – Evangeline conseguiu falar, na mesma hora em que a outra garota respondeu:

– Não, a menos que você queira que ela morra. Para o remédio fazer efeito, ela precisa de contato físico por pelo menos um dia inteiro.

Evangeline ficou com a sensação de que a garota estava brincando com Jacks. *Só pode estar brincando com ele.* E, mesmo que não estivesse, não conseguia imaginar o Arcano abraçado a ela – ou a qualquer outra pessoa – por tanto tempo. E, apesar disso, o Príncipe de Copas não fez menção de soltá-la.

Jacks abraçou Evangeline com apego, como se fosse uma mágoa. Com o corpo rígido e tenso, como se não quisesse muito que ela estivesse ali. E, apesar disso, abraçou-a firmemente pela cintura, como se não tivesse intenção de soltá-la, nunca mais.

# PARTE III

*Caos*



E vangeline acordou envolta por dois braços inflexíveis. Tentou se desvencilhar, sacudindo o corpo, mas Jacks a abraçou mais forte. Então abriu os olhos, que foram se acostumando lentamente à claridade quente do dia.

Não havia se dado conta de que caíra no sono, mas devia ter cochilado no colo do Arcano. Sentiu um calor que subia pelo seu ventre e chegava até o rosto. Era bobagem ter vergonha de algo tão pequeno. Quase havia morrido, e o Príncipe de Copas salvara sua vida. Se qualquer outra pessoa tivesse se dado àquele trabalho todo para salvar sua vida – libertá-la dos soldados, carregá-la em meio à neve da meia-noite, encontrar uma cura para ela –, ela poderia até pensar que isso tinha algum significado. Mas, apesar de Jacks ter passado a noite toda abraçando Evangeline, seus braços pareciam de madeira e seu peito era uma pedra plana em que a cabeça dela estava apoiada. Os dois não tinham ficado aconchegados enquanto a jovem dormia. O Príncipe de Copas só havia salvado sua vida porque precisava dela viva para concretizar a profecia.

Evangeline sabia que Jacks havia mentido quando chamou a profecia de “empoeirada” e disse que ela não precisava se preocupar com o Arco da Valorosa. Se a profecia não existisse, o Arcano jamais teria salvado sua vida nem a teria metido em tantas situações terríveis.

Evangeline tentou se mexer, mas seus braços e pernas pareciam feitos de chumbo. Só conseguiu piscar para afugentar o sono dos olhos e, finalmente, examinou o local onde estava.

Uma luz suave como uma pluma atravessava as janelas arredondadas, conferindo um brilho a todas as superfícies do apartamento surpreendentemente iluminado onde Evangeline se encontrava. As paredes

eram cobertas com flores vibrantes em tons de amarelo e laranja, as estantes eram salpicadas de purpurina, e seus livros estavam organizados pela cor das lombadas. E, mesmo assim, nada daquilo era tão vibrante quanto a garota que usava uma túnica de lantejoulas, acomodada no divã rubro e listrado, bem na frente de Evangeline e Jacks.

– LaLa?

– Oi, amiga.

O sorriso de LaLa era quase incandescente.

Evangeline não conseguia decidir se aquele sorriso estava completamente deslocado ou combinava perfeitamente com aquele estranho quadro-vivo.

Abriu a boca, querendo agradecê-la, para ser educada. Tinha quase certeza de que fora LaLa quem dera o remédio que salvara sua vida para Jacks. Provavelmente, também devia um agradecimento ao Arcano, por tê-la levado até ali. E, sabe-se lá por que, o que saiu de sua boca não foram palavras de gratidão, nem de longe.

– Estou tão confusa. Como é que vocês dois se conhecem?

– Ela é o Arcano que envenenou você – respondeu Jacks.

LaLa lançou um olhar fulminante para o Príncipe de Copas e disparou:

– É por isso que todo mundo odeia você.

Jacks respondeu com uma risada, como se os dois estivessem *flertando* entre si. Será que era assim que os Arcanos flertavam, trocando acusações de assassinato? Ainda presa no colo de Jacks, Evangeline não conseguia enxergar direito o rosto dele. Mas, a julgar pelo jeito casual que acusara LaLa, ficou com a impressão de que o Príncipe de Copas não acreditava de fato que LaLa havia tentado matar Apollo e ela.

Infelizmente, era difícil ter qualquer certeza em relação a Jacks. Evangeline tinha a sensação de que LaLa não gostava do Arcano, mas talvez também se sentisse atraída por ele. Ou, talvez, os dois tivessem algum tipo de relação secreta. As bochechas de LaLa ficaram coradas de um jeito bonito enquanto os dois se alfinetavam.

A garota então explicou para Evangeline que era, sim, um Arcano – a Noiva Abandonada –, mas não estava muito disposta a dar mais explicações. Evangeline não a condenou. Nos Baralhos do Destino, a Noiva Abandonada sempre aparecia coberta por um véu de lágrimas. Representava rejeição, perda e

finais infelizes. Pelo jeito, LaLa era capaz – ao contrário de Jacks – de encontrar facilmente quem a amasse, quando ela bem entendesse, mas esse amor estava condenado a não durar. Todas as garotas têm medo de se tornar a Noiva Abandonada, e Evangeline tinha pena dela, em teoria, mas a LaLa real quase a fazia sentir inveja.

LaLa não era uma moçoila que definhava de tanto lamentar um amor perdido. Era a garota mais ousada da festa, que não tinha medo de dançar sozinha nem de deixar uma dupla de fugitivos que batem à sua porta na calada da noite entrar em sua casa. Possuía magia e autoconfiança e não tinha medo de brigar com Jacks. Não dava a impressão de ser solitária por estar sozinha, coisa que Evangeline sempre temera. Dava a impressão de que estar sozinha era uma aventura, como se cada instante fosse o começo de uma história com infinitas possibilidades.

– Foram as minhas lágrimas que envenenaram você – admitiu LaLa –, mas não tentei te matar nem tentei matar o príncipe Apollo. Vendi alguns frascos de lágrimas há séculos, e suspeito que alguém usou essas lágrimas que vendi. Eu te diria quem as comprou, mas faz tanto tempo que não vendo lágrimas que não sei dizer onde foram parar. Juro. Não fiz mal a ninguém desde que vim para o Norte. Como a maioria dos Arcanos, fui para cá com o objetivo de recomeçar minha vida, depois que Jacks fez o favor de condenar todos nós ao exílio.

– Não fui eu quem condenou todos nós ao exílio – interrompeu o Arcano.

LaLa lançou um olhar azedo e retrucou:

– Pode até ser que você não tenha feito com que fôssemos expulsos do Sul sozinho, mas fiquei sabendo de algumas coisas que você fez com a irmã mais nova da imperatriz. Dizem que você ficou obcecado por ela.

– Isso está ficando chato. – De repente, Jacks parecia entediado. Mas Evangeline sentiu que cada centímetro do corpo do Arcano ficara tenso ao ouvir falar da irmã da imperatriz. A garota que, segundo LaLa, tinha partido o coração dele.

Será que essa era a raiz do que estava acontecendo entre LaLa e Jacks? Será que a Noiva Abandonada estava com ciúme daquela princesa?

– Eu nem me lembro dela – desconversou Jacks. – E, neste exato momento, acho que temos de nos concentrar no passado da humana, não no meu.

Em seguida, tirou uma das mãos da cintura de Evangeline, para conseguir abrir um jornal em seu colo.

---

## O Boato Diário

### ASSASSINATO!

*Por Kristof Knigblinger*

**N**osso adorado príncipe Apollo morreu. Enquanto escrevo estas linhas, as lágrimas não param de borrar a tinta, porque – infelizmente – isso não é um boato. Todos os relatos que recebi do Paço dos Lobos, onde o príncipe se casou ontem, disseram a mesma coisa. Vossa Alteza foi assassinada na suíte nupcial.

A notícia se espalhou depressa depois que todos os guardas e criados ouviram os lamentos da princesa Evangeline. "Eu nem sabia que um ser humano podia chorar daquele jeito", contou uma fonte próxima da princesa.

Entretanto, nem todos os empregados da realeza estão convencidos de que o luto da princesa Evangeline é verdadeiro – principalmente depois que a princesa desapareceu.

Alguns murmurários saídos do Paço dos Lobos disseram que ela é uma assassina sedutora e que fugiu com o cúmplice, o malfadado Príncipe de Copas!

Não consigo nem imaginar tal coisa e sei que não sou o único. Tiberius, nosso novo príncipe herdeiro, está muito preocupado com a cunhada. Ele acredita que a princesa Evangeline pode ter sido sequestrada pelo verda-

deiro assassino do príncipe Apollo. O palácio enviou soldados à procura de Evangeline por toda Valorfell e pelas

províncias vizinhas, para que possam trazê-la de volta ao palácio real sã e salva.

---

Evangeline deixou o jornal cair no chão.

Assim que terminou de ler, a tentação de fechar os olhos e se encolher em posição fetal foi grande. Ali, as palavras a respeito de Apollo pareciam tão frias e faziam tudo parecer ainda mais definitivo. O príncipe estava morto, e ela nunca mais o veria de novo. Jamais teria chance de consertar as coisas nem de recomeçar a vida, como havia planejado. No dia anterior, mais ou menos àquela hora, Evangeline e Apollo haviam proferido seus votos matrimoniais. O

príncipe dissera que sangraria pela esposa com todo o prazer, e agora não conseguia parar de temer que seu marido tivesse, de fato, morrido por ela.

Evangeline sabia que não era a culpada pela morte do príncipe. Mas se sentia responsável, como se Apollo pudesse ter forças para resistir ao veneno, caso ela não tivesse estraçalhado seu coração ao quebrar o feitiço que Jacks lançara sobre o príncipe.

*Mil desculpas, Apollo.*

Sentiu um aperto no peito e uma ardência nos olhos. Mas, pelo jeito, já tinha chorado todas as suas lágrimas na noite anterior. Se não, teria começado a chorar de novo.

Evangeline fungou e olhou de novo para o frio papel impresso em preto e branco que deixara cair. Desta vez, foram as palavras “assassina” e “sedutora” que saltaram aos seus olhos.

Torceu para que não acreditassem naquilo. Só que, se continuasse com Jacks, muito provavelmente acreditariam.

– Agradeço a vocês dois por terem me salvado, mas preciso voltar para o Paço dos Lobos e contar para Tiberius o que realmente aconteceu. Enquanto houver uma chance de as pessoas acharem que eu fiz isso, jamais encontrará quem realmente envenenou Apollo.

– Você enlouqueceu? – perguntou o Príncipe de Copas. Evangeline continuava sentada no colo do Arcano, que a virou de frente para ele, lançando um olhar de reprovação. – Você não pode voltar para o Paço dos Lobos. Eu te garanto que Tiberius Acadian não está à sua procura porque ficou preocupado com você. Tiberius está te procurando para poder culpá-la pelo assassinato. O que não deve ser tão difícil assim. Duvido que o corpo de Apollo tivesse sequer esfriado e já corriam boatos que vocês estavam brigando na suíte nupcial segundos antes de ele ser encontrado morto.

– Odeio ter que dizer isso, mas Jacks tem razão – interveio LaLa. Em seguida, pegou uma xícara de chá de uma mesa mais baixa, que tinha uma grande quantidade de comida e diversas garrafas vazias de Sensacionais Águas Saborizadas Sucesso. – Você é uma excelente suspeita de assassinato. A órfã que vira heroína, que vira noiva, que vira assassina. Na verdade, estou surpresa por Kristof não ter escolhido essas palavras para a manchete de hoje.

– Provavelmente, será a manchete de amanhã – comentou Jacks.

– Mas eu não matei Apollo. Deve haver alguma prova de que outra pessoa o matou. Talvez tenha sido uma das outras garotas que queriam se casar com ele.

Evangeline disse isso e começou a levantar.

O Príncipe de Copas apertou os braços em volta de sua cintura, mantendo-a presa em seu colo.

– Tiberius e seus guardas não vão querer saber de provas quando te pegarem. Até onde você sabe, Tiberius te envenenou e envenenou o irmão para poder tomar o trono. Só precisa de uma esposa para ser rei.

– Não acho que tenha sido ele – argumentou Evangeline.

Ela sabia que os dois irmãos tinham suas diferenças e que, com a morte de Apollo, Tiberius seria o herdeiro do trono. Mas, no dia anterior, ficara mesmo com a impressão de que Tiberius gostava sinceramente de Apollo. E, se desconfiasse de Tiberius, a alternativa era confiar em Jacks.

– É tolice pôr sua vida nas mãos do príncipe – insistiu o Arcano. – O único jeito de se livrar dessa acusação é encontrar quem realmente fez isso. E eu sou sua melhor opção para encontrar essa pessoa.

– Você espera mesmo que eu acredite que você se importa em descobrir o verdadeiro assassino?

O Príncipe de Copas ficou com uma expressão emburrada e resmungou:

– Também estou sendo acusado do crime.

– Tenho plena consciência disso, Jacks, mas também sei que o Príncipe de Copas já era suspeito de vários assassinatos, muito antes de Apollo ter morrido.

Jacks não respondeu de pronto, mas Evangeline sentiu a mão dele em suas costas, segurando o tecido de seu vestido de casamento arruinado, deixando transparecer um pouco mais de sua crescente frustração.

– Que escolha você tem a não ser confiar em mim?

– Posso procurar sozinha!

Mas, assim que disse isso, Evangeline se deu conta de que não iria muito longe sem ajuda.

Só que confiar no Arcano era uma ideia horrorosa. Jacks cumpria sua palavra, mas também fazia coisas terríveis, como transformar pessoas em estátuas de pedra. E Evangeline sabia que o Príncipe de Copas só havia oferecido ajuda porque acreditava que ela era a plebeia que se tornava princesa da profecia do Arco da Valorosa. E isso, com certeza, faria a jovem se meter em

mais confusão. Ela se perguntou se a profecia também poderia ter algo a ver com a morte de Apollo. Será que era uma mera coincidência o fato de o príncipe ter morrido na noite em que Evangeline se tornou a princesa da profecia? Tinha vontade de fazer mais perguntas sobre esse assunto para Jacks. Mas sentia que não era prudente falar do Arco da Valorosa na frente de LaLa, para não incitar outra reação violenta.

Evangeline não acreditava que isso poderia acontecer entre ela e LaLa. Mas também não conseguia imaginar a amiga – ou qualquer outro Arcano – dando pouca importância ao Arco da Valorosa, dizendo que é um mero conto de fadas, como fez Apollo.

Um tremor a atravessou quando se lembrou daquele instante específico que vivera com o príncipe. Apollo fora tão brincalhão, carinhoso, e estava tão vivo quando contou sobre o arco para ela. Ele merecia estar vivo. Evangeline tinha que descobrir quem o havia matado e, por mais que não quisesse admitir, Jacks era, provavelmente, a melhor – e, possivelmente, a única – pessoa para ajudá-la.

– Se eu ficar com você, tenho algumas condições. – Ela finalmente conseguiu se desvencilhar do Príncipe de Copas e ficar em pé, de frente para ele. Apesar de estar sentado, o Arcano era tão alto que Evangeline não conseguiu olhá-lo de cima, mesmo estando de pé. Os dois jamais estariam em pé de igualdade; Jacks sempre teria mais poder do que Evangeline. Mas isso não queria dizer que ela não tivesse poder algum. – Daqui para a frente, nossa parceria será verdadeira. Você não vai me deixar para trás nem guardar segredo do que descobrir. Vamos trabalhar juntos para encontrar o assassino de Apollo e nos livrar dessa acusação. E esse é nosso único objetivo. Se eu sequer suspeitar que você está com segundas intenções ou mentindo para mim, vou embora e contarei para o príncipe Tiberius exatamente onde ele pode te encontrar.

– Excelente discurso! – exclamou LaLa, brindando com a xícara de chá. – Você está tomando uma péssima decisão ao escolher cooperar com Jacks, mas é uma decisão muito nobre.

– LaLa! – urrou Jacks. – Acho que seus préstimos não são mais necessários.

– Você está na minha casa!

– Por pouco tempo. O sol já está quase se pondo e...

A voz do Arcano foi interrompida por uma batida forte na porta. Não na porta da casa de LaLa, mas perto o suficiente para fazer a estrutura daquele cômodo iluminado tremer.

Até então, Evangeline não havia parado para pensar onde exatamente estavam. Mas bastou olhar de relance pela janela para perceber que estavam no alto de um pináculo, espremidos entre outras residências. Ela conseguiu enxergar diversos soldados de vestes acobreadas e capas com barras de pele batendo nas portas vizinhas.

- Será que estão procurando...
- *Shh...*

Jacks pôs o dedo em sua boca. Não disse mais nenhuma palavra, e Evangeline não o viu sequer erguer a sobrancelha. Mas, um instante depois, os soldados começaram a ir embora do pináculo.

Contou apenas três homens, e seus movimentos involuntários eram mais bruscos do que os dos outros dois soldados que a vigiavam no dia anterior. O que a fez pensar de novo em quais seriam os limites dos poderes de Jacks. Ela devia ter razão quando suspeitou que o Arcano era capaz de controlar, no máximo, três pessoas ao mesmo tempo. Pelo menos no Norte. Só que o fato de o Príncipe de Copas ter o poder de manipular as emoções dela, ainda que minimamente, continuava sendo perturbador.

Evangeline tornou a olhar para Jacks e declarou:

- Acho que preciso fazer algumas correções no meu discurso.
- Não se preocupe, Raposinha, você causa problemas demais para eu querer controlá-la. E somos parceiros – disse ele, simpático. – Então sei que você não vai discutir comigo se eu disser que precisamos sair daqui agora.
- Já que, ao que parece, você está dizendo “sim” à nossa nova parceria, não terá nenhum problema em me dizer aonde quer ir e por quê.

Para surpresa de Evangeline, Jacks respondeu sem pensar duas vezes:

- Vamos fazer uma visitinha para Caos.

LaLa se engasgou com o chá e disparou:

- Caos é um monstro!
- Achei que Caos fosse um Arcano – arriscou Evangeline.
- Caos não é como nós.

LaLa pôs a xícara na mesa com tanta força que a porcelana rachou, derramando chá.

O Príncipe de Copas lançou um olhar de deboche para a Noiva Abandonada e perguntou:

– Ainda não superou, depois de tanto tempo?

– Jamais superarei o que ele fez.

– O que ele fez? – perguntou Evangeline.

– Caos é um assassino – acusou LaLa.

– E também é extremamente útil – disse Jacks, batendo com as botas na mesa baixa. – Caos é tão velho quanto o Norte e, ao contrário do restante de nós, nunca ficou preso em um baralho. Ficou aqui esse tempo todo, reunindo favores devidos, pessoas e informações. Se existe alguém que poderia querer que você e Apollo morressem, este alguém é Caos. Ele é o Senhor dos Espiões e dos Assassinos.

– E também é vampiro – completou LaLa, secamente.



**E**vangeline não deveria ter sido tão curiosa. LaLa obviamente achava que Caos era um demônio. Jacks, pelo jeito, tinha outra opinião, mas ficou instantaneamente com uma expressão azeda quando a Noiva Abandonada pronunciou a palavra “vampiro”.

Evangeline ainda queria saber mais a respeito de Caos. Queria saber se os vampiros realmente dormem dentro de caixões e se são capazes de se transformar em morcegos – ou, quem sabe, em dragões! Só que o Príncipe de Copas se recusou a responder a mais perguntas sobre Caos e vampiros em geral.

– Isso não é coisa para se ter curiosidade – alertou o Arcano. – Você só precisa saber que vampiros se escondem, bem trancados, ao amanhecer. Então, a menos que queira ficar presa com essas criaturas, precisamos entrar e sair do antro de Caos enquanto ainda estiver escuro.

Depois dessa, Jacks provavelmente teria arrastado a jovem para fora do aposento na mesma hora se as duas garotas não tivessem insistido que Evangeline não podia ficar zanzando por aí sem comer e ainda usando o vestido de noiva esfarrapado.

Algumas fatias de bolo depois, LaLa abriu um alçapão secreto no chão.

– Vamos deixar você limpinha e encontrar o modelito perfeito para conhecer um vampiro!

Ela roubou Evangeline de Jacks com uma dose surpreendente de entusiasmo. Era óbvio que LaLa odiava Caos, mas parecia afoita demais para preparar a garota para aquele encontro, o que deixou a jovem levemente receosa em relação ao que se passava pela cabeça da Noiva Abandonada. Descer

o lance de escadas rangentes foi rápido, e o trajeto terminou em uma escuridão que tinha cheiro de lágrimas e tule.

– Fique aqui, que vou acender algumas lanternas – falou LaLa, com uma vozinha estridente.

O ruído do fósforo rompeu o silêncio, e a luz se espalhou pelo recinto, brilhando de lanterna em lanterna. Todas estavam penduradas nas vigas expostas do teto e balançavam alegremente, para a frente e para trás, lançando uma luminosidade amarelada em uma selva de vestidos.

Eram vestidos em tons de branco-nevado, rosa-perolado, azul-romântico e creme. Alguns eram tubinhos simples. Outros tinham caudas ou bainhas elaboradas, cobertas com todo tipo de coisas, de flores de seda a conchas do mar. Nenhum parecia já ter sido usado.

– São todos dos seus casamentos? – perguntou Evangeline.

LaLa sacudiu a cabeça e ficou com uma expressão tímida pouco usual. Em seguida, passou a mão em um vestido longo *off-white*, com cauda de sereia.

– Faço vestidos para vender. Dá um bom dinheiro e alivia a compulsão.

– Que compulsão?

– Os Arcanos não são como os humanos, sabe? Como não temos as mesmas emoções, alguns humanos acham que não temos sentimentos. Mas é exatamente o contrário. – LaLa ficou com uma expressão grave e deu um sorriso que fez Evangeline lembrar os trejeitos perversos de Jacks. – Quando sentimos, é algo intenso, que nos consome. Que nos devora e nos move. E o mais forte de nossos sentimentos é sempre a compulsão de ser aquilo para o qual fomos criados. Eu quero me sentir amada. Quero tanto que choro lágrimas envenenadas. Mesmo sabendo que, toda vez que encontrar alguém para me amar, não vai durar. Sempre termino sozinha em algum altar, derramando ainda mais lágrimas amaldiçoadas. É por isso que costuro.

A Noiva Abandonada soltou o vestido *off-white* e passou os dedos em outro, cujo tom era rosado, lembrando pétalas de flor, e que tinha decote em formato de coração e com laços cintilantes adornando.

– Acho que, se eu puder ajudar uma noiva com seu casamento, isso aplaca um pouco a compulsão que tenho de me casar. Mas o desejo está sempre presente. E é assim com Jacks também.

LaLa olhou tão intensamente para Evangeline que os braços da amiga ficaram arrepiados. Ela conhecia apenas alguns pedaços da história do Príncipe de Copas, mas sabia para que Jacks fora criado: para ser um Arcano que mata qualquer amor em potencial com um beijo.

– Ao contrário de mim – prosseguiu LaLa –, Jacks de fato tem esperança de, um dia, encontrar seu amor verdadeiro. A história dele promete uma garota imune ao seu beijo. Então, imagino que a compulsão que ele vivencia seja ainda mais forte do que a minha.

– Se está tentando me avisar para ficar longe dele, não precisa se preocupar – respondeu Evangeline. – Eu e Jacks nem sequer gostamos um do outro.

– Eu sei. Mas isso não importa. Jacks não gosta mesmo de ninguém. – LaLa arrancou um dos laços nos quais estava mexendo, estragando o vestido com um único puxão forte. – A maldição dele é o beijo. E, caso tenha sequer uma faísca de atração por alguém, se sentirá atraído por aquela pessoa, na esperança de que seja uma garota que seu beijo não será capaz de matar. Mas ele sempre mata todas, Evangeline.

– LaLa, eu juro: Jacks não se sente nem um pouco atraído por mim. Não sou uma ameaça à relação de vocês dois.

– Como assim? – A Noiva Abandonada deu risada, uma risada tão leve e luminescente que algumas das velas que estavam apagadas arderam em chamas.

– Os humanos são tão engraçados... Eu jamais seria tola a ponto de ter sentimentos por Jacks. A ideia que ele tem de amor é... bem, é meio apavorante.

– Então você não gosta dele?

– Nem um pouco.

A Noiva Abandonada parecia estar sinceramente horrorizada.

– Então por que... por que você está me alertando? E por que salvou minha vida a pedido dele?

O belo rosto de LaLa ficou com uma expressão que parecia de mágoa, e as velas que tinham acabado de acender se apagaram.

– Fiz isso porque nós somos amigas. – Sua voz era quase infantil de tanta sinceridade, e Evangeline sentiu uma pontada de culpa pela pura estupidez de tê-la julgado tão mal. LaLa acabara de dizer à amiga que as emoções dos Arcanos não são iguais às dos seres humanos. Evangeline precisava entendê-las

melhor se fosse tentar interpretá-las. Mas se havia algo que ela era capaz de interpretar eram as atitudes da Noiva Abandonada, que vinham sendo as que uma amiga teria. – Entendo se você não sentir a mesma coisa, agora que sabe que sou... – LaLa deixou a frase no ar e pegou um véu bordado de pedras preciosas, como se o objeto pudesse completar a frase que tinha medo de terminar. – Não vou te jogar nenhuma maldição nem nada se você não quiser ser amiga de um Arcano. Aliás, maldições não são o meu forte... Só tenho as lágrimas tóxicas e os noivados em excesso.

– E também tem uma amiga – declarou Evangeline. – Desde que não se importe com o fato de eu ser uma fugitiva que tem o hábito de fazer tratos terríveis com Jacks.

– Todo mundo faz tratos terríveis com Jacks! – exclamou LaLa. E, de repente, Evangeline se encontrou emaranhada em um abraço que não se dera conta de que precisava. Sem sapatos, a Noiva Abandonada era vários centímetros mais baixa do que Evangeline, mas seu abraço não poderia ser mais poderoso.

– Você não vai se arrepender de ser minha amiga. Seremos ótimas aliadas, você vai ver só!

LaLa começou a tirar roupas de baús e armários. A maioria das peças era coberta de escamas de dragão, lantejoulas ou algum outro tipo de enfeite. Mas ela não escolheu nenhuma dessas peças para Evangeline.

– Precisamos de algo dramático, mas de um jeito diferente – disse.

Quando LaLa finalmente terminou de arrumar Evangeline, a jovem ficou diante de um espelho de corpo inteiro, fitando aquele reflexo que parecia não pertencer a ela.

A Noiva Abandonada havia disfarçado o cabelo de Evangeline com pó de ouro cintilante e a colocado em uma capa de babados que, em vez de ficar presa ao pescoço, era costurada às alças finas do seu corpete de renda preta bem justo, que se abria em uma saia em camadas de tule azul-noite que ia só até os joelhos. Isso deixava bem à mostra as ousadas botas pretas de couro até a altura das coxas e facilitava seus movimentos. LaLa também lhe deu uma faca, que ela poderia esconder na bainha costurada por dentro da saia.

Evangeline parecia uma princesa fugitiva. E, por mais que fosse exatamente isso, não o era no dia anterior, e sentiu um estranho buraco no estômago ao se dar conta de que jamais seria a antiga garota novamente. Não era a pessoa que costumava ser. Talvez não fosse aquela garota já havia algum tempo. Sabia que, no dia em que entrou na igreja de Jacks, seria transformada, independentemente do que fizesse. E agora estava vendo o efeito daquela decisão.

Ainda acreditava em amor à primeira vista, mas não acreditava mais que isso significava amor eterno – se significasse, ainda estaria com Luc, vivendo seu final feliz. Só que, agora, era tentador imaginar se realmente haveria um final feliz esperando por ela. Meses atrás, Veneno a alertara: “Mesmo que jamais queira ver Jacks novamente, irá gravitar em volta dele até cumprir o trato que fez com o príncipe”.

E ali estava ela. Fora para o Norte porque achou que seria sua oportunidade de encontrar amor e felicidade, mas se perguntava se sua viagem não fora em razão apenas da atração exercida por Jacks.

– Uma peruca preta talvez fosse um disfarce mais eficiente, mas o seu cabelo é lindo demais para ficar completamente escondido.

LaLa deu mais uma salpicada de pó dourado no rosto de Evangeline e retocou o cabelo da amiga, escondendo qualquer vestígio de cor-de-rosa. Enfim completou a transformação.

Ela fez um trabalho maravilhoso, mas Evangeline sentiu uma leve pontada de preocupação ao entender como a capa se fechava, deixando seu pescoço e seu colo à mostra de propósito. Podia até não ter recebido nenhuma explicação a respeito dos vampiros por parte de Jacks, e sua mãe jamais comentara sobre eles, mas já havia lido algumas histórias, e todas diziam que vampiros gostam de sangue e de morder. E que costumam preferir beber o sangue direto da garganta das vítimas.

– Toda essa pele à mostra vai deixar Caos doidinho – disse LaLa. – Mas, pode acreditar, ele merece coisa bem pior do que ser levemente torturado.

Dito isso, a Noiva Abandonada subiu a escada aos pulinhos, como se transformar Evangeline em uma isca de vampiro fosse algo perfeitamente sensato a fazer.

Jacks também havia se trocado enquanto Evangeline ficara se arrumando. Assim que subiu a escada, deu de cara com ele, sentado na cadeira de couro ao lado do fogo crepitante. O Arcano colocara um gibão em um tom de aço, com botões de prata foscos, que havia adquirido de uma fonte desconhecida. Estava com o rosto anguloso recém-barbeado, e seu cabelo, molhado. Cachos azuis caíam na testa enquanto ele ficava jogando para o ar, distraído, uma maçã rosa-claro, a mesma cor delicada do livro que estava em sua mão. O Arcano olhou para cima, depois diretamente para Evangeline, assim que ela entrou no recinto.

O estômago da jovem roncou. Ela tentou se convencer de que foi porque estava começando a ficar com fome, e não porque Jacks percorreu lentamente seu corpo com o olhar, centímetro por centímetro, das botas pretas até as coxas, passando pela saia curta, pelo corpete de renda justo que marcava sua cintura e...

O Príncipe de Copas parou de olhar abruptamente quando viu toda aquela pele à mostra, que ia do colo ao pescoço dela.

Um músculo do maxilar de Jacks ficou saltado. A cor de seus olhos escureceu. Por uma fração de segundo, ficou com uma aparência mortífera. Então, do nada, o Arcano atirou a maçã para Evangeline, e sua expressão voltou ao normal.

– É melhor levar um lanchinho, a noite vai ser longa – disse.

A fruta cor-de-rosa aterrissou suavemente nas mãos dela. Era mais pesada do que uma maçã deveria ser. Mas, antes que pudesse ficar intrigada com isso ou pensar bem no que acabara de acontecer com Jacks, seus pensamentos mudaram de rumo, porque reparou no título do livro cor-de-rosa que o Príncipe de Copas segurava. *Receitas do antigo Norte: traduzidas pela primeira vez em quinhentos anos.*

Era o mesmo livro que Marisol tinha em cima da mesinha de cabeceira. Evangeline não sabia como conseguira se lembrar do título. Só vira o livro uma única vez, e já fazia mais de uma semana. Não deveria se lembrar dele tão bem. Mas deveria ter se lembrado da irmã postiça antes daquele momento.

– Esqueci Marisol!

– Quem é Marisol? – perguntou LaLa.

– É a irmã postiça dela, mas não entendo por que estamos falando dessa garota agora – respondeu Jacks.

Evangeline inclinou a cabeça na direção do livro que ele segurava.

– Este livro estava em cima da mesa de cabeceira de Marisol, e me fez perceber o quanto ela está indefesa. Marisol está no Paço dos Lobos. A menos que os soldados reais a tenham levado para algum outro lugar, para interrogá-la a meu respeito.

O Príncipe de Copas deu risada. Porque, claro, achava graça da ideia de alguém estar em perigo.

– Não acho que precisamos nos preocupar com sua irmã postiça.

– Ela não tem ninguém aqui além de mim. Se os soldados a tiverem levado...

– Sua irmã postiça é capaz de se cuidar sozinha – interrompeu Jacks. – Principalmente se andou lendo este livro.

– Você tem certeza de que ela estava com *este* livro? – LaLa ficou mordendo o próprio lábio e dirigiu imediatamente o olhar para o tomo em questão.

Nada poderia ter parecido mais inócuo. O tecido da capa era de um belo tom rosado, com letras gravadas em um metalizado gracioso. Parecia o tipo de livro que alguém daria de presente com um laço de fita. Mas a Noiva Abandonada ficou olhando como se o livro fosse pular das mãos de Jacks e atravessar a sala para atacá-la.

– Por que você está olhando para o livro como se fosse algo perigoso?

– Porque é – respondeu o Príncipe de Copas.

– É um livro de feitiços muito perversos – explicou LaLa. – Depois que a família Valor foi assassinada, quase toda e qualquer magia foi banida do Norte. Por isso, quem ainda queria praticar magia trocou os títulos de seus livros de feitiço. É muito mais fácil não ser punido por comprar ou possuir livros de artes proibidas quando ninguém sabe o que é.

– Marisol deve ter comprado por engano. Ela morre de medo de magia e adora cozinhar.

– Ninguém compra este livro por engano – declarou Jacks. – Nenhuma livraria de boa reputação o tem no estoque.

– Então Marisol entrou em outro tipo de loja accidentalmente – insistiu Evangeline.

Ela já havia duvidado da irmã postiça e estava determinada a não fazer isso de novo.

Sabia que Kristof Knightlinger havia acusado Marisol de ter entrado em diversas lojas de feitiços de primeira linha para transformar Evangeline em pedra novamente. Mas ela não tinha virado pedra. E não estava morta. Alguém tentou envenená-la na noite anterior, mas ela não podia acreditar que fora sua irmã postiça. Marisol não era assassina e, se realmente quisesse matá-la, tivera diversas oportunidades.

Evangeline olhou para LaLa, que estava puxando as lantejoulas da própria manga um tanto envergonhada de possuir aquele livro.

– Que tipo de feitiço tem aí? Por acaso tem a receita do veneno que tomei?

– Não. Não existe feitiço capaz de imitar minhas lágrimas.

Evangeline sentiu uma onda de alívio. Então não poderia ter sido Marisol.

– Entretanto – completou LaLa –, se a sua irmã postiça está lendo esse livro, tenho que concordar com Jacks. Ela está longe de ser indefesa e, provavelmente, está aprontando alguma.

– Mas você também tem o livro, e, Jacks, você estava lendo!

– O que comprova o que LaLa disse – retrucou o Arcano, dando de ombros.

– Não estamos dizendo que a sua irmã postiça matou Apollo e envenenou você – explicou LaLa –, mas pode ser que Marisol não seja quem você pensa que é.

– Ela definitivamente não é quem você pensa – resmungou Jacks. – Mas, se quer mesmo descobrir se Marisol está envolvida neste assassinato ou se foi outra pessoa, precisamos sair daqui agora e falar com Caos.

Parecia uma daquelas noites em que alguém planejaria conhecer um vampiro. Tudo estava coberto por uma neblina úmida, uma neve branca e a luz singela da lua, que estava perdida em algum lugar da neblina prateada. Pessoas com mais sorte deviam estar contando histórias diante de lareiras acesas ou na cama, debaixo de cobertores, sem morrer de frio, como Jacks e Evangeline, que atravessaram uma ponte bamba e chegaram a um cemitério isolado, onde cães uivavam feito lobos e um lorde vampiro mantinha sua corte subterrânea escondida.

Evangeline estremeceu e Jacks ficou olhando para ela, mas não ofereceu conforto algum quando uma lufada de vento atravessou a neblina, fazendo voar cartazes com a imagem dela batendo contra árvores e portões retorcidos.

*DESAPARECIDA: Princesa Evangeline  
Ajude-nos a encontrá-la!*

Evangeline teve vontade de perguntar como aqueles cartazes haviam sido feitos e colados tão depressa, mas agora que ela e o Príncipe de Copas estavam nos arredores da cidade, onde, finalmente, parecia mais seguro eles conversarem, queria fazer bom uso de suas perguntas.

– Conte mais sobre os vampiros.

O Arcano retorceu os lábios, com nojo.

– Não deixe nenhum deles morder você.

– Disso eu já sei. O que mais você pode me dizer? Quem sabe algo útil.

– Não há nada de útil em vampiros – grunhiu Jacks. – Sei que as histórias os retratam como seres belos e introspectivos, mas são parasitas que chupam

sangue.

Olhou de esguelha para o Arcano, desejando que a noite não fosse tão escura ou que Jacks não caminhasse tão longe dela, para poder ver direito seu rosto. Evangeline já havia percebido que o Arcano não era muito fã de vampiros. Mas não parecera tão irritado e havia defendido Caos para LaLa.

– Você está com ciúme? – perguntou Evangeline.

– Por que eu estaria com ciúme?

– Porque estou muito curiosa.

Jacks respondeu dando uma risada cáustica.

Evangeline sentiu um calor nas bochechas, mas não sabia ao certo se acreditava ou não naquele chega pra lá. Jacks estava acostumado a ser o sujeito mais interessante de qualquer ambiente. Era o mais poderoso, o mais imprevisível e, até então, sempre despertara a curiosidade dela mais do que qualquer outra coisa.

– Se você não está com ciúme, o que tem contra eles? A ideia foi sua, e não dá para dizer que você não tem uma quedinha por sangue.

– Também gosto do sol e de ter controle sobre minha própria vida. Mas os vampiros sempre serão governados por sua vontade de sangue. Todos os desejos dessas criaturas são dominados por essa vontade. Então, tente não se cortar quando estivermos lá dentro. E não olhe nos olhos deles.

– O que vai acontecer se eu olhar nos olhos deles?

– Apenas não faça isso.

– Por que não? Por acaso o todo-poderoso Príncipe de Copas sabe tão pouco a respeito dos vampiros que é capaz apenas de me pedir para não...

Jacks se movimentou antes que ela pudesse terminar a frase. De repente, estava tão perto de Evangeline que, por um tenso instante, ela só conseguia enxergar a expressão cruel do Arcano. Seus olhos brilhantes reluziam no escuro, e seu sorriso de predador bem que poderia pertencer a um vampiro, caso seus dentes fossem um pouco mais afiados.

– Não é por acaso que ninguém fica falando deles. – A voz do Príncipe de Copas se tornou grave e letal. – Posso te dizer que são monstros sem alma. Posso alertar que, se você olhar nos olhos de um vampiro, eles vão entender isso como um convite para estraçalhar sua garganta antes que você possa gritar “não”. Mas nada disso vai te afugentar. As histórias de vampiros são

amaldiçoadas. Só que, em vez de distorcer a realidade, manipulam os sentimentos das pessoas. Por mais que eu te fale dos vampiros, você vai ficar intrigada, e não horrorizada. Os seres de sua espécie sempre querem ser mordidos ou transformados.

- Eu não – retrucou Evangeline.
- Mas você está curiosa – desafiou Jacks.
- Tenho curiosidade por muita coisa. Tenho curiosidade a seu respeito, mas não quero que você me morda!

Os cantos da boca do Arcano ficaram se retorcendo.

– Eu já fiz isso, Raposinha. – Neste momento, Jacks segurou o pulso de Evangeline com os dedos gelados, enfiou-os por baixo da luva e acariciou a última cicatriz em forma de coração partido que restava. – Para sua sorte, independentemente de quantas mordidas eu te der, você nunca se transformará naquilo que sou. Mas, para um vampiro, às vezes basta um olhar, e você será deles.

O Príncipe de Copas ficou olhando para a faixa de pele à mostra que ia do colo da jovem até o pescoço. E, antes que Evangeline conseguisse interpretar sua expressão, ele soltou seu pulso e se afastou, penetrando naquele reino sombrio de criptas e lápides.

Os dois caminharam praticamente em silêncio até Jacks encontrar um grande mausoléu coberto de trepadeiras do demônio, guardado por dois anjos de pedra tristes. Um dos anjos lamentava o par de asas partidas, e o outro tocava uma harpa de cordas quebradas.

Jacks ficou dedilhando uma das cordas defeituosas. Depois de tocar diversas notas sem som, a porta de correr do mausoléu se abriu.

Normalmente, haveria um portão para separar os visitantes dos caixões. Mas, em vez disso, havia outra porta. Velha, de madeira, com um toque de arabescos de ferro, parecida com diversas portas que Evangeline vira no Paço dos Lobos – tirando o buraco reluzente da fechadura. Uma luz espessa como mel atravessava aquela pequena forma curvada, brilhando cada vez mais à medida que se aproximavam da porta, uma luz bruxuleante, promissora. Aquela porta era muito mais convidativa do que a porta da igreja do Príncipe de Copas. A porta da igreja não queria ser aberta, mas esta queria.

“Entrem e saiam do frio”, sussurrava. “Vou aquecer vocês.”

Jacks fulminou Evangeline com os olhos.

– Não fique toda encantada. Você é tão inútil para mim quanto um vampiro.

– Bem, vamos torcer para que eu não resolva preferir ser vampira a ser útil para você.

Os olhos do Arcano soltaram faíscas.

Ela resistiu ao instinto de dar um sorriso triunfante, mas um dos cantos de sua boca não obedeceu. Sabia que não podia ficar muito à vontade quando o assunto era provocar Jacks. Mas só porque tinha gostado de uma porta não significava que ia atravessá-la e oferecer a própria garganta para um vampiro. Também se sentia encorajada por saber que não era tão substituível quanto o Príncipe de Copas tentara fazê-la acreditar. Jacks precisava dela para abrir seu precioso Arco da Valorosa. O que não a tranquilizava completamente, mas Evangeline se preocuparia com isso depois, quando tivesse encontrado o verdadeiro assassino de Apollo e se livrado das suspeitas, limpando sua reputação.

– Em vez de me falar o que não devo fazer, devia se esforçar mais para fazer coisas que me deem vontade de continuar trabalhando com você.

– Como salvar sua vida?

– Você fez isso por si mesmo.

– Mas, mesmo assim, fiz. Se não fosse por mim, sua história já teria chegado ao fim. – Jacks encerrou a conversa batendo na porta e dizendo: – Estamos aqui para ver Caos.

– O mestre não está recebendo visitas esta noite – disse uma voz que parecia uma chuva forte, musical e cativante.

Jacks revirou os olhos e falou:

– Diga ao seu mestre que o Príncipe de Copas está aqui e que ele tem uma dívida comigo que não será perdoada.

A porta se abriu imediatamente.

O Arcano cerrou os dentes, quase como se quisesse que suas palavras não tivessem surtido efeito.

Seria fácil Evangeline deixar Jacks mais bravo fingindo estar enfeitiçada. O vampiro que abriu a porta era exatamente como ela esperava. Parecia o filho de

um semideus guerreiro – ou alguém que simplesmente tinha uma estrutura óssea excelente. Estava vestido como um assassino elegante, com uma túnica justa de couro preto e um casaco de gola alta com punhos grossos. As mangas estavam arregaçadas na altura dos antebraços musculosos, revelando uma pele tão perfeita que chegava a brilhar.

Lembrou-se de não olhar o vampiro nos olhos. Mas conseguia sentir o calor que emanava da criatura, que olhou para seu corporeto de cima para baixo, com cobiça, e deu um sorriso que exibiu todas as suas presas afiadas.

O coração de Evangeline bateu mais rápido.

As presas do vampiro ficaram maiores.

*Relaxe. Era a voz de Jacks na cabeça de Evangeline. O medo só os deixa ainda mais excitados, Raposinha.*

O sangue de Evangeline continuou a ferver. *Você continua incapaz de me controlar, pensou, em resposta. E você disse que não tentaria me controlar.*

*Só estava tentando te avisar, foi a resposta silenciosa do Arcano.*

E, em seguida, como se não fosse um monstro também, o Príncipe de Copas passou o braço por baixo da capa de Evangeline e abraçou sua cintura, segurando-a com força, de um jeito possessivo. Então reclamou:

– Pare de exibir suas presas. Sou o único que pode mordê-la.

Jacks mordiscou a orelha de Evangeline, uma mordida gelada e dolorida. Ela sentiu a dor por todo o corpo e ficou toda arrepiada. O arrepio, sabe-se lá por que, transformou-se em vermelhidão quando chegou às bochechas.

“Independentemente de quantas mordidas eu te der, você nunca irá se transformar naquilo que sou”, ele havia dito. E agora estava pondo isso em prática, só para provar que podia.

Evangeline tentou se afastar.

*Não faça isso. O Arcano abriu os dedos e apertou sua cintura com mais força. Seres humanos não têm nenhum poder aqui. Se ele achar que sou incapaz de controlar você, vai mordê-la, e garanto que você vai gostar menos ainda do que da minha mordida.*

*Mesmo assim, você não precisava me morder, pensou Evangeline. E teria se soltado dele, mas não estava ali para brigar com Jacks. Estava ali porque Apollo morrera e precisava descobrir quem o havia matado.*

Então, em vez de se debater com o Arcano, cerrou os dentes, porque ele havia soltado a sua cintura e agora estava segurando sua mão.

Sem dizer outra palavra, o vampiro levou os dois para dentro da cripta.

De início, os corredores amplos e as escadarias de pedra dramáticas não eram lá muito diferentes das partes mais antigas do Paço dos Lobos. As paredes eram repletas de obras de arte, escudos muito antigos e lâminas de aço que ficavam tingidas de bronze por causa dos pesados anéis de luz projetados pelos lustres cobertos de velas.

A escada os levou cada vez mais para debaixo da terra, onde o ar se transformava em geada de novo. Quando deu por si, Evangeline estava lutando contra o instinto de se aninhar em Jacks. Até ali, não viram nenhum caixão ou cadáver, mas ela ouvira diversos ruídos que pareciam som de correntes sendo arrastadas. Alguns passos depois, teve a sensação de sentir um cheiro acobreado de sangue. E, por acaso, aquilo pendurado entre dois retratos eram algemas?

Desceram mais um lance de escadas, e o guia os levou até um pátio interno cheio de colunas de calcário e flores que só desabrochavam à noite, e ficou impossível não ver tantas algemas, que reluziam contra as paredes e colunas, polidas e prontas para serem usadas. Grilhões para prender pulsos, tornozelos e pescoços eram exibidos com orgulho em cima de mesas de jogos, onde estavam dispostos tabuleiros de xadrez em preto e branco.

As cadeiras estavam todas vazias, mas Evangeline teve visões terríveis de vampiros esparramados em cadeiras de couro brincando com peões e torres enquanto seres humanos cativos sangravam, debatendo-se em suas correntes.

Sua sensação de desconforto aumentou quando ela e Jacks foram levados do pátio interno para um salão de banquete. Era um local também parecido com o do Paço dos Lobos, com tapetes vinho e uma mesa enorme. Mas, naquele lugar, penduradas entre os lustres, havia jaulas nas quais cabiam uma pessoa. E, em vez de pratos de prata e guardanapos de tecido, as mesas tinham mais correntes e algemas, presas à madeira.

Evangeline ficou enjoada.

Ainda bem que todos aqueles grilhões estavam desocupados. Mas o fato de tudo aquilo estar vazio também a deixava perturbada. Onde estavam todos? E aonde exatamente o guia os estava levando?

– Ainda tem curiosidade a respeito dos vampiros? – murmurou Jacks.

– Por que este lugar está tão vazio? – disse Evangeline, bem baixo. – Onde...

Ela congelou ao perceber que o guia havia desaparecido. O vampiro se movimentava mais rápido do que uma flecha. Em um instante, estava poucos metros à frente, no outro, sumiu. Passou por uma porta do outro lado do salão com uma velocidade sobrenatural, deixando os dois sozinhos.

– Aonde ele foi?

– É por isso que odeio vampiros – comentou o Arcano, movimentando o maxilar. Então parou de fitar a porta pela qual o guia acabara de passar e dirigiu um rápido olhar para as jaulas penduradas. – Acho que, talvez, precisamos sair daqui.

– Estou decepcionado, meu amigo – disse uma voz que parecia feita de fumaça e veludo, rouca e levemente hipnótica. – Foi você que me ensinou que jaulas podem ser muito úteis.

Evangeline nem sequer viu aquele vampiro entrar no recinto. Ele simplesmente surgiu e vinha lentamente na direção dos dois. Não usava casaco nem capa, apenas uma armadura de couro sinuosa e um elmo de bronze perverso que escondia seu rosto, com exceção dos olhos e das maçãs do rosto saltadas.

– É você – sussurrou Evangeline. – Você é o soldado que vi na festa e nos pináculos.

– Na verdade, não sou soldado, princesa. – Quando falou com ela, sua voz ficou mais suave: era puro veludo, sem a fumaça. – Eu me chamo Caos. Seja bem-vinda ao meu lar.



**D**e repente, Caos estava diante de Evangeline, segurando a mão enluvada dela e levando-a ao ponto onde deveriam ficar seus lábios se ele não estivesse usando o elmo de bronze.

Jacks poderia ter tentado puxá-la para longe do vampiro, mas ela não estava prestando muita atenção no Arcano. Cometera o erro de olhar nos olhos de Caos – só que, quando fez isso, não teve a sensação de que cometera um erro. Como olhos tão magníficos poderiam ser um erro? Eram de um tom verde-garrafa e brilhavam, com laivos dourados que davam a impressão de terem sido salpicados com pedaços de estrelas partidas. Ou o próprio Caos era uma estrela que caíra na Terra, e, se Evangeline fizesse um pedido, ele poderia realizá-lo com um...

– Evangeline! – urrou Jacks. Em seguida, segurou o rosto dela com os dedos gelados e o puxou até que a jovem tornasse a olhá-lo nos olhos. Evangeline queria voltar a olhar para aqueles outros lindos olhos verde-garrafa. Mas o olhar duro do Príncipe de Copas funcionou como um antídoto para o maravilhamento com o vampiro, lembrando-a de que olhar nos olhos de Caos não faria seus desejos se realizarem, mas traria algemas, jaulas e dentes afiados que rasgariam sua pele.

*Não faça isso de novo, Raposinha.*

Jacks soltou o rosto de Evangeline.

Ela sentiu suas bochechas ficarem vermelhas. Fizera justamente o que ele tinha pedido para não fazer. “Mas, para um vampiro, às vezes basta um olhar, e você será deles.” O primeiro vampiro era atraente de um jeito esperado, mas parecia que Caos exalava algo a mais, algo que não estivera presente nas outras vezes nas quais os dois haviam se encontrado. Mesmo depois do aviso de Jacks,

Evangeline conseguia sentir isso: algo que a fazia querer olhar de novo e esquecer o jeito que LaLa o chamara de monstro.

Caos deu risada, uma risada alta e espontânea.

– Você deveria tê-la preparado melhor, meu amigo. Pelo jeito, ela é extremamente sensível aos nossos encantos. Ou talvez apenas goste mais de mim do que de você.

– Ela me odeia – falou Jacks, sendo simpático. – Então, mesmo que goste mais de você, não quer dizer muita coisa.

– Tem certeza disso? – Caos olhou novamente para Evangeline.

Um calor diferente fez a pele dela formigar.

Existem diferentes tipos de olhar de vampiro. Evangeline ainda não conhecia todos. Não conseguia distinguir completamente entre um olhar de cobiça e um olhar sedutor ou de um olhar que um vampiro lança quando está prestes a dar o bote. Os olhares que conhecera até então apenas fizeram a jovem sentir calor, como se partes de seu corpo estivessem perto demais do fogo. Podia sentir aquela queimação vindo de Caos, que naquele momento estendeu o braço para ela.

– Não se preocupe, princesa. Só vai parar dentro dessa jaula quem deseja estar lá dentro.

Mesmo assim, Evangeline pesou suas opções. Antes, seria tentador aceitar o convite de Caos, só para irritar Jacks. Agora, essa opção não era mais tão tentadora. Mas, considerando que estavam ali para tirar informações do vampiro, ela não tinha certeza se seria prudente ignorá-lo. Na verdade, parecia não ser prudente rejeitá-lo mesmo se ela e o Príncipe de Copas não quisessem algo de Caos.

Evangeline aceitou o convite do vampiro para andar com ele. Apesar da camada de couro, o braço dele era muito mais quente do que o de Jacks.

*Não fique muito à vontade, Raposinha.* A expressão do Príncipe de Copas era uma máscara de desinteresse, mas sua irritação era perceptível, pela voz dentro da cabeça de Evangeline: *Não é por acaso que ele usa esse elmo.*

*E por quê?*, perguntou Evangeline.

Mas Jacks não respondeu à sua pergunta.

Um instante depois, ela olhou de relance para o elmo cruel de Caos. Viu rapidamente sua pele oliva perfeita, mas não teve coragem de olhar acima de

sus maças do rosto, que também estavam escondidas por peças de metal pontudas que saíam da proteção para a cabeça. Não devia ser nada confortável. Toda a metade inferior do rosto de Caos estava completamente coberta, incluindo a boca. O que, agora que Evangeline parava para pensar, era estranho, tendo em vista que ele era um ser teoricamente controlado por sua sede de sangue.

Caos virou a cabeça e lançou um olhar ardente para Evangeline ao perceber que a jovem estava olhando para ele.

Evangeline desviou logo o olhar.

– Você não precisa evitar meus olhos. – Sua voz de veludo foi até a orelha dela, e o metal quente de seu elmo roçou de propósito em sua têmpora. – O elmo que você está fitando é amaldiçoado e me impede de morder os outros. Você não corre nenhum perigo comigo. Não é verdade, Jacks?

– Ele está preso nessa coisa há séculos – confirmou o Arcano.

*Mas você jamais estará em segurança com ele.*

Os três passaram por outra série de corredores hostis até que Caos finalmente soltou o braço de Evangeline, para abrir uma porta de ferro pesada com um simples puxão de seus dedos enluvados.

À primeira vista, o cômodo no qual entraram poderia pertencer a um estudioso. Havia cestos de rolos de papiro, estantes e mesas repletas de livros encadernados de couro, canetas e pergaminhos, tudo mergulhado em uma luz de velas quente, forte o suficiente para alguém conseguir ler. Até o ar tinha cheiro de papel, misturado com notas aromáticas de mogno.

Foi só quando Evangeline foi se sentar em uma das cadeiras que reparou nas algemas grossas presas aos braços e pernas dos móveis. Algumas delas tinham farpas afiadas, que furariam a pele da pessoa quando os grilhões fossem fechados. Ela foi até outra cadeira, mas todas possuíam as mesmas algemas sinistras.

– Sério? – Jacks pegou uma das algemas e girou-a entre os dedos, como se fosse uma bijuteria barata. – Isso está ficando um pouco demais. Você deveria repensar em como entretém seus convidados já que precisa acorrentá-los aqui.

– Fico surpreso de você estar sendo tão crítico – disse Caos. – Ouvi falar do que você fez com aquela princesa. Como era mesmo o nome dela? Diana?

– Não faço a menor ideia do que você está falando – respondeu o Príncipe de Copas tranquilamente.

Mas Evangeline percebeu que o Arcano ficou tenso, assim como ficou quando LaLa disse que ele ficara obcecado com a princesa Donatella.

Infelizmente, ela não ouviu nenhuma explicação. Caos não tocou mais no assunto e foi até as cortinas vinho e as abriu. Não ao ponto de Evangeline conseguir enxergar o que estavam escondendo, mas ouviu barulho de conversa vindo do outro lado: parecia que várias pessoas estavam tentando não falar muito alto e que suas vozes ecoavam para cima.

Cedendo à curiosidade, ela se aproximou das cortinas entreabertas.

Parecia que, na verdade, estavam em uma sacada, que dava para um pequeno anfiteatro. O corrimão do outro lado das cortinas era de mármore, assim como o chão lá embaixo, onde um grupo de vampiros e seres humanos estava de pé, em cima de um imenso tabuleiro de xadrez preto e branco.

Ela torceu para que estivessem jogando xadrez do beijo. Não conseguia ter forças para imaginar outros motivos mais prováveis para os vampiros estarem vestidos de vermelho-sangue, e os seres humanos de branco, em lados opostos do tabuleiro.

Muitos dos seres humanos poderiam até ser atraentes ou fortes, em outras circunstâncias. Mas, em comparação com os vampiros, todos pareciam cansados e abatidos. Os ombros não estavam retos, o cabelo, sem vida, e os vários tons de pele não reluziam como pedra polida.

– Espero que vocês saibam – gritou Caos, para baixo –, que considero muitos de vocês como se fossem de minha família e espero que o seu destino seja melhor do que o deles. Boa sorte.

O anfiteatro eclodiu em movimentos.

– O que eles estão fazendo? – Evangeline apertou o corrimão de mármore enquanto observava os vampiros atravessarem o chão xadrez, em borrões velozes. O vermelho-sangue colidia com o branco quando cada vampiro encontrava um ser humano, e ela já podia prever que ninguém ali iria se beijar.

– Essa prática não é um pouco arcaica? – perguntou Jacks. Ele havia soltado a algema da cadeira e se juntara a Caos e Evangeline no parapeito da sacada. Mas não parecia nem um pouco entretido pela cena que transcorria lá embaixo. Se Evangeline não o conhecesse bem, poderia ter pensado que Jacks

estava preocupado. Segurava o corrimão quase com tanta força quanto ela, enquanto os vampiros exibiam as presas e mordiam o pescoço de todos os seres humanos do tabuleiro.



**S**uspiros de assombro, lamentos e uns poucos grunhidos ríspidos consumiam o anfiteatro.

– Faça-os parar! – gritou Evangeline.

– Ninguém ficará feliz se eu fizer isso – disse Caos. – Todos os seres humanos estavam esperando por esta noite.

– Por que alguém ia querer isso? – Ela ficou observando, impotente, as correntes sendo chacoalhadas, e diversas jaulas do tamanho de uma pessoa sendo baixadas até o chão xadrez.

Uma garota mais ou menos da idade dela, com longos cachos de cabelo vermelho e acobreado se debatia contra o vampiro que a mordera e a empurrara para dentro de uma das jaulas, trancando a menina com um cadeado pesado.

Tudo se resumia ao som de metal batendo e às súplicas de dor, e algumas pessoas foram arrastadas para fora do anfiteatro. Outros seres humanos ocupavam o restante das jaulas, que foram levantadas até o teto de novo. Qualquer noção romântica a respeito dos vampiros que Evangeline ainda pudesse ter havia desaparecido completamente.

– Solte-os – ordenou.

Evangeline poderia ter feito algo terrivelmente impulsivo naquele momento, como pegar qualquer coisa que tivesse potencial para ser uma arma e atirar na direção das jaulas, mas Jacks deslizou a mão por cima do corrimão e entrelaçou seus dedos gelados aos dela. O Arcano não a abraçou de novo, apenas segurou sua mão, fazendo-a silenciar, em choque.

– Você não vai querer que ninguém saia de sua jaula – comentou Caos. Pela voz, ele parecia estar se divertindo um pouco, só que era difícil ter certeza já

que aquele elmo de bronze escondia quase todo o seu rosto. – Esta é a última fase do nosso processo de iniciação para fazer parte da Ordem dos Espiões e Assassinos. Existem dois tipos de mordidas de vampiro. Podemos morder um ser humano meramente para nos alimentar. Ou podemos inocular veneno de vampiro com nossa mordida, para transformar um ser humano em vampiro. Todos os seres humanos naquele tabuleiro receberam uma mordida infectada com veneno.

– Então todos estão se transformando em vampiros?

Evangeline arriscou olhar de relance para as jaulas. Os prisioneiros estavam sacudindo as barras e tentando arrancar os cadeados, com uma aparência quase de fera. E, apesar disso, também tinham uma aparência mais atraente do que antes. A pele deles reluzia. Os movimentos eram rápidos como um raio, e, apesar de manchado de sangue, o cabelo deles brilhava feito cortinas de seda.

– O veneno reparou suas imperfeições humanas, mas só se tornarão vampiros se beberem sangue humano antes do amanhecer – explicou Caos. – Quando o sol raiar, o veneno de vampiro irá se dissipar. Até que isso aconteça, os protovampiros lutarão com todas as suas forças para sair da prisão e se alimentar. Os que conseguirem sair da jaula e beber sangue humano se tornarão vampiros completos, integrantes de nossa ordem.

– E o que acontecerá com os demais? – perguntou Evangeline.

– Você devia estar mais preocupada com o fato de vocês dois serem as coisas mais próximas de seres humanos que existem por aqui. Então, é melhor apressar o fim dessa reunião. A compulsão de dar essa primeira mordida é avassaladora. Chamamos de “sede”, mas na verdade é dor.

Caos ficou em silêncio por tempo suficiente para Evangeline não ouvir mais nada a não ser o sacudir das jaulas.

Então ela sentiu aquela palpitação no pescoço e no peito, avisando-a que o olhar de Caos estava sobre ela. Um olhar quente, ávido e...

Jacks pigarreou.

Caos desviou o olhar.

Evangeline respirou, mas com dificuldade.

– Os protovampiros podem até não estar com sua força no nível máximo – prosseguiu Caos, calmamente. – Mas, às vezes, o desejo intenso de comer e de sobreviver pode compensar isso. Um ou dois sempre conseguem escapar.

Uma faísca carmim brilhou na visão periférica de Evangeline. A garota de cachos vermelhos estava em uma jaula não muito longe da sacada, só que, agora, seu cabelo parecia pura e simplesmente chamas, e ela estava longe de ser indefesa, enroscando os dedos nas barras da jaula e mostrando a língua.

Evangeline, quando se deu conta, estava apertando a mão de Jacks, feliz por ele não a ter soltado.

Caos inclinou a cabeça, e seus olhos pousaram nas mãos dadas dos dois.

– Que interessante.

– Isso está ficando tedioso. – O Príncipe de Copas soltou a mão da jovem e voltou para a sala de estudos, onde o ofego dos protovampiros e o barulho das jaulas não eram tão perturbadores.

Caos e Evangeline fizeram a mesma coisa. O vampiro se sentou em uma grande cadeira de couro, a única desprovida de algemas. Fez sinal para que se sentassem, mas ela preferiu continuar de pé. Sabendo que os vampiros se movimentavam tão rápido, não queria ficar em uma cadeira onde seus pulsos e tornozelos pudesse ser presos com tanta facilidade.

– Queremos saber quem matou Apollo – disse Jacks.

Caos olhou para Evangeline e falou:

– Ouvi dizer que foi você, na cama, na sua...

– Não fui eu – interrompeu ela.

– Que deceção. Eu ia te oferecer um emprego.

– Não sou assassina – disparou Evangeline. – Outra pessoa envenenou meu marido.

– Queríamos saber se algum dos seus funcionários foi contratado para fazer esse serviço – completou o Príncipe de Copas.

Caos se acomodou na cadeira e juntou as duas mãos em um gesto maquiavélico, com a calma vagarosa de quem não precisa se preocupar com protovampiros raivosos tentando escapar de suas jaulas. Ou, simplesmente, só queria fazê-los perder tempo de propósito.

– Você tem uma dívida comigo – lembrou Jacks.

– Relaxe, velho amigo. Eu ia mesmo dizer que ninguém nos procurou para fazer esse serviço – respondeu Caos, enfim. – Mas lembro... há mais ou menos uma semana, acho que foi na noite seguinte à Festa Sem Fim, meu mestre das poções recebeu um pedido inusitado, de um frasco de óleo maléfico.

– O que é óleo maléfico? – indagou Evangeline.

– É um método muito eficaz de assassinar alguém – respondeu o vampiro. – Não costuma ser muito popular, já que exige uma habilidade especial para surtir efeito. A maioria das toxinas têm a mesma espécie de efeito em qualquer ser humano, o que as torna fáceis de detectar e, enquanto instrumentos letais, não são dos mais elegantes. Mas quem tem o feitiço e as habilidades sobrenaturais para combinar o óleo maléfico com sangue, lágrimas ou cabelo da pessoa que deseja matar consegue tornar o óleo tóxico apenas para a pessoa em questão.

Evangeline ficou tensa ao se lembrar da última vez que vira Apollo, cujo peito estava coberto por uma substância brilhante que parecia óleo.

– Quem pediu o veneno? – perguntou Jacks.

– Eu não estava aqui quando fizeram o pedido – respondeu Caos. – Só sei que foi uma mulher e aposto que é uma bruxa. É preciso ter uma boa dose de poder e um feitiço para combinar os ingredientes de maneira adequada.

Evangeline pensou instantaneamente em Marisol e em seu livro de culinária e feitiços. Mas por que sua irmã postiça iria querer matar Apollo? O príncipe lhe dera um novo lar e recuperara sua reputação. Tampouco fazia sentido Marisol se dar ao trabalho de adquirir uma toxina rara que só funcionaria no príncipe e depois envenenar também uma garrafa de vinho com algo que poderia matar qualquer pessoa que o bebesse. A menos que duas pessoas estivessem tentando cometer assassinato...

Mas isso ainda não queria dizer que Marisol estava envolvida.

A matriarca da Casa Sucesso já havia tentado matar Evangeline. Entretanto, Kristof escrevera que a matriarca sofrera uma *queda* que havia roubado algumas de suas lembranças, tornando-a uma suspeita improvável.

– Tem alguma coisa mais que você possa nos dizer sobre a mulher que comprou o óleo? – insistiu Evangeline.

Caos ficou mexendo na corrente pendurada em seu pescoço e fez que não.

– Se isso é tudo que você tem, sua dívida continua ativa – declarou Jacks. – Vamos embora.

– Espere. – Os olhos de Evangeline ainda estavam fixos na corrente em volta do pescoço de Caos. Não havia reparado nela antes. Quando estava contra a armadura de couro, a corrente e seu medalhão não chamavam atenção. Mas,

agora que a corrente estava nas mãos de Caos, ela conseguia enxergar o medalhão envelhecido claramente, a ponto de distinguir o símbolo gravado: uma cabeça de lobo usando coroa. O mesmo símbolo marcado a ferro e fogo na porta da biblioteca, a porta que impedia o acesso a todos os livros sobre a família Valor.

Talvez fosse uma mera coincidência, mas parecia uma pista. O vampiro até podia ser incapaz de identificar o assassino de Apollo, mas... E se Caos soubesse algo a respeito do Arco da Valorosa e do que realmente havia trancado dentro dele? Evangeline sabia que não era por isso que tinham ido visitar o vampiro, mas esse era o motivo para o Príncipe de Copas ter sabotado o curso de sua vida.

– Onde você conseguiu esse medalhão? – perguntou ela.

Caos baixou os olhos, como se nem tivesse consciênciade que estava mexendo naquele objeto.

– Roubei de Lobric Valor.

– Não temos tempo para isso – resmungou Jacks.

Um barulho impressionante de algo caindo veio do anfiteatro. Uma das jaulas caíra no chão.

Todos os vampiros que estavam no outro recinto bateram palmas.

Evangeline olhou para a sacada. O protovampiro que estava dentro da jaula caída ainda precisava quebrar o cadeado. Mas, dada a maneira que se debatia com a tranca, tentando arrancá-la com os dedos e soltando urros destemidos, duvidava que aquele rapaz continuaria preso por muito tempo. Precisavam sair dali logo, mas Caos acabara de dizer que havia roubado o medalhão de seu pescoço de Lobric Valor.

O vampiro vivera na mesma época da família Valor. Jacks havia dito para Evangeline que Caos era tão antigo quanto o Norte. Mas, até então, ela não havia se dado conta das implicações dessa informação.

Sua empolgação deve ter transparecido em seu rosto.

Ao seu lado, Jacks ficou tenso como a corda de um arco.

E então Caos disse:

– Se você tem curiosidade a respeito da família Valor, posso te contar tudo o que quiser saber. Eu estava presente e lembro a verdade.

*Não.* A voz de Jacks penetrou na cabeça de Evangeline e, pela primeira vez, sua expressão implacável combinou com suas palavras. *Nem pense nisso.*

Lá no fundo, outras jaulas fizeram ruído.

– Não vai te custar grande coisa – prosseguiu Caos. – Posso responder a todas as suas perguntas em troca de uma única mordida.

– Achei que você não pudesse tirar o elmo.

– Ele está tentando nos fazer ficar aqui para que os protovampiros tenham presas para caçar – advertiu Jacks.

Só que Evangeline não precisava ser alertada pelo Príncipe de Copas para saber que aquele trato era pouco aconselhável. Ela podia até ter dito para Jacks, de brincadeira, que faria um trato com outro Arcano, mas jamais faria isso de novo. Já era ruim continuar devendo um beijo para Jacks; não queria dever nada àquele vampiro.

– Obrigada pela oferta, mas acho que prefiro ir embora antes que seus protovampiros se soltem.

Caos largou o medalhão e se recostou na cadeira.

– Se você conseguir ir embora e mudar de ideia, pode voltar a qualquer momento, princesa.

– Eu...

Jacks não deu chance de ela terminar a frase e a levou até a porta.

Os corredores do reino subterrâneo de Caos estavam mais escuros do que Evangeline se lembrava. Metade das velas havia queimado até o fim, cobrindo o Príncipe de Copas e a jovem de sombra e fumaça enquanto percorriam, apressados, o primeiro corredor.

– Prometa que você jamais vai permitir que ele te morda – disse Jacks.

– Não vou precisar se você me disser o que quer do Arco da Valorosa.

– Achei que você queria que nossa parceria fosse para encontrar o assassino de Apollo, não para meus outros objetivos. – O Príncipe de Copas falou isso em um tom mais sério ao chegar à sala de jantar onde estavam todas as gaiolas.

Evangeline ouviu a barulheira das correntes antes de entrarem na sala. Esquecera que havia jaulas ali, mas não esperava que estivessem repletas de protovampiros desesperados.

Cada vez que um deles gritava, o pavor apertava seu peito como se fosse uma mão com garras.

- Eu te tornarei imortal se abrir minha jaula!
  - Vai ser só uma mordidinha – prometeu outro.
  - Alguns seres humanos gostam de ser mordidos.
- Eva... É você? – A voz tinha um timbre mais agradável do que as demais, e aquele som conhecido fez o coração de Evangeline ficar preso em sua garganta.

*Luc.*

Evangeline não ouvia a voz de Luc havia meses, mas aquela voz era igualzinha à dele, senão um pouco mais encantadora.

Devia ser algum tipo de truque de vampiro.

– Não pare de andar. – Jacks a puxou pela mão. Mas devia ter puxado com mais força. Devia ter usado sua força de Arcano porque, apesar de a cabeça de Evangeline ter concordado com ele, seu coração de ser humano a fez parar, desvencilhar-se do Príncipe de Copas, avistar a jaula pendurada e cruzar o olhar com seu primeiro amor.



Uma coisa molhada pingou no rosto de Evangeline. Ela estava chorando, mas não sabia dizer por quê. Não sabia se suas emoções tinham se partido e estavam saindo aos borbotões por causa de tudo o que acontecera, ou se fora porque vira Luc, que um dia fora seu amado, preso em uma jaula, olhando fixamente para ela com uma expressão de adoração e terror.

– É você mesmo – disse Luc. Ele se agarrou às barras da jaula com as duas belas mãos negras, mas não tirou os olhos dos de Evangeline. E nenhum poder no mundo seria capaz de obrigá-la a desviar o olhar. Não eram os encantos de vampiro nem as lascas de ouro reluzente em sua íris, que ela nem lembava que o garoto tinha. Os olhos de Luc não eram exatamente os olhos que Evangeline conhecia, mas tampouco eram completamente diferentes. Ainda tinham aquele tom de castanho absurdamente quente, que morava em todas as lembranças das quais ela havia tentado se livrar, mas nunca fora capaz de esquecer.

– Tenho tantas coisas para contar, Eva. Mas preciso que você me ajude a sair dessa jaula. Se eu não conseguir fugir antes do amanhecer, eles vão me matar.

– E por que você veio parar aqui? – sussurrou Evangeline, com o coração batendo tão rápido que ficava difícil pronunciar as palavras. Aquilo parecia uma graça alcançada, mas de forma perversa.

*Eis o rapaz pelo qual você passou meses sofrendo, mas agora ele pode morrer. E, se tentar ajudá-lo, você pode morrer.*

– Raposinha – disse Jacks. – Precisamos continuar andando. Ele vai te dizer qualquer coisa que tiver de dizer para sair daquela jaula e te dar uma mordida.

– Não! Eu jamais faria mal a você. – A voz de Luc era mais dura do que ela se lembra, de desespero. – Eva, por favor, não me abandone. Sei que você

deve estar apavorada, mas não vou te morder se me soltar. Não quero virar vampiro. Só vim até aqui porque me disseram que veneno de vampiro é o remédio mais poderoso do mundo e seria capaz de apagar as minhas cicatrizes e ferimentos.

Cada centímetro da pele de Luc era perfeito, uma pele mais perfeita do que a de todas as lembranças de Evangeline. Perfeita demais. Era difícil acreditar que, um dia, Luc tivera cicatrizes. E queria dizer que não teria se importado se seu primeiro amor tivesse ficado coberto de cicatrizes – na verdade, teria preferido as cicatrizes àquela versão polida demais dele. Mas Luc continuou falando antes que ela pudesse dizer isso.

– Era só isso que eu queria, ficar curado. Eu... – Os olhos de Luc dispararam em volta da violenta sala das jaulas.

Os demais protovampiros haviam ficado parados por um instante. Observavam aquela conversa com uma atenção arrebatada, inumana. Evangeline não queria acreditar que Luc era como eles. Sua voz transmitia a mais pura emoção humana. Mas, quando observou além dos olhos do rapaz, percebeu que Luc tinha a mesma aparência dos demais: sangue seco manchava o tom quente da pele negra de seu pescoço e o branco de sua camisa.

– Não quero isso, juro.

– Ele está mentindo – disparou Jacks.

Em seguida, pegou Evangeline pelo pulso e a puxou.

Não podia condená-lo. Aquele não era o único cômodo cheio de quase vampiros. Só que Luc ainda não era um vampiro.

– Eva – suplicou Luc. – Sei que você tem motivos mais do que suficientes para me odiar. Sei que parti seu coração. Mas eu estava enfeitiçado.

O Príncipe de Copas deixou escapar a mão de Evangeline.

– Você disse enfeitiçado? – perguntou ela.

E, do nada, Luc não parecia mais uma graça alcançada de forma perversa. Parecia uma verdade que Evangeline tinha medo de tocar. Ela vinha se sentindo meio louca nos últimos dois meses, imaginando se Luc realmente estava enfeitiçado ou se fora ela que evocara a ideia de um feitiço para sobreviver à rejeição do rapaz.

A mão gelada de Jacks puxou a sua de novo, avisando, mais uma vez, que estava na hora de ir embora. Mas Evangeline o ignorou.

– Você estava sob o efeito de que tipo de feitiço? – indagou a jovem.

Luc soltou uma barra da jaula e passou a mão no cabelo, um gesto conhecido e terrivelmente humano que a fez sentir outra pontada no coração.

– Eu só me dei conta hoje à noite, depois que o veneno de vampiro correu em minhas veias e, de repente, meus pensamentos clarearam. Não consigo descrever como estavam antes. Apenas sei que só conseguia pensar em sua irmã postiça. Foi por causa dela que vim até aqui: eu precisava ser perfeito para Marisol. Depois que fui atacado pelo lobo, não fiquei com aquelas cicatrizes sensuais...

– Ele acabou de dizer “cicatrizes sensuais” – resmungou Jacks. – Você está mesmo dando ouvidos a isso?

– *Shh* – repreendeu Evangeline.

– Depois que fui atacado – prosseguiu Luc –, sua irmã postiça deu uma olhada em mim e saiu correndo de casa. Tentei visitá-la quando melhorei dos ferimentos, mas ela nem sequer atendeu a porta. Tentei escrever, mas Marisol não respondia às minhas cartas.

– Ela me disse que foi o contrário.

Luc sacudiu a cabeça, de um jeito ressentido, e contou:

– Marisol é uma mentirosa. Se tivesse escrito para mim, eu não poderia ignorar suas cartas, mesmo que quisesse. Sua irmã postiça me deixou desesperado para fazer qualquer coisa para ficar com ela. Fiquei obcecado. E tudo começou no dia em que a pedi em casamento. Fui à sua casa para ver você, mas foi Marisol que abriu a porta para mim. Tirou meu casaco, e lembro que roçou os dedos no meu pescoço. Depois disso, eu só conseguia pensar nela – concluiu Luc, com um tom enojado.

Era exatamente nisso que Evangeline havia acreditado. Ela não estava delirando nem desesperada. Luc só a havia abandonado e pedido Marisol em casamento porque estava enfeitiçado. Só se enganara a respeito de quem havia feito o feitiço. Não fora sua madrasta, fora a irmã postiça.

Evangeline teve a sensação de que tinha levado um soco no estômago. Achava que Marisol era mais uma vítima, uma pessoa inocente, alguém com quem tinha de se redimir pelo erro que cometera. Todo aquele tempo, vinha se sentindo culpada por ter arruinado a vida da irmã postiça. Mas, se Luc estivesse falando a verdade, Marisol havia interferido na vida de Evangeline primeiro.

Ela não queria chegar a conclusões precipitadas. Mas vira os livros de feitiços da irmã postiça, fora alertada por Jacks, pelos jornais e, agora, por Luc. E o rapaz jamais ficara sabendo que Evangeline acreditava que ele havia sido enfeitiçado.

– Quando fui mordido hoje à noite, tive a sensação de que conseguia pensar livremente pela primeira vez em meses. – Os olhos de Luc brilhavam enquanto fitava Evangeline. – Até que, enfim, senti que era eu mesmo de novo. Mas aí fui arrastado para dentro desta jaula e nunca poderei sair vivo dela se você não me ajudar. Se estiver com medo, não precisa abrir o cadeado. Apenas me alcance uma das armas penduradas na parede, que consigo arrombar sozinho. E aí provarei para você que não quero ser vampiro. Eu só quero você, Eva.

– Nem pense nessa possibilidade – disse Jacks.

– Mas... – a jovem olhou para o rapaz através das barras, mais uma vez, e declarou: – Não posso deixá-lo aqui desse jeito.

– Evangeline, olhe para mim. – O Príncipe de Copas segurou o rosto dela com as duas mãos geladas e olhou nos seus olhos com um olhar brutal, como se fosse capaz de quebrar o feitiço que Luc havia lançado nela.

Só que Evangeline não estava sob o efeito de nenhum encanto de vampiro. Não tinha certeza se, lá no fundo, ainda amava Luc. Seus sentimentos eram um emaranhado caótico. Naquele exato momento, sentia, mais do que tudo, necessidade de sobreviver. O amor parecia um luxo inalcançável. Só que não podia dar as costas para Luc e deixá-lo ali para encarar a morte certa. O rapaz era uma vítima de toda aquela situação. Ele é que fora enfeitiçado, depois transformado em pedra, atacado por um lobo e agora estava enjaulado.

– Isso, em parte, é minha culpa – sussurrou Evangeline para o Arcano.

– Não é, não. Eu já te disse que não tive nada a ver com o lobo. – Jacks falou baixo, mas com firmeza.

Mas, ainda que o Príncipe de Copas estivesse falando a verdade, isso não mudava o que Evangeline precisava fazer.

Ela puxou a mão para se soltar do Arcano.

E o que aconteceu em seguida foi um borrão estranho. Evangeline ainda queria pensar que não estava enfeitiçada, mas talvez estivesse um pouco arrebatada, e não era pelos encantos de vampiro. Estava sentindo sua esperança retornar.

Sabia que Luc jamais voltaria a ser o rapaz que era antes, e ela não era mais a garota que era antes. Aquela garota teria acreditado que o fato de rever Luc significava que algo maravilhoso iria acontecer, que os dois teriam um final feliz, afinal de contas. Mas aquele encontro só garantia que teriam um final diferente. Qual tipo de final ainda estava em aberto, mas com certeza seria melhor que aquilo. Mesmo que Luc não fosse o seu final feliz, Evangeline não podia permitir que a história deles acabasse ali, com o rapaz enjaulado e ela fugindo.

Evangeline encontrou uma espada curta azul, pendurada na parede, de cabo pesado e lâmina polida: parecia ser forte o bastante para quebrar um cadeado, mas não era muito difícil de levantar.

Outros protovampiros gritaram, pedindo armas e prometendo todo tipo de coisa em troca. Tinham começado a se debater nas jaulas de novo, enchendo a sala de jantar com uma cacofonia de sons violentos. Evangeline subiu em uma cadeira e usou as duas mãos para erguer a espada acima da cabeça.

Luc pegou a lâmina, sem ligar para o fato de ter cortado as mãos com ela.

– Obrigado, Eva.

O rapaz deu um sorriso, mas não era aquele sorriso torto de menino, pelo qual ela havia se apaixonado. Eram lábios puxados para trás, revelando presas brancas afiadas que continuavam a crescer.

– Vamos embora agora. – Jacks pegou-a pela mão, impelindo-a a descer logo da cadeira e começar a se movimentar.

Ouviram um ruído de algo se partindo, o que a fez tropeçar bem quando ia começar a correr.

Luc já havia quebrado o cadeado com o cabo da arma. A porta da jaula estava escancarada. Ele estava solto, bestial, e era o pior erro que Evangeline já havia cometido.

– Desculpe, Eva.

Luc pulou no chão fazendo um arco gracioso, mostrou as presas e foi para cima de Evangeline.

O Príncipe de Copas tirou a jovem da frente do rapaz antes que ela conseguisse se mexer. Rápido como um raio, pulou na frente de Evangeline como um escudo.

Luc não teve tempo de mudar sua trajetória, e seus dentes se afundaram no pescoço de Jacks, fazendo um barulho de rasgo ensurcedor.

– Não! – gritou Evangeline, tentando pegar a espada caída que tinha dado a Luc. A arma pareceu mais pesada do que instantes antes. Mas não parecia mais necessária.

No tempo que ela levou para pegar a espada, Jacks havia segurado a cabeça de Luc com as duas mãos, e, com um movimento certeiro, quebrou o pescoço dele.

Todos os prisioneiros pendurados em suas jaulas vaiaram e sussurraram quando o primeiro amor de Evangeline caiu no chão.

– Você... você... você matou Luc – ela gaguejou.

– Ele me mordeu... – urrou o Arcano. O sangue com partículas douradas pingava da ferida em seu pescoço. – Eu bem que queria tê-lo matado. Mas não matei. Agora ele é um vampiro completo. O único modo de matar um vampiro permanentemente é cortar a cabeça ou enfiar uma estaca de madeira no coração.

O Príncipe de Copas tentou pegar a espada das mãos de Evangeline.

A jovem segurou a arma com mais força. Em parte, sabia que deveria soltá-la. Luc não era mais Luc. Havia mordido Jacks e a teria mordido. Mas Luc não tinha matado Jacks.

– Não vou permitir que você ponha fim na vida dele – disse Evangeline. – Luc foi o primeiro rapaz que amei e não sou responsável pelas atitudes dele, mas isso não teria acontecido sem mim. Deixe-o viver. Se você deixá-lo viver, vou embora sem fazer mais nem uma parada nem discutir.

Ela soltou a espada e pegou na mão de Jacks.

O Arcano se encolheu, não permitindo que Evangeline o tocasse, mas tampouco discutiu. Não disse absolutamente nada.

Evangeline e Jacks saíram em silêncio por onde tinham entrado. A jovem tinha dificuldade de acompanhar os passos largos do Arcano, e o barulho das correntes e das jaulas continuava a perseguí-los. Mas era o silêncio de Jacks que estava começando a deixá-la incomodada.

O Príncipe de Copas não era do tipo que falava só para não ficar em silêncio, mas Evangeline não podia deixar de sentir que havia algo além do

silêncio entre os dois. Poucos minutos antes, Jacks havia salvado sua vida. Pulara na frente dela, bloqueando Luc sem pensar duas vezes. A jovem sabia que o príncipe precisava dela viva por causa da profecia do Arco da Valorosa, mas o Arcano agira por puro instinto. Ficou com medo de Evangeline se machucar quando sua vida foi ameaçada.

Mas agora não queria nem olhar para ela. Rangia os dentes ao subir as escadas, com o maxilar tenso, os olhos focados, e os nós dos dedos brancos de tão apertados.

Será que estava com dor por causa da mordida? Havia uma mancha de sangue em seu pescoço pálido, mas era pequena. O ferimento que Luc provocara em Jacks não fora profundo. Mas Luc o mordera. Provavelmente, o Príncipe de Copas ainda estava irritado por causa disso.

Só que havia algo de errado. Evangeline lembrou que Jacks quase soltara sua mão quando Luc comentou que estivera enfeitiçado. O Arcano fora pego desprevenido naquele momento. Será que ficara surpreso ao descobrir que Luc fora mesmo enfeitiçado? Ou... será que era alguma outra coisa? Será que Jacks ficara perturbado com o fato de Evangeline finalmente ter descoberto a verdade a respeito de Luc? O rapaz havia dito que Marisol o enfeitiçara. Mas... e se ela não tivesse feito isso sozinha?

Ela sentiu uma súbita onda de enjojo por cima de tudo o mais que estava sentindo.

– Você enfeitiçou Luc? – perguntou. – Você fez um trato com Marisol e lançou um feitiço em Luc para que...

– Pode parar por aí – interrompeu Jacks. – Eu já te falei o que penso de sua irmã postiça. Não fiz nenhum trato com ela e jamais farei.

– Então por que você ficou tão alarmado quando Luc revelou que estava enfeitiçado?

– Foi um momento impróprio. E você perde a noção quando se trata dele. – O Príncipe de Copas praticamente urrou, cerrando os dentes entre uma palavra e outra. – Para a maioria das pessoas, sou a pior coisa que poderia acontecer. Mas não para você. Até parece que você queria que aquele rapaz te destruísse, e ele é apenas humano... ou era, até você ajudá-lo a completar sua transformação.

Evangeline teve vontade de discutir. Não ligava para o fato de Jacks ter toda a razão a respeito de Luc nem para o fato de realmente acreditar que o Arcano

não havia feito um trato com Marisol – o que lhe trouxe uma sensação de alívio inesperada. Mas o Príncipe de Copas não precisava ser tão cruel só porque ela não era capaz de ignorar os próprios sentimentos como ele conseguia. Evangeline sabia que ter sentimentos profundos tem seu lado negativo: pode atrapalhar a lógica e o raciocínio. Só que bloquear as emoções é algo igualmente traíçoeiro.

Descontou sua frustração nas escadas, apertando o passo para passar na frente de Jacks, quando começaram a subir outro lance. Tinhama, enfim, chegado aos andares onde não havia mais algemas penduradas nas paredes, e ela não conseguia mais ouvir os ruídos desesperados dos protovampiros.

E, apesar disso, de vez em quando ainda sentia aquela mordida quente em sua garganta. Normalmente, era uma sensação que tinha no pulso. Mas, naquele momento, teve essa sensação na nuca.

Ela subiu depressa os degraus e chegou a um andar bem iluminado, onde, finalmente, avistou a porta reluzente que os tiraria dali. Mas aquela ardência na nuca estava se tornando impossível de ignorar.

E por que não ouvia mais os passos do Arcano?

– Jacks... – Evangeline ficou sem fala quando virou para trás.

O Príncipe de Copas estava tão perto... Perto demais. Perto como um sussurro ao pé do ouvido. Evangeline deveria tê-lo escutado bem atrás dela, mas Jacks, estranhamente, não fez nenhum ruído. E sua aparência havia mudado.

– Seu cabelo...

O azul desaparecera. Estava dourado de novo, brilhante e reluzente, absolutamente magnífico. Não deveria ter olhado – ficar olhando para Jacks nunca era uma boa ideia. Mas era impossível desviar o olhar. A pele do Arcano estava corada, e seus olhos também estavam mais vivos, em um tom radiante de azul-safira. Parecia uma mistura de anjo com estrela cadente e era absolutamente devastador.

– Evangeline, pare de olhar para mim desse jeito. Você está tornando isso muito mais difícil.

Jacks falou com os dentes cerrados, mas ela pôde ver de relance seus caninos afiados, que agora pareciam presas assustadoras.

“Existem dois tipos de mordidas de vampiro”, disse Caos. “Podemos morder um ser humano meramente para nos alimentar. Ou podemos inocular veneno de vampiro com nossa mordida, para transformar um ser humano em vampiro.”

Evangeline soltou um suspiro de assombro. Luc não havia mordido Jacks apenas para se alimentar.

– Ele infectou você com veneno.



Jacks deu um passo tenebrosamente silencioso para trás: suas botas de couro não fizeram ruído ao tocar no chão de pedra.

– É melhor você ir embora – falou, e suas presas foram crescendo à medida que se afastava.

Evangeline, de repente, tinha plena consciência do sangue que corria por suas veias e das batidas de seu coração. Se algum dia visse Luc de novo, usaria uma espada. Talvez não fosse capaz de decepar a cabeça dele, mas definitivamente seria capaz de provocar alguns cortes.

– Por que você ainda não foi embora? – perguntou o Arcano.

Suas narinas se dilataram, e sentiu outra pontada de calor no coração, o que diminuiu ainda mais o breve efeito que os encantos de vampiro tiveram sobre ela. O Príncipe de Copas não tinha um lado anjo caído: estava prestes a se tornar algo muito pior.

Ela encolheu os dedos dos pés dentro das botas, resistindo à vontade de se afastar lentamente ou sair correndo. Se Jacks a mordesse, seria transformado em vampiro. O Arcano odiava vampiros, e a jovem tampouco gostava muito dessas criaturas. Evangeline não sabia se Jacks teria o mesmo nível de autocontrole que parecia possuir em relação a ela, caso o abandonasse agora, e Jacks encontrasse outro ser humano antes do amanhecer.

O Príncipe de Copas estava praticamente imóvel. Apenas suas pupilas se moviam, dilatando-se até seus olhos ficarem quase completamente pretos. Os olhos de Luc não haviam feito isso. Mas, até aí, Luc não era um Arcano quando fora infectado.

– Você quer ser vampiro? – perguntou Evangeline.

– Não – disparou Jacks. – Não quero ser vampiro, mas quero muito morder você.

A pele de Evangeline ficou quente, por todo o corpo.

O Arcano rangeu os dentes e lançou um olhar furioso por ela ainda estar ali.

– É melhor você ir embora – repetiu Jacks.

– Não vou abandonar você desse jeito.

Evangeline procurou algemas na entrada.

– Você não vai me prender à parede alguma – reclamou o Príncipe de Copas, olhando feio para ela.

– Você tem uma sugestão melhor?

Um grito de vitória perturbador ecoou lá embaixo. Outro protovampiro devia ter se libertado. Parecia que o ruído vinha lá do subterrâneo, a uma boa distância, mas Evangeline imaginou se a criatura poderia sentir onde ela estava, se tinha alguma consciência de que havia um ser humano por perto.

– Como está o seu faro? – perguntou.

As narinas de Jacks se dilataram novamente.

– Você está cheirando a medo e... – O Arcano ficou com uma expressão indecifrável por alguns instantes. Mas o que Jacks estava prestes a dizer foi interrompido por outro ruído vindo do subterrâneo. Parecia um trovão que subia as escadas correndo.

Sem dizer nada, os dois correram em direção à saída.

Lá fora, a noite gelada de inverno estava quase clara demais. A lua saíra de seu esconderijo, atrás das nuvens, e dava uma atenção especial a Jacks, iluminando seu maxilar perfeito, seus cílios longos, o retorcer de sua boca petulante. O Príncipe de Copas parecia uma desilusão amorosa etérea. Evangeline continuava sentindo uma vontade louca de virar a cabeça e dar só mais uma última olhada e sabia que era efeito dos encantos dos vampiros. A atração inescapável daquela beleza e daquele poder perigosos.

– Por que você ainda não está fugindo? – perguntou Jacks.

– A julgar pelo jeito como você não para de me olhar, imagino que irá me caçar. Ou encontrar algum outro ser humano que possa morder sem sentir culpa.

*Eu não sentiria culpa por morder você.*

Não sabia se a voz que ouvira dentro de sua cabeça era uma ameaça, um lapso no autocontrole do Arcano ou apenas um aviso de que ela estava ficando sem tempo.

– Você deveria ir – repetiu Jacks.

Evangeline o ignorou e perscrutou o cemitério às escuras mais uma vez. Uma ideia desesperada, mas possivelmente inspiradora, ocorreu quando ela avistou um mausoléu coberto de trepadeiras com flores trombeta de anjo, que reluziam com o brilho branco e leitoso da lua.

– Ali – disse, apontando para a construção. – Vamos lá para dentro. As famílias plantam trombetas de anjo quando querem proteger os corpos de seus entes queridos de espíritos demoníacos. – Ela sabia disso porque fizera a mesma coisa tanto para o pai quanto para a mãe. – Este mausoléu está coberto com essa planta, ou seja: deve haver outras proteções lá dentro, como um portão com cadeado para garantir a segurança dos caixões.

Um músculo no pescoço de Jacks pulsou.

– Você quer me trancar dentro de um caixão? – perguntou ele.

– Não em um caixão, só do outro lado do portão. E apenas até o amanhecer.

– Não preciso ser trancado. Sou capaz de me controlar.

– Então por que você fica falando para eu fugir? – Evangeline ergueu os olhos para encarar o Arcano, assim como ele a encarava.

Uma fração de segundo depois, Jacks a segurou contra a árvore mais próxima. As costas de Evangeline bateram no tronco, e o Príncipe de Copas pressionou o peito arfante contra o da jovem. As mãos de Jacks seguraram a garganta dela, fazendo a pele de Evangeline pegar fogo.

– Jacks – falou, sem ar. – Solte-me.

Ele se afastou tão rápido quanto a tinha agarrado.

Evangeline bateu na árvore por causa da força empregada por Jacks. Quando conseguiu recuperar o equilíbrio, o Arcano já estava caminhando em direção à cripta.

Seguiu atrás, massageando o pescoço. Jacks não havia apertado tanto assim, mas sua pele ainda estava ardida onde as mãos dele encostaram.

– Achei que os vampiros eram gelados.

E Jacks sempre era gelado.

– O veneno dos vampiros é quente, principalmente quando estão famintos – declarou Jacks, com a voz rouca, já escancarando a porta do mausoléu.

Como Evangeline havia suspeitado, aquela câmara fora construída por pessoas supersticiosas. Havia tochas perenes penduradas nas paredes que traziam um certo calor e iluminavam um portão de ferro excelente, que ia do chão até o teto e separava os possíveis visitantes dos quatro caixões de pedra que estavam do outro lado.

– E agora? – perguntou Jacks, curto e grosso.

Evangeline se aproximou rapidamente do portão. Não conhecia todos os símbolos de proteção que haviam sido forjados, mas as barras pareciam ser grossas o suficiente para prendê-lo pelo menos durante as muitas horas que faltavam até o sol nascer. Ela gostaria que o cadeado do portão fosse mais forte, mas teria que se contentar com aquele.

– Você está vendo uma chave pendurada na parede? – perguntou.

– Não – respondeu Jacks, com a voz entrecortada. Em seguida, o Arcano disse, tão baixo que mal dava para ouvir: – Tente usar as mãos. Fure um dos dedos para tirar sangue e peça para o portão se abrir.

Evangeline girou nos calcânhares.

Jacks estava encolhido contra a parede dos fundos, sua pele tinha um tom de branco pálido e doloroso.

A jovem não cometeu novamente o erro de olhá-lo nos olhos, mas foi só espiar seu rosto para ficar claro que ele mal estava conseguindo se conter.

Evangeline planejava perguntar se Jacks não estava apenas tentando fazê-la derramar o próprio sangue, mas pensou melhor e decidiu não perder mais tempo. Furou o dedo em um dos símbolos mais afiados do portão. Uma gota de sangue brotou e foi logo pressionada contra o cadeado.

– Abra, por favor.

Funcionou tão rápido quanto um passe de mágica. O cadeado se abriu, o portão se escancarou, e Evangeline ficou de queixo caído.

– Como você sabia que isso ia funcionar? – perguntou.

Jacks se movimentou tão rápido que Evangeline nem enxergou.

– Aqui não é lugar nem hora para falar disso – respondeu o Arcano, já do outro lado do portão. Em seguida, ele o fechou, com uma batida.

O cadeado que acabara de abrir se fechou fazendo um levíssimo clique, e ela ficou dolorosamente ciente do pouco que a separava de Jacks.

O Príncipe de Copas também parecia estar ciente disso. Havia entrado na jaula de livre e espontânea vontade, mas agora olhava o cadeado feito um ladrão, contemplando todas as diferentes maneiras que poderia empregar para arrombá-lo.



**E**vangeline duvidava que, se Jacks resolvesse se libertar de sua prisão, teria que se esforçar muito para isso.

**E**Precisava encontrar um jeito de distraí-lo.

Poderia perguntar a respeito de algo que o Arcano achasse interessante. Queria saber mais sobre o cadeado e por que o sangue dela conseguira abri-lo. Mas o Príncipe de Copas já havia descartado esse assunto. Ela também se perguntou se, por acaso, já não sabia a resposta – se sua habilidade de abrir o cadeado por meio de magia tinha algo a ver com o Arco da Valorosa. Quando Apollo contou da profecia que trancara o arco, disse que, quando todos os versos se concretizassem, uma chave capaz de abrir o arco seria criada. E se ela fosse essa chave? Seria possível? Ou eram apenas todos os loucos acontecimentos daquela noite que estavam finalmente fazendo efeito em Evangeline e dando delírios de maravilhamento mágico?

Só que não parecia um delírio quando ela pensou em todas as vezes que havia atravessado um arco. Todos tinham sussurrado em seu ouvido palavras que fariam muito mais sentido se ela fosse a tal chave profetizada.

“Estamos tão felizes de você ter nos encontrado.”

“Estábamos esperando por você...”

“Você também poderia ter me destrancado.”

Ela sentiu uma excitação incômoda. Não queria ter nada a ver com o Arco da Valorosa. Definitivamente não queria ser a chave, ainda que tal habilidade a tivesse ajudado a salvar a própria vida poucos segundos antes. Se quisesse permanecer viva, contudo, precisava manter Jacks ocupado.

Felizmente, perguntas é que não faltavam para ela. Havia uma, em especial, que a incomodava havia tempo.

– Conte-me o que aconteceu entre você e a princesa do Império Meridiano, aquela que Caos e LaLa comentaram. Donatella.

– Não. – A voz de Jacks era puro azedume. – Não quero falar dela. Nunca mais.

Esse seria o assunto perfeito.

Antes, o Príncipe de Copas meramente se encolhia e logo disfarçava sua expressão sempre que tocavam no nome da princesa. Mas, das duas, uma: ou ele estava tendo problemas para se controlar, ou o veneno de vampiro estava tornando suas emoções ainda mais fortes. Evangeline sentiu a pressão do olhar feio de Jacks mais uma vez, mas não em seu pescoço ou seu pulso. Estava espalhando um calor errante por todo o seu corpo.

– Que azar, Jacks. – Ela cruzou os braços em cima do peito, e o Arcano ficou andando de um lado para o outro, dentro de sua jaula. – Você precisa de algo para se distrair, então vai falar da princesa Donatella. Não ligo se você me contar o quanto a odeia ou o quanto a ama. Pode fazer versos cantando a beleza ou a cor do cabelo da princesa.

Jacks fez um ruído contido que poderia ser um primo distante de uma risada.

– Ela não é o tipo de garota que a gente canta em versos – falou.

E, apesar disso, seu tom de voz mudou, se tornou mais suave, e Evangeline ficou com uma sensação estranhamente incômoda de que o Arcano teria, de fato, cantado aquela garota em versos.

– A primeira vez que a vi, ela ameaçou me atirar do alto de uma carruagem aérea.

– E você gostou dela por causa disso? – perguntou Evangeline.

– Apenas ameacei matá-la. – O Príncipe de Copas falou isso como se os dois estivessem paquerando.

– Que história de amor horrível, Jacks.

– Quem disse que é uma história de amor? – Seu tom voltou a ser de azedume. Evangeline até pensou que o Arcano fosse parar de falar. Para sua surpresa, ele continuou: – Quando nos encontramos de novo, eu a beijei.

Jacks disse “eu a beijei” como outra pessoa diria que esfaqueou alguém pelas costas. Não havia nada de desejo nem de romântico no comentário, confirmando que ele tinha uma definição distorcida de amor. E, mesmo assim,

pensar no Príncipe de Copas beijando a princesa fez algo doloroso se retorcer dentro de Evangeline.

– Você a beijou porque achou que ela era seu verdadeiro amor?

– Não. Precisava de algo dela e falei que meu beijo a mataria a menos que me desse o que eu queria.

– Espere aí... Por acaso você está dizendo que seu beijo não é mortal se você não quiser que seja?

– Cuidado, Raposinha, você parece curiosa. Mas não deveria. – Jacks parou de andar de um lado para o outro e tamborilou os dedos compridos no portão de ferro, em uma sequência de notas rápidas. – Menti para Donatella. Meu beijo é sempre mortal. Diminuí o ritmo de seu coração para não matá-la imediatamente, mas o beijo deveria ter posto fim à sua vida em questão de dias, independentemente de ela fazer ou não o que eu queria.

– Então por que a princesa não morreu?

– Provavelmente, porque meu coração começou a bater – respondeu o Arcano, com um tom petulante, como se esse fosse um pequeno detalhe que poderia muito bem ter ficado de fora da história. Só que havia histórias e mais histórias dedicadas ao coração que não batia de Jacks e à garota mítica que, finalmente, o faria bater de novo: seu único e verdadeiro amor.

Evangeline sentiu aquela coisa terrivelmente dolorosa se assomando dentro de si mais uma vez. Não que o fato de aquela garota ser o amor verdadeiro de Jacks devesse causar dor nela. Afinal, ela nem sequer gostava de Jacks. Não deveria ter se incomodado com o fato de outra garota ter feito o coração do Arcano bater. Deveria ter ficado feliz pela princesa não ter morrido. Talvez Evangeline estivesse apenas com pena do Príncipe de Copas, porque sabia que aquela história não havia terminado bem.

– E o que aconteceu depois?

– De acordo com as histórias, ela deveria ser meu *único e verdadeiro amor* – confirmou Jacks. Seu tom era de deboche, mas não escondeu a dor presente em suas palavras e que endurecia seus traços. – É claro, como você já deve ter adivinhado, que isso não funcionou. Ela jamais me perdoou por aquele primeiro beijo. Donatella se apaixonou por outra pessoa e então apunhalou meu coração com minha própria faca.

Evangeline respirou fundo, trêmula, incapaz de imaginar como se sentiria com tal coisa. Seria pior ainda para Jacks, cuja única motivação como Arcano era encontrar seu único e verdadeiro amor.

Ela era capaz de compreender tal motivação. Na verdade, entendia muito melhor do que gostaria de admitir. Gostaria de dizer que jamais arriscara matar alguém por amor. Mas havia feito um trato com Jacks, que transformara todos os convidados de um casamento em pedra, amaldiçoara um príncipe e, em última instância, o levara até ali. Não parava de pensar que o destino ou o Arcano estavam brincando com sua vida. Mas foram suas próprias decisões questionáveis que a haviam colocado naquele caminho.

Com Luc, tentara se convencer de que estava agindo por amor. Mas não estava, não de fato. Não estava tomando decisões por amor, estava tomando decisões comprometedoras porque queria amor. Luc não era a sua fraqueza – o amor era. Nem sequer o amor em si, mas a ideia dele.

Era por isso que partes da história de Jacks se contorciam tão dolorosamente dentro dela. Não porque Evangeline quisesse ficar com Jacks. Ela não queria ficar com ele. Só queria que alguém quisesse ficar com ela do mesmo jeito que Jacks quisera ficar com aquela garota. E não queria isso por causa de um feitiço ou de uma maldição. Evangeline queria um amor verdadeiro, poderoso a ponto de quebrar um feitiço. E isso era exatamente o que Jacks também queria.

Ele encostou a cabeça no portão de ferro escuro, e ela se lembraria para sempre daquela visão.

O Príncipe de Copas estava de tirar o fôlego, de um modo indescritível, mas era uma beleza trágica, de um céu que tinha perdido todas as estrelas. O cabelo do Arcano era uma tempestade de ouro partido. Seus olhos eram um emaranhado de prata e azul. A apatia que ela vira na primeira noite que passara em Valorfell havia sumido, e agora entendia por que estivera lá, por que Jacks fora tão incapaz de oferecer consolo ou bondade a ela. A garota que deveria ser seu único e verdadeiro amor tinha, literalmente, apunhalado seu coração.

– Lamento que Donatella tenha te ferido tão gravemente – disse Evangeline. E realmente lamentava. Imaginava que Jacks estivesse deixando alguns detalhes de fora, mas acreditava que a mágoa do Arcano era sincera. – Talvez as histórias tenham se enganado, e haja outro verdadeiro amor esperando por você.

Jacks soltou uma risada desdenhosa e perguntou:

– Está dizendo isso porque acha que você pode ser esse amor? – Então olhou para Evangeline por entre as barras do portão, um olhar que beirava a indecência. – Você quer me beijar, Raposinha?

Algo novo e terrível se emaranhou dentro dela.

– Não, não foi isso que eu disse.

– Não me parece que você esteja muito certa disso. Pode até não gostar de mim, mas aposto que gostaria que eu te beijasse.

Nesta hora, o Príncipe de Copas pousou os olhos nos lábios dela, e o calor que se apossou da boca de Evangeline parecia o início de um beijo.

– Pare com isso, Jacks – ordenou ela. Na verdade, o Arcano não queria beijá-la. Estava apenas provocando a jovem para aplacar sua dor. – Sei o que você está fazendo.

– Duvido. – Ele deu um sorriso, mostrando as covinhas e passando a língua na ponta de seu dente incisivo muito comprido e afiado. De repente, ficou com uma expressão pensativa e falou: – Talvez não seja tão ruim continuar assim. Gosto deles.

– Você também gosta da luz do dia – lembrou Evangeline.

– Eu provavelmente consigo viver sem o sol se puder trocar por outras coisas – retrucou o Arcano, inclinando a cabeça. – Fico imaginando... se eu me tornasse um verdadeiro vampiro, talvez meu beijo não seja mais letal. – Suas presas cresceram, e ele completou: – Você poderia deixar que eu a mordesse, para ver se funciona.

Mais uma onda de calor penetrante, desta vez bem debaixo do queixo de Evangeline, depois no pulso e em outros lugares íntimos que ela jamais havia pensado que alguém morderia.

Ela ficou com o pescoço vermelho, até a altura das clavículas.

– Não estamos falando de mordidas – disse ela, de um jeito acalorado.

– Então do que devemos falar? – Os olhos de Jacks pousaram de novo nos lábios dela, e mais calor escapou quando a jovem os entreabriu.

Evangeline soltou um suspiro de assombro. Talvez tivesse se enganado. Talvez Jacks realmente quisesse beijá-la. Mas isso não significava nada. Era óbvio que o Arcano ainda estava obcecado pela princesa Donatella. E LaLa havia dito que o beijo era a maldição do Príncipe de Copas – se houvesse

apenas um fiapo de atração, ele ficaria tentado a beijar. Mas isso não queria dizer que Jacks nutria sentimentos verdadeiros pela pessoa.

– Fiquei curiosa – disse Evangeline. – Se você tem a habilidade de controlar pessoas, por que simplesmente não a usou para obrigar a princesa a te amar?

O sorriso debochado de Jacks desapareceu.

– Eu usei.

– E o que foi que aconteceu?

– Acho que minha vez acabou – respondeu ele, seco. – Agora é a sua vez. E quero que me fale de Luc.

Evangeline se encolheu toda. Não queria falar de Luc naquele momento, muito menos depois do que acabara de acontecer. E menos ainda com Jacks, que debochava dela por causa de Luc desde o momento em que se conheceram.

– Gostaria de outra pergunta, por favor.

– Não. Eu respondi às suas perguntas. Você vai responder às minhas.

– Por que quer saber de Luc? Você acabou de ver como a história termina.

– Conte como começou. – O Príncipe de Copas deu um sorriso com o canto da boca, falsamente alegre. – Sua lenda, obviamente, começou melhor do que a minha. O que fez você se apaixonar tão loucamente por ele a ponto de estar disposta a rezar para mim?

Evangeline respirou fundo.

– Pare de enrolar, Raposinha, ou posso te lembrar da dor que estou sentindo porque só consigo pensar em sentir o gosto de seu sangue.

Jacks baixou o olhar.

A onda de calor atacou o peito dela, diretamente no coração e, desta vez, a sensação foi de mordida, não de beijo.

– Tudo bem... Luc me apoiou quando meu pai morreu.

– Foi por isso que você se apaixonou por ele?

– Não... Acho que eu o amava antes disso. – Evangeline ficou tentada a dizer que amou o rapaz desde a primeira vez que o viu, mas o Arcano, com certeza, debocharia dela por isso. – De início, eu o achei bonito. Ainda lembro que a sineta da porta da loja bateu por dois segundos inteiros antes de Luc entrar pela primeira vez, como se também achasse que ele fosse especial.

– Ou estivesse tentando avisá-la para ficar longe dele – resmungou Jacks.

– Você quer que eu conte ou não?

O Príncipe de Copas fez sinal de que ia ficar de bico calado.

Evangeline duvidava que duraria muito. Mas ele a surpreendeu, fazendo um esforço genuíno para ouvir educadamente.

Percebeu que os nós dos dedos do Arcano estavam brancos de tanto cerrar os punhos, e seus dentes pareciam estar cerrados de um modo incômodo – ele estava tendo mais dificuldade por estar calado –, mas Jacks subiu em um dos caixões de pedra e se sentou de pernas cruzadas, feito uma criança que está ouvindo um adulto contar histórias.

Evangeline pensou se não deveria continuar de pé, caso precisasse fugir. Mas, talvez, Jacks ficasse mais à vontade se ela ficasse na mesma posição. Com cuidado, sentou-se no chão frio e úmido, dando um descanso para suas pernas exaustas.

– Cresci trabalhando na loja de curiosidades do meu pai. Eu adorava: parecia que lá era minha casa, mais do que qualquer outro lugar do mundo. Só que eu passava tanto tempo lá dentro que não tinha outros amigos próximos de fora da loja. Até que conheci Luc. A princípio, pensei que ele só gostasse de esquisitices. Até que, um dia, Luc entrou na loja e não comprou nada. Disse que só queria me ver e não ficou envergonhado nem com medo de admitir isso.

– E... – incentivou Jacks.

– Foi aí que percebi que eu o amava.

– E ele só precisou dizer que gostava de você? – O Arcano parecia decepcionado. – Foi esse o gesto grandioso dele? Nunca nenhum outro rapaz havia sido legal com você?

– Muitos rapazes foram legais comigo, e Luc fez outros gestos grandiosos.

Jacks provocou, fazendo careta:

– Fale desses gestos grandiosos.

Evangeline estremeceu por causa do chão gelado e tentou acomodar as pernas debaixo do corpo de um modo mais confortável. Jacks devia pensar que qualquer relacionamento precisava de um gesto magnífico para valer a pena.

– Nem todo amor precisa de uma grande história, Jacks. O começo de meu romance com Apollo tinha tudo para ser um conto de amor épico, mas você viu que fim triste ele teve.

– Então você está dizendo que se contentaria com um romance chato se terminasse bem?

– Sim. Eu aceitaria, com o maior prazer, um final feliz para sempre sem grandes acontecimentos.

O Príncipe de Copas deu um sorrisinho irônico e falou:

– Não aceitaria, não. Você não teria sido feliz com Luc. E, definitivamente, não seria para sempre. Vocês dois não combinam. Ele não tem a metade de sua força: nem sequer pensou duas vezes antes de tentar te morder. E Luc não teria transformado a si mesmo em pedra para salvar a sua vida.

– Você não sabe disso.

– Sei, sim. Sempre existe um jeito de quebrar uma maldição. Assim que você bebeu do cálice de Veneno, ele se encheu novamente. Não fiquei lá para explicar as regras para ele porque teriam aparecido na lateral da taça. Luc poderia ter te salvado se quisesse.

As mãos de Evangeline começaram a tremer. Ninguém havia contado isso para ela.

– Isso não quer dizer nada. Luc estava enfeitiçado por Marisol, que o obrigou a amá-la.

– Ele poderia ter quebrado o feitiço – declarou Jacks, sem rodeios. – Se realmente te amasse, o feitiço poderia ter sido quebrado. Já vi isso acontecer.

– Pare, Jacks!

Evangeline ficou de pé de repente. Já era ruim saber que havia feito tanta coisa por amor. Não queria ouvir que Luc jamais a amara de verdade.

– Não estou tentando ser cruel, Raposinha, eu...

– Não, Jacks. É exatamente isso que você está fazendo. É isso que você sempre faz. – E também era o que ela esperava que o Arcano fizesse, mas estava cansada demais para aguentar. Podia até ter tomado decisões questionáveis por amor, mas o Príncipe de Copas magoava as pessoas de propósito, por diversão.

– Sabe, talvez o verdadeiro motivo para Donatella ter apunhalado seu coração e escolhido amar outra pessoa não tenha sido aquele primeiro beijo quase fatal que você deu nela. Talvez tenha sido a sua inabilidade de compreender qualquer emoção que seja remotamente humana.

Jacks se encolheu todo. E disfarçou bem rápido. Era difícil de enxergar, apesar de todas aquelas tochas, mas Evangeline poderia jurar que ele ficou com

as bochechas coradas.

Ela sentiu uma pontada de culpa, mas não teve forças para parar de falar.

– Aposto que você nem sequer pediu desculpas por tê-la beijado. E essa nem deve ser a pior coisa que você fez. Quer dizer, por acaso sua ideia de romance não é beijar uma garota e esperar para ver se ela morre ou não? Conheço as histórias que contam que vale a pena morrer pelos seus beijos. Mas como alguém pode ter certeza disso, se todo mundo morre? Quem escreveu essas histórias? Por acaso foi você, para se sentir melhor?

O Príncipe de Copas removeu qualquer traço de emoção do rosto, desceu do caixão e se aproximou do portão.

– Parece que você está com ciúme – falou.

– Se você acha que estou com ciúme porque outra pessoa conseguiu apunhalar seu coração, tem toda a razão.

– Prove.

Ela ouviu a adaga de Jacks cair aos seus pés. Era a adaga de pedras preciosas que o Arcano sempre carregava consigo. Tantas pedras estavam faltando, mas, apesar disso, o cabo da faca brilhava sob a luz das tochas, pulsando, em tons de azul e roxo, a cor do sangue antes de ser derramado.

– E o que devo fazer com isso?

– É melhor querer usá-la, Raposinha. – O canto da boca de Jacks se retorceu à medida que ele foi passando, lentamente, as mãos pálidas pelas barras do portão, e então quebrou o cadeado ao meio. Poderia muito bem ser um graveto, um pedaço de papel ou *ela*.



**A**ntes que Evangeline conseguisse dar um suspiro, Jacks já estava bem diante dela. Os lábios do Arcano se curvaram em um sorriso devastador, que em qualquer outra pessoa poderia parecer convidativo ou sedutor, como se atirar uma faca nos pés da jovem e desafiá-la a apunhalá-lo fosse o equivalente a tirá-la para dançar.

– Jacks... – Evangeline tentou controlar sua voz para não deixar transparecer que seu coração estava acelerado.

– Não quer mais me machucar, Raposinha? – provocou o Príncipe de Copas. Então esticou o dedo e passou bem de leve na clavícula à mostra de Evangeline, fazendo cada centímetro da pele dela pegar fogo. – Você pode pegar a adaga a qualquer momento.

A jovem foi incapaz de pegar a adaga. Mal era capaz de continuar respirando. A mão de Jacks já estava no alto de sua garganta, acariciando-a cuidadosamente. O Arcano havia tocado nela – abraçara Evangeline na noite anterior, enquanto ela dormia, mas agira como se aquilo fosse uma tortura. Seu toque não fora caloroso nem curioso.

Ou talvez fosse Evangeline quem estivesse curiosa. Sabia que não deveria estar. Mas ela não tinha imaginado como seria ser desejada com a intensidade que Jacks parecia desejar as coisas?

A boca do Arcano se curvou ainda mais, e suas mãos saíram da garganta da jovem e foram até seus ombros, afastando a capa lentamente, deixando mais pele à mostra.

– Você tem que voltar para o outro lado do portão – disse ela, com a voz rouca.

– Foi você quem disse que preciso me distrair. – Jacks desceu mais os dedos, passando-os pelo peito dela até chegar à faixa de pele sensível logo acima do limite do corpete de renda. – Isso não é melhor do que conversar?

E enfiou um dos dedos dentro do corpete.

Evangeline ficou sem ar e falou:

– Acho que não é uma boa ideia.

– E é por isso que é interessante.

A outra mão de Jacks segurou o maxilar de Evangeline, enquanto o dedo dentro do corpete acariciava suavemente logo acima do coração, fazendo-o bater ainda mais rápido.

– E você ainda pode pegar a adaga – provocou ele. – Você não gostaria de mim se eu me transformasse em vampiro, Raposinha.

A mão quente no rosto da jovem inclinou a cabeça dela para trás, até Evangeline olhar nos olhos de Jacks. Eles estavam dilatados, quase completamente pretos. E, sabe-se lá como, ainda brilhavam, como estrelas partidas.

Evangeline precisava se afastar. Aquilo era errado por tantos motivos e pior ainda: era uma burrice incrível permitir que o Arcano a tocasse e, ainda, *gostar* do modo como ele continuava tocando.

O Príncipe de Copas nem sequer estaria fazendo aquilo se não fosse pelo veneno de vampiro.

Não tinha a menor importância o fato de ele estar sendo delicado, de mal encostar os dedos na pele de Evangeline ao ir de seu colo à nuca, enquanto a outra mão descia até os quadris, deslizando lentamente por sua saia e puxando-a mais para perto. A cripta estava gelada, mas Jacks tinha calor suficiente para aquecer cada centímetro do seu corpo, enquanto a mão do Arcano que estava no pescoço dela deslizava pelo cabelo, torcendo os dedos em volta das mechas, afastando-as do pescoço e...

Ele roçou os dentes na veia pulsante do pescoço de Evangeline.

– Jacks... – murmurou ela. De repente, ficou impossível formar palavras. A boca ardente do Príncipe de Copas estava encostada em sua garganta, e os dentes dele, em sua pele. Os *dentes!* Evangeline finalmente empurrou o peito dele. Mas foi tão inútil quanto tentar lutar contra um bloco de mármore. De um mármore quente e esculpido. Queria dizer para Jacks não mordê-la, mas

pronunciar a palavra “morder” não pareceu a coisa mais sensata a fazer naquele momento. – Você vai se arrepender disso depois...

– Não estou pensando no depois. – E Jacks lambeu o pescoço dela de um jeito lascivo.

Evangeline soltou um suspiro de assombro e falou:

– Você nem gosta de mim.

– Gosto de você neste exato momento. Gosto muito. – Jacks deu um leve chupão em seu pescoço. – Na verdade, não consigo pensar em nada de que eu goste mais.

– Jacks... Isso tudo é efeito do veneno de vampiro. – Ela, frenética, empurrou o peito do Arcano com mais força. Mas, pelo jeito, ele nem percebeu. O Príncipe de Copas estava com a língua no seu pescoço, brincando com sua pulsação. – Você...

Evangeline ficou sem palavras porque Jacks roçou os dentes em seu pescoço de novo, passando por toda sua pele sensível de um jeito que não deveria ser tão incrivelmente bom.

Precisava pôr um fim àquilo. Uma mordida. Uma gota de sangue derramada, e os dois estariam encravados.

– Se você fizer isso... jamais verá o sol novamente. Você não vai sentir falta do sol?

A única resposta de Jacks foi dar mais uma lambida tortuosa. E então ele apertou os quadris dela com a outra mão, puxando-a para perto, como se se preparasse para...

– Você precisa de mim para abrir o Arco da Valorosa!

O Arcano parou ao ouvir as palavras de Evangeline.

A respiração da jovem estava ofegante, e Jacks ficou com os lábios pairando sobre a veia do pescoço dela. Não a mordeu. Mas tampouco a soltou. Pelo contrário: apertou mais. Ardia, encostado no corpo dela. Evangeline tentou acalmar sua respiração, certa de que o Príncipe de Copas era capaz de sentir o coração dela batendo acelerado e ouvir o sangue correndo em suas veias, debaixo de seus lábios entreabertos. Mas o Arcano não baixou a boca.

Não se moveu, a não ser para inspirar e expirar.

Evangeline não sabia por quanto tempo ficaram ali, naquele abraço ao qual ela não podia resistir, e Jacks, pelo jeito, não conseguia soltar. Houve

momentos em que o Arcano teve dificuldade para se segurar. Enroscou o cabelo dela nos dedos e acariciou a cabeça da jovem com as pontas de seus dedos gelados...

*Gelados.* A palma da mão de Jacks estava gelada.

Evangeline criou coragem e olhou para cima quando o sol da manhã se infiltrou pela janela do mausoléu. Haviam sobrevivido àquela noite.

Os braços do Arcano ficaram tensos, como se ele também tivesse acabado de se dar conta disso.

Tudo que até então ardia, de repente parecia gelo. O peito dele, os braços, o hálito no pescoço de Evangeline.

O Príncipe de Copas se desvencilhou da jovem com movimentos duros e desajeitados. Era novamente o Jacks que carregara Evangeline no colo até o apartamento de LaLa. O calor, o desejo, a fome: tudo desaparecera junto com a noite. Desenrolou os fios do cabelo dela dos dedos dele, mexendo as mãos de um jeito desengonçado. Estranhamente, era algo parecido com o que acontecera com Apollo, quando foi libertado da magia de Jacks. Só que Jacks não estava bravo, apenas ridículamente constrangido.

Pelo menos, não estava rindo. Evangeline não suportaria se o Príncipe de Copas zombasse dela por ter permitido chegar tão perto ou por ter suspirado quando ele lambeu seu pescoço.

O rosto de Evangeline começou a arder de repente, e ela ficou feliz por Jacks não ter olhado quando se abaixou para pegar a adaga.

Esperou um instante para se virar, alisou o cabelo e respirou fundo, inalando o ar gelado e seco da manhã em vez do cheiro dele.

– Aqui. – A voz de Jacks estava bem atrás de Evangeline. E então ela sentiu a capa de babados. O Arcano colocou o agasalho nos ombros dela e prendeu as tiras no corpete. – Se você morrer congelada, todo o trabalho que tive para salvar sua vida terá sido em vão.

Seu tom zombeteiro estava de volta, curto e grosso. E, ainda assim, Evangeline sentiu o leve roçar das pontas dos dedos de Jacks em seu pescoço antes que ele se afastasse.

Tentou não esboçar reação. Não sabia sequer se o Arcano tinha consciência do que havia feito. Quando virou de frente para Jacks novamente, ele voltara a ser indiferente e se dirigia à saída do mausoléu.

Evangeline começou a ir atrás do Príncipe de Copas e foi aí que viu brilhando no chão a adaga que Jacks havia atirado para ela na noite anterior. A adaga com todas aquelas pedras preciosas quebradas. O Arcano havia pegado a capa da jovem, mas deixara a própria faquinha no chão.

– Espere...

Jacks olhou para trás.

Evangeline pegou a adaga e mostrou para ele.

Um resquício de careta curvava os lábios do Príncipe de Copas para baixo. Ela não conseguiu interpretar seu olhar, mas seu tom foi brusco:

– Deixe aí.

Em seguida, Jacks atravessou a porta, desaparecendo sem olhar para trás.

Evangeline fechou a mão em torno do cabo incrustado de pedras da adaga.

Ficaria com a faca, mas não se permitiu imaginar o porquê.

Uma camada de orvalho gelado cobria o terreno do cemitério, e um exército de dragões minúsculos cobria o alto das lápides, roncando e soltando pequenas faíscas que temperaram o ar. Que, de gelado, ficou frio.

Jacks passou a mão no rosto. Estava com olheiras escuras que não possuía antes.

– Precisamos ir para um local seguro – falou.

– E se voltássemos para o Paço dos Lobos? – sugeriu Evangeline.

O Arcano lançou um olhar que poderia ter feito uma floresta inteira murchar.

– Você quer ficar trancada em uma masmorra?

– Você não me deixou terminar de falar. Fiquei pensando no que Caos disse. Se Apollo foi de fato assassinado com aquele óleo maléfico, e não com as lágrimas de LaLa, a bruxa que trouxe o óleo de Caos e envenenou Apollo com ele pode ser minha irmã postiça.

O Príncipe de Copas espremeu os olhos – ou será que estavam lacrimejando? Ele realmente parecia exausto. Evangeline também estava cansada, mas a sensação estava soterrada debaixo de uma pilha de diversos sentimentos e necessidades mais urgentes, como descobrir quem matou Apollo.

Depois da revelação de Luc, Evangeline estava ficando mais propensa a acreditar que sua irmã postiça era a assassina. Mas será que só pensou nisso

porque o rapaz havia dito que Marisol o enfeitiçara, ou porque sua irmã postiça era de fato culpada?

– Não tenho absoluta certeza de por que Marisol iria querer envenenar Apollo – admitiu Evangeline –, mas não paro de pensar no livro de feitiços que ela comprou. Estava pensando que poderíamos entrar de fininho no Paço dos Lobos, e você poderia usar seus poderes em Marisol, para compelir-la a nos contar a verdade.

– Mesmo que eu achasse uma boa ideia, coisa que não acho, não poderia ajudar você... – Jacks deixou a frase no ar, enrolando a língua no final das palavras.

– Você está bem? – perguntou Evangeline.

Ele a olhou nos olhos e bocejou.

– Eu... Eu... – O Arcano tentou falar por um instante, mas parou para esfregar os olhos. – Estou ótimo. Só cansado de...

O Príncipe de Copas cambaleou.

– Jacks...

A jovem esticou a mão para equilibrá-lo.

Ele se encolheu para que Evangeline não conseguisse tocá-lo.

– Estou ó... timo – repetiu Jacks. Mas mesmo essas poucas palavras foram pontuadas por um bocejo.

– Você está dormindo em pé.

– Não estou... – Jacks bocejou de novo, abrindo bem a boca e fechando completamente os olhos.

– Jacks!

Evangeline sacudiu o Arcano, para que acordasse.

Ele piscou para ela, com o olhar enevoado, como se estivesse bêbado.

O Príncipe de Copas perdera sua dureza. Estava todo molengo, com o cabelo dourado desgrenhado e os olhos azuis sonolentos. Poderia até ser engracado em outras circunstâncias – e agora era um pouco cômico. Evangeline imaginou a cena como uma manchete de tabloide: PRÍNCIPE DE COPAS MORTO DE SONO! DESPACHADO POR UM COCHILÓ! DESTRUÍDO PELA SONECA!

Mas aquela fadiga não parecia algo natural.

– Jacks, acho que há algo de errado com você.

– Isso não é nenhuma novidade. – Ele então deu um sorriso lento e indolente para Evangeline. – Eu só preciso... encontrar uma cama.

O Arcano se afastou de Evangeline e foi se arrastando até o túmulo mais próximo, como se pudesse fazer de cama.

– Ah, não... – Ela segurou o braço firme de Jacks e o puxou de volta para perto. Só não sabia por quanto tempo mais seria capaz de contrariá-lo. Se Jacks resolvesse mesmo se deitar, Evangeline não teria forças para pegá-lo no colo. – Você não pode dormir aqui, Jacks.

– Só por um tempinho, Raposinha. – Suas pálpebras pálidas se abriam e fechavam. – Deve ser apenas um efeito colateral do veneno – murmurou. – Todo poder obtido sem esforço sempre cobra seu preço...

O Príncipe de Copas cambaleou em direção ao chão.

Evangeline segurou Jacks pelos ombros para equilibrá-lo mais uma vez. Com ou sem efeito colateral, não podiam ficar ali.

– Precisamos chegar a um local seguro, lembra? Fale onde você está morando.

Em vez de responder, Jacks se desvencilhou dela e se escorou na árvore próxima, que estava coberta de cartazes com a imagem da jovem. Pareciam ter se multiplicado da noite para o dia, crescendo como uma praga de papel. Só que agora não diziam apenas que ela estava desaparecida.

**EVANGELINE RAPOSA**

# **PROCURADA**

**por ASSASSINATO**

A princesa Evangeline Raposa, antigamente conhecida como Queridinha Salvador da Valenda, é procurada pelo assassinato do marido, o príncipe herdeiro Apollo Titus Acadian. Acredita-se que ela é muito perigosa e possui habilidades mágicas. Se você avistar a princesa, não se aproxime dela. Entre em contato com a Ordem Real dos Soldados imediatamente.

Evangeline não sabia se tinha vontade de gritar, de chorar ou simplesmente de deixar Jacks se aninhar nela, como se fosse seu cobertor. Não bastava o fato de seus pais terem morrido, de seu primeiro amor ter sido enfeitiçado pela irmã postiça, de ter virado pedra, de ter perdido a loja de curiosidades do pai, de ter se casado com um príncipe que fora amaldiçoado e depois assassinado: agora estavam oficialmente pondo a culpa nela pelo assassinato de Apollo.

– Jacks, por favor, recomponha-se! Não estou mais desaparecida, estou sendo procurada por assassinato.

A jovem o sacudiu até que ele abrisse os olhos. Mas, se esperasse uma resposta coerente, teria ficado decepcionada. A única resposta do Arcano foi arrancar o cartaz e fechar os olhos novamente.

Não foi fácil tirar Jacks do cemitério. E foi ainda mais desafiador encontrar o local onde ele estava morando. Sempre que Evangeline perguntava sobre sua casa, Jacks só balançava a cabeça com seus cachos dourados e dizia:

– A de LaLa fica mais perto.

Infelizmente, de duas, uma: ou o aposento de LaLa havia mudado de lugar durante a noite, ou Evangeline estava nervosa demais para ter senso de direção. Ela subiu até os pináculos de novo, mas não conseguiu encontrar o aposento de LaLa em meio às muitas lojas e casinhas empilhadas. E o fato de Jacks não parar de se encostar nas portas e paredes mais próximas e resmungar algo a respeito de maçãs, enquanto subiam os degraus intermináveis, não ajudou em nada.

Ela se arriscou a comprar algumas frutas de um vendedor ambulante, mas depois de dar uma única mordida, Jacks jogou a maçã no chão e se dependurou em seu ombro.

O coração de Evangeline vibrou com esse contato, o que foi uma reação absolutamente errada.

Uma mulher carregando uma trouxa de roupa suja ficou olhando para os dois um pouco de tempo além do que seria considerado educado, e o pânico de Evangeline cresceu. Precisavam encontrar algum lugar para se esconder. Não podiam ficar andando a esmo daquele jeito. Alguém se daria conta de quem eles eram e chamaria os soldados reais.

O mundo acordava a cada segundo que passava. Lá embaixo, os gritos dos ambulantes, que vendiam jornais, mexilhões e tônicos do mar matutino, ecoavam pelas ruas movimentadas. Ela tentou abstrair de todo aquele ruído e se concentrar em encontrar um lugar seguro para se esconder. Mas continuava ouvindo o som de um sino, que batia, batia e batia alegremente, em uma sequência interminável de ruídos tilintantes, como se quisesse dizer: “Olhe para mim! Olhe para mim!”.

Evangeline, é claro, sabia que sinos não falam. Mas sua mãe havia dito que sinos têm um sexto sentido. Dissera para a garota sempre os polir, sempre ter cuidado com o que dissesse na frente deles e sempre dar ouvidos aos sinos que badalavam quando não deviam.

Ela vasculhou os pináculos até ver o alegre sino de ferro que balançava para a frente e para trás loucamente, em cima de uma porta preta fechada, com um cartaz que dizia “Vá embora”.

*Plim. Plim. Plim.*

O sino não parou enquanto Evangeline se afastava de Jacks rapidamente para alcançar a porta. Então bateu.

Ninguém respondeu.

O sino continuou badalando, com mais fúria.

Evangeline tentou a maçaneta.

Mas ela não se mexeu. A porta estava trancada, e parecia não haver ninguém lá dentro. Torcendo para que o sino estivesse fazendo um favor e mostrando um lugar para eles se esconderem, Evangeline pegou a adaga de Jacks e furou o próprio dedo.

– Por favor, abra.

A maçaneta girou, fazendo um clique suave.

Ela logo encontrou o Arcano encolhido na frente da porta mais próxima, segurando um tabloide contra o peito como se fosse um cobertor.

– Vamos logo. – Evangeline se abaixou e passou o braço por baixo do ombro dele. E, pela primeira vez, Jacks não resistiu nem tentou puxá-la para o chão.

A cabeça do Arcano se encostou nela, que o arrastou em direção à porta preta, encolhida debaixo do peso do corpo do Príncipe de Copas.

– Você tem tanta sorte de eu estar aqui – resmungou Evangeline.

– Isso não tem nada a ver com sorte – resmungou Jacks. – Eu queria que você estivesse aqui, Raposinha. Quem você acha que pediu para Veneno salvar sua vida e sugeriu à imperatriz que mandasse você para o Sarau?



E vangeline e Jacks foram cambaleando pelo corredor juntos. O recinto estava frio, e ela achou que tinha cheiro de maçã, mas poderia ser apenas o cheiro do Arcano.

Uma claraboia fornecia apenas a iluminação suficiente para Evangeline enxergar as paredes de estantes mal-ajambradas, interrompidas por uma lareira, uma escrivaninha gasta com pilhas e mais pilhas de papéis, um sofá de veludo âmbar-escuro e um par de poltronas que não combinavam entre si. Haviam entrado na biblioteca particular de alguém. Só torceu para que o dono não voltasse enquanto estavam escondidos ali.

Assim que a porta se fechou, o Príncipe de Copas se desvencilhou dela e caiu em cima do sofá, com a cabeça pousada em um dos braços de veludo, e as pernas compridas penduradas na outra extremidade.

– Jacks!

Evangeline tentou acordar o Arcano sacudindo-o, na esperança de que conseguisse fazê-lo responder pelo menos a mais uma pergunta antes que ele sucumbisse completamente ao sono. Se o Arcano estivesse mais desperto, jamais teria admitido que pediu a Veneno para curá-la ou que interferiu para atraí-la até o Norte. Não que estivesse completamente chocada: na primeira noite que passou em Valorfell, já comprehendeu que Jacks esperava por ela.

– Conte mais – pediu a jovem, suavizando o tom de voz. Talvez pudesse fazê-lo pensar que era apenas parte de um sonho. – Conte o que você quer do Arco da Valorosa.

Evangeline parou de sacudir os ombros de Jacks e tirou uma mecha de cabelo dourado que caíra na frente do rosto adormecido dele. Ficou imaginando por que o Arcano havia tingido o cabelo. Se quisesse passar

despercebido, o azul era uma péssima escolha: ousado e chamativo demais. Não que aquele dourado cintilante fosse fácil de ignorar. Mesmo sem os encantos de vampiro, aquele cabelo tentava a garota a ficar olhando, e a sensação em seus dedos, que ainda estavam descongelando, era de uma maciez incrível. Ela ficou passando os dedos e...

Jacks pôs a mão em cima da mão dela, uma mão gelada e firme, que cobriu todos os seus dedos.

– Péssima... ideia... – murmurou ele.

Evangeline puxou a mão. Não tinha a intenção de tocá-lo daquele jeito. O Príncipe de Copas não era uma coisa que se tocava a esmo. Não era sequer uma coisa da qual ela gostava. Entretanto, assim que pensou nisso, soube que não era verdade. Não mais. Evangeline não estava disposta a dizer que eram amigos. Mas, depois da noite anterior, não tinha mais a sensação de que eram inimigos.

Um inimigo não teria passado a noite com alguém para garantir que essa pessoa não se transformasse em vampiro. E um inimigo não a teria abraçado com tanta força nem lambido seu pescoço, como Jacks havia feito. Evangeline sabia que ele queria mordê-la, mas, quando ele passou a língua em seu pescoço, teve a impressão de que não era apenas por causa de uma mordida.

Não queria pensar muito a respeito – assim como não queria pensar na adaga de pedras preciosas que pegara da cripta e guardara na bainha presa à sua cintura. Estava feliz por não ter mais a sensação de que o Príncipe de Copas era seu inimigo, mas seria perigoso ir além e considerá-lo um amigo.

Evangeline se permitiu dar um pequeno sorriso ao sentir a capa de babados que ele havia colocado em seus ombros. E então se afastou do Arcano.

Um papel farfalhou debaixo de seu pé: o jornal que Jacks estava segurando.

A jovem pensara que o Príncipe de Copas havia se agarrado à folha impressa em preto e branco amassada como se fosse um cobertor de tão cansado que estava. Provavelmente, repetia a notícia de que Evangeline estava sendo procurada por assassinato. Mas foi só olhar para a manchete que ela mudou de ideia.

---

## O Boato Diário

### A NOIVA AMALDIÇOADA E O NOVO PRÍNCIPE HERDEIRO

*Por Kristof Knigtlenger*

**É** oficial: o novo príncipe herdeiro, Tiberius Peregrine Acadian, está noivo de Marisol Antoinette Tourmaline, também conhecida como a Noiva Amaldiçoada.

Sei que muitos de vocês terão dificuldade de acreditar, mas eu não teria publicado essas palavras sem ter a confirmação do próprio príncipe Tiberius. "Foi amor à primeira vista", disse ele. "No instante em que pousei os olhos em Marisol Tourmaline, tive certeza de que fomos feitos um para o outro."

Ouvi rumores que muitos membros da corte real estão contrariados com o fato de o príncipe Tiberius planejar se casar antes mesmo que o corpo de seu irmão seja enterrado. É claro que também há boatos de que o corpo do príncipe Apollo desapareceu, mas ninguém no Paço dos Lobos comenta sobre isso.

O casamento será realizado amanhã de manhã, e não posso deixar de me perguntar por que este evento está acontecendo tão depressa...

*(continua na página 6)*

---

Evangeline não tinha a página 6. Mas não precisava continuar lendo. Vinha tentando acreditar na inocência de Marisol. Não queria que a irmã postiça fosse uma assassina ou um monstro. Mas só conseguia pensar que Marisol havia usado outra poção do amor para enfeitiçar Tiberius.

E temia que essa não fosse a única coisa que sua irmã postiça havia feito.

Suspeitara de que Marisol fosse responsável pelo assassinato de Apollo, mas, até então, não tinha sido capaz de pensar em um motivo para sua irmã postiça querer matar o príncipe. Com Apollo morto, Tiberius era o príncipe herdeiro. Quando se casasse com Marisol, ele se tornaria rei, e ela, a rainha.

Teria sido mais fácil simplesmente enfeitiçar Apollo, mas talvez Marisol tivesse tentado, e o feitiço não funcionara porque ele já estava sob a influência

de Jacks. Ou será que Marisol simplesmente achou Tiberius mais atraente? Evangeline tinha dificuldade de compreender tudo aquilo a fundo.

Quando pensou em Marisol, lembrou o abraço que a irmã postiça dera nela antes do casamento, como se as duas fossem irmãs de verdade. Mas e se não tivesse sido um abraço de eu-te-amo? Talvez fosse um abraço desculpe-vou-te-matar.

Ainda era um tanto incompreensível pensar que Marisol havia tentado matá-la. Mas Evangeline tampouco imaginara que fora a irmã postiça quem havia enfeitiçado Luc, e ela fez isso.

Marisol também adquirira livros de magia do Norte tão perigosos que LaLa e Jacks agiram como se ela fosse uma vilã só por possuí-los. A garota bem que poderia ter sido a bruxa que fora à cripta de Caos para adquirir o óleo maléfico.

O motivo de Marisol fazer tudo aquilo era a única coisa que não parecia certa para Evangeline. Ela era capaz de compreender a irmã postiça lançando um feitiço de amor em alguém. Mas não conseguia imaginar Marisol matando diversas pessoas por causa de uma coroa. Isso não parecia algo que sua irmã postiça faria. Mas talvez Evangeline não soubesse ao certo que tipo de coisas Marisol faria.

Ela lembrou as terríveis palavras que ouvira Agnes dizer: “Olhe só para você. Para sua pele. Para seu cabelo. A sua coluna mais parece uma fita molhada, e essas suas olheiras são horrorosas. Um homem poderia até fechar os olhos para sua reputação de amaldiçoada se você fosse algo bom de olhar, mas mal posso suportar a visão...”.

Evangeline acreditava no amor, em contos de fadas e em finais felizes porque fora isso que seus pais a ensinaram. Mas Agnes dissera para Marisol que ela não era atraente nem desejada. Seria por isso que a garota fizera tudo aquilo?

De qualquer modo, era tudo tão feio...

– Acorde, Jacks!

Evangeline pôs a mão no peito do Arcano. Torcendo para que, quando encostasse nele, Jacks acordaria. Mas o Príncipe de Copas estava dormindo tão profundamente que ela bem poderia ter suspeitado que estava morto, se não fosse pelo subir e descer de seu peito e a batida constante de seu coração.

*Seu coração.*

Seu coração estava batendo de verdade. Podia até ser uma batida um pouco mais lenta do que a de um coração humano, mas ela não ficou com a mão ali para descobrir. Gostaria que o Arcano a ajudasse, mas, se Jacks não acordasse logo, ela não poderia desperdiçar tempo esperando.

Evangeline não precisava apenas provar sua inocência nem queria apenas salvar Tiberius da pessoa que poderia ter assassinado o irmão dele. A jovem era fisicamente incapaz de ficar apenas sentada ali, esperando naquela biblioteca perdida. Precisava saber se tinha razão a respeito de Marisol.

E sabia exatamente como fazer isso. Havia uma maneira de provar que sua irmã postiça era inocente ou culpada. Evangeline precisava encontrar a cura para um feitiço do amor. Se funcionasse em Tiberius, revelaria a culpa de Marisol. Ou sua inocência, se a cura não surtisse efeito.

Mas teria que descobrir e administrar a cura rápido: antes do casamento, que ocorreria na manhã seguinte.

De acordo com Luc, o veneno de vampiro era capaz de quebrar um feitiço de amor. Mas Evangeline não queria arriscar outra visita a Caos, nem contaminar Tiberius com veneno de vampiro, que poderia causar mais mal do que bem.

Tinha que encontrar outra maneira.

Depois de acender a lareira, Evangeline se aproximou das prateleiras de livros. Seria coincidência demais encontrar um livro de feitiços com a receita de antídoto para poção do amor, mas pelo menos já era um começo.

Altas e gastas, as estantes cobriam quase três quartos das paredes da biblioteca, e seu dono não ligava muito para organização.

Por exemplo: na primeira parede de prateleiras, a que ficava mais próxima da porta de entrada, Evangeline encontrou diversos livros sobre viagens no tempo, mas não estavam agrupados. Estavam distribuídos aleatoriamente, ao lado de volumes sobre assuntos como a cor azul, como escrever poemas e o volume “E” de uma enciclopédia.

Depois de determinar que naquela parte não havia nenhum livro de feitiços – nem livros de culinária disfarçados de livros de feitiços –, Evangeline passou para a próxima prateleira. Estava prestes a procurar nela, quando notou a escrivaninha que havia no canto – ou, sendo mais específica, o toque de cor dado pelas garrafas das Sensacionais Águas Saborizadas Sucesso que estavam

em cima da mesa. Eram de quatro sabores – sorte, curiosidade, raios de sol e gratidão – e estavam amarradas com um laço roxo elaborado, que destoava do restante do recinto.

Não devia ter mexido nas garrafas: óbvio que eram um presente. Mas foi só olhar para suas cores vivas que ela não pôde deixar de pegar uma garrafa de curiosidade azul-cerúleo.

Sua garganta ficou seca de repente, porque ela tentou se lembrar da última vez que bebera algo. Jamais provara as Sensacionais Águas Saborizadas Sucesso, mas vira as garrafas em diversas ocasiões. E, como estava escrito no rótulo, Evangeline ficou curiosa.

O líquido borbulhou em sua língua. Tinha gosto de algodão e... alfinetes de segurança? Estava longe de ter um sabor sensacional, mas, apesar disso, ela tomou toda a garrafa.

Planejara pôr a garrafa de volta no lugar e voltar à sua tarefa, mas ainda estava com sede. Pegou a garrafa reluzente de sorte, imaginando se o gosto seria melhor. O líquido tinha um tom sensacional de verde, mas tinha gosto de grama e aipo velho.

Como aquelas bebidas podiam ser tão populares?

A menos que não fosse o sabor que, de fato, atraía as pessoas para aquelas águas... Evangeline examinou a garrafa verde cintilante que tinha nas mãos. Talvez as águas inspirassem uma espécie de compulsão de sede. Apesar de se esforçar muito para soltá-la, não pôde deixar de beber a garrafa de sorte até o fim.

Quando terminou, ficou tentada a pegar mais uma. E poderia ter feito isso se não tivesse reparado na pilha de missivas que estava ao lado das encantadoras garrafas.

Evangeline não tinha o hábito de ler a correspondência dos outros. Mas estava zonza pelo cansaço físico e sentia uma estranha agitação por causa das águas que havia bebido, quando notou algo conhecido na carta dobrada de cima da pilha.

A missiva fora escrita com a sua letra e era endereçada a Lorde Jacks. Era a carta que escrevera para ele na semana anterior.

A jovem examinou mais algumas cartas. *Todas* haviam sido escritas para Jacks. Não era para menos que o sino badalara tão loucamente: aquele lugar

pertencia ao Arcano.



E vangeline sabia que Jacks não ficaria feliz por ela ter lido sua correspondência, mas o Arcano estava dormindo, e ela não conseguia parar. Era como beber das garrafas de água saborizada, com a diferença de que a única magia que operava era sua curiosidade a respeito do Príncipe de Copas.

As cartas, infelizmente, não deram nenhuma indicação do que Jacks poderia querer do Arco da Valorosa, mas confirmaram que aquele era o escritório do Arcano. A maioria dos correspondentes pedia favores ou reuniões. Muitas pessoas pareciam afoitas demais para ficar em dúvida com ele, tanto quanto Evangeline ficara um dia.

Ela nunca havia pensado especificamente em Jacks como alguém que *trabalhava*. Seu escritório tampouco dava essa impressão, com suas estantes de livros desorganizadas e poltronas que não combinavam. Mas, depois de passar um tempo com o Arcano, Evangeline sabia que o Príncipe de Copas não era tão imprudente ou indiferente quanto tentava convencer as pessoas de que era. Era um colecionador calculista. A jovem já o vira cobrar favores de dois Arcanos diferentes – Caos e Veneno –, e as cartas em sua escrivaninha continham promessas de ainda mais. Teria sido fácil desviar de sua busca pelo livro com a receita de uma cura para poção do amor e ficar vendo o tipo de coisas que Jacks tomava das pessoas. E Evangeline teria parado alguns instantes para mexer um pouco mais na mesa dele – o Príncipe de Copas, sem dúvida, não teria escrúpulos de olhar nas coisas dela. Mas só encontrou algumas moedas feias, uma fita de seda azul, alguns tabloides recentes falando do casamento dela, e, é claro, maçãs. Então voltou para as prateleiras à caça de um volume que contivesse a receita de antídoto para feitiços do amor.

A maioria dos livros de Jacks estava empilhada de qualquer jeito e ficava ao lado de outros volumes sem nenhum motivo aparente, com exceção de uma pequena coleção do último livro que Evangeline esperaria encontrar ali: *A balada do Arqueiro e da Raposa*.

Ela sentiu um calor por dentro ao ver tantos exemplares de seu livro de histórias preferido.

Jacks possuía sete exemplares, que iam de velhos a muito velhos. Posicionados com mais precisão do que qualquer outra coisa na alcova do Arcano, estavam lado a lado no topo da estante, o tipo de lugar onde alguém guardaria livros para ninguém mais tocar.

*Por que isso tudo?*

Evangeline desejou que Jacks estivesse acordado para que ela pudesse perguntar, mas ele não mudara de posição no sofá: continuava com os braços e as pernas esparramados, sem o menor cuidado, o que o fazia parecer intratável mesmo dormindo.

Ela pegou o primeiro exemplar – mesmo sabendo que estava se desviando de seu objetivo. Mas só queria olhar a última página e ver que tipo de final a história tinha. Queria saber se tinha um final feliz, se o arqueiro beijava a garota-raposa ou se a matava. E, talvez, ver todos aqueles livros poderia ser um sinal. Evangeline estava começando a pensar que, às vezes, imaginava que coisas eram sinais quando não eram. Mas isso não queria dizer que não eram sinais reais.

Ela abriu o primeiro livro, mas as páginas finais haviam sido arrancadas. E, infelizmente, não teve mais sorte com nenhum dos outros volumes. Cada exemplar resistia a ela. Um dos livros caía de suas mãos toda vez que tentava abri-lo. Outro tinha apenas páginas em branco no final.

Por fim, pegou o sétimo exemplar. Seus dedos formigaram quando levantou a capa.

Esta abriu com facilidade, e era o perfeito exemplo de alguém encontrando o que precisava, e não o que queria.

Estava escrito *A balada do Arqueiro e da Raposa* na lombada. Mas, quando Evangeline abriu o livro, estava escrito na folha de rosto: *Receitas do antigo Norte: traduzidas pela primeira vez em quinhentos anos*.

Era o mesmo título do livro de feitiços ilícito que Marisol possuía.

O índice listava apenas receitas. E as primeiras eram todas feitas com ingredientes inócuos, como nabos, batatas e aipo. Mas, cerca de dez páginas depois, as receitas davam lugar a feitiços, poções e magias, e algumas delas pareciam mesmo horríveis, como LaLa e Jacks haviam dito.

Evangeline virou furiosamente as páginas, pulando os feitiços para invocar o fogo do inferno e drenar a alma de alguém, até encontrar uma seção sobre amor.

“Para encontrar um amor”

“Para terminar um amor”

“Para transformar alguém em seu único e verdadeiro amor”

Os primeiros dois feitiços não ajudaram muito, mas o terceiro dava a impressão de que poderia ser útil.

---

*Para transformar alguém em  
seu único e verdadeiro amor*

---

**Alerta:** Feitiços e poções do amor estão entre os mais instáveis e imprevisíveis. Se resolver ir em frente, por favor, leia com atenção todos os cuidados abaixo.

**Você vai precisar de:**

Uma ampola de óleo maléfico\*

Fios de cabelo, lágrimas, suor ou sangue: o seu próprio e da pessoa que você mais deseja†

Uma vela tingida da cor do amor que você deseja‡

Uma colherada de rosa açucarada

Uma pitada de cardamomo

Pó de raiz de íris florentina para polvilhar

Tigela de puro vidro

\* Substituí-lo por outros óleos não é recomendado. Apesar de ser difícil de obter, o óleo maléfico é a melhor maneira de garantir que sua poção do amor surtirá efeito apenas na pessoa que você mais deseja. Tenha muito cuidado, contudo. Em sua forma crua, o óleo maléfico é extremamente tóxico.

<sup>†</sup> Fio de cabelo é o mais fácil de obter e, portanto, surtirá os efeitos mais leves. Para um resultado mais potente, recomenda-se sangue. Contudo, quando se trata de feitiços que envolvem amor, este livro recomenda o uso de ingredientes mais leves. Poções de amor extremamente potentes podem resultar em emoções perigosas e altamente instáveis.

<sup>\*</sup>O mais puro dos vermelhos resultará em um sentimento próximo do amor. Rosa produzirá algo mais próximo de uma terna afeição. Roxo-escuro resultará em obsessão, o que não é recomendado.

Combine todos os ingredientes em uma tigela posicionada em cima da vela acesa. Diga o nome do objeto de seu desejo sete vezes, e então deixe a chama arder a noite toda.

**Modo de usar:** Depois de preparar a solução, espalhe a mistura com os dedos na pele do objeto de seu desejo. Só é necessária uma pitada.

**Cuidado!** Todo feitiço tem seu preço. A intensidade do amor vai determinar a intensidade do preço, que pode variar de chuva no dia de seu casamento a um final feliz profundamente questionável.

**Para desfazer o feitiço:** Feitiços e poções de amor raramente são revertidos por conta própria, apesar de as pessoas que fazem os mais poderosos frequentemente acabarem se arrependendo de suas atitudes. Se você deseja desfazer um feitiço de amor, este livro recomenda o Soro das Verdades (*receita na página 186*).

Sem perder tempo, pulou para a página 186. A poção do amor não apenas mencionava o óleo maléfico, mas também dizia que um dos efeitos colaterais era estragar o dia do casamento. Mais evidências da culpa de Marisol.

Evangeline até podia ser culpada pelo fracasso do primeiro casamento da irmã postiça, mas Jacks jurara diversas vezes que o ataque de lobo que impedira a segunda tentativa não fora obra sua, e ela estava finalmente inclinada a

acreditar no Arcano. O ataque que Luc sofrera devia ser o preço que Marisol precisava pagar pelo feitiço do amor.

Evangeline olhou novamente para Jacks, que estava esparramado no sofá dormindo, todo negligente, e imaginou se também não estivera enganada a respeito de outras coisas.

Mas teria tempo para perguntar isso depois. Naquele exato momento, a única coisa que precisava fazer era preparar a cura mencionada no livro.

### *Soro das Verdades*

A verdade, não raro, é amarga, especialmente quando a pessoa tem experimentado mentiras de sabor mais agradável. Para remediar, você precisará apagar o doce sabor da falsidade.

**Ingredientes recomendados:**

Ossos esmagados de mortos ou pele de dragão tostada  
Uma pitada generosa de terra  
Um punhado de água pura  
Sete gotas de sangue de uma veia mágica

Misture todos os ingredientes sob fogo feito com gravetos jovens, para obter melhores resultados.

**Cuidado!** Todo feitiço cobra seu preço. Com frequência, são reveladas mais verdades do que as pessoas gostariam. Outros efeitos do Soro das Verdades costumam ser temporários e podem incluir fadiga, tomada de decisão e julgamento prejudicados, tontura, incapacidade de contar mentiras e compulsão de revelar quaisquer verdades implícitas.



Já era quase noite quando a poção ficou pronta. O Príncipe de Copas ainda estava esparramado no sofá, como se não dormisse havia anos.

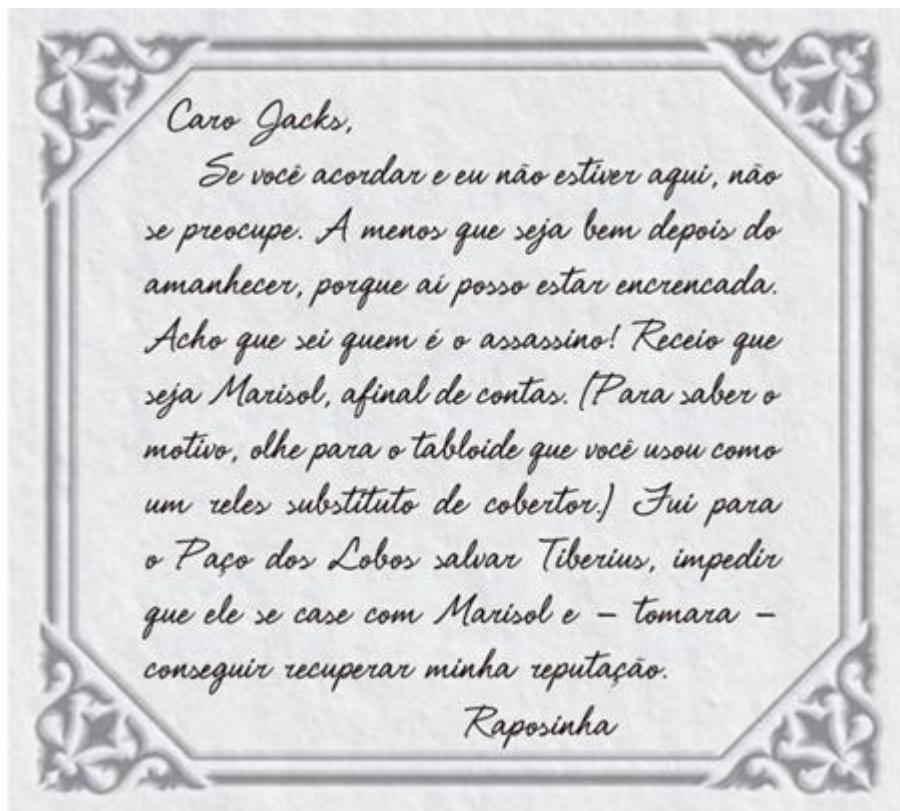
– Jacks...

Evangeline sacudiu de leve o ombro dele. Mas, quando o Arcano mexeu a cabeça de cachos dourados, apenas se afundou ainda mais na almofada. Sacudiu-o mais uma vez. Achava que Jacks, àquela altura, já teria acordado. Mas talvez ele precisasse mesmo descansar – Evangeline achava que o Príncipe de Copas não havia dormido nada na noite em que ela fora envenenada, ou seja, deveria estar exausto antes mesmo de passarem a noite em claro no mausoléu.

E talvez fosse melhor que o Arcano descansasse. Evangeline duvidava que ele se empolgaria muito com seu plano.

Já sabia que Jacks não queria que ela voltasse ao Paço dos Lobos e, provavelmente, ele não confiaria em sua poção. Mas estava muito orgulhosa de seu trabalho. Para conseguir a terra, raspara a sujeira das próprias botas. Para conseguir a água, pegara neve do lado de fora e deixara derreter. Conseguir os ossos esmigalhados dos mortos foi mais difícil. Não encontrara nenhum esqueleto no escritório de Jacks, mas descobriu uma aranha morta. Para conseguir o sangue, chegara a pensar em pegar algumas gotas emprestadas do Arcano, já que, obviamente, o Príncipe de Copas era mais mágico do que ela. Mas Jacks estava tão longe de ser honesto que Evangeline ponderou se o sangue mágico do Arcano não traria mais mal do que bem. Resolveu que teria que se contentar com o próprio sangue. Que funcionava bem para abrir fechaduras. Com sorte, ajudaria a desfazer feitiços.

Depois disso, derramou a poção em uma das garrafas de Sensacionais Águas Saborizadas Sucesso que restavam, torcendo para que Tiberius achasse a bebida tão tentadora quanto ela havia achado. Depois embrulhou a garrafa com papel.



Agora, só precisava escrever um bilhete para Jacks.

Evangeline não sabia por que assinara o bilhete daquele jeito. Sentiu-se um pouco tola assim que terminou de escrever. Mas não queria perder tempo reescrevendo.

Talvez, se tivesse muita sorte, Jacks jamais veria o bilhete. Se tudo desse certo, entraria e sairia do Paço dos Lobos antes de o Arcano acordar. Ela quase riu ao pensar em *tudo* dando certo. Mas havia uma chance de que isso acontecesse.

Seu plano era simples.

Ela entraria no Paço dos Lobos pelas mesmas passagens secretas que tinha usado para sair e encontrar Jacks sem que ninguém percebesse. Em seguida,

deixaria o antídoto para a poção do amor que fizera nos aposentos de Tiberius, onde o príncipe certamente a encontraria e, com sorte, seria compelido a beber.

Se o antídoto funcionasse, Tiberius estaria curado, e o jogo duplo de Marisol seria revelado, assim como acontecera com Luc.

Se o antídoto não funcionasse, provaria que Marisol era inocente, mas o assassino continuaria à solta.

E, se Evangeline fosse pega deixando o antídoto ali, o assassino jamais seria encontrado – porque ela levaria a culpa pelo assassinato.



**E**vangeline não estava com medo. Estava apavorada. Um suspiro trêmulo formado por lufadas de ar branco escapou de seus lábios quando chegou aos arredores do Paço dos Lobos e observou as pedras brancas como a neve e os pináculos das torres pontudas do castelo. Por um instante gelado, não conseguiu se mexer. Seu corpo inteiro se retesou ao se lembrar de Apollo. De como o príncipe havia escalado aquelas paredes para entrar no quarto dela e, depois, passara a noite inteira a abraçando. A jovem ainda conseguia enxergar o sorriso largo do marido no dia do casamento, e a expressão de coração partido na noite em que morreu.

Com outra lufada de ar branco, obrigou as próprias pernas a seguirem em frente.

*Pise.*

*Respire.*

*Abaixe-se.*

*Corra até a porta escondida.*

*Fure o dedo.*

*Abra a porta.*

*Entre na passagem.*

Ela tentou dar um passo por vez e não pensar que os corredores do Paço dos Lobos pareciam mais largos e iluminados do que se lembrava e que qualquer pessoa que aparecesse com certeza a avistaria imediatamente, correndo feito um rato assustado. Felizmente, a maioria dos habitantes do Paço dos Lobos estava ocupada com a ceia naquele momento, e ela só precisava que continuasse assim por mais um tempinho.

Estava quase chegando aos seus antigos aposentos, ao lado do quarto que fora de Tiberius, e torceu, desesperada, para que o príncipe ainda estivesse usando a mesma suíte.

As mãos de Evangeline ficaram úmidas de suor, o que tornou difícil tirar uma das luvas para deixar os dedos livres, quando chegou à porta que precisava abrir.

*Mais uma gota de sangue.*

*Mais uma fechadura aberta.*

Mais uma pequena onda de vitória quando entrou no quarto às escuras. A lareira estava apagada, as velas também, mas ela detectou vestígios de fumaça, almíscar e sabão, confirmado que alguém estava usando aqueles aposentos.

Seus olhos se acostumaram à penumbra, permitindo que Evangeline enxergasse os contornos da cama. A jovem esperava encontrar um criado-mudo ao lado dela, algo que Tiberius veria com certeza antes de se deitar. Mas não havia uma mesinha ao lado da cama.

Evangeline teria que se contentar com a mesa de centro da saleta, onde havia uma fileira de garrafas de bebida alcoólica, ou com a penteadeira. Se fosse Apollo, teria escolhido a penteadeira. Mas, para Tiberius, a mesa onde ele guardava suas bebidas pareceu uma opção melhor.

Suas mãos tremiam quando desembrulhou a garrafa de curiosidade. Colocou-a rapidamente em cima da mesa e saiu correndo do quarto antes que ficasse tentada a beber.

Tudo levou menos de um minuto. Estava apavorada e foi rápida, mas não rápida o suficiente. Ouviu passos assim que chegou ao corredor iluminado demais.

E foi aí que a viu: Marisol.

Evangeline sentia um medo quase infantil, como se estivesse vendo um monstro, e não apenas outra garota de sua idade.

Marisol olhava para alguma coisa em suas mãos e virou em um canto do corredor. Seu rosto ficou com um corado bonito, e as tranças enfeitadas com fitas que prendiam seu cabelo castanho-claro reluziram sob a luz das tochas. Seu vestido era da cor dos fios de ouro. A sobressaia tinha uma cauda nada prática, e o corpete tinha fitas douradas cruzadas, combinando com as das

tranças e os braceletes largos que enfeitavam seus braços, formando um intrincado padrão de treliça. Ela já parecia uma princesa.

*Corra.*

*Vá embora.*

*Saia.*

Uma centena de variações do mesmo pensamento passou pela cabeça de Evangeline. Se corresse, poderia chegar antes de Marisol. O encantador vestido da irmã postiça, com sua cauda de princesa, não fora feito para correr.

Mas ela não se movimentou rápido o bastante. E, na fração de segundo em que ficou indecisa, no momento em que olhou para Marisol, absorvendo sua felicidade em vez de fugir, sua irmã postiça ergueu os olhos e perguntou:

– Evangeline?

Antes, o corredor parecera comprido, mas obviamente não era. Em um piscar de olhos, Marisol estava ali, abraçando Evangeline, como se fossem unidas por laços de sangue, e não de traição. Ela não deu indicação de que havia percebido que Evangeline ficou dura, com todos os músculos tensos, incluindo os punhos cerrados.

– Estou tão aliviada por você estar bem – Marisol disse de imediato. – Estava terrivelmente preocupada: mas não podemos conversar aqui.

Marisol soltou Evangeline e abriu a porta dos antigos aposentos da irmã postiça.

– Rápido! Meus guardas estão logo ali.

Marisol sacudiu um braço magro freneticamente, e uma única mecha de cabelo se soltou de seu penteado. Se estava fingindo, sua atuação foi impecável.

– Ande logo, Evangeline. Se os guardas pegarem você, nem eu serei capaz de ajudá-la. Tiberius está convencido de que você matou o irmão dele.

O som de botas pisando no chão retumbava, cada vez mais perto. Se os guardas encontrassem Evangeline vestida como uma assassina estilosa, fazendo cara feia para a futura rainha à porta do quarto do príncipe, não apenas a prenderiam, mas também poderiam suspeitar de que havia feito algo nefasto. Se fossem espertos, revistariam o quarto de Tiberius e encontrariam a garrafa com o antídoto. E existia a possibilidade de ficarem compelidos a bebê-lo, arruinando os planos da garota.

Evangeline sabia que não podia confiar em Marisol, mas não tinha escolha a não ser entrar na suíte com a irmã postiça. O local estava aquecido por uma lareira, que parecia ter sido acesa recentemente.

O quarto estava exatamente como Evangeline lembrava, com papel de parede pintado à mão, uma lareira de cristal e uma enorme cama de princesa. A única diferença era o aroma de baunilha e chantili, denunciando que, agora, aquele era o quarto de Marisol.

Pelo menos, sua irmã postiça dava a impressão de estar um pouco envergonhada.

– Tiberius queria que eu ficasse perto dele: seus aposentos são logo aqui do lado. – Marisol ficou mordiscando o lábio inferior e completou: – Precisamos tirar você daqui antes que ele volte. Posso te emprestar um dos meus vestidos. Vai ficar um pouco pequeno, mas você terá mais chances de passar despercebida.

Marisol apertou os lábios ao olhar para as botas de couro da irmã postiça, para a saia curta em camadas e para o corpete de renda estouindo-encontrar-um-vampiro. Evangeline poderia jurar que viu um sinal de inveja, como se de repente Marisol quisesse ser uma fugitiva, e não mais uma princesa. Era o tipo de olhar que Evangeline não teria reparado até então. Algo que surgia e logo era escondido, antes que fosse notado, como se nem a própria Marisol quisesse reconhecê-lo. Mas Evangeline não pôde ignorá-lo.

Ela se enganara ao pensar que poderia, simplesmente, deixar a cura para Tiberius ali e ficar esperando a distância, até saber se tinha ou não funcionado. Essa resposta não bastaria. Precisava saber por que Marisol havia feito tudo aquilo.

– Por que você está me ajudando?

Uma ruga minúscula se formou entre as sobrancelhas finas de Marisol, mas Evangeline jurou que ela empalideceu.

– Você acha que eu seria capaz de te trair?

– Acho que você já me traiu. Eu finalmente descobri que seus livros de receita eram, na verdade, livros de feitiço.

– Não é o que você está pensando – interrompeu Marisol.

– Pare de mentir para mim. – Evangeline precisou de todas as suas forças para continuar falando baixo, de modo que os guardas do lado de fora não

ouvissem. – Eu vi seus livros de feitiço. Sei que você deu uma poção do amor para Tiberius igualzinha à que você deu a Luc.

Marisol ficou boquiaberta, seus ombros caíram, e ela foi cambaleando para trás, até bater as costas em uma coluna da cama, tremendo como uma fita ao vento, completamente abalada por aquela única acusação.



**E**vangeline teve a sensação de que essa era a confirmação de que precisava, e, ainda assim, não se sentiu triunfante ao ver a irmã postiça ficar sem palavras.

Marisol abriu a boca e soltou um soluço. Como se chorasse, mas sem lágrimas.

Mas Evangeline sabia que não podia se deixar enganar novamente, só porque Marisol estava com cara de cordeirinho que levou um chute.

– Eu... eu peço desculpas por ter enfeitiçado Luc. Mas, juro, eu... eu não enfeiticei Tiberius. – Neste momento, um vestígio de mágoa passou pelos traços frágeis da garota. – Eu aprendi a lição, depois do que aconteceu com Luc e de todos os apelidos maldosos que as pessoas me deram, apesar de achar que realmente mereci. Mas você precisa acreditar em mim, Evangeline. Nunca quis te fazer mal.

– Você roubou o rapaz que eu amava, depois tentou me incriminar por assassinato. Como isso não me faria mal?

– Eu não a incriminei pelo assassinato! Como você é capaz de pensar isso? Há poucos segundos eu estava tentando te esconder. Ainda estou te escondendo: se quisesse que te prendessem pelo assassinato, eu só teria que gritar para os soldados que estão do outro lado da porta. Mas não estou fazendo isso nem farei.

Marisol fechou a boca, e Evangeline jamais vira a irmã postiça com uma expressão tão determinada.

Mas só porque Marisol não era completamente sem coração não queria dizer que era inocente. A garota havia admitido que tinha enfeitiçado Luc. Evangeline não poderia se deixar levar pela chantagem e sentir compaixão pela

irmã postiça só porque ela estava soluçando e fazendo olhos de súplica ou falando com a voz embargada.

– Sei que você não confia em mim, e não te condeno, depois do que fiz com Luc, mas eu realmente não quis te fazer mal.

– Então por que você fez isso? Por que você escolheu justo ele, se não queria me fazer mal?

O fogo da lareira crepitou, preenchendo o quarto com uma nova onda de calor, e Marisol expirou, soluçando.

– Eu nunca havia feito um feitiço e achei que nem iria funcionar. Mas acho que estava com inveja – admitiu. – Você tinha tanta liberdade e tanta autoconfiança, tanta certeza de quem era e do que acreditava. E nem tentava se encaixar no modelo que minha mãe sempre me disse para seguir: continuou com o cabelo dessa cor estranha e falava de contos de fadas como se fossem reais e como se todo mundo também acreditasse neles. Deveria ser uma pária, mas as pessoas amavam você e sua lojinha esquisita. E, apesar de seu pai já ter falecido, tinha tanto orgulho de você... Eu só tinha uma mãe que queria que eu me sentasse bem reta e fosse bonita. Mas eu nunca era suficientemente bonita, porque não conseguia chamar a atenção de nenhum pretendente, e minha mãe não parava de me lembrar disso, dia após dia após dia.

Marisol secou algumas lágrimas perdidas. Estava tão linda no corredor, mas agora parecia arrasada. Abraçava o próprio peito, se encolhendo cada vez mais, e seu corpo estremecia de tanto que chorava. Evangeline não pôde deixar de sentir certa compaixão.

Doeu ouvir as palavras da irmã postiça – ninguém gosta de ser chamado de “pária” nem de ouvir que o cabelo era “estranho” –, e as atitudes de Marisol foram mesmo terríveis. Mas a mãe da garota era horrível e havia incutido ideias venenosas na filha a vida inteira.

– Um dia, não aguentei mais e resolvi que tentaria ser um pouco mais parecida com você. Pesquisei sobre... *magia* – Marisol disse isso sussurrando, como se o assunto ainda a deixasse tensa. – Um dos livros de receitas que você me deu de presente era, na verdade, um livro de feitiços. E acho que escolhi Luc porque ele era muito bom para você. Eu sabia que você saía escondido para vê-lo. Um dia, fui atrás de você, vi o jeito como Luc te olhava e quis ter

isso. Eu queria alguém bondoso e alguém que pudesse impressionar minha mãe. Mas eu não achava que iria funcionar nem que seria tão potente.

– Então por que você não desfez o feitiço? – perguntou Evangeline.

– Eu queria, mas o livro que eu tinha dizia que os únicos métodos de desfazer o feitiço eram com veneno de vampiro ou matando a pessoa. Minhas únicas alternativas eram me casar com ele ou deixá-lo infeliz.

Evangeline sentiu a primeira pontada de culpa, e ficou um pouco mais difícil continuar brava com Marisol. Não tinha certeza de que a irmã postiça estava sendo completamente sincera, mas não podia discutir com aqueles argumentos nem julgá-la por essa parte da história, porque havia feito algo muito parecido com Apollo.

– Um amor de feitiço não é igual ao amor normal – explicou Marisol. – No começo, foi empolgante, mas isso logo passou. E então tudo deu errado. Menti quando disse que Luc não estava respondendo às minhas cartas. Fui eu que tentei terminar, depois que o segundo casamento deu errado. Fiquei petrificada pensando no que poderia acontecer se tentássemos nos casar de novo e, desde então, estou arrasada. Quando viemos para cá, e você me contou todas as histórias esquisitas que sua mãe te contava, resolvi encontrar outro livro de feitiços que tivesse uma cura para Luc, caso um dia ele voltasse para Valenda. É por isso que alguém me viu procurando livros de feitiço. Não foi porque eu queria fazer mal, era porque queria consertar tudo. Eu me senti tão péssima, Evangeline. Você virou pedra para salvar a minha vida, e depois me trouxe para cá para que eu pudesse recomeçar minha vida. E, todo esse tempo, andei por aí sabendo que não merecia sua bondade. Sinto muito. Eu me senti tão culpada e tão envergonhada... Faz tanto tempo que eu queria contar para você. Mas morria de medo de que me odiasse.

– Eu não odeio você – declarou Evangeline. Sua irmã postiça havia errado, mas estava começando a acreditar que cometer assassinato não estava entre esses erros.

E, em relação ao feitiço de amor que ela havia feito em Luc, Evangeline não podia culpá-la completamente. No mínimo, ela se identificava com Marisol.

Evangeline estava convivendo com a mesma culpa e o mesmo medo, por causa dos segredos que vinha guardando. Se ao menos não tivesse tanto medo de ser sincera, as duas poderiam ter sido poupadadas de parte daquela dor.

– E eu não te culparia se você realmente me odiasse. Juro que não matei Apollo, nem enfeitei Tiberius nem tentei incriminar você pelo assassinato. Mas sei que fiz coisas imperdoáveis. Mereço ser a Noiva Amaldiçoada.

– Você não é a Noiva Amaldiçoada – disse Evangeline baixinho.

– Você não precisa continuar dizendo isso. O feitiço que usei me alertou que haveria consequências. É por isso que os Arcanos atacaram meu casamento e é por isso que um lobo atacou Luc. Sei que eu não deveria estar noiva de Tiberius – murmurou Marisol. – Tenho medo de que algo terrível aconteça com ele também. Mas também torço para já ter sofrido o suficiente.

A garota fechou os olhos, e uma lágrima caiu assim que ela tremeu. A coluna da cama em que estava encostada parecia ser a única coisa que a mantinha de pé. Evangeline imaginou que se ela puxasse uma das fitas que prendiam o cabelo de Marisol, sua irmã postiça se desenrolaria feito um novelo de lã.

Ela até poderia ter desejado isso antes, mas agora preferia ajudar a irmã postiça a se recompor. Então, deu um abraço nela. Marisol cometera erros, mas não fora a única.

– Eu te perdoo.

Marisol encarou Evangeline, com os olhos arregalados, em choque, e perguntou:

– Como você pode me perdoar?

– Eu também tive atitudes questionáveis.

Evangeline apertou a irmã postiça uma última vez e a soltou. Agora era sua vez de ficar nervosa. Mas Marisol merecia saber a verdade. Não era justo deixá-la carregar toda a culpa ou permitir que acreditasse que Evangeline era completamente inocente. Ela não sabia se algum dia seriam irmãs de verdade, mas jamais curariam todas as suas feridas se alguma das duas ainda estivesse infectada de mentiras.

– Você não é a única que estava com inveja – confessou. – Eu estava tão chateada e magoada por você se casar com Luc, que rezei para o Príncipe de Copas impedir seu casamento.

– Você o quê? – Marisol ficou mais ereta e endireitou os ombros.

– Não pensei que ele transformaria você em pedra...

– O que você achou que iria acontecer? – disparou Marisol.

As palavras atingiram Evangeline como um tapa, deixando-a perplexa.

– Você é egoísta, como minha mãe sempre disse. Você estragou meu casamento para poder se tornar uma heroína, e eu me tornar a Noiva Amaldiçoada.

– Não era isso que eu...

– Você permitiu que eu acreditasse que era amaldiçoada! – gritou Marisol. Só que, desta vez, não derramou nenhuma lágrima. Seus olhos eram duas poças de raiva.

Evangeline achava que Marisol entenderia e que depois, talvez, as duas dariam risada de tudo aquilo. Mas era óbvio que tinha errado muito em seu julgamento.

– Marisol... – falou Evangeline, com um tom alarmado. Se a irmã postiça continuasse erguendo a voz, os soldados do outro lado da porta com certeza ouviriam. – Por favor, acalme-se...

– Não fale para eu me acalmar – berrou Marisol. – Eu me senti tão culpada e, todo esse tempo, você tinha feito algo tão ruim quanto, pior até. Você fez um trato com um Arcano para me amaldiçoar.

– Não foi isso que eu...

– Guardas! Ela está aqui! Evangeline Raposa está em meus aposentos.

E vangeline achava que Marisol a havia traído, mas não tinha. Não de verdade. Enfeitiçar Luc não fora uma traição. Não existia traição possível. As duas haviam morado na mesma casa, mas não eram de fato irmãs. Nunca compartilharam segredos, nunca compartilharam desilusões amorosas e jamais haviam sido tão sinceras uma com a outra quanto naquela noite. Só que Evangeline não deveria ter sido tão sincera.

– Não faça isso, Marisol – suplicou.

A única resposta que a irmã postiça deu foi se sentar no chão e abraçar os próprios joelhos, adotando uma postura que a fazia parecer pequena e vulnerável, quando a porta de sua suíte se escancarou.

Evangeline procurou uma saída, frenética, mas só havia a sacada. Ela não sobreviveria se pulasse, e não havia tempo para isso. Dois guardas, seguidos rapidamente por outra dupla, entraram correndo no quarto, brandindo as espadas ruidosamente e apontando para a jovem.

– Ela acabou de confessar que assassinou o príncipe Apollo – mentiu Marisol.

– Isso não é verdade! Eu...

Evangeline foi interrompida pelos diversos soldados, que a seguraram, prenderam e impediram que falasse.

– Meu coração! Meu coração! Você está bem? – Tiberius entrou de supetão pelas portas abertas. Falava como o irmão quando estava enfeitiçado e abraçou a noiva de imediato.

Evangeline se sentiu completamente burra, mais uma vez, por ter acreditado que sua irmã postiça não o havia enfeitiçado. Marisol até podia ter confessado

certas coisas, mas era óbvio que não fora completamente sincera. Estava mesmo por trás de tudo aquilo.

– Coloquem Evangeline em meus aposentos – ordenou Tiberius.

– Queridinho, acha mesmo que é uma boa ideia? – Marisol se agarrou nos braços dele, fazendo uma excelente interpretação de donzela indefesa. – Não seria melhor levá-la para a masmorra? Prendê-la onde não pode fazer mal a ninguém?

– Não se preocupe, meu coração. – Tiberius deu um beijo na testa de Marisol e completou: – Só preciso interrogá-la. Depois, garanto que ela será colocada em um lugar onde nunca mais poderá fazer mal a ninguém.

Os guardas não tiveram cuidado algum quando arrastaram Evangeline até os aposentos de Tiberius e a prenderam a uma das cadeiras. Depois de terem tirado a adaga de Jacks dela, amarraram seus tornozelos com força às pernas da cadeira, e os braços, para trás. Suas mãos foram amarradas primeiro pelos pulsos e, depois, com uma corda que passava pelo tronco, machucando suas costelas e dificultando sua respiração.

Tiberius nem sequer olhou para ela enquanto faziam isso. Ignorou os repetidos gritos de Evangeline:

– Juro que não matei seu irmão!

O príncipe Tiberius apenas ficou olhando para a grande lareira de pedra preta, passou a mão nos longos fios de cabelo acobreados e ficou observando um dos guardas, que acendeu a lareira.

Não parecia mais o príncipe rebelde e travesso que Evangeline conhecera no dia de seu casamento. Rugas que antes não existiam sulcavam sua boca, e seus olhos estavam vermelhos. Não aparentava estar enfeitiçado naquele exato momento: parecia estar de luto. O que era bom. Se Tiberius estivesse realmente de luto, se de fato amasse o irmão como Evangeline acreditava que amava, iria querer saber quem era o verdadeiro assassino.

Só precisava continuar viva pelo tempo suficiente para o príncipe reparar na garrafa azul de Sensacionais Águas Saborizadas Sucesso contendo o antídoto que ela havia preparado. Estava na mesa de centro diante de Evangeline, ao lado das outras garrafas de bebida alcoólica de Tiberius. Se ele apenas a visse e bebesse, tudo ficaria bem.

Ela teve vontade de chamar a atenção do príncipe para a garrafa, mas pensou que mencioná-la só deixaria todos ainda mais desconfiados.

Evangeline percebeu como cada um dos soldados no recinto se sentia em relação ao príncipe Apollo pelo modo como olhavam para ela. Nojo. Raiva. Ódio. Não havia nenhum sinal de piedade. Entretanto, Havelock – o guarda pessoal de Apollo, que também estivera presente na noite em que ele morreu – parecia arrependido. Talvez pensasse que havia falhado com seu príncipe.

Tiberius continuou olhando fixamente para o fogo. Pegou um atiçador em forma de tridente, colocou a ponta do objeto nas chamas ardentes e ficou observando o objeto ficar vermelho.

Evangeline começou a suar, sua pele escorregava contra as cordas. Não sabia se Tiberius estava planejando torturá-la com o atiçador ou matá-la, mas temia ambas as opções.

– Vossa Alteza – disse Havelock, baixinho –, agora que estamos em poder da princesa Evangeline, deveríamos adiar o casamento de amanhã. Essa notícia pode...

– Não! – A voz de Tiberius estava levemente descontrolada.

Os soldados disfarçaram bem sua reação, mas Evangeline podia jurar que pelo menos dois ficaram de olhos arregalados, e se perguntou se suspeitavam que algo estava errado com o noivado do jovem príncipe.

– Pode deixar que cuido disso – Tiberius tirou o atiçador quente do fogo e assoprou a ponta até ficar com um vermelho mais vivo. – Podem nos deixar a sós. Todos vocês.

– Mas... – insistiu Havelock. – Vossa Alteza...

– Cuidado – vociferou Tiberius. – Você está prestes a sugerir que sou incapaz de dar conta de uma mulher amarrada. Se fizer isso, ficarei ofendido, ou vou achar que vocês foram incompetentes quando a amarraram.

Os soldados foram, em fila, até a porta.

– Esperem! – implorou a jovem. – Não vão embora! Ele foi enfeitiçado por Marisol...

– Não difame minha amada!

Tiberius girou nos calcanhares e golpeou a mesa de centro com o atiçador, estilhaçando uma das garrafas de bebida.

Cacos de vidro voaram feito flechas.

Líquidos borbulharam.

Evangeline segurou um suspiro de assombro ao ver a garrafa de Sensacionais Águas Saborizadas Sucesso cambalear para a frente e para trás.

E cair de lado.

Ainda bem que não quebrou.

Foi quase. Teria que ser mais cuidadosa. Era óbvio que tocar no nome de Marisol estava fora de questão, a menos que quisesse arriscar sua única chance de sobreviver. Ela também tinha esperanças de que Jacks surgisse bem na hora certa e viesse salvar sua vida mais uma vez, mas não podia contar com isso. Até onde sabia, o Arcano ainda dormia em seu sofá.

Todos os soldados saíram dos aposentos.

Tiberius chegou mais perto, pisando firme, com suas botas, no vidro quebrado...

O príncipe parou de súbito e olhou para a garrafa caída de antídoto, franzindo o cenho.

– Como é que isso veio parar aqui? Odeio essas coisas.

Então pegou a garrafa com apenas dois dedos e a aproximou da lareira.

“Não! Não! Não!”, Evangeline teve vontade de gritar.

Mas, antes que ele a jogasse no fogo, a garrafa fez sua magia.

Tiberius parou, deu mais uma olhada para a poção, tirou a rolha com a boca e bebeu.

Evangeline sentiu suas esperanças renascerem.

Mas, depois de apenas alguns segundos, Tiberius arrancou a garrafa dos lábios. Estremeceu e olhou feio para a bebida.

– Quando eu for rei, essas bebidas serão a primeira coisa que vou proibir.

Tiberius balançou o atiçador que estava em sua mão, como se quisesse decidir o que faria com aquilo.

Evangeline quase não conseguia respirar. Precisava ganhar tempo para o antídoto fazer efeito. Duvidava que implorar ajudaria em alguma coisa, mas talvez pudesse fazer o príncipe falar sem causar uma reação violenta.

– A última vez que o vi, você disse que, quando nos encontrássemos novamente, me contaria por que desapareceu.

Uma risada amarga.

Mais um gole.

Seguido por mais uma careta.

– Fui embora depois de brigar com meu irmão por sua causa – disse Tiberius, com um tom cruel. – Falei para Apollo que você não era a salvadora que todos acreditavam que era. Falei para meu irmão que você seria a morte dele.

– Por que você achava isso?

– O que importa é que eu tinha razão.

O príncipe apontou o atiçador diretamente para a garganta de Evangeline.

– Não... Eu não fiz isso. – Ela balançou a cadeira, torcendo, desesperadamente, por um milagre, para cair com força suficiente para quebrar os braços e pernas do móvel e se libertar. Mas a cadeira era muito pesada. Nem sequer conseguiu fazê-la se mexer. – Não matei seu irmão...

– Eu sei – declarou Tiberius. – Sempre soube.

– C-como... – balbuciou Evangeline.

O jovem príncipe estava dizendo o que ela queria ouvir, mas ainda estava com cara de quem não tinha a menor intenção de soltá-la. Seu rosto sardento era o de um soldado teimoso que havia recebido uma ordem e estava determinado a cumpri-la.

– Não entendo – insistiu a jovem. – Se sabe que sou inocente, por que está fazendo isso?

– É perigoso demais permitir que você viva.

Tiberius sacudiu a cabeça, com uma expressão determinada. E, apesar disso, Evangeline percebeu que ele não tirava nenhum prazer daquilo.

O príncipe bebeu mais um gole do antídoto e, então, abaixou a gola do gibão listrado, revelando uma tatuagem preta: era o desenho de uma chave quebrada, em forma de esqueleto.

– Você sabe o que é isso?

Evangeline fez que “não” com a cabeça.

– É o símbolo do Protetorado – explicou Tiberius.

“O Protetorado.” Ela já ouvira esse nome. Mas onde? Seu coração acelerou enquanto tentava pensar. Então seu coração parou de bater de repente, porque ela lembrou.

Apollo havia falado do Protetorado na noite em que contara as histórias do Arco da Valorosa para ela. O termo fora mencionado na primeira versão da

história, na qual a família Valor fizera algo terrível. O príncipe dissera que o Protetorado era uma espécie de sociedade secreta, responsável por proteger todos os pedaços quebrados do Arco da Valorosa e garantir que jamais fosse aberto novamente.

Evangeline olhou de novo para o desenho de chave quebrada tatuado em Tiberius. A matriarca da Casa Sucesso usava uma chave semelhante, pendurada no pescoço, em uma corrente. Também deveria ser membro do Protetorado e, assim que suspeitou que Evangeline era a garota mencionada na profecia que mantinha o Arco da Valorosa trancado, tentou matá-la.

A esperança de Evangeline se espatifou e morreu.

Tiberius tomou mais um gole da garrafa. Mesmo que o antídoto surtisse efeito e o curasse de seu amor artificial por Marisol, Evangeline sabia que jamais sairia viva daquele quarto. Muito menos se o príncipe acreditasse que ela fazia parte da profecia que, uma vez concretizada, permitiria que o Arco da Valorosa fosse aberto, soltando a tal terrível criação da família Valor no mundo.

– Sinto muito, Evangeline. – A voz de Tiberius ficou mais firme, e ele apertou o atiçador até seus nós dos dedos ficarem brancos. – Pela sua cara, presumo que saiba o que é o Protetorado. Sendo assim, sabe o que preciso fazer e por quê.

– Não – ela argumentou. – Não sei como você é capaz de matar alguém só por causa de uma história que foi distorcida por uma maldição. Seu irmão me contou que há duas versões. Em uma delas, o Arco da Valorosa...

– Não importa qual versão da história é verdadeira! – exclamou o príncipe. Um músculo de seu maxilar ficou saltado. – O Arco da Valorosa não pode jamais ser aberto, e é por isso que você precisa morrer. Tive certeza assim que vi seu cabelo. Você é a *chave* da profecia. Nasceu para abri-lo.

Tiberius ergueu o atiçador de novo, trazendo-o a uma distância perigosamente pequena da pele dela.

Evangeline ficou sem ar.

Estava esgotando suas chances de convencê-lo a não fazer aquilo.

Gotas de suor se acumulavam nas sobrancelhas do príncipe e pingaram nos cacos de vidro próximos às suas botas. Mas a jovem estava olhando para outro tipo de vidro: a garrafa de vidro quase vazia na mão de Tiberius. Ele bebera quase todo o antídoto. Pelo jeito, o Soro das Verdades não estava quebrando o

feitiço lançado por Marisol, mas Evangeline imaginou que os efeitos colaterais de sua poção já podiam estar aparecendo: “fadiga, tomada de decisão e julgamento prejudicados, tontura, incapacidade de contar mentiras e compulsão de revelar quaisquer verdades implícitas”.

Definitivamente, Tiberius estava sofrendo de incapacidade de contar mentiras. Caso contrário, Evangeline duvidaria dele, de que Tiberius teria dito que não acreditava que ela era a culpada. Talvez, se o incentivasse a falar, poderia levá-lo a confessar a verdade para seus soldados. Ou poderia, finalmente, obrigá-lo a contar toda a profecia. E então, quem sabe, poderia provar que não era a garota mencionada no vaticínio. Talvez o fato de parecer com a garota dos versos fosse apenas mera coincidência.

– Pelo menos me conte o que diz a profecia do Arco da Valorosa. Se você vai me matar porque acha que fala de mim, não mereço saber a coisa toda?

Tiberius agitou o líquido azul que restava na garrafa, parecendo estar dividido entre beber, falar ou pôr fim àquele líquido. Mas a teoria de Evangeline a respeito dos efeitos colaterais do antídoto deveria estar correta: pelo jeito, o príncipe não conseguia evitar a revelação de segredos. Um instante depois, começou a recitar:

– “Este arco só poderá ser destrancado com uma chave que ainda não foi forjada.

“Concebida no Norte e nascida no Sul, você a reconhecerá porque ela estará coroada de ouro rosê.

“Ela será tanto plebeia quanto princesa, uma fugitiva acusada injustamente. E apenas seu sangue, dado de livre e espontânea vontade, abrirá o arco.”

Evangeline murchou, ainda amarrada. Era tão curta. E ela se encaixava em quase todos os versos. A jovem já ouvira, da boca da matriarca da Casa Sucesso, os versos dizendo que ela estaria coroada de ouro rosê e seria tanto plebeia quanto princesa. Naquele momento, não era verdade. Mas, depois do casamento, era. Ela também era uma fugitiva injustamente acusada, graças à pessoa que tinha assassinado Apollo. Não sabia onde fora concebida: seus pais sempre brincaram que a tinham encontrado em uma caixa cheia de objetos curiosos. Agora Evangeline se perguntava se havia um motivo para terem escondido a verdade dela, se seus pais sabiam daquela profecia. Será que

tinham visto seu cabelo ouro rosê e sua origem como sinal de que a profecia poderia, um dia, se concretizar?

Mas havia um verso da profecia que a jovem podia garantir que jamais aconteceria. Só precisava convencer Tiberius disso.

– Você acabou de dizer que apenas meu sangue, dado de livre e espontânea vontade, abrirá o arco, ou seja: preciso querer abri-lo. E não quero.

– Não faz diferença – resmungou o príncipe, lançando um olhar sombrio para ela. – As coisas mágicas sempre querem fazer aquilo para o qual foram criadas.

– Mas não sou uma coisa mágica. Sou só uma garota de cabelo rosa!

– Gostaria que isso fosse verdade – disse Tiberius, com um tom dividido. – Não quero matar você, Evangeline. Mas aquele arco precisa permanecer trancado. A família Valor possuía poder demais. Não eram malignos, mas fizeram coisas que jamais deveriam ter feito.

Ele terminou de beber o antídoto e, desta vez, apontou o atiçador para o coração da jovem.

– Espere! – gritou Evangeline. – Posso ter direito a um último pedido? Acho que Apollo não ia querer que você me matasse.

– Sinto muito, muito mesmo, mas você não sairá viva deste quarto.

– Não estou pedindo para você poupar minha vida. – A voz dela ficou embargada. Se não desse certo, aquelas poderiam ser suas últimas palavras. – Só estou pedindo para você chamar seus soldados. Conte meus crimes a eles e deixe que um deles me mate. Seu irmão não iria querer que você assassinasse a esposa dele.

Tiberius franziu o cenho. Mas Evangeline pôde perceber outro sinal de indecisão se insinuar no rosto do príncipe. Ele tinha a sensação de que era uma má ideia, mas seu julgamento estava prejudicado pelo antídoto: Tiberius estava em dúvida.

– Por favor. É meu último pedido.

Ele foi baixando o atiçador lentamente.

Os soldados foram chamados, mas Tiberius não perdeu tempo com amenidades.

– Preciso que você a mate.

O príncipe pôs o atiçador na mão da guarda mais próxima, uma mulher alta com uma trança grossa e fúria nos olhos.

– Espere – sussurrou Evangeline, torcendo para não ter acabado de cometer um erro de cálculo terrível. – Você precisa contar meus crimes para eles primeiro.

– Evangeline Raposa – falou Tiberius, entredentes –, você foi sentenciada à morte pelo crime de...

Parecia que o maxilar do príncipe havia travado. Ele abriu e fechou a boca várias vezes, mas não saiu nenhuma palavra.

– Você não consegue dizer, não é mesmo? – ela perguntou. O antídoto podia até não ter surtido o efeito desejado, mas estava surtindo efeito. “Outros efeitos do Soro das Verdades costumam ser temporários e podem incluir... incapacidade de contar mentiras.”

Evangeline poderia ter gritado de tanta alegria. Apesar de, agora, Tiberius estar com cara de quem realmente queria matá-la.

– O que você fez? – perguntou o príncipe, olhando feio para a garrafa vazia em suas mãos. – Você me envenenou?

– Eu te dei o Soro das Verdades, e é por isso que você não consegue dizer com sinceridade que matei seu irmão. Pergunte para ele – implorou Evangeline, para a guarda que segurava o atiçador –, pergunte para ele quem matou Apollo.

– Termine logo com isso – ordenou Tiberius. – Ela... ela...

A guarda levantou o atiçador, mas titubeou ao ouvir o príncipe gaguejar.

– Você não consegue enxergar? Ela me deu alguma poção mágica – urrou Tiberius, com a testa empapada de suor. – Ela é obviamente...

Mas o príncipe foi incapaz de chamá-la de qualquer coisa que não fosse verdadeira.

– Ele não consegue terminar a frase porque não pode mentir – explicou Evangeline. – E sabe que sou inocente. Eu não tinha motivos nem desejo de matar Apollo. Eu era a pessoa que não tinha nada a ganhar e tudo a perder com isso, e Tiberius sabe.

– Ela está... ela está... ela está dizendo a verdade... – O rosto do príncipe ficou vermelho, e ele completou: – Evangeline não matou meu irmão. Eu matei.



T iberius cambaleou.

Se Evangeline estivesse de pé, sem dúvida também teria perdido o equilíbrio.

Esperava que o príncipe fosse tentar desmentir a confissão que fizera ou que pegasse o atiçador das mãos da guarda e a atravessasse com ele. E por acaso não era isso que um assassino faria? Mas talvez não fossem apenas os efeitos colaterais do antídoto que tivessem libertado a confissão de Tiberius.

Em vez de relutar, o príncipe caiu de joelhos e levou as mãos ao rosto.

– Eu não queria matá-lo. Era para atingir você. – Então ele olhou nos olhos de Evangeline com uma expressão de pesar e sofrimento. – Eu não queria ferir meu irmão. Encontrei um veneno, lágrimas de um Arcano, que só deveriam surtir efeito em mulheres. Mas, pelo jeito, essa história era mentira.

Lágrimas finalmente escorreram pelo rosto de Tiberius. Rios de lágrimas, longos e intermináveis. Muito parecidas com as lágrimas que Evangeline havia chorado por causa das lágrimas de LaLa, só que a mágoa do príncipe era completamente real. Tiberius soluçava como apenas seres estraçalhados chorariam, e a jovem não pôde deixar de começar a chorar junto com ele. Chorou mais uma vez por Apollo, chorou de alívio por ainda estar viva e chorou por Tiberius. Não pelo lado do príncipe que tentara matá-la, mas pelo lado dele que matara o irmão por engano. Evangeline não sabia o que era ter um irmão e, dado tudo o que se passara entre ela e Marisol, duvidava que um dia saberia. Mas sabia como era perder alguém da família e não podia sequer imaginar como era ser responsável por essa perda.

Não soube dizer por quanto tempo os dois ficaram sentados ali, chorando. Poderia ser metade da noite, um punhado de horas, ou apenas minutos que se

arrastavam a ponto de parecer uma eternidade.

A guarda que estava prestes a matá-la desamarrou Evangeline imediatamente. Mas foi só depois do amanhecer que vários dos demais guardas escoltaram Tiberius para fora do quarto e o levaram para uma cela. O príncipe não tentou resistir.

– O que está acontecendo? – Marisol escolheu esse exato momento para sair do próprio quarto. – Tiberius...

O príncipe derrotado ergueu os olhos, e sua expressão de sofrimento desapareceu por breves instantes. Só que, desta vez, não foi substituída por uma expressão de amor.

– Se eu vir você de novo, também te mato – disse ele.

Pelo jeito, o feitiço fora finalmente quebrado, mas Evangeline não sabia dizer se fora por causa do antídoto ou se Jacks tinha razão quando dissera que o amor verdadeiro tem forças para quebrar feitiços de amor e, na verdade, foi o amor de Tiberius pelo irmão que veio à tona quando confessara o crime. Então, ele se virou para Evangeline e falou:

– Como último pedido, nunca mais quero ver a cara dela de novo.

– Não... meu amor!

Marisol começou a chorar e continuou atuando mesmo depois que Evangeline pediu para alguns soldados a trancarem no próprio quarto até segunda ordem. Assim como Tiberius, ela não queria mais ver a irmã postiça.

Evangeline não podia culpar Marisol por tudo o que havia acontecido. Sua irmã postiça não a havia envenenado nem envenenado Apollo. Mas se perguntou, sim, o que teria acontecido se Marisol não tivesse enfeitiçado Luc. Será que o destino teria intervindo de outra maneira para que Evangeline se tornasse a garota da profecia do Arco da Valorosa? Ou será que tudo seria diferente para ela e Luc e para Apollo e Tiberius? Será que estava destinada a acabar ali, ou será que aquele era apenas um dos muitos caminhos possíveis? Jamais saberia, mas tinha a sensação de que essas perguntas sempre a assombrariam.

Não demorou muito para Evangeline se transformar de fugitiva em princesa de novo. Foi levada para outra suíte real que jamais fora ocupada, com uma lareira crepitante e vários tapetes grossos em um tom de creme, que davam uma

sensação maravilhosa aos seus pés cansados. Parecia que todos queriam cuidar dela, exclamando que estavam muito felizes por estar sã e salva, que sabiam que ela não poderia ter matado o príncipe Apollo.

Evangeline não acreditou muito em ninguém, mas aceitou todos os cuidados.

Por insistência dos criados, tomou banho e pôs um vestido muito mais confortável, de cetim branco com uma anágua preta de listras e corpete enfeitado com um belo bordado preto. As pessoas do Norte não se vestiam completamente de preto quando estavam de luto, mas era costume ter pelo menos alguns detalhes pretos na roupa.

Mais guardas, criados e funcionários do palácio semiacordados foram convocados a comparecer na suíte depois disso. Durante horas, houve um alvoroço de criadas trazendo comida quente para Evangeline e autoridades fazendo pedidos e sugestões que mais pareciam ordens. Jacks ainda não tinha dado as caras, e a jovem tentou não se preocupar muito com isso. Talvez o Arcano não tivesse aparecido só porque ela havia provado a própria inocência.

Horas antes, um mensageiro fora enviado para pedir a Kristof Knightlinger que divulgasse no *Boato Diário* a notícia da inocência de Evangeline. Àquela altura, dada a rapidez com que as fofocas se espalhavam, o reino inteiro já deveria estar sabendo.

Mas, apesar disso, ela gostaria de ter visto Jacks e dado a notícia pessoalmente. Desde que provara sua inocência, estava louca para ver a cara do Arcano quando contasse que havia confrontado Marisol, descoberto o verdadeiro assassino de Apollo e provado a própria inocência sem ajuda de ninguém.

Mas, com a tarde chegando ao fim, essa vontade afoita havia se transformado em um aperto no peito.

Por que será que Jacks não havia aparecido no Paço dos Lobos? Devia ter encontrado o bilhete que ela havia deixado. A menos que ainda estivesse dormindo... No dia anterior, Evangeline achou graça quando pensara que o Príncipe de Copas pudesse sucumbir ao sono, mas de repente isso a deixava nervosa. E se a fadiga do Arcano não fosse apenas um efeito colateral do veneno de vampiro?

– Preciso de um casaco – declarou.

Uma das muitas criadas presentes no quarto se aproximou do fogo que ardia na lareira e perguntou:

- A senhora gostaria que eu pusesse mais lenha?
- Não, preciso sair – respondeu Evangeline.

Ela sabia que ninguém queria que ela saísse do Paço dos Lobos. O Conselho das Grandes Casas, que agora incluía Evangeline, estava sendo convocado para uma reunião assim que possível, com o objetivo de discutir o que deveria ser feito já que um dos herdeiros diretos ao trono estava morto, e o outro, na prisão. A qualquer instante, Evangeline seria convocada para a reunião, mas não sabia se conseguiria ficar sentada esperando por mais tempo. Precisava dar uma passada rápida nos pináculos e ver como Jacks estava.

Sabia que não deveria se preocupar tanto, mas não podia deixar de temer que houvesse alguma coisa errada.

– Alteza... – Um soldado que estava perto da porta pigarreou e completou: – Um cavalheiro acabou de chegar e está insistindo em te ver. Ele...

- Deixe-o entrar.

Evangeline não permitiu que o soldado terminasse a frase. Pelo jeito, estava preocupada com Jacks a troco de nada.

– Receio que ele não esteja comigo. Nós o acomodamos no solário de estar. Eu acompanho a senhora até ele, Alteza – declarou Havelock.

Evangeline preferia ir sozinha. Mas, até pouco tempo, Havelock fora o único guarda que não olhou para ela com uma expressão de puro ódio. E também sugerira que Tiberius adiasse o casamento com Marisol, o que foi uma demonstração de bravura e também de boa intuição. Se existia alguém com quem estaria segura, esse alguém, provavelmente, era Havelock.

Mais pessoas protestaram quando os dois se aventuraram a sair pela porta:

- Os membros do Conselho estão a caminho!
  - A senhora não pode sair agora!
  - A senhora está cansada demais: irá desmaiar se for andando até lá, é longe!
- E então a jovem ouviu uma voz mais baixa, dentro da própria cabeça, falando apenas com ela.

*Raposinha, cadê você?*

*Até que enfim, pensou Evangeline. Estou indo te encontrar agora mesmo.*

*Não, a voz de Jacks ficou preocupada. Eu vou até você.*

Quando deu por si, estava sorrindo bem de leve. Gostou do fato de o Príncipe de Copas parecer preocupado.

*Só espere por mim*, pensou. Já estava a caminho. E achava que não era muito longe.

Evangeline só estivera no solário de estar – tão iluminado – uma vez, com Apollo. O príncipe a havia levado com Marisol para conhecer o Paço dos Lobos, assim que elas se mudaram para o castelo. Evangeline estava encantada com a bela fortaleza que, segundo os boatos, Lobric Valor mandara construir para presentear a esposa, Honora. Imaginou que havia passagens secretas atrás de cada tapeçaria e alçapões escondidos debaixo dos tapetes. Mas agora que a fadiga perturbava sua visão, tudo era um borrão de pedras e tetos abobadados, lareiras para enfrentar as intermináveis correntes de ar, candeeiros com velas apagadas, um ou outro busto e muito mais do que um ou outro retrato de Apollo.

Quando passou por um retrato do príncipe com o irmão, um com os braços nos ombros do outro, foi obrigada a parar. Apollo parecia tão feliz e cheio de vida... Era desse jeito que costumava olhar para ela. A jovem havia pensado que as expressões do marido eram fruto apenas do feitiço, mas agora era dolorosamente tentador imaginar se as coisas não haviam sido mais reais do que ela acreditara, se não tivera razão ao ter esperanças de que os dois poderiam ter se apaixonado de fato. Mas jamais saberia. “O que teria sido” era uma pergunta para a qual ninguém nunca saberia a resposta.

Evangeline começou a andar de novo, seguindo Havelock até um corredor sem janelas, desprovido de tapeçarias e iluminado por tochas rústicas que tinham cheiro de terra, fumaça e segredos. Podia até ter estado no solário de estar uma única vez, mas aquilo era completamente desconhecido.

– Estamos no caminho certo? – perguntou.

– Tivemos que fazer um desvio – respondeu Havelock. Sua expressão era impassível, como perfeito soldado do palácio que era.

Se não fosse pelo pressentimento incômodo que arrepiou sua pele e a fez entrar em alerta novamente, Evangeline poderia ter acreditado nele.

*Você se perdeu, Raposinha?*, era a voz de Jacks de novo, mas parecia estar mais distante do que antes.

*Talvez você deva vir me encontrar, afinal de contas,* respondeu ela em pensamento.

E então se dirigiu a Havelock:

– Acho que vou dar meia-volta.

– Isso seria um erro – falou uma voz melodiosa, vinda de trás dela.



**E**vangeline girou nos calcanhares.

A garota tinha mais ou menos a sua idade. Seu rosto era redondo, e o longo cabelo preto estava preso em um rabo de cavalo, deixando bem à mostra uma mancha em forma de asterisco, no mesmo tom do vinho de groselha, na bochecha esquerda.

– Quem é você? – perguntou Evangeline.

Estava vestida como as criadas do palácio, de touquinha, vestido de lã e avental creme. Entretanto, Evangeline achou que aquelas roupas podiam ser emprestadas, porque não lhe cabiam direito, e ela jamais tinha visto a garota até então. Aquela marca de nascença era algo que reconheceria.

– O que está acontecendo?

Evangeline pôs a mão sobre a adaga de Jacks, que estava presa no cinto de seu vestido de luto. Havia sido confiscado a arma enquanto ela esteve presa, mas foi uma das primeiras coisas que pegara de volta.

A tal garota ergueu as mãos em um gesto de paz, revelando uma tatuagem na parte interna do pulso: um círculo de caveiras que fez Evangeline pensar em algo que sua mente sobrecarregada não conseguia lembrar com exatidão naquele momento.

– Eu e Havelock não estamos aqui para te fazer mal. Precisamos te mostrar uma coisa.

Evangeline apertou o cabo da adaga com mais força e respondeu:

– Perdoe-me se isso me deixa um pouco desconfiada.

– O príncipe Apollo está vivo – anunciou Havelock.

Evangeline sacudiu a cabeça. Ela acreditava em muitas coisas, mas não que os mortos voltavam à vida.

– Eu o vi morrer – falou.

– Você o viu envenenado, mas o veneno não o matou.

A outra garota deu um sorriso provocador para Evangeline. Metade triunfante, metade desafiando-a a argumentar.

Definitivamente, não era uma criada, e Evangeline teve vontade de perguntar quem exatamente ela era, mas essa não parecia ser a pergunta mais vital.

– Se Apollo está vivo, então onde ele está?

– Nós o escondemos, para garantir a segurança do príncipe.

Havelock deu vários passos para a frente e afastou um tapete, revelando um alçapão que, quando se abriu, deixou à mostra um lance de escadas.

– Está lá embaixo.

Evangeline lançou um olhar cético para o soldado.

Mas, quando Havelock e a outra garota desceram as escadas, deixando-a livre para ir embora se quisesse, a curiosidade de Evangeline ganhou. Ela resolveu ir atrás.

O lance de escadas estava praticamente às escuras, e seu coração acelerou a cada degrau. Se Apollo estivesse mesmo vivo, ela ainda era casada. Os dois tinham chance de ter o futuro que Evangeline apenas vinha imaginando. Tentou ficar empolgada. Mas, se o príncipe se importasse com ela, nem que fosse um pouco, por que havia se escondido dentro do palácio enquanto ela estava tentando salvar a própria vida?

Evangeline poderia entender se Apollo ainda estivesse chateado, depois de o feitiço de Jacks ter sido quebrado. Mas, algumas horas antes, o irmão do príncipe quase a havia matado. E a jovem com certeza teria morrido na noite de seu casamento, se não fosse pelo Arcano. Será que Apollo não sabia de nada disso, ou será que achava que ela merecia morrer?

À medida que Evangeline se aproximava dos últimos degraus, ainda tinha esperança de que Apollo estivesse vivo, mas era uma esperança complicada. Antes, quando acreditava que tudo era um sinal e que sua ida para o Norte significava encontrar seu final feliz, teria certeza de que havia uma segunda chance esperando por ela a poucos metros de distância. Agora, não sabia o que esperar nem sequer o que queria. Se Apollo lhe desse outra chance, será que

aceitaria? Será que queria ficar com ele ou só queria o final feliz que achou que o príncipe pudesse dar?

O último degrau rangeu debaixo dos sapatinhos de Evangeline. O cômodo subterrâneo era pequeno, com teto baixo de madeira e estava longe de ser bem iluminado. O ar era estagnado e cheirava um pouco mal e, quase no mesmo instante em que entrou, Evangeline teve vontade de ir embora.

Aquilo era um erro. Logo adiante de Havelock e da outra garota, Apollo estava deitado de costas, mas não parecia bem. Não parecia estar vivo.

Ela quase chamou por Jacks, em pensamento, para dizer que estava em perigo.

Mas antes que fizesse isso a outra garota disse:

– Apollo está em um estado suspenso. Sei que parece morto, mas pode encostar nele.

– Por favor – completou Havelock, baixinho. – Temos tentado reanimá-lo, mas achamos que *você* deve ser a única pessoa capaz de trazê-lo de volta.

Evangeline nem sequer sabia ao certo se acreditava que Apollo estava mesmo vivo. O príncipe estava deitado em uma pesada mesa de madeira, imóvel como um cadáver. Os olhos estavam abertos. Mas, mesmo de longe, pareciam mortos, rasos, feito pedaços de vidro de praia.

Ela ainda tinha vontade de fugir. Mas Havelock e a outra garota pareciam tão esperançosos olhando para ela – não estavam tentando machucá-la nem a prender ali. Se fosse embora, estaria fugindo da esperança, não do perigo.

Cautelosamente, aproximou-se da mesa.

Apollo ainda estava vestido como na noite de núpcias, usando apenas calças. O óleo – ainda bem – fora removido de seu peito. Restava apenas o pingente de âmbar e a tatuagem com o nome dela. Com cuidado, Evangeline encostou no braço do príncipe.

A pele dele estava mais fria do que deveria estar. Seu corpo não se moveu. Mas, quando pôs a mão no peito de Apollo, um minuto depois, Evangeline sentiu. Uma única batida, quase imperceptível.

O coração dela também bateu. Apollo estava mesmo vivo!

– Como vocês dois descobriram isso? E por que ninguém mais sabe? – perguntou.

Então olhou em volta de novo, e o cômodo estava praticamente sem móveis, a não ser pela mesa em que Apollo estava deitado e por outro aparador pequeno, onde havia uma bacia d'água e alguns panos.

– Não sabíamos em quem podíamos confiar – respondeu Havelock. – Eu estava lá na noite em que Apollo foi envenenado. Eu estava no quarto com a senhora depois disso, quando a princesa não conseguia parar de chorar. Isso me assombrou, me fez pensar que a senhora poderia não ser a culpada. Eu sabia que a princesa não tinha nada a ganhar com isso, ao contrário do irmão do príncipe. Eu não queria pensar que o príncipe Tiberius havia tentado matar Apollo. Mas, quando Tiberius ficou noivo quase que imediatamente, alguns outros soldados também ficaram desconfiados. Pegamos o corpo de Apollo do necrotério real e entramos em contato com Phaedra.

– Phaedra dos Malditos, a seu dispor. – A outra garota deu mais um sorriso, fazendo Evangeline pensar que deveria ter reconhecido esse nome. – Você não ouviu falar de mim? – resmungou Phaedra, fazendo biquinho.

– Phaedra, ande logo – falou Havelock. – Alguém vai notar a ausência da princesa a qualquer momento.

– Tudo bem, tudo bem – bufou Phaedra. – Sou famosa em certos círculos pelos meus talentos especiais. Sou capaz de roubar os segredos que as pessoas levam para a cova. Nossa amiga Havelock pensou que, se eu fizesse uma visita ao cadáver de nosso príncipe, poderia descobrir alguns de seus segredos, incluindo quem o matou. Mas Apollo não tinha nenhum segredo. E todo mundo tem segredos, mesmo que seja um medo secreto de lagartas ou uma mentirinha inconsequente que contaram para o vizinho. Foi aí que nos demos conta de que o príncipe não estava morto. Seja qual for a toxina usada, não foi capaz de matá-lo, mas o colocou neste estado suspenso.

– O que é um estado suspenso? – perguntou Evangeline.

– É uma pausa na vida – explicou Phaedra. – A menos que seja reanimado, o príncipe Apollo pode ficar assim por séculos e séculos, sem envelhecer. Não há muitas histórias falando nisso. Acredita-se que Honora Valor costumava usar isso como parte de seus mecanismos de cura, com pessoas que não podia ajudar imediatamente. Por azar, ninguém sabe como ela fazia isso nem como acordar alguém desse estado. Acredita-se que essa prática se perdeu quando Honora morreu. Mas achamos que, talvez, você pudesse ajudar. – Phaedra

olhou para Evangeline do jeito como as pessoas olharam para ela depois que deixou de ser de pedra, como se fosse a heroína que todos os jornais diziam que era.

Evangeline se sentia mais exausta do que heroína. Mas, pela primeira vez, não sentia mais necessidade de negar todas as histórias a seu respeito. O que fizera aquele dia, em Valenda, fora um ato de coragem. Luc realmente estava enfeitiçado, e ela impedira que o rapaz se casasse com a garota que lançara o feitiço. Depois, Evangeline transformou a si mesma em pedra para salvar a vida de Luc, assim como os demais convidados do casamento. Podia até ter feito aquilo porque se sentia responsável pelo que aconteceu àquelas pessoas, mas isso não significava que sua atitude não fora corajosa. Ter fé era um ato de coragem.

Só que Evangeline duvidava que a bravura seria suficiente para salvar a vida de Apollo. O que será que aqueles dois pensavam que ela seria capaz de fazer pelo príncipe?

Em algumas histórias que sua mãe contava, beijos podiam curar, do mesmo modo que os beijos de Jacks podiam matar. Mas esses beijos, quase sempre, envolviam amor verdadeiro.

É claro que essas histórias também eram amaldiçoadas. Então quem poderia saber o que era mesmo verdade?

– Eu poderia tentar beijá-lo – disse.

Phaedra deu um sorriso desconfiado. Havelock balançou a cabeça, solene.

Evangeline levou a mão ao rosto de Apollo e pressionou os lábios contra os dele. A boca do príncipe tinha gosto de cera e feitiço, e ele não se mexeu nem mudou de aparência.

A deceção se assomou dentro da jovem. Mas aquela era apenas sua primeira tentativa. Se não fosse capaz de curá-lo com um beijo, talvez pudesse encontrar outra maneira. Talvez pudesse procurar Jacks. Ele já havia encantado os beijos dela, talvez o Arcano pudesse...

Evangeline interrompeu seu raciocínio. Havia esquecido que o Príncipe de Copas dissera que os beijos dela jamais foram mágicos. Mas e se Jacks soubesse de alguma coisa? Talvez pudesse ajudá-la.

Quase tentou perguntar em pensamento. Mas mudou de ideia novamente. Não podia repetir os erros que havia cometido com Luc. Não podia fazer outro

trato para salvar a vida de Apollo. Se o Arcano a ajudasse, não faria isso de graça. Talvez os dois não fossem mais inimigos, mas Evangeline não podia esquecer o que Jacks era. Houve um momento em que pensou que o Príncipe de Copas a usara para matar Apollo.

Mas o Arcano não havia feito isso. Jacks não tinha nada a ganhar com a morte de Apollo, e Tiberius havia confessado.

É claro que, ao confessar, Tiberius também disse que o veneno que havia empregado – as lágrimas de LaLa – deveria surtir efeito apenas em mulheres. E, apesar de Jacks não ter nada a ganhar envenenando Apollo, tinha muito a ganhar transformando Evangeline em fugitiva e fazendo outro verso da profecia do Arco da Valorosa se concretizar: “Ela será tanto plebeia quanto princesa, uma fugitiva acusada injustamente”.

Evangeline tentou, mais uma vez, afastar esse pensamento. Estava sendo paranoica. Jacks não havia feito aquilo com Apollo por causa da profecia. Tiberius havia confessado.

Mas e se o veneno de Tiberius realmente tivesse afetado apenas Evangeline? Depois que beijou o marido, o príncipe não havia chorado incontrolavelmente, como ela havia chorado depois de beber o vinho envenenado. E se Tiberius tivesse envenenado Evangeline, mas, na verdade, Jacks é quem tinha feito *aquilo* em Apollo, com o objetivo de transformar Evangeline em uma fugitiva acusada injustamente?

O Príncipe de Copas havia dito que os beijos da jovem não eram mágicos. Mas... e se houvesse magia no sangue dele? Nas duas primeiras vezes que ela provara do sangue de Jacks, sentira um gosto doce. Entretanto, no dia do casamento, pouco antes de Evangeline beijar Apollo, o sangue de Jacks teve um gosto amargo. Afugentara a raposa-fantasma. E se tivesse sido o sangue amargo do Arcano que havia feito aquilo com o príncipe?

Mais uma vez, ela tentou enterrar esse pensamento. Só de analisar tudo aquilo ficou com o estômago revirado, mas, mesmo assim, Evangeline não conseguia deixar de pensar. Queria ter esperança de que Jacks não tivesse ido longe demais. Mas ele era o Príncipe de Copas. De acordo com as histórias, deixaria uma trilha de cadáveres ao procurar por seu único e verdadeiro amor. Definitivamente, iria longe demais se fosse para conseguir o que queria. E queria fazer aquela profecia virar realidade.

Só que isso não queria dizer que as suspeitas de Evangeline estavam certas.

Ela já estivera convencida de que Marisol era a assassina. Mas, pensando bem, começou a se perguntar se Jacks não a estaria manipulando com relação à irmã postiça também.

No apartamento de LaLa, o Arcano, por acaso, estava lendo o mesmo livro de feitiços que Marisol possuía e revelou que sua irmã postiça poderia ser uma bruxa. E então Jacks levou Evangeline para o reino subterrâneo de Caos, e Caos fez parecer que uma bruxa havia envenenado Apollo. E, depois, Luc confirmou que Marisol era uma bruxa.

Depois disso, Evangeline quase se convencera da culpa de Marisol. Mas foi só quando reparou no tabloide que Jacks segurava – aquele, com o anúncio do casamento de Marisol –, que teve certeza de que a irmã postiça era a assassina.

Talvez tudo aquilo fosse apenas um monte de coincidências, mas sua irmã postiça era o bode expiatório perfeito. Se Tiberius não tivesse confessado e, em vez disso, tivesse sido revelado que Marisol lançara um feitiço de amor no príncipe, todo mundo acreditaria, de bom grado, que ela também havia matado Apollo.

De repente, Evangeline não tinha sequer certeza de que fora Marisol quem lançara um feitiço em Tiberius. Jacks poderia ter feito isso para incriminá-la.

Será que tudo era como Evangeline havia pensado de início ou será que o Príncipe de Copas fizera tudo aquilo para que a profecia se concretizasse? Mas, se Jacks havia feito tudo aquilo, por que deixara Apollo com vida?

Havelock pigarreou, e Phaedra lançou um olhar curioso para Evangeline. Ambos sem dúvida estavam se perguntando por que ela estava olhando fixamente para os olhos castanhos e imóveis de Apollo. Mas Evangeline não conseguia desviar o olhar. Sentia que estava perto demais de descobrir tudo.

Phaedra havia dito que Apollo poderia ficar daquele jeito por séculos e séculos, sem envelhecer, sem se mexer, sem estar exatamente vivo, mas tampouco morto de verdade. Exatamente como Evangeline ficara quando foi transformada em pedra.

Ela sentiu um aperto no estômago.

E, naquele momento, teve certeza.

O Príncipe de Copas sabia que a jovem jamais conseguiria deixar o príncipe naquele estado. Era por isso que Jacks o deixara com vida: Apollo era sua

moeda de troca. Se o Arcano tivesse feito aquilo com o príncipe, poderia desfazer depois. E Evangeline sabia exatamente o que Jacks iria querer em troca de sua ajuda. Jacks iria querer o sangue dela, dado de livre e espontânea vontade, para abrir o Arco da Valorosa. E ela poderia apostar qualquer coisa que era daquele jeito que o Príncipe de Copas planejava conseguir o que queria.

Ele havia envenenado Apollo para manipular Evangeline.

Ela não sabia se tinha vontade de rir ou de chorar.

Evangeline sabia o que Jacks era. Não fora tola a ponto de acreditar que ela era diferente ou especial e que o Arcano não a destruiria. Mas talvez tenha acreditado um pouco. Claramente, acreditara a ponto de passar uma noite com ele dentro de uma cripta. E, pouco tempo antes, ficara apavorada ao pensar que Jacks poderia estar preso em um sono encantado. Estivera disposta a sair correndo para salvar a vida dele porque também fora boba a ponto de achar que algo havia mudado entre os dois, naquela noite, dentro da cripta. Quando o Príncipe de Copas contara a história de Donatella, Evangeline achou que compreendia o Arcano. Achou que ele estava se abrindo, que era um pouco humano. Mas deveria ter dado ouvidos quando Jacks dissera que era um Arcano e que ela não passava de uma ferramenta para ele.

O Príncipe de Copas, sem dúvida, sabia que Evangeline iria querer salvar a vida de Apollo. Mas estava redondamente enganado se achava que a jovem iria abrir o Arco da Valorosa para ele. Evangeline encontraria um modo de curar Apollo sozinha, então faria questão de que Jacks nunca mais pudesse fazer mal a ninguém.

Jacks não era seu amigo, mas havia ensinado que ela era capaz de abrir qualquer porta que quisesse, e Evangeline sabia exatamente qual porta precisava abrir para seguir.



**E**m outra parte do Paço dos Lobos, uma porta que não era aberta havia séculos começou a estremecer. Suas dobradiças rangeram. Sua madeira estalou. E, gravado em seu centro, o emblema em forma de cabeça de lobo esboçou um sorriso.

## Agradecimentos

O Magnífico Norte não seria o mesmo sem as muitas pessoas maravilhosas que emprestaram um pouco de sua magia a este livro.

Muito obrigada, Sarah Barley, por acreditar nesta história desde aquele momento confuso em que apresentei o projeto. Obrigada por enxergar a magia mesmo quando ela ainda não estava presente e por me ajudar a alcançá-la. Sou tão grata por você fazer parte de minha vida, por seu amor pelos livros e por você sempre ser capaz de enxergar as falhas em minhas obras, para que eu possa consertá-las antes que os outros vejam.

Obrigada, Jenny Bent, minha agente extraordinária. Quanto mais trabalhamos juntas, mais eu sou grata a você. Obrigada por ser a primeira pessoa a amar esta história e por me dar confiança quando a minha própria começou a ruir. Obrigada por todos os conselhos editoriais brilhantes e por seu apoio sem fim em todas as coisas, grandes e pequenas.

Não consigo imaginar o que seria de meus livros sem o incentivo, o amor e o apoio de minha família maravilhosa. Principalmente neste último ano, em que precisei de todos vocês. Obrigada por sempre estarem ao meu lado, mesmo depois de eu já ter pedido quinhentas vezes para vocês me ajudarem a encontrar um nome para uma nova personagem. Obrigada, pai, mãe, Matt Garber, Allison Moores e Matt Moores. Amo todos vocês!

Quando este livro já estiver publicado, fará mais de seis anos que estou na editora Macmillan, e agradeço muito a todos que trabalham lá. Obrigada aos meus excelentes editores, Bob Miller e Megan Lynch, e à editora assistente da Flatiron Books, Malati Chavali. Obrigada, Nancy Trypuc, Jordan Forney, Katherine Turro, Sam Zukergood e Erin Gordon, por serem a mais fantástica

das equipes de marketing e por se esforçarem tanto para levar sua incansável empolgação aos leitores. Obrigada, Cat Kenney, por seu constante entusiasmo, e obrigada, Marlena Bittner, por estar ao meu lado desde o início. Obrigada, Sydney Jeon, por todo o seu trabalho nos bastidores. Obrigada, Donna Noetzel, por ter, mais uma vez, feito um projeto gráfico deslumbrante para o miolo de meus livros. Obrigada, Chrisinda Lynch, Sara Ensey e Brenna Franzitta, por sua incrível atenção aos detalhes. E obrigada, Vincent Stanley, por coordenar a produção de livros tão lindos.

Obrigada, Mary Beth Roche, Steve Wagner e a todos da Macmillan Audio, por dar vida, de verdade, a *Era uma vez um coração partido* por meio do audiolivro. Obrigada, Jennifer Edwards, Jasmine Key, Jennifer Golding, Jessica Brigman, Mark Von Bargen, Rebecca Schmidt, Sofrina Hinton e a todos do Departamento Comercial da Macmillan, por garantir que este livro chegasse a tantas estantes. Obrigada, Alexandra Quill e Peter Janssen, da Macmillan Academic, por terem levado esta história às mãos de professores, e obrigada, Talia Sherer e Emily Day, da Macmillan Library, pelo trabalho para garantir que este livro chegue às bibliotecas.

Obrigada, Erin Fitzsimmons e Keith Hayes, por todo o trabalho e toda a imaginação que vocês dedicaram à capa da edição estadunidense, tornando-a absolutamente extraordinária. Agradeço também a Kelly Gatesman. Também agradeço a Virginia Allyn, pelo mágico e maravilhoso mapa do Magnífico Norte.

Muito obrigada a todos da Hodder & Stoughton, por darem a todos os meus livros uma casa tão incrível no Reino Unido. Obrigada, Kate Howard, por ser uma defensora tão maravilhosa da história e por seus conselhos editoriais brilhantes. Obrigada, Molly Powell, por ter assumido a bronca enquanto Kate não estava, e por ser uma pessoa tão sensacional e divertida de trabalhar. Obrigada, Lisa Perrin, por ter criado uma capa digna de contos de fadas para o mercado do Reino Unido.

Obrigada, Molly Ker Hawn, por ser uma preciosidade de agente no Reino Unido. Obrigada, Amelia Hodgson, por ter feito sua mágica dos direitos autorais em outros países. Obrigada, Victoria Lowes, por tomar conta das coisas que, com certeza, passariam despercebidas. Sou muito grata por fazer parte da Agência Bent.

Obrigada, meus maravilhosos e extraordinários amigos! Meu coração transborda de amor por vocês. Obrigada, Stacey Lee, pelas horas ao telefone e pelos anos de amizade incomparável. Minhas histórias sempre têm mais sentimento por sua causa. Obrigada, Kristin Dwyer, por nunca achar minhas ideias ridículas e por sempre me lembrar do quanto é importante favorecer o amor. Obrigada, Kerri Maniscalco, pelas mais inspiradoras sessões de *brainstorming* e pelas inúmeras conversas sobre vampiros. Obrigada, Adrienne Young, pelo incentivo sincero e por sempre trazer um novo olhar. Obrigada, Anissa de Gomery, por amar Jacks ainda mais do que eu amo. Obrigada, Ava Lee, Melissa Albert e Isabel Ibañez, por terem feito as primeiras leituras e pelos comentários perspicazes. Obrigada, Kristen Williams, por todas as incríveis conversas sobre livros e histórias e por olhar cada uma das versões iniciais da capa. Obrigada, Gita Trelease, por suas palavras de sabedoria. E obrigada, Katie Nelson, Jenny Lundquist, Shannon Dittemore e Valerie Tejeda, por serem demais.

E, por fim, sempre agradeço a Deus, por permitir que eu faça aquilo que sinto que nasci para fazer.





# A BALADA DO FELIZES PARA NUNCA

STEPHANIE  
GARBER

AUTORA DA TRILOGIA CARAVAL

A  
BALADA  
DO  
FELIZES  
PARA  
NUNCA

Da mesma autora de:

*Era uma vez um coração partido*  
*Caraval*  
*Lendário*  
*Finale*

A  
BALADA  
DO  
FELIZES  
PARA  
NUNCA

---

STEPHANIE  
GARBER

TRADUÇÃO: Lavínia Fávero

GUTENBERG

Copyright © 2022 Stephanie Garber  
Copyright © 2023 Editora Gutenberg

Título original: *The Ballad of Never After*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORIA RESPONSÁVEL

*Flavia Lago*

EDITORAS ASSISTENTES

*Natália Chagas Máximo*  
*Samira Vilela*

PREPARAÇÃO DE TEXTO

*Fernanda Marão*

REVISÃO

*Claudia Vilas Gomes*

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

*Lisa Perrin*

PROJETO GRÁFICO DE CAPA

*Hodder & Stoughton*

ADAPTAÇÃO DE CAPA

*Juliana Sarti*

DIAGRAMAÇÃO

*Christiane Moraes de Oliveira*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Garber, Stephanie

A balada do felizes para nunca [livro eletrônico] /  
Stephanie Garber ; tradução Lavinia Fávero. -- 1. ed. --  
São Paulo : Gutenberg, 2023. -- (Era uma vez um coração  
partido ; 2)

ePub

Título original: The ballad of never and after

ISBN 978-85-8235-686-9

1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana I.  
Título II. Série.

22-5496

CDD-813.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção de fantasia : Literatura norte-americana  
813.5

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** 

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073 . Conjunto Nacional  
Horsa I . Sala 309 . Bela Vista  
01311-940 . São Paulo . SP  
Tel.: (55 11) 3034 4468

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420  
Silveira . 31140-520  
Belo Horizonte . MG  
Tel.: (55 31) 3465 4500

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

SAC: [atendimentoleitor@grupoautentica.com.br](mailto:atendimentoleitor@grupoautentica.com.br)

*Para todos os que já tiveram medo  
de não encontrar o verdadeiro amor.*





# Algumas palavras de alerta

Cara Evangeline,

Uma hora ou outra, você o verá novamente. E, quando isso acontecer, não se deixe enganar por ele. Não se deixe iludir pelas covinhas encantadoras, os olhos azuis sobrenaturais nem pelas reviravoltas que seu estômago poderá dar quando ele te chamar de "Raposinha" – não é um apelido carinhoso, é apenas mais uma forma de manipulação.

O coração de Jacks pode até bater, mas não sente nada. Se ficar tentada a confiar nele de novo, lembre-se de tudo o que o Arcano já fez.

Lembre-se de que foi ele que envenenou Apollo, para poder incriminá-la pelo assassinato e assim concretizar uma profecia há muito esquecida – uma profecia que transformará você na chave que pode abrir o Arco da Valorosa. É só isso que Jacks quer, abrir o Arco da Valorosa.

Provavelmente, ele será gentil com você em algum momento do futuro, para tentar te influenciar a destrancar o arco. Não faça isso.

Lembre-se do que Jacks te disse naquele dia, dentro da carruagem: ele é um Arcano, e você não passa de uma ferramenta

para ele. Não se permita esquecer do que Jacks é nem sinta compaixão por ele novamente.

Se precisar confiar em alguém, confie em Apollo, quando ele despertar. Porque ele vai despertar. Você encontrará uma maneira de curá-lo e, quando encontrar, acredite: vocês dois darão um jeito de serem felizes para sempre, e Jacks terá o que merece.

Boa sorte,  
Evangeline

Terminou de escrever a carta para si mesma e soltou um suspiro profundo. Em seguida, selou a mensagem com uma boa dose de cera dourada e escreveu: “Caso você se esqueça do que o Príncipe de Copas fez e fique tentada a confiar nele novamente”.

Só fazia um dia desde que descobrira a traição mais recente de Jacks: envenenar Apollo, o príncipe com quem Evangeline acabara de se casar, na noite do casamento. A ferida causada por todo aquele jogo duplo ainda estava tão em carne viva que, para Evangeline, parecia impossível voltar a acreditar em Jacks um dia. Mas a jovem sabia que seu coração ansiava por ter esperança de que o melhor aconteceria. Acreditava que as pessoas podem mudar, acreditava que a vida é uma espécie de história cujo final ainda não foi escrito e, por conseguinte, o futuro está cheio de infinitas possibilidades.

Mas Evangeline não podia se permitir ter esperanças em relação a Jacks ou perdoá-lo pelo que fizera com ela e com Apollo.

E não poderia jamais ajudar o Príncipe de Copas a abrir o Arco da Valorosa. Os Valor, a primeira família real do Magnífico Norte, tinham construído o arco para servir de passagem para um lugar chamado “A Valorosa”. Ninguém sabia o que havia lá, já que as histórias do Norte não eram completamente confiáveis, graças à maldição lançada sobre elas. Algumas dessas lendas não podiam ser escritas sem que começassem a pegar fogo; outras não podiam sair do Norte, e muitas mudavam a cada vez que eram contadas, tornando-se menos confiáveis a cada reconto.

No caso d’A Valorosa, eram dois os relatos conflitantes. De acordo com um deles, a Valorosa era um baú do tesouro que guardava as maiores dádivas mágicas da família Valor. O outro alegava que a Valorosa era uma prisão encantada onde estavam trancados seres mágicos de toda espécie, incluindo uma aberração criada pelos Valor.

Evangeline não sabia em qual dos dois relatos acreditava, mas não pretendia permitir que Jacks colocasse suas mãos geladas nem nas dádivas mágicas nem nos monstros mágicos.

O Príncipe de Copas já era perigoso demais. E estava furiosa com ele. No dia anterior, depois de suspeitar que fora Jacks quem havia envenenado Apollo,

Evangeline pensou em seis palavras: “Eu sei o que você fez”.

Os guardas, então, o expulsaram do Paço dos Lobos. Para surpresa de Evangeline, o Arcano foi embora sem resistir nem dizer uma palavra. Mas sabia que Jacks voltaria. Ainda queria algo dela. Só que ela não queria nada com Jacks.

Pegou a carta que acabara de escrever para si mesma, foi até o outro lado da suíte real e colocou a missiva em cima da cornija da lareira, com a parte encerada para cima – para garantir que veria aquelas palavras de alerta caso, um dia, precisasse delas novamente.

# PARTE I

*Uma enxurrada  
cruel de maldições*



Nos recônditos da biblioteca real do Paço dos Lobos, há uma porta que ninguém abre há séculos. Já tentaram atear fogo a ela, arrebentá-la com machados e arrombar o cadeado com chaves mágicas. Mas ninguém conseguiu sequer causar um arranhão nessa porta teimosa. Há quem diga que a porta debocha das pessoas. No meio da porta, que é de madeira, tem um brasão em forma de cabeça de lobo. O lobo usa uma coroa, e todos juram que ele sorri cheio de sarcasmo ao ver essas tentativas frustradas. Ou mostra os dentes afiados quando alguém chega perto de abrir tal porta impossível de abrir.

Evangeline Raposa tentou, certa vez. Puxou, forçou e girou a maçaneta de ferro, mas a porta nem se mexeu. Não naquele momento. Nem antes. Mas a jovem tinha esperança de que, agora, seria diferente.

Evangeline se saía muito bem quando o assunto era ter esperança.

E também se saía muito bem abrindo portas. Com uma gota de sangue, oferecido de livre e espontânea vontade, era capaz de destrancar qualquer fechadura.

Antes de qualquer coisa, precisava se certificar de que não estava sendo observada, de que não fora seguida ou espionada por aquele comedor de maçã canalha e enganador, em cujo nome não queria nem pensar.

A jovem olhou disfaradamente para trás. A luz ocre do lampião que trazia consigo expulsou as sombras mais próximas, mas as estantes da biblioteca real do Paço dos Lobos continuaram nebulosas, já que era noite.

Estava nervosa, não conseguia parar quieta, e a luz do lampião bruxuleou. Até então, Evangeline nunca tivera medo do escuro. A escuridão era das estrelas, dos sonhos e da magia que se instaurava entre um dia e outro. Antes de perder os pais, observava as constelações com o pai e ouvia a mãe contar histórias à luz de velas. E nunca teve medo.

Mas, na verdade, não era do escuro nem da noite que sentia medo. Era do formigamento quase imperceptível que se alastrava entre seus ombros. E marcava presença desde o instante em que Evangeline pôs o pé para fora de sua suíte real para cumprir a missão de abrir aquela porta, na esperança de que, quando aberta, levasse a um remédio que salvaria a vida de seu marido, Apollo.

A sensação insólita era tão sutil que, de início, ela se permitiu pensar que não passava de paranoíta.

Não estava sendo seguida.

Não ouvira nenhum passo.

Até que...

Evangeline perscrutou a escuridão da biblioteca, e um par de olhos sobrehumanos a encarou. Olhos azuis prateados, brilhantes e luminosos, feito uma estrela partida. Imaginou que esses olhos brilhavam só para provocá-la. Mas sabia que, apesar de estarem brilhando, apesar de esses olhos iluminarem a escuridão e a deixarem tentada a baixar o lampião, não podia confiar neles. E não podia confiar nele.

*Jacks.* A jovem tentou não pensar no nome dele, embora fosse impossível não fazer isso ao vê-lo sair da penumbra, indolente, confiante – e belo como sempre. O Príncipe de Copas se movimentava como se a noite precisasse ter medo dele.

O formigamento nos ombros de Evangeline desceu pelos braços, uma carícia inquietante que foi até a última cicatriz de coração partido que lhe restava. A ferida ardeu, depois latejou, como se Jacks a tivesse mordido de novo.

A jovem brandiu o lampião como se fosse uma espada.

– Vá embora, Jacks. – Apenas dois dias haviam se passado desde que pedira para os guardas expulsarem o Arcano do Paço dos Lobos, e ela torcera para que Jacks ficasse longe dali por mais tempo: para sempre seria o ideal. – Sei o que você fez e não quero te ver.

Jacks enfiou as mãos nos bolsos da calça. A camisa cinza-fumaça estava para dentro da calça meio de qualquer jeito. As mangas arregaçadas deixavam os braços finos à mostra e faltavam alguns botões no colarinho. Com aquele cabelo rebelde, agora dourado em vez do sedutor tom de azul-noite, o Príncipe

de Copas parecia mais um cavalariço impulsivo do que um Arcano calculista. Mas Evangeline sabia que jamais poderia se permitir esquecer o que Jacks realmente era. O Príncipe de Copas era obcecado, determinado e completamente desprovido de moral e de consciência.

As lendas diziam que seu beijo era mortal para todos, menos para seu único e verdadeiro amor. E que, ao procurar por esse amor, o Arcano deixava um rastro de cadáveres. Evangeline já fora ingênuo ao ponto de acreditar que isso significava que o Príncipe de Copas compreendia o que era ter o coração partido, porque seu coração de Arcano fora partido inúmeras vezes enquanto procurava pelo seu amor. Mas agora estava claro como o dia: era ele quem partia corações, porque não sabia amar.

Jacks falou baixinho:

- Entendo se estiver chateada...
- *Se?* – interrompeu Evangeline. – Você envenenou meu marido!

O Príncipe de Copas ergueu os ombros, demonstrando que isso não lhe causava nenhuma preocupação.

- Mas não o matei.
- Você não ganha pontos por isso.

Ela teve dificuldade de evitar que a voz tremesse.

Até então, Evangeline não havia se dado conta de que, em parte, ainda se segurava a um fio de esperança de que Jacks fosse inocente. Mas o Arcano nem sequer estava tentando negar. Não se importava com o fato de que Apollo era pouco mais do que um cadáver, assim como não havia se importado quando Evangeline foi transformada em pedra.

– Você precisa parar de me julgar por parâmetros humanos – disse Jacks, com seu sotaque arrastado. – Sou um Arcano.

– É exatamente por isso que não quero te ver. Desde o dia em que te conheci, meu primeiro amor foi transformado em pedra, *eu* fui transformada em pedra, depois fui transformada em fugitiva, diversas pessoas tentaram me matar, e você envenenou meu marido...

- Isso você já falou.

Evangeline ficou possessa.

O Príncipe de Copas soltou um suspiro e se encostou na estante mais próxima, como se os sentimentos da jovem fossem o equivalente emocional de um espirro – algo do qual a gente se recupera logo ou que pode ser evitado simplesmente saindo da frente da pessoa.

– Não vou me desculpar por ser quem sou. E você está se esquecendo, convenientemente, de que, antes de nos conhecermos, você era uma órfã triste, de coração partido, que tinha uma irmã postiça malvada. Depois que eu entrei na jogada, você se tornou a Queridinha Salvadora de Valenda, casou-se com um príncipe e se tornou princesa.

– Tudo isso aconteceu apenas porque servia aos seus interesses escusos – esbravejou Evangeline. O Príncipe de Copas fizera tudo aquilo por ela, mas só para poder usá-la como ferramenta para abrir o Arco da Valorosa. – As crianças tratam seus brinquedos melhor do que você tem me tratado.

Jacks espremeu os olhos.

– Então por que você não me apunhalou, Raposinha? Naquela noite, lá na cripta, eu te atirei uma adaga, e estava bem perto de você, daria para fazer isso.

Os olhos dele brilharam, achando graça novamente, e se fixaram no pescoço da jovem. No ponto exato em que seus lábios haviam pairado, há três noites.

Evangeline ficou corada com a memória indesejada dos dentes e da língua do Arcano em sua pele. Na ocasião, Jacks fora infectado pelo veneno de vampiro, e ela fora infectada pela estupidez.

Fizera companhia ao Arcano naquela noite para distraí-lo, para que Jacks não bebesse sangue humano e se tornasse vampiro também. Ele não bebeu sangue humano, mas bebeu da compaixão de Evangeline. O Príncipe de Copas lhe contou a história da jovem que fizera seu coração voltar a bater: a princesa Donatella, que deveria ser seu único e verdadeiro amor. Mas, em vez de desempenhar tal papel, a princesa Donatella resolveu ficar com outro e apunhalou Jacks no peito.

Depois de ouvir essa história, Evangeline começou a ver Jacks como o compassivo Príncipe de Copas a quem fora pedir ajuda. Mas Jacks não tinha coração e era todo problemático. E ela precisava parar de ter esperança de que, um dia, o Arcano pudesse ser mais do que isso.

– Cometí um erro na noite que passamos na cripta. – Evangeline expulsou o rubor das bochechas e olhou bem nos olhos sobre-humanos de Jacks. – Mas, se me der outra oportunidade, não vou titubear antes de te dar uma facada.

O Príncipe de Copas deu um sorriso irônico, mostrando aquelas covinhas que não merecia ter.

– Fico quase tentado a testar essa ameaça. Mas você teria que fazer algo além de simplesmente me ferir, caso queira se livrar de mim. – Nessa hora, Jacks tirou uma maçã de um branco intenso do bolso e começou a brincar com ela. – Se você *realmente* quer que eu saia de sua vida para sempre, me ajude a encontrar as pedras que faltam e abra o Arco da Valorosa. Depois disso, prometo que nunca mais irá me ver.

– Por mais que eu adore a ideia de nunca mais te ver, jamais vou abrir esse arco para você.

– E por Apollo?

Evangeline sentiu uma pontada aguda de dor pelo príncipe e mais uma onda de raiva por Jacks.

– Não ouse pronunciar o nome dele.

O Arcano abriu um sorriso que deu a ele uma expressão estranha, de quem sentia prazer com a raiva dela.

– Se você se dispuser a me ajudar, irei despertar o príncipe de seu estado suspenso.

– Se acredita mesmo que eu faria isso, está delirando. – O primeiro trato que Evangeline fizera com Jacks dera início a toda aquela confusão. Chega de tratos com ele, de parcerias, chega de tudo isso. – Não preciso que você salve a vida de Apollo. Já descobri outra maneira.

A jovem ergueu o queixo, sinalizando a porta lacrada da biblioteca, que ainda estava meio encoberta por sombras. Mesmo assim, Evangeline podia jurar que a cabeça de lobo coroada sorriu, como se soubesse que ela era a pessoa que finalmente abriria sua fechadura.

Jacks lançou um olhar para a porta e deu uma risadinha discreta e debochada.

– Você acha que encontrará a cura para Apollo aí dentro?

– Sei que vou encontrar.

O Príncipe de Copas riu de novo; desta vez, a risada foi mais sinistra. Em seguida, mordeu a maçã, todo alegre.

– Me avise quando mudar de ideia, Raposinha.

– Não vou mudar de...

O Arcano sumiu antes que a jovem pudesse terminar a frase, deixando para trás somente o eco de sua gargalhada nefasta.

Mas Evangeline não se deixaria irritar. Um bibliotecário idoso lhe contara que aquela porta levava a todos os livros e a todas as histórias a respeito da família Valor, que haviam desaparecido. Apesar de a primeira família real do Norte ser humana, havia um consenso de que todos os seus integrantes possuíam poderes impressionantes. Diziam que Honora Valor, a primeira rainha do Norte, foi a maior curandeira de todos os tempos. E Evangeline tinha ótimos motivos para acreditar que, em meio às histórias que ficavam do outro lado daquela porta, haveria lendas sobre as curas realizadas por Honora. O que, com sorte, incluiria uma maneira de despertar alguém de um estado de sono suspenso.

Evangeline pegou a adaga, uma arma que tinha pedras preciosas no cabo, algumas delas faltando. A adaga, na verdade, era de Jacks: a mesma que o Arcano lançara para ela na noite em que passaram na cripta. O Príncipe de Copas deixara a faca para trás na manhã seguinte, e Evangeline ainda não sabia ao certo por que a pegara. Não queria ficar com a arma – não mais –, mas ainda não tivera tempo de substituí-la, e aquele era o objeto mais afiado que possuía.

Foi só furar o dedo com a adaga que o sangue brotou, vermelho. A jovem pressionou o dedo na porta e sussurrou as palavras “Abra, por favor”.

A fechadura fez *clique* na mesma hora. A maçaneta girou com facilidade.

Pela primeira vez, em séculos, a porta se escancarou.

E Evangeline entendeu por que Jacks tinha rido da cara dela.



Evangeline passou pela porta, e o chão abaixo de seus pés se esmigalhou, parecia que seus sapatinhos estavam pisando em biscoitos e não em pedras. Lembrava um pouco a esperança da jovem: desintegrava-se rapidamente.

Aquele recinto deveria conter estantes de livros sobre a família Valor, respostas para suas perguntas, a cura para o príncipe Apollo. Mas ali só havia um suspiro de ar enevoado, que formava espirais em volta de um arco de mármore com relevos dramáticos.

Ela fechou os olhos e os abriu novamente, como se, piscando, pudesse fazer o arco desaparecer e os preciosos livros aparecerem em seu lugar. Infelizmente, as piscadelas de Evangeline não continham magia.

Mas, mesmo assim, não desistiria.

No Império Meridiano, sua terra natal, o arco seria apenas uma curva decorativa de pedra entalhada, com tamanho suficiente para emoldurar uma porta dupla. Mas ali era o Magnífico Norte, onde os arcos eram coisas completamente diferentes. Ali, os arcos eram portais mágicos construídos pelos Valor.

Aquele arco tinha anjos poderosos, de armadura, esculpidos em suas colunas – pareciam guerreiros em lados opostos de uma batalha eterna. Um dos anjos estava de cabeça baixa e tinha uma asa quebrada: quase parecia triste, ao passo que o outro parecia bravo. Ambos brandiam suas espadas, cruzadas no meio do arco, desencorajando qualquer um que tivesse o desejo de entrar.

Só que Evangeline não era qualquer uma. E mais: a natureza proibida do arco lhe dava ainda mais vontade de olhar lá dentro.

Talvez o arco fosse um portão de acesso aos livros e ao remédio de que precisava para salvar a vida de Apollo. Se o bibliotecário idoso tivesse razão, e aquele recinto contivesse todas as lendas a respeito dos Valor, talvez os anjos protegessem os livros da maldição das histórias, para que não fossem

corrompidas. Talvez Evangeline só precisasse encostar seu sangue em uma das espadas, para que os anjos dessem um passo para o lado, educadamente, e permitissem sua entrada.

Ela deu mais um passo, com uma sensação de emoção e esperança, furou o dedo novamente com a adaga e encostou o sangue que se acumulou na espada de um dos anjos.

A espada se acendeu feito uma vela. Veios de ouro reluzente formaram uma espécie de teia de aranha pelas espadas de pedra, pelos anjos, por todo o arco. Era algo brilhante, cintilante e mágico. A pele da jovem formigou porque a poeira do arco se ergueu no ar e reluziu em volta dela, feito minúsculas estrelas incandescentes. O ar que, até então, estava gelado, ficou aquecido. Evangeline já sabia que estava predestinada a entrar naquele recinto, encontrar aquele arco, abrir...

De repente, o ar foi expulso de seus pulmões, porque esse pensamento disparou o alerta dado por Tiberius, irmão mais novo de Apollo: “Você nasceu para abri-lo. As coisas mágicas sempre fazem aquilo para o qual foram criadas”.

E Tiberius acreditava que Evangeline fora criada para destravar o Arco da Valorosa.

A jovem foi cambaleando para trás, ouvindo, em sua lembrança, a risada de Jacks. Desta vez, não lhe pareceu nem um pouco sinistra. A gargalhada lhe pareceu de prazer, de divertimento, *alegre*.

– Não – sussurrou ela.

As pedras ainda reluziam, graças aos fios de ouro que se entrelaçavam em volta das colunas. Evangeline ficou observando os fios se alastrarem pelo topo do arco, iluminando uma série de palavras em letra rebuscada que, até aquele momento, não eram visíveis.

“Concebida no Norte e nascida no Sul, a chave será reconhecida porque estará coroada de ouro rosê.

“Ela será tanto plebeia quanto princesa, uma fugitiva acusada injustamente. E apenas seu sangue, dado de livre e espontânea vontade, abrirá o arco.”

O sangue de Evangeline gelou.

Não eram meras palavras. Eram... Ela não queria nem pensar. Mas fingir não apagaria nem mudaria nada. Aquela era a profecia do Arco da Valorosa, a

mesma que lhe rendera a manipulação de Jacks para que Evangeline concretizasse a profecia. Ou seja: aquele não era um arco qualquer. Era o *próprio Arco da Valorosa*.

O pânico substituiu todos os demais sentimentos.

Aquilo era impossível. Teoricamente, o arco estava despedaçado. Apesar de haver duas lendas conflitantes a respeito dos conteúdos mágicos da Valorosa, ambas tinham um ponto em comum: o Arco da Valorosa tinha sido fragmentado e seus pedaços estavam escondidos por todo o Norte, para impedir que alguém soubesse qual era a profecia e evitar que fosse reconstituído.

– Não, não, não, não...

Evangeline tentou limpar o próprio sangue das pedras com movimentos frenéticos antes que Jacks ou outra pessoa descobrisse o que ela havia feito. Os anjos não tinham mudado de postura, mas ela temia que, a qualquer instante, uma porta aparecesse atrás das estátuas ou que os anjos lhe dessem passagem. Cuspiu e esfregou o sangue com a manga da túnica. Mas o brilho do arco iluminado não diminuiu.

– Sabia que Vossa Alteza conseguiria abrir a porta.

A voz rouca que ouviu era velha demais para ser de Jacks. Mas seu som fez o coração de Evangeline parar de bater mesmo assim.

– Mil perdões, Vossa Alteza. Percebo que a assustei novamente.

– Novamente?

Evangeline se virou para trás.

O homem parado perto da porta era pequeno, quase do tamanho de uma criança, apesar de ser bem mais velho do que ela, e tinha uma barba longa e grisalha, com fios de ouro envelhecido, no mesmo tom da barra de suas vestes brancas.

– Você... – Por um instante, ela ficou abalada demais para pronunciar as palavras. – Você é o bibliotecário... a primeira pessoa a me mostrar a porta deste cômodo.

– Vossa Alteza se lembra. – Apesar de o homem estar visivelmente satisfeito, o sorriso do ancião não ajudou a tranquilizá-la. Como o arco, ele parecia quase reluzente; a barba, antes de um grisalho normal, mudara para um

prateado iridescente. – Gostaria de ter mais tempo para conversar, mas a senhorita precisa se apressar e encontrar as pedras que faltam.

O bibliotecário, então, olhou para cima, para o topo do arco, onde faltavam quatro pedras. Os buracos pareciam menores do que a palma da mão de Evangeline – não eram os grandes pedaços de pedra quebrada que ela havia imaginado. Mas a jovem teve certeza, na mesma hora, de que *aqueles* eram os pedaços quebrados que precisavam ser encontrados para de fato destrancar o Arco da Valorosa.

Usar o próprio sangue não era suficiente. Ela sentiu uma onda de alívio.

– Vossa Alteza precisa encontrar as pedras – repetiu o bibliotecário. – Uma da sorte. Uma da verdade. Uma do contentamento. Uma da juventude. Mas deve tomar cuidado. As pedras são poderosas e enganadoras. E a tradução...

– Não! – interrompeu Evangeline. – Não vou procurar essas pedras. *Nunca* vou abrir este arco. Encostar meu sangue nele foi um erro.

O ancião franziu o cenho cansado.

– Não foi um erro, é o seu destino...

A voz dele sumiu, porque, de sua boca, saiu fumaça em vez de som.

O homem fez careta e tentou falar novamente, mas só saíram lufadas de cinza e branco. A fumaça formou as palavras “Ai, droga”, como se aquele tipo de coisa acontecesse o tempo todo.

Então a barba do bibliotecário também se transformou em fumaça, igualzinho ao que acontecera com suas palavras. Suas mãos, de repente, ficaram translúcidas, assim como as vestes e o rosto enrugado, que tinha ficado transparente, feito cortinas de voal.

– O que você é? – sussurrou Evangeline, tentando entender o que estava vendo.

Já tinha se deparado com vampiros e Arcanos, e sua irmã postiça era bruxa, mas não sabia o que era aquele ser.

– Sou bibliotecário – finalmente conseguiu dizer, mas as palavras saíram feito algo conduzido por uma lufada de vento, um som rouco e distante. – Sei que isso me faz parecer um tanto suspeito, mas posso lhe garantir que, ah, se a senhorita soubesse da verdade... se eu conseguisse lhe contar...

O ancião desapareceu completamente antes de conseguir terminar a frase, deixando Evangeline apenas com aquelas ramificações de fumaça insistentes e com a sensação perturbadora de que, talvez, o Príncipe de Copas não fosse a única força sobrenatural da qual precisava desconfiar.

Dias depois, o coração de Evangeline ainda batia acelerado. Ela não queria pensar no conteúdo do Arco da Valorosa. Não queria imaginar seus segredos. Não queria se lembrar do desespero do velho bibliotecário, quando falou “ah, se a senhorita soubesse da verdade”.

– Nosso prazo está chegando ao fim – disse Havelock, com a voz rouca, enquanto a carruagem onde estavam sacolejava por mais uma rua de paralelepípedos coberta de neve branco-azulada.

Havelock era o guarda pessoal de Apollo, mas estava fazendo as vezes de acompanhante de Evangeline enquanto ambos procuravam, em segredo, por um remédio caseiro para a condição de Apollo. Ao longo da última semana, tinham consultado místicos e boticários, doutores da medicina e médicos da cabeça. Abriram portas até então trancadas e entraram em bibliotecas cheias de lendas, mas não encontraram ajuda em nenhuma delas. “Ninguém fica em estado suspenso desde a época de Honora Valor”, era a resposta costumeira, seguida de olhares curiosos que ensejavam saídas de fininho.

Ninguém sabia que o príncipe Apollo ainda estava vivo, e essa informação não podia vazar. O príncipe estava demasiado vulnerável em seu estado de saúde. No que dependia do público, tinha sido o príncipe Tiberius, irmão mais novo de Apollo, quem o assassinara. Evangeline sentiu uma pontada de culpa, já que sabia que isso era mentira. Mas, desde que Tiberius havia tentado matá-la, não sentia mais tanta culpa assim.

– Essa pode ser nossa última chance de salvar a vida do príncipe – declarou Havelock.

Mas Evangeline sabia que o guarda não tinha tanta razão assim. Sempre havia a possibilidade de ela se dispor a abrir o Arco da Valorosa para Jacks – mas não comentou isso com Havelock. Ainda tinha esperanças de que houvesse outra maneira de salvar a vida de Apollo.

– Vossa Alteza viu o último tabloide? – perguntou o guarda.

– Estou evitando essas leituras – respondeu a jovem.

Mesmo assim pegou o papel enrolado que Havelock, que estava sentado de frente para ela na carruagem gelada, ofereceu.

---

## O Boato Diário

### TODOS LOUVAM LUCIEN JARETH ACADIAN

*Por Kristof Knightlinger*

O mais recente herdeiro do trono, Lucien Jareth, da Casa Acadian, deve chegar a Valorfell amanhã, e já circulam tantos boatos a respeito dele que perdi a conta. Ouvi dizer que, quando não está construindo casas para os pobres ou procurando famílias para adotar cachorros e gatinhos de rua, o herdeiro do trono ensina órfãos a ler.

Nosso contato real no Paço dos Lobos também confirmou que os preparativos para o próximo Sarau Sem Fim já estão em andamento.

---

Evangeline parou de ler, não tinha mais estômago para aquilo. Assim que fora inocentada do assassinato de Apollo, os jornais pararam de publicar matérias a seu respeito e passaram a falar do novo herdeiro do trono, Lucien Jareth Acadian, primo distante do príncipe. Os relatos eram sempre piegas, fazendo o tal de Lucien parecer mais santo do que homem.

– O quanto disso será verdade de fato? – ponderou.

– Não sei – disse Havelock. – Acho que só podemos ter certeza de que ele chegará amanhã.

*Amanhã.*

De repente, essa palavra lhe pareceu tão ameaçadora. Mesmo que o tal de Lucien realmente fosse um exemplo de virtude que amava órfãos e passava o

tempo salvando a vida de cachorrinhos, ainda assim iria tomar posse do trono de Apollo no dia seguinte. A menos que Evangeline curasse seu príncipe naquele mesmo dia.

– Não precisa se preocupar – comentou ela, com uma segurança que não sentia. – LaLa vai nos ajudar.

A carruagem parou quando chegou aos pináculos. Para Evangeline, as torres em caracol cheias de casas e estabelecimentos comerciais mais pareciam uma cidadezinha de conto de fadas salpicada de neve.

Era ali que Ariel Lágrimas, mais conhecida como LaLa, morava. Também conhecida como a Noiva Abandonada, LaLa era um Arcano, como Jacks – só que era amiga de Evangeline. Quando a jovem foi envenenada por Tiberius, foi LaLa quem a salvou, e Evangeline tinha esperanças, em seu desespero, de que a amiga pudesse fazer a mesma coisa por Apollo.

Na verdade, LaLa foi a primeira pessoa que Evangeline procurou, mas na ocasião encontrou um aviso do lado de fora do apartamento dela escrito “Saí para me aventurar!”. Evangeline não sabia onde sua amiga fora se aventurar, mas enviara soldados reais para ficar de guarda, esperando-a voltar – o que, de acordo com os guardas, acontecera naquela manhã.

Enquanto subia os degraus até a casa de LaLa, o ar saía de suas narinas em nuvens brancas e fofas. Até então Evangeline não havia reparado, mas o corrimão tinha versos de lendas gravadas neles. Coisas do tipo:

“Era uma vez uma garota de rabo peludo, que sempre se arrepiava quando ia nevar.”

Ou: “Era uma vez uma casa onde, constantemente, saíam risadas da chaminé, em vez de fumaça”.

O apartamento de LaLa realmente parecia o tipo de lar onde risadas espontâneas poderiam sair pela chaminé. A fachada era de um amarelo alegre e sarapintado, com uma porta branca e redonda, que tinha uma aldrava em forma de cabeça de dragão.

– Ah, minha amiga preciosa! – LaLa abriu a porta antes de dar tempo de Evangeline bater, um borrão de sorrisos e afetuosidade que a enlaçou em um abraço que deu a impressão de que as duas se conheciam há uma vida e não há

apenas poucas semanas. – Você escolheu o momento perfeito para fazer uma visita. Tenho tanto para te contar.

Havelock ficou de guarda do lado de fora, e, com passos quase esfuziantes de alegria, LaLa fez Evangeline entrar no apartamento, apesar do aposento causar a impressão contrária. Assim que passaram pela soleira, Evangeline percebeu que aquele não era o mesmo recinto quente e acolhedor de antes. A lareira estava vazia. A mobília alegre permanecia, mas não havia nada pendurado nas paredes, e não havia nada em cima das mesas. Até os lampiõezinhos em forma de gaiola tinham sumido, com exceção de um, apoiado no topo de uma pilha de baús repletos, que aguardavam ao lado da porta.

– Você está de partida?

Evangeline sentiu uma grande pontada de decepção. Torceu para que sua suposição estivesse errada, mas até as roupas que LaLa trajava pareciam confirmá-la. Normalmente, a amiga usava vestidos de lantejoulas, penas ou saias de sereia cintilantes. Mas estava usando um vestido da cor pálida de creme fresco, com mangas tão compridas que escondiam as chamas de dragão tatuadas em seus braços negros. A saia ia até o chão, seguindo o costume do Magnífico Norte. Mas, quando LaLa se dirigiu ao sofá, Evangeline reparou que ela calçava botas de viagem de salto, que apareciam por baixo da bainha.

– Eu estava louca para te contar: estou noiva! – LaLa esticou o braço, exibindo um grosso bracelete de noivado. Reluzente, de ouro, lindo como o sorriso arrebatado que se esboçava nos lábios da garota. – Ele se chama lorde Robin Massacre do Arvoredo. É um sobrenome meio macabro, eu sei. Mas nem vou mudar meu nome de fato. Como você sabe...

LaLa deixou a frase no ar, dando uma risada que surpreendeu Evangeline.

A amiga, certa vez, lhe confessara que os Arcanos estão sempre lutando contra o ímpeto de ser o que foram criados para ser. Como LaLa era a Noiva Abandonada, seu desejo mais primário era o de encontrar alguém que a amasse, mesmo sabendo que estava predestinada a sempre ser abandonada no altar e acabar vertendo lágrimas tão poderosas que, se ingeridas por um ser humano, ele morreria da dor de um coração partido. E, mesmo assim, ali

estava LaLa, com um bracelete de noivado novinho em folha e com os belos olhos cheios de esperança.

– Estou tão feliz por você! – disse Evangeline.

E ficou um tanto surpresa ao perceber que estava sendo sincera. Se estivesse naquela mesma situação meses atrás, poderia ter perguntado para LaLa se ela achava mesmo que aquela felicidade fugaz valia a dor inevitável de ter o coração partido. As pessoas chamam essa dor de “ter o coração partido”, mas Evangeline achava que perder alguém que se ama não machuca apenas o coração. Quando perdeu seu primeiro amor, a dor estraçalhou todo o seu mundo. E, apesar disso, apesar de toda aquela dor, ali estava ela, torcendo não apenas para conseguir salvar a vida de Apollo, mas para ter, com o príncipe, outra chance de amar.

– Espero que o Castelo de Massacre do Arvoredo seja perto daqui – comentou Evangeline. – Eu adoraria poder te visitar.

– Eu ia amar – disse LaLa, radiante. – O Castelo de Massacre do Arvoredo fica a apenas um dia de viagem, e pedi que o noivado seja longo. Então, espero poder dar muitas festas.

O salto das botas de LaLa fez barulho no chão de madeira, porque ela foi até um dos baús e tirou de dentro dele um bolo de mel em forma de colmeia – porque é claro que tinha um bolo em sua bagagem –, além de talheres e pratos de ouro em formato de coração.

Evangeline sabia que precisava perguntar a respeito de uma possível cura para Apollo. Como Havelock havia lembrado, não havia muito tempo. Mas comemorar a alegria de outra pessoa era importante, e LaLa era a única amiga que a jovem tinha no Norte.

Ela se permitiu desfrutar do bolo e da felicidade da amiga por alguns minutos, enquanto LaLa contava a história de como conhecera Robin e ficara noiva em questão de dias.

– Se você um dia quiser se casar novamente, finja-se de donzela em perigo. Sempre funcionou para mim aqui no Norte.

Evangeline deu risada, mas a risada não deve ter sido muito convincente.

A expressão de LaLa se anuviou imediatamente. Ela dirigiu o olhar para o vestido de Evangeline, que havia tirado a capa, deixando à mostra um traje de

luto à moda do Norte: de seda do mais puro branco, coberta com um elaborado bordado feito de tiras de veludo preto.

– Ai, amiga. Mil desculpas. Esqueci que você ainda está de luto por Apollo. Foi muito insensível da minha parte tudo isso, não foi?

Sendo um Arcano, LaLa não sentia a mesma variedade de emoções dos seres humanos. Mas isso, na verdade, era uma das coisas de que Evangeline gostava em sua amiga. A falta de humanidade de Jacks o tornava alguém de sangue frio, sem remorso, uma desgraça na existência de Evangeline, ao passo que a falta de humanidade de LaLa, ao que tudo indicava, a tornava mais franca e autêntica.

– Não se sinta mal, por favor. Não estou verdadeiramente de luto – admitiu Evangeline. E teve a sensação de que as palavras seguintes saíram aos borbotões. – Apollo está vivo. As histórias que você ouviu, dizendo que o irmão dele o envenenou, não são completamente verídicas. A culpa toda é de Jacks. Ele colocou Apollo em estado de sono suspenso para me manipular. – A jovem não sabia ao certo quais eram as informações que a amiga tinha a respeito do Arco da Valorosa. Apollo, certa vez, lhe dissera que os nativos do Norte acreditavam que essa história era mais um conto de fadas do que um fato, e pouquíssimas pessoas sabiam o que a profecia significava. E, sendo assim, Evangeline explicou quase tudo. – Jacks acredita que sou a única chave que pode abrir o arco, como reza a profecia, e falou que só irá curar Apollo se eu encontrar as pedras que faltam e abrir o arco para ele.

– Ai, céus.

LaLa ficou pálida, sua pele se acinzentou, e seu olhar ficou assustado como o de um cervo.

Foi a primeira vez que Evangeline viu a amiga chegar tão perto de ficar amedrontada.

– Não se preocupe – foi logo dizendo. – Não pretendo abrir o arco para Jacks. Vim aqui para ver se você poderia curar Apollo.

– Sinto muito, amiga. Apesar de eu conhecer, sim, algumas poções e feitiços, as que já usei, em geral, não foram para o bem e nunca coloquei ninguém em um estado suspenso. É uma magia muito antiga. Creio que Honora Valor a usava em tempos de guerra, quando precisava tratar várias

pessoas ao mesmo tempo. Honora suspendia os feridos que ela e seus outros curandeiros não conseguiam atender imediatamente.

Evangeline tentou não ficar decepcionada. Era mais ou menos isso que os outros curandeiros haviam lhe dito.

– Tem certeza de que não sabe mais nada? Qualquer outra informação? O novo herdeiro do trono chega amanhã e...

– É melhor você abrir o arco para Jacks – interrompeu LaLa.

– Como?

A jovem achou que, talvez, tivesse ouvido errado. Poderia jurar que, há poucos instantes, a amiga ficara com uma expressão assombrada. Mas agora seu olhar estava límpido.

Será que Evangeline havia interpretado LaLa mal antes ou estava interpretando mal agora?

– Você não quer salvar a vida de Apollo? – perguntou LaLa.

Evangeline estremeceu de culpa. Havia momentos em que também se fazia a mesma pergunta. Queria salvar a vida do príncipe, mas às vezes temia não querer o suficiente. Não podia dizer que Apollo e ela estavam apaixonados. Mas sentia, sim, uma ligação com o marido. Estavam conectados. Não sabia ao certo se era um resquício do feitiço do amor lançado por Jacks, se era por causa dos votos de matrimônio que trocaram ou se o Destino simplesmente havia entrelaçado o caminho dos dois. Mas sabia que seu futuro estava ligado ao do príncipe.

Pensou na carta que guardara no bolso, a carta que havia decorado de tanto ler.

Querida Evangeline,

Gostaria que você tivesse conhecido meus pais. Acho que os dois teriam te adorado e imagino que teriam dito que não te mereço.

Nós dois não nos conhecemos bem. Sei disso. Mas quero te conhecer. Quero te fazer feliz.

Talvez, nesta semana, eu tenha ~~fazido~~ um pouco a barra. Mas nunca fiz isso antes e não quero fazer burrada. Tenho certeza de que farei isso em algum momento de nosso futuro. Mas te prometo o seguinte. Evangeline Raposa: aconteça o que acontecer, sempre irei tentar. Só peço que você também tente.

Minha mãe sempre dizia: "O segredo de permanecer apaixonado é ter alguém que fique ao seu lado quando você começar a se desapixonar", e prometo que sempre estarei ao seu lado.

Para sempre seu, fielmente,

Apollo

Evangeline encontrara a carta nos aposentos de Apollo, depois de ter sido inocentada do assassinato do príncipe. De início, essas palavras a fizeram chorar. Depois, as palavras a fizeram ter esperança.

Durante todo o tempo em que estiveram noivos, Apollo ficou sob efeito de um feitiço do amor, mas a jovem jurava que alguns dos instantes de carinho entre os dois foram reais. A carta lhe parecia confirmar isso. Parecia real e a fazia acreditar ainda mais que o marido realmente ficara livre dos efeitos do feitiço em alguns momentos. Aquela carta não lhe parecia escrita por um jovem enfeitiçado, lhe parecia um lampejo genuíno do príncipe – um príncipe que sentia a mesma coisa que ela.

– Estou disposta a fazer qualquer coisa para salvar a vida de Apollo, menos abrir o arco para Jacks. Você não pode pensar de verdade que devo fazer isso.

LaLa apertou os lábios, parecendo dividida por alguns instantes. Mas, quando tornou a falar, seu tom de voz foi resoluto, claro e perfeitamente perturbador:

– A Valorosa não contém o que você acha que contém. Se eu fosse você, abriria o arco.

– Você sabe o que tem lá dentro? – perguntou Evangeline.

– Das duas, uma: ou a Valorosa é um baú do tesouro, que protege as maiores dádivas mágicas da família Valor, ou é uma porta para uma prisão encantada, onde estão trancados seres mágicos de todo tipo, entre elas uma aberração criada pelos Valor... – LaLa deixou a frase no ar, fazendo careta. – Odeio essa tal maldição da história.

Em seguida, atirou o prato com a fatia de bolo pela metade na mesa, causando um ruído alto, segurou as mãos de Evangeline e ficou com uma expressão de absoluta concentração. Só que, quando tentou contar para Evangeline o que ela acreditava que tinha no arco, só saíram de sua boca palavras incompreensíveis.



Liana, a mãe de Evangeline, tinha o costume de acordar antes do sol raiar. Então vestia um lindo robe florido, o que Evangeline sempre achou romântico. Depois, cheia de delicadeza, descia as escadas na ponta dos pés e entrava sem fazer barulho, de fininho, no gabinete. Ali, sentava-se ao lado da lareira crepitante e lia.

Liana Raposa acreditava que devia começar o dia com uma história.

Quando Evangeline era pequena, não raro acordava cedo também. Não queria perder nenhum pingo daquela magia que, pelo jeito, sempre rodeava a mãe. Ia atrás dela até o gabinete, depois se aninhava em seu colo e caía de novo no sono imediatamente.

Uma hora, Evangeline ficou crescida demais para ganhar colo, mas também melhorou no quesito ficar acordada. E foi aí que sua mãe começou a ler as histórias em voz alta. Algumas eram breves, outras demoravam dias ou semanas para terminar. Um dos livros – um volume grande, gravado a ouro, que viera lá das Ilhas do Sul – levou seis meses para ser lido. E, quando Liana chegava à última página de cada história, nunca falava “Fim”. Ela sempre se virava para a filha e perguntava “O que você acha que vai acontecer agora?”.

“Eles viverão felizes para sempre”, Evangeline costumava declarar. Acreditava que a maioria dos personagens merecia isso depois de terem passado por tantas dificuldades.

A mãe, contudo, tinha outra opinião. Acreditava que a maioria dos personagens ficaria feliz por um tempo, mas não para sempre. Em seguida, elencava coisas que certamente poderiam arruinar o futuro deles – o aprendiz do vilão que continuava vivo; a irmã postiça malvada, que fora perdoada, mas continuava em algum lugar, esperando para tornar a atacar; o desejo que se tornara realidade, mas não fora devidamente pago; a semente que fora plantada e que ainda estava por crescer.

“Então, a senhora acha que todos eles estão condenados a se dar mal?”, perguntava a garota.

E aí a mãe sorria, um sorriso caloroso e doce, feito uma torta açucarada recém-assada.

“Nem um pouco, minha preciosa menina. Acho que existe um final feliz para todo mundo. Mas não acho que esses finais sempre se seguem à última página do livro nem que ninguém tem garantias de que vai encontrar seu ‘felizes para sempre’. Finais felizes podem ser alcançados, mas são difíceis de segurar. São sonhos que querem fugir pela noite. São tesouros com asas. São selvagens e ferozes; precisam ser caçados o tempo todo, senão certamente fugirão”.

Na ocasião, Evangeline não quis acreditar na mãe, mas agora acreditava.

A jovem jurou que, quando saiu do apartamento de LaLa, deu para ouvir o ruído moroso de seu final feliz afastando-se ainda mais dela.

Sentiu vontade de correr atrás dele, mas, por um instante, apenas ficou ali parada, respirando o ar gelado do Norte e desejando poder se aninhar mais uma vez no colo da mãe. Ainda sentia uma incrível falta dela. Ficou imaginando o que a mãe teria dito que ela deveria fazer.

Evangeline havia jurado que jamais abriria o Arco da Valorosa para Jacks, mas o que LaLa disse a fazia se questionar. “A Valorosa não contém o que você acha que contém. Se eu fosse você, abriria o arco.”

Parecia claro para Evangeline que a amiga devia acreditar na versão da história segundo a qual a Valorosa era um baú do tesouro mágico. Só que até os tesouros podem ser perigosos.

E se LaLa estivesse enganada? Outras pessoas – Tiberius, irmão de Apollo, por exemplo – estavam tão determinadas a manter o Arco da Valorosa trancado que tentaram matar Evangeline. Na verdade, Tiberius tentou duas vezes! Mas será que ele sabia o que estava escondido do outro lado do arco ou apenas temia que ele fosse aberto porque escolhera acreditar na versão da história que dizia que o local continha uma aberração?

Evangeline, provavelmente, também deveria temer. Mas, sendo sincera consigo mesma, não era mais o conteúdo desconhecido da Valorosa o que mais

a assustava. Era a ideia de fazer uma parceria com Jacks para salvar a vida de Apollo.

Não podia e não queria fazer isso novamente.

Ela nunca havia beijado o Príncipe de Copas, mas descobrira que fazer tratos com ele era bem parecido com o beijo fatal do Arcano – algo mágico e absolutamente destrutivo. Faria tratos com quase qualquer pessoa antes de estabelecer outra parceria com Jacks.

– Alguma sorte? – perguntou Havelock, quando já estavam na segurança da carruagem.

Evangeline fez que não e respondeu:

– Talvez devêssemos mudar de ideia a respeito de contar para o novo herdeiro sobre a condição de Apollo, assim ganhamos tempo para procurar a cura. Se metade das histórias que contam a respeito de Lucien forem verdadeiras, ele pode esperar para assumir o lugar de Apollo como príncipe.

Havelock soltou uma risada debochada e falou:

– Ninguém é assim tão bom quanto dão a entender que esse tal de Lucien é. Se contarmos a verdade para ele, irá trancafiar Apollo, em nome da própria *segurança* e você jamais o verá de novo, na melhor das hipóteses. Na pior, que é muito mais provável, o novo herdeiro mandará matar Apollo discretamente, depois fará a mesma coisa com Vossa Alteza.

Evangeline teve vontade de argumentar. Mas temia que Havelock tivesse razão. A única maneira garantida de salvar a vida de Apollo era encontrar um jeito de acordá-lo antes do dia seguinte.

*Tique. Taque. Tique. Taque.* Não havia nenhum relógio na carruagem, mas Evangeline conseguia ouvir o tempo se esgotando. Ou, quem sabe, o Tempo fosse amigo de Jacks e também a estivesse provocando.

O Paço dos Lobos, o famoso castelo real do Magnífico Norte, tinha uma aparência meio de conto de fadas, meio de fortaleza. Pelo jeito, o primeiro rei e a primeira rainha do Norte não haviam chegado a um consenso de como ele deveria ser.

Havia uma grande quantidade de pedras pesadas e protetoras, mas também pinturas decorativas que alegravam os batentes das portas. Algumas das pedras

próximas ao chão tinham relevos intrincados de plantas e flores, além de placas informando para que serviam:

*Trevo-de-pégaso – esquecimento*  
*Arnica-dos-anjos – boa noite de sono*  
*Potentilha-cinzenta – sofrimento*  
*Hibisco-das-almas – luto*  
*Azevinho-de-unicornio – comemoração*  
*Frutinhos-invernais – boas-vindas*

Quando Evangeline saiu do castelo naquela manhã, viu ramos de potentilha-cinzenta e buquês de hibisco-das-almas por toda parte. Só que, agora, haviam sido substituídos por guirlandas de azevinho-de-unicornio de um vermelho vivo.

Ao ver as guirlandas, sentiu um aperto no estômago. No Magnífico Norte, o luto termina assim que um novo herdeiro é oficialmente nomeado, o que deveria acontecer no dia seguinte. Mas, pelo estado alterado do Paço dos Lobos, quase parecia que o novo herdeiro já havia assumido o lugar de Apollo.

Evangeline ouviu menestréis cantando as façanhas de “Lucien, o Grande”, e os criados tinham trocado os uniformes pretos de luto, substituindo-os por aventais brancos impecáveis. Algumas criadas, mais ou menos da idade de Evangeline, usavam raminhos festivos de frutinhos-invernais nas tranças e ruge nas bochechas e nos lábios. E todos pareciam cochichar:

- Ouvi dizer que ele é jovem...
- Ouvi dizer que ele é alto...
- Ouvi dizer que ele é mais bonito do que o príncipe Apollo!

O estômago de Evangeline se revoltava mais a cada palavra. Ela sabia que não podia recriminar aqueles rapazes e moças – o povo precisava de motivos para comemorar. O luto era importante, mas não podia continuar para sempre.

Só queria ter mais tempo. Pelo menos, ainda faltava um dia para Lucien chegar de fato, mesmo que tivesse a sensação de que isso estava longe de ser tempo suficiente.

Respirou fundo e estremeceu, porque o corredor que Havelock e ela percorriam foi se tornando mais escuro e mais frio. Instantes depois, chegaram à porta de alçapão lascada que os levaria até Apollo.

Evangeline sempre ficava inquieta com o fato de essa porta não ser diretamente vigiada por um guarda, mas deixar um soldado sozinho no meio de um corredor vazio lhe parecia suspeito demais. Sendo assim, um integrante de confiança da guarda real ficava esperando no quarto que havia no pé da escada.

O cubículo pequeno e escondido lhe pareceu mais agradável do que da primeira vez que estivera ali. Evangeline não sabia se Apollo tinha consciência de onde estava. Mas, caso tivesse, por garantia, pedira para os guardas do príncipe dar um pouco de vida ao cômodo exígido. O piso gelado foi coberto por grossos tapetes cor de vinho, as paredes de pedra receberam quadros vibrantes de cenas da floresta, e uma cama de dossel alta com cortinas de veludo completava o espaço.

Ela preferia que o marido estivesse em seus próprios aposentos, onde a lareira poderia afugentar o frio, e janelas poderiam ser entreabertas quando o ar ficasse parado. Mas, como Havelock lembrara, era arriscado demais.

O guarda que estava de vigia no pé da escada cumprimentou Evangeline fazendo uma reverência e, em seguida, falou com Havelock, baixinho, deixando a jovem ter privacidade quando se aproximou do príncipe.

Borboletas bateram asas em seu peito. Tinha esperança de que as coisas estariam diferentes. Mas, até ali, o príncipe parecia estar exatamente igual.

Apollo estava deitado, imóvel, mais parecendo o final de uma trágica balada do Norte. O coração dele batia tão devagar... E, quando encostou nele, Evangeline sentiu que a pele de tom oliva do príncipe estava gelada. Os olhos castanhos estavam abertos, mas seu olhar, que já fora ardente e sedutor, estava completamente desprovido de vida: vago e vazio, raso como pedaços de vidro marinho.

A jovem se aproximou e tirou os cachos de cabelo escuro caídos na testa do príncipe, torcendo, do fundo do coração, para que ele se mexesse, piscasse ou respirasse. Queria apenas um pequeno sinal de que Apollo voltaria à vida.

– Na carta que me escreveu, você prometeu que sempre irá tentar. Por favor, tente voltar para mim – sussurrou, inclinando a cabeça para Apollo.

Não gostava de acariciar o príncipe daquele jeito que ele estava, tão sem vida. Mas Evangeline recordou que, enquanto permaneceu transformada em pedra, ansiava desesperadamente que alguém lhe acariciasse. E isso era algo que podia fazer por Apollo.

Ela segurou o rosto pálido do príncipe com as duas mãos e deu um beijo em seus lábios imóveis. A boca do príncipe era macia, mas tinha um gosto estranho, de finais infelizes e de bruxaria. E, como sempre, Apollo não se mexeu.

– Não entendo por que você faz isso todos os dias. – A voz indolente de Jacks ecoou do outro lado do cômodo.

Evangeline sentiu a voz do Príncipe de Copas queimar sua pele, um fogo brando que fez a cicatriz em forma de coração partido que havia em seu pulso arder feito uma marca a ferro e fogo. Tentou ignorar tanto a cicatriz quanto Jacks. Tentou não virar para trás, não olhar nem dar sinal de que percebera que ele estava ali. Mas isso, provavelmente, levantaria mais suspeitas do que se continuasse a beijar os lábios imóveis de Apollo.

Quando Jacks se aproximou, indolente, a jovem foi se empertigando lentamente, fingindo que cada centímetro de sua pele não estava ardendo, como a cicatriz.

O Príncipe de Copas estava mais bem-arrumado do que de costume. Diversos elos prateados prendiam a capa azul-noite nos ombros. O gibão de veludo era do mesmo tom de azul-escuro, com exceção do bordado cinza-fumaça, que combinava com as calças justas, colocadas com capricho por dentro das botas de couro engraxadas.

Evangeline lançou um olhar na direção de Havelock e do outro guarda que estava ao pé da escada, mas os dois não fizeram nada. Provavelmente Jacks os enfeitiçara. Boa parte das pessoas acredita que o único poder do Príncipe de Copas é o beijo mortal, mas ele também tem a habilidade de transformar seres humanos em marionetes, fazendo-os obedecer a todas as suas vontades. Seu poder de Arcano era mais limitado no Norte, mas ele ainda tinha o poder de controlar as emoções e os corações de diversos seres humanos ao mesmo tempo.

Ainda bem que tais poderes não lhe permitiam controlar Evangeline. O Príncipe de Copas já havia tentado, mas a jovem simplesmente ouvira os pensamentos dele. Jacks também conseguia ouvir os pensamentos de Evangeline, se ela os projetasse. Mas conversar com Jacks em pensamento não era algo que Evangeline desejava fazer naquele exato momento.

– Você beija o príncipe porque gosta mesmo? Ou porque você realmente acha que irá trazê-lo de volta à vida, por magia?

– Talvez eu faça isso porque sei que vai te irritar – respondeu Evangeline, meio ríspida.

Jacks deu um sorriso que era muito mais maligno do que convidativo.

– Fico feliz em saber que você está pensando em mim quando beija seu marido.

Um calor corou as bochechas de Evangeline.

– Não estou pensando *nada* de bom.

– Melhor ainda.

Os olhos do Arcano brilharam, um azul cor de pedra preciosa, com veios prateados, belos demais para serem de tamanho monstro. Monstros deviam ter aparência de... monstros, não a de Jacks.

– Você veio aqui só para me irritar?

O Príncipe de Copas soltou um suspiro lento e dramático.

– Não sou seu inimigo, Raposinha. Sei que ainda está brava comigo, mas você sempre soube quem eu sou. Nunca tentei me passar por outra coisa, foi você que simplesmente se permitiu acreditar que sou algo que não sou. – Os olhos do Arcano se tornaram metálicos e absolutamente desprovidos de sentimento. – Não sou seu amigo. Não sou um garoto humano qualquer que irá te contar belas mentiras, te trazer flores nem te dar joias de presente.

– Nunca pensei que fosse – retrucou Evangeline.

Mas, talvez, lá no fundo, tivesse pensado. Evangeline nunca imaginou que Jacks lhe daria flores ou presentes, mas tinha chegado ao ponto de pensar nele como um amigo. Um erro que jamais cometaria de novo.

– Por que você está aqui?

– Para te recordar que você pode salvar a vida dele com a maior facilidade.

O Arcano enfiou as mãos nos bolsos, como quem não quer nada, como se fazer mais um trato com ele fosse uma coisa simples, como dar umas poucas moedas ao padeiro em troca de um pouco de pão.

Talvez, à primeira vista, parecesse mesmo fácil. Se Evangeline falasse para o Príncipe de Copas que abriria o Arco da Valorosa, Apollo acordaria naquela mesma noite. Ninguém precisaria mais se preocupar com o tal novo herdeiro. Mas Jacks permaneceria ali – permaneceria ali até encontrar as pedras perdidas do arco. E Evangeline precisava que ele fosse embora, talvez tanto quanto precisava acordar Apollo. Enquanto o Arcano continuasse fazendo parte da vida da jovem, continuaria a arruiná-la.

Ela vinha tentando encontrar uma cura para o marido. Mas, talvez, o que *realmente* precisava era encontrar uma maneira de se livrar de Jacks.

– A resposta é “não” e sempre será “não”.

O Príncipe de Copas cruzou os braços, apoiou-se no pilar da cama e falou:

– Se você realmente acha isso, não tem imaginação.

Evangeline perdeu a paciência.

– Imaginação não me falta. Eu simplesmente tenho determinação.

– Eu também. – Nessa hora, os olhos de Jacks ficaram com um brilho maligno. – Esta é a sua última chance de mudar de ideia.

– Senão o quê? – perguntou Evangeline.

– Você vai realmente começar a me odiar.

– Talvez eu mal possa esperar para começar a te odiar.

O canto da boca venenosa de Jacks se retorceu, como se achasse, vagamente, graça dessa ideia. Em seguida, em algum ponto acima deles, um relógio bateu as horas. Sete badaladas altas.

– Tique-taque, Raposinha. Eu estava tentando ser gentil, te dando tempo para considerar a oferta que fiz lá na biblioteca, mas cansei de esperar. A noite de hoje é o prazo máximo para mudar de ideia.

Evangeline tentou ignorar o embrulho que sentiu no estômago. Se colocar Apollo naquele estado de sono suspenso era o jeito que Jacks tinha de tentar persuadi-la, ela morria de medo do que o Arcano poderia fazer depois daquela noite. E, mesmo assim, ainda era impossível imaginar que concordar em fazer

novamente uma parceria com o Príncipe de Copas lhe deixaria em situação melhor.

Ela deu as costas e já ia embora.

Uma mão a segurou pelo pulso.

– Jacks...

Mas a mão que segurava seu pulso não era de Jacks. A pele dele era gelada e lisa feito mármore.

A mão que segurava seu pulso queimava.

*Apollo?*

Evangeline se virou para o príncipe, a empolgação se avolumando dentro dela. Ele estava...

*Estranho.*

Há poucos instantes, os olhos de Apollo estavam opacos feito vidro marinho, mas agora brilhavam, vermelhos, feito rubis amaldiçoados e incandescentes.

Evangeline se virou para Jacks – ou, pelo menos, tentou. Ficava difícil se movimentar com a mão de ferro do marido apertando seu pulso.

A jovem olhou feio para o Arcano e falou:

– Achei que você ia me dar o resto da noite para pensar.

– Não fui eu que fiz isso.

O olhar do Príncipe de Copas foi dos olhos vermelhos e ardentes do príncipe para o pulso preso de Evangeline.

Ela tentou se desvencilhar, mas os dedos de Apollo apertaram com mais intensidade.

Ela puxou a mão com mais força.

Apollo apertou mais, tanto que doeu, fazendo-a soltar um gemido de dor enquanto puxava a mão para se desvencilhar do príncipe.

Os olhos de Apollo ainda brilhavam com aquele vermelho terrível, mas o príncipe não parecia estar acordado – parecia possuído ou, quem sabe, desesperado, tentando acordar.

Evangeline sentiu um aperto de pânico no peito.

– Apollo...

– Ele não pode te ouvir.

Jacks tirou uma adaga com uma lâmina preta e reluzente.

– O que...

– Ele vai quebrar seus ossos!

Jacks fez um corte na mão de Apollo com a faca.

O sangue manchou as saias da jovem, o príncipe soltou o pulso dela, e o vermelho sumiu de seus olhos.

Evangeline segurou a mão machucada – Apollo deixara uma pulseira de hematomas azuis e roxos nela.

*Ping.*

*Ping.*

*Ping.*

Evangeline também estava sangrando. Só que o sangue não saía da mão que o príncipe segurara. Vinha da outra. Gotas vermelhas se acumularam em um corte diagonal no dorso da mão dela, espelhando o ferimento que Jacks acabara de infligir em Apollo. Como se ela também tivesse sofrido um corte. Tentou limpar o sangue, torcendo para que fossem apenas respingos da mão de Apollo. Mas sua mão continuou a sangrar.

Jacks ficou observando o sangue se acumular no ferimento, e seus olhos estavam com uma escuridão de tempestade. Soltando palavrões, ele tirou um lenço do bolso e o enrolou em volta do corte, apressadamente.

– Fique longe daqui e não o beije de novo.

– Por quê? O que está acontecendo? – perguntou Evangeline.

O Príncipe de Copas respondeu, com os dentes cerrados:

– Alguém acabou de lançar mais uma maldição em você e no seu príncipe.

Mais uma maldição.

– Está com cara de maldição espelhada – declarou Jacks.

Evangeline tentou não entrar em pânico novamente, mas seus nervos estavam por um fio. Se fosse um livro, teria a sensação de que suas páginas estavam sendo arrancadas, lentamente. Estava ferida, estava sangrando, o marido estava amaldiçoado. E agora, pelo jeito, ela também estava amaldiçoada. E Jacks continuava segurando sua mão.

A jovem se desvencilhou dos dedos gelados do Príncipe de Copas, mas não se sentiu melhor com isso. Pelo contrário: sentiu um gelo renovado cobrir toda a sua pele.

O Arcano falou, com uma voz assustadoramente calma e calculada.

– Enquanto essa maldição espelhada estiver ativa, Apollo sofrerá qualquer ferimento que infligirem em você, e você terá qualquer ferimento que infligirem nele. Mas, na verdade, você precisa se preocupar é com a morte dele. Se Apollo morrer, você morre.

Jacks, então, dirigiu o olhar para o lenço com o qual havia enfaixado a mão de Evangeline. Por um segundo, ficou com uma expressão completamente desumana. A calma se esvaiu de seu rosto, tornando-o vingativo e profano.

Se fosse qualquer outro dia, ela teria ficado satisfeita de ver o Príncipe de Copas tão abalado. Mas não sabia se realmente acreditava na reação do Arcano. Ainda mais que Jacks havia acabado de ameaçá-la, dizendo que Evangeline só tinha mais aquela noite para decidir se faria ou não um trato com ele. Senão...

– Foi você que fez isso? – perguntou a jovem.

Jacks olhou feio para ela.

– Não finja que nunca me feriu para me manipular. Você acabou de dizer que, se eu não me dispuser a abrir seu tal de Arco da Valorosa, eu realmente vou começar a te odiar.

– Eu acabo ferindo todo mundo, Raposinha. Mas você precisa estar viva para me odiar. – Nessa hora, os olhos do Príncipe de Copas ficaram cobertos de gelo. – Não quero que você morra e vou matar qualquer um que tentar fazer isso.

Dito isso, ele saiu do aposento.

Os guardas ao pé da escada voltaram a se movimentar na mesma hora: estavam livres do controle do Arcano. Um turbilhão de palavras e movimentações se seguiram, quando ambos se deram conta da cena alterada.

– O que está acontecendo? Por acaso isso é... sangue?

Os soldados se reuniram rapidamente em volta de Evangeline; tinham recobrado os sentidos e o senso de obrigação bem a tempo de impedir que ela subisse correndo as escadas para ir atrás de Jacks, exigir mais explicações.

Evangeline ergueu a mão, mostrando para os dois guardas o curativo do ferimento, e rapidamente inventou uma mentira.

– Eu tentei uma outra maneira de acordar Apollo, mas não deu certo. Explico melhor depois, mas agora preciso ir embora.

Ela precisava ir atrás de Jacks. O modo como o Arcano saiu correndo do quarto a fez suspeitar de que o Príncipe de Copas sabia quem havia lançado aquela nova maldição nela e em Apollo – ou que achava que sabia.

– Vocês dois, por favor, fiquem com o príncipe. E façam um curativo na mão ferida dele. Apollo precisa mais de proteção do que eu.

Havelock fez cara de quem queria discutir, mas Evangeline não lhe deu oportunidade. Subiu correndo as escadas, com a rapidez de um coelho.

Já estava na metade quando: *tá-tá-tá-tatááá!*

Trombetas, todo um naipe de trombetas, tocando alto e de forma comemorativa, inundaram o castelo de música.

Evangeline tropeçou. Por que estavam soando trombetas? Ela deveria ter ignorado isso, não tinha muito tempo se quisesse ir ao encalço de Jacks. Mas então ouviu risadinhas. Mais adiante, no corredor, a poucos metros, uma dupla de jovens criadas caminhava meio de braços dados.

– Por acaso vocês sabem por que está tocando essa música?

A mais alta delas olhou para Evangeline de esguelha, mas a mais baixinha foi mais educada.

– Acho que faz parte da cerimônia de boas-vindas para o príncipe Lucien, que surpreendeu a todos chegando antes do combinado – respondeu, com um sorriso constrangido.

O corredor começou a girar. Por que ninguém contou para Evangeline que o príncipe Lucien havia chegado antes da hora? Ela estava ocupada, mas alguém deveria tê-la avisado.

– Tinha certeza de que alguém teria lhe informado – foi logo dizendo a criada baixinha, como se tivesse lido os pensamentos de Evangeline. – Mas ouvi dizer que o príncipe Lucien ficou com medo de ser insensível se obrigasse a senhorita a assistir ao evento onde ele tomaria o lugar de seu amado como herdeiro do trono. Foi por isso que o príncipe adiantou a cerimônia.

– Que atencioso – disse a criada mais alta, com ar sonhador.

– Eu já gosto dele – concordou a criada baixinha.

*Eu quero dar um soco nele*, pensou Evangeline.

Não bastava o novo herdeiro do trono ter chegado antes da hora. Fizera isso de forma melíflua, ainda por cima. Evangeline deveria ter sido convidada para a cerimônia.

Por que Lucien a deixara de fora? A jovem não acreditou, nem por um segundo, que a motivação dele era poupar seus sentimentos. É claro que não tinha tempo para se preocupar com isso naquele momento. Precisava ir atrás de Jacks.

– Princesa Evangeline – declarou uma voz vinda de trás dela.

Era tentador não virar para trás, mas aí dois soldados apareceram ao lado da jovem. Ambos estavam usando o uniforme com as cores reais da família Acadian – bronze, dourado e vinho –, mas ela não reconheceu nenhum dos dois.

– A senhorita foi convocada a comparecer ao solário de estar – disse o da direita. – O príncipe Lucien requer sua presença, imediatamente.

Evangeline tentou reunir todo o seu otimismo enquanto seguia aqueles guardas desconhecidos. Mas só sentia um buraco crescente no peito. Era inquietante o fato de não ter sido convidada para a coroação de Lucien, mas agora estava sendo praticamente arrastada ao encontro do novo herdeiro do trono.

À medida que se aproximava de seu destino, o ar ia ficando mais quente e adocicado, com um aroma de vinho quente e comemorações de última hora. O solário raramente era usado para reuniões noturnas. Com suas paredes de janelões que convidavam a luz a entrar, era feito para as horas do dia ou para ocasionais saraus ao pôr do sol. Mas o novo herdeiro do trono não tinha como saber disso. Naquela noite, o saguão de espera do lado de fora do recinto estava cheio de vida e de luz, velas pingando cera dos lustres, convidados com as bochechas pintadas conversando, e gargalhadas altas que beiravam a bebedeira.

Ao que parecia, Evangeline não fora a única a ser convidada para se encontrar com Lucien. Só que, aparentemente, seria a primeira a ser recebida. Os soldados a fizeram passar na frente de todos, levando-a até outra dupla de guardas, que abriram imediatamente as portas em arco do solário.

A jovem estampou um sorriso no rosto, escondeu a mão enfaixada atrás das saias e foi adiante, com determinação. Não esperava encontrar o santo descrito pelos jornais, mas estava preparada para fingir o devido prazer de conhecer o jovem que tomaria o lugar de Apollo no trono.

Lucien pediu que deixassem o solário na penumbra, ao contrário do saguão externo cheio de vida. A lua espiava através das janelas altíssimas, um quarto minguante que contribuía para dar todo um clima no ambiente, mas não para a iluminá-lo. Velas ardiam nas arandelas, mas traziam mais fumaça do que luz, tingindo o recinto em uma bruma que poderia ter deixado outras pessoas intrigadas, mas fez Evangeline diminuir o passo. Tudo estava mal iluminado, com exceção da área bem na frente da lareira ardente, onde o herdeiro do trono estava sentado, esparramado em uma cadeira com um espaldar alto que lembrava asas, girando uma coroa de ouro entre as mãos.

– Boa noite – Evangeline se obrigou a dizer com um tom alegre, dando mais um passo na direção da luz âmbar da lareira. Mas, assim que chegou perto dela, suas pernas travaram.

O jovem não era o herdeiro do trono – nem sequer era um jovem de fato, não mais. Tinha uma beleza sobrenatural, os olhos eram luminosos demais, o maxilar tão afilado que seria capaz de cortar um diamante, e a pele negra realmente brilhava.

Era um vampiro.

E era o primeiro garoto que Evangeline amara na vida.

Luc deu um sorriso amarelo para Evangeline, ainda girando a coroa de ouro nas mãos, como se fosse um brinquedo.

– Oi, Eva.

A jovem cerrou os punhos.

No passado, talvez tivesse corrido para os braços dele. No passado, talvez tivesse chorado por ele. Agora, queria atirar coisas nele. Coisas afiadas, que ferem.

Luc, no passado, foi o garoto com o qual Evangeline achou que iria se casar.

Mas, da última vez que o vira, estava trancafiado em uma jaula, parte de uma cerimônia para se transformar em vampiro. Jacks avisara para não salvar a vida do rapaz –, mas ela dera ouvidos ao próprio coração e não ao Príncipe de Copas. Ajudara Luc a se libertar, e ele agradeceu tentando arrancar a garganta de Evangeline com os dentes.

– O que você está fazendo aqui? – indagou ela.

Luc fez beicinho e perguntou:

– Você ainda está brava por causa do que aconteceu naquela noite?

– Por acaso você está se referindo à noite em que tentou me comer?

– Não era bem isso. Bom, talvez tenha sido, um pouco.

O garoto-vampiro sorriu, mostrando as presas, como se fossem o equivalente a um relógio de bolso novinho em folha, um acessório que combinava com o gibão, que era de veludo preto e tinha um bordado escuro, vermelho-sangue.

– Isso não tem graça, Luc. O que você está fazendo aqui?

– Ah, pare. Você é inteligente, pelo menos era. Achei que você já teria entendido tudo.

Ele voltou a brincar com a coroa, girando a peça entre os dedos. Era apenas um diadema simples, mas era de ouro e brilhava através do miasma, tornando meio óbvio o que deveria ter ficado claro no instante em que Evangeline entrou ali: *Luc* era *Lucien*.

– Foi *você* que espalhou aqueles boatos ridículos a respeito de Lucien Acadian?

Chegara mesmo a pensar que aquele tal de Lucien era bom demais para ser verdade, mas nunca imaginou que o jovem que ensinava crianças a ler e encontrava lares para bichinhos de rua poderia ser Luc. Luc era muita coisa, mas não era ardiloso o suficiente para governar um reino, que dirá roubar um.

Como será que conseguira fazer aquilo? Evangeline sabia que vampiros possuem *encantos*, uma habilidade que lhes permite enfeitiçar humanos, caso o ser humano olhe nos olhos deles. Mas Luc precisaria mais do que isso para se transformar em herdeiro do trono. Nem sequer *nascera* no Magnífico Norte.

Ah, se ao menos ela tivesse encontrado uma maneira de acordar Apollo, aquilo jamais teria acontecido.

– Pensei que você ficaria mais impressionada. Agora sou príncipe!

Luc jogou a coroa para o ar, todo garboso, e a pegou com a cabeça.

Evangeline se encolheu toda.

O garoto-vampiro fez careta, e essa expressão desfigurou seus belos traços.

– Não entendo como e nem por que você está fazendo isso, Luc. Mas não vai funcionar. Você não pode simplesmente inventar um nome e se apossar do trono.

– Não se preocupe tanto, Eva. Só o nome é mentira. – Ele, então, começou a brincar com a coroa de novo, deixou-a resvalar da cabeça e cair nos dedos. – Caos disse que, mudando de nome, seria mais fácil as pessoas aceitarem a verdade: acontece que realmente sou um parente distante, há muito esquecido, do príncipe morto.

Evangeline se encolheu toda ao ouvir as palavras “príncipe morto” e resistiu ao ímpeto de sacudir a cabeça. Não acreditava, nem por um segundo, que Luc fosse parente distante de Apollo. Mas Luc com certeza acreditava. Sempre foi um pouco convencido e mimado. Era um pequeno defeito que a jovem havia ignorado no passado. Só que, de repente, não lhe parecia algo tão inofensivo.

Quando era humano, Luc achava que merecia tudo do bom e do melhor. E, agora que era vampiro, ficara óbvio que achava que merecia muito mais.

A questão era: por que Caos entregaria o trono para Luc? Evangeline o encontrara diversas vezes. As primeiras duas ocasiões em que seus caminhos se cruzaram, ele fingiu ser da guarda real, mas se revelou ser o Vampiro Senhor dos Espiões e dos Assassinos.

Caos, decerto, havia colocado Luc no trono porque supôs que, sendo um vampiro recém-transformado, ele seria mais fácil de controlar. Só que Evangeline também tinha dificuldade de acreditar nisso. Luc era impulsivo demais. Mesmo que fizesse o que Caos mandasse em termos de leis e políticas, conseguia imaginá-lo perdendo o controle de seus ímpetos de vampiro. Se tinha atacado Evangeline – alguém de quem, supostamente, gostava –, não dava para imaginá-lo se segurando para não atacar outras pessoas.

A jovem, de repente, teve uma súbita visão do Paço dos Lobos cheio de pessoas da corte e criados sangrando, mortos ou transformados em vampiros.

*Isso seria um desastre.* Evangeline teve vontade de dizer isso, mas tinha dúvidas de que Luc encararia numa boa. Em vez de falar, ficou se perguntando por que o garoto-vampiro a convocara para ir até ali, reunir-se a sós com ele. Jamais teria medo de Luc enquanto ser humano – Evangeline o amara –, mas aquele garoto havia desaparecido assim que Luc fora infectado com veneno de vampiro.

– Por que você não se aproxima um pouquinho mais? – perguntou o falso herdeiro do trono.

Em seguida, inclinou a cabeça para Evangeline, e ela sentiu o calor beliscar o lóbulo de sua orelha e, em seguida, sentiu o olhar ardente de Luc pairando em sua garganta.

– Pare com isso, Luc.

– Parar com o quê?

Mais um sorriso, que não se refletiu em seus olhos – sombrios, castanhos e *famintos*.

Evangeline precisava sair dali – mais do que nunca, precisava encontrar a cura para Apollo, para expulsar Luc do trono de seu marido –, mas, se deixasse

o falso herdeiro do trono sozinho, temia pelo que mais ele pudesse fazer. *Temia por quem mais ele pudesse morder.*

– Por favor, Luc... – Evangeline não terminou a frase, porque ouviu som de passos que vinham logo do outro lado da porta e eram suaves como a voz feminina e abafada que se ouviu em seguida.

– O príncipe Lucien me convocou para jantar com ele.

Evangeline ficou tensa ao ouvir a palavra “jantar”.

– Diga que ela está falando de comida de verdade.

– Tenho certeza de que é disso que *ela* está falando.

Evangeline sentiu uma queimação no estômago.

– Se está com ciúme, posso perfeitamente jantar *você* em vez dela.

Luc deu um sorriso que, provavelmente, tinha a intenção de ser brincalhão, mas deixava dentes demais à mostra.

O sangue da jovem disparou, fervendo de um modo incômodo.

– Isso não tem graça.

– Não era para ter.

As narinas de Luc se dilataram.

As portas do solário se abriram.

Evangeline se preparou para ver a garota que viera “jantar”. Só que não era uma garota. Era Havelock.

– Quem é você? – indagou Luc, retorcendo os lábios, em uma careta.

Havelock o ignorou e ficou olhando apenas para Evangeline.

– Princesa, há algo que a senhorita precisa ver imediatamente.

– Não sei se este é o momento mais oportuno.

A jovem, então, lançou um olhar preocupado, meio na direção de Luc. Não podia deixá-lo sozinho e permitir que ele transformasse uma pobre garota em alimento. Mas é claro que Havelock não sabia o que Luc realmente era. Evangeline nem sequer sabia se o guarda tinha ciência de que vampiros existiam e, naquele momento, poderia nem ligar para isso.

O rosto de Havelock se resumia a uma série de rugas de preocupação e, quando tornou a falar, sua voz saiu rouca, beirando um tom amedrontado.

– É urgente – insistiu ele.

E foi aí que ela sentiu: uma umidade nas costas da mão. Uma gota de sangue empapou a faixa que protegia a ferida, a ferida que Apollo e Evangeline tinham em comum.

Luc inspirou do outro lado do recinto mal iluminado. Um som que parecia um rosnado saiu de sua garganta. E então, em um piscar de olhos, o garoto-vampiro começou a se movimentar.

Evangeline havia esquecido que vampiros conseguem se movimentar com tamanha rapidez. O rapaz atravessou o recinto às escuras como um borrão poderoso e a segurou com as duas mãos brutais. Antes que desse tempo de sair correndo, uma mão se agarrou à sua cintura, apertando, e a outra se entrelaçou em seus cabelos e puxou o pescoço dela, aproximando-o dos lábios entreabertos de Luc.

Evangeline gritou.

Só que os lábios de Luc não chegaram a encostar em sua pele. Em um segundo, ele estava ali, tão perto, com os dentes afiados e a fome primal. Em seguida, o garoto-vampiro estava sendo puxado, e alguém a segurava. Mãos delicadas e não aquelas outras, brutas, a abraçaram, de forma protetora, puxando-a para um peito rígido e gelado. O dono das mãos cheirava a maçã e a crueldade, mas Evangeline tremia demais para dar um empurrão em Jacks, que a levou para o outro lado do solário mal iluminado.

– Vou matar aquele garoto – declarou o Príncipe de Copas, soltando fogo pelas ventas.

Ao redor deles, as luzes que vinham do corredor eram cegantes e tontearam Evangeline, que já estava se sentindo meio zonza. Luc não conseguira mordê-la, mas o ferimento em sua mão estava pingando de novo, e sua cabeça girava.

– Havelock...

– Ele está bem – disse Jacks.

E aí o guarda apareceu, poucos metros mais para o lado, com uma expressão atônita – provavelmente, estava sendo controlado pelo Arcano. Mas ainda bem que não aparentava estar sangrando ou ferido.

– Mas Luc...

– Está sob controle.

Jacks a abraçou com mais força, trazendo-a mais para o corredor iluminado demais, afastando-a do solário.

– Espere aí... – Evangeline fincou os pés no chão e se desvencilhou do Arcano. – Quem está controlando Luc?

– Alguém que não vai segurar o garoto para sempre.

O Príncipe de Copas apertou os lábios. Tentou arrastar Evangeline para longe dali novamente, mas ela fez o movimento contrário.

A jovem estava agradecida por Jacks ter impedido que ela se tornasse o próximo lanchinho de Luc, mas salvar sua vida uma única vez não fazia de Jacks um salvador. O Arcano ainda era o vilão da história de Evangeline, não o herói.

– Não vou a lugar nenhum com você.

– Você não está segura aqui – disse o Príncipe de Copas, calmamente, como se a jovem fosse um gatinho de rua que ele estava tentando dominar. E, apesar disso, Evangeline reparou que os punhos de Jacks estavam cerrados, e um músculo pulsava furiosamente no pescoço do Arcano.

– Com licença. – A voz diminuta chegou às portas do solário, vinda do corredor. – O príncipe Lucien já está pronto para me receber para o jantar?

Evangeline se virou para trás, novamente alarmada, enquanto seu olhar percorria a garota pequenina, a poucos metros de distância. O rosto era delicado; o vestido, rosa-pétala. E, aovê-la, Evangeline sentiu uma nova onda de pavor. Era Marisol. Sua irmã postiça.

Ela não a via desde a manhã em que Marisol mandara prendê-la pelo assassinato de Apollo. Marisol sabia que a irmã postiça era inocente. Mas, debaixo de sua fachada açucarada, morava um coração corroído pela inveja, que instigou Marisol a denunciar Evangeline por um crime que ela não cometera.

Aovê-la ali, linda como uma princesa, Evangeline teve a sensação de que haviam enfiado uma faca em suas lembranças, reabrindo todas as feridas que a irmã postiça lhe infligira quando traiu sua confiança.

As maldades de Marisol, em princípio, doeram tanto que Evangeline chegou a pensar em se aproveitar de sua posição na realeza para banir a irmã postiça do Paço dos Lobos – talvez até de todo o Magnífico Norte. Mas, por

mais que quisesse que Marisol sumisse, não foi capaz de expulsá-la. Os sentimentos que nutria por ela eram complicados. Queria perdoar Marisol. Queria ser melhor com a irmã postiça do que Marisol fora com ela. Mas, talvez, Evangeline não fosse melhor. Porque, por mais que odiasse admitir, estava preparada para permitir que Marisol atravessasse as portas do solário, ficasse cara a cara com Luc e colhesse a dor que ela mesma havia plantado.



Seria fácil para Evangeline ficar simplesmente parada ali. Deixar Marisol entrar no solário desavisada. A história de Marisol com Luc era culpa da própria Marisol: ela havia lançado um feitiço do amor no rapaz, para roubá-lo de Evangeline. Depois, quando Luc ficou desfigurado porque foi atacado por um lobo, Marisol o rejeitou e ignorou as cartas dele. Luc merecia a oportunidade de confrontá-la.

Mas Evangeline sabia que não era isso que o garoto-vampiro queria com sua irmã postiça.

Sentiu um nó nas entradas.

— Sei o que você está pensando — declarou Jacks —, mas certas pessoas se dão mal porque merecem se dar mal.

A jovem sabia que o Príncipe de Copas tinha razão. Marisol não era nenhuma inocente. Fizera coisas terríveis. Mas, nem por isso, podia simplesmente permitir que Luc a matasse.

Antes que mudasse de ideia, Evangeline foi se dirigindo ao saguão real. Marisol empalideceu quando a irmã postiça se aproximou. Depois os olhos dela se arregalaram, quando Jacks apareceu ao lado de Evangeline. Foi absorvendo, lentamente, cada centímetro do Príncipe de Copas, das botas engraxadas à meia capa garbosa, passando pela linha cruel formada por seus lábios.

Marisol conhecera Jacks no Sarau Sem Fim e ficou imediatamente arrebatada por ele. Na ocasião, o Príncipe de Copas tinha cabelo azul-escuro, nada comparado à cabeleira dourada e reluzente de agora, mas ficou óbvio que o reconheceu. Ficou com a respiração rasa, empolgada. E aí seu olhar se endureceu, e ela olhou feio para Evangeline, provavelmente se recordando que a irmã postiça havia dito para ficar longe do Arcano.

— Você é tão hipócrita.

*Falei que ela merece*, pensou Jacks, comunicando-se com Evangeline.

Ela o ignorou, desprezando suas palavras, assim como o tom de alfinetada da voz da irmã postiça. Só precisava alertá-la. E aí, tomara, se livraria da garota de uma vez por todas.

– Você precisa ir embora daqui. Saia do Paço dos Lobos e do Norte.

Marisol soltou uma risada debochada:

– Você não pode me obrigar a ir a lugar nenhum. Você não passa de uma viúvinha arruinada, cujo marido morreu. A criadagem pode até te chamar de “princesa”, mas a maioria ainda acha que você assassinou o príncipe.

Evangeline se encolheu toda.

Jacks cerrou os dentes e comentou:

– Você é uma figurinha perversa

– Estou apenas dizendo a verdade.

– Eu também – retrucou o Príncipe de Copas.

As bochechas de Marisol ficaram de um vermelho vivo, mas ela ergueu o queixo e deu uma bufada presunçosa.

– Vou encontrar o príncipe Lucien agora.

– Se passar por essa porta, jamais tornará a sair – alertou Evangeline.

Marisol revirou os olhos e declarou:

– Sério mesmo que isso é o melhor que você consegue fazer?

– É verdade.

*O príncipe Lucien, na verdade, é Luc, e Luc é um vampiro!*

Evangeline teve vontade de gritar, mas temia que pronunciar a palavra “vampiro” só a prejudicaria. Jacks, certa vez, havia lhe dito que todas as histórias sobre vampiros eram amaldiçoadas. Mas em vez de distorcer a verdade, como as demais lendas amaldiçoadas do Norte, as histórias de vampiros manipulavam os sentimentos das pessoas. Não importava o que alguém ouvia a respeito deles, sempre ficaria intrigado e não horrorizado.

Marisol deu meia-volta e foi se dirigindo às portas do solário.

Evangeline sentiu um breve laivo de indecisão e se virou para Jacks.

Sempre achou que os sentimentos que nutria por Marisol eram complicados. Mas, na verdade, eram bem simples. Queria apenas que a irmã

postiça lhe pedisse desculpas. Queria que ela sentisse alguma espécie de arrependimento ou remorso pelas atitudes egoísticas que tivera. Não queria que Marisol morresse.

E, contudo, a única maneira de salvar a irmã postiça agora seria pedir a ajuda de Jacks.

Evangeline engoliu em seco. Sentia um gosto metálico na boca. Gosto de um preço que não estava disposta a pagar. Recordou-se que não podia confiar no Príncipe de Copas. Não podia se iludir e acreditar que ele era seu amigo nem criar o hábito de recorrer à ajuda dele. Faria isso apenas desta única vez.

– Por favor – sussurrou para o Arcano. – Use seus poderes, não deixe ela ir.

Jacks ergueu uma das sobrancelhas, com um ar imperioso, e perguntou:

– Por acaso você está me pedindo um favor?

– Estou pedindo para você demonstrar um pouco de humanidade.

O que, na verdade, parecia quase tão perigoso quanto. Se Jacks fizesse aquilo sem pedir nada em troca, seria mais fácil Evangeline voltar a pensar que ele era diferente. Mas, pela cara insensível do Arcano, isso obviamente não seria um problema.

– Você está pedindo a coisa errada – declarou o Príncipe de Copas.

Os guardas puseram a mão na maçaneta das portas do solário.

O nó que Evangeline sentia nas entradas ficou ainda mais apertado. Já que Jacks não ia impedir Marisol de entrar, ela teria que tentar novamente. Não sabia o que iria fazer, mas começou a se movimentar para ir atrás da irmã postiça, que entrou no solário.

– Não faça isso – declarou Jacks.

E segurou a mão da jovem com seus dedos gelados e fortes.

Evangeline fez que ia se desvencilhar.

Mas, aí, viu Marisol. Assim que a irmã postiça se colocou diante da porta, começou a andar para trás, debatendo-se feito um passarinho assustado, com o cabelo castanho ralo se sacudindo em volta do rosto. Tropeçou na bainha das saias, perdeu o equilíbrio por alguns instantes e quase caiu no chão de pedra. Em seguida, começou a correr para o lado oposto do saguão do castelo.

Jacks usara seus poderes para salvar a vida de Marisol, no final das contas.

O peso nos ombros de Evangeline diminuiu, mas o aperto no peito aumentou. Esperou o Príncipe de Copas dizer que agora ela lhe devia um favor. O Arcano já soltara sua mão, mas seu olhar estava fixo na última cicatriz em forma de coração partido que restava no pulso de Evangeline. Era um aviso de que a jovem ainda não terminara de pagar sua outra dívida: o último beijo que devia ao Príncipe de Copas.

Fazia tempo que Jacks não mencionava a dívida, mas Evangeline sentiu um nervosismo renovado e repentino ao pensar que o Príncipe de Copas logo a cobraria – que o Arcano poderia estar falando desse último beijo quando prometera, há pouco, que ela realmente começaria a odiá-lo.

Havelock pigarreou e falou:

– Com licença, Vossa Alteza.

Evangeline levou um susto e pulou, afastando-se ainda mais de Jacks. Não sabia quando o guarda se aproximara sem ser notado. Mas, só de olhar para a expressão abismada de Havelock, teve certeza de que não queria ouvir o que ele tinha a dizer.

Não naquele momento.

Ela achava que não tinha forças para suportar mais adversidades. Não sabia nem se estava conseguindo lidar direito com o que acabara de presenciar. Se não fosse por Jacks, Marisol agora estaria morta. Evangeline não se arrependia de ter pedido para o Príncipe de Copas salvar a vida da irmã postiça, mas não podia pedir mais nada para ele. Precisava fugir do Arcano e de tudo o mais. Estava se esforçando para ter a atitude correta, tomar a decisão nobre, ser uma heroína. E estava exausta.

Jacks sempre dizia para Evangeline que os heróis não têm direito a finais felizes. Mas, naquele momento, a jovem não estava buscando felicidade. Só queria um tempo. Um instante de paz antes de ser confrontada com mais uma catástrofe. Será que era pedir demais?

Olhou, então, para a mão enfaixada. A ferida que ela e Apollo tinham em comum tinha parado de sangrar, e o restante de seu corpo – com exceção do coração esgotado – estava em ordem. O príncipe, portanto, não corria nenhum perigo iminente. O que Havelock queria poderia esperar.

– Vou sair – anunciou. – E não quero que ninguém venha atrás de mim.

Evangeline ainda não sabia ao certo aonde iria, mas poderia descobrir isso depois. Talvez fosse visitar LaLa e o novo noivo da amiga, comer bolo até que o mundo voltasse a ser doce. Ou, quem sabe, simplesmente montaria em um cavalo para cavalgar a esmo até chegar a uma outra história. Só sabia que tinha que sair do Paço dos Lobos.

Elá sempre achou que o grandioso castelo do Norte era mágico, e era —, mas estava repleto do tipo errado de magia. Quase todas as lembranças que tinha de dentro daquelas paredes de pedra eram manchadas por alguma espécie de maldição ou de traição.

As saias preto e branco farfalharam em volta de seus tornozelos enquanto se afastava de Havelock e de Jacks.

— Vossa Alteza... — Havelock veio marchando atrás dela. — A senhorita não pode simplesmente sair dessa maneira.

— Lamento — interrompeu Evangeline. — Sou muito grata a você, Havelock, mas não posso lidar com mais notícias ruins neste exato momento. Se o que você tem a me dizer não tem a ver com a chegada de unicórnios que realizam desejos, preciso de um instante, provavelmente vários instantes, sozinha.

A jovem apressou o passo, quase correndo. As saias eram pesadas, mas as botas eram abençoadamente firmes e facilitaram que ela descesse a escada correndo e depois percorresse o corredor bem rápido, até chegar à porta. Ela saiu apressada do castelo e encarou o ar gelado da noite do Norte, protegida pela abóbada daquele céu de constelações desconhecidas, cujos nomes ainda precisava aprender.

Talvez pudesse simplesmente voltar para o Sul, para a própria casa, no Império Meridiano. Poderia deixar o Norte e todas as suas maldições para trás. Mas, no mesmo instante em que essa ideia lhe ocorreu, Evangeline teve certeza de que não era isso que queria. Não queria outra história, queria consertar *aquela* história. Queria salvar a vida de Apollo. Queria ter uma chance de conhecê-lo sem que o príncipe estivesse sob o efeito de um feitiço. Queria acreditar que a história dos dois não tinha terminado. Queria o tal “felizes para sempre” que fora buscar ali.

Adentrou nos jardins e pisou em pétalas de flores congeladas, que crepitaram em contato com suas botas. Então ouviu outro par de passos, mais

leves que os seus, se aproximando.

A cicatriz em forma de coração partido no pulso começou a arder. Às vezes, conseguia ignorar essa sensação. Mas, naquele exato momento, estava mais forte do que o normal, parecia que Jacks queria que Evangeline soubesse que era impossível fugir dele.

Apressou o passo, torcendo para despistá-lo nas sombras do jardim mal iluminado. Mas o Príncipe de Copas não parou de segui-la, e a jovem teve a sensação de que ele jamais pararia.

Quase deu risada ao pensar que se iludira achando que conseguiria fugir do Arcano. Que o Príncipe de Copas simplesmente abriria mão dela.

Evangeline se obrigou a parar no jardim, sob o brilho cor de âmbar de um lampião em forma de ramalhete. O frio fustigou seu rosto e lambeu suas mãos, mas Jacks nem sequer tremia enquanto corria na direção dela, indiferente ao ar gelado que congelava as pontas de seus cabelos e cílios. Deslizou pela noite gélida feito uma estrela cadente que caía lentamente, com aqueles olhos sobrenaturais e movimentos graciosos.

Ela cruzou os braços em cima do peito, gesto que, provavelmente, não deu a impressão enérgica que gostaria de ter transmitido, já que ainda estava com o lenço de Jacks enrolado em volta da mão: mais uma maneira de lembrar que o Príncipe de Copas a *ajudara*, ainda que fosse para resolver mais um problema que talvez tivesse sido criado pelo próprio Arcano.

– Me deixe em paz, Jacks.

Ele deu mais um passo lento.

– Você está um tanto assustadora neste exato momento, sabia disso?

Evangeline olhou feio para o Arcano.

– Foi um elogio, Raposinha.

O Príncipe de Copas esticou o braço e, com um toque leve como uma pluma, colocou uma mecha do cabelo de Evangeline atrás da orelha dela.

Evangeline sentiu um frio no estômago. Um frio diferente do que sentia sempre que via Apollo. *Porque Apollo não a assustava.*

– O que você está fazendo? – perguntou, com a voz esganiçada.

Jacks soltou uma risadinha.

— Se eu soubesse que, para te assustar, só precisava encostar em você de leve, teria tentado isso antes.

O Príncipe de Copas ficou passando a ponta dos dedos no lóbulo da orelha da jovem.

Evangeline se afastou e quase tropeçou no chão congelado. Odiava o fato de suas pernas estarem tão instáveis. Que aquele mínimo toque pudesse afetá-la tanto.

Mesmo depois de vários segundos, o chão ainda estremecia. Não era a sensação exata de um verdadeiro tremor de terra, era mais um estremecer que avançava pelo jardim. E, de repente, Evangeline temeu que não fosse devido apenas às suas pernas trêmulas.

Do lado de fora do círculo que os lampiões do jardim formavam ao redor dos dois, o mundo estava mais escuro. Uma névoa que se retorcia tomava o lugar dos arbustos e árvores. Ao olhar para fora do círculo, Evangeline teve o mesmo pressentimento que tivera há quase uma semana, quando Jacks foi atrás dela na biblioteca.

Alguém os observava.

— Acho que tem mais alguém aqui — sussurrou, apertando os olhos até conseguir enxergar um vulto, que apareceu ao longe. Estava a tal distância que poderia ser apenas as sombras enganando seus olhos, mas Evangeline achou que era um homem montado em um cavalo.

Jacks fez uma careta e declarou:

— Deve ser aquele fofoqueiro profissional dos tabloides.

Mas Evangeline não achou que era ele. Aquela pessoa a cavalo parecia ser mais forte, mais corpulenta e *conhecida*.

Ela deu um passo em direção às sombras.

— O que você acha que está fazendo? — perguntou Jacks.

— Não se preocupe. Tenho certeza de que, seja lá quem for, não deve ser mais perigoso do que você.

Mas a verdade era que algo naquela pessoa a cavalo a atraía. A única outra pessoa que a fez sentir algo parecido com aquilo foi Jacks. A cicatriz em forma de coração partido no pulso ligava Evangeline ao Arcano, formigando, ardendo, fazendo-a lembrar que era impossível escapar dele. A sensação que

tinha com aquela pessoa a cavalo era diferente. Não havia formigamento. Era algo mais parecido com uma corrente que, por um fio invisível, a puxava na direção daquele homem. A neve foi se acumulando nos ombros de Evangeline, e ela continuou andando pela trilha iluminada pelo luar.

Folhas farfalharam, o cavalo relinchou, e um pedaço de luar iluminou o cavaleiro. O suficiente para Evangeline enxergar claramente os contornos do belo rosto dele. *Apollo*.

O tempo parou. Ou pode ter sido apenas o coração de Evangeline. Apollo estava acordado. Completamente acordado. Talvez fosse essa notícia que Havelock estava tentando lhe contar.

Ela sentiu uma explosão absurda de esperança.

Quando olhou nos olhos do príncipe, percebeu que não estavam mais vermelhos.

Ao contrário da última vez que o vira, Apollo aparentava ter total controle de si mesmo.

Parado ao lado de Evangeline, Jacks ficou tenso feito um pesadelo, e ela não pôde deixar de sorrir. Com Apollo acordado, não havia mais como o Príncipe de Copas chantageá-la. A jovem não precisava mais abrir o Arco da Valorosa. O horror chegara ao fim. Pelo menos, era nisso que Evangeline queria acreditar.

A imobilidade de Apollo, montado no cavalo, era absolutamente indecifrável. Não se afastava, mas tampouco se aproximava. E, de repente, outra lembrança veio à tona – uma lembrança que Evangeline adoraria enterrar para sempre. Logo depois de o feitiço do amor lançado por Jacks ter sido interrompido, antes de o veneno preparado pelo Príncipe de Copas surtir efeito, o príncipe estava furioso e arrasado. Talvez ainda não a tivesse perdoado.

*Raposinha, pensou Jacks. Acho melhor sairmos daqui.*

*Ainda não, respondeu ela, em pensamento. Mas você pode ir.*

O Príncipe de Copas cerrou os dentes. Em seguida, a jovem ouviu novamente a voz do Arcano dentro de sua cabeça, mais baixa, dando a impressão de que Jacks estava tentando usar seus poderes para coagi-la.

*É uma péssima ideia. Uma ideia perigosa. Você precisa sair deste jardim agora mesmo.*

Evangeline o silenciou. Estava determinada a torcer pelo melhor – Apollo talvez não a tivesse perdoado pelo feitiço do amor, mas o fato de estar ali a fez pensar que, quem sabe, quisesse perdoá-la.

– Estou tão feliz por você estar acordado.

O príncipe respirou fundo e soltou uma pequena nuvem branca.

– Pelos deuses, você é linda.

Cinco palavras nunca foram tão poderosas. Evangeline deu um passo ressabiado na direção de Apollo.

– Pare! – disse, ríspido.

Evangeline sentiu um aperto no coração.

Apollo passou a mão nos cabelos castanho-escuros.

– Desculpe. Eu... Eu não quero mesmo te ferir. Eu só...

Ele deixou a frase no ar e, através de um raio de luar, a jovem pôde ver a dor que desfigurava a expressão do príncipe. Era uma expressão ferida, em carne viva, diferente de todas as expressões que já vira no rosto de Apollo.

Aquele não era o mesmo príncipe com o qual Evangeline tinha se casado. Aquele príncipe tinha uma existência enfeitiçada. Era protegido por guardas, bajulado pelos súditos e bastante apaixonado por si mesmo. Quando se conheceram, Evangeline o teria descrito como galante e de aparência perfeita. Mas agora Apollo tinha um passado: um feitiço do amor havia virado o mundo dele de pernas para o ar, outra maldição quase roubara sua vida. Sabe-se lá como, lutara contra a segunda maldição e triunfara. Mas, pela expressão de Apollo, o feitiço ainda o assombrava.

O príncipe respirou fundo, com um ar dividido, e falou:

– Não sei quanto tempo ainda me resta, mas quero que você saiba que eu te ouvi. Todos os dias que você entrou em meus aposentos, em meio a toda aquela névoa rodeando meus pensamentos, ouvi sua voz me pedindo para *tentar*.

O cavalo de Apollo trotou e deu um passo à frente.

Evangeline sentiu mais uma faísca de esperança. Foi aí que se deu conta de que o príncipe estava igual à noite em que a pedira em casamento. Na ocasião, também estava a cavalo e trajado de modo bem parecido, um pouco maltrapilho, com exceção das elegantes flechas douradas que levava presas às

costas. Naquela noite, Apollo era o Arqueiro, e Evangeline, sua raposa – de “A balada do Arqueiro e da Raposa”, a história preferida da infância da garota –, e Evangeline ousou imaginar que esse poderia ser o caso, novamente. Que Apollo estava fazendo mais um gesto grandioso, uma tentativa de recomeçar do zero.

- Isso quer dizer que você me perdoou? – perguntou a jovem.
- Eu quero – respondeu o príncipe, mas disse isso com um tom estranhamente seco.

*Raposinha*, urrou Jacks, dentro da cabeça de Evangeline, mas ela não ouviu o que o Arcano falou em seguida, porque a voz de Apollo o interrompeu.

– Eu gostaria que pudéssemos tentar de novo... mas acho que você deveria ir embora.

- O quê?
- Vá embora, Evangeline. – Um raio de dor atravessou a expressão de Apollo, encovando seu rosto e formando rugas em sua testa. – Não quero te ferir.

– O que foi?

Ela deu mais um passo na direção do príncipe.

– Pare! – berrou Apollo. – Você precisa ir embora.

Ele, então, tirou uma flecha dourada da aljava presa às suas costas. O luar reluziu na ponta da flecha, que Apollo segurava com o punho cerrado.

Evangeline ficou imóvel.

– O que você vai fazer?

– Raposinha... vá lá para dentro! – gritou Jacks.

Dito isso, o Arcano a puxou para trás dele, de um jeito bruto.

Os olhos de Apollo ficaram vermelhos, do mesmo tom aterrorizante que assumiram quando ele segurou o pulso de Evangeline.

E aí Jacks berrou:

– Corra!

A jovem ainda não entendia o que estava acontecendo, mas levantou as saias e começou a correr, só que não correu rápido o suficiente.

Uma flecha voou pelos ares e acertou sua coxa. Ela gritou e cambaleou, porque a ponta da flecha atravessou seu músculo. Era uma dor dos demônios, que embaçava tudo, menos a própria dor, enquanto tentava voltar para a segurança do castelo.

O sangue empapou rapidamente suas saias à medida que ela avançava cambaleando para frente.

Outra flecha voou, mas passou longe. Não atingiu o braço de Evangeline e acertou um arbusto florido. Ela, contudo, sentiu uma ardência terrível no ombro, como se a flecha a tivesse acertado.

Sem saber muito bem como, Evangeline chegou à porta do Paço dos Lobos. O sangue pingava de um corte fundo no ombro e escorria pelo braço até a palma de sua mão. Um sangue úmido e grudento, que deixou uma mancha vermelha na maçaneta quando Evangeline a girou. Em seguida, ela entrou se arrastando no saguão aquecido.

Pontinhos de luz dançavam diante de seus olhos. Sua visão ficou borrada quando olhou para a flecha dourada que saía de um rasgo ensanguentado em suas saias.

Evangeline não viu uma flecha no ombro, mas o ferimento doía tanto quanto o outro. E saía tanto sangue que empapou o corpete branco do vestido.

Os pensamentos começaram a se esfacelar, pulando do pânico para a dor e a confusão. Ela caiu em um banco de madeira e sangrou por todo o estofamento bordado com capricho. Era cor de creme com pontinhos de pequenas flores vermelhas, mas o sangue de Evangeline os transformou em botões maiores e mais escuros.

Precisava pedir ajuda.

Tentou levantar do banco.

A perna atingida pela flecha falseou, e a jovem caiu de volta no banco, sangrando cada vez mais.

*Socorro.* A palavra saiu tão baixinho que ela nem sabia se havia mesmo falado em voz alta. Talvez tivesse apenas pensado. Ao seu redor, o castelo estava ficando enevoado. As pálpebras estavam pesadas e Evangeline via mais e mais pontinhos de luz piscantes em sua visão periférica enevoada.

Fechou os olhos, só por um instante. Só para descansar por um segundo.

– Evangeline...

Parecia a voz de Jacks. Mas ele a chamou pelo nome, não de “Raposinha”. O Príncipe de Copas nunca a chamava pelo nome. E aí o Arcano murmurou outra coisa. Uma palavra que Evangeline jamais ouvira ele dizer.

– Desculpe – disse Jacks, poucos instantes antes de tudo ficar realmente escuro.

Evangeline se esforçou para abrir os olhos, mas as pálpebras estavam absurdamente pesadas. Não sabia se estava acordada ou adormecida. Achava que Jacks tinha estado com ela antes de tudo ficar escuro. Mas os braços que agora a seguravam transmitiam um calor escaldante – ou talvez fosse ela que estivesse ardendo.

Conseguia escutar a conversa, mas era quase inaudível. Em boa parte, vozes baixas e urros de duas vozes que discutiam, com algumas poucas palavras perdidas.

- Ela... veneno.
- ... humano... risco...
- ... quer... morra...
- Não...

A pessoa que a sequestrara a apertou ainda mais, pressionando-a contra um peito coberto de couro, que tinha cheiro de metal e fumaça. Definitivamente, não era Jacks.

Evangeline sentiu uma súbita onda de alarme.

- Me... solte – conseguiu dizer.
- Relaxe – disse uma voz que ela não reconheceu. – Não vou te fazer mal.
- Não.

Ela tentou arranhar o sequestrador, mas não conseguia mexer os dedos. Seu corpo estava enfraquecido. Era feita de braços e pernas inúteis e pálpebras quebradas. A pele era puro sangue que secava, e os pensamentos estavam se tornando cinzentos.

Mas havia um pensamento mais claro e mais assustador do que todos os demais. Se ela estava ferida, Apollo também estava. Deveria estar sangrando em algum outro lugar, provavelmente lá fora, no jardim escuro.

– Apollo – finalmente conseguiu dizer. – O príncipe Apollo... precisa... de ajuda.

O sequestrador ficou tenso. Em seguida, Evangeline ouviu outra voz, tão baixa que soube que era dentro de sua cabeça.

*Sinto muito, Raposinha. Não é com Apollo que você precisa se preocupar. Ele...*

Ela começou a perder a consciência novamente antes de conseguir entender o restante dos pensamentos de Jacks. Sabia, contudo, o que o Arcano iria dizer. O príncipe Apollo era a causa de seus ferimentos.

Segundos se passaram como se fossem horas. Evangeline não conseguia ficar acordada por muito tempo. Mas, quando ficava, a dor fazia cada instante se expandir e virar um século, uma vida inteira de dor em troca de um único momento de consciência.

Desta vez Evangeline recobrara a consciência ao ponto de sentir braços gelados em volta dela. *Os braços de Jacks.* Tudo era enevoado e distante, mas sabia, de alguma maneira, que esses braços a seguravam mais apertado do que aqueles outros braços, os quentes, jamais seguraram.

E apesar disso...

Evangeline percebeu que estava se afastando dos braços e entrando em um sonho que mais parecia as páginas de uma história amareladas pelo tempo: “A balada do Arqueiro e da Raposa”.

Sempre amou essa história. Entretanto, ao revê-la agora, estava manchada por uma tristeza que ela não conseguia recordar de já ter sentido.

A lenda começava como sempre começara, com o mais talentoso arqueiro do Magnífico Norte. Que era jovem, belo e admirado, e fora contratado para caçar uma raposa.

Era a raposa mais ardilosa com a qual o Arqueiro já deparara, e ele a caçou por semanas. A Raposa o atacava durante o sono – mordia suas orelhas, mastigava seus sapatos e infernizava sua vida –, mas o Arqueiro nunca conseguiu capturá-la.

A única alegria que o Arqueiro tinha enquanto caçava a Raposa era nos dias em que via a garota. No início, não sabia seu nome – era apenas uma bela

plebeia que vivia na floresta –, mas, uma hora, se deu conta de que queria ir atrás dela e não da Raposa.

A garota falava com o Arqueiro por meio de charadas e, quando ele acertava a resposta, ela o presenteava com pequenos mimos.

O Arqueiro retardou a caça da Raposa, porque queria um motivo para ficar na floresta com aquela garota plebeia. Ela era inteligente, meiga e o fazia rir.

Mas a garota plebeia tinha um segredo. Era capaz de se transformar em raposa – a mesmíssima Raposa que o Arqueiro fora contratado para caçar.

Depois de descobrir isso, o Arqueiro passou a acreditar que as pessoas que o contrataram tinham cometido um engano. Devolveu as moedas que havia recebido em pagamento e contou que a Raposa, na verdade, era uma garota.

Só que as pessoas que o contrataram já sabiam disso, e não ficaram nem um pouco felizes com o fato de o Arqueiro se recusar a caçá-la. Sendo assim, lançaram uma maldição sobre ele, uma maldição que o compelia a caçar a garota que agora amava.

O coração de Evangeline começou a bater acelerado. Sempre que a mãe lhe contava aquela lenda, a jovem esquecia as palavras de Liana pouco antes de terminar a história. Agora Evangeline estava começando a chegar ao fim.

Ela sentia a mistura de segurança e medo do Arqueiro, que estava sentado na floresta, do lado de fora da choupana da amada.

O Arqueiro sempre fora muito seguro de si e do que era capaz de fazer. Jamais recebera uma tarefa que não conseguisse cumprir. Não existia um animal que não pudesse localizar, nem um alvo que não pudesse acertar. Conseguia atirar em uma maçã na mão de um amigo a mil passos de distância – enquanto a maçã era jogada no ar! Ele era uma lenda, ele era o Arqueiro, e teria sacrificado tudo isso para salvar a vida da garota.

Contudo, no mesmo instante em que pensava essas palavras, o Arqueiro olhou para baixo e viu que já estava pondo uma flecha no arco, preparando-se para atirar na garota que amava assim que ela saísse da choupana.

O Arqueiro jogou o arco no chão e quebrou a flecha com o joelho, desejando que aquela maldição rancorosa pudesse ser quebrada com a mesma facilidade. Tinha sido informado que a maldição só seria quebrada quando matasse a garota. A única maneira de salvar a vida da amada seria ficar longe

dela. Mas o Arqueiro não conseguia acreditar que não eram feitos um para o outro. Devia haver uma... ou... tra...

O sonho se dissolveu, como se fossem palavras escritas a giz na calçada por algum ambulante, que as gotas da chuva levam embora. Evangeline se esforçou para se ater ao sonho. Queria saber como a história terminava. Mas, quanto mais tentava permanecer no sonho, mais o sonho se dissipava, até ela não conseguir lembrar de nada do que estava sonhando.

Quando acordou, tudo doía. Não havia mais braços quentes em volta de seu corpo nem braços frios nem braço nenhum. Estava deitada de costas, com cada centímetro de seu corpo ardendo e doendo, apesar da maciez da cama onde fora colocada. Seus olhos foram se abrindo lentamente, ajustando-se à claridade, que era apenas suficiente para conseguir enxergar barras de ferro pesadas, de jaula, penduradas acima da cama.

Evangeline se sentou em um pulo.

O ombro ferido gritou de dor, e Evangeline caiu de costas no colchão, toda desengonçada.

– Seja bem-vinda de volta, princesa.

A voz era aveludada e não demorou muito para a jovem identificar de quem era.

Caos, o Vampiro Senhor dos Espiões e dos Assassinos, estava encostado, como quem não quer nada, em um dos pilares escuros da cama, com a tranquilidade de um ser que não tem nada a temer.

Evangeline tentou reunir um pouco de bravata, mas se sentiu instantaneamente imobilizada. Agora sabia por que havia grades acima da cama. Estava no castelo subterrâneo de Caos.

Até então, só estivera naquele local uma única vez, mas lembrava vivamente das jaulas do tamanho de um ser humano penduradas em meio a elegantes corredores dos velhos tempos. Estremeceu só de pensar o possível motivo para estar ali.

Freneticamente, tentou repassar suas lembranças. As últimas horas eram um borrão, até que chegou ao instante pouco antes de desmaiar. Estava dentro do Paço dos Lobos, sangrando por todos os lados. Jacks a chamou pelo nome,

“Evangeline”, não de “Raposinha”. Em seguida, pediu desculpas. Será que era por isso? Por que ele a entregara de bandeja para Caos?

– Por acaso sou prisioneira? – perguntou.

– Você pode ir embora quando bem entender – respondeu Caos. – Mas duvido que irá muito longe com essa perna machucada.

O vampiro, então, balançou a cabeça, sinalizando a perna ferida da jovem.

Era impossível interpretar a expressão dele por causa do elmo de bronze amaldiçoado que usava. A peça tapava a testa e o maxilar do vampiro, cobrindo a boca, para que não conseguisse mordê-la. E, mesmo assim, Evangeline não se sentia segura no castelo de Caos, longe disso.

Cerrou os dentes e inspecionou o quarto, procurando uma saída. O recinto tinha mais ou menos o mesmo tamanho de sua suíte no Paço dos Lobos. Ao redor, viu uma lareira cheia de velas, divãs de veludo escuro e uma cômoda para guardar roupas e joias. Também viu uma porta grande e arredondada, mas ela ficava do outro lado, a uma distância que, com aquela perna ferida, parecia intransponível. Só que Evangeline não podia permanecer naquela cama. Precisava sair dali. Precisava descobrir por que Apollo a atacara.

Não acreditava que o príncipe quisesse feri-la. Estava claro para ela. Apollo parecia estar sofrendo, angustiado. Falou para Evangeline fugir. Tentou salvar sua vida antes de tentar matá-la. A jovem precisava descobrir por quê.

Evangeline começou a levantar os lençóis, mas parou porque se deu conta de que alguém havia tirado sua roupa. Estava praticamente nua. Por instinto, segurou os lençóis com mais força. Não queria sequer pensar em quem poderia tê-la despido. A única peça de roupa que vestia era uma combinação curta e fina de seda, e as faixas de tecido que envolviam o ombro e a coxa feridos.

Não podia sair da cama daquele jeito. Caos podia até não conseguir mordê-la, mas, se estavam em seu antro, outros vampiros poderiam – e, provavelmente, morderiam. Teve a sensação de que andar por aí em um trapo de seda era um convite para que todos fizessem isso.

– Se posso mesmo ir embora, então gostaria que me trouxesse roupas e sapatos – declarou Evangeline.

Caos riu baixinho, e o som de sua risada era enganadoramente jovem. O vampiro parecia ser apenas poucos anos mais velho do que ela, mas Jacks já lhe

dissera que Caos era tão antigo quanto o Norte.

– Posso ter exagerado quando falei que você pode ir embora quando bem entender.

A porta arredondada se abriu com um guincho que revelou o quanto era antiga. Então, em silêncio, Jacks entrou.

Os olhares dos dois colidiram, um de cada lado do quarto. O Arcano foi baixando lentamente os olhos até chegar aos lençóis que a jovem segurava por cima da sua combinação ínfima. Mas aí, antes que sequer desse tempo de Evangeline ficar corada, o Príncipe de Copas desviou o olhar.

Evangeline sentiu uma estranha pontada de decepção porque Jacks voltou a jogar para cima a maçã preta e cintilante que segurava.

Não estava mais com a capa que usava antes. Ela lembrou que o Arcano a carregara no colo, mas não havia rastros de sangue em seu gibão cinza-claro.

– Você já deu a boa notícia para ela? – perguntou Jacks, com um tom alegre.

– Ainda não – respondeu Caos.

A jovem olhou para um, depois para o outro. “Confusa” nem sequer começava a descrever como estava se sentindo. Jacks tinha aversão a vampiros – ou, pelo menos, era isso que Evangeline achava. Da última vez que estivera ali com o Príncipe de Copas, o Arcano deu a impressão de odiar cada segundo. Agora, parecia estar completamente à vontade, e a intimidade com a qual ele e Caos conversavam quase fazia parecer que os dois eram amigos.

– O que está acontecendo? – perguntou Evangeline.

Mas, enquanto pronunciava essa pergunta, as peças se encaixaram. Jacks havia dito que, se ela não se dispusesse a abrir o arco dentro de um dia, realmente o odiaria.

E devia ser por causa disso. Jacks estava mancomunado com Caos.

Evangeline lembrou de súbito da conversa que teve com Luc, que revelou que foi Caos quem o ajudara a roubar o trono. Era bizarro imaginar que Jacks também estava envolvido naquela farsa. Mas, depois de descobrir que Luc era o herdeiro do trono, o primeiro pensamento que ocorreu a Evangeline foi que, mais do que nunca, precisava acordar Apollo. Talvez, se tivesse mais tempo, teria recorrido ao Príncipe de Copas.

Ainda parecia uma medida desesperada, mas Jacks estava disposto a mover céus e terras para conseguir o que queria.

– Ela me parece confusa – comentou Caos.

Jacks parou de jogar a maçã para cima e se virou para Evangeline.

– Seu marido quase te matou. Por causa dele, você está com o ombro arruinado e tem um ferimento grave na perna. Se depender dos métodos humanos, levará semanas para seu ombro cicatrizar. A perna vai demorar mais e, provavelmente, nunca mais será a mesma. Também há o risco de morrer de infecção. Mas Caos fez a gentileza de se oferecer para ajudar no processo de cura.

Uma vampira de cabelo castanho-escuro e lábios vermelhos entrou no cômodo e se aproximou da cama onde Evangeline estava deitada.

– Não!

A jovem se agarrou aos lençóis, porque, quando a vampira mostrou as presas, começou a entender.

Existem dois tipos de mordidas de vampiro: as que permitem que eles meramente se alimentem, e as que infectam a caça com veneno de vampiro. O veneno de vampiro tem tremendas propriedades curativas, mas também tem o potencial de transformar a pessoa infectada em vampiro. Ser mordido não significa que a pessoa é obrigada a se transformar – seres humanos infectados com o veneno precisam beber sangue humano antes do amanhecer para se transformarem em vampiros.

Só que Evangeline já vira o que o veneno de vampiro pode fazer com os seres humanos, vira que os deixa desesperados ao ponto de estraçalhar jaulas e cadeados só para dar uma mordida em alguém. Ela não tinha o menor desejo de ser vampira, mas e se isso mudasse quando fosse infectada?

– É melhor começarmos – disse Caos. – Não será fácil, mas temos algemas para te prender. – Nessa hora, ele apontou para uma parede. Entre o par de cortinas de veludo, Evangeline viu dois conjuntos de correntes com manoplas.

– Ou, se preferir, podemos te colocar dentro de uma jaula.

– Não! – ela sacudiu a cabeça com veemência. – Não quero fazer isso de jeito nenhum. Quero sarar sozinha.

Evangeline lançou um olhar de súplica para Jacks.

Ele mordeu a maçã, na maior indiferença, e se dirigiu a Caos.

– Acho que você deveria usar a jaula.

Assim que o Príncipe de Copas pronunciou essas palavras, o vampiro pôs a mão em uma alavanca instalada na parede. Instantaneamente, grades desceram em volta da cama, prendendo-a lá dentro.

– Não!

Tudo aconteceu tão rápido que Evangeline nem sequer se deu conta de que estava gritando, até que ouviu a própria voz ecoar pelo recinto.

Tentou segurar as barras de aço, mas foi um erro. Caos segurou seu pulso através das grades.

– Estou te fazendo um favor – disse ele.

Segurando-a com força, ofereceu o braço da jovem para a vampira.

Evangeline se debateu e gritou de novo.

Dentes reluziram e, em seguida, ela os sentiu afundando dolorosamente em seu pulso.

Por um instante, tudo ardeu, de um jeito agudo. Evangeline caiu de volta na cama.

Em seguida... a dor se dissolveu. Não só a dor da mordida, mas a dos ferimentos, que cicatrizaram quase instantaneamente.

Ela piscou e teve a impressão de que um véu fora tirado da frente de seus olhos.

Na primeira vez que acordou ali, o cômodo estava na penumbra – uma sinfonia de fumaça e sombras. Mas agora brilhava, à luz cintilante de velas. Era o brilho mais lindo que a jovem já vira na vida. Tudo dentro do quarto parecia reluzir – as molduras douradas dos retratos, as pernas lustrosas da mesa, até as horrorosas manoplas penduradas na parede.

E ainda tinha a cama, que aparecava ser ainda mais luxuriosa. O travesseiro, o colchão, os lençóis enrolados em seu corpo eram muito mais macios do que antes. Eram brancos e sedosos, e Evangeline jurou que dava para sentir o cheiro da cor – fresca, limpa e luminosa, feito raios de sol que atravessam uma janela aberta depois de uma garoa.

*Nhac.*

Jacks deu uma mordida na maçã, o que fez Evangeline olhar para o pé da cama, onde o Arcano estava parado, com aquela eterna cara de coração partido. A pele branca do Príncipe de Copas brilhava sutilmente, os olhos reluziam feito estrelas roubadas, o cabelo era de fios de ouro, e os traços cruéis do rosto a fizeram sentir um desejo tão profundo que era mais uma sensação de dor.

Evangeline ficou em dúvida: Jacks sempre teve aquela aparência e os olhos humanos dela não tinham percebido? Ou será que, sabe-se lá como, o Príncipe de Copas havia atenuado sua aparência? Mas, agora que o veneno se avolumava, correndo em suas veias, ela conseguia ver o que o Arcano realmente era, apesar dos esforços que Jacks pudesse ter feito para esconder. Um único

olhar ateou fogo no sangue de Evangeline, e ela gostou dessa ardência. Tentou respirar fundo. Mas, quando inspirou, só conseguiu sentir o cheiro doce e sinistro de Jacks, e imaginou que gosto ele teria. Será que, se Evangeline encostasse a língua na pele do Príncipe de Copas, a sensação seria gelada? Será que roçar os lábios no pescoço do Arcano faria o sangue dela parar de arder, e o coração parar de bater acelerado?

Jacks deu mais uma mordida na maçã.

Os incisivos de Evangeline cresceram imediatamente. Ela passou a língua nesses dentes, tentando fazer as pontas afiadas voltarem para o lugar e parar o latejar súbito que sentiu na boca. Não queria mesmo mordê-lo – o sangue do Arcano era um tanto humano e, se mordesse Jacks, seria transformada em vampira. Mas, só de pensar nas palavras “morder” e “Jacks”, sentiu um arrepio no corpo inteiro, o que não foi de todo desagradável.

– Cuidado – disse o Príncipe de Copas, com seu jeito arrastado. – Você não está com cara de quem me odeia neste exato momento.

– Odeio – falou a jovem.

Mas a declaração saiu toda errada, rouca, ofegante – e *faminta*.

As presas afundaram no lábio inferior com força suficiente para fazê-los sangrar.

Os olhos de Jacks se fixaram no sangue.

Uma expressão indecifrável surgiu no rosto perfeito do Arcano. E aí a voz dele soou na cabeça de Evangeline.

*Não se esqueça o que vai acontecer se tudo der errado hoje à noite. Você não quer se tornar um deles.*

Os pensamentos de Jacks eram repletos de desdém. Podia até ter sido amigo de Caos. Mas, pelo jeito, o Príncipe de Copas continuava não gostando de vampiros.

Ele jogou a maçã preta no chão e se dirigiu à porta arredondada.

– Não vá embora! – rosnou Evangeline, e as palavras saíram de sua boca antes que pudesse impedi-las. Sabia que seria melhor se o Arcano fosse embora – sem sangue, não poderia se transformar em vampira. Mas não conseguia acreditar que o Príncipe de Copas estava simplesmente saindo porta afora.

Quando Jacks foi infectado com veneno de vampiro, Evangeline passou a noite inteira com ele, para garantir que o Arcano não mordesse um ser humano e não se transformasse em vampiro. Mas, naquele momento, quando chegou a vez da jovem, Jacks lhe dedicou apenas uns poucos instantes.

Ela se agarrou às grades da jaula com tanta força que chegou a entortá-las. E aí, horrorizada, se afastou. Não havia sequer percebido que tinha se movimentado. Mesmo depois de ter soltado as grades, seus punhos ainda estavam cerrados com força, tanto que as juntas dos dedos estavam brancas, como se o corpo continuasse querendo se libertar da prisão.

Em um piscar de olhos, Caos surgiu bem na frente dela, encostado nas grades que as mãos de Evangeline ainda queriam segurar.

– Para os vampiros, o controle exige tempo – declarou Caos. – Parte do motivo para nos movimentarmos tão rápido é porque nossa forma física é guiada por instintos que os humanos não possuem.

Como Jacks, o vampiro aparentava ser mais perigosamente imortal. Até então, Evangeline não havia reparado nas roupas que ele usava, mas agora via que, pela primeira vez, Caos não estava com traje de soldado. Usava uma calça preta sob medida, uma camisa preta requintada e o elmo de bronze amaldiçoado, que tinha relevos mais detalhados do que ela já havia reparado. As peças de metal pontudas, que saíam na parte das bochechas, eram cobertas por minúsculos espinhos que apontavam para seus olhos hipnóticos.

Normalmente, evitava olhar para os olhos de Caos – vampiros encaram o gesto de olhar diretamente nos olhos deles como um convite para morder ou um meio de controlar a pessoa. Mas, naquele exato momento, Evangeline não tinha completo controle de si mesma. Era exatamente como Caos havia falado: qualquer pensamento que lhe viesse à cabeça era transformado em movimento. A jovem pensara nos olhos do vampiro e, de repente, o olhar dos dois se cruzou.

Só que os olhos de Caos não eram os mesmos olhos que Evangeline recordava. Poderia jurar que eram verde-esmeralda, mas agora eram pura sombra. Eram escuros, infinitos e devoradores. Ela não tinha a sensação de estar olhando para um par de olhos imortais, tinha a sensação de fitar a própria morte nos olhos.

“Caos é um assassino”, disse LaLa, certa vez. E Evangeline agora conseguia enxergar isso no olhar dele. O elmo poderia até impedi-lo de morder, mas não o impedia de matar. Tentou se afastar e, na mesma hora, sentiu as costas bateram no outro lado da jaula.

Caos deu risada, uma risada mais grave e aveludada do que Evangeline recordava.

– Não represento nenhum perigo a você, Princesa. Na verdade, estou aqui para garantir que nada lhe aconteça ao longo da noite de hoje.

E foi nesse momento que ela sentiu um leve aroma de maçã – adocicado, vigoroso e gelado. Vinha da fruta que Jacks atirara no chão. O Arcano tinha saído do recinto, mas só de pensar nele sentiu uma dor nova e refinada na boca, uma ardência que – disso ela sabia, no fundo da alma – uma única coisa era capaz de aliviar...

– Você está rosnando – avisou Caos.

Evangeline agarrou-se às grades da jaula, as grades bem diante de Caos. Mais uma vez, nem sequer se lembrava de ter ido para a frente da cama. Mas, desta vez, não soltou as grades. Apertar o metal com as mãos – senti-lo entortar com sua força – ajudou a desviar a cabeça da dor latejante na boca e da dor nas gengivas, porque suas presas cresceram novamente.

– Cuidado aí.

As mãos de Caos se fecharam sobre as de Evangeline. O vampiro poderia ter quebrado os dedos da jovem de tão forte que apertou, se não fosse o veneno que se avolumava dentro dela. Mas isso não queria dizer que não doeu.

– Me solte!

Evangeline tentou puxar as mãos, lutando para se libertar do vampiro, até que começou a respirar com dificuldade.

Caos, por sua vez, não estava nem um pouco ofegante. Pelo contrário: seu olhar sombrio estava ardente, algo que lembrava a excitação, e apertou os dedos dela com mais força ainda.

– Posso passar a noite inteira assim, princesa.

Nessa hora, os instintos de Evangeline tomaram conta. Caos podia até ser mais forte, mas isso não queria dizer que ele possuía todo o poder.

Os lábios da jovem tinham parado de sangrar. Mas, depois de mais uma rápida pressão dos dentes, o sangue voltara a correr. Evangeline se inclinou para a frente, encostou os lábios na jaula e disse:

– Por favor, abram.

As grades se levantaram imediatamente.

Um laivo de surpresa iluminou os olhos mortos de Caos.

Evangeline sentiu uma descarga de triunfo, pouco antes de o vampiro a atirar na cama com toda a força de seu corpo.

O ar foi expulso de seus pulmões, que lutava em vão contra o vampiro. Caos era tão pesado e tão quente, ali, em cima dela. E a jovem jurou que o Arcano ficava ainda mais quente à medida que ela lutava. Só que não conseguia criar forças para parar de lutar. Não sabia se era por causa do veneno ou apenas porque seus instintos humanos reagiam ao fato de estar deitada na cama, presa pela morte encarnada.

Tentou arrancar o elmo de Caos, mas o vampiro segurou os pulsos de Evangeline sem o menor esforço e prendeu os braços da jovem acima da cabeça dela.

– Por que você está fazendo isso? – perguntou ela, quase em um sussurro.

– Jacks me pediu para garantir que você continue humana.

– Não preciso de você para continuar humana! Não tenho a menor vontade de me transformar em vampira.

– Mas você não tem controle do próprio corpo.

– Porque você está em cima dele.

Caos tirou parte do peso do corpo de cima de Evangeline, mas as mãos continuaram segurando os pulsos dela, e as pernas ainda pressionavam firmemente as pernas da jovem.

Vagamente, Evangeline sabia que era para o bem dela. Caos tinha razão: não tinha controle completo de si mesma, mas nunca havia se sentido tão encurralada na vida. Pensou ter se sentido incomodada dentro da jaula, mas aquilo era ainda pior. Com Caos pressionando seu corpo, não era só a boca que ardia, o corpo inteiro estava ardendo em chamas. A pele estava corada, o coração batia acelerado, e o calor que emanava do vampiro só piorava a situação.

Ela pensou em Jacks e que a pele gelada do Príncipe de Copas aliviaria instantaneamente aquele calor. Recordou das carícias do Arcano, quando passaram a noite na cripta: a sensação de ter a boca de Jacks em seu pescoço, do peito dele junto ao seu. Jacks não a mordera, apenas a acariciara. E era só isso que Evangeline queria.

– Jacks não vai se importar se você me soltar – insistiu. – Desde que eu continue sendo uma chave, ele não se importa com mais nada.

– Você está enganada, Princesa. Jacks não quer que você tenha essa vida.

Dito isso, Caos a olhou nos olhos de novo: em seu olhar mortífero, as chamas se misturavam às sombras.

Evangeline parou de se debater. Por um instante, teve vontade de acreditar no vampiro. Gostava da ideia de que Jacks se importava com o que pudesse acontecer com ela. Mas era bem mais provável que o Arcano apenas quisesse que a jovem *pensasse* que ele se preocupava com ela; mais uma forma sórdida de manipulação.

– Foi Jacks quem mandou você dizer isso?

– Jacks não manda em mim.

– Mas ele mandou você garantir que eu continue humana.

Nessa hora, Evangeline tentou dar mais um chute no vampiro.

Caos pressionou novamente o corpo contra o dela, com toda a força.

– Estou fazendo isso para Jacks por lealdade. Mas esse não é o único motivo.

– E qual é o outro motivo para você estar aqui? – alfinetou a jovem.

– Fico decepcionado por você ter que perguntar.

Caos inclinou a cabeça. O maxilar, coberto pelo bronze do elmo, roçou no rosto dela, queimando sua pele rapidamente.

O suor se acumulou na testa de Evangeline porque as palavras nas quais reparara há pouco, as palavras inscritas no elmo, começaram a brilhar. A língua era uma língua antiga que ela já vira, uma língua que Evangeline reconheceu, mas não sabia decifrar: *a língua da família Valor*.

– O que está escrito? – perguntou.

– É a maldição que me impede de tirar o elmo.

*E Caos quer tirar o elmo.* Não era para menos que o corpo do vampiro estava tão quente em contato com o dela – tão ávido e faminto. Evangeline não sabia há quanto tempo o elmo impedia que ele se alimentasse, mas imaginou que deveria ser um sofrimento para o vampiro viver sem sangue. Só fora infectada com o veneno há pouco tempo e já se sentia um tanto enlouquecida.

– Então é isso: você quer que eu destrave o seu elmo com meu sangue.

Caos soltou um ruído desacorçoado demais para ser chamado de risada.

– Infelizmente, seu sangue não pode quebrar esta maldição. Mas... toda maldição tem... uma porta dos fundos.

Caos disse as últimas palavras fazendo interrupções, parecia que queria dizer outra coisa, mas as palavras se distorceram magicamente.

Isso fez Evangeline se lembrar de quando LaLa tentou lhe contar o que, em sua opinião, o Arco da Valorosa continha, mas foi impedida pela maldição das histórias.

De súbito, Evangeline entendeu o que Caos queria. O vampiro queria a mesma coisa que Jacks. E era por isso que os dois estavam mancomunados.

– Você quer que eu abra o arco. Você acha que a Valorosa abriga a chave capaz de abrir seu elmo amaldiçoado?

– Não acho. Sei que contém – respondeu Caos, com um leve toque de dor na voz.

O vampiro respirou fundo, e seu peito se movimentou contra o da jovem, causando um calor violento na pele dela, mais uma vez.

– O que você pensa que está fazendo? – vociferou Jacks.

Evangeline se virou na direção de onde vinha a voz do Príncipe de Copas, com o rosto escorrendo de suor, e deu de cara com ele parado perto da porta. Uma veia pulsava furiosamente na lateral de seu pescoço liso feito mármore. A pele do Arcano parecia tão gelada, e ela estava com tanto calor... Só queria encostar a boca na garganta dele e, talvez, dar uma lambida, uma só. Só de pensar, o sangue correu mais rápido nas veias de Evangeline, e as presas começaram a crescer de novo.

– Saia daqui, Jacks! – ordenou Caos. – A menos que tenha mudado de ideia e queira que ela se torne vampira.

Caos apertou ainda mais os pulsos de Evangeline, segurando-os – junto com o corpo dela – com mais firmeza na cama. A jovem se debateu, tentando se desvencilhar: o vampiro tinha voltado a esmagá-la com todo o peso de seu corpo.

Algo rachou, fazendo um barulho alto, perto da porta.

Ela dirigiu o olhar para Jacks novamente, que estava meio agarrado à beirada da porta, agora quebrada. *Será que ele fez isso com as próprias mãos?*

Com certeza, estava com uma cara furiosa ao ponto de fazer isso. Os olhos azul-prateados ficaram azul-noite enquanto observava Evangeline se debatendo contra Caos.

Ela sabia, vagamente, que devia parar de se debater. Se conseguisse se desvencilhar de Caos e morder Jacks, a vida que tinha – a vida que queria continuar a ter – chegaria ao fim. Mas também queria aquilo. Queria que Jacks a fizesse parar de se debater. Queria que o Príncipe de Copas arrancasse Caos de cima dela e a prendesse na cama, no lugar do vampiro.

Evangeline suspirou, meio rouca, e seu olhar cruzou com o de Jacks mais uma vez.

O Príncipe de Copas passou a mão no queixo. Por causa dos cinco sentidos aprimorados, Evangeline pôde ouvir que, por baixo da mão que cobria a boca, Jacks cerrou os dentes. Então ouviu o raspar das botas do Arcano, que lhe deu as costas de repente e sumiu corredor afora.



Evangeline sentiu o alvorecer no instante em que o sol raiou. Os braços e as pernas que, até então, estavam fortes demais, de repente ficaram fracos demais, impossíveis de movimentar. Ela voltou a ser uma garota, com cinco sentidos comuns e incisivos normais, e uma profunda sensação de constrangimento por estar deitada ali, debaixo de Caos, com uma consciência excruciante de que a combinação subira muito acima das coxas, passando bastante dos quadris.

Uma onda de mortificação se apossou dela quando se deu conta de que passara a noite inteira naquela situação – e que Jacks também a vira daquele jeito.

Sentira tanto calor que não percebera o quanto estava exposta. Com o amanhecer, conseguia sentir o ar frio deslizando por sua pele, e por fim Caos soltou seus pulsos e levantou da cama.

Evangeline continuou com os olhos bem fechados e tentou acalmar a respiração. Era uma atitude infantil fingir que estava dormindo, mas não queria encarar o vampiro – nem ninguém, para falar a verdade. Na noite anterior, estava fora de si.

Sentiu Caos parado de pé perto dela, observando-a por algum motivo que Evangeline não sabia ao certo se queria saber ou não. Então sentiu a mão do vampiro baixando a combinação, até voltar para o lugar, na altura dos joelhos.

A jovem ficou com a pele toda arrepiada. Permaneceu bem imóvel até finalmente sentir que Caos tinha ido embora. Tentou abrir os olhos, mas não tinha forças para fazer mais do que piscar de leve. Já que o veneno estava eliminado, não apenas havia voltado a ser humana – estava completamente exaurida.

Recordou que Jacks ficara no mesmo estado depois de ter sido infectado com veneno de vampiro.

Na ocasião, Evangeline achou que o Príncipe de Copas estava fazendo drama quando se agarrou nas lápides e desmaiou na frente de várias portas. Mas agora ficou impressionada com o fato de o Arcano possuir a força de vontade necessária para fazer qualquer movimento.

Evangeline não sabia por quanto tempo ficara dormindo. Mas, enquanto esfregava os olhos para expulsar o sono e criar coragem de sair da cama, apoiando-se nas pernas trêmulas, imaginou que poderia ter sido um dia inteiro.

O estômago roncava, a garganta estava seca. Ficou agradecida ao descobrir que alguém havia deixado algumas coisas para ela: uma bandeja cheia de comida, um vestido e uma tina de cobre, para tomar banho. A água estava fria, mas ela ficou feliz pela oportunidade de esfregar o sangue e aquela sujeira toda do corpo e do cabelo.

Depois que se banhou, comeu o máximo que conseguiu. Na bandeja, havia pão substancioso, queijo gorduroso, carne fatiada e fria e sua geleia de figo favorita. Mas, com tantos pensamentos girando em sua cabeça, teve dificuldade de apreciar a refeição.

Assim que foi infectada com o veneno, Evangeline parou de pensar em Apollo. Mas, agora, gostaria de saber se as feridas do príncipe haviam cicatrizado quando as suas cicatrizaram ou se ele ainda estava ferido. Torceu para que Apollo estivesse curado e em algum lugar seguro. Ainda não achava que seus ferimentos eram de fato culpa do príncipe. Provavelmente alguém o havia coagido.

Precisava descobrir quem tinha sido e por quê. Começaria voltando ao Paço dos Lobos e interrogando Havelock. Da última vez que o vira, o guarda tinha uma notícia para dar. Imaginou que queria contar que Apollo estava acordado, mas Havelock estava com uma cara alarmada e não aliviada. Decerto porque sabia de alguma coisa.

Evangeline ficou um pouco nervosa de voltar sozinha para o Paço dos Lobos. Mas não ficaria ali, com Jacks e Caos, de livre e espontânea vontade, de jeito nenhum.

Pensou mais uma vez que poderia ter sido Jacks quem obrigara Apollo a atirar nela. Mas o Príncipe de Copas precisava de Evangeline com vida. Não teria feito aquilo... pelo menos, achava que não. Era difícil ter total certeza de

qualquer coisa quando se tratava do Arcano. Com exceção do fato de Jacks não ser digno de confiança – mais um motivo para ela sair dali o mais rápido possível.

A jovem pegou o vestido que haviam deixado para ela. Um modelito florido cheio de babados, belo como o nascer do sol, mas mais próximo de uma camisola do que de um traje propriamente dito, mais justo e leve, com mangas esvoaçantes, ombro a ombro, e um decote tão acentuado que ela ficou com a sensação de que estava praticamente implorando para os vampiros que estivessem ali a mordessem.

Não ficou surpresa ao dar de cara com uma vampira de guarda do outro lado da porta de seus aposentos – a vampira de lábios vermelhos que a mordera na noite anterior.

– Você pode me dizer onde fica a saída? – perguntou, educadamente.

A vampira olhou para Evangeline como se ela fosse uma criança e ela própria não fosse muito fã de tais criaturas.

– Você não tem permissão para...

– Não me diga – interrompeu Evangeline. Ela sabia que aquela vampira, provavelmente, seria capaz de quebrar seu pescoço apenas com os dedos, mas também sabia que Caos não apenas precisava dela viva, mas precisava de seu sangue, *dado de livre e espontânea vontade*, para abrir o Arco da Valorosa. E, sendo assim, duvidava que qualquer vigia tivesse permissão para quebrar alguma parte de seu corpo. – Se você me disser que não posso ir embora, vou ficar muito brava com Caos e, aí, ele vai ficar muito bravo com você. Então, vamos evitar toda essa bravura. Apenas me deixe ir embora e, por favor, me diga onde fica a saída.

A vampira foi para o lado dando um sorriso amarelo, deixando bem claro que permitiria que Evangeline fosse embora, mas não lhe explicaria como sair dali.

O que estava ótimo. A jovem já estivera naquele local. Tinha certeza de que conseguiria encontrar a saída sozinha. Da última vez que esteve naquele antro com Jacks, os dois fugiram seguindo uma escadaria que subia e levava ao cemitério, logo acima do castelo.

Com determinação, Evangeline subiu todas as escadas que encontrou. Viu um monte de jaulas vazias e correntes e, mais de uma vez, precisou se apressar, porque ouviu som de passos. Estava sem fôlego e um tanto sobressaltada quando chegou ao corredor que ela imaginou ser o mais alto de todos.

Ali não havia correntes nem jaulas, apenas objetos decorativos enganosamente requintados – castiçais de ouro, sofazinhos de veludo, cortinas delicadas. E, por fim, havia uma porta: pesada, de metal e trancada.

A jovem foi pegar a adaga, mas é claro que não estava com ela. Não estava com o vestido que trajava quando entrou ali. Devia tê-la perdido naquela noite, no jardim, o que era bom. Teria odiado se Jacks tivesse encontrado a faca com ela e percebido que todo aquele tempo ela andava por aí com a velha faca do Arcano.

Ainda bem que Caos acreditava que uma boa decoração incluía armas, e foi bem fácil encontrar outra faca para furar o dedo.

Bem depressa, antes que qualquer vampiro pudesse sentir o cheiro de seu sangue, Evangeline ofereceu algumas gotas à porta. Ainda não estava disposta a ser uma chave nem a fazer parte de uma profecia, mas não podia negar que estava gostando da única vantagem que acompanhava tal posição. Sentiu-se poderosa quando disse “Por favor, abra” e a porta obedeceu imediatamente.

A liberdade tinha um gosto gelado.

O mundo tinha a escuridão dos segredos guardados, e ela se arrependeu de não ter tentado arrebanhar uma capa antes de sair do subterrâneo. Quando acordou naquele quarto sem janelas, supôs que era dia. Mas, na verdade, era noite. E não era o tipo de noite feita para vestidos leves como um sussurro e delicados sapatinhos de seda. A neve devia ter derretido durante o período que Evangeline passou no subterrâneo, porque só havia gravetos e terra debaixo de seus pés quando saiu e percorreu o cemitério que ficava acima do reino subterrâneo de Caos.

Ela não se lembrava de que o cemitério tinha tantas árvores – suas copas desfolhadas refreavam a luz do luar e deixavam tudo mais obscuro. A jovem ficou tentando recordar qual era o caminho que levava para Valorfell.

Por um instante, titubeou. Agora que estava fora do castelo e se sentindo um pouco perdida na noite, ficava mais fácil temer que aquilo, talvez, tivesse

sido um erro. Talvez, voltar para o Paço dos Lobos não fosse a coisa mais sensata a fazer. Mas a outra opção era voltar para a companhia de Jacks e de Caos.

Inspirando um ar tão gelado que queimou seus pulmões, Evangeline seguiu adiante. Pensou ter visto o mausoléu onde passara a noite com Jacks. Por um instante, ao lembrar, sentiu um formigamento entre os ombros. Como a sensação foi descendo até o pulso e a cicatriz em forma de coração partido, ficou com receio de que esse formigamento quisesse dizer que Jacks estava por perto. Mas, quando olhou em volta rapidamente, a floresta estava deserta, com exceção das árvores. Tantas árvores.

Evangeline não lembrava que a floresta era assim, tão densa. As árvores ficavam próximas feito fósforos dentro da caixa. Virou para trás, mas devia ter tomado o caminho errado de novo, porque, quando deu por si, estava na beira de um precipício, olhando para a espuma do mar.

Abraçou o próprio peito e voltou por onde tinha vindo. O ar estava ficando cada vez mais gelado, e ela tentou se aquecer apertando o passo. Seu caminhar fazia mais barulho do que gostaria. Era tão ruidoso que Evangeline levou um minuto para perceber que havia outro som na floresta.

*Pocotó. Pocotó. Pocotó.*

O ruído decidido era mais animal do que humano. Parecia que havia um cavalo perdido em meio aos túmulos.

Evangeline gelou, recordando da última vez que ouvira ruído de cascos.

Com todo o cuidado, deu um passo para trás e ficou sob a sombra das árvores.

Depois deu mais um passo. Jurou que não fizera ruído nenhum, mas, apenas um segundo depois, o cavalo apareceu em seu campo de visão, junto de seu cavaleiro. O homem tinha ombros largos e costas retas. Apesar de não conseguir ver bem o rosto, ela teve certeza de que era Apollo.

Ele também parecia estar completamente curado. Estava com uma aparência forte e saudável, e a jovem sentiu uma estranha e absurda atração por ele, uma atração a qual precisou resistir, enquanto o observava em meio às sombras.

O galopar do cavalo foi avançando lentamente, deixando claro que o príncipe não estava só de passagem. Estava procurando alguma coisa.

*Procurando por Evangeline.*

A jovem sabia disso no fundo da alma. Mas como Apollo sabia que ela estava ali?

– Evangeline... – Apollo disse o nome dela com um tom de súplica, uma súplica que ficou tentada a atender, mas se obrigou a ficar parada no mesmo lugar.

– Se você estiver aqui, precisa correr – continuou o príncipe, com um tom mais ofegante. – Se for embora neste minuto, não irei atrás de você. Estou conseguindo me controlar neste exato momento. Mas não sei quanto tempo isso vai durar. – Apollo, então, respirou fundo, trêmulo. – Não quero te ferir, mas algo se apossou de mim. Encontrar você... – Nessa hora, o príncipe engasgou. – Só consigo pensar em caçar você.

Nuvens saíram da frente da lua, e Evangeline viu novamente, de relance, o rosto de Apollo através das árvores. A expressão do príncipe como um todo estava marcada por algo que parecia mágoa, algo tão à flor da pele que teve a sensação de que era uma ferida de verdade. Ela queria ser otimista e se convencer de que tudo ficaria bem – se conseguira acordar do feitiço lançado por Jacks, era capaz de resistir ao que estava se apossando dele naquele momento –, mas não sabia o que estava acontecendo. E a história dos dois estava começando a parecer condenada ao fracasso.

Evangeline tentou segurar a respiração, mas viu que o ar saía de fininho, em lufadas brancas e fracas, e torceu para que essas lufadas não denunciassem sua presença.

– Não sei ao certo se você está aí. Se o que sinto neste exato momento é a tal atração. Mas, se estiver me ouvindo, *me ajude*, Evangeline. – A voz do príncipe pronunciou o nome dela com um tom suave, mas logo ficou com aquele tom dividido novamente. – Encontre uma maneira de quebrar esse feitiço que me compele a caçar você, e prometo que não farei nada além de te proteger.

Apollo, então, pôs a mão na aljava que levava às costas e tirou dela uma flecha de ouro. Ela brilhou sob a luz do luar, bruxuleando, porque a mão dele

tremia. Evangeline tentou ficar bem parada. Apollo, claramente, estava resistindo ao que quer que fosse que estava tentando controlá-lo.

*Ou quem quer que fosse.*

Pouco antes, Evangeline tinha descartado a hipótese de que Jacks é que havia feito aquilo com Apollo. Só que não descartara essa hipótese por completo e, agora, enquanto estremecia na floresta às escuras, voltou a considerar a possibilidade de o Príncipe de Copas ter orquestrado aquilo para garantir que ela não pudesse contar com mais ninguém a não ser...

Uma mão tapou sua boca, e um braço poderoso segurou seus braços e seu peito.

*Não faça barulho, Raposinha.*

Jacks segurou Evangeline, levantando seus pés do chão, e a levou de volta para o meio da floresta, afastando-a de Apollo.

*Me solte!,* pensou a jovem, brava. Só porque corria perigo na presença do príncipe, não queria dizer que estava segura na companhia do Príncipe de Copas. Os sapatinhos caíram no chão de terra de tanto que ela se debatia nos braços do Arcano.

*Perdeu o interesse em me morder?,* provocou Jacks, dentro da cabeça da jovem.

As bochechas de Evangeline de súbito ficaram quentes, mas ela não permitiu que isso a distraísse nem a impedisse de bater a parte de trás da cabeça no rosto do Príncipe de Copas. Ele a segurou com menos força por alguns instantes, mas logo tornou a apertar novamente, prendendo-a com mais firmeza contra o próprio peito.

*Pare de tentar se desvencilhar de mim ou ele vai te matar,* projetou Jacks nos pensamentos da jovem. Com a mão que tapava a boca de Evangeline, virou a cabeça dela, enquanto Apollo cavalgava por um trecho de luar distante. O príncipe mais parecia um conto de fadas que ganhou vida, uma silhueta galante – até que Evangeline viu, de relance, a luz dos olhos de Apollo, que ostentavam um brilho vermelho. Da mesma cor terrível que ficaram da última vez que ele a atacou.

Ela parou de se debater. Sabia que não estava segura nos braços de Jacks. Mas, naquele momento, o Arcano parecia ser o menor de dois males terríveis.

*O que você fez com ele?*

*Você acha que eu fiz isso?,* pensou Jacks.

Evangeline conseguia sentir as batidas aceleradas do coração do Príncipe de Copas em suas costas, uma sinfonia furiosa.

*Não fique tão ofendido, respondeu ela, em pensamento. Você me disse, repetidas vezes, que é um monstro. E avisou que, se eu não fizesse o que você queria, eu passaria a te odiar.*

Jacks a estreitou com mais força contra o próprio peito e, desta vez, não falou com ela apenas em pensamento.

– Já te disse que você precisa estar viva para me odiar. Não amaldiçoei seu marido para que ele tenha o ímpeto de te caçar e te matar. Admito – falou, um tanto tenso –, que um de seus ferimentos foi, em parte, culpa minha. Atirei uma faca no ombro de Apollo para impedi-lo de acertar você com a flecha. Eu poderia mentir e dizer que não estava pensando na maldição espelhada, mas eu sabia muito bem que qualquer ferimento infligido ao príncipe também machucaria você. Só pensei que uma facada seria preferível a ser assassinada.

Jacks a soltou, abruptamente.

Evangeline foi cambaleando para a frente. O Príncipe de Copas a segurou pelo braço, para que ela recuperasse o equilíbrio, mas soltou logo em seguida.

– Esta maldição não é culpa minha, mas sei que maldição é essa – urrou Jacks. – E acho que você também deve saber.

A jovem dirigiu o olhar para Apollo e, desta vez, não viu apenas os olhos vermelhos do príncipe, o viu como um todo – montado no cavalo, de arco na mão, aljava nas costas, e queixo erguido, com determinação. Estava novamente vestido como o Arqueiro de sua história preferida da infância.

Evangeline sempre adorou “A balada do Arqueiro e da Raposa” porque ela também era uma raposa, apesar de uma espécie muito diferente de raposa da garota da lenda. Mas nem por isso deixava de ser uma raposa e, de repente, sabia por que o marido queria caçá-la.

– Apollo é o Arqueiro – sussurrou.

– Não – disse Jacks, curto e grosso. – Apollo não é o Arqueiro. Mas, pelo jeito, alguém ressuscitou a maldição do Arqueiro e a lançou sobre ele. É por isso que o príncipe está tentando te matar, e vai continuar tentando até conseguir. Alguém quer que você morra. Eu juro, Raposinha, que esse alguém não sou eu. Mas, se não acredita em mim, por obséquio, continue andando pela floresta e fazendo barulho.

Evangeline sentiu uma onda de sangue nos ouvidos, mas ainda conseguia ouvir uma vozinha bem baixa dizendo que ela estava prestes a cometer um erro. Mas qual seria o erro: confiar em Jacks ou fugir dele?

*Você sabe que tenho razão, Raposinha.*

Mas será que ela sabia mesmo?

Era tão tentador acreditar em Jacks. Sabia que o Príncipe de Copas não queria que ela morresse. Mas recordou que o Arcano já a enganara outras vezes. E, mesmo que Jacks não tivesse arquitetado aquilo, Evangeline tinha jurado que jamais confiaria em Jacks de novo, depois de tudo que ele havia feito.

Evangeline deu um passo, embrenhando-se nas árvores, afastando-se tanto de Apollo quanto de Jacks.

Os olhos do Príncipe de Copas brilharam. O Arcano estava com cara de quem queria impedir-a de se afastar. Mas só ficou parado ali, com os punhos cerrados.

Doía andar sem sapatos. Mas seguiu em frente, afastando-se dos dois. Continuou andando pela parte do cemitério em que a floresta era densa, onde havia apenas gravetos e dragões adormecidos e...

*Créc.*

Algo se partiu debaixo de seus pés, fazendo mais ruído do que um graveto.

E aí, tudo aconteceu ao mesmo tempo. Evangeline não viu Apollo se virar na direção dela, apenas ouviu o ruído do cavalo galopando ferozmente em sua direção.

*Corra, Raposinha!*

Só que ela já estava correndo, o mais rápido que seus pobres pés machucados podiam correr, o que não era rápido o suficiente. Ela ouvia Apollo se aproximando.

– Evangeline!

A voz do príncipe era grave e retumbante, só que parecia mais uma súplica do que uma ameaça.

Evangeline pensou que Apollo poderia não saber que, se a matasse, morreria também.

Parou de correr por uma fração de segundo e olhou de relance para trás, apenas o tempo suficiente para ver o príncipe lhe lançar um olhar torturado e

mirar uma flecha bem no seu coração.

Correu ainda mais rápido.

A flecha passou raspando pela jovem, mas ela sentiu que feriu seu rosto.

E ela estava indo na pior das direções – direto para o precipício iminente e as ondas furiosas que se quebravam abaixo dele.

– Pule! – gritou Jacks.

De repente, do nada, o Arcano surgiu bem ao lado dela.

– Não sei nadar – berrou ela.

– Então, segure firme.

Jacks abraçou a cintura de Evangeline com força. E, juntos, os dois pularam.

Evangeline não conseguia respirar.

O impacto na água gelada foi tão forte quanto seria se tivesse caído em terra. Ela se debateu, por instinto, mas Jacks a segurou bem apertado. Os braços do Arcano foram inflexíveis e a puxaram para cima, através das ondas que arrebatavam. A água salgada entrou serpenteando no nariz da jovem, e o frio preencheu suas veias. Evangeline estava tossindo e cuspido, mal conseguindo puxar o ar enquanto Jacks nadava até a praia, com ela a reboque.

O Príncipe de Copas a abraçava bem junto de si e a carregou mar afora como se sua própria vida dependesse disso – não a dela.

– *Não* vou deixar que você morra.

Uma única gota d’água pingou dos cílios de Jacks nos lábios de Evangeline.

Era leve como uma gota de chuva, mas o olhar do Arcano continha a força de uma tempestade.

Deveria estar escuro demais para ver a expressão dele, mas a lua crescente reluzia com mais força a cada segundo, destacando os contornos do rosto de Jacks, que olhava para Evangeline cheio de intensidade.

O mar revolto, de repente, parecia calmo em comparação ao coração da jovem, que batia forte. Ou talvez fosse o coração do Arcano.

O peito do Príncipe de Copas arfava, as roupas estavam ensopadas, o cabelo, bagunçado, caído no rosto. Apesar disso, naquele momento, Evangeline teve certeza de que ele a carregaria e não seria apenas por águas congelantes. Jacks a tiraria de um incêndio se fosse necessário, a arrastaria, a arrancaria das garras da guerra, de cidades desmoronadas e mundos caindo aos pedaços. E, por um frágil piscar de olhos, Evangeline comprehendeu por que tantas garotas haviam morrido pelos lábios de Jacks. Se o Príncipe de Copas não tivesse traído sua confiança, se não a tivesse incriminado por um assassinato que não cometeu, ela poderia ter ficado um tanto enfeitiçada pelo Arcano.

– Me solte!

Evangeline se debateu para se desvencilhar daqueles braços que a seguravam, recusando-se a cair no feitiço de Jacks.

– Não estou te sequestrando – resmungou ele. – As pedras da praia vão cortar seus pés, e acho melhor você não estar sangrando quando voltarmos para o território dos vampiros.

– Não quero voltar para lá – chiou a jovem, ainda sem ar por causa da água.

– Ninguém quer voltar para lá. Mas Apollo só vai parar de te caçar quando você morrer.

Ela puxou um pouco mais de ar, com dificuldade.

– Se não foi você mesmo quem fez isso, não pode usar seus poderes para detê-lo?

– Não. – Nessa hora, o peito molhado de Jacks pressionou o corpo de Evangeline, enquanto penosamente ia avançando pela praia. – A maldição só será quebrada quando o Arqueiro matar sua caça. Mas... – Ele titubeou, e a água ficou pingando de seu cabelo dourado. – Toda maldição tem... uma porta dos fundos. Se você abrir o Arco da Valorosa, o feitiço lançado em Apollo pode ser desfeito.

Evangeline espremeu os olhos. Jacks estava dizendo algo semelhante ao que Caos havia dito e, ainda assim...

– Isso me parece bem conveniente.

– Então você, claramente, ainda não entendeu direito a situação. – O tom de voz de Jacks ficou acalorado. – O Arco da Valorosa permaneceu trancado por milhares de anos porque é quase impossível destrancá-lo. Se houvesse outra maneira de quebrar a maldição de Apollo e garantir que você não morra, eu faria isso. Porque, mesmo que se disponha a abrir o arco, é bem mais provável que o príncipe a mate antes disso. A maldição do Arqueiro não permitirá que ele tenha paz, a não ser que você morra.

Evangeline queria continuar discutindo. Odiava concordar com Jacks em relação a qualquer coisa que fosse. Mas também estava ficando mais difícil acreditar que o Príncipe de Copas a faria correr *tanto* perigo, principalmente

porque ainda conseguia sentir o coração do Arcano batendo com a mesma fúria que o próprio coração.

Só que, se Jacks estava dizendo a verdade, se não foi ele quem amaldiçoou Apollo desta vez, outra pessoa tinha amaldiçoados.

Pensar nisso a despertou para a realidade.

Evangeline recordou da última pessoa que havia tentado matá-la antes de Apollo: Tiberius. Até onde sabia, o irmão do príncipe estava trancafiado na Torre, e não fazia ideia de que Apollo estava vivo. Sendo assim, duvidava que o cunhado tivesse feito isso. Mas, talvez, outra pessoa do Protetorado pudesse ter feito.

Elá não sabia muita coisa a respeito do Protetorado: era uma sociedade secreta, que boa parte das pessoas considerava um mito. Só tinha ciência de que o grupo existia porque seu objetivo principal era garantir que o Arco da Valorosa jamais seria aberto, e era por isso que Tiberius tentara matá-la.

Evangeline não sabia quantos integrantes ainda restavam do Protetorado. Era possível que existissem mais deles espalhados pelo Magnífico Norte que sabiam que ela era a chave. Contudo, se realmente quisessem que a jovem morresse, precisariam apenas ter matado Apollo depois de lançar a maldição espelhada no príncipe. Não fazia muito sentido que tivessem feito isso. A menos que outra pessoa tivesse lançado a maldição espelhada, o que também lhe parecia pouco provável.

– Precisamos interrogar os guardas que estavam vigiando Apollo.  
– Isso já foi feito enquanto você dormia – retrucou Jacks. – Disseram que não apareceu ninguém lá, a não ser eu e você.

– Será que alguém apagou a memória deles?

A primeira pessoa que veio à cabeça de Evangeline foi Marisol: sabia que a irmã postiça era bruxa. Mas Marisol não sabia que Apollo estava vivo.

– Duvido que tenham apagado a memória de alguém – respondeu o Príncipe de Copas. – Até onde sabemos, essa maldição poderia ter sido lançada antes de o príncipe ter sido envenenado. Muitas garotas ficaram com inveja, e a esperança de diversos pais foi destroçada depois daquele baile.

– É isso que você acha que aconteceu?

Nessa hora, Evangeline olhou para Jacks.

O cabelo dourado do Príncipe de Copas pingava de tão encharcado, as gotas refletindo o luar que se derramava. Mesmo depois de ter pulado de um precipício e caído no mar, o Arcano ainda parecia ter saído de um conto de fadas impiedoso – um príncipe caído que se recusava a desmoronar.

– Acho que isso não tem importância. Descobrir quem fez isso é uma perda de tempo, porque não vai desfazer a maldição. Não existe uma cura conhecida para ela. A única maneira de salvar a sua vida e a de Apollo é abrir o Arco da Valorosa.

Evangeline examinou a expressão implacável de Jacks por mais um instante. Por mais que relutasse em confiar nele, não conseguia acreditar que Jacks havia feito aquilo.

– Foi Caos quem lançou a maldição?

– Não. Caos não faria nada que colocasse você em um perigo real. Não correria o risco de perder mais uma chave.

– Você acabou de dizer “mais uma” chave?

A boca perfeita de Jacks se contorceu em uma sinistra expressão de provação.

– Por acaso você acha que é a única chave?

Evangeline não respondeu. Ela havia, na verdade, acreditado nisso.

– De acordo com Caos, a última chave foi a que viveu por mais tempo – explicou Jacks. – Ela conseguiu reaver uma das quatro pedras perdidas do arco antes de o Protetorado cortar sua cabeça.

A jovem já estava com frio e trêmula por causa daquele mergulho em plena madrugada. Mas, de repente, sentiu-se muito mortal. Ficou com a impressão de que alguém a transmutara – de ferro, transformara-se em uma fina placa de vidro.

Naquela noite, Luc apareceu na cama de Evangeline. O rapaz deitou de lado, com o cabelo castanho caíndo por cima de um dos olhos, sorrindo feito um menino levado que havia entrado escondido no quarto de outra pessoa pela primeira vez.

– Oi, Eva.

A jovem tentou se afastar, mas seus braços e suas pernas estavam cansados demais.

Luc mostrou as presas, brancas e afiadas. E, em seguida, essas presas furaram o pescoço de Evangeline, rasgando sua pele enquanto o garoto-vampiro bebia o sangue dela. Bebeu, bebeu e bebeu mais, gemendo de prazer enquanto Evangeline gritava de dor... Até que ela piscou e entrou em outro sonho.

Estava de volta à floresta, esmigalhando folhas com os dedos dos pés descalços e com os ombros nus cobertos pela neblina. O pescoço não sangrava mais, mas, ao ver Apollo montado em uma égua branca, o sangue correu mais rápido nas veias.

– Eu queria não precisar fazer isso.

A voz grave do príncipe ficou embargada. Ele mirou a flecha e lançou no peito da jovem.

Evangeline sentiu a ponta da flecha atravessar seu coração, rasgando-o ao meio. O corpo ficou inerte, nos braços de alguém que não estava ali até então.

*Braços de Jacks.* Eram gelados, e ele a segurava no colo.

– Te peguei – disse o Príncipe de Copas.

Jacks falava de um jeito tão delicado, tão fora do comum para ele, que Evangeline se recordou, mais uma vez, que tudo não passava de um sonho. O que a surpreendeu foi o fato de, de repente, aquilo ser tão agradável. E a imensa segurança que sentiu por estar tão perto do Arcano.

A garota viera para o Magnífico Norte em busca de amor. Mas, talvez, apenas não quisesse ficar sozinha, não quisesse ficar sem ligação com nenhuma outra pessoa. Não queria que ninguém se desse conta caso ela desaparecesse. Queria ser importante para alguém. Se seu coração parasse de bater, queria que alguém o sentisse parar – assim como ela conseguia sentir o coração de Jacks naquele momento, já que se permitira pousar a cabeça no peito dele.

O Príncipe de Copas sorriu de um jeito que era ao mesmo tempo belo e depravado.

– Estou decepcionado por você ter esquecido o que sou com tamanha facilidade.

Em seguida, ele a soltou, deixando-a cair de seus braços.

Evangeline acordou sobressaltada.

Os olhos se abriram de repente.

Jacks olhou para ela, empoleirado na escura mesinha de cabeceira. As pernas compridas estavam relaxadas de modo negligente na beirada do móvel, e as mãos faziam malabarismos com uma maçã e uma faca.

– Você fala enquanto dorme – declarou o Príncipe de Copas, com seu jeito arrastado. – Disse meu nome... várias vezes.

A jovem sentiu uma onda de calor subir pelo pescoço.

– Obviamente, eu estava tendo um pesadelo – retrucou.

– Não foi isso que me pareceu, Raposinha, e olhe que fiquei aqui a noite inteira.

O coração dela se sobressaltou ao pensar que o Arcano havia passado a noite vigiando seu sono. *Será que isso a tinha feito sonhar com ele?*

– Não tema, não vou contar para seu marido que você é obcecada por mim.

Jacks jogou a maçã branca para cima e pegou a fruta com a ponta da adaga. Uma adaga que Evangeline reconheceu, o que fez mais uma onda de mortificação passar por ela. Era a faca com as pedras preciosas azuis e roxas. A que ela havia roubado do Arcano e depois perdido.

– Peguei minha adaga de volta, espero que não se importe. – Nessa hora, Jacks virou a faca até as pedras preciosas refletirem a luz das velas. – E não se preocupe: tampouco vou contar para Apollo que peguei você andando por aí

com minha faca. O príncipe e eu somos amigos, você sabe como é, e eu odiaria que o príncipe ficasse com ciúme.

Evangeline soltou uma risada debochada e perguntou:

– Como você tem coragem de dizer que vocês dois ainda são amigos depois de tudo que fez?

– O que fiz de tão ruim? – retrucou Jacks.

– Ah, sei lá... Talvez você tenha jogado umas maldições sobre ele, tipo diversas vezes.

– Todo príncipe acaba amaldiçoado. Príncipes sem maldição são esquecidos pela história. E pode acreditar quando digo que Apollo quer que se lembrem dele. Agora... – O Príncipe de Copas inclinou a cabeça, sinalizando um vestido esticado na beirada da cama, a mesma cama onde Evangeline ficara enjaulada na noite anterior. – É melhor você se vestir.

A jovem fez careta para o vestido, apesar de o traje, na verdade, ser um sonho. Tinha o tipo de mangas compridas e vazadas que ela sempre achou românticas, e eram transparentes, de um tom muito claro de cor-de-rosa. O corpete tinha um tom levemente mais escuro e era coberto com uma intrincada série de cordões ouro rosê trançados, que iam até os quadris, onde camadas de um tecido absurdamente fino, salpicado de brilhos, fluíam, formando a saia.

Só porque Jacks havia ajudado Evangeline a sair de outra enrascada na noite anterior não queria dizer que os dois eram aliados. O sonho que ela tivera, de estar em segurança nos braços dele, fora obviamente um delírio.

Evangeline cruzou os braços em cima do peito e declarou:

– Você precisa parar de mandar em mim.

Jacks ignorou o comentário.

– Assim que você se vestir, podemos começar a procurar as pedras perdidas do arco.

O Arcano saiu de cima da mesinha de cabeceira, foi até o vestido e o atirou na cara da jovem.

– Jacks! – Evangeline pegou o traje. Era maravilhosamente macio e estava muito mais limpo do que ela se sentia. Mas não estava disposta a permitir que

o Príncipe de Copas a coagisse. Soltou o vestido em cima da cama. – Eu ainda não me dispus a ajudar você a abrir o arco.

O Arcano lhe lançou um olhar que dava a entender que achava a piada dela sem graça.

Só que Evangeline não estava brincando.

– Quero saber por que você quer tanto abrir o arco.

Jacks sorriu de um jeito encantador, um sorriso largo, perfeito e absolutamente cruel.

– Fico lisonjeado por você demonstrar tamanho interesse pelo que eu quero ou deixo de querer. Mas realmente deveria começar a pensar mais em seu marido do que em mim. – Nessa hora, os olhos do Príncipe de Copas se tornaram fulminantes. – Caso você tenha esquecido, Raposinha, Apollo está sob o efeito da maldição do Arqueiro. Se você não se dispuser a abrir o Arco da Valorosa para quebrar a maldição, o príncipe vai te matar. Assim como o Arqueiro assassinou a raposa dele.

Jacks tirou a maçã da faca e a jogou para cima de um jeito perverso de tão alegre.

Evangeline cerrou os dentes, sabia que era inútil discutir com o Príncipe de Copas. Mas o Arcano já tinha estragado tantas coisas, que ela não iria permitir que Jacks também destruísse seu conto de fadas preferido.

– Você não sabe se isso aconteceu – falou. – Ninguém sabe ao certo se o Arqueiro matou a Raposa.

– Ah... – Jacks, então, deu risada, uma risada dura e cruel, como seu sorriso. – O Arqueiro definitivamente matou a Raposa.

– Não é nisso que eu acredito. Pode ser que ele tenha resistido! Ou que a Raposa tenha encontrado uma maneira de quebrar a maldição. Ninguém sabe como a história termina. E, sendo assim, pode ter acontecido qualquer coisa.

– Mas não aconteceu – retrucou Jacks. – Baladas nunca têm final feliz, todo mundo sabe disso. Ninguém precisa ler a história inteira para saber que o Arqueiro está com as mãos sujas de sangue. Abra o arco, Evangeline. Se não fizer isso, vai morrer, igual à Raposa.

O Príncipe de Copas parou de jogar a maçã para cima e a apunhalou com a adaga.

A jovem fez careta quando o sumo escuro da fruta pingou no chão.

Realmente não queria ceder às vontades do Arcano. Mas estava começando a ter a sensação de que se recusar a abrir o arco era teimosia e não bom senso. Depois do que LaLa disse, Evangeline não tinha mais tanto medo de que a Valorosa contivesse algo terrível, mas ainda não queria entregar o que pudesse haver lá dentro para Jacks. Não queria se aliar ao Príncipe de Copas nem ter nada a ver com o Arcano. Mas queria, sim, quebrar a maldição do Arqueiro – precisava quebrá-la, senão passaria o resto da vida fugindo de Apollo, e o príncipe passaria o resto da vida tentando caçá-la.

Evangeline supunha que, de certa forma, aquilo era uma espécie de “para sempre”. As maldições conectavam os dois de modo inextricável, prometendo que a vida deles seria interligada para sempre. Mas não era desse jeito que ela queria que os dois ficassem juntos.

– Tudo bem – respondeu Evangeline.

– Isso quer dizer que você vai abrir o arco?

Jacks ergueu de leve uma das sobrancelhas. Um gesto minúsculo e, mesmo assim, a jovem pôde ver que o Arcano estava realmente satisfeito.

Ela ficou tentada, por breves instantes, a continuar resistindo. Mas, agora que havia se decidido, estava preparada para acabar logo com aquilo. Quanto antes encontrasse as pedras que abririam o arco, mais rápido se livraria do Arcano.

– Sim, vou te ajudar a abrir o arco. Mas não vou me vestir enquanto você estiver aqui.

– Que pena – murmurou Jacks.

Em seguida, sumiu.

E Evangeline ficou agradecida pelo fato de o Arcano não estar lá para ver que ficou corada de repente.

Jacks assoviava alegremente enquanto atravessava o corredor mal iluminado com Evangeline, indo ao encontro de Caos. Até então, a jovem nunca ouvira o Príncipe de Copas assoviar. Supôs que o Arcano estava fazendo isso agora porque ela finalmente se dispusera a abrir o Arco da Valorosa. Mas, por algum motivo, não esperava que esse fato o deixasse tão desavergonhadamente feliz.

Jacks era todo covinhas e assovios, e a curiosidade que essa felicidade despertava em Evangeline era inquietante.

*O que será que tem dentro do Arco que Jacks quer tanto assim?*

O Arcano encontrara mais uma maçã enquanto Evangeline se vestia – não estava mordida, era azul, e ele a atirava para cima no compasso de sua canção alegre.

– Você não para de olhar para mim.

– Só estava imaginando por que você sempre está com uma maçã.

Jacks deu uma risadinha disfarçada e respondeu:

– Pode acreditar em mim, Raposinha, é melhor você não saber.

Ele deu uma mordida lenta na fruta e seu olhar ficou sombrio. Lentamente seus olhos foram saindo dos lábios e se dirigindo ao pescoço de Evangeline, seguindo a pele à mostra até as clavículas, depois até os seios. Ela começou a sentir a respiração pesar enquanto o olhar de Jacks nos cordões intrincados que cobriam seu peito foi seguindo as linhas douradas de um jeito que a fez ter a sensação de que alguém puxava aquelas cordas trançadas. Parecia que os dedos gelados do Arcano as apertavam, ajustando-as ainda mais no seu corpo, até que ela ficasse quase sem fôlego.

– Foi você quem começou, olhando para mim desse jeito – murmurou ele.

O comentário estava mais parecido com o Jacks que a jovem conhecia: provocativo e um pouco cruel.

– Você teve notícias de Apollo? – perguntou ela, friamente.

– Não. Caos mandou vampiros procurarem pelo príncipe ontem à noite, assim como uns poucos seres humanos que podem ficar ao relento até depois de o sol raiar, mas ninguém o viu, e os tabloides não comentaram nada a respeito dele. Se Apollo for esperto, está tentando se distanciar um pouco de você, para que seja mais fácil resistir à maldição. Mas... – completou Jacks, de um jeito sinistro – ... isso não vai durar para sempre.

– E Havelock? – indagou Evangeline.

– O que tem ele?

– Por acaso alguém o interrogou para ver se ele sabe quem lançou a maldição do Arqueiro em Apollo?

O Príncipe de Copas olhou para a jovem de soslaio e retrucou:

– Eu já te disse que descobrir quem lançou essa maldição não nos ajudará em nada.

– Mas eu gostaria de saber, mesmo assim. Talvez você esteja acostumado a ter gente tentando te matar, mas eu não.

– Que azar, porque Havelock também sumiu. Tentamos falar com ele depois de interrogar os guardas que estavam vigiando Apollo, mas ninguém no Paço dos Lobos sabe onde ele está. Meu palpite é que Havelock deve estar onde o príncipe está.

Jacks parou diante da porta de madeira antiquíssima do gabinete de Caos. Girou a maçaneta de ferro, mas a porta não se mexeu.

Ele bateu. Mas o vampiro não atendeu. Pelo jeito, ainda não havia chegado.

– Destranque a porta – ordenou Jacks.

Evangeline ficou irritada.

– Você podia, pelo menos, dizer “por favor”.

– É verdade, mas aí você ia pensar que estou sendo gentil, e eu odiaria que ficasse confusa.

Rápido como um raio, Jacks pegou a adaga, furou o dedo dela e sorriu ao vê-la sangrar.

– É melhor abrir logo, antes que os vampiros cheguem.

A jovem olhou feio para o Arcano. Mas abriu a porta de imediato, apesar de duvidar que algum vampiro fosse atacá-la – não enquanto Caos precisasse

dela para abrir o Arco da Valorosa e conseguir tirar o elmo. Caos até podia ser um vampiro, e Jacks, um Arcano. Mas, pelo jeito, ambos precisavam de Evangeline e estavam meio desesperados.

Essa constatação a fez criar coragem para bisbilhotar um pouco o gabinete assim que entraram e não havia ninguém. Se não fossem as correntes e grilhões presos nas cadeiras, seria fácil imaginar que estavam no Paço dos Lobos. O chão era de uma pedra lustrosa e antiquíssima; as cadeiras eram revestidas de couro de qualidade, e o tabuleiro de xadrez de mármore em cima da escrivaninha de Caos era uma obra de arte. As peças eram maiores do que o normal, era fácil perceber que não eram reis, rainhas, bispos, cavalos, torres e peões comuns. Eram esculpidos à semelhança dos Valor e, assim como as enormes estátuas do porto na entrada de Valorfell, todas as peças estavam sem cabeça.

Jacks deu mais uma mordida na maçã, empesteando o recinto às escuras de doçura, e ficou observando Evangeline, que estava perto da escrivaninha.

– Não sei se você deveria bisbilhotar – disse o Arcano.

– Não sei se ligo para sua opinião – retrucou a jovem. – O vampiro precisa tanto de mim que não vai me fazer mal.

Evangeline contornou a mesa com passos um tanto mais confiantes.

Não sabia ao certo o que estava procurando, apenas sabia que aquela era sua única oportunidade de olhar sem sofrer consequências. Desde que chegara ao Norte, sempre fora a pessoa com menos poder em qualquer recinto, mas esse não era mais o caso. Ela era a garota da profecia. Era a chave – uma coisa mágica, capaz de coisas mágicas! Não precisava ficar parada na soleira da porta, feito um gatinho assustado, nem ficar sentada educadamente em uma cadeira, apenas esperando.

Estava abrindo a gaveta da escrivaninha quando viu, em um canto da mesa, uma pedra preciosa brilhante sob um domo de vidro.

Levantou o domo, e a pedra preciosa brilhou ainda mais, lançando faíscas cor-de-rosa e douradas pelo recinto. Parecia um desejo feito para ser usado em volta do pescoço. Talvez alguma feiticeira tivesse colocado, sabe-se lá como, um punhado de maravilhamento dentro daquele colar. Aliás, ela achou que “colar” era uma palavra comum demais para descrever aquele tesouro.

Seus dedos formigaram quando encostou na corrente.

– Você acha que Caos adquiriu essa pedra preciosa para mim?

– Não.

O vampiro surgiu em um sombrio piscar de olhos e arrancou o colar da mão da jovem.

– Devolva! – Por instinto, Evangeline tentou agarrar a joia, mas Caos segurou seu pulso.

– Não é para você – declarou ele.

Caos estava enganado. Evangeline sabia que estava enganado. Aquela pedra não brilhava tanto na mão enluvada do vampiro. Tinha que ser dela.

Tentou acertá-lo com o outro braço. Não importava o fato de Caos ser mais forte nem maior do que ela. Nem que, provavelmente, o golpe que conseguiu acertar no peito do vampiro tenha doído mais na jovem do que nele. Precisava daquele colar.

– Isso não te pertence! – exclamou, indo para cima de Caos.

– Essa não é uma boa ideia, Raposinha.

As mãos de Jacks se uniram em volta dela, arrastando-a com severidade para longe do vampiro e da preciosa joia.

– Me solte, seu monstro...

Evangeline tentou acertar o Príncipe de Copas com a cabeça.

Jacks tirou uma das mãos da cintura da jovem e a colocou em volta do pescoço dela, mantendo-a imóvel enquanto Caos foi até a escrivaninha e trancafiou a gema dentro de uma caixa de ferro.

Imediatamente, Evangeline teve a sensação de que havia mergulhado em água gelada. Assim que a tampa se fechou sobre a pedra, aquela ousadia, aquela autoconfiança extrema, aquele desejo de arrancar os olhos de Caos com as próprias unhas sumiu em um piscar de olhos.

Ela se encolheu nos braços de Jacks.

– O que acabou de acontecer? – perguntou.

Sentia a pele quente e a respiração descompassada. As mãos do Príncipe de Copas ainda estavam em cima dela.

– Você vai conseguir se controlar se eu te soltar? – perguntou o Arcano. – Ou vamos precisar te acorrentar a uma das cadeiras?

Pelo tom de voz, parecia que Jacks estava rindo de novo – porque é claro que Jacks acharia graça se Evangeline ficasse mortificada.

– Estou bem.

Ela se debateu para se desvencilhar do Príncipe de Copas, que começou a abrir os dedos lentamente. Só que, antes de se soltarem por completo, sentiu os nós desses dedos roçarem suavemente na parte de baixo do seio.

Sentiu um frio na barriga. Mas a expressão do Arcano era tão impassível que Evangeline achou que Jacks a acariciara sem querer.

Sacudiu a cabeça e se afastou, cambaleante, do Príncipe de Copas e do colar que Caos trancafiara.

– O que é aquela coisa? – perguntou.

– Aquela *coisa* é a pedra da sorte – respondeu Caos. – É uma das quatro pedras mágicas perdidas do arco.

Evangeline se recordou do que Jacks havia dito a respeito da chave anterior, que havia morrido depois de encontrar uma das pedras perdidas. A gema naquele colar talvez fosse a pedra que a chave encontrara.

Caos se afastou da escrivaninha, mas seus movimentos pareciam mais tensos do que o normal. O vampiro cerrava e abria os punhos como se tivesse acabado de dar fim a uma tarefa difícil.

– A pedra também te afetou? – indagou Evangeline.

– A pedra afeta qualquer um – respondeu Caos.

– Não me causou nada – vangloriou-se Jacks.

– Só porque a pedra da sorte faz as pessoas serem impulsivas, e você sempre é impulsivo – retrucou Caos.

O Príncipe de Copas deu de ombros e comentou:

– Que sentido faz ser imortal se for para viver feito ser humano?

– Eu achei que você podia morrer – comentou Evangeline.

– Por quê? Está planejando me assassinar? – Os olhos de Jacks brilharam.

Caos o fuzilou com o olhar.

– Não provoque a garota.

– Relaxe. – O Arcano, então, ficou mexendo na corrente pendurada no braço de uma das cadeiras. – Eu já dei oportunidade para Evangeline me apunhalar, certa vez, mas nem assim ela quis.

– E vou me arrepender disso para sempre – falou a jovem.

Mas, para seu horror, não sentiu o gosto de verdade que deveria ter sentido quando pronunciou essas palavras. Fez questão de se lembrar de que Jacks não era digno de confiança. Era o motivo para ela estar naquela enrascada. Só que, mais uma vez, não teve a sensação de que essas palavras eram verdadeiras. Desta vez, não havia sido Jacks quem tinha amaldiçoado Apollo.

Evangeline se recordou da sensação das batidas do coração do Arcano, furiosas em comparação com as dela, quando o Príncipe de Copas a puxou para fora do mar depois de terem escapado de Apollo. Aquela foi a primeira vez que Jacks não deu a impressão de estar no controle da situação. A impressão era a de que ele era um guerreiro feroz de contos de fadas, determinado a fazer o que fosse preciso para salvar a vida da jovem. Evangeline sabia que os motivos do Arcano para querer mantê-la viva não eram nada nobres. Mas, às vezes, a razão não é páreo para o sentimento. Racionalmente, sabia que era muito melhor odiá-lo, mas não conseguia mais manter esse sentimento.

Caos pigarreou.

Evangeline ergueu os olhos e deu de cara com o vampiro, parado na frente da escrivaninha, os braços cruzados sobre o peito largo, olhando para ela com algo que parecia preocupação. Era difícil ter certeza, já que o elmo escondia seu rosto, mas Caos não tinha com o que se preocupar. Evangeline podia até não odiar Jacks, mas ainda sabia que não podia confiar nele.

– Ainda faltam encontrar três pedras – explicou Caos. – Cada pedra tem um poder diferente. Evangeline, como você é a chave, é quem mais vai sentir a magia de cada pedra, o que facilitará que você as identifique. Entretanto, como bem deve saber a partir de sua experiência com a pedra da sorte, o poder das pedras as torna perigosas.

– Quais são os poderes das outras pedras? – indagou a jovem.

Recordou que o bibliotecário que havia virado fumaça comentara o nome delas, mas não conseguia lembrar quais eram.

Jacks se empoleirou no braço de uma das cadeiras e contou nos dedos, com um tom debochado.

– Uma da sorte. Uma da verdade. Uma do contentamento. Uma da juventude.

– Não me parece tão ruim assim – comentou Evangeline.

O Príncipe de Copas lhe lançou um olhar sugestivo e respondeu:

– A do contentamento tem um potencial ainda maior de fazer você perder a cabeça do que a pedra da sorte. Tem gente capaz de matar para não perder a juventude. E também pode trazer inveja e imaturidade, então essa será difícil de roubar. E a verdade... – Jacks, nessa hora, deu um sorrisinho irônico e completou: – A verdade nunca é o que a gente quer que seja, Raposinha.

Evangeline deveria ter prestado atenção à passagem secreta.

Caos a levava, junto com Jacks, para um lugar onde, segundo o vampiro, ela conseguiria começar a procurar as pedras que faltavam. Mas, em vez de prestar atenção aos próprios passos ou ler as palavras escritas nas paredes sombrias, só conseguia repassar, em pensamento, a provocação de Jacks: “A verdade nunca é o que a gente quer que seja”.

O Príncipe de Copas disse isso em tom de alerta, como se a verdade dele fosse tão destrutiva quanto seus beijos. Entretanto, as palavras do Arcano só conseguiram fazer Evangeline se perguntar: qual era a verdade de Jacks? O que queria da Valorosa e por que não queria que ela soubesse?

É claro que Jacks dava a impressão de gostar de atormentá-la e, sendo assim, talvez fosse esse seu motivo para guardar segredo. Mas Evangeline não tinha lá muita certeza de que estava convencida dessa explicação. Pelo menos, sua esperança de poder descobrir tudo a respeito de Jacks tinha sido renovada: descobriria tudo assim que encontrasse a pedra da verdade.

— Chegamos. — Caos parou diante de uma porta que tinha um brasão de cabeça de lobo e fora arranhada bem no meio por algum animal ou por uma mão com garras bem grandes. Em seguida, entregou uma chave de ferro presa com uma fita de veludo para a jovem e aconselhou: — Sei que você pode destrancar qualquer porta, Evangeline. Mas talvez seja melhor evitar derramar sangue enquanto estiver aqui.

Evangeline sabia que deveria ter sentido alguma espécie de medo. Mas, das duas, uma: ou o efeito da maldição das histórias sobre lendas de vampiros impedia isso ou ela estava apenas sendo cabeça-dura. Em um mundo de imortais, ela possuía um único poder e não queria que lhe dissessem para não usá-lo.

É claro que não falou isso quando girou a chave que Caos havia lhe dado.

Do outro lado da porta havia estantes, grossas e robustas, repletas de tomos antiquíssimos, que se esparramavam ao longo de todas as paredes arredondadas, até chegar a um teto tão alto que seria preciso várias escadas para alcançá-lo. Ainda bem que havia, sim, múltiplas escadas de jacarandá envelhecido, assim como uma série de pequenas sacadas, que salpicavam as prateleiras mais de cima, feito estrelas de ferro.

O ar mudou quando Evangeline entrou, se enchendo de um aroma de folhas de papel antigas, que a chamavam feito um canto de sereia. Como todos os admiradores de contos de fadas, a jovem sempre amou cheiro de livros. Adorava a poeira de papel no ar, o fato de brilhar na luz feito minúsculas faíscas de magia. E, mais do que tudo, amava como os contos de fadas sempre a faziam pensar na mãe e em infinitas possibilidades. O chão debaixo de suas sapatilhas estava coberto por uma tapeçaria bordada com a imagem de um arco ladeado por dois cavaleiros de armadura, um deles sem cabeça. Em cima dessa tapeçaria, havia uma mesa redonda onde repousavam um lampião e alguns jornais, tudo isso rodeado por duas poltronas de veludo de cor escura que, felizmente, não tinham algemas nem correntes.

– Por mais encantador que tudo isso seja, como vai me ajudar a encontrar as pedras que faltam? – perguntou a jovem. – Achei que nenhum livro era confiável, por causa da maldição das histórias.

É claro que isso não a impedira de procurar respostas em bibliotecas antes, apesar de nunca a terem levado a nenhum lugar útil. Quando procurou na biblioteca real, estava atrás de informações sobre os Valor, mas não havia nenhum livro sobre eles. Evangeline supôs que era por causa da maldição das histórias. Mas, pelo jeito, não foi a maldição que deu fim aos livros – foi Caos. O vampiro, pelo jeito, escondia todos os livros a respeito dos Valor em sua biblioteca.

Nas lombadas, estavam escritas coisas do tipo:

*Como o Norte se tornou magnífico: uma história gloriosa*

*O rei-lobo*

*A corte de maravilhas dos Valor*

*Lobric e Honora: a primeira história de amor épica do Norte*

Também havia títulos a respeito das Grandes Casas, mas a maioria dos livros era sobre a misteriosa família Valor.

– Você foi reunindo todos esses livros só para encontrar as pedras do arco?

– Achei que guardá-los em minha biblioteca seria a melhor maneira de garantir a segurança deles. Por causa da maldição das histórias, as palavras na maioria desses volumes mudam um pouco a cada vez que são lidas. – Caos passou os dedos enluvados em uma lombada antiga de couro, e Evangeline ficou observando o título mudar de *Castor Valor: um príncipe entre príncipes* para *Castor Valor: uma praga entre os príncipes*. – Entretanto, como raramente permito que alguém os leia, a maioria das histórias que contêm foi preservada.

Evangeline sacudiu a cabeça e ficou olhando para cima, para todas as incontáveis lombadas encadernadas em couro, e algumas das palavras piscaram diante de seus olhos, apenas porque ousou olhar de relance para elas.

Ela nem sabia por onde começar.

– Talvez pudéssemos tirar a pedra da sorte da caixa só...

– Não – responderam Caos e Jacks, ao mesmo tempo.

– E se a usarmos apenas para encontrar o livro certo?

Pela cara, o Príncipe de Copas estava considerando essa possibilidade, mas o vampiro fez que não.

– A última chave usou a pedra da sorte no pescoço depois que a encontrou. Acreditava que a pedra traria boa sorte, e até trouxe. Mas também a fez agir de forma demasiado impulsiva e acabou causando a morte dela.

– E se Jacks usasse a pedra? – Nessa hora, a jovem se virou para o Arcano. – Você disse que não foi afetado por ela.

– E não fui. Mas a pedra tampouco vai me ajudar. Apenas a chave profetizada pode encontrar e reunir as quatro pedras perdidas.

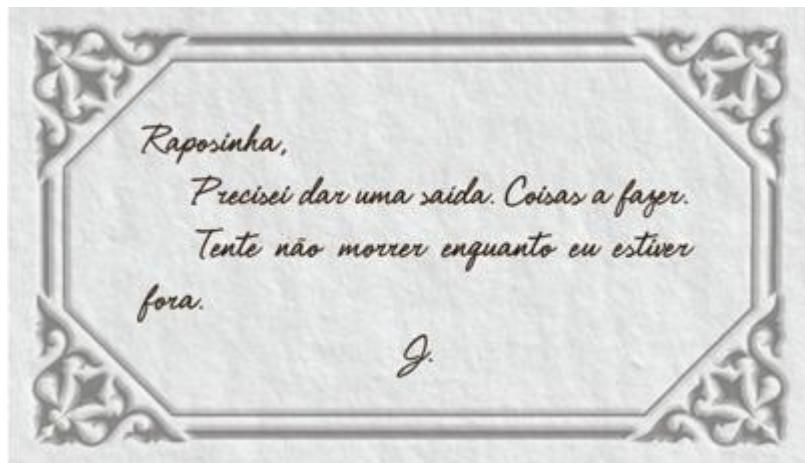
Evangeline queria acreditar que Jacks estava exagerando – ou que, talvez, apenas quisesse se livrar de ter que passar um bom tempo dentro de uma biblioteca. Mas aí se lembrou da visita que fizeram aos cofres da família Sucesso, quando ele ficou só olhando para ela, observando suas reações, enquanto passavam por todos aqueles tesouros. E também supôs, dado o motivo deveras convincente para Caos querer abrir o arco, que o vampiro já tinha passado um bom tempo procurando pelas pedras perdidas – e, dados os

anos de vida de Caos, ele teve muito tempo para isso. Mas apenas uma das pedras estava em seu poder e fora encontrada pela chave anterior.

Agora, Evangeline precisava localizar as outras três. Duvidava que os dois Arcanos realmente acreditassesem que ela poderia fazer isso... ou se apenas queriam ver quantas pedras conseguia encontrar antes que ela morresse, como a chave anterior.

No dia seguinte, quando Evangeline acordou no quarto de hóspedes, esperava encontrar Jacks na beirada da cama, pronto para atirar um vestido em sua cara, dizendo que já estava na hora de ir trabalhar e encontrar as pedras.

Em vez disso, só havia um cartão, que fora deixado perto do bule de chá, na bandeja de café da manhã.



– Tente não morrer – resmungou a jovem.

Evangeline não sabia por que ficara surpresa, tanto pelas palavras insensíveis de Jacks como com o fato de o Príncipe de Copas ter sumido quase na mesma hora em que ela se dispôs a fazer a única coisa que o Arcano queria. Mas *ficara* surpresa – e, talvez, um tantinho magoada.

O que será que Jacks tinha a fazer de tão importante? A garota sabia que o Arcano não tinha como ajudá-la a encontrar as pedras perdidas, mas também sabia que estava desesperado para obtê-las. E também queria muito que ela continuasse viva. Mas simplesmente a abandonara ali, sozinha, em um castelo cheio de vampiros.

Talvez tivesse razão quando, no dia anterior, concluiu que Jacks e Caos só queriam que ela conseguisse o máximo de pedras possível antes que a busca pusesse fim à vida dela.

Depois de colocar um dos muitos vestidos que lhe foram trazidos de seus aposentos no Paço dos Lobos, Evangeline percorreu os túneis escondidos que levavam à biblioteca secreta de Caos. Apesar do bilhete que Jacks havia deixado, continuou esperando que o Príncipe de Copas a acompanhasse, com passos delicados, ou que surgisse por uma porta secreta na parede. Mas o Arcano não apareceu.

A biblioteca estava em silêncio, já que não se ouviam as provocações, os risos nem o barulho de maçãs sendo jogadas para cima pelo Arcano. Os únicos ruídos eram os do bruxuleio ocasional dos lampiões acesos, que lançavam uma luz quente, cor de caramelo, na biblioteca escondida.

Evangeline tentou buscar consolo nos livros. Sempre teve a sensação de que as histórias eram suas amigas. Mas sentia que todas aquelas histórias eram parentes distantes das lendas que conhecia.

Caos tinha razão quando disse que as histórias contidas nos livros mudariam. As palavras de quase todos os livros que a garota leu mudaram diante de seus olhos. Em geral, eram coisas irrelevantes. Evangeline viu relatos sobre Honora Valor mudarem a cor dos olhos dela de mel para castanhos. Lendas a respeito de Lobric mudaram o tom do cabelo do rei de dourado para vermelho.

Mas certas coisas, pelo jeito, nunca mudavam, tais como os nomes dos filhos do casal Valor e algumas características que os definiam. Aurora era meiga, e sempre a descreviam como a mais bela garota que já viveu na face da Terra, seguida pelo irmão gêmeo, Castor, que era descrito como muito nobre. Vesper tinha a habilidade de ver o futuro. E Tempest e Romulus – mais uma dupla de gêmeos – eram grandes inventores, responsáveis pela criação dos arcos mágicos. Dane era uma espécie de metamorfo, e Lysander tinha um dom que envolvia lembranças. Todas as histórias diziam que eles eram belos, bons e generosos. A família era unida, protegiam uns aos outros, e era amada pelos súditos até que...

Algo terrível aconteceu.

Mas, ao que parecia, Evangeline não conseguia descobrir qual fora o tal trágico acontecimento. Sabia o resultado: a família Valor mandou construir a Valorosa, trancafiou algo lá dentro e depois a cabeça de todos foi cortada, pondo fim à Era Valor e dando início à Era das Grandes Casas.

Entre essas duas eras as pedras foram criadas e escondidas. Infelizmente, Evangeline encontrou pouca informação a respeito dessa misteriosa época de transição.

Só conseguiu encontrar lendas que comentavam fatos tangenciais à tragédia.

Encontrou histórias do *antes*: da Era Valor, quando cavaleiros sempre venciam, o bem sempre vencia o mal, a honra era sempre recompensada, e os contos de fadas sempre tinham finais felizes.

E também havia lendas do *depois*: da Era das Grandes Casas, que não raro piscavam e mudavam para Era das Grandes *Maldições* enquanto ela lia.

Um dos volumes, *Uma história das decapitações famosas*, tinha todo um capítulo sobre a morte dos integrantes da família Valor, mas não mencionava o Arco da Valorosa.

Eis um trecho:

A névoa se derramou feito lágrimas sobre Valorfell, cobrindo as ruas de sombras e de frio, enquanto as pessoas choravam em silêncio dentro de suas casas. A maioria estava de luto pela grande família Valor, mas poucas pessoas demonstravam isso, por medo de que as Grandes Casas também as matassem.

Depois desse trecho, o autor amaldiçoava o nome de todas as Grandes Casas originais: Sucesso, Massacre do Arvoredo, Arvoredo da Alegria, Espinheira-Sanguínea, Pena de Falcão, Casstel, Tumba de Sangue, Verita, Corvo da Cruz, Predileta, Devastação, Campânula e Acadian.

“Acadian” era o sobrenome de Apollo, e ler essa palavra fez Evangeline imaginá-lo em seu cavalo de caça, lutando contra a maldição. Onde será que o

príncipe estaria naquele exato momento? Ela não estava ferida. Isso a fazia supor que Apollo estava bem, pelo menos fisicamente. Em termos emocionais, o que aquilo tudo estava causando no príncipe? Na primeira noite em que Apollo acordou, quando Evangeline o avistou no jardim, ele já parecia um príncipe diferente daquele com o qual se casara. Estava ferido e assombrado. Um pouco disso não iria destruí-lo. Mas e se a maldição durasse tempo demais? Quem Apollo seria, então?

No dia seguinte, Evangeline decidiu ler mais sobre as Grandes Casas. Eram treze as Grandes Casas originais, e todas foram as maiores beneficiadas pela queda da família Valor, o que a fez pensar que poderiam estar envolvidas no ato de selar o arco e esconder as pedras. Até porque as pedras eram mágicas e provavelmente dariam uma certa medida de sorte a quem as possuísse.

A garota resolveu pesquisar sobre a Casa Massacre do Arvoredo primeiro, já que LaLa ia se casar com o lorde Robin Massacre do Arvoredo. Infelizmente, ao que parecia, não havia nenhum livro citando a Casa Massacre do Arvoredo na lombada. Ou, se havia, o título fora alterado pela maldição das histórias, algo que era comum acontecer.

A próxima Casa que Evangeline pesquisou – a Casa Arvoredo da Alegria – se transformou em “Arvoredo da Amargura” enquanto lia. Entretanto, nada a respeito desta Grande Casa ou do vilarejo que leva seu nome parecia amargo.

Diziam que Arvoredo da Alegria, o vilarejo, era uma cidadezinha encantadora construída em uma floresta que sediava feiras encantadas, era lar de raposas mágicas e de um trio de patifes semifamigerados que, segundo relatos, eram todos encantadores, belos e encrenqueiros. O trio era composto pelo príncipe Castor Valor, por Lyric Arvoredo da Alegria – filho do lorde Arvoredo da Alegria – e por um arqueiro presunçoso.

O nome do arqueiro não era citado, mas Evangeline pensou imediatamente que poderia ser o Arqueiro de “A balada do Arqueiro e da Raposa”.

– Encontrou algo interessante?

A garota levou um susto ao ouvir aquela voz aveludada e soltou o volume que tinha nas mãos. O livro caiu no chão com uma pancada seca.

– Lamento se te assustei.

Caos estava esparramado na outra poltrona, trajando uma armadura de couro que delineava perfeitamente toda a sua perfeição cinzelada de vampiro, e Evangeline sabia que ele não lamentava nem um pouco. Achou graça de a garota ter pulado de susto. O vampiro tinha rugas suaves e inesperadas ao redor dos olhos, que lhe conferiam um leve toque de humanidade.

Só que Evangeline ainda recordava de quando os olhos de Caos não lhe pareceram nada humanos, de quando olhou neles e viu a morte.

O vampiro inclinou a cabeça, tirou os olhos da garota e examinou uma pilha de livros que estava em cima da mesa.

– Está lendo sobre as Grandes Casas?

– Sim, mas não consegui encontrar nenhum livro sobre uma delas. Você tem algum título a respeito da Casa Massacre do Arvoredo?

– Não há nada que valha a pena ser lido sobre a Casa Massacre do Arvoredo. Não passam de um bando de brutamontes covardes.

Caos foi até a estante e tirou dela um livro cuja capa era de um tom crepuscular de lavanda.

– Quem sabe... tente este.

Então entregou para a garota o volume que acabara de tirar da prateleira.

Era uma coisinha fina, amarrada com uma fita preta e larga, com letras gravadas em dourado.

*Ascensão e queda da família Valor: a amada primeira família real do Magnífico Norte.*

O título se contorceu quando ela leu, algumas das letras formaram galhos, outras se transformaram em armas, e deixaram Evangeline um pouco zonza.

A primeira página do livro fez a mesma coisa. As letras e as palavras não paravam de se transformar em outras coisas – parecia que o tomo estava tão empolgado por alguém finalmente tê-lo tirado da prateleira que não sabia o que dizer.

– Esse me parece um pouco afoito demais...

Evangeline deixou a frase no ar porque ergueu os olhos e percebeu que Caos já tinha ido embora. E, pelo jeito, o vampiro não foi a única coisa que sumiu da biblioteca. Depois de ter colocado o livro que ele lhe entregou em

cima da mesa – porque as palavras simplesmente se recusavam a sossegar –, esticou o braço para pegar o volume que deixara cair quando Caos entrou.

Só que, como o vampiro, o livro havia sumido.

Restou apenas um pedaço de papel, que tremulava.

Será que Caos pegara o livro ou o volume simplesmente havia desaparecido? Até onde Evangeline se lembrava, a maldição das histórias não fazia livros sumirem. Mas isso fazia mais sentido do que o vampiro ter roubado um dos livros que a garota havia separado.

Evangeline pegou o papel caído no chão com todo o cuidado, achando que poderia ter caído do volume desaparecido.

A folha era velha e amarelada. A letra não lhe parecia conhecida, mas as palavras que ela continha já tinham sido decoradas por ela.

Examinou o papel. Havia um dragãozinho desenhado embaixo das palavras “Uma da Sorte”, que estavam riscadas – provavelmente, porque a pedra da sorte já fora encontrada. A “Uma da Verdade”, correspondia o desenho de uma caveira com ossos cruzados. Embaixo de “Uma do Contentamento”, havia um jardim de flores primaveris salpicadas por estrelas minúsculas. Logo abaixo de “Uma da Juventude”, havia o desenho de um escudo com chamas na parte inferior.



Evangeline imaginou que isso poderia ter sido escrito pela última chave. Os símbolos deveriam ser pistas de onde ela achava que as pedras estavam.

Mas qual seria o significado desses símbolos?

A semana seguinte passou bem devagar, pingando feito cera de vela derretida. Evangeline passou todos os dias na biblioteca, tentando entender os símbolos que encontrara na lista feita pela última chave. Os ossos cruzados e as flores eram comuns demais e, apesar de o escudo com as chamas ser mais peculiar, não conseguiu encontrar nenhuma referência a ele em nenhum livro. Caos tampouco reconheceu o desenho. Vinha conferir os avanços da garota todos os dias, mas sempre ia embora rápido. E Jacks...

Evangeline tentou não pensar em Jacks. Não gostava da dor que sentia quando pensava que o Príncipe de Copas simplesmente a havia abandonado ali.

O ponto alto de seus dias era o tabloide diário, que era entregue no seu quarto sempre com o café da manhã. De início, começou a ler o jornal para ver se mencionava alguma coisa a respeito de Apollo; e talvez também estivesse

curiosa para ver se citavam Jacks. Depois passou a gostar do tabloide porque era a única coisa que a fazia se sentir conectada com o mundo fora do castelo subterrâneo de Caos.

Naquele dia, a manchete estava um pouco borrada. Evangeline não conseguiu decifrar a primeira palavra, mas as outras duas, ao que parecia, eram tudo o que o artigo realmente precisava.

---

## O Boato Diário

### DIVERTIMENTO E CASAMENTO

*Por Kristof Knightlinger*

Todo mundo adora uma festa temática. Mas não tanto quanto a futura lady LaLa Massacre do Arvoredo e seu noivo, o jovem lorde Robin Massacre do Arvoredo. Para comemorar o recente e deveras súbito noivado, o casal dará uma festa de proporções históricas. Rezam os boatos que estarão presentes representantes de todas as Grandes Casas.

Receio que meu convite tenha sido extraviado pelo correio, porque ainda não o recebi. Mas fiquei sabendo que a festa será um evento de uma semana inteira, e que o traje será à fantasia.

---

Evangeline imaginou que um convite deveria estar à sua espera no Paço dos Lobos e sentiu uma tremenda vontade de aceitá-lo, de ir àquela festa e comemorar com todo mundo. Era um sentimento pequeno, mas seu coração já estava tão em frangalhos de tanta solidão que, por um segundo, a garota achou que aquela minúscula pontada aguda poderia destroçá-la.

Imediatamente, sentiu-se frívola por ficar triste de perder uma festa. Mas gostaria de ver LaLa mesmo que a amiga não estivesse dando uma festa. Se

LaLa estivesse de luto e não noiva, Evangeline gostaria de estar com ela. Gostaria apenas de estar em qualquer lugar. Com qualquer pessoa.

Até Jacks seria uma companhia bem-vinda.

A garota sentiu mais um aperto doloroso ao pensar que o Príncipe de Copas ainda não havia voltado. Mas expulsou esse sentimento quando seus olhos pousaram na próxima reportagem.

## EX-PRÍNCIPE TiBERIUS AGADIAN PRESO DEPOIS DE OUSADA TENTATIVA DE FUGA

*Por Kristof Knightlinger*

A reportagem era rasa, continha mais especulações sobre a fuga do que informações de fato. Mesmo assim, os pelos nos braços de Evangeline ficaram arrepiados ao ler a respeito de Tiberius.

Não foi de medo. Mas deveria ter sido. Tiberius tentou matá-la. *Duas vezes*. Sendo integrante do Protetorado, o ex-príncipe acreditava que Evangeline tinha que morrer, por ser capaz de abrir o Arco da Valorosa. E, como o restante do Protetorado, Tiberius se comprometera a garantir que o arco jamais seria aberto.

Mas, de repente, Evangeline pensou que, talvez, ser integrante do Protetorado não significasse apenas matar garotas de cabelo cor-de-rosa. Talvez o Protetorado também estivesse escondendo as pedras que faltavam.

É claro que era um impulso temerário sequer aventar a possibilidade de visitar Tiberius na prisão e perguntar se ele sabia das pedras. Se Jacks estivesse ali, sem dúvida diria que essa ideia era perigosa demais. Mas Jacks havia sumido, e a esperança de Evangeline sempre brilhou mais do que o medo.

Evangeline prestou atenção aos ruídos, tentando ouvir barulho de cascos de cavalo, passos ou qualquer outra coisa que pudesse indicar que Apollo voltara a caçá-la.

A trilha cheia de folhas da antiga floresta do Norte estava em silêncio, assim como a neblina que lambia seus tornozelos, mas nem por isso a garota deixou de apressar o passo, fazendo muito barulho ao pisar de botas no chão nevado. Provavelmente, estaria mais segura se tivesse pedido para Caos acompanhá-la, mas temia que o vampiro não gostasse da ideia de ela visitar o jovem que tentara matá-la. Sendo assim, não disse uma palavra a respeito de seus planos e saiu escondida enquanto os vampiros dormiam para passar o dia.

Havia uma velha trilha que levava até a Torre onde Tiberius estava preso. Mas Evangeline não precisava realmente de uma estrada. A construção era tão alta que podiavê-la com facilidade do cemitério que ficava em cima do castelo de Caos.

A Torre despontava de uma antiga floresta, logo depois do cemitério. De acordo com as histórias, só fora construída depois da Era Valor. O reino da família, supostamente, era tão maravilhoso que seus integrantes não precisavam se preocupar em trancafiar pessoas, porque não aconteciam crimes perigosos enquanto estavam no poder.

Era difícil acreditar que isso fosse verdade, ainda mais olhando para a Torre. Suas pedras eram tão velhas e gastas que era impossível dizer de que cor foram um dia. Não tinha janelas. Não tinha portas. Não tinha como olhar para fora e ver a floresta que a cercava.

Evangeline sentiu uma certa pena de Tiberius. Tentou se convencer de que era tolice se sentir mal pela pessoa que tentara matá-la. Mas, da última vez que o vira, o ex-príncipe não estava com uma aparência assassina, estava desesperado.

Chorara de soluçar ao confessar que matou o irmão sem querer. E, em parte, era por isso que a garota tinha esperanças de que Tiberius estaria disposto a ajudá-la naquele dia.

E, apesar de realmente se sentir mal pelas condições lúgubres da prisão, pensou que essas mesmas condições poderiam ajudá-la a obter informações. Só precisava encontrar uma maneira de entrar ali. Ao que tudo indicava, além de não possuir nenhuma porta visível, também não havia guardas que poderiam permitir sua entrada.

Felizmente, Evangeline tinha como contornar a falta de uma porta visível.

Remexeu na cesta de pão que levara para Tiberius e tirou dela uma adaga. Como os vampiros são surpreendentemente descuidados em relação às suas armas, foi fácil encontrar um substituto para a faca que Jacks pegara de volta. A adaga que escolheu era de ouro, tinha belas pedras preciosas cor-de-rosa no cabo e ponta cintilante.

Foi só encostar que o sangue se derramou do dedo aos borbotões.

Depois de pedir desculpas em pensamento para Apollo, que agora também estava sangrando, a jovem foi logo marcando as pedras e repetindo as seguintes palavras:

*Por favor, abra.*

*Por favor, abra.*

*Por favor, abra.*

Evangeline não saberia dizer para quantas pedras pediu permissão. Tinha a sensação de que havia tentado conversar com toda a base da torre, até que uma pedra solícita finalmente rangeu, e uma porta escondida se escancarou.

Ela respirou fundo e tossiu imediatamente. O ar do outro lado da porta tinha gosto de ossos.

Dois guardas que, pelo jeito, estavam jogando cartas, ficaram de pé imediatamente. Um deles parecia tão surpreso que derrubou o banquinho de madeira em que estava sentado. O móvel caiu com uma pancada seca e alta no chão úmido de pedra.

– A senhorita não deveria estar aqui – disse ele, enquanto o outro guarda estava boquiaberto, claramente reconhecendo o cabelo cor-de-rosa de Evangeline.

— Vou te dizer uma coisa — falou Evangeline, alegremente. — Não vou contar para ninguém que a porta deste lugar estava sendo tão mal vigiada que, simplesmente, consegui entrar com a maior facilidade se vocês me deixarem ter uma conversinha com Tiberius.

Evangeline terminou o discurso balançando o cabelo cor-de-rosa para o guarda que, pelo jeito, não sabia quem ela era.

O homem ainda estava com cara de quem queria discutir ou talvez de colocá-la dentro de uma das celas, até que o segundo guarda lhe deu um chute na perna e disse:

— Sentimos muito, Vossa Alteza, mas Tiberius não tem permissão para receber visitas.

— Então é só não contar para ninguém que passei por aqui.

E, antes que desse tempo de os guardas discutirem, ela começou a subir as frias escadas de pedra.

Assim que as botas encostaram no primeiro degrau, Evangeline ouviu a voz do Príncipe de Copas.

*Esta é a pior ideia que você já teve até agora, Raposinha.*

A voz era tão clara que ela parou e olhou para trás, mas só viu os guardas fechando a porta pela qual acabara de entrar.

Esperou mais um segundo, caso o Príncipe de Copas batesse ou se espregimesse pela fresta antes de fecharem a porta. Mas o Arcano não apareceu, e Evangeline não ouviu mais a voz dele.

Sacudiu a cabeça e tornou a subir os degraus, determinada a não pensar em Jacks. Enquanto Tiberius estivesse trancafiado em uma cela, não poderia lhe fazer mal. Ela lhe ofereceria pão. Os dois conversariam. Evangeline diria que Tiberius podia ajudar a salvar a vida do irmão. Tiberius contaria onde estavam escondidas as três pedras que faltavam. E tudo ficaria bem no Magnífico Norte.

Subiu mais um lance de escadas. Já estava no terceiro piso e ainda não havia nem sinal de Tiberius. Nem sinal de ninguém. Todas as celas pelas quais passou estavam vazias, com exceção da ocasional lufada de vento que entrava pelas frestas.

Uma aranha subiu em suas botas. Evangeline deu um pulo e quase caiu um degrau para trás.

– Ela pôs fim a uma família real e, contudo, tem medo de aranha.

A voz foi seguida por uma risadinha jocosa.

Os ombros de Evangeline ficaram tensos. Ela recobrou o equilíbrio e olhou para o fim do corredor, onde finalmente encontrou Tiberius Acadian. Ficou corada, e ele continuou dando risada. Mesmo na prisão, não perdera sua postura de príncipe. Segurava uma caneca tosca de água como se fosse um cálice de vinho.

– Eu te ofereceria um gole – disse o ex-príncipe –, mas não tenho nenhum veneno para colocar aqui dentro.

– Eu jurava que você tinha aprendido a lição de que não se deve tentar matar as pessoas com veneno.

– Ah, mas você não é uma pessoa. É uma chave. – Tiberius, então, retorceu os lábios e foi se aproximando das grades da cela. – O que você quer?

Evangeline ofereceu um filão de pão que estava na cesta.

Tiberius olhou com desconfiança para o alimento. Mas Evangeline pôde ver a fome em seu olhar. Como o rapaz era um príncipe, achou que cuidariam melhor dele. Mas, para sua sorte, não era esse o caso, pelo jeito. O título de nobreza não fazia a menor diferença ali, e ficou claro que o Protetorado havia abandonado Tiberius. A cela em que estava era cheia de correntes de ar e escura, iluminada por umas poucas velas de sebo malcheirosas.

Evangeline partiu um pedaço do pão e começou a mastigar lentamente.

– Viu só? Não tem perigo nenhum. Não sou sua inimiga, Tiberius. Na verdade, vim para te dar uma boa notícia. Apollo, seu irmão, está vivo.

O ex-príncipe parou de se movimentar. E, em seguida, deu uma risadinha de desdém.

– Você está mentindo.

– Você tentou me matar. Duas vezes – recordou Evangeline. – Acha mesmo que eu viria até aqui só para contar uma mentira? Apollo realmente está vivo.

Ela parou de falar, deixando as palavras pairarem no ar até que a máscara de deboche que Tiberius usava cedeu, apenas o suficiente para revelar que o jovem acreditava nela – não estava com cara de quem queria acreditar, mas, pela experiência de Evangeline, o que as pessoas querem sentir e o que de fato sentem raramente coincidem.

– Sei que, se tiver oportunidade, provavelmente ainda vai tentar me matar, mas também acredito que você se importa com seu irmão, e é por isso que estou aqui. O veneno que Apollo ingeriu o colocou em um estado de sono suspenso que dava a impressão de que ele estava morto. Há cerca de duas semanas, seu irmão acordou, mas ainda não voltou ao normal. Foi infectado por outra maldição.

– Que tipo de maldição?

– Uma maldição muito antiga. A mesma que foi lançada sobre o Arqueiro de “A balada do Arqueiro e da Raposa”.

– Deixe-me adivinhar: você é a raposa do meu irmão. – Nessa hora, Tiberius esboçou um sorriso. – Isso é perfeito demais. Apollo está vivo, e logo você estará morta.

O ex-príncipe finalmente pegou o pão que Evangeline oferecia e começou a mastigar, de um jeito presunçoso.

– Tem um detalhe que ainda não contei – declarou ela. – Se seu irmão conseguir me matar, também vai morrer. Estamos conectados. Qualquer ferimento que eu sofrer também será sofrido por ele.

– Isso não é problema meu.

Mas Evangeline não conseguia acreditar que o ex-príncipe era tão insensível quanto dava a entender. Sabia que Tiberius se importava com Apollo. Vira o jovem chorar e desmoronar por causa do irmão.

A jovem colocou a cesta no chão e pegou a faca dourada. Afastou a capa e arregou a manga comprida.

– O que você pensa que está fazendo? – perguntou Tiberius, arregalando os olhos ao ver Evangeline encostar a lâmina no próprio braço e gravar quatro palavras na pele.

“ONDE VOCÊ ESTÁ, APOLLO?”

Os cortes foram superficiais, apenas o suficiente para arranhar as palavras na pele, não saiu sangue. Podem até ter doído, mas Evangeline não sentiu nada, de tão apertado que estava seu peito enquanto esperava, torcendo para que Apollo respondesse e Tiberius acreditasse em tudo que acabara de lhe dizer.

– Você enlouqueceu? – perguntou o ex-príncipe.

– Olhe só.

Evangeline segurou um suspiro de dor quando a primeira letra apareceu. Apollo não apenas arranhou sua pele: respondeu cortando as palavras, até sangrar.

### “NÃO PROCURE POR MIM”

Cada palavra latejava. E aí, o outro braço começou a arder, porque mais palavras apareceram.

### “NÃO QUERO TE MATAR”

Tiberius passou a mão no rosto, mais pálido do que antes.

Evangeline sentiu um arrepio inquietante com as palavras que Apollo escreveu, mas também sentiu um sussurro de triunfo. Agora, Tiberius estava com cara de quem acreditava nela – e parecia apavorado.

– Se Apollo conseguir me matar, vai morrer. De verdade, desta vez. E você perderá seu irmão para sempre. Mas, se me ajudar a quebrar a maldição dele, terá seu irmão de volta, e garanto que você será libertado.

Ela se precipitou ao dizer essa última frase e, em parte, se arrependeu. Mas precisava ser o mais convincente possível.

Tiberius ficou beliscando o pescoço, ainda observando as últimas gotas de sangue caírem do braço de Evangeline no piso imundo da prisão.

– Digamos que eu acredite em você. O que precisa que eu faça?

– Diga-me onde as pedras do Arco da Valorosa estão escondidas. Sei que você tem medo do que está contido na Valorosa, mas acredito que a prisão contém uma porta dos fundos que irá me permitir quebrar a maldição de Apollo e salvar a vida dele. Só preciso encontrar as pedras perdidas do arco. Por favor, diga onde estão. Me ajude a salvar seu irmão.

Tiberius respirou fundo, devagar e um tanto acuado.

– Não – respondeu.

– Como assim, não?

– Estou indeferindo o seu pedido. Rejeitando seu apelo. Tudo isso que você me contou não muda nada, Evangeline. Prefiro ver você morrer do que ajudá-la a encontrar as pedras.

A jovem não podia acreditar no que estava ouvindo.

– Como você pode dizer isso? É a vida do seu irmão.

Os olhos de Tiberius estavam marejados, mas sua voz era resoluta.

– Já cumpri meu luto pela morte de Apollo, e é melhor que apenas ele morra do que incontáveis outras pessoas e o Magnífico Norte que conhecemos chegue ao fim. Porque é isso que vai acontecer se você abrir aquele arco, Evangeline Raposa.

– Você não sabe disso.

– Sei mais do que você. Por acaso sabe alguma coisa a respeito dessas pedras que está procurando? Não são apenas pedaços de rochas. E não foram escondidas só para manter o arco fechado. Essas pedras têm poderes que se invocam mutuamente. Anseiam por serem reunidas e, da última vez que todas as quatro pedras foram colocadas juntas, uma das Grandes Casas foi destruída. Vi as ruínas... Senti a terrível magia que esvazia tudo. Reunir as pedras, por si só, tem potencial para causar um cataclismo. – Nessa hora, Tiberius olhou nos olhos de Evangeline através das grades, e seu olhar ainda estava marejado e sombrio. – Amo meu irmão, sim, mas não vale a pena correr esse risco para salvar a vida dele. Se tem coração, deixe que Apollo acerte uma flecha em você. Transformem-se em mais uma trágica balada do Norte e livrem o resto de nós dos perigos do poder que está trancafiado dentro da Valorosa.

Evangeline concluiu que aquela floresta era mágica. Deveria ter reparado antes – o aroma das árvores verdes e luxuriantes era um tanto doce demais, parecia que alguém havia misturado açúcar na neve que salpicava as folhas e agulhas de pinheiro.

Ela até que gostava do aroma, mas o teria trocado, de bom grado, por uma neve comum, sem magia, se isso significasse que a floresta iria parar de mudar as coisas de lugar.

Não sabia por quanto tempo estava andando por aquela trilha. Era a mesma trilha que tomara para chegar à Torre. Só que, em vez de levá-la de volta ao castelo subterrâneo de Caos, o caminho não parava de se enredar pelas árvores. O céu estava ficando arroxeadão. Logo seria noite, e ela estremeceu só de pensar o quanto se sentiria perdida quando isso acontecesse.

O fato de aquela jornada ter sido a troco de nada piorava ainda mais as coisas. Ela havia se enganado tanto... Ainda não estava acreditando que Tiberius optara pelo medo de uma antiga profecia em detrimento do amor que sentia pelo irmão.

Evangeline jamais revelaria isso para Apollo – se um dia conseguisse salvar a vida dele.

Ao respirar, o ar saía em lufadas pálidas. A jovem olhou para as palavras recém-gravadas no braço: “NÃO QUERO TE MATAR”.

Folhas farfalharam atrás dela, um pássaro grasnou, e Evangeline pulou de susto.

Num impulso, pegou a adaga de ouro da cesta e se virou, já brandindo a faca.

– Oi, Eva.

Luc saiu do meio de um par de árvores polvilhadas de neve, exibindo um sorriso que poderia ser de menino, se não deixasse suas presas levemente à

mostra.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Evangeline.

Ficou aliviada por não ser Apollo, mas não baixou a faca. Luc até podia não estar sob o efeito de uma maldição que o compelia a caçá-la e matá-la, mas tentara morder Evangeline nas duas últimas vezes em que se viram.

– Você não precisa empunhar essa faca. – Nessa hora, a bela boca de Luc formou um beicinho. – Vim dizer que sinto muito pelo que aconteceu no outro dia. Não queria morder você de verdade. Bom... eu queria morder você, sim, mas não queria te ferir. Senti saudade.

O garoto olhava para ela por baixo dos cílios, e as partículas douradas de seus olhos brilhavam na escuridão.

A pulsação de Evangeline acelerou, e ela odiou o fato de seu coração ainda se acelerar por causa daquele garoto. Entretanto, tinha a sensação de que eram os encantos de vampiro e não Luc de fato que a afetava daquela maneira.

Não sabia ao certo quando a paixão que sentia por Luc morrera. Na verdade, nem sequer tinha certeza de que isso havia acontecido. Era mais uma impressão de que havia deixado para trás seu amor por Luc junto à versão de si mesma que existia *antes*. Na época em que acreditava que primeiro amor, verdadeiro amor e amor para sempre eram a mesma coisa.

Antes, Evangeline achava que o amor era como uma casa. Uma vez construída, daria para viver nela para sempre. Mas, agora, achava que o amor era mais parecido com uma guerra, em que novos inimigos aparecem constantemente, e batalhas estão sempre à espreita. Vencer no amor tinha menos a ver com triunfar em uma batalha e mais a ver com continuar lutando; decidir que a pessoa que a gente ama é a pessoa pela qual estamos dispostos a morrer, inúmeras vezes.

Por muito tempo, Luc foi essa pessoa. Apesar de agora não ser mais, ao olhar para ele, era fácil imaginar que poderia ser novamente.

O garoto deu um passo na direção de Evangeline, e o beicinho se tornou aquele sorriso torto tão conhecido que chegava a doer. Ultimamente, nada lhe era conhecido. Passara tanto tempo sozinha na biblioteca de Caos que ficar perto de Luc naquele momento, mesmo em uma floresta escura, fazia Evangeline sentir uma ternura surpreendente.

– Sabe – disse o garoto-vampiro, baixinho –, morder é bem parecido com beijar, só que melhor, quando é feito do jeito certo.

Dito isso, Luc inclinou a cabeça e se aproximou do pescoço de Evangeline.

– Não! – A jovem colocou as duas mãos com força no peito do rapaz e se obrigou a parar de olhar para Luc, concentrando-se na noite, nas estrelas e na copa das árvores, tentando se livrar dos encantos dele. – Você continua não podendo me morder, Luc. Não sou um petisco.

– Que tal só uma mordiscadinha?

Evangeline olhou feio para Luc.

Ele soltou um suspiro e perguntou:

– Você superou completamente nossa história, Eva?

Por um segundo, ela não soube o que responder. Achava que era só por causa da mordida. Mas, ao olhar para Luc, viu em seu rosto imortal algo parecido com solidão. Ser um vampiro, sem dúvida, não era o que ele esperava.

O rapaz olhou para cima, para a noite que ficava cada vez mais escura. Aquele era o único céu que ele via, agora que era um vampiro. Tinha um punhado de estrelas, espalhadas feito pedras preciosas de um colar quebrado, mas, no geral, havia apenas a lua crescente e radiante, que o provocava, com aquele seu sorriso afiado que jamais irradiaria uma luz tão quente como a do sol. Evangeline não conseguia se imaginar sendo banida da luz do sol, sem jamais ter permissão para se aventurar em plena luz do dia. Perguntou-se se era isso que Luc *realmente* estava procurando. Não ela, mas um raio de sol. Um raio de algo de seu passado, ao qual se apegar.

Ela poderia achar que tornar-se príncipe deixaria o garoto feliz – pelo menos, por um tempo. Mas, provavelmente, era trabalho demais e diversão de menos. Apesar de não conseguir imaginar que os conselheiros de Luc confiassem nele de fato ao ponto de permitir que o suposto príncipe fizesse alguma coisa de importante.

– O que você está fazendo aqui fora, Luc?

– Ouvi alguns guardas dizerem que te viram perto da Torre, por isso saí do castelo escondido assim que escureceu. Queria te encontrar, saber se você quer ir a uma festa comigo.

– Não posso.

– Você nem sabe que tipo de festa é.

Luc pôs a mão no bolso de trás e tirou dele um convite dourado, escrito em nanquim branco cintilante. Tão luminoso que deu para ela ler o que estava escrito à luz do luar.

As palavras “contentamento”, “divertimento” e “casamento” estavam escritas na parte de cima.

– É uma festa à fantasia.

Dito isso, Luc ergueu e baixou as sobrancelhas várias vezes.

– Representantes de todas as Grandes Casas estarão presentes, se você gosta desse tipo de coisa...

O garoto continuou falando, mas a atenção de Evangeline estava concentrada no convite, que era para a festa de noivado de LaLa.

Naquela mesma manhã, quando leu a reportagem sobre a festa, a primeira palavra da manchete estava borrada. Mas, agora, ao reler o convite, deu-se conta de que a palavra era “contentamento”.

A palavra, por si só, não a teria convencido de que a pedra do contentamento poderia estar lá. Mas, quando recordou do que Luc acabara de dizer, que representantes de todas as Grandes Casas estariam presentes, uma ideia louca lhe veio à mente.

Dado tudo o que as Grandes Casas ganharam com a queda da família Valor, Evangeline suspeitava de que seus integrantes haviam escondido as pedras perdidas do Arco da Valorosa. E, agora, desconfiava que levariam tais pedras para a festa. Recordou-se das palavras de Tiberius: “Essas pedras têm poderes que se invocam mutuamente. Anseiam por serem reunidas”.

Quem sabe, na festa de LaLa, as pedras que faltavam seriam mais uma vez reunidas. Algo leve e borbulhante assomou-se dentro dela ao pensar isso. E Evangeline teve certeza de que precisava ir àquela festa.

– Obrigada! – falou.

E deu um beijo no rosto de Luc.

O rapaz deu um sorriso torto e perguntou:

– Isso foi um “sim”?

Por um segundo, foi tentador – até porque Evangeline tinha certeza de que, se Jacks descobrisse, ficaria irritado. Mas, no fim das contas, sua resposta

para Luc foi:

– Não... mas obrigada pelo convite.

Antes que desse tempo de o garoto discutir ou pedir mais uma *mordida*, Evangeline saiu correndo, torcendo para que a floresta, finalmente, a deixasse sair.

Caos não estava quando Evangeline por fim voltou ao castelo subterrâneo do vampiro. A jovem temia que estivesse procurando por ela. Entretanto, não havia ninguém por perto para confirmar suas suspeitas.

Evangeline suspeitava que Caos havia alertado seus vampiros de que haveria consequências caso alguma coisa acontecesse com ela. Depois do primeiro ou segundo dia que estava hospedada lá, nunca mais viu vampiros, com exceção de Caos. Óbvio que Evangeline não criou o hábito de ficar perambulando à procura dessas criaturas. Só procurava por Caos naquele momento porque precisa pedir para o vampiro arranjar um meio de transporte para que pudesse comparecer à festa de LaLa. Mas supôs que isso poderia esperar até o dia seguinte.

Depois de procurá-lo em seu gabinete – sem sucesso –, Evangeline foi para a cama.

Algum tempo depois, quando estava bem no limite entre o sono e a vigília, pensou tê-lo ouvido entrar – definitivamente, ouviu *alguém* entrar. Mas, quando abriu os olhos, não havia ninguém no quarto.

Os aposentos estavam vazios e frios. Ela, contudo, não conseguia se livrar da sensação de que, poucos segundos antes, havia alguém ali.

No dia seguinte, assim que caiu o crepúsculo, Evangeline se dirigiu ao gabinete de Caos. Estava levemente saltitante, pensando que logo iria embora daquele lugar e, se tudo corresse bem, encontraria as pedras necessárias para quebrar a maldição lançada em Apollo.

Ao pensar no príncipe, esfregou o pulso, no ponto onde a manga deixava à mostra as palavras talhadas por ele. O corte superficial não doía mais, mas ela sentiu uma dor no peito quando fez a volta e entrou no pátio destinado aos jogos do vampiro.

*Jacks.*

Ela parou de supetão, e seus sapatinhos escorregaram no chão de pedra.

O Arcano estava a poucos metros de distância, no pátio, em frente a uma mesa de madeira lustrosa onde jazia um tabuleiro de damas, com cerca de metade das peças vermelhas e pretas. A mesa era iluminada por inúmeras velas dispostas em uma jaula que ficava pendurada logo acima dela, pingando cera e lançando uma luz ocre tanto no tabuleiro quanto na bela garota com quem Jacks jogava.

A garota tamborilava as unhas na mesa, mordia o lábio de um jeito sedutor e olhava ora para aquele jogo simples, ora para o Príncipe de Copas.

Jacks mais parecia o próprio retrato de um príncipe libertino, esparramado na poltrona de veludo preto. O cabelo dourado brilhava sob aquela luz e as mechas estavam meio desarrumadas, como se a garota tivesse acabado de passar os dedos nele.

Evangeline sentiu uma pontada de – não sabia direito o que podia ser. Certamente, não era ciúme. Jacks parecia meio entediado enquanto movia uma peça vermelha. E, apesar disso, se estava tão entediado, por que não foi procurar Evangeline? Será que planejava avisá-la de que havia voltado?

Ela não queria se incomodar com isso. Foi bom mesmo o fato de Jacks não ter voltado para procurá-la. E, mesmo assim, vê-lo ali a fez se sentir pequena, insignificante.

Achava que o Príncipe de Copas queria que o Arco da Valorosa fosse aberto mais do que qualquer coisa, mas primeiro fugira e a abandonara, e agora estava ali, sentado, jogando damas.

O Arcano mal olhou para ela e disse:

– Também jogo xadrez.

O rosto de Evangeline ardeu de vergonha. Não tivera a intenção de projetar aquele pensamento a respeito do jogo de damas.

– Apenas fiquei surpresa. Não sabia que você jogava coisas que não envolvem fazer mal às pessoas.

– Ah, tem aquele outro jogo – interveio a garota. – Aquele...

– Pode ir embora agora – interrompeu o Arcano.

Os lábios da garota ficaram imóveis, ainda formando a palavra que estava prestes a dizer.

– Você... eu... você... – gaguejou ela, fazendo beicinho e bufando de leve antes que seu rosto arredondado ficasse completamente sem expressão.

No instante seguinte, a garota levantou da poltrona e saiu do pátio, calada.

– Você não deveria ter feito isso – censurou Evangeline.

– Por quê? – Jacks se recostou na poltrona e olhou para ela de um jeito insolente. As roupas que usava eram desleixadas, assim como sua postura: gibão de veludo azul-escuro meio desabotoado, cinto caído, calça cinza-tempestade e botas de couro surradas, com fivelas na lateral. – Quer que eu chame a moça de volta?

– Não – respondeu Evangeline.

Mas disse isso rápido demais.

Jacks esboçou um sorriso de canto.

– Ficou com ciúme, Raposinha?

– Nem um pouco: não gosto quando você usa seus poderes para controlar as pessoas.

– Você já me pediu para fazer isso no passado.

– Eu tinha um bom motivo.

– Na verdade, acredito que você teria feito um tremendo favor ao Norte se tivesse livrado a região da presença de sua irmã postiça. Mas ainda temos a possibilidade de consertar esse erro, mais tarde. – O Príncipe de Copas, então, ficou rolando uma maçã preta para a frente e para trás na beirada da mesa, com a palma da mão. – E você, queria alguma coisa? Ou só minha atenção?

Em seguida, seus lábios formaram um sorriso debochado, deixando à mostra uma de suas covinhas.

Isso não passou despercebido por Evangeline, longe disso.

– Você está perguntando para a garota errada, Jacks. Ao contrário *dela*, sei que você não é um deus.

– E, contudo, foi você quem rezou na minha igreja. – Nessa hora, ele pôs os pés em cima da mesa. – O que foi mesmo que você disse? “Sei que você entende o que é ter o coração partido”.

O Príncipe de Copas deu uma risada delicada.

Evangeline sentiu as bochechas ficarem completamente vermelhas. O que, é claro, só fez o Arcano rir ainda mais.

– Obviamente, eu estava enganada.

E também fora terrivelmente ingênuo de acreditar que Jacks compreendia sentimentos humanos ou que se importava com sentimentos que não fossem os próprios. Evangeline não disse isso em voz alta. Simplesmente deu as costas. Talvez tivesse ficado com um pouquinho de saudade dele, mas, obviamente, tais pensamentos eram uma loucura.

– Espere. – O Arcano levantou de um pulo e segurou o braço da jovem. – O que é isso?

Evangeline tentou se desvencilhar, mas os movimentos dos dedos ágeis de Jacks foram rápidos. Ele ergueu a manga do vestido, deixando à mostra o braço em que Apollo escrevera, de forma grosseira, as palavras. “NÃO QUERO TE MATAR.”

As narinas do Príncipe de Copas se dilataram, e ele falou:

– Pelo jeito, seu marido piorou no quesito cartas de amor.

– Não é nada.

Evangeline puxou o braço. Mas Jacks era bem mais forte do que ela.

Com um rápido puxão, o Arcano puxou-a para perto de si. Assim, tão perto, de repente, ela conseguia ver detalhes em que não reparara até então. A camisa que o Príncipe de Copas usava debaixo do gibão estava incrivelmente amarrrotada, e ele tinha olheiras de cansaço que fizeram Evangeline imaginar o que Jacks tinha aprontado nos últimos dez dias.

– Por onde você andou?

– Estava matando donzelas inocentes e chutando cachorrinhos.

– Isso não tem graça, Jacks.

– O que está talhado no seu braço também não tem. – Nessa hora, ele olhou feio para a mensagem e perguntou: – Quando foi que isso aconteceu?

Evangeline apertou os lábios.

Se Jacks já estava chateado por ter visto aquele ferimento, ela não queria nem pensar em como o Arcano reagiria se lhe contasse que o machucado lhe fora infligido durante a visita que fez a Tiberius. Jacks, provavelmente,

acorrentaria Evangeline a uma das paredes, para impedir que saísse novamente do castelo de Caos.

O que ela precisava era distraí-lo com alguma outra coisa.

Evangeline conseguiu se desvencilhar, pegou o tabloide que comentava a comemoração do noivado de LaLa e enfiou nas mãos do Príncipe de Copas.

O Arcano deu uma olhada no jornal e ficou com uma expressão dura.

– Não. Você não vai comparecer a uma festa na Casa Massacre do Arvoredo.

– Não cabe a você tomar essa decisão. – Evangeline enfiou o dedo no papel e disse: – Sei que a primeira palavra está borrada, mas está escrito “contentamento”, como em “pedra do contentamento”!

– Isso não quer dizer que as pedras estarão lá.

– Mas acho que estarão. Está vendo o trecho que diz que integrantes de todas as Grandes Casas estarão presentes? Suspeito que as pedras do arco foram escondidas pelas Grandes Casas e que essas pessoas vão usar as pedras perdidas na festa.

Jacks olhou para Evangeline com um ar imperioso, de superioridade, e argumentou:

– Mesmo que esteja certa essa sua teoria de que as pedras estão em poder das Casas, por que essa gente as levaria para a festa?

– Enquanto você esteve fora, descobri que as pedras invocam umas às outras: anseiam por serem reunidas. Quando Caos me mostrou a pedra da sorte, senti seu poder, e a desejei mais do que já desejei qualquer outra coisa na vida. Por isso acho que quem estiver com uma dessas pedras vai usá-la na festa, porque não quer ficar longe dela.

O Príncipe de Copas ficou mexendo o maxilar. Não estava mais com cara de quem se opunha absolutamente à ideia, mas tampouco parecia muito feliz com essa possibilidade.

– Caos não pode ficar sabendo que vamos à Casa Massacre do Arvoredo.

– Por quê?

– Porque, se souber, não vai permitir que a gente vá.

O Arcano amassou o jornal. E a jovem não podia dizer com toda a certeza, mas teve a impressão de que os dedos de Jack tremiam.

- Qual é o problema da Casa Massacre do Arvoredo?
- A Casa Massacre do Arvoredo é o motivo para todos nós estarmos metidos nesta enrascada, Raposinha.

Evangeline não sabia qual fora a mentira que Jacks havia contado para Caos a respeito dos planos dos dois. Mas, na noite seguinte, descobriu que o vampiro encherá seus aposentos com uma empolgante coleção de vestidos, sapatilhas, chapéus, capas e joias elegantes. Era muita seda cor-de-rosa, muito cetim cor de creme e muitas flores costuradas à mão nas caudas dos modelitos.

Só de ver aquilo tudo, a jovem sentiu uma culpa inesperada por ela e o Príncipe de Copas estarem escondendo a verdade de Caos.

Quando Evangeline foi infectada pelo veneno de vampiro, Caos ficou ao seu lado, para garantir que ela não morderia ninguém, impedindo que completasse a transformação em vampira. Não chegara a agradecê-lo por isso porque ainda se sentia envergonhada com o fato de os dois terem se enroscado naquela noite. E não fazia ideia do que pensar do fato de Caos ter baixado sua combinação antes de sair do quarto. O vampiro com certeza era um monstro. Mas, ao que tudo indicava, também era um cavalheiro. *Um monstro cavalheiro.*

Que motivo Caos poderia ter para se opor tanto a uma visita à Casa Massacre do Arvoredo? Ela tentou dar mais uma olhada na biblioteca, mas aí recordou de que não havia nenhum livro a respeito da Casa Massacre do Arvoredo e que, quando perguntou para Caos sobre isso, o vampiro a fez enveredar por outro caminho.

Evangeline tentou fazer Jacks falar mais sobre o comentário que havia feito: “A Casa Massacre do Arvoredo é o motivo para todos nós estarmos metidos nesta enrascada, Raposinha”. Mas o Arcano se recusou a entrar em detalhes, e a jovem ficou com a surpreendente impressão de que ele fizera aquilo por lealdade a Caos. Só de imaginar que o Príncipe de Copas pudesse ser leal a alguém ou ter amizade, já ficava incomodada. Era muito mais fácil acreditar que Jacks não possuía qualquer vestígio de honra. Entretanto, dada a

intensidade dos sentimentos do Príncipe de Copas, Evangeline conseguia imaginar que, se o Arcano fosse leal a alguém, seria leal até a morte.

Um arrepio percorreu sua espinha ao imaginar tal coisa, e ela voltou a fazer as malas. Pela manhã, partiria com Jacks rumo à Casa Massacre do Arvoredo e ainda precisava terminar de pôr suas coisas nos baús.

Pegou um vestido de veludo cor-de-rosa forrado de pele branca, pensando que poderia ser uma boa pedida para o trajeto na carroagem. E foi aí que reparou no livro cor de lavanda que estava na beira da cama. *Ascensão e queda dos Valor: a amada primeira família real do Magnífico Norte.*

Esse, pelo menos, era o título que deveria constar na capa. As letras douradas explodiam feito fogos de artifício. O livro se transformara desde que Caos o entregara para Evangeline, há mais de uma semana: todos os dias, ela tentava ler alguma coisa, mas as letras estavam muito agitadas. Só que agora não eram apenas algumas das letras: o título inteiro estava se separando e reagrupando, formando o nome de uma lenda com a qual tinha uma profunda intimidade.

Evangeline colocou o vestido de veludo em cima da cama e pegou o volume. Agora, as palavras “A balada do Arqueiro e da Raposa” cintilavam na capa, combinando com uma ilustração de um arqueiro e de uma raposa.

Ela aguardou um pouco, esperando que o título continuasse mudando. Mas, pela primeira vez, as palavras na capa do livro permaneceram imóveis.

– Que joguinho é esse? – perguntou.

A capa continuou igual. Entretanto, Evangeline pensou ter visto o Arqueiro piscar, como se quisesse convencê-la a abrir o livro dele. Por alguns instantes, ela ficou pensando se algo mais poderia ter mudado naquela capa. Será que a história contida no livro também havia mudado?

Se aquele livro mágico realmente havia se transformado em “A balada do Arqueiro e da Raposa”, será que poderia conter informações a respeito da maldição do Arqueiro?

Evangeline não podia acreditar que, até então, não havia pensado nessa possibilidade. Jacks fora tão insistente quando disse que só haveria cura para Apollo se o Arco da Valorosa fosse aberto que ela nem se deu ao trabalho de

olhar. Mas e se o conto de fadas original tivesse uma saída mais fácil para pôr fim à maldição?

Torcendo para que isso fosse verdade, sentou-se na beira da cama e abriu o volume.

Infelizmente, pelo jeito, a capa fora uma farsa. Na primeira página do livro, havia o retrato de um rapaz severo e de uma moça graciosa. Logo abaixo desse retrato, estavam escritas as palavras “Vingador Massacre do Arvoredo e sua bela futura esposa”.

Visivelmente, aquele livro estava pregando peças em Evangeline, mas ela não deixou o livro de lado. Há poucos minutos, estava curiosa a respeito da Casa Massacre do Arvoredo. E, pelo jeito, o livro oferecia respostas às suas perguntas.

Continuou examinando a ilustração. A julgar pelo retrato, Vingador era muito belo, mas havia algo brutalhado em sua expressão. A futura esposa dele era extraordinariamente bela, mas o livro não dizia quem era a moça.

Evangeline virou a página e encontrou um segundo retrato de Vingador. Que parecia ainda mais malvado e velho do que na ilustração anterior e estava com outra mulher, Glendora Espinheira-Sanguínea. Que não era tão bonita quanto a outra garota – nem de longe –, mas a legenda era a mesma: “sua bela futura esposa”.

Evangeline teve curiosidade de saber por que Vingador teria duas futuras esposas. O que poderia ter acontecido com a primeira?

Virou mais uma página, torcendo para encontrar mais informações a respeito de Vingador ou dos demais integrantes da Casa Massacre do Arvoredo, mas havia apenas mais um retrato, que não tinha nada a ver com a história: o das obedientes filhas da Casa Predileta.

A página seguinte mostrava um grupo de jovens nobres.

Pelo jeito, aquele livro não falava apenas da família Massacre do Arvoredo. Era apenas uma espécie de livro de retratos.

Deceptionada, Evangeline considerou voltar a arrumar suas coisas. Mas, na página seguinte, deparou com o retrato de três rapazes parados perto de uma árvore em que havia um alvo preso. Um dos jovens parecia simpático, o outro, de ascendência nobre, e o terceiro era igualzinho a Jacks.

Os pelos dos braços dela se arrepiaram. As roupas do Príncipe de Copas eram outras, um estilo mais antigo, o que a fez pensar em uma época em que as estradas não eram mapeadas e um bom pedaço do mundo ainda não fora explorado. Mas o belo rosto do Arcano era inconfundível.

A jovem dirigiu o olhar para o pé da página.

Quando deu por si, estava segurando a respiração e procurando o nome de Jacks, mas a legenda apenas declarava: O Trio de Arvoredo da Alegria.

A palavra “Arvoredo da Alegria” se transformou em “Arvoredo da Amargura” e, de repente, Evangeline recordou de que já vira outra referência àquele trio. Foi no livro que sumiu depois que ela o deixou cair no chão.

O livro descrevia os integrantes do Trio de Arvoredo da Alegria como “patifes”. Eram eles: o príncipe Castor Valor, Lyric Arvoredo da Alegria – filho do lorde Arvoredo da Alegria – e um arqueiro sem nome que, nas suspeitas de Evangeline, poderia ser o mesmo Arqueiro de “A balada do Arqueiro e da Raposa”.

Examinou o retrato mais uma vez, tentando descobrir qual dos três rapazes poderia ser Jacks.

O rapaz ao lado dele dava a impressão de ser o mais simpático – tinha pele negra, o sorriso mais terno que Evangeline já vira e uma flecha em uma das mãos. O que a fez pensar, instantaneamente, que ele era o Arqueiro. Mas aí recordou que todas as histórias ali no Norte eram amaldiçoadas. Não sabia se tal maldição se aplicava a ilustrações, mas resolveu permanecer de mente aberta.

O outro rapaz era mais alto do que o simpático, tinha mais ou menos a mesma altura de Jacks. O fato de estar com o queixo erguido a fez pensar que ele se considerava levemente superior e, em parte, Evangeline era capaz de compreender por quê. O jovem era quase que dolorosamente belo. Um tipo de beleza que a fez duvidar de que o rapaz era completamente humano.

Normalmente, era isso que achava do Príncipe de Copas. Mas, naquele retrato, Jacks parecia humano, não imortal. Evangeline nunca pensara na hipótese de que o Príncipe de Copas poderia ter sido humano antes de virar Arcano. Mas, se tinha sido integrante do Trio de Arvoredo da Alegria,

obviamente também tinha sido humano. E ser humano lhe caía bem – ou talvez fosse apenas o fato de Jacks parecer tão feliz no retrato.

Jacks foi retratado jogando uma maçã vermelha comum para cima e rindo de um modo que iluminava todo o seu rosto. Agora Jacks nunca ficava com uma cara tão feliz assim, e Evangeline ficou imaginando o que poderia ter mudado.

– Raposinha!

Jacks bateu à porta e a chamou.

A jovem levou um susto e quase caiu da cama quando ele entrou correndo no quarto. A semelhança do Príncipe de Copas com o rapaz da ilustração era perturbadora e, contudo, a sensação que tinha ao olhar para ele agora era completamente diferente. Tinha a impressão de que um escultor havia pegado um cinzel e cortado toda a suavidade do rapaz que o Arcano foi um dia.

– Você está olhando fixamente para mim – comentou Jacks, retorcendo os lábios.

As bochechas de Evangeline ficaram rosadas instantaneamente.

– Você invadiu meu quarto.

– Eu bati na porta, chamei você e...

Ele deixou a frase no ar.

Seu olhar se fixou no livro que Evangeline segurava. E os olhos do Príncipe de Copas brilharam, um brilho prateado escuro. Que surgiu e sumiu tão rápido que poderia ter sido apenas um efeito da luz. Ou talvez tivesse visto o retrato, só que a imagem, de repente, sumiu. As páginas do livro ficaram em branco.

A capa do livro também ficara em branco. Todas as letras douradas sumiram, deixando Evangeline na dúvida do que Jacks poderia ter visto.

– Nossa carruagem chega em meia hora – avisou ele, curto e grosso. – Esqueça essas histórias tristes e termine de arrumar suas coisas.

*Histórias tristes.* Se foi isso que Jacks viu, era óbvio que não tinha observado a mesma ilustração que Evangeline.

– Espere aí. – A jovem mostrou a página em branco do volume, como se, dessa forma, o retrato fosse reaparecer. – Vi seu retrato neste livro.

Os olhos azuis de Jacks se espremeram, de tanto dar risada.

– Agora você está me vendo em contos de fadas. Será que devo ficar preocupado, achando que você está começando a desenvolver uma obsessão por mim?

– Não – respondeu ela, obstinada, recusando-se a ficar envergonhada. – Era você. Você era um dos integrantes do Trio de Arvoredo da Alegria!

O Príncipe de Copas soltou um suspiro, e a graça que achava se transformou em algo parecido com preocupação.

– O que quer que você tenha visto neste livro foi um truque. Todos do Trio de Arvoredo da Alegria morreram há muito tempo, e nunca fui integrante do grupo.

– Eu sei o que eu vi.

– Tenho certeza que sim. Mas isso não quer dizer que pode confiar no que viu. Essas histórias, essas ilustrações, mentem.

– Você também – retrucou Evangeline.

Entretanto, por mais que odiasse admitir isso, Jacks tinha razão. Aquele livro em especial acabara de mudar a capa diante dos olhos dela – duas vezes – e, depois, seu conteúdo desapareceu completamente, o que tornava o que a jovem vira mais do que suspeito.

Mas, se Jacks estava dizendo a verdade, por que apertava tanto a maçã branca que segurava, ao ponto de suas juntas também ficarem brancas?

## PARTE II

*Uma antologia de  
histórias indelicadas*

Jacks escolhera uma carruagem digna de um vilão. A parte externa era pintada de preto fosco e liso, perfeita para se escamotear em becos escuros e sombras. Entretanto, o veículo tinha a dose perfeita de detalhes dourados em volta de rodas e janelas para ser inesperadamente atraente.

Aquela não era a mesma carruagem em que haviam andado anteriormente, quando Evangeline encontrou com o Príncipe de Copas sob o efeito da esperança errônea de que o Arcano removeria o feitiço do amor que havia lançado em Apollo.

Nesta carruagem, o chão tinha forração preta e requintada, as almofadas dos bancos eram de um veludo preto e grosso, as laterais tinham painéis de madeira laqueada de preto e em volta das janelas geladas havia mais toques de dourado, formando um padrão decorativo de espinhos entrelaçados.

Evangeline estava se sentindo especialmente alegre, trajando o vestido de veludo cor-de-rosa que escolhera na noite anterior.

O Castelo de Massacre do Arvoredo ficava a um dia inteiro de viagem, ao leste de Valorfell. E, à medida que ela e Jacks avançavam no percurso, foi ficando cada vez mais frio. O mundo do lado de fora das janelas era uma maravilha do mais puro branco, de gelo e de pássaros invernais azuis-claros, com asas que mudavam de cor para um lilás geado quando alçavam voo.

A jovem poderia ter perguntado para o Príncipe de Copas a respeito dos pássaros ou em que parte do território estavam naquele momento, mas ele estava dormindo. A cabeça de cabelos dourados estava apoiada contra o vidro e só se movimentava quando a carruagem passava por algum solavanco. Evangeline tentou não ficar olhando fixamente – porque não ficaria surpresa se o Arcano fosse capaz de perceber que ela estava fazendo isso, mesmo dormindo – e tornou a examinar a folha com pistas que encontrara na biblioteca de Caos.



Sentado no assento oposto ao de Evangeline, Jacks se mexeu.

A jovem afastou os olhos da folha lentamente, em tempo de ver os ombros do Príncipe de Copas estremecerem – parecia que o Arcano estava tendo um pesadelo.

Por alguns instantes, ela imaginou que tipo de coisa poderia assombrar Jacks. Certa vez, o Arcano lhe contara a história da garota que fez seu coração voltar a bater – a única garota que sobrevivera ao seu beijo fatal. A moça deveria ser o único e verdadeiro amor do Príncipe de Copas, mas optou por apunhalá-lo no coração e amar outro homem. Na ocasião, Evangeline acreditou que essa era a maior tragédia da vida de Jacks. Mas, agora, suspeitava que seu passado guardava feridas ainda mais profundas.

Mais uma vez, pensou no retrato do Trio de Arvoredo da Alegria. Sabia que o Príncipe de Copas tinha afirmado que os três morreram e que os livros de histórias mentem. Entretanto, não conseguia descartar completamente a hipótese de que o Arcano fora integrante do tal trio.

Ah, se ao menos soubesse mais a respeito daqueles três rapazes... Só sabia que Lyric Arvoredo da Alegria era filho de um lorde.

O livro não citava o nome do arqueiro, mas a jovem ainda se sentia atraída pela ideia de que ele era o Arqueiro de “A balada do Arqueiro e da Raposa”.

E, aí, restava Castor Valor, o príncipe.

De acordo com as histórias, todos os integrantes da família Valor tinham sido decapitados. Mas, se existia alguém capaz de ter escapado da morte, esse alguém seria Jacks. E, se ele era o único sobrevivente da família Valor, se tivesse sobrevivido e testemunhado toda a sua família ser assassinada, é claro que isso o teria destruído. E também explicava por que o Príncipe de Copas queria abrir o Arco da Valorosa – sendo da família Valor, saberia melhor do que ninguém o que a Valorosa continha.

Jacks espichou o pescoço e soltou um ruído que ficou entre um sussurro e um gemido. Estava acordando.

Evangeline dirigiu o olhar para o lado de fora da janela, antes que o Arcano abrisse os olhos e a pegasse olhando para ele.

Do lado de fora, a paisagem havia mudado. Evangeline desconfiou que talvez tivessem virado em uma estrada errada. A neve acumulada e os pássaros invernais haviam sumido. Um cinza nebuloso tinha substituído o azul do céu, transformando a neve do chão em lama.

Certa vez, na loja de curiosidades do pai, Evangeline abriu um caixote que parecia bastante sofisticado, cheio de livros de história importados das Ilhas Icehaven. Todos tinham capas de couro em um tom encantador de verde-menta, com letras em baixo-relevo ouro rosê e os mais belos detalhes metalizados. Ela se sentiu absurdamente compelida a abri-los e ver que tipo de histórias continham. Mas só encontrou cinzas: parecia que alguém havia acendido um fósforo no meio das páginas e queimado cada uma das palavras.

Aquele lugar a fez lembrar daqueles livros. Só que, em vez de palavras, a cor, o sentimento e a esperança é que tinham sucumbido – o verde das agulhas nas árvores, o vermelho que dava cor às portas e o azul dos paralelepípedos. Até a cor da neve fora drenada, transformando-se em um desesperador tom de cinza.

Ao longe, tudo indicava que no passado o local poderia ter sido um vilarejo, mas agora restavam apenas os ossos de choupanas mortas e ruínas abandonadas de um município. A estrada também mudara: tornara-se

acidentada e escarpada, fazendo a carruagem sacudir conforme avançava com dificuldade em meio a uma floresta de árvores esqueléticas e desfolhadas.

Evangeline tremeu. Até aquele momento, não havia se dado conta de que a carruagem estava ficando cada vez mais gelada. Os tijolos aquecidos que tinha aos pés já haviam perdido o calor e agora mais pareciam blocos de gelo. Ela tentou fechar mais a capa, mas não adiantou. Aquele gelo mais parecia um ser vivo. A neblina se infiltrava pelas frestas da porta da carruagem, trazendo com ela um leve aroma de podridão enquanto cobria suas botas e congelava os dedos de seus pés. Então a carruagem sacolejou, passando por cima de um enorme buraco na estrada que quase a fez pular do assento.

– Não se aflija, Raposinha. Esse lugar é assim mesmo – disse Jacks, mas sem a costumeira arrogância no tom de voz.

– Onde estamos? – perguntou Evangeline.

Sua voz saiu esganiçada – uma coisinha assustada que tinha vontade de fechar as cortinas e desviar o olhar. Só que não conseguia tirar os olhos daquela paisagem inquietante.

A carruagem seguiu sacolejando, o vilarejo sumiu e, durante um trecho, só se viam os vestígios carbonizados das árvores. Pensou que, talvez, tivesse visto uma espécie de stalagem ainda intacta, mas o lugar estava muito longe e, em seguida, se aproximaram de uma placa que arrancou o ar de seus pulmões.

### BEM-VINDOS À GRANDE QUINTA DO ARVOREDO DA ALEGRIA!

A placa era desoladora, como tudo o mais que havia ali – lascada e desbotada, triste como o sentimento que se avolumava dentro de Evangeline. Seu rosto ficou úmido de lágrimas. Até podia nunca ter estado ali antes, mas a placa a fez lembrar da descrição que o livro dava da Casa Arvoredo da Alegria – a família sempre era descrita como alegre, generosa, e o lar era um lugar de carinho e amor. Mas tudo o que restava da tal casa era a carcaça de uma escadaria que um dia fora magnífica, saindo de uma enorme pilha de cinzas e levando para o meio do nada.

– E eis a resposta para as suas perguntas a respeito do Trio de Arvoredo da Alegria – comentou Jacks, com um tom sombrio.

- Foram eles que fizeram isso?
- Não. Foi aqui que todos eles morreram.

O Príncipe de Copas, então, parou de olhar pela janela. Não encarou Evangeline nos olhos, mas a jovem percebeu que a luz nos olhos do Arcano havia sumido. O olhar dele estava cinzento, como o mundo do lado de fora da janela.

Evangeline não sabia se Jacks estava de fato sentindo uma emoção que se assemelhava a algo humano ou se era apenas efeito do poder daquele lugar terrível.

E foi aí que recordou do que Tiberius havia dito sobre as pedras do arco: “Vi as ruínas... Senti a terrível magia que esvazia tudo. Reunir as pedras, por si só, tem potencial para causar um cataclismo”. Na ocasião, Evangeline não quis acreditar no cunhado. Pegara uma das pedras na mão. E a sensação foi poderosa, mas não de uma forma catastrófica. E, contudo, o que mais poderia ter causado tamanha devastação? O que poderia ser tão poderoso, capaz de destruir não apenas um lugar, mas toda a esperança e toda a alegria?

– O que aconteceu neste lugar, exatamente? – perguntou. – É essa a Grande Casa que foi destruída pelas pedras do Arco da Valorosa?

Jacks olhou prontamente para ela e indagou:

- Como você ficou sabendo dessa história?
- Devo ter lido em algum livro.

– Você está mentindo. – Nessa hora, o Príncipe de Copas apertou bem os lábios. – Isso aí é retórica do Protetorado. Não foram as pedras que fizeram isso. Elas são poderosas, mas não causaram essa destruição.

- Como você sabe?
- Porque sei o que aconteceu aqui de verdade.

Evangeline limpou as lágrimas e olhou para Jacks com uma expressão de desconfiança. Ele respondeu com um arremedo de risada:

- Mesmo não acreditando em mim, pode me perguntar o que aconteceu.

De repente, ela ficou ainda mais desconfiada. O Príncipe de Copas nunca revelava informações de bom grado. Mas não perderia a oportunidade de questioná-lo.

- Então o que aconteceu de verdade?

O Arcano tornou a olhar pela janela. Por um minuto, Evangeline achou que ele não iria responder. E, aí, Jacks falou, com um tom inesperadamente taciturno:

– Lyric Arvoredo da Alegria, filho do lorde Arvoredo da Alegria, teve o azar de se apaixonar por Aurora Valor.

Evangeline conhecia Lyric Arvoredo da Alegria. E é claro que também sabia a respeito da famosa Aurora Valor, a mais bela garota que já viveu na face da Terra.

– Lyric – prosseguiu Jacks, com o mesmo tom reticente – era o único filho do lorde Arvoredo da Alegria e era bondoso demais para perceber que amar Aurora Valor era um erro.

– Por que era um erro? – perguntou Evangeline. – Achei que Aurora fosse bonita, meiga, boa e tudo o que uma princesa deveria ser.

Essas últimas palavras saíram com um certo tom de amargura, e Evangeline percebeu que sentia uma antipatia inexplicável pela princesa, apesar de – até onde ela sabia – Aurora Valor nunca ter feito nada de errado, além de ser perfeita em todas as histórias.

– Você não gosta dela – adivinhou Jacks.

– É só que ela me parece boa demais para ser verdade.

– Lyric certamente não pensava assim – comentou o Príncipe de Copas em um tom que não revelou se concordava ou não com a jovem. – Estava tão desesperado de amor por ela, que ignorou o perigoso fato de Aurora ser noiva de Vingador Massacre do Arvoredo.

– Aurora era a futura esposa dele! – exclamou Evangeline.

Jacks olhou de soslaio para ela.

– É isso que eu acabei de dizer.

– Eu sei... Só fiquei um pouco empolgada porque vi um retrato de Vingador em um livro, mas a legenda do retrato não dizia qual era o nome da noiva.

Antes de continuar falando, o Príncipe de Copas ficou alguns segundos com uma expressão de surpresa.

– Lyric disse que o noivado não era problema, porque não era por amor: Aurora e Vingador eram prometidos desde que a menina nasceu. O pai de

Vingador, Bane, era o melhor amigo e o maior aliado de Lobric Valor. Então, quando Lobric se tornou rei, prometeu solenemente que daria uma das filhas em casamento para o primogênito de Bane. Aurora tentou desfazer o noivado e se casar com Lyric, mas o pai não permitiu. Lobric disse que Aurora era uma menina boba, que não entendia nada de amor. – Jacks retorceu os lábios, fazendo uma expressão sarcástica. E, mais uma vez, Evangeline não conseguiu distinguir se ele concordava ou não com aquilo. – Aurora sabia que ninguém vencia uma briga contra Lobric. Então, disse para o pai que se casaria com Vingador. Mas, na manhã do casamento, fugiu. E foi aí que Vingador ficou sabendo que a noiva tinha um caso com Lyric Arvoredo da Alegria e digamos que Vingador fez jus ao próprio nome...

A carruagem continuou sacolejando, e Jacks deixou a frase no ar. Tinham deixado o cinza e as ruínas para trás e voltado para o mundo de neve branca e imaculada. O sol brilhava novamente, lançando uma luz alegre e salpicando o gelo em cima das árvores com cores iridescentes.

O Arcano parou de olhar pela janela, parecia que não conseguia aguentar ver tudo aquilo.

Ou, talvez, não quisesse ver a placa logo à frente.

VOCÊ ESTÁ ENTRANDO  
NAS TERRAS DA  
CASA MASSACRE DO ARVOREDO

Se for nosso convidado... seja bem-vindo!  
Se não for... cuidado!

Sob quaisquer outras circunstâncias, Evangeline duvidava que teria sentido ameaçada pela placa. Mas, depois da história que Jacks acabara de contar, as boas-vindas lhe deram uma sensação particularmente inquietante.

Ela fez questão de recordar que a maldição das histórias poderia ter distorcido parte do relato de Jacks. Mas a história contada pelo Arcano explicava os dois retratos que ela vira de Vingador com noivas diferentes, e o Príncipe de Copas não teve dificuldade em encontrar as palavras certas. Sua voz

baixa transmitia uma autoconfiança tática, de quem não apenas ouviu uma história, mas de quem a testemunhou.

Jacks havia lhe dito, repetidas vezes, que não se importava com nada nem com ninguém. Mas, naquele exato momento, ficava difícil de acreditar. Talvez fosse por isso que virara a cabeça para ficar longe da luz – para que ela não recaísse nele e iluminasse seus verdadeiros sentimentos. Ao pensar nessa hipótese, a jovem sentiu uma dor no peito, pelo Arcano. Antes que desse tempo de pensar melhor, ela se debruçou na carroagem e colocou a mão em cima da mão de Jacks.

Ele soltou um suspiro como se estivesse decepcionado.

– Não tenha pena de mim, Raposinha. Já te falei, este lugar deixa qualquer um triste.

Dito isso, puxou a mão, fazendo careta. Mas não conseguiu esconder completamente a tristeza profunda que ainda havia em seus olhos.

Evangeline não conseguia deixar de sentir pena de Jacks. Mais uma vez, pensou que ele poderia estar sofrendo porque poderia ser Castor Valor. O último integrante da família Valor, o único sobrevivente de uma família real a quem o povo do Norte parecia amar até que os assassinaram brutalmente, e amigo de um rapaz que também fora assassinado. Só que Castor Valor não aparecia nessa história nem o terceiro integrante do Trio de Arvoredo da Alegria, o Arqueiro.

Ela poderia não ter insistido no assunto. Mas Jacks deixara bem claro que não queria ser tratado com cuidado. E, quanto mais Evangeline pensava na história, mais achava que o Arcano só a contara para que ela ficasse com a sensação de que o Príncipe de Copas tinha revelado algo importante e que com isso a jovem pararia de fazer perguntas.

– Sua história não cita os amigos de Lyric: Castor Valor e o Arqueiro. Por acaso Vingador Massacre do Arvoredo também os matou?

– Só Castor – respondeu Jacks, sem emoção. – Ele era o nobre do grupo. Tentou avisar Lyric que seria atacado, mas acabou sendo assassinado também.

Evangeline ficou observando o belo rosto do Príncipe de Copas com atenção, à procura de algum sinal de que o Arcano estava mentindo – um laivo de qualquer coisa que lhe revelasse que Jacks era mesmo Castor. Só que, às

vezes, Jacks era tão difícil de interpretar. Apenas sentiu que ele se encaixava em algum lugar daquela história e que isso tinha algo a ver com seu motivo para querer abrir o Arco da Valorosa.

– Se você não foi mesmo um integrante do Trio de Arvoredo da Alegria, como sabe de tudo isso?

– Todo mundo que viveu na época conhece a história. Aurora Valor era princesa, Castor era príncipe, e Lyric e Vingador eram filhos de lordes.

– E o Arqueiro?

– Não era ninguém – respondeu Jacks, friamente. – A não ser, talvez, para a Raposa. Mas já te contei como essa história termina.

Dito isso, sorriu mostrando todos os dentes, como se quisesse afugentá-la.

Por um instante, Evangeline pensou que poderia estar enganada de achar que Jacks era Castor. Talvez ele fosse, na verdade, o Arqueiro, e queria abrir o Arco da Valorosa para salvar a vida da Raposa de alguma maneira.

Essa ideia deveria parecer romântica só que, em vez disso, Evangeline teve a impressão de que era incongruente.

– Agora – disse Jacks, ríspido –, é a minha vez de fazer perguntas e quero saber onde foi que você ouviu essa história ridícula de que as pedras do arco destruíram uma das Grandes Casas.

A jovem titubeou.

– Ande logo, Raposinha, você não pode esperar que eu te conte coisas se não quer me contar coisas.

– Fui falar com Tiberius – confessou ela.

– Você foi o quê? – esbravejou o Arcano.

– Ah, não: você não tem direito de ficar chateado. Você sumiu. Você me escreveu um bilhete que tinha praticamente duas palavras e me deixou sozinha em um castelo cheio de vampiros.

– E, por causa disso, você achou que seria uma boa ideia ter uma conversinha com a pessoa que tentou te matar duas vezes?

– Eu não conseguia descobrir nada na biblioteca. Achei que ele poderia saber onde as pedras estão escondidas.

A única reação de Jacks foi lançar um olhar que dava a entender que tinha vontade de parar a carruagem, levar Evangeline para uma torre isolada, trancar

a porta e jogar a chave fora.

– Ele está trancafiado em uma prisão. Não corri perigo algum.

– Ele quer que você morra. Esse é um motivo poderoso para tentar fugir.

– Mas Tiberius não fez isso – insistiu a jovem. – O que mais eu deveria fazer? Foi você mesmo que disse que todos os livros mentem.

Jacks passou a mão no cabelo, com violência, e perguntou:

– Por acaso Tiberius sugeriu que fôssemos a esta festa?

– Não, Tiberius se recusou a ajudar, mesmo depois que contei que minha vida está conectada com a vida do irmão dele.

– Você contou isso para ele? – Nessa hora, as narinas de Jacks se dilataram.

– Se Tiberius contar isso para qualquer um do Protetorado, eles irão procurar Apollo e matá-lo, para te matar.

Por um instante, o Príncipe de Copas fez cara de quem tinha vontade de matar alguém também.

– Calma aí, Jacks. Quando fui visitar Tiberius na Torre, tive a impressão de que o Protetorado o abandonou. Mesmo que eu esteja enganada, realmente não acho que Tiberius colocaria o irmão em perigo de novo. Ele não quis me ajudar a abrir o arco, mas pareceu dividido. Não acredito que realmente queira matar o irmão.

– Você nunca vê maldade nos outros – resmungou o Arcano. – E deveria ter me contado isso assim que aconteceu.

– Para quê? Para você poder matá-lo?

– Sim.

– Não, Jacks. Você não pode sair por aí assassinando gente só porque a pessoa é um problema.

– Você não pode salvar a vida de todo mundo e a sua. Como acha que vai conseguir pegar essas pedras? – questionou Jacks, com um tom de voz ríspido e um tanto maldoso. – Por acaso acredita que os donos simplesmente vão te entregar as joias porque você deu um sorriso bonito? Se as pedras estiverem aqui, vai morrer gente nesta festa.

– Não. Não vou matar ninguém para conseguir as pedras. E você também não vai.

– Então por que viemos? – debochou o Príncipe de Copas.

A carruagem subiu na imponente ponte levadiça que levava ao Castelo de Massacre do Arvoredo, e Evangeline aproveitou a deixa como desculpa para virar a cara para Jacks. Era exatamente por isso que estava continuamente alertando a si mesma de que não podia confiar nele. É claro que o Príncipe de Copas achava que a única maneira de conseguirem o que queriam era matando alguém.

Ela não podia permitir que o Arcano arruinasse tudo. Sabia que Jacks era amargurado em relação ao próprio passado e não o recriminava por isso. Também pensou que ele poderia achar que o noivado de LaLa não fazia a menor diferença porque, sendo a Noiva Abandonada, era provável que ela não se casasse. Mas Evangeline ainda se recusava a acreditar nisso. Em um mundo onde existiam Arcanos, magia, maldições e profecias, não podia deixar de acreditar que também existia o potencial de qualquer um encontrar um “felizes para sempre”.

Endireitou os ombros e se virou para Jacks com a determinação renovada.

– LaLa é minha amiga, esta é a festa de noivado dela e será mágica. *Ninguém* vai morrer nesta comemoração. Você não vai matar *ninguém* enquanto estivermos aqui.

O Príncipe de Copas se recostou no assento e pegou a maçã, retorcendo os lábios em uma careta amuada.

– Esse é um plano terrível, Raposinha. – Em seguida, deu uma mordida bem grande, estraçalhando a fruta com os dentes afiados. – Alguém vai morrer. Das duas, uma: ou um deles ou um de nós dois.

Estava mais quente na propriedade do que Evangeline esperava – ainda mais pensando que a Casa tinha a palavra “Massacre” no nome. Ao se aproximarem do castelo, teve a sensação de que estava pisando em uma lenda que um bardo poderia contar diante de uma fogueira enquanto viajantes bebem cerveja escura e comem um cozido.

Aquele lugar era antigo. O tipo de antigo que muda o cheiro do ar. A jovem ainda estava sentada dentro da carruagem, mas, à medida que se aproximavam do castelo imponente, jurou que sentia cheiro da poeira de batalhas travadas há muito tempo, e da fumaça de lareiras que arderam há séculos. Até a luz granulada e pálida que saía pelas incontáveis janelas parecia um resquício do passado. Quando a carruagem parou, Evangeline desembarcou logo depois de Jacks. Não sabia se algumas das pedras perdidas do arco já estavam ali, no pescoço de outros convidados. Mas não sentiu nenhuma pista da pedra do contentamento ao se aproximar, na companhia do Arcano, da fileira de criados à espera dos convidados. Enfileirados na entrada, feito soldados decorativos, trajavam imaculados casacos prateados, imitando armaduras.

Dois criados foram correndo em direção à carruagem para pegar a bagagem. Muitas das criadas e diversos valeses sorriram e cumprimentaram Jacks balançando a cabeça – o Príncipe de Copas estava de cara feia e, mesmo assim, ainda conseguia ser encantador. Evangeline não causou o mesmo efeito. Sorriu para todos, mas as poucas criadas que lhe dirigiram o olhar fizeram isso com desdém, de olhos espremidos e lábios apertados.

Ela tentou não dar bola para aquelas caretas – vai ver que as criadas estavam com frio ou talvez fosse a própria jovem que estivesse se sentindo em frangalhos. Mas aí ouviu o que elas estavam comentando entre si em um tom alto demais para ser chamado de “cochicho”.

- Continuo achando que ela matou o príncipe.
- Não sei por que todo mundo fica elogiando o cabelo dela.
- Ela devia voltar para o lugar de onde veio.

Jacks passou o braço nos ombros de Evangeline ostensivamente, puxando-a para perto de si e fazendo uma descarga elétrica percorrer o corpo dela.

- Quer que eu mate alguma delas para você?
- Não, estão apenas fofocando.
- Então que tal se elas sentirem um ímpeto de cortar a própria língua? – perguntou, mostrando uma das covinhas.

A jovem segurou o riso, mesmo sabendo que não deveria achar graça. Não tinha dúvidas de que o Príncipe de Copas estava falando sério quando mencionou a língua das criadas.

- Não ouse...
- Tem certeza? Elas merecem.

*A Casa como um todo merece.*

O pensamento foi tão baixo que Evangeline ficou em dúvida se Jacks realmente tivera a intenção de que ela o ouvisse. Mas, antes que desse tempo de fazer um comentário, LaLa apareceu, correndo e de braços abertos, pelas portas duplas da quinta em uma chuva convidativa de lantejoulas douradas em forma de escama de dragão.

- É tão bom ver você, amiga!

E deu um abraço em Evangeline que deixou tudo mais aconchegante. Até aquele momento, a garota nem sequer sabia o quanto precisava de um abraço.

*Qual tinha sido a última vez que alguém a abraçara?*

Provavelmente, também tinha sido um abraço de LaLa, o que fez Evangeline apertar ainda mais a amiga.

- Estou tão feliz de estar aqui.
- Eu estou mais. A maioria dos convidados são amigos de Robin. Por isso fiquei empolgadíssima quando você escreveu confirmado que vinha. – LaLa deu um sorriso incandescente e a soltou. – Vocês dois são os últimos a chegar. Todo mundo está se arrumando para o jantar. Menos as pessoas que saíram para caçar algum pobre animalzinho, incluindo Robin. Sendo assim, você só vai conhecer meu noivo mais tarde.

– Ainda não consigo acreditar que você está noiva dele – resmungou Jacks. O belo sorriso de LaLa se endureceu.

– Você não tem o direito de julgar minhas escolhas, Jacks. Evangeline me contou o que você fez. Sei que você a incriminou pelo assassinato de Apollo e que envenenou o príncipe.

Jacks deu de ombros, sem se abalar com o comentário.

– Foi para abrir o arco. Pensei que você aprovaria. Ou...

– *Shhh...* – censurou LaLa. – Esse assunto é proibido nesta casa.

O Príncipe de Copas soltou um gemido e falou:

– Primeiro, não posso matar ninguém nem cortar língua nenhuma...

– E você queria cortar a língua de quem? – interrompeu LaLa.

– Só a de algumas das criadas do seu noivo.

– Na verdade, não seria má ideia – disse LaLa.

Evangeline ficou com a terrível sensação de que a amiga não estava brincando.

Felizmente, LaLa voltou a sorrir e acompanhou Jacks e Evangeline até a quinta.

O lugar tinha cheiro de vinho quente e toda a grandiosidade que Evangeline aprendera a esperar das Grandes Casas do Norte. O teto abobadado era dramaticamente alto e o chão era coberto de um mosaico de ladrilhos que retratava homens e mulheres em batalha, brandindo espadas, escudos ou uma ou outra cabeça ensanguentada.

A história da Casa Massacre do Arvoredo, ao que parecia, combinava perfeitamente com o nome. Em vez de livros em estantes, ostentava prateleiras de armas antiquíssimas – martelos de guerra, estrelas d’alva, arcos e eixos de batalha. Todas as pessoas que conquistaram o direito de ter o retrato na parede usavam armaduras, com exceção de uma mulher. Ela possuía um rosto agradável, um sorriso muito meigo e aparecia com bastante frequência nos retratos, que Evangeline foi vendo à medida que subia uma escadaria grandiosa, na companhia de LaLa e de Jacks.

A jovem levou um minuto para se dar conta, mas acabou reconhecendo a mulher: era Glendora, cujo retrato tinha visto na noite anterior. A segunda

futura esposa de Vingador Massacre do Arvoredo – ao contrário de Aurora, Glendora, obviamente havia se casado com ele.

Evangeline pensou que era terrivelmente injusto o fato de Vingador ter destruído uma Casa inteira e depois constituir família. Ela poderia ter verbalizado esse comentário, mas não queria incomodar a amiga mencionando a feiura do passado.

– Chegamos – declarou LaLa, pouco depois de terem alcançado o quarto andar. – Esta é uma das minhas suítes preferidas.

LaLa abriu bem os braços e escancarou a porta, soltando um alegre *vuuush*.

A neve caía feito magia do lado de fora dos janelões com bancos embutidos da suíte, trazendo um pouco de fantasia ao início da noite e ao aposento, que tinha uma enorme e flamejante lareira, grossos tapetes de pele, um encantador sofazinho embutido na janela e uma impressionante cama de dossel, com uma volumosa colcha de veludo cor de vinho frisante.

– A vista é realmente espetacular – comentou LaLa. – Pela manhã, vocês poderão ver o famoso jardim de inverno de Glendora Massacre do Arvoredo. – E ali deixei algumas lembrancinhas da festa – falou, toda empolgada, apontando para uma grande pilha de embrulhos. – Também incluí um vestido para esta noite, caso suas roupas estejam muito amassadas, e um vestido para amanhã, caso você tenha se esquecido de pôr uma fantasia no baú.

– Quanta generosidade – disse Jacks, fazendo, sabe-se lá como, o comentário parecer um insulto.

Em seguida, dirigiu-se a uma mesa antiquíssima e pegou um bibliocanto minúsculo em forma de dragão.

O sorriso de LaLa se desfez.

– Largue isso, Jacks. O seu quarto fica em outra ala.

– Não. – Ele se jogou na cadeira de couro e pôs os pés, com botas de fivelas e tudo, em cima da mesa.

– Vou ficar no quarto ao lado de Evangeline.

– Não pode – protestou LaLa. – É o quarto da família Predileta.

– Então coloque essa gente em outro quarto. Toda vez que deixo essa garota sozinha, alguém tenta matá-la. – O Príncipe de Copas continuou falando com um tom simpático, mas seus olhos se transformaram em duas

facas de gelo: – Neste exato momento, o marido dela está sob efeito de uma maldição bem desconcertante... ele está condenado a caçá-la como se fosse uma raposa.

LaLa ficou com uma expressão abalada.

– Evangeline...

– Por favor, não se preocupe, amiga. Não comentei nada quando escrevi porque não queria estragar seu noivado.

Dito isso, Evangeline lançou um olhar sugestivo para Jacks.

O Arcano deu de ombros e ficou jogando o dragãozinho para cima, como se fosse uma maçã.

– Até parece que ela vai mesmo se casar com ele.

– Jacks... – censurou Evangeline.

– Só estou dizendo a verdade. Todos sabemos quem LaLa realmente é... Eu, pelo menos, sei.

Em seguida, atirou o dragão ainda mais alto.

“Mortificada” era uma palavra que não tinha a devida força para descrever como Evangeline se sentiu nessa hora.

– Sinto muito – disse para LaLa. – Jacks deve ter esquecido a educação na carruagem. Não precisa colocá-lo no quarto ao lado do meu. Pode colocá-lo no celeiro. Ou na masmorra, se tiver uma.

– Não, Jacks tem razão – falou LaLa. – Se você está correndo perigo, ele deve ficar por perto.

Ela tornou a sorrir, mas seu sorriso estava começando a parecer amarrulado, feito uma peça de roupa que foi despida e vestida demasiadas vezes. Nem as lantejoulas douradas do vestido que LaLa usava o fizeram brilhar.

Evangeline se sentiu, em parte, responsável por isso.

– LaLa... sinto muito por ter trazido minha tragédia até aqui.

– Por favor, não peça desculpas. Festas não têm a menor graça sem um pouco de drama. Na verdade, acho que eu devia estar te agradecendo.

Em seguida, LaLa sorriu para Evangeline de um jeito que talvez tenha sido um tanto forçado demais.

Evangeline fingiu acreditar na amiga. Também sorriu, como se maldições e príncipes assassinos fossem coisas que existissem apenas dentro de histórias. E, por um instante fugidio, o único no recinto que parecia ser completamente sincero era Jacks. O Arcano colocou o dragão em cima da mesa com uma pancada e saiu porta afora. Apesar de ter vencido a batalha do quarto, parecia estar ainda mais infeliz do que antes.

– Sinto muito mesmo por ele – disse Evangeline.

LaLa sacudiu a mão, dando a entender que não era nada.

– Estou acostumada com o humor temperamental de Jacks. E ele nunca gostou da Casa Massacre do Arvoredo.

– Ele me disse que era Caos quem tinha um problema com essa Casa – comentou Evangeline.

Entretanto, depois da história que Jacks havia contado na carruagem, ficava claro que ele tampouco gostava daquela Grande Casa. Evangeline estava curiosa, querendo saber se devia confiar completamente na história contada pelo Príncipe de Copas. Não queria falar disso com a amiga – a lenda de assassinato de Vingador Massacre do Arvoredo não parecia uma conversa muito apropriada para a festa de noivado de LaLa. E, mesmo assim, achou que ela poderia confirmar se a história era verdadeira ou não.

– Jacks também me falou que a Casa Massacre do Arvoredo é o motivo para todos nós estarmos metidos nesta enrascada.

LaLa soltou um suspiro profundo e falou:

– A Casa Massacre do Arvoredo fez coisas terríveis, mas todos nós já fizemos coisas terríveis por amor.

Em seguida, sorriu, fazendo Evangeline suspeitar de que a definição de “coisas terríveis” que LaLa tinha era um tanto parecida com a de Jacks: não tinham muita importância, desde que servissem para a pessoa conseguir o que queria.

LaLa saiu do quarto segundos depois, após dar um beijo no rosto de Evangeline e dizer algumas palavras, pedindo para ela se trocar rápido para o jantar.

Depois de passar o dia dentro de uma carruagem, a jovem tinha mais vontade de mergulhar em uma banheira do que de trocar de roupa, mas não

fazia ideia de quando o Príncipe de Copas voltaria e não queria que ele entrasse no quarto bem quando estivesse se vestindo.

Ela começou a examinar as roupas que LaLa havia deixado.

E aí ouviu cochichos.

– Cuidado...

– Maldição do Arqueiro... caçar... quase a matou...

A conversa, cochichada bem baixinho, vinha do quarto ao lado. Não era para Evangeline estar conseguindo ouvir e, definitivamente, não deveria ter se aproximado, na ponta dos pés, para ouvir melhor – mas parecia a voz de Jacks e de LaLa, e os dois, obviamente, estavam falando dela e de Apollo.

Ela uniu as mãos na parede, formando uma concha, e ouviu claramente Jacks perguntar:

– Você consegue desfazer a maldição?

O ar ficou preso na garganta de Evangeline. O Príncipe de Copas não podia estar falando *daquela* maldição. A maldição do Arqueiro era o único motivo pelo qual ela havia se disposto a abrir o arco.

Prestou mais atenção. A voz de LaLa mal era um sussurro.

– Desculpe. Nada mudou desde a última vez que você esteve aqui, na semana passada. Ainda não há nada que eu possa fazer.

– Você pode tentar.

– Você sabe que não existe cura.

– Você pode tentar encontrar uma cura – insistiu Jacks, entredentes. – Ela pode morrer.

– Você não vai deixar que ela morra.

– Eu...

O Príncipe de Copas urrou. Um ruído furioso que sacudiu a parede.

Por um segundo, só se ouviu o coração de Evangeline bater sobressaltado. Das duas, uma: ou Jacks falou muito baixo ou a jovem não ouviu o que ele disse, por que todos os seus pensamentos estavam em polvorosa. Jacks havia lhe pedido para não procurar uma cura para a maldição do Arqueiro. Disse, repetidas vezes, que era inútil. Mas, pelo jeito, o Arcano estava fazendo

exatamente isso. LaLa disse que ele a tinha procurado “semana passada”, então talvez fosse isso que Jacks andou fazendo enquanto esteve ausente.

Evangeline fez questão de lembrar de que ainda não podia confiar nele. Sabia que era apenas uma ferramenta para o Arcano e, como LaLa havia comentado, seres humanos que se aproximavam demais de Jacks sempre morriam. Mesmo que o Príncipe de Copas estivesse tentando quebrar a maldição do Arqueiro, sem dúvida ainda tinha algum outro plano terrível para garantir que Evangeline abrisse o arco.

Ela não podia se enganar e pensar que o fato de Jacks procurar por uma cura queria dizer que o Príncipe de Copas se importava com ela. Evangeline sabia bem disso, mas estava ficando só um pouquinho mais difícil de acreditar em tudo aquilo. Porque *ela* estava começando a se importar com *ele*.

– Quantas pedras faltam para você encontrar? – perguntou LaLa.

– Precisamos de três.

Por um piscar de olhos... silêncio absoluto.

E aí, bem baixinho, foi LaLa quem falou:

– Espero que você tenha trazido maçãs suficientes.

Evangeline podia até não ter certeza de diversas coisas, mas não tinha dúvidas de que LaLa lhe dera o mais magnífico dos vestidos para usar no jantar. O traje a fez ter a sensação de estar vestindo um final feliz de contos de fadas. Ela fez cachos no cabelo cor-de-rosa e os prendeu, de um jeito displicente, com grampos decorados com flores de pedras preciosas, para destacar o desenho audacioso do vestido. O modelito deixava os ombros praticamente nus, se não fossem as delicadas tirinhas que desciam até o decote em V profundo e triunfante, feito de um tecido etéreo que mais parecia ter sido chorado pelas estrelas. Caquinhos de pedras preciosas, que brilhavam em tons de rosa, azul e violeta, cobriam o corpete e iam se dispersando delicadamente a partir dos quadris da saia esvoaçante, que tinha uma fenda que ia até a coxa. O traje era chamativo e, quando a jovem girou na frente do espelho do guarda-roupa, rodopiando até os pedacinhos de pedra criarem vida de tanto brilhar, sentiu-se destemida.

– O que você está fazendo, precisamente? – perguntou Jacks, com seu jeito arrastado.

Evangeline ficou sem ar e a cicatriz em forma de coração partido que tinha no pulso pegou fogo. Ela nem sequer ouvira o Príncipe de Copas entrar. Parou em pleno rodopio, com as saias ainda farfalhando, quando viu o garboso reflexo do Arcano no espelho.

O coração de Evangeline deu um sobressalto. Ela tentou impedir. Mas, apesar de Jacks ser várias coisas terríveis, não havia como negar que também era dolorosamente belo. Por causa do cabelo dourado. Sob certa iluminação, parecia ouro de verdade, cintilando por cima de olhos que brilhavam mais do que quaisquer olhos humanos jamais poderiam brilhar. Então, talvez, também fosse por causa dos olhos. E, talvez, pudesse pôr um pouco da culpa nos lábios.

Que eram perfeitos, é claro. E, naquele exato momento, estavam dando um sorriso jocoso.

– Então é isso que você faz quando não estou por perto?

Evangeline sentiu um ímpeto súbito de se esconder dentro do guarda-roupa, mas se controlou, virou de frente para Jacks para o encarar e sorriu.

– Você fica pensando no que eu faço quando você não está por perto?

– Cuidado aí, Raposinha. – Nessa hora, ele se aproximou. – Você me parece um tanto excitada com essa ideia.

– Não estou, posso te garantir – retrucou a jovem, desejando não estar tão ofegante. – Eu simplesmente gosto de pensar que te atormento tanto quanto você me atormenta.

Jacks sorriu, mostrando uma das covinhas, um sorriso que o fez parecer enganadoramente encantador.

– Então é você que fica pensando no que faço quando não estou por perto.

– Só porque sei que você não faz nada de bom.

– Nada de bom. – repetiu, dando risada. – Eu tinha esperança de que, a esta altura, você já soubesse que sou bem pior do que apenas “nada de bom”.

Dito isso, o Arcano deu o braço para a jovem.

Ela sentiu um frio na barriga. Teria se desvencilhado, mas não queria demonstrar o quanto Jacks a abalava. Entretanto, tinha a sensação de que o Príncipe de Copas já sabia disso, senão não a teria pegado pelo braço nem a puxado para bem perto do próprio corpo.

– Não se esqueça – disse ela, em vez de soltá-lo –, não é para matar ninguém aqui dentro.

Jacks fez uma careta impressionante.

– Algumas dessas pessoas merecem morrer, sabia?

– Mas estamos na festa de LaLa – reembrou Evangeline.

O Príncipe de Copas estava com cara de quem queria continuar discutindo. Na verdade, era impressionante o fato de ele manter a careta zangada enquanto desciam lances e mais lances de escada até chegar ao grande salão de jantar do Castelo de Massacre do Arvoredo.

– Você pode, pelo menos, tentar sorrir? – pediu a jovem.

Jacks mostrou todos os dentes.

- Isso é mais a cara de um predador.
- Eu sou um predador. *E todo mundo que está aqui também é* – sussurrou ele.

Na porta, cavaleiros de armadura completa fizeram uma saudação, descruzando as lanças e, mais uma vez, Evangeline teve a sensação de que estava entrando em uma lenda muito antiga.

Provavelmente uma pequena floresta teve que morrer para construir aquela sala de jantar. O pé direito com teto abobadado tinha pelo menos 16 metros de altura, e Evangeline, imediatamente, viu o porquê.

Logo depois da entrada, havia uma catapulta, gigantesca e horrorosa. O salão de jantar fora claramente construído ao redor daquela arma descomunal – na verdade, toda a quinta parecia ter sido construída ao redor daquilo.

Jacks não deu a impressão de ter ficado deslumbrado com o tamanho do recinto, mal lançando um olhar quando adentraram no salão.

Tirando a catapulta, tudo o mais era de bom gosto. As paredes tinham painéis de vitral envelhecido que brilhavam sob a luz dos lustres em forma de galhos com flores de pedras preciosas esparramados pelo ambiente. E, então, havia as flores de verdade. Guiroandas de florescências brancas e douradas cruzavam de parede a parede, enchendo o ar de um perfume doce; as pétalas caíam dos arranjos feito neve, cobrindo os ombros dos convidados que chegavam em peso ao recinto que parecia não ter fim.

LaLa ainda não tinha chegado, mas o salão fervilhava, com cavalheiros trajados com gibões bordados e damas com tiaras no cabelo, pingentes nas orelhas e pedras preciosas reluzentes no pulso e no pescoço.

Tantas pedras. Qualquer uma daquelas pessoas poderia estar com uma das pedras perdidas do arco. Mas, até aquele momento, Evangeline não sentira nenhuma magia pulsando nas pessoas pelas quais passou. Gostaria de ter falado com algumas, mas todas faziam questão de não olhar em sua direção.

Aquela festa não estava acontecendo como ela havia imaginado, nem de longe. Em sua cabeça, Evangeline imaginara um evento imbuído da magia da pedra do contentamento, cheio de alegria e sorrisos. Mas, ao que tudo indicava, os sorrisos eram somente para Jacks.

Os convidados que passavam pelo Príncipe de Copas o cumprimentavam, balançando a cabeça, comentando a nova e cintilante cor do cabelo ou acenando e dizendo “Boa noite, lorde Jacks”.

Ninguém cumprimentava Evangeline. Os criados que carregavam travessas de carne e bandejas com cálices pesados eram tratados com mais consideração do que ela.

– É porque você não faz parte de nenhuma das Grandes Casas – explicou Jacks, baixinho. – Mesmo que fosse a rainha deles, continuariam não gostando de você.

– Todos, ao que parece, gostam de você – cochichou Evangeline.

Bem nessa hora, uma dupla de garotas se aproximou. Uma lambeu os lábios antes de sorrir para Jacks, e a outra foi ainda mais ousada. Evangeline ficou só observando a moça olhar o Príncipe de Copas nos olhos e, em seguida, aproximar, descaradamente, um cálice de vinho até os seios e passar a borda da taça no decote profundo do vestido cor de ameixa.

– Por acaso você está controlando aquelas duas? – perguntou ela.

– Não preciso.

Dito isso, Jacks piscou para a dupla.

As moçoilas responderam com risadinhas.

Evangeline resolveu que não gostava do som de risadinhas.

Soltou o braço do Arcano. Aquele recinto estava quente, abafado e longe de ser mágico.

– Talvez devêssemos dar uma olhada na varanda e procurar as pedras por lá – sugeriu.

Só que Jacks não estava mais prestando atenção nela.

Ele estava olhando fixamente para a entrada, onde outra jovem adentrava o salão. Uma garota extremamente bonita, de vestido longo preto-asa-de-corvo justo e muito decotado. Seus braços ostentavam luvas compridas e pretas, que contrastavam com o cabelo cor de luar que descia pelas suas costas, formando uma longa cortina cintilante.

– Você conhece essa moça? – indagou Evangeline.

– Ela não me é estranha – respondeu Jacks, baixinho, ainda com os olhos fixos na jovem, que entrou no salão deslizando e pegou um cálice de estanho

cheio de vinho.

Evangeline não tinha motivos para desgostar daquela garota nem de seu cabelo de luar. Contudo, sentiu algo se contorcendo dentro dela ao ver que os olhos do Príncipe de Copas acompanhavam a jovem. Ela foi desviando dos demais convidados em direção a uma dupla de rapazes bem-vestidos, que davam a impressão de estar mais do que contentes por flertar com ela.

Felizmente, até onde Evangeline conseguiu ver, a garota não usava nem colar nem pulseira. Mesmo que a jovem estivesse usando voltas e mais voltas de joias no pescoço, deixaria para falar com ela depois.

Olhou em volta do grande salão iluminado pela lareira e continuou procurando. Praticamente, olhava apenas para as mulheres e para as pedras que exibiam no pescoço. Mas também havia uns tantos homens com botões de pedras nos gibões e com correntes em volta do pescoço com medalhões incrustados de gemas. Alguns desses medalhões até tinham escudos gravados. Só que, infelizmente, nenhum desses escudos tinha o desenho de chamas, como o que Evangeline vira na folha com pistas.

Do outro lado do salão, um rapaz sorriu ao perceber que ela estava olhando.

O rapaz era bonito, e Evangeline não desviou o olhar. O jovem não usava medalhão, mas tinha, sim, algumas pedras preciosas em seu gibão prateado. As pedras reluziram quando ele pegou um segundo cálice da bandeja de um criado e o estendeu, como se o oferecesse para Evangeline.

– Oi – disse, sem emitir som.

Evangeline olhou de relance para Jacks.

O Arcano ainda estava distraído pela garota de cabelo de luar.

Ela entendeu que aquilo era uma oportunidade de se afastar e ir para o outro lado do salão, na direção do cavalheiro que lhe oferecia vinho.

De perto, não era tão jovem nem tão atraente. Mas seus botões de safira brilhavam muito, e sua voz era gentil.

– É um prazer, finalmente, conhecê-la. Meu nome é Macadâmio Batráquio.

Ele, então, ofereceu o cálice.

Jacks interceptou o vinho antes que desse tempo de Evangeline aceitá-lo.

– Sai daqui, Macadâmio. Evangeline não vai se casar com você.

As bochechas do rapaz ficaram cor de beterraba e, sem dizer mais nem uma palavra, ele fez o que Arcano mandou.

– Jacks – censurou Evangeline. – Eu só estava falando com ele para ver se não está com as pedras.

– Não estava, não. Não tem como uma pessoa chata como ele possuir magia. E Macadâmio não faz parte de nenhuma das Grandes Casas.

– Isso não quer dizer que você pode simplesmente controlar o rapaz.

– Não posso controlar, não posso matar... Você está acabando com a diversão desta festa, Raposinha. – Jacks tomou um gole do cálice de vinho que segurava e completou: – Se estamos procurando pedras mágicas, precisamos conversar com pessoas que inspirem magia.

Ele apontou, com o copo, para um trio de garotas que usavam vestidos verde-floresta gloriosos e tiaras que brilhavam feito tesouros.

– São todas da Casa Predileta.

E eram bonitas também. Obviamente irmãs, pelo jeito. Eram puro movimentos graciosos e sorrisos serenos, bebericando e dispensando, com acenos, os criados que ofereciam bandejas de tortinhas de carne e queijos embebidos em favos de mel.

Evangeline tentou se lembrar do que havia lido a respeito da Casa Predileta enquanto se aproximavam. E todas as três garotas sorriram de orelha a orelha, de verdade, ao ver Jacks.

– Que maravilha te ver aqui, lorde Jacks. – Disse a mais alta das três irmãs, colocando a mão no rosto do Arcano.

E Evangeline sentiu aquela coisa horrorosa se contorcendo dentro dela outra vez.

*Está sentindo alguma magia?*, perguntou Jacks, em pensamento.

A jovem fez que não. Torceu para que isso significasse que eles se afastariam do trio. Mas, apesar de Jacks não ter o costume de ser gentil com ninguém, estava sendo educado com as irmãs.

– Por que você não foi nos visitar? – indagou a garota que acariciara o rosto do Príncipe de Copas. – E quando foi que você mudou a cor do cabelo?

Em seguida, esticou o braço novamente para passar os dedos nas mechas douradas de Jacks. Evangeline sentiu uma onda de incômodo e aproveitou esse instante para se afastar novamente de Jacks. E...

Esbarrou no peito de um rapaz alto, de cabelo preto e grosso, pele lisa cor de bronze, cujo sorriso a deixou de pernas bambas.

Evangeline não tinha muito orgulho de admitir que se impressionava com facilidade. Gostava de histórias bonitas e de coisas bonitas, e aquele garoto era muito mais do que apenas bonito.

– Desculpe – falou.

E não conseguiu nem ficar com vergonha por estar ofegante.

A voz dele era grave, e o rosto belo esboçou um sorriso que foi se alargando quando disse:

– A culpa é toda minha. Eu estava torcendo para esbarrar em você, e acho que posso ter sido um tanto afoito.

O garoto pegou na mão dela, e Evangeline ficou subitamente eletrizada. Ele estava usando um anel! Com uma pedra bruta, preta e reluzente. Uma coisa poderosa, que parecia ter sido encantada.

Ela ficou esperando sentir uma descarga de magia vinda do anel quando o rapaz segurou seus dedos e os levou aos lábios. Mas sentiu apenas um formigamento sutil pelo fato de receber a atenção de alguém que a achava atraente.

– Merrick, da Casa Espinheira-Sanguínea.

– Evangeline.

– Jacks – disse o Príncipe de Copas, que surgiu ao lado dela, sem resquício daquele sorriso que dera para as garotas da Casa Predileta. – Como vai sua nova esposa, Merrick?

O jovem ficou branco.

– Ela faleceu no outono deste ano.

– Que trágico. – A voz de Jacks era pura surpresa fingida. – Por acaso a sua esposa anterior não faleceu no outono do ano passado?

– Faleceu, sim. Tive muito azar – respondeu Merrick, entredentes.

– Bom, então acho melhor você não passar esse azar para Evangeline.

Dito isso, o Arcano segurou o braço da jovem.

Ela fez que ia se recusar a dar o braço para o Príncipe de Copas, mas, antes que desse tempo, Merrick Espinheira-Sanguínea já tinha evaporado.

Evangeline olhou feio para Jacks.

– De nada – disparou ele, todo presunçoso.

– Não precisava ter afugentado o rapaz. Eu não ia me casar com ele.

– Que bom. Porque, caso se casasse, morreria no outono do ano que vem.

Dito isso, soltou o braço dela.

Evangeline cerrou os dentes. É claro que Jacks poderia flertar com as garotas, mas ela não podia sequer conversar com os rapazes.

– Já sou casada, Jacks. Estava conversando com Merrick porque ele está usando um anel que tem uma pedra!

– Todo mundo nessa festa está usando um anel.

– Você não está.

– Caso tenha esquecido, não sou todo mundo, Raposinha.

O Príncipe de Copas, então, dirigiu o olhar aos lábios da jovem, calando-a com um olhar fulminante e fazendo-a lembrar na mesma hora do que ele era capaz de fazer com um simples beijo.

Evangeline mordeu o lábio, só para devolver a provocação.

Algo primitivo brilhou atrás dos olhos de Jacks – desejo ou raiva, ela não conseguiu distinguir direito. Só sabia que tinha a sensação de estar com os lábios inchados, da força do olhar do Arcano e da sensação inescapável de que era Jacks quem queria estar mordendo o lábio dela.

E, por um segundo, imaginou como isso seria. Imaginou o Príncipe de Copas beijando sua boca bem ali, no meio da festa, enroscando os dedos em seu cabelo, abraçando-a bem apertado, na frente de todo mundo.

Tentou expulsar essa ideia de seus pensamentos, mas, pelo jeito, demorou demais.

Jacks esboçou um sorriso, como se soubesse o que ela estava pensando, e em seguida, baixou bem o olhar, dos lábios para o pescoço, até pousá-lo no volume de seus seios, onde o coração de Evangeline, de repente, começou a bater sobressaltado.

Ao fundo, ouviam-se risos e taças tilintando, brindes, mas o ruído parecia estar muito mais distante do que deveria. Evangeline não conseguia mais sentir o calor esmagador de todos os convidados: havia apenas Jacks, que por sua vez olhava para ela de um jeito que não se deve olhar para alguém quando essa pessoa sabe que está sendo observada – de um jeito ousado, desavergonhado e absolutamente inapropriado.

– Você está com cara de quem está com um certo calor, Raposinha. Talvez deva dar uma saidinha, enquanto continuo procurando as pedras. – Nessa hora, o Arcano parou de olhar nos olhos da jovem e pousou o olhar novamente na garota de cabelo de luar, que agora estava cercada por meia dúzia de rapazes, todos praticamente salivando. – Essa garota me parece um tanto mágica. Acho que vou começar por ela.

– Ela não está usando nenhuma pedra preciosa – disse Evangeline, irritada.  
– Que tal...

Evangeline olhou para outro lado, bem na hora em que LaLa surgiu, de braço dado com um rapaz que deveria ser o lorde Robin Massacre do Arvoredo. Ele tinha um cabelo ruivo revolto, duas espadas presas à cintura e uma risada que ecoava pelo salão, feito música alegre.

– A gente deveria ir cumprimentar Robin e LaLa.  
O olhar de Jacks ficou sombrio imediatamente.  
– Precisamos continuar procurando as pedras.  
– Eu sei... É por isso que deveríamos dizer “oi” para eles. Olhe só como as pessoas reagem quando chegam perto de Robin. Ele pode estar com a pedra do contentamento.

Na verdade, Evangeline não viu nenhuma pedra em Robin – até o anel com o brasão da família parecia ser feito de metal e não de pedras –, mas seu sorriso largo era contagiante. À medida que o lorde e LaLa iam avançando pelo salão e cumprimentando os convidados, deixavam um rastro de risadas. Em questão de segundos, parecia que a festa ganhara mais vida. As conversas ficaram mais altas; os sorrisos, mais pronunciados, e os cálices praticamente pulavam das bandejas para as mãos das pessoas.

– E também é uma questão de educação – disse Evangeline.  
Jacks soltou um suspiro relutante.

A jovem desconfiou que isso era o mais próximo de um “sim” que ganharia. No instante seguinte, entraram na fila para cumprimentar o casal feliz.

LaLa, é claro, a abraçou imediatamente.

– Eu sabia que esse vestido ficaria um sonho em você. Você está estonteante, amiga!

– Você também – disse Evangeline.

LaLa sempre estava radiante, e aquela noite não era exceção. Usava uma série de faixas de cabelo de ouro e pérolas, que fluíam, com mais ouro e mais pérolas, por seu cabelo comprido e castanho-escuro, dando um efeito que parecia um tesouro do mar. Os olhos estavam delineados de dourado. Estranhamente, o vestido era sem graça. A amiga trocara o encantador traje de lantejoulas e colocara um sóbrio vestido cor de vinho, com mangas compridas e conservadoras, que cobriam as vibrantes tatuagens de labaredas de dragão que tinha nos braços.

Evangeline até poderia desconfiar que Robin tinha alguma coisa a ver com isso – o lorde, talvez, não gostasse de tatuagens. Mas ele não dava a impressão de ser do tipo que proíbe coisas; além disso o lorde tinha uma espada tatuada no antebraço. A causa, então, não poderia ser essa.

– Te apresento o meu noivo – declarou LaLa.

Em seguida, olhou para Robin com adoração, e o rapaz sorriu para ela com toda aquela delicada atenção de alguém que está muito apaixonado. E não deu a impressão de que isso tinha algo a ver com uma pedra mágica. Agora que estavam mais perto, Evangeline conseguiu ver que, com certeza, Robin não usava nenhuma joia com pedras.

Quando olhou para Evangeline, o sorriso do lorde mudou, de afetuoso para encantado.

– Finalmente conheço a famigerada Evangeline Raposa! LaLa já me contou que todas as histórias sobre você não são verdadeiras, mas adorei ouvi-las. – Robin deu um abraço de urso em Evangeline, deixando-a sem ar por alguns instantes, e então a colocou no chão novamente. – Você é muito bem-vinda a minha casa.

– Obrigada por me convidar e parabéns pelo noivado. Estou muito feliz por vocês dois.

– Eu também – declarou Jacks, com seu jeito arrastado.

Robin se virou para ele e comentou:

– Acredito que ainda não tive a honra de conhecê-lo.

– É o lorde Jacks – interveio LaLa.

– Lorde Jacks – repetiu Robin, ainda sorrindo, mas com uma expressão vagamente perplexa. – De que Casa você é?

– Sou de uma Casa muito antiga. – Em seguida, o Príncipe de Copas tomou um gole de vinho. – Todo mundo na minha família morreu há muito tempo.

O sorriso de LaLa se desfez. Por um instante, ela ficou com cara de quem poderia ter estrangulado Jacks com as próprias mãos pequeninas. Mas, em vez disso, deu o braço para Evangeline e falou:

– Vamos começar o périplo até a sala de jantar? Não sei vocês, mas estou morta de fome.

O comentário fez o sorriso voltar ao rosto de Robin, mas Evangeline ainda se sentia incomodada enquanto se dirigia, acompanhada por LaLa, a uma mesa comprida, onde estava disposto um lauto banquete. Havia cisnes assados, cabeças de cabrito recheadas e algo que parecia um galo cozido montado em cima de um porco preparado na brasa.

Ao longo do périplo, Evangeline perdeu Jacks de vista, mas não conseguia parar de pensar no que ele acabara de dizer.

“Sou de uma Casa muito antiga. Todo mundo na minha família morreu há muito tempo.”

O Arcano poderia muito bem estar falando da família Valor. Todos eles estavam mortos. Mas, até aí, todos da Casa Arvoredo da Alegria também estavam.

Ficou tentada a perguntar o que LaLa achava do comentário do Arcano, mas a amiga estava com uma expressão tão agitada que não teve coragem de tocar no assunto. E, provavelmente, era melhor mesmo que se concentrasse, naquela noite, em encontrar as pedras perdidas e não no passado de Jacks. Entretanto, não conseguia se livrar da sensação de que o misterioso passado do Príncipe de Copas era o único motivo para ele querer abrir o Arco da Valorosa.

Quando deu por si, Evangeline passou todo o jantar separada de Jacks.

O Príncipe de Copas se sentou na outra ponta da mesa, ao lado das irmãs da Casa Predileta. Parecia ter recuperado o bom humor: atirava uma maçã para cima e piscava para a mais alta das três garotas, a que tinha acariciado seu rosto. Ela dava risadinhas altas.

Evangeline desviou o olhar, determinada a prosseguir com a busca pelas pedras. Mas, ao que tudo indicava, não conseguia se concentrar em nada, a não ser no som da risadinha da garota Predileta, que chegava até o fim da mesa, tão leve e alegre que Evangeline jurou que fazia os copos tilintarem. E também fazia algo terrível se contorcer dentro dela. Algo bem parecido com ciúme.

Ou, talvez, fosse mesmo ciúme, por mais que Evangeline tivesse pavor de admitir.

Não queria sentir ciúme de quem recebia a atenção do Príncipe de Copas. Não queria desejar que ele tentasse fazê-la dar risada em vez de atormentá-la o tempo todo. Mas o sentimento era tão poderoso, tão forte, tão...

De repente, a jovem recordou da última vez que sentira emoções tão intensas. Foi quando esteve na presença da pedra da sorte. Isso talvez significasse que outra das pedras do arco estava por perto. E foi aí que se lembrou do que Jacks havia dito, quando a alertou sobre as pedras: “Tem gente capaz de matar para não perder a juventude. E também pode trazer inveja e imaturidade”.

Era isso! A pedra da juventude devia estar por perto. Evangeline sentiu uma onda de alívio: não estava de fato com ciúme, estava apenas sentindo os efeitos da pedra da juventude. Provavelmente também foi por isso que o Príncipe de Copas se aproximou e tentou impedi-la de conversar com outros rapazes.

Lançou um olhar para as pessoas que estavam sentadas perto dela. À direita, estava Macadâmio Batráquio, concentrado em seu hidromel, e que não mexia uma pestana sequer para Evangeline.

A cadeira à esquerda ainda estava desocupada. Só havia uma plaquinha de madeira com os dizeres Petra Sanguejovem.

– Achei meu lugar – disse a moça de cabelo de luar, sentando-se delicadamente na cadeira vazia.

Evangeline ficou tensa.

Sentiu-se instantaneamente culpada. Não tinha motivos para desgostar de Petra Sanguejovem. Era um sentimento mesquinho, de inveja – sem dúvida, mais um efeito colateral da pedra da juventude. Esforçando-se ao máximo para se livrar desses sentimentos, falou:

– É um grande prazer te conhecer, Evangeline.

– Acho que todo mundo aqui sabe seu nome – respondeu Petra, dando uma piscadela cínsplice.

A garota era mais simpática do que Evangeline teria imaginado. À medida que conversavam, foi ficando mais fácil se livrar de todos os sentimentos de ciúme e inveja remanescentes. Na verdade, depois de alguns minutos, Evangeline foi subitamente atingida por uma sensação estranhamente familiar, de que ela e Petra já se conheciam ou, pelo menos, já haviam se encontrado antes daquela noite.

– Você foi ao meu casamento?

– Ah, não. – Petra deu uma risada baixinha e completou: – Sou da família Sanguejovem.

– Desculpe, não conheço esse sobrenome.

– Exatamente – declarou Petra, com uma certa ironia. – Pessoas como eu, que não pertencem a uma das Grandes Casas, não são convidadas para casamentos da família real em Valorfell. Tenho sorte de ter sido convidada para esta festa.

– Não foi isso que me pareceu, já que todos os cavalheiros, pelo jeito, estão encantados por você.

Evangeline se arrependeu dessas palavras mesquinhas assim que elas saíram pela sua boca.

Só que Petra apenas intensificou seu belo sorriso.

– Pelo jeito, você não é tão ingênua quanto dizem. Apesar de que, talvez, deva prestar um pouco mais de atenção ao cavalheiro que *te* acompanha.

Petra foi lentamente olhando para todos os lordes e *ladies* da mesa, até que acabou fixando o olhar na outra ponta, onde...

Jacks havia sumido. Sua cadeira estava vazia, só restava um caroço de maçã, que fora deixado no prato vazio. O assento ao lado também estava vago – o assento onde a garota alta da Casa Predileta estava sentada.

Evangeline sentiu um frio na barriga. Torceu para que o Príncipe de Copas não tivesse saído de fininho com aquela garota para fazer o que, de repente, temeu que ele pudesse fazer.

Mas Jacks não faria. Não poderia fazer. Tinha prometido que não mataria ninguém.

A jovem olhou em volta do salão, nervosa.

O Arcano, talvez, tivesse apenas levado a garota da Casa Predileta para dar uma olhada na catapulta. Ou...

– Talvez você deva olhar para a porta com o retrato.

Petra apontou lentamente, com o dedo enluvado, para uma moldura dourada que estava levemente afastada da parede, revelando uma entrada escondida.

Evangeline se levantou da cadeira.

– Espere aí... – Petra segurou seu braço. Por um instante, ficou com uma expressão surpreendentemente preocupada. – Deixe os dois para lá, Princesa. Só vai passar vergonha se for atrás deles.

De fato, algumas pessoas estavam olhando para Evangeline, recriminando-a disfarçadamente, olhando por cima dos cálices. O orgulho entrou em guerra com ela, pedindo que tornasse a se sentar. Havia a possibilidade de estar enganada em sua hipótese do que Jacks fora fazer. Mas duvidava. Se o Príncipe de Copas tinha saído escondido com outra garota, não era para simplesmente jogar damas. Ia beijá-la e matá-la.

Evangeline resolveu continuar. Sentia uma queimação no estômago enquanto percorria o salão em burburinho, atravessando-o até chegar à moldura dourada afastada da parede.

O retrato dentro da moldura era de Glendora Massacre do Arvoredo, que usava um vestido de baile vermelho, com corações partidos bordados. Seu sorriso parecia triste e ficou observando Evangeline entrar de fininho pela porta secreta.

O corredor do outro lado da porta era mal iluminado e cheio de teias de aranha. Ele cheirava a romances furtivos e secretos, um aroma meio almiscarado e deveras enfumaçado das tochas que saíam das paredes. Entre

uma chama e outra, ela viu de relance palavras gravadas, repetidas vezes, nas pedras. “Glória na morte. Glória na morte. Glória na morte.”

Evangeline abraçou o próprio peito. Não sabia ao certo que tipo de lugar era aquele, mas não gostou do fato de que até as paredes, pelo jeito, incentivavam Jacks.

*Jacks*, gritou em pensamento.

Não obteve resposta.

*Jacks*, tentou novamente. *Se está me ouvindo, estou pedindo para você parar o que quer que esteja fazendo.*

Nada. Apenas o ruído de seus sapatinhos roçando nas pedras envelhecidas.

E aí seus ouvidos captaram a vibração da voz sedutora do Príncipe de Copas dizendo palavras carinhosas no escuro. Ela sentiu um aperto no peito. Não conseguia distinguir o que o Arcano dizia. Mas conhecia a cadência grave da voz dele.

Foi correndo até um canto e quase rasgou a fenda da saia, tamanha a pressa.

As tochas brilharam com mais força, adensando a fumaça que se enroscava no cabelo dourado de Jacks. Ele estava inclinando a cabeça, aproximando-se da garota da Casa Predileta, que estava de pescoço espichado e olhos fechados.

Evangeline sentiu o sangue se acumular em seus ouvidos ao ver o Príncipe de Copas passar a mão no lábio inferior da garota antes de...

– Pare! – gritou.

A outra garota abriu os olhos, soltando um suspiro.

A reação de Jacks não foi tão rápida. Tirou os dedos dos lábios entreabertos da moça e dirigiu o olhar soturno para Evangeline com toda a calma.

– Seu senso de oportunidade é terrível, Raposinha.

*Não acredito que você ia beijar essa menina!*, esbravejou Evangeline, em pensamento.

Jacks ergueu o ombro, todo arrogante, e respondeu, silenciosamente, só para Evangeline ouvir:

*O jantar estava uma chatice.*

– Você tem mesmo muito azar com os homens, não é? – disse a garota da Casa Predileta.

E fez uma careta nada convincente para Evangeline – o tipo de careta que, sabe-se lá como, parece um sorriso, como se fosse prazeroso pensar que Evangeline tinha um azar horroroso com os homens.

Por um segundo, ela ficou tentada a dar as costas e deixar aquela garota com Jacks, para que a moçoila pudesse ver quem na verdade tinha péssima sorte com os homens. Já que, obviamente, não fazia a menor ideia de quem realmente era o homem que estava prestes a beijar. Evangeline ficou envergonhada na mesma hora por ter pensado nisso. Mesmo assim, não foi fácil olhar a outra garota nos olhos e dizer:

- Você precisa sair daqui agora mesmo.
- Acho que estou bem aqui. É você que tem que dar o fora, *princesa*.

A garota da Casa Predileta deu uma risada debochada, pôs a mão no peito de Jacks e teve a ousadia de abrir um dos botões da camisa dele.

Evangeline sentiu mais um aperto no coração. Não queria sentir isso. Não queria sentir nada por Jacks e, principalmente, não queria ter ciúme daquela garota que o Arcano estava prestes a matar. Mas o ciúme não é uma emoção racional, tudo o que ela via era a outra garota sendo desejada e acariciada.

Ela tentou se convencer de que era apenas efeito da pedra da juventude, mas agora estavam longe da festa e aquela garota não usava nenhuma pedra preciosa. A tiara que estava usando no começo da festa não estava mais em sua cabeça.

*É melhor você sair daqui*, a voz de Jacks ecoou nos pensamentos de Evangeline. *Limpando a bagunça depois que eu terminar*.

O Príncipe de Copas, então, encarou Evangeline. À luz das tochas, seus olhos estavam mais pretos do que azuis, e completamente sem emoção, apesar de a garota da Casa Predileta ter aberto mais um botão da camisa dele.

*Como você pode ser tão insensível?*, pensou Evangeline.

Jacks acariciou o rosto da garota da Casa Predileta, ainda olhando para Evangeline.

*Como você pode continuar achando, erroneamente, que tenho sentimentos?*

*Então, vá em frente.* Evangeline cruzou os braços em cima do peito. Se o Arcano podia ser terrível, ela podia ser cabeça-dura. *Vamos ver se vale mesmo a pena morrer pelo seu beijo.*

As chamas das tochas bruxulearam, e o olhar do Arcano escureceu.

– O que ela ainda está fazendo aqui? – resmungou a outra garota.

Em seguida, pôs a mão no terceiro botão de Jacks.

O Príncipe de Copas segurou as mãos dela pelo pulso e lhe deu um empurrão.

– O que você pensa que está fazendo? – disse ela, com a voz esganiçada.

Jacks soltou um suspiro e respondeu:

– Volte para a mesa de jantar, Giselle. Vá paquerar outra pessoa até encontrar um bom marido.

– Mas você disse que...

– Eu menti – interrompeu o Arcano.

A expressão da jovem se anuiu e as bochechas arderam, rosadas. Evangeline sentiu uma breve onda de pena de Giselle, que passou por ela apressada, desapareceu pelo corredor mal iluminado e a deixou a sós com Jacks.

– E agora? Ficou feliz? – perguntou o Arcano, dando um passo ameaçador na direção dela.

Evangeline resistiu ao ímpeto de dar um passo para trás. Até achou que não havia se movimentado. Mas, de repente, sentiu a parede gelada nas costas, e Jacks estava tão perto – e era tão mais alto do que já se dera conta – que ela precisou espichar a cabeça para olhar nos olhos sem coração do Príncipe de Copas.

– Você me falou que não ia matar ninguém.

– Não. *Você* me falou para não matar ninguém. Eu falei que esse era um plano terrível.

– Mas você não precisava matar a menina – argumentou Evangeline.

– E o que você sabe do que eu preciso ou deixo de precisar?

Jacks roçou os dedos compridos na fenda da saia da jovem. Ela segurou um suspiro. O Arcano só podia ter encostado sem querer.

Ele sorriu, mostrando uma das covinhas, e pôs os dedos por baixo do tecido, acariciando a pele da perna de Evangeline e afastando delicadamente a fenda da saia.

Aquilo, definitivamente, não era sem querer.

As pontas dos dedos de Jacks eram macias, enganadoramente delicadas, e foram subindo... subindo. Evangeline tentou se convencer a se desvencilhar dele – aquele era Jacks, e ele era maligno –, a mão do Arcano, definitivamente, estava fazendo coisas maldosas. Mas não tinha a sensação de que as batidas aceleradas de seu coração eram de medo, pelo menos ainda não. O sangue que fervia e o formigamento que sentia na pele eram gostosos. Jacks era gostoso.

As carícias do Príncipe de Copas, obviamente, estavam fazendo Evangeline delirar.

Realmente precisava dar um empurrão no Arcano. Mas, em vez disso, agarrou-o pela camisa, segurando-o pelo tecido.

Jacks deu um sorriso, mas não foi um sorriso bondoso. Mais parecia o final infeliz de um conto de fadas, mostrando todos os dentes afiados, que brilharam à luz das tochas. Aquilo era um erro. Um erro perigoso. Ela recordou que, há pouco, o Príncipe de Copas acariciava outra garota. Mas ficava difícil se importar com isso, já que o Arcano sabia exatamente como acariciar *Evangeline*. Como provocar a sensação de que era ela quem Jacks desejava desde sempre.

Com a outra mão, enlaçou lentamente a cintura de Evangeline e a encaixou por cima da dele.

A jovem ficou com o ar preso na garganta.

– Ainda acha que entende do que eu preciso? – Jacks, então, chegou mais perto, os lábios quase encostando no rosto dela, fazendo sua pele se arrepiar toda, e sussurrou: – Não sou humano, Evangeline. E não sou seu amigo nem seu marido nem seu amante.

– Eu nunca disse que você era – respondeu ela, ofegante.

– Então não tente me fazer agir como se fosse. Isso não vai acabar bem. – Os dedos abaixo da saia fizeram carícias brutas, e algo cruel brilhou nos olhos do Arcano. Cruel o suficiente para, finalmente, fazê-la sentir uma pontada de medo. – *Isso* não vai acabar bem.

Então ele apertou a perna dela com mais força.

Evangeline soltou um suspiro e o empurrou.

– *Isso* não existe: sou casada.

Jacks passou o dedo no próprio sorrisinho debochado que esboçou nos lábios.

– Você fica falando isso o tempo inteiro, Raposinha. Como se fosse algo com que eu devesse me importar.

E, num piscar de olhos depois, ele evaporou.

Os pensamentos de Evangeline começaram a clarear assim que Jacks a deixou sozinha no corredor escuro. Ela se recordou da carta que havia escrito, alertando a si mesma de que não podia confiar no Príncipe de Copas. Recordou de tudo o que o Arcano já tinha feito. E, aí, pensou em Apollo.

Evangeline fechou os olhos. Suas pernas ainda tremiam por causa das carícias de Jacks. E, agora, também estava com o estômago embrulhado, de culpa. O que aconteceu naquele corredor não poderia voltar a acontecer.

A maldição do Arqueiro tinha virado sua história com Apollo de pernas para o ar. Era difícil continuar torcendo para ter um futuro com alguém que só pensava em matá-la. Mas, mesmo que Apollo não existisse, Jacks jamais deveria ser uma alternativa.

Não era o Príncipe de Copas quem ela queria. Evangeline queria amar e ser amada, sentir amor só de olhar para alguém. Queria sentir frio na barriga e queria beijos. Queria tanto que, às vezes, achava que o coração ia explodir, de tanto querer. E, às vezes, cometia erros, como o erro daquela mesma noite, quando permitiu que Jacks a acariciasse. Mas jamais permitiria que o Príncipe de Copas a tocasse novamente.

Precisava encontrar logo a pedra da juventude, mas não queria voltar para o salão de jantar. Preferia dançar descalça na neve do que voltar a se sentar à mesa, ao lado de Petra Sanguejovem.

Torceu para que o jantar estivesse animado ao ponto de ninguém reparar que tinha voltado de fininho, saindo pela porta do retrato. O salão de jantar, com certeza, estava mais ruidoso do que quando ela havia saído. Vozes ribombavam, misturadas a risos levemente bêbados e copos que tilintavam em brindes desajeitados.

– Senhorita Raposa...

O som de seu nome foi seguido por um toquezinho no ombro, dado por um objeto que parecia uma pena.

Evangeline se virou.

Kristof Knightlinger, do jornal *O Boato Diário*, estava parado bem na frente dela, sorrindo. Como sempre, trajava calças de couro pretas e camisa com um *jabot* cheio de babados.

Na mesma hora que o viu, a jovem sentiu um frio na barriga.

– Que prazer enorme encontrá-la aqui! – Ele sacudiu com empolgação a pena que utilizava para escrever e acabara de passar no ombro de Evangeline. – A senhorita está radiante: que bom vê-la tão corada. É claro que agora preciso perguntar se foi alguém específico que a fez corar.

Kristof lançou um olhar sugestivo para a porta do retrato pela qual Evangeline acabara de passar.

– Ah, não – respondeu ela. A única coisa que poderia tornar aquela noite ainda pior era a possibilidade de Kristof Knightlinger escrever no jornal que ela se envolvera em encontros fortuitos com Jacks. Se Apollo lesse a notícia, poderia deixar o estado de ser compelido a caçá-la para querer fazer isso de fato. – Eu estava apenas conhecendo algumas das passagens secretas. Nada que valha a pena noticiar...

Ela titubeou, com receio de que, talvez, estivesse indo longe demais.

Não conhecia Kristof Knightlinger muito bem, mas o tabloide que ele escrevia normalmente lhe era favorável. Mesmo quando foi declarada procurada por assassinato, teve a impressão de que o cronista duvidou de sua culpa. Não achava que ele era maldoso. Mas, com certeza, Knightlinger não checava todos os fatos antes de publicar um artigo – na verdade, parecia que Kristof gostava mais de publicar boatos do que fatos.

Evangeline não podia permitir que ele publicasse nada a seu respeito. Como Apollo estava no encalço dela, as consequências poderiam ser letais se Kristof divulgasse no jornal que ela estava ali, mesmo que não escrevesse nada a respeito de Jacks.

Teria adorado pedir, com todas as letras, que o cronista não escrevesse sobre sua presença, mas ficou com receio de que isso servisse apenas para atiçar a curiosidade dele.

– Não cheguei a entrar de verdade. Ouvi alguns ruídos que me fizeram pensar que eu poderia estar interrompendo algo. Na verdade, estou um pouco envergonhada. Então, se você puder guardar segredo, deixar isso só entre nós dois, fico muito grata.

– Ah, minha querida! É claro que suas andanças secretas permanecerão secretas, no que depender de mim.

Kristof, então, roçou a pena nos lábios, fazendo um gesto de que os manteria bem fechados. Mas Evangeline teve medo de que não seria bem assim.

Evangeline considerou contar para Jacks que tinha se encontrado com Kristof – e que existia a possibilidade de o cronista falar dela em seu jornal. Mas a última coisa que queria fazer era procurar o Príncipe de Copas.

Só queria deitar na cama e dormir. O dia tinha sido absurdamente longo, e ela estava exausta. A caminhada até a suíte de hóspedes no quarto andar foi um esforço comparável a escalar uma montanha.

Entretanto, depois de se lavar, colocar a camisola e subir na cama, Evangeline não conseguiu dormir. Toda vez que fechava os olhos, voltava àquele corredor, na companhia de Jacks. Sentiu um calor na pele e, aí, perdeu o sono completamente.

Não sabia dizer quanto tempo ainda passou tentando dormir. Mas, uma hora, desistiu. Acendeu várias velas e foi até o baú onde havia colocado alguns livros, incluindo *Ascensão e queda da família Valor*.

Na última vez que olhara para o tomo, a capa estava em branco. Mas, ao que tudo indicava, o volume voltara à vida naquela noite. Ficou observando o tecido cor de lavanda escurecer até o livro inteiro ficar cor de ameixas orvalhadas. Segundos depois, um novo conjunto de letras metálicas brilhava na capa: *A inglória história da Casa Massacre do Arvoredo*.

Evangeline ficou toda empolgada ao ler essas palavras. Mas, sabendo o quão sorrateiro aquele livro podia ser, tentou controlar sua expectativa, voltou para a cama e abriu o livro.

Na mesma hora, de dentro dele, caiu um recorte de jornal antiquíssimo.

Parecia ser tão velho que ela teve receio de que o recorte fosse se esfacelar em suas mãos, só que o papel encerado era surpreendentemente resistente. As letras eram antiquadas e difíceis de ler, mas os dizeres na parte de cima eram bem conhecidos.

---

## O Boato Diário

### MONSTRO!

*Por Kilbourne Knightlinger*

Atentai-vos, meus caros habitantes do Norte. Houve mais um ataque de monstro! Ontem à noite, o poderoso lorde Bane Massacre do Arvoredo teve a garganta dilacerada.

A família Valor continua jurando que não criou monstro algum. Para os que não estavam contando, este é o terceiro ataque violento sofrido pela Casa Massacre do Arvoredo. E todos esses ataques começaram depois da desgraçada morte de nosso estimado Castor Valor – que, muitos especulam, foi assassinado por Vingador Massacre do Arvoredo durante o trágico massacre da Casa Arvoredo da Alegria.

Ainda assim, poderia ser coincidência o fato de esse monstro estar agora atacando pessoas da família Massacre do Arvoredo. Houve outros ataques crueis, que levaram muitos a especular que esses assassinatos monstruosos não têm um alvo específico. Mas certas pessoas temem que esses ataques se devam apenas ao fato de a família Valor não ter controle algum sobre a aberração que criou.

---

Depois dessa parte, o que estava escrito ficou sem sentido, sem dúvida por causa da maldição. Ainda bem que as letras não se rearranjaram enquanto Evangeline releu a notícia.

O artigo não estava datado, mas ela imaginou que a notícia havia ocorrido depois da história que Jacks havia contado na carroagem – e parecia confirmar tudo o que o Príncipe de Copas havia dito. Citava tanto o trágico massacre da Casa Arvoredo da Alegria quanto a morte de Castor Valor.

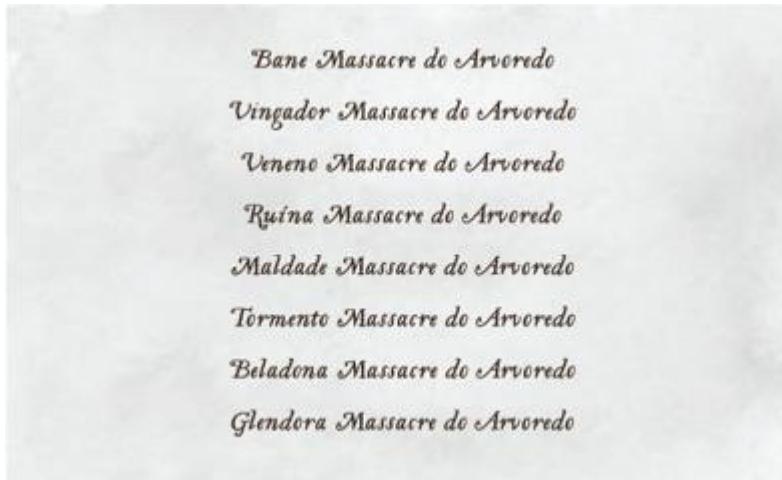
Evangeline tentou não tirar conclusões precipitadas – aquela publicação, afinal de contas, era um tabloide –, mas ficou pensando se aquelas não eram as informações que estava procurando. Queria saber por que o povo do Norte se voltara contra a família Valor, e aquilo parecia explicar o que tinha acontecido. Um dos filhos fora assassinado, e eles criaram um monstro, por vingança. O artigo até empregava a palavra “aberração”.

Será que aquela poderia ser a mesma aberração que tantas pessoas acreditavam estar trancafiada na Valorosa?

Só que isso não fazia muito sentido para Evangeline. Tudo o que havia lido a respeito da família Valor dava a impressão de que seus integrantes eram mágicos e poderosos – não precisariam criar um monstro para se vingar. Mas, talvez, o boato de que haviam criado um monstro tenha sido o suficiente para fazer o povo se voltar contra eles.

Evangeline sabia, por experiência própria, que boatos podem ser muito poderosos. E podia facilmente imaginar uma família como a Massacre do Arvoredo espalhando o boato – principalmente, se Aurora Valor tivesse abandonado Vingador no altar para se casar com outro homem.

A jovem olhou mais uma vez para o livro que estava em seu colo. Estava aberto no sumário, onde, ao que parecia, havia uma lista de nomes de integrantes da família Massacre do Arvoredo:



A lista se estendia por diversas páginas.

Evangeline começou por Vingador, na esperança de obter mais informações a respeito da família Valor e para poder comparar o relato do livro com a história que Jacks havia contado na carruagem.

Infelizmente, as páginas estavam em branco.

Voltou para o sumário e, desta vez, foi o nome de Glendora que chamou sua atenção. A moça não fora citada na história de Jacks, mas fora casada com Vingador, e havia grandes retratos dela por todo o castelo. E, sendo assim, talvez Evangeline conseguisse descobrir alguma coisa.

O verbete sobre Glendora abria com um retrato dela dentro do caixão. Estava de olhos fechados e o rosto envelhecido por inúmeras rugas.

A expressão “Glória na morte” estava impressa logo abaixo do retrato e, logo acima dessas palavras, a data de nascimento e morte sugeria que ela havia morrido aos 86 anos de idade. A biografia na página seguinte, para a surpresa de Evangeline, não era exatamente um relato histórico, o que a fez pensar que a maldição das histórias poderia ter dado um tempero especial, cheio de opinião, ao texto.

**Glendora Massacre do Arvoredo,  
também conhecida como Glendora, a Boa.  
Mãe de muitos. Esposa de Vingador.  
Amada por quase todos.**

*Pobre Glendora, a Boa, coitadinha. Todos a adoravam, com exceção do marido, Vingador. Glendora era pura bondade, alegria e honestidade - e deu à luz a tantos bebês. Sem Glendora, não haveria mais ninguém na família Massacre do Arvoredo. Mas nada disso tinha importância para Vingador.*

*Ele fingia que a amava, incomendou estátuas e retratos seus e pagou para menestréis escreverem canções enaltecendo a bondade da esposa, tudo isso para esconder o fato de que Glendora tinha sido sua segunda opção e não era, nem de longe, tão bela quanto sua primeira opção, a garota que o abandonou no altar: Aurora Valor.*

*A belíssima Aurora Valor, tão linda. Quando estavam noivos, Vingador amou a beleza de Aurora. Bebeu dela como se fosse um veneno, até que isso o estragou para todas as demais donzelas.*

*Glendora lhe dava filhos, organizava festas e caçadas e transformou a pequena propriedade Massacre do Arvoredo em uma gloriosa mansão, com terrenos repletos de flores e quartos repletos de contentamento, mas isso nunca bastou para conquistar o coração de Vingador. Ele ficou para sempre apaixonado pelo fantasma de uma garota que havia...*

Evangeline parou de ler e voltou à linha que falava de flores e de *contentamento*. Seus dedos tremiam de empolgação quando correu para pegar a folha de pistas que a chave anterior havia escrito.

Exatamente como se lembrava, as flores estavam desenhadas perto das palavras “Uma do contentamento”. Sabia que poderia ser uma mera coincidência – muita gente planta flores. Mas por acaso LaLa não havia dito

que Glendora possuía um famoso jardim de inverno? O texto também descrevia Glendora como uma pessoa generosa, boa e alegre. Talvez ela fosse apenas uma pessoa bondosa – como Robin Massacre do Arvoredo também deu a impressão de ser –, ou, talvez, algo mágico tivesse feito Glendora ser dessa maneira.

Evangeline deu mais uma olhada no retrato da mulher. Era em preto e branco, desbotado pelo tempo, mas nítido o suficiente para ver que a retratada usava uma corrente comprida e pesada que ostentava um pingente de pedra preciosa.

Poderia ser aquela a pedra do contentamento?

Evangeline sentiu uma onda de empolgação, seguida por uma pontada de esperança de que Glendora pudesse ter sido enterrada com aquela pedra – já que o retrato a mostrava dentro de um caixão.

Chegou a pensar em contar o que descobrira para Jacks. Mas, depois dos acontecimentos daquela noite, o Príncipe de Copas continuava sendo a última pessoa que ela queria ver. Sentindo mais um arrepião, Evangeline pegou um robe e o vestiu. Não fazia ideia de que horas eram, mas pensou que faltavam várias horas para o sol raiar, o que lhe dava um bom tempo para procurar o túmulo de Glendora em segredo. E sabia exatamente por onde começar.

“Glória na morte”, a expressão impressa sob o retrato de Glendora, era a mesma que vira gravadas nas paredes do corredor secreto por onde Evangeline tinha se aventurado naquela mesma noite. E chegara até ele por meio de um vão atrás de um quadro que abrigava, justamente, um retrato de Glendora.

A catapulta do salão de jantar era ainda mais horrenda na escuridão – um animal gigante e adormecido, que poderia seguir Evangeline até o retrato de Glendora e então arrancá-la do recinto antes que conseguisse entrar pela passagem secreta.

Ela segurou a adaga de ouro, que amarrara no robe. Pensou ter ouvido um movimento, mas a catapulta permaneceu inanimada quando passou correndo, de chinelos, em busca do túmulo de Glendora Massacre do Arvoredo.

Como a única fonte de luz era o luar que atravessava os painéis de vitral do salão, foi um desafio encontrar o quadro certo. A jovem só conseguiu enxergar os olhos de Glendora, ainda tristes, quando afastou a moldura.

Ficou parada por alguns instantes antes de entrar, divagando brevemente sobre a tristeza de Glendora. Se ela teve mesmo a posse da pedra do contentamento, deveria ter sido bem mais feliz, mas talvez Glendora só não estivesse com a joia na ocasião em que aquele retrato foi feito. Quando enfim entrou no corredor, torceu para que fosse isso mesmo.

Felizmente, as tochas ainda ardiam em chamas, iluminando o caminho, indo pelo mesmo trecho que percorrera mais cedo.

Sentiu um embrulho no estômago quando chegou ao lugar onde havia encontrado Jacks com a garota da Casa Predileta. O ar empoeirado tinha um leve aroma de maçã, e ela ficou esperando o Príncipe de Copas sair das sombras.

Mais uma vez, pensou ter ouvido algo.

Mas só viu aranhas se arrastando pelas paredes, por cima das palavras “Glória na morte”.

O ar mudou quando Evangeline fez uma curva. Entre as tochas, apareceram arandelas de vidro – sujas e repletas de caules raquíticos e algumas

pétalas secas. O aroma de maçã se evaporou, e ela só conseguia sentir o cheiro de poeira parada, que a fez pensar em ossos secos e flores mortas.

Ainda bem que aquela fragrância inquietante diminuiu quando se aproximou do mausoléu. Uma estrutura enorme, coberta por uma camada de poeira e vigiada por duas estátuas de anjos aos prantos. Isso a fez pensar que ninguém o visitava há muito, muito tempo.

Evangeline segurou a respiração e se aproximou, preparando-se para sentir a magia da pedra do contentamento. Mas, talvez, o caixão estivesse abafando o poder da pedra do arco.

O caixão parecia ser de mármore, um fato que ela confirmou quando tentou afastar o tampo para o lado, e a peça nem sequer se mexeu.

– Precisa de uma mãozinha?

Evangeline deu um pulo de susto porque Luc apareceu no meio das sombras, usando uma delicada coroa de ouro na cabeça e um casaco de gola alta que parecia ter sido costurado com garbo em estado puro.

– Luc, o que você está fazendo aqui? Estava me seguindo?

– Fiquei sabendo que você acabou vindo mesmo à festa e resolvi vir também. – Nessa hora, ele deu um sorriso torto e completou: – Eu ia entrar escondido no seu quarto, mas aí vi que você estava bisbilhotando. Então *meio que* te segui.

– Você precisa parar de fazer isso.

– Por quê? Eu fazia isso o tempo todo. Quer dizer, não te seguir, só entrar escondido no seu quarto.

O garoto olhou para ela com seus cílios longos e encantadores. Mas Evangeline não se deixou iludir pelo olhar do rapaz, como acontecera na última vez que se viram.

– É por que sou vampiro? – insistiu ele. – Ou você ainda está de luto pelo falecido marido?

De repente, Luc estava sentado em cima do caixão, balançando as pernas e parecendo ser muito mais inofensivo do que Evangeline sabia que ele era.

A jovem, contudo, tinha quase certeza de que o rapaz não a morderia. Observando bem, enxergando além da garbosa fachada de príncipe, Luc lhe pareceu mais solitário do que faminto, assim como da última vez que o vira.

Evangeline não era especialista em vampiros, mas imaginou que ser vampiro poderia ser mais do que apenas sentir uma constante sede de sangue. Vampiros não envelhecem. Permanecem imutáveis ao longo do tempo. Talvez não fosse só uma questão física: quem sabe, o coração deles também fosse assim, o que dificultava que deixassem para trás as coisas do passado.

– Não é porque você é vampiro – garantiu ela. – Na verdade, preciso fazer uma coisa antes de o sol raiar e acho que, com sua força de vampiro, você pode me ajudar.

O comentário, pelo jeito, alegrou Luc. Que sorriu, em cima do caixão, enquanto Evangeline fitava o pesado tampo de mármore.

Assim como Evangeline, Luc estava muito curioso. Só levou alguns instantes para perguntar:

– O que você quer de dentro do caixão?

– Me ajude com este tampo que você vai ver.

O garoto-vampiro saiu de cima da tumba com um pulo, empurrou o tampo pesado e, quando o mármore caiu no chão com uma pancada seca, virou para ela e disse, com um sorriso satisfeito:

– Agora posso te morder?

– Não, Luc. *Nunca* vou deixar você me morder.

– Nunca diga nunca, Eva. – Ele, então, deu um sorriso esperançoso, de pura especulação, e espiou dentro do caixão. – Tem certeza de que esse é o caixão certo?

– Absoluta.

Só que Evangeline sentiu uma pontada de preocupação quando seus olhos seguiram o olhar de Luc. O corpo de Glendora Massacre do Arvoredo se resumia a pó e a dentes. Morrera há tanto tempo que não havia mais ossos nem roupas nem colares. E, ainda por cima, nenhuma sensação de magia. Nenhum formigamento, nenhum arrepio, nenhuma explosão súbita de contentamento.

Mas precisava acreditar que havia algo mais.

Respirou fundo, nervosa, e afundou a mão naquele monte cinzento de poeira lúgubre que era Glendora Massacre do Arvoredo.

– Eva! O que você pensa que está fazendo?

Luc obviamente achava que Evangeline perdera a cabeça. Segurou-a pelos ombros, afastando-a do caixão. Ainda bem que ela já pusera a mão em algo que parecia uma corrente.

Evangeline se desvencilhou de Luc e tirou a poeira da pedra pendurada na ponta da corrente, até ver em suas mãos uma pedra amarela, cor de caramelo, que parecia ter sido feita de raios cintilantes de luz do sol.

Luc olhou para a gema de esquelha – obviamente, não achou a pedra tão bonita quanto Evangeline achou.

– Eu poderia te dar joias melhores do que essa.

Dito isso, tentou pegá-la.

Evangeline segurou o colar com mais força, sentindo aquela tão conhecida onda de sentimento de posse, seguida por uma descarga de alívio. Aquela só podia ser a pedra do contentamento. Decerto não estava sentindo sua força porque já estava esperançosa.

– Obrigada, Luc.

Então ela ficou na ponta dos pés, deu um beijinho no rosto do garoto-vampiro e retornou pelo corredor.

– Espere aí – gritou Luc. – Amanhã à noite haverá uma festa à fantasia. Quer ser meu par?

Evangeline parou na metade do corredor. Se fosse à festa com Luc, poderia se livrar de Jacks. Pelo menos até o Príncipe de Copas aparecer e vê-la na companhia do garoto-vampiro.

É claro que essa ideia era tentadora, porque Evangeline imaginou que Jacks não ficaria nem um pouco feliz de vê-la de braço dado com Luc, ainda mais se a pedra da juventude estivesse por perto, exercendo sua magia ciumenta.

– Eu bem que gostaria de poder dizer “sim” – respondeu a jovem. – Só receio que não seja uma boa ideia. – Por mais que gostasse da ideia de deixar Jacks frustrado, a festa era de LaLa, e não queria fazer uma cena. – Mas prometo reservar uma dança para você.

Evangeline guardou a pedra do contentamento amarela-raio-de-sol por baixo da camisola, contra o próprio peito, onde conseguia sentir que a gema estava em segurança, e foi subindo a escada que levava ao quarto onde estava

hospedada. Na verdade, sentiu um certo alívio por a pedra não lhe causar uma sensação mais poderosa. Depois dos tentáculos de inveja e ciúme que sentira, causados, na sua opinião, pela pedra da juventude, estava um pouco receosa do que a pedra do contentamento poderia causar.

Temia que a joia pudesse deixá-la bêbada de felicidade ou tão zonza de alegria que perderia toda a noção de urgência.

Mas, por ora, se muito, sentia um leve incômodo. A pele pinicava – uma estranha sensação que a fez diminuir o passo quando chegou ao quarto andar do Castelo de Massacre do Arvoredo.

Estava um silêncio... Era tudo tão silencioso que quase dava para ouvir o bruxulear das velas nas arandelas. E foi aí que ela viu uma faixa de cabelo de luar conectada a um vulto que se movimentava rapidamente pelo corredor. *Petra*.

Evangeline sentiu o mesmo aperto incômodo no peito que experimentara quase todas as vezes que vira aquela garota. E aí sentiu novamente, porque imaginou que Petra poderia ter saído do quarto de Jacks.

Foi correndo até o fim do corredor para ver onde Petra acabara de virar. Mas já não havia ninguém.

Era tentador pensar que tinha apenas imaginado a presença da outra garota. Era tão tarde que até poderia ser cedo, na verdade. E Evangeline estava começando a se sentir exausta de novo. A descarga de adrenalina por ter encontrado a pedra do contentamento começara a perder o efeito, deixando-a cansada. E, contudo, tinha certeza do que vira. Só não conseguia compreender por que vira. O que Petra estava fazendo, andando por aí àquela hora da madrugada?

Os pensamentos de Evangeline voltaram ao início da noite. Jacks havia dito que achava que Petra não lhe era estranha. Depois, a garota aconselhou Evangeline a tomar cuidado com o Príncipe de Copas: foi ela quem a avisou de que o Arcano havia saído de fininho da mesa, na companhia de outra garota.

Petra deu a impressão de não gostar de Jacks e, apesar disso, Evangeline não conseguia se livrar da sensação de que Petra acabara de sair do quarto dele.

Evangeline considerou que poderia ficar parada ali, no corredor, imaginando coisas até o sol raiar. Ou poderia simplesmente bater na porta do

quarto de Jacks.

Bateu três vezes, com os nós dos dedos, de leve. Mas, como o Príncipe de Copas não atendeu, bateu outra vez, com mais força.

*Jacks*, pensou, em silêncio.

Mais uma vez, ele não atendeu.

Será que estava apenas dormindo? Ou será que estava ignorando Evangeline?

Se estava na companhia de Petra até aquele momento, ele só podia estar acordado.

Evangeline chegou a pensar em bater novamente. Mas, se fizesse mais barulho, poderia acordar os outros. Entretanto...

Olhou para o próprio dedo. Com apenas um furinho, não precisaria bater.

Pegou a adaga, furou a ponta do dedo e abriu a porta do quarto de Jacks.

Teve certeza, imediatamente, de que o Príncipe de Copas não estava ali.

A lareira estava apagada, e o sol já estava raiando, brilhando através das janelas nevadas e revelando que ninguém dormira na cama de dossel. A colcha cor de creme sequer estava amarrrotada.

Mas era visível que Jacks estivera dentro daquele quarto em algum momento. Havia uma pilha de restos de maçã em cima da escrivaninha. E também montes de roupas espalhadas pelas cadeiras e divãs.

Ao que parecia, o Príncipe de Copas tinha levado mais roupas do que Evangeline. Eram calças, cintos e pilhas de botas. A jovem sabia que seria melhor não encostar em nada, mas não conseguiu se conter e passou os dedos em uma pilha de gibões de veludo em vários tons de azul, preto e cinza. Eram macios – e perfumados também.

Jamais admitiria isso para o Príncipe de Copas, mas estava um pouco cansada de mentir para si mesma e tinha que admitir que adorava o cheiro de Jacks, de maçã, magia e noites frias e secas. E isso lhe deu vontade de se enrolar em um cobertor.

Foi até a cama. Ela não tinha o cheiro do Arcano, mas era macia. Sentou-se na beirada. E os travesseiros eram incríveis, fofinhos e felpudos. Só de se recostar neles, o corpo de Evangeline relaxou.

Ela fechou os olhos, só por um segundo. Ou, quem sabe, só por um minuto...

Evangeline tinha vontade de se aninhar ainda mais no cobertor e ignorar a sombra que se projetara em cima dela. Não estava muito disposta a lidar com sombras, principalmente com as que pareciam irritadas. Aquela sombra era gelada e estava perto e, pelo que pôde sentir, estava de mau humor. Talvez, se simplesmente continuasse de olhos fechados, a sombra fosse embora.

– Por quanto tempo você pretende fingir que está dormindo? – falou a sombra, de um jeito arrastado.

Relutante, Evangeline entreabriu um dos olhos.

A sombra estava mais perto do que imaginava. Parecia que o dono dela estava prestes a se jogar na cama quando a viu deitada ali. Já tirara o gibão: a camisa estava desabotoada até a metade, o cabelo dourado meio bagunçado, e os olhos azuis prateados pareciam mais ameaçadores do que o normal, dando a impressão de que seu dono ainda pretendia deitar na cama com a jovem.

O coração de Evangeline se sobressaltou quando ela pensou isso e, em seguida, pulou de novo, porque Jacks baixou as pálpebras e percorreu o corpo dela com o olhar. Seus olhos foram acompanhando a posição da jovem na cama, toda encolhida, com uma mão embaixo da cabeça e a outra no peito, segurando o cobertor bem no lugar em que o robe estava aberto.

Lentamente, os lábios do Arcano foram formando um sorriso.

– Agora você está obcecada pelas minhas camisas?

Foi aí que Evangeline sentiu os botões do cobertor – ou melhor, da camisa do Príncipe de Copas, na qual se enrolara como se fosse um cobertor.

As bochechas dela coraram na mesma hora.

Os olhos de Jacks assumiram um brilho jocoso.

– Por acaso sentiu minha falta ontem à noite? – perguntou o Príncipe de Copas.

Em seguida, se encostou no pilar da cama e foi subindo e descendo a mão lentamente pela madeira, enquanto dirigia o olhar para as pernas de Evangeline e para aquela parte aberta do robe dela.

“Mortificação” não era uma palavra forte o suficiente para descrever o que Evangeline sentiu naquele exato momento. Jogou a camisa para o lado e ficou de joelhos, até ela e Jacks ficarem mais ou menos na mesma altura. Sua pulsação se acelerou por alguns instantes quando olhou nos olhos do Arcano. Assim, de tão perto, eram um tanto poderosos demais para o gosto dela, mas não desviaria o olhar.

– Entrei aqui para te procurar depois de ver Petra na frente da porta do seu quarto.

– Quem é Petra?

– Aquela garota que estava no jantar, aquela, do cabelo de luar. Ela é o que sua, Jacks?

O Príncipe de Copas sacudiu a cabeça e franziu o cenho, unindo as sobrancelhas.

– Eu não conheço aquela garota.

Evangeline lançou um olhar desconfiado para Jacks. Sentia-se tentada a acreditar no Arcano. Mas também sabia que não devia confiar no próprio julgamento quando o assunto era o Príncipe de Copas.

– Ontem você disse que ela não lhe era estranha. E foi essa mesma garota que me avisou que você saiu de fininho do jantar.

A diversão que o Príncipe de Copas demonstrava sentir sumiu instantaneamente.

– Não sei quem é aquela garota, mas é melhor ficar longe dela.

– Por quê? Se você não a conhe...

– Não gosto dela – interrompeu Jacks.

– Por quê? Por que ela não gosta de você?

– Ninguém gosta de mim – o Príncipe de Copas respondeu com rispidez.

– Você sabe tão bem quanto eu que isso não é verdade – retrucou Evangeline. – Várias garotas deram a impressão de gostar de você ontem à noite.

– Elas gostam do lorde Jacks. Mas, como você bem sabe, Raposinha, não sou o lorde Jacks. – Por um segundo, a expressão do Príncipe de Copas mudou completamente. Todo traço de humanidade se esvaiu, e ele olhou para Evangeline com olhos tão mortos quanto os de Caos. – Sou a pessoa que vai

matar essa tal de Petra se ela chegar perto de você novamente. Então, é melhor ficar longe daquela garota, a menos que queira que ela morra.

No baile daquela noite, todos deveriam se fantasiar de um casal famoso na história do Norte. Evangeline ficara empolgada com o tema da festa e com a possibilidade de se fantasiar – até descobrir o traje que LaLa havia deixado para ela.

O vestido tinha uma beleza de camponesa, com decote em coração, mangas bufantes, saia até o joelho e cintura marcada por uma fita rosa e larga, que formava um alegre laço nas costas. O tecido era um bordado inglês amarelo e simples, salpicado de cor-de-rosa, flores brancas e raposas dançantes, que deixavam bem claro quem Evangeline deveria ser: a Raposa.

Dada a situação que a jovem estava enfrentando com Apollo, lhe pareceu um tanto mórbido se fantasiar de Raposa de “A balada do Arqueiro e da Raposa”. Mas tentou ser otimista. O vestido era um presente de LaLa – em outras circunstâncias, teria sido um presente atencioso. E verdade seja dita: apesar de causar um certo nervosismo, o traje a fazia recordar, sim, do que fora fazer ali. Quebrar a maldição do Arqueiro que assolava Apollo e encontrar as pedras perdidas do Arco da Valorosa. Com sorte, encontraria a pedra da juventude naquela noite. E, aí, faltaria apenas encontrar a pedra da verdade.

Ao pensar nisso, Evangeline recuperou a determinação e começou a amarrar os sapatinhos, cujas fitas ouro rosê subiam pelas pernas. Em seguida, colocou a pedra do contentamento no pescoço e a escondeu debaixo do corpete.

Duvidava que Jacks permitiria que usasse a pedra, mas isso não fazia a menor diferença, já que Evangeline não havia contado para ele que encontrara a gema – ainda não, de todo modo. Talvez tivesse sido mais certo ter comentado sobre a pedra quando esteve no quarto do Príncipe de Copas, mas não queria que o Arcano tomasse a joia dela e trancafiasse a pedra do contentamento dentro de uma caixa.

Evangeline tinha a impressão de que a pedra não era nociva. Não a encheu de impulsividade, como a pedra da sorte, nem a fez sentir ciúme e inveja, como a pedra da juventude. Caso não tivesse se sentido tão possessiva em relação à joia quando Luc tentou arrancá-la de suas mãos, poderia ter suspeitado que a gema não era nada mágica.

O relógio antigo na cornija da lareira tiquaqueava delicadamente, aproximando-se das 8 horas da noite. Era a hora em que o baile estava marcado para começar, mas Jacks ainda não aparecera para buscá-la.

A jovem ficou mordendo o lábio. De fato, os dois não haviam combinado de irem ao baile juntos. Então, talvez, o Príncipe de Copas não fosse ao baile na companhia de Evangeline. Quem sabe iria com uma das moçoilas da Casa Predileta? Ela não gostou nem um pouco dessa hipótese.

Será que o Arcano ainda estava dormindo? Parecia cansado quando encontrou Evangeline na cama dele. Ela imaginou que Jacks havia pegado no sono depois disso, e sabia, por experiência própria, que o sono do Príncipe de Copas podia ser bem profundo.

Decidiu dar uma olhada em como ele estava. O quarto de Jacks ficava à esquerda do seu e, logo de cara, viu que a porta estava entreaberta.

Talvez fosse mais prudente ter batido na porta, mas Evangeline foi vencida pela curiosidade. Espiou pela fresta.

Jacks estava acordado e parecia já ter se arrumado para o baile. Mas, se havia se aprontado para a festa ou para uma batalha, ela não saberia dizer.

O Arcano tinha duas espadas presas nas costas da camisa cinza-fumaça, de mangas arregaçadas acima dos cotovelos. A jovem conseguiu contemplar os músculos dos braços de Jacks antes que sua visão fosse bloqueada por manoplas de couro escuro na mesma cor das botas de cano alto e do cinto caído na cintura. Não havia nenhuma arma presa ao cinto. Mas, quando o olhar de Evangeline se dirigiu às pernas da calça justa e preta, viu duas tiras de couro que sustentavam uma série de adagas reluzentes.

Evangeline não sabia quem o traje representava, só sabia que seu coração batia sobressaltado ao observar o Príncipe de Copas parado na frente da lareira. Em uma das mãos, segurava uma maçã branca. A outra estava com o punho cerrado, com tanta força que as juntas estavam brancas.

E foi aí que Evangeline se deu conta de que Jacks não estava sozinho.

LaLa surgiu em seu campo de visão.

Era um contraste extremo de luz em relação a toda aquela escuridão de Jacks. A amiga estava fantasiada de sereia, com uma saia de lantejoulas verde-petróleo justa até os joelhos e que se abria até a altura dos pés. Os braços também estavam cobertos de lantejoulas, dos dedos até os ombros, onde as mangas eram presas nas tirinhas de pérolas do corpete cor de concha do mar.

A pele negra da barriga estava enfeitada com mais pérolas e pedras preciosas, causando um efeito realmente glamoroso. LaLa parecia pura magia e cem por cento Arcano. Também estava com uma expressão de que havia algo de muito, muito errado. Segurava, em uma das mãos, um pedaço de jornal amassado e, na outra, um cálice, do qual tomou um grande gole.

– Por que você não está na sua festa? – perguntou Jacks, com seu jeito arrastado.

– Acabo de ler algo alarmante.

Dito isso, LaLa enfiou a página de jornal nos punhos cerrados de Jacks.

O Príncipe de Copas olhou feio para o papel e declarou:

– Não leio tabloides.

– Deveria ler este. – LaLa tomou mais um gole, nervosa, e completou: – Kristof escreveu um artigo comentando que Evangeline está aqui. Não citou o nome dela, mas descreveu uma certa princesa de cabelo rosa.

Evangeline ficou com o estômago embrulhado de pavor. Chegou mais perto, temendo o que mais o tal artigo pudesse falar. Torceu para que não comentasse o tal encontro fortuito, mas já era ruim o suficiente o fato de ter revelado onde estava. Se permanecessem ali, era certo que Apollo fosse atrás dela. Mas, se fossem embora, talvez não encontrassem a pedra da juventude, e Evangeline tinha certeza de que a joia só podia estar ali.

– E também tem um cartaz de “procurado”, avisando que Tiberius fugiu da Torre – prosseguiu LaLa. – Meu palpite é que ele deve estar vindo para cá neste exato momento, com Apollo.

O Príncipe de Copas lançou um olhar fulminante e perguntou:

– E quem é o responsável por isso?

– Eu fiz o que precisava ser feito. – Nessa hora, o tom de voz de LaLa ficou mais ríspido. – Ela não conseguiria abrir o arco.

Evangeline foi cambaleando para trás. Não tinha ouvido direito. LaLa era sua amiga. LaLa não podia ser a pessoa que havia lançado a maldição do Arqueiro em Apollo.

Mas LaLa havia dito para Evangeline abrir o arco. E Jacks havia pedido para ela quebrar a maldição de Apollo. Talvez fosse por isso: porque foi LaLa quem lançou a maldição.

Evangeline olhou para a fantasia de garota-raposa que estava usando. Talvez não fosse coincidência o fato de a amiga ter lhe dado aquele vestido. Talvez fosse um empurrãozinho intencional. Será?

Ela não queria acreditar que a amiga seria capaz de trair sua confiança. E aí recordou do dia em que foi ao apartamento de LaLa. A certa altura, a amiga segurou sua mão e disse coisas sem sentido. Evangeline achou que era a maldição das histórias, confundindo suas palavras. Mas e se foi naquele momento que LaLa amaldiçoou Apollo e ela?

Evangeline continuou observando pela fresta da porta e viu Jacks se virar de frente para a lareira. Por um segundo, só conseguiu enxergar o Arcano sacudindo os ombros, furioso, e falar para as chamas:

– Se ela morrer, a culpa é sua.

– Evangeline não vai morrer se você a tirar daqui neste exato momento. – LaLa terminou de beber a taça de vinho e perguntou: – Você pode garantir a segurança dela?

O Príncipe de Copas olhou feio para a Noiva Abandonada.

– Não me olhe assim. Eu vi sua cara quando chegou aqui abraçado com ela – disparou LaLa.

– E que cara era essa?

– Cara de quem mataria por ela.

– Eu mataria por muita coisa.

– Só cuide para não matar *Evangeline*. Também vi como vocês dois se olham. Ontem à noite, quando entrei no salão, fiquei meio apavorada, achando que você ia tacar um beijo na menina em plena festa.

– Achei que você me conhecia melhor. – O olhar feio de Jacks foi lentamente se dissolvendo em um sorriso e, então, seus olhos brilharam, com aquele mesmo olhar primitivo que havia lançado para *Evangeline* na noite anterior. – Só estou dando o que a garota quer. Mas não se preocupe, não é *Evangeline* que *eu* quero. Dela, só quero que encontre as pedras.

– E você ainda acha que eu é que sou cruel.

Os sapatos de LaLa bateram no chão, cheios de raiva, e ela se virou para a porta, se preparando para ir embora.

*Evangeline* deu mais um passo cambaleante para trás e, em seguida, saiu correndo, antes que um dos dois descobrisse que ela estava ouvindo a conversa.

Se havia alguma magia de contentamento na pedra que *Evangeline* levava no pescoço, não devia estar funcionando, porque aquilo estava doendo – tudo doía. Acreditara que LaLa era sua amiga. Pensou que a Noiva Abandonada se importava com ela, mas, pelo jeito, LaLa era igualzinha a Jacks: só queria abrir o arco.

O peito de *Evangeline* arfava quando chegou ao salão de baile do Castelo de Massacre do Arvoredo.

Diante das portas escancaradas, criados ofereciam cálices de um vinho vermelho-escuro e de hidromel. Teria sido mais prudente não aceitar um desses cálices – *Evangeline* precisava encontrar a pedra da verdade e a pedra da juventude antes que Apollo ou Tiberius a encontrassem.

Mas ela só queria beber até se sentir melhor ou até não se importar com o fato de que, de repente, tudo tinha piorado – e realmente não havia ninguém em quem pudesse confiar.

Pegou um cálice e entornou de um gole só. Em seguida, colocou o cálice vazio na bandeja e pegou outro, cheio, para garantir que não iria ficar sem bebida.

Naquela noite, as bebidas estavam sendo servidas em cálices de madeira com hastas adornadas com ramos de bronze envelhecido entrelaçados a flores

trombeta-de-anjo. Os cálices cheiravam a maçã e sangue.

Ela ficou sem chão.

O aroma a fez lembrar da igreja do Príncipe de Copas. Mas, por sorte, Jacks ainda não entrara no salão de baile, que era todo de madeira. Na verdade, Evangeline não queriavê-lo.

Estava magoada com LaLa. Mas não queria nem pensar no que Jacks havia dito: “Estou apenas dando o que a garota quer. Mas não se preocupe, não é Evangeline que *eu* quero. Dela, só quero que encontre as pedras”.

Essas palavras fizeram Evangeline se sentir *tão* ingênua. Não parava de repetir que não devia confiar no Arcano, que Jacks não se importava com ela. Mas, em parte, realmente começara a acreditar que o Príncipe de Copas não queria proteger sua vida apenas porque precisava dela para abrir o arco.

Mesmo depois de tê-lo ouvido dizer para LaLa que não se importava com ela, que não a queria e que não corria o risco de matá-la porque estava apenas fingindo que se sentia atraído por Evangeline, a jovem continuava acreditando que Jacks estava mentindo.

Tomou mais um grande gole do cálice e se embrenhou na multidão de convidados fantasiados, determinada a ficar invisível entre eles.

Ainda bem que não era a única raposa daquela noite. Havia diversas outras pessoas fantasiadas de raposa, com vestidos de camponesa em tons pastel ou fantasiadas de raposa em si, com orelhas peludas e rabos costurados nos vestidos marrons. A fantasia de Arqueiro também era muito popular. Evangeline não sabia dizer com a mesma facilidade de quem eram as fantasias dos outros casais, mas viu alguns Honora e Lobric, Vingador e Glendora, sereias – e alguns sereios –, além de marinheiros prisioneiros com camisas esvoaçantes, que mais pareciam ter sido arrancados diretamente dos relevos esculpidos no arco que dava acesso ao Norte. Também viu uma garota fantasiada de sol, dançando com outra garota, fantasiada de lua. E, no centro da aglomeração, avistou um belo rapaz fantasiado de dragão, que rodopiava uma moça que mais parecia um tesouro reluzente.

Podia até ser efeito de todo o vinho que bebeu. Mas, por um instante, Evangeline teve a impressão de que não estava em um salão de baile – tinha a sensação de que estava no meio de centenas de histórias. Histórias de amor,

tragédias e lendas cujos finais se perdiam no tempo. E, de repente, tomada pela sensação de que a vida dela era uma dessas histórias, sentiu que também tinha deixado de lado suas preocupações. Ela já tinha uma leve percepção daquele pertencimento, mas só naquele instante percebera o que aquilo significava.

Casara-se com um príncipe, era parte de uma profecia e, naquele exato momento, estava procurando pedras mágicas que poderiam mudar o destino do mundo. É claro que contariam histórias a seu respeito – já estavam contando –, só que nunca lhe ocorreu que essas histórias eram algo mais, eram pedaços de uma história maior que estava se formando à medida que os vivenciava.

Mas, ao contrário de alguns personagens à sua volta, que eram fadados ao fracasso, Evangeline ainda tinha chances de encontrar um final feliz para sua própria história.

Não importava que, atualmente, a situação não estava ao seu favor, ainda mais com todas aquelas maldições e traições, todos aqueles príncipes mentirosos e assassinos. Nada disso queria dizer que ela estava fadada ao fracasso. Evangeline ainda acreditava que as histórias têm a possibilidade de infinitos fins e que teria um final dos bons – assim que encontrasse as duas pedras que faltavam.

Ouviu ruídos empolgados se espalharem pelo salão.

– Olhe só quem está aqui – cochichavam as pessoas. E então se seguiam frase cheias de palavras como “jovem”, “bonito”, “desimpedido”.

Em seguida, ouviu bem alto:

– Eva!

Um segundo depois, avistou Luc, que vinha na sua direção, usando um boné com uma pena e uma aljava nas costas, repleta de flechas com pontas douradas.

– Eu sabia que você estaria fantasiada de Raposa.

Evangeline não conseguiu segurar o sorriso. Luc estava, é claro, vestido de Arqueiro, uma atitude que teria achado absurdamente romântica há alguns meses – e, em parte, ela queria ceder e pensar que isso fora muito fofo da parte dele. Mesmo depois de ter sido enfeitiçado por Marisol, transformado em

pedra pelo Príncipe de Copas e, depois, virado vampiro, ainda possuía parte de sua humanidade. *Ao contrário de Jacks.*

– Acredito que você me deve uma dança – declarou Luc.

– Hoje não, garoto-vampiro.

Evangeline ficou toda tensa ao ouvir a voz grave de Jacks. E estremeceu quando o Arcano se aproximou, ainda com aquelas espadas presas às costas, parecendo mais um anjo da morte.

– Esta dança já foi prometida.

– Foi mesmo, e foi para mim – retrucou Luc, mostrando as presas.

Jacks apenas deu risada. O som de seu riso era musical e não combinava nem um pouco com o tom de voz que Evangeline ouviu em seus pensamentos.

*Você tem duas opções. Ou você dança comigo ou vai me ver usando uma dessas espadas para decepar a cabeça dele.*

A jovem cerrou os dentes e olhou feio para o Príncipe de Copas.

– É assim que convence as mulheres a dançar com você? Ameaçando matar os outros pretendentes?

– Não me provoque esta noite, Raposinha.

Jacks dobrou a mão livre, como se fosse pegar uma espada. Mas, em seguida, enlaçou a cintura de Evangeline de forma possessiva.

Ela sentiu um aperto no peito e sua pulsação disparou, mas sabia que não era por causa do Arcano. Era por causa do vinho, da pedra do contentamento e da raiva que ainda sentia, por causa das diversas maneiras pelas quais o Príncipe de Copas traíra sua confiança.

– Você tem que me soltar.

– Essa opção não está disponível. – Então olhou nos olhos de Evangeline, meio sem querer, como se quisesse ficar longe dela, mas não conseguisse evitar puxá-la para mais perto de si. – Você está correndo perigo de novo. Precisamos ir embora.

– Não, Jacks. Não vou a lugar nenhum com você. Ouvi você conversando com LaLa. Ouvi tudo o que você disse. Sei o que ela fez com Apollo. Sei que você escondeu isso de mim. E sei...

A jovem tentou dizer que sabia que o Arcano não sentia vontade de estar perto dela naquele exato momento. Mas não conseguiu pronunciar essas

palavras. Em vez disso, pôs as duas mãos no peito de Jacks e o empurrou.

Em seguida, deu as costas e saiu correndo.

O salão estava girando. Músicos tocavam violino no teto. Casais dançavam flutuando no ar impregnado de vinho. E as lantejoulas de LaLa estavam por toda parte. Pelo menos, foi essa a sensação que Evangeline teve quando saiu correndo da pista de dança, fugindo de Jacks.

Viu, de relance, LaLa de braço dado com Robin. O lorde estava com uma expressão extasiada, agora que a noiva chegara. Desde que saíra do quarto do Príncipe de Copas, a Noiva Abandonada havia trocado o cálice por um tridente, e o nervosismo por um sorriso de adoração. Mas Evangeline pensou que tudo poderia ser uma farsa, assim como fora sua amizade com ela. Será que LaLa era igual a Jacks e estava usando Evangeline para conseguir sabe-se lá o que de dentro do Arco da Valorosa?

Não queria acreditar nisso – tinha a sensação de que não era verdade. Mas estava com a cabeça zonza por causa do vinho e com o peito apertado por causa da mágoa; era difícil pensar com clareza. Só tinha certeza de que não suportaria outra traição. Queria apenas alguém em quem confiar. Será que era pedir demais?

– Você está com cara de quem precisa tomar um ar – declarou Petra.

E rapidamente deu o braço para Evangeline antes que desse tempo de ela fazer que sim com a cabeça.

Petra estava fantasiada de um dos personagens históricos que Evangeline não reconhecia. Usava um vestido longo bem decotado, de cota de malha branca, e um delicado diadema de prata no alto da cabeça, coroando o cabelo de luar.

– Venha comigo – insistiu. – Conheço um caminho secreto para sair daqui.

O estômago de Evangeline se embrulhou quando Petra a levou na direção de uma fonte da qual jorrava hidromel frisante. Não gostava daquela garota nem confiava nela. Mas, se permanecesse no salão, Jacks a encontraria. Nem

sabia como o Príncipe de Copas ainda não fizera isso. Mas não tinha coragem de olhar para trás e descobrir. Conversaria com o Arcano de novo quando o salão não estivesse girando e sentisse suas pernas mais firmes – naquele exato momento, seria muito fácil Jacks derrubá-la.

– Onde fica essa tal passagem secreta? – perguntou.

– Logo ali – respondeu Petra.

Na cabeça de Evangeline, tudo aconteceu muito rápido. Em um segundo, as duas estavam na entrada da pista de dança. Em seguida, já estavam nos bancos reservados às pessoas tímidas – vazios, já que aquele não era o tipo de festa para a qual os tímidos eram convidados.

– Acho que é esta.

Petra segurou a perna de um dos bancos, afastou-o da parede e revelou uma porta escondida.

– Por aqui – falou, apressada, quase dando a impressão de que também estava fugindo.

Evangeline sentiu um certo incômodo. Mas, em vez de ter apenas pedras cobertas de limo e teias de aranha, o outro lado era iluminado, o que a tranquilizou. A passagem era formada por paredes de gesso branco e iluminada por tochas. As paredes nada mais eram que esculturas de antepassados da família Massacre do Arvoredo.

Quer dizer, Evangeline torceu para que fossem esculturas. Algumas das figuras pelas quais passaram ao longo das paredes pareciam tão realistas que era possível imaginar, com facilidade, que aqueles eram cadáveres de verdade emparedados.

Ela diminuiu o passo, mas Petra segurou seu braço de novo e a pressionou a seguir em frente.

– Como você conhecia essa passagem secreta? – perguntou Evangeline.

– Ah – respondeu Petra, baixinho. – Já estive aqui centenas de vezes.

– Achei que você havia dito que teve sorte de ser convidada para esta festa.

– Eu menti. – Nessa hora, Petra se encolheu toda. – Quer dizer... eu só... – gaguejou. A hesitação pareceu particularmente estranha nos lábios da garota, parecia que se atrapalhar toda para responder a uma pergunta não era algo que

acontecia com frequência. – Compareço a festas neste local há muito mais anos do que os anos que você tem de vida.

Evangeline ficou com o estômago embrulhado de novo. E então sentiu a pedra do contentamento arder por baixo de seu vestido de bordado inglês. Só que, agora, não tinha mais tanta certeza de que aquela era mesmo a pedra do contentamento. Até então, não sentira muito poder emanando da pedra, mas agora parecia que a gema estava finalmente despertando. A jovem sentia que ela estava ganhando vida e poder. Só que esse poder não lhe passou uma sensação de alegria ou de contentamento, como esperava. Sentiu o calor escaldante da *verdade* – estava usando a pedra da verdade – e sentiu a joia dizendo para ela sair dali, ir embora, fugir, correr para salvar a própria vida.

O mundo, finalmente, parou de girar, e Evangeline se arrependeu de não ter pensado direito.

É claro que Evangeline estava pensando – só que um desses pensamentos era o de que, quando Jacks finalmente a encontrasse, ela teria uma sensação de triunfo ao ver a cara que o Príncipe de Copas faria ao descobrir que a jovem estava na companhia de alguém que o Arcano pedira para não estar. Agora, tinha a sensação de que o conselho a respeito de Petra fazia algum sentido.

Soltou o braço da outra garota e declarou:

– Vou voltar para o baile.

– Não, Evangeline. Receio que não.

Dito isso, Petra brandiu uma faca e a apontou diretamente ao coração de Evangeline.

A jovem deu um pulo para trás, mal se esquivando do golpe.

– O que você pensa que está fazendo?

– Não sou má pessoa... mas não quero morrer.

Petra atacou de novo e poderia até ter acertado, mas seu vestido longo de cota de malha, visivelmente, atrapalhava seus movimentos.

Evangeline se esquivou mais uma vez e segurou o pulso da outra garota. Preferia se arriscar a ter a mão cortada do que o pescoço. Mas o cabelo de Petra se mesclava a tudo. Em vez de segurar a faca ou o pulso, pegou um punhado de suas mechas de luar.

Puxou o cabelo de Petra. Foi só um puxãozinho, mas aquela cabeleira cintilante caiu inteira.

Evangeline soltou um suspiro de assombro. Era uma peruca. O cabelo verdadeiro de Petra era um amontoado cor-de-rosa, feito de mechas rosas com toques de dourado.

– O seu cabelo! É igual...

Evangeline ia dizer que o cabelo da outra garota era igualzinho ao dela, mas Petra não lhe deu oportunidade.

Tirou uma segunda faca das dobras do vestido.

Evangeline atirou a peruca na cara de Petra, ganhando alguns segundos de tempo. Sua cabeça lhe dizia para fugir. Mas estava ficando bem cansada de todo o tempo ter gente tentando matá-la. Em vez de sair correndo, foi para cima da outra garota e segurou os pulsos dela enquanto a visão de Petra ainda estava bloqueada.

– Por que você está tentando me matar?

A pedra que Evangeline levava no pescoço emanou uma nova onda de calor quando ela disse isso.

Petra se debateu, ainda segurando as duas facas, e sacudiu o rosto para se livrar da peruca. O suor grudava seu cabelo ouro rosê na testa, e a raiva manchava seu rosto de vermelho enquanto lutava para se livrar de Evangeline e do poder da pedra da verdade.

– Sei que você também é uma chave. E, se eu não te matar, você vai me matar para pegar a pedra que está comigo.

– Qual é a pedra que está com você?

– A pedra da juventude... Ai... – Petra, então, olhou feio para a corrente em volta do pescoço de Evangeline. – Pare de me fazer perguntas!

– Pare de tentar me matar... Não sou sua inimiga.

– É, sim. – Os ombros de Petra se curvaram e, por um instante muito breve, ela parou de se debater. – Eu já fui igual a você. Fui casada com um príncipe até ser acusada de um crime que não cometí. Depois, fiquei sabendo da profecia eachei que eu era especial. Que nada do que acontecia comigo era por acaso. Eu era a chave, a única garota coroada de ouro rosê que poderia destrancar o Arco da Valorosa. – Petra sacudiu a cabeça e soltou uma risada

desprovida de alegria. – Só que nem eu nem você somos especiais, Evangeline. Somos apenas ferramentas. Na verdade, aposto que eles nem vão te deixar usar as pedras que você encontrar. Caos não me deixou usar a que eu consegui localizar.

Evangeline tentou não esboçar reação. Caos havia lhe dito que a última chave morrera – disse que isso havia acontecido porque a pedra da sorte a tornara impulsiva demais. Só que a jovem achava que Petra não podia estar mentindo, já que a pedra da verdade estava tão próxima.

– Como você sabe que estou ajudando Caos?

– Porque já o ajudei. Eu achei a pedra da sorte para ele – explicou Petra –, mas Caos não confiou em mim e não permitiu que eu a guardasse. Colocou a pedra em um tipo de cofre para manter a *pedra* em segurança e não para *me* manter em segurança. Então, quando localizei a pedra da juventude e me dei conta de que, com ela, eu poderia continuar jovem e viver para sempre, simulei minha própria morte e desapareci. – Petra, nessa hora, deu um sorriso triunfante. – Só depois disso descobri o que as quatro pedras são capazes de fazer juntas. Mas suponho que não te contaram isso, contaram?

– É por isso que você está tentando me matar? Para conseguir pôr a mão em todas as quatro pedras?

– Não! – Petra inclinou a cabeça para trás e ficou com uma expressão absolutamente ofendida. – Só quero ficar com a minha pedra. Estou te contando isso para você saber que não pode confiar *neles*. Mas já percebi que você confia demais nos outros.

Os olhos de Petra assumiram um brilho tristonho poucos antes de ela jogar todo o peso de seu corpo nas mãos de Evangeline e fazêla bater as costas na parede oposta.

Os dentes de Evangeline rangeram, porque a cabeça bateu em uma das estátuas.

– Por favor, pare com isso... – gritou, ainda tentando segurar os pulsos de Petra. Não queria machucá-la, mas a outra garota não parava de se debater. Desvencilhou-se de Evangeline e quase cortou o rosto dela com uma das facas. Isso deu a Evangeline a força para cerrar os dentes e esmagar os dedos de Petra contra a parede com tanta força que ela deixou cair as duas facas.

As adagas caíram no chão, cada uma para um lado, fazendo ruído.

Evangeline não quis tentar pegar uma delas, mas Petra não titubeou, pegou a outra faca e se aproximou. Não ia desistir. Evangeline se perguntou se fora por isso que vira Petra rondando na noite anterior – se a vira saindo não do quarto de Jacks, mas do dela, porque pretendia matá-la enquanto dormia.

A chama das tochas bruxuleava a cada passo que Petra dava, a fumaça serpenteava entre as duas, em uma distância cada vez menor.

– Por favor, pare.

As mãos de Evangeline estavam úmidas de suor e de pavor, mas ela pegou a outra faca e a brandiu feito um escudo.

– Não sou mesmo má pessoa – insistiu Petra. E, por um segundo, seu olhar parecia mesmo arrependido, mas não parou de andar nem baixou a faca. – Não que eu queira fazer isso, mas assim que a vi aqui, tive certeza...

Evangeline apunhalou o peito de Petra com a adaga, bem no decote do vestido de cota de malha.

A garota soltou o pior ruído que Evangeline já ouvira na vida. Ou, talvez, fosse apenas aquele terrível zumbido em seus ouvidos, a onda súbita de horror e arrependimento que a engoliu no mesmo instante em que apunhalou a outra garota. Não era isso que ela queria. Queria tirar a faca. Queria voltar atrás.

Uma risada gorgolejante subiu pela garganta de Petra, enquanto o sangue jorrava de seu peito.

– Já fui igual a você... agora... você é... igualzinha... a mim.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Evangeline, que soltou a faca e se afastou do corpo de Petra. O corpo imóvel da outra garota estava no chão, em uma poça de sangue. Ela nunca vira tanto sangue na vida. Quando achou que Apollo tinha morrido, não havia sangue. O príncipe apenas parou de se mexer.

Mas o sangue de Petra estava bem ali. Vermelho, grosso e incriminador. Apesar de a faca ainda estar cravada em seu peito, o sangue tinha ensopado o vestido de cota de malha branca e se esparramava pelo piso.

Evangeline começou a tremer – ou talvez já estivesse tremendo.

Tinha matado aquela garota. Escolhera a própria vida em detrimento da vida de Petra. Jacks a alertara de que isso aconteceria. Ela mataria alguém por causa das pedras. Evangeline tinha jurado que jamais mataria ninguém. Mas, no instante em que ficou diante dessa opção, ela matou sem pensar duas vezes.

Sim, Petra a atacara, mas não estava brandindo uma faca quando Evangeline a apunhalou. A jovem estava levando as mãos ao rosto, então percebeu que também estavam sujas de sangue. Passou as mãos na saia do vestido, em uma tentativa de limpá-las, o que quase piorou as coisas: parecia que estava tentando limpar não apenas o sangue, mas o que havia feito.

– Raposinha! – A voz aflita de Jacks chegou acompanhada pelo som de passos correndo.

Ela tremeu ainda mais. Não queria que o Príncipe de Copas a encontrasse naquele exato momento, muito menos daquele jeito. Estava tremendo, coberta de sangue e se sentia fraca demais para encará-lo. Entretanto, nunca ficou tão aliviada de ver o Arcano.

– Jacks... – O nome dele saiu de seus lábios feito um pranto. Evangeline sabia que o Príncipe de Copas não era nenhum salvador, mas não queria um salvador naquele exato momento. Não queria alguém que a abraçasse enquanto

chorava e lhe dissesse que tudo ficaria bem. Queria fúria, queria raiva, queria um vilão que lhe dissesse que tinha feito exatamente o que precisava fazer.

– O que aconteceu?

Jacks diminuiu o passo à medida que se aproximava, e seu olhar furioso ora se dirigia ao sangue, ora a Petra e ora a Evangeline.

– Eu matei... – gritou Evangeline.

Pronunciar aquelas palavras fez aquilo tudo ser ainda mais real e, de repente, a culpa foi insuportável. Sentiu um aperto no peito. Não conseguia respirar. Mal conseguia ficar de pé. Jacks a apertou contra o peito. Ele a protegeu como quem protege um segredo, puxando-a bem para perto de seu coração, que batia sobressaltado. A jovem recordou de que prometera não permitir mais carícias do Arcano. Mas tinha a impressão de que, caso se desvencilhasse de Jacks, iria se desfazer em mil lágrimas.

Evangeline se deixou encostar no Príncipe de Copas, que passava a mão no cabelo dela e também apertava de leve sua cabeça contra o próprio ombro. Ele colocou a outra mão na sua cintura, segurando a fita que a envolvia, como se soubesse que, se a soltasse, Evangeline desmoronaria.

Ela tentou segurar as lágrimas, mas chorou de soluçar até a camisa de Jacks ficar úmida.

– Sou uma assassina.

– Ela está com uma faca na mão – disse Jacks. – Obviamente, teria te matado se você não tivesse impedido. Você não fez nada de errado.

– Mas não parece certo.

– Nunca parece.

Jacks soltou a fita da cintura de Evangeline com todo o cuidado e lentamente passou a mão nas suas costas.

A jovem respirou fundo, trêmula. Chegara a pensar que não queria um salvador. Mas, talvez, uma parte dela precisasse de um. Ou, talvez, apenas precisasse *dele*. Em outro momento, teria se sentido culpada por pensar isso, mas matara uma pessoa naquela noite. Comparado a isso, não parecia muito errado desejar que Jacks a abraçasse mais apertado até que o corredor, o cadáver e aquela noite terrível sumissem e restassem apenas os dois.

A mão de Jacks parou de repente.

– É melhor você voltar para o seu quarto agora. Faça uma mala que consiga carregar sozinha. Já vou até lá te buscar.

– Mas... ela...

– Vou dar um jeito nisso.

O Príncipe de Copas, então, soltou a jovem. Evangeline se sentiu entorpecida no mesmo instante em que Jacks tirou os braços. Ficou tentada a desmoronar de novo quando lançou um olhar para Petra, caída no chão e com uma auréola de cabelo ouro rosê, igualzinho ao seu. O sangue de Petra tinha parado de jorrar, e o cadáver não se mexia, mas Evangeline ainda conseguia ouvi-la, dizendo, em tom de acusação: “Já fui igual a você, agora, você é igualzinha a mim”.

– Ela não merece que você se sinta culpada – declarou Jacks. Os olhos dele ficaram impassíveis, mais prateados do que azuis, ao fitar o cadáver. – Existem heróis e existem vilões. Ela fez uma escolha entre esses dois caminhos e teve o fim que acompanha tal escolha.

O Príncipe de Copas pronunciou essas palavras com os dentes cerrados, e Evangeline, de súbito, ficou com medo de que o Arcano não estivesse falando apenas de Petra, mas de si mesmo.

– É melhor você ir agora.

Talvez aquela fosse a primeira vez que Evangeline queria fazer o que Jacks mandava, mas ainda não podia ir embora dali. Afastou-se do cadáver com um passo trôpego.

O Príncipe de Copas franziu a testa.

– Ela era outra chave – disse Evangeline.

– Percebi, pelo cabelo.

– Ela está com uma das pedras... ou falou que estava.

A jovem não levantou a cabeça para ver como o Arcano reagiria àquela notícia nem para ver a cara que ele faria vendo que ela se abaixava para se aproximar do corpo. Tinha a sensação de que era errado demais vasculhar o cadáver de Petra em busca da pedra. Só que tanto a vida de Evangeline quanto a de Apollo dependiam disso.

Teve a impressão de que seus dedos se atrapalharam todos para tirar a primeira luva das mãos de Petra. Esperava encontrar um anel ou uma pulseira,

mas o braço da outra garota estava desprovido de joias.

– Petra te disse qual das pedras estava com ela? – perguntou Jacks.

– A pedra da juventude.

Assim que tirou a outra luva de Petra, o braço de Evangeline ficou todo arrepiado.

Um bracelete reluzente, com uma pedra brilhante bem no meio, enfeitava seu pulso. A pedra era do mesmo tom perfeito de azul dos olhos sobrenaturais de Jacks.

Evangeline não queria encostar na pedra. Na noite anterior, achou que a joia era perigosa, quando a fez sentir um ciúme que beirou à loucura. Agora, recordou do aviso que Jacks lhe dera assim que chegaram ao castelo: “Se as pedras estiverem aqui, vai morrer gente nesta festa”.

E agora alguém tinha mesmo morrido, mas não foi apenas por causa do poder das pedras, foi por causa da missão de abrir o arco. Evangeline, mais uma vez, imaginou o que poderia estar contido dentro dele. O que poderia ter de tão valioso ou tão perigoso que precisava ser trancafiado com profecias que mudaram o curso da vida das pessoas, além de pedras mágicas que só seriam obtidas por meio da morte de alguém?

– Evangeline – Jacks falou baixinho, mas com um tom aflito. – Não podemos nos demorar. Você precisa fazer sua mala. Eu me encarrego da pedra.

Havia tanto sangue no vestido bordado de Evangeline. Uma das raposas estava coberta por uma grande mancha vermelha. Precisava limpá-la. Precisava trocar de roupa e arrumar a mala. Tinha matado alguém e, graças ao artigo escrito por Kristof, Apollo e Tiberius poderiam estar a caminho dali naquele exato momento, para matá-la.

Só que Evangeline estava se sentindo assoberbada.

O que deveria fazer primeiro? Tirar as roupas ensanguentadas? Limpar o sangue que sujava seu rosto e aquelas manchas vermelhas das mãos? Ou será que deveria fazer a mala? E o que se coloca dentro de uma mala quando se está fugindo para salvar a própria vida?

Levara tantos vestidos de festa para a casa de LaLa, mas naquele momento não lhe serviriam para nada.

Precisava de uma capa, de botas e...

Pelo espelho do guarda-roupa, viu que a porta do quarto se entreabriu.

Evangeline ficou bem parada, ou pelo menos tentou, mas os braços e as pernas voltaram a tremer enquanto observava uma bota de couro entrar – uma bota de couro que não era de Jacks.

– Eva, você está aqui? – Em seguida, a cabeça de Luc apareceu na porta. – Fiquei preocupado com...

O garoto-vampiro arregalou os olhos assim que a viu e suas presas cresceram por causa do sangue no vestido e no rosto dela.

O peito de Evangeline explodiu de pânico.

– Luc, é melhor você ir...

– Você está sangrando! – Seu tom era de preocupação, mas os olhos estavam em chamas de tanta fome. – O que aconteceu?

– Esse sangue não é me... – Antes que Evangeline tivesse tempo de terminar a frase, foi acometida por uma dor que desceu pelas suas costas, em pontadas terríveis. – Ai!

Doía tanto que ela não conseguia respirar. Inclinou o tronco, mal conseguia ficar de pé, porque sentiu a pele das costas se partir.

– Eva!

Em um piscar de olhos, Luc já estava com o braço envolvendo sua cintura, para impedir que ela caísse no chão. Mas isso não deteve a dor.

Ardia. Doía. Sangrava.

Evangeline viu, de relance, as presas dele crescerem, mas não podia fazer nada para se desvencilhar de Luc – só conseguia pensar na dor. De início, não sabia o que estava acontecendo. Pensou que, talvez, estivesse sendo castigada por ter matado Petra. Mas aí se lembrou de Apollo e da maldição espelhada. O príncipe estava sofrendo alguma tortura e, por conseguinte, Evangeline também. Ela sentiu o sangue empapar o vestido e gritou de novo.

– Ahhh...

– Ai, meus deuses, Eva... suas costas!

A voz de Luc deixava transparecer a fome que sentia, e o braço que envolvia a cintura dela trazia uma sensação quase dolorosa de tão quente.

– Sai de perto dela, Luc! – urrou Jacks, parado perto da porta.

Evangeline tentou explicar para ele que aquilo não era culpa de Luc – Apollo estava sendo torturado e alguém precisava salvar a vida do príncipe –, mas só conseguia gemer. Não conseguia sequer enxergar nada além da espada que o Príncipe de Copas brandia – ficar de olhos abertos já era um esforço tremendo.

– Calminha aí... não fui eu – protestou Luc, mas a voz do garoto-vampiro parecia abafada e distante. – Ela foi possuída por alguma coisa.

– Apollo – resmungou Jacks.

– Ela está possuída pelo espírito do marido morto? – perguntou Luc, largando o corpo de Evangeline, que bateu no chão.

O Príncipe de Copas rosnou.

Evangeline se encolheu toda. A dor era tanta que a queda não fez muita diferença.

– Olhe para mim, menino-vampiro, e ouça com muita atenção, senão Evangeline vai morrer – declarou Jacks, entredentes. – Você precisa ir buscar Caos. Agora.

– Ah, ele não está muito contente comigo neste exato momento. Era para eu ficar bem longe de Eva...

– Isso não importa! – interrompeu o Arcano. – Evangeline pode morrer ainda hoje! Vá até Caos e peça para ele encontrar e resgatar Apollo. Depois é preciso garantir que os ferimentos do príncipe cicatrizem. Você consegue fazer isso?

– Sim.

– Então por que ainda está aqui? – vociferou Jacks.

Em seguida, ouviu-se o *vush* dos passos de Luc.

– Evangeline...

A voz grave de Jacks parecia vir de longe, mas ele deveria estar ali, porque a jovem sentia sua presença. Sentiu os braços frios do Arcano passando delicadamente por baixo de suas pernas e de seu pescoço, com todo o cuidado, e a segurar no colo, perto do peito.

– Dói, Jacks.

– Eu sei, meu amor. Vou te levar para um local seguro.

Evangeline sentiu mais uma chicotada na pele e gritou de dor. Era uma dor das labaredas do inferno. Tinha uma vaga consciência de que estava mordendo alguma coisa e receava que fosse o pescoço de Jacks.

– Está tudo bem – disse o Príncipe de Copas, um tanto rouco. – Estou aqui. Você só não pode dormir, Raposinha.

Ele não parava de insistir para que Evangeline continuasse acordada, mas a jovem só queria desmaiar.

Houve minutos em que o sofrimento foi tão intenso que ela não conseguia respirar. A dor açoitava as suas costas. As pernas ficaram bambas. Os dentes rangiam. Tinha a sensação de que sua vida inteira doía. Sentia Jacks tirando o cabelo grudado na testa suada ou colocando a mão gelada em seu rosto.

A cabeça de Evangeline caiu no ombro do Príncipe de Copas. Os dois estavam em um trenó, e ela estava sentada no colo do Arcano, que a abraçava bem junto do peito, com o braço na cintura dela, tão para baixo que, na verdade, não estava mais na cintura. Só que as costas de Evangeline eram puro fogo – qualquer coisa que encostava ali ardia.

– Estamos quase chegando – sussurrou Jacks.

A jovem teve vontade de perguntar “onde”, mas estava com a garganta dolorida demais, de tanto gritar. Só conseguiu entreabrir os olhos. O mundo estava cinza. Nem noite nem dia, apenas cinza. Cinza como a morte, coberto por uma névoa que tinha gosto de fumaça.

Ela pensou que, talvez, isso significasse que estava morrendo. Em seguida, o trenó disparou para a frente, entrando a toda velocidade em uma estrada desolada, passando por uma placa desbotada pela ação do tempo que dizia “Bem-vindos à Grande Quinta do Arvoredo da Alegria!”.

Evangeline não podia acreditar que Jacks a levara para aquele lugar. Não conseguia se lembrar por quê. Estava doendo demais para pensar com clareza.

Mas sabia que aquele não era um lugar alegre, principalmente para o Príncipe de Copas.

As borrifadas de gelo e de neve a faziam tremer. Jacks dirigia o trenó a uma velocidade cada vez maior, com movimentos mais bruscos. Foi passando pelas ruínas da mansão e adentrando a amaldiçoada floresta de Arvoredo da Alegria. Toda vez que Evangeline entreabria os olhos, só via árvores esqueléticas e mais daquele cinza desesperador.

Em um desses momentos, teve a sensação de ter visto algum verde, uma pequena folha corajosa o bastante para viver no meio daquelas trevas. Aquilo só podia ser uma ilusão, um delírio de sua cabeça, que estava por um fio. Mas, em seguida, viu mais uma, depois mais outra. Uma copa de um verde glorioso. Em pouco tempo, podia dirigir o olhar para qualquer lugar que enxergava luz do sol, árvores salpicadas de neve e passarinhos azuis cantantes. Evangeline ficou com receio de estar confundindo realidade e fantasia.

As flores apareceram em seguida, em tons delirantes de amarelo, rosa e azul-sereia. Uma fileira delas, acompanhando uma estrada em declive que levava a um vale onde havia uma stalagem, um lago e uma placa envelhecida, onde estava escrito “Bem-vindo à Grotta!”.

Aquele nome não lhe era familiar. Não deveria ser de uma das Grandes Casas ou, talvez, Evangeline simplesmente não conseguisse se lembrar. O trenó passou, fazendo muito barulho, por outras placas entalhadas, que indicavam lugares que Evangeline não conseguia ver direito. Até que, por fim, pararam em uma stalagem que não tinha como ser real. Só podia fazer parte de um sonho.

O telhado estava coberto por enormes cogumelos vermelhos de pintas brancas, onde cochilavam dragões minúsculos. Além disso, tinha flores – tão grandes que eram do tamanho de uma criança pequena, com pétalas de cores vivas em todos os tons, e deram a impressão de se enrijecer quando os dois chegaram.

Jacks a pegou no colo com um movimento rápido e a carregou até o interior da stalagem.

A pele de Evangeline formigou imediatamente por causa do calor do recinto, que a convidou a permanecer de olhos abertos. Era uma luta – o corpo ferido implorava para ela descansar –, mas ela queria saber por que sentia cheiro de sidra com especiarias e pão recém-assado e como aquele lugar

conseguira passar a sensação de estar em casa, apesar de ter certeza, mesmo em seu estado atual, de que jamais pusera os pés naquele lugar.

Perto da porta elevava-se um relógio alto, de cores chamativas e pêndulos de pedras preciosas. Mas, em vez de dar as horas, anunciava nomes de comidas e bebidas. Coisas do tipo “raviolis com carne”, “caldeirada de peixe”, “cozido misterioso”, “chá com torradas”, “mingau”, “cerveja preta”, “cerveja”, “hidromel”, “vinho”, “sidra”, “torta de mel”, “pavê de amora” e “bolo floresta negra”.

Assim que entraram, ela ficou esperando que um estalajadeiro de barba comprida e risada alegre aparecesse para cumprimentá-los. Mas as botas pesadas de Jacks foram as únicas a se movimentar no chão de madeira rústica.

*Que lugar é esse?*, pensou Evangeline.

O Príncipe de Copas não respondeu. Foi subindo as escadas sem dar indicação de ter ouvido o pensamento da jovem. Talvez a magia do lugar tivesse cortado o elo entre os dois. Ou ela simplesmente estava cansada demais.

Velas lançavam uma luz cintilante e o fogo ardia nas lareiras, mas ninguém apareceu. Imagens de contos de fadas revestiam todas as portas fechadas do segundo andar: um coelho dentro de uma coroa, um cavaleiro segurando uma chave em forma de estrela, um *goblin* confeiteiro, distribuindo doces.

Jacks passou, apressado, por todas as portas, levando Evangeline no colo. Subiu mais dois lances de escada e chegou a uma porta dupla antiga, de vidro, que conduzia a uma ponte em arco ainda mais antiga que levava a um denso arvoredo, com neve no alto da copa.

– Fique acordada só mais um pouquinho – murmurou o Príncipe de Copas.

E, em seguida, abriu as portas.

Evangeline aninhou a cabeça no peito do Arcano, preparando-se para a volta do frio. Mas, em vez de uma sensação gelada, a temperatura apenas causou uma sensação borbulhante na pele, o que lhe trouxe um certo alívio.

Foi aí também que ela se deu conta de que, apesar de ainda estar com dor, não sentira mais nenhum golpe nem nenhuma chicotada desde que haviam chegado àquele lugar, seja lá qual fosse. Imaginou que, talvez, pudesse ser efeito de alguma outra espécie de magia, que só existia ali. Ou que alguém estava

cuidando de Apollo. Lembrou-se de que Jacks havia mandado Luc pedir para Caos levar Apollo até um lugar seguro e torceu para que isso estivesse acontecendo.

Mais passarinhos da neve chilrearam uma melodia alegre quando a ponte chegou ao fim, diante de uma porta arredondada, escondida entre os galhos de uma árvore, bem lá no alto.

Jacks respirou fundo, e Evangeline sentiu o peito do Príncipe de Copas subindo e descendo, encostado no dela. Então passaram pela porta e entraram em um chalé, que era um tanto pequeno. Ali não havia lareira nem velas e, sabe-se lá como, o lugar era quente e iluminado pelo sol, que brilhava através das muitas janelas. Essas muitas janelas ficavam cuidadosamente encaixadas entre os galhos, de um jeito que tornava difícil distinguir onde o vidro começava e a árvore terminava.

Talvez o ambiente tivesse alguns móveis, mas Evangeline estava com a visão periférica tão borrada que foi difícil ter certeza absoluta.

A cama mais parecia um amontoado de colchas velhas de estampa desbotada. Jacks colocou cuidadosamente a cabeça dela em cima do travesseiro e a deitou de bruços. Os cobertores eram macios como pareciam ser. Mas, mesmo assim, ela chiou de dor, porque as cobertas pinicaram suas costas machucadas.

– Desculpe, Raposinha.

O Arcano, então, afastou o cabelo que ficara grudado na testa da jovem, e ela teve a sensação de estar em um delírio febril. Ou, talvez, estivesse mesmo morrendo, e era por isso que Jacks estava sendo tão carinhoso.

– Já volto – disse ele, com um tom suave.

Os olhos de Evangeline foram se fechando e, em seguida, ela ouviu os passos do Arcano, leves como uma pluma, como se Jacks não quisesse acordá-la.

As pálpebras dela se abriram. Esperava que Príncipe de Copas voltasse com alguma espécie de curandeiro. Mas voltou sozinho, com os braços cheios de coisas.

Colocou tudo no chão de madeira perto da cama e então tirou, com todo o cuidado, o cabelo das costas e dos ombros de Evangeline.

– Preciso cortar seu vestido.

E foi esse o aviso que ela recebeu antes de ouvir o ruído da faca rasgando o vestido empapado de sangue, das clavículas até a cintura.

Por um instante, Evangeline esqueceu como respirar.

A cabeça ficou ainda mais zonza com a sensação de ter as mãos de Jacks tirando delicadamente o vestido na parte das costas. O processo era excruciante de tão lento. Diversas vezes, o Príncipe de Copas fez *shhh* baixinho, com os dentes cerrados, e ela pensou que suas costas provavelmente estavam um desastre. Mas Jacks não disse uma palavra a respeito. Apenas continuou limpando os ferimentos com todo o cuidado, passando paninhos úmidos e gelados. Ardia toda vez que o tecido encostava em um corte. Mas aí os dedos do Príncipe de Copas a acalmavam, acariciando o lado das costelas que não estava ferido, às vezes com as juntas, outras com as pontas, e a jovem precisava se segurar para não soltar um suspiro.

– Você faz isso muito bem – murmurou. – Costuma viajar com garotas que foram açoitadas?

O comentário lhe rendeu uma leve risada.

– Não. – Então, bem baixinho, enquanto passava um pano na parte mais baixa das costas, logo abaixo da cintura, Jacks perguntou: – Você ficaria com ciúme caso eu viajasse?

Evangeline pretendia responder algo como “não sou uma pessoa ciumenta” mas as palavras que saíram foram:

– Claro que sim.

O Arcano deu risada, mais alto desta vez.

A vergonha se avolumou dentro de Evangeline.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Tudo bem. Eu, provavelmente, mataria se encontrasse um homem com você nesse estado.

As mãos de Jacks exerceram um pouco mais de pressão ao chegarem nos ombros e, uma por uma, arrancaram as mangas do vestido, e o que sobrava do traje saiu completamente.

Ela soltou um ruído que ficou entre um gritinho e um suspiro de assombro.

- Isso era mesmo necessário?
- Não, mas todo mundo precisa ter as roupas arrancadas em algum momento da vida.

Evangeline pensou que Jacks estava tentando distraí-la de toda aquela dor. Mas, mesmo assim, ficou corada, das bochechas até o peito.

Pelo canto do olho, pensou ter visto o Arcano sorrir.

E, por um segundo, nada doeu.

O Príncipe de Copas se afastou dela e voltou, instantes depois, com um pano dobrado que tinha um certo cheiro de floresta, de limpeza, fresco e amadeirado.

– É melhor apoiar os braços nisso aqui.

– Para quê?

– Preciso te enfaixar.

Evangeline sentiu um frio na barriga ao se dar conta do que isso queria dizer: para enfaixar suas costas, Jacks teria que passar o pano em volta da barriga e do *peito* desnudo dela.

– Posso fechar os olhos – disse ele –, mas aí vou ter que ficar te apalpando.

Evangeline sentiu um frio ainda maior na barriga, junto com a estranha sensação de que, ao contrário do comentário que fizera há pouco, desta vez Jacks não estava brincando. Só de pensar ficou levemente tonta e apoiou os cotovelos no monte de tecido.

Fechou os olhos por alguns instantes, mas com isso só conseguiu ficar ainda mais ciente da respiração do Príncipe de Copas roçando seu pescoço, porque o Arcano estava atrás dela e com a mão gelada em sua barriga à mostra. Estava ajudando Evangeline a levantar do colchão, mas ela só conseguia pensar que os dedos de Jacks estavam esparramados em sua pele nua.

– Não se esqueça de respirar, Raposinha, senão as faixas vão ficar muito apertadas.

Ela respirou e tentou se concentrar na neve que caía, feito pluma, do outro lado das janelas. Caía flutuando em flocos de sonho e Jacks começou a enrolar o tecido em volta do corpo dela. Era cuidadoso com a faixa, mas um pouco atrapalhado com as mãos – toda vez que ele dava uma volta com o tecido, a

jovem sentia as pontas geladas dos dedos do Arcano roçarem na barriga, nas costelas e, ocasionalmente, nos seios.

Cada mínimo toque causava uma descarga de eletricidade na pele de Evangeline e, quando deu por si, ela estava querendo chegar mais perto. O que era absurdo: estava ferida e Jacks estava apenas cuidando de seus ferimentos. Mas tinha a sensação de que não era só isso, de que era algo *mais*. Ou, talvez, simplesmente quisesse que fosse algo mais – talvez, quisesse *Jacks*.

Imediatamente, tentou expulsar esse pensamento. Não podia *querer* Jacks. Mas era difícil pensar em todas as coisas terríveis que o Arcano havia feito enquanto ele estava ali, enfaixando seu corpo. Sentia a respiração do Príncipe de Copas em seu pescoço e, por um segundo, desejou que a história dos dois pudesse ter um final diferente.

Esse pensamento foi instantaneamente seguido por um calorão de culpa e pela lembrança de Apollo dizendo que queria tentar ficar com ela.

Mas, aí, Evangeline sentiu as mãos do Arcano de novo e desejou que estivesse tentando salvar a vida de Jacks e não a de Apollo.

Fechou os olhos, proibindo todos os pensamentos relacionados a Jacks e tentando se convencer a pensar apenas em Apollo – ou em qualquer coisa, na verdade, menos em Jacks. Quando tornou a abri-los, concentrou-se nos galhos entrelaçados que ajudavam a formar as paredes do chalé aconchegante. E foi aí que reparou em uma fileira vertical de marcas na madeira. O tipo de marca que as crianças fazem para medir a altura.

Pelo jeito, as marcas registravam cerca de cinco anos de medidas, e havia cinco nomes gravados ao lado delas:

*Aurora  
Lyric  
Castor  
Jacks*

Evangeline não sabia ao certo o que fez seu coração parar de bater: se foi o fato de o nome do Príncipe de Copas estar escrito naquela parede ou do quinto nome que aparecia, perto do topo, durante o último ano registrado:

*Arqueiro*

A cabeça de Evangeline, que já estava zonza, começou a girar. Se o nome de Jacks estava gravado naquela parede, junto dos demais integrantes do Trio de Arvoredo da Alegria, ele estava dizendo a verdade aquele tempo todo: ele não fazia parte do Trio de Arvoredo da Alegria.

Ficou chocada com o fato de o Príncipe de Copas ter sido tão sincero. Mas também sentiu uma leve pontada de decepção por ter se enganado tanto. Só que, talvez, não estivesse completamente enganada. Mesmo que Jacks não tivesse feito parte do Trio de Arvoredo da Alegria, ficava claro que fora amigo de seus integrantes. Provavelmente tinham passado férias ali. E, talvez, o que quer que tenha acontecido no passado ainda guardava alguma relação com o motivo para o Arcano querer abrir o Arco da Valorosa.

Para abrir o arco, Jacks virara a vida de Evangeline de pernas para o ar, a levou para o Norte, amaldiçoou um rapaz para que a jovem se casasse com ele, a transformou em fugitiva e, sem dúvida, fizera incontáveis outras coisas, e Evangeline queria saber por quê.

Como, até então, Jacks nunca respondera às suas perguntas, Evangeline duvidava que ele lhe contaria alguma coisa. Mas, quem sabe, pudesse fazê-lo revelar algo que poderia dar algum indício do que o Arcano queria.

– Você pode me falar desses nomes gravados na madeira?

Jacks parou de movimentar os dedos e respondeu:

– Esqueci que estavam aí.

Em seguida, voltou a enfaixá-la, com um pouco menos de delicadeza. Evangeline se encolheu de dor quando ele apertou o tecido.

Mas isso não iria detê-la.

– Por que esses nomes estão aí? – insistiu.

– A gente media a altura nesta parede.

– Isso eu já entendi, Jacks. Quero saber qual era a relação de vocês. Você disse que não fazia parte do Trio de Arvoredo da Alegria, mas não comentou que era amigo deles.

– Eu só era amigo de Lyric e de Castor.

– E Aurora e o Arqueiro?

– Aurora era uma praga, e não posso dizer que o Arqueiro era meu amigo.

O Príncipe de Copas terminou de enfaixá-la e prendeu a faixa tão apertado que ela ficou sem ar.

– Por que...

– É melhor você dormir um pouco – interrompeu o Arcano.

– Não estou mais cansada – mentiu Evangeline.

Jacks lhe lançou um olhar fulminante e disse:

– Agora há pouco você estava toda esfolada.

– Exatamente, e estou me sentindo muito desperta. – Na verdade, Evangeline se sentia inundada de fadiga. Como Jacks não estava mais tocando seu corpo, não sentia mais tanta adrenalina. Mas, sabe-se lá como, deu um jeito de disfarçar um bocejo dando um sorriso e falou: – Se quer que eu durma, conte uma história de ninar.

– Essa não é uma história de ninar, Raposinha.

– Assim como a maioria dos contos de fadas.

As rugas em torno da boca de Jacks ficaram mais pronunciadas.

– E tampouco é um conto de fadas. Contos de fadas têm heróis. Mas todos os heróis dessa história morreram, no mesmo dia, na Quinta do Arvoredo da Alegria. – Nessa hora, Jacks olhou para as marcas gravadas na parede. Seu olhar ficou distante e um tanto perdido, o que fez Evangeline supor que o passado não era um lugar que o Príncipe de Copas visitava com frequência. – Éramos todos meio parecidos com você naquela época, burros ao ponto de acreditar que, se tivéssemos as atitudes corretas, tudo daria certo. Lyric era bom, Castor era nobre, e eu...

Ele ficou em silêncio por alguns instantes, sacudindo a cabeça com um ar sombrio, como se não tivesse o costume de pensar em seu antigo eu.

– Tentei ser o herói da história naquele dia, na Mansão Arvoredo da Alegria, quando Vingador atacou. Não estava lá quando tudo aconteceu.

Quando cheguei, todos estavam mortos, menos Castor.

Evangeline viu a expressão de Jacks ficar tomada pelo arrependimento.

– Ele tinha levado uma facada nas costas e eu, sendo tolo, achei que poderia salvar sua vida. A mãe dele, Honora, era a melhor curandeira de todo o Norte. E eu acreditei que, se conseguisse levar meu amigo até ela rapidamente, Honora poderia curar o filho. Mas... – O Príncipe de Copas deixou a frase no ar. Evangeline percebeu, pela expressão do Arcano, que ele não tinha chegado a tempo. – A vida não é uma contadora de histórias bondosa. E eu não nasci para ser salvador.

Jacks fez que ia embora.

– Você está enganado. – Evangeline segurou a mão do Príncipe de Copas. Não com a força que gostaria. O cansaço estava começando a se apoderar dela, mas apertou tanto quanto conseguiu. Queria relembrar Jacks de que ele a abraçara quando chorou, a carregara quando sangrou, enfaixara seus ferimentos. Mas a cabeça estava ficando tão pesada que só conseguiu dizer: – Esta noite, você salvou minha vida.

– Não, impedi que você morresse. Não é a mesma coisa.

Jacks, então, se desvencilhou de Evangeline e foi embora abruptamente.

Evangeline não se lembrava de ter fechado os olhos. Mas mais tarde, quando os abriu, o chalé na árvore estava na penumbra, e ela ficou com medo de estar sozinha. Não sabia se Jacks tinha voltado para ver como ela estava, depois de ter levado seus apetrechos embora. Queria pensar que o Príncipe de Copas não a abandonaria ali, ferida daquele jeito, mas o Arcano já fizera coisas parecidas.

– Jacks – sussurrou.

Como ele não respondeu, tentou falar mais alto:

– Jacks?

O chão rangeu, mas foi o único ruído. Ali dentro, estavam apenas Evangeline, uma pilha de cobertores e uma dor persistente.

Com todo o cuidado, ela se apoiou nos braços para se levantar. As costas inteiras arderam com esse movimento, mas não foi tão terrível assim. Além do mais, não conseguia ignorar aquela pressão interna, insistindo que ela precisava de um banheiro.

Mais um impulso com os joelhos e...

Evangeline lembrou que estava sem roupa. Tinha o peito coberto apenas pelas faixas, e um cobertor acabara de cair de seus quadris.

Ficou óbvio que Jacks tinha voltado em algum momento para terminar de tirar o vestido empapado de sangue enquanto ela dormia. Evangeline não podia recriminá-lo. Mas, de repente, sentiu-se muito aliviada com o fato do Príncipe de Copas não estar ali enquanto tateava na cama até encontrar uma coisa macia, que parecia uma camisa. O Arcano devia tê-la deixado. Estava com o cheiro dele, de maçã, magia e de noites frias, de luar.

Jacks realmente tinha um cheiro bom.

Ela vestiu a camisa bem devagar e, em seguida, ficou de pé, com as pernas trêmulas. Não havia nenhuma vela acesa para guiar seus passos. Mas, felizmente, a luz das estrelas brilhava do lado de fora. Não era muito forte, meros sussurros dourados, mas bastou para enxergar os contornos do chalé, e viu que uma velha escada de corda levava a outro recinto às escuras, no andar de baixo.

Evangeline sentia-se melhor do que esperava, mas seu corpo ainda estava terrivelmente dolorido e não tinha forças para descer aquela escada bamba, nem de longe.

Ou seja: restava a ponte do lado de fora, que havia percorrido carregada, no colo de Jacks.

Preparou-se para sentir o frio da neve em suas pernas desnudas, a escuridão da noite e o pavor de atravessar uma ponte nas alturas, que mal conseguia enxergar. Mas não estava preparada para ver a maravilha de tantas luzinhas que pareciam estrelas. Um exército de faíscas em plena madrugada que aqueciam o ar e faziam sua pele formigar, dando a sensação de que uma aventura estava prestes a ter início. Evangeline apenas torceu para que a aventura incluísse um banheiro, porque não fazia ideia de onde estava indo quando chegou às portas no final da ponte.

Ao contrário do chalé na árvore, a estalagem ainda estava iluminada e aquecida, como ela se recordava. Velas auspiciosas bruxuleavam nas paredes, e Evangeline conseguia sentir o calor que emanava do fogo crepitante na lareira do saguão, que ficava debaixo dos muitos andares de quartos.

Não sabia o que aquele lugar tinha, se eram apenas as luzes brilhantes do lado de fora ou o crepitante tranquilizante da lareira. Mas, a cada passo, tinha a sensação de que estava saindo das páginas da história traumática de sua vida para visitar uma terra perdida de conto de fadas, onde o tempo e os problemas permaneciam suspensos.

Sabia que não podia ficar ali para sempre. Mas, por um estranho segundo, ficou feliz por estar ferida e ser obrigada a descansar – porque não estava disposta a ir embora.

Evangeline sentiu-se ainda melhor depois que utilizou o banheiro. A sensação de lavar mãos e rosto e de pentear o cabelo, apesar de o pente não ter ajudado muito a domar aquela profusão de rosa e dourado, foi incrível. Mas não conseguiu se ocupar muito com o cabelo, já que estava perambulando pela estalagem vestindo apenas uma camisa. Parecia a camisa que Jacks estava usando na noite da festa à fantasia. Só que as mangas escuras, que ele arregaçara até o cotovelo, cobriam as mãos da jovem, e a bainha chegava logo abaixo das coxas.

Evangeline precisava voltar para o chalé antes que alguém a visse seminua daquele jeito – porque, com certeza, devia ter mais alguém ali, alimentando o fogo das lareiras.

O corredor onde ficava o banheiro também tinha cheiro de sidra de maçã com especiarias e de filões de pão quente, o que fez seu estômago roncar. O aroma devia vir da taverna, que ficava no térreo, ao lado do saguão.

Evangeline mordeu o lábio. Apesar de estar se sentindo melhor, subir e descer quatro lances de escada a faria sentir muitas dores – isso sem falar que ela estava praticamente nua. Mas o cheiro de pão e de sidra era tão incrível que ignorou tais preocupações.

Depois de descer bem devagar, encontrou um saguão encantador no térreo. Reconheceu a porta arredondada que Jacks ultrapassara com ela no colo. A porta tinha cogumelos entalhados, como os que vira no telhado. Em cima deles, alguém esculpiu as palavras “A Grota, estalagem para viajantes e aventureiros”.

À esquerda da porta, ficava a escada pela qual acabara de descer. A parede com a lareira crepitante, que vira lá de cima, era logo ao lado da escada. E também havia entalhes e ganchos em forma de galhos, onde, ao que parecia, viajantes podiam pendurar capas e armas – ao que tudo indicava, era proibido entrar portando espadas e facas na taverna, que ficava à direita da porta principal. A entrada estava aberta, e Evangeline conseguia sentir o cheiro adocicado e de especiarias da sidra que emanava dali.

Aproximou-se do insólito relógio que reparara na noite anterior. Achou que, talvez, em seu torpor, o tivesse imaginado, mas era igualzinho à sua lembrança. Alegre, colorido, com nomes de comidas e bebidas no lugar dos números. O ponteiro dourado da hora estava marcando “raviólis”, e o ponteiro dos minutos, marcava “sidra”, e o dos segundos, “torta de mel”.

Evangeline sentiu uma súbita e louca vontade de comer torta de mel, mas, mais uma vez, quando deu por si, tinha se distraído com outra coisa. Bem ao lado do relógio das refeições, gravado na madeira, havia dois nomes: “Aurora + Jacks”.

Ela sentiu um frio absurdo na barriga.

– Está divertido bisbilhotar por aí?

Evangeline deu meia-volta assim que ouviu a voz de Jacks. Teve vontade de dizer que estava apenas procurando pão e sidra – e que não estava nem um pouco perturbada de ver o nome de Jacks escrito ao lado do nome de Aurora –, mas as palavras não queriam sair de sua boca.

O Príncipe de Copas estava parado na frente dela, usando apenas uma calça escura que tinha a cintura escandalosamente baixa. Evangeline ficou toda atrapalhada aovê-lo sem camisa. Os músculos de seu abdômen eram lisos e firmes, feito mármore. O Arcano era perfeito – tirando a fileira de mordidas avermelhadas que desciam pelo pescoço e iam até o ombro dele.

– Fui eu que fiz tudo isso?

Com uma pontada de mortificação, lembrou-se de tê-lo mordido, mas achava que só fizera isso uma vez.

– Você não se lembra mesmo?

Jacks inclinou a cabeça para o lado, e Evangeline jurou que ele fez isso só para que ela conseguisse ver melhor as marcas que os seus dentes tinham deixado na pele do Arcano.

Ela teve vontade de dizer que não se lembrava de ter mordido o pescoço dele, que não tinha nenhuma recordação intensa da sensação de afundar os dentes no ombro do Jacks. Mas, novamente, as palavras se recusaram a sair de sua boca.

– Vou cobri-las. Se você devolver minha camisa.

O Príncipe de Copas, então, ficou com um brilho nos olhos e foi descendo o olhar, passando pelos poucos botões da camisa que a jovem usava e descendo por suas pernas nuas.

Evangeline já estava com calor, mas agora sua pele pegava fogo. Não achava que Jacks fosse mesmo pedir a camisa que ela estava vestindo. Mas, com Jacks, nunca se sabe.

Os lábios do Arcano foram, lentamente, esboçando um sorriso jocoso, e ele deu um passo ostensivo na direção dela.

– E, por falar de coisas das quais não nos lembramos, tenho, sim, uma pergunta a fazer.

Jacks passou o dedo pelo pescoço de Evangeline e segurou a corrente que ela usava.

Ela teve a sensação de que fora jogada dentro de um barril de água gelada. Com tudo o que havia acontecido, esquecera de que estava com a pedra da verdade.

– Não! – gritou.

Só que os dedos de Jacks foram mais rápidos. Enfiaram-se dentro da camisa, fazendo-a soltar um suspiro de assombro, e tiraram a pedra dourada e reluzente que estava coberta pelo tecido.

– O que temos aqui, Raposinha? – A partir daí, o tom de Jacks foi de deboche. – Por acaso foi um presente de Luc?

– Não! – respondeu Evangeline. E poderia ter dado risada de alívio pelo fato de Jacks não saber o que era aquilo e também pela cara perturbada que ele fez. – Por acaso você está com ciúme de Luc?

– Achei que já tínhamos encerrado esse assunto ontem. Sempre tenho ciúme. E você também – completou, com um sorrisinho irônico.

Em seguida, tirou os olhos dela e dirigiu o olhar para os nomes na parede que Evangeline tinha encontrado: “Aurora + Jacks”.

E a jovem não tinha como negar. O sentimento não era tão forte quanto fora na presença da pedra da juventude, era mais um formigamento do que uma ardência, mas estava presente. Não era certo estar com ciúme. Aurora Valor estava morta; pelo que conseguira descobrir, as circunstâncias de sua morte foram trágicas. Mas, em todos os livros que lera, Aurora sempre era descrita como a mais bela garota que já vivera na face da Terra. Na noite anterior, Jacks podia até ter dito que Aurora era uma praga, mas eis que, ali, os nomes dos dois apareciam juntos.

– Você foi apaixonado por Aurora?

– Não. Nem sabia que isso estava aí.

Ele franziu a testa de um jeito sincero, e Evangeline se sentiu um pouco melhor. O que, mais uma vez, a fez se sentir tola.

Mesmo que Jacks tivesse amado Aurora, isso não deveria incomodá-la. Mas, pelo jeito, os delirantes sentimentos de atração pelo Príncipe de Copas que ela vivenciara com tanta força no dia anterior ainda não tinham se dissipado de todo.

Esses sentimentos poderiam ser consequência do fato de Jacks estar um tanto perto demais, só de calça, ao passo que ela não vestia nada além da camisa do Príncipe de Copas e do colar, que o Arcano ainda segurava.

Provavelmente, Evangeline deveria ter contado a verdade a respeito daquela pedra. Mas Jacks certamente a colocaria dentro de outra caixa de ferro, e a jovem queria perguntar tantas coisas para ele...

Entretanto, talvez fosse melhor esperar até Jacks não estar mais segurando a pedra. Evangeline não sabia ao certo como a gema funcionava, mas recordou que, quando fez perguntas para Petra que ela não queria responder, a pedra emitiu um calor intenso, e a garota do cabelo de luar foi compelida a dizer a verdade. Caso a gema se aquecesse naquele momento, Jacks poderia descobrir que era mágica e poderia roubá-la de Evangeline.

– Estou com fome – declarou ela.

Em seguida, tirou os dedos do Príncipe de Copas da pedra e se dirigiu à taverna.

A taverna da Grotta era tão acolhedora quanto o restante da curiosa estalagem, decorada com muita madeira, muitas velas e uma parede de janelas com vista para um lago que parecia ser feito de estrelas, e não de água. Era pura cintilância e brilho da noite, e Evangeline já estava começando a imaginar qual seria a aparência dele durante o dia.

Não havia reparado no lago quando chegou. Mas, dado o estado em que estava, pensou que havia muitas coisas nas quais não havia reparado.

Assim como nos demais espaços da Grotta, não havia ninguém na taverna, mas todas as mesas e lugares do balcão tinham comida recém-servida. Evangeline viu o vapor saindo da comida quando ela e Jacks se sentaram em

um cantinho aconchegante, perto de uma engenhosa janela em triângulo com vista para o lago estrelado.

Os pratos servidos para os dois eram os mesmos apontados pelos ponteiros do relógio. Duas tigelas de cerâmica com carne e raviólis, fatias grossas de pão e canecas de sidra com especiarias e creme, além de fatias de torta de mel servidas em pratinhos.

Tudo tinha um cheiro incrível, como o das melhores partes da sua própria casa e das mais doces lembranças. Evangeline sabia que ainda precisava fazer certas perguntas, mas não pôde resistir a ficar bebericando a sidra de especiarias e a dar uma mordida em um daqueles raviólis perfeitos.

Jacks sorriu, um raro retorcer de lábios que parecia revelar uma felicidade sincera.

– Gostou?

– Sim – gemeu a jovem.

E não conseguiu nem ficar com vergonha. Ainda não terminara de mastigar o primeiro ravióli e já tinha a sensação de que iria roubar uma tigela das outras mesas.

– Foi você quem fez tudo isso?

O Príncipe de Copas ergueu a sobrancelha, em sinal de preocupação.

– Você acha que sei cozinar?

– Não, acho que não. – E realmente não fazia sentido o Arcano ter preparado *toda* aquela comida. – Só estou tentando descobrir que tipo de lugar é este. – Ela deu uma garfada na torta de mel, que tinha gosto de sonho. – Por que tudo aqui parece ser tão diferente?

– Há muito tempo, antes da queda da família Valor, foi lançado um encantamento na Grotta, para protegê-la de uma certa ameaça. Só que a magia, não raro, tem resultados inesperados. No caso da Grotta, o encantamento não livrou o local apenas de uma ameaça específica, mas protegeu a região de toda e qualquer maldição e a manteve imutável através do tempo.

– E é por isso que a comida está toda servida assim.

– Com a pontualidade de um relógio – disse ele, com um tom sarcástico, já partindo o pão com os dedos e colocando um pedaço na boca.

Evangeline pensou que jamais vira Jacks comer outra coisa que não fosse uma maçã. Na verdade, desde que chegaram ali, nem sequer o vira comer uma dessas frutas que carregava. O que a fez pensar, novamente, no que o Príncipe de Copas acabara de dizer, que a Grotta era um local protegido de toda e qualquer maldição. Não sabia se isso tinha algo a ver com as maçãs do Arcano, mas a fez pensar em outra coisa.

– Você me trouxe até aqui porque eu ficaria protegida da maldição que me conecta a Apollo? É por isso que as chicotadas pararam assim que chegamos aqui?

Jacks balançou a cabeça, uma única vez.

– Imaginei que a maldição espelhada ficaria pausada se você estivesse aqui. E tinha a esperança de que você melhorasse mais rápido. A magia da Grotta é alimentada pelo tempo: o que aqui parecem horas, na verdade são dias em outro lugar. Sendo assim, as pessoas tendem a melhorar mais rápido.

– Por que você simplesmente não me trouxe aqui antes, assim que descobriu a maldição de Apollo?

O Arcano partiu outro pedaço de pão e respondeu:

– Eu nunca venho aqui. A Grotta era o meu lar.

Dito isso, os olhos do Arcano ficaram com um tom tristonho de azul.

Evangeline sentiu um ímpeto de pedir desculpas, mas não sabia ao certo pelo quê. Só sabia que seu coração se partiu quando o Príncipe de Copas pronunciou a palavra “lar”.

O que tinha acontecido para tudo mudar? Como Jacks se transformara de menino que tinha família e amigos em Arcano? E por que não queria mais estar ali? Para Evangeline, a Grotta era um lugar caloroso e maravilhoso, mas era óbvio que o Príncipe de Copas não pensava dessa maneira.

– Quando foi a última vez que você esteve aqui?

– Logo depois de eu me tornar Arcano.

A fisionomia de Jacks mudou assim que ele pronunciou essas palavras.

Era como ver um feitiço se quebrando.

O fogo crepitou, fez mais calor na taverna, e o corpo inteiro do Príncipe de Copas se aqueceu. Ele soltou o pão, cerrou os dentes, estreitou os olhos e, em seguida, baixou lentamente o olhar de tempestade até a corrente em volta do

pescoço de Evangeline. E, desta vez, não perguntou se fora um presente de Luc.

– Acho que você tem sido travessa, Raposinha. – Dito isso, fez *tsc-tsc* com a língua. – Onde você encontrou a pedra da verdade?

– Roubei da tumba de Glendora Massacre do Arvoredo.

As palavras saíram pela boca de Evangeline antes que ela pudesse impedirlas.

E aí, antes que desse tempo de perguntar mais alguma coisa, Jacks disparou mais uma indagação:

– E você não pensou em me contar?

Seu tom era de mágoa ou de raiva: era difícil distinguir.

Evangeline sentiu uma pontada de culpa, mas não foi tanta culpa assim, porque se deu conta de que o Arcano agora estava usando o poder da pedra nela, obrigando seus lábios a disparar as seguintes palavras:

– Eu pensei em te contar, sim, mas não queria que você tirasse a pedra de mim.

Ele esticou o braço por cima da mesa e agarrou a pedra com o punho cerrado. Por um segundo, Evangeline pensou que Jacks fosse arrancá-la de seu pescoço.

– Não, por favor... – O corpo inteiro da jovem ficou tenso e, em seguida, outra verdade que ela não queria revelar escapou: – Eu só quero te entender, Jacks.

O Arcano olhou para Evangeline com cara de quem achava que ela estava cometendo um erro. Sua expressão se suavizou, aproximando-se de algo que parecia pena, e então o Príncipe de Copas arrancou a pedra da corrente.

– Jacks!

Ele saiu da taverna, e Evangeline tentou ir atrás, mas Jacks foi muito rápido, e a jovem ainda andava devagar, por causa dos ferimentos. Jamais o alcançaria. E, em parte, não queria alcançá-lo, muito menos com Jacks chateado daquele jeito.

Mas não conseguiu simplesmente deixá-lo ir embora. Não sabia ao certo a que distância precisava ficar para a pedra da verdade funcionar, mas ainda

precisava fazer uma pergunta e confirmar uma resposta. E gritou para Jacks, quando ele saiu da taverna:

– Por que você quer abrir o Arco da Valorosa?

O Príncipe de Copas soltou um urro gutural, de frustração e parou de andar assim que passou pela porta.

– Eu não quero abrir esse arco, nunca quis – respondeu em um tom tão baixo que Evangeline quase não conseguiu ouvir.

Jacks não queria abrir o Arco da Valorosa. Era só nisso que Evangeline conseguia pensar, ao vê-lo sumir escada acima.

A revelação foi tão inesperada e incompreensível que a jovem se jogou na cadeira mais próxima. As costas voltaram a latejar e a cabeça girava, por causa daquela informação.

Normalmente, o Príncipe de Copas apenas distorcia a verdade, mas não mentia. E já tinha falado muito claramente que queria abrir o Arco da Valorosa. Não havia?

Evangeline jurou que Jacks havia dito isso. Mas, quando tentava lembrar da última vez que perguntara sobre o arco para ele, só se lembrou de o Arcano ter feito o seguinte comentário: “Fico lisonjeado por você demonstrar tanto interesse pelo que eu quero ou deixo de querer”.

Tentou retroceder no tempo, recordar do dia em que ficou sabendo da existência do Arco da Valorosa. Na ocasião, perguntou para Jacks o que era o tal arco, e o Arcano respondeu que ela não precisava se preocupar com isso. Mas nunca chegou a dizer de fato que não queria abri-lo. O que exigia que a pergunta fosse refeita: o que Jacks queria, na verdade?

No suguão da estalagem, o relógio que marcava as refeições bateu, e o ponteiro que estava parado em “sidra” foi rangendo até “hidromel”. Evangeline viu com os próprios olhos a caneca de cerâmica à sua frente se transformar em um copo alto, com um líquido gasoso e dourado, no mesmo tom da pedra da verdade que Jacks acabara de roubar dela. E foi aí que lhe ocorreu, feito um raio – agudo, elétrico e doloroso. Jacks não queria abrir o Arco da Valorosa: só queria as quatro pedras.

Tiberius revelara que, quando reunidas, as pedras do Arco da Valorosa liberavam um grande poder, e Petra sugerira que, quando todas as quatro

pedras ficam juntas, são capazes de coisas impossíveis. Era provável que tudo o que o Príncipe de Copas queria, desde o início, fosse esse poder.

Será que o Arcano iria permitir que Evangeline usasse as pedras para abrir o arco e salvar a vida de Apollo?

Tendo em vista a rapidez com a qual as pedras que havia encontrado lhe foram tomadas, de repente Evangeline começou a desconfiar que jamais fizera parte dos planos do Príncipe de Copas permitir que ela usasse as pedras. Será que aquele era o verdadeiro motivo para Jacks não querer contar para Caos que os dois iriam à festa de LaLa? Por que planejava ficar com as pedras só para ele?

Evangeline olhou para a porta arredondada da taverna – não sabia se o Príncipe de Copas voltaria logo, mas não pretendia ficar ali sentada, esperando por ele.

A mais recente revelação do Arcano podia até tê-la deixado com mais perguntas do que antes, mas descobrira algo: a Grotta era o antigo lar de Jacks. Se existisse algum lugar onde poderia obter mais respostas a respeito dele e do que Jacks realmente queria, só podia ser aquele.

E também seria bom encontrar algumas roupas.

Apesar de não haver mais ninguém ali, Evangeline ainda se sentiu muito exposta quando subiu até o andar de cima, com todas aquelas portas decoradas com contos de fadas, trajando nada além da camisa de Jacks. Também estava começando a se sentir terrivelmente dolorida e cansada.

A primeira porta que abriu tinha a imagem entalhada de um *goblin* confeiteiro distribuindo doces. O quarto que ficava do outro lado dessa porta era ainda mais delicioso: era decorado com antigos vidros de farmácia, todos cheios de guloseimas coloridas. Os travesseiros em cima da cama tinham formato de doces – caramelos embrulhados, balas de goma e *marshmallows* fofinhos. Ficou tentada a deitar, só por um minuto. Quase era capaz de ouvir a cama dizendo “Durma aqui e seus sonhos serão doces”.

Só que Evangeline queria respostas – e roupas – mais do que queria dormir.

Depois de abrir um guarda-roupa e uma escrivaninha vazios, arrastou-se até o quarto ao lado. Na porta havia a imagem de um cavaleiro segurando uma chave em forma de estrela e, dentro do quarto, viviam ainda mais estrelas, penduradas no teto e cobrindo a colcha e os tapetes.

Deu uma espiada no guarda-roupa – que tinha puxadores em forma de estrela –, mas, infelizmente, não continha nem roupas nem respostas para os mistérios.

– Você não desiste mesmo, né? – perguntou Jacks.

Virou para trás e deu de cara com o Arcano, que estava perto da porta, de braços cruzados, apoiando um dos ombros no batente, todo descontraído.

Ele tinha voltado para procurá-la. Evangeline não esperava por isso. Jacks deu a impressão de estar chateado quando saíra da taverna. A jovem achou que o Príncipe de Copas se fecharia de novo e sumiria. Mas ali estava o Arcano, observando-a da porta.

Tinha vestido uma camisa azul-clara. Deixara as mangas arregaçadas até os cotovelos, e quase todos os botões estavam fechados, menos os mais de cima, deixando à mostra as marcas de mordida que a jovem deixara em seu pescoço e que já estavam sumindo. Há pouco, Evangeline se sentira tão mal por causa daquelas mordidas, mas agora achava que Jacks as merecia.

– Você mentiu para mim.

Odiou o fato de seu tom ser mais de mágoa do que de raiva e o fato de a expressão fria do Arcano não ter se abalado.

– A respeito do quê? – perguntou Jacks, com seu jeito arrastado.

– Você não quer abrir o Arco da Valorosa. – Evangeline olhou bem feio para o Príncipe de Copas, na esperança de que isso escondesse o quanto doía ter sido traída por ele. – Você só quer as pedras.

Jacks sacudiu um ombro só, sem dar qualquer sinal de remorso.

– Tendo a achar que isso te deixaria feliz, já que tem tanto medo de abrir o arco.

– Mas preciso abri-lo e encontrar uma cura para a maldição do Arqueiro. Por acaso você ia permitir que eu fizesse isso?

Jacks não respondeu, o que era praticamente a mesma coisa que dizer “não”.

Evangeline não deveria ter ficado magoada. Mesmo que ele dissesse “sim”, não teria acreditado.

Tudo aquilo lhe deu uma nova onda de cansaço, e ela foi se dirigindo à porta.

O Arcano esticou o braço na frente dela, antes que ela conseguisse sair, impedindo a passagem.

– Saia da minha frente, Jacks.

– É melhor descansar um pouco, Raposinha. Você parece exausta.

– Eu me sinto ótima.

Pelo menos, agora que estava longe da pedra da verdade, Evangeline conseguia mentir. E, se perdeu o equilíbrio ao dizer isso, foi só porque estava com raiva, não porque suas pernas estavam começando a ficar fracas, tão amolecidas quanto um barbante.

Ela deu mais um passo e cambaleou.

Jacks grunhiu e a pegou no colo, colocando um braço poderoso por baixo das pernas e o outro atrás do pescoço. E, de repente, ela estava sem ossos. Sabia que precisava resistir ao Arcano, mas seu corpo se recusava a fazer isso, confundindo os braços do Príncipe de Copas com um local seguro. Evangeline odiava o fato de ele conseguir ser tão gentil e tão enlouquecedor. Sabia que Jacks precisava dela viva para encontrar a última pedra que faltava, mas não precisava carregá-la no colo. Poderia tê-la abandonado em cima da cama de um dos quartos da stalagem ou simplesmente deixá-la cair no chão. O Príncipe de Copas já havia permitido que Evangeline se transformasse em pedra. Por que agora não conseguia ser mais insensível? Não precisava apertá-la tanto contra o próprio peito quando saíram do quarto, para protegê-la do frio.

– Ainda estou furiosa com você – resmungou a jovem.

Jacks soltou um suspiro, e os dois foram atravessando a ponte.

– Pensei que você sempre estava furiosa comigo.

– Quase te perdoei ontem à noite.

– O que teria sido, obviamente, um erro de cálculo.

– Eu estava morrendo e...

Evangeline parou de falar quando Jacks entrou no chalé da árvore com ela no colo.

Não sabia por que estava discutindo com ele. Jacks tinha razão: o que acabara de dizer a respeito das pedras confirmava que Evangeline não podia confiar no Arcano. Mas, apesar de estar furiosa com Jacks por ele ter mentido, por tê-la enganado mais uma vez, ainda se sentia absurdamente atraída pelo

Príncipe de Copas: não fazia a menor diferença o fato de que essa atração jamais daria em nada. O desejo que sentira na noite anterior *ainda* não havia se dissipado. Pelo contrário: estava muito mais intenso. E ela não conseguia acreditar que aquela atração inexorável que sentia era completamente não correspondida.

Olhou para os olhos indecifráveis do Arcano, que a colocava em cima da cama.

– Você ainda acha que sou apenas uma ferramenta para seus planos?

Jacks franziu a testa e respondeu:

– Tento não pensar em você de jeito nenhum.

No sonho de Evangeline, Jacks estava sentado em meio às sombras na ponta de um antigo píer de madeira instalado no mesmo lago que vira da taverna. Aquele, cheio de estrelas. Só que, no sonho, não havia estrela nenhuma, só um céu claro como uma pedra preciosa, paralisado nos instantes finais do pôr do sol, cheio de nuvens rosadas e laivos reluzentes de amarelo e laranja luminosos.

Jacks atirou uma pedra na superfície lisa como um espelho da água. *Ploc. Ploc. Ploc. Ploc.* Quando a pedra sumiu, ele jogou mais uma.

Não ergueu os olhos quando Evangeline se aproximou. Estava de costas para um poste, com o cabelo revolto e *castanho-escuro*.

A jovem quase tropeçou.

De longe, achou que Jacks estava imerso em sombras. Mas, depois de chegar mais perto, podia ver que o jovem no final do píer não era Jacks.

– Você é uma pessoa difícil de localizar – disse o rapaz, virando de costas para o lago.

Quando Evangeline viu o rosto dele, ficou sem ar.

De início, achou que ele não lhe era estranho, mas poderia ser só porque o rapaz era incrivelmente belo – maxilar definido, sobrancelhas castanhas emoldurando olhos hipnóticos e um sorriso encantador que causou um leve sobressalto no coração da jovem.

– Quem é você?

Ignorando a pergunta, o belo desconhecido ficou de pé em um pulo, um único e ágil movimento. As roupas eram rústicas e esfarrapadas, do tipo que se

usa para se aventurar na floresta. Mas os movimentos eram graciosos e tinham um certo ar de predador.

Evangeline sentiu uma faísca de precaução. Tentou se convencer de que era apenas um sonho, mas estava no Magnífico Norte, e receava que ali os sonhos fossem como os contos de fadas: um tanto verdadeiros e nem sempre muito confiáveis.

O rapaz dirigiu o olhar reluzente para as pernas muito nuas de Evangeline. A jovem ainda trajava apenas a camisa de Jacks. Ela corou, dos dedos dos pés até as bochechas. Mas tentou não deixar isso transparecer em seu tom de voz e perguntou ao belo desconhecido novamente:

– Quem é você?

Os olhos do rapaz brilharam, de tanto que ele sorriu.

– Por que não nos contentamos com apenas “Belo Desconhecido”?

O coração de Evangeline deu um sobressalto envergonhado.

– Você leu meus pensamentos?

– Não. Mas é verdade. Sou absurdamente belo. – O rapaz deu um passo à frente, inclinou a cabeça e ficou observando o rosto de Evangeline, não as pernas à mostra dela. – Posso entender por que Jacks gosta de você. Você é meio parecida com ela, sabia?

– Com ela quem? – perguntou Evangeline.

O Belo Desconhecido passou a mão no queixo.

– Jacks não vai ficar nem um pouco feliz se souber que eu te contei. Mas, se não tomar cuidado, vai acabar igual a ela.

– Ela quem? – repetiu Evangeline.

– A primeira raposa dele.

Os pássaros cantavam e o sol brilhava, mas Evangeline só queria voltar a dormir e saber mais sobre a primeira raposa. Fechou os olhos, mas estava desperta demais e tinha a sensação de que já sabia quem era a outra raposa. Caso acreditasse no Belo Desconhecido que apareceu em seu sonho, Jacks, na verdade, era o Arqueiro.

Evangeline já havia pensado nessa hipótese, mas a descartara antes mesmo de ver que tanto o nome de Jacks quanto o do Arqueiro estavam gravados na parede. Um fato que também a fazia duvidar do que o Belo Desconhecido havia dito.

Teria perguntado para Jacks, mas ele não estava no chalé. E, antes de levantar a questão, queria ter certeza. Só contava com a palavra do Belo Desconhecido.

O último desconhecido “atencioso” que conhecera – Petra – havia tentado matá-la. E, dada a quantidade de outras pessoas que também tentaram matar Evangeline, não era descabido imaginar que aquele Belo Desconhecido queria exatamente a mesma coisa: plantar ideias na cabeça dela que a fariam perder a confiança no Príncipe de Copas.

Quando se levantou da cama, Evangeline resolveu descartar completamente essa hipótese e se livrar de todos os pensamentos relacionados ao Belo Desconhecido. Dirigiu-se à aconchegante taverna em busca de comida, achando que aquela parte da Grotta também fosse um sonho. Mas, igualzinho ao dia anterior, sentou-se a uma das mesas e a comida apareceu diante dela, com a pontualidade de um relógio.

A única coisa que estava faltando era Jacks.

Enquanto comia, continuou esperando que, ao erguer o olhar, o veria surgir perto da porta.

Ficou tentada a entrar em pânico quando terminou de comer e percebeu que o Príncipe de Copas ainda não havia aparecido. Mas a Grotă era o tipo de lugar que tornava muito difícil se apegar a qualquer pânico.

Tudo naquela estalagem fantástica inspirava curiosidade, e não medo. Em um dos banheiros do segundo andar, Evangeline encontrou a mais encantadora banheira de cobre, parecida com o relógio que havia no saguão. Tinha registros encantadores, de pedras preciosas, e uma torneira capaz de despejar águas de diferentes cores, em uma variedade de aromas:

*Madressilva rosa  
Rosa lilás  
Agulha de pinho verde  
Chuva prateada*

Ela misturou chuva prateada com madressilva, se perfumando com dia de tempestade adocicado. Achou que não conseguia tomar banho, mas as costas estavam completamente cicatrizadas.

Na verdade, estava um pouco decepcionada. Estava curada e imaginava que Jacks ia tirá-la daquele lugar assim que reaparecesse. Ainda faltava encontrar mais uma pedra.

Só que Evangeline não se sentia lá muito disposta a encontrá-la. Como já havia percebido, a Grotă não era um lugar onde era fácil se apegar ao medo ou ao pânico, e toda a sua busca pelas pedras fora inspirada pelo medo. Naquele exato momento, não sentia medo. Na verdade, nem conseguia recordar de um momento em que estivera mais em paz. E sabia, de alguma maneira, que Apollo também estava em segurança.

Sem a companhia de Jacks nem de mais ninguém, continuava esperando que a Grotă lhe desse uma sensação de solidão. Mas, estranhamente, não se sentia só nem vazia por dentro. Tinha a sensação de que a Grotă era o lugar mais seguro em que já havia pisado. Quando deu por si, estava querendo estar naquele local encantado na companhia dos pais. O pai teria adorado todas aquelas maravilhas mágicas, e a mãe teria adorado os quartos de contos de fadas.

No terceiro andar, Evangeline finalmente descobriu um guardar Roupa cheio de vestidos que a fizeram pensar em borboletas voando por jardins e da sensação de segurar a mão de alguém.

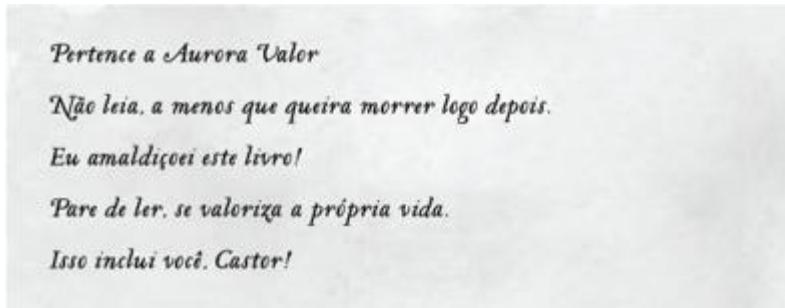
Desses vestidos, escolheu um modelo cor de creme aveludado, com bordado dourado e uma fita cor-de-rosa larga na cintura, da mesma cor do debrum das mangas delicadas e bufantes.

Precisava encontrar alguma coisa para calçar.

Imaginou que poderia encontrar um par de sapatos mágicos enquanto remexia a parte de baixo do guarda-roupa. Surpreendentemente, não encontrou teias de aranha nem amontoados de poeira, só caixas de luvas e fitas, além de um livrinho curioso.

Era o primeiro livro que encontrava na Grotta, e a lateral estava trancada a chave. Evangeline procurou a chave, até que se lembrou de que poderia simplesmente usar o próprio sangue.

A fechadura abriu fazendo *clique*, e a primeira página envelhecida fora preenchida com uma caligrafia muito antiga.



Evangeline sentiu uma comoção ao ler essas palavras. Havia encontrado o diário da misteriosa Aurora Valor. O caderno talvez pudesse fornecer mais pistas a respeito do passado de Jacks – já que ele, obviamente, conhecia Aurora.

O trecho que dizia que o diário estava amaldiçoado a fez titubear por alguns instantes, assim como as palavras ilegíveis bem ao pé da página, que eram as únicas escritas na língua da Era Valor. Mas, de acordo com o que o Príncipe de Copas havia dito, maldições não poderiam afetá-la naquele lugar. O texto também parecia um tanto infantil, o que fez Evangeline supor que o livro não estava amaldiçoado de verdade.

Ela levou o diário consigo até o andar de baixo, para lê-lo na frente da lareira da taverna.

Nas primeiras páginas do diário, Aurora reclamava bastante dos irmãos, além de tecer comentários sobre o clima, comidas e roupas, o que fez Evangeline imaginar que a princesa levava uma vida muito corriqueira – ou ainda que estava tentando dissuadir possíveis leitores de continuar lendo, ao registrar apenas detalhes tediosos.

Evangeline não deparou com o nome de Jacks. Foi fazendo uma leitura dinâmica, procurando algum comentário sobre ele, até que o estilo do texto se tornou mais sofisticado, e o conteúdo, mais interessante.

*Papai marcou a data do casamento. Não consigo acreditar que ele está me obrigando a fazer isso. Ele jamais obrigaria Dane. Lysander. Romulus nem Castor - e, se você ainda está lendo, Castor, pare! Eu estava falando sério a respeito da maldição.*

*Suponho que Vingador até seja belo, mas não sinto nada por ele além de repulsa, ainda mais quando fica se vangloriando de si mesmo e de sua coleção de espadas.*

*Tentei dizer a papai e à mamãe que não o amo, mas mamãe jura que vou aprender a amá-lo, e papai diz que sou muito nova e não entendo nada de amor. Mas entendo de amor, sim. Entendo tão profundamente que é difícil não preencher as páginas deste diário comentando os sentimentos que tenho pelo meu amor mais verdadeiro.*

*Mas não tenho coragem de escrever sobre ele porque, apesar de este diário ser amaldiçoado, temo que alguém possa ler. E, antes que minha maldição surta efeito e mate essa pessoa, ela poderia comentar o que eu escrevi com meu pai ou com Vingador.*

*LaLa diz o tempo todo que eu deveria simplesmente me casar com Vingador. Mas acho que ela nunca gostou de mim de verdade. Acho que LaLa não acredita que eu esteja à altura do irmão dela. E não tem problema, porque não acho que ela esteja à altura de meu irmão.*

O relato terminava ali. Evangeline folheou o restante do diário. Infelizmente, havia apenas mais algumas páginas escritas, mas nenhuma delas continha revelações tão interessantes quanto essa página, nem de longe.

O diário confirmava a história que Jacks contara a respeito de Aurora e Vingador. Mas o que chamou a atenção foi o que aquela página revelava a respeito de LaLa. O diário não citava o nome do irmão de LaLa, mas Evangeline teve um pressentimento de que sabia quem era o irmão dela, porque sabia quem era o verdadeiro amor de Aurora: *Lyric Arvoredo da Alegria*.

Evangeline sentiu uma pontada aguda de dor ao pensar no terrível destino que se abatera sobre a Casa Arvoredo da Alegria. Sabia que deveria estar chateada com LaLa, por ter lançado a maldição do Arqueiro em Apollo e nela, e estava —, mas também estava de coração partido só de pensar que LaLa não perdera apenas o irmão, mas toda a família.

Era informação demais para digerir. A jovem ficou um tanto surpresa por Jacks não ter comentado aquilo quando falou da destruição da família Arvoredo da Alegria. Mas, tendo em vista que o Príncipe de Copas era muito reservado em relação ao próprio passado, Evangeline entendia que ele teria o mesmo cuidado com o passado dos outros. É claro que isso não impediu o Arcano de ser desagradável com LaLa quando comentou a respeito do noivo que ela havia escolhido.

Tudo fazia sentido, de um jeito terrível e atordoante.

Em seguida, Evangeline pensou que aquela história poderia ter alguma relação com o fato de LaLa querer abrir o Arco da Valorosa. Ainda não sabia o que a Noiva Abandonada queria, só que queria com muita força, ao ponto de lançar uma maldição sobre Apollo e sobre ela.

O relógio do térreo bateu “mingau”.

Evangeline deixou o diário cair no chão, tanto por causa das badaladas quanto pela revelação chocante de que havia se passado todo um dia e toda uma noite enquanto ela lia e perambulava pela Grotta.

Jacks havia dito que, ali, o tempo funcionava de um jeito diferente. Mas o que a assustou não foi apenas o fato de o tempo passar tão rápido, mas também o fato de ela não ter percebido que passara. E Jacks ainda não havia aparecido.

A porta da frente da Grotta se escancarou.

A jovem se virou, esperando ver Jacks passar por aquela porta. Mas, ao que tudo indicava, a porta fora aberta por uma lufada de vento. A única criatura que entrou foi um dragãozinho com cara de perdido, tossindo minúsculas faíscas douradas e entrando aos pulinhos. A criatura era azul, cintilante e tão adorável que Evangeline não pôde deixar de sorrir ao vê-lo, olhando em volta, curioso.

Dragões não são criaturas que vivem dentro de casa, mas aquela carinha cintilante não queria sair dali. Ela deixou a porta aberta por um gélido minuto inteiro, mas o dragão minúsculo apenas voou até o relógio e bateu a cabecinha ao tentar chegar aos pêndulos cobertos de pedras preciosas – diversas e diversas vezes. Então Evangeline resolveu pegá-lo e o levou para a taverna.

Novamente, as mesas estavam servidas magicamente, com tigelas fervilhantes de mingau e canecas de chocolate quente, que o dragão minúsculo gentilmente manteve aquecidas para Evangeline. Ela imaginou que a criaturinha não queria ser jogada do lado de fora e estava tentando ser útil.

O dragão parecia ficar preocupado toda vez que ela dirigia o olhar para a porta. Mas a jovem não estava pensando em jogar o novo amiguinho no frio. Estava procurando Jacks. E, agora, estava começando a se sentir apenas um tantinho nervosa.

O almoço foi bem parecido. Quando deu por si, Evangeline percebeu que, entre uma garfada e outra, ficava olhando para a porta, procurando Jacks.

Tentou se ater ao fato de que o Príncipe de Copas era um Arcano. Capaz de controlar as emoções dos outros. Capaz de matar com um beijo. Capaz de se virar sozinho.

Mas, lá pela hora do jantar, começou a ficar preocupada de novo, temendo que algo pudesse ter acontecido com Jacks. Já fazia quase dois dias que ele sumira. Já fizera isso antes – tinha largado Evangeline no castelo de Caos por dez dias –, mas naquela ocasião deixara um cartão avisando que iria se ausentar. Desta vez, simplesmente foi embora.

Pensou na última coisa que o Arcano havia lhe dito: “Tento não pensar em você de jeito nenhum”.

Será que ele havia ido embora só para provar isso?

De todo modo, Evangeline sentia um certo frio na barriga que não queria passar, apesar de todo o calor na Grota. Não estava com medo, mas também não estava em paz.

Ela mexeu a sidra com a colher e se obrigou a comer o que estava no prato.

Lá pela metade da refeição, o dragão minúsculo, de repente, correu para se esconder atrás da caneca. A última cicatriz em forma de coração partido que restava no pulso de Evangeline pinicou. Ela se virou para a porta da taverna e deu de cara com Jacks.

Sua aparência estava de tirar o fôlego, sem nem sequer se esforçar para tanto. Encostado no batente da porta, com o cabelo dourado bagunçado pelo vento e uma capa meio de lado.

– Por onde você... – Ela parou de falar quase na mesma hora.

O Príncipe de Copas não estava encostado na porta, estava agarrado ao batente para não cair.

– Jacks!

Evangeline atravessou a taverna correndo, horrorizada, porque a capa escorregou dos ombros dele, revelando uma grande mancha de um dourado cintilante e de sangue vermelho.

– O que aconteceu? – perguntou Evangeline, soltando um suspiro de assombro.

– Eu só estava sendo eu mesmo.

Jacks foi cambaleando para trás e caiu em um dos bancos do saguão. Um ar gelado, com flocos de neve, penetrava pela porta entreaberta. A jovem sabia que deveria fechá-la, mas foi primeiro acudir o Príncipe de Copas. Nunca o vira ferido, e isso era surpreendentemente apavorante.

– Jacks... – Ela o sacudiu pelos ombros gelados, com delicadeza, mas também com firmeza. Não sabia muita coisa a respeito de cuidar de ferimentos, mas recordou de que o Arcano não a deixara desmaiar quando estava sangrando. – Por favor, fique acordado. Não sei o que fazer.

O sangue cintilante estava empapando o gibão, transformando o cinza-fumaça em vermelho. Evangeline sentiu um aperto no peito ao ver aquilo, arrependeu-se de ter ficado simplesmente sentada na taverna, arrependeu-se de não ter saído para procurar Jacks. Sendo um Arcano, o Príncipe de Copas não envelhecia, mas poderia morrer se sofresse um ferimento grave.

Precisava dar um jeito nele logo. Precisava tirar o gibão, limpar o ferimento e dar pontos.

– Por acaso a arma ainda está aí? – perguntou, tirando a capa da frente.

– Estou bem. – Jacks segurou o pulso de Evangeline, para impedir que sua mão continuasse apalpando. – Só preciso de um cobertor... e dormir um pouco.

Ele então a puxou, como se pretendesse usá-la de cobertor.

– Ah, não... não sou uma colcha. – Evangeline apoiou a mão livre na parede e ficou de estômago embrulhado ao ver os olhos azuis vidrados do Arcano. – E, primeiro, preciso cuidar desse ferimento.

Precisou dar dois puxões para Jacks soltar seu pulso. Mesmo ferido, o Príncipe de Copas tinha uma força inacreditável. Evangeline ainda estava sentindo a pressão dos dedos gelados quando entrou correndo na taverna.

Atrás do balcão, encontrou bebida alcóolica e diversos panos, e torceu, desesperada, para que aquilo servisse. Podia limpá-lo primeiro, depois procurar linha e agulha.

– Você está perdendo tempo à toa, Raposinha. – Jacks, então, se apoiou no batente da porta, apertando a lateral do corpo. – É só uma faca nas costelas.

– Suponho que vai cicatrizar sozinho.

– Os seus cortes cicatrizaram.

– Depois que você cuidou deles.

O Príncipe de Copas esboçou um sorriso e falou:

– Só porque eu queria tirar sua roupa.

Uma imagem vívida das mãos de Jacks acariciando sua pele surgiu diante dos olhos de Evangeline.

É claro que tinha quase certeza de que o Arcano estava brincando. Jacks dava a impressão de estar delirando. Os olhos estavam perdendo o foco, e ele cambaleava.

Evangeline não sabia como conseguira subir um lance de escadas com Jacks a reboque. Felizmente, havia infinitos quartos vagos na Grotta. Ajudou o Arcano a chegar ao mais próximo, uma suíte que tinha cheiro de agulhas de pinheiro frescas. Os tapetes eram em tons de verde-escuro, a cama era feita de toras de madeira, e os lençóis eram de um branco imaculado. O fogo se acendeu na lareira assim que Jacks caiu na cama.

O sangramento, ainda bem, tinha estancado, mas ele parecia exausto. Antes que o Príncipe de Copas fechasse os olhos, Evangeline viu que estavam muito avermelhados – até a parte azul estava manchada de vermelho. Imaginou que Jacks nem sequer havia dormido nos últimos dois dias.

Era estranho se preocupar com ele, mas Evangeline duvidava de que alguém mais se preocupasse, incluindo o próprio Arcano. Deitado ali, em cima de uma pilha de colchas branco-neve, o peito de Jacks mal subia e descia.

A jovem correu para buscar uma bacia com água.

Quando voltou, Jacks havia tirado as botas e as jogado no chão de madeira, mas ainda estava de capa e com o gibão ensanguentado.

– Você não vai me contar o que andou fazendo? – insistiu ela.

– Já contei – resmungou o Arcano. – Eu só estava sendo eu mesmo. Outras pessoas horrorosas estavam sendo elas mesmas. E, como você pode ver, não acabou bem.

– Onde você estava?

– Pare de fazer perguntas difíceis.

Ele gemeu, ainda de olhos fechados, enquanto Evangeline tirava a capa para ter acesso ao ferimento. Ela pendurou o agasalho em uma cadeira perto da lareira, para secar. A neve a deixara molhada, e Evangeline imaginou que a capa também estava úmida de sangue, apesar de o tecido ser tão escuro que não dava para ver.

O gibão de Jacks era de um tom mais claro, um cinza-pombo, tirando as partes perto das costelas, que estavam machadas de vermelho. Ela cortou a peça de roupa.

O peito de Jacks subia e descia lentamente.

Evangeline tirou o gibão, tomando cuidado para não roçar os dedos na pele do Príncipe de Copas. Mas, quando começou a limpar o corte profundo, cheio de sangue, nas costelas dele, teve a sensação de que estava segurando a respiração.

Precisaria dar pontos. Ou deveria...

Evangeline parou o que estava fazendo porque viu a pele de Jacks se regenerar diante dos próprios olhos. Ainda estava dolorosamente avermelhada, e o corte poderia facilmente abrir de novo com qualquer fricção, mas o ferimento estava cicatrizando: o Príncipe de Copas não morreria por causa dele.

O alívio que sentiu foi imenso.

Quando terminou de fazer o curativo, Jacks parecia estar adormecido, de olhos fechados, meio cobertos pelas ondas revoltas de seu cabelo dourado. A jovem refletiu brevemente se deveria ou não ficar ao lado do Príncipe de Copas enquanto ele descansava.

Estava aliviada com a volta do Arcano e por ele estar fora de perigo. Mais aliviada do que deveria. Ela passava todo o tempo relembrando que Jacks era perigoso. Mas, ali, naquele momento, não parecia nada ameaçador: se assemelhava a um anjo adormecido. E era exatamente por isso que deveria deixá-lo sozinho.

Passou os dedos no cabelo macio de Jacks, uma vez só.

O Príncipe de Copas se encostou na mão dela.

– Que gostoso – resmungou. – Você também é gostosa.

Em seguida, passou o braço pela cintura da jovem e a puxou para a cama.

– Jacks... o que você está fazendo?

– Só hoje.

Dito isso, apertou mais a cintura de Evangeline, puxando-a ainda mais para perto de si, até a jovem ficar com o peito encostado na pele dele.

– Você está ferido – disse Evangeline, ofegante.

– E ficar pertinho assim de você faz eu me sentir melhor.

Ele falou com os lábios encostados na garganta de Evangeline e terminou dando uma lambida que fez a cabeça de Evangeline girar.

Aquele seria um ótimo momento para ela se desvencilhar do Arcano.

Jacks beijou o pulso dela.

Evangeline tentou falar que aquilo era uma péssima ideia, mas só saiu um leve suspiro. Se a sensação dos lábios dele em seu pescoço fora tão forte, imagine como seria se ele a beijasse na boca.

Fechou os olhos, e sua respiração ficou mais rasa. Não deveria estar pensando nos lábios de Jacks tocando os dela. E, mesmo assim, lhe veio o pensamento de que, talvez, pudesse beijá-lo ali, na Grotta, no único lugar em que maldições não surtiam efeito sobre os dois. A ideia era dolorosa de tão tentadora. Mas, mesmo que o beijo de Jacks não a matasse ali, isso não queria dizer que o beijo não acabaria com ela de outras maneiras.

– Não podemos fazer isso – disse Evangeline.

– Só estou pedindo para você dormir comigo. – Nessa hora, o Arcano tirou os lábios do pescoço da jovem e murmurou: – Você não vai nem se lembrar.

Evangeline ficou com o corpo todo tenso nos braços dele.

– O que você quer dizer com isso? Que não vou me lembrar?

– Quero dizer que... é só por uma noite – respondeu Jacks, baixinho. – Amanhã de manhã, você pode esquecer. Pode voltar a fingir que não gosta de mim, e eu posso fingir que não ligo. Mas, esta noite, quero fingir que você é minha.

Ela derreteu ao ouvir a palavra “minha”. Por um segundo estonteante, não conseguiu pensar em nada. Não conseguia ter forças para se afastar e, apesar disso, não podia dizer que ficaria com Jacks.

– Se for mais fácil, você também pode fingir – sussurrou o Príncipe de Copas. – Você pode fingir que ainda sou o Jacks da Grotă e que você quer ser minha.

Em seguida, encostou os lábios na garganta dela de novo e foi subindo lentamente, pelo pescoço, pela orelha, de um jeito extasiante. E, aí, os dentes do Arcano mordiscaram o lóbulo da orelha da jovem.

Ela soltou um suspiro de assombro. A mordida foi forte e um tanto dolorosa, parecia que, além de abraçá-la, também queria castigá-la. Mas não precisava. Aquilo já era uma tortura, porque Evangeline queria tanto... Queria que Jacks a quisesse, mesmo que esse querer fosse meio delirante.

– Não estou delirando.

A voz do Arcano estava rouca, meio sonolenta, mas, quando olhou para ela, seus olhos estavam límpidos e lúcidos.

E Evangeline teve a sensação de que estava caindo dentro desses olhos.

Certa vez, quando era criança, a mãe lhe contou a história de uma moça que estava brincando de esconde-esconde na floresta com seu amado. A moça estava correndo entre as árvores, à procura de um esconderijo, e caiu em uma fenda no tempo. Era só uma fenda minúscula, uma trinca, que poderia ter levado a moça para alguns segundos no futuro – ou, talvez, no passado. Mas o Tempo viu a moça caindo e se apaixonou por ela. E, sendo assim, em vez de aterrissar no futuro ou se encontrar no passado, a moça continuou caindo. Caiu e continuou caindo, sem parar, presa pelo Tempo até o fim dos tempos.

Evangeline agora sabia o que aquela moça tinha sentido. Mais de duas semanas haviam se passado desde que pulara naquele precipício com Jacks. E, de certa forma, ainda tinha a sensação de que estava caindo, despencando em direção a algo incontrolável, sem ter onde se segurar, a não ser em Jacks.

Sabia que o Príncipe de Copas era uma pessoa perigosa demais para se apaixonar de verdade por ele. Mas não podia mais negar que isso estava acontecendo. Não podia negar que o desejava. De um jeito que era o suficiente para impedir que se encolhesse toda sempre que o Arcano a tocava. O suficiente para ficar com o nome dele na ponta da língua mesmo quando Jacks não estava presente. A atração física sempre existiu, mas a atração que Evangeline sentia por ele vinha aumentando desde a noite em que pularam no precipício juntos.

Porque, na verdade, ela não tinha parado de cair.

O sangue correu mais rápido em suas veias, e o coração se sobressaltou. Evangeline tentou não se mexer, torcendo para que Jacks não percebesse, porque os dois estavam deitados naquela cama, com os peitos encostados e as pernas enroscadas. Tudo o que havia entre eles dava a impressão de ser frágil feito uma gota de chuva, que deixa de existir assim que encosta no chão. Mas também tinha a sensação de que a Grotta era o tipo de lugar onde as gotas de chuva nunca encostam no chão.

Jacks ficou acariciando suas costas, lentamente.

– Você decidiu ficar?

– Achei que você já tinha ouvido meus pensamentos – sussurrou Evangeline.

– Quero que você diga com todas as letras.

O Príncipe de Copas falou com uma voz grave e baixa, a jovem não teria ouvido se não estivesse tão perto do Arcano. E se deu conta da intimidade que as palavras podem conter, do fato de poderem ser ditas uma única vez, para uma única pessoa, e jamais serem ouvidas novamente. Podem desaparecer feito um instante, que termina quase na mesma hora em que você se dá conta de que ele existiu.

O coração de Evangeline ainda batia acelerado, e ela pensou que não era de medo nem de nervosismo, mas estava apenas tentando apreender todos aqueles instantes antes que sumissem – antes que *ele* sumisse. Sabia que aconteceria, sempre acontecia, Jacks sempre ia embora, o que tornava aquele momento ainda mais frustrante. E, ainda assim, naquele exato momento, ela não queria ser esperta. Só queria ser dele.

Tinha a intenção de dizer “Por hoje, sou sua”, mas só saiu:  
– Sou sua.

Naquela noite, o Belo Desconhecido estava na taverna da Grotta, parado a poucos metros de distância, atirando dardos em um alvo pintado na parede – e acertava em cheio toda vez.

– Eu sei. É difícil acreditar que sou tão belo *e* tão talentoso.

*Vush.*

O Belo Desconhecido acertou bem no centro do alvo de novo, com toda a tranquilidade de um rapaz que, das duas, uma: ou era incrivelmente habilidoso ou incrivelmente acostumado às coisas acontecerem do jeito que ele queria.

– Por que você está assombrando meus sonhos?

– “Assombrando” implica que eu esteja morto. Por acaso pareço morto?

Em seguida, colocou a mão sobre o peito e deu um sorriso encantador. Evangeline ainda hesitava em confiar no Belo Desconhecido, mas aquela sensação de que o rapaz não lhe era estranho havia voltado. Tinha a sensação de que aquele olhar era um desafio que alguém já lhe fizera. O rapaz era um nome que ficava na ponta da língua, que Evangeline não conseguia lembrar direito. Uma sensação que não conseguia definir.

– Quem é você?

– Continuo preferindo ser chamado de “Belo Desconhecido”.

Evangeline lançou um olhar irritado para o rapaz.

– Por que você simplesmente não me conta?

Nessa hora, o Belo Desconhecido massageou a própria nuca.

– Eu contaria, mas isso pode deixar Jacks um tanto enciumado. E, dado que vocês dois estão ficando muito íntimos, não seria uma boa ideia. Só que você se refestelar com Jacks também não é muito inteligente.

Dito isso, ergueu as duas sobrancelhas, com ar de superioridade.

– O que eu faço ou deixo de fazer com Jacks não é da sua conta – disparou Evangeline.

O Belo Desconhecido franziu o cenho.

– Não estou tentando te chatear, Evangeline. Estou tentando salvar a sua vida.

– E desde quando minha vida é da sua conta? – perguntou ela, desconfiada.

O rapaz lançou mais um dardo, com tanta força que despedaçou um dos dardos que já estavam no alvo.

– Você precisa tomar cuidado com Jacks. Acho que ele não está em seu juízo perfeito neste exato momento.

– Ele tem razão.

O comentário veio de LaLa, que entrou na taverna usando um vestido longo, sem mangas, que mais parecia ser feito de tesouros. O cinto parecia uma coroa, e a saia, volumosa, era repleta de pedras preciosas e cintilantes.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Evangeline.

– É... esse sonho é meu! – exclamou o Belo Desconhecido, que atirou um dardo em LaLa.

A Noiva Abandonada desviou do dardo, dando um tapa nele, e fez careta.

– Estamos do mesmo lado, seu imbecil.

Em seguida, virou-se para Evangeline com uma expressão que parecia um pedido de desculpas.

– Vim dizer que sinto muito... pelo que fiz com Apollo. Eu me senti tão culpada... Estava torcendo para conseguir conversar com você e explicar tudo antes de você fugir da festa. Jacks prometeu que não iria te contar o que eu fiz...

– Ele não me contou – interrompeu Evangeline, cansada demais para ser educada com a pessoa que amaldiçoara seu marido, obrigando-o a caçá-la e matá-la. – Jacks nunca disse uma palavra. Eu ouvi vocês dois conversando.

– Puxa. – LaLa ficou mordiscando o lábio inferior. – Então acho que devo desculpas a ele... por tê-lo apunhalado com uma faca de passar manteiga.

– Esse ferimento... foi você? – Evangeline ficou impressionada, a contragosto. É preciso muita força e determinação para causar um ferimento grave com uma faca de passar manteiga.

LaLa deu de ombros e falou:

– Acho que exagerei na reação. Mas não foi só porque pensei que Jacks havia te contado tudo. Ele estava fazendo comentários desagradáveis sobre o meu noivado...

– Pelo que eu ouvi dizer, você mereceu – interrompeu o Belo Desconhecido.

– Não ouse me dar um sermão também – disparou a Noiva Abandonada. – Você é o motivo para estarmos metidos nesta enrascada. Se você não tivesse...

LaLa parou de falar porque o Belo Desconhecido sumiu. *Puf!* Ele simplesmente desapareceu, deixando apenas um dardo, que caiu no chão.

– O que aconteceu com ele? E por que você acabou de dizer que ele é “meio” o motivo para estarmos metidos nesta enrascada?

– Não sei se temos tempo para eu explicar tudo. – LaLa franziu e testa e olhou para o dardo caído no chão. – Jacks deve ter tirado o Belo Desconhecido do sonho, e imagino que fará a mesma coisa comigo, logo, logo. Então você precisa prestar atenção.

– Mas o sonho é meu – protestou Evangeline.

LaLa soltou um suspiro e falou:

– Não tenho tempo para explicar como os Arcanos manipulam sonhos. Você apenas terá que confiar em mim.

– Por que eu deveria confiar em você, depois de tudo que fez?

A Noiva Abandonada mordeu o lábio, com uma expressão nervosa que não lhe era costumeira.

– Nunca quis que Apollo te matasse. Você é minha amiga de verdade, Evangeline. Eu só tomei uma decisão precipitada no dia em que você disse que não pretendia abrir o Arco da Valorosa. Foi um erro terrível. Eu realmente não quero que você morra. É por isso que lancei a maldição espelhada sobre vocês dois... Achei que, se Apollo te ferisse de fato, também ficaria ferido e, assim, não poderia mais te caçar. Como todo mundo sabe que ele atira muito mal, nunca acreditei que o príncipe acertaria uma flecha no seu coração.

No quesito pedido de desculpas, estava longe de ser dos melhores que Evangeline já recebera. E, mesmo assim, parecia sincero. LaLa olhava para ela com ar de súplica, e Evangeline também podia ver que os olhos da amiga estavam vermelhos, com manchas de lápis borrado. A Noiva Abandonada

estava tão cintilante e perfeita quando entrou no sonho. E agora, quanto mais Evangeline a observava, mais podia perceber sinais de sofrimento, por todo o belo rosto da amiga.

Sabia, pela própria experiência com Jacks, que os Arcanos têm regras morais diferentes das dos seres humanos, o que tornava mais fácil perdoar LaLa. Mas Evangeline desconfiava da amiga. Conseguia acreditar que LaLa não desejava a sua morte, mas era perturbador saber que não vira problema nenhum em ela ser caçada.

– Quero saber por que você fez isso. O que tem na Valorosa que você quer tanto?

– Evangeline, não temos tempo para isso – respondeu LaLa. Enquanto falava, as pedras da saia começaram a se desprender e a cair no chão. – O sonho já está começando a se dissipar.

– Não ligo. Posso te perdoar pelo que fez, mas, se quer que eu considere a possibilidade de confiar em você de novo, preciso saber por que fez isso.

– Das duas, uma: ou a Valorosa é um baú do tesouro que protege as maiores dádivas mágicas da família Valor ou é uma prisão mágica, onde habita uma abominação criada por eles.

LaLa retorceu os lábios, como se aquelas palavras tivessem que sair todas distorcidas.

– Droga de maldição das histórias – resmungou. – Receio que, como não estou de fato na Grotta, não posso te contar o que há dentro do arco.

– Bom, você precisa me contar alguma coisa – retrucou Evangeline.

Ainda não sabia ao certo se podia acreditar nas coisas que LaLa havia dito, mas queria algum tipo de explicação.

– Talvez eu consiga te contar uma história. – A Noiva Abandonada, então, começou a andar de um lado para o outro na taverna, e suas botas cintilantes faziam *cléc* no chão de madeira. – Teve uma pessoa que eu amei mais do que qualquer outra. Ele... – Lala parou de falar de repente e retorceu a boca, como se não conseguisse dizer o que originalmente pretendia. – Ele era metamorfo e se transformava em dragão... um dragão bem grande – disparou, finalmente. – Como você sabe, dragões gostam de acumular tesouros, e eu sempre gostei de usar coisas cintilantes, e foi por isso que esse rapaz me encontrou. Estava

voando, metamorfoseado em dragão, e me tirou do chão, achando que eu era um tesouro.

LaLa ficou com uma expressão nostálgica e arrancou uma pedrinha da saia cintilante. E Evangeline se lembrou de ter visto, na festa à fantasia da amiga, um rapaz que lembrava um dragão dançando com uma garota fantasiada de tesouro.

– Tinha gente vestida de você e do seu dragão no baile?

– Sim. É uma história antiga. Boa parte das pessoas do Norte conhece esse pedaço que eu acabei de contar, mas não se lembra de quem era o dragão... – A boca de LaLa se contorceu novamente, ela não conseguia encontrar as palavras até que, finalmente, disse: – Meu primeiro amor é o verdadeiro motivo para eu ser a Noiva Abandonada. Meus noivos nunca terminam comigo. Eu é que sempre cancelo tudo, porque nunca consegui esquecer o meu amado. Eu optei por me tornar Arcano porque Arcanos, teoricamente, não são capazes de amar, e eu queria deixar de amá-lo. Queria esquecê-lo. Mas não consigo.

LaLa ficou passando a mão na pele negra do braço, na tatuagem reluzente de chamas de dragão. Evangeline sempre achou que o desenho era por causa do brilho intenso da personalidade da amiga. Mas agora sabia que a Noiva Abandonada fizera aquela tatuagem por causa de seu primeiro amor.

– Tentei me apaixonar por outros garotos. Mas, por mais que eu chegue perto de me apaixonar, até hoje só existe uma pessoa para quem eu quero dar meu coração. E só existe uma maneira de isso acontecer.

LaLa parou de andar de um lado para o outro e olhou para Evangeline com os olhos rasos d'água, de lágrimas cintilantes. Ela já tinha confessado, certa vez, que queria tanto amar que chorava lágrimas venenosas. Na ocasião, Evangeline achou que comprehendia. Também estava desesperada para amar. Mas encontrar o amor verdadeiro, perdê-lo e, ainda assim, continuar com um fio de esperança de reavê-lo era um tipo completamente diferente de tortura.

– O seu amor está dentro da Valorosa – arriscou Evangeline.

LaLa não respondeu, parecia que nem sequer conseguia tomar conhecimento da pergunta. Mas Evangeline achou que tinha razão – trancafiar um metamorfo que se transformava em dragão na Valorosa se encaixava na

versão da história segundo a qual o local era uma prisão encantada, feita para trancafiar seres mágicos.

– Por que você simplesmente não me contou essa história antes, quando fui te visitar? – perguntou Evangeline.

A expressão de LaLa ficou ainda mais constrangida.

– Nunca conto essa lenda. E queria acreditar que, finalmente, tinha me apaixonado por outra pessoa. Não queria admitir que meu noivado novinho em folha era mais uma mentira. Uma mentira que estou contando para mim mesma, porque não consegui superar meu amor de infância. Mas aí, de repente, fiquei com medo de perder a única chance que eu tinha de rever meu verdadeiro amor e, bem... o resto você já sabe... – O rosto de LaLa estava retorcido, cheio de rugas de arrependimento. – Espero que você me perdoe por ter lançado a maldição em você e em Apollo.

Evangeline não sabia o que fazer. Ainda estava magoada com o que LaLa havia feito, mas também sentia uma dor no coração por ela, por tudo o que a amiga havia passado.

– Só me prometa que não fará isso de novo. – Evangeline, então, se aproximou de LaLa e lhe deu um abraço. – Todo mundo comete erros por amor. Eu fiquei tão desesperada para não perder meu primeiro amor que fiz um trato com Jacks, e ele transformou todo mundo que estava na festa de casamento em pedra.

Depois dessa, LaLa deu risada.

– Não sabia que Jacks é capaz de transformar gente em pedra.

– E não é. Veneno lhe devia um favor, e Jacks mandou ele fazer isso.

A Noiva Abandonada se afastou de Evangeline e olhou para a amiga de um jeito estranho.

– E, por falar em Jacks, receio que você esteja correndo perigo.

O chão começou a tremer assim que LaLa disse a palavra “perigo”.

Ela soltou um palavrão e, quando tornou a falar, as palavras saíram aos borbotões.

– Preste atenção no que vou te dizer. Já faz semanas que você está desaparecida, Evangeline. Todos pensamos que você tinha morrido, até que

Jacks apareceu, há alguns dias. Acho que ele está com a pedra do contentamento, e a pedra está afetando seu raciocínio.

O chão rachou. A Noiva Abandonada deu um pulo para trás, e mais pedrinhas caíram do vestido dela e despencaram pela rachadura, que não parava de aumentar.

– Pela cara desse sonho, parece que ele te escondeu na Grotá – explicou LaLa, apressada. – Tenho certeza de que, agora, você acha que está no paraíso. Mas, enquanto estiver com Jacks, você corre perigo. – Nessa hora, o chão começou a desmoronar. – Se acha que está em segurança... é só porque também está sentindo os efeitos da pedra do contentamento. Mas você precisa resistir. Encontre a pedra do contentamento, fique longe de Jacks e saia da Grotá, antes que...

Evangeline acordou engolindo um suspiro de assombro com gosto de magia e de frio. Estava com os lábios na garganta de Jacks. Sentiu uma explosão de pânico até que, pouco a pouco, a noite anterior foi voltando.

Jacks tinha voltado. Estava ferido. Ficou curado. Depois pediu para Evangeline passar a noite ali com ele. Puxou a jovem para cima da cama. Abraçou, bem apertado. E então falou “Esta noite, quero fingir que você é minha”.

Ela ficou toda derretida, de novo, ao lembrar de como o Príncipe de Copas pronunciou a palavra “minha”. Era para ser só por uma noite, mas o fingimento ainda não havia terminado. A luz se infiltrava pelas janelas, banhando os dois, deitados ali, juntos, com os braços e as pernas enroscados, em raios de sol. Uma das mãos geladas de Jacks enlaçava a cintura de Evangeline, de um jeito protetor, e a outra estava agarrada à saia da jovem, prendendo o corpo dela bem junto ao dele, como se tocá-la fosse uma maneira de respirar.

Haviam se aproximado ainda mais depois que dormiram, como se tivessem sido atraídos por uma força que, de acordo com as suspeitas de Evangeline, era simplesmente mútua.

Só de pensar sentiu o peito ficar leve e alegre. Ou, talvez, fosse só a sensação de acordar tão perto de Jacks. Era isso o que ela queria, mais do que qualquer pedra. Só queria ficar ali com o Arcano e esquecer todo o resto.

*Mas você está esquecendo*, pensou.

Havia algo mais presente ali. Evangeline podia sentir, logo debaixo da superfície de sua euforia.

*Ignore*, pensou.

Só que, quanto mais tentava ignorar, mais começava a recordar. O sonho na taverna. O Belo Desconhecido, os dardos. LaLa. O alerta a respeito de

Jacks, o alerta a respeito da pedra do contentamento. Tudo voltou em um turbilhão terrível. “Acho que ele está com a pedra do contentamento, e a pedra está afetando seu raciocínio.”

Evangeline fechou os olhos e tentou se convencer de que aquilo era apenas um sonho. Não queria pensar que, na noite anterior, Jacks só quis ficar com ela por causa da pedra.

Não podia ter sido por causa da pedra. O Príncipe de Copas não estava com ela. A jovem havia tirado a camisa dele na noite anterior, vira o peito do Arcano. Ele não estava com nenhuma pedra. O raciocínio de Jacks não estava prejudicado. Não estava deitado na cama com Evangeline por causa de algum tipo de magia.

*A menos que a pedra estivesse nos bolsos da calça...*

Evangeline respirou fundo, nervosa. Continuava achando que Jacks não estava com a pedra – não queria que ele estivesse, mas seria fácil certificar-se disso. Estava com uma das mãos nas costas do Príncipe de Copas. Só precisava ir descendo...

Foi deslizando os dedos pela pele de Jacks com todo o cuidado. O Arcano ainda estava gelado, lisinho e macio e, por um segundo, Evangeline quase esqueceu o que estava fazendo. Poderia muito bem aproveitar e acariciar aquelas costas, a coluna ou os sulcos da barriga dele. Mas foi descendo em direção à calça.

Mordeu o lábio quando os dedos desceram e...

Jacks soltou um ruído baixinho.

O coração de Evangeline deu um pulo. Os dedos mal tinham entrado no bolso – continuou descendo, tão devagar que chegava a ser doloroso. O tecido era macio, e o bolso estava...

Vazio.

Jacks não estava com a pedra. Evangeline quase gritou, de tanto alívio.

Até que se deu conta de que... não deveria ficar aliviada. Deveria ficar com vontade de encontrar a pedra do contentamento. Era a última pedra que faltava. Quando encontrasse a pedra do contentamento, poderia abrir o Arco da Valorosa e quebrar a maldição do Arqueiro.

Só que não andava pensando muito na maldição do Arqueiro nem em Apollo. E, desde que chegara ali, não teve vontade de procurar a pedra do contentamento. Não tinha vontade de ir embora. Estava se sentindo contente demais, feliz demais. Nem sequer sentiu culpa por ter matado Petra. Sabia que tinha sido em legítima defesa, mas deveria estar sentindo *alguma coisa*. Tentou sentir tristeza. Mas nem naquele momento sentiu. Havia escanteado outros pensamentos também, não conseguia sequer se lembrar deles, mas sabia que existiam.

Mas será que ela estava assim porque a pedra do contentamento estava prejudicando seu raciocínio? Ou será que era a atração que sentia por Jacks que prejudicava tudo?

Evangeline mordeu o próprio lábio e foi tirando, bem devagar, a mão do bolso de Jacks. E, antes que desse tempo de mudar de ideia, desvencilhou-se do Arcano e saiu da cama. Ficou com a sensação de estar cometendo um erro assim que se libertou dos braços do Príncipe de Copas. Queria voltar para perto de Jacks – enroscar-se nele. A atração estava mais forte do que nunca.

A cada passo que dava, afastando-se da cama, tinha a sensação de que estava cometendo um erro. Só que Evangeline não tinha mais certeza de que podia confiar em seus sentimentos.

Obrigou-se a sair do quarto, a ir cambaleando para o corredor.

O relógio do saguão da estalagem bateu “chá com torradas”.

A badalada era alegre e leve como o sol da manhã que entrava pela taverna aberta, lançando sua luz nos pêndulos cheios de pedras preciosas do relógio. O bebê dragão estava tentando pegá-los – batendo no vidro, passando as patinhas nele, na esperança de conseguir pegar as pedrinhas.

– Ah, não, querido...

Evangeline foi pegar a criaturinha no colo. Mas, quando deu por si, estava abrindo o vidro e tentando pegar um dos pêndulos cheios de pedras. Que era tão bonito e...

Ela tirou a mão e cambaleou para trás – conhecia muito bem aquela sensação.

Aquela não era uma pedra preciosa qualquer. Evangeline conseguia sentir o poder pulsando através dela, meigo e suave, feito o canto da sereia. Aquela

gema era a pedra do contentamento.

A terrível verdade apertava o peito de Evangeline, dificultando sua respiração. LaLa tinha razão. A pedra do contentamento estava ali, aquele tempo todo, prejudicando o raciocínio de Jacks – e o *dela*. Nada que havia sentido naquele lugar era real. A sensação de segurança e felicidade, os sentimentos crescentes pelo Príncipe de Copas, tudo era influência da pedra do contentamento.

Saber que estava sob efeito da pedra deveria ter sido um alívio. Evangeline era casada com Apollo, e Jacks não era alguém com quem poderia ter um futuro, jamais. O Arcano já encontrara a única garota que fizera seu coração voltar a bater, e não era Evangeline. Ela não era o verdadeiro amor de Jacks. Mas Evangeline se pegou desejando ser esse amor.

Fechou os olhos, tentando desanuviar os pensamentos, apesar que tudo o que ela queria era fechar a porta de vidro do relógio e esquecer o que acabara de descobrir. Tinha ido para o Norte na esperança de encontrar um final feliz, e estar ali com Jacks era o mais próximo que havia chegado de sentir isso. Desde que chegara à Grotá, não tinha mais a sensação de que o Arcano era seu inimigo, tinha a sensação de que ele era seu lar.

Evangeline mordeu o lábio. Não deveria querer nada daquilo, porque não era real. Por outro lado, o que fazia qualquer coisa real de fato? Se era a ausência de magia, então nada no Norte era completamente real.

A jovem pegou o dragãozinho com todo o cuidado. Em seguida, fechou a portinhola do relógio, isolando a pedra do contentamento atrás do vidro.

Sabia o que precisava fazer – só que ainda não estava preparada. Na taverna, Evangeline encontrou pilhas de torradas acompanhadas por deliciosos potes de ferro cheios de marmelada da Grotá, creme de limão do Norte, geleia de *blueberry* de Arvoredo da Alegria e algo grosso e achocolatado. O dragãozinho se apossou, imediatamente, do pote de chocolate.

Evangeline passou creme de limão em uma fatia de pão, mas não conseguiu levá-la à boca. Ficou com queimação no estômago ao pensar na pedra do contentamento, alegremente instalada dentro do relógio. Agora que sabia que a gema estava ali, a paz que sentira até então se estilhaçara.

Mas a atração que sentia por Jacks não.

Sentiu a presença do Príncipe de Copas assim que ele pôs os pés na taverna. O ar ficou carregado, parecia que faíscas haviam tomado o lugar de metade do oxigênio. A cicatriz em forma de coração partido no pulso formigou de um jeito prazeroso. E, quando deu por si, estava sorrindo.

– Olá – disse ele, quase envergonhado, ao se aproximar da mesa.

Estava descalço, sem camisa, todo amarrrotado de um jeito adorável, com o cabelo dourado caído nos olhos cintilantes que davam a impressão de ainda estar despertando.

– Oi.

A voz de Evangeline também saiu estranhamente envergonhada, o que só fez Jacks sorrir.

– Você não precisava ter saído de fininho da cama – disse o Príncipe de Copas.

– Eu não saí de fininho.

– Então por que não ficou?

Como quem não quer nada, o Arcano se sentou ao seu lado e se virou para ela, dando um sorriso lupino. Era um sorriso de conto de fadas, meio vilão, meio herói, meio como um “felizes para sempre” impossível.

Evangeline mal se conteve de tanto que adorou esse sorriso.

Mas aí se lembrou da pedra. Imaginou que se sentiria de outro modo se a gema estivesse dentro de uma caixa de ferro e temeu que Jacks também se sentiria assim. Temeu que o Príncipe de Copas não ficaria olhando para ela como se quisesse devorá-la no lugar do café da manhã.

– Amanhã não vou deixar você escapar com tanta facilidade.

Os olhos do Arcano ficaram com um brilho malicioso, e ele roubou uma mordida da torrada da jovem.

Essa atitude foi tão simples e espontânea... E Evangeline só conseguia pensar que seria muito fácil permanecer na Grota.

– Achei que você disse que seria só por uma noite.

– Achei que você nunca acreditava no que eu digo.

O Príncipe de Copas sacudiu a cabeça, com ar de reprovação, e puxou Evangeline, sentando-a em seu colo.

– Jacks...

Ela pôs a mão no peito do Arcano. Conseguiu sentir que o coração do Príncipe de Copas batia sobressaltado, coisa que a surpreendeu. Por fora, Jacks sempre dava a impressão de ser descontraído e despreocupado... mas, naquele momento, Evangeline pensou que Jacks poderia estar tão nervoso quanto ela. O que lhe deu vontade de abraçá-lo, colocar a cabeça no ombro do Príncipe de Copas e confessar todas as coisas que estava tentando não sentir.

Passou os braços em volta do pescoço de Jacks e, por um segundo, abraçou bem apertado. Abraçou como se o Príncipe de Copas fosse dela e ela fosse do Príncipe de Copas. E como se não houvesse mais nada separando os dois. Nenhuma maldição. Nenhuma mentira. Nenhum ferimento nem nenhum erro do passado. Evangeline abraçou Jacks como se só existisse o agora, como se nada mais importasse além daquele instante. E, depois, soltou-se. Levantou do colo do Arcano com os braços atrapalhados e as pernas mais atrapalhadas ainda, que cambalearam quando tentou se afastar.

– Evangeline... o que foi? – perguntou Jacks, com uma ruga entre as sobrancelhas.

– Isso não é real, Jacks. Eu e você estamos sob a influência da pedra do contentamento.

– Você acha que só sentiria isso por mim por causa de uma pedra?

O Príncipe de Copas apertou os lábios. Por um segundo, ficou com cara de bravo. Mas, quando a jovem olhou nos olhos dele, só conseguiu ver mágoa.

Teve vontade de retirar o que disse. Não queria lhe causar sofrimento. Não queria, nem de longe, fazer aquilo. Mas sabia que os dois não podiam continuar ali, nem por mais um dia, porque temia que um dia não bastaria – nenhuma quantidade de dias jamais bastaria. Se permanecesse ali com Jacks, teria o mesmo destino de Petra, apegando-se ao Arcano do jeito que Petra havia se apegado à própria juventude e à pedra; disposta a fazer qualquer coisa para continuar com elas.

– Eu não acho, eu sei. – Dito isso, pegou o pote de ferro vazio, junto com a tampa. – Encontrei a pedra do contentamento agora pela manhã. Ela está no relógio do saguão.

– Evangeline...

Ouviu o Arcano se levantar em um pulo, mas não virou para trás. Quanto antes fizesse isso, melhor seria para os dois.

Correu até o saguão.

– Espere...

Jacks a segurou pela mão e a virou de costas para o relógio. Estava com o rosto pálido, os olhos vidrados e injetados.

Odiou magoá-lo, mas fechou a cara. Dentro de um minuto, ambos se sentiriam de outro modo. O Príncipe de Copas queria aquelas pedras mais do que tudo, e ela queria salvar a vida de Apollo. Queria um final feliz – e queria que fosse real, verdadeiro, e não influenciado por magia.

– Seja o que for, Jacks, você não vai mais sentir dentro de um minuto.

Ele engoliu em seco e cerrou os dentes.

– Você não faz ideia do que estou sentindo neste exato momento.

Jacks olhou para os lábios de Evangeline e ficou com a expressão mais torturada que a jovem já vira na vida.

Quando o Príncipe de Copas queria alguma coisa, era com uma intensidade capaz de destruir mundos e construir reinos. Era essa energia que emanava do Arcano agora, parecia que ele queria destruí-la e torná-la sua rainha, tudo ao mesmo tempo.

E era tão tentador permitir que Jacks fizesse isso. A magia crepitava na distância exígua que os separava. Dourada, elétrica e viva. A sensação era de final de conto de fadas, quando um único beijo tem mais poder do que mil guerras ou uma centena de feitiços.

Evangeline se imaginou aproximando-se de Jacks, beijando os lábios dele e passando a eternidade perdida em um único beijo infinito.

– Isso não é real, Jacks. – Doeu dizer cada uma dessas palavras, mas sabia que, apesar de as palavras serem dolorosas, ao menos eram verdadeiras. – Este lugar é o encantamento de um conto de fadas sem as maldições ou os

monstros. Mas ainda existem maldições e monstros lá fora. Apollo ainda está lá fora...

– Apollo está bem – interrompeu Jacks, dizendo o nome do príncipe com raiva. – Caos o encontrou... e eu o vi quando estive fora. Apollo está trancafiado confortavelmente no castelo de Caos, onde ninguém pode feri-lo e ele não pode ferir você.

– Só que ele não pode viver desse jeito. E nós não podemos viver desse jeito.

Evangeline soltou a mão de Jacks e, antes que ele pudesse impedi-la, virou-se para o relógio. Abriu a porta que dava acesso aos pêndulos, arrancou a pedra do contentamento e a jogou dentro do pote de ferro.

## PARTE III

*Uma legião de  
monstros assassinos*

Assim que a pedra do contentamento foi removida, o relógio parou de tiquetaquear. A Grotá ficou em silêncio, e o ar do saguão congelou, feito tumbas à noite.

Evangeline sabia que lugares não têm vida de fato. E, apesar disso, teve a sensação de que a Grotá estava morrendo. Velas se apagaram. Rachaduras feriram o chão. Poeira se acumulou nas escadas, onde antes havia luz e brilho.

A Grotá até podia ser encantada para que as maldições não entrassem nela. Mas, pelo jeito, o restante da magia do local era fruto da pedra do contentamento.

Até o dragãozinho mudou. Começou a bater na maçaneta da porta da frente com a pata, como se mal pudesse esperar para ir embora dali.

Evangeline adoraria ter ficado com ele, mas abriu a porta e deixou a criaturinha sair voando em direção ao frio. Do lado de fora, a neve não mais brilhava. Estava úmida e tão congelante que queimou suas bochechas antes de ela fechar a porta.

Evangeline ficou com um buraco no estômago.

Não tinha vontade nem de olhar para Jacks. Se a Grotá já estava gelada daquele jeito, temeu o que poderia ver quando se virasse para o Príncipe de Copas. Torcia para nada ter mudado, para que, apesar de a Grotá ter sido alterada, Jacks permanecesse do mesmo jeito.

– Pode se virar, Raposinha – disse ele, com um tom ríspido. E, ao ouvi-lo, a faísca de esperança que Evangeline sentia se apagou. – Não precisa se preocupar, não vou fazer mais nenhuma declaração indesejada.

E o Arcano tinha razão: quando Evangeline se virou, seus olhos não estavam mais vermelhos. O Príncipe de Copas ainda cerrava os dentes, mas estava com uma cara de irritação, não de sofrimento.

– Bem que eu falei que você iria se sentir de outra forma – disse a jovem.

Essas palavras doeram, e ela tentou escantear a dor. Caos havia lhe dito que ela sentiria o poder das pedras com mais força do que qualquer outra pessoa. Pelo jeito, ainda não deixara de sentir a influência da pedra do contentamento. Ficou torcendo para que os sentimentos que restaram sumissem logo. Era visível que Jacks já não sentia mais nada.

– Você tinha razão – respondeu o Príncipe de Copas. – Agora tenho vontade de ir embora. Vou pegar as duas outras pedras. É melhor você procurar uma capa.

Evangeline localizou uma capa dourada forrada de uma pele branca bem grossa no mesmo guarda-roupa onde havia encontrado o diário de Aurora Valor. Pegou a capa e trocou de roupa – colocou um vestido também branco, que tinha flores douradas bordadas e corpete fechado com fitas cruzadas em um tom de rosa-pôr-do-sol. Resolveu levar o diário consigo. Não sabia direito a razão – depois do último texto que lera, quase todas as páginas estavam em branco. E não podia dizer que precisava do diário para encontrar outras pedras. Jacks e ela já estavam com a pedra do contentamento, a pedra da verdade e a pedra da juventude, e Caos já possuía a pedra da sorte.

Algo parecido com apreensão pinicou Evangeline quando se lembrou do que Petra havia dito antes de morrer. “Só depois disso que descobri o que as quatro pedras são capazes de fazer juntas. Mas suponho que não te contaram isso, contaram?”

– Pronta? – perguntou Jacks.

Ela se virou e deu de cara com o Arcano, que estava perto da porta, com a postura rígida, feito um soldado, trajando um sobretudo de viagem escuro que parecia proibitivo, como a expressão dele. Evangeline sabia que a pedra do contentamento havia roubado toda a alegria daquele lugar, mas achou que o Príncipe de Copas ficaria pelo menos um pouquinho mais feliz, agora que tinham localizado todas as quatro pedras. Em vez disso, Jacks olhava para Evangeline com uma cara quase de raiva.

– Além de abrir o arco, o que as quatro pedras fazem quando estão juntas?  
– perguntou a jovem.

– É um pouco tarde para se preocupar com isso – respondeu Jacks, curto e grosso.

Seu tom de voz não estava mais frio do que já estivera uma centena de outras vezes e, mesmo assim, Evangeline sentiu uma pontada quando ele deu as costas para a porta.

O trenó já estava pronto para partir quando Evangeline saiu da estalagem. O ar gelado do inverno sacudiu seus cabelos, fustigando seu rosto enquanto ela dava a última olhada para a Grotta. As flores que ladeavam a estrada, tão alegres quando chegou ali, agora estavam murchas e cobertas de geada. Pensou ter visto cogumelos e flores alegres no telhado também, mas agora só havia uma série de tábuas que davam a impressão de que seriam arrancadas por qualquer tempestade.

– É melhor partirmos – declarou Jacks.

Evangeline entrou no trenó ao lado dele. O veículo era branco como a neve, e tinha um banco largo, onde caberia mais um passageiro. Essa era a distância que a separava do Arcano. E a jovem tinha plena consciência dessa distância, de um jeito doloroso.

Não queria ficar olhando para o Príncipe de Copas, torcendo para que o Arcano também olhasse para ela. Não queria sentir nada por Jacks, muito menos por aquela versão insensível dele. Só que o coração não queria parar de doer.

Evangeline continuou achando que a atração que sentia por Jacks desapareceria, agora que a pedra do contentamento fora colocada dentro de um pote. Mas não conseguia se livrar daquela atração.

O trajeto de volta a Valorfell foi brutal – gélido e silencioso, tirando o ruído do galopar dos cavalos que puxavam o trenó.

A jovem ficou se perguntando se Jacks não sentia nada de fato ou se estava apenas tentando esconder seus sentimentos. Ela é que havia insistido para arrancar a pedra do contentamento do relógio, para que os dois pudessem ir embora dali e abrir o arco. E faria isso novamente.

Não estava arrependida de sua decisão.

Apenas odiou o fato de essa decisão causar tanta dor. Odiou o fato de sua única vontade ser a de esticar o braço e segurar a mão do Príncipe de Copas.

Mas não teve coragem de se mexer.

Mesmo que o Arcano ainda sentisse uma faísca de qualquer coisa por ela, estava optando por não demonstrar.

Os dois deixaram o trenó nos portões do cemitério e percorreram a pé o restante do trajeto até o castelo de Caos. Jacks levava duas pedras na sua algibeira, e Evangeline ainda estava com a pedra do contentamento, lacrada dentro do pote de ferro.

Ficou surpresa com a permissão do Príncipe de Copas para que ela continuasse com a pedra. Talvez ele realmente não tivesse mais nenhum resquício daqueles sentimentos e ficasse apavorado só de pensar que pudesse voltar, a tal ponto de não querer levar aquela pedra consigo, nem mesmo lacrada dentro de um pote de ferro.

Dois anjos de mármore tristes guardavam a entrada do castelo subterrâneo de Caos. Um deles pranteava duas asas despedaçadas. O outro tocava uma harpa de cordas quebradas. Evangeline já vira aquelas estátuas diversas vezes – mas, normalmente, durante a noite. Como o sol ainda brilhava, lançando uma luz granulada nas esculturas, pela primeira vez, os anjos de Caos a fizeram lembrar dos anjos que guardam o Arco da Valorosa. A jovem imaginou que poderia haver alguma espécie de relação entre eles, algo que não estava percebendo.

– Agora que estamos de volta, tenho certeza de que você está louca para ver seu marido, mas não vá procurar por ele. Até a maldição do Arqueiro ser neutralizada, Apollo é um perigo para você.

– Já sei disso.

– Bom, sei o quanto você gosta de tentar a morte, por isso pensei em te recordar – disparou ele.

Sacudindo a cabeça, Evangeline abriu a porta usando o próprio sangue.

Isso lhe rendeu mais um olhar feio de Jacks, enquanto passavam pela porta.

– Qual é o problema agora? – indagou a jovem.

– Você não tem senso de autopreservação. Por acaso não ouviu quando Caos alertou que você não deveria verter sangue em um castelo cheio de vampiros?

– Ainda é dia. Os vampiros estão dormindo.

– O que te deixa com diversas horas para morrer antes de abrir o arco.

Ela ergueu o queixo, em uma expressão de desafio. Quase comentou que passara cerca de duas semanas ali sozinha – não precisava dos cuidados do Arcano. Mas, em parte, tinha um lado de Evangeline que ainda acreditava que aquela preocupação toda não era somente por causa do arco.

– Pensei que não fazia diferença para você se o arco for ou não aberto. Pensei que você só queria as pedras.

– E quero – retrucou Jacks, sem hesitar. – Mas dei minha palavra a Caos que só as usaria depois que ele abrisse o arco e removesse o elmo, e Caos só pode fazer isso quando escurecer. Então por que você não banca a chavezinha comportada e se tranca na segurança da sua suíte?

Evangeline fervilhou de raiva. Ainda suspeitava que o Príncipe de Copas poderia estar tentando irritá-la para esconder quaisquer sentimentos que, porventura, ainda tivesse. E, se fosse o caso, estava conseguindo.

– Não se preocupe, Jacks, eu jamais te causaria a inconveniência de morrer.

Foi para o quarto pisando firme. Ficou tentada a procurar Apollo, só para deixar Jacks bravo. E também pela esperança de que, assim que visse o marido, seria mais fácil parar de pensar no Arcano. Porque, naquele exato momento, isso lhe parecia impossível.

Evangeline passou pelo pátio onde vira Jacks jogando damas, e isso a fez lembrar da conversa que ouvira, entre ele e LaLa, a conversa que dava a entender que o Príncipe de Copas passara o tempo que ficou longe de Evangeline procurando uma cura para a maldição do Arqueiro. Ter ouvido essa conversa a fez criar coragem para pensar que o Arcano se importava com ela. Só que, agora, gostaria que o Príncipe de Copas estivesse apenas jogando. Era tão mais fácil não gostar de Jacks quando ele estava sendo egoísta.

Lágrimas fizeram o canto de seus olhos arder.

Ela as secou, recusando-se a chorar por causa de Jacks. Mas era tão difícil... Tudo doía. Doía deseja-lo. Doía ser rejeitada pelo Príncipe de Copas. Doía respirar. Doía chorar. Doía ainda mais quando a jovem tentava não chorar.

Quando Evangeline chegou ao quarto, sua cabeça latejava, e o coração estava pesado. O recinto estava gelado e escuro, mas ela só acendeu algumas

das velas e se jogou na cama.

Ainda estava agarrada ao pote de ferro onde havia guardado a pedra do contentamento. Seria tão fácil tirar a tampa do pote... E, falando sério, que mal tinha? A pedra levava qualquer dor embora, e ela estava sentindo tanta dor.

Os dedos de Evangeline pairaram em cima da tampa. Em seguida, com delicadeza, a jovem tirou a tampa.

O alívio que sentiu foi doce e instantâneo. Os ombros de Evangeline relaxaram, as pálpebras se fecharam. Teve a sensação de que, por fim, conseguia respirar, sem todo aquele peso que apertava seu peito.

O desejo ainda estava presente. Quando fechou os olhos, se deu conta de que estava de ouvidos alertas, querendo ouvir uma batida na porta, seguida da voz grave de Jacks. Mas, em vez de desmoronar com o silêncio, sentiu uma espécie de esperança tranquila. Não conseguia acreditar que o Príncipe de Copas não se importava com ela. Não conseguia acreditar que os sentimentos do Arcano por ela eram só por causa daquela pedra. Ela...

Ela estava delirando.

Evangeline se obrigou a fechar a tampa do pote de ferro. Em seguida, enfiou o pote debaixo do travesseiro, para que ficasse longe do alcance dos olhos. Por mais que quisesse amortecer a dor de seu coração partido, viver em um delírio não era a saída. Aquela dor logo passaria. Assim que abrisse o arco e quebrasse a maldição do Arqueiro, tudo seria diferente entre ela e Apollo – isso, pelo menos, era garantido. Mas as coisas seriam diferentes como?

Um calafrio estremeceu seu corpo. A tentação de pôr a mão debaixo do travesseiro e pegar a pedra de novo era grande. Só até chegar a hora de usá-la. Mas, talvez, precisasse sentir aquela dor para conseguir superá-la.

Evangeline abraçou o travesseiro e fechou os olhos.

O tempo foi passando daquele jeito lento, quando parece que não está passando nem um pouco. A luz e a temperatura não mudavam, inabaláveis. Até que, de repente, tudo mudou, o ar ficou mais denso. Um segundo depois, sentiu dedos leves feito pluma tirando seus cabelos do rosto.

– Jacks...

Seu coração se sobressaltou e ela foi abrindo os olhos até que... engoliu um grito.

Apollo estava debruçado sobre a cama. Com as mãos pairando em seu rosto – ou seria no pescoço? Será que o príncipe estava prestes a estrangulá-la?

Por um segundo, o pavor a paralisou. Em seguida, tentou se ajoelhar. Precisava fugir.

– Não tenha medo... Não vou te fazer mal, Evangeline.

Apollo disse o nome dela em tom de súplica e colocou um joelho em cima da cama, depois o outro, até ficar diante dela. Os olhos eram de um castanho líquido, não estavam vermelhos. Evangeline sabia com que rapidez o olhar de marido poderia mudar. Mas, naquele exato momento, o príncipe parecia tão assombrado, tão só, tão desesperado, tão ferido.

Teve a sensação de estar olhando no espelho, vendo as próprias emoções refletidas nele.

Ela sabia que precisava fugir de Apollo, mas não queria fazê-lo sofrer mais do que já estava sofrendo.

Com todo o cuidado, o príncipe segurou o rosto de Evangeline com as duas mãos. Ela ficou imóvel, mas não se afastou. Apollo cumprira o que prometera. Não a machucara. Pelo contrário: a carícia aliviou um pouco da dor que sentia.

Apollo acariciou o queixo de Evangeline.

A mão estava quente e foi delicada. Seus dedos, contudo, tremiam sutilmente, parecia que ele também estava assustado.

Mesmo assim, a carícia fez Evangeline se sentir bem. Mas, talvez, não fosse uma boa ideia, afinal de contas.

– Apollo... isso não é seguro.

O príncipe deu risada. Um riso alto, mas tímido.

– Nada é seguro desde o instante em que pus os olhos em você. E, contudo, não quero parar de te olhar.

Apollo beijou Evangeline.

Por um instante, a jovem esqueceu de como se respira – esqueceu de como se beija. Mas o príncipe foi paciente. Seus lábios se movimentavam de um jeito respeitoso, dando leves beijinhos nos lábios dela, até que ela começou a relaxar e se entregou.

Já havia beijado Apollo antes, mas nunca daquele jeito. Quando o príncipe estava sob o efeito do feitiço lançado por Jacks, seus beijos mais pareciam sonhos febris, acalorados e afoitos, como se Apollo quisesse devorar não apenas sua boca. Esse beijo mais parecia um convite para dançar.

E Apollo dançava muito bem. Bem devagar, foi colocando a mão nos cabelos de Evangeline e inclinou a cabeça dela, que entreabriu os lábios. Ela ficou com frio na barriga e passou os braços no pescoço do marido.

O príncipe sorriu, com os lábios encostados nos seus.

– Você não sabe o quanto eu desejava por isso.

Apollo, então, segurou o lábio de Evangeline entre os dentes, beijou-a de novo e mordeu em seguida, com tanta força que saiu sangue.

– Desculpe – murmurou.

– Não, tudo bem... é bom.

Isso a fez lembrar de Jacks. Mas ela expulsou esse pensamento. Também mordiscou os lábios de Apollo. Que sorriu de novo e a beijou com mais intensidade, enquanto suas mãos tentavam tirar a capa dourada que Evangeline vestia.

A jovem ficou sem ar quando a capa caiu na cama.

Sabia que era uma péssima ideia, mas era tão bom ser beijada por Apollo... Parecia que, em cada carícia, o príncipe a idolatrava. Depois de tirar a capa, começou a desamarrar as fitas do corpete e a deitou na cama.

– Se eu estiver indo rápido demais, me avise.

Dito isso, a beijou com delicadeza, primeiro nos lábios, depois no rosto, e foi dando beijinhos ternos pelo pescoço enquanto as mãos seguravam os seios, depois a garganta.

Os olhos de Evangeline se abriram de repente, na mesma hora.

– Desculpe – disse Apollo, com a voz rouca.

Desta vez, o pedido de desculpas não foi seguido de um beijo.

O pavor criou asas dentro de Evangeline porque os olhos do príncipe, de castanhos, ficaram vermelhos, e as mãos começaram a apertar seu pescoço.

Evangeline se estilhaçou em mil pedaços de pânico. Chutou Apollo no meio das pernas, mas o príncipe era muito pesado, estava em cima dela, e os chutes não surtiram efeito. Estava presa na cama pelo corpo do marido.

Tentou gritar porque os dedos dele esmagavam dolorosamente sua traqueia.

Mas Apollo também começou a sufocar – cuspiu, tossia e foi perdendo a força nos dedos, graças à maldição espelhada.

Evangeline mal conseguia respirar, mas, quando o príncipe se afastou, ela pegou o pote onde estava a pedra do contentamento e se arrastou, se livrando do domínio do marido.

Rolou para fora da cama, toda desengonçada. Tudo era um borrão. O quarto às escuras girava, as velas aumentavam suas chamas e soltavam fumaça, tudo ao mesmo tempo. Ela estava ofegante, cambaleava. Mas, sabe-se lá como, recordou que havia uma alavanca do lado da cama.

Baixou a alavanca com todas as suas forças. A jaula caiu em volta de Apollo imediatamente. As grades se encaixaram, fazendo um ruído alto, aprisionando o príncipe.

Soltando um urro, Apollo se agarrou às grades. Estava com uma expressão de fera, os olhos ainda brilhavam, vermelhos, mas as palavras que disse foram em tom de súplica.

– Desculpe, Evangeline. Não queria mesmo te machucar!

– Eu sei.

A jovem cambaleou para trás. E esbarrou em...

*Jacks.*

As veias pulsavam no pescoço do Príncipe de Copas. Seu olhar tinha um brilho assassino e estava totalmente direcionado para Apollo.

– Saia daqui! – ordenou para Evangeline.

– Você não pode feri-lo – disse ela, ofegante, e puxou o Arcano pela camisa, para fazê-lo sair dali. – Se você o machucar, também vai me machucar. Lembra?

O Príncipe de Copas resmungou algo do tipo “Eu ainda vou matar esse príncezinho”. E passou o braço nos ombros de Evangeline.

– Tire as mãos da minha esposa! – gritou Apollo.

Jacks a puxou mais para perto de si e foi com ela em direção à porta.

Evangeline se sentia terrivelmente dividida. Não podia voltar para o lado de Apollo – muito menos, quando ele estava daquele jeito –, mas tinha a sensação de que sair dali na companhia de Jacks era um outro tipo de sofrimento para ele. O Príncipe de Copas estava sempre por perto para salvá-la e depois sempre ia embora.

Jacks a arrastou para fora do quarto, sem a menor delicadeza, e só parou para bater a porta depois que saíram. E, então, se dirigiu a ela de novo.

– O que ele fez com você?

O Príncipe de Copas cerrou os dentes quando viu que os lábios de Evangeline estavam manchados de sangue.

– Estou bem... eu só...

*Eu só preciso que você me abrace.*

Ela não conseguiu dizer isso em voz alta. Nem sabia se havia ou não projetado esse pensamento.

Mas, aí, Jacks a pegou no colo. Evangeline se agarrou nele e aninhou a cabeça no ombro do Arcano.

Jacks a abraçou com tanta força que chegou a doer, mas Evangeline não se importou com essa dor. Deixaria que ele a esmagasse, que ele a quebrasse, desde que jamais soltasse. Era isso que queria e se recusava a acreditar que o Príncipe de Copas não queria a mesma coisa.

Conseguia sentir o coração de Jacks batendo forte contra seu peito enquanto ele a carregava para o quarto ao lado. Que estava uma bagunça. Tinha maçãs e caroços por toda a mesa. Os lençóis da cama estavam emaranhados. O fogo queimava outras coisas além de lenha. Era visível que a jovem não fora a única a ficar chateada depois que voltaram da Grotta.

O Arcano abriu a porta com um chute e a levou até a cama.

– Quando te vi, Raposinha, achei que...

Jacks deixou a frase no ar e a colocou na cama, por cima dos lençóis revirados. Aí agarrou os cabelos dela e os puxou até Evangeline olhar para ele. A expressão do Príncipe de Copas continha todo o sofrimento de uma estrela caída, despedaçada e bela, com olhos tão azuis que as cores de todo o restante pareciam opacas.

Deliberadamente, o olhar de Jacks pousou nos lábios de Evangeline.

A respiração da jovem ficou ofegante, e ela desejou que o Príncipe de Copas pudesse beijá-la, uma única vez.

Jacks se aproximou e torceu delicadamente o cabelo de Evangeline, inclinando a cabeça dela e aproximando absurdamente os lábios dos dois.

– Você ainda está sangrando.

Dito isso, lambeu o meio dos lábios de Evangeline, de um jeito delicado e tão lento que chegava a ser agonizante. A sensação de ter a língua de Jacks passando em seus lábios era de céu e de inferno. De tudo o que ela queria e de tudo o que não podia ter. Teve que se segurar para não chegar mais perto, apesar de duvidar que o Príncipe de Copas fosse permitir isso. Conseguia sentir os dedos do Arcano em seu couro cabeludo, mantendo-a naquela posição, deixando os lábios dela a poucos milímetros dos seus.

Mas talvez fosse perto o bastante. Talvez não precisassem se encostar. Evangeline seria capaz de viver assim, desde que pudesse viver com Jacks.

E aí, o Príncipe de Copas a soltou. Largou os cabelos dela e se afastou da cama, fazendo-a sentir um repentina frio na pele.

– O que foi? – perguntou Evangeline.

Podia sentir que Jacks estava se fechando de novo, eliminando a emoção do rosto – a raiva, a luxúria, o medo, a dor, o desejo. Igualzinho ao que acontecera na Grota. Foi isso que ele fez quando Evangeline pôs a pedra do contentamento dentro do pote. Fechara-se, bloqueando todos os sentimentos. Fingira que tudo era efeito da pedra.

Ela já suspeitava disso, mas só teve certeza naquele momento.

– Tenho que ir – respondeu Jacks, com frieza.

– Não... – A jovem, então, levantou da cama. Desta vez, não ia permitir que o Príncipe de Copas não se abrisse com ela. – Do que você tem tanto

medo?

Os olhos de Jacks brilharam, um brilho que parecia de arrependimento.

– O que foi? – insistiu Evangeline.

O Arcano passou a mão nos cabelos e perguntou:

– Você ainda quer saber o que as pedras fazem quando estão juntas?

– Sim.

Só que, de repente, Evangeline ficou nervosa. Essa era a resposta pela qual estava esperando. A resposta pela qual estava implorando. Todo esse tempo, morria de vontade de saber o que Jacks realmente queria. Por um tempo, teve medo disso, porque não queria mais que o Príncipe de Copas sofresse. Mas agora, a julgar pelo olhar do Arcano, ficou com um medo súbito de ser a única pessoa a acabar ferida por essa resposta.

Jacks foi até a escrivaninha e pegou uma maçã branca. Jogou a fruta para o ar e explicou:

– Quando as quatro pedras são combinadas, quem as reúne ganha o poder de voltar para qualquer instante de seu passado. Isso só pode ser feito uma vez. Quando as pedras são usadas para esse propósito, nunca mais têm o poder de permitir que alguém volte no tempo.

Por um segundo, não pareceu tão ruim assim. Muita gente queria mudar algum momento em seu passado. Só naquele dia, Evangeline teria feito várias coisas de outra maneira.

– Para qual momento você quer voltar?

O Príncipe de Copas olhou para a maçã que segurava e respondeu:

– Quero voltar para o instante em que conheci Donatella.

– A princesa que te apunhalou?

Ele fez que sim, tenso.

Por um segundo, ela ficou sem palavras. De todas as respostas possíveis, não esperava justo essa. Não demorou para lhe vir à cabeça a noite que passou com Jacks na cripta, quando o Príncipe de Copas lhe contou a história da princesa Donatella – a história de que ele havia beijado a princesa, e que esse beijo deveria tê-la matado. E que, em vez disso, fez o coração do Arcano voltar a bater. Donatella deveria ter sido o único e verdadeiro amor do Príncipe de

Copas, mas resolveu ficar com outro homem e cravou uma faca no coração de Jacks.

– Por que você quer voltar a encontrar com ela?

O Arcano ficou mexendo o maxilar por alguns instantes, então respondeu:

– Supostamente, ela deveria ser meu único e verdadeiro amor... Quero outra oportunidade de viver isso.

– Mas não faz sentido. Por que se dar a todo esse trabalho por uma garota que você *não* ama?

Evangeline sabia que Jacks não amava Donatella. Talvez tivesse acreditado que ele a amava antes, na primeira vez que ouviu a história, mas não conseguia mais acreditar nisso.

O Príncipe de Copas nunca falava de Donatella. E, nas raras ocasiões em que comentava algo a respeito da princesa, não falava como se a amasse.

– É só por que você não a matou? Ou realmente quer ficar com ela?

Jacks expandiu as narinas e desconversou:

– Essa discussão é inútil. – Nessa hora, mordeu a maçã com força. – E você não vai lembrar dela, de todo modo.

Evangeline foi novamente tomada pelo pânico. Era a segunda vez que Jacks dizia isso. A primeira foi na Grotta, e ele falara de um jeito que dava a entender que não estava sendo sincero. Só que, agora, o tom de Jacks era firme e ríspido.

– Por que está dizendo que não vou me lembrar? – perguntou a jovem.

Mas temia já saber a resposta. Se o Príncipe de Copas voltasse no tempo, isso não mudaria apenas a vida do Arcano, também alteraria a vida de Evangeline. Era por isso que estava dizendo que ela iria se esquecer. Porque, se Jacks criasse uma nova realidade, nada daquilo aconteceria. Os dois nem sequer teriam aquela discussão.

Tudo o que havia ocorrido entre Jacks e Evangeline desde que ela chegara no Norte fora em decorrência da busca do Príncipe de Copas pelas pedras do arco. Mas, se o Arcano conseguisse usá-las para reescrever a própria história, não precisaria encontrá-las novamente: não precisaria dela.

De repente, Evangeline ficou enjoada.

Jacks fez cara de quem não dava a mínima.

– Se você voltar no tempo, quanto da minha vida irá mudar?

O Arcano deu mais uma mordida na maçã e respondeu:

– Sua vida não será completamente diferente. O Tempo não deseja ser mudado: a maioria das coisas irá acontecer de novo sozinha, a menos que alguém tome a atitude de mudá-las. Pelo que pude entender, você ainda conseguirá chegar aqui... só não vai ser por minha causa. Imagino que Caos vai te trazer até aqui sozinho. Então, não se preocupe, meu bem. Você continuará sendo princesa e continuará com Apollo.

– E você? Vamos nos conhecer?

– Não.

E Jacks pode até ter sentido algo quando disse isso, mas não deixou transparecer nenhuma emoção.

– Você vai se lembrar de mim?

– Sim – respondeu o Arcano, com a mesma indiferença. – Mas vou fazer de tudo para que nossos caminhos jamais se cruzem.

– Mas você acabou de dizer que minha vida não vai mudar.

– E não vai. – Nessa hora, ele deu mais uma mordida na maçã. – Você dará um outro jeito de impedir o casamento de Luc. Com Veneno, imagino.

– Não é disso que eu estou falando.

As lágrimas pinicaram os olhos de Evangeline. Não conseguia acreditar que Jacks não ligava para o fato de que ela iria esquecê-lo. Que aquele momento e todos os outros momentos que os dois viveram juntos seriam apagados. Que Caos ou Veneno simplesmente o substituiriam – isso se a *teoria* do Príncipe de Copas estivesse correta, e a vida da jovem continuasse mais ou menos a mesma. Se estivesse enganado, a vida dela poderia tomar tantos outros rumos...

Só que, naquele momento, Evangeline não ficou preocupada com o que seria da vida dela. Preocupou-se apenas com o fato de que iria *esquecer* Jacks. Sua respiração estava rasa, e o coração batia sobressaltado – ela ficou com receio de que pudesse parar de bater a qualquer momento. E o Príncipe de Copas estava ali, parado, comendo maçã.

Mas tinha certeza de que o Arcano sentia alguma coisa. Não acreditava mais que tudo o que havia acontecido entre os dois lá na Grotta tinha sido só por influência da pedra do contentamento. A pedra não criou aquela euforia, apenas cicatrizou os ferimentos e removeu o medo.

De que Jacks tinha medo? Qual era o ferimento dele?

“Supostamente, ela deveria ser meu único e verdadeiro amor... Quero outra oportunidade de viver isso.”

Foi isso que o Príncipe de Copas respondeu quando Evangeline perguntou por que ele queria voltar e ficar com Donatella. Não disse que a amava. Apenas queria ficar com a princesa porque acreditava que essa seria sua única oportunidade de amar. Só porque Donatella fora a única garota que o Arcano não havia matado com seu beijo.

– E se você estiver enganado? E se a princesa Donatella não for sua única oportunidade de amar? Você falou que, se eu abrisse o Arco da Valorosa, encontraria algo lá dentro capaz de curar a maldição de Apollo. E se tiver alguma coisa que possa te ajudar também? Talvez exista uma maneira de você encontrar *outro* verdadeiro amor.

Jacks ficou mexendo o maxilar e atirou a maçã na lareira.

– Não é assim que funciona.

– Por que você não quer pelo menos tentar? Por que a única solução é voltar no tempo para encontrar uma garota que não te ama?

Os olhos do Príncipe de Copas se transformaram em uma tempestade.

Talvez fosse melhor que Evangeline deixasse por isso mesmo, mas aquela era sua última chance. Se Jacks pusesse em prática seu plano terrível, a jovem sequer saberia se os dois se conheceriam um dia. Bem devagar, aproximou-se dele e ergueu a cabeça, para olhar no rosto do Arcano.

– Se você acredita mesmo que é isso que quer, está mentindo para si mesmo.

– Não estou mentindo para mim mesmo – vociferou Jacks.

– Então diga que é isso que você realmente quer. Jure que quer isso mais do que qualquer coisa, então nunca mais tocarei no assunto.

O Arcano a segurou pelos ombros e olhou bem nos olhos dela. Durante um minuto, não disse nada. Ficou apenas olhando para Evangeline, para o sangue que ainda restava nos lábios dela e para as lágrimas secas que manchavam seu rosto.

– Juro que é isso que eu realmente quero – declarou, pronunciando cada palavra como se fosse uma promessa. – Quero apagar cada instante que eu e

você passamos juntos, cada palavra que você me disse e cada vez que encostei em você. Porque, se não fizer isso, vou te matar, assim como matei a Raposa.

O coração de Evangeline parou de bater.

Ficou olhando para os olhos do Arcano em busca de uma explicação, mas só viu escuridão e só sentiu a pressão das mãos dele. O Príncipe de Copas a segurava como alguém se seguraria à beira de um precipício, sabendo que, assim que soltasse, não teria mais como se segurar.

E Evangeline não podia mais negar a verdade que não queria ver. Jacks era o Arqueiro de “A balada do Arqueiro e da Raposa”. Por isso ele sabia tanto a respeito da maldição do Arqueiro e insistira tanto que não havia como quebrá-la. Foi por isso que dissera que não era *amigo* do Arqueiro. Jacks *era* o Arqueiro.

Evangeline temia que isso fosse verdade desde o instante em que o Belo Desconhecido comentou sobre a primeira raposa. Mas ignorou esse fato porque não queria ter razão. Não queria que *essa* fosse a história de Jacks – queria que *ela* fosse a história de Jacks.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto ao imaginar Jacks como o Arqueiro, lutando, sem sucesso, para não ferir a garota que amava. Não era para menos que ele era tão atormentado e cruel. Não era para menos que havia se aperfeiçoado na arte de não se importar com ninguém.

– Desculpe acabar com seu conto de fadas, Raposinha. Mas baladas não têm final feliz, e nós dois também não teremos.

Dito isso, soltou os ombros da jovem e se dirigiu à porta.

– Não sou aquela raposa! – gritou Evangeline.

– Você não está entendendo. – Jacks virou levemente para trás e lhe lançou um olhar lúgubre. – Todas as garotas são só mais uma raposa. Quer saber como a história realmente termina? Quer saber a parte da lenda que todo mundo esquece?

Evangeline tentou se convencer a fazer que não com a cabeça. Fazia tanto tempo que queria saber o final daquela história, mas agora queria esquecê-la completamente. Queria que Jacks simplesmente voltasse a ser o Príncipe de Copas – o Arcano de coração partido que procura pelo verdadeiro amor –, não um herói caído que encontrou o amor de sua vida e a matou.

– Achei que você tinha acabado de me contar o final da história.

– Contei que a matei, mas não disse como. – Nessa hora, uma intensidade perigosa se infiltrou na voz de Jacks. – Não contei que fugi, que tentei abandoná-la para não feri-la. Eu não sabia se realmente a amava ou se todos os meus sentimentos eram devidos à maldição, porque a maldição não permitia que eu parasse de pensar nela. Mas a Raposa tinha mais fé em mim do que eu mesmo tinha. Foi me procurar. Estava convencida de que eu realmente a amava e que poderia resistir à maldição. E eu resisti. Jamais encostei as mãos nela. Superei a maldição do Arqueiro. Mas não fez diferença. Porque, assim que a beijei, ela morreu. – Jacks retorceu os lábios em uma expressão de amargura. – Desde então, todas as garotas que beijei morreram. Menos uma. E você não é essa garota.



Evangeline estava começando a recear que o tempo era alimentado por emoções e que coisas como pavor o faziam passar mais rápido. Em cima da cornija da lareira do quarto de Jacks havia um relógio de vidro preto, todo arredondado, no qual a jovem só reparou depois que o Arcano foi embora. Agora não conseguia tirar os olhos do relógio. Começou a suar na palma das mãos observando o ponteiro dos segundos girar, movimentando-se cada vez mais rápido a cada minuto que passava.

Logo chegaria o cair da tarde. Logo ela o esqueceria. Esqueceria daquela versão da própria vida. Poderia até ter uma vida completamente diferente, nem saberia que aquela vida um dia existiu.

Saberia que ele existia, mas não seria mais Jacks, seria apenas uma figura mística: o Príncipe de Copas. Evangeline esqueceria que o Arcano um dia fora Jacks da Grotá, o Arqueiro, e que, durante uma única noite, foi *seu*.

Com que direito o Príncipe de Copas tinha a ousadia de roubar tudo isso dela? Evangeline o odiou um pouco por isso, o que tornava tudo levemente mais fácil. Mas aquilo ainda lhe parecia errado. Sempre acreditou que toda história tem potencial para infinitos fins. Mas aquele não lhe parecia o jeito que a história dos dois deveria terminar. Não conhecera Jacks para depois ter que esquecê-lo.

Precisava convencê-lo disso antes que ele usasse as pedras.

A porta do quarto se entreabriu. Evangeline tirou os olhos do relógio e deu de cara com Caos, que estava parado perto da porta.

O vampiro estava trajado mais de príncipe do que de guerreiro – usava gibão de veludo tom de vinho bem escuro e uma elegante camisa cor de creme por baixo. As luvas eram de couro marrom, as calças, escuras, e a espada que levava presa à cintura era dourada. A arma parecia mais decorativa do que

necessária, como se aquela noite fosse uma espécie de ocasião especial. Evangeline supôs que, para Caos, era mesmo.

Nas mãos, o vampiro segurava um pequeno baú de ferro, que deveria conter a pedra da sorte, a pedra da juventude e a pedra da verdade. Evangeline ainda segurava o pote contendo a pedra do contentamento na mão e, por um segundo terrível, gostaria de tê-lo perdido.

– Pronta, princesa?

– Não – disparou Evangeline. Jamais estaria pronta para ter a própria vida apagada e substituída por outra. – Não precisamos esperar por Jacks?

Ela olhou de relance para o corredor, procurando o errático Príncipe de Copas, torcendo para que Caos não percebesse.

– Jacks não estará conosco – respondeu o vampiro. – Levarei as pedras para ele depois que você abrir o arco.

– Ele não pretende nem se despedir de mim?

Evangeline sentiu que suas esperanças se esmigalharam feito asas de papel que cometeram o tolo erro de achar que poderiam voar.

– Jacks falou que você não vai se lembrar, de todo modo – completou Caos, baixinho, como se soubesse que essa frase era o oposto de um consolo.

– Você acha que o que Jacks está fazendo é uma boa ideia?

O vampiro passou a mão no queixo do elmo e falou:

– Acho melhor irmos logo.

– Vou entender isso como um “não”.

Caos soltou um suspiro, meio de impaciência, meio de inquietação.

– Acho que viajar no tempo nunca é uma boa ideia. Já vivi tempo suficiente para saber que o passado não gosta de ser mudado. Jacks acredita que o plano dele vai funcionar porque quer alterar uma única coisa. Mas o raciocínio do Príncipe de Copas fica prejudicado quando ele quer muito alguma coisa. Acredito que viajar no tempo só funcione quando o passado ainda não teve tempo de se firmar. Quanto mais se volta no tempo, mais o Tempo resiste a mudanças. E, dada a natureza vingativa do Tempo, mesmo que Jacks consiga mudar o passado, o Tempo, sem dúvida, vai fazer questão de que ele perca alguma outra coisa, para pagar por isso. Então, você tem razão: acho que Jacks está cometendo um erro.

– Então me ajude a convencê-lo a mudar de ideia!

Caos sacudiu a cabeça, pesarosamente.

– Você também não faz bem para ele, princesa. Voltar no passado é um erro melhor a cometer do que *você*. Se Jacks ficar com você, vai te matar, e a sua morte o mataria. Pode acreditar em mim, Evangeline. Se você se importa com Jacks, o melhor que pode fazer por ele é esquecê-lo.

– Mas não me parece a melhor coisa a fazer – retrucou a jovem.

Mas, em parte, não podia negar que Caos talvez tivesse razão. Meses atrás, sentia que Luc era a pessoa com quem estava destinada a ficar. Estivera claramente enganada a esse respeito e, se não era a pessoa certa para Jacks, as consequências seriam bem piores.

– Está pronta agora? – perguntou Caos.

Com relutância, Evangeline fez que sim.

À medida que ela e o vampiro percorriam o corredor, continuou torcendo para ouvir o ritmo das botas de Jacks ou o ruído de seus dentes mordendo uma maçã.

Mas a única coisa que ouviu foi o barulho dos próprios sapatinhos, o rangido ocasional de uma porta se abrindo e a crescente constatação de que, talvez, jamais fosse rever Jacks. Ele não mudaria de ideia. Colocaria em prática o plano de mudar o passado e, com isso, a vida dos dois.

Evangeline se sentia anestesiada. Eles entraram em uma carruagem escura, com bancos de veludo, que dava a impressão de nunca ter sido usada. Supôs que, para um vampiro que se movimentava a uma velocidade sobrenatural, o trajeto de carruagem seria dolorosamente lento. Mas, para ela, parecia absurdamente rápido.

Pouco antes de chegarem ao Paço dos Lobos, a carruagem passou por uma fileira de esculturas sem cabeça antiquíssimas, que a fizeram se recordar da família Valor, e ela sentiu um frio súbito. Ainda não sabia o que a Valorosa continha.

Quando LaLa lhe contou a história de seu amado metamorfo que se transformava em dragão, Evangeline pensou que a lenda segundo a qual a Valorosa era uma prisão era verdadeira.

De acordo com Jacks, a Valorosa continha a cura para a maldição do Arqueiro que fora lançada em Apollo. Mas, supostamente, não continha nada que remediasse seu beijo fatal.

Evangeline olhou para Caos, que estava sentado à sua frente. O vampiro acreditava que a Valorosa permitiria que ele, finalmente, se livrasse do elmo amaldiçoado. Naquele momento, Caos passava a mão na parte de baixo do elmo, acariciando os intrincados relevos formados por imagens e palavras.

Evangeline sentiu uma pontada ao lembrar do que o vampiro dissera a respeito daquelas palavras certa vez – as palavras que pertenciam à língua da família Valor. “É a maldição que me impede de tirar o elmo.”

– Fiquei curiosa com uma coisa – disse Evangeline. – Se a Grotta é protegida de todas as maldições, e seu elmo é amaldiçoado, por que você nunca simplesmente foi para a Grotta tirar seu elmo?

Caos esperou alguns instantes antes de responder:

– Se eu pusesse os pés na Grotta, deixaria de existir completamente. O local foi encantado, especificamente, para que eu não possa entrar nele.

– Mas achei que você e Jacks fossem amigos.

– E somos. Mas, logo que me tornei quem sou, não conseguia me controlar direito.

Evangeline recordou na mesma hora da matéria de jornal que lera no Castelo de Massacre do Arvoredo: “Mas certas pessoas temem que esses ataques se devam apenas ao fato de a família Valor não ter controle algum sobre a aberração que criou”.

Ela segurou um suspiro de assombro porque, de repente, tudo se encaixou.

– Você é o monstro que todos pensavam que a família Valor havia criado.

– Mas foi a família Valor que me criou, sim.

– É mesmo?

– Você acha mesmo que eles são tão inocentes quanto dizem as histórias? – Nessa hora, Caos deu risada, mas foi um riso nem um pouco alegre. – A família Valor cometeu inúmeros erros. Mas você não precisa se preocupar, Evangeline. Não faz muito tempo que sou um monstro. Só quero destrancar a Valorosa e me livrar desse elmo.

A carruagem chegou ao perímetro salpicado de neve do Paço dos Lobos segundos depois.

E, então, Evangeline teve a impressão de que, num abrir e fechar de olhos, Caos e ela já estavam na biblioteca real, abrindo a porta do cômodo que continha o Arco da Valorosa.

O recinto estava igualzinho ao que Evangeline recordava: chão caindo aos pedaços, paredes cinzentas, ar fossilizado que irritava a garganta e um arco gigante guardado por uma dupla de anjos guerreiros, um triste, o outro, bravo. Ambos brandiam as espadas de pedra no centro do arco.

Da última vez que Evangeline estivera ali, os anjos não se mexeram. Mas, naquela ocasião, a jovem jurou que os dois se encolheram de medo quando Caos pôs os pés no recinto.

Com um *clique*, o vampiro abriu o pequeno baú de ferro que continha as três primeiras pedras.

O ar mudou imediatamente: o recinto se encheu de purpurina serpenteando como se fosse poeira.

As pedras dentro do baú brilhavam, reluziam, cintilavam, praticamente cantavam, em seu esplendor. Assim como a pedra do contentamento, que estava na mão de Evangeline. A jovem nem sequer percebera que havia tirado a tampa do pote, mas agora a pedra estava na palma de sua mão.

Por um segundo, teve a impressão de que o tempo parou, e ela imaginou o que poderia acontecer se, em vez de encaixar a pedra no arco, a colocasse no baú com as demais pedras e usasse as gemas para voltar no tempo.

Jacks havia dito que as pedras só poderiam ser usadas para esse propósito uma única vez. Se Evangeline fizesse isso primeiro, o Príncipe de Copas jamais teria a chance de fazer.

Ela sabia, porque Caos lhe explicara, que o Tempo era vingativo e não gostava de ser mudado. Mas, com a pedra do contentamento na mão, ficava difícil sentir medo. A sua pele formigava, por causa da magia, enquanto ela se imaginou voltando no tempo e conhecendo Jacks antes que o Arcano encontrasse a princesa Donatella. E, então, a imagem dos pais lhe veio à cabeça. Imaginou que voltava e salvava a vida dos dois. Se a mãe não tivesse

morrido, talvez o pai não tivesse morrido, por causa do coração partido. A família voltaria a ser completa.

Durante um minuto estonteante, Evangeline teve visões com os pais vivos de novo e sorrindo. Viu a loja de curiosidades aberta e Jacks a abraçando. Imaginou uma vida mais feliz, onde nunca teve madrasta nem irmã postiça. Uma vida na qual jamais teria que ir para o Norte à procura de amor. Uma vida na qual Apollo nunca foi amaldiçoado, e ela nunca foi caçada pelo marido. Onde Luc nunca se transformou em vampiro. Poderia mudar a própria vida e encontrar um dos infinitos fins nos quais sempre acreditou.

- Não se esqueça do que viemos fazer aqui – censurou Caos.
- Não se preocupe.

A jovem fechou a mão, escondendo a pedra do contentamento. Ainda se sentia tentada a voltar no tempo. Mas, por mais que odiasse a decisão que Jacks estava tomando, não queria tirar dele o direito de escolher. Sendo assim, torceu, uma última vez, para que o Príncipe de Copas tomasse uma decisão mais acertada.

Respirou fundo e colocou a pedra do contentamento no arco. Por um segundo, esperou que algo mágico acontecesse, que o brilho das pedras se intensificasse ou que os anjos atacassem, mas tudo permaneceu igualzinho como antes.

Em seguida, posicionou a pedra da sorte. Novamente, nada mudou.

As palmas das mãos começaram a suar quando colocou a pedra da juventude no arco e a única coisa que se mexeu foi um redemoinho de poeira-purpurina.

- Acho que não está funcionando – falou.
- Vai funcionar.

O tom de Caos foi de tensão, e seus dedos também estavam tensos quando lhe entregou a última pedra.

Evangeline estava uma pilha de nervos quando segurou a última das quatro pedras. Tudo o que fizera e vivenciara desde que chegara ao Norte levara àquele momento. Se acreditasse no destino, poderia ter pensado que toda a sua vida a levou até ali. Não gostava nem um pouco dessa ideia e, mesmo assim, não podia negar a sensação de inevitabilidade que parecia preencher aquele recinto

antiquíssimo, como se o Destino estivesse, de certo modo, parado, em silêncio, bem atrás dela, segurando a respiração, esperando para ver o fim de uma história que fora colocada em movimento séculos atrás.

A jovem posicionou a última pedra.

*Finalmente.*

A palavra, vinda do arco, foi sussurrada em seus pensamentos. Ela sentia o arco respirando, soprando vento em sua pele. Estava acordando. *Estava funcionando.*

Caos lhe estendeu uma pequena adaga dourada, e Evangeline furou o dedo com todo o cuidado.

Assim que ela encostou o dedo com sangue nas pedras, o recinto explodiu em luz, uma luz muito mais forte do que da primeira vez que Evangeline havia encostado no arco. Os anjos brilhavam feito uma fatia do próprio sol. Precisou tapar os olhos até o brilho dos anjos diminuir.

Quando conseguiu enxergar de novo, os anjos guerreiros tinham baixado as espadas e, atrás deles, havia uma pesada porta de madeira, com uma aldrava de ferro em formato de cabeça de lobo.

Caos encostou a mão enluvada na porta, parecia querer testar se era verdadeira ou não. Em seguida, virou a cabeça para trás, para a jovem, e falou:

– Muito obrigado, Evangeline.

Então pegou a adaga e cortou uma mecha do cabelo rosa dela.

Evangeline pulou para trás, de susto.

– Por que você fez isso? – perguntou.

– Não se preocupe. Neste exato momento, você é a última pessoa que desejo ferir. – O vampiro guardou a adaga no cinto e completou: – O cabelo é para quebrar as maldições que pairam sobre você e Apollo... Só espere aqui fora enquanto eu entro.

– O que tem lá dentro? – indagou Evangeline.

Mas Caos já tinha aberto a porta e entrado na Valorosa.

Os anjos de pedra dos dois lados do arco estremeceram quando o vampiro entrou. Ela recordou, mais uma vez, que Caos era a aberração que, na cabeça de muitas pessoas, vivia trancafiada atrás do arco.

Imaginou o que poderia realmente estar lá dentro se Caos fosse mesmo a tal aberração. A porta pesada ainda estava entreaberta. O vampiro não a fechara como deveria. Era óbvio que não temia que alguma coisa saísse por ela para atacar Evangeline.

Ela se aproximou, só para dar uma espiada. Como o arco ainda brilhava com a força da luz do dia, o lado de lá lhe pareceu escuro, de início – um mundo de sombras cor de sépia.

Seus olhos levaram alguns instantes para se acostumar. Evangeline esperava ver jaulas e prisioneiros, mas havia apenas um vestíbulo abobadado, com paredes de arenito e tochas bruxuleantes em tons de laranja e vermelho que iluminavam uma série de corredores. Parecia a entrada de um templo antiquíssimo, mas poderia ser de um cofre. A versão da história segundo a qual a família Valor guardava ali seus maiores tesouros mágicos poderia ser verdadeira, afinal de contas.

Sabia que Jacks não acreditava que pudesse haver algo dentro da Valorosa que lhe permitisse ter outra chance de amar. Mas e se ele estivesse enganado?

Evangeline pôs os pés lá dentro.

E compreendeu por que, há poucos instantes, Caos tinha aconselhado que ela ficasse longe de Jacks – a jovem tivera um vislumbre da mágoa do Arcano quando ele comentou sobre os amigos falecidos e confessou ter matado a Raposa. Evangeline não queria ser outra mágoa e não queria morrer. Mas se recusava a acreditar que isso significava que precisava abrir mão de Jacks. Tinha que haver outra maneira.

Sentiu uma onda de expectativa enquanto aguardava ali, parada, dentro da entrada da Valorosa. À primeira vista, os corredores que serpenteavam a partir do vestíbulo pareciam todos iguais: portas em arco, feitas de blocos de pedra vermelha antiquíssimos e chão coberto por faixas surpreendentemente grossas de carpete com fios dourados.

Definitivamente, aquilo não era uma prisão. Evangeline prestou atenção aos ruídos de cada corredor. Dois deles estavam silenciosos, mas pensou ter ouvido passos ecoando no terceiro. Devia ser esse o corredor que Caos havia escolhido.

Sem fazer barulho, foi avançando, pé ante pé, seguindo aquele som. Lá pela metade do corredor, as arandelas de ferro deram lugar a arandelas de ouro, obras de arte surgiram nas paredes e, em seguida, ela viu uma porta alta e larga, por onde passava uma luz de contos de fadas, permitindo que, ao espiar pela fresta, ela visse o que havia do outro lado com facilidade.

Evangeline avançou alguns centímetros, prestes a escancarar a porta, quando avistou Caos do outro lado. O vampiro estava fitando uma fileira de pessoas deitadas no chão, de mãos dadas. As roupas que usavam pareciam muito antigas, algo saído dos livros de história – muitos vestidos longos de lã tingida artesanalmente, cordões dourados trançados, peitorais de estanho e ombreiras com peças de metal pontiagudas.

Ela não sabia o que pensar de tudo aquilo, até que avistou um rosto no meio do grupo, um rosto que já vira certa vez, em uma pintura. A garota era ainda mais bela do que aparentava ser pelo retrato, e Evangeline reconheceu na mesma hora que era Aurora Valor.

E foi aí que reparou no diadema de ouro que coroava a mulher baixinha, ao lado de Aurora. A pele da mulher era de um tom escuro de oliva; o cabelo era prateado e reluzente, e a expressão, serena. Ela achou que aquela era a mãe de Aurora, Honora Valor.

O homem deitado ao lado de Honora tinha uma aparência envelhecida pelas mazelas da vida. Também usava coroa na cabeça, e Evangeline achou que deveria ser Lobric Valor.

Aquela família deitada no chão era a família Valor.

Eram *eles* que estavam trancafiados na Valorosa, não seus tesouros nem seus prisioneiros. Evangeline quase caiu para trás ao se dar conta disso. Não era isso que achava que iria encontrar. Mas fazia todo o sentido e, de fato, se encaixava em ambas as histórias que ouvira contar a respeito da Valorosa. Se a família Valor estava presa ali, então a Valorosa era uma espécie de prisão, uma prisão que trancafiava os maiores tesouros mágicos da família Valor – porque continha a família em si.

Não era para menos que Caos queria abrir a Valorosa. Se foram os integrantes da família Valor que o amaldiçoaram, obrigando-o a usar aquele elmo, nada mais racional do que eles terem o poder de removê-lo. Evangeline,

nessa hora, imaginou que Honora poderia quebrar a maldição que fora lançada sobre Apollo. Jacks havia dito que a mulher era a maior curandeira do mundo.

Tudo fazia muito sentido – com exceção do fato de Jacks acreditar que a Valorosa não continha uma alternativa para ele. Se Honora podia curar Apollo da maldição do Arqueiro, então talvez também pudesse ajudar o Príncipe de Copas.

Bem nessa hora, a rainha começou a levantar do chão. Era graciosa, mesmo se equilibrando nas pernas bambas. Caos dava a impressão de estar um tanto ofegante enquanto a observava, como se a mulher pudesse desaparecer de repente. E, quando deu por si, Evangeline estava ofegando também.

– É você mesmo? – perguntou Honora, que tinha um leve sotaque que remetia a outras épocas e uma voz tão delicada quanto sua aparência. – Castor?

A jovem foi um pouco mais para frente com o corpo, sem saber se ouvira o nome direito. Castor estava morto. Jacks tinha lhe contado como o rapaz morrera. Só que, pensando melhor, o Príncipe de Copas não havia terminado de contar a história. Apenas encerrou o relato dizendo que não nascera para ser herói.

Evangeline ficou observando Honora abraçar Caos.

– Quanto tempo se passou? – perguntou a rainha.

O vampiro disse alguma coisa, tão baixo que Evangeline não conseguiu ouvir. Mas pensou ter ouvido as palavras “Senti sua falta, mãe”.

Honora começou a chorar, de soluçar.

A jovem se sentiu uma intrusa terrível, mas não conseguia parar de olhar. Se é que estava entendendo corretamente, a família Valor não havia criado um monstro para vingar a morte de Castor – ele é que se *tornara* o monstro. Caos era Castor Valor. Era *por isso* que queria abrir o arco, na verdade. Não apenas para tirar o elmo, queria salvar a vida da família. Sentira saudade deles. O vampiro amava aquelas pessoas.

E foi aí que Evangeline se deu conta de como poderia salvar Jacks. Era algo tão simples que se xingou por não ter pensado nisso antes. Ela o salvaria com amor. Evangeline não apenas se importava com Jacks ou desejava o Arcano. Ela o amava. E só precisava contar isso para o Príncipe de Copas.

A ideia a deixou um pouco apavorada. Como Jacks já havia rejeitado Evangeline, era natural temer que ele fizesse isso de novo. Mas aí é que estava o problema: o medo. Jacks só a rejeitava porque tinha medo de matá-la. Mas, com sorte, se ela contasse para o Arcano que o amava, isso bastaria para Jacks querer permanecer no presente e tentar algo além do que aquilo que havia se contentado a ter.

Alguns dos conceitos de Evangeline a respeito do amor podiam até ter mudado desde que chegara ao Norte. Mas ela ainda acreditava que o amor era a força mais poderosa do mundo. Quando duas pessoas realmente se amam e estão dispostas a lutar por esse amor, quando estão dispostas a enfrentar uma guerra uma pela outra, dia após dia, não importa contra o que estejam lutando. O amor sempre vence, desde que não se pare jamais de lutar por ele.

Se Jacks amasse Evangeline assim como ela o amava, os dois poderiam dar um jeito de fazer aquele relacionamento dar certo.

Não importava que o Príncipe de Copas ficasse amaldiçoado para sempre. Entretanto, em parte, ela acreditava que, quem sabe, seu amor seria suficiente para quebrar a maldição de Jacks. Sabia que, de acordo com as histórias, o Príncipe de Copas tinha apenas um único verdadeiro amor – e que já encontrara esse amor –, mas as histórias também distorcem a verdade. A Valorosa era prova disso.

Com uma onda de esperança que lhe deu a sensação de ter asas tão poderosas que seria capaz de levantar voo e ir até à lua, às estrelas e mais além, Evangeline começou a se virar para trás. Ela precisava encontrar Jacks, precisava contar para ele dos seus sentimentos. Ela...

... levou um susto e parou de supetão, porque um facho de uma luz cegante vinha do recinto onde a família Valor estava.

Caos fez um ruído que poderia ser de choro, sofrido e profundo.

A jovem ficou de frente para a porta entreaberta de novo, bem em tempo de ver que o elmo amaldiçoado que aprisionava a cabeça do vampiro estava quebrado.

Caos arrancou o elmo, soltando um urro, e o atirou longe, do outro lado do cômodo. O objeto bateu com tanta força na parede que caiu no chão todo despedaçado.

– Finalmente – disse ele, e sua voz ficou entre um grito e um rugido. E, pela primeira vez, Evangeline viu como ele era. Caos tinha um rosto que a deixou sem ar. Olhos brilhantes, maxilar definido, pele lisa tom de oliva e um sorriso que fez seu coração se sobressaltar.

– O Belo Desconhecido – falou, com um suspiro de assombro.

Honora e Caos se viraram para a jovem.

Evangeline ficou petrificada perto da porta.

– Parece que temos visita – disse Honora, inclinando a cabeça de um jeito que tanto poderia ser de curiosidade quanto de desconfiança.

– Mãe, esta é Evangeline – declarou Caos. A voz dele era diferente sem o elmo, toda aveludada, sem a fumaça, mais parecida com a voz com a qual falara nos sonhos da jovem. – Foi ela que destrancou o arco.

E, de repente, o vampiro estava perto da porta. Escancarou-a e deu um sorriso para Evangeline que rivalizava com o sorriso de todos os imortais que ela já conhecera.

– De verdade, nem tenho como agradecer.

O vampiro, então, segurou a mão dela e deu um beijo delicado.

Sem o elmo, Caos era uma espécie diferente de monstro, possuía todo o charme de um príncipe e o poder de um vampiro. Evangeline ficou sem ar enquanto o Arcano sorria para ela. Os olhos de Caos eram do tom mais arrebatador de verde, com mil diferentes facetas, todas brilhando de magia, até que arderam, de calor.

Ela percebeu tarde demais o erro que havia cometido – não deveria ter olhado nos olhos de Caos. Antes que desse tempo de gritar, o sorriso do vampiro se transformou em presas e, em seguida, essas presas estavam no pescoço dela, rasgando sua garganta.

Tudo se resumia a dentes, dor e falta de ar.

Evangeline tentou fugir. Tentou gritar.

Pensou ter ouvido Honora gritar também. Mas Caos não a soltou. Segurava seu pescoço com uma mão enquanto os lábios bebiam seu sangue. Bebeu e bebeu mais, drenando-a com puxões violentos da boca e da língua e um ocasional raspar dos dentes, para furar mais a pele e chupar mais sangue.

A jovem conseguia sentir o próprio sangue saindo das veias e indo parar na boca do vampiro, jorrando tão rápido que o coração não conseguia acompanhar.

Honora começou a implorar.

Evangeline tentou bater em Caos, mas não conseguiu reunir forças para movimentar as mãos. Não conseguia sequer abrir os olhos. O corpo estava pesado, e a cabeça, leve. Só conseguia sentir os dentes do vampiro, afundando e rasgando sua pele para sugar ainda mais...

– Não, Castor! – gritou Jacks.

O vampiro foi arrancado de cima de Evangeline.

Ela começou a cair e, quando deu por si, o Príncipe de Copas estava ao seu lado. Os olhos estavam pesados demais para abri-los –, mas conseguia sentir a presença do Arcano. Ele a abraçou com uma intensidade que só acontece quando alguém quer uma coisa que não é exatamente sua.

Mas a jovem era dele. Só precisava contar para Jacks que o amava.

– Evangeline... – disse o Príncipe de Copas, com a voz rouca. – Volte para mim...

“Não estou morta”, tentou dizer a jovem. Mas havia algo de errado com sua garganta. E, pelo jeito, Jacks não conseguia ouvir seus pensamentos.

O Arcano a abraçou mais forte, em silêncio, e encostou a testa na testa da jovem. Evangeline não sabia ao certo se era Jacks quem estava chorando ou se era ela, mas sentiu o rosto úmido. E parecia muito que eram lágrimas. E então sentiu...

*Nada.*



**FIM**

Um grito atormentado apunhalou a noite, feito faca. O céu sangrou, e dele não caíram estrelas, mas a própria escuridão, apagando as luzes por todo o Magnífico Norte.

A maldição das histórias que atingia a maioria das lendas e baladas do Norte ficou observando. Aquela tragédia, certamente, seria uma lenda algum dia – e, ao que tudo indicava, já estava amaldiçoada.

A jovem estava morta. Caso seu corpo sem vida não confirmasse esse fato, isso ficaria claro pelo terrível grito do Arcano que a segurava no colo. A maldição das histórias conhecia a dor muito bem, mas aquilo era um suplício, o tipo de sofrimento em sua forma mais pura, que só se vê uma vez a cada século. O Arcano era cada lágrima que cada pessoa já derramara por seu amor perdido. Era a própria dor que tomara forma.

– Mil desculpas, Jacks. Eu...

O vampiro olhou para a garota que acabara de matar, coçou o queixo e fugiu em seguida.

O Arcano não se mexeu. Não soltou a jovem. Estava com cara de quem jamais a soltaria. Continuou abraçado nela como se pudesse fazê-la voltar à vida apenas com a força de sua determinação. Seus olhos ficaram úmidos de sangue. Lágrimas vermelhas escorreram pelo seu rosto e caíram no dela. Mas Evangeline não esboçou reação.

Os demais imortais adormecidos estavam começando a despertar, mas ela permaneceu imóvel. Morta. E, mesmo assim, o Arcano continuou abraçado nela.

– Faça-a voltar à vida – disse, baixinho.

– Lamento – disse a rainha que acabara de acordar. A mulher era uma coisinha miúda. Tentou arrancar o filho de cima da jovem, impedir que ele se alimentasse daquela forma sobrenatural, mas suas mãos não tinham força suficiente. A rainha não era capaz de lutar fisicamente contra imortais, mas tinha uma determinação de ferro, forjada com impetuosidade e erros. – Você sabe que não consigo fazer isso.

O Arcano olhou para a rainha.

– Faça-a voltar à vida – repetiu. Porque ele também possuía uma determinação indômita – Sei que você consegue.

A rainha sacudiu a cabeça, demonstrando remorso.

– Meu coração se enche de dor por você... por isso. Mas não farei isso. Depois de trazer Castor de volta à vida e ver no que ele se transformou, jurei que jamais usaria esse tipo de magia novamente.

– Evangeline seria diferente.

O Arcano olhou feio para a rainha.

– Não – repetiu ela. – Você não estaria salvando a vida dessa garota, você a estaria desgraçando. Assim como fizemos com Castor. Ela não iria querer essa vida.

– Não ligo para o que ela quer! – vociferou o Arcano. – Não a quero morta. Ela salvou sua vida, você precisa salvar a vida dela.

A rainha respirou fundo, trêmula.

Se a maldição das histórias fosse capaz de respirar, teria segurado a própria respiração. Torcia para a rainha concordar. Concordar em trazer a jovem de volta à vida, concordar em transformá-la em mais um terrível imortal. Ao contrário do que aquele Arcano acreditava, ela seria abominável – quem tem uma vida interminável sempre acaba sendo, uma hora ou outra.

– Estou salvando a vida dela – declarou a rainha, baixinho. – É um ato de bondade deixá-la morrer como ser humano, maior do que sacrificar a alma dela em troca da imortalidade.

Ao ouvir a palavra “sacrificar”, os olhos frios do Arcano brilharam. Ele abraçou a jovem mais apertado e a levantou, com seus braços manchados de sangue. Ficou de pé e começou a andar pelo corredor antiquíssimo.

– O que você acha que está fazendo?

Um laivo de alarme transpareceu no rosto implacável da rainha.

– Vou dar um jeito nisso.

O Arcano seguiu em frente, abraçando Evangeline bem apertado, carregando-a no colo e passando pelo arco com ela novamente.

Os anjos que guardavam o arco agora choravam. Choravam lágrimas de pedra ao ver o Arcano colocar a jovem aos pés deles e começar a arrancar as pedras do arco, uma de cada vez.

– Jacks da Grotta – censurou a rainha. – Essas pedras do arco só podem ser empregadas uma vez para voltar no tempo. Não foram criadas para possibilitar

viagens infinitas ao passado.

– Eu sei – urrou Jacks. – Vou voltar no tempo e impedir seu filho de matá-la.

A expressão da rainha se anuviou. Por um instante, parecia tão velha quanto os anos que passara deitada em um estado suspenso.

– Este não é um erro pequeno, custará para consertar. Se fizer isso, o Tempo irá tomar algo igualmente valioso de você.

O Arcano lançou um olhar para a rainha, mais temível do que qualquer maldição.

– Não há nada que seja mais valioso para mim.



Evangeline estava começando a recear que o tempo era alimentado por emoções e que coisas como pavor o faziam passar mais rápido. Em cima da cornija da lareira do quarto de Jacks havia um relógio de vidro preto, todo arredondado, no qual a jovem só reparou depois que o Arcano foi embora. Agora não conseguia tirar os olhos do relógio. Começou a suar na palma das mãos observando o ponteiro dos segundos girar, movimentando-se cada vez mais rápido a cada minuto que passava.

Logo chegaria o cair da tarde. Logo ela o esqueceria. Esqueceria daquela versão da própria vida.

A porta do quarto se entreabriu. Evangeline tirou os olhos do relógio e deu de cara com Caos, que estava parado perto da porta.

O vampiro estava trajado mais de guerreiro do que de príncipe, de veludo vermelho, couro e armas douradas. Ela só o vira usando outra roupa diferente da armadura de couro em uma única ocasião, mas não conseguia se livrar da sensação de já tê-lo visto vestido daquele modo.

– Pronta, princesa?

– Não – disparou Evangeline. Jamais estaria pronta para ter a própria vida apagada e substituída por outra. – Não precisamos esperar por Jacks?

Ela olhou de relance para o corredor, procurando o errático Príncipe de Copas, torcendo para que Caos não percebesse.

– Jacks não estará conosco – respondeu o vampiro. – Levarei as pedras para ele depois que você abrir o arco.

– Na verdade, mudei de ideia.

Jacks veio andando pelo corredor, todo empertigado, acompanhado por uma jovem deslumbrante. A garota tinha os lábios pintados de vermelho, cabelo preto reluzente e um vestido tão exíguo que não servia nem para ser chamado de “camisola”.

Evangeline sentiu uma onda de ciúme e de confusão.

– O que ela está fazendo aqui? – perguntou Caos, cumprimentando a garota da camisola com um aceno tenso de cabeça.

Jacks deu de ombros e respondeu:

– Achei que você pode precisar de um lanchinho quando tirar o elmo.

Caos soltou um ruído parecido com ranger os dentes.

– Vou ficar bem.

– Tenho certeza que sim. Mas...

– Não – insistiu Caos, ríspido.

– E se simplesmente a deixarmos na carroagem?

Jacks fez um sinal para a garota, balançando o braço sem pensar. Ela nem sequer se mexeu. Ficou olhando reto para a frente, feito uma boneca, visivelmente sob o efeito do controle de Jacks.

– Concordo com Caos – disse Evangeline. – Não vou permitir que você fique arrastando essa pobre garota por aí.

– Não estou arrastando a moça. – O Príncipe de Copas sorriu, mostrando uma das covinhas para a garota. – Não é, meu bem?

– Fico feliz de estar aqui – disse ela, alegremente. – Sempre quis conhecer um vampiro. Pus esse vestido para deixar vários lugares...

– Livre-se dela – interrompeu Caos. – Evangeline não quer que essa garota venha conosco.

Jacks olhou feio para Evangeline, mas havia algo de errado nesse olhar. Os lábios espremidos formavam uma expressão furiosa, mas os olhos continham algo a mais: dor.

*Você está sendo cabeça-dura em relação à coisa errada. Não precisa se sentir assim*, pensou o Príncipe de Copas, dirigindo-se a ela.

*E desde quando você se importa com os meus sentimentos?*, respondeu a jovem, rispidamente, em pensamento. *De todo modo, até parece que vou me lembrar de alguma coisa depois.*

O Arcano ficou mexendo o maxilar.

Evangeline torceu para que Jacks discutisse com ela – torceu para que Jacks brigasse por ela. Torceu, contra todas as expectativas, que ele a escolhesse. Mas,

depois de dispensar a acompanhante, Jacks, Caos e Evangeline foram em silêncio até a carruagem.

O trajeto até o Paço dos Lobos foi torturante. Evangeline tinha, dentro do peito, a sensação de que seu coração estava particularmente frágil quando se aproximaram do castelo. Aqueles eram seus últimos instantes com Jacks e, apesar de o Arcano estar sentado de frente para ela, nem sequer lhe dirigiu o olhar.

Ficou olhando pelo vidro congelado, como se quisesse que aquela noite já tivesse terminado, e o passado já tivesse sido mudado.

Evangeline gostaria que ele estivesse em dúvida a respeito de seu plano, mas Jacks parecia estar mais obstinado do que nunca. Gostaria de saber o que dizer para fazê-lo mudar de ideia, mas não queria *convencê-lo* a fazer nada. Queria que Jacks tomasse a decisão por si mesmo. E temia que seu prazo estivesse chegando ao fim.

Tinha a sensação de que o tempo não passava feito a areia que desce lentamente por uma ampulheta – a ampulheta fora quebrada e toda a areia estava se derramando rapidamente. Não sabia se era por causa do medo ou de alguma outra coisa, mas não parava de perder instantes.

Não recordava de terem chegado ao Paço dos Lobos. Mas, de repente, estavam ali. E, então, Evangeline teve a impressão de que, num abrir e fechar de olhos, os três estavam novamente na biblioteca, diante da porta com o brasão de cabeça de lobo. Eles estavam prontos para entrar no cômodo que continha o Arco da Valorosa.

O recinto estava igualzinho ao que Evangeline recordava: chão caindo aos pedaços, paredes cinzentas, ar fossilizado que irritava a garganta e um arco gigante guardado por uma dupla de anjos guerreiros.

Com um *clique*, o vampiro abriu o pequeno baú de ferro que continha as três primeiras pedras.

O ar mudou imediatamente: o recinto se encheu de purpurina serpenteando como se fosse poeira.

Evangeline olhou disfarçadamente para trás, para Jacks. Depois que abrisse o arco, as pedras seriam dele, para que as usasse como bem entendesse. Ela gostaria que o Príncipe de Copas mudasse de ideia, que aquela noite não terminasse com ela se esquecendo do Arcano. Mas Jacks ainda se recusava a lhe dirigir o olhar. Como se só de olhar para Evangeline ele fosse mudar de ideia e, então, o mundo inteiro desmoronaria em volta dos dois.

Com relutância, Evangeline desviou o olhar e, uma por uma, posicionou as três primeiras pedras no arco. Pareciam mais opacas do que se lembrava. Torceu para que, talvez, já tivessem sido usadas para mudar o tempo. E se sentiu culpada na mesma hora. Mas, por mais que odiasse a decisão que Jacks estava tomando, não queria tirar dele o direito de escolher. Sendo assim, torceu, uma última vez, para que o Príncipe de Copas tomasse uma decisão mais acertada. Depois disso, posicionou a quarta pedra dentro do arco.

“Bem-vindos de volta”, sussurrou o arco.

Caos estendeu uma de suas adagas para a jovem, e Evangeline furou o dedo com todo o cuidado.

Assim que ela encostou o dedo com sangue nas pedras, o recinto explodiu em luz. Os anjos brilhavam feito uma fatia do próprio sol. A jovem teve que tapar os olhos até o brilho dos anjos diminuir.

Quando conseguiu enxergar de novo, os anjos de pedra tinham baixado as espadas e, atrás deles, havia uma grande porta de madeira, com uma aldrava de ferro em formato de cabeça de lobo.

Caos encostou a mão enluvada na porta, parecia querer testar se era verdadeira ou não. Em seguida, pegou a adaga e cortou uma mecha do cabelo rosa dela.

Evangeline pulou para trás, de susto.

– Por que você fez isso? – perguntou.

– O cabelo é para quebrar as maldições que pairam sobre você e Apollo...

Só espere aqui fora enquanto eu entro.

– Acho que Evangeline deveria simplesmente ir embora.

Dito isso, Jacks lançou um olhar injetado para a jovem.

Por alguns instantes, Evangeline ficou atordoada. *Será que esse comentário era a versão de Jacks para uma despedida?* E quando foi que os olhos do Arcano ficaram tão vermelhos? Ela tentou se convencer de que não precisava se preocupar. Mas, de repente, teve a sensação de que havia algo de muito errado e perguntou:

– Você está bem, Jacks?

– Não. – De repente, o Arcano espremeu os olhos vermelhos. Apertou bem os lábios e falou com um tom que era puro veneno. – Estou confuso. Não sei o que você ainda está fazendo aqui. Acha que ainda é necessária?

– Jacks...

– Sei qual é meu próprio nome. Não precisa ficar repetindo.

Evangeline se encolheu toda com o tom agressivo de Jacks.

Até Caos parecia surpreso. E, então, como se não quisesse fazer parte da última discussão entre os dois, passou pela porta da Valorosa.

Evangeline e o Príncipe de Copas ficaram a sós.

Um músculo do pescoço de Jacks pulsava, e ele continuou olhando a jovem nos olhos.

– O que você ainda está fazendo aqui, Evangeline? Por acaso esperava uma despedida regada a lágrimas? – Nessa hora, ele adotou um tom de desprezo. – Já te disse que você não passa de uma ferramenta para mim. Agora, sua função foi cumprida.

O rosto dela ardeu de tanta humilhação. Mas ela não conseguia criar coragem para se mexer. Não sabia o que estava esperando. Torcia para Jacks mudar de ideia. Mas, mesmo que não mudasse, não havia motivo para tratá-la daquela maneira, depois de terem passado por tanta coisa juntos.

– Por que você está sendo tão cruel?

– Porque você não quer ir embora! – gritou Jacks. – Se você ficar aqui, vai morrer. Caos não come há centenas de anos. Sei que esse vampiro acha que é capaz de controlar a fome, mas não é. É por isso que colocaram aquele elmo nele.

– Você poderia simplesmente ter dito isso. Se não quer que eu me despeça de você ou quer que eu vá embora, não precisa me magoar para me convencer a fazer isso.

– Eu não... eu...

O Príncipe de Copas parou de falar de repente. Seus olhos não estavam mais apenas vermelhos, estavam ardendo de medo. Evangeline nunca o vira tão apavorado. Fora envenenada, flechada, chicoteada nas costas, e Jacks sempre mantivera a calma – até agora.

Com muito esforço, o Arcano respirou fundo e, quando tornou a falar, foi com uma voz delicada, mas embargada.

– Desculpe, Raposinha. Não queria te magoar. Eu só...

De repente, Jacks deu a impressão de ter ficado sem palavras, como se tudo o que pudesse dizer fosse errado. Jamais havia olhado para Evangeline daquele jeito.

– Jacks, por favor, não use as pedras. Venha comigo.

A respiração do Arcano ficou um tanto ofegante. Por um segundo, o Príncipe de Copas ficou com uma expressão dividida. Passou a mão no cabelo, com movimentos sobressaltados.

Evangeline se aproximou.

Jacks fechou a cara e deu um passo para trás.

– Isso não muda nada. Continuo não podendo ter você em minha vida. Não nascemos para ficar juntos.

– E se você estiver enganado?

Jacks ficou mexendo o maxilar e cerrou os punhos.

Certa vez, Evangeline ouviu uma lenda sobre um casal de estrelas fadado ao fracasso. As duas estrelas atravessavam os céus, atraídas pela luz uma da outra, mesmo sabendo que, caso se aproximassesem demais, seu desejo terminaria em uma explosão incendiária. Era desse jeito que Jacks olhava para ela agora. Como se nenhum dos dois fosse sobreviver, caso se aproximassesem mais.

– Você precisa ir embora, Evangeline.

Ouviu-se um urro retumbante, vindo da Valorosa. Tão alto que sacudiu o arco, os anjos e o chão em que Evangeline pisava.

– Saia daqui – disse o Arcano.

A jovem olhou nos olhos do Príncipe de Copas pela última vez, desejando saber como fazê-lo mudar de ideia.

– Gostaria que nossa história pudesse ter um final diferente.

– Não quero um final diferente – disse Jacks, curto e grosso. – Só quero que você vá embora.

Tudo doía. Era o tipo de dor que dificultava a respiração. Evangeline só queria voltar correndo para Jacks. Mas se obrigou a continuar andando. Obrigou-se a sair da biblioteca e virar no corredor mais vazio que conseguiu encontrar, onde ninguém pudesse ouvi-la chorar.

Apertou as mãos contra os olhos, porque as lágrimas começaram a sair mais copiosamente. Não queria chorar. Mas tinha a sensação de que tudo realmente havia chegado ao fim. E isso doía. Doía tanto. Doía no peito e doía no coração. Porque Jacks não quis o coração dela. Só de pensar, chorou ainda mais. Chorou até não conseguir enxergar direito, até se ver em um corredor desconhecido, apertando a barriga e mordendo o braço, tentando silenciar os soluços enquanto ia descendo até o chão.

Talvez fosse melhor esquecê-lo. Até então, não queria o esquecimento, mas agora queria.

Queria que a dor passasse. Queria esquecer o sorriso e as covinhas de Jacks, os olhos azuis brilhantes, o jeito como ele a chamava de “Raposinha”. Sentiu um aperto no peito ao pensar que talvez nunca mais ouvisse aquele apelido. E não queria esquecer. Não queria esquecer de jeito nenhum.

Não queria que suas lembranças fossem apagadas nem reescritas: queria novas lembranças.

Não queria se despedir. Ainda queria que Jacks mudasse de opinião. Que encontrasse o caminho que o levasse a outro verdadeiro amor.

E foi aí que Evangeline se deu conta de como poderia salvar Jacks. Era algo tão simples que se xingou por não ter pensado nisso antes. Ela o salvaria com amor. Evangeline não apenas se importava com Jacks ou desejava o Arcano. Ela o amava. E só precisava contar isso para o Príncipe de Copas.

O amor era a magia mais poderosa de todas. Se Jacks amasse Evangeline assim como ela o amava, os dois poderiam dar um jeito de fazer aquele

relacionamento dar certo.

Não importava que o Príncipe de Copas ficasse amaldiçoado para sempre. Só importava que ele ficasse, que escolhesse Evangeline e não o medo.

A jovem começou a se dirigir ao arco novamente. Ela precisava encontrar Jacks, precisava contar para ele os seus sentimentos, antes que fosse tarde demais. Precisava fazer isso antes que o Príncipe de Copas usasse as pedras e antes que ela esquecesse que os dois tinham se conhecido.

O Arcano ainda não devia ter usado as pedras, porque Evangeline ainda se lembrava dele. Ela apressou o passo e começou a correr, com o peito arfante, batendo os sapatinhos com força no chão do castelo. Tinha se afastado do arco mais do que imaginara e se demorado ali mais do que percebera. O Paço dos Lobos estava despertando. Dava para ouvir os criados se movimentando por outros corredores e ver a chama bruxuleante de velas recém-acesas, que iluminaram seu trajeto de volta à biblioteca.

Teve a impressão de que se passou uma eternidade até chegar ao cômodo do arco.

O ar ainda rodopiava, carregado de magia e de pitadas de poder que mais pareciam uma tempestade. O arco não mudara desde que fora embora. A porta antiquíssima ainda estava ali, assim como todas as pedras.

Evangeline sentiu uma onda de alívio. Se Jacks não tinha pegado as pedras, talvez tivesse mudado de ideia. Entretanto... se o Arcano tivesse mudado de ideia, era estranho simplesmente ter deixado as pedras ali, correndo o risco de alguém as pegar.

*Alguma coisa estava errada.* Ela soube disso mesmo antes de reparar nas gotas de sangue com partículas douradas que manchavam as asas dos anjos guerreiros.

Um tremor de medo foi se apoderando de Evangeline. E se Caos tivesse transformado Jacks em comida? E se outra coisa, que estava dentro da Valorosa, tivesse ferido o Arcano? Evangeline ainda não sabia o que havia lá dentro.

A jovem esticou o braço para abrir a porta. Mas ela já estava se abrindo.

Deu um pulo para trás.

– Tudo bem – disse Apollo, que surgiu no meio do arco. Os ombros largos ocupavam quase todo o espaço.

Evangeline ficou tensa e deu mais um passo para trás.

Apollo baixou as mãos, bem devagar.

– Por favor, não tenha medo. Não vou te machucar. – O príncipe olhou para ela com ternura nos olhos castanhos. O vermelho havia sumido, assim como o sofrimento. – A maldição foi neutralizada, Evangeline.

– Como?

– Uma mulher... que não me disse seu nome, mas era uma espécie de curandeira. Ela me encontrou, cortou um chumaço do meu cabelo, disse algumas palavras que não comprehendi e, na mesma hora, senti que a maldição havia se evaporado. – Apollo soltou um suspiro trêmulo. – Assim que a maldição foi neutralizada, falei para essa mulher que eu precisava te encontrar, e ela me fez passar por um arco antigo, que me trouxe até aqui.

O príncipe olhou em volta, examinando aquele recinto antiquíssimo. Deu a impressão de estar tentando entender onde estava, mas tornou a olhar para Evangeline.

Os olhos do príncipe realmente eram bonitos, intensos e castanhos. E, quando Apollo olhou para Evangeline, foi com tanta emoção que sentiu novamente uma dor no peito. Não sabia o que o marido queria dizer, mas sabia que não podia continuar ali. Precisava encontrar Jacks.

E, apesar disso, lhe pareceu uma atitude insensível simplesmente fugir de Apollo. O príncipe já tinha sido amaldiçoados três vezes. A jovem não sabia se ele tinha ideia das razões de tudo o que acontecera com ele. Não parecia assombrado nem desesperado, como da última vez que o vira. Mas havia algo de terrivelmente vulnerável no rapaz, que ficou parado perto da porta, com as mãos erguidas e o sorriso desvanecendo.

– Desculpe – disse Apollo. – Nunca quis te ferir.

– Não foi culpa sua... você estava amaldiçoados.

– Eu deveria ter resistido com mais afinco. – Apollo baixou as mãos lentamente. – E não deveria ter entrado no seu quarto ontem à noite. O certo teria sido fugir, para nunca te ferir.

O príncipe ficou sacudindo a cabeça, com um ar de remorso. O cabelo castanho-escuro estava mais comprido, caído na frente de um dos olhos – o que, de repente, o fez parecer mais jovem. Então falou:

– Tive muito tempo para pensar. Mas, em boa parte desse tempo, só pensei em você.

O coração de Evangeline se partiu, de leve. Semanas atrás, era isso que queria ouvir Apollo dizer, sem que estivesse amaldiçoado: que queria ficar com ela. E, em parte, ainda gostaria de poder querer tal coisa. Fazia muito mais sentido se apaixonar pelo príncipe do que pelo vilão. Mas Evangeline não queria que o amor fizesse sentido, queria que o amor a fizesse sentir, queria um amor que lhe desse vontade de lutar e de torcer pelo impossível.

– O que quer que você tenha pensado, foi só por causa da maldição do Arqueiro. Jacks falou...

– Você não pode acreditar em nada do que ele diz – disparou Apollo.

E, por um segundo, ficou com um ar assassino.

Evangeline deu um passo para trás.

O príncipe passou a mão no rosto. A raiva sumiu, substituída pela dor.

– Desculpe. Não quis descontar em você. Jacks fez tanto mal a nós dois. É óbvio que usou magia para fazer você confiar nele.

Evangeline quase não respondeu. Apollo tinha razão de estar com raiva. Mas não queria que o príncipe culpassem Jacks por crimes que o Arcano não tinha cometido.

– Sei que Jacks fez muitas coisas terríveis, mas não usou magia em mim. E, se não fosse por ele, nem eu nem você estaríamos vivos.

– Não, Evangeline. Se não fosse por Jacks, nem eu nem você teríamos corrido perigo. – Nessa hora, Apollo passou a mão no cabelo novamente e completou: – Eu não queria que ele tivesse esse controle sobre você.

– Eu também não queria – confessou Evangeline.

Ela poderia dizer para Apollo que realmente tentou amá-lo. Mas essa confissão quase lhe parecia tão maldosa quanto algumas das coisas que Jacks havia feito.

– Sinto muito, Apollo.

O príncipe olhou para a jovem com um olhar ferido.

– Também sinto muito.

Mas o jeito como disse isso tinha algo de estranho. Um alarme soou dentro de Evangeline, dizendo que precisava ir embora. Mas Apollo foi muito rápido. Ela tentou passar correndo pelo marido, mas ele a agarrou e a empurrou contra um dos anjos de pedra, prendendo-a ali com o peito e passando o braço com força em torno de sua cintura.

– Apollo... pare. Me solte!

Ela tentou empurrá-lo com o próprio corpo.

– *Shhh*, querida. – O príncipe, então, acariciou os cabelos da jovem, sem se abalar com seus protestos. – Não queria fazer isso, mas é pelo nosso bem.

Em seguida, roçou o dedão nas têmporas de Evangeline, de um jeito apavorante de tão delicado e terno, e ela sentiu que a resistência se esvaía de seus braços e de suas pernas.

– O que você acabou...

A cabeça de Evangeline estava tão pesada que ela não conseguiu terminar de fazer a pergunta.

– Tudo bem. Eu te seguro.

Dito isso, apertou mais o braço em volta da cintura dela.

Evangeline tentou, mais uma vez, se debater para se desvencilhar de Apollo, mas estava tão fraca que chegava a ser desesperador – mais parecia um novelo de lã tentando lutar contra um gato bem grande.

Apollo segurou o rosto de Evangeline com uma só de suas mãos grandes. Foi delicado, mas aquilo lhe pareceu errado, a impressão era de que o príncipe não estava apenas lhe acariciando. A impressão é que estava pondo a mão dentro dela, como se houvesse dedos invisíveis remexendo seus pensamentos, tirando coisas dali que não deveria tirar. *Lembranças*.

– Não! – exclamou Evangeline.

Ela tentou, em vão, resistir enquanto sentiu que o príncipe arrancava dela a noite em que se conheceram – a noite em que Evangeline beijou Apollo, no alto da árvore, depois que Jacks pintara seus lábios com o sangue dele. Entretanto... a lembrança disso também estava se apagando.

– Não! – gritou a jovem. – Pare!

Mas Apollo apenas a segurou com mais força e falou:

– Logo vai melhorar.

O príncipe então acariciou o rosto de Evangeline, e a lembrança da última vez em que os dois se encontraram, quando se beijaram em cima da cama, quando Apollo apertou o pescoço de Evangeline, quando Jacks entrou correndo no quarto e a levou dali no colo – tudo desapareceu.

Uma lacuna se formou na mente de Evangeline. Ela sabia que algo lhe fora roubado, mas não fazia ideia do que era.

Com o corpo enfraquecido, lutou para impedir o acesso de Apollo aos seus pensamentos, tentou esconder as lembranças que lhe restavam. Mas, uma por uma, o príncipe as arrancou.

A noite que passou na cripta com Jacks... *sumiu*.

O casamento com Apollo... *sumiu*.

A amizade com LaLa... *sumiu*.

Apollo contaminado pela maldição do Arqueiro... *sumiu*.

Pular do precipício com Jacks...

– Não! – gritou Evangeline.

... *sumiu*.

As maravilhas da Grotta... *sumiram*.

Jacks enfaixando os ferimentos dela... *sumiu*.

Jacks confessando que era o Arqueiro... *sumiu*.

– Por favor, pare – implorou.

Evangeline se agarrou às lembranças que tinha dos pais, da loja de curiosidades, de todos os contos de fadas que a mãe já lhe contara na vida. Tentou se agarrar a essas lembranças, dentro de sua cabeça, como uma criança que se agarra ao seu precioso cobertor, como se essas lembranças pudessem protegê-la, já que ela, pelo jeito, não conseguia protegê-las.

– Por favor... pare! Por favor, pare! – gritou. – Por favor...

Evangeline gritou até ficar com dor na garganta. Até não ter sequer certeza de que era ela quem estava implorando.

Chorava tanto que mal conseguia enxergar.

Mas sabia que estava sozinha. Não apenas sozinha naquele lugar desconhecido, mas sozinha no mundo. E sentiu essa solidão até o fundo dos ossos.

# Epílogo

As costas de Evangeline pressionavam algo duro, e os joelhos estavam grudados no peito. Ela estava toda encolhida em um pedaço de chão gelado e desconhecido.

Onde estava? Como foi parar ali? Só conseguia se lembrar de chorar até não saber mais por que estava chorando.

Tudo o que ela queria era voltar para casa. Queria um abraço da mãe e do pai. Mas então recordou: tanto o pai quanto a mãe tinham morrido. As lágrimas começaram a se derramar novamente.

Ainda tinha vontade de ir para casa, mas temia não ser capaz de voltar para aquele lugar. Entretanto, por mais que tentasse se lembrar, não conseguia recordar por que sua casa não era mais um local seguro. Só sabia que não podia ir para lá. Mas onde estava agora?

Olhou para cima e viu dois anjos de pedra, guerreiros que davam a impressão de estar cuidando dela, como se pudessem lhe dar algum tipo de explicação, apesar de os dois anjos darem a impressão de que também andaram chorando.

– Até que enfim te encontrei! – Nessa hora, um rapaz elegantemente trajado, com traços fortes e atraentes, de cabelo castanho escuro e olhar preocupado entrou correndo no recinto. – Fiquei tão preocupado.

Com um único movimento galante, ele a pegou no colo, apertando-a contra o peito, que estava vestido com um gibão de veludo muito requintado.

Evangeline ficou tensa nos braços do rapaz.

– Quem é você?

– Não se preocupe. Você está segura aqui comigo. – Ele não a soltou, mas parou de abraçá-la com tanta força. – Eu jamais te faria mal, Evangeline.

O rapaz pronunciou o nome da jovem com uma afeição terna. Evangeline ainda não conseguia reconhecer nenhuma característica dele. O desconhecido parecia ser alguns anos mais velho do que ela, mas algo em seu olhar a fez suspeitar de que aquele garoto havia enfrentado muita coisa. Os olhos castanhos pareciam magoados e um tanto assombrados, mas esse olhar se suavizava quando se dirigia a ela.

Evangeline gostaria de poder se lembrar daquele rapaz.

– Sinto muito – falou, com a voz rouca de tanto chorar –, mas não faço ideia de quem é você.

O rapaz alargou o sorriso, o que parecia uma reação estranha à confissão que Evangeline acabara de fazer. Mas seu tom de voz foi absolutamente tranquilizador quando disse:

– Sou seu marido. Você passou por uma situação terrível, mas agora está tudo bem. Estou aqui e nunca mais vou te soltar.

# Agradecimentos

Meu coração está explodindo de gratidão enquanto escrevo estes agradecimentos. Continuo agradecendo a Deus por cada dia que posso passar escrevendo livros e por existirem pessoas que querem ler o que escrevo.

Para este livro, eu tinha uma visão bem específica de como queria que a história fosse e não teria conseguido concretizá-la sem a ajuda de diversas pessoas incríveis.

Sarah Barley, você é uma verdadeira apoiadora. Ainda não acredito que encontrou tempo para ler este livro na mesma semana em que teve bebê. Sou tão grata pela sua dedicação, pela compreensão que você tem de minhas histórias, por sempre me incentivar a ser uma contadora de histórias melhor e por sua amizade.

Obrigada, Caroline Bleeke, Kimberley Atkins e Sydney Jeon, por chegarem voando para acudir quando Sarah entrou em licença-maternidade. Eu não poderia pedir uma equipe melhor. Este livro ganhou tanta força porque vocês participaram dele e foi tão divertido trabalhar com todos vocês.

Jenny Bent, obrigada por ser uma ídola entre os agentes, por ler a primeira versão da narrativa e por todo o seu incrível apoio. Eu não teria feito nada disso sem você. Molly Ker Hawn, Victoria Cappello, Amelia Hodgson e todos da Agência Bent, continuo tendo muita sorte de poder contar com vocês.

Muito amor e muito obrigada à minha família fenomenal, à minha irmã, ao meu irmão, ao meu cunhado e aos meus pais incríveis. Mãe, Pai, amo tanto vocês e, sem vocês dois, eu não estaria fazendo isso, de jeito nenhum.

Um “obrigada” enorme para todos da Flatiron Books! Eu não poderia ter pedido uma editora melhor nem um grupo de pessoas mais sensacional para trabalhar comigo. Muito, muito obrigada, Bob Miller, Megan Lynch, Malati

Chavali, Nancy Trypuc, Jordan Forney, Cat Kenney, Marlena Bittner e Donna Noetzel.

Muito, muito obrigada às pessoas maravilhosas da Macmillan Academic, Macmillan Library, Macmillan Sales e Macmillan Audio. Também quero mandar um “obrigada” enorme para a fantástica locutora dos meus audiolivros, Rebecca Solar, que sempre se sai muito bem ao dar vida às minhas histórias.

Muitíssimo obrigada a todo mundo na minha brilhante editora no Reino Unido, a Hodder and Stoughton, com um agradecimento especial a Kimberley Atkins: foi uma alegria tão grande ter você como editora, e sou tão grata por você querer trabalhar comigo e com os meus livros. Lydia Blagden, sou continuamente grata por seus dotes artísticos brilhantes! Callie Robertson, obrigada por todas as suas estupendas ações de *marketing*.

Obrigada, Erin Fitzsimmons e Keith Hayes, por mais uma capa fantástica! E muito obrigada, Virginia Allyn, por ter dedicado tanto amor a mais um fantástico mapa do Magnífico Norte.

Aos meus amigos fabulosos, maravilhosos, incríveis! Stacey Lee, obrigada por me apoiar ao longo de toda a jornada – este último ano foi particularmente tumultuado, e sou tão grata por poder contar com você e com sua amizade duradoura. Obrigada, Kristin Dwyer, por me ouvir falar deste livro sem parar. Sou tão grata pela sua amizade, por suas perguntas e por sua fé infinita em minhas histórias. Obrigada, Kerri Maniscalco, por ler algumas das minhas primeiras e bagunçadas versões e por todos os seus comentários brilhantes. Obrigada, Isabel Ibañez, por sua amizade incrível e por estar sempre ao meu lado, para praticamente tudo! Obrigada, Anissa de Gomery, por amar tanto Jacks. Jordan Gray, obrigada por ter se apaixonado por esta história e por ter me ajudado a tornar o romance ainda mais forte! Kristen Williams, obrigada por ser uma grande amiga, grande mesmo, e por ser um raio de alegria nesta comunidade. Obrigada, Adrienne Young, por sua amizade maravilhosa e indômita. Obrigada, Jenny Lundquist e Shannon Dittemore, por todas as caminhadas e conversas maravilhosas. E obrigada, Jodi Picoult, por ter sido a primeira a ler o livro já pronto e pelo comentário mágico que você escreveu!

E, por fim, quero agradecer aos meus leitores! Fico tão feliz por amar escrever livros de fantasia para o público jovem adulto, porque acho que esse

público é formado pelos leitores mais incríveis que existem. Obrigada a todos vocês por terem lido, comentado e amado meus livros.



# A MALDÍÇÃO DO VERDADEIRO AMOR



STEPHANIE  
GARBER

AUTORA DA TRILOGIA CARAVAL

GUTENBERG

A  
MALDÍÇÃO  
DO  
VERDADEIRO  
AMOR

Da mesma autora de:

*Era uma vez um coração partido  
A balada do felizes para nunca  
Caraval  
Lendário  
Finale*



# A MALDÍÇÃO DO VERDADEIRO AMOR



STEPHANIE  
GARBER

TRADUÇÃO: Lavínia Fávero

 GUTENBERG

Copyright © 2023 Stephanie Garber  
Copyright desta edição © 2023 Editora Gutenberg

Titulo original: *A Curse for True Love*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORIA RESPONSÁVEL  
*Flavia Lago*

EDITORAS ASSISTENTES  
*Natália Chagas Máximo*  
*Samira Vilela*

PREPARAÇÃO DE TEXTO  
*Fernanda Marão*

REVISÃO  
*Claudia Gomes Vilas Boas*

ILUSTRAÇÃO DE CAPA  
*Lisa Perrin*

PROJETO GRÁFICO DE CAPA  
*Hodder & Stoughton*

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
*Juliana Sarti*

DIAGRAMAÇÃO  
*Guilherme Fagundes*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Garber, Stephanie

A maldição do verdadeiro amor [livro eletrônico] / Stephanie Garber; tradução Lavinia Fávero. -- São Paulo : Gutenberg, 2023.  
-- (Era uma vez um coração partido; v. 3)  
ePub

Titulo original: *A Curse for True Love*

ISBN 978-85-8235-717-0

1. Fantasia 2. Ficção: norte-americana 3. Vampiros - Ficção I.  
Título. II. Série.

23-170831

CDD-813

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÉNTICA 

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073 . Conjunto Nacional  
Horsa I . Sala 309 . Bela Vista  
01311-940 . São Paulo , SP  
Tel.: (55 11) 3034 4468

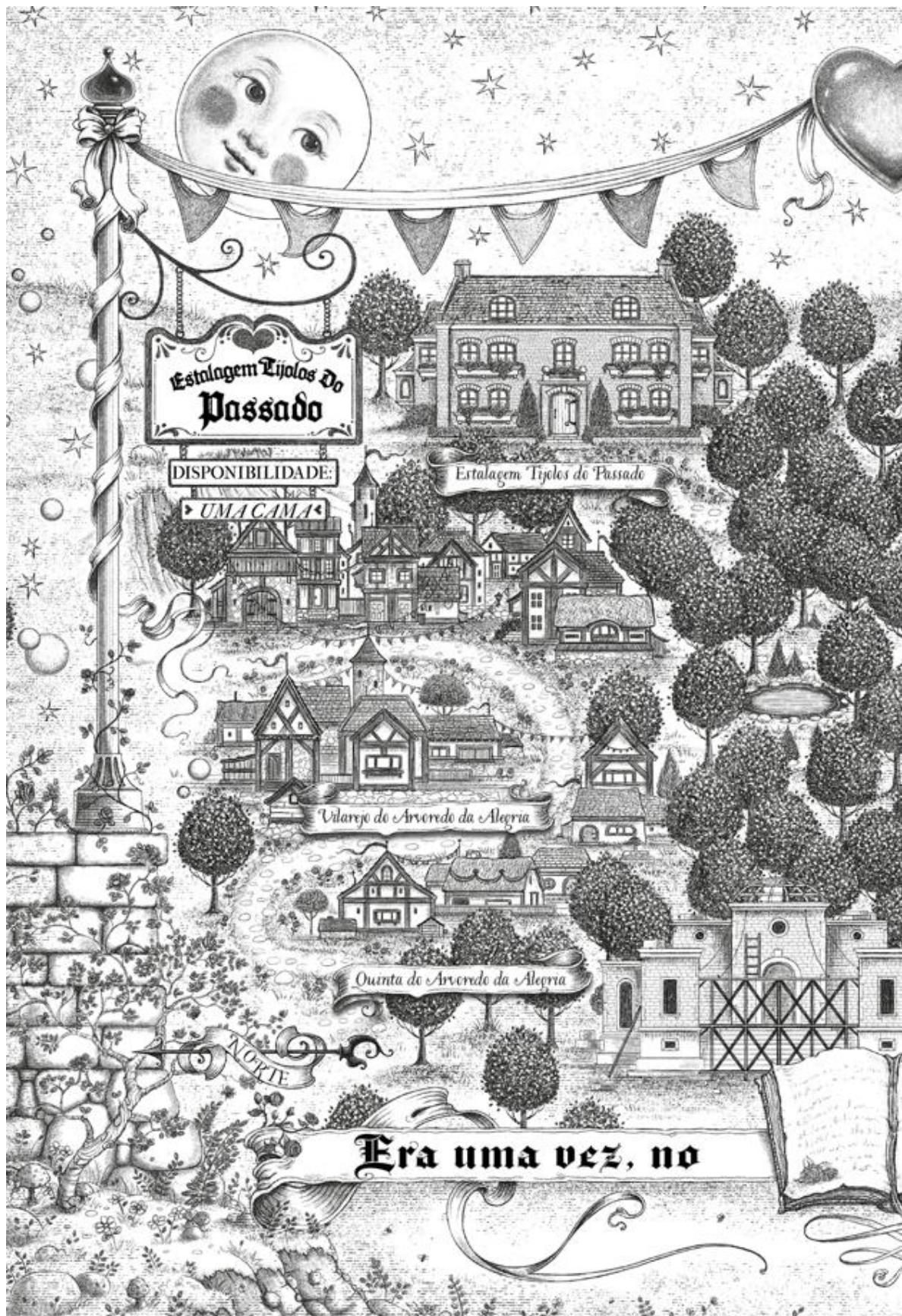
**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420  
Silveira . 31140-520  
Belo Horizonte . MG  
Tel.: (55 31) 3465 4500

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)  
SAC: [atendimentoleitor@grupoautentica.com.br](mailto:atendimentoleitor@grupoautentica.com.br)

*Para todos os que já tiveram esperança  
de ter uma segunda chance.*







# PARTE IV

*Felizes  
para sempre*



## Evangeline

**E**vangeline Raposa sempre acreditou que, um dia, quando menos esperasse, faria parte de um conto de fadas. Quando era menina, sempre que um novo carregamento de mercadorias chegava à loja de curiosidades do pai, corria imediatamente para ver o que tinha nas caixas. Examinava cada objeto e se perguntava: *Será que vai ser este?* Seria o objeto que a faria cair dentro de uma fantasia?

Certa vez, chegou uma caixa enorme, contendo apenas uma maçaneta. Maçaneta essa que era de um tom raro de verde, de pedra preciosa, que reluzia na luz, feito mágica. Evangeline ficou convencida de que, se encaixasse a maçaneta na porta certa, quando ela se abrisse, teria acesso a um outro mundo, e seu conto de fadas teria início.

A maçaneta, infelizmente, nunca deu acesso a nada fora do comum. Mas Evangeline nunca perdeu a esperança de que, um dia, quando menos esperasse, estaria *em outro lugar*.

Para Evangeline, ter esperança, imaginar e acreditar na magia sempre foi tão natural quanto respirar. E, apesar disso, de repente, respirar ficou muito difícil quando, por fim, inesperadamente, encontrou-se *em outro lugar*, nos braços de um belo jovem que dizia ser seu marido.

*Marido.* A palavra fez sua cabeça girar. *Como? Como? Como?* Ela estava desconcertada demais para formular uma pergunta

que contivesse mais do que essa única palavra. Na verdade, não conseguia sequer dizê-la em voz alta.

Se aquele rapaz não a estivesse segurando, Evangeline poderia ter caído no chão. Era coisa demais para assimilar e coisa demais para perder, tudo ao mesmo tempo.

Uma de suas últimas lembranças era de estar sentada ao lado do pai, em seu leito de morte, em casa. Só que até essa memória estava danificada. Parecia que a morte do pai era parte de um retrato desbotado, mas não apenas isso – partes dele haviam sido arrancadas de forma impiedosa. Evangeline não conseguia se lembrar claramente dos meses que antecederam a morte do pai nem de nada do que acontecera depois disso. Não recordava sequer como ele contraíra a febre que o matou.

Só sabia que, como a mãe, o pai falecera – e que falecera havia um bom tempo.

– Sei que deve ser assustador. Imagino que você se sinta só, mas você não está sozinha, Evangeline – declarou o desconhecido que disse ser seu marido, abraçando-a mais apertado.

O rapaz era alto, o tipo de rapaz alto que fazia Evangeline se sentir pequena nos braços dele, um abraço tão apertado que dava para sentir que o jovem também estava tremendo. Não tinha como ela imaginar que o desconhecido estivesse tão apavorado quanto ela, mas era visível que ele demonstrava uma autoconfiança que não tinha.

– Você tem a mim... e não há nada que eu não faria por você.

– Mas não me lembro de você – disse Evangeline.

Estava com uma certa relutância de se afastar do desconhecido. Mas tudo aquilo era tão desconcertante... *Ele* era desconcertante.

Uma ruga profunda se formou entre as sobrancelhas do desconhecido quando ela se desvencilhou. Mas o rapaz declarou, com toda a paciência, em um tom grave e tranquilizador:

– Eu me chamo Apollo Acadian.

A jovem ficou esperando um clarão de reconhecimento ou apenas uma faísca, por mais minúscula que fosse. Precisava de algo conhecido, algo em que se segurar, para que não sentisse mais uma vez que estava prestes a desfalecer, e Apollo olhava para ela como se quisesse ser esse algo. Ninguém nunca olhara para Evangeline com tanta intensidade.

O rapaz a fez pensar em heróis de contos de fadas. Ombros largos, maxilar pronunciado, olhos castanho-escuros e ardentes, trajes que indicavam o tipo de riqueza que evoca imagens de baús do tesouro e castelos. Trajava um casaco vermelho-escuro de gola alta, com requintados bordados em dourado, nos punhos e nos ombros. Por baixo, usava uma espécie de gibão – pelo menos, Evangeline achava que era esse o nome daquela peça de roupa. Os homens de Valenda, sua cidade natal, se vestiam de modo bem diferente.

Mas era óbvio que não estava mais em Valenda. Esse pensamento trouxe uma nova onda de pânico, que fez palavras saírem pela sua boca aos borbotões.

– Como cheguei aqui? Como nos conhecemos? Por que não me lembro de você? – perguntou.

– Suas lembranças foram roubadas por alguém que estava tentando nos separar.

Uma emoção passou pelos olhos castanhos de Apollo, como se ele estivesse com raiva ou dor, Evangeline não sabia dizer.

Queria poder se lembrar dele. Mas, quanto mais tentava, pior se sentia. A cabeça doía, e tinha a sensação de que seu peito fora esvaziado, como se ela tivesse perdido mais do que apenas suas lembranças. Por um segundo, a agonia foi tão profunda e brutal que levou a mão ao coração, na esperança de encontrar um buraco. Mas não havia nenhum ferimento. O coração ainda estava lá, dava para sentir as batidas. Contudo, por um instante devastador, Evangeline imaginou que não o encontraria, que seu coração estava tão despedaçado quanto ela.

E foi aí que lhe ocorreu, não um sentimento, mas um pensamento: um pensamento agudo e fragmentado.

Ela tinha que contar algo importante para alguém.

Evangeline não conseguia se lembrar do que era, mas tinha a sensação de que todo o seu mundo girava em torno daquela única coisa que precisava contar. Só de pensar, seu sangue ferveu. Tentou recordar que *coisa* era aquela e para quem precisava contar – será que era para aquele tal de Apollo?

Será que essa era a razão de suas lembranças terem sido roubadas?

– Por que alguém está tentando nos separar? – perguntou.

Poderia ter feito muitas outras perguntas. Poderia ter perguntado de novo como foi que se conheceram e há quanto tempo eram casados. Só que, de repente, Apollo apparentou estar nervoso.

Lançou um olhar furtivo para trás de Evangeline e falou, baixinho:

– É complicado.

A jovem seguiu o olhar do rapaz até a estranha porta de madeira onde estava encostada. Em cada lado da porta havia um anjo guerreiro de pedra, mas tinham uma aparência mais realista do que estátuas de pedra deveriam ter. As asas estavam abertas, salpicadas de sangue seco. Ao vê-las, sentiu mais uma pontada no peito: teve a impressão de que o corpo ainda se recordava, apesar de a mente ter esquecido.

– Você sabe o que aconteceu aqui? – perguntou Evangeline.

Por uma fração de segundo, Apollo ficou com uma cara quase de culpa, mas poderia muito bem ser apenas de tristeza.

– Prometo que vou responder a todas as suas perguntas. Mas agora precisamos sair daqui. Precisamos ir embora antes que ele volte.

– Ele *quem*?

– O vilão que apagou todas as suas lembranças.

Apollo pegou na mão de Evangeline, amparando-a com firmeza. Então rapidamente tirou a jovem daquele recinto, com a porta e os anjos guerreiros.

A luz difusa do fim da manhã iluminava estantes de manuscritos com fitilhos e pingentes, amarrados com fitas. Dava a impressão de que estavam em uma biblioteca antiquíssima. Mas, à medida que avançavam, parecia que os livros ficavam cada vez mais novos.

O chão de pedra empoeirada deu lugar a um mármore reluzente, o pé-direito foi ficando mais alto, a luz se tornou mais dura, os manuscritos deram lugar a volumes encadernados com couro. Mais uma vez, Evangeline tentou procurar algo de conhecido naquela luz do fim da manhã. Algo que pudesse fazê-la recordar. Seus pensamentos estavam menos turvos, mas nada lhe era familiar.

Era mesmo outro lugar, e, pelo jeito, estava ali havia tempo suficiente para conhecer heróis e vilões e se encontrar no meio de uma batalha entre eles.

– Quem? – insistiu. – Quem roubou minhas lembranças?

Apollo perdeu o passo. Em seguida, começaram a andar mais rápido do que antes.

– Prometo que vou te contar tudo, mas temos que sair daqui...

– Por todas as deusas! – exclamou alguém.

Evangeline se virou e deu de cara com uma mulher de trajes brancos, parada no meio das estantes de livros. A mulher – uma espécie de bibliotecária, ela supôs – encostou a mão na boca e cravou o olhar. Sua expressão era de assombro, olhos arregalados e fixos, pousados em Apollo.

Outra bibliotecária apareceu no corredor. Esta soltou um suspiro de assombro e desmaiou prontamente, derrubando uma pilha de livros, bem na hora que a primeira bibliotecária gritou:

– É um milagre!

Mais bibliotecários e estudiosos apareceram, todos gritando exclamações semelhantes.

Evangeline se encolheu nos braços de Apollo, porque não demorou para os dois ficarem cercados de gente. Primeiro pelos bibliotecários, depois por criados e cortesãos. E, por fim, chegaram guardas de peito largo e armaduras reluzentes, que entraram correndo, sem dúvida atraídos pelos clamores.

O cômodo em que estavam devia ter um pé-direito de pelo menos 13 metros. Mas, de repente, parecia pequeno e sufocante, porque mais e mais pessoas desconhecidas foram se aproximando do casal.

- Ele voltou...
- Ele está vivo...
- É um milagre! – repetiram todos, agora com um tom respeitoso e lágrimas escorrendo pelo rosto.

Evangeline não sabia o que estava acontecendo. Tinha a sensação de que estava testemunhando o tipo de coisa que costuma acontecer em igrejas. Seria possível que tivesse se casado com um santo?

Olhou para Apollo e tentou recordar o sobrenome dele. “Acadian”, o rapaz dissera. Ela não conseguia se lembrar de nem mesmo uma única história a respeito de Apollo Acadian, mas era óbvio que essas histórias existiam. Ao conhecê-lo, imaginou que era alguma espécie de herói, mas aquelas pessoas olhavam para Apollo como se ele fosse ainda mais do que isso.

– Quem é você? – sussurrou Evangeline.

Apollo aproximou a mão dela dos lábios e deu um beijo em seus dedos que a fez estremecer.

– Sou aquele que jamais vai permitir que alguém te faça mal novamente.

Algumas das pessoas próximas suspiraram ao ouvir essas palavras.

Então Apollo levantou a outra mão para as pessoas que cochichavam, em um gesto que universalmente significa “calem-se”.

Elas silenciaram na mesma hora. Algumas até ficaram de joelhos.

Foi estranho ver tanta gente se calar tão depressa – parecia que nem sequer respiravam enquanto a voz de Apollo ecoava sobre suas cabeças.

– Percebo que alguns de vocês estão com dificuldade para acreditar no que estão vendo. Mas o que veem é real. Estou vivo. Quando saírem daqui, contem para todo mundo que encontrarem pela frente que o Príncipe Apollo morreu e enfrentou o inferno para conseguir voltar.

“Príncipe.” Evangeline mal teve tempo de processar essa palavra e tudo o que a acompanhava – porque, quase no mesmo instante em que Apollo terminou de falar, soltou a mão dela e tirou o gibão de veludo, depois a camisa de linho.

Várias das pessoas ali reunidas soltaram um suspiro de assombro, incluindo Evangeline.

O peito de Apollo era perfeito, lisinho e musculoso, e, logo acima do coração, tinha uma tatuagem vibrante – duas espadas formando um coração, com um nome no meio: “Evangeline”.

Até aquele momento, tudo lhe parecia um delírio febril do qual poderia ter acordado. Mas ver o próprio nome no peito de Apollo lhe deu uma sensação de perpetuidade, coisa que não havia sentido ao ouvir as palavras dele. Aquele rapaz não era um desconhecido. Era alguém que a conhecia intimamente, ao ponto de gravar o nome de Evangeline no próprio coração.

Em seguida, Apollo se virou, exibindo outra imagem que aturdiu não apenas Evangeline, mas todos os presentes. As belas, altivas e retas costas de Apollo estavam cobertas por uma teia de violentas cicatrizes.

– Estas marcas são o preço que paguei para poder voltar! – gritou ele. – Quando digo que enfrentei o inferno, estou falando sério. Mas eu tinha que voltar. Tinha que consertar o que foi feito de errado na minha ausência. Sei que muitos de vocês acreditam que foi meu irmão, Tiberius, quem me matou. Mas não foi ele.

Murmúrios chocados se espalharam entre as pessoas ali reunidas.

– Fui envenenado por um homem que eu acreditava ser meu amigo – vociferou Apollo. – Lorde Jacks é o homem que me matou. Ele também roubou as lembranças da minha esposa, Evangeline. Não descansarei enquanto Jacks não for encontrado e pagar com a própria vida por seus crimes!



## Evangeline

**V**ozes ecoaram pelas paredes com estantes de livros sem fim, porque a biblioteca entrou em polvorosa. Os guardas de armadura juraram que encontrariam o criminoso Lorde Jacks, ao passo que cortesãos de trajes refinados e estudiosos de túnica lançaram perguntas, feito uma saraivada de flechas.

– Há quanto tempo está vivo, Alteza?  
– Como o senhor voltou do inferno, Senhor Príncipe?  
– Por que Lorde Jacks roubou suas lembranças? – Esse questionamento, vindo de um cortesão mais velho, foi dirigido a Evangeline e pontuado por um olhar tenebroso, de olhos espremidos.  
– Já chega – interrompeu Apollo. – Eu não lhes contei a respeito dos horrores que minha esposa teve de passar para que ela fosse atacada com perguntas das quais não faz ideia da resposta. Revelei essa informação porque quero que Lorde Jacks seja encontrado, vivo ou morto. Sendo que, neste exato momento, prefiro morto.  
– Não vos decepcionaremos! – gritaram os guardas.

Mais manifestações acerca de justiça e Jacks sacudiram as estantes da biblioteca antiquíssima e latejaram na cabeça de Evangeline. De repente, tudo aquilo era demais. O barulho, as perguntas, a enchente de rostos desconhecidos, aquela história de ter escapado do inferno que Apollo tinha contado.

Não paravam de falar, mas as palavras se tornaram um zumbido nos ouvidos da jovem.

Evangeline queria se agarrar a Apollo – o rapaz era tudo o que ela possuía naquela nova realidade. Mas também era um príncipe poderoso, o que lhe dava a sensação de que não era tão dela assim, era mais de todos. Ficou com receio de perturbá-lo fazendo mais perguntas, apesar de ter tantas. Nem mesmo sabia quem *ela* era.

De onde estava, conseguia enxergar uma janela oval com lugar para sentar, debaixo de um arco de estantes de livros. A janela tinha vidro azul-claro e, lá fora, havia pinheiros verdejantes da altura de torres, cobertos por uma pitoresca camada de neve. Raramente nevava em Valenda e nunca com tanta intensidade. Parecia que aquele mundo era um bolo, e a neve, colheradas de um glacê branco e espesso.

Como já havia percebido, a moda ali também era diferente. Os guardas mais pareciam cavaleiros de lendas antigas, e os cortesãos usavam trajes formais, parecidos com os de Apollo. Os homens trajavam gibões. As mulheres usavam elaborados vestidos de veludo, longos, com decote ombro a ombro e cintura baixa, enfeitada com cintos de brocado ou fios de pérolas.

Evangeline nunca havia visto gente vestida daquela maneira. Mas já tinha ouvido falar.

Sua mãe nascera no Magnífico Norte e havia lhe relatado incontáveis lendas daquela terra, contos de fadas que davam a impressão de que aquele era o lugar mais encantado do mundo.

Infelizmente, Evangeline estava longe de se sentir encantada naquele momento.

Apollo cruzou o olhar com o dela e deu as costas para o grupo cada vez menor de pessoas que os cercava. Ao que tudo indicava, alguns já tinham saído para espalhar a notícia de que o príncipe Apollo voltara dos mortos. E por que não fariam isso? Evangeline jamais tivera notícia de alguém que voltou dos mortos. Essa ideia a fez se sentir muito pequena ao lado dele.

Poucas pessoas continuavam ali, mas Apollo ignorou todas e ficou olhando nos olhos de Evangeline.

– Você não precisa ter medo de nada.

– Não estou com medo – mentiu ela.

– Você está me olhando de um jeito diferente. – Então ele deu um sorriso tão encantador que Evangeline ficou pensando como não o reconheceria imediatamente.

– Você é um príncipe – balbuciou.

Apollo deu um sorriso ainda mais largo.

– Isso seria um problema?

– Não. Eu... só...

Evangeline quase falou que nunca se imaginara casada com um príncipe.

Mas é claro que já tinha imaginado. Só que suas fantasias não eram tão elaboradas assim. Aquela situação ia além de qualquer sonho em tom pastel que ela já tivera com a realeza, castelos e lugares longínquos. Mas a jovem trocaria tudo aquilo apenas por poder se lembrar de como havia chegado ali, de como havia se apaixonado e se casado com aquele homem e perdido – essa era a sensação que tinha – uma parte do próprio coração.

E foi aí que se deu conta. Nos contos de fadas, sempre há um preço a pagar pela magia. Nada é de graça: plebeias que se tornam princesas sempre têm um preço a pagar. E, de repente, Evangeline pensou que as lembranças que perdera poderiam ser o preço a pagar por tudo aquilo.

Será que dera suas lembranças, assim como parte do próprio coração, em troca de ficar com Apollo? Será que poderia ter sido tão tola assim?

O sorriso de Apollo se suavizou, passou de debochado a tranquilizador. Quando falou, também foi com um tom mais suave, como se sentisse parte do que Evangeline sentia. Ou talvez fosse só porque a conhecia bem, mesmo que ela não o conhecesse. Afinal de contas, o príncipe tinha o nome da jovem tatuado na altura do coração.

– Tudo vai ficar bem – declarou, baixinho, com um tom firme. – Sei que é muita coisa para assimilar. Odeio ter que te deixar sozinha, mas preciso resolver algumas coisas e, enquanto isso, meus guardas vão te acompanhar até seus aposentos. Mas vou tentar voltar logo. Juro que não há nada mais importante para mim do que você.

Apollo deu mais um beijo na mão de Evangeline e lhe lançou um último olhar. Então foi embora, seguido pela guarda pessoal.

A jovem ficou ali parada, sentindo-se imediatamente só, explodindo de tantas perguntas para as quais não tinha respostas. Se Apollo tinha acabado de voltar dos mortos, como já sabia o que tinha acontecido com ela? Talvez o príncipe estivesse equivocado ao pensar que Lorde Jacks roubara suas lembranças. Talvez Evangeline tivesse razão ao pensar que fora tolada de tê-las trocado – o que a fez pensar que poderia pedi-las de volta.

Essa pergunta a assombrou enquanto acompanhava os guardas que Apollo designara para escoltá-la pelo castelo. Não falaram muito, mas lhe contaram que o castelo do príncipe se chamava Paço dos Lobos. Foi construído pelo primeiro rei do Magnífico Norte, o famoso Lobric Valor, o que fez a jovem pensar em todas as lendas do Norte que a mãe tinha lhe contado.

Comparado ao lugar onde Evangeline havia crescido, o Norte dava a impressão de ser absurdamente antigo; parecia que cada uma das pedras tocadas por seus pés guardava um segredo de tempos remotos.

Um dos corredores era cheio de portas e todas tinham maçanetas das mais elaboradas. Uma era em forma de dragão, outra parecia asas de fada, e então uma em formato de cabeça de lobo, com uma linda coroa feita de flores. Eram do tipo de maçaneta que fazia Evangeline ficar tentada a abri-las, a suspeitar de que tinham uma certa vida própria, como aquele sininho que ficava pendurado do lado de fora da porta da loja de curiosidades do pai.

Sentiu uma flechada de pesar ao pensar naquilo – não só no sininho, mas na loja, nos pais e em tudo o que havia perdido. Foi uma avalanche estonteante, que a atingiu tão de repente que ela só se deu conta de que havia parado de andar quando um guarda de bigode ruivo e volumoso se aproximou e perguntou:

– A senhora está bem, Alteza? Precisa que um de nós a leve no colo?

– Ah, não – respondeu Evangeline, ficando mortificada na mesma hora. – Meus pés estão funcionando perfeitamente. É só muita coisa para assimilar. O que é este corredor?

– Esta é a ala dos Valor. A maioria das pessoas acha que esses eram os quartos das crianças da família, mas ninguém sabe ao certo. Estas portas estão trancadas desde que eles morreram.

*Mas você poderia nos abrir.*

A voz estranha parecia ter vindo de uma das portas. Evangeline olhou para cada um de seus acompanhantes, mas nenhum deles dava indícios de ter ouvido. Então, fingiu que tampouco tinha ouvido. Evangeline já estava em uma situação difícil. Não precisava piorar as coisas dizendo que ouvia vozes vindas de objetos inanimados.

Ainda bem que isso não se repetiu. Quando os guardas por fim pararam diante de uma porta dupla toda ornamentada, as maçanetas de pedras preciosas brilharam, mas não disseram nem uma palavra. Quando se abriram, fizeram apenas um suave *vush*, revelando os aposentos mais opulentos que a jovem já vira na vida.

Era tudo tão encantador que ela teve a sensação de que haveria harpas tocando e passarinhos cantando. Tudo era cintilante, dourado e coberto de flores. No aposento, com pé-direito de quase 6 metros, buquês de lírios emolduravam a lareira que ia do chão até o teto, e ramos de estrelas-do-pântano brancas se enroscavam nos pilares da cama. Até a enorme banheira de cobre que Evangeline avistou no banheiro, que ficava

logo adiante, estava cheia de flores – a água fumegante era cor de violeta, coberta de pétalas delicadas, brancas e cor-de-rosa.

Ela foi até a banheira e mergulhou os dedos na água. Tudo era *perfeito*.

Até as criadas que entraram para ajudá-la a se banhar e a se vestir eram absolutamente lindas. E eram em número surpreendente, quase uma dúzia. Tinham vozes suaves e mãos leves, que a ajudaram a colocar um vestido delicado como um sussurro.

O vestido era um modelito sem alças, de tule rosado bem claro com mangas transparentes enfeitadas com laços *pink*. Os mesmos laços contornavam o decote profundo do traje, depois se enroscavam, formando pequenos botões de rosas que cobriam o corpete justo na parte do peito. A saia vaporosa fluía e esvoaçava até chegar aos dedos dos pés. Uma criada completou o visual trançando o cabelo ouro rosê de Evangeline, formando uma coroa, que enfeitou com um diadema de flores douradas.

- Se me permite dizer, a senhora está linda, Alteza.
- Obrigada...
- Martine – completou a criada, para que Evangeline não ficasse envergonhada, tentando lembrar do nome. – Também sou natural do Império Meridiano. O príncipe achou que eu poderia ajudá-la a se adaptar mais facilmente.
- Ao que parece, o príncipe é muito atencioso.
- Acho que, quando se trata da senhora... ele tenta pensar em tudo.

Martine sorriu, mas o jeito levemente titubeante de sua resposta fez Evangeline parar para pensar por um segundo, tomada por um sentimento fugidio de que Apollo era bom demais para ser verdade. Assim como tudo aquilo.

Quando Evangeline ficou sozinha e se olhou no espelho, viu o reflexo de uma princesa. Aquilo era tudo o que ela poderia querer.

Só que não se sentia uma princesa.

Sentia-se um ideal de princesa, com os devidos vestido, príncipe e castelo, mas também se sentia *sem*. Tinha a sensação de que estava apenas usando uma fantasia, que assumira um papel que não podia simplesmente rechaçar, mas que tampouco conseguia assumir qualquer outro. Porque tinha a sensação de que também não era mais a pessoa que já tinha sido, aquela garota que jamais perdia a esperança, que acreditava em contos de fadas, amor à primeira vista e finais felizes.

Se ainda acreditasse em tudo aquilo, seria muito mais fácil aceitar o que estava acontecendo, seria muito mais fácil não querer fazer tantas perguntas.

Mas algo acontecera com aquela garota – com *ela*. E Evangeline não podia ignorar que se tratava de algo que ia muito além de suas lembranças perdidas.

O coração ainda doía, como se tivesse sido partido e só sobrassem alguns cacos. Levou a mão ao coração, como se quisesse impedir que outros pedaços se partissem. E, mais uma vez, foi tomada pela sensação inescapável de que, no meio de tudo o que havia esquecido, tinha algo que era mais importante do que todo o resto, mais importante do que tudo.

Havia algo absolutamente crucial que ela precisava contar para alguém. Mas, por mais que tentasse, não conseguia se lembrar do que era nem para quem precisava contar.



## Evangeline

**E**vangeline tinha apenas uma vaga consciência de que o sol estava se pondo e a escuridão se instalava lentamente em seus aposentos, enquanto andava de um lado para o outro em cima dos tapetes, em um esforço desesperado para se lembrar de qualquer coisa que fosse. Tocia para que, quando Apollo voltasse, lhe desse mais respostas. Mas, quando a porta de seus aposentos finalmente se abriu, em vez do príncipe, deu de cara com um médico idoso e dois aprendizes mais jovens.

– Sou o dr. Irvis Stillgrass – disse o mais velho dos médicos, um homem de barba e óculos empoleirados na ponta do nariz comprido. – Telma e Yrell são meus aprendizes. – Apontou para os demais. – Vossa Alteza pediu para lhe fazermos algumas perguntas e averiguar exatamente o quanto de suas lembranças fora roubado.

– O senhor teria algum modo de trazê-las de volta? – perguntou Evangeline.

O dr. Stillgrass, Telma e Yrell apertaram os lábios ao mesmo tempo. Uma reação que Evangeline interpretou como “não”. Isso não a surpreendeu, o que foi quase tão perturbador. Ela, quase sempre, era do tipo esperançosa, mas, naquele momento, não conseguia invocar essa esperança. Voltou a imaginar o que teria acontecido com ela.

– Por que a senhora não se senta, princesa?

O dr. Stillgrass apontou para uma poltrona capitonê que havia perto da lareira, e Evangeline obedeceu.

Os médicos permaneceram em pé, bloqueando a visão da jovem, enquanto o dr. Stillgrass fazia as perguntas.

– Quantos anos a senhora tem?

– Tenho...

Evangeline precisou parar para pensar. Uma de suas últimas memórias nítidas era de quando tinha 16 anos. O pai ainda era vivo, e a ela recordava vagamente do sorriso dele ao abrir uma nova caixa de mercadorias. Mas era só disso que conseguia se lembrar.

O restante dessa lembrança era embacado, feito uma vidraça suja que dá a impressão de formar uma imagem, mas que não mostra de fato o que é. Evangeline tinha certeza de que o pai morrera alguns meses depois desta vaga lembrança, mas não conseguia recordar de nenhum detalhe. Apenas tinha certeza, em seu coração, de que ele havia falecido e que mais tempo se passara desde então.

– Acredito que 17.

Telma e Yrell deram a impressão de fazer anotações quando ela respondeu, e o dr. Stillgrass fez mais uma pergunta:

– Qual é a primeira lembrança de ter conhecido o príncipe Apollo que lhe vem à mente?

– Hoje. – Evangeline ficou alguns segundos em silêncio. – O senhor sabe quando foi que nos conhecemos de fato?

– Estou aqui para perguntar, não para responder – disse o dr. Stillgrass, ríspido, e continuou fazendo perguntas: por acaso ela se lembrava do noivado com Apollo, do casamento, da noite em que ele morreu?

– Não.

– Não.

– Não.

Era a única resposta que Evangeline podia dar e, sempre que ela tentava devolver as perguntas, o dr. Stillgrass se recusava a

responder.

Em algum momento do interrogatório, outro cavalheiro entrou no recinto. Evangeline mal percebeu quando o homem entrou, mas de repente lá estava ele, parado logo atrás de Telma e Yrell. Usava um traje bem parecido com o dos outros dois, uma calça preta e justa e uma túnica longa e acinturada de couro marrom com duas tiras igualmente de couro que prendiam diversas facas e frascos de um lado e um suporte para um caderno do outro. O caderno estava nas mãos dele, mas aquele médico anotava as coisas de um jeito diferente dos demais aprendizes.

O jovem escrevia com floreios, balançando a caneta de pena de um jeito que obrigava Evangeline a ficar olhando para ele sem conseguir parar. Quando percebeu que ela estava observando, o desconhecido deu uma piscadela e encostou o dedo nos lábios, fazendo sinal para a jovem não dizer nada.

E, por algum motivo, ela não disse.

Evangeline tinha a sensação de que aquela pessoa não deveria estar ali, apesar de estar vestida como os demais. Mas o rapaz era o único do grupo que dava a impressão de sentir algo por ela, em seu esforço para obter respostas. Balançava a cabeça, incentivando, sorria para Evangeline com empatia e, toda vez que o dr. Stillgrass dizia algo especialmente grosseiro, revirava os olhos.

– Está confirmado que suas lembranças do último ano foram completamente apagadas – declarou o dr. Stillgrass, de um jeito presunçoso e deveras insensível. – Vamos relatar esse fato para o príncipe, e um de nós três retornará todos os dias para ver se alguma lembrança voltou.

O trio de médicos deu as costas. O dr. Stillgrass passou pelo jovem sem nem mesmo lhe dirigir o olhar, mas Yrell e Telma notaram sua presença.

– Doutor... – Telma começou a dizer.

Mas Yrell, que dava a impressão de estar levemente maravilhado com a presença do intruso, puxou a manga da túnica

dela, impedindo que Telma falasse mais alguma coisa. O trio saiu do quarto em seguida.

O jovem sem nome foi o único que permaneceu ali.

Aproximou-se de Evangeline e tirou do bolso um cartão vermelho e retangular.

– Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não teria acreditado – falou, baixinho. – Lamento que tenha perdido suas lembranças. Se um dia quiser conversar e, quem sabe, fazer algumas perguntas, talvez eu consiga preencher algumas lacunas para a senhora.

Então entregou o cartão para Evangeline.

*Kristof Knightlinger  
Atalaia Sul  
Pináculos*

– Que tipo de pergunta...? – Evangeline começou a perguntar quando terminou de ler o curioso cartão.

Só que o cavalheiro já havia ido embora.

O fogo crepitou.

Evangeline acordou assustada, embora não tivesse a intenção de ter pegado no sono. Estava encolhida na poltrona da lareira, onde ficara, intrigada com o cartãozinho vermelho que Kristof Knightlinger lhe dera. Ainda conseguia senti-lo em sua mão.

Também sentia mais alguma coisa. Os braços de um homem passando por baixo de seu corpo, pegando-a no colo com todo o cuidado e abraçando-a contra o peito, que cheirava a bálsamo e algo amadeirado.

*Apollo.*

O estômago dela embrulhou.

Não conseguia ter absoluta certeza de que era Apollo quem a pegava no colo. Ainda estava de olhos fechados e se sentia tentada a permanecer assim. Não sabia a explicação para esse

ímpeto de fingir nem por que o coração batia mais acelerado ao ser carregada por ele. Apollo devia ter a resposta para, pelo menos, algumas de suas perguntas. Mesmo assim, a jovem sentiu um medo inesperado de perguntar para o príncipe.

Ainda não sabia ao certo se era pelo fato de ele ser um príncipe ou pelo fato de ele ainda ser um desconhecido.

Os braços se fecharam em torno do corpo de Evangeline, que ficou tensa. Mas, em seguida, teve a sensação repentina de que estava começando a se lembrar de alguma coisa. Não era muito, apenas uma vaga lembrança de que alguém a pegava no colo e a carregava, seguida de um pensamento.

*Ele a carregaria e não seria apenas por águas congelantes. Ele a tiraria de um incêndio se fosse necessário, a arrancaria das garras da guerra, de cidades desmoronadas e mundos caindo aos pedaços...*

Esse pensamento fez algo se libertar dentro de Evangeline e, por um segundo, ela se sentiu segura. Mais do que segura, na verdade. Mas não tinha as palavras certas para denominar o sentimento com precisão. Só sabia que nunca havia sentido aquilo antes – um nível profundo de proteção.

Lentamente, foi entreabrindo os olhos. Lá fora, a noite caíra por completo, e dentro do quarto havia apenas a luz da lareira, que cobria boa parte do recinto com um manto de sombras, menos o príncipe que a carregava. A luz se grudava nele, dourando as pontas do cabelo castanho-escuro e o maxilar pronunciado, enquanto Apollo carregava Evangeline até a cama.

– Desculpe – murmurou o rapaz. – Não queria te acordar, mas fiquei com a impressão de que você não estava confortável na poltrona.

Delicadamente, o príncipe a pousou em cima de uma colcha de plumas. Em seguida, deu um beijinho rápido no rosto dela. Foi tão suave que a jovem poderia nem ter sentido, caso não estivesse prestando tanta atenção em cada movimento do rapaz, no deslizar lento de suas mãos quentes soltando seu corpo.

– Bons sonhos, Evangeline.

– Espere.

Ela segurou a mão do príncipe.

A surpresa tingiu seus traços por breves instantes.

– Você gostaria que eu ficasse?

“Sim” era a resposta mais provável.

Os dois eram casados.

Ele era um príncipe.

Um príncipe imponente.

Um príncipe muito atraente.

Um príncipe pelo qual Evangeline teria sacrificado muita coisa, só para ficar com ele.

Apollo acariciou a mão de Evangeline com o polegar e ficou esperando pacientemente que ela respondesse.

– Desculpe por eu não me lembrar de você... Estou tentando – sussurrou ela.

– Evangeline – Apollo apertou a mão dela de leve. – A última coisa que quero é que você sofra, e estou vendo o quanto está sofrendo por ter esquecido tanta coisa. Mas, se você jamais se lembrar, não será um problema. Criaremos outras lembranças juntos.

– Mas eu quero lembrar. – E, mais do que isso, ela sentia que precisava lembrar. Ainda sentia a necessidade premente de contar algo absolutamente importante para alguém, mas não conseguia recordar que algo crucial era esse nem para quem precisava contar. – E se houver uma maneira de recuperar minhas lembranças? – perguntou. – Talvez a gente possa fazer um tipo de trato com o homem que as roubou.

– *Não*. – Apollo sacudiu a cabeça, com veemência. – Mesmo que isso fosse possível, não valeria a pena correr o risco. Lorde Jacks é um *monstro* – completou, ríspido. – Ele me envenenou na nossa noite de núpcias e incriminou você pelo assassinato. Enquanto eu estava morto, você quase foi executada. Jacks não tem escrúpulos, não sente remorso. Se eu achasse, ao menos por

um segundo, que ele poderia ajudá-la, faria o que fosse preciso para trazê-lo até você. Mas, se Lorde Jacks um dia te encontrar, temo que jamais a verei de novo...

Apollo respirou fundo e, quando tornou a falar, foi com um tom bem mais ameno.

– Mal consigo imaginar como deve ser difícil abrir mão disso, mas realmente é melhor assim, Evangeline. Jacks fez coisas atrozes e imperdoáveis, e eu realmente acredito que você será mais feliz se tais coisas continuarem esquecidas.



## Apollo

O falecido rei Roland Titus Acadian sempre desdenhou da palavra “bom”. Bom era coisa de criados, plebeus e outras pessoas que não têm personalidade. Um príncipe deveria ser esperto, formidável, sábio, ardiloso, até cruel, caso necessário – mas bom nunca.

O rei Roland costumava dizer ao filho Apollo:

– Se você for bom, significa que é só isso e nada mais. Pessoas são boas porque precisam ser. Mas, como você é um príncipe, precisa ser *mais* do que isso.

Quando era menino, Apollo interpretou esse conselho como uma permissão para ser displicente com a própria vida e com as outras pessoas. Não era cruel, mas tampouco era a personificação de alguma das virtudes que o pai enaltecia. Apollo sempre imaginou que teria tempo para se tornar esperto, formidável, sábio ou ardiloso. Nunca lhe ocorreu que, nesse meio-tempo, estava se tornando outra coisa.

O príncipe se deu conta dessa verdade alarmante assim que acordou do estado de sono suspenso em que fora colocado por Lorde Jacks, seu ex-amigo. Quando descobriu que todos no Magnífico Norte acreditavam que estava morto, Apollo ficou na expectativa de encontrar enormes coroas de flores e hordas de carpideiras renitentes, ainda chorando por ele, mesmo que o período de luto oficial tivesse chegado ao fim.

Em vez disso, encontrou um reino que já tinha virado a página. No decorrer de uma quinzena, Apollo se tornara nada mais que uma nota de rodapé, lembrado com uma única e corriqueira palavra publicada em um tabloide.

Enquanto estivera sob o efeito da maldição do Arqueiro, chegara às suas mãos uma edição específica do tabloide, publicada no dia seguinte ao seu suposto assassinato. O jornal mencionava apenas que ele tinha morrido. Uma única palavra, "amado", foi empregada para descrevê-lo, mas foi só isso. O jornal não comentava seus grandes feitos nem seus atos de bravura. E como poderia mencionar qualquer coisa, já que, basicamente, os feitos do príncipe consistiam em posar para retratos?

Apollo mal conseguia suportar a visão desses retratos agora, ao andar pelo Paço dos Lobos para encontrar o sr. Kristof Knightlinger, de *O Boato Diário*.

Esta era sua segunda chance, uma oportunidade de, por fim, tornar-se *mais*, como o pai insistia. Depois de seu chocante retorno dos mortos no dia anterior, o príncipe percebeu que as pessoas olhavam para ele de um jeito diferente. Falavam mais baixo, baixavam a cabeça com mais prontidão e o olhavam com uma expressão maravilhada, como se ele fosse mais do que um reles mortal.

E, apesar disso, Apollo nunca havia se sentido tão humano, tão vulnerável nem tão infeliz.

Era tudo mentira. Ele jamais retornara dos mortos. Fora apenas amaldiçoado, amaldiçoado de novo, e amaldiçoado outra vez. Naquele momento, pela primeira vez em quase três meses, não estava sob o efeito de nenhum feitiço e, mesmo assim, se sentia amaldiçoado pelo que havia feito com Evangeline.

Apollo achava que, assim que se libertasse da maldição do Arqueiro, pensaria menos na jovem. A maldição havia obrigado o príncipe a caçá-la. Sob essa influência, pensava em Evangeline a cada segundo. A cada instante, imaginava onde ela poderia estar

e o que estaria fazendo. A imagem de seu rosto angelical era uma constante em seus pensamentos. Apollo só queria *a jovem* – e, quando a encontrou, só queria eviscerá-la.

Agora, ainda a desejava, mas de outra maneira. Quando a viu, não teve vontade de matá-la. Teve vontade de protegê-la. De garantir sua segurança.

Foi por isso que Apollo apagou as lembranças de Evangeline.

Sabia que seria melhor assim. Jacks a enganara, assim como enganara Apollo, convencendo-o a ser seu amigo. Se Evangeline caísse novamente no feitiço de Jacks, ele apenas a destruiria. Mas Apollo a faria feliz. Transformaria a jovem em uma rainha que seria amada e idolatrada. Tudo o que havia feito a ela no passado compensaria, desde que Evangeline jamais descobrisse.

Se um dia ela descobrisse que o príncipe roubara suas lembranças, tudo iria desmoronar.

Só havia mais uma pessoa que sabia que Apollo roubara as lembranças de Evangeline. Porém, se tudo corresse bem naquele dia, o príncipe não teria mais que se preocupar com ela. E, com relação a encontrar Jacks, Apollo tinha a esperança de que a entrevista que daria naquela manhã pudesse ajudar.

Ele chegou à pequena sala na torre onde combinara de encontrar o jornalista. Normalmente, preferia cenários mais grandiosos: salões com muita luz, janelas e decorações que impossibilitariam esquecer que Apollo era da realeza. Mas, naquele dia, escolhera uma sala na torre, sem adornos, para garantir que ninguém ouviria a conversa.

Kristof Knightlinger ficou de pé e fez uma reverência assim que o príncipe pôs os pés na sala.

– Que bomvê-lo vivo e com uma aparência tão excelente, Alteza.

– Tenho certeza de que meu retorno também ajuda muito a vender jornais – respondeu o príncipe.

Talvez ainda estivesse um tanto ressentido por causa do pouco estardalhaço póstumo que fizeram para ele.

É claro que o jornalista não deu indícios de ter reparado nisso.

Kristof deu um sorriso entusiasmado. Sempre dava a impressão de estar de bom humor. Seus dentes eram brancos como o jabô de renda que adornava seu pescoço.

– Esta entrevista também irá ajudar. Obrigado por ter tirado um tempo para me receber nesta manhã. Sei que meus leitores têm muitas perguntas a respeito de o senhor ter voltado dos mortos, de como o senhor se sentia estando morto, se conseguia ver o que acontecia entre os vivos.

– Não responderei nenhuma dessa perguntas hoje – declarou Apollo, com um tom categórico.

O sorriso do jornalista se desfez.

– Gostaria que a sua reportagem tratasse dos atos desonrosos cometidos por Lorde Jacks e da suma importância de que ele seja capturado o quanto antes.

– Alteza, não sei se o senhor está sabendo, mas eu já comentei os delitos do lorde na edição matutina.

– Então comente de novo e faça os delitos dele parecerem mais graves. Até que esse criminoso seja capturado, quero que seus crimes sejam publicados todos os dias. Quero que o nome desse homem se torne sinônimo de vileza. Não só por mim, mas pela princesa Evangeline e por todo o Magnífico Norte. Assim que Lorde Jacks for capturado, vou lhe conceder a entrevista que quer, responderei a todas as suas perguntas. Mas, até lá, peço que publique o que eu preciso que você publique.

– Farei isso, Alteza – disse Kristof, com um sorriso simpático.

Mas não era o mesmo sorriso de antes. Não era o seu bom humor natural. Era um sorriso *bom*, que só foi dado porque Apollo era príncipe e Kristof não podia fazer nada a não ser sorrir.

Um sorriso que fez Apollo sentir algo muito parecido com culpa se remoer dentro dele. Por um instante, chegou a pensar em fazer menos exigências. Então se lembrou que o pai havia dito para nunca ser bom.

Depois de se reunir com Kristof, Apollo quis ver como Evangeline estava. É claro que criados lhe informavam constantemente do estado dela. Até aquele momento, haviam dito que a princesa estava bem, gozando de boa saúde, e que ainda não havia recobrado nenhuma lembrança.

Apollo torcia para que Evangeline desistisse de pensar em recuperar as próprias lembranças, depois de tê-la alertado em relação a isso na noite anterior. Mas a Evangeline que conhecia não era de desistir. Dera um jeito de curá-lo da maldição do Arqueiro. O príncipe achava que, se tivesse a oportunidade, também daria um jeito de encontrar as lembranças que lhe faltavam. Sendo assim, Apollo planejava não lhe dar essa oportunidade.

Já preparara tudo para garantir que a esposa ficasse completamente ocupada naquela manhã. Gostaria que a princesa se ocupasse dele, mas teriam oportunidade de fazer isso depois.

Antes, Apollo tinha mais um assunto a resolver.

O Conselho das Grandes Casas.

No dia anterior, reunira-se com alguns dos integrantes do conselho para provar que não era um impostor e que realmente voltara dos mortos. Depois disso, houve uma longa discussão a respeito do que fazer com o herdeiro impostor que tentara roubar o trono de Apollo. Coisa que, contudo, revelou-se ser completamente desnecessária, dado que o fedelho, ao que tudo indicava, fugira em algum momento dessa discussão.

Ao que tudo indicava, o herdeiro impostor fora alertado por duas criadas que haviam se enamorado dele.

Apollo destacou diversos guardas para prendê-lo. Mas, por enquanto, o impostor não era a sua prioridade.

O príncipe diminuiu o passo ao se aproximar da porta que levava à câmara onde o conselho se reunia. O recinto em questão sempre fez Apollo pensar em um enorme cálice de estanho. As paredes eram levemente abauladas, e o ar tinha um toque sutil de prateado, o que conferia uma característica afiada, de espada,

a tudo. No meio do salão, havia uma mesa de carvalho branco envelhecido que, segundo diziam, estava ali desde a época do primeiro rei do Magnífico Norte, Lobric Valor. Um homem enrugado, de outra era, que agora estava por trás da cabeceira oposta da mesa.

Todos pararam de conversar no instante em que Apollo entrou no salão. Mas era óbvio, pela expressão paralisada das pessoas, que até aquele momento a conversa se centrara completamente no mais novo integrante do conselho: o famoso Lobric Valor. O príncipe, contudo, era o único que sabia quem Lobric realmente era. Mais ninguém no conselho sabia que aquele homem, assim como todos os demais integrantes da família Valor, ficara trancafiado na Valorosa até o dia anterior.

Lobric agora se apresentava como Lorde Vale. E, mesmo assim, todos os homens e todas as mulheres sentados à mesa do conselho ainda dirigiam sua atenção a ele. O que era bom – facilitava muito o que Apollo precisava fazer. Mas também era um pouco irritante ver a reação do conselho na presença do lendário primeiro rei do Norte, sem nem sequer saber quem ele realmente era.

– Ei-lo aqui, de volta dos mortos! – bradou Lobric.

Suas palavras foram seguidas por palmas, que se espalharam instantaneamente, até que todos os integrantes do conselho ficaram de pé aplaudindo enquanto o príncipe Apollo se aproximava da mesa de carvalho branco.

Lobric deu uma piscadela transmitindo uma mensagem bastante nítida.

“Somos aliados”, dizia o gesto. “Estamos juntos nessa. Amigos.”

Só que o príncipe tinha uma lembrança demasiado vívida de ter sido traído pelo seu último amigo. Se Lobric optasse por fazer a mesma coisa, Apollo não seria páreo para o antigo rei e sua famosa família. No momento, só podia cumprir com sua palavra e torcer para que Lobric cumprisse com a dele também.

– Vejo que muitos de vocês já conhecem o mais novo integrante do conselho – declarou Apollo, intencionalmente elaborando a frase como uma declaração e não como uma pergunta.

Apesar de ainda não ter sido oficialmente coroado rei, tinha mais poder do que o conselho. No Magnífico Norte, príncipes só podem se tornar reis depois de se casar. Mas essa lei, assim como a coroação, que estava prestes a acontecer, era praticamente de fachada. Eventos da realeza, como coroações e o Sarau Sem Fim, faziam o povo se afeiçoar aos príncipes e espalhavam esperança e amor pelos reinos.

Dito isso, o Conselho das Grandes Casas não deixava de ter seu poder. Não podiam impedir que Apollo nomeasse uma nova Grande Casa, mas poderiam se opor e, ao fazer isso, desenterrar verdades perigosas, e o príncipe não queria correr o risco de que alguém descobrisse tais verdades.

A última coisa de que Apollo precisava é que o reino descobrisse que os lendários Valor haviam voltado dos mortos e estavam se fazendo passar pela Casa Vale.

O príncipe passara apenas umas poucas semanas morto, mas o mundo acreditava que a família Valor morrera havia centenas de anos.

Apollo ainda tinha dificuldade de aceitar o fato de que as lendas que contavam a respeito da Valorosa eram verdadeiras e que a família Valor passara todo esse tempo trancafiada lá dentro. Odiava imaginar a confusão que se instalaria no reino caso alguém descobrisse. E não queria nem pensar nas perguntas que Evangeline faria se descobrisse que ela é quem havia destrancado o Arco da Valorosa.

Pelo jeito, seu irmão, Tiberius, sempre teve razão em relação ao que Evangeline faria.

Apollo só torcia para que Tiberius tivesse se enganado em relação ao que iria acontecer depois que o Arco fosse aberto.

– Lorde Vale e sua família estavam presentes quando eu voltei dos mortos – explicou Apollo, tranquilamente, já que, em parte, isso era mesmo verdade. Honora Valor, esposa de Lobric, curou o príncipe da maldição do Arqueiro e da maldição espelhada. Ele se sentia muito em dívida com a mulher, o que facilitava declarar, com toda a honestidade: – Sem essa família, eu não estaria aqui hoje. Como recompensa, decidi conceder o status de Grande Casa à família Vale e lhes presentear com terras, onde poderão cuidar de outras pessoas da mesma maneira que cuidaram de mim.

Por um instante, todos do conselho ficaram em silêncio. Apollo percebeu que, apesar de os integrantes terem se interessado muito por Lobric poucos instantes antes, tinham suas dúvidas a respeito daquele homenzarrão e ficaram ainda mais nervosos com a proclamação de Apollo.

O príncipe jamais havia dado a honra de conceder o status de Grande Casa a nenhuma família. Seu pai tampouco havia feito isso, nem o pai do pai dele. Era algo muito simples de se fazer, mas, uma vez feito, era muito difícil de desfazer. Conceder poder é algo muito mais fácil do que tomá-lo de volta.

Apollo sentia que todos os integrantes do conselho temiam que a promulgação tivesse tomado parte do poder deles.

Ele quase conseguia enxergar as perguntas que tinham na ponta da língua: “O senhor acabou de voltar dos mortos. Tem certeza de que isso é prudente? Tem planos de conceder o status de Grande Casa a outras famílias? Como sabe que essa casa realmente merece estar entre as Grandes – ser uma de nós?”.

– Minha família é grata por sua generosidade, Alteza. É uma verdadeira honra fazer parte deste conselho composto por tantos homens e mulheres notáveis – Lobric falou com um tom ameno, mas, ao se dirigir aos integrantes do conselho, seu olhar foi firme e decidido. Olhou cada integrante nos olhos, um por um, e não foram poucos os que deram a impressão de estar segurando a respiração.

Quando menino, Apollo ouvira incontáveis histórias a respeito daquele homem. Diziam que Lobric Valor derrubara exércitos inteiros com um único grito de guerra e arrancara a cabeça dos inimigos com as próprias mãos. Unificara os clãs do Norte que guerreavam entre si para formar um reino e construíra o Paço dos Lobos para dar de presente de casamento à esposa, depois de tê-la roubado de outro homem.

À primeira vista, o homem que estava diante dele não dava a impressão de ser tão ameaçador quanto as histórias faziam crer. Apollo era mais alto e trajava roupas muito mais refinadas. Lobric, contudo, possuía aquele *mais* indefinível do qual o pai do príncipe sempre falava. Lobric encarnava tudo o que Apollo jamais tentou ser.

O conselho não se pronunciou até Lobric terminar de encarar cada um dos integrantes.

Lorde Byron Belaflor foi o primeiro a se pronunciar:

– Seja bem-vindo ao conselho, Lorde Vale. Espero que já tenha tomado conhecimento de todas as questões mais prementes do reino. Temos mais alguns assuntos importantes que precisam ser tratados hoje.

Belaflor se virou para Apollo. Ao contrário de quase todas as demais pessoas do castelo, que contemplavam o príncipe com admiração desde que ele fizera seu dramático retorno dos mortos, Byron Belaflor não olhava para Apollo com maravilhamento ou assombro.

Havia anos que ele e Apollo não se davam, e a impressão era de que, pelo olhar de escárnio do jovem, Byron se tornara ainda mais detestável durante o período em que o príncipe fora destronado. Corriam boatos de que a amante de Belaflor havia morrido, mas Apollo não se surpreenderia se descobrisse que a mulher havia fingido a própria morte para se livrar dele.

– Então – declarou Belaflor, bem alto. Em seguida, fez uma pausa dramática, para garantir que todos sentados à grande mesa estivessem olhando para ele.

A maioria dos integrantes do conselho era de pessoas mais velhas, mas o Lorde Belaflor tinha mais ou menos a mesma idade de Apollo. Os dois tinham sido amigos quando crianças, até que o jovem Belaflor teve idade para compreender que Apollo herdaria um reino inteiro, ao passo que ele estava predestinado a herdar apenas um castelo em uma montanha gelada e desolada. O príncipe gostaria de ter destituído o lorde do conselho há anos. Mas, infelizmente, o castelo de Belaflor também possuía um considerável exército particular, o qual Apollo não queria correr o risco de ter como inimigo.

Era assim com a maioria dos integrantes do conselho. Se um deles fosse exonerado, causaria um certo grau de inimizade, coisa que era melhor Apollo evitar.

– Sei que o senhor falou com alguns dos demais integrantes do conselho ontem, pedindo uma coroação rápida e urgente – prosseguiu Belaflor. – Mas há quem, entre nós, acredite ser imprudente prosseguir com a coroação, sendo que ainda temos ressalvas a respeito de sua esposa.

Apollo enrijeceu.

– Que tipo de ressalvas a respeito da minha esposa?

O lorde deu um sorriso abrupto, como se o príncipe tivesse acabado de dizer exatamente o que ele queria ouvir.

– Há quem, entre nós, não consiga deixar de se perguntar: por que Lorde Jacks apagou as lembranças de Evangeline? O que a princesa sabe que poderia prejudicá-lo? A menos que... a princesa estivesse em conluio com Jacks para envenenar o príncipe.

– Sua declaração é uma traição ao reino – interrompeu Apollo.

– Então prove – insistiu Belaflor.

– Não preciso provar nada – declarou Apollo.

– Mas isso pode ajudar – interveio Lady Casstel. Ela era uma das integrantes mais antigas e prudentes do conselho. E, sendo assim, não raro, a maioria dos demais seguia suas opiniões. – Não acredito que sua esposa seja uma assassina. Mas os boatos que correram a respeito de Evangeline depois que o senhor

morreu foram sérios, e ela é estrangeira. A princesa só se beneficiaria se encontrasse uma maneira de mostrar ao povo que agora realmente faz parte desse reino e que a lealdade dela em relação ao senhor é absoluta.

– E como a senhora propõe que eu faça isso?

– Faça-a engravidar e lhe dar um herdeiro – respondeu Lady Casstel, sem pestanejar. – Não apenas pelo bem do reino, mas para lhe proteger. Já que seu irmão foi destituído do título de nobreza e, atualmente, está desaparecido...

Apollo se encolheu todo ao ouvir falar do irmão, Tiberius. E, por um segundo, sentiu uma pontada de dor nas cicatrizes que tinha nas costas. Uns poucos integrantes do conselho deram a impressão de ter percebido.

Felizmente, não era nenhuma novidade Apollo ter esse tipo de reação quando ouvia o nome do irmão. Ninguém poderia supor que o verdadeiro motivo para as costas de Apollo estarem cobertas de cicatrizes era Tiberius. Apenas Havelock e uns poucos mortos-vivos tinham ciência da verdade. Havelock levaria esse segredo para o túmulo, e o príncipe tentava não pensar nos vampiros. Já tinha assuntos desagradáveis suficientes para lidar, como aquele súbito pedido do conselho, de que tivesse um herdeiro.

Entretanto, pelo jeito que Lady Casstel tocou no assunto, era óbvio que o tema fora discutido muito antes da reunião do conselho.

– Não há mais nenhum herdeiro direto ao trono – prosseguiu ela. – Seria fácil demais outro impostor tomar a coroa caso alguma outra coisa acontecesse com o senhor.

– Não vai acontecer mais nada comigo – declarou Apollo. – Eu já derrotei a morte. Ela não irá voltar para me pegar tão cedo.

– Mas, uma hora, voltará para lhe pegar. – Essas palavras saíram da boca de Lobric Valor. – A morte chega para todos nós, Alteza. Ter um herdeiro não irá apenas proteger o reino: pode espantar a morte por mais um tempinho.

Lobric dirigiu um olhar solene a todos na mesa. Se quisesse, aquele poderia ser o momento para revelar a todo o conselho que Apollo não chegara a voltar dos mortos de fato, mas não fez isso.

E, apesar de Apollo não gostar, era obrigado a admitir que Lobric tinha razão. As chances de tentarem tomar o trono quando existe um sucessor inequívoco é menor. Ter um herdeiro também protegeria seu relacionamento com Evangeline. Depois que tivesse um filho com ele, ela não iria abandoná-lo de jeito nenhum. Mas Apollo não queria forçar a esposa a ficar com ele dessa maneira.

– Evangeline ainda não consegue se lembrar de mim – declarou.

– Isso realmente tem importância? Você é o príncipe – comentou Belaflor. – Essa menina deveria saber a sorte que tem de ser sua esposa. Sem você, ela não passaria de uma qualquer.

Apollo olhou feio para Belaflor e, por alguns instantes, ficou imaginando se havia algo a mais no desprezo do conselheiro do que a suspeita de que Evangeline havia se mancomunado com Jacks para matá-lo.

– Evangeline não é *uma qualquer*. É minha esposa. Tratarei de providenciar um herdeiro assim que ela se sentir mais à vontade comigo.

– E quanto tempo isso irá demorar? – Belaflor ergueu a voz, nitidamente tentando arrebanhar os demais para sua causa. – Eu estava ontem na biblioteca. Sua esposa mais parecia um fantasma assustado, toda pálida e trêmula! Se o senhor se importasse com este reino, se livraria dela e se casaria com outra!

– *Não vou* substituir minha esposa.

Apollo levantou-se da cadeira com tanta força que balançou os cálices de vinho que estavam em cima da mesa e derrubou diversas uvas de suas travessas. A conversa tinha passado – e muito – dos limites.

Também estava se enveredando para bem longe do que realmente precisava ser tratado.

– Evangeline não está mais em discussão. O próximo que depreciar minha esposa não dirá mais nem uma palavra nesta mesa. Se alguém neste recinto realmente se importa com o reino, vai parar de duvidar da lealdade de Evangeline e começar a procurar Lorde Jacks. Enquanto ele não estiver morto, ninguém estará a salvo.



## Evangeline

À luz de um novo dia, tudo parecia menos um delírio febril e borrado e mais uma janela de vitral perfeita. O quarto de Evangeline cheirava a chá de lavanda, a docinhos amanteigados e também tinha um aroma adocicado, de mato, que ela não conseguiu identificar, mas a fez pensar em jardins cuidados com esmero e requinte.

Quando se deu conta, por um lindo instante, estava pensando:  
*Isso é que é perfeição.*

Ou deveria ser.

Os cacos dentro de Evangeline brigavam com a cena graciosa. Uma vozinha fraca, mas firme, dentro da cabeça dela insistia:  
*Isso não é perfeição, isso não está certo.* Mas, antes que essa vozinha dissesse algo mais, foi abafada por uma legião de outros ruídos mais atrevidos.

Eles começaram baixinho, do outro lado da porta do quarto de Evangeline. Em seguida, feito uma explosão de fogos de artifício suaves e floridos, as donas das vozes entraram em seus aposentos.

Modistas. Três delas. Sorridentes, a cumprimentaram:

- Bom dia, Alteza!
- A senhora está com uma aparência tão descansada, Alteza!
- Tomara que a senhora tenha dormido bem, porque seu dia será corrido, Alteza!

As mulheres foram seguidas por um desfile de criadas trazendo peças de tecido, rolos de fitas, cestos de adornos e plumas, fios

de pérolas e flores de seda.

– O que é tudo isso? – perguntou Evangeline.

– É para fazer o seu guarda-roupa real – responderam todas as três, ao mesmo tempo.

– Mas eu tenho um guarda-roupa.

Evangeline olhou desconfiada para a pequena saleta cheia de roupas que havia entre o quarto e o banheiro.

– A senhora tem um guarda-roupa para o dia a dia, sim – respondeu a modista-chefe. Ou talvez fosse apenas a mais falante. – Viemos tirar suas medidas para ocasiões especiais. A senhora vai precisar de um modelito espetacular para a coroação. E, depois, teremos o baile da coroação. E a Caçada está para acontecer *mais dia, menos dia*.

– E, aí, é claro que a senhora irá formar seu próprio conselho – completou a mais alta das modistas. – Precisará estar muito bem-vestida em todas essas ocasiões.

– E também vai querer alguns vestidos de baile vaporosos para usar em todos os próximos festivais da primavera e jantares formais – disse a terceira modista.

Em seguida, as três começaram a tagarelar, comentando como o tom de pele de Evangeline era perfeito para a primavera e que seria encantador garantir que todos os vestidos que a princesa usasse tivessem pelo menos um toque de cor-de-rosa, para combinar com seu lindo cabelo.

Em meio a tudo isso, mais criadas apareceram, levando carrinhos dourados repletos de guloseimas e petiscos, lindos como tesouros saídos de dentro de um porta-joias. Biscoitos em forma de castelo, tortinhas de frutas lustrosas, peras em um turbilhão de calda dourada, tâmaras confeitadas com coroas em miniatura, ostras no gelo com pérolas cor-de-rosa, que brilhavam sob a luz.

– Tomara que a senhora goste de tudo – disse uma das criadas.

– Se precisar de mais alguma coisa, é só pedir. Sua Alteza, o

príncipe, quer que a senhora saiba que pode ter tudo o que quiser.

– E, se precisar de um descanso, basta nos avisar – completou a modista mais alta, já pondo a mão no bolso do avental e tirando dele uma fita métrica.

Foi pouco depois disso, quando estavam tirando as medidas dos braços de Evangeline para providenciar luvas, que ela reparou na cicatriz. Na parte de baixo do pulso direito, fina e branca, em forma de coração partido. Que, com toda certeza, não estava lá antes.

Assim que terminaram de tirar as medidas, Evangeline ergueu o pulso para examinar aquele estranho coração partido. Passou delicadamente o dedo nele. A pele formigou quando encostou na cicatriz.

Neste instante, teve a impressão de que a preciosa bolha que tinha por dentro estourou. *Ploc. Ploc. Ploc.*

O maravilhamento que Evangeline sentira ao ver todas aquelas guloseimas, todos os doces e belos tecidos se dissipou quando observou aquele pequeno coração partido. Não conseguia se lembrar dele de jeito nenhum. Mas se lembrou, sim, da vozinha que ouvira em sua cabeça poucos instantes antes, alertando que aquilo tudo não era a perfeição.

Evangeline continuou examinando a cicatriz, fazendo força para se lembrar de como tinha ido parar ali, até que reparou que a mais alta das modistas estava olhando para ela de um jeito estranho e imediatamente tapou a cicatriz com a mão.

A modista não comentou nada a respeito da cicatriz. Mas o jeito que olhara para aquela marca deixou Evangeline inexplicavelmente nervosa. Então percebeu que a mulher saiu de fininho de seus aposentos, enquanto as demais costureiras continuaram trabalhando.

Não sabia se realmente precisava se preocupar com aquela cicatriz ou se, quem sabe, havia apenas imaginado a reação da mulher. Não tinha motivos para ficar alarmada, tirando aquela

vozinha dentro da própria cabeça que disse que havia algo de errado. Mas, talvez, o que havia de errado, na verdade, fosse o fato de estar ouvindo vozes.

Talvez pudesse ter confiado naquela vozinha se tivesse sido jogada em um calabouço. Mas estava em um castelo saído das histórias que a mãe contava, casada com um príncipe encantador que voltara dos mortos e era loucamente apaixonado por ela. Aquela vida nova não era apenas um conto de fadas – mais parecia algo saído de uma lenda.

Enquanto tecidos e sentimentos continuavam rodopiando ao seu redor, outra visita chegou: uma das aprendizes do médico que viera no dia anterior. Evangeline se lembrou que o nome dela era Telma.

Não sabia há quanto tempo Telma estava parada ali. Havia chegado bem quando a princesa estava experimentando uma capa de capuz cor de framboesa, feita de um veludo grosso, que tapara seus olhos até poucos instantes.

– Só vim fazer um exame rápido, Alteza – disse a aprendiz. – Cheguei em um momento inconveniente?

– Ah, não. Só estou ensaiando para ser um alfineteiro um dia – respondeu Evangeline, torcendo para dar a impressão de estar mais animada do que realmente se sentia.

– Como vão suas lembranças perdidas? – perguntou Telma. – Recobrou alguma delas?

– Receio que não.

E ficou na dúvida se deveria ou não comentar sobre aquela vozinha dentro de sua cabeça.

Só que a resposta de Telma a fez titubear.

– Lamento que a senhora ainda não consiga se lembrar de nada.

Talvez fosse só uma coisa da imaginação fértil de Evangeline, mas ela poderia jurar, pela expressão de Telma, que a assistente não lamentava nem um pouco. Pelo contrário: deu a impressão de ter ficado aliviada. A reação da mulher fez Evangeline pensar

no que Apollo havia lhe dito na noite anterior: "Jacks fez coisas atrozes e imperdoáveis com você, e eu realmente acredito que você será mais feliz se tais coisas continuarem esquecidas".

Até então, ela tentara não pensar nisso. Pensar demais em suas lembranças perdidas a fazia se sentir estarrecida, extenuada, perdida demais em seus próprios pensamentos. Ela queria muito acreditar que, se conseguisse dar um jeito de recobrar suas lembranças, tudo ficaria melhor.

Mas e se Apollo tivesse razão? E se recordar só piorasse as coisas? O príncipe dera a impressão de estar realmente preocupado com a perspectiva de Evangeline recobrar a memória. E agora essa assistente dava a impressão de achar a mesma coisa, como se fosse mesmo melhor esquecer tudo.

E, apesar disso, era difícil ignorar completamente o desconforto. Talvez fosse porque, até agora, Evangeline não tivesse nada além da palavra de Apollo.

– Telma, ouvi algo ontem à noite, e só queria saber se é verdade ou não. Ouvi dizer que Apollo foi assassinado na nossa noite de núpcias e que eu fui incriminada por isso.

Telma empalideceu ao ouvir a pergunta.

– Eu jamais acreditei que foi a senhora.

– Mas é verdade que outras pessoas acreditaram que fui eu?

Telma fez que sim, com um ar de pesar.

– Foi uma época terrível para todo mundo. Mas, agora que o príncipe Apollo está de volta, tomara que tudo isso tenha chegado ao fim.

A mulher soltou o ar lentamente e ficou com um olhar sonhador.

– É incrível, não é? O fato de o príncipe ter voltado dos mortos para ficar com a senhora?

Então olhou para Evangeline de um jeito tão sincero, tão meigo, puro e maravilhado, que ela acabou se sentindo um pouco tola por ter pensado na possibilidade de confiar naquela vozinha paranoica que havia dentro da própria cabeça.

Quando as costureiras, a médica e as criadas por fim foram embora, já era noite, e os aposentos de Evangeline deixaram de ser um burburinho e se transformaram em um refúgio silencioso, onde os únicos sinais de vida eram o fogo crepitante e as badaladas longínquas de um relógio em uma das torres. Era a primeira vez que ficava sozinha naquele dia.

Só que o silêncio não durou muito. Pouco depois de ter sido deixada a sós, alguém bateu na porta do quarto.

– Posso entrar? – perguntou Apollo.

Evangeline foi logo olhando no espelho mais próximo para ver como estava e ajeitou o cabelo, sentindo uma inquietação inesperada. Só depois respondeu:

– Entre.

A porta se abriu sem fazer ruído, e Apollo entrou, com passos confiantes.

Ele continuava sendo belo e continuava sendo príncipe.

Não que Evangeline esperasse que Apollo deixasse de ser belo ou príncipe. Apenas foi, mais uma vez, dominada por essa verdade. Pela postura do rapaz que estava em seus aposentos, todo altivo e régio. E imaginou que Apollo sabia o quanto era belo e qual era, exatamente, o efeito que causava nela.

O sorriso do príncipe se abriu, porque percebeu que as bochechas da jovem ruborizaram. Evangeline torceu para que isso não acontecesse toda vez que o visse. Fazia apenas um dia e meio que o conhecia; pelo menos era disso que se lembrava.

– Fiquei sabendo que você passou o dia inteiro dentro do quarto. Quer dar uma caminhada comigo?

Ele pronunciou a palavra “caminhada” torcendo os lábios de um jeito que fez Evangeline pensar que os dois não iriam apenas caminhar.

Sentiu um leve e vertiginoso frio na barriga.

Não sabia se era porque estava recobrando suas lembranças ou se simplesmente se sentia atraída pelo príncipe.

– Sim, eu adoraria.

– Fico feliz de saber disso.

Apollo tinha com ele uma capa branca e felpuda, forrada de pele branca como a neve. Ajudou Evangeline a vesti-la, deixando os dedos quentes se demorarem no contorno do pescoço da esposa quando foi tirar o cabelo dela da frente. Pareceu algo mais intencional do que acidental. Na verdade, Evangeline estava começando a suspeitar de que tudo que Apollo fazia era ensaiado.

Depois que saíram dos aposentos, o príncipe fez sinal para os guardas que estavam de prontidão. Foi um inclinar do queixo quase imperceptível, mas deu a impressão de ter o poder de uma ordem dada aos gritos.

Os guardas baixaram a cabeça simultaneamente e deram um passo para trás, para que o casal conseguisse passar. Depois foram seguindo os dois, tomando o cuidado de manter uma distância respeitosa.

Evangeline e Apollo percorreram os primeiros corredores do castelo em silêncio, ladeados pela luz quente irradiada de todas as arandelas penduradas naquelas paredes antiquíssimas. Ainda tinha muitas perguntas para o príncipe... Mas, naquele instante, sentia apenas os nervos zumbindo dentro dela.

Talvez o destacamento de guardas, com suas armaduras de bronze reluzente, fosse a razão que a impedia de falar. Estavam a cerca de meio corredor para trás, mas dava para Evangeline ouvir as botas dos homens batendo no chão de pedra, e ela imaginou que, se falasse, eles também poderiam ouvi-la.

Apollo pegou na mão da esposa.

Evangeline sentiu um choque.

– É para você parar de pensar nos guardas e pensar nisso.

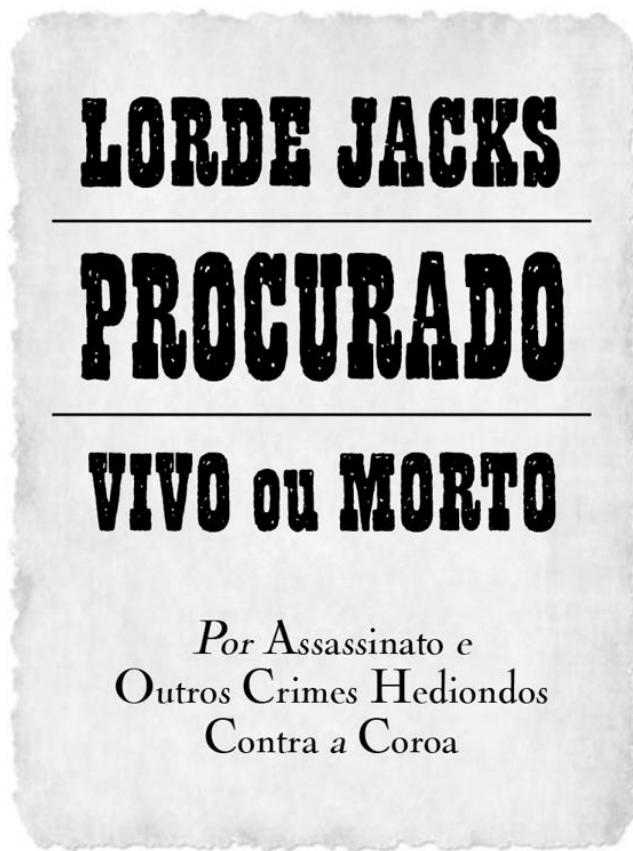
Apollo apertou de leve os dedos de Evangeline.

Ela jamais ficara de mãos dadas com aquele rapaz, pelo menos não que tivesse lembrança. No dia anterior, Apollo pegara na sua mão, mas foi mais para puxá-la castelo afora.

A sensação era... *gostosa*. A suave pressão dos dedos de Apollo, a sensação de que a mão dela era pequena e estava

protegida dentro da mão do príncipe. Mas isso não ajudou com a questão de estar nervosa demais para conseguir dizer alguma coisa. Pelo contrário: sentia-se ainda mais ansiosa do que antes. Aquilo tudo era tão novo que não sabia direito o que fazer. Apollo não era apenas um simples rapaz que trabalhava em algum estábulo ou na padaria do pai. Era o governante de um reino. Tinha o poder de segurar a vida das pessoas na palma da mão. Mas, naquele exato momento, segurava apenas a mão dela.

Evangeline estava prestes a perguntar mais uma vez como os dois haviam se conhecido quando viu o cartaz pregado em uma das portas arredondadas do castelo.



O sangue de Evangeline gelou.

Debaixo da lista de crimes de Lorde Jacks, havia um retrato – se é que podia ser chamado de retrato. A imagem era mais a de uma sombra do que a de um homem: um rosto com dois buracos

escuros no lugar dos olhos e uma boca que não passava de um traço.

Apollo puxou a esposa mais para perto de si.

– Não dê atenção a esses cartazes.

– Essa é mesmo a aparência de Lorde Jacks?

Evangeline sabia que Apollo o chamara de monstro, mas não esperava aquilo.

– É apenas um desenho tosco. Ele tem uma aparência mais humana, mas não muito.

O príncipe exalou algo muito parecido com ódio ao dizer essas palavras.

Era o tipo de emoção que fazia Evangeline ter vontade de se encolher e de se afastar dele. Imaginava que Apollo devia ter seus motivos para sentir rancor. Mas, por um segundo, ela teve o ímpeto de sair correndo. Mas talvez fosse por causa do cartaz que retratava Jacks.

Os pensamentos de Evangeline ficaram voltando para aquela imagem sombria, tanto que ela perdeu a noção de onde estavam e de para onde estavam indo por alguns instantes. De repente, quando percebeu, os dois subiam uma escadaria de pedra estreita, em espiral, que não tinha corrimão em um dos lados – apenas um abismo apavorante, até a base da torre. Se ela tivesse algum bom senso, jamais teria começado a subir aquela escada.

Espichou o pescoço, mas eram tantos os degraus que falta subir que não conseguia ver o fim, e os degraus eram estreitos demais para ela e Apollo subirem lado a lado.

– Aonde leva essa escada? – perguntou, insegura.

– Acho melhor ser uma surpresa – respondeu Apollo, que estava logo atrás de Evangeline. Ela estava ouvindo os passos do príncipe, mas ouvia apenas os passos dele e os próprios. Os guardas provavelmente tinham ficado na base da escada, e não demorou muito para se pegar sentindo inveja deles.

– Você não pode me dar uma pista? – perguntou. – Por acaso lá em cima tem uma torre onde você pretende me trancafiar?

Ela parou de ouvir o barulho dos passos de Apollo.

E, na mesma hora, teve certeza de que falara algo de errado.

– Você não é prisioneira, Evangeline. Eu jamais te trancafiaria em lugar nenhum.

– Eu... eu sei. Só estava brincando.

E Evangeline queria acreditar que estava brincando. Não achava de fato que Apollo iria trancafiá-la dentro de uma torre, feito um rei cruel de contos de fadas. Só que seu coração começara a bater de um jeito diferente. “Perigo. Perigo. Perigo”, parecia dizer. Mas era tarde demais para dar meia-volta.

Estavam quase no alto da escada. A alguns passos mais adiante, enxergou outra porta, um simples retângulo sem nenhum adorno.

– Acredito que esteja destrancada – disse Apollo.

Nervosa, Evangeline abriu o ferrolho e deu de cara com a noite escura e uma lufada de vento gelado, que soprou o cabelo em seu rosto.

“Por favor, não me abandone aqui”, pensou.

– Não se preocupe, estou aqui – comentou Apollo, com ternura.

Evangeline não sabia se o príncipe havia sentido que ela estava com medo ou se havia de fato dito aquelas palavras em voz alta. Mas Apollo foi para atrás de Evangeline na mesma hora, bloqueando parte do vento e oferecendo uma sólida parede de calor para as costas dela.

À medida que seus olhos se acostumaram com a escuridão, ela viu que a noite não estava tão escura quanto pensara – havia a luz vinda das janelas do castelo lá embaixo, iluminando uma mureta com ameias que cercava o alto da torre. Mais além do castelo, o mundo estava às escuras, com exceção das estrelas salpicadas, que formavam constelações desconhecidas.

– Era isso que você queria que eu visse? – perguntou Evangeline.

– Não – respondeu Apollo, baixinho. – Deve demorar só mais alguns segundos.

No instante seguinte, os sinos de uma das torres badalaram.

*Blém.*

*Blém.*

*Blém.*

*Blém.*

*Blém.*

*Blém.*

*Blém.*

*Blém.*

*Blém.*

A cada badalada, explosões de luz surgiam ao longe. Foram poucas, de início – brasas reluzentes e distantes, que apareciam aqui e ali, feito pedaços de estrelas caídas. Mas logo havia mais luz do que escuridão. Um mundo de brilho, parecia que o céu e o chão tinham mudado de lugar e, agora, a Terra estava coberta de estrelas cintilantes.

– O que é tudo isso? – perguntou Evangeline.

– Um presente para nós. É a famosa Noite dos Fogos. Uma antiga bênção do Norte – explicou Apollo, falando ainda mais baixo e se aproximando, pressionando o peito quente com mais força contra as costas dela. – Normalmente, ocorre antes de um rei partir para a guerra. Acendem-se fogueiras por todo o reino, e as pessoas queimam palavras de bênção. Desejos de saúde, força, cautela e de um retorno para casa em segurança. Quando descobri que fariam uma Noite dos Fogos hoje, em nossa homenagem, achei que você gostaria de ver. Cada uma dessas fogueiras acesas lá embaixo é para nós. Súditos de todas as regiões do Magnífico Norte estão queimando palavras de bênção pela nossa saúde e pelo nosso casamento neste exato momento.

– Parece um conto de fadas – murmurou Evangeline.

Na mesma hora que essas palavras saíram de sua boca, não lhe pareceram verdadeiras.

Aquilo não *parecia* um conto de fadas. Aquilo *era* um conto de fadas. Era *o seu* conto de fadas.

Será que as coisas mudariam mesmo se Evangeline se lembrasse exatamente como havia chegado ali, como havia conhecido Apollo e como os dois haviam se apaixonado e se casado? Ou será que ela apenas se sentiria de outra maneira? Talvez, mesmo que recobrasse todas as lembranças, continuasse a ficar nervosa na presença de Apollo.

Com o vento fustigando seu corpo e as fogueiras queimando lá embaixo, Evangeline se virou devagar até olhar para o príncipe. O *seu* príncipe.

– Você está olhando para o lado errado – disse Apollo.

Então sorriu, um sorriso lento e convencido.

O coração de Evangeline batia cada vez mais rápido. “Perigo, perigo, perigo”, parecia repetir. Mas ela já não tinha mais tanta certeza de que podia confiar em seu coração – ou, talvez, apenas gostasse do perigo.

– Talvez eu prefira esta vista.

Então encostou a mão no rosto do príncipe – que estava um pouco áspero – e inclinou o rosto dele.

Evangeline não sabia se estava fazendo aquilo direito: só sentia os nervos gritarem à flor da pele quando ficou na ponta dos pés e beijou a boca de Apollo.

– Até que enfim – ronronou o príncipe.

Em seguida, mordiscou o lábio inferior da esposa e também a beijou.

Fogos de artifício explodiram ao longe. Evangeline ouviu as explosões quando Apollo passou as mãos por baixo da capa que ela usava, afastando-a e puxando-a mais para perto.

Não sabia se estavam rodopiando e se aproximando da beirada da torre ou se era apenas sua cabeça que estava girando. Mas sentia o vento batendo nas suas costas e sabia que os braços do príncipe eram a única coisa que a impedia de cair.



## Evangeline

O mundo tinha mudado da noite para o dia e não foi apenas porque Evangeline sentia um frio na barriga toda vez que pensava que tinha beijado Apollo.

Parecia que a estação mudara enquanto ela estava dormindo, e o inverno dera lugar à primavera. Quando olhou pela janela, não viu camadas de branco, enxergou árvores verdejantes e impetuosas, arbustos felizes, musgo e rochas reluzentes. Tudo isso estava coberto por uma fina camada de chuva prateada, que fazia um barulhinho constante do outro lado da janela.

Naquela manhã, enquanto chovia, outro médico apareceu para verificar se ela havia se lembrado de algo, o que não acontecera. Depois disso, as modistas voltaram, mas não se demoraram muito.

Ao que tudo indicava, havia mais um compromisso na agenda de Evangeline, mas só ficou sabendo dele quando uma visita completamente diferente chegou.

– Olá, Alteza, sou a Madame Voss. É um prazer conhecê-la.

A mulher fez uma reverência perfeita, e a bainha de sua saia verde-esmeralda roçou no chão de pedra. O cabelo de Madame Voss era de um lindo tom de prata, e seu rosto alongado era repleto de profundas linhas de expressão. Evangeline se sentiu imediatamente confortável com ela.

– Serei sua tutora em tudo o que diz respeito à realeza. Mas antes, vamos começar com tudo o que diz respeito a você.

Madame Voss colocou um lindo livro azul no colo de Evangeline. As páginas tinham bordas douradas, no mesmo tom cintilante do título do livro, escrito em letras rebuscadas.

A jovem leu em voz alta:

– *A maior história de amor jamais contada: a verdadeira história de Evangeline Raposa e do Príncipe de Copas. Versão integral sem cortes.*

A tutora soltou um suspiro de assombro e exclamou:

– Ah, que *incomodação*!

Em seguida, ficou batendo no tomo que estava no colo de Evangeline até que, finalmente, o título mudou para: *A maior história de amor jamais contada: a verdadeira história de Evangeline Raposa e do Príncipe Apollo Titus Acadian. Versão integral, sem cortes.*

– Peço desculpas por isso, Alteza. O livro acabou de ser publicado. Era se se esperar, já que é tão novo, que fosse imune à maldição das histórias. – Então lançou um olhar de reprovação para o livro e completou: – Tomara que só o título seja assim, voluntarioso.

– Por favor, não peça desculpas – comentou Evangeline.

Até aquele momento, não havia parado muito para pensar na maldição das histórias do Norte, mas a mãe havia lhe explicado tudo a respeito dela quando Evangeline era criança. Todos os contos de fadas do Magnífico Norte eram amaldiçoados. Algumas lendas não podiam ser escritas; outras, não saíam do Norte, e muitas mudavam sempre que alguém as contava, tornando-se cada vez menos reais a cada reconto. Dizia-se que todas as lendas do Norte começaram como histórias verdadeiras. E que, com o tempo, a maldição das histórias do Norte distorceu todas as lendas até sobrarem apenas resquícios de verdade.

– Na minha terra natal, os livros simplesmente ficam paradinhos nas estantes – comentou Evangeline. – Acho encantador.

Ficou olhando para a capa por mais alguns instantes. Era a primeira vez que via as palavras de um livro mudarem diante de seus olhos. Para Madame Voss, era um incômodo. Porém, para Evangeline, era algo mágico. Porque era mágico mesmo.

Mas também era curioso o fato de o primeiro título mencionar o Príncipe de Copas.

No Império Meridiano, onde Evangeline nascera, o Príncipe de Copas era um mito – um personagem que fazia parte dos baralhos para ler a sorte – não uma pessoa verdadeira, de carne e osso. Então achou que “Príncipe de Copas” pudesse, talvez, ser outro epíteto do príncipe Apollo.

Esse pensamento gerou um sobressalto incômodo em Evangeline, que ficou se perguntando o que mais não sabia a respeito do marido, por mais que tentasse se convencer de que isso não fazia a menor diferença. Ela e Apollo criariam outras lembranças, como haviam feito na noite anterior.

Mesmo pensando assim, Evangeline não conseguia se livrar daquela sensação estranha, ainda mais depois que abriu o livro trazido por Madame Voss.

As guardas exibiam imagens deslumbrantes, coloridas, de Evangeline e Apollo se olhando nos olhos, com fogos de artifício explodindo ao fundo. O príncipe fora retratado vestindo um requintado traje real, composto por capa e uma grande coroa de ouro decorada com grandes rubis e outras pedras preciosas.

Por um segundo, Evangeline pensou ter visto uma terceira pessoa na ilustração – teve a impressão de que havia um homem observando o casal na margem de uma das guardas. Mas, assim como o primeiro título do livro, essa imagem apareceu e desapareceu em seguida.

Havia mais ilustrações na segunda página, e nada se mexeu. O alto da página era decorado com desenhos do sol, da lua e de um céu estrelado, acima das seguintes palavras:



Era uma vez  
uma menina que acreditava  
em contos de fadas.  
Roubou o coração de um príncipe  
que havia jurado jamais amar.

– Isso é verdade? – perguntou Evangeline. – O príncipe Apollo jurou mesmo jamais amar?

– É verdade! Algumas pessoas acreditavam que era só brincadeira, mas eu não – respondeu Madame Voss. – Era um tanto alarmante, na verdade. Temos essa tradição aqui no Norte: um baile espetacular, chamado Sarau sem Fim.

Evangeline sabia uma coisa ou outra a respeito do Sarau sem Fim, mas não disse nada. Ainda não lembrara nada a respeito da primeira vez que falara com Apollo e não voltara a perguntar sobre isso para o príncipe na noite anterior.

– Na ocasião, Apollo declarou que, uma vez que o baile começasse, jamais terminaria, porque ele não pretendia escolher uma noiva – prosseguiu Madame Voss. – Então ele a conheceu. É uma pena mesmo a senhora não recordar. Foi um verdadeiro amor à primeira vista. Eu não estava presente, é claro. O jantar era muito exclusivo, e vocês dois se conheceram em uma clareira reservada, protegida por um arco.

A mulher disse a palavra “arco” de um jeito diferente de todas as demais palavras, como se fosse algo mágico e não o que Evangeline estava imaginando.

– Suponho que arcos sejam especiais – comentou.

– Ah, sim – concordou a tutora. – Como foram construídos pelos Valor, nosso primeiro casal real, levam para qualquer lugar do Norte. Mas os arcos também são excelentes para proteger coisas. O príncipe tem um arco que protege a mais magnífica das árvores-fênix. A senhora deveria pedir que ele a leve para esse lugar algum dia desses. Ah, espere aí. – Nesta hora, ela olhou para o livro. – Aposto que tem uma figura aqui.

Madame Voss virou a página e, realmente, havia um retrato deslumbrante de Apollo esparramado em um galho de uma das mais magníficas árvores que Evangeline já vira na vida. A impressão era de que cada folha cintilava. Metade delas eram uma sinfonia em tons quentes de outono – amarelo, laranja e castanho-avermelhado –, mas as demais pareciam ser de ouro verdadeiro. Um ouro reluzente e cintilante, como o dos tesouros dos dragões.

– Esta é a árvore-fênix – explicou a tutora. – Depois que cresce e floresce, leva mais de mil anos para atingir a maturidade, as folhas vão se transformando lentamente em ouro de verdade. Entretanto, se uma folha for arrancada antes que todas tenham se transformado, a árvore inteira pega fogo. *Puf!* – completou, fazendo um gesto dramático e lançando um olhar de censura para Evangeline.

– Não se preocupe. Eu jamais sonharia em arrancar uma folha – garantiu a jovem.

Mas Madame Voss já havia virado a página.

Apollo apareceu de novo. Só que, desta vez, estava montado em um cavalo branco, vestido de modo mais rústico: calças de um tom amadeirado, camisa sem colarinho e colete de pele com tiras de couro cruzadas, nas quais levava um arco dourado e uma aljava de flechas nas costas.

– Foi assim que ele pediu sua mão em casamento – explicou a tutora. – Foi na primeira noite do Sarau sem Fim, e o príncipe estava fantasiado como personagem de uma de nossas lendas mais queridas, *A balada do Arqueiro e da Raposa*.

– Conheço essa história – disse Evangeline. – É minha favorita...

Ou ela apenas passara a vida pensando que era? Quando disse as palavras em voz alta, não lhe pareceram tão verdadeiras.

– Que maravilha – respondeu Madame Voss. – Tomara que você consiga imaginar, então. O príncipe Apollo estava tão elegante quando entrou no baile montado em um poderoso cavalo branco. Estava vestido igualzinho ao Arqueiro...

De repente, Evangeline não conseguia ouvir mais nenhuma palavra. A cabeça doía. O peito doía. O *coração* doía, tinha a impressão de que cada batimento a alvejava, feito uma flecha – um pensamento que também lhe doía. Ela se esforçou para recordar por que lembrar de seu conto de fadas favorito seria o gatilho para tanto sofrimento. Mas tudo o que encontrou foi...

Nada...

Nada...

Nada...

Quanto mais tentava se lembrar, mais o coração doía. A sensação era parecida com a que sentira dois dias antes, quando Apollo a encontrou encolhida no chão, naquele salão estranho e antiquíssimo. Só que naquele momento ela não estava sentindo vontade de chorar. Aquela dor era violenta, em carne viva – feito um grito que morava dentro dela e ameaçava parti-la ao meio se não o soltasse.

Mais uma vez, lembrou-se de que havia *algo* que precisava contar para *alguém*. Só que, agora, pensar nisso era ainda mais doloroso do que antes.

Madame Voss arregalou os olhos e perguntou:

– Alteza, a senhora está bem?

*Não!,* Evangeline tinha vontade de gritar. *Eu me esqueci de uma coisa de que preciso muito me lembrar.*

Na noite anterior, havia se convencido de que conseguiria simplesmente abrir mão das próprias lembranças. Mas estava claro que tinha enganado a si mesma. Sabia que Apollo a alertara

de que recuperar a memória causaria sofrimento, mas existem certas coisas pelas quais vale a pena sofrer, e Evangeline acreditava que esta era uma delas.

Ela *precisava* se lembrar.

– Desculpe, Madame Voss – finalmente conseguiu falar. – Estou com um pouco de dor de cabeça. Será que podemos adiar a aula?

– É claro, Alteza. Voltarei amanhã. Aí, poderei lhe contar o restante da história. E poderemos ter nossa primeira aula de etiqueta real, se estiver disposta.

A tutora se despediu de Evangeline com uma reverência e saiu do quarto calada.

Assim que a mulher foi embora, Evangeline começou a ler o livro de novo, pensando que poderia suscitar mais algum sentimento ou lembrança. Mas a história que o livro continha – a história de amor dela e de Apollo – era mais a de um livro ilustrado, um conto de fadas adocicado, sem vilão.

Evangeline sempre adorou contos com amor à primeira vista, mas o amor à primeira vista era mencionado tantas vezes que ela ficou meio que esperando que a história terminasse com um anúncio do perfume Amor à Primeira Vista: “Cansada de procurar por seu final feliz? Pare de procurar e comece a borifar!”.

O livro, é claro, não terminou assim. E também não provocou nenhuma lembrança. Nem sequer de longe.

Então largou o livro e ficou andando de um lado para o outro, na frente da lareira. Vasculhou o próprio cérebro em busca de alguma outra história que a mãe contara, a respeito de perda de memória, torcendo para que isso a ajudasse a encontrar uma cura. Apesar de não ter conseguido se recordar de nenhuma, acabou se lembrando do desconhecido com o qual falara outro dia, que lhe dera um cartãozinho de visitas vermelho e disse: “Se um dia quiser conversar e, quem sabe, responder a algumas perguntas, talvez eu consiga preencher algumas lacunas para a senhora”.

Evangeline procurou o cartãozinho vermelho. Pelo jeito, não estava em lugar nenhum de seus aposentos. Felizmente, o homem tinha um nome memorável.

Bem nesta hora, a jovem criada que, assim como ela, era natural do Império Meridiano, entrou no quarto trazendo uma bandeja com chá bem quente e biscoitos de framboesa fresquinhos.

- Martine, você já ouviu falar do sr. Kristof Knightlinger?
- É claro! – O rosto em formato de coração de Martine se iluminou. – Leio o que ele escreve todos os dias, sem exceção.
- Lê o que ele escreve? Como assim?
- Ele escreve no *Boato Diário*.
- O tabloide?

Evangeline lera o jornal naquela mesma manhã. Ainda conseguia recordar de algumas das manchetes dramáticas: “Onde está Lorde Jacks e quais as próximas atrocidades que ele irá cometer? Herdeiro do trono impostor ainda foragido! Até que ponto a Guilda dos Heróis é realmente heroica?”.

Pelo que conseguira entender, o sr. Knightlinger salpicava o tabloide com suas opiniões pessoais. O artigo sobre Lorde Jacks era bem parecido com o que havia escrito no dia anterior, mas Evangeline se divertira lendo as outras reportagens do jornalista. Os comentários do sr. Knightlinger, especialmente sobre o herdeiro impostor, eram hilários. Ele o retratou de tal maneira que a fez compará-lo a um filhotinho de cachorro alvorocado que havia roubado uma coroa só porque era bonita, brilhosa e boa de brincar. E, depois, o sr. Knightlinger chegou a especular que o impostor poderia ser um vampiro!

Tudo isso criou em Evangeline a suspeita de que o sr. Kristof Knightlinger talvez não fosse uma fonte de informação das mais confiáveis. Mas achou que os escritos do jornalista poderiam ter um pouco mais de variedade do que aquele livro tão “amor à primeira vista” de Madame Voss. E, quem sabe, o sr. Knightlinger pudesse suscitar alguma lembrança.



## Evangeline

**E**vangeline gostava de ter planos. Seu plano atual não era lá grandes coisas – na verdade, estava mais para uma saidinha do que para um plano. Ela nem sabia se precisaria de um dia inteiro para visitar o sr. Knightlinger. Mas, ainda assim, queria sair o mais cedo possível.

No dia anterior, a tutora tinha ido embora no finalzinho da tarde. Depois de uma explosão inicial de empolgação, Evangeline se deitara para tirar um cochilo rápido. Só que, quando acordou, se deu conta de que já era a manhã seguinte.

A princesa ainda não conseguira encontrar o cartãozinho vermelho do sr. Knightlinger, mas Martine havia contado que as instalações de *O Boato Diário* ficavam nos pináculos, um lugar ao qual os guardas do palácio conseguiriam levá-la sem a menor dificuldade.

– A senhora vai adorar os pináculos! Lá tem uma porção de lojinhas encantadoras e maçãs assadas por dragões! E a senhora vai *adorar* os dragõezinhos! – exclamou Martine, enquanto procurava um par de luvas que combinasse com o vestido da princesa.

Evangeline escolhera um vestido violeta com decote ombro a ombro, corpete justo com pérolas iridescentes e aplicações de flores com detalhes em dourado, que também salpicavam pela saia vaporosa, na altura dos quadris.

– Prontinho, Alteza.

Martine lhe entregou uma capa cor-de-rosa e um par de luvas compridas e transparentes, em tom de violeta. As luvas não iriam protegê-la muito do frio, mas eram bem bonitas. E Evangeline sempre se sentia um pouquinho mais feliz quando usava coisas bonitas.

Quatro guardas de bigodes bem aparados, todos usando armaduras de bronze polidas e capas cor de vinho que caíam dos ombros, estavam de prontidão do outro lado da porta.

– Olá, eu me chamo Evangeline – declarou ela, alegremente. Em seguida, perguntou o nome dos guardas.

– Yeats.

– Brixley.

– Quillborne.

– Rookwood.

– É um prazer conhecê-los. Gostaria de visitar os pináculos hoje. Será que um de vocês poderia providenciar o transporte?

Um breve silêncio se passou, e três dos guardas se voltaram para aquele que havia se apresentado como Yeats. Ele aparecava ser o mais velho dos quatro, tinha cabeça raspada e um bigode preto muito impressionante.

– Acho que não é uma boa ideia ir aos pináculos, Alteza. Que tal fazermos um passeio pelo Paço dos Lobos em vez disso?

– Por que você acha que não é uma boa ideia? Minha criada me falou que, praticamente, só tem lojinhas por lá.

– É verdade, sim. Mas o príncipe Apollo nos pediu para garantir que a senhora permanecesse nas dependências do castelo. É para sua segurança.

– Então você está dizendo que vocês quatro, cavalheiros tão distintos, não têm força suficiente para garantir minha segurança se eu sair do castelo? – alfinetou Evangeline, sem o menor pudor.

Os guardas mais jovens reagiram exatamente como ela esperava.

Estufaram o peito e deram a impressão de estarem prontos para provar que ela estava enganada.

Só que Yeats se pronunciou antes que os três pudessem dizer alguma coisa:

– Obedecemos aos desígnios do príncipe Apollo. Neste exato momento, ele quer que a senhora fique aqui, nas dependências do castelo, onde pode saber a sua localização, sem correr o risco de que algo ou alguém a ataque.

A princesa poderia até ter caído na risada, caso o guarda não estivesse com uma expressão tão séria. Yeats falou de um jeito que deu a entender que qualquer coisa no Norte poderia tentar matá-la.

– E quais são os lugares específicos do Paço dos Lobos a que tenho permissão para ir?

– Todos eles. Desde que a senhora não saia daqui.

– E o príncipe Apollo está no Paço dos Lobos neste momento?

– Sim, Alteza.

– Ótimo. Por favor, me levem até ele – disse Evangeline, tranquilamente, torcendo para que aquilo fosse um mero mal-entendido.

Há duas noites, Apollo havia declarado que ela não era uma prisioneira e que jamais a trancafiaria em lugar nenhum. Na verdade, ficara com uma expressão profundamente magoada depois que ouvira o comentário. Era óbvio que os guardas estavam enganados.

– Sinto muito – respondeu Yeats, com um tom plácido –, mas o príncipe está ocupado no momento.

– Fazendo o quê? – perguntou Evangeline.

O bigode de Yeats se repuxou, de irritação.

– Não cabe a nós informar – grunhiu o guarda. – E se nós levássemos a senhora para conhecer um dos jardins?

Evangeline deixou-se emudecer. Estava tentando ser educada e simpática, mas era óbvio que aqueles homens não tinham o menor respeito por ela.

Talvez, se isso tivesse ocorrido antes de ter perdido suas lembranças, ela até poderia ter sido menos insistente. Talvez até

tivesse se empolgado com a perspectiva de simplesmente perambular pelo castelo e pelos jardins, ter dado a impressão de que era uma princesa fácil de agradar. Mas, naquele exato momento, nem isso seria fácil. *Precisava se lembrar*. Coisa que, pelo jeito, seria pouco provável de acontecer se ficasse confinada na fortaleza do castelo, onde achavam que seria melhor deixar o passado para trás.

– Por acaso meu marido lhes disse que não queria me ver?  
– Não. Mas...  
– Sr. Yeats – interrompeu Evangeline –, eu gostaria de ver meu marido. E, se o senhor me disser que não me levará até ele ou sugerir que eu passeie por outro jardim, vou concluir que, das duas, uma: ou o senhor acredita que meu marido pode ser substituído por flores ou que o senhor tem autoridade para me dar ordens. O senhor acredita em alguma dessas duas coisas, sr. Yeats?

O guarda cerrou os dentes.  
Ela segurou a respiração.  
Yeats por fim respondeu:  
– Não, Alteza. Não penso isso.  
Evangeline tentou disfarçar o alívio que sentiu, dirigiu o olhar para os demais guardas e perguntou:

– E vocês três?  
– Não, Alteza – foram logo resmungando os guardas.  
– Esplêndido! Vamos ver Apollo.  
Os homens nem se mexeram.  
– Não vamos impedi-la de procurar pelo príncipe, mas tampouco a levaremos até ele – declarou Yeats.

Evangeline nunca foi de falar palavrão, mas teve vontade de soltar um bem feio naquele momento.  
– Eu levarei a senhora até o príncipe – gritou um outro guarda, que estava a poucos metros de distância.

Ela olhou de soslaio para o rapaz.

O guarda usava o mesmo uniforme dos demais, mas sua armadura parecia estar mais arranhada, como se tivesse de fato ido para a guerra. E o rapaz também tinha algumas cicatrizes no rosto.

– Eu me chamo Havelock, Alteza.

O guarda ficou esperando por alguns instantes.

Na mesma hora, Evangeline teve a sensação de que o rapaz estava torcendo para que ela o reconhecesse, o que só a deixou ainda mais frustrada, porque não sentiu sequer uma faísca de reconhecimento.

– Não tem problema – garantiu Havelock. Então apontou com a cabeça para a capa que Evangeline trazia dobrada no braço. – A senhora não vai precisar disso. O príncipe está no salão de estar, que tem uma lareira que ocupa toda a parede. Ninguém precisa de capa lá dentro.

Havelock não tinha mentido.

A sala de estar mais parecia o tipo de lugar onde crianças poderiam se reunir na véspera de uma data importante para ouvir a avó ou o avô contar histórias diante da lareira. A chuva caía do outro lado dos janelões do recinto, que ocupavam toda uma parede.

Quando Evangeline chegou, ficou observando a chuva que caía aos cântaros, formando cortinas prateadas, encharcando os pinheiros verde-escuros e batendo nas janelas com força. Dentro do recinto, o fogo da enorme lareira crepitava à medida que a lenha ia se partindo, disparando uma infinidade de faíscas lépidas, fazendo uma nova onda de calor tomar conta de todo o ambiente.

Apesar de estar com os ombros à mostra, ela se sentiu subitamente aquecida.

Apollo estava de pé do outro lado da sala, perto da cornija, com uma pessoa desconhecida. A pessoa era da altura do príncipe, mas estava completamente encoberta por um capuz escuro e por uma capa comprida e pesada.

Evangeline sentiu um leve incômodo ao recordar das palavras de Havelock: "Ninguém precisa de capa lá dentro". A frase ecoara na sua cabeça assim que adentrara no recinto.

– Espero não estar interrompendo nada.

Os olhos de Apollo se iluminaram assim que ele a viu.

– Não. Você chegou bem na hora, querida.

A pessoa de capuz continuou olhando para a lareira.

A princesa tinha certeza de que provavelmente estava infringindo algum tipo de regra ao olhar com tanta atenção para aquele desconhecido escondido pelo capuz, mas não pôde evitar. Não que tenha adiantado muita coisa. Só descobriu que a pessoa encoberta pela capa era um homem, mas não muito mais do que isso. Uma barba espessa escondia a parte de baixo do rosto dele, e uma máscara preta tapava o restante, ou seja: Evangeline ficou olhando apenas para um par de olhos levemente espremidos.

Apollo estendeu a mão na direção do homem.

– Evangeline, gostaria de te apresentar Garrick da Galhardia, líder da Guilda dos Heróis.

– É um prazer conhecê-la, Alteza.

A voz de Garrick era rouca e grave e escutá-la não bastou para dissipar o mau pressentimento crescente de Evangeline.

Ela nunca ouvira falar de Garrick nem da Galhardia, mas lera a respeito da Guilda dos Heróis na manhã do dia anterior.

Tentou recordar o que o tabloide dizia. Achou que o artigo começava comentando sobre o herdeiro impostor que havia usurpado o trono quando Apollo foi proclamado morto. Ao que tudo indicava, o tal impostor estava mais preocupado em dar festas e paquerar do que em governar o reino. E, sendo assim, um grupo de guerreiros tomou para si a responsabilidade de manter a ordem em certas regiões do Norte. Esse grupo se autodenominava Guilda dos Heróis. Entretanto, de acordo com o sr. Knightlinger, se os tais guerreiros eram heróis ou mercenários se aproveitando de uma série de circunstâncias infelizes era uma questão em aberto.

– Garrick está liderando uma operação que levará a caçada por Lorde Jacks para além de Valorfell – explicou Apollo.

O herói estalou os dedos e deu um sorriso arrepiante para Evangeline.

– Eu e meus homens somos excelentes caçadores. Lorde Jacks estará morto dentro de uma quinzena. Provavelmente antes, se a senhora estiver disposta a nos ajudar.

– E por acaso há algo que eu possa fazer para ajudá-los? – perguntou a princesa.

Por um instante, a lembrança de estar amarrada a uma árvore e ser usada de isca veio à tona.

– Não se assuste, querida. – Nesta hora, Apollo pegou na mão da esposa. – Só vai doer por um instante.

– O que vai doer?

Ela puxou a mão e tropeçou na saia volumosa do vestido.

– Não há nada a temer, Evangeline.

– A menos que não goste de sangue – resmungou Garrick.

Apollo olhou feio para o homem e declarou:

– Você não está ajudando.

– O senhor tampouco, Alteza. Não quero ser grosseiro – disse Garrick, com um tom obviamente grosseiro –, mas vai levar uma eternidade se o senhor ficar cheio de não me toques com ela. Fale logo da maldita cicatriz.

– Que cicatriz? – perguntou Evangeline.

Apollo apertou bem os lábios. Em seguida, dirigiu o olhar ao pulso da esposa.

Evangeline nem precisou acompanhar o olhar do príncipe. Assim que ele olhou através de suas luvas transparentes, a cicatriz em forma de coração partido que tinha no pulso começou a arder. E o coração em si começou a bater acelerado.

Foi aí que se lembrou de que, no dia anterior, uma das modistas havia saído de fininho do quarto depois de ver a cicatriz, e teve a terrível sensação de que agora sabia para onde a mulher havia ido. Saíra do quarto para falar com Apollo.

– Lorde Jacks fez essa cicatriz no seu pulso. É a marca registrada dele. Significa que a senhora está em dívida com esse homem.

– Que tipo de dívida? – perguntou.

– Não sei exatamente o que é – respondeu Apollo. – Só podemos tentar impedir-lo de cobrá-la.

O príncipe olhava para a esposa com um ar de pesar. A pele, que normalmente era de um encantador tom de oliva, estava um tanto cinzenta.

– Como?

– Encontrando Lorde Jacks antes que ele te encontre. Essa cicatriz que Jacks fez em você liga você a ele, possibilitando que ele te localize onde quer que esteja.

– Mas também pode nos ajudar a encontrar Lorde Jacks – completou Garrick. – A mesma ligação que permite que ele localize a senhora deve permitir que nós consigamos caçá-lo. Para isso precisaremos do seu sangue.

Em algum ponto da sala, um pássaro grasnou, alto e de um jeito inquietante, bem na hora em que Garrick mostrou os dentes. “Sanguinário” foi a palavra que veio à mente dela.

Evangeline não gostava da ideia de ter uma dívida com Jacks, mas tampouco queria dar o próprio sangue para aquele desconhecido. Na verdade, sentiu um ímpeto poderoso de sair correndo da sala e continuar correndo até suas pernas não aguentarem mais. Mas tinha a impressão de que Garrick da Galhardia era o tipo de homem que perseguiria qualquer coisa que tentasse fugir dele.

– Posso pensar a respeito? – perguntou. – É claro que quero que você encontre Lorde Jacks. Mas essa coisa de sangue me deixa um tanto incomodada.

– Muito bem, então. – Garrick estalou os dedos tatuados duas vezes. – Argos, está na hora de ir embora.

Um pássaro que parecia ser um corvo desceu voando de uma das vigas do teto. Voou na direção de Garrick, traçando um arco

elegante com as asas de um preto-azulado. Evangeline sentiu uma das penas roçar no seu rosto e...

– Ai! – gritou, porque o pássaro bicou seu ombro.

Duas bicadas certeiras, que deixaram duas pequenas e reluzentes poças de sangue. Evangeline tentou estancar o sangramento com a mão, mas Garrick foi mais rápido. Movimentou-se quase com a mesma velocidade do pássaro e colocou um pano em cima do ferimento, coletando rapidamente o sangue de Evangeline.

– Me desculpe, Alteza, mas na verdade não podemos lhe dar tempo para pensar e já pensamos pela senhora.

Garrick tirou o pano ensanguentado e se dirigiu à porta, assobiando, com o corvo empoleirado no ombro.

Evangeline ficou furiosa, porque continuou sangrando. Não sabia com quem estava mais irritada: com o mercenário que acabara de agredi-la, usando para isso seu pássaro de estimação, ou com o marido.

Há duas noites, lá na torre, Apollo tinha sido tão meigo. Fora carinhoso, fora atencioso. Mas naquele momento, considerando o que vira acontecer com Garrick e as instruções que Apollo dera para os guardas, parecia que o príncipe era uma pessoa completamente diferente. E Evangeline não o conhecia tão bem assim para saber qual das duas versões do príncipe era a verdadeira. Pouco antes, pensara que o que havia acontecido com os guardas era apenas um equívoco, mas não tinha mais tanta certeza assim.

– Você sabia que Garrick ia fazer isso? Que ia coletar meu sangue mesmo que eu não desse permissão?

Apollo ficou mexendo o maxilar.

– Acho que você não tem noção da ameaça que Jacks representa.

– Você tem razão. Vive dizendo que Jacks é o vilão. E, apesar disso, acabou de permitir que um homem me agredisse, usando seu pássaro de estimação, com o objetivo de caçar e matar outro

homem. Também ordenou que minha guarda, que aliás é formada por homens nada simpáticos, não me deixasse sair do castelo, apesar de ter prometido que jamais me trancafiaria em lugar nenhum. Sendo assim, não, não tenho noção da ameaça que Lorde Jacks representa. Mas estou começando a encarar você como uma ameaça.

Os olhos de Apollo faiscaram.

– Você acha que eu queria fazer tudo isso?  
– Acho que você é um príncipe e faz o que bem entende.  
– Errado, Evangeline. – Nesta hora, a voz de Apollo ficou embargada. – Não quero nada disso. Mas não estou tentando te proteger apenas de Jacks. Certas pessoas que vivem neste castelo, pessoas que fazem parte do meu conselho, acreditam que eu não deveria confiar em você. Acreditam que você estava mancomunada com Jacks para me assassinar. E, se essas pessoas acreditarem que meu julgamento está abalado e que você ainda está de conluio com ele, nem eu poderei salvar sua vida.

– Mas Jacks roubou todas as minhas lembranças – argumentou Evangeline. – Como alguém pode continuar pensando que eu estava de conluio com ele?

O olhar amedrontado do príncipe voltou a se dirigir ao pulso da jovem, aquele com a cicatriz em forma de coração partido.

– A teoria do momento é que Jacks roubou suas lembranças para impedi-la de trair a confiança dele.

– É nisso que você acredita? – perguntou Evangeline.

Por um longo instante, Apollo ficou apenas olhando para ela. Seu olhar não era mais amedrontado nem bravo, mas tampouco era o olhar carinhoso, de adoração, com o qual já tinha se acostumado. Era um olhar frio e distante e, por um segundo, Evangeline sentiu um tremor de medo. Apollo era o único aliado que a jovem tinha no Magnífico Norte. Sem o príncipe, não tinha nada, nem ninguém, nem para onde ir.

– Não estou mancomunada com Jacks – declarou, por fim. – Posso até não me lembrar de nada, mas sei que não sou esse tipo

de pessoa. Não pretendo me encontrar com ele nem trair sua confiança nem a confiança de qualquer pessoa que viva neste castelo. Mas, se você me tratar feito prisioneira ou feito joguete, se permitir que mais alguém me agrida, mesmo que seja usando um pássaro de estimação, vou me recusar a me comportar do jeito certo. Mas não seria por não ser leal a você.

Apollo respirou fundo, e a frieza se dissipou de seu olhar.

– Eu sei, Evangeline. Eu acredito em você. Mas não é só o que eu penso que importa.

O príncipe baixou a mão e acariciou o rosto da esposa. Baixou o olhar, e Evangeline teve certeza de que Apollo estava prestes a beijá-la. Poria fim àquela discussão com um beijo – e, em parte, queria permitir que ele fizesse isso. Não podia correr o risco de perdê-lo. Apollo era tudo o que tinha naquela nova realidade.

Mas só porque o príncipe era tudo o que tinha não queria dizer que Evangeline precisava deixar todo o poder nas mãos dele.

– Ainda estou brava com você.

Apollo tirou a mão do rosto dela e lentamente acariciou o cabelo da esposa.

– Você acha que consegue me perdoar? Desculpe pelo sangue, desculpe pela guarda. Vou destacar outros homens para acompanhá-la. Mas preciso que você confie em mim e tome cuidado.

Evangeline ergueu o queixo, em uma demonstração de insolência.

– Você quer dizer que precisa que eu fique aqui, no Paço dos Lobos?

– Só até localizarmos Lorde Jacks.

– Mas...

Antes que desse tempo de terminar a frase, a porta do salão de estar se escancarou e o mesmo guarda que havia levado Evangeline até ali anunciou:

– Lorde Massacre do Arvoredo está aqui para falar com o senhor. Diz que tem informações a respeito de Lorde Jacks.



## Apollo

Havelock apareceu bem na hora, mas Apollo gostaria que o guarda não tivesse comentado que tinha informações a respeito de Jacks. A reação de Evangeline à possibilidade de ter notícias dele foi imediata. As expressões da princesa sempre eram fáceis de interpretar. Há pouco, percebera o desconforto, depois o medo, então a raiva. E, vendo Evangeline mordendo o lábio, conseguia ver a curiosidade dela. Evangeline era a mariposa, e Jacks continuava sendo a chama.

– Havelock, acompanhe o Lorde Massacre do Arvoredo até meu gabinete. Eu o encontrarei lá.

– Posso te acompanhar? – perguntou Evangeline. – Gostaria de ouvir o que ele tem a dizer.

Apollo fingiu refletir sobre o que a esposa havia pedido. Mas foi só para garantir que Evangeline não saísse do recinto antes da hora e topasse com Lorde Massacre do Arvoredo no corredor.

Quando o príncipe estava sob o efeito da maldição do Arqueiro, e todos achavam que ele estava morto, lera em um tabloide que Evangeline havia comparecido à festa de noivado do Lorde Massacre do Arvoredo. Ela não esboçara reação ao ouvir o nome dele, mas Apollo não podia correr o risco de que a esposa encontrasse por acaso com um homem que poderia suscitar alguma lembrança – ou que Massacre do Arvoredo lhe dissesse algo a respeito de Jacks, já que Apollo suspeitava que Evangeline comparecera à festa na companhia dele.

– Lamento, querida, mas acho que não seria uma boa ideia. Recorda do que eu falei, que certas pessoas acreditam que você está mancomunada com Jacks? Se alguma dessas pessoas descobrisse que você estava presente em uma reunião na qual o paradeiro dele foi revelado, poriam a culpa em você, caso Jacks escape novamente.

Evangeline apertou os lábios. O príncipe não tinha dúvidas de que a esposa discutiria com ele. Mas nada do que ela dissesse tinha importância. Tudo aquilo era para protegê-la.

Acariciou o rosto da jovem e disse:

– Espero que você comprehenda.

– Eu comprehendo, sim, e espero que você comprehenda que, enquanto me tratar como uma prisioneira que não é digna de confiança, vou me comportar como tal e não como sua esposa.

Ela se desvencilhou de Apollo e, sem dizer mais nem uma palavra, deu as costas para o príncipe e saiu da sala, com o cabelo cor-de-rosa esvoaçando atrás dela.

Apollo sentiu um ímpeto de ir atrás de Evangeline, um resquício da maldição do Arqueiro que o fez ter vontade de impedi-la de sair antes que chegasse à porta e de proibir que ela fosse embora. Não fez isso. Apollo sabia que era melhor a esposa ir embora naquele momento e que ela não teria como ir muito longe.

Evangeline podia até ter resolvido que não queria agir como se fosse sua esposa, mas isso não mudava o fato de que ela *era* esposa de Apollo. Aquela mulher era dele. E, por bem ou por mal, uma hora o desejava tanto quanto ele a desejava.

Minutos depois, Apollo se reuniu com o Lorde Massacre do Arvoredo em seu gabinete particular.

Robin Massacre do Arvoredo sempre tivera o tipo de personalidade bem-humorada que atraía as pessoas feito um ímã. Mas ele não estava sorrindo. Estava com olheiras, a boca retorcida e o rosto pálido. Parecia ter envelhecido cinco anos desde a última vez que Apollo o vira.

– Você está com uma cara ótima, meu amigo. Pelo jeito o noivado te fez muito bem.

– E você continua sendo o melhor mentiroso de todos – resmungou Massacre do Arvoredo. – Estou com uma cara péssima, e o noivado acabou. Mas não estou aqui para falar disso.

– Tem alguma pista do paradeiro de Jacks? – perguntou Apollo.

– Não – respondeu Massacre do Arvoredo, baixinho, aproximando-se da lareira. – Só achei que você não ia querer que eu comentasse sobre o bracelete de Vingança Massacre do Arvoredo.

– Você o encontrou, então?

O príncipe tentou não demonstrar muita empolgação. O bracelete era uma lenda antiga, um conto de fadas, uma história do tipo em que ele jamais acreditara muito. Mas, recentemente, descobrira que certas lendas continham muito mais verdades – e mais poder – do que havia acreditado até então.

– Não – respondeu Massacre do Arvoredo, curto e grosso. – Se é que existe, não está em poder de minha família. Mas descobri outra coisa e pensei que poderia ser do seu interesse. – Ele entregou ao príncipe um pergaminho pesado, amarrado com um fino cordão de couro. – Tome muito cuidado com isso. E, sob hipótese alguma, jogue as cinzas fora.



## Evangeline

**A**pesar de Evangeline ter sido proibida de sair do castelo e por conta disso não ter conseguido visitar o sr. Kristof Knightlinger, no dia seguinte uma edição do tabloide escrito pelo jornalista lhe foi entregue com a bandeja de café da manhã.

Não era isso que a princesa queria. Ainda queria fazer uma visita em pessoa ao sr. Knightlinger e pedir que ele lhe contasse tudo o que sabia a respeito de seu passado.

Teria até se contentado com uma visita do colunista fofoca-iro no Paço dos Lobos. Entretanto, como o sr. Knightlinger não respondera à carta que Evangeline escrevera no dia anterior, se acomodou no sofá para ler o tabloide.

---

### O Boato Diário

FUGA À MEIA-NOITE

*Por Kristof Knightlinger*

**O**ntem, o Paço dos Lobos ficou em polvorosa com a notícia de que Garrick da Galhardia, líder da Guilda dos Heróis, se reuniu a sós com o príncipe Apollo. Eu, é claro, não fiquei surpreso ao saber do encontro

de Apollo com o misterioso herói na tentativa de encontrar o execrável Lorde Jacks. O que achei surpreendente, contudo, foi a notícia de uma misteriosa saída do príncipe, poucas horas depois, à meia-noite.

Minhas fontes seguras revelaram que Apollo foi visto saindo a cavalo do castelo ao bater da meia-noite, na companhia de apenas um de seus guardas de confiança.

Para onde terá ido o príncipe?

Até onde sei, ele ainda não retornou ao castelo. E, sendo assim, só podemos conjecturar. Será que decidiu caçar Lorde Jacks com as próprias mãos? Ou será que existe outro mistério que obrigou o príncipe a se afastar do Paço dos Lobos e de sua amada Evangeline Raposa?

---

Evangeline não *queria* ficar curiosa. Queria continuar frustrada com Apollo – e ela estava mesmo. O ombro ainda doía por causa das bicadas do pássaro de Garrick que arrancaram sua pele. E o coração também doía sempre que pensava que só de vez em quando Apollo era o príncipe meigo que fora lá no alto do castelo. Mesmo assim, não conseguia evitar de se perguntar aonde o marido poderia ter ido.

Enquanto se arrumava e colocava um diáfano vestido cor de pêssego com pequenas flores rosadas, brancas e cor de violeta, Evangeline perguntou para Martine se ela sabia alguma coisa sobre a ausência do príncipe. Mas, assim como a própria Evangeline, a criada ficara sabendo disso pelo tabloide.

Teria que perguntar para seus guardas pessoais, então. A princesa amarrou as fitas que prendiam as mangas bufantes e se preparou para uma possível batalha antes de se dirigir às portas de seus aposentos. As portas se abriram para o corredor externo, onde havia dois guardas diferentes, trajando armaduras reluzentes, de prontidão.

– Olá, Alteza.

Os guardas a cumprimentaram na mesma hora, com reverências exageradas e uma atenção intensa.

– Eu me chamo Hansel.

– E eu me chamo Victor.

Evangeline cogitou se os dois eram irmãos – tinham o mesmo furinho no queixo, o mesmo pescoço largo e até o mesmo bigode ruivo. Por alguns instantes, pensou que ter bigode poderia ser uma exigência para fazer parte da guarda.

– O que podemos fazer pela senhora? – perguntou Hansel, com um sorriso.

Por alguns instantes, a princesa se esqueceu do motivo que a fizera abrir a porta. Os guardas eram diferentes dos do dia anterior e, até ali, davam a impressão de serem *simpáticos*.

Apollo cumprira com sua palavra.

Sem dúvida, era fácil para ele trocar alguns guardas. O príncipe provavelmente tinha milhares de homens à disposição. E, mesmo assim, Evangeline sentiu o coração se enternecer, bem de leve.

– Vocês sabem me dizer para onde o príncipe Apollo foi?

– Desculpe, Alteza. O príncipe não nos informou para onde estava indo – respondeu Hansel.

– Mas temos, sim, um recado para a senhora – declarou Victor.

– Sua tutora acabou de passar por aqui e pediu para lhe entregarmos isso.

Em seguida, o guarda entregou um pergaminho amarrado com um cordão cor de vinho para Evangeline.

Como estava sem o lacre de cera, a missiva não era particular. E de imediato seu coração tornou a ficar na defensiva.

Quase não leu o bilhete da tutora – uma autêntica prisioneira não obedeceria a ordens de bom grado. Mas, como já tinha desfeito o laço do cordão, realizou a leitura.

*Vossa Alteza,*

*Sugiro que, na aula de hoje, façamos uma visita a alguns dos jardins reais. Poderíamos nos encontrar às onze e meia no Poço dos Desejos?*

*É claro que tentarei chegar na hora. Mas, se eu me atrasar, não pense duas vezes: peça ao poço para realizar um de seus desejos.*

Abaixo da assinatura a tutora desenhara um mapa detalhado dos jardins do Paço dos Lobos. Em seguida, com uma letra bem pequenininha, que Evangeline quase não reparou, escrevera as palavras “Venha, por favor!”.

Evangeline não sabia o que a surpreendera mais naquela mensagem: a expressão “por favor” ou o ponto de exclamação. Talvez tenha sido a combinação de ambos. O fato é que foi invadida pela sensação de que aquele pedido poderia ser algo mais do que parecia à primeira vista.

Os sinos da torre bateram as 11 horas bem na hora em que Evangeline saiu do castelo.

O céu estava com um tom cinza-aveludado, repleto de nuvens em espiral que ameaçavam mais chuva, e exigiam que Evangeline percorresse depressa as trilhas de pedra ladeadas de cercas-vivas, salpicadas de flores de um roxo intenso.

Eram quatro os jardins principais do Paço dos Lobos: o Jardim Submerso, o Jardim das Águas, o Jardim das Flores e o Jardim Ancestral. Escondidos dentro de cada um desses jardins, havia

quatro jardins menores: o Jardim das Fadas, o Jardim do Musgo, o Jardim Secreto e o Jardim dos Desejos.

De acordo com o mapa cuidadosamente desenhado pela tutora, o Jardim dos Desejos, com seu Poço dos Desejos, ficava no meio do Jardim das Flores. Ao que tudo indicava, era um jardim murado, cercado por um fosso, e era preciso atravessar uma ponte para chegar até ele.

Seria fácil encontrá-lo. O mapa estava muito bem-feito, e o Jardim das Flores era uma perfeição de tão bem cuidado.

A chuva do dia anterior deixara o terreno do castelo repleto de cores vivas, úmidas e tão intensas que Evangeline pensou que, se encostasse em alguma das flores, as pétalas manchariam as pontas de suas luvas. Era tão lindo que quase desejou que não fosse. Evangeline não queria ficar enfeitiçada por aquela beleza. Era uma sensação parecida demais à de ficar novamente embasbacada com Apollo.

Mas foi difícil não se sentir um tantinho encantada. A neblina prateada serpenteava pelo terreno feito mágica, conferindo brilhos enevoados a todas as árvores e arbustos. Era uma neblina tão linda que só percebeu que havia ficado muito densa quando deu um passo e se deu conta de que só conseguia enxergar as pedras da trilha a poucos metros adiante. A neblina era tão fechada que Evangeline não conseguia nem ver onde os guardas estavam, logo atrás dela. Quase chamou pelos rapazes, para saber se ainda estavam lhe acompanhando. Mas mudou de ideia.

Evangeline, na verdade, não queria que os guardas a acompanhassem e... uma ideia extraordinária lhe ocorreu.

Talvez o plano da tutora, desde o início, incluísse despistar os guardas. Madame Voss poderia querer se encontrar com Evangeline a sós. Como a mulher era uma especialista em tudo que dizia respeito ao Paço dos Lobos e à realeza, já devia estar contando com a possibilidade de o jardim ficar escondido pela neblina. A tutora talvez tivesse planejado aquele encontro para contar à princesa algo que não queria que ninguém mais ouvisse.

Talvez fosse pedir demais querer que o tal *algo* a ajudasse a encontrar suas lembranças perdidas. Mas, mesmo assim, quando se deu conta, já havia apressado o passo.

– A senhora pode ir mais devagar, princesa? – gritou Hansel. Ou talvez tenha sido Victor. Evangeline não conseguia distinguir qual deles estava berrando, só que os dois guardas chamavam por ela.

– Acho que nos perdemos da senhora! – gritou um dos dois.

O que Evangeline fez foi andar ainda mais rápido, saindo da trilha para que suas botas não fizessem barulho e os guardas não conseguissem acompanhá-la com facilidade. O chão sob seus pés estava úmido e macio. Pétalas caídas foram se grudando na barra da capa e nas pontas das botas.

*Blém-blóm!*

Ao longe, o relógio da torre bateu 11h30.

Evangeline ficou com medo de chegar atrasada, mas aí avistou a ponte que levava ao Jardim dos Desejos, que era murado. Ela o atravessou rapidamente, deixando uma trilha de lama e flores que possibilitaria que os guardas não tivessem dificuldade para encontrá-la quando ali chegassem. Mas, com sorte, teria pelo menos alguns momentos a sós com Madame Voss.

A neblina se dissipou de leve quando chegou ao outro lado da ponte, revelando uma porta arredondada salpicada pelo tempo. Evangeline teve a impressão de que a porta um dia fora de um tom reluzente de bronze, mas que a cor desbotara com o passar do tempo, feito uma lembrança que, um dia, desapareceria por completo.

A maçaneta tinha uma pátina verde que a fez se lembrar de uma história que havia lido sobre uma peça como aquela que sentia as mãos de todos que a tocavam e dizia que tipo de coração a pessoa tinha. Era assim que a maçaneta sabia quem devia ou não deixar entrar.

A princesa não se lembrava quem a maçaneta protegia, mas sabia que alguém com maldade no coração conseguira enganá-la,

removendo o próprio coração. Esqueceu o que acontecia depois disso, mas não queria perder tempo tentando lembrar. Precisava entrar no jardim antes que os guardas a alcançassem.

Quando entrou no jardim, a neblina se enroscou nas suas botas. Ao contrário de tudo o mais nas dependências reais, aquele espaço quadrado era indomado, cheio de flores rebeldes e trepadeiras embriagadas que se enroscavam nas abundantes árvores do jardim, pendurando-se nos galhos feito serpentinas que decoram uma festa. A trilha estava completamente coberta por um musgo verde-azulado e se esparramava diante dela feito um tapete, levando ao pequeno poço que, sabe-se lá como, permanecia intocado por todas aquelas plantas que há muito não eram podadas.

O poço era branco e tinha um arco de pedras com uma corda amarrada, de onde pendia um balde dourado. Gotas de chuva começaram a cair novamente enquanto Evangeline se dirigia ao poço.

Ela olhou em volta, procurando a tutora. Dirigiu o olhar às árvores que a cercavam, depois para aquela estranha porta, mas não viu nem ouviu ninguém. O jardim estava em silêncio, tirando o ruído cada vez mais alto da chuva. O que havia começado como um chuvisco se transformava rapidamente em uma tempestade.

Evangeline se encolheu debaixo do capuz da capa e torceu para que a tutora chegasse logo. Foi então que se recordou da parte final do bilhete.

*"É claro que tentarei chegar na hora. Mas, se eu me atrasar, não pense duas vezes: peça ao poço para realizar um de seus desejos."*

A primeira coisa que lhe veio à mente foi pedir para a tutora chegar logo. Mas seria desperdiçar um desejo com algo tolo. Também chegou a pensar que Madame Voss poderia não ter falado isso no sentido literal.

Talvez quisesse que Evangeline encontrasse alguma coisa no poço. Olhou com mais atenção, procurando por uma pista.

Parecia haver algo gravado nos tijolos.

Só conseguiu ler as palavras “Instruções para pedir que desejos se realizem”, mas as demais palavras estavam tão apagadas que ela precisou chegar mais perto...

Duas mãos a empurraram pelas costas.

Evangeline gritou e tentou se agarrar à borda. Mas o empurrão foi forte, e a pegou de surpresa.

Ela foi para a frente, feito uma pedra, e caiu...



## Evangeline

**E**vangeline já ouvira incontáveis histórias de garotas que caíam em fendas do tempo ou em rachaduras na superfície da Terra, e isso sempre lhe parecera algo mágico. Imaginava os corpos plainando feito folhas, suaves, graciosas e, de certo modo, lindas, caindo lentamente, caindo, caindo, caindo...

Sua própria queda não foi assim. Ela foi arremessada com força. O ar foi expulso dos pulmões quando o corpo bateu na água gelada e continuou afundando. A capa e as botas mais pareciam tijolos, puxando-a cada vez mais para o fundo.

Ela não sabia nadar. Conseguia boiar, mas mal e mal.

Com movimentos frenéticos, se livrou da capa – era muito mais fácil bater as pernas sem ela. As botas ainda a puxavam para o fundo, mas teve medo de se afogar se tentasse desamarrá-las. Precisou de todas as suas forças só para chegar à superfície da água. Ainda bem que encontrou um pedaço de madeira à deriva, que pegou para usar como boia e continuar flutuando.

– Socorro! – gritou, ofegante. – Estou aqui embaixo!

Lá de cima chegou o som dos pássaros grashando, lufadas de vento soprando e o incessante barulho da chuva batendo no poço, mas não ouviu um passo sequer.

– Tem alguém aí em cima?

Entre um grito e outro, tentou desamarrar o vestido. O pedaço de madeira a ajudava a flutuar, mas bem pouco.

Era um pouco mais fácil bater as pernas só de combinação, mas estava *tão frio*, tão congelante. As pernas começaram a perder a força e não sabia se, não as batesse, o pedaço de madeira aguentaria o peso de seu corpo.

– Estou aqui embaixo! – gritou, mais alto. Só que, sabe-se lá como, sua voz saiu mais fraca. – Socorro...

Estava ficando cada vez mais difícil gritar. As pernas batiam cada vez mais fracas.

Evangeline não deveria jamais ter despistado os guardas. Também não deveria ter se aproximado do poço, mas não tinha como imaginar que alguém iria *empurrá-la*. Quem faria uma coisa dessas?

Ela não tinha visto ninguém, mas imaginava, vagamente, que o agressor poderia ser uma das pessoas sobre as quais Apollo tentara alertá-la.

Usando o que restava de suas forças para bater as pernas e se aproximar da lateral do poço, tentou se agarrar a uma pedra e subir, mas a pedra era muito escorregadia, e seus dedos estavam dormentes. Caiu com tudo de volta na água gelada.

– Evangeline! – gritou alguém. A impressão era a de que a voz era masculina e desconhecida. – Evangeline!

– Estou... aqui... embaixo... – tentou gritar, mas sua voz saiu em um sussurro.

O desconhecido soltou um palavrão.

A princesa tentou olhar para cima, para fora do poço. Mas caíra longe, e as paredes eram altas demais – só conseguiu enxergar o balde dourado, descendo em sua direção.

– Agarre-se no balde – ordenou a voz.

Era o tipo de voz a que Evangeline teria obedecido mesmo que sua vida não dependesse disso. Não era gentil, mas emanava um grande poder e era afiada feito a ponta de uma flecha.

Enroscou as mãos congeladas em volta do balde. Era mais difícil do que deveria ser. Seus dedos estavam tão gelados que mal conseguiam segurar aquele objeto.

– Não solte! – comandou a voz.

Evangeline tremia com violência, mas obedeceu. Fechou os olhos, agarrada ao balde, enquanto o desconhecido puxava a corda. Ele foi tirando o corpo dela da água, puxando para cima, para cima, para cima, até o alto. A combinação molhada estava toda grudada em sua pele. E aí ela sentiu dois braços – braços poderosos, firmes – enlaçando sua cintura.

– Pode soltar o balde.

Ele a puxou de um jeito um tanto brusco, mas conseguiu tirá-la do poço.

Evangeline não parava de tremer, mas o homem que a resgatou a segurava com a força de uma promessa que tinha a intenção de cumprir. Os braços dele envolveram sua cintura, trazendo-a para perto do peito. Tão próximo que ela *sentiu* o coração dele. *Batendo forte. Batendo forte. Batendo forte.*

Evangeline sentiu uma estranha – e provavelmente delirante – necessidade de tranquilizá-lo:

– Estou bem.

O homem deu risada, um som um tanto rouco, entrecortado.

– Se isso é estar bem, eu odiaria ver sua definição de meio morta.

– Só estou com frio.

Evangeline tremeu de novo, encostada no homem, e espichou o pescoço para ver o rosto dele. O cabelo molhado tapava os olhos dela, e a chuva turvava sua visão. Mas, quando por fim conseguiu ver de relance o homem que a resgatara, o mundo de repente ficou mais iluminado.

Ele era lindo. Sobre-humano. Um anjo guerreiro de olhos azuis, cabelo dourado e um rosto que fez Evangeline pensar que escrever poemas deveria ser seu novo *hobby*. Quase parecia que aquele homem brilhava. E a fez pensar que ele poderia ter razão, que talvez realmente estivesse meio morta e aquele era o anjo que a levaria para o céu.

– Não vou te levar para o céu – resmungou o desconhecido, puxando-a um pouco mais para longe do poço. O coração dele ainda batia forte, encostado em Evangeline.

E aí o mundo da jovem começou a girar. A chuva a fustigava, rodopiando feito um ciclone, borrando o jardim e aquele anjo dourado, até que, quando ela se deu conta, estava em outro lugar: estava dentro de uma lembrança, no que aparentava ser um corredor iluminado por uma luz suave, de velas.

*Ele a abraçou com tanta força que chegou a doer, mas ela não se importou com essa dor. Deixaria que ele a esmagasse, que ele a quebrasse, desde que jamais a soltasse. Era isso que queria e se recusava a acreditar que ele não queria a mesma coisa.*

*Conseguia sentir o coração dele batendo forte contra seu peito enquanto ele a carregava para o quarto ao lado. Que estava uma bagunça. Tinha maçãs e caroços por toda a mesa. Os lençóis da cama estavam emaranhados. O fogo queimava outras coisas além de lenha.*

A lembrança era tão vívida e real que Evangeline quase sentiu o calor do fogo.

Até que, de forma tão súbita quanto fora arremessada para dentro dessa lembrança, foi arrancada dela pela sensação do chão duro e molhado sob seus pés, seguido pelo som de vozes roucas.

– O que aconteceu aqui?

– Quem fez isso?

Os rostos empapados de chuva de dois guardas desconhecidos pairavam acima dela. Pingava água do bigode deles.

A princesa tentou olhar mais adiante dos guardas, procurando algum sinal do anjo de cabelos dourados que a tirara do poço, mas não havia mais ninguém ali.

Nem todos os cobertores nem todas as lareiras do Paço dos Lobos conseguiriam dissipar os tremores de Evangeline. O frio havia se infiltrado em seus ossos e veias.

Quando chegou ao quarto, carregada, as criadas a ajudaram a tirar a combinação encharcada. Debateram em seguida se deviam ou não dar um banho quente nela, mas Evangeline tremia só de pensar em ser submersa na água novamente. Optou por vestir um robe fofinho e por ficar na cama.

Mas naquele momento, deitada e tremendo, achou que a decisão poderia ter sido um erro.

– O médico já vai chegar – disse Martine. – E já pediram para Apollo voltar ao castelo.

A princesa se encolheu ainda mais debaixo das cobertas. Quase falou que não queria ver Apollo, mas não sabia ao certo se isso era ou não verdade. Ao que tudo indicava, o marido realmente tinha razão quando dizia que ela corria perigo ali.

Evangeline não contou para ninguém que fora empurrada para dentro do poço. Mentiua que havia caído. Essa mentira a fez se sentir absurdamente tola. Vira a expressão dos guardas que a haviam resgatado – franziram o cenho e se entreolharam, deixando claro que ambos pensaram “Quem é idiota ao ponto de cair dentro de um poço?”.

“Uma idiota que não quer dar mais uma desculpa para o marido roubar um pouco mais de sua liberdade”, pensou Evangeline enquanto falava, batendo os dentes, e tentando dar continuidade à farsa.

Não que fizesse alguma diferença. Os guardas fizeram questão de levá-la de volta para o castelo no colo, e a princesa se deu conta de que, de todo modo, não haviam acreditado de fato naquela história de que havia caído no poço. Perguntaram demasiadas vezes se ela não tinha visto ninguém. Se ainda tinha o bilhete mandado pela tutora. E se sabia onde estavam seus guardas pessoais, Victor e Hansel.

Evangeline se sentiu tola ao perceber que havia sido crédula demais. Mas talvez o problema não fosse ter sido crédula, mas ter acreditado e confiado nas pessoas erradas. Deveria ter acreditado em Apollo, que avisou que ela corria perigo.

O dr. Stillgrass apareceu e receitou chá quente e cobertores. Só que, quando Evangeline tomou o primeiro gole de chá, sentiu um gosto... estranho. Pensou que poderia conter algum tipo de sedativo e esvaziou a xícara em um vaso de plantas assim que ficou sozinha.

Não queria ficar sedada. Já estava se sentindo exausta. E, quando ficou completamente sozinha, foi impossível dormir.

Cada ruído a fazia pular de susto. Cada crepitante da lareira e estalar do chão a fazia se sentir tensa e encolhida, feito aquele palhaço que fica preso a uma caixa por uma mola, só esperando para pular. Poderia jurar que, quando fechava os olhos, dava para ouvir o próprio coração batendo com força.

Uma lufada de vento frio soprou no quarto, e ela se encolheu ainda mais debaixo dos cobertores.

Talvez não tivesse sido uma boa ideia dispensar as criadas.

O chão estalou de novo. Evangeline tentou ignorar.

Em seguida, em vez de um estalo, ouviu passos, ruidosos e confiantes. Só então abriu os olhos.

Apollo estava parado ao lado da cama. A capa de veludo que usava estava encharcada, o cabelo castanho-escuro revolvido pelo vento, as bochechas avermelhadas, e os olhos castanhos vidrados de preocupação.

– Sei que você não deve querer me ver neste exato momento, mas eu precisava me certificar de que você está bem.

O príncipe estava com cara de quem queria acariciá-la. Mas acabou passando a mão no próprio cabelo.

Evangeline se sentou na cama com cuidado. Segurou a barra da colcha com força. E percebeu que também queria acariciá-lo. Queria um abraço. Queria um pouco de colo e sabia que, se pedisse, Apollo daria ambos a ela.

Tentou se lembrar da razão pela qual não podia pedir. Mas seu raciocínio lhe pareceu raso. Era difícil ficar brava com Apollo quando, ao que tudo indicava, a proteção que o príncipe dissera que ela precisava era necessária.

Timidamente, Evangeline esticou a mão e a encostou nas pontas dos dedos de Apollo. Que estavam frios – não gelados, mas quase: aparentemente ele tinha ido direto vê-la no quarto assim que pisara no palácio. Evangeline havia se recusado a confiar em Apollo no dia anterior. Mas isso não o impedira de ir ao encontro dela naquele momento que ela tanto precisava.

– Fico feliz que você tenha vindo.

– Jamais deixarei de vir. Mesmo quando você não quiser que eu venha.

O príncipe deu um passo, aproximando-se mais da cama, e entrelaçou os dedos nos da princesa. Estava tremendo um pouco, do mesmo jeito como tremia na manhã em que encontrou Evangeline, depois que as lembranças dela foram roubadas.

Ela ergueu os olhos e deu um sorriso para tranquilizá-lo. Mas, em vez de enxergar Apollo, imaginou o anjo guerreiro que vira no poço, o lindo guarda de cabelos dourados, cujos braços a seguraram feito barras de aço. Foi um mero relance – mas sentiu as bochechas ficarem coradas.

Apollo deu um sorriso, obviamente achando que era por causa dele.

– Isso quer dizer que fui perdoado por ontem?

Evangeline fez que sim. E, ainda meio delirante, deve ter dito alguma coisa, porque o príncipe sorriu ainda mais e respondeu:

– Sempre vou te proteger, Evangeline. Eu estava falando sério quando retornei dos mortos: nunca mais vou te soltar.



## Jacks

Jacks sempre se considerou mais sádico do que masoquista. Gostava de infligir dor, não de sofrê-la. E, apesar disso, não tinha forças para abandonar as sombras do quarto de Evangeline.

Não era uma obsessão.

Uma única visita não era uma obsessão.

O Príncipe de Copas só precisava se certificar de que ela ainda estava viva. De que não estava sangrando. Em perigo. Infeliz. Com frio. Ela estava fora de perigo na própria cama. Estaria ainda mais fora de perigo quando Jacks fosse embora. Mas o Arcano era egoísta demais para ir embora já naquele momento.

Encostou-se no pilar da cama e ficou velando o sono de Evangeline. Nunca compreendera por que alguém velaria o sono de outra pessoa... *até que a conheceu*.

Castor fazia isso. Dizia que o ajudava a controlar seus ímpetos.

Em Jacks, o efeito era contrário.

Na lareira, restavam as brasas do fogo, que já se apagavam. Ele chegou a pensar em atear fogo ao quarto, só para ter uma desculpa para pegá-la no colo e tirá-la dali, salvando a vida da jovem pela última vez, antes de abandoná-la para sempre.

É claro que não estaria salvando a vida de Evangeline de fato se ele fosse o responsável por colocar sua vida em perigo, dando início ao incêndio.

– Acorde, princesa.

O Príncipe de Copas atirou um colete de couro no corpo adormecido de Evangeline.

Ela entreabriu os olhos cansados, esfregou-os em seguida e jogou a peça de roupa para o lado. Ainda não havia enxergado Jacks nitidamente. No passado, não teria sido necessário enxergá-lo. Reconheceria a voz do Arcano ou sentiria sua presença antes mesmo de ele dizer alguma coisa, e Jacks veria a reação do corpo de Evangeline. As bochechas teriam ficado avermelhadas ou, então, ela estremeceria e depois fingido que a causa era uma corrente de ar. E que não era por causa dele.

Seria melhor para Evangeline não lembrar da existência dele. Mas Jacks era tão cretino que odiava o fato de ela ter se esquecido.

Mesmo que o responsável por aquele esquecimento fosse ele.

“Este não é um erro pequeno, custará para consertar. Se fizer isso, o Tempo irá tomar algo igualmente valioso de você”, alertara Honora.

Jacks achou que o Tempo roubaria algo *dele*. Não pensou que roubaria de Evangeline.

As lembranças perdidas lhe pareceram um preço irrelevante a pagar, comparado à *vida* dela. Mas, apesar de Evangeline estar viva novamente, Jacks jamais esqueceria de tê-la visto morrer, de ter sentido o corpo de Evangeline ficar sem vida em seus braços. Isso o fez se dar conta do quanto ela realmente era frágil. Pensou que ela ficaria mais segura no castelo, com Apollo – e ficaria mesmo, depois que Jacks conseguisse o que precisava. Assim que conseguisse, o Arcano iria abandoná-la de uma vez por todas.

– Dá para você ir mais rápido? – falou, com seu sotaque arrastado, atirando mais uma peça de roupa em cima dela. – Não estou muito a fim de esperar o dia todo.

Evangeline jogou a blusa que Jacks acabara de atirar nela para o lado e tentou fazer careta enquanto resmungava:

– Ainda está escuro.

– Por isso mesmo.

O Príncipe de Copas atirou as peças que faltavam.

– Dá para você parar?!

– Dá para você se vestir?

Evangeline se livrou de todas as peças que tapavam seu rosto. Jacks ficou observando a expressão confusa da jovem, cujos olhos estavam com dificuldade para se acostumar à escuridão. Parecia que ainda estava meio dormindo, com aqueles olhos espremidos e cansados. E Jacks não conseguia tirar os olhos dela.

Desde a primeira vez que a vira, na própria igreja, o Príncipe de Copas teve vontade de observá-la. Teve vontade de saber qual era o som de sua voz, qual era a sensação de tocar na pele dela. O Arcano a seguiu, ouviu suas preces – odiou suas preces. Foram das preces mais horrorosas que já ouvira na vida. E, contudo, mesmo depois daquelas preces terríveis, não conseguira dar as costas e ir embora. Queria tirar um pedaço dela. Guardá-la para si. Usá-la mais tarde.

Pelo menos, foi disso que tentou se convencer.

Ela não passava de uma chave.

Um ser humano.

Não era uma obsessão.

Não era dele.

Jacks levou uma maçã preta até a boca e deu uma mordida bem grande.

*Nhac.*

Evangeline pulou de susto ao ouvir o ruído e se agarrou aos lençóis.

– Não sabia que você tinha medo de maçãs.

– Não tenho medo de maçãs. Não seja ridículo.

Mas ela estava mentindo. Jacks estava vendo a pulsação acelerada, fazendo a veia do pescoço saltar. Havia assustado Evangeline, e isso era bom. Ela *precisava* ter medo dele.

Mas, pelo jeito, Evangeline continuava sem senso de autopreservação. Já completamente acordada, não chamou os guardas nem assumiu uma postura defensiva. Pelo contrário:

arregalou os olhos. E, por um segundo, chegou a ser doloroso perceber o tanto que ela havia esquecido, porque olhou para o Arcano como se ele não pudesse lhe fazer mal.

– É você – murmurou Evangeline. – Você salvou minha vida.

– Se quer me agradecer, ande logo e se troque.

Ela se encolheu de leve ao ouvir o tom ríspido da voz de Jacks. O Príncipe de Copas sabia que estava, como sempre, sendo cretino. Mas, quando tudo aquilo terminasse, causaria mais sofrimento a Evangeline caso fosse gentil.

– Por que você está aqui? – perguntou ela.

– Você precisa aprender a se defender da próxima pessoa que tentar te matar – respondeu Jacks, curto e grosso.

Evangeline ficou olhando para o Arcano com um ar de ceticismo.

– Você é instrutor?

O Arcano se afastou do pilar da cama antes que desse tempo de Evangeline vê-lo mais de perto.

– Vou te dar cinco minutos. E aí, mesmo que você não tenha se trocado, vamos começar.

– Espere aí! – berrou Evangeline. – Qual é o seu nome?

*Você sabe, Raposinha.*

Jacks não projetou seus pensamentos alto suficiente para que ela ouvisse.

Ele apenas se apresentou com o nome que havia planejado. Sabia que Evangeline não se recordaria e precisava ter certeza de que ele mesmo não se esqueceria.

– Pode me chamar de Arqueiro.



## Evangeline

**E**vangeline encontrou o Arqueiro no corredor, encostado na parede de pedra, com os braços firmemente cruzados em cima do tórax, como se não estivesse se sentindo muito à vontade de ter que ficar esperando. O rapaz apertou os dentes quando ela saiu de seus aposentos.

Algo dentro de Evangeline também se apertou, bem em volta do peito. A sensação era parecida com a de uma facada, aguda e incômoda. E teve a impressão de que foi ainda mais intensa quando os olhos do Arqueiro a mediram de cima para baixo, ficando mais escuros ao observá-la.

Evangeline vestira as roupas que o Arqueiro lhe dera. Mas, se estivesse mais desperta, não teria feito isso. A volumosa saia branca, na verdade, era a peça mais prática de todas, e as demais não eram nem um pouco práticas. A blusa de um tom claro de rosa era muito transparente, o colete de couro era muito justo e deu a sensação de ser ainda mais justo quando os olhos do Arqueiro se demoraram sobre ele.

Nesta hora, a princesa pensou que acompanhar aquele guarda poderia não ser uma boa ideia.

Só de ficar parada perto dele já tinha a sensação de ter tomado uma decisão equivocada.

Sim, aquele rapaz salvara sua vida. Mas não passava mais a impressão de ser um salvador. Seus traços eram tão marcados que quase pareciam sobre-humanos, lembrando um objeto

afiado. Evangeline teve a sensação de que poderia cortar o dedo caso roçasse sem querer no maxilar dele.

Os trajes do rapaz lhe pareceram um tanto displicentes demais para alguém que fazia parte da guarda real. Usava botas de cano alto surradas, calça de couro justa, de cintura bem baixa, e duas tiras de couro amarradas na cintura, cheia de facas. A camisa era larga, os botões do colarinho estavam abertos, e as mangas, dobradas até acima dos cotovelos, deixavam à mostra braços esguios e fortes. Evangeline ainda se lembrava da sensação poderosa de ter aqueles braços ao redor de seu corpo, apertando-a com força, de como foi bom sentir aquele abraço. E, por um segundo palpítante, teve ciúme das outras pessoas que aquele rapaz poderia vir a abraçar um dia.

*Definitivamente, não tinha sido uma boa ideia.*

E... onde estavam seus outros guardas pessoais?

– Suspeitaram de algum perigo – disse o Arqueiro, ao notar que o olhar de Evangeline vasculhava todos os cantos do corredor mal iluminado. – Foram investigar.

– Que tipo de perigo?

O Arqueiro sacudiu um dos ombros.

– Para mim, pareceu mais um gato miando alto, mas sua guarda pessoal, pelo jeito, teve outra opinião.

Então ele ergueu um dos cantos dos lábios bem devagar, quase esboçando um sorriso. Por um segundo, seu rosto inteiro se transformou. O rapaz já era belo, mas com aquele meio sorriso ficava tão lindo que quase chegava a incomodar.

Evangeline não queria achá-lo lindo, longe disso. Tinha a sensação de que o rapaz estava debochando dela ou que aquele sorriso era parte de alguma piada interna da qual não estava a par.

A jovem fez uma careta, e o Arqueiro reagiu com um sorriso largo. O que foi pior. Ele tinha covinhas. Covinhas que eram quase uma injustiça. Covinhas deveriam dar um ar de meiguice, mas

Evangeline tinha a sensação de que aquele guarda era tudo, menos meigo.

Ela se questionou pela última vez se seria ou não prudente acompanhá-lo. Mas então resolveu deixar a resposta em aberto. Porque, a bem da verdade, queria acompanhá-lo. Talvez ainda estivesse delirando, em decorrência de ter caído no poço ou por não ter dormido direito. Ou, quem sabe, algo além de seu coração também tivesse se partido durante o período do qual não conseguia se lembrar.

– A gente se conhece? – perguntou a princesa. – Por acaso eu já te vi por aí?

– Não. Não costumo brincar com coisas que se quebram com facilidade – respondeu o rapaz.

Em seguida, descruzou os braços e se afastou da parede.

O Arqueiro se movimentava pelo castelo feito um ladrão, com passos elegantes e rápidos, avançando pelos corredores e virando nos cantos. Ficava difícil acompanhá-lo usando aquela saia ridículamente volumosa que o guarda havia atirado em cima de Evangeline.

– Se apresse, princesa.

– Aonde estamos indo? – perguntou ela, quando conseguiu alcançá-lo ao pé de uma escadaria.

A princesa estava levemente sem ar, ao passo que o guarda quase dava a impressão de estar entediado. E abriu, de um jeito indolente, uma porta que levava para a área externa do castelo.

Evangeline abraçou o próprio peito porque uma lufada de ar gélido a atingiu em cheio.

– Está um gelo lá fora.

O Arqueiro deu um sorriso irônico.

– Você não pode se dar ao luxo de escolher o melhor clima quando tem alguém querendo te atacar.

– É por isso que você me deu roupas tão inapropriadas?

Ele só respondeu dando mais um frustrante sorrisinho irônico e começou a percorrer a trilha que levava à escuridão.

O ar provou estar ainda mais gelado quando Evangeline saiu do castelo e foi atrás do guarda. Faltava pelo menos uma hora para o sol raiar. A noite estava escura como um vidro de nanquim, e a única iluminação vinha dos postes de luz intermitentes que acompanhavam a trilha do jardim, revelando grandes poças d'água, em ambos os lados.

O Arqueiro havia levado a princesa para o Jardim das Águas.

Evangeline conseguia ouvir as fontes borbulhantes e as quedas d'água se precipitando ao longe. Imaginou que, durante o dia, deveriam ser fantásticas. Mas, naquele exato momento, durante a parte mais escura e fria da noite, ficou pensando no que sentiria caso caísse naquelas águas. Duvidava que tivessem a mesma profundidade do poço em que quase morrera, no dia anterior. Por um segundo, contudo, não conseguiu se mexer.

– Venha logo, princesa – gritou o Arqueiro.

Ele estava muito mais adiante, e Evangeline não conseguia enxergá-lo. Seu nervosismo aumentou com a lembrança do que havia acontecido da última vez que despistara um guarda.

Só conseguia ouvir o som de passos rápidos.

Depois de um segundo de ansiedade, seguiu o ruído, e ele a levou até uma ponte suspensa precária. O tipo de ponte que Evangeline teria adorado quando era criança, feita de madeira velha e corda e, provavelmente, uma boa dose de imprudência, porque dava a impressão de ser absurdamente instável. Se tivesse uma moeda no bolso, a teria atirado no rio que corria lá embaixo e feito uma oração em pensamento, pedindo por uma travessia segura.

Estava ouvindo a água batendo nas rochas. Mas não conseguia ouvir os passos do Arqueiro.

– Arqueiro? – chamou.

Ninguém respondeu.

Será que o guarda havia se perdido de Evangeline de propósito? Ela não queria acreditar nisso. Sabia que acompanhá-

lo era uma péssima ideia e, contudo, bem lá no fundo, torcia para que fosse uma ótima ideia.

Talvez estivesse na hora de voltar para o castelo.

Evangeline se virou, e a ponte sacolejou sob seus pés. Em seguida, braços gelados enlaçaram sua cintura e prenderam seus braços nas laterais do corpo.

– Não grite – sussurrou o Arqueiro, no ouvido dela –, ou vou te atirar da ponte.

– Você não teria coragem – retrucou Evangeline, ofegante.

– Quer me testar, princesa? Porque eu teria coragem de fazer muito mais do que isso.

Com toda a facilidade, ele a arrastou até a lateral da ponte e a inclinou para frente, por cima do precário corrimão de corda, até o cabelo dela ficar balançando acima da água que fluía lá embaixo. Evangeline teve a sensação de que, mesmo se não gritasse, aquele rapaz ainda teria coragem de atirá-la da ponte, só para vê-la cair.

– Por acaso você perdeu a razão? – perguntou a princesa.

E ficou se debatendo.

Ele deu uma risada disfarçada.

– Você terá que se esforçar mais do que isso.

– Achei que você ia me ensinar o que fazer!

O Arqueiro, que estava atrás de Evangeline, inclinou-se para a frente, até ficar com os lábios nos ouvidos dela. Ela teve a impressão de que os dentes do rapaz mordiscaram sua orelha enquanto falava:

– Primeiro quero ver se você sabe alguma coisa.

O coração de Evangeline bateu mais rápido. Era óbvio que aquele homem estava fora de si.

Evangeline tentou dar uma cabeçada na cabeça dele.

O guarda se afastou com agilidade e comentou:

– Fácil de se esquivar.

A princesa pisou firme, tentando acertar o pé do Arqueiro, mas só conseguiu balançar aquela ponte precária.

– Estou começando a achar que você não quer escapar.

Desta vez, com toda a certeza, o rapaz mordeu a orelha dela, com dentes afiados, que arranharam a pele dela. Evangeline ficou se perguntando se aquele instrutor gostava de machucar todo mundo ou se era só com ela. Alguma coisa naquilo estava começando a parecer pessoal. Só que o mordiscar em sua orelha a deixou mais perturbada do que dolorida.

– Você quer que eu te jogue da ponte? – provocou o Arqueiro.

– Claro que não! – berrou Evangeline.

– Então por que não está lutando comigo? – perguntou, com um tom que parecia bravo.

– Estou me esforçando ao máximo.

– Mas eu não estou! Você precisa se esforçar mais. Me dê um chute.

Evangeline cerrou os dentes e deu um chute para trás. Tentou acertar no meio das pernas do homem, mas só conseguiu fazer farfalhar a parte de trás da saia ridícula que estava usando.

– Mandou bem, princesa.

– Você está debochando de mim?

– Desta vez, não. Pelo menos você me obrigou a ajustar minha postura. Depois de um chute desses, a maioria dos agressores juntará mais as pernas. E isso vai te permitir mudar de posição. Dê um passo para fora com a perna direita – ordenou o guarda. – Depois, coloque sua perna esquerda atrás de mim.

– E o que vou conseguir com isso?

– Apenas faça. Só vou te soltar quando você merecer.

O Arqueiro apertou mais os braços gelados bem na hora em que uma gota de chuva caiu, seguida por outra e mais uma. Em poucos segundos, a fina blusa que a princesa estava usando ficou empapada. E a do rapaz também. Evangeline conseguia senti-la grudada nas costas, nas partes que o colete não cobria, porque o guarda continuou apertando seus braços, até quase doer.

Evangeline por fim fez o que o Arqueiro pediu. Deu um passo para a direita com uma das pernas, depois colocou a outra atrás

dele. O guarda tinha razão. A princesa mudou de posição, mas isso só deixou os dois ainda mais enroscados.

– Agora me segure – ordenou o Arqueiro.

– Você está prendendo meus braços!

– Mas suas mãos estão livres.

E estavam, mas Evangeline continuava hesitando em pegar no guarda.

– Segure – repetiu ele. – Depois me levante com o quadril e me derrube.

O Arqueiro a segurou com mais força, passando um dos braços em volta das costelas da princesa com firmeza, e o outro logo abaixo da cintura, quase no quadril. Em seguida, afastou os dedos de um jeito que deu a impressão de que só queria encostar nela, não a prender. Mais parecia que sua intenção era abraçá-la naquela ponte, no escuro, onde os dois estavam a sós com a chuva e a sensação de que somente as batidas do coração, aceleradas em demasia, os separavam.

Então Evangeline agarrou as pernas do guarda, que estava todo molhado e escorregadio. Os dedos da princesa escorregaram no couro dos trajes dele, e a ponte balançou.

Ela perdeu o equilíbrio. A tábua que havia debaixo dela havia sumido.

– Não... – gritou.

O Arqueiro se moveu incrivelmente rápido. E fez as vezes de escudo, virando o corpo dela à medida que caíam. Quando aterrissaram, sem acertar a tábua quebrada por pouco, foram as costas dele que bateram na ponte, fazendo um ruído alto.

Evangeline o ouviu resmungar de dor, como se o ar tivesse sido expulso de seus pulmões, mas ele não a soltou. Pelo contrário: a apertou ainda mais.

Dava para ela sentir a respiração ofegante do guarda em seu pescoço, já que os dois ficaram deitados ali, em cima daquela ponte quebrada. A blusa havia subido em meio à luta, e os dedos

do Arqueiro agora estavam encostando na pele da barriga da princesa.

A chuva ficou mais forte. Cada centímetro da pele dela estava encharcado. Mas Evangeline só conseguia sentir as pontas dos dedos do rapaz, que foram descendo lentamente, em direção ao cós da saia.

– E é agora que você se livra do agressor – disse ele, baixinho.

– Mas eu não quero – disse ela, mas as palavras saíram de sua boca do jeito errado, ofegantes. E, apesar de todo aquele frio e de toda aquela umidade, Evangeline sentiu um calor que ia das bochechas até a pele à mostra debaixo das mãos do Arqueiro. – Quer dizer, só preciso recuperar o fôlego.

Ele a censurou estalando a língua.

– Você não pode se dar ao luxo de recuperar o fôlego. Se parar de lutar, sairá perdendo.

Na mesma hora, ele pôs a mão gelada na garganta da princesa, que sentiu a ponta afiada de uma faca encostar no seu pescoço.

Evangeline ficou bem quietinha, ou pelo menos tentou. Era surpreendentemente difícil não se mexer tendo uma faca no pescoço e uma mão encostando na sua barriga com tanta intimidade.

– Você é maluco?

– Sem dúvida.

O Arqueiro movimentou a adaga bem devagar, passando-a com cuidado por cima da jugular de Evangeline. Não furou a pele da princesa, mas o efeito foi desconcertante mesmo assim.

– *Nunca* acredite que você está fora de perigo – censurou ele.

A faca percorreu, em linha reta, o trajeto que ia do vâo da garganta, passando pelo peito de Evangeline, até chegar aos cordões do colete.

Ela parou de respirar. A ponta da faca ficou pairando logo debaixo dos cordões. Bastaria um puxão para cortá-los.

*Não.*

A princesa não sabia ao certo se foi o guarda quem pensou nessa palavra ou se foi ela. Quase parecia que a voz do Arqueiro estava dentro da sua cabeça.

Em seguida, com um único e impossível movimento, o rapaz a fez ficar de pé e a soltou com a mesma rapidez.

Evangeline cambaleou para trás, com as pernas bambas.

O Arqueiro ficou diante dela, todo encharcado. A água pingava do cabelo dourado, escorria pelo rosto branco, mas ele nem sequer tremia. Apenas segurava, estático, a faca que acabara de colocar no pescoço de Evangeline. Os nós dos dedos estavam brancos, mas poderia ser só por causa do frio.

– Tentaremos de novo em outra ocasião.

– E se eu não quiser tentar de novo em outra ocasião? – retrucou ela, ofegante.

Ele soltou um sorriso irônico, uma expressão que dava a entender que achava graça no fato de ela pensar que tinha escolha.

– Se é isso que você quer, terá que se esforçar mais para se livrar de mim quando eu for ao seu quarto. Até lá, carregue isso com você. *Aonde quer que for.*

O Arqueiro atirou a adaga para Evangeline.

A arma se virou no ar, ficando com o cabo, e não a ponta, para a frente. Pedras preciosas brilharam na luz e, de súbito, Evangeline teve uma visão com aquela adaga, na qual a arma não estava no ar, mas em um chão escuro. E não era apenas uma visão, era uma lembrança.

*Tantas pedras estavam faltando, mas, apesar disso, o cabo da faca brilhava sob a luz das tochas, pulsando, em tons de azul e roxo, a cor do sangue antes de ser derramado.*

A lembrança foi rápida.

Enquanto se dissipava, Evangeline ficou olhando para a faca que estava em sua mão. Definitivamente, era o mesmo punhal. Tinha as mesmas pedras preciosas azuis e roxas, e até o espaço vazio das pedras que faltavam era o mesmo.

Não sabia se a arma sempre fora daquele guarda ou se chegara a ser dela um dia. Mas tinha certeza de uma coisa: o Arqueiro havia mentido quando dissera que não a conhecia.

Teve vontade de perguntar a razão e teve vontade de perguntar a respeito da faca.

Só que, mais uma vez, ele havia sumido.



## Apollo

**A**pollo estava parado na frente da lareira de seu gabinete, com as mãos cruzadas nas costas, o queixo erguido, os olhos baixos. Era uma pose que fazia com frequência, para ser retratado, como no quadro que, atualmente, ficava pendurado em cima da lareira. É claro que, no retrato, o príncipe era mais novo. Fora pintado antes de ele conhecer Evangeline, antes de ter morrido e visto a si mesmo sendo substituído por um impostor apenas uma semana depois. E o impostor não tinha nada de impressionante.

O príncipe sabia que ainda era jovem. Vivera apenas vinte anos – vinte anos tranquilos, o que dificultava ter uma vida que servisse de inspiração para bardos e menestréis. Apollo gostava de pensar que, se tivesse vivido um pouco mais antes de sua suposta morte, seu legado não teria sido descartado com tanta rapidez. Continuava, contudo, decepcionado consigo mesmo por ter desperdiçado tanto tempo.

Voltar dos mortos lhe dera um certo ímpeto de construir um legado que não fosse esquecido com tanta facilidade. Mas o príncipe sabia que só isso não bastava para forjar o futuro que desejava, para garantir que ninguém mais tornasse a amaldiçoá-lo nem se aproveitasse dele de alguma outra maneira para fazer mal a Evangeline.

Precisava fazer mais do que isso.

Desenrolou o pergaminho que o Lorde Massacre do Arvoredo lhe dera havia dois dias. Como já acontecera, o objeto pegou fogo, não ao ponto de queimar seus dedos, mas o suficiente para destruir o papel e reduzi-lo a cinzas. Começou com as palavras da parte de baixo do pergaminho: elas sempre pegavam fogo antes que desse tempo de lê-las. Só que Apollo já havia lido boa parte da história. Sabia exatamente o que tinha que fazer.

Antes disso, precisava se certificar de que Evangeline não corria perigo.

Bateram à sua porta exatamente na hora combinada.

Apollo respirou fundo, preparando-se para o que – assim receava –, teria que fazer.

– Pode entrar – falou, apertando os lábios para baixo. A porta do gabinete se abriu, e Havelock entrou.

O guarda reparou imediatamente no papel em chamas que havia na mão do príncipe e nas cinzas que estavam no chão.

– Interrompi alguma coisa?

– Nada de importante.

Apollo deixou o pergaminho em chamas cair no chão. Como todas as histórias do Norte, ela estava contaminada pela maldição das histórias. Aquela história específica ateava fogo a si mesma toda vez que era aberta.

O papel queimaria até ser reduzido a um monte de cinzas. Depois, voltaria a ser o que era – algo bem parecido com o que Apollo estava fazendo com a própria vida e com a vida de Evangeline.

– Quais são as novas informações que você tem a respeito do ataque sofrido pela princesa Evangeline? – perguntou.

O guarda fez uma reverência e respirou fundo, constrangido.

– A tutora continua alegando inocência. Madame Voss jura que jamais enviou um bilhete para a princesa, tentando atraí-la até o poço. Alega que os guardas estão mentindo.

Apollo passou a mão na cabeça e perguntou:

– E o que Victor e Hansel dizem?

– Eles insistem na história que contaram. Dizem que chegou uma carta da tutora e que se perderam de Evangeline por causa da neblina, quando ela tentou encontrar Madame Voss. Juram que não participaram de tramoia nenhuma.

O príncipe fez uma careta.

– Você acha que estão dizendo a verdade?

– Ambos me pareceram sinceros, Alteza. Mas é difícil dizer. A tutora também me pareceu sincera.

Apollo soltou um suspiro e olhou para o chão: o pergaminho havia quase terminado de queimar.

– Victor, Hansel e a tutora, provavelmente, estão mancomunados – declarou.

Teve vontade de retirar as palavras assim que elas saíram de sua boca.

Só que agora era tarde demais. Era tarde demais desde o instante em que pedira para Victor e Hansel entregarem o falso bilhete da tutora para Evangeline, que fingissem tê-la perdido de vista nos jardins e que depois a empurrassem para dentro do poço. Mas a esposa não lhe dera escolha. Recusara-se a acreditar que estava em perigo. Apollo foi obrigado a mostrar para a princesa que ela estava errada.

Não tinha a intenção de que a lição fosse tão traumática. Esperava que os guardas que patrulhavam o jardim a encontrassem antes. O que foi um erro, mas ele não queria envolver mais pessoas em seus planos além do necessário.

– Continue torturando a tutora: tenho a sensação de que existe a possibilidade de ela confessar. Ainda mais se você disser que matou Victor e Hansel.

Havelock empalideceu.

Apollo lhe deu um tapinha no ombro e, mais uma vez, ficou tentado a mudar o rumo das coisas. A dizer para Havelock simplesmente deixar Victor e Hansel na prisão. Odiava ter que perdê-los. Tinham provado quão valorosos eram de modo admirável. Mas não tinha como saber ao certo quanto tempo

duraria a lealdade dos dois. E era só o que lhe faltava começarem a espalhar boatos de que ele é quem havia orquestrado a última tentativa de tirar a vida de Evangeline.

– Sei que Victor e Hansel são seus amigos, mas eles traíram a confiança da princesa. Precisamos fazer isso, para que sirva de exemplo.

Havelock fez que sim, com uma expressão pesarosa, e respondeu:

– Garanto que isso será feito hoje à noite.

Apollo sentiu uma pontada, algo muito parecido com culpa. Odiava ter que fazer aquilo, odiava que as coisas tivessem chegado àquele ponto, odiava o fato de Evangeline não confiar nele te tal forma que o obrigara a tomar uma atitude tão drástica. Mas estava fazendo o que era preciso.

Estava protegendo a esposa de todos, inclusive de si mesma.



## Evangeline

O Arqueiro não era nenhum anjo, nenhum salvador. Era desvairado, provavelmente perigoso. E, apesar disso, ao que tudo indicava, consistia na maior esperança que Evangeline tinha de recobrar suas lembranças.

Ela olhou novamente para a adaga que o Arqueiro havia lhe dado. O pouco que se recordava daquela faca não ajudava com muitas pistas de qual poderia ser o próximo passo. Era mais como uma migalha de pão do que um bom pedaço de lembrança, mas todo mundo que ama contos de fadas sabe que sempre vale a pena seguir rastros de migalhas de pão.

E Evangeline pretendia seguir aquele rastro aonde quer que ele a levasse.

Se tivesse sido um fato isolado, uma lembrança apenas, ela poderia ser ignorada, encarada como mera coincidência.

Mas a princesa já vira o Arqueiro duas vezes e, em ambas, o rapaz suscitara lembranças vívidas, o que alimentou a esperança de Evangeline.

Depois de acordar antes de o sol raiar e passar as horas mais escuras do dia lutando com o Arqueiro na chuva, Evangeline deveria ter voltado para a cama, exausta.

Mas estava acontecendo o contrário: ela se sentia exultante. Tinha a sensação de que havia encontrado um pedacinho de seu antigo ser. E era um de seus pedacinhos preferidos. Era a parte de si mesma que adorava ter esperança. Havia se esquecido de

que a esperança deixa as cores mais vívidas e os sentimentos mais intensos, que muda os pensamentos, tira o foco do que *não* é para se concentrar no que é possível.

As lembranças dela não haviam se perdido para sempre, estavam apenas perdidas e, naquele momento, Evangeline tinha absoluta esperança de que as encontraria.

Como o Arqueiro já suscitara duas lembranças, fazia sentido ter esperança de que, quando o visse novamente, ele despertasse mais algumas. E, caso isso não acontecesse, pelo menos ela iria obrigá-lo a contar como os dois haviam se conhecido.

Só que, desta vez, não iria esperar para que ele fosse ao seu encontro.

Evangeline pretendia pedir para fazer um passeio pelo Paço dos Lobos – um passeio que incluiria os alojamentos dos guardas e soldados. Sabia que o Arqueiro havia dito que teriam mais uma aula no futuro, mas não queria esperar até esse tal *futuro* acontecer. Queria encontrá-lo novamente naquele mesmo dia.

– Desculpe, Alteza – murmurou Martine. – Antes de a senhora sair, talvez queira dar uma olhada nisso. Chegou enquanto conversava com o aprendiz do médico.

A criada lhe entregou um bilhete cor de creme, com o brasão de Apollo no lacre de cera que ela abriu imediatamente para ler.

Minha querida Evangeline,

Lamento que minhas muitas obrigações reais estejam me impedindo de vê-la no dia de hoje. Você me daria a honra de se encontrar comigo uma hora depois de o sol se pôr, no Pátio dos Pilares, para jantarmos juntos?

Não vejo a hora de vê-la e de lhe apresentar alguns convidados especiais também.

Com todo o meu amor,

Apollo

– É melhor começarmos a arrumar a senhora para o jantar agora mesmo! – exclamou Martine, sem tentar disfarçar o fato de que lera o bilhete pelas costas da princesa.

– Preciso mesmo começar a me arrumar para o jantar neste exato momento? – Ainda era pouco antes do meio-dia, ela ainda teria pelo menos algumas horas para procurar pelo Arqueiro. – É só um jantar.

– Nada é só um jantar dentro de um castelo – respondeu a criada. – Quando um príncipe diz “jantar”, na verdade quer dizer “banquete”. Todos estarão presentes. Todos os cortesãos, todos os nobres, todas as Grandes Casas, todos os guardas...

– Todos os guardas? – perguntou Evangeline, pensando imediatamente no Arqueiro.

Se o rapaz comparecesse ao jantar, não teria que procurar por ele naquele momento. E, se aquele jantar fosse a grande reunião de pessoas que Martine dera a entender que seria, com certeza seria fácil sair de fininho para conversar em particular com ele.



## Apollo

**A**pollo deveria ter escolhido outro local para o jantar. O Pátio dos Pilares era um dos ambientes mais impressionantes do Paço dos Lobos, com seu pé-direito de 10 metros e teto de vidro abobadado, que permitia uma excelente vista das estrelas. Oito pilares enormes formavam um círculo no centro do local. Esses pilares eram esculpidos à imagem e semelhança dos Santos Esquecidos. Apollo achava que eram muito mais espetaculares do que as esculturas dos integrantes da família Valor que ficavam na baía, porque ainda conservavam as respectivas cabeças. E também foram esculpidas em blocos da raríssima pedra da estrela, que brilhava à noite, conferindo uma atmosfera de outro mundo ao pátio – e o príncipe estava torcendo para que Evangeline ficasse encantada com essa atmosfera.

Mas estava arrependido da escolha.

Deveria ter pensado mais na segurança.

Os pilares eram impressionantes, mas também obstruíam a visão do pátio como um todo e das portas que permitiam a entrada das pessoas. Havia guardas a postos, claro, alertas a qualquer sinal da presença de Jacks. Mas, lá pelo fim da noite, metade dos guardas estariam tão bêbados quanto os convidados. Era sempre assim que essas coisas funcionavam.

O príncipe nunca fora muito rígido com os guardas durante jantares festivos. Normalmente, o maior perigo dessas ocasiões

era os brindes se prolongarem demais. Permitir que os guardas se embebedassem era um jeito fácil de conquistar a lealdade deles. Apollo não queria correr o risco de perder nem um pingo dessa lealdade – ainda mais depois de ter sido obrigado a perder Victor e Hansel. Teria apenas que dar um jeito de manter a esposa perto dele a noite toda.

O príncipe sentiu a presença de Evangeline assim que ela pôs os pés no pátio. Um arrepió na pele, agradável e, ao mesmo tempo, incômodo, como aquela atração que antes sentia por ela. Era um resquício dos efeitos da maldição do Arqueiro. Só que, enquanto Apollo estava sob o efeito da maldição, essa atração era muito mais forte – parecia que havia um fogo queimando sua pele e que só poderia ser apagado por Evangeline.

O príncipe virou para trás, procurando pela esposa. E, quando ela entrou no recinto, tudo o mais ficou fora de foco.

As mesas repletas de comida, todos aqueles convidados em seus melhores trajes, os pilares e as enormes velas que a cercavam: tudo ficou borrado por um instante, feito uma aquarela desbotada pela chuva.

Em meio a tudo isso, Evangeline brilhava. Graciosa, linda e inocente.

Assim que a festa voltou a ficar nítida, o príncipe percebeu que todos os olhares também haviam se voltado para a princesa. Apollo não podia ficar muito tempo observando como os demais convidados olhavam para ela. Alguns desses olhares eram de mera curiosidade, outros o colocaram em alerta, e uns poucos o deixaram com vontade de cortar algumas gargantas.

Tentou não ficar muito bravo – a esposa era a mulher mais linda do recinto. Não podia recriminar as pessoas por olharem para Evangeline daquela maneira.

Mas queria deixar bem claro que a princesa lhe pertencia.

Evangeline não percebeu a aproximação de Apollo. Deslocava-se em silêncio pelo recinto, com os olhos arregalados, voltados para cima, encantada pelos pilares cintilantes.

Estava com o cabelo preso e usava um vestido bem decotado, com alcinhas finas. O príncipe pensou que poderia arrebentá-las com um simples estalar dos dedos. Se tudo desse certo naquela noite, talvez ela permitisse que o marido fizesse isso mais tarde.

Apollo chegou por trás de Evangeline sem fazer barulho.

– Você está tão linda – sussurrou.

Em seguida, já que a jovem lhe pertencia e ele podia fazer isso, deu um beijo delicado e demorado na nuca da esposa.

Sentiu a pele da princesa se aquecer em contato com seus lábios. Mas, logo em seguida, ela ficou tensa.

Apollo torceu para não ter suscitado alguma lembrança.

Bem devagar, pôs a mão na cintura de Evangeline e ficou ao lado dela.

– Eu te assustei?

– Nem um pouco – respondeu Evangeline. Mas com um tom estranhamente agudo. – Eu só não esperava ver tanta gente.

O olhar dela não parava de percorrer o recinto.

Apollo não saberia dizer ao certo se a esposa estava apenas nervosa ou se procurava por alguém. Não deveria estar procurando alguma pessoa específica, já que não se lembrava de ninguém... Ou, pelo menos, não deveria lembrar.

Ao longe, o menestrel começou a cantar. Suas canções falavam de Apollo, o Grande, e de Jacks, o Abominado, que Logo Será Finado.

– Um monstro vivendo entre os homens, um pecado mortal ambulante. Seus filhos ele irá massacrar, sua esposa irá roubar. Se deixar Jacks se aproximar, sua vida ele arruinará.

As pessoas que estavam perto do menestrel balançavam o corpo no ritmo da canção, mas Evangeline estava com um ar visivelmente incomodado. Tinha parado de vasculhar o recinto com os olhos, e Apollo começou a duvidar que a esposa estivesse nervosa *apenas* por que havia muita gente ali.

O príncipe nunca teve a impressão de que a princesa era tímida, mas se lembrou de que ficara nervosa no dia do

casamento.

– Eu gostaria que o jantar de hoje fosse mais íntimo, mas a corte inteira queria estar presente, e é importante que saibam que estamos bem e felizes. – Nesta hora, Apollo tirou a mão das costas de Evangeline e entrelaçou os dedos nos dela. – Não se preocupe, é só ficar perto de mim.

Em seguida, começaram a cumprimentar os convidados, um por um, e o príncipe não permitiu que Evangeline saísse do seu lado.

Apollo sempre odiou essa parte. Mas, pelo jeito, Evangeline foi se soltando à medida que as pessoas a cumprimentavam, dando sorrisos e abraços, elogiando-a por tudo, do tom de voz aos cachos ouro rosê de seu cabelo, passando pela vivacidade de seu rosto.

O príncipe gostaria que as conversas fossem um pouco mais interessantes, mas pensou que poderia ser pior. Foi durante uma dessas conversas sobre o cabelo dela que Apollo se afastou só por um minuto, para buscar um cálice de vinho. Esse tipo de coisa fica bem melhor com uma bebida na mão. Contudo, ao que tudo indicava, havia escolhido a hora errada para se afastar da esposa.

Quando voltou para o lado de Evangeline, ela estava corada, dando risada de algo que Lorde Byron Belaflor havia dito. O integrante do conselho soltou mais um gracejo, ela tornou a rir e deu o maior sorriso que Apollo a vira dar em toda aquela noite.

Cretino.

Na reunião do conselho, Belaflor praticamente tinha pedido a cabeça de Evangeline. Agora estava tentando seduzi-la.

– Ao que tudo indica, não posso dar as costas nem por um instante – alfinetou o príncipe, roubando discretamente a mão de Evangeline e puxando-a mais para perto de si.

– Não precisa se sentir ameaçado, Alteza. Não tenho nenhum desejo de roubar sua esposa. Estava apenas contando histórias de nossa infância. Achei que ela poderia querer se divertir um pouco depois da semana que teve. – Nesta hora, Belaflor pôs a

mão no coração e voltou a se dirigir a Evangeline: – Também queria dizer que fiquei sabendo da queda que a senhora sofreu ontem, Alteza. Fico muito feliz por ter sido encontrada a tempo e com o fato de os guardas que puseram sua vida em perigo terem sido sacrificados, feito cachorros, coisa que são.

– Sacrifi... cados? – repetiu Evangeline.

Os resquícios de riso desapareceram de sua expressão, e seus olhos ternos se arregalaram, alarmados.

Apollo poderia matar Belaflor bem ali.

– Pensei que os guardas seriam apenas interrogados – insistiu Evangeline, virando-se para o marido.

– Não há motivo para preocupação, minha querida – declarou Apollo, dando um sorriso e torcendo para que a expressão a tranquilizasse. – Acho que nosso amigo Lorde Belaflor tem se informado pelos tabloides. A única coisa que foi sacrificada esta noite é o animal que comeremos no jantar. Agora, com sua licença...

O príncipe puxou Evangeline mais para perto de si e conduziu a esposa para bem longe do maquiavélico Lorde Belaflor.

Mas, pelo jeito, o estrago já estava feito. O brilho que Apollo vira nos olhos de Evangeline havia se apagado, e os dedos da mão que ele segurava estavam gelados.

Apollo imediatamente parou um criado que passava com a bandeja cheia de cálices de vinho prateados.

– Tome, querida – disse, pegando um cálice da bandeja e o entregando para Evangeline. – Acho que está na hora de fazermos um brinde, você não acha?

– Amigos! – declarou Apollo, bem alto, chamando a atenção de todos os presentes. – Receio que minha corte tenha se esquecido de como deve se comportar em uma comemoração. Boa parte das conversas que ouvi hoje foram elogios insípidos e boatos enfadonhos. Sendo assim, ergamos nossas taças para brindar a glória de eu ter voltado dos mortos e a magia do verdadeiro amor!



## Evangeline

**E**ra o tipo de jantar que Evangeline imaginava quando era criança e a mãe lhe contava contos de fadas: um lindo salão de baile, repleto de pessoas encantadoras, vestidas com roupas estonteantes. E, agora, ela era uma dessas pessoas. Mais que isso: trajava um vestido cintilante e estava de braço dado com um príncipe – quer dizer, até Apollo erguer o cálice para propor um brinde.

Ele ficou com a taça de vinho erguida bem acima da cabeça enquanto as pessoas se reuniam e também erguiam seus respectivos cálices.

Evangeline fez a mesma coisa. Não tinha, contudo, muita vontade de beber depois de receber a notícia de que Hansel e Victor estavam mortos. Os dois guardas lhe pareceram tão gentis e era muito difícil acreditar que tivessem alguma coisa a ver com aquele atentado contra a vida dela. Aquele era um dos problemas de ter lacunas em sua memória: ficava difícil acreditar em certas coisas.

A princesa tentou olhar disfarçadamente ao redor, à procura do Arqueiro naquele pátio repleto de guardas e cortesãos. Poderia jurar que, há pouco, Apollo havia percebido que ela estava procurando alguém e que tinha ficado um pouco chateado, quase com ciúme.

Evangeline aproveitou que o príncipe estava concentrado no brinde que ia propor para mais uma vez vasculhar o recinto com

os olhos. O pátio estava praticamente do mesmo jeito de quando chegara: pilares reluzentes e convidados finamente trajados.

Ninguém parecido com o Arqueiro. Enquanto isso, Apollo bradou:

– Que todos os presentes em busca do verdadeiro amor possam encontrá-lo e que todos os que tentarem atrapalhar essa busca sejam amaldiçoados!

Todos os convidados fizeram *tim-tim* e deram vivas com Apollo.

– Um brinde ao amor e às maldições!

Evangeline levou o cálice aos lábios. Mas não teve coragem de beber. Compreendia que fizessem um brinde ao amor, mas não às *maldições*. O fato de ninguém mais estranhar isso era perturbador. O aroma inebriante do vinho foi tomando conta do pátio à medida que os convidados bebiam tudo o que havia nas taças e ficavam com os lábios manchados.

E, apenas por um segundo, um pensamento fugidio veio à cabeça de Evangeline: se aquilo era um final feliz, não tinha mais tanta certeza de que queria um final feliz.

– Muito inteligente de sua parte não beber depois de um brinde como esse – declarou uma voz melodiosa.

Evangeline deu as costas para Apollo, disfarçadamente, tentando localizar de onde aquela voz viera.

Se, há poucos instantes, já achava que seu mundo era estranho, agora, então, estava prestes a se tornar ainda mais peculiar.

A garota que surgiu ao lado dela parecia mesmo uma princesa-fada saída de um conto de fadas, do tipo em que as pessoas brindam a coisas como honra e bravura, e não fazem brindes displicentes a maldições. Tinha rosto em forma de coração, olhos alegres em tom de verde-garrafa e cabelo cintilante, em tom de violeta.

Como suas próprias mechas eram ouro rosê, Evangeline estava acostumada a ser a única pessoa de qualquer recinto a ter um cabelo fora do comum. Meio que esperava sentir uma leve

pontada de inveja – mas, quando a outra garota sorriu, seu sorriso foi tão inacreditavelmente meigo que, em vez de sentir inveja, sentiu uma espécie de identificação.

– Você sabia – ponderou a garota do cabelo violeta – que existe uma antiga lenda do Norte segundo a qual não são necessários feitiços mágicos para lançar uma maldição em alguém? Acredita-se que, quando o Norte surgiu, era tão repleto de magia que, às vezes, bastava pronunciar a palavra “maldição” para que o feitiço surtisse efeito... contanto que a pessoa que ouvisse essa palavra acreditasse no que estava sendo dito.

– Você acredita que foi isso que aconteceu hoje? – perguntou Evangeline.

A garota tomou um gole do cálice e soltou um sorriso felino.

– Acredito que, felizmente, a magia morreu há muito tempo. Mas também acredito que tudo é possível. – Então deu uma piscadela e completou: – Aliás, eu me chamo Aurora Vale e é um prazer conhecê-la, Alteza.

Em seguida, fez uma reverência perfeita e sussurrou:

– Agora está na hora de a senhora ser apresentada para meus pais.

O clima no salão mudou, enquanto as outras duas pessoas se aproximavam. Há poucos instantes, tudo se resumia a vivas, tilintar de cálices e aroma azedinho de vinho de ameixa. Mas, com a aproximação do pai e da mãe de Aurora, tudo ficou estranhamente silencioso. As taças pararam de tilintar, os passos cessaram, as pessoas deixaram de conversar e ficaram olhando para o casal, com ar de curiosidade.

Evangeline também ficou curiosa. Assim como a filha, aquele casal a fez pensar em outra era, na qual o sangue era derramado com mais frequência do que o vinho e até a mais frágil das pessoas era obrigada a ser durona para sobreviver.

A mãe de Aurora se movimentava de um jeito diferente de todas as demais. Em vez de se esforçar ao máximo para chamar a atenção, brilhar e exibir suas joias – coisa que nem seria possível,

porque não estava usando joia alguma –, a mulher deslizava em meio aos presentes feito uma flecha no meio da noite, graciosa e certeira. Evangeline ficou com a impressão de que ela estava acostumada a atravessar campos de batalha, e não salões de baile.

O que Aurora tinha de linda, o pai tinha de rústico. Os ombros eram largos; a barba, cheia, e a cicatriz do lado direito do rosto dele parecia tão brutal que Evangeline não sabia como o homem sobrevivera ao ferimento que a produziu.

A princesa ficou só observando o homem pôr a mão – uma mão que mais parecia uma pata de urso – no ombro de Apollo e dizer:

– Muito obrigado pelo convite, Alteza.

– Não tem de quê – respondeu o príncipe. Em seguida, deu um sorriso largo, mas que também pareceu um tanto tenso, como se também tivesse sentido o poder do casal e ficado nervoso com isso. – Evangeline, permita-me apresentar Lorde e Lady Vale e sua filha, Aurora. Mas acho que Aurora já se apresentou.

– Prazer em conhecê-los – disse Evangeline.

– O prazer é todo nosso – declarou Lady Vale e na sequência deu um abraço, na princesa. A mulher era bem menor do que o marido, mas seu abraço foi inesperadamente feroz e muito afetuoso. – Seu amado príncipe me disse coisas tão maravilhosas a seu respeito que quase tenho a sensação de que já a conheço.

Pode até ter sido uma ilusão de ótica causada pela luz cintilante das velas do salão, mas Evangeline teve a impressão de que os olhos da mulher se encheram de lágrimas quando se afastou dela.

A princesa teve vontade de perguntar se Lady Vale estava bem.

Só que Apollo – que ainda dava a impressão de estar um pouco constrangido na presença daquela família –, se pronunciou antes que Evangeline pudesse dizer alguma coisa.

– A família Vale veio dos recônditos do Norte e se mudou para Valorfell. Estão bravamente tomando para si a enorme tarefa de reconstruir o Arvoredo da Alegria.

"Conheço esse nome", Evangeline quase comentou. Mas não conhecia, não de fato. Só não lhe era estranho. Talvez tivesse ouvido alguém comentar sobre o lugar naquela mesma noite. Ou talvez estivesse se lembrando...

– O que é Arvoredo da Alegria? – perguntou.

– O Arvoredo da Alegria engloba todas as terras que pertenciam a uma das Grandes Casas que deixaram de existir. Compreende uma floresta, um vilarejo e uma quinta que foi destruída por um incêndio, há centenas de anos – explicou Apollo.

A imagem de uma casa destruída, da qual só restava uma escadaria em brasas, passou rapidamente pela cabeça de Evangeline. Devia ser, provavelmente, apenas uma tentativa de imaginá-la. Mas, por um segundo, conjecturou que poderia de fato ser uma lembrança. Talvez fosse por isso que o príncipe parecia nervoso na presença daquela família – porque estavam reconstruindo um lugar que, de alguma forma, estava ligado às lembranças perdidas da esposa.

– Como a mansão pegou fogo? – insistiu ela.

– Ninguém sabe ao certo – respondeu Apollo. – Boa parte da história se perdeu no tempo e por causa da maldição das histórias.

– Mas não se perdeu completamente – declarou Aurora, alegremente. – Contudo, posso imaginar por que essa história não é contada com muita frequência. É bastante trágica.

– Então, quem sabe, você tampouco devia contá-la – comentou Lorde Vale.

– Mas a princesa perguntou – protestou Aurora.

Tanto o Lorde quanto Lady Vale lançaram olhares para a filha que beiravam a censura, como se não quisessem fazer escândalo, mas também não desejassesem ter aquela conversa específica.

– Perguntei, sim – interveio Evangeline.

Ela não queria que Aurora ficasse em maus lençóis por sua causa. Mas também estava louca para saber mais. Para ver se aquela história poderia ajudá-la a se lembrar de alguma coisa.

– Não se trata de uma história para ser contada em uma festa – declarou Lady Vale, que agora dava a impressão de estar visivelmente incomodada.

– Mesmo assim, gostaria de ouvi-la – respondeu Evangeline. – Conheço muito menos da história do Norte do que eu gostaria de conhecer.

– Bem, então, permita-me lhe dar uma aula – falou Aurora.

Tanto o pai quanto a mãe de Aurora deram a impressão de terem ficado nervosos, mas isso a não deteve.

– Vingança Massacre do Arvoredo, da Casa Massacre do Arvoredo, estava noivo da mais bela jovem que existia em todo o Norte. Só que ela não o amava. Seus pais não permitiram que ela terminasse o noivado, mas a garota se recusou a se casar com alguém que não amava. No dia do casamento, fugiu. É claro que Vingança não poderia permitir que ela o abandonasse: ele tinha um nome a zelar. Então, quando Vingança ouviu o boato de que a bela garota amava o filho único do Lorde Arvoredo da Alegria, Vingança destroçou a Quinta do Arvoredo da Alegria, o Vilarejo do Arvoredo da Alegria e a Floresta do Arvoredo da Alegria, fazendo jus ao seu terrível nome.

Aurora terminou de contar a história alegremente, do jeito que outra pessoa poderia terminar um brinde, só que não havia mais um sorriso em seu rosto.

Parada na frente da filha, Lady Vale ficou extremamente pálida, e o rosto de Lorde Vale ficou com um tom furioso de vermelho.

O pai de Evangeline jamais olhara para a filha do jeito que Lorde Vale olhou para Aurora naquele instante. É claro que Evangeline tampouco olhara para o pai do modo impertinente que Aurora olhava para o lorde naquele instante. Isso fez Evangeline pensar que talvez tivesse se enganado ao pensar que aquela família poderia estar ligada às suas lembranças perdidas. A tensão entre os pais e a filha poderia ser o motivo para Apollo ficar tão constrangido. Ao que tudo indicava, foi só isso que a

história trouxe à tona. Não suscitou uma imagem fugidia nem nada mais.

– Espero que a reconstrução que faremos em Arvoredo da Alegria ajude a restaurar um pouco do que foi perdido – anunciou Lorde Vale, em uma clara tentativa de mudar de assunto.

Desta vez, Aurora não deu indícios de achar ruim. Pelo jeito, já havia dito tudo o que queria dizer sobre o assunto.

– E eu espero que você e seu príncipe possam comparecer ao festival da reconstrução que estamos planejando. Estou *tão* empolgada para te conhecer melhor. – Aurora, então, deu um abraço em Evangeline e sussurrou. – Tenho a sensação de que vamos ser *grandes* amigas e... ai! – Ela se afastou piscando os olhos, como se estivesse com dor.

– Que foi? – perguntou Evangeline.

– Não sabia que você andava por aí carregando uma adaga.

Aurora inclinou a cabeça, indicando a faca com cabo de pedras preciosas que Evangeline ganhou do Arqueiro e levava presa ao cinto.

Uma ruga de preocupação se formou na testa de Apollo, e o príncipe ficou com um olhar soturno, coisa que não costumava fazer.

– Onde você arranjou isso? – perguntou ele.

Evangeline tapou o cabo da adaga com a mão, para protegê-la.

– Encontrei nos jardins – mentiu.

E se arrependeu imediatamente de ter dito isso – Evangeline nunca foi de mentir –, mas não conseguia criar coragem para parar.

Apollo ficou olhando para a faca com ar desconfiado. O mesmo olhar que havia lançado quando percebera que ela estava procurando alguém no salão. Mas, desta vez, o ciúme era inconfundível. O príncipe espremeu os olhos, uma veia ficou pulsando em sua testa, e Evangeline ficou feliz por não ter falado a verdade, que outro rapaz lhe dera a arma. Mesmo assim, teve medo de que Apollo tomasse sua faca.

Rapidamente inventou uma história um tanto ridícula, de que havia encontrado a faca no poço, segundos antes de ter sido tirada de lá.

– Tenho a sensação de que é um talismã. Mas desculpe por tê-la machucado, Aurora.

– Não foi nada. Na verdade, agora que você explicou que é um talismã, fico feliz que esteja com ela. Mas é melhor tomar mais cuidado com as suas armas. Sei que é seu talismã, mas, com tantos guardas por aqui, será que você realmente precisa dela?

– Ela tem razão – declarou Apollo. – Eu...

– *Hän-hän*.

Alguém pigarreou bem alto atrás deles. Evangeline sentiu um alívio imediato. Tinha quase certeza de que Apollo já ia tomar a adaga dela.

Agora, os olhos do príncipe estavam cravados em um guarda parado perto do grupinho formado por eles.

– Vossas Altezas, lamento interromper, mas preciso falar com o príncipe a respeito de um assunto da máxima urgência.

– E não poderia aguardar mais um minuto? – Apollo se dirigiu ao guarda, olhando feio.

O rapaz empalideceu visivelmente.

– Pode acreditar, Alteza. Se não fosse importante, eu não teria interrompido.

Em seguida, o guarda se inclinou e disse algo ao pé do ouvido de Apollo, algo que fez o príncipe empalidecer.

– Mil perdões, mas receio que precisem de mim em outro recinto. – Então olhou para Evangeline e falou: – Odeio ter que te abandonar... mas vou te procurar assim que acabar.

Antes que desse tempo de perguntar para onde o marido estava indo, o príncipe Apollo deu as costas e foi embora.



## Evangeline

**E**vangeline não tomou um gole de vinho sequer, mas ao que tudo indicava ela foi a única que se absteve de beber. A farra do jantar continuou depois que Apollo foi embora. Não demorou muito para que os cortesãos não fossem os únicos a beber: diversos guardas também estavam se embebedando.

Não havia nenhum relógio de parede no Pátio dos Pilares, mas ela pôde inferir, pelo movimento da lua no céu, que já havia se passado um certo tempo desde que o príncipe saíra do recinto, tempo suficiente para que ela concluisse que, seja lá qual fosse o assunto que havia obrigado o marido a se retirar, era algo importante.

Evangeline chegou a pensar, por breves instantes, que Lorde Jacks poderia ter sido localizado. Mas supôs que Apollo teria ficado feliz com a notícia, e ele não parecia nada contente quando se retirou da festa. Não, com certeza tinha sido alguma outra coisa.

Mesmo depois de servirem o terceiro prato do jantar, ela ainda se perguntava o que teria acontecido. Até que alguém sentado lá pela metade da mesa propôs outro brinde. Os habitantes do Norte, ao que tudo indicava, gostavam muito de brindar. Aquele brinde em especial foi em homenagem ao arqueiro que abatera as aves do banquete. E, de súbito, Evangeline recordou. *Arqueiro.*

Suas entradas deram uma rápida cambalhota. Ela olhou ao redor do pátio mais uma vez, torcendo para que ele estivesse na

festa. Mas ainda não havia nem sinal do Arqueiro.

Bom, Evangeline nunca havia se considerado uma pessoa imprudente. Certas pessoas poderiam argumentar contra essa ideia. Mas ela responderia a esses argumentos dizendo que era apenas uma pessoa esperançosa, que se concentrava no que poderia ser, ao contrário dos críticos, que tinham medo do que poderia dar errado.

A princesa sabia – ainda mais depois dos acontecimentos recentes relacionados a um poço – que sair de fininho do jantar para procurar o Arqueiro sem estar acompanhada de sua guarda pessoal poderia representar um certo perigo. Mas também achava que, já que Apollo se ausentara e tantas pessoas estavam distraídas, aquele talvez fosse o momento perfeito para tentar reencontrar o Arqueiro e, com sorte, recobrar suas lembranças.

Ponderou o que poderia fazer para desviar a atenção e sair de fininho. A primeira coisa em que pensou foi puxar a toalha de mesa, para derrubar as travessas de comida. Imaginou que poderia derramar vinho. E aí começaram a fazer outro brinde, e ela se deu conta de que aquela seria uma bela chance de escapar.

Era Lorde Vale quem ia propor o brinde. Na verdade, ele estava se saindo fantasticamente bem, explicando vivamente seu desejo de reconstruir Arvoredo da Alegria, em uma tentativa de reunir as pessoas em torno de sua causa. Até Evangeline mal conseguia desviar a atenção do lorde.

Lorde Vale se levantou, atraindo todos os olhares, e ergueu a taça bem acima da cabeça avantajada.

– Esta reconstrução será para o bem do Norte como um todo! – declarou, com um tom retumbante. – Vamos reconstruir para banir os fantasmas do passado que ousarem continuar nos assombrando. Porque somos do Norte! Não temos medo dos mitos e das lendas! *Somos* os mitos e as lendas!

O salão irrompeu em gritos:

– Somos as lendas!

– Quem irá se juntar a mim nessa reconstrução? – gritou Lorde Vale.

– Pode contar comigo!

– Minha Casa estará presente!

O salão entrou em polvorosa, em uma cacofonia de vozes inflamadas. Homens, mulheres e até guardas, por todo o pátio, ergueram as taças e deram vivas.

– Podemos começar logo depois da Caçada! – berrou Lorde Vale.

Evangeline escolheu este exato momento para se retirar de fininho e escapulir pela porta mais próxima. Concentrou-se mais em andar rápido do que em não fazer barulho. O burburinho do pátio era tão alto que daria para abafar os estrondos de uma guerra.

E foi por isso que demorou alguns minutos para ouvir os passos que ecoavam atrás dela.

Pegou a adaga que o Arqueiro havia lhe dado e se virou.

– Sou eu. – Aurora Vale ergueu as mãos, para se defender. – Desculpe, não tive a intenção de assustar você. Quando te vi saindo, pensei que poderia sair também. Às vezes, os brindes que meu pai propõe duram dias. Eu me lembro de um casamento em especial, em que ele ficou brindando do raiar do sol até o sol se pôr.

– E ninguém fez nada para ele parar?

Aurora deu risada.

– Ninguém tenta fazer meu pai parar. Até acho que o brinde desta noite não vai demorar tanto, já que, pelo jeito, ele já convenceu boa parte da festa a aderir à sua causa. Mas é melhor irmos antes que alguém perceba. – Aurora saiu em disparada, esvoaçando o cabelo violeta. – Aonde você vai? Tem um amante secreto? Ou, quem sabe, vai visitar sua bruxa particular, que lê a sorte?

– Ah, não – Evangeline respondeu de imediato. – Não tenho amante nenhum nem conheço bruxa alguma. Só estava

planejando voltar para o meu quarto.

– Puxa, que decepção. – Aurora soltou um suspiro. – Ainda assim, suponho que acompanhá-la até lá seja melhor do que ficar ouvindo meu pai brindar.

Dito isso, Aurora deu o braço para Evangeline.

Quando a conhecera um pouco antes, Evangeline simpatizara com ela. Mas agora tinha a sensação de que havia algo de errado naquele comportamento. Ou talvez só achasse isso porque Aurora estava arruinando seus os planos de encontrar o Arqueiro.

– Obrigada por se dispor a ir comigo – respondeu, com toda a cautela. – Mas, na verdade, prefiro voltar sozinha.

Aurora lançou um olhar dúvida e, em seguida, sorriu efusivamente.

– Então você tem mesmo um amante secreto?

– Não – repetiu a princesa, calmamente. – Sou casada.

Aurora torceu os lábios.

– Isso não costuma impedir a maioria das pessoas. Não tem mesmo um guarda ou um belo cavalariço que chamou sua atenção?

– Apollo é tudo para mim – disse Evangeline, com um tom firme.

Só que, no instante em que disse isso, pensou imediatamente no Arqueiro. Imaginou o rapaz parado lá na ponte, na chuva, com a camisa grudada no peito, sem tirar os olhos dela. Mas não queria que aquele guarda fosse seu amante. O rapaz era imprudente, mal-educado e havia mentido, pois dissera que não a conhecia. Evangeline só queria encontrá-lo porque, talvez, pudesse suscitar alguma outra lembrança.

Mas, pelo jeito, isso não aconteceria naquela noite.

Passos começaram a ecoar pelo corredor. Aurora detivera Evangeline tempo suficiente para que os guardas percebessem sua ausência e a alcançassem.

A decepção fez Evangeline se sentir cansada. Enquanto os guardas a acompanhavam até seus aposentos, não parou de olhar disfarçadamente para trás, procurando pelo Arqueiro. Não sabia se achava que o rapaz poderia aparecer a qualquer momento ou se apenas queria tanto que ele surgisse que achava que poderia atraí-lo com a força do pensamento.

Imaginou que daria de cara com o Arqueiro no corredor e que recuperaria todas as suas lembranças em uma única e súbita onda, fazendo tudo naquele seu mundo de pernas para o ar fazer sentido.

Mas, pesarosamente, depois de um trajeto sem maiores incidentes, chegou ao quarto, e, quando deu por si, estava se arrumando para dormir e pensando em palavras como “infelizmente”.

Não sabia exatamente quando se deitara nem por quanto tempo ficara na cama. Estava em um estado entre a vigília e o sono quando ouviu o chão estalar ao seu lado. Não lhe pareceram os passos confiantes de Apollo. Parecia alguém entrando de fininho. Evangeline ousou imaginar que era o Arqueiro e abriu os olhos...

Um vulto enorme pairava acima dela.

*Não é o Arqueiro nem Apollo.*

A princesa tentou gritar.

Mas o agressor foi mais rápido. No tempo em que Evangeline levou para abrir a boca, ele já tinha subido na cama e tapado a boca da jovem com a mão grande e enluvada, prendendo a princesa com o peso do corpo.

O homem fedia a suor e a cavallo. Não conseguia ver o rosto dele – o agressor usava uma máscara que deixava à mostra apenas um par de olhos sem expressão.

Evangeline fez mais uma tentativa de gritar. Tentou morder a mão do homem. O Arqueiro não havia ensinado a ela o que fazer naquela posição. Mas meio que estava ouvindo as palavras que ele havia dito naquela manhã. “Se você parar de lutar, vai morrer.”

Ela deu um chute, mirando bem no meio das pernas do agressor.

– É melhor não se mexer – disse o matador de aluguel que, em seguida, brandiu uma faca do tamanho do antebraço da princesa.

*Socorro! Socorro! Socorro!*

Evangeline gritou em pensamento, debatendo-se freneticamente para tentar derrubá-lo.

O homem baixou a faca e afastou a parte de cima da camisola da jovem. Ela sentiu a ponta afiada da faca traçar uma linha dolorosa logo abaixo da clavícula.

– Você só pode estar de brincadeira comigo – urrou o Arqueiro.

Evangeline não havia percebido que ele entrara no quarto. Mas, do nada, ali estava ele: dourado, cintilante e, provavelmente, a coisa mais linda que ela já vira na vida. O Arqueiro foi implacável e agarrou o matador de aluguel pelo pescoço, arrancou o homem de cima da cama e o encorralou contra um dos pilares. Ficou segurando o matador de aluguel no ar, que balançava as pernas em vão, feito as de um boneco.

Evangeline se levantou da cama, meio trôpega, e falou:

– Tentei lutar contra ele.

O sangue lhe escorria do peito, e ela apertou o robe com as mãos trêmulas.

O Arqueiro espremeu os olhos ao ver o sangue, e Evangeline poderia jurar que os olhos dele brilharam, passando de azuis para um tom de prata derretida. O rapaz tornou a olhar para o matador de aluguel e urrou.

O ruído que saiu de seus lábios foi absolutamente animalesco. O Arqueiro arrancou a máscara do homem, pegou uma faca e encostou a lâmina no olho esquerdo do matador.

– Quem te contratou para fazer mal a ela?

O matador empalideceu, mas cerrou os dentes.

– Vou perguntar de novo, só mais uma vez, e aí você vai perder esse olho. E estou quase torcendo para você não responder,

porque eu adoraria arrancar seu olho. *Quem* te contratou para matá-la?

- Foi uma contratação anônima – disparou o matador.
- Azar o seu. – O Arqueiro baixou a faca.
- Juro que não sei – falou depressa. – Só me pediram para que fosse uma morte lenta, dolorosa e sangrenta.

Evangeline ficou com o corpo inteiro dormente. Alguém querer que ela morresse era uma coisa. Mas saber que essa pessoa queria torturá-la era outra, completamente diferente.

- Essa pessoa te deu alguma razão? – perguntou a princesa.
- O agressor apertou bem os lábios.
- Não seja mal-educado. A princesa fez uma pergunta. – O Arqueiro ergueu mais o homem e o sacudiu com força pelo pescoço, até que ele virou a cabeça para o lado. – Responda.
- Não sei de nada. Só me pediram para machucar bastante a senhora.

Nesta hora, as narinas do Arqueiro dilataram.

- Você tem sorte de eu ser um homem mais bondoso do que a pessoa que te contratou. – Então inclinou a cabeça, com seus cabelos dourados, e ficou com uma expressão quase pensativa. – Vai doer, mas logo passa.

Dito isso, pegou a faca e cravou no coração do homem.



## Evangeline

O matador de aluguel caiu no chão, com uma pancada seca. Ele se debateu, convulsionando – Evangeline não sabia quais eram as palavras corretas para descrever o que estava acontecendo, só percebeu que o homem não tinha morrido.

Tudo aquilo era um tanto apavorante, mas não poderia dizer que lamentava. Ainda conseguia sentir o próprio sangue manchando o robe que segurava na altura do peito. E era um robe tão lindo, azul-hortênsia, forrado com uma delicada renda cor de creme que ficava cada vez mais escura por causa do sangue que se acumulava.

O agressor soltou alguns ruídos gorgolejantes que mais pareciam maldições.

– Você está desperdiçando suas últimas palavras – disse o Arqueiro. – E eu já fui amaldiçoado.

Ele se abaixou e torceu a faca no peito do matador de aluguel. Quando puxou a arma para retirá-la, o sangue do homem jorrou na capa escura do Arqueiro e na camisa clara que ele usava por baixo. Mas o rapaz não deu indícios de se importar com isso.

Passou por cima do cadáver e se aproximou da cama pela beirada, olhando feio para Evangeline.

– Por que sempre tem alguém tentando te matar? – O Arqueiro perguntou isso com uma voz grave, que beirava algo letal. – Você precisa tomar mais cuidado.

– E de onde você tirou que a culpa disso é minha?

– Você não tem senso de autopreservação. – O homem deu mais um passo, furioso. – Se alguém colocasse uma etiqueta com os dizeres “veneno” em um frasco, você beberia dele. Na sua cabeça, alertas são convites. Pelo jeito, não consegue se afastar de nada que pode te fazer mal.

*Nem de mim.*

Evangeline poderia jurar ter ouvido essas duas últimas palavras dentro da própria cabeça, bem na hora em que o Arqueiro deu mais um passo na sua direção – ficando tão perto que praticamente conseguia sentir a fúria ardente que emanava do rapaz.

Precisava se afastar, chamar os guardas, mandá-lo embora. O coração dela batia a uma velocidade absurda.

Mas, quando deu por si, estava dizendo:

- Você não veio aqui para me fazer mal.
- Você não sabe disso. – Nesta hora, um músculo do maxilar do Arqueiro estremeceu. – Hoje de manhã, eu quase te atirei de cima da ponte.
- E você acabou de matar um homem para salvar minha vida.
- Talvez eu simplesmente goste de matar pessoas.

Arqueiro limpou o sangue da faca nos lençóis, mas não parou de encarar Evangeline com um olhar ardente. Ainda estava com um ar furioso, de fera. As mãos estavam vermelhas, sujas de sangue, sangue que também estava presente nos olhos injetados dele. Apesar de tudo isso, a princesa jamais havia desejado alguém com tanta intensidade.

Provavelmente tinha perdido a razão em algum momento da noite, porque queria que aquele rapaz se aproximasse. Queria sentir as mãos do Arqueiro tocando seu corpo. Queria que a abraçasse, prendesse, ensinasse a lutar. Qualquer coisa, desde que os dois se tocassem.

Tentou se convencer de que era só por causa do medo, da excitação, do sangue que corria em suas veias. Já ia passar. Mas

o lado de Evangeline fora de controle não queria que essa sensação passasse.

Antes que desse tempo de mudar de ideia, pegou na mão do Arqueiro.

E sentiu uma descarga elétrica. Assim que encostou os dedos nos dele, o mundo começou a girar. O quarto se transformou em um caleidoscópio feito de noite e de faíscas. De repente, Evangeline estava em outro lugar.

Estava dentro de outra lembrança.

*Era um lugar escuro, úmido, e por um segundo, ficou sem conseguir respirar.*

*O impacto na água gelada foi tão forte quanto seria se tivesse caído em terra. Ela se debateu, por instinto, mas alguém a segurou bem apertado. Os braços dele foram inflexíveis e a puxaram para cima, através das ondas que arrebentavam. A água salgada entrou serpenteando no nariz dela, e o frio preencheu suas veias. Estava tossindo e cuspindo, mal conseguindo puxar o ar enquanto ele nadava até a praia, com ela a reboque.*

*O homem a abraçava bem junto de si e a carregou mar afora como se sua própria vida dependesse disso – não a dela.*

"Não vou deixar que você morra."

*Uma única gota d'água pingou dos cílios dele nos lábios dela.*

*Era leve como uma gota de chuva, mas o olhar dele continha a força de uma tempestade.*

*Deveria estar escuro demais para ver a expressão dele, mas a lua crescente reluzia com mais força a cada segundo, destacando os contornos do rosto dele, que olhava para ela cheio de intensidade.*

O mundo inteiro de Evangeline ficou de pernas para o ar, porque reconheceu que aquele rosto era o rosto do Arqueiro.

*O mar revolto, de repente, parecia calmo em comparação ao coração da jovem, que batia forte. Ou talvez fosse o coração dele.*

*O peito do Arqueiro arfava, as roupas estavam ensopadas, o cabelo, bagunçado, caído no rosto. Apesar disso, naquele*

*momento, a garota teve certeza de que ele a carregaria e não seria apenas por águas congelantes. Ele a tiraria de um incêndio se fosse necessário, a arrastaria, a arrancaria das garras da guerra, de cidades desmoronadas e mundos caindo aos pedaços.*

A cabeça de Evangeline ficou girando quando a lembrança chegou ao fim. Há poucos dias, tivera um vislumbre da parte final dessa lembrança e pensara que a pessoa que a carregava era Apollo.

Tinha se enganado. Era o Arqueiro.

Aquele dia, no poço, não tinha sido a primeira vez que os dois haviam se encontrado. Ela também duvidava de que aquela lembrança fosse da primeira vez em que os dois haviam se encontrado. O Arqueiro a abraçava com uma intensidade excessiva.

Quando os sentidos de Evangeline retornaram ao presente, a primeira coisa em que a princesa reparou foi que o Arqueiro tinha se afastado para o outro lado do quarto. Estava parado perto da porta e não olhava para ela do mesmo jeito que olhara naquela lembrança, como se fosse capaz de atravessar um incêndio para salvar a vida de Evangeline. A mão que a princesa tinha segurado estava cerrada na lateral do corpo, e ele olhava para ela com cara de quem só queria ir embora.

E Evangeline só queria que o Arqueiro ficasse.

Tinha tantas perguntas, e não eram apenas sobre a nova lembrança. Pensou na reação que tivera quando Madame Voss comentara sobre *A balada do Arqueiro e da Raposa*. Achava que a história havia despertado suas lembranças. Mas, agora, sabia que tinha sido por causa daquele nome. *Arqueiro*.

Era ele.

– Eu vou avisar os guardas, pedir que limpem essa bagunça e guardem segredo. Mas, caso alguém pergunte, diga que foi você quem matou o homem que tentou te ferir.

O Arqueiro deu as costas para ir embora.

– Espere! – gritou Evangeline. – Não vá embora!

O Arqueiro não parou.  
Já havia saído do quarto.  
Evangeline não quis nem saber e foi atrás dele.



## Apollo

**A**s botas de Apollo ficariam imprestáveis. Era tanto sangue. Sangue que manchava os tapetes, as paredes e, agora, as botas do príncipe. Não que ele estivesse de fato bravo por causa das botas. Poderia conseguir outras com a maior facilidade – não ligava para seus calçados, não de verdade. O que realmente o incomodava era saber que a esposa andava por aí levando uma adaga que, um dia, pertencera a Jacks.

Apollo adoraria ter saído e caçado o cretino naquela mesma noite. Mas tinha que dar um jeito naquela confusão.

- Você comentou que uma pessoa sobreviveu? – perguntou.
- Sim, Alteza – respondeu o guarda especialmente designado para aquela situação específica.
- Eu gostaria de falar em particular com essa pessoa.

O príncipe saiu para o corredor pisando firme, passando por mais sangue ao se movimentar. Já vira mortes em outras ocasiões, mas nunca nada tão horripilante como aquilo.

Mais adiante, no corredor, ouviu outro guarda vomitando em um vaso.

Apollo deu graças por não ter tido tempo de comer antes de chegar ali, porque teria feito a mesma coisa.

No andar de cima, o clima era lúgubre. Mas, pelo menos, o ar não tinha o cheiro acobreado de sangue.

O aroma era de velas feitas de cera de abelha. A luz suave projetava um brilho no papel florido que revestia as paredes.

Também havia diversas aquarelas emolduradas e desenhos feitos a lápis. Alguém na família era o artista, porque nenhuma das primeiras obras era boa. Mas, à medida que o príncipe percorria o corredor, os trabalhos iam ficando cada vez melhores. Alguns dos desenhos pareciam ser retratos fiéis de integrantes da família, os mesmos que agora estavam estirados e mortos no chão do andar de baixo.

O guarda parou diante da porta do quarto onde deveria estar a única pessoa que havia sobrevivido ao massacre.

– Vou entrar sozinho – declarou Apollo.

– Mas, Alteza...

– É uma ordem. Esta vítima já sofreu tormentos demais nesta noite. Não quero que tenha a sensação de que está sendo interrogado.

O guarda obedeceu e deu um passo para o lado.

Apollo entrou no quarto mal iluminado e fechou a porta.

Um menino, que aparentava ter cerca de 14 anos, estava sentado, todo encolhido, na grande cama que lembrava um trenó, segurando os próprios joelhos e se balançando para a frente e para trás. Era magrelo, mais por estar passando por uma fase de crescimento do que por falta do que comer.

A família Sucesso era uma das Grandes Casas. Mesmo tendo perdido metade de sua riqueza, sempre teriam mais do que o suficiente para comer.

E aquele era o motivo para Apollo ter sido chamado às pressas naquela noite. Os integrantes de uma família pertencente às Grandes Casas tinham sido massacrados em uma única noite, coisa rara de acontecer. A notícia se espalharia e, quando isso acontecesse, a Coroa precisava controlar o que seria dito.

Das duas, uma: ou esse tipo de notícia enfraqueceria ainda mais o reino de Apollo ou o fortaleceria.

– Oi – disse o príncipe, sentando-se timidamente na beirada da cama.

O garoto se encolheu ainda mais.

- Não estou aqui para te fazer mal.
- Não faz diferença – retrucou o garoto, com a voz embargada.
- Nada poderia me fazer mais mal do que isso.
- Não – concordou Apollo. – Nunca vi nada tão pavoroso, e é por isso que estou aqui. Quero te garantir que quem quer que tenha cometido essa atrocidade será capturado, para que isso nunca mais aconteça.
- O senhor não tem como capturar quem fez isso – murmurou o menino, balançando-se para frente e para trás. – Ele não é humano.

– Por que você diz isso?

O menino ergueu o rosto. O pavor da sua expressão era tão intenso que ele mais parecia um esqueleto com pele pintada por cima.

– Ele se movimentava tão rápido. Eu estava aqui em cima quando ouvi o primeiro grito. Foi da minha irmã. Que sempre foi tão dramática... Ignorei, de início. Depois ouvi outro grito, depois mais um.

O menino tapou as duas orelhas com as mãos, como se ainda estivesse ouvindo os gritos.

– Eu sabia que era algo ruim... maligno. Corri lá para baixo. Mas, assim que vi todo o sangue, me escondi no armário.

– Você viu quem fez isso antes de se esconder?

O garoto fez que não, trêmulo.

– Ele tinha uma aparência de fera – respondeu.

– Era parecido com Lorde Jacks?

– Não.

– Tem certeza? – perguntou Apollo.

O príncipe não acreditava de fato que aquilo fora obra de Lorde Jacks. Só havia um tipo de criatura capaz de causar tamanha destruição. Mas queria que o menino dissesse que havia sido Jacks. Isso tornaria tudo muito mais fácil.

– Não foi ele. Eu o teria reconhecido. Lorde Jacks era amigo da minha avó, antes de ela morrer. Esse homem... acho que nem era

um homem...

O menino espalmou as mãos, tapou os olhos e chorou em silêncio.

Apollo, que sempre foi de ficar constrangido ao ver alguém chorar, levantou da cama e fez uma rápida inspeção no quarto. Viu uma mesa perto da janela, com um cavalete do lado. Ao que tudo indicava, o menino era o artista da família. Encostada no cavalete, havia uma aquarela por terminar, que era até bem-feita. Em cima da mesa, havia mais desenhos, esboços e cadernos. Pelo jeito, o menino gostava mais de pintar animais e pessoas. Só que também havia o desenho de uma maçã.

Apollo odiava maçãs.

Só de avistar a fruta sua raiva veio à tona. Ele tirou os olhos do desenho de maçã e os dirigiu ao sangue que sujava suas botas, depois ao menino que ainda chorava, sentado em cima da cama.

Só que não havia nada que o príncipe pudesse fazer pelo menino nem a respeito daquele sangue. Mas todas aquelas pinturas, todos aqueles desenhos e aquela maçã fizeram Apollo se dar conta de que havia algo que poderia fazer em relação a Jacks.

– Você é muito talentoso – disse, dirigindo-se ao garoto. – Achei suas gravuras bem boas.

– Muito obrigado – respondeu o menino, fungando.

– Você acha que poderia desenhar uma coisa para mim?

O príncipe pegou um caderno e um lápis e entregou para o garoto.

– O senhor quer que eu desenhe agora?

– Sim. A arte, teoricamente, é uma boa terapia para a alma.

Apollo explicou para o menino o que gostaria que ele desenhasse.

O menino respondeu com um olhar intrigado, mas nem tentou discutir com o príncipe. A maioria das pessoas não costumava tentar discutir com Apollo, mas teria sido melhor para o menino se tivesse feito isso.

Sendo assim, o garoto começou a esboçar o desenho, debruçado sobre o caderno, traçando, sombreando e fazendo o que os artistas fazem, com movimentos febris. Quando terminou, arrancou a página com todo o cuidado e entregou para Apollo.

– Ótimo – disse o príncipe. – Ficou muito bom mesmo, rapaz.

– Obrigado.

– Está se sentindo melhor agora?

– Não muito – murmurou o menino.

Apollo pôs a mão no ombro dele e sussurrou:

– Meus sinceros pêsames. Logo, logo, você não sentirá mais nenhuma dor.

Em seguida, Apollo pegou a faca e cravou no coração do menino.

O garoto ficou com uma expressão de choque e de dor por alguns instantes, então caiu de costas na cama, morto como o restante da família.

O príncipe sentiu um instante de tristeza. Não era um monstro de verdade. Só fez o que precisava ser feito. Um menino crédulo e medroso como aquele não duraria muito no mundo: de qualquer modo, toda a família dele estava morta. E Apollo faria questão de que o sacrifício daquele garoto fosse bem aproveitado.

Fechou as mãos do menino em volta da adaga, fazendo parecer que a morte fora autoinfligida, para quem quer que viesse a encontrá-lo. Em seguida, depois de dar uma rápida olhada no espelho para se certificar de que a camisa não estava suja de sangue, Apollo foi para o corredor e fechou a porta do quarto rapidamente, antes que o guarda de prontidão pudesse ver o interior do recinto.

– Como foi, Alteza? – perguntou o guarda.

O príncipe sacudiu a cabeça, com um ar pesaroso.

– Que tragédia. O menino se sente culpado por ter sobrevivido. Receio que jamais será o mesmo. Mas fez um desenho do homem que assassinou a família dele.

Apollo entregou o desenho para o guarda e completou:

- Mande fazer novos cartazes de “procura-se” e falando desse massacre. E mande colocar este retrato de Lorde Jacks.



## Evangeline

**E**vangeline saiu porta afora bem na hora em que dois guardas invadiram seu quarto. A princesa desviou dos homens, acreditando que fossem atrás dela. Mas ela era a única que estava correndo. Corria atrás do Arqueiro, batendo os pés descalços no chão de pedra duro e gelado.

– Espere aí... pare! – gritou.

Ele não podia ter ido muito longe. Evangeline ouvia o barulho de suas botas vindo do corredor. A princesa percorreu um corredor atrás do outro, ouvindo os passos do Arqueiro ao longe. Mas, toda vez que virava em outro corredor, ele não estava mais ali. Ela só via os retratos de Apollo, que tinham uma expressão bem mais acusadora do que ela se recordava.

Os olhos pintados do príncipe ficaram observando a princesa percorrer, às pressas, um corredor particularmente estreito. Como algumas das velas que o iluminavam estavam apagadas, também era mais escuro do que os outros. Até que Evangeline deparou com outro retrato do marido. Teve a impressão de que a chama das velas nas arandelas que ladeavam a pintura, refletida na moldura dourada, era bem forte, parecia que queria compensar as luzes que faltavam.

Ao que tudo indicava, aquele era mais um retrato de Apollo esparramado nos galhos da mágica árvore-fênix. Só que era difícil saber ao certo. O retrato fora cortado bem no meio.

O Arqueiro estava parado ao lado da pintura dilacerada, com a capa jogada para trás dos ombros, os braços cruzados em cima do peito, olhando de esguelha para o retrato desfigurado.

– Acho que este é o meu preferido.

Evangeline não viu uma faca na mão dele, mas o olhar dele era um tanto afiado, feito uma lâmina. Se existisse alguém capaz de cortar só com o olhar, esse alguém seria o Arqueiro.

– Você que fez isso? – perguntou Evangeline.

– Não teria sido muito gentil de minha parte.

A princesa pousou os olhos na camisa dele, manchada de sangue.

– E você se descreveria como uma pessoa gentil?

– Nem de longe. Mas acho que você já sabe disso.

O Arqueiro se afastou da parede e se aproximou de Evangeline. Como o corredor era bem estreito, não precisou andar muito. Bastaram dois passos, e lá estava ele, tão perto que fez tudo cheirar a maçã, o que fez a jovem tontear de súbito.

Na manhã anterior, quando a princesa encontrara o Arqueiro no corredor que levava aos seus aposentos, teve a impressão de que havia tomado uma decisão equivocada só de ficar perto dele. Mas isso não tirou a vontade que sentira de segui-lo. Chegou a pensar que estava delirando por não ter conseguido dormir. Mas, naquele momento, não estava delirando. Não estava fora de si. Era simplesmente por causa dele.

Ficar tão perto do Arqueiro lhe dava a sensação de que não ia conseguir respirar, parecia que o sangue era feito de bolhas de chamarrete e que todas estavam subindo à sua cabeça.

– O que você é meu? – perguntou.

O Arqueiro a olhou bem nos olhos e respondeu:

– Nada.

Mas Evangeline ficou com a impressão de que era mais do que nada porque o Arqueiro baixou a mão e segurou a faixa que mantinha o robe da princesa fechado. Ficou segurando, como se

não conseguisse decidir se queria soltar a faixa ou puxar a jovem mais para perto de si.

– Por que você está mentindo? – perguntou a princesa.

– Pensei que já tínhamos chegado ao consenso de que não sou uma pessoa muito gentil.

O Arqueiro, então, deu um puxão na faixa, com força suficiente para soltar o nó.

Evangeline foi logo tirando a faixa das mãos dele e fechando mais o robe.

Ele riu baixinho e falou:

– Por acaso estou te deixando nervosa?

Disse isso como se torcesse para que estivesse. Ou, quem sabe, estava apenas tentando impedi-la de fazer perguntas. Evangeline tinha dificuldade de pensar com clareza com o Arqueiro tão perto dela, mal se lembrava por que saíra corredor afora perseguindo aquele guarda. O Arqueiro tinha alguma coisa que a fazia desejar apenas ficar ali, com ele.

Ela sabia que isso era errado. Estava com Apollo.

“Não só que *estou* com Apollo”, pensou, recordando-se, “sou casada com ele”.

O príncipe era seu marido.

O Arqueiro não podia ser nada dela. Ele mesmo acabara de dizer que não era nada dela. Mas ela achava que ele era um grande mentiroso.

– Diga apenas uma verdade – insistiu Evangeline.

Em seus pensamentos, ela prometeu que depois disso se afastaria do Arqueiro e daqueles sentimentos.

– Sei que a gente já se conhecia quando você me tirou do poço. Você já foi da minha guarda?

Ele ficou remexendo o maxilar.

Por um instante, Evangeline pensou que o Arqueiro não ia responder.

Então ele sacudiu a cabeça e falou:

– Não. Geralmente, me dou melhor causando estrago do que protegendo.

Em seguida, olhou para baixo, para a mancha de sangue na parte da frente do robe da princesa.

Desde que sofrera o ferimento, Evangeline não havia olhado com a devida atenção para o corte que derramara todo aquele sangue. Era superficial ao ponto de já ter fechado. Não precisaria levar pontos. Mas o sangue que ficou para trás dava uma impressão horrorosa – *ela* também deveria estar horrorosa.

– Você jamais conseguiria ficar horrorosa – disse o Arqueiro, baixinho.

Evangeline ergueu os olhos novamente. Por um segundo, o rapaz quase lhe pareceu tímido e inacreditavelmente jovem, pouco mais velho do que ela. Cachos do cabelo loiro lhe caíram nos olhos, porque foi, lentamente, se abaixando e chegando mais perto.

A princesa não saberia dizer se o Arqueiro estava tentando não a assustar ou se, quem sabe, ele é quem estava assustado. Deu a impressão de estar nervoso – coisa que não era característica dele – quando encostou a mão no rosto de Evangeline. Segurou entre os dedos uma mecha cor-de-rosa que havia se soltado e pôs atrás da orelha dela, bem devagar. O gesto foi tão delicado que os dedos mal roçaram sua pele. Mas, pela cara dele, o Arqueiro bem que gostaria que isso acontecesse.

Uma espécie diferente de dor fazia os dentes dele cerrarem e a veia do pescoço saltar enquanto ficava ali, olhando-a nos olhos. Dava a impressão de que, em vez de prender a atenção de Evangeline, queria prender seu corpo, apertá-la contra si, como fizera nas lembranças que ela tivera.

*Casada.*

*Casada.*

*Casada.*

Evangeline se obrigou a lembrar.

Era casada com Apollo. Não era nada do Arqueiro.

– É melhor eu ir – disse ela. – Meus guardas... devem estar prestes a soar o alarme. Estou surpresa por não estarmos ouvindo os sinos tocarem neste exato momento – balbuciou, torcendo para encontrar mais palavras para dizer, para ter um motivo para continuar ali, apesar de saber que precisava ir embora.

Imaginou que devia ter mais momentos com ele, coisas que havia esquecido. Mas estava sentindo um certo medo do que poderia se lembrar, de que se lembrar de mais coisas poderia significar que sentiria mais do que já estava sentindo.

Já era difícil ficar parada ali na frente do Arqueiro, sem tocá-lo, de um jeito que quase parecia mais íntimo do que se o tocasse. Ficou com a impressão de que o rapaz precisava de todas as suas forças para não esticar o braço e roçar os dedos nos dela. Como se um único toque pudesse causar uma explosão de faíscas ou apagar todas as velas acesas naquele corredor.

Evangeline ficou esperando o Arqueiro se afastar.

Mas ele não se mexeu.

Por um segundo, ela também não. Não conseguia se livrar da sensação de que, se o abandonasse naquele momento, se lhe desse as costas, nunca mais o veria novamente.

Sentira um frio na barriga quando beijara Apollo, mas tinha a sensação de que, se beijasse o Arqueiro, a terra se abriria sob seus pés.

“Casada”, obrigou-se a lembrar, mais uma vez.

E, desta vez, finalmente deu as costas para ir embora.

Assim que se mexeu, Evangeline teve a sensação de que tinha acabado de cometer um erro. Mas não fazia ideia se errara ao se aproximar demais do Arqueiro ou ao dar as costas e ir embora.

A princesa tentou não pensar no Arqueiro enquanto voltava, praticamente correndo, aos seus aposentos. Olhou para trás apenas duas vezes. E não o viu em nenhuma das duas.

Quando tornou a entrar no quarto, percebeu que todas as evidências do crime haviam sumido.

Isso, na verdade, foi um pouco inquietante. Talvez até fosse mais do que apenas um pouco inquietante. Mas, depois dos acontecimentos daquela noite, Evangeline não conseguia sentir mais do que já estava sentindo. Nem de fazer perguntas inconvenientes a respeito do quanto tudo aquilo era estranho.

Os guardas estavam de prontidão na porta do quarto. Mas, quando ela chegou, nem sequer perguntaram aonde tinha ido ou quem era o homem que estava morto no chão. Um homem que, obviamente, tinham visto, porque tinham levado o cadáver embora.

Quando Evangeline entrou no quarto, parecia que nada de criminoso jamais havia transcorrido ali.

A cama estava novamente coberta com uma colcha macia, imaculada como a neve. Não havia nenhuma mancha à vista, nem no chão, onde haviam colocado um tapete novo, branco e dourado. Tudo estava impecável, puro e limpo – tirando Evangeline.

O Arqueiro havia dito “Eu vou avisar os guardas, pedir que limpem essa bagunça e guardem segredo”. Mas o recinto estava tão limpo e silencioso que chegava a ser impressionante. Das duas, uma: ou os guardas tinham uma lealdade excepcional pelo Arqueiro ou...

Na verdade, ela não tinha palavras para colocar depois do “ou”. Agora que estava de volta aos próprios aposentos, sentia mais o choque que deveria ter sentido há pouco.

O cabelo ouro rosê estava uma bagunça; os olhos, arregalados demais, como se congelados em um estado de susto, e tinha sangue espalhado pela camisola e pelo rosto. Estava um caco.

Com as mãos trêmulas, limpou o sangue do corpo e trocou a camisola por uma limpa, cor-de-rosa. Tentou não pensar no Arqueiro. Aquele rapaz não era dela para ficar pensando nele, mas não teve jeito: a lembrança do Arqueiro, parado no corredor,

dando a impressão, ainda que por um segundo, de ser tímido, de quase estar com medo, de quase ser dela, não saía da cabeça de Evangeline.

*Blém. Blém. Blém.*

O relógio da torre bateu 3 horas da manhã.

O som a assustou de tal forma que a obrigou a voltar para o presente. Fechou os olhos, tentou se livrar das lembranças relacionadas ao Arqueiro e voltou para o quarto principal – só que levou mais um susto, porque deu de cara com Apollo.

Parecia que o príncipe havia atravessado a porta para entrar no quarto. Estava com um olhar abatido, a camisa amarrrotada e as botas sujas de sangue. O sangue só estava nas botas dele, mas era tanto que o couro cor de areia ficara empapado, deixando o calçado quase inteiro vermelho.

*Morte.* Pelo jeito, estava por todos os lados aquela noite.

– Você está bem? – perguntou Evangeline. E na mesma hora foi ao encontro do marido. – O que aconteceu?

Apollo passou a mão trêmula no cabelo e fechou os olhos, como se lembrar do que havia acontecido fosse simplesmente coisa demais para suportar.

– Prefiro não falar disso.

Ele abriu os olhos, que estavam injetados, e o maxilar tinha uma camada de barba por fazer, coisa que Evangeline nunca tinha visto. Apollo sempre estava imaculado. O príncipe perfeito dos contos de fadas. Mas parecia que algo havia mudado nas poucas horas desde que o vira pela última vez.

Ela estava exaurida. Achava que não seria capaz de sentir mais emoções. Mas devia gostar mais de Apollo do que imaginava. Não sabia o que havia acontecido, mas queria tentar fazê-lo se sentir melhor.

– Posso fazer alguma coisa por você? – perguntou.

O príncipe ficou com cara de quem ia dizer “não”. Então baixou os olhos, dirigindo-os à boca da esposa e deixando-os ali, como se ele pudesse pensar em alguma coisa.

O coração de Evangeline batia forte, nervoso.

Apollo não se mexeu logo de cara, como se soubesse que não era esse tipo de ajuda que ela havia oferecido. Mas, talvez, bem lá no fundo, fosse. Talvez fosse disso que ambos precisassem.

Ele precisava de consolo, e ela precisava de entendimento.

Apollo se aproximou.

O corpo de Evangeline estremeceu. Não sabia por que aquilo parecia tão errado: deveria parecer tão certo. Era para ser fácil se aninhar no marido, pôr as mãos no peito dele, já que os braços de Apollo enlaçaram sua cintura.

Os dedos do príncipe estavam tremendo, o que a fez se sentir um pouco melhor. Como se, talvez, ficar nervosa fosse normal.

O primeiro roçar dos lábios do príncipe nos dela foi delicado, assim como o deslizar da palma das mãos dele, que foram um pouco mais para baixo. Como Evangeline estava usando apenas uma camisola fininha, sentiu muito mais as carícias do marido do que havia sentido na outra vez em que os dois se beijaram.

Não demorou para ficar um pouco perdida no gosto da língua de Apollo e na pressão do corpo do príncipe contra o seu, porque os dois foram para trás juntos e caíram na cama. E aí o mundo dela se inclinou para o lado e começou a girar, mergulhando-a em outro beijo, de outra época.

Evangeline conseguia sentir um vento nas costas e a pressão do corpo de Apollo contra seu peito.

*O coração de Evangeline se transformou em um tambor, que foi batendo cada vez mais alto e rápido à medida que Apollo pressionava o corpo contra o dela. Havia camadas de roupa entre os dois, mas ela era capaz de sentir o calor que emanava do corpo do príncipe. Jamais sentira tamanho calor. Era quase quente demais, ávido demais. Apollo ardia feito uma fogueira que consome em vez de esquentar. E, ainda assim, pelo menos em parte, Evangeline queria ser carbonizada ou, pelo menos, chamuscada pelo príncipe.*

*Ela pôs as duas mãos em volta do pescoço de Apollo. A boca do príncipe se afastou dos lábios dela e foi até seu pescoço, dando um beijo depois do outro, descendo por...*

*Uma mão gelada apertou o ombro de Evangeline e a arrancou dos braços do príncipe. "Acho que está na hora de ir embora."*

*O Arqueiro puxou Evangeline até a escada do camarote com uma agilidade sobrenatural. Em um instante, ela só conseguia sentir Apollo e, no seguinte, estava presa debaixo do braço rígido do Arqueiro, pressionada contra a lateral do corpo gelado dele, que a foi puxando escada abaixo...*

*Arqueiro.*

Apollo parou de beijá-la de repente e perguntou:

– O que você disse?

De repente, Evangeline ficou com um nó na garganta. Será que ela dissera “Arqueiro” em voz alta?

– Acho que me lembrei de alguma coisa – disparou ela.

E é claro que, na mesma hora, arrependeu-se do que dissera. Não podia contar para o marido que uma lembrança relacionada ao Arqueiro viera à tona. Poderia, talvez, contar a primeira parte, a do beijo. Mas, aí, o príncipe provavelmente perguntaria por que havia dito “Arqueiro”, e Evangeline não queria comentar que o Arqueiro a havia arrancado dos braços de Apollo depois desse beijo.

Entretanto, ficou com uma súbita e intensa curiosidade para saber o motivo de o Arqueiro ter feito aquilo. E como poderia ter feito? Apollo era um príncipe. Mas não tinha tempo para ficar conjecturando as razões de tudo aquilo – ainda mais que Apollo estava olhando para ela como se a esposa o tivesse traído.

Um ciúme bem mais contundente do que aquele que, há pouco, Evangeline vira arder nos olhos do marido. Estava sentindo esse ciúme nas mãos de Apollo, que cerrou as mãos na parte de trás da camisola dela.

Ficou tentando encontrar algo para dizer. Qualquer coisa que fizesse Apollo olhar para ela de outro jeito. Então recordou da

história de noivado que Madame Voss havia lhe contado. Podia falar que era disso que havia se lembrado.

– Lembrei de um acontecimento com você. Da noite em que você me pediu em casamento. Estávamos em um baile, e você estava fantasiado de Arqueiro, daquele conto de fadas antigo, *A balada do Arqueiro e da Raposa*.

Enquanto falava, uma imagem surgiu na cabeça de Evangeline, e poderia muito bem ser outra lembrança.

*Apollo se ajoelhou.*

*Evangeline, de repente, esqueceu como se respirava.*

*Apollo não podia estar fazendo o que a jovem achava que ele estava fazendo. Evangeline nem queria pensar no que pensava que o príncipe estava fazendo – muito menos depois de ter passado por boba havia tão pouco tempo.*

*Só que todas aquelas pessoas deviam estar pensando a mesma coisa que ela estava tentando não pensar. Os sussurros começaram de novo, e os grupos ao redor dos dois estavam crescendo, encravando Evangeline e Apollo em um círculo de vestidos de baile, gibões de seda e expressões de choque.*

*O príncipe segurou as mãos da jovem com suas mãos quentes. "Eu quero você, Evangeline Raposa. Quero escrever palavras para você nas paredes do Paço dos Lobos e gravar seu nome em meu coração com espadas. Quero que você seja minha esposa, minha princesa e minha rainha. Case comigo, Evangeline, e permita que eu te dê tudo."*

*Apollo beijou a mão de Evangeline de novo. E, desta vez, quando olhou para ela, foi como se o restante do baile não existisse.*

*Ninguém jamais olhara para Evangeline daquela maneira. Só conseguia enxergar o desejo, a esperança e a pontada de medo que a expressão de Apollo transmitia.*

E, mesmo assim, a expressão do príncipe não tinha nem metade do poder que o olhar que o Arqueiro lançara na lembrança anterior, como se estivesse disposto a arrancá-la das

garras da guerra, de cidades desmoronadas e mundos caíndo aos pedaços. Evangeline viu tudo novamente, como ele olhava para ela no instante em que uma única gota d'água pingou dos cílios do Arqueiro e foi parar nos lábios dela.

Mas aquilo era coisa do passado.

No presente, Evangeline era casada com Apollo. Os sentimentos que podia ter nutrido pelo Arqueiro não tinham importância. Se era possível esquecer as lembranças de um ano inteiro, também havia a possibilidade de esquecer esses sentimentos. Só que o problema é que ela não tinha certeza de que queria esquecer. Ainda não, pelo menos. Não enquanto não ficasse sabendo de toda a história.

Sabia que era errado se apegar a isso. Mas, naquela noite, também havia percebido que, na verdade, sabia muito pouco a respeito do marido. Não sabia que Apollo era ciumento e que gostava de propor brindes a maldições. Não sabia por que as botas dele estavam sujas de sangue naquele exato momento.

E, depois de lhe contar que tinha recobrado a lembrança do pedido de casamento, esperava que o príncipe fizesse uma cara feliz. Só que não havia como negar que Apollo estava com uma expressão alarmada.



## Jacks

**J**acks já vira o suficiente. Se ficasse naquela sacada por mais tempo, se continuasse olhando, mataria Apollo. Ou, no mínimo, daria um jeito definitivo de impossibilitar que o príncipe encostasse em Evangeline novamente.

O Príncipe de Copas se obrigou a lembrar que ela estaria em segurança se ficasse com Apollo. Seria princesa e teria tudo o que sempre quis.

Mas não era para ela querer beijar o príncipe. E o Arcano estava sendo injusto ao odiá-la um pouco por isso. Mas sentir esse ódio era a única coisa que o faria ir embora. E Jacks realmente precisava se afastar.

Evangeline estava em segurança. Era isso que importava.

Se o Príncipe de Copas continuasse ali, se entrasse no quarto intempestivamente e empregasse seus poderes para obrigar Apollo a ficar assistindo enquanto dizia a Evangeline que ela não era nada para ele... Que ela era *tudo*. Que havia voltado no tempo para que ela continuasse viva e que faria tudo isso de novo... Se Jacks a fizesse recordar de que era *ele* quem Evangeline deveria ter vontade de beijar, a princesa não estaria mais em segurança. Não estaria sequer viva.

Para Evangeline ter algum tipo de futuro, Jacks não podia fazer parte desse futuro.

Sem fazer ruído, pulou da sacada. As botas não fizeram barulho quando aterrissou na escuridão do pátio. Só que deveria ter calculado melhor o tempo. Ouviu os dois guardas que faziam ronda se aproximando.

Normalmente, o Arcano teria empregado suas habilidades para controlar as emoções dos guardas, para que dessem meia-volta. Mas estava um pouco exaurido, porque já tinha controlado vários guardas naquela noite. Também conseguia ouvir a conversa deles, e as palavras “sangue” e “massacre” chamaram a sua atenção.

Quando os guardas chegaram mais perto, Jacks se aproximou das paredes de pedra do Paço dos Lobos e se escondeu nas sombras. O mais alto deles disse:

– Quixton foi lá e disse que seria impossível uma única pessoa ter matado tanta gente. Disse que parecia obra de um demônio. – O guarda parou alguns instantes de falar e estremeceu. – Não tenho nenhum pingo de amor pela família da Casa Sucesso, mas ninguém merece ter a garganta dilacerada e o coração arrancado.

O Príncipe de Copas não concordava com a última afirmação. Mas estava mais preocupado com o fato de aquele guarda ter empregado a palavra “demônio” do que com o fato de um integrante da guarda real ter um coração tão mole que chegava a ser irracional.

Demônios não existem.

Mas Jacks conhecia, sim, uma criatura que os seres humanos costumavam confundir com um, ainda mais no Norte, onde a maldição das histórias tornava quase impossível que as lendas a respeito de vampiros se disseminassem como deveriam. Quando essas lendas eram transmitidas, a maldição impedia que os humanos sentissem um medo que fosse racional. Sendo assim, sempre que um ser humano ficava realmente amedrontado, costumava chamar os vampiros de demônios.

E o Arcano temia saber exatamente de qual demônio sedento de sangue aqueles guardas estavam falando. *Castor*.

Originalmente, a família Valor lançara a maldição das histórias para proteger o filho, Castor, assim que ele se transformara em vampiro. A maldição deveria afetar apenas as histórias de vampiros. Mas a maldição tinha sido lançada por pavor, e as maldições que se originam do medo sempre distorcem ou se tornam muito mais terríveis do que se pretendia.

Jacks conjecturou que a família Valor poderia tentar reverter a maldição, agora que havia voltado. Seria interessante ver se Honora e Lobric optariam por reestruturar o Norte ou se simplesmente viveriam uma vida pacata depois de reconstruir a Quinta do Arvoredo da Alegria.

Jacks ainda não os visitara. Vira quase todos os integrantes da família Valor depois que o arco tinha sido aberto. Mas estava meio morto na ocasião, graças ao apetite de Castor. Desde então, só vira Aurora. Sabia que ela não o denunciaria para Apollo nem para seus soldados. Mas não tinha tanta certeza em relação aos pais de Aurora, Lobric e Honora.

Em primeiro lugar, havia a questão da honra, coisa que os dois possuíam. Em segundo, havia Apollo, que lhes concedera o status de Grande Casa, empregando um novo sobrenome, e lhes dera de presente a Floresta do Arvoredo da Alegria, a Quinta do Arvoredo da Alegria e o Vilarejo do Arvoredo da Alegria.

Esse presente, que consistia na floresta, na quinta e no vilarejo, não era lá grandes coisas na opinião do Arcano. A história desses locais era tão feia quanto os locais em si. A maioria das pessoas simplesmente dizia que eram amaldiçoados ou assombrados. Nem Jacks gostava de passar por aquelas terras.

O Príncipe de Copas tornou a pensar no “demônio” assassino que os guardas mencionaram. Em seguida, imaginou esse mesmo “demônio” assassino dilacerando a garganta de Evangeline e a matando – mais uma vez.

Jacks montou no cavalo e se dirigiu, a toda velocidade, para o Arvoredo da Alegria.

Ao se aproximar da floresta, percebeu a mudança na região. Era possível ouvir a vida pulsando em ambos os lados da trilha. Coelhos, sapos, pássaros, cervos e árvores começando a se proliferar novamente.

A família Valor podia até ter voltado há poucos dias, mas não eram a família Valor por acaso. Não era por acaso que, mesmo quando depois de mortos há muito tempo, as lendas a respeito deles sobreviveram e aumentaram, transformando-os em seres que, às vezes, quase se assemelhavam a deuses.

Jacks sabia que não eram deuses.

Os Valor podiam sangrar e morrer como todo mundo, mas não viviam como todo mundo. Não se contentariam apenas com sobreviver. O Príncipe de Copas duvidava de que seriam capazes disso. Antes de terem sido trancafiados na Valorosa, implantaram um reino que se estendia por meio continente. Jacks não sabia o que fariam agora que estavam livres, mas não tinha dúvidas de que a família Valor causaria mais uma mudança indelével no mundo.

O Arcano desceu do cavalo e amarrou o animal a um poste logo na entrada do vilarejo do Arvoredo da Alegria. A família Valor ainda não recomeçara a reconstruir a quinta. Estavam primeiro se dedicando ao vilarejo. Jacks imaginou que estariam hospedados em algum lugar das vizinhanças e, portanto, era mais provável que Castor estivesse por perto e não em sua antiga cripta, que ficava em Valorfell.

Assim como a floresta, o vilarejo do Arvoredo da Alegria estava voltando à vida. Quando Jacks entrou na praça, havia um cheiro de madeira recém-cortada no ar. Era uma praça muito antiga, construída em volta de um grande poço e que, muito tempo atrás, era rodeada de estabelecimentos comerciais – nos quais trabalhavam um ferreiro, um boticário, um padeiro, um açougueiro e um produtor de velas – e pela feirinha diária de alimentos.

Por um segundo, Jacks recordou da época em que saía escondido à noite para encontrar os amigos no telhado da botica. Deitavam-se ali, olhavam as estrelas e se vangloriavam de tudo o que fariam um dia, como se os dias de sua vida estivessem garantidos e não fossem finitos.

Olhou para cima, não porque esperasse encontrar Castor no telhado da botica naquele momento, mas tampouco ficou surpreso porvê-lo ali.

Uma das desvantagens de ser imortal é a propensão de ficar preso ao passado, à época anterior à imortalidade, a ter parado de envelhecer. Independentemente de quantos dias o Príncipe de Copas vivesse, os dias em que fora humano sempre seriam mais nítidos e nunca iriam se dissipar com o passar do tempo. Outra desvantagem de ser imortal é que essas lembranças sem fim assombram e sempre dão a ilusão de que a humanidade é muito mais vibrante do que a imortalidade. Isso fazia Jacks ter ódio dos humanos de vez em quando, mas ele imaginou que faria Castor ter vontade de voltar a ser humano.

– Você vai descer ou vou ter que atear fogo na botica? – gritou Jacks.

– Essa ameaça funcionaria melhor se você realmente estivesse com uma tocha na mão – respondeu Castor.

No instante seguinte, ele pousou no chão com toda a facilidade e, como quem não quer nada, apoiou o cotovelo na parede da antiga botica, que estava caindo aos pedaços. Sem o elmo e tendo a família de volta, ficava menos parecido com Caos, o resignado vampiro de elmo que não conseguia se alimentar, e mais parecido com Castor, o nobre príncipe que não tinha uma preocupação sequer na vida.

Por um segundo, Jacks sentiu uma pontada de inveja.

– O que te deixou tão de mau humor? – perguntou Castor. – Por acaso você estava observando Evangeline de novo?

– Não estou aqui por causa dela – retrucou o Príncipe de Copas.

– Bom, com certeza está irritado por causa dela.

Jacks fez uma careta e respondeu:

– E você está em um bom humor irritante para alguém que acabou de massacrar uma família inteira.

A expressão de Castor se anuviou imediatamente. Ficou com um olhar faiscante, que parecia muito mais de ameaça do que de fome.

Se o Príncipe de Copas tivesse mais consideração pela própria vida, poderia ter ficado amedrontado. Mas o Arcano não andava sentindo muita coisa ultimamente – tirando o que sentia por Evangeline, sentimento que, naquele exato momento, estava se esforçando ao máximo para evitar.

Qualquer coisa que o ajudasse a parar de pensar nela seria agradável – exceto, talvez, aquilo. Como Castor era a amizade mais antiga de Jacks, o Arcano não queria odiá-lo. Mas, só de olhar para ele, ainda via os dentes de Castor afundando na garganta de Evangeline e arrancando a vida dela.

O vampiro nem fazia ideia de que essa versão da história dos dois existia. Não era muito justo recriminá-lo por isso. Mas fazia muito tempo que Jacks não dava a mínima se estava sendo justo ou não.

– Se você veio até aqui para me dar um sermão, não estou a fim de ouvir – declarou Castor.

– Então vou resumir. Você precisa se controlar. Senão, seus pais vão acabar descobrindo e, desta vez, em vez de colocarem um elmo em você, vão simplesmente te colocar em uma cova.

Castor ficou mexendo o maxilar e disse:

– Eles não fariam isso.

– Eles continuam sendo humanos, Castor. Humanos fazem um monte de besteira quando estão com medo.

Jacks fizera. E a pior parte foi achar que estava agindo certo. Quando Castor morreu, por exemplo.

Foi ele quem pediu que Honora, a mãe de Castor, trouxesse o filho de volta dos mortos.

Castor e Lyric eram os melhores amigos de Jacks, eram praticamente seus irmãos. Lyric havia acabado de morrer, e Jacks não podia perder Castor também.

Não tinha considerado qual seria o custo para que o amigo voltasse a viver. Não imaginou quanto sangue seria derramado. Não deixar Castor sozinho foi um dos motivos para Jacks ter se permitido sofrer a transformação que fez dele um Arcano. E, depois disso, espalhou o boato de que Castor era Caos, e que Caos era um Arcano, para que o mundo não descobrisse que o vampiro era o último integrante que restava da família Valor.

– Só estou tentando cuidar de você – declarou o Príncipe de Copas. – Por fim você se livrou do elmo e tem sua família de volta. Não quero que destrua essa oportunidade.

Castor deu uma risada debochada.

– Não sou eu quem está prestes a destruir a própria vida.

– O que você quer dizer com isso?

– Falei com minha irmã. Aurora me contou o que você quer e o que está disposto a dar em troca.

– Sua irmã... – Jacks deixou a frase no ar. Até ele sabia que era melhor não insultar a irmã gêmea de um vampiro que tinha dificuldade de se controlar. Mas era tentador. Sentiu que os punhos se fecharam, mas não era Castor quem o Príncipe de Copas realmente queria socar. – Sei o que estou fazendo.

O vampiro olhou feio para ele.

– Se algum dia Evangeline recobrar suas lembranças, nunca vai te perdoar por isso.

– Pelo menos, ela estará viva para me odiar.



## Evangeline

-A Caçada...

– ...a Caçada.

– ...a Caçada...

Normalmente, Evangeline não ficava ouvindo a conversa de seus guardas. Mas essas duas palavras não paravam de passar por debaixo da porta de seu quarto, parecia que essa caçada em si tinha mais poder do que outras, mais corriqueiras. Já ouvira menções ao evento, mas pensara que neste caso estavam apenas comentando a caçada por Lorde Jacks. Agora, não tinha mais tanta certeza a que se referiam.

Teria perguntado para Martine, mas a criada havia dado uma saidinha para levar a bandeja do almoço de volta para a cozinha. Depois de tudo o que havia acontecido na noite anterior, a princesa passou metade do dia dormindo.

Bebericando o chá quase frio de estrela-do-pântano, pegou a mais recente edição do tabloide, torcendo para conseguir encontrar respostas no jornal. E encontrou – só que não foi uma resposta para as perguntas que tinha a respeito da Caçada.

---

# O Boato Diário

ASSASSINATO! ASSASSINATO! ASSASSINATO!

*Por Kristof Knigtlenger*

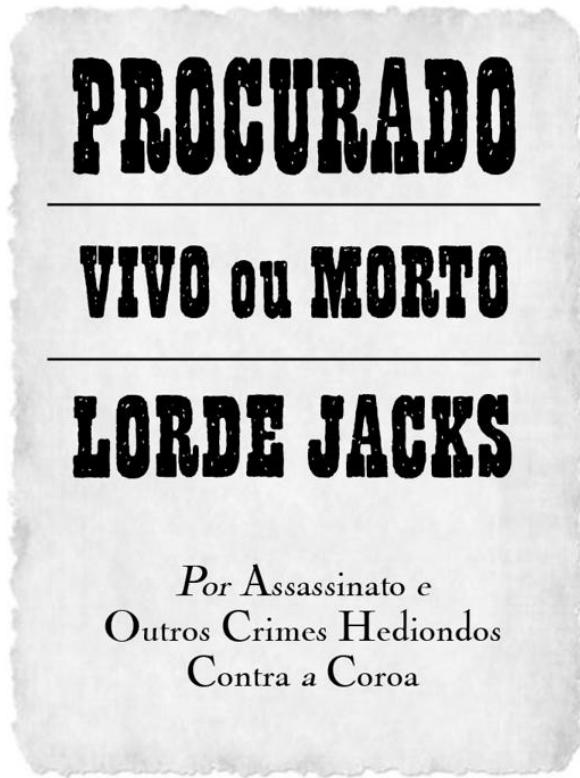
**P**assem o ferrolho nas portas! Não viajem sozinhos! Tenham cautela! Ninguém está fora de perigo! Ontem à noite, Lorde Jacks cometeu mais um crime hediondo. Nas primeiras horas da noite, chacinou, com requintes de crueldade, toda a família da Casa Sucesso – que fabrica a tão amada Sensacional Água Saborizada Sucesso. Um dos guardas com os quais falei disse que nunca havia visto tanto sangue na vida.

Um único integrante da família sobreviveu à chacina, o jovem Edgar Sucesso. Infelizmente, a dor de ter perdido toda a família foi demais para o pobre Edgar. O rapaz pôs fim à própria vida pouco depois da chacina. Edgar, contudo, nos deixou um retrato falado do assassino, que publicamos na edição matutina do jornal.

Apelo a qualquer um que tenha visto Lorde Jacks para, por favor, avisar imediatamente a Ordem dos Soldados Reais. Nenhuma pista é irrelevante. Esse assassino sem coração precisa ser detido antes que consiga matar novamente.

---

Evangeline virou a página. Desta vez, o desenho impresso não era borrado. Na página recém-impressa, em preto e branco, havia um retrato do Arqueiro. Com um sorriso de quem não está nem aí, jogando uma maçã para cima. Não parecia ser nem um pouco assassino – parecia ser tudo o que Evangeline, em segredo, desejava.



– Não – sussurrou Evangeline.

*Não. Não. Não. Não.*

– Não pode ser – declarou, deixando as palavras saírem de sua boca de um modo mais frenético.

Aquilo só podia ser um engano.

Talvez o Arqueiro fosse apenas parecido com Lorde Jacks. Ou, quem sabe, aquele retrato estivesse errado. O Arqueiro não podia ser Lorde Jacks. Era um guarda. Salvara a vida dela. Duas vezes.

– Alteza – disse Martine, quando voltou para o quarto –, a senhora está um pouco pálida.

– Estou bem. Acabei de ver algo no jornal que me deixou alarmada. – Então levantou a página para Martine conseguir enxergar. – Este é mesmo o rosto de Lorde Jacks?

– É ele, Alteza. Agora entendo por que a senhora ficou assim, sem cor. Esse homem é simplesmente pavoroso, não é?

Mas a voz da criada saiu feito um suspiro, e Evangeline poderia jurar que viu coraçõezinhos nos olhos de Martine quando ela

olhou para o retrato em preto e branco – que era qualquer coisa, menos pavoroso.

Jacks tinha cara daquele final feliz que, por poucos milímetros, está fora do alcance, e Martine estava obviamente enfeitiçada por ele. Assim como Evangeline estivera, só que a princesa receava que os sentimentos que nutria por aquele rapaz eram bem mais profundos do que um simples feitiço.

Mesmo naquele momento sentia *coisas* só de olhar para aquele retrato.

Não queria acreditar. Evangeline continuava querendo pensar que o jornal havia entendido tudo errado. O Arqueiro – ou melhor: Lorde Jacks – estivera com ela na noite anterior.

Só que não passara a noite *inteira* com ela. Ela só o tinha visto depois que saíra da festa, quando fora atacada na noite anterior. Mas...

Evangeline tentou inventar outra desculpa. Obrigou-se a recordar que o Arqueiro – Jacks – havia salvado sua vida, então não podia ser um assassino. Entretanto, na noite anterior, praticamente havia se confessado para ela.

“Talvez eu simplesmente goste de matar pessoas”, havia dito. E, em vez de ficar horrorizada com isso, Evangeline se sentiu... Na verdade, não conseguia saber como havia se sentido na noite anterior. Agora, só se sentia enjoada, tola, burra e estava absolutamente furiosa consigo mesma.

Deveria ter adivinhado. Deveria ter ligado os pontos: o Arqueiro estava presente nas lembranças que Apollo queria que ela esquecesse. O príncipe havia alertado. “Jacks fez coisas atrozes e imperdoáveis com você, e realmente acredito que você será mais feliz se tais coisas continuarem esquecidas.”

E ele tinha razão, porque Evangeline estava se sentindo péssima.

Continuava não querendo que o Arqueiro fosse o vilão. Não queria que o guarda fosse Jacks. E, definitivamente, não queria ter sentimentos por ele.

As bochechas da princesa ficaram coradas, devido a uma sensação bem parecida com vergonha.

Martine olhou para ela com um ar preocupado. Evangeline só queria sorrir, queimar aquele jornal e fingir que nada daquilo havia acontecido. Mas, mesmo que conseguisse fingir que não sentia nada – coisa de que duvidava, já que sentir era com ela mesma –, não podia fingir que Jacks não havia assassinado todas aquelas pessoas na noite anterior.

Precisava contar para Apollo que havia visto Jacks no Paço dos Lobos, fazendo-se passar por um guarda que atendia pelo nome de Arqueiro.

Pegou o primeiro vestido que viu pela frente – um modelito longo, com corpete de veludo verde-musgo, decote em coração e alcinhas enfeitadas com flores cor-de-rosa bem clarinho, na mesma cor da saia longa e vaporosa.

Martine pegou para ela um par de sapatinhos da mesma cor, e Evangeline os calçou de imediato. Em seguida, se dirigiu à porta, antes que perdesse a coragem. Não queria pensar que perderia a coragem, mas precisava agir rápido.

Jacks precisava ser detido antes que matasse mais pessoas inocentes, e a princesa torcia para que confessar que havia estado com ele pudesse ajudar a capturá-lo. Se o lorde andava entrando e saindo do castelo sem ser notado, era óbvio que contava com a ajuda de pessoas leais a ele – os guardas que acompanhavam Evangeline na noite anterior, por exemplo. A menos que também fossem ingênuos, como a própria princesa.

Ela respirou fundo, abriu a porta dos aposentos e se dirigiu ao corredor comprido.

Os guardas que ali estavam na madrugada anterior não estavam mais. No lugar deles, Joff e Hale, os mesmos soldados que encontraram Evangeline no poço, estavam de prontidão do outro lado da porta, com suas armaduras de bronze reluzente e sorrisos simpáticos. Como todos os demais guardas, tinham bigode – mais uma coisa que o Arqueiro não possuía.

- Bom dia, Alteza – disseram, em uníssono.
- Bom dia, Joff. Bom dia, Hale. Vocês poderiam, por favor, me levar até Apollo? Preciso falar com o príncipe agora mesmo.
- Receio que ele já tenha saído para a Caçada – respondeu Joff.
- Então me levem até a Caçada – insistiu Evangeline.

Metade do dia já havia transcorrido, e ela sentia que os minutos escoavam rapidamente enquanto ficava ali, parada no corredor. Poderia ter dito para os guardas que tinha notícias de Lorde Jacks – certamente dariam ouvidos a isso. Mas não sabia em quem podia confiar naquele castelo. Imaginou que diversos guardas deveriam ser leais a Jacks. Caso contrário, o lorde não teria conseguido entrar e sair do Paço dos Lobos sem ser notado.

- Hale franziu o cenho e falou:
- Alteza...
  - Não me diga que vocês não têm permissão para me acompanhar para fora do castelo.
  - Ah, não. Não desperdiçaríamos uma oportunidade de ir à Caçada.

Hale disse a palavra “Caçada” com um misto de reverência e empolgação. E, apesar de Evangeline ter a sensação de que não podia mesmo perder mais tempo, aproveitou para perguntar:

- O que é essa tal de *Caçada*?
- Os rostos quadrados de Hale e Joff se iluminaram ao mesmo tempo.
- Apenas o acontecimento mais emocionante do ano! – respondeu Joff.
- Todo mundo espera ansioso por ela – completou Hale.

Evangeline não tinha irmãos. Mas, se tivesse, imaginou que seriam um tanto parecidos com Joff e Hale. Os dois rapazes estavam tão animados que terminavam as frases um do outro e repetiam o que o outro dizia, tentando explicar as maravilhas da Caçada.

– É uma tradição quase tão antiga quanto o próprio Norte – explicou Hale.

– Foi instituída há séculos pela família Valor – completou Joff. – De acordo com a história, uma das filhas do casal, a belíssima...

– Todas elas eram belíssimas – interrompeu Hale.

– Bem, a mais bela – prosseguiu Joff. – Ela possuía um unicórnio de estimação, sabe? E, uma vez por ano, depois da primeira chuva da primavera, soltavam esse unicórnio na Floresta Amaldiçoada e todos tentavam caçá-lo.

– E isso, supostamente, era divertido? – perguntou Evangeline.

– Não se preocupe, não estavam tentando *matá-lo* – explicou Hale. – Matar um unicórnio dá um azar terrível. E esses animais são muito mais úteis se estiverem vivos.

Joff balançou a cabeça e completou:

– E quem conseguisse pegar o unicórnio ganhava o direito de ter um meio desejo realizado.

– O que é um meio desejo?

Os dois homens deram de ombros.

– Ninguém sabe ao certo – admitiu Joff.

– Não existem mais unicórnios – completou Hale. – Mas, agora, todos os anos, alguém se prontifica a se fantasiar de unicórnio para a Caçada. Teve um ano que Joff quase fez isso!

Joff balançou a cabeça, com um ar orgulhoso.

– Eu teria feito isso, mas aí aquele pateta do Quixton se adiantou.

– Podem me dizer – falou Evangeline, torcendo para que seu tom fosse educado, já que era óbvio que aqueles homens tinham a Caçada em alta conta – por que alguém se prontificaria a fazer isso?

– Quem interpreta o unicórnio e consegue passar as duas noites e os três dias do evento sem ser caçado é nomeado cavaleiro, com direito a escudeiro e um monte de ouro – explicou Hale.

– E se for pego? – indagou a princesa.

– Bom... – respondeu Joff, um pouco menos entusiasmado. – Quem se fantasia de unicórnio costuma levar uma bela surra quando é capturado. E a pessoa que o capturou é quem leva o título... caso precise... e também tem direito a um monte de ouro e a um escudeiro.

– Então... as pessoas adoram a Caçada por causa dos prêmios?

– E também porque fazem uma grande festa depois – respondeu Hale.

– E – completou Joff – é a única ocasião no ano em que todos têm permissão para entrar na Floresta Amaldiçoada.

Evangeline nunca ouvira falar da Floresta Amaldiçoada.

– E as pessoas querem entrar nessa floresta? – perguntou.

– Ah, sim. A Floresta Amaldiçoada tem um tipo *especial* de maldição. Mas é melhor a senhora pôr sapatos mais resistentes e vestir uma ou duas capas antes de sairmos – aconselhou Hale. – Sempre chove no caminho, e era isso que eu estava tentando explicar para a senhora desde o começo.



## Evangeline

**E**m priscas eras, a Floresta Amaldiçoada, supostamente, não era nem um pouco amaldiçoada. Diziam que havia sido a mais linda floresta do Magnífico Norte. O tipo de floresta onde nascem os melhores trechos dos contos de fadas, habitada por simpáticos elementais que sempre se dispunham a ajudar viajantes perdidos a encontrar o rumo e viajantes feridos a encontrar auxílio. Essa floresta era repleta de flores que produziam luz à noite e de pássaros que emitiam um canto tão melodioso que mesmo o dono do mais endurecido dos corações chorava ao ouvi-lo.

Acreditava-se que a Floresta Amaldiçoada era a floresta preferida da família Valor – e diziam que os Valor eram a família preferida da floresta.

Sendo assim, quando todos os Valor foram decapitados, a floresta ficou em luto pela amada família. Um luto tão profundo que ela se transformou em uma coisa completamente diferente. Uma coisa *amaldiçoada* que, por sua vez, amaldiçoava todos que ousavam entrar ali.

Há quem diga que essa maldição foi a maneira que a floresta encontrou de tentar obrigar outras pessoas a amá-la do mesmo modo que a família Valor a amava – porque a maldição dessa floresta é de um tipo peculiar. De início nem parecia uma maldição, parecia mais uma maravilha. Até que mais e mais pessoas do Norte adentraram nela e jamais saíram.

E, então, de um jeito bem típico do Norte, foi resolvido que todos os caminhos que levavam à Floresta Amaldiçoada também deveriam ser amaldiçoados, para que as pessoas do Norte parassem de desaparecer lá dentro.

Infelizmente, não havia consenso em relação à melhor maneira de enfeitiçar as estradas. E, sendo assim, diversos feitiços mal-ajambrados foram lançados, todos ao mesmo tempo.

Evangeline não estava a par dessa história. Mas, assim que chegou à trilha que escolhera tomar na companhia dos guardas, viu indícios de tais feitiços. Começou com um chuvisco que, de início, não era tão forte assim. Então a chuva foi ficando mais pesada à medida que avançavam. De repente, sopraram lufadas de vento e caíram pancadas de chuva que atingiram a jovem pela lateral do corpo e em diagonal.

Não demorou para a princesa ficar encharcada. Evangeline não sabia ao certo qual era a extensão daquela trilha, mas teve a impressão de que já fazia uma eternidade que aquela chuva a fustigava. Ficou tão tentada a dar meia-volta. Mas precisava contar para Apollo que Jacks andava entrando no castelo para vê-la sem que ninguém notasse.

A única arma à disposição dela era a adaga com cabo de pedras preciosas que o lorde lhe dera. Estava presa ao discreto cinto de veludo verde que marcava a cintura do vestido, e Evangeline tentou se convencer de que, se avistasse o Arqueiro novamente, não pensaria duas vezes antes de usar a faca. E, apesar disso, um lado seu temia não ser capaz de apunhalar o lorde de fato. E, além disso, tinha um outro lado seu, mais deturpado, que tinha medo de nunca mais tornar a vê-lo. O estômago da jovem ficou embrulhado só de lembrar que havia dado as costas para Jacks na noite anterior e que o Arqueiro não fora atrás dela.

Evangeline sabia que Jacks era um inimigo. Mas, em parte, ainda se sentia enfeitiçada pelo que o Arqueiro representava. Sozinha, jamais conseguiria derrotá-lo. Precisava de Apollo, do

exército do príncipe e de todo o aparato que ele pudesse ter – e ter que se arrastar por uma estrada, sob a chuva, era um preço pequeno a pagar por isso.

– Apenas continue em frente – disse Joff.

O vento soprou a capa do guarda, que se enrolou no rosto dele, e salpicou as botas de lama.

A princesa era grata àqueles homens por não terem permitido que ela saísse do castelo só de sapatilhas, que teriam ficado presas na lama, como pelo jeito já acontecera a tantos outros calçados: algumas partes da estrada não eram pavimentadas com pedras, mas com sapatos. E ainda havia carruagens viradas, enfileiradas pelo caminho – e todas davam a impressão de serem muito antigas. Ao que tudo indicava, agora a maioria das pessoas do Norte conhecia os feitiços que impediam qualquer meio de transporte, com exceção dos pés da própria pessoa, de entrar na Floresta Amaldiçoada.

– Estamos quase chegando – avisou Hale.

Enquanto o guarda falava, uma tabuleta brotou na lateral da estrada.

## CEM PASSOS PARA CHEGAR À FLORESTA AMALDIÇOADA. AINDA DÁ TEMPO DE DESISTIR E VOLTAR!

A chuva ficou mais forte quando Evangeline passou pela placa, fazendo as mechas do cabelo que haviam se soltado do penteado grudarem em seu rosto. Ela mal conseguiu enxergar outra tabuleta, poucos instantes depois:

## POR QUE VOCÊ AINDA NÃO DESISTIU E VOLTOU?

A chuva ficou ainda mais furiosa e foi caindo aos cântaros até que Evangeline se aproximou de uma última tabuleta, em que estava escrito:

O MELHOR DIA  
DA SUA VIDA  
LHE DÁ BOAS-VINDAS!

A madeira da placa era cor-de-rosa; as letras, douradas, e a tabuleta em si era uma coisa das mais curiosas. Assim que Evangeline se aproximou dela e leu a mensagem – o que aconteceu tudo ao mesmo tempo – a chuva parou de cair, de repente. A princesa ainda ouvia as gotas batendo forte no chão. Mas, quando se virou para trás e olhou para estrada que acabara de percorrer, teve a impressão de que estava seca, feito um vale em um dia quente de verão.

– Não chove *dentro* da Floresta Amaldiçoada – explicou Joff. – Esse é o segundo motivo para todos os caminhos que levam e saem dela serem enfeitiçados. Se alguém se perder, a chuva é a única maneira de a pessoa ter certeza de que saiu da floresta.

– Então agora estamos dentro da floresta? – perguntou Evangeline, olhando para as tendas ao redor.

Depois de percorrer aquela estrada difícil para chegar ali e de ter visto todas aquelas tabuletas de alerta, ela esperava algo um pouco mais sinistro. Imaginara sombras, teias de aranha e muitas criaturas rastejantes. Mas só viu um céu crepuscular, com o sol prestes a ser pôr sobre um vilarejo de tendas de seda coloridas, decoradas com bandeiras alusivas ao festival – assim como

muitos homens e mulheres, todos trajados para viver uma aventura. E cavalos, também, diversos cães e muitos falcões empoleirados no ombro dos donos.

Evangeline tentou enxergar além do acampamento, procurando por árvores ou algumas folhas. Mas, depois das tendas, só viu um borrão enevoado de cores, que a fez pensar no final de um arco-íris.

- Estamos no limbo – declarou Hale.
- A senhora vai saber quando estiver na floresta – completou Joff.
- Evangeline! Quer dizer, Alteza! – gritou Aurora Vale, que se aproximou deles saltitando, balançando os cachos cor de violeta perfeitos.

Todas as demais pessoas nos acampamentos próximos davam a impressão de estarem desmazeladas por causa da chuva, mas Aurora tinha o frescor de uma flor. As botas cinza-claro amarradas até a altura dos joelhos estavam impecáveis, assim como o vestido curto encouraçado e a aljava cheia de flechas com pontas de prata que levava presa às costas.

Hale endireitou a postura aovê-la, e Joff alisou o cabelo bagunçado.

– Eu não sabia que você viria para a Caçada! – comentou Aurora, toda empolgada. – Pode entrar na equipe que formei com minha irmã, Vesper.

- Obrigada, mas só vim até aqui para falar com Apollo.
- A senhora pode entrar na equipe dessa senhorita encantadora depois que encontrar o príncipe – sugeriu Joff.
- Tenho certeza de que o príncipe não irá se importar – foi logo dizendo Hale.

A princesa não sabia se era uma boa ideia aceitar. Mas tampouco sabia se os guardas estavam pensando direito. Mesmo antes de terem ficado embasbacados com a aparição da encantadora Aurora, já tinham assumido uma expressão cheia do

desejo por aventura quando viram todas aquelas tendas tremulantes e as armas afiadas.

– Ah, por favor, peça, sim, para seu querido príncipe lhe dar permissão de participar! Vamos nos divertir tanto juntas...

Aurora olhou para Evangeline com uma expressão que lembrava a de um filhotinho que estava louco para que lhe deixassem sair para brincar lá fora. É claro que filhotinhos não costumam carregar flechas nas costas, muito menos com a intenção de atirar em outros filhotinhos.

– Vou pensar – respondeu a princesa. – Mas antes preciso encontrar Apollo.

– Eu posso levar vocês até ele – prontificou-se Aurora. – Ele está logo ali. O acampamento do príncipe fica depois daquele conjunto de tendas que pertence à Casa Casstel.

Ela apontou para cima, onde havia uma pequena concentração de tendas listradas de azul-claro e prata e inúmeros homens e mulheres bem altos, todos vestidos com as mesmas cores das barracas.

– Receio que a dama esteja enganada – disse outra voz, que Evangeline não reconheceu, pelo menos, não imediatamente. Mas, assim que se virou, deu de cara com o simpático rosto de Lorde Byron Belaflor.

Ele sorria com amabilidade, da mesma forma como sorriera para ela na noite anterior, durante o banquete, quando se conheceram e o lorde brindou a princesa com todo tipo de histórias engraçadas a respeito de Apollo. Não lamentava revê-lo, mas aquele não era o melhor momento para isso.

– Não ouvi o senhor se aproximar, milorde.

Não foi nenhuma surpresa o fato de Aurora Vale estar chamando a atenção de todos e de Lorde Byron Belaflor ter dado a impressão de que escolhera um traje que o faria passar despercebido.

Naquele dia, o lorde estava de calça marrom, colete de couro e camisa bege, com as mangas arregaçadas até os cotovelos. Ao

contrário de Aurora, Lorde Belaflor não carregava flechas presas às costas. Tinha apenas uma pequena adaga presa ao cinto e uma faca na altura do quadril.

– Pensei que nossa amizade permitiria que a senhora me chamasse de Byron. E perdão pelo susto, Alteza. Acabo de falar com Apollo. Ele estava conversando com a Guilda dos Heróis logo ali, bem do lado de onde *realmente* fica o acampamento do príncipe.

Byron apontou na direção oposta à que Aurora havia sugerido, depois de uma fileira de barraquinhas de comida, onde Evangeline avistou um vale de tendas verde-escuras, rodeadas por um grupo de homens e mulheres. Todos, pelo jeito, ou tinham um cão de estimação ou uma ave de rapina.

– Isso é impossível – retrucou Aurora, que ficou corada de repente. – O príncipe e o acampamento real ficam na direção contrária. Acabei de passar por lá, há poucos minutos, antes de vir para cá e encontrar a princesa Evangeline.

– Alteza – declarou Byron, calmamente –, desculpe se estou ofendendo sua amiga, mas receio que ela esteja confusa ou mentindo. O príncipe não está na direção que ela aponta.

– Não estou...

*Tã-tã-tã-tã!* Cornetas ecoaram ao longe, interrompendo o protesto de Aurora. No instante seguinte, um arauto que estava ali perto, vestido com as cores reais, gritou:

– Atenção! Atenção! A Caçada terá início, oficialmente, em dez minutos. Faltam dez minutos para a Caçada começar!

Evangeline estava ficando sem tempo.

– Bom, parece que todos nós precisamos nos preparar – declarou Aurora, como se aquela discussão jamais tivesse ocorrido.

Na mesma hora, Joff e Hale foram atrás dela, de queixo erguido e postura ereta. Os dois, provavelmente, entrariam em um vulcão atrás de Aurora, caso ela pedisse.

Byron não estava hipnotizado, como os guardas. Lançou um rápido olhar de súplica para Evangeline e disse, baixinho:

– A senhora estará cometendo um erro se for com ela.

A princesa deu uma rápida olhada pelas tendas mais próximas, na esperança de poder perguntar para alguém que passasse se a pessoa havia visto o príncipe. Mas todos estavam indo na direção contrária, para os limites enevoados da Floresta Amaldiçoada, e Apollo deveria estar fazendo a mesma coisa. Evangeline precisava decidir se queria contar para ele a respeito de Jacks antes que o marido entrasse na floresta e a Caçada começasse.

– Imagino que um de vocês dois deve ter se enganado – disse Evangeline, com um tom meigo.

Só que, na verdade, não acreditava nisso. Um dos dois estava mentindo.

Ambos ficaram com uma expressão ofendida.

Aurora tinha parado de se afastar. Estava com cara de quem queria jurar que era uma pessoa de virtude, que jamais mentiria. Mas só apertou os lábios e lançou um olhar venenoso para Byron. Olhar esse que fez o rosto da jovem passar de lindo para feio em um instante.

Evangeline não confiava nela. Alguma coisa em Aurora não se encaixava. Começou a suspeitar dela quando Aurora chamara a atenção para a faca que o Arqueiro havia lhe dado e, depois, a interceptou no corredor, acusando-a de ter um caso.

Também não sabia se confiava em Byron. Depois de tudo o que havia acontecido nos últimos dias, a princesa via todas as pessoas com uma certa desconfiança. Só que o jovem lorde tampouco lhe dera motivos para *não* confiar nele.

– Joff, por que você não acompanha Aurora? – sugeriu Evangeline. – Se encontrar o príncipe, diga que estou procurando por ele e para só entrar na Caçada depois de falar comigo. É importante. Hale e eu vamos para o outro lado, com Lorde Belaflor.

Hale fez uma cara desalentada por ter que sair do lado de Aurora.

– Tenho certeza de que a veremos novamente – disse Evangeline, enquanto iam atrás de Byron, em direção às barraquinhas de comida. Aliás, na verdade, pareciam servir muito mais cerveja do que comida.

Tochas iluminavam as pessoas que se demoravam em volta das barraquinhas. Evangeline ficou observando um grupinho bater as taças e brindar:

– À Caçada!

– Boa sorte, meus amigos! – disse Byron, com um aceno.

Todos os homens e todas as mulheres levantaram as taças e brindaram de novo.

– Cinco minutos! – gritou um arauto, ao longe. – Faltam cinco minutos para a Caçada começar!

Este arauto estava mais distante do que o anterior. Evangeline nem mesmo o avistou. Só ouviu a voz dele, mais fraca, uma voz que logo se dissipou completamente.

As tendas pelas quais estavam passando – que, pelo que entendera, pertenciam à Guilda dos Heróis – estavam bem silenciosas. Ao que tudo indicava, eles já haviam se dirigido à floresta. Só restava uma fraca espiral de fumaça, vinda de uma fogueira que acabara de ser apagada. As conversas, os risos e o afiar das espadas haviam cessado.

Evangeline torceu para que não fosse tarde demais. Não queria ter que procurar por Apollo no interior da Floresta Amaldiçoada em si, muito menos naquele horário, com o sol já se pondo.

– Estamos chegando? – perguntou.

– É logo ali adiante – respondeu Byron, com um tom confiante.

Mas, à medida que o céu escurecia e a névoa aproximava seus tentáculos, a impressão era de que estavam se aproximando dos limites da Floresta Amaldiçoada e não de um acampamento. Evangeline ficou com medo de ter se enganado com a decisão de acompanhar Byron. Afastou-se do lorde e se aproximou de Hale.

– É melhor ficar perto de mim – disse Belaflor.

O lorde agarrou a princesa pelo pulso e a puxou para perto de si. A neblina estava mais densa. Não eram mais meros tentáculos, mas uma névoa fechada que chegava à altura dos joelhos. Além disso, o fato de Byron estar segurando seu pulso deixava Evangeline mais nervosa.

– Por favor, me solte – falou.

Ela tentou se desvencilhar, mas Byron a segurou com mais força.

– Lorde Belaflor – disse Hale, com a mão pairando sobre o cabo da espada. – A princesa Evangeline pediu para que o senhor a solte.

Os lábios de Byron esboçaram um sorriso. Foi um daqueles momentos que passam devagar e rápido, tudo ao mesmo tempo. O sorriso do lorde foi se esboçando lentamente, mas ele pegou a faca tão rápido que Evangeline só percebeu quando a arma riscou o ar e se afundou na garganta de Hale.

O guarda caiu no chão, o sangue jorrava de seu pescoço.

– *Não! Hale!* – gritou a princesa. – Hale!

Byron a silenciou de imediato. Tapou seus lábios com a mão e passou o outro braço pela cintura dela, bem apertado.

– Está na hora de você pagar pelo que fez com Petra.

– Quem é Petra? – Evangeline tentou dizer, mas as palavras saíram abafadas.

Ela se debateu, mas o lorde só a segurou com mais força e a arrastou pelo chão lamaçento. Agora não havia mais tendas, só a neblina densa e os dois – a sós.

Evangeline tentou chutá-lo, desvencilhar-se dele – fez tudo o que o Arqueiro havia lhe ensinado –, mas seus pés mal encostavam no chão. Só as pontas dos dedos roçavam na terra. Não tinha como tomar um impulso.

Mas tinha, contudo, uma mão livre, com a qual daria para alcançar a adaga presa ao cinto. Imaginou que só teria uma chance de usá-la, uma chance de salvar a própria vida.

Pegou a adaga e desferiu um golpe para cima, que cortou o pulso de Byron.

– Sua vaca!

– Essa foi pelo Hale! – berrou Evangeline, quando as mãos de Byron a soltaram.

E saiu correndo.



## Apollo

**A**pollo não era um assassino – não matava ninguém, a menos que fosse estritamente necessário.

Mas ficou tentado a pegar a espada e cortar a barriga de Joff. Não havia mais ninguém na tenda com o príncipe e, em um dia como aquele, seria fácil se livrar do corpo, simplesmente abandonando-o na Floresta Amaldiçoada. Acidentes sempre acontecem durante a Caçada.

Só que Apollo precisava de explicações, não de mais derramamento de sangue. Lançou um olhar gélido para o soldado e perguntou:

- Cadê minha esposa?
- Está com Lorde Belaflor, Alteza.
- Por que, céus, você permitiria que ela o acompanhasse?
- Foi uma ordem dela, Alteza. A princesa Evangeline não sabia onde ficava seu acampamento. Por isso ordenou que nos separássemos.
- Sua obrigação é ficar ao lado dela – interrompeu Apollo. – Independentemente do que minha esposa queira ou deixe de querer.
- Eu sei, Alteza – Joff disse isso de cabeça baixa. – Perdoe a minha falha.
- Saia já daqui – disparou o príncipe –, antes que eu te estrelalhe com minha espada.

– Só mais uma coisinha, Alteza. – Nesta hora, uma gota de suor escorreu pela testa de Joff. – A princesa pediu para lhe dizer que o senhor deve esperar e falar com ela antes de se juntar à Caçada.

– E ela disse a razão?

O guarda fez que não e respondeu:

– Não, mas me pareceu muito determinada.

– Minha esposa sempre é determinada.

– Alteza! – gritou uma voz ofegante e estridente, de criança pequena, que entrou correndo na tenda.

– Parado aí, nanico! – berrou outro guarda, mas a criança foi mais rápida.

– A princesa está em perigo! – disse. – Acabei de ver um homem tentando matá-la. E agora Sua Alteza está correndo na direção da Floresta Amaldiçoada!



## Evangeline

**E**vangeline disparou em meio à neblina. Achou que estava voltando por onde tinha vindo, que estava se dirigindo às tendas pertencentes à Guilda dos Heróis. Só que não viu tenda nenhuma, apenas uma neblina sem fim e uma noite infinita.

Poderia dar meia-volta, mas ainda dava para ouvir Byron gritando e xingando. As injúrias eram tantas que a fizeram imaginar o que aquele homem pensava que ela havia feito e quem era Petra.

Só quando já estava distante o suficiente da voz de Byron resolveu diminuir o ritmo e assim conseguir recuperar o fôlego e secar as lágrimas.

*Pobre Hale.* O guarda não merecia morrer daquele jeito, não merecia morrer de jeito nenhum.

A princesa sabia que não era culpa dela – não foi Evangeline quem cortou a garganta do guarda com aquela faca –, mas se sentia culpada. Havia tantas pessoas tentando matá-la, não conseguia imaginar o que tinha feito para causar tanta fúria.

Será que era só porque havia se casado com um príncipe – ou será que era por causa de algum outro acontecimento do seu passado, algo que tinha esquecido?

Foi ficando cada vez mais difícil respirar à medida que corria e se embrenhava na neblina escura. Odiava o fato de não saber a

razão de tudo aquilo e odiava o medo de que, talvez, jamais ficaria sabendo.

A lama sujava as botas da princesa, bem como a bainha da capa de veludo verde, até que o chão ficou mais duro. Evangeline cambaleou por alguns instantes quando a estrada em que pisava mudou abruptamente – agora era de paralelepípedos.

E então, como se alguém tivesse aberto uma cortina, a neblina sumiu, assim como o breu da noite. Desapareceu completamente, revelando uma rua cheia de lojinhas coloridas, que pareciam balas dentro de um vidro. Todas tinham toldos listrados alegres, sininhos cintilantes e portas pintadas com todas as cores do arco-íris.

Evangeline ficou arrepiada ao passar pelas fachadas das lojas, com suas vitrines vistosas. Sabia que não podia parar – não deveria parar. Ainda estava correndo para salvar a própria pele e precisava encontrar Apollo e lhe contar a respeito de Jacks.

Mas aquela não era apenas uma rua bonita. Ela *conhecia* aquela rua. Conhecia o poste de luz torto no final dela, o motivo para ter o doce aroma de biscoitos recém-assados. E sabia que, na metade da rua, entre o Éden dos Doces da Dulce e as Delícias Assadas da Mabel encontraria o lugar no mundo que amava mais do que qualquer outro, a loja do pai: Maximilian's Curiosidades, Caprichos & Esquisitices.

Sentiu um aperto doloroso no peito quando chegou à porta da frente. De repente, nada mais importava, só aquilo.

A loja estava diferente do que ela recordava. Como as demais fachadas, parecia ser mais recente, mais reluzente, *mais nova*. A pintura era de um tom de verde tão brilhante que parecia estar úmida. O vidro da vitrine estava tão límpido que mais parecia não haver vidro nenhum – Evangeline imaginou que poderia simplesmente esticar o braço através da vitrine e pegar um dos objetos curiosos que saíam da cartola roxa tombada para o lado. Ela pensava que jamais veria uma cartola como aquela de novo, assim como a loja.

Era de se acreditar que tudo aquilo não passava de uma ilusão. Não poderia, de jeito nenhum, depois daquela corrida em meio a neblina, ter chegado a Valenda, sua terra natal – não sabia nem como voltar para Valenda saindo do Norte, mas tinha quase certeza de que era preciso ir de barco.

E, apesar disso, quando Evangeline esticou a mão, sentiu a porta – palpável, de madeira e aquecida pelo sol – sob seus dedos. Era real. Tudo aquilo era real. Também sentia o aroma dos biscoitos, vindo da padaria que ficava na mesma rua. E aí ouviu uma voz ao longe:

– Olha a limonada! Limonada fresquinha!

O chamado foi seguido por uma lufada de bolhas de sabão, mais para o fim da rua, e por um instante da mais perfeita euforia.

Ao passar pelo limite da Floresta Amaldiçoada, Evangeline vira uma tabuleta com os dizeres “O melhor dia da sua vida lhe dá boas-vindas!”.

Na hora, ela achou que as palavras eram frívolas. Mas, considerando onde ela estava naquele momento, tudo indicava que era exatamente *onde* (ou *quando*) ela estava.

Aquele dia específico ocorreu na véspera de seu aniversário de 12 anos.

Evangeline sempre teve um caso de amor com a expectativa. Um de seus passatempos preferidos era sonhar e imaginar. *O que poderia ser? O que poderia acontecer? E se isso ou aquilo?* Ela adorava, especificamente, a onda de expectativa que antecedia ocasiões especiais, e os pais sempre faziam de seus aniversários um dia megaespecial.

No aniversário de 9 anos, quando acordou, viu que todas as árvores do jardim da mãe estavam com os galhos repletos de pirulitos amarrados com fitas de bolinhas. Também havia chicletinhos bem no miolo das flores e pedaços enormes de cristais de açúcar colorido entre as folhas da grama. Parecia que

as pedras do jardim tinham se transformado em bala da noite para o dia.

– Não foi a gente quem fez isso – disse o pai.

– Não mesmo – concordou a mãe. – Com certeza foi magia.

Evangeline sabia que não era magia – ou sabia mais ou menos. Os pais tinham um jeito de fazer as coisas que sempre deixava transparecer um tantinho de fantasia, fazendo-a ficar em dúvida, achando que poderia muito bem ser magia, sim.

Então, naquele dia, na véspera de seu aniversário de 12 anos, estava toda esperançosa, ansiosa pela magia que os pais fariam para ela naquele ano.

Evangeline acreditava piamente que a mãe e o pai haviam planejado algo magnífico. Mal podia esperar e, apesar disso, era a espera que tornava aquele dia tão maravilhoso.

Estava prestes a explodir de tanta expectativa. E sua emoção contagiava as pessoas que entravam na loja de curiosidades do pai, fazendo os lábios de todos os fregueses esboçarem um sorriso, os risos tomarem conta do ambiente da loja. Mesmo que não fizessem ideia do porquê estavam rindo. A felicidade era simplesmente contagiente.

E talvez houvesse uma pitadinha de magia no ar, porque, por casualidade, a confeiteira da rua testou fazer uma receita nova de biscoitos de vitral e resolveu levá-los até a loja de curiosidades. Queria saber o que as pessoas achavam dos biscoitos e, naquela tarde, era óbvio que não havia melhor lugar para fazer isso do que na loja do pai de Evangeline.

Os biscoitos, claro, eram deliciosos, e ficaram ainda melhores depois que o carrinho de limonada parou na frente da loja. Era todo amarelo e branco e tinha um mecanismo misterioso por baixo, que soltava um fluxo constante de bolhas de sabão em formato de coração.

Já vira carrinhos de limonada, mas nunca um carrinho igual àquele. Oferecia quatro sabores que, de acordo com a tabuleta, mudavam dia sim, dia não. As opções daquele dia eram:

*Limonada de blueberry*

*Limonada de lavanda com gelo de mel*

*Limonada de morango amassado com folhas de manjericão*

E o sabor mais delicioso de todos:

*Limonada-Chantili!*

Esta última levava creme de leite, limão e açúcar, e era finalizada com uma colherada de creme de baunilha cintilante por cima.

Evangeline queria saborear a bebida, mas também queria que o pai e a mãe a provassem, já que ambos cometaram o erro de só pedir a limonada de *blueberry*.

Ela ainda se recordava de ter ficado sentada nos degraus da frente da loja, no meio dos dois, sentindo-se a menina mais sortuda da face da Terra.

Evangeline não sabia como era possível ter voltado no tempo até aquele dia, mas não precisava que fosse possível. Queria tanto aquilo – *estar de volta à loja, estar com os pais, estar em segurança* –, que estava disposta a acreditar na impossibilidade de toda aquela situação.

Uma sombra se movimentou dentro da loja. Evangeline a viu através da vitrine e, apesar de ser apenas uma sombra, sabia a quem ela pertencia.

– Papai! – gritou, já entrando na loja de curiosidades. O aroma do ambiente era igualzinho ao que ela recordava: uma mistura de cheiro da madeira das caixas que estavam sempre entrando e saindo, e do perfume de violeta que a mãe costumava usar.

Suas botas ressoaram ao bater no chão xadrez enquanto ela entrava e chamava:

– Papai!

– Querida – disse a mãe, bem alto –, não venha até aqui!

As pernas de Evangeline bambearam ao ouvir a voz da mãe. Fazia tanto tempo que não escutava aquele som. Não importava o

que ela estava dizendo, nenhuma força terrena a impediria de seguir aquela voz.

Correu para os fundos da loja, onde ficava uma porta disfarçada de guarda-roupa que dava no depósito. Mas os pais não estavam ali. Encontrou apenas caixas abertas, um expositor por arrumar e pilhas de outras bugigangas, às quais Evangeline não deu nenhuma atenção. Se sua memória não estivesse falhando, naquele dia específico ela encontraria os pais no sótão, enchendo balões para o dia seguinte.

A escada ficava na parte de trás do cômodo. Mas, assim que se aproximou dela, a voz do pai ecoou, vinda lá de cima:

– Não suba aqui, docinho!

– Só preciso ver vocês por um segundo!

E subiu rapidamente a escada, com o coração se enchendo de esperança e de medo de que, se não fosse depressa, poderia ser jogada de volta ao presente e talvez nunca tornasse a ver o pai e a mãe.

Quando sentiu a maçaneta sob seus dedos, palpável e real, quase gritou. A porta se escancarou, revelando um recinto repleto de balões de aniversário. Cor de lavanda, arroxeados, brancos, dourados... todos balançando seus barbantes encaracolados cor-de-rosa. Eram os mesmos balões que ganhara de aniversário naquele ano. Só que, como tudo o mais naquele momento, eram mais coloridos, balançavam mais e havia *bem mais* balões do que ela recordava.

– Querida, você não deveria estar aqui – disse a mãe.

– Você está estragando a surpresa – completou o pai. A voz dele era clara e parecia vir de perto, mas Evangeline não conseguia vê-lo, nem a mãe, no meio de todos aqueles balões.

– Mamãe! Papai! Por favor, apareçam.

Quando Evangeline afastou os balões, a sensação foi de sonho que havia virado pesadelo. Quando colocava um balão para o lado, outros dois apareciam no lugar.

– Mamãe! Papai!

Começou a estourar os balões entre um grito e outro, mas sempre apareciam mais balões.

– Docinho, o que você está fazendo aqui em cima? – perguntou o pai.

Agora, tinha a impressão de que a voz dele vinha do pé da escada.

Sabia que era uma ilusão, assim como aquele recinto terrível.

Mas o problema da esperança é que ela também torna tudo tão maravilhoso... Quando uma pitada de esperança ganha vida, fica difícil matá-la. E, uma vez que Evangeline ouvira a voz dos pais, tinha esperança de que, se corresse bem depressa, também poderia ver o rosto dos dois.

Ela quase tropeçou nas próprias saias ao descer correndo as escadas e voltou às pressas para o depósito, onde ficavam as caixas de curiosidades sem fim. Assim como acontecera com os balões, havia muito mais caixas do que Evangeline recordava. Um labirinto sem fim. E, vinda de pouco mais adiante, conseguia ouvir a voz da mãe dizendo:

– Querida, cadê você?

Desta vez, a voz delicada da mãe deixou Evangeline com um nó na garganta. Estava tão próxima, mas teve a sensação de que não passaria disso. Próxima, mas nunca ao seu lado.

– Desculpe – disse uma outra voz.

A jovem levou um susto e olhou para o lado. Só que o rapaz que acabara de falar não tinha um rosto feito para se olhar. Um único vislumbre bastou para ela ficar sem ar. O rapaz tinha um rosto inacreditavelmente belo, e os olhos mais verdes que Evangeline já vira na vida, olhos tão verdes que pensou que poderia já tê-los visto antes.

– Por que você está pedindo desculpas? – perguntou ela. – Por acaso foi você quem fez isso comigo?

Os lábios do Belo Desconhecido ficaram com uma expressão pesarosa.

– Receio que eu não tenha tamanho poder. É assim que a Floresta Amaldiçoada faz você cair na armadilha. Mostra apenas o suficiente para você querer procurar, mas jamais permite que você encontre o que quer.

– Querida, cadê você? – repetiu a mãe.

Evangeline olhou para o ponto de onde vinha a voz. Acreditava que o Belo Desconhecido tinha razão. De certo modo, desde o início, tivera receio de que aquilo tudo era milagroso demais para ser verdade. As pessoas caem em buracos e em poços, não no melhor dia de suas vidas. E, apesar disso, ela só queria correr no meio daquelas caixas e ir atrás do som da voz da mãe. Só queria um último vislumbre, um último minuto, um último abraço.

O Belo Desconhecido não dava indícios de que tentaria impedir a caso Evangeline tornasse a correr atrás da mãe. Estava tão parado que bem poderia ser um dos objetos inanimados tirados das caixas.

Não piscou, não se mexeu, não moveu um dedo sequer. Estava usando uma roupa que lembrava a de um soldado trajando uma couraça requintada, mas o traje não era parecido com nenhuma das couraças que Evangeline vira naquele dia. E, apesar de estar de couraça, tudo indicava que não portava arma alguma, e, como não tinha bigode, não poderia ser um dos guardas de Apollo.

– Você também é uma armadilha da floresta? – perguntou ela.

– Por acaso está aqui para fazer alguma espécie de trato? Vai deixar que eu veja meus pais se eu lhe der um ano da minha vida em troca?

– Você faria um trato desses?

Evangeline considerou essa possibilidade. De alguma forma, estar tão perto dos pais naquele *quase-lugar* em que se encontrava fazia a dor da solidão que sentia no peito ser mais forte do que o normal. Ficou tentada a abrir mão de um ano da própria vida só por um abraço, só para estar nos braços de pessoas que amava e que também a amavam, pessoas que – disso a princesa não tinha dúvidas –, só queriam o seu bem.

Queria esquecer por um instante que tinha apenas um marido misterioso e pessoas que não paravam de tentar matá-la, sem contar que a única pessoa pela qual sentia uma atração inexplicável era o mais perigoso assassino de todos.

Um ano não lhe parecia um preço tão caro a pagar para fugir de tudo aquilo. Mas os pais odiariam se a filha fizesse isso.

– Não. Não quero fazer esse trato – murmurou Evangeline.

– Que bom – disse o Belo Desconhecido. – E não, não sou mais uma armadilha. Estou na minha própria armadilha.

O rapaz deu um passo à frente bem devagar, movimentando-se com uma dose surpreendente de graciosidade para alguém tão alto e com um porte tão poderoso.

– A Floresta Amaldiçoada leva todo mundo até um ponto que replica o melhor dia da vida de cada pessoa. Então mostra apenas o suficiente desse dia para a pessoa querer procurar mais.

– Então você está em um dia diferente do meu? – perguntou Evangeline.

O Belo Desconhecido fez que sim.

– A floresta muda o cenário, mas não consegue impedir que uma pessoa que está dentro dela veja as demais. Foi assim que eu te encontrei.

– Por que você iria querer me encontrar? Quem é você?

– Você me conhecia pelo nome de Caos. Sou seu amigo.

O jeito como ele disse a palavra “amigo” foi um pouco estranho, como se não tivesse cem por cento de certeza.

Se Evangeline não tivesse acabado de ver um de seus guardas ser assassinado por alguém que, em seguida, tentou matá-la, não teria dado atenção a isso. Não queria acreditar que seu azar era tanto ao ponto de aquele tal de Caos também tentar matá-la.

Mas não estava disposta a correr esse risco.

Pegou a adaga que levava presa ao cinto.

Caos, de imediato, ergueu as mãos.

– Você não está correndo perigo. Estou aqui porque um amigo nosso precisa de ajuda... da sua ajuda. Ele está prestes a tomar

uma péssima decisão, e você precisa fazê-lo mudar de opinião antes que seja tarde demais para salvar a vida dele. Não estou aqui para lhe fazer mal, Evangeline.

– Então por que você não se afasta dela, caramba – urrou o Arqueiro.

Evangeline não o ouvira se aproximar. Simplesmente se virou e, do nada, o Arqueiro – *Jacks* – estava lá. Ficou mais fácil perceber que o Arqueiro e Jacks eram a mesma pessoa enquanto observava desviar habilmente das caixas enquanto encarava Caos com um olhar assassino.

– Não quero você perto dela. Jamais.

Jacks puxou a espada e, antes que desse tempo de Caos dizer alguma coisa, cravou a lâmina bem no peito dele.



## Jacks

Jacks caiu e bateu as costas no chão, porque Evangeline foi para cima dele.

– Seu monstro! – gritou, soltando palavrões.

Até então, o Príncipe de Copas jamais havia ouvido Evangeline soltar palavrões de verdade. Ela não era muito boa nisso, mas estava se esforçando, furiosa.

Quando os dois caíram no chão, ela se esborrachou em cima do peito do Arcano com uma força que só podia ter expulsado todo o ar de seus pulmões. Mas isso não a impediu de berrar:

– Por que você fez isso? Não pode simplesmente sair por aí matando gente!

Evangeline continuou a se debater em cima de Jacks. Ficou com os joelhos nas laterais da cintura do Arcano e não parava de estapeá-lo. O Príncipe de Copas não saberia dizer se estava tentando bater nele ou esfaqueá-lo – e suspeitava que Evangeline, tampouco, sabia o que estava tentando fazer.

Se o objetivo era esse, estava segurando a faca com a ponta virada para o lado errado enquanto não parava de socar o peito do Arcano. Se aquele fosse algum outro dia, Jacks poderia ter se contentado com o simples fato de Evangeline ao menos estar tentando se proteger. Mas, como sempre, ela não fazia ideia do perigo que realmente estava correndo.

Jacks segurou os pulsos dela com as mãos enluvadas e esticou os braços dela acima da cabeça, antes que a princesa acabasse

cortando a garganta dele sem querer.

– Ele não está morto de fato – grunhiu o Arcano. – O *verdadeiro* monstro, o que eu acabei de atingir, voltará a viver. E, quando isso acontecer, precisamos estar longe daqui.

– *Nós* coisa nenhuma. Eu sei quem você é! – Evangeline conseguiu soltar as mãos, se afastou e apontou a adaga diretamente para o coração do Príncipe de Copas. Desta vez, a ponta da faca estava virada para o lado certo. As mãos tremiam, mas o tom ainda era de fúria e de mágoa. – Vi seu retrato nos tabloides... e também vi a reportagem sobre todas aquelas pessoas que você assassinou ontem à noite!

– Eu não assassinei ninguém ontem à noite.  
– Você matou uma pessoa bem na minha frente!  
– Isso não conta como assassinato. Ele estava tentando te matar.

Evangeline fez uma careta. Sabia que Jacks tinha razão. Mas não mudou a adaga de posição. Continuou apontando a arma para o coração dele. O Príncipe de Copas conseguia ver, pelo olhar da jovem, que ela acreditava que estaria agindo certo se pusesse fim à vida dele. E não estava completamente enganada.

– Eu mereço isso – admitiu o Arcano. – Provavelmente, mereço coisa ainda pior. Mas hoje *não* é o dia de me matar. Estou me esforçando muito, muito mesmo, para que você continue viva.

Jacks segurou os braços de Evangeline de novo, deu um giro, e a prendeu embaixo do próprio corpo. Tentou ser delicado, tentou não a machucar. Mas precisava que ela compreendesse antes de soltá-la.

– Sim, sou um assassino. Gosto de fazer as pessoas sofrerem. Gosto de sangue. Gosto de dor. Sou um monstro. Mas, quer você se lembre, quer não, sou o *seu* monstro, Evangeline.

Ela ficou sem ar.

O Príncipe de Copas poderia jurar que, por um segundo, o olhar dela não era de raiva nem de medo. O pescoço da princesa ficou vermelho, e as bochechas coraram... de um jeito diferente. Jacks

não conseguia saber se Evangeline estava se lembrando de alguma coisa ou não.

Mas era egoísta o suficiente para torcer que estivesse.

Chegou a pensar na possibilidade de mantê-la presa embaixo do próprio corpo até que recordasse. Sabia que era uma péssima ideia, mas queria que ela se lembrasse dele. Queria que, uma única vez, Evangeline olhasse para ele e o reconhecesse como antes.

Era cruel da parte dele querer que a jovem tornasse a desejar-lo. Se ela se lembrasse, apenas sofreria mais.

Jacks ainda era assombrado pela última vez que a vira, quando ainda tinha as próprias lembranças. Na entrada da Valorosa. Horas antes, sentira Evangeline morrer em seus braços.

Ela não fazia ideia do que havia acontecido nem desconfiava que o Arcano já havia usado as pedras para voltar o tempo por causa dela.

Evangeline estava tentando demovê-lo de usar as pedras com o objetivo de voltar a ficar com Donatella. Pedira que Jacks ficasse com ela.

Mesmo depois de tudo, ela ainda o desejava.

O Príncipe de Copas teve tanta vontade de dizer para ela que mal se lembrava que cara Donatella tinha, que o rosto dela era o único que ele via quando fechava os olhos, que iria com Evangeline para qualquer lugar... se pudesse.

Mas não podiavê-la morrer de novo. Sua primeira raposa havia acreditado nele e morrera, assim como Evangeline morreria. A história dos dois tinha um único final, que não era feliz. A esperança que sentia podia até ser poderosa, mas não era mágica. Não bastava.

Era melhor magoá-la, era melhor partir o coração de Evangeline, fazer tudo o que fosse necessário para mantê-la viva e bem longe dele.

Isso não havia mudado.

Mas, naquele dia, Jacks não estava conseguindo soltá-la nem abrir mão dela. Queria mantê-la presa ao chão, debaixo do próprio corpo. Teria ateado fogo ao mundo e deixado tudo queimar só para ficar segurando Evangeline daquele jeito.

Olhou para o lado. Castor estava imóvel. O peito não mexia, os olhos estavam abertos e congelados. Parecia mesmo morto. Mas não demoraria muito para voltar à vida.

Jacks precisava tirá-la dali.

Ela ainda estava debaixo dele, o rosto corado, a respiração pesada. O Príncipe de Copas percebia que Evangeline ainda não sabia direito se ia ou não confiar nele, mas não podia mais perder tempo.

Levantou-se em um pulo. Em seguida, segurou a mão dela, a fez ficar de pé, e pegou a corda que levava presa ao cinto.

– O que você acha que está fazendo? – perguntou.

Mas o Arcano não lhe deu oportunidade de se soltar. Puxou Evangeline mais para perto de si e amarrou o corpo dela ao próprio corpo, pela cintura.



## Evangeline

**E**vangeline não viu de onde apareceu aquela corda. De repente, a corda brotou nas mãos hábeis de Jacks, como se ele sempre andasse por aí com uma, na eventualidade de precisar amarrar alguma garota.

– Como posso ter sido apaixonada por você?

Foi uma pergunta ríspida, mas a princesa estava exausta. Uma hora, estava deitada no chão, embaixo de Jacks. E, no instante seguinte, os dois estavam amarrados, a pele de um roçando na do outro, e era uma sensação diferente daquela que havia sentido quando uma camada de roupas separava os dois.

Evangeline imaginou que Jacks estava sentindo o pulsar do coração dela, acelerado, em contato com ele.

Puxou as cordas que os amarravam. Só que as cordas não se soltaram: florzinhas começaram a crescer nelas, minúsculos botões cor-de-rosa e brancos, com ramos verde-esmeralda que se enroscaram nos braços dos dois, apertando ainda mais um contra o outro.

– O que você está fazendo? – indagou Jacks.

– Achei que era você quem estava fazendo isso!

– E você acha que eu nos amarraria com flores? – Ele fez uma careta de leve, porque um botão cor-de-rosa desabrochou. – Deve ser coisa deste lugar – resmungou.

Foi aí que Evangeline reparou que não estavam mais nos fundos da loja de curiosidades.

A confusão de caixas havia sumido, e a loja se transformara em uma encantadora choupana – ou será que aquele lugar tão peculiar era uma estalagem? O saguão bem iluminado em que estavam parecia um tanto grande para pertencer a uma choupana para uma só família. Havia pelo menos quatro andares de quartos acima dos dois, e todas as portas tinham entalhes curiosos, retratando coisas como coelhos de coroa, corações dentro de redomas de vidro e sereias com colares de conchas.

Na mesma hora a princesa se sentiu uma tola, por não ter reparado imediatamente, por só ter olhos para Jacks.

Bem na sua frente, havia uma porta arredondada e, ao lado dela, um relógio que era uma maravilha de tão inusitado. Era pintado com cores vivas, tinha pêndulos de pedras preciosas cintilantes e, em vez de números marcando as horas, o relógio tinha nomes de comidas e bebidas. Coisas como “raviólis com carne”, “caldeirada de peixe”, “cozido misterioso”, “chá com torradas”, “mingau”, “cerveja preta”, “cerveja”, “hidromel”, “vinho”, “sidra”, “torta de mel”, “pavê de amora” e “bolo floresta negra”.

– Seja bem-vinda à Grotă – disse Jacks, baixinho.

Evangeline deu as costas para ele. Ou, pelo menos, tentou. Afastar-se de Jacks não era exatamente possível, com aquela corda de flores prendendo os braços dos dois.

– Você não pode simplesmente amarrar as pessoas e arrastá-las para onde bem entender.

– Não precisaria fazer isso se você simplesmente se lembrasse – ele falou baixinho, mas um baixinho perigoso, que tornava as palavras um tanto ríspidas.

Evangeline se obrigou a não dar bola. Só que se sentiu compelida a discutir.

– Você não acha que estou *tentando* me lembrar?

– Obviamente, não está se esforçando o suficiente – retrucou Jacks, friamente. – Você quer mesmo recuperar suas lembranças?

– Não tenho feito outra coisa a não ser tentar me lembrar de tudo!

– Se acredita nisso, das duas, uma: ou está mentindo para si mesma ou se esqueceu como tentar de verdade. – Os olhos de Jacks ardiam quando cruzou o olhar com o de Evangeline: era um fogo de raiva. Mas ela também viu que havia mágoa. Ela aparecia na forma de fios de prata se movimentando pelo azul dos olhos do rapaz feito rachaduras. – Eu já te vi tentar. Vi você querer algo mais do que qualquer coisa neste mundo. Vi o que você estava disposta a fazer. Até onde estava disposta a ir. Você agora não está chegando nem perto disso.

Jacks cerrou os dentes e ficou encarando Evangeline. Estava com uma expressão brava e exasperada. Levantou o braço, como se quisesse passar a mão livre no próprio cabelo, mas segurou a nuca de Evangeline e encostou a própria testa na dela.

A pele de Jacks estava gelada, mas esse contato fez Evangeline sentir calor no corpo todo. A mão que segurava a nuca dela se embrenhou por seu cabelo, e o corpo inteiro da princesa amoleceu. O rapaz a segurou perto de si e ficou fazendo cafuné, com movimentos suaves e firmes.

Aquilo era muito errado, desejar o homem que a havia amarrado junto dele e fizera incontáveis outras coisas inenarráveis. Mas Evangeline só conseguia pensar que queria que Jacks fizesse ainda mais.

Ele era igual à fruta encantada venenosa – bastava uma mordida para a pessoa não conseguir mais achar graça no gosto de nada. Só que ela não tinha mordido Jacks, nem iria morder. Não poderia haver mordida nenhuma. Ficou sem entender por que estava pensando em mordidas.

Tentou se desvencilhar, mas Jacks a segurou firme e enroscou seu cabelo na mão fechada sem desencostar a testa da sua.

– Por favor, Raposinha, lembre-se.

Esse apelido surtiu algum efeito em Evangeline.

*Raposinha.*

*Raposinha.*

*Raposinha.*

Uma palavra tão simples. Só a sensação era de que não era nada simples. Tinha a sensação de estar caindo. Tinha a sensação de ter esperança. Tinha a sensação de que aquela era a palavra mais importante do mundo. A palavra fez o sangue ferver e a cabeça girar, até que, mais uma vez, só existiam Evangeline e Jacks. Nada mais existia, a não ser a pressão exercida pela testa gelada dele, a sensação da mão forte do rapaz enroscada no seu cabelo e o olhar de súplica, desamparado, naqueles olhos azuis de relâmpago.

A combinação de tudo isso embaralhou as entranhas de Evangeline como se fossem cartas, até que todos os sentimentos que ela havia tentado expulsar tornaram a ficar no alto do baralho.

Queria confiar em Jacks. Queria acreditar no que ele dissera, que o Belo Desconhecido que ele acabara de matar não estava realmente morto. Queria pensar que as histórias que haviam lhe contado, de que Jacks era um assassino, não passavam de mentiras.

Queria *ficar com ele*.

Não tinha a menor importância o fato de Jacks ter dito, há poucos instantes, que gostava de sangue, de ferir e de dor. Essas coisas estavam na parte de baixo do baralho. E Evangeline não queria embaralhar as cartas de novo.

Poderia ter encontrado motivos para justificar o que estava acontecendo, motivos que iam além de simplesmente ter ouvido um apelido.

Só que não queria justificar os próprios sentimentos, queria apenas ver até onde eles a levariam. Não queria mais se desvencilhar, pelo contrário: queria trilhar aquele caminho sinistro para o qual Jacks estava prestes a empurrá-la, fosse qual fosse. E isso tinha algum significado. Talvez significasse que Evangeline era uma tola. Ou talvez significasse que o coração dela se lembrava de coisas que a cabeça não recordava.

Mais uma vez, tentou se lembrar do restante. Fechou os olhos e ficou repetindo aquele apelido em silêncio, como se fosse uma prece.

*Raposinha.*

*Raposinha.*

*Raposinha.*

Só de pensar em Jacks pronunciando aquela palavra, o coração da princesa batia descompassado, mas o apelido não trouxe as lembranças dela de volta.

Quando abriu os olhos, os olhos sobre-humanos de Jacks ainda a encaravam. E percebeu algo muito parecido com esperança naquele olhar.

– Desculpe – disse, baixinho. – Não consigo me lembrar.

A luz se esvaiu do olhar de Jacks, e ele imediatamente tirou os dedos do cabelo de Evangeline, endireitando a postura e se afastando. Apenas os pulsos ainda se tocavam, assim como os braços, que estavam presos pelos ramos.

Jacks não tentou cortar os ramos que se enroscavam pelos braços dos dois e, estranhamente, Evangeline ficou feliz com isso. Podia até não ter se lembrado. Mas, ao que tudo indicava, o coração realmente se lembrava daquele rapaz, porque a princesa sentiu que se despedaçara de leve quando Jacks olhara para ela com um olhar gélido, feito sombras na floresta.

O relógio incomum que havia no saguão bateu “cozido misterioso”, e o cadáver do Belo Desconhecido, que estava no chão, se mexeu. Evangeline viu o peito do homem estremecer, algo que não era bem uma respiração. Mas, definitivamente, era um movimento.

– Precisamos sair daqui – declarou Jacks, curto e grosso. Puxou a corda florida que o amarrava a Evangeline, e algumas pétalas de cores delicadas se desprenderam das flores.

– Aonde estamos indo? – perguntou ela. – E como chegamos *aqui*?

– Estamos aqui porque eu nos amarrei – respondeu Jacks. – Se a pele de duas pessoas se encosta, ambos são levados para a ilusão da pessoa que tem o ímpeto mais forte. Do contrário, poderíamos nos perder um do outro. Já que estamos presos em ilusões diferentes, você poderia encontrar uma parede no mesmo local onde eu encontraria uma porta.

– Então este é o melhor dia da sua vida? – perguntou Evangeline.

Gostaria de ter se dado conta disso antes ou de ter mais tempo para inspecionar aquela estalagem curiosa, para ver o que Jacks gostava tanto ali.

Mas era óbvio que o rapaz não queria se demorar naquele local. Nem chegou a responder à pergunta.

Evangeline não ouviu nenhuma voz chamando por Jacks, mas pensou que estar ali poderia fazê-lo sofrer, assim como estar tão perto da lembrança dos pais dela a fizera sofrer. Que o rapaz também poderia se sentir atraído por algo que queria, mas não podia ter.

Jacks abriu a porta para sair da Grotta, como se estivesse louco para ir embora dali. Mas Evangeline percebeu um leve brilho de dor nos olhos dele, como se também lhe doesse ir embora.

Quando saíram, o rapaz correu por uma das trilhas mais alegres que a princesa já vira na vida.

Beija-flores voejavam, pássaros cantavam e dragõezinhos azuis minúsculos cochilavam em cima de cogumelos vermelhos de bolinhas brancas. As papoulas que ladeavam a trilha que levava para longe da estalagem eram enormes. Chegavam à cintura de Evangeline, tinham pétalas vermelho-escuras que pareciam de veludo e o perfume mais doce de todos.

Quando chegaram ao fim da trilha de paralelepípedos, o ar perdeu o aroma adocicado de flores e se tornou úmido, com cheiro de limo. Ainda dava para ver a trilha, mas era feita apenas de terra e ladeada por árvores enormes, que fizeram o mundo iluminado pelo sol ficar na penumbra e gelado.

A princesa conseguia ouvir um riacho correndo ao longe – assim como o som de vozes e o bater dos cascos de cavalos.

Vai ver que estavam perto da Caçada. Ou seja: Apollo também poderia estar por perto.

Com tudo o que acontecera, se esquecera do príncipe. Perguntou-se se o marido estava participando da Caçada ou se Joff lhe dera o recado, pedindo que esperasse para falar com ela antes de se juntar à competição. Evangeline torceu muito para que Apollo tivesse recebido o recado e estivesse esperando por ela fora da Floresta Amaldiçoada. Não queria nem imaginar o que aconteceria se a visse daquele jeito, amarrada a Jacks.

– Aonde, precisamente, estamos indo? – perguntou.

– Primeiro precisamos sair desta maldita floresta antes que mais alguém tente te matar.

– Por falar nisso, teve outra pessoa que tentou me matar há pouco, antes de eu entrar neste lugar.

Jacks lhe lançou um olhar sinistro.

– Como pode todo dia ter alguém tentando te matar?

– Bem que eu gostaria de saber. Se eu soubesse, poderia tentar impedir.

O rapaz ficou com uma expressão de dúvida.

– Quem foi desta vez? Você conseguiu ver quem era?

– Foi o Lorde Byron Belaflor. Você conhece?

– De vista. Mimado, rico, praticamente inútil.

– Por acaso sabe por que ele quer que eu morra? Byron comentou algo sobre uma tal de Petra...

Jacks se encolheu todo. Foi rápido, quase imperceptível, tanto que Evangeline achou que poderia ter imaginado.

Quando o rapaz tornou a falar, foi com um tom quase de tédio.

– Petra era uma bruxa desprezível que foi amante de Belaflor.

Ela morreu faz pouco tempo, mas você não teve nada a ver com isso.

– Então por que Byron quer me matar?

– Não faço a menor ideia. – O tom de Jacks era levemente irritado. – À esta altura, apenas suponho que todo mundo quer que você morra.

– Incluindo você?

– Não – respondeu ele, sem um segundo sequer de hesitação.

– Mas isso não quer dizer que você não corre perigo comigo.

Jacks, então, encarou Evangeline nos olhos, pela primeira vez desde que encostara a testa na dela e suplicara para que ela se lembrasse. O rapaz tinha os olhos mais azuis e brilhantes que já vira na vida. Mas, parados ali, dentro da floresta, os olhos dele pareciam mais claros do que antes, um tom fantasmagórico de azul que a fez pensar em luz de velas prestes a se apagar.

– Não acredito que você vai me ferir – disse a princesa.

A cor dos olhos de Jacks ficou mais opaca.

*Você vai mudar de opinião logo, logo.*

Ela ouviu essas palavras dentro da própria cabeça, mas a voz parecia igualzinha à de Jacks. E, por um segundo, sentiu um frio terrível na barriga. Um pássaro grasnou no céu, um som bem alto e estridente.

Evangeline olhou para cima.

Uma criatura alada escura e bem conhecida voava em círculos acima dos dois.

O coração da princesa parou de bater por um instante, porque a imagem dessa mesmíssima criatura bicando seu ombro lhe veio à mente.

– Ah, não!

– Que foi?

– Aquele pássaro – sussurrou Evangeline. – Pertence ao líder da Guilda dos Heróis. Eles estão te caçando.

Com a mão livre, Jacks tirou uma faca da bainha presa à perna.

– Não! – a princesa segurou a mão dele.

Jacks a olhou, zangado.

– Não venha me dizer agora que não posso matar pássaros.

– É um animal de estimação e não deveria pagar pelos crimes do dono.

O rapaz olhou para ela com cara de quem achava que ela havia dito algo completamente sem sentido. Mas guardou a faca.

– Vamos apenas torcer para que esse pássaro de estimação esteja vivendo o melhor dia de sua vida, cheio de coelhos bem gordinhos, e não esteja prestando atenção em nós.

– Obrigada.

– Não acho que eu realmente tenha feito um favor a você.

– Mas era isso que eu queria.

Jacks fez uma expressão de quem queria dizer mais alguma coisa a respeito dos *quereres* de Evangeline. Mas apenas seguiu arrastando-a floresta afora, pelo pulso.

Ela não saberia dizer por quanto tempo ficaram andando depois disso. Mas, uma hora, aquela floresta vívida se transformou em neblina. As flores e os galhos que amarravam os dois sumiram, desaparecendo aos poucos, feito um sonho que só pode ter vida na luz do sol.

Evangeline ainda conseguia enxergar Jacks e sentir o pulso dele encostado no dela. Os dois agora estavam amarrados com uma corda comum, e o mundo ao redor deles escurecia. O céu era um misto de cinza, cor de carvão e nuvens de tempestade prestes a eclodir.

A sensação da primeira gota de chuva foi de surpresa. Depois disso, começou a chover mais, em linhas prateadas e incessantes, que borraram as estrelas e o breu da noite.

Evangeline ergueu o capuz da capa de veludo verde, mas a chuva já havia empapado seu cabelo.

– Por acaso isso quer dizer que saímos oficialmente da Floresta Amaldiçoada?

– Sim.

– Mas onde foram parar todas aquelas tendas da Caçada?

– Estamos do outro lado da floresta – respondeu Jacks, sem parar de andar, porque a chuva continuava a cair a cântaros.

Mais uma vez, a princesa perdeu a noção do tempo, enquanto se arrastavam pela chuva. Quando conseguiram sair da floresta estava escuro, e ainda não tinha clareado. Jacks era puro silêncio, e ela estava um tanto faminta.

Não conseguia se lembrar qual fora a última vez que comera ou bebera alguma coisa. Isso não teve muita importância quando estava no interior da Floresta Amaldiçoada. Mas agora seu o estômago roncava, as pernas estavam cansadas, e a jovem tinha a impressão de que valeria a pena dar uma mordida em qualquer pedra ou bolota.

Estava começando a sentir os efeitos de ter ficado o dia inteiro sem comer nem beber. Pelo menos... ela achava que havia se passado um dia. Não sabia ao certo quanto tempo havia se passado desde que se embrenhara na floresta.

Só sabia que era noite de novo, estava com a boca seca e tinha a impressão de que as pernas cederiam sob o peso do próprio corpo. Jacks caminhava no ritmo de Evangeline, mas ela começou a achar que estava retardando o avanço do rapaz.

A capa encharcada vazava em sua pele gelada.

– Estamos quase chegando – anunciou Jacks.

A água da chuva pingava das pontas do cabelo dourado do rapaz e escorria pelo rosto, percorrendo o pescoço até chegar ao gibão. Ao contrário de Evangeline, Jacks não estava coberto por um capuz nem por uma capa, apenas pela chuva – que, como tudo o mais, ficava bem nele.

Jacks olhou de esguelha para Evangeline e declarou:

– Você não deveria ficar me olhando desse jeito.

– Como devo ficar te olhando, então?

– Você não deveria ficar me olhando de jeito nenhum.

Depois dessa, virou a cara, abruptamente.

Evangeline sentiu uma pontada de algo bem parecido com mágoa. Jacks havia amarrado seu corpo ao dele, salvara sua vida e agora estava dizendo para não olhar para ele.

– O que estamos fazendo, Jacks?

– Precisamos sair desta chuva.

Assim que o rapaz disse isso, a estalagem surgiu ao longe, feito uma ilustração de um livro *pop-up*. Um livro *pop-up* chuvoso. Mas Evangeline não ligava, desde que o local fosse aquecido, e ela pudesse comer alguma coisa. As botas estavam encharcadas; a capa, empapada de chuva, grudada no corpo – até a corda que a mantinha amarrada a Jacks estava pingando. E, à medida que iam se aproximando, ela viu que, mesmo debaixo daquela chuva torrencial, a estalagem dava a impressão de ser quente e aconchegante.

A construção era toda de tijolinhos vermelhos cintilantes, com floreiras transbordantes, repletas de flores felpudas, com folhas que lembravam uma cabeça de raposa, salpicadas por grandes gotas de chuva. Da chaminé, no telhado coberto de musgo, saíam nuvens cinzentas, lançando uma fumaça meio amadeirada no ar úmido. A tabuleta na frente da estalagem era sacudida pelo vento.

*Estalagem Tijolos do Passado no Fim da Floresta: para Viajantes Perdidos e Aventureiros.*

Debaixo desta tabuleta, havia outra, onde estava escrita a palavra “disponibilidade”.

E, pendurada embaixo desta tabuleta, havia outra ainda menor, onde estava escrito “uma cama”.





## Apollo

**A**pollo jamais havia participado da Caçada. "É uma ótima maneira de acabar assassinado", o pai sempre dizia. "Esteja lá quando derem início, dê um grito de guerra bem motivante e caia fora correndo."

O príncipe sempre fizera apenas isso. Nunca se aventurara além do perímetro do acampamento real nem adentrara na Floresta Amaldiçoada.

A única coisa que o faria entrar na Floresta Amaldiçoada era Evangeline. Quando o garotinho apareceu em sua tenda e contou que alguém havia tentado matá-la, Apollo teve vontade de se embrenhar na floresta para salvar a vida dela.

Então se deu conta de que aquela era a oportunidade que tanto esperava. O momento que poderia garantir que sempre seria capaz de cuidar de Evangeline.

– Alteza – chamou um dos guardas. A abertura da tenda foi afastada de leve, e o guarda entrou. – Lorde e Lady Vale querem falar com o senhor.

– Peça para os dois entrarem – respondeu o príncipe.

O guarda afastou mais a abertura da tenda, e Honora e Lobric entraram.

O ar ficou parado quando os dois pisaram dentro da tenda. As chamas da fogueira ficaram mais baixas, parecia que a tenda havia respirado fundo e segurado o ar em seguida.

Lobric não se dava ao trabalho de usar casaco. Trajava apenas uma camisa velha e artesanal, de colarinho amarrado, calças pretas pesadas e botas de couro gastas. Os trajes da esposa eram igualmente simples. Isso deveria dar a ambos a aparência de plebeus, mas uma certa autoridade de nobre ainda pairava sobre os dois. Antes de os guardas fecharem a tenda, Apollo reparou que observavam o casal com um ar muito próximo da reverência, apesar de não saberem quem Lobric e Honora realmente eram.

– Sentem-se, por favor.

O príncipe apontou para o banco que havia na frente de uma mesinha baixa repleta de velas e sentou-se em uma cadeira mais para o lado. Como pretendia passar vários dias ali, Apollo fez questão de que a tenda tivesse o máximo de conforto possível. Travesseiros, cobertores, cadeiras... tinha até uma banheira no canto.

– Obrigado por terem vindo. Que bomvê-los de novo, Majestades. Mas eu gostaria que fosse sob circunstâncias melhores. Tenho certeza de que vocês já sabem que minha esposa desapareceu.

– Minha família fará tudo o que puder para ajudar – declarou Lobric.

– Que bom ouvir isso, porque acredito que vocês podem ter acesso à única coisa da qual preciso.

Apollo pegou o pergaminho que o Lorde Robin Massacre do Arvoredo lhe dera e abriu com todo o cuidado. Na mesma hora, a parte de baixo começou a pegar fogo, como sempre ocorria. Lentamente, as chamas foram consumindo as palavras, linha por linha.

Quando o Lorde Massacre do Arvoredo lhe entregara o pergaminho, o príncipe só conseguiu lê-lo na oitava tentativa. E, mesmo assim, não conseguiu ler as últimas linhas – que sempre queimavam rápido demais. Mas lera o suficiente para saber que jamais deveria ter perdido tempo procurando o bracelete de

Vingança Massacre do Arvoredo. Era atrás da história do pergaminho que deveria ter ido, desde o início.

– Vocês sabem o que é isso? – perguntou para o casal Valor, enquanto o pergaminho continuava a queimar diante deles.

– Não – respondeu Lobric. – E você deveria saber que não gosto de teatrinhos. Se você tem um pedido a fazer, desembuche.

– Não é teatrinho – disse Apollo, como quem pede desculpas. – É apenas um efeito da maldição das histórias. – Ele se esforçou para não falar com um tom condescendente. Para aquilo dar certo, o antigo rei não poderia encará-lo como uma ameaça. – Este pergaminho contém uma lenda há muito perdida, que conta a respeito de uma árvore da qual existe apenas um único exemplar. A Árvore das Almas.

O príncipe ficou em silêncio para tentar interpretar a expressão de Lobric, mas o estoico ex-rei não esboçou reação. Nem a esposa. Mas, como o pergaminho não citava o nome de Honora, talvez ela não soubesse nada a respeito.

– Eu nunca tinha ouvido falar dessa árvore, até o dia em que um amigo me entregou o pergaminho. De acordo com o texto, corre sangue nos galhos da Árvore das Almas, e quem tiver a esperteza de encontrá-la e a bravura de beber seu sangue deixará de ser humano e será imortal.

– É bem parecido com o mito – comentou Lobric.

– Disso você entende – declarou Apollo. – O pergaminho também fala que você foi a única pessoa que conseguiu cultivar essa árvore.

– E fui – confirmou Lobric, calmamente. – E também fui tolo de tê-la plantado, para começo de conversa. A Árvore das Almas é maligna.

– Às vezes, o mal é necessário.

Por fim, durante um segundo, a expressão impassível do antigo rei se anuviou. Os lábios se retorceram. Apollo sentiu um breve lampejo de triunfo.

Lobric, então, ficou de pé e olhou para o príncipe com ar de superioridade, como se Apollo não passasse de uma mera criança.

– O mal nunca é necessário. O que existe são as péssimas decisões, e receio que você esteja prestes a tomar uma delas, menino.

O príncipe ficou mordido ao ouvir a palavra “menino”. Mas conseguiu não deixar que isso transparecesse em sua voz:

– Evangeline é uma jovem inocente, e Lorde Jacks é um imortal que tem amigos imortais. Jamais conseguirei derrotá-lo e salvar a vida da minha esposa enquanto eu for meramente humano.

Lobric soltou uma risada debochada.

– Fiquei sabendo que sua esposa foi sequestrada pelo Lorde Belaflor, não por Lorde Jacks.

– Pode até ser verdade, mas ouça bem o que eu digo: à esta altura, Jacks deve estar com ela.

– Então você deveria parar de perder tempo nessa tenda luxuosa, sair daqui, agir como um verdadeiro líder e procurar por ela – alfinetou Honora.

Apollo ficou deveras perplexo e levemente ultrajado. Ficara mordido com as palavras ditas por Lobric, mas o que Honora disse o fez sentir vergonha.

– Minha esposa tem razão – declarou Lobric. – Vá procurar sua querida princesa. E, se dá valor à própria vida, esqueça a Árvore das Almas.



## Evangeline

**E**vangeline ficou torcendo para que a Estalagem Tijolos do Passado fosse um lugar quente. Absurdamente quente. Torcia para que os quartos fossem pequenos e aconchegantes, para que as lareiras estivessem acesas e para encontrar cobertas – pilhas de cobertas. Imaginou cobertas de *patchwork* em cima de bancos, cobertas espalhadas pelo chão, cobertas cobrindo as escadarias.

Foi aí que se deu conta de que, talvez, pudesse estar delirando um pouco. E, desta vez, não era por causa de Jacks. Já se acostumara à sensação de ter o pulso dele amarrado ao seu. Entretanto, à medida que se aproximavam da estalagem, sentiu que a pulsação do rapaz começou a ficar acelerada.

– *Não tire o capuz sob hipótese alguma.*

Ainda chovia a cântaros quando Jacks puxou o capuz da capa da princesa para baixo, praticamente tapando os olhos dela.

– Mal consigo enxergar. – Evangeline levantou um pouco o capuz, para não ficar completamente vendada. – E você? Não está nem de capa.

– Não preciso de capa.

– Podem reconhecer você com a mesma facilidade que me reconheceriam. E você ainda está com uma mulher amarrada ao seu corpo.

– Tenho plena consciência disso – resmungou o rapaz. – É só você fazer tudo o que eu fizer e concordar com tudo o que eu

disser.

Antes que desse tempo de Evangeline fazer mais alguma pergunta, ele abriu a porta.

A estalagem não era revestida de cobertas, como Evangeline imaginara, mas era pitoresca e convidativa, pelo menos até onde ela conseguia ver.

Vigas de madeira com lampiões de vidro pendurados, um diferente do outro, cruzavam o teto – pareciam estrelinhas perdidas iluminando as escadarias que ficavam nas laterais do salão. Entre elas, havia um corredor, que levava a uma taverna silenciosa, iluminada pelo brilho difuso dos lampiões. Devia ser muito tarde, porque os únicos fregueses da taverna eram um casal conversando baixinho enquanto bebia canecas de cerveja já pela metade e um gato branco peludo, que bebia leite de um pires em cima de um dos cantos do balcão.

– Em que posso ajudá-los? – perguntou a taverneira.

– Precisamos de um quarto para passar a noite. – Nesta hora, Jacks ergueu os pulsos amarrados dos dois, escondendo o rosto de Evangeline. – Acredito que temos reserva. Escrevi no início da semana, pedindo um quarto para mim e para minha esposa.

### *Esposa.*

Essa palavra suscitou uma horda de sentimentos, uma vibração no peito de Evangeline, e a fez virar a cabeça. Tinha gostado de ouvir o rapaz dizer a palavra “esposa”, mais do que deveria. Só que ele também falou que havia mandado uma carta para a estalagem no início da semana.

Jacks havia planejado aquilo – *e os planos de Jacks nunca acabam bem.*

Evangeline não conseguia se lembrar por que achava isso. Tentou se lembrar de algumas coisas que Jacks havia planejado no passado. Mas só conseguia recordar de que a pulsação dele ficara acelerada lá fora, há poucos instantes, e que, antes disso, havia dito que Evangeline não deveria ficar olhando para ele. E,

agora, a princesa estava com um pressentimento terrível e súbito em relação àquele plano.

– Preparada, meu amor? Ou quer que eu te carregue no colo?  
– perguntou Jacks.

Evangeline só ouviu a palavra “amor”. Tentou se convencer de que o rapaz estava fingindo, desempenhando um papel na farsa que havia inventado, seja lá qual fosse. Mas ficou um tanto sem ar quando ele cortou a corda que prendia os pulsos dos dois e, em seguida, a pegou no colo, com a maior facilidade.

O coração da princesa bateu mais forte enquanto Jacks subia a escada. Adorava a sensação de estar nos braços dele, mas não conseguia se livrar da impressão de que alguma outra coisa – que não adorava – estava acontecendo.

– Jacks, o que você está planejando? – sussurrou. – Por que você me trouxe para cá? Por que estamos fingindo que somos casados?

– Você faz muitas perguntas.

– Só porque você faz muitas coisas questionáveis.

Ele a ignorou. Chegando ao primeiro andar da estalagem, lá pela metade do corredor, havia uma porta entreaberta. A luz difusa das velas vazava por baixo da porta, iluminando a entrada. Jacks passou pela porta, e o que havia do outro lado não parecia ser nem um pouco sinistro.

O quarto era um sonho campestre. Tudo era verde, dourado e cor-de-rosa.

Lampiões de vidro verde-esmeralda bruxuleavam, pendurados dos dois lados da cama, que tinha uma cabeceira entalhada, parecendo uma árvore florida. A colcha era de um tom claro de verde-floresta e estava coberta de pétalas rosa-claro. Também havia pétalas espalhadas pelo chão de madeira e na cornija da lareira, onde alguns troncos queimavam silenciosamente, lançando um brilho suave por todo o quarto.

Evangeline sentiu o peito de Jacks se movimentar, porque ele respirou fundo. O coração do rapaz tornara a bater mais rápido.

E, agora, o dela também batia acelerado. Mas ela receava que fosse por um motivo diferente do de Jacks.

Teve a impressão de que o tempo passou mais devagar enquanto ele a carregou até a cama. O ar estava quente, por causa da lareira, e tinha um cheiro adocicado, por causa de todas aquelas pétalas de flores. Tudo tinha uma aparência perfeita, de sonho – menos Jacks.

Ele não olhava para Evangeline. Na verdade, a impressão era de que ele olhava para tudo, menos para ela, quando a colocou em cima da cama, com todo o cuidado.

Em seguida, pôs a mão nas tiras que prendiam facas nas suas pernas.

– O que você está fazendo? – Evangeline se ajoelhou na cama quando Jacks pegou um pequeno frasco de estanho, no qual ela não havia reparado até então. – O que é isso? – perguntou, nervosa.

O rapaz ficou mexendo o maxilar, bem devagar.

– Eu menti. Eu gostaria, sim, que a gente pudesse ter um final diferente. – Então tirou a rolha do frasco. – Adeus, Evangeline.

– Por que você está dizendo adeus?

A princesa entrou em pânico, porque Jacks começou a virar o frasco em cima dela.

Não fazia ideia de qual era o conteúdo daquele frasco. Ainda não acreditava que o rapaz fosse lhe fazer mal. Mas não tinha dúvidas de que ele a abandonaria.

Será que estava planejando fazê-la dormir? Será que havia alguma poção sonífera dentro daquela ampola?

A princesa saiu da cama, foi para cima do rapaz e derrubou o frasco da mão dele. A ampola saiu voando.

– Não! – Jacks tentou se mexer. Mas, pela primeira vez, não foi rápido o suficiente.

Um pó dourado e cintilante se derramou do frasco, feito um feitiço, e se espalhou por todo o quarto. Evangeline conseguia sentir suas bochechas, seus cílios, seus lábios, sendo polvilhados.

Ela se esforçou para não ingerir o pó. Mas, seja lá o que fosse aquilo, a afetou pelo simples contato. O quarto estava girando tanto que dava a impressão de que o mundo fazia um barulhinho agradável, e o pó dourado brilhava ao redor dos dois. Jacks, pelo jeito, era o que mais brilhava. Na verdade, parecia que ele nascera para brilhar. O cabelo, as maçãs do rosto, a boca emburrada... tudo estava lindamente dourado e brilhando.

Parecia que ele também estava sendo afetado por aquele pó.

Evangeline ficou olhando Jacks sacudir o cabelo para tentar se livrar daquela cintilância, mas as mechas ainda estavam úmidas, e o pó dourado era teimoso. Um segundo depois, desistiu de sacudir o cabelo e tentou fazer cara feia, mas só conseguiu fazer uma expressão petulante. A impressão era que, de repente, tudo o que Jacks tinha de mais pronunciado havia se suavizado, e ele estava levemente atordoado.

– Você é um perigo – resmungou o rapaz, enquanto as partículas douradas rodopiavam ao seu redor. – O frasco poderia estar cheio de veneno!

– Você teria me envenenado?

– Já fiquei tentado a fazer isso, em mais de uma ocasião...

Jacks dirigiu o olhar para os lábios de Evangeline e foi ali que seus olhos se fixaram. E ficaram mais escuros quando ele fez isso.

A princesa sentiu um calor na pele e começou a pensar que ela e Jacks tinham definições bem diferentes de “veneno”.

Algo cutucou seus pensamentos, em segundo plano. *A boca cruel de Jacks. Os lábios dela. Morte e beijos e casais de estrelas fadados ao fracasso.*

A princesa teve a sensação de que esses pensamentos eram cacos de uma lembrança. Tentou se agarrar a eles, tentou se lembrar. Se, ao menos, conseguisse se lembrar, talvez pudesse convencer Jacks a ficar. Mas tudo estava muito enevoado dentro de sua cabeça, por causa daquele pó dourado.

O calor no quarto estava cada vez mais intenso. Evangeline queria fechar os olhos e deitar na cama, até tudo parar de

rodopiar. Mas teve medo de que, se fechasse os olhos, Jacks teria ido embora quando tornasse a abri-los. *Para sempre, desta vez.*

Ele acabara de lhe dar adeus. Disse que gostaria que a história dos dois tivesse um final diferente, como se já tivessem chegado à última página.

Só que Evangeline queria mais páginas.

Jacks virou a cara e lhe deu as costas para ir embora, mas Evangeline segurou o pulso dele com as duas mãos.

– Não vou deixar você ir embora. Você falou que é o *meu* monstro. Se é meu, por que me trouxe até aqui e agora vai embora? Nada disso faz sentido.

Jacks cerrou os dentes e declarou:

– O fato de eu ser seu não significa que você seja minha.

Ele até podia ainda estar sob efeito do pó dourado e cintilante, mas Evangeline não tinha como saber. Todos os traços pronunciados do rapaz estavam de volta, e Jacks ficou parado ali, de cabelo molhado e olhos ardentes. Olhos que tinham um brilho sobrenatural, quase febril.

*Não posso ficar com você. Não fomos feitos um para o outro.*

Jacks se afastou...

Mas Evangeline o segurou com força. Tentou resistir ao sono que tomava conta dela e declarou:

– Não acredito em você, Jacks. Posso até não me lembrar de tudo a seu respeito. Mas eu te conheço. *Sei que te conheço.* E não acredito que não haja nada que você possa fazer.

– Não posso fazer isso – retrucou ele, com um tom ríspido.

Assim, de tão perto, Evangeline conseguia ver que os olhos de Jacks tinham uma borda de um vermelho lustroso. Que era muito parecido com... sangue?

Ele fechou os olhos, como se não quisesse que ela visse a mancha, mas fazer isso só lhe deu um ar ainda mais perdido. Perto e muito distante, tudo ao mesmo tempo.

Evangeline ouviu uma gota d'água pingar no chão. Achou que poderia ser uma lágrima, mas era água da chuva pingando do

gibão de Jacks.

O fogo da lareira e o pó dourado haviam neutralizado boa parte do frio, mas as roupas dos dois continuavam completamente encharcadas.

Timidamente, Evangeline pôs a mão no primeiro botão do gibão de Jacks.

Ele abriu os olhos de repente e perguntou:

– O que você acha que está fazendo?

– Suas roupas estão molhadas – sussurrou, já abrindo, bem devagar, o primeiro botão, que fez um clác baixinho. Foi um ruído fraco, mas, sabe-se lá como, tomou conta do ambiente.

Lá fora, a chuva batia forte na janela fina, sacudindo o vidro. Mesmo assim, Evangeline ouviu o ruído de cada botão sendo aberto, um por um.

– Essa é uma péssima ideia – murmurou Jacks.

– Achei que você gostava de péssimas ideias.

– Só quando são minhas.

Ele nem se mexeu quando Evangeline passou os dedos na casa do último botão com todo o cuidado. Por um segundo, não havia chuva, não havia respiração. Havia apenas os dois.

Cuidadosamente, Evangeline afastou o tecido do gibão de Jacks.

E aí sentiu a mão dele envolvendo seu pulso.

– Minha vez – disse Jacks, meio rouco.

Quando o rapaz pôs a mão no laço que prendia a capa de Evangeline, a jovem poderia jurar que estava sentindo a voz de Jacks roçando na pele dela.

As mãos sem luvas de Jacks estavam quentes, por causa do pó dourado. Evangeline conseguia sentir as pontas ardentes dos dedos dele, que desfizeram, delicadamente, o nó que prendia a capa no pescoço. Os dedos mal roçaram na pele dela, mas, de repente, Evangeline pegou fogo, porque Jacks tirou a capa dos ombros dela.

Evangeline estava de vestido por baixo da capa, mas poderia muito bem não estar com nada, pelo jeito como Jacks olhava para ela. Não queria respirar. Não queria se mexer, de medo que o rapaz parasse por ali, que ele a deixasse com aquele vestido molhado, que jamais tentasse abrir os laços que ficavam na altura dos seus seios.

Jacks respirou fundo, ofegante, colocou as mãos na cintura de Evangeline e a levou, com toda a delicadeza, até a cama, ajeitando seu corpo até ela ficar totalmente deitada em cima da colcha. Evangeline conseguia sentir as pétalas de flores grudando em sua pele úmida, e Jacks pairando em cima dela, posicionando um joelho ao lado de cada uma das suas pernas.

O rapaz baixou o olhar.

Evangeline sentiu um frio na barriga, porque Jacks segurou as alças do vestido e foi deslizando lentamente, até caírem dos ombros. E ficou ainda mais zonza quando ele pôs as mãos no corpete de veludo do vestido. Abriu os colchete escondidos que fechavam a peça e baixou o corpete até os quadris, deixando a jovem apenas com a combinação de seda. Era para ela respirar com mais facilidade sem o corpete. Mas aconteceu o contrário, esqueceu de como se fazia isso.

O que era respirar? O que eram palavras? Evangeline só sabia que as mãos de Jacks, quentes e curiosas, apalpavam seu corpo, subindo dos quadris até a cintura. Pode ter suspirado quando roçaram nos seios. As mãos de Jacks eram tão quentes que a princesa conseguia senti-las através da combinação. Depois, conseguia senti-las na pele, porque ele pôs a mão debaixo da combinação e a colocou bem em cima do coração de Evangeline.

O quarto rodopiou mais rápido e, desta vez, não tinha nada a ver com o pó dourado.

A única magia naquele quarto era a da carícia, das batidas do coração e de Jacks. E, por um instante, foi perfeito. Evangeline tinha a impressão de que Jacks era dela e que ela era de Jacks.

Não queria se mexer. Não queria falar nada, com medo de quebrar aquele encantamento que afetava a ambos naquele momento. Mas também queria acariciá-lo, queria chegar mais perto. Se aquele fosse todo o tempo que teria para ficar com Jacks, se ele iria embora pela manhã, ela queria mais.

Pôs as mãos nos ombros do rapaz e falou:

– É minha vez de novo.

E então fez pressão no corpo dele, obrigando-o a deitar, a permitir que o acariciasse, como fizera quando abrira os botões do gibão – que Jacks ainda não havia tirado.

Evangeline pôs as mãos debaixo do tecido úmido, prestes a tirar o gibão de Jacks. E foi aí que sentiu. Os dedos roçaram em um pedaço de papel.

Ele murmurou alguma coisa muito parecida com “não”.

Ou, talvez, a princesa só tenha ouvido essa palavra ser pronunciada dentro da própria cabeça.

Os olhos de Jacks estavam fechados, polvilhados com uma perfeita camada dourada. E, de repente, ele ficou imóvel, tirando o subir e descer do peito.

Finalmente cedera ao feitiço sonífero do pó dourado.

Evangeline ainda estava com a mão por dentro do gibão, encostando no papel. Seria por isso que, há pouco, Jacks a impedira de tocar nele?

Sentiu-se um pouco culpada ao puxar a beirada do papel, mas a culpa estava longe de ser suficiente para impedi-la de tirar o papel do gibão. A folha estava milagrosamente seca, mas parecia um tanto gasta, como se fosse algo que Jacks havia dobrado e desdobrado para reler inúmeras vezes. E, na mesma hora, Evangeline reconheceu aquela letra desbotada.

Era a sua própria letra.

*Caso você se esqueça do que o Príncipe de Copas fez e fique tentada a confiar nele novamente.*

Evangeline releu rapidamente essas palavras, torcendo para que a lembrança de tê-las escrito viesse à tona. Mas nada aconteceu. Abriu a carta, com cuidado para não a rasgar, já que o papel era tão fino e gasto.

Devia ser algo importante, já que Jacks andava por aí com isso no bolso e relera inúmeras vezes.

A folha estava toda escrita com a letra dela – mas não era uma carta para Jacks, era uma carta para a própria Evangeline. Uma carta que havia escrito para si mesma.

Por que Jacks andaria com aquilo no bolso?

Como na primeira dobra da carta, no restante da página a letra estava tão desbotada que ela quase não conseguiu ler.

Cara Evangeline,

Uma hora ou outra, você o verá novamente. E, quando isso acontecer, não se deixe enganar por ele. Não se deixe iludir pelas corinhas encantadoras, os olhos azuis sobrenaturais nem pelas reviravoltas que seu estômago poderá dar quando ele te chamar de "Raposinha" – não é um apelido carinhoso, é apenas mais uma forma de manipulação.

O coração de Jacks pode até bater, mas não sente nada. Se ficar tentada a confiar nele de novo, lembre-se de tudo o que o Arcano já fez.

Lembre-se de que foi ele que envenenou Apollo, para poder incriminá-la pelo assassinato e assim concretizar uma profecia há muito esquecida – uma profecia que transformará você na chave que pode abrir o Arco da Valorosa. É só isso que Jacks quer, abrir o Arco da Valorosa.

Provavelmente, ele será gentil com você em algum momento do futuro, para tentar te influenciar a destrancar o arco. Não faça isso.

Lembre-se do que Jacks te disse naquele dia, dentro da carruagem: ele é um Arcano, e você não passa de uma ferramenta para ele. Não se permita esquecer do que Jacks é nem sinta compaixão por ele novamente.

Se precisar confiar em alguém, confie em Apollo, quando ele despertar. Porque ele vai despertar. Você encontrará uma maneira de curá-lo e, quando encontrar, acredite: vocês dois darão um jeito de serem felizes para sempre, e Jacks terá o que merece.

Boa sorte,

Evangeline

Pode ter sido por causa da magia da carta, do fato de a Evangeline do passado ter pedido a si mesma para *se lembrar*, repetidas vezes, como se soubesse que, um dia, esqueceria.

Ou pode ter sido outro tipo de magia que se avolumou dentro de Evangeline, já que ficou imaginando por que Jacks andaria por aí com aquela carta no bolso. Não era uma carta de amor. Muito pelo contrário, na verdade. E, mesmo assim, ele a relera inúmeras vezes. Carregara no bolso, perto do coração. As palavras de Evangeline – ou melhor: as palavras da pessoa que Evangeline fora um dia. E ela queria voltar a ser essa pessoa. Ela queria se lembrar!

E, por fim... aconteceu.

Ela se lembrou.



## Evangeline

**A**s lembranças começaram feito chuva: foram caindo lentamente em cima de Evangeline e borrando tudo ao redor, à medida que ia recordando de ter escrito aquela carta para si mesma. Foi a primeira coisa da qual se lembrou. Estava sentada em seus aposentos reais, prestes a cair em um choro de raiva, mas também estava de coração partido. Não reconhecia essa emoção na ocasião, mas a Evangeline de hoje reconheceu na mesma hora esse sentimento.

Era a mesma dor no coração que sentia desde que perdesse suas lembranças. Achava que iria embora quando essas lembranças voltassem à tona, mas tinha a impressão de que aquela mágoa crescia à medida que suas recordações deixavam de ser um chuvisco enevoado e se tornavam um temporal constante.

Recobrou as lembranças relacionadas a Jacks. Lembrou-se de quando foi à igreja dele, devê-lo pela primeira vez e de tê-lo achado terrível. Depois, deu-se conta de quem ele era – de que o rapaz que vira, na verdade, era o mítico Príncipe de Copas. E de que, logo em seguida, continuou achando que Jacks era uma péssima pessoa.

A cada encontro com Jacks, Evangeline achava que o Arcano havia ficava um pouco pior. Estava sempre comendo maçãs e debochando dela e, mesmo quando a acudia do perigo, era um desgraçado. Lembrou-se da noite em que foi envenenada pelas

lágrimas de LaLa. Que Jacks a abraçara com apego, como se ela fosse uma mágoa. Ficou com o corpo rígido e tenso, como se não quisesse muito que Evangeline estivesse ali. E, apesar disso, abraçou-a firmemente pela cintura, como se não tivesse intenção de soltá-la, nunca mais.

Na ocasião, Evangeline continuou achando que Jacks era uma péssima pessoa. Mas, à medida que revivia aquela noite, algo dentro dela mudou. Isso aconteceu de novo quando reviveu a noite seguinte, que passou com ele na cripta.

De repente, comprehendeu por que pensar em Jacks a fazia pensar em morder.

E havia outras lembranças relacionadas a mordidas também – a vontade de afundar os dentes no Arcano quando foi infectada com veneno de vampiro e, depois, a sensação de realmente ter mordido o ombro dele, quando sentira uma dor excruciante, a noite em que Evangeline matou Petra.

Lembrou-se de tudo isso em uma retrospectiva-relâmpago. Recordou que tanto ela quanto Petra eram chaves profetizadas que podiam abrir o Arco da Valorosa. E que Evangeline estava tentando encontrar as quatro pedras do arco para fazer isso, e Petra tentara matá-la para impedir que conseguisse.

Evangeline matou Petra em legítima defesa. Jacks a encontrou logo em seguida, banhada em sangue. Então, a levou para a Grotta, onde por fim admitiu para si mesma que era perdidamente apaixonada pelo Príncipe de Copas.

Estava apaixonada por ele havia um bom tempo. Não sabia se essa parte era uma lembrança ou apenas um pensamento que andava tendo ultimamente.

Tinha a sensação de que as lembranças não eram tanto do seu passado, mas da história dos dois. A história de Evangeline e de Jacks. E era uma linda história, sua nova história preferida. Odiava o fato de tê-la esquecido. Odiava o fato de tê-la perdido e de Apollo ter tentado reescrevê-la, ter lhe dito que Jacks é quem era o vilão.

Entretanto, justiça seja feita: do ponto de vista de Apollo, Jacks era mesmo. Havia lançado um feitiço de amor no príncipe, depois o colocou em um estado de sono encantado. Não foi o Príncipe de Copas quem lançou a maldição espelhada nem a maldição do Arqueiro em Apollo, mas Evangeline pensou que o marido poderia não estar a par disso.

Apesar de estar recobrando a memória, ainda havia diversas coisas que não sabia. Continuava sem saber o que estava trancafiado dentro da Valorosa.

Ninguém conseguira lhe contar, por causa da maldição das histórias. Mas Evangeline percebera que tinha parado de se importar com o que havia dentro da Valorosa assim que ficou sabendo que Jacks não queria abri-la de fato: queria apenas usar as pedras do Arco da Valorosa para voltar no tempo, para ficar com a pessoa que fez seu coração voltar a bater. *Donatella*.

Evangeline teve a sensação de que se lembrar desta parte era reviver tudo aquilo.

O coração da princesa se despedaçou quando ela se lembrou de Jacks falando “Quero apagar cada instante que eu e você passamos juntos, cada palavra que você me disse e cada vez que encostei em você. Porque, se não fizer isso, vou te matar, assim como matei a Raposa”.

Ela tentou argumentar: “Não sou aquela raposa!”.

Mas Jacks tinha absoluta convicção de que não haveria um final feliz para os dois. E contou para Evangeline que era o Arqueiro.

E ela teve uma súbita certeza de que foi por isso que seu coração se partiu na primeira vez que Madame Voss comentou sobre *A balada do Arqueiro e da Raposa*. Não por causa do nome “Arqueiro”, mas porque era a história de Jacks, e Evangeline sabia como terminava. Sabia que Jacks havia matado a Raposa; e ele acreditava que, um dia, mataria Evangeline também.

Acreditava naquilo com uma convicção tão inabalável que pretendia voltar no tempo para tentar seduzir uma pessoa que nem amava e queria fazer isso de um modo que Evangeline e ele

jamais tivessem se conhecido, efetivamente apagando as lembranças dela e a história dos dois.

Evangeline se lembrou de ter ficado magoada e furiosa e de ter brigado com Jacks por causa disso, depois de abrir o Arco da Valorosa. E de ter implorado para o Arcano ficar com ela, mas o Príncipe de Copas preferiu abrir mão dos dois. Ele falou: "Só quero que você vá embora".

E foi isso que Evangeline fez. Foi embora.

Mas ir embora era complicado. Bem lá no fundo, Evangeline sabia que o Arcano gostava dela. Acreditava que Jacks queria ficar com ela. Mas também sabia que Jacks tinha tanto medo de matá-la que jamais optaria por ficar com ela. O Príncipe de Copas acreditava que já havia encontrado seu verdadeiro amor e que esse amor não era Evangeline.

Só que ela jamais havia dito para o Arcano que o amava. Jacks ficaria com medo, assim como Evangeline também ficara. Ela havia dito que gostaria que a história dos dois tivesse um final diferente, mas deveria ter dito o quanto o amava. O amor é a magia mais poderosa do mundo.

Mas o amor decepcionou Evangeline naquela noite. Ele não foi suficiente.

Ela ainda era apaixonada por Jacks e, contudo, tanto a Evangeline do passado quanto a do presente tinham a sensação de tê-lo perdido.

A Evangeline do passado pareceu ser tão ingênua aos olhos da Evangeline do presente quando se recordou de ter corrido atrás de Jacks, acreditando que, se tivesse a chance de dizer que o amava, consertaria tudo.

Era óbvio que não tinha consertado nada.

E, apesar de tudo, havia um lado da Evangeline do presente que tinha inveja da crença natural na esperança e na magia do amor que sua antiga versão possuía.

Ela ainda conseguia sentir esperança, mas não era mais a mesma coisa, desde aquela noite. Pensando nisso, Evangeline

concluiu que talvez essa mudança fosse consequência de ter perdido Jacks naquela noite, apesar de ter fé, de ter esperança e de ter determinação.

Quando voltou correndo para a sala do Arco da Valorosa, para dizer que o amava, Jacks não estava mais lá.

Evangeline achou que o Príncipe de Copas ainda não havia voltado no tempo, porque ainda conseguia se lembrar de Jacks. E também conseguia ver todas as quatro pedras mágicas do Arco da Valorosa.

Mas nem sinal de Jacks: só viu o sangue dele, manchando as asas dos anjos de pedra que guardavam o Arco da Valorosa.

E aí Apollo apareceu. Ela pensou que o príncipe iria permitir que ela fosse embora. Tudo o que Evangeline fazia causava sofrimento a Apollo. Ele ficaria muito melhor sem Evangeline, mas não permitiria que a esposa fosse embora.

Na verdade, Evangeline nunca foi de acreditar no destino. Mas, por um segundo, foi difícil acreditar no amor, porque ela se lembrou que o próprio marido arrancara suas lembranças.

Apollo ficou fazendo cafuné em Evangeline enquanto roubava todas as lembranças, uma por uma. A garota tentou detê-lo. Debateu-se, implorou e chorou.

Mas o príncipe ficou só dizendo, calmamente: "Logo vai melhorar".

– Cretino!

Evangeline teve vontade de bater em Apollo, de machucá-lo. Mas, quando acordou daquele estado de sonho em que fora mergulhada pelas próprias lembranças, só conseguiu bater no colchão.

Então se deu conta de que estava de volta ao presente. À cama verde-floresta em que Jacks a deitara na noite anterior.

Só que não havia nenhum Jacks ali.

Evangeline sentia a ausência do Príncipe de Copas do mesmo modo que sentia a presença dele antes de perder suas

lembranças. Era uma sensação de frio e arrepio na pele, no corpo todo, que a deixava congelada e com medo.

Ela tentou se convencer a não entrar em pânico.

Mas ainda estava abalada por ter mergulhado no próprio passado e presente. Não apenas se lembrou de Apollo roubando suas lembranças, tinha sentido tudo. Agora entendia por que o coração batera, dizendo “perigo, perigo, perigo”, logo na primeira noite, quando o príncipe a levou para o topo do castelo. Na ocasião, Evangeline não deu ouvidos àquele sinal. Muito pelo contrário: beijou Apollo.

Será que era por isso que Jacks resolvera abandoná-la? Será que pensava que ela estava apaixonada pelo marido?

Pensar nisso fez Evangeline se sentir tão mal que ela teve dificuldade para levantar da cama. Mas precisava encontrar Jacks. Precisava explicar que havia se lembrado de tudo. E tinha que dizer para o Arcano que o amava.

Ao refletir sobre as ações de Jacks, teve a impressão de que a maioria queria dizer que ele também a amava. Jacks sempre voltava, sempre protegia Evangeline. Mas também sempre a abandonava.

Toda nervosa, ela pegou o vestido largado no chão. Foi aí que viu um objeto no próprio braço.

Em volta do pulso direito havia um bracelete largo, de vidro. Frio e transparente, feito um cristal. Quando tentou puxá-lo, o bracelete não saiu do lugar.

À primeira vista, não tinha nenhum tipo de fecho e era justo demais para Evangeline conseguir tirar passando por cima da mão. Era como se tivesse sido soldado direto no pulso dela, de alguma maneira.

*O que Jacks fez?*

Porque Evangeline sabia que aquilo era obra de Jacks. Só podia ser isso. O Arcano havia planejado levá-la até ali e fazê-la dormir com aquele pó dourado. Deve ter sido para conseguir colocar o bracelete nela. Mas por quê?

Evangeline examinou aquele misterioso objeto de vidro. À primeira vista, parecia ser liso. Mas, olhando bem, viu que era gravado com delicadas flores de cerejeira, que davam a volta no bracelete, como se fossem flores saindo da árvore.

Tentou recordar se já ouvira alguma lenda em que aparecesse um bracelete como aquele, mas não conseguiu se lembrar de nada. E, com ou sem bracelete, precisava sair dali. Tinha que encontrar Jacks antes que Apollo a encontrasse.

Àquela altura, o príncipe com certeza ficara sabendo que ela estava desaparecida e, provavelmente, havia mandado metade de seu exército à procura dela.

Evangeline pôs o vestido às pressas. Pegou a capa, jogou em volta dos ombros, cobriu o cabelo com o capuz e se dirigiu à porta. Não tinha prestado muita atenção quando entrou ali, já que estava mais concentrada no fato de estar envolvida pelos braços de Jacks.

Reparou que a porta até que era bem bonita. Não era um simples retângulo, tinha uma ponta na parte de cima. Era de um tom de verde levemente desbotado, com uma linda pátina dourada. A maçaneta também talvez fosse um tanto linda, mas Evangeline não conseguia vê-la por causa das manchas de sangue. Um sangue vermelho-escuro, com partículas douradas e cintilantes, cobria toda a maçaneta.

De repente, voltou para a noite em que abrira o Arco da Valorosa, quando encontrara o sangue de Jacks espalhado por todas as pedras.

– Não, não, não... Isso não pode estar acontecendo de novo.

O fato de Evangeline ter se lembrado de tudo com tanta clareza quase piorava a situação. Saber que aquilo já acontecera antes. Saber que Jacks optara por mandá-la embora de sua vida e depois sumira, sem que ela tivesse conseguido dizer que o amava. Saber que o amor havia perdido, não vencido.

As mãos de Evangeline tremiam quando ela girou a maçaneta ensanguentada. E, depois, tremeram ainda mais. Havia mais

sangue do lado de fora do quarto, esparramado pelo chão do corredor.

– Jacks! – gritou, desesperada. – Jacks...

A princesa se calou de repente, porque se lembrou de que Jacks era um foragido. Queria encontrá-lo com urgência, mas não queria alertar mais ninguém de que ele poderia estar por perto.

Sem dizer mais nem uma palavra, desceu correndo a escada. Agora que parara de gritar, conseguia ouvir a chuva batendo nas paredes lá fora, mas tudo o mais estava mergulhado em um silêncio muito estranho para uma estalagem onde havia uma taverna. Um silêncio incômodo. Um silêncio exagerado.

O último passo que deu para descer a escada fez um ruído que mais parecia um trovão. Evangeline sabia que algo havia acontecido mesmo antes de encontrar os cadáveres.

Eram três. Três corpos sem vida, imóveis. A princesa os viu antes de sua visão ficar turva, com bordas borradadas e milhares de pontinhos pretos no meio.

De pernas bambas, agarrou-se no corrimão para não cair. Um ruído inaudível escapou de sua garganta. Um grito – uma maldição. Não sabia que palavras haviam saído de sua boca nem por quanto tempo ficou parada ali.

Em um estado letárgico, Evangeline se obrigou a verificar se havia algum sinal de vida. Aproximou-se primeiro da taverneira, que estava deitada tão perto da porta que dava a impressão de ter tentado fugir antes de ter a garganta dilacerada. Os outros dois cadáveres estavam perto da lareira, e ela achou que ambos haviam sido pegos de surpresa.

Parecia que um animal selvagem atacara aquelas pessoas, mas Evangeline sabia que não havia sido isso, agora que recobrara todas as suas lembranças.

Aquilo era obra de um vampiro.

Talvez ela tenha sido poupada por causa de Jacks – mas, se tinha sido isso mesmo, onde o Arcano estava? Por que havia sangue dele no quarto? E o corpo do Príncipe de Copas não

estava ali com os demais. A cabeça de Evangeline rodopiava, com um milhão de perguntas, enquanto ela saía, cambaleando, da taverna. Será que Jacks estava ferido? Morto? Será que fora mordido?

Evangeline jurou que voltaria ali para cobrir os cadáveres com lençóis e panos. Mas, antes, precisava encontrar Jacks, urgentemente.

Lá fora, a chuva ainda caía sem cessar, aos borbotões. Só conseguia enxergar poucos metros mais adiante, mas pensou ter ouvido alguém se aproximar.

Um pássaro conhecido grasnou, e Evangeline ficou petrificada na mesma hora.

Um segundo depois, um vulto começou a se aproximar dela em meio à chuva. Um vulto que, definitivamente, não era de Jacks.

Gerrick, da Guilda dos Heróis, estava quase escondido pela capa e pelo capuz que usava. Mas ela o reconheceu, por causa daquele pássaro terrível, empoleirado em seu ombro.

Evangeline começou a andar para trás, tentando voltar para a estalagem. Mas a trilha estava escorregadia. Seu pé deslizou.

– Está tudo bem, princesa. Não estou aqui para lhe fazer mal. – Garrick, então, a segurou pelo braço, como se quisesse impedir que caísse. – Vim aqui para salvar sua vida.

– Não preciso que ninguém me salve. – Evangeline tentou se desvencilhar de Garrick. Mas o homem a segurava com ferocidade, como se não se importasse de machucá-la: os dedos apertaram tanto que deixaram marcas. – Senhor, me solte.

– A senhora está toda molhada – resmungou ele. – Precisa voltar lá para dentro.

Ela deu um passo. Mas aí se lembrou de que não era apenas Evangeline Raposa, era a Princesa Evangeline Raposa.

– Você precisa me soltar agora – ordenou. – Ordem que você me solte.

O herói soltou um palavrão entredentes e falou mais alguma coisa, que soou como “realeza inútil”.

– Desculpe, *princesa*, mas a senhora virá comigo e com os meus homens.

Garrick estalou os dedos duas vezes, e outros vultos se aproximaram em meio à chuva constante. Havia, pelo menos, meia dúzia de homens, todos encobertos por capas iguais às de Garrick. Mesmo assim, Evangeline não teve nenhuma dificuldade para perceber que todos eram maiores do que ela.

Não poderia se livrar da situação lutando com aqueles homens. Mas talvez conseguisse convencê-los a permitir que fosse embora.

– Você não está entendendo. – Nesta hora, a princesa fincou os pés no chão enlameado. – Dentro da estalagem não é um local seguro. Vá ver com seus próprios olhos. Mas, por favor, não me leve junto. Não consigo voltar para aquele lugar.

– Não se preocupe – respondeu Garrick. – Não existe local mais seguro do que na nossa companhia.

– Então por que tenho a sensação de que sou sua prisioneira? – protestou.

O homem soltou um suspiro, debaixo do capuz.

– Tudo bem, a senhora é nossa prisioneira. Mas isso não quer dizer que eu não vou garantir sua segurança.

Evangeline continuou discutindo, mas Garrick a levou para dentro da estalagem com toda a facilidade, seguido por seu bando de “heróis”.

O ar tinha um cheiro fétido, metálico, de sangue, e fedia a morte.

A taverneira ainda estava deitada no chão, congelada, na mesma posição horripilante em que Evangeline a encontrara.

Os dedos de Garrick pressionaram o braço da princesa com mais força. Foi o único indício de que ele talvez tivesse se abalado com aqueles cadáveres.

O homem tirou o capuz. Era a primeira vez que Evangeline o via sem máscara. Tinha um rosto belo, mas brutalhado, completamente desprovido de emoção.

E, em seguida, já estava dando ordens, aos gritos:

– Leif, Corvo, Thomas: vocês três vão lá para cima, verificar os quartos. Ver mais quantas pessoas estão mortas.

De imediato os homens subiram as escadas, como se marchassem, sacudindo a madeira, enquanto Garrick se dirigia a Evangeline:

– A senhora viu quem fez isso, Alteza?

– Se quiser que eu responda às suas perguntas, terá que me soltar.

– Não precisamos dela. Deve ter sido Lorde Jacks – disse um dos homens de Garrick que continuava no térreo.

– Não – respondeu a princesa, na mesma hora, olhando feio para o homem. – Não foi Jacks.

– Minha esposa está, obviamente, atordoada – disse uma voz que, na mesma hora, fez a pele de Evangeline ficar toda arrepiada.

Apollo estava ali. Ela estava escutando os passos do príncipe vindo na direção dela. E então sentiu a mão dele roçar na base da sua coluna.

Evangeline virou para o lado e deu um tapa bem forte no rosto de Apollo. O ruído que sua mão fez ao bater no rosto do príncipe ecoou pela estalagem – um ruído alto, de ossos se partindo, satisfatório.

“Seu verme, principezinho detestável convencido e covarde”, pensou, ao ver a pele de Apollo ficar com um tom inflamado de vermelho.

Evangeline não disse para Apollo que sabia de tudo o que ele havia feito. Não disse que sabia quem o príncipe realmente era e que jamais seria dele. Teve vontade de dizer. Mas não era tola a esse ponto. Ainda mais que Apollo estava cercado de guardas e heróis, que poderiam subjugá-la facilmente, caso começasse a brigar com o príncipe como se deve.

– Ai, Apollo! – exclamou, em vez de brigar. – Você me assustou.

O príncipe massageou o próprio rosto.

– Não sabia que você era capaz de bater tão forte, minha querida.

Disse essas palavras em tom de brincadeira, mas Evangeline poderia jurar que o marido espremeu os olhos. Tentou se convencer de que Apollo não teria como saber que ela havia recobrado suas lembranças.

E foi aí que Evangeline se deu conta de que o príncipe jamais poderia descobrir.

Ela precisava continuar fingindo e não só porque os guardas e heróis mercenários de Apollo estavam ali. Se o príncipe ficasse sabendo que Evangeline recuperara a memória poderia simplesmente roubá-las de novo. Por fim ela entendera por que o príncipe enviara médicos para verificar seu estado de saúde todos os dias. Queria se certificar de que, se alguma parte do passado da esposa começasse a vir à tona, poderia simplesmente apagá-lo.

Apollo era terrível. Evangeline sabia que ele era terrível, mas a magnitude da farsa elaborada pelo marido a foi atingindo com uma força crescente. Ela queria bater na cara do príncipe de novo, de gritar, berrar e descarregar sua raiva – muita raiva – nele, mas precisava tomar mais cuidado.

E tinha que começar a fazer isso imediatamente.

Tentou se diminuir. Garrick, finalmente, havia soltado seu braço, quando Apollo apareceu. Evangeline cruzou os braços em cima do peito e baixou a cabeça, como se estivesse abalada e assustada, coisa que deveria estar. Mas era tão difícil sentir isso com toda aquela raiva pulsando dentro dela.

Foi ainda mais difícil falar bem baixinho:

– Eu também não sabia que conseguia bater tão forte. Mas tudo isso é tão perturbador. Os cadáveres, o sangue. E por acaso você ficou sabendo que o Lorde Belaflor matou Hale e tentou me assassinar?

– Ouvi dizer.

Apollo abraçou Evangeline, mas o abraço foi apertado demais. Sufocante de tão apertado.

– Está tudo bem, agora estou aqui – disse.

Evangeline disse a si mesma: *Continue fingindo. Apenas continue fingindo.* Precisava abraçar o marido também e agir como se estivesse aliviada, mas não sabia se conseguiria. Já era bem difícil respirar normalmente com o corpo de Apollo tão junto do seu.

Até que por fim o príncipe a soltou, mas continuou agarrado nela. Passou o braço nos seus ombros com força, mantendo-a perto de si. Evangeline ficou achando que o marido estava sentindo que ela queria fugir. Tentou relaxar, mas as próximas palavras que Apollo disse tornaram isso impossível.

– Vou tirar Evangeline daqui – declarou, dirigindo-se a Garrick.  
– Você precisa encontrar Jacks antes que ele mate de novo.

– Não foi Jacks quem fez isso – protestou Evangeline.

O príncipe ficou tenso no instante em que ela disse “Jacks”. Evangeline pôde sentir o braço do príncipe ficando rígido em volta de seus ombros.

Mas ela não retiraria o que disse. Tudo bem fingir que não tinha recuperado suas lembranças e podia aguentar um abraço, mas não ia permitir que Apollo culpasse Jacks por assassinatos que ele não havia cometido. De novo, não. E muito menos quando havia outro assassino à solta.

– Isso foi obra de um vampiro.

Apollo lançou um olhar breve e inquietante para Evangeline, um olhar que parecia perguntar “E o que você entende de vampiros?”. Em seguida, deu risada. Foi uma risadinha baixa, mas suficiente para fazer as bochechas da princesa ferverem, quando ele falou:

– Minha esposa, obviamente, está confusa, depois de tudo o que passou.

– Consigo pensar com toda a clareza – protestou Evangeline, calmamente. – Vi um vampiro na Floresta Amaldiçoada.

O que era verdade. Não se dera conta na ocasião. Mas, agora que recobrara as lembranças, mais coisas se encaixavam. O Belo Desconhecido que vira na Floresta Amaldiçoada era Caos. O rapaz havia lhe dito isso quando se encontraram, mas Evangeline não lembrava quem ele era, por isso não ligara os pontos de que ele era um vampiro e que, até recentemente, usava um elmo que o impedia de se alimentar.

Agora entendia por que Jacks havia imobilizado o Belo Desconhecido com tanta rapidez. Estava protegendo Evangeline. Sempre estava protegendo Evangeline.

E Evangeline precisava protegê-lo.

– Sei que parece loucura – disse. – Mas tenho certeza de que foi isso que vi. Vi um vampiro e ele não era nem um pouco parecido com Lorde Jacks.

Repetiu um último “Jacks” só para ver Apollo se encolher todo. Mas, desta vez, ele não se encolheu. Lentamente, seus lábios foram esboçando um sorriso que fez Evangeline pensar em alguém colocando uma máscara.

– Tudo bem, minha querida, acredito em você.

– Acredita mesmo?

– Claro. Só fiquei surpreso. Não é muito comum as pessoas falarem em vampiros. Perdoe meu ceticismo inicial.

Apollo massageou os ombros de Evangeline e tornou a olhar para Garrick.

– Lorde Jacks continua sendo a prioridade. Mas diga para seus homens também procurarem por Lucien, o herdeiro impostor. Alerta que ele é um vampiro e entrou em uma onda de matança.

Evangeline segurou o ímpeto de esboçar reação. Tentou, com todo o cuidado, fazer uma cara de paisagem, inocente, seja lá que cara deveria fazer. Precisava fazer cara de garotinha sem nenhuma lembrança e não de uma mulher que acabara de ouvir o marido mentiroso e enganador acusar seu primeiro amor de assassinato.

– Esse tal herdeiro – disse, baixinho, torcendo para que seu tom fosse de mera curiosidade. – Como ele é? Ouvi dizer que é jovem e extremamente belo.

Apollo fez uma careta ao ouvir a palavra “belo”, mas Evangeline continuou falando, como se não tivesse percebido.

– Todas as minhas criadas falaram que ele era devastador de tão atraente. Mas o vampiro que fez isso, o vampiro que eu vi na floresta – nesta hora, ela estremeceu –, era velho e monstruoso.

Evangeline sentiu uma pontada de culpa por ter contado essa mentira. Mas sabia que, se tentasse descrever Caos, Apollo provavelmente iria distorcer suas palavras, para que ainda parecesse que estava falando de Luc, já que ambos os vampiros eram jovens, tinham cabelo escuro e eram belos.

– Evangeline, minha querida – disse Apollo. – Os vampiros ficam diferentes depois que se alimentam. Sei que você acha que o vampiro que fez isso era um monstro velho, mas vampiros são muito raros. Tenho certeza de que, se foi mesmo um vampiro que você viu, foi o herdeiro impostor. A menos que você não tenha certeza de que era um vampiro...

Cretino. Assassino. Monstro.

Evangeline tinha vontade de gritar um “eu te odeio” bem alto. Mas contar para Apollo como estava se sentindo naquele exato momento não ajudaria Luc nem Jacks. Em vez disso, falou a única coisa que teve coragem de dizer:

– Tenho certeza de que era um vampiro.

E torceu, desesperada, para que Luc estivesse em algum lugar seguro, bem longe dali.



## Evangeline

**E**vangeline só precisava sobreviver àquele trajeto de carruagem.

Era só um trajeto de carruagem.  
O último trajeto de carruagem.

Assim que chegasse ao Paço dos Lobos, fugiria usando as passagens secretas sobre as quais Apollo havia lhe contado antes de os dois se casarem. Agora que havia recobrado suas lembranças, recordava das passagens. Só precisava esperar até escurecer, quando o castelo inteiro dormiria. Aí iria embora e tentaria encontrar Jacks.

Não, ela se corrigiu, não tentaria. *Encontraria* Jacks. Não tinha a menor importância o fato de não fazer ideia do paradeiro dele, de por que a abandonara nem por que colocara aquele bracelete de vidro em seu pulso.

Evangeline queria examinar o bracelete de novo. Devia ser importante, já que Jacks se dera ao trabalho de colocá-lo nela. Provavelmente era mágico. Mas, até aquele momento, o bracelete não tinha feito nada de espetacular – ou melhor: não havia feito nada de nada.

A princesa manteve o bracelete escondido por baixo da capa enquanto a carruagem se dirigia ao Paço dos Lobos. Mas ela começou a achar que estavam tomando outro rumo.

Evangeline não sabia muita coisa a respeito da geografia do Norte. Mas sabia que o Paço dos Lobos ficava ao sul. E podia

dizer, pela direção da luz do sol acima de toda a vegetação do Norte, que a carruagem seguia em direção ao oeste, em direção a um lugar que ela não conhecia.

Viu apenas campos verdejantes e árvores repletas de folhas novas.

Quando deu por si, estava se agarrando ao assento de veludo vermelho, esperando que a estrada fizesse uma curva voltando para o sul. Mas o caminho continuou reto, feito um caule de trigo.

Até aquele momento, a princesa ficou tentando olhar pela janela e não para Apollo. Não sabia se conseguiria olhar para ele por muito tempo sem deixar que seus verdadeiros sentimentos transparecessem. E também não queria vê-lo. Já era doloroso demais ficar ali, sentada, tão perto do homem que arrancara suas lembranças e reescrevera sua história. Não queria olhar para a cara de Apollo. Mas, por fim, se virou.

O príncipe estava sentado bem na frente de Evangeline. Estava com os dedos unidos, o queixo apoiado nas mãos e a olhava com o mesmo afinco que ela dedicara para não olhar para ele.

Um arrepió percorreu a espinha de Evangeline, ao pensar que Apollo poderia ter passado aquele tempo todo olhando para ela daquele jeito. Como se soubesse que ela guardava um segredo.

– Está tudo bem, querida? Você me parece um pouco nervosa.  
– Só estava tentando descobrir para onde vamos. Pensei que o Paço dos Lobos ficava ao sul.

– E fica. Vamos nos hospedar em outro lugar por um tempo.  
“Um tempo” poderia muito bem ser “uma eternidade”, no que dependesse da sensação que Evangeline teve ao ouvir essas palavras. Ela sabia como fugir do Paço dos Lobos, mas seria muito mais difícil fugir de outro lugar.

– E onde fica esse outro lugar? – perguntou.  
– Bem aqui.  
Apollo apontou pela janela, com um gesto afetado, quando a carruagem passou por uma tabuleta excessivamente simpática, enfeitada com uma fita verde alegre, onde estava escrito:

# **BEM-VINDO AO VILAREJO DO ARVOREDO DA ALEGRIA. ONDE TODOS SÃO BEM-VINDOS!**

Assim que Evangeline viu a tabuleta, suas lembranças entraram em colisão com a realidade. Lembrou-se de ter passado por aquele vilarejo e pela floresta adjacente a cavalo, com Jacks. O lugar era a própria definição de desolado, sem esperança, sem vida e sem cor. Mas, agora, pulsava de vida.

De dentro da carruagem, a princesa olhou para a praça principal. Viu sopradores de vidro, ferreiros, homens com machados, mulheres com martelos, todos trabalhando debaixo de fios coloridos de bandeirolas, lampiões e fitas, enfeitando os estabelecimentos em processo de reforma.

Mesmo com a porta da carruagem fechada, Evangeline ouvia a melodia de pássaros cantando, crianças dando risada e pessoas trabalhando duro.

– Agora que a Caçada chegou ao fim – explicou Apollo – a família Vale vai organizar um festival para incentivar as pessoas a ajudá-los a reconstruir a Quinta do Arvoredo da Alegria e o vilarejo adjacente. Era deste evento que estavam falando na noite do banquete. Prometeram dar terras, casas e emprego para todos que ajudarem. É uma antiga tradição contar com o apoio das demais Grandes Casas, que armam barraquinhas e patrocinam jantares e bailes todas as noites.

Enquanto o príncipe falava, a carruagem se afastou da praça e não demorou para ficarem diante de um círculo de tendas reais, cor de vinho tinto. A atmosfera ali não era tão alegre quanto a do vilarejo. Tinha muito mais soldados do que bandeirolas.

Evangeline ficou tensa ao ver todos aqueles soldados. Eram tantos que perdeu a conta, pareciam formigas infestando um

piquenique. Como temia, seria muito mais difícil escapulir dali sem ser notada. Mas daria um jeito.

Os guardas se afastaram, abrindo espaço para a carruagem chegar ao centro das tendas reais, onde havia soldados duelando e carne sendo assada em fogos de chão.

– Mais parece que seus guardas estão se preparando para uma batalha e não para um festival – comentou Evangeline.

– É isso que os soldados fazem – respondeu Apollo, friamente.

A carruagem parou diante da tenda que era o equivalente a um castelo. Tinha detalhes dourados e torres nas duas laterais, ambas exibindo bandeiras com o brasão real de Apollo.

Todos os guardas fizeram reverência para o príncipe quando ele saiu da carruagem seguido de Evangeline. Imediatamente Apollo entrelaçou os dedos nos dela, mas ela poderia jurar que o príncipe apertou sua mão com mais força do que de costume.

Evangeline respirou, mas não fundo, e tentou se lembrar de que só precisava desempenhar seu papel, fingir que nada havia mudado. Desde que Apollo não suspeitasse que recuperara suas lembranças, ela conseguiria fugir.

– Princesa Evangeline! – exclamou uma voz melodiosa.

E, segundos depois, Aurora Vale apareceu, atravessando com passos elegantes a fileira de guardas. Estava usando uma coroa feita de flores no cabelo violeta. O diadema era composto por botões de rosas, ranúnculos e estrelas-do-pântano brancas, deixando um rastro de pétalas por onde ela passava.

Evangeline poderia jurar que mais pássaros apareceram naquele momento, só para poder cantar para Aurora.

– Fico tão feliz de ver que você está bem! Passei os dois últimos dias tão preocupada – declarou, com um tom de ternura.

– Mas eu sabia que o seu querido príncipe iria trazê-la de volta. E até fiz isso para você, para te entregar quando isso acontecesse.

Ela presenteou Evangeline com uma coroa feita de flores igual à que estava usando.

– Obrigada – disse a princesa, apesar de ainda não confiar em Aurora.

Consultou suas lembranças recém-recobradas, para saber se tinha conhecido Aurora no passado. Mas só encontrou outra lembrança da Grotta. Da primeira manhã que passou ali, bem ao lado do relógio que batia as refeições, gravados na madeira, avistou dois nomes:

## AURORA + JACKS

Será que era por isso que Evangeline não gostava de Aurora Vale? Porque a garota tinha o mesmo nome de uma pessoa que morrera há muito tempo e, um dia, nutrira sentimentos por Jacks?

– Todas as festividades terão início amanhã – Aurora continuou tagarelando alegremente. – E será muito divertido contar com a sua presença. Teremos todo tipo de barraquinhas, gostosuras e coisas bonitas. Você pretende participar do festival, não é mesmo? Todos os meus irmãos querem trabalhar, mas eu sou péssima no quesito reforma e construção.

– Na verdade, acho que será muito divertido ajudar na reconstrução – disse Evangeline.

Apollo deu risada.

O som dessa risada deixou Evangeline toda arrepiada. A princesa tentou se convencer a não brigar com ele, a não fazer nada que deixasse Apollo desconfiado. Mas não pôde resistir a se virar para o príncipe e perguntar:

– Você não acha que eu poderia ajudar na reconstrução?

– Eu só acho que você seria mais útil em outras coisas, minha querida.

– Como o quê? – interveio Aurora. – Acho que ajudar na reconstrução deve ser pavoroso, mas não foi para isso que todos

nós viemos até aqui? Você teme que sua esposa seja tão frágil e delicada que, se pegar em um martelo, vai se machucar?

O príncipe cerrou os dentes e retrucou:

– Não falei que minha esposa é frágil e delicada.

– Então, talvez não deva tratá-la como se fosse nem dar risada dos desejos dela – alfinetou Aurora.

Apollo ficou com um olhar sinistro.

Os guardas ao redor dos três ficaram tensos, parecendo estátuas. Até os pássaros pararam de cantar.

Evangeline abriu a boca para dizer alguma coisa – qualquer coisa. Aurora não fazia ideia do quanto Apollo podia ser cruel e, como ela acabara de defendê-la, teve vontade de protegê-la. Mas, para sua surpresa, o príncipe conteve aquele olhar e baixou a cabeça.

– Você tem toda a razão, sra. Vale. Eu não deveria ter dado risada da minha esposa.

– Não, não deveria mesmo – censurou Aurora.

E foi a coisa mais estranha do mundo. Poucos segundos antes, Evangeline teve medo dela, mas agora sentia que o poder mudara de mãos.

Apollo estava com cara de quem tinha medo de Aurora.

A princesa poderia até achar que estava vendo coisas. Mas Evangeline poderia jurar que, quando Aurora foi embora – depois de ter declarado que trabalharia na reconstrução com ela –, passou, disfarçadamente, um bilhete para Apollo.

Isso aconteceu quando o príncipe deu um beijo na mão dela para se despedir. Evangeline avistou o papel enrolado por apenas um segundo. Depois, achou que ele escondera o bilhete dentro da manga. Porque, quando a princesa tornou a olhar, o minúsculo pergaminho havia sumido.



## Apollo

**Q**uando Apollo conheceu Aurora Valor, pensou que ela era um anjo. Aurora era linda, e ele se sentiu mais um fantasma do que um príncipe.

N aquela noite, o príncipe tinha acabado de ser enjaulado em cima de uma cama, no covil subterrâneo de um vampiro. Evangeline havia trancafiado Apollo na jaula depois que ele a beijou, perdeu o controle em seguida e quase a matou.

Quando a esposa foi embora, deixando Apollo ali, preso naquela jaula, o príncipe achou que os vampiros iriam matá-lo e quase teve vontade de morrer. Era um homem amaldiçoado, amaldiçoado de verdade – não do jeito que as pessoas dizem que são amaldiçoadas quando apenas são azaradas.

Uma única maldição, e Apollo poderia realmente ter ficado feliz com isso. Príncipes amaldiçoados uma única vez podem se tornar lendas, só que Apollo fora amaldiçoado três vezes e quase assassinado outras tantas – uma delas, pelo próprio irmão.

Estava disposto a permitir que os vampiros sugassem todo o seu sangue, desde que fosse rápido. Mas aí uma mulher entrou no quarto. O príncipe não sabia o nome dela, não naquele exato momento, de todo modo. Só fechou os olhos e ficou esperando que ela o mordesse. Só que aquela mulher não era um vampiro. Aquela mulher era Honora Valor e, de algum modo, curou Apollo da maldição do Arqueiro e da maldição espelhada. Mas foi uma

daquelas situações em que o remédio, no primeiro momento, causa uma sensação quase tão ruim quanto suas aflições.

Os métodos de cura deixaram Apollo subitamente sem nenhum tipo de amarra. A conexão que tinha com Evangeline fora cortada, e o príncipe a queria de volta. Não queria ser amaldiçoado, mas queria a princesa: o desejo não tinha ido embora junto com as maldições.

Pelo contrário: ele a desejava ainda mais. Agora que não se sentia mais compelido a feri-la, a caçá-la, poderia, finalmente, tê-la para si.

Mas sabia que isso não seria tão simples. Não seria nada simples.

Por quase toda sua vida, Apollo sempre teve o que queria. Sendo príncipe, mal dava tempo de desejar alguma coisa. Estava acostumado a pegar e a ganhar. Mas, pela primeira vez, Apollo temia a possibilidade de não ter o que queria.

Tentara matar Evangeline. Havia flechado e estrangulado a esposa. Os hematomas causados por suas mãos ainda deviam estar no pescoço dela.

Torcia para que ela o perdoasse. Ele estava amaldiçoado. Não teve como evitar. É claro que Evangeline compreenderia. Mas e se a princesa jamais esquecesse do que ele havia feito?

E se, toda vez que tentasse beijá-la, a lembrança de que Apollo havia tentado matá-la viesse à tona?

E ainda havia a questão de Lorde Jacks. O ex-amigo de Apollo.

O príncipe jamais havia competido com outro homem. Quem competiria com um príncipe que seria rei? Mas, quando Apollo tentou matar Evangeline, viu o modo como ela olhou para Jacks quando ele entrou correndo no quarto para salvá-la. Como se ele fosse seu salvador, seu herói.

Algo havia mudado entre os dois.

E Apollo não sabia o que fazer a respeito disso.

Antes de ir embora, Honora ergueu as grades da jaula. O príncipe estava livre para ir aonde bem entendesse. Só que não

conseguiu se mexer. Estava nervoso demais e tinha medo de sair daquele quarto.

E foi aí que Aurora apareceu perto da porta, feito um anjo.

Ela não era apenas linda, era etérea, e tinha uma voz meiga que disse todas as palavras que Apollo queria ouvir.

– Um homem tão lindo quanto você jamais deveria ficar com uma expressão tão triste –, disse Aurora na ocasião.

E ela sabia de coisas que aconteceram com ele, não só o fato de ele ser príncipe – coisa que todo mundo sabia. Sabia da maldição do Arqueiro, que o obrigara a caçar a própria esposa.

– Posso te ajudar a consertar as coisas – prometera Aurora. Em seguida, lhe ofereceu um elixir. — Se beber essa poção, terá, por um curto período, o poder de apagar todas as lembranças dela. Você pode recomeçar do zero. Pode remover todas as lembranças que quiser e reescrever uma nova história.

Apollo deveria ter feito mais perguntas.

Mas não queria saber das respostas. Bebeu o elixir e se arrependeu na mesma hora.

Como pôde considerar a possibilidade de apagar as lembranças de Evangeline? Não queria fazer aquilo. Esperou o poder perder o efeito. Mesmo naquele estado sem eira nem beira, Apollo sabia que seria uma agressão imperdoável.

Só que aí saiu da cela e deu de cara com Evangeline, que olhava para ele com um ar de despedida. Disse que gostaria que Jacks não exercesse tamanho controle sobre ela e, depois, disse para Apollo que sentia muito.

Evangeline estava escolhendo ficar com Jacks.

Evangeline estava fazendo a escolha errada.

Evangeline fora enganada, assim como Apollo, quando achou que Jacks era seu amigo.

O príncipe precisava detê-la. Precisava salvá-la.

Não queria que Evangeline sofresse. Tentou fazer aquilo causando o mínimo de dor. Ficou abraçando a esposa enquanto ela chorava e prometeu, em pensamento, que os dois criariam

outras lembranças juntos. Lembranças lindas, extraordinárias. E prometeu que jamais tornaria a fazer algo semelhante com Evangeline.

E também achou que não voltaria a ver o anjo. Muito menos que ela, por acaso, fosse Aurora Valor.

Como todo mundo do Norte, Apollo achava que a família Valor estava morta. Quando Honora Valor o curou, o príncipe não sabia quem era aquela mulher.

Foi só mais tarde, depois de ter roubado as lembranças de Evangeline e fugido para a Valorosa, que Apollo viu todos os integrantes da família Valor e começou a entender a magnitude do que havia acontecido.

Os Valor não tinham sido decapitados, como as histórias contavam. A família inteira estava viva e permanecera em um estado de sono suspenso por centenas de anos. Eles eram o verdadeiro tesouro escondido atrás do Arco da Valorosa.

Lobric e Honora garantiram para Apollo que não estavam ali para roubar seu reino ou sua coroa. Mas quando viu a filha deles, Aurora, o príncipe só conseguiu ouvir, na verdade, o sangue correndo para os seus ouvidos.

Aurora piscou, como se tudo aquilo não passasse de uma grande brincadeira, e Apollo ficou estático, parado no lugar feito uma criança.

– Tudo o que queremos agora é um lugar para viver tranquilamente – disse Lobric. – Ninguém precisa saber que voltamos.

Se Apollo estivesse em pleno poder de seus sentidos, poderia, imediatamente, ter dito algo do tipo “concordo plenamente” e depois ter despachado a família para algum dos cantos mais recônditos do Norte, onde ninguém jamais tornaria avê-los.

Mas aquela era a família Valor, o príncipe estava embasbacado devê-los com vida, e a filha do casal sabia qual era o segredo mais terrível dele.

Os lindos olhos de Aurora se fixaram em Apollo:

– E se você simplesmente nos der o status de Grande Casa? Podemos adotar outro sobrenome. Vale, por exemplo.

Apollo ficou esperando Lobric objetar. Grandes Casas não são tranquilas. Mas, ao que tudo indicava, o homem, na verdade, não queria viver tranquilamente.

– Acho que poderia dar certo. O que você me diz, meu amor? – perguntou Lobric, olhando para a esposa, que concordou.

– Desde que nossa verdadeira identidade seja mantida em segredo – respondeu Honora. – Não quero repetir o passado.

Ao lado da mãe, Aurora deu um sorriso, como se já estivesse tudo certo. E aí os demais filhos do casal, que eram todos impressionantes, começaram a balançar a cabeça e a sorrir.

Como Apollo poderia dizer não?

Ouviu a própria voz falando:

– Ótimo. Posso presenteá-los com algumas terras. Uma quinta, um vilarejo, uma floresta. Precisam ser reconstruídas. Mas, depois que eu conceder à família de vocês o status de Grande Casa, todas as demais vão se unir para ajudá-los. Só preciso de um tempinho.

– Não demore muito – interveio Aurora, com um tom meigo.

E, assim que ela piscou novamente, o príncipe teve certeza de que acabara de fazer um trato com um demônio, não com um anjo.

O coração de Apollo batera forte ao sentir que Aurora lhe passava, disfarçadamente, um bilhete. O príncipe havia escondido o pergaminho dentro da manga o mais rápido que conseguiu, mas ficava enjoado só de saber que aquele bilhete estava ali.

A última exigência de Aurora foi pedir para ser apresentada a Evangeline.

– Não faça essa cara tão preocupada, Alteza – disse ela, toda meiga. – Só quero ser amiga da princesa. Fiquei trancafiada por muito tempo, e todas as minhas amigas morreram.

Apollo não acreditou muito que Aurora só queria ser amiga de Evangeline, mas sabia que não conseguiria recusar o pedido.

Também sabia que seria incapaz de recusar qualquer pedido que ela lhe fizesse naquele dia. Será que ele conseguiria ignorar o bilhete dela por alguns instantes?

Precisava passar um tempo a sós com a esposa.

Apollo ficou observando Evangeline com toda a atenção quando os dois entraram na tenda. Alguém havia estendido tapetes cor de vinho bordados de ouro no chão e acendido velas de cera de abelha ao lado das almofadas e peles que fariam as vezes de cama. Ao lado dessas almofadas, havia uma mesa baixa, repleta de frutas, queijos e cálices de vinho.

E, apesar de tudo isso, Evangeline ficou parada logo depois da abertura da tenda. Não pegou comida da mesa, não se atirou nas almofadas nem sequer tentou tirar a capa empapada de chuva.

– Onde você vai ficar? – perguntou ela.

– Vamos ficar na mesma tenda – respondeu Apollo, baixinho, posicionando-se atrás da esposa. – Assim posso te proteger. – E enlaçou a cintura de Evangeline com os braços.

Ela ficou rígida quando as mãos do príncipe encostaram nela.

Isso foi só por um segundo. Evangeline ficou tensa e, em seguida, deu a impressão de se derreter toda nos braços de Apollo.

O príncipe afastou o cabelo dela para o lado e a beijou no pescoço.

Mais uma vez, a esposa ficou tensa. Desta vez, não relaxou. Apollo precisava soltá-la. Ela estava com medo. O príncipe percebera algo parecido lá na estalagem, onde a encontrara, mas só teve certeza naquele momento. Ficou com os lábios pairando no pescoço da princesa, tão perto que conseguia sentir a pulsação acelerada sob os seus lábios. Em seguida, ouviu Evangeline respirar fundo.

Apollo soube mais uma vez que deveria soltá-la, mas não conseguiu. A pulsação acelerada da jovem disparou algo dentro do príncipe, um ímpeto de segurá-la em seus braços, de abraçá-la até que ela não quisesse mais escapar.

– Achei que tínhamos deixado de lado essa bobagem de você não agir como minha esposa.

Apertou os braços em volta dela e...

Doeu! A dor foi súbita, intensa, tão forte que Apollo não conseguiu mais abraçá-la. Dobrou o tronco. A visão ficou turva e cheia de pontinhos.

Parecia que alguém havia cravado uma faca em brasa em suas costelas e depois girado. Mas, com a mesma rapidez que sentiu aquela pontada aguda de dor, deixou de sentir.

Quando Apollo conseguiu enxergar de novo, Evangeline estava olhando para ele com uma expressão de pavor diferente.

– Você está bem, Apollo? O que aconteceu? – perguntou, com as duas mãos no coração.

Foi aí que o príncipe reparou no bracelete. Era feito de vidro. Talvez por isso Apollo não reparara nele antes. Poderia até nem ter reparado, caso a joia não tivesse um brilho fraco, iluminando palavras em uma língua que ele não conseguiu decifrar, mas tinha o receio de que sabia o que aquelas palavras significavam. O que aquele bracelete realmente era.

Teve vontade de perguntar onde Evangeline o encontrara, como se tornara seu, por que o usava e se sabia o que aquele bracelete fazia. Mas supôs que ela não fazia ideia do que era e não queria chamar a atenção para aquele objeto. Também torceu para estar enganado.

Porque, se Apollo tivesse razão – se aquele fosse o bracelete de proteção perdido de Vingança Massacre do Arvoredo –, significava que o príncipe estivera prestes a machucar a esposa.

Apollo precisava dar um jeito de se controlar.

– Estou bem – disse ele e se afastou lentamente da princesa. – Só acabei de me lembrar de algo importante que preciso resolver.

– O quê? – perguntou Evangeline.

– Assuntos chatos de príncipe. Não se preocupe. Volto logo.

Poderia ter tentado dar um beijo de despedida nela, mas não confiava em si mesmo. E tinha mesmo um assunto que precisava

resolver.

Assim que saiu da tenda, Apollo tirou da manga o bilhete que Aurora Valor lhe dera.

*Encontre-me no limite de Arvoredo da Alegria,  
na estrada que leva à Floresta Amaldiçoada.*

*Esteja lá ao pôr do sol.*

*Venha sozinho. E sugiro que você não conte  
para ninguém.*

Em vez de assinar o próprio nome, Aurora desenhara um lobo com uma coroa feita de flores.

O príncipe queimou o bilhete na primeira fogueira que viu pela frente.

Apollo chegou à encruzilhada antes da hora. Queria resolver aquele assunto com Aurora o mais rápido possível.

Fora até ali a cavalo e se surpreendeu ao ver como a Floresta de Arvoredo da Alegria já havia mudado. Musgo cobria as pedras. Folhas novas cresciam nas árvores. Apollo até ouviu os ruídos de seres vivos – cervos, pássaros e grilos.

A Floresta do Arvoredo da Alegria renascera desde que a família Valor havia voltado. Não parecia mais aquele lugar assombrado, do qual o príncipe tinha medo quando era criança – e, apesar disso, Apollo jamais vira o próprio cavalo ficar tão agitado. Depois que ele amarrou o animal a uma árvore que ficava no limite entre a Floresta do Arvoredo da Alegria e a estrada úmida que levava à Floresta Amaldiçoada, o cavalo bateu os cascos e relinchou. O príncipe tentou dar uma maçã a ele, mas o cavalo derrubou a fruta de sua mão.

Pensou que o animal poderia estar irritado porque estavam muito próximos da estrada encantada que levava à Floresta Amaldiçoada. Ou talvez fosse porque Aurora Valor havia chegado.

Aurora, claro, continuava parecendo um anjo e se aproximou de Apollo montada em um cavalo que, sob a luz do luar, dava a impressão de possuir um brilho prateado.

– Não faça essa cara de mau humor. Não é nada atraente – censurou, antes de descer do cavalo. – E, quer acredite, quer não, príncipe, estou aqui para te ajudar.

– Como da última vez que você me ajudou?

– Evangeline é sua, não é?

– Por ora – resmungou Apollo. – Começo a temer que algumas lembranças de minha esposa possam estar voltando aos poucos.

Aurora terminou de amarrar o cavalo a uma árvore. Ao contrário da montaria de Apollo, o cavalo dela parecia estar absolutamente feliz.

– Por que você diz isso?

– Ela está estranha. Você ainda tem aquele elixir das memórias? – perguntou Apollo.

E se odiou por ter perguntado.

Aurora deu uma risada debochada e se aproximou, arrastando as longas saias prateadas no chão da floresta.

– Você acha que foi fácil conseguir aquela poção?

– Você é da família Valor.

– Sim. Mas nossa magia não é ilimitada. Você, por acaso, pensa que eu ando por aí carregando frascos de magia?

– Carregava, naquele dia.

Aurora apertou os lábios por breves instantes.

– Você quer continuar a fazer perguntas bobas, príncipe? Ou gostaria de se tornar o tipo de homem cuja esposa jamais terá a audácia de abandonar?



## Evangeline

**D**epois que Apollo a deixou a sós na tenda, Evangeline examinou o bracelete de vidro que tinha em volta do pulso. Era mágico. Supunha que era, mas só soube o que aquela joia podia fazer depois que viu Apollo se encolher todo de dor.

Aproximou o vidro da luz das velas. Vira palavras curiosas se acenderem no bracelete quando o príncipe estava todo encolhido. Mas não estava conseguindo fazer aquelas letras reaparecerem: só conseguia ver as florzinhas de cerejeira gravadas no vidro.

Evangeline ficou imaginando que alguém poderia ter encantado o bracelete com um feitiço específico contra Apollo – poderia ser por isso que aquelas palavras estranhas haviam aparecido, minutos atrás, quando o príncipe a abraçara contra a sua vontade. A princesa tinha a impressão de que aquele seria, precisamente, o tipo de encantamento que Jacks lançaria em um objeto.

O que não compreendia era o *porquê*. Se o Príncipe de Copas não queria que ela ficasse com Apollo, por que a havia abandonado com o príncipe?

"Por que Jacks não me levou com ele?", perguntou-se Evangeline. Mas já sabia a resposta.

*"Eu e você não nascemos para ficar juntos. Desculpe acabar com seu conto de fadas, Raposinha. Mas baladas não têm final feliz, e nós dois também não teremos."*

*Todas as garotas que beijei morreram. Menos uma. E você não é essa garota.*

*Quero apagar cada instante que eu e você passamos juntos... Porque, se não fizer isso, vou te matar, assim como matei a Raposa."*

Jacks já havia lhe explicado todos os motivos que tinha para abandoná-la.

E o último motivo que Evangeline recordou a fez parar para pensar. O Príncipe de Copas queria que ela encontrasse todas as pedras do Arco da Valorosa. Não para conseguir abrir a Valorosa, mas para poder usá-las para voltar no tempo e ficar com Donatella, a única garota que beijou e não matou. Mas Jacks não fez isso. Se tivesse feito, Evangeline não teria se reencontrado com o Arcano: ele estaria com Donatella, em Valenda, naquele exato momento.

O que *havia* acontecido, então? As pedras do arco eram quatro. Cada uma tinha um poder mágico diferente. Mas, quando as quatro eram combinadas, tinham o poder de voltar no tempo. Mas só podiam ser usadas uma única vez para essa finalidade.

Será que Jacks havia mudado de ideia e não queria mais voltar no tempo? Será que estava esperando para usar as pedras? Ou será que as pedras já haviam sido usadas?

Antes de Evangeline recuperar suas lembranças, Caos lhe dissera: "Estou aqui porque um amigo nosso precisa de ajuda... da sua ajuda. Ele está prestes a tomar uma péssima decisão, e você precisa fazê-lo mudar de opinião antes que seja tarde demais para salvar a vida dele".

Óbvio que Caos estava falando de Jacks. Mas qual seria essa péssima decisão?

Evangeline estava de coração partido e apavorada quando ficou sabendo que Jacks queria voltar no tempo e mudar o passado, para que os dois jamais tivessem se conhecido. Mas tinha a impressão de que não era bem isso que o Príncipe de Copas iria

fazer – tinha a impressão de que era outra coisa. Provavelmente, algo pior.

Precisava sair daquela tenda e encontrá-lo.

Chegou a considerar a possibilidade de atear fogo na tenda e fugir em meio à confusão. Mas incêndios podem sair do controle com a maior facilidade, e ela não queria que alguém se ferisse.

A menos que esse alguém fosse Apollo. Queria, sim, feri-lo.

– Espero que você reconheça o trabalho que me deu para conseguir entrar nessa tenda – disse uma voz maravilhosamente conhecida, logo após a entrada da tenda de Evangeline ter se fechado.

Nem ouvira a tenda se abrir, mas alguém deveria ter feito isso. Uma garota vestida como um guarda estava parada no meio da tenda, com as mãos na cintura, examinando aquele local luxuoso e fazendo uma careta sarcástica com os lábios, que estavam pintados com um *gloss* cintilante.

– LaLa! – exclamou Evangeline, alto demais. Mas não conseguia conter a empolgação de ver a amiga. – O que você está fazendo aqui vestida de guarda?

– Tentei te visitar muitas vezes, mas não permitiram. Davam a desculpa de que você estava extenuada demais para ver *amigas*, que bobagem. Aí, tive que improvisar uma fantasia.

LaLa rodopiou e, ao fazer isso, a saia abaixo do joelho se ergueu só o suficiente para revelar que, por baixo daquele tecido sem graça, cor de vinho, havia uma anágua de lantejoulas cintilantes que brilhavam feito uma fogueira. Ela também tinha colocado manguinhas bufantes no casaco cor de bronze e um cinto da mesma cor, que estava amarrado nas costas, com um laço.

LaLa era muitas coisas. Em primeiro lugar, Evangeline a via como uma amiga. Sendo assim, às vezes ficava fácil esquecer que ela também era um Arcano imortal, como Jacks.

LaLa era a Noiva Abandonada.

Certa vez, confessara para Evangeline que os Arcanos estão sempre lutando contra o ímpeto de ser o que foram criados para ser. LaLa tinha o ímpeto de tentar encontrar o amor. Queria isso mais do que tudo, mesmo sabendo que jamais duraria para sempre. Porque os amores de LaLa sempre acabavam com ela sozinha em algum altar, chorando lágrimas envenenadas. Porque, independentemente de quantos amores encontrasse, o amor que ela queria era o seu primeiro amor – um metamorfo que virava dragão e fora trancafiado na Valorosa.

Para lidar com seus ímpetos de encontrar o amor, a Noiva Abandonada costurava. Costurava muito. E costurava muito bem.

– Sei que não é exatamente o mesmo uniforme – disse, rodopiando a saia mais uma vez –, mas acho que o meu ficou melhor.

– Adorei – disse Evangeline. – E adorei ainda mais ver você.

Como recobrara a memória há menos de um dia, a princesa não tivera tempo de sentir saudade da amiga como deveria. Mas, agora que LaLa estava ali, Evangeline percebia que a saudade sempre estivera presente, fazia parte daquele vazio que sentia e só agora começava a ser preenchido. Abraçou a amiga com tanta força que até poderia ter ficado com receio de machucá-la, caso LaLa não fosse um Arcano.

– Cadê seu dragão? – perguntou.

Naquele momento, Evangeline se deu conta de que, apesar de já recordar do momento em que abriu o Arco da Valorosa, ainda não sabia exatamente o que havia lá dentro, tirando o metamorfo de LaLa. Também não sabia se a amiga havia reencontrado seu dragão ou não.

– Ah, ele está por aí – respondeu a Noiva Abandonada, de forma evasiva, afastando-se de Evangeline. – Tenho certeza de que você em breve irá conhecê-lo – completou. Mas disse isso sem muita convicção, o que não era nem um pouco de seu feitio.

LaLa podia até ser um Arcano e, portanto, suas emoções não eram lá muito humanas. Mas Evangeline sabia que a amiga, um

dia, havia amado o metamorfo, amado ao ponto de ter lançado a maldição do Arqueiro em Apollo, na esperança equivocada de que, dessa maneira, poderia garantir que Evangeline abrisse o Arco da Valorosa.

Na época, a princesa ficou bem magoada. Mas, assim como LaLa, também já havia tomado péssimas decisões por causa do amor.

– Está tudo bem? – Evangeline pegou na mão da amiga. – Você está precisando conversar?

– Tudo bem, sério. É só que.. – LaLa interrompeu a frase para dar um suspiro. – O mundo mudou *muito* desde que Dane foi trancafiado. E, pelo jeito, eu também mudei. Mas está tudo bem. De verdade. Como é mesmo aquele ditado sobre o amor? Sabe aquele, que fala de açúcar, fogo e o preço do desejo?

Evangeline fez que não.

– Acho que nunca ouvi.

– Bom, talvez esse ditado não seja lá grandes coisas. Bom, não me entenda mal, amiga, estou feliz de você estar me perguntando tudo isso. Mas estou perplexa. Pensei que você tinha perdido todas as suas lembranças...

– E perdi – disse Evangeline, baixinho. – Acabei de recobrá-las.

Então contou para a amiga, por alto, que havia sido Apollo quem as roubara. Que tentou convencê-la de que Jacks era o vilão e poderia ter conseguido, caso o Príncipe de Copas não tivesse voltado diversas vezes para salvar a vida dela. Evangeline contou para LaLa de todas as visitas que Jacks lhe fizera e que seu coração se lembrava dele mesmo quando a cabeça não lembrava. Até que, por fim, encontrou a carta que escrevera para si mesma, que o Arcano levava sempre consigo, perto do coração.

– Que coisa mais fofa e surpreendente – comentou LaLa.

– Também achei. Assim que li, finalmente consegui lembrar. Isso foi ontem à noite... ou talvez tenha sido hoje cedo. Estou meio perdida em relação ao tempo.

Evangeline deu um sorriso, mas foi um sorriso tímido. Estava tão aliviada de ver a amiga. Só queria se jogar naquelas almofadas da tenda e ficar conversando, sobre nada e sobre tudo. Mas não tinha tempo para isso.

Muito menos se quisesse encontrar Jacks e tentar impedi-lo de fazer aquilo que Caos havia alertado, seja lá o que fosse.

– Eu não queria vir para cá com Apollo. Mas, quando acordei, Jacks tinha ido embora e, aí, Apollo apareceu, com seus heróis, seus guardas e suas mentiras.

– Cretino – resmungou LaLa. – Sei que os príncipes são o pior tipo de homem, mas eu tinha esperanças de que ser amaldiçoado pudesse ter feito bem a Apollo.

– Eu acho que, do jeito dele, Apollo pensa que está fazendo o bem.

– Mas você odeia o príncipe mesmo assim, certo?

– Claro! Eu não o suporto. Não consigo olhar para ele nem ouvir o som da voz dele. Quero sair daqui antes que Apollo volte, para nunca mais ter quevê-lo.

– Então vamos fazer isso. Apesar de que eu adoraria esperar Apollo voltar, só para poder cravar uma faca no coração dele e depois cozinhá-lo na fogueira. Mas suponho que eu possa fazer isso outro dia – brincou LaLa. – Então, qual é o nosso plano de fuga? – Nesta hora, os olhos da Noiva Abandonada brilharam, e ela bateu palmas. – Faz tempo que não participo de um duelo de espadas. Esse seria um plano bem divertido.

– Trágicamente, não sei usar uma espada – declarou Evangeline.

– E aquelas aulas de autodefesa que você me contou? Jacks te ensinou alguma coisa ou foi só uma desculpa para pôr as mãos em você?

LaLa subiu e desceu as sobrancelhas, bem rápido.

Evangeline sentiu um calor no rosto.

– Ele me ensinou algumas coisas... mas, basicamente, teve mais abraço.

– Foi o que eu pensei.

LaLa deu um sorriso, mas Evangeline pôde perceber que era um daqueles sorrisos do tipo tentando-parecer-feliz-para-a-amiga.

Só que, como LaLa era um Arcano, esse sorriso dava a impressão de ser um tantinho mais perigoso. Era um sorriso que também dava a entender: “Se ele te machucar, é só me avisar que eu vou machucá-lo ainda mais, com o maior prazer”.

Isso fez Evangeline recordar da última conversa que teve com LaLa. Antes de perder suas lembranças, a amiga veio lhe visitar para alertá-la a respeito do Príncipe de Copas. “*Enquanto estiver com Jacks, você corre perigo*”, dissera ela.

– Você ainda acha que Jacks vai me fazer mal? – perguntou Evangeline.

O sorriso forçado de LaLa se desfez.

– Jacks faz mal a todo mundo. Não é o mesmo desde o dia em que meu irmão e Castor morreram e tudo no Norte foi por água abaixo.

Por uma fração de segundo, parecia que LaLa não era um Arcano. Ela não dava a impressão de ser cruel nem poderosa nem que poderia matar alguém só porque essa pessoa a fizera chorar. Simplesmente dava a impressão de ser uma pessoa que precisava de uma amiga, tanto quanto Evangeline.

Além de ser um Arcano, LaLa também era um dos primeiros integrantes da família Arvoredo da Alegria. O irmão sobre o qual acabara de comentar era Lyric Arvoredo da Alegria, que fora um dos melhores amigos de Jacks, assim como o príncipe Castor Valor. Os dois morreram no mesmo dia e, apesar de não ter sido culpa de Jacks, Evangeline sabia que ele se culpava por não ter conseguido salvar a vida de Castor.

– Se existe algo que pode causar uma mudança em Jacks, acho que esse algo pode ser os sentimentos que ele tem por você – declarou LaLa, por fim. – Mas, mesmo assim, você precisa tomar cuidado. Porque até os sentimentos de Jacks são perigosos.

– Eu sei.

– Sabe mesmo?

A Noiva Abandonada olhou para a princesa com uma expressão séria, de preocupação, nos olhos vívidos.

Existem três regras a respeito dos Arcanos que Evangeline aprendera quando era criança. A mais importante dessas regras é jamais se apaixonar por um Arcano.

Ela sabia dessa regra, mas não pensava nela fazia um tempo, e não tinha certeza de que a compreendera corretamente.

Porém, agora, fazia todo o sentido, mas de um jeito diferente. Há pouco, quando recobrou suas lembranças, mas perdeu Jacks, começou a temer que, talvez, ele tivesse razão e que os dois não haviam nascido para ficar juntos.

Se eles realmente tivessem sido feitos um para o outro, aquilo tudo não deveria ser mais fácil? Não deveria ter havido menos derramamento de sangue, menos desilusão e menos gente tentando separá-los? O amor já não deveria ter *vencido*?

Vai ver que o motivo para existir a regra de não se apaixonar por Arcanos não era porque amar um Arcano jamais daria certo, mas porque era muito mais difícil. Quase impossível.

Tudo o que LaLa mais queria era amar. E, mesmo assim, era ela que não parava de abandonar os noivos no altar. Mesmo agora, depois de ter finalmente reencontrado seu metamorfo, a Noiva Abandonada dava a impressão de que não tinha certeza se queria ou não ficar com ele.

Evangeline ouvira falar que os Arcanos não conseguem amar do mesmo modo que os seres humanos amam. Imaginou que isso queria dizer que os Arcanos não conseguem sentir essa emoção. Mas pensara que também queria dizer que os Arcanos não acreditavam no amor da mesma maneira que os seres humanos. Talvez acreditassem que amar humanos era algo fadado ao fracasso e, por isso, agiam de modo a causar esse fracasso.

– Não vou desistir de Jacks – declarou Evangeline.

LaLa apertou os lábios por alguns instantes e disse:

– Que coisa mais humana de se dizer.

– Não sei se isso foi um elogio ou um insulto.

– Acho que foi um pouco dos dois. – LaLa, então, deu mais um sorriso sem convicção. – Sei que você gosta de agir do jeito certo, mas o correto nem sempre vence com seres da nossa espécie. Acho que, em parte, foi por isso que Jacks se tornou um Arcano. Sempre tentou agir corretamente quando era humano, mas não fazia diferença, e as pessoas que ele mais amava acabaram morrendo do mesmo jeito.

LaLa parou de falar, fez uma careta e prosseguiu:

– Quero te apoiar. Eu realmente amo causas perdidas e péssimas ideias. Mas temo que, se você tentar salvar a vida de Jacks, também vai morrer. Sei que você recuperou suas lembranças. Mas, caso precise que alguém te relembré, Jacks é um ser sobrenatural que vai te matar, caso você o beije um dia.

– Ou – sugeriu Evangeline – eu poderia beijar Jacks, e assim ele poderia finalmente saber que *não* vai me matar.

– Não, não, não! – disse LaLa, furiosa. – Esse é o pior plano do mundo.

– Mas e se não for? Sei que as histórias dizem que o beijo de Jacks é fatal, a não ser para o único e verdadeiro amor dele. E sei que, supostamente, Jacks já beijou esse único amor. Mas também sei que as histórias daqui mentem e distorcem a verdade, então isso pode ser mentira. *Eu* sou o verdadeiro amor de Jacks. Acredito nisso com a mesma certeza que acredito que a água enche os oceanos e a manhã se segue à noite. Acredito nisso com todo o meu coração e com toda a minha alma. E tem que haver alguma espécie de magia nisso.

– Acho que não é assim que a magia funciona. – Neste momento, LaLa olhou para Evangeline com uma expressão triste.

– Acreditar em alguma coisa não a torna realidade.

– Mas e se o motivo para eu acreditar seja porque é a verdade? Sei que todas as histórias dizem o contrário, mas meu coração continua me dizendo que a história de Jacks não chegou ao fim.

A Noiva Abandonada continuou de cenho franzido e ficou mexendo em um dos botões do casaco.

– A história de Jacks pode até não ter chegado ao fim, mas isso não significa que terá um final feliz. Conheço Jacks a vida toda. Ele sabe muito bem como conseguir o que quer. Mas acho que não quer um final feliz. Se quisesse, poderia ter. Mas existe um motivo para não ter.

– Então, que bom que ele tem a mim.

LaLa fez cara de quem queria continuar discutindo.

– Sei que pareço ingênua – insistiu Evangeline. – Sei que a fé que tenho no amor parece tola. Também sei que isso pode não bastar. Mas não estou agindo porque acredito que vou vencer. Na verdade, tenho um pouco de medo de perder. Não acho mais que o amor é uma garantia de vitória ou de um final feliz. Mas acho que é um motivo para lutar por essas coisas. Sei que minha tentativa de salvar Jacks pode terminar em uma explosão tremenda, mas prefiro pegar fogo com ele do que ficar olhando Jacks arder em chamas.

Depois dessa, LaLa sorriu.

– Essa deve ser a pior declaração de amor que eu já ouvi na vida, mas acredito, sim, que a sua paixão merece um brinde. – Então pegou dois cálices de vinho da mesa e entregou um deles para Evangeline. – Aos corações tolos e ao fogo! Que você e Jacks só queimem de paixão e de desejo.



## Evangeline

**D**epois do brinde, as amigas talvez tenham bebido um pouco mais de vinho do que deveriam.

Evangeline não tinha o costume de beber. E, apesar de todas as palavras corajosas que havia dito para LaLa, estava bem apavorada, achando que Jacks poderia abandoná-la mesmo depois que ela dissesse que o amava.

Ela já havia sido transformada em pedra, envenenada, flechada, açoitada por causa da magia de uma maldição e quase assassinada mais de meia dúzia de vezes. Mas nada disso lhe dava tanto medo quanto pensar que o Príncipe de Copas poderia resolver que não queria retribuir seu amor.

Evangeline sabia que LaLa tinha razão, que Jacks sempre conseguia o que queria. Quando se resolvia, não havia como fazê-lo mudar de ideia. A única coisa que faria Jacks ficar com Evangeline era o próprio Jacks.

– Está em dúvida? – perguntou LaLa.

– Não. Na verdade, tenho um plano de fuga.

Há pouco, enquanto a Noiva Abandonada mexia nos botões do casaco, uma ideia que não envolvia espadas nem fogo nem nada relacionado a enfrentamentos lhe veio à mente.

– Pode dar certo – disse LaLa. E ficou batendo os dedos no queixo, pensativa, depois de ouvir a proposta de Evangeline. – Você poderia sair pouco antes da troca dos guardas, quando aqueles que estão saindo do serviço estarão cansados. Eu poderia

fugir pouco depois da chegada dos novos guardas. Eles não terão nem ideia de que eu entrei aqui sem permissão. Também estarão tão embasbacados com minha beleza que não vão me questionar.

A cabeça da princesa girava de leve. Realmente bebera vinho demais. Estava tudo meio enevoado ao vestir as roupas de LaLa e a amiga escarafunchou os baús até achar um vestido cintilante com decote ombro a ombro que ficou encantador nela.

Depois disso, LaLa se deu ao trabalho de esconder o cabelo de Evangeline com um quepe. Escureceu as pontas com um pouco do vinho que havia na mesa, só o suficiente para mudar a aparência da amiga à primeira vista.

– Se os guardas olharem muito, vão te reconhecer – advertiu LaLa. – Então tente ser rápida... mas não rápida ao ponto de levantar suspeitas.

– Acho que não estou em condições de ser rápida ao ponto de levantar suspeitas nem se eu quisesse.

Mas tampouco podia se demorar muito mais tempo por ali. A troca da guarda seria em breve. Se quisesse escapulir, aquele era o momento.

– Vou estar logo atrás de você – garantiu LaLa. – E não se esqueça disso.

A Noiva Abandonada, então, entregou para a princesa um mapa que fizera da Floresta do Arvoredo da Alegria – que consistia, basicamente, em um monte de triângulos representando as árvores, com uma linha que os atravessava e levava a um círculo chamado de “a fonte cintilante”. O plano era as duas se encontrarem ali para, juntas, procurarem por Jacks.

– Obrigada por fazer isso comigo – declarou Evangeline.

– Que sentido faz ter amigas se elas não apoiam suas péssimas decisões? – LaLa lhe deu um último abraço, bem quando o sino tocou. – É melhor você ir.

Evangeline saiu correndo da tenda no instante em que a guarda estava mudando. Um dos homens deu a impressão de olhar de relance para ela, mas o céu noturno deve ter ajudado a acobertá-

la. As tochas espalhadas por todos os cantos lançavam plumas de fumaça na escuridão, deixando tudo com uma aparência levemente etérea. Isso deu a Evangeline a sensação de que estava se esgueirando pelas páginas queimadas de um livro de histórias. Uma história da qual estava louca para sair.

A hora do jantar se aproximava quando ela atravessou o acampamento real. O clima era levemente embriagado, de comemoração e de sedução. Parte da alegria do festival de reconstrução do Arvoredo da Alegria finalmente havia se infiltrado no acampamento real.

À primeira vista, a impressão era de que homens e mulheres de outros acampamentos tinham se reunido para confraternizar com os guardas reais, o que era bom para Evangeline. Apesar disso, ela segurou a respiração, nervosa, até chegar ao final das tendas.

Por causa do vinho, ela estava sentindo um certo calor por dentro, mas começou a ficar nervosa de novo e se escondeu atrás de uma pilha de lenha que estava um pouquinho afastada da trilha, para evitar que os soldados que vigiavam a entrada do acampamento a vissem.

Tomou o cuidado de não fazer barulho, apesar das canções, risos e fogueiras crepitantes que ecoavam na noite. Os ruídos foram cessando à medida que adentrava a Floresta do Arvoredo da Alegria. E não demorou para Evangeline ouvir apenas o barulho dos próprios passos pisando nas folhas, o coaxar grave dos sapos e, de quando em quando, o uivar de um lobo, que disparava um coro de outros uivos, ao longe.

Ela levantou o lampião para olhar o mapa com o caminho até a fonte cintilante que a amiga havia desenhado.

No começo achou que o caminho traçado no mapa era uma estrada de verdade. Mas não viu nenhuma estrada na floresta. Das duas, uma: ou não vira a tal estrada ou o caminho traçado por LaLa era apenas a rota que Evangeline deveria seguir, não uma estrada de fato.

Enquanto tentava memorizar o caminho, a floresta foi ficando bem silenciosa – estranhamente silenciosa. O farfalhar dos esquilos sumira, assim como os ruídos dos cervos e dos dragões-bebê. A princesa não conseguia ouvir nada, a não ser o ruído muito alto de um galho se partindo.

Deu um pulo de susto.

E aí Jacks apareceu.

Estava vivo.

Não estava ferido.

Evangeline não conseguiu avistar nem um arranhão sequer no belo rosto do Arcano. Teve a sensação de que podia voltar a respirar normalmente. Até aquele momento, não se dera conta do quanto realmente estava preocupada.

– Por acaso te assustei, meu bem?

– Não... quer dizer, sim... não muito – respondeu a princesa, toda afobada, mas não saberia dizer exatamente por quê. Estava prestes a sair à procura do Príncipe de Copas, e agora ele estava ali. Bem coisa de Jacks.

O Arcano ficou jogando uma maçã bem branca para cima enquanto se movimentava pela floresta, como uma sombra se movimentaria no pôr do sol. De forma lenta e rápida, tudo ao mesmo tempo. Há poucos instantes, Jacks estava a vários metros de distância de Evangeline, mas agora estava bem na frente dela, olhando com seus olhos azuis e límpidos que brilhavam no escuro.

– Eu me lembro – sussurrou.

– Ah, agora se lembra?

O Príncipe de Copas deu um sorriso e, como tudo o mais, era um sorriso bem coisa de Jacks. Com um dos cantos mais para cima, dando a impressão de ser tanto cruel quanto brincalhão, tudo ao mesmo tempo. E a fez lembrar, vagamente, da primeira vez que o vira, quando pensou que ele parecia metade jovem nobre entediado, metade semideus malvado.

– Diga, meu bem, do que exatamente você se lembra?

As pontas dos dedos gelados do Arcano encostaram na base do pescoço da princesa.

A pulsação dela acelerou. Bem de leve e, mesmo assim, foi o que bastou para apagar parte do calor que Evangeline sentia por dentro, porque o Príncipe de Copas tirou os dedos do vâo da garganta e os colocou na linha do maxilar.

Isso, também, era bem coisa de Jacks.

E apesar disso... o coração de Evangeline batia “errado, errado, errado”, e agora ela estava pensando que o Arcano a chamara de “meu bem” duas vezes. Não de “Raposinha” nem de “Evangeline”.

Só que o problema de querer algo que a gente não pode ter ou não deveria ter é que, no instante em que isso parece possível, toda a razão se esvai. A razão e o querer só se dão bem quando a razão incentiva a pessoa a conseguir o que quer. Toda razão que se opõe a esse querer se torna um inimigo. Um lado distante de Evangeline alertou que Jacks estava agindo de modo estranho e que ela não gostava quando o Arcano a chamava de “meu bem”. Mas o lado de Evangeline que queria ser amado por Jacks tentou ignorar esse instinto.

– Eu me lembro de tudo – respondeu. – Lembrei de tudo, do momento em que nos conhecemos, lá na sua igreja, até aquela noite, no Arco da Valorosa. Desculpe por ter demorado tanto.

– Não tem problema – disse Jacks, fazendo pouco-caso, ainda dando aquele sorriso torto.

Em seguida, soltou a maçã que estava na sua mão. A fruta caiu no chão com uma pancada seca.

– Evangeline. Afaste-se dele – ordenou uma voz rouca, vinda do meio das árvores. Era vagamente conhecida, mas a princesa só conseguiu saber de quem era quando Caos se aproximou, com toda a cautela. – Jacks é um perigo neste exato momento.

– Sempre sou um perigo – retrucou Jacks. Em seguida, dando um sorriso irônico para o amigo de longa data, completou: – Bancar o herói não combina com você, Castor.

– Pelo menos, eu não desisto só porque fracassei.

– Não estou desistindo de nada – declarou o Príncipe de Copas, com seu sotaque arrastado. – Estou dando o que a garota quer.

Então, deslizou os dedos do maxilar até o queixo de Evangeline. Por um instante, ela teve a impressão de que o tempo passava mais devagar, porque Jacks levantou o queixo dela delicadamente, de um jeito que só a fez pensar em uma coisa: *beijar*.

Evangeline ficou subitamente sóbria.

– Não é isso que você quer? – sussurrou Jacks.

“Sim”, ela teve vontade de dizer. Mas, novamente, aquela vozinha racional disse que aquilo era errado. O Príncipe de Copas deveria provocá-la, seduzi-la, tocar nela, mas jamais tentar beijá-la. Ele acreditava que os dois não podiam se beijar. Acreditava em amores fadados ao fracasso e em infelizes para sempre.

E Evangeline ainda queria provar que ele estava errado.

Era para ela ter se sentido subitamente apavorada quando o Arcano se aproximou. Mas não teve forças para se afastar e Jacks aproximava os lábios dos...

Na mesma hora, o Príncipe de Copas se dobrou de dor e soltou palavrões bem alto, palavras que Evangeline nunca ouvira ninguém pronunciar. O rosto dele se contorceu, ficando branco-rosso, enquanto Jacks abraçava as próprias costelas e caía de joelhos, soltando um gemido.

– O que está acontecendo?

A princesa se abaixou para ajudá-lo. E foi aí que reparou que as palavras do bracelete em volta do seu pulso haviam começado a brilhar de novo.

– Desculpe por isso. – Os braços quentes de Caos a enlaçaram e quase a queimaram quando ele a pegou no colo. – Precisamos ir embora antes que Jacks tente te matar de novo.



## Apollo

**A**urora espalhou pétalas de flores por onde passava. Jogava pétalas diante de si mesma como se fosse alguma deusa-fada da floresta. E o caminho que levava à Floresta Amaldiçoada a tratava como se realmente fosse.

Sempre chovia nas estradas que levam à Floresta Amaldiçoada – menos por onde Aurora Valor andava. Assim que atirava suas pétalas e dava um passo, a chuva parava de cair. Apollo só sentiu uma brisa sutil ao andar do lado dela em uma trilha pavimentada de sapatos, com carruagens viradas em ambos os lados, algumas das quais ainda com as rodas girando.

– Você não me falou o que isso irá custar nem para onde estamos indo – argumentou o príncipe.

– Estou te levando até a Árvore das Almas.  
– Seu pai...  
– É muito teimoso – interrompeu Aurora. – Sabe de muitas coisas, mas não sabe de tudo.

Algo se revirou dentro de Apollo – uma sensação que era um indício de que, das duas, uma: ou tinha comido cordeiro estragado ou aquela era uma ideia muito ruim. Sabia que não devia confiar em Aurora. Ela não era, nem de longe, aquela meiguice toda que aparecava, tirando sem parar pétalas de flores do casaco prateado e atirando pelo caminho.

Entretanto, como ele poderia dar as costas para aquilo? Uma chance de ser imortal.

– Só peço uma coisinha em troca – disse Aurora, tão baixo que o príncipe quase não ouviu.

Imediatamente, Apollo ficou tenso.

– O que você quer?

Aurora se virou para o príncipe bem devagar e, pela primeira vez, não havia nada de meigo em sua expressão; parecia lupina à luz do luar. Os dentes brancos cintilaram quando disse:

– Quero que você pare com essa bobagem de tentar matar Jacks. Depois desta noite, você vai inocentá-lo de todos os crimes, e Jacks não será mais procurado nem caçado.

– Não posso fazer isso.

– Então não posso te mostrar onde fica a Árvore das Almas. – Aurora parou de caminhar, bem na hora em que a trilha chegou ao fim, e os dois estavam no limbo enevoado que levava à Floresta Amaldiçoada. – Você pode ser imortal ou optar por caçar Jacks. E eu duvido que, algum dia, conseguirá matá-lo. Não enquanto for humano. Você mandou um reino inteiro atrás dele e o que foi que conseguiu? Talvez, quando for imortal, tenha alguma chance. Mas não quero que você a use. E é por isso que, neste exato momento, você fará um juramento de sangue, pela sua vida, de que jamais fará mal a Jacks.

Os ombros de Apollo ficaram rígidos.

– Por que você quer salvar a vida de Jacks?

– Isso não é da sua conta.

– É, já que você está me pedindo para não o matar. – O príncipe, então, a encarou e perguntou: – Por acaso ele também te enfeitiçou?

Aurora ficou mordida.

– Ninguém me enfeitiça. Sou da família Valor – declarou.

Em seguida, olhou para Apollo com uma soberba digna de uma princesa.

E era exatamente por isso que ele nunca gostou de princesas. Assim como Aurora, tinham uma boa aparência por fora, mas muitas eram podres por dentro...

– Se está com medo de que Jacks reconquiste Evangeline ou a roube de você, não precisa. Já cuidei disso.

– Como?

– Não precisa se preocupar. Eu guardo meus segredos, assim como guardarei segredo de tudo o que transcorreu entre nós. Então, o que vai ser, príncipe?

Apollo sabia que não podia dar as costas para aquilo. O pai sempre lhe dissera para ser mais e não existia nada mais *mais* do que ser imortal. Pensou que até poderia continuar discutindo com Aurora a respeito de Jacks, mas duvidava que fosse vencer a discussão. Apesar do que ela havia dito, era óbvio que tinha sido enfeitiçada por Lorde Jacks, assim como havia enfeitiçado Evangeline.

– Depois que você me levar até a árvore, aí faço o juramento de sangue. Mas antes, não.

Aurora espremeu os olhos.

– Eu te dou a minha palavra – garantiu Apollo. – Se eu estiver mentindo, pode contar para todos no reino que roubei as lembranças de minha esposa.

– Então que seja assim – respondeu Aurora. E, ainda jogando pétalas ao chão, adentrou no limbo com o príncipe.

– Por que você continua fazendo isso? Não está chovendo aqui.

– Faço porque a floresta gosta.

Ela atirou mais uma porção de pétalas e, quando fez isso, o chão brilhou, tornando o limbo mais iluminado.

– É para lá que nós vamos? Para a Floresta Amaldiçoada?

– Não se pudermos evitar. Podemos chegar à Árvore das Almas se nos embrenharmos pelo outro lado da floresta. Mas deve haver um arco antigo por aqui, com poderes para nos levar até a Árvore das Almas mais rápido. – Uma ruga se formou na testa de Aurora, que procurava alguma coisa naquele trecho de terra enevoado. Por fim, ela soltou um gritinho: – Achei!

Apollo não viu nada, a não ser um trecho de neblina que parecia mais escuro do que o restante.

Aurora atirou mais pétalas. Desta vez, bem alto no ar. E, quando as pétalas atingiram a neblina, ficaram grudadas nela. Por breves instantes, as pétalas formaram o contorno de um arco e, em seguida, deram a impressão de derreter e se espalhar, até que o arco deixou de ser apenas um contorno e se transformou em uma construção de verdade, feita de mármore branco e reluzente.

Quando criança, o príncipe ouvira histórias de que havia arcos escondidos pelo Norte, mas esta era a primeira vez que via um deles.

Quase perguntou para Aurora como ela sabia que o arco estava ali. Mas então se recordou de que, para começo de conversa, tinha sido a família Valor que mandara construir todos eles.

Sendo o monarca no trono do Norte, Apollo possuía um ou dois arcos particulares. Um deles o príncipe usava para impressionar os convidados que compareciam ao Sarau sem Fim. O outro protegia uma árvore-fênix muito antiga, e, na verdade, era um pouco parecido com o arco que estava diante dele, porque ambos eram cobertos por curiosos símbolos mágicos.

Aurora mordeu o lábio ao examinar os símbolos. Aí, ficou batendo a unha na palma da mão, até sangrar. E espalhou o sangue na lateral do arco.

– Bom arco, por favor, abra. Deixe-nos entrar e nos leve até a Árvore das Almas – disse ela.

No instante seguinte, uma porta apareceu, do mesmo tom reluzente de branco. A porta se abriu, revelando algo que parecia um túnel, mas estava escuro demais para enxergar.

Aurora pegou um fósforo de dentro da capa, riscou na parede e jogou no chão. Assim que o fósforo caiu, uma linha de chamas se espalhou por uma das paredes, formando um rastro de fogo. Ela repetiu o processo no outro lado, e os dois rastros de fogo deixaram o interior da caverna claro como o dia.

Aurora adentrou, toda graciosa, cantarolando e andando calmamente no meio das duas fileiras de chamas. Estava quente lá dentro e foi ficando ainda mais quente conforme percorriam o

caminho, até que o túnel se expandiu, formando uma enorme caverna de granito branco cintilante que tinha a mesma borda de fogo do túnel.

Apollo não conseguia enxergar o céu, mas a caverna de alguma forma se abria, porque, logo adiante, um raio perfeito de luar iluminava a árvore mais colossal que o príncipe já vira na vida.

Parecia, entretanto, que “árvore” não era bem a palavra certa. Árvores não deveriam ter um coração pulsante.

O tronco vermelho-sangue daquele colosso dava a impressão de pulsar. Bater. Apollo poderia jurar que ouviu os batimentos dela quando se aproximou. *Tum... Tum... Tum...*

E aqueles entalhes no tronco? Por acaso eram rostos humanos?

O príncipe pensou ter visto olhos apavorados e bocas retorcidas congeladas na madeira, como se houvesse pessoas presas dentro da árvore, mas era meio difícil ter certeza de que não era uma ilusão de ótica causada pela luz bruxuleante das chamas.

A Árvore das Almas era salpicada de folhas pontudas, de um vermelho-queimado, e repleta de galhos no mesmo tom de vermelho-sangue do tronco. Alguns dos galhos se erguiam em direção ao céu, e outros cresciam para a frente e para baixo, em direção ao chão.

Quando Apollo leu a respeito daquela árvore pela primeira vez, no pergaminho que Lorde Massacre do Arvoredo lhe dera, achou que seria parecida com a árvore-fênix que ele possuía. Encantada e mágica. Imaginou que seria um lugar perfeito para posar para retratos – não que o príncipe ainda fizesse esse tipo de coisa.

– Que feia – resmungou.

Aurora lhe lançou um olhar de censura.

– Cuidado com o que diz.

– É só uma árvore – retrucou Apollo.

Mas aí ouviu o coração da árvore bater novamente. *Tum. Tum. Tum.*

O pulsar tinha se acelerado, um bater afoito, faminto, trazendo à lembrança o aviso de Lobric: “E também fui tolo de tê-la

plantado, para começo de conversa. A Árvore das Almas é maligna”.

A árvore, com certeza, não causou boa impressão em Apollo.

– Não me diga que agora está com medo – falou Aurora, com um tom debochado.

Mas o príncipe reparou que, apesar de ter se aproximado da árvore, Aurora não ousou encostar nela.

– Você também pretende beber dela? – perguntou.

De acordo com o pergaminho que Lorde Massacre do Arvoredo lhe dera, Apollo só precisaria abrir uma fenda em um dos galhos para que o sangue jorrasse da árvore. Depois, tinha que beber o sangue direto do galho partido e conquistaria a imortalidade.

Não ficaria mais doente nem envelheceria: continuaria jovem, forte e saudável para sempre. Ainda poderia morrer, caso alguém tentasse matá-lo, mas não morreria de causas naturais e, de acordo com o pergaminho, a mesma magia que o manteria jovem também tornaria mais difícil assassiná-lo.

Tornar-se imortal parecia ser simples, mas o pergaminho também revelara que cultivar uma dessas árvores não era tarefa fácil. Depois que Lobric Valor ganhou de presente a raríssima semente dessa árvore e a plantou, o antigo rei teve que dar o próprio sangue para ela – todas as manhãs e todas as noites, durante um ano inteiro. Se deixasse de dar uma das refeições, a árvore murcharia e acabaria morrendo.

– Vou esperar mais uns anos – respondeu Aurora. – Já é bem difícil ser mulher. Não quero passar a eternidade como uma mulher jovem.

– Pelo menos você ainda tem um pouco de bom senso, mas não o bastante para eu querer te chamar de “filha” neste exato momento – berrou uma voz bem alta, vinda do túnel atrás dos dois.

Segundos depois, Lobric Valor entrou pisando firme na caverna, ladeado, ao que tudo indicava, por dois de seus filhos. Assim

como todos os demais integrantes da família Valor, os filhos do antigo rei aparentavam ser um pouco mais do que humanos.

Aurora se encolheu de leve quando os viu.

– E o senhor, pai, está com a mesma cara ranzinza de sempre.

Lobric lançou um olhar fulminante para a filha, depois se virou para os filhos e ordenou:

– Levem sua irmã de volta para o acampamento. Eu e sua mãe lidaremos com ela lá.

Antes mesmo de os filhos terem ido embora, Lobric foi em direção a Apollo.

O príncipe pôs a mão na espada.

– Nem se dê ao trabalho – disse o antigo rei. – Não vim aqui para te matar, menino. Você tem sido bom com a minha família, por isso vou te alertar mais uma vez a respeito dessa árvore. O único motivo para esta árvore continuar aqui é que não posso derrubá-la. Se esta árvore morrer, eu morro. E, antes que você tenha alguma de suas ideias, eu sou o único que pode derrubá-la.

– Eu jamais...

– Não minta – interrompeu Lobric. – O fato de você estar aqui significa que está disposto a fazer muita coisa. Mas será que sabe o que está fazendo? Ou simplesmente caiu na conversa da minha filha desmiolada?

Apollo chegou a pensar em contar para o antigo rei que a filha dele estava mais para gênio do crime e que o chantageava, mas não acreditava que isso ajudaria em alguma coisa.

– Quer saber por que eu neguei quando você me pediu para ter acesso a essa árvore? – prosseguiu Lobric. – Quer saber o quanto custa beber o sangue da Árvore das Almas? Sempre há um preço a pagar pela magia e, para ter vida eterna, outra vida precisa ser sacrificada. Neste caso, você perderá a vida da pessoa que mais ama. É por isso que me deram a semente para plantar essa árvore.

Lobric espichou o pescoço para examinar a árvore, com um ar de amargura.

– Quando eu era jovem, era um tanto tolo, como você. Certa vez, ao visitar um reino vizinho, salvei a vida da princesa. O nome dela era Serena. Era bonita, e eu fui um pouco mais simpático do que deveria ter sido. Antes de eu ir embora do reino, Serena me deu a semente desta árvore de presente. Disse que era uma forma de agradecer por eu ter salvado a vida dela, e eu acreditei. Eu me julgava merecedor da imortalidade e não me passou pela cabeça perguntar para um dos meus conselheiros de confiança o que a árvore realmente era antes de lhe dar meu sangue a ela todos os dias. Só depois que a árvore atingiu a fase adulta, pouco antes de eu estar prestes a, finalmente, beber de seu sangue, que fiquei sabendo que a princesa Serena, na verdade, me deu a semente na esperança de que eu a plantasse e que minha esposa morresse assim que eu bebesse de seus galhos. Depois que salvei a vida de Serena, a princesa achou que estava apaixonada por mim. Mas sabia que eu jamais ficaria com ela, a menos que Honora morresse. Mas prefiro morrer do que fazer mal à minha esposa.

– Eu também – declarou Apollo.

Tudo o que estava fazendo era para protegê-la.

– Espero que esteja falando sério – declarou Lobric, com um tom grave. – Não chegue perto desta árvore de novo. Caso contrário, será a última coisa que fará na vida.



## Evangeline

-O que... não... como? Não!

Evangeline estava ofegante e não conseguia concatenar as palavras direito. Queria dizer que Jacks não havia tentado matá-la e que jamais lhe faria mal. Mas temia que essas palavras não fossem verdadeiras e que, se as dissesse em alto e bom som, seriam ainda menos verdadeiras.

Se fosse verdade que o Príncipe de Copas jamais lhe faria mal, isso não deveria ser algo que ela precisaria dizer.

Evangeline pressionou os olhos com a mão, na esperança de deter as lágrimas que ameaçavam cair.

Caos soltou um ruído cansado, que ficou entre um grunhir e um pigarrear. A princesa imaginou que o vampiro poderia estar tentando pensar em uma maneira de consolá-la ou em alguma desculpa para ir embora, agora que já a havia levado para bem longe de Jacks.

Quando Evangeline tirou as mãos dos olhos, teve a impressão de que Caos estava absolutamente constrangido. O vampiro, que usava uma capa preta e curta e um traje de couro cinza-fumaça, estava todo rígido, encostado em uma árvore do outro lado da fonte cintilante.

Ela não se recordava de ter pedido para o vampiro levá-la até a fonte cintilante, mas devia ter pedido. O lugar onde estavam era isolado e lindo, com águas iluminadas que lançavam um brilho em

tons de verde e azul nas árvores ao redor. As rochas ao redor do lago brilhavam naquela luz enfeitiçante.

Tudo parecia ter sido tocado por uma espécie etérea de magia, menos Caos. A magia que o tocava dava a impressão de ser de outra espécie.

A luz da água era forte o bastante para Evangeline enxergar as pontas das presas do vampiro. Elas pareciam maiores e mais reluzentes do que a água, já que a luz do luar refletia nas pontas afiadas.

- Por acaso você pretende me morder? – perguntou.
- Acabei de salvar sua vida – respondeu ele, mas as palavras saíram com um certo rosnado. – Não vou te ferir.
- Tenho a sensação de que é isso que as pessoas sempre dizem antes de ferir alguém.
- Então você deveria agradecer a sorte de que eu, tecnicamente, não sou uma pessoa.

Nesta hora, os cantos dos lábios de Caos se ergueram de leve. Evangeline achou que o vampiro estava tentando sorrir, mas era um sorriso que dava a impressão de ser mais ávido do que tranquilizador.

- O que aconteceu com Jacks?
  - Acho que você já sabe.
- Caos inclinou a cabeça, indicando o bracelete de vidro que estava no pulso de Evangeline.

A joia não estava brilhando, mas havia brilhado poucos minutos antes, quando Jacks tentou beijá-la, assim como se acendera quando Apollo a machucou.

A princesa começou a ouvir um zumbido na cabeça. Ou talvez o zumbido estivesse lá aquele tempo todo, um alerta para impedir que Evangeline pensasse demais no que acabara de acontecer com Jacks e que o Arcano poderia ter tentado matá-la.

- Este bracelete possui uma magia muito antiga – explicou Caos. – Era para ser um presente de casamento de Vingança Massacre do Arvoredo para minha irmã gêmea.

– Não sabia que você tinha uma irmã.

– Tenho. Acho que vocês duas, na verdade, são amigas. Mas duvido que continue amiga dela quando eu terminar de contar esta história. Você conhece minha irmã pelo nome de Aurora Vale. Mas o nome verdadeiro dela é Aurora Valor.

De repente, o chão de musgo em volta da fonte, onde Evangeline pisava, lhe pareceu movediço.

– Por acaso você acabou de dizer “Valor”?

O vampiro fez que sim, enquanto os pensamentos da princesa rodopiavam, tentando acompanhar a história. Ao longo do dia anterior, ela havia se lembrado de tanta coisa e passado por tanta coisa, que ficava difícil absorver tudo aquilo. Mas conhecia a família Valor. Estudara sobre eles quando procurava pelas pedras do Arco da Valorosa. Só que não havia se dado conta de que Caos também era da família.

Evangeline se sentiu uma tola no mesmo instante. Jacks o chamara de “Castor”, e Castor Valor fora amigo íntimo de Jacks. Era para estar morto, como todos os demais integrantes da família Valor – mas, obviamente, não era o caso.

E, se Aurora era irmã de Castor, os pais deveriam ser Lobric e Honora Valor. Não tinha como Evangeline saber que o primeiro rei e a primeira rainha do Norte haviam voltado dos mortos depois de centenas de anos. Mas tinha a sensação de que deveria ter conseguido ligar os pontos de alguma maneira. Nunca confiou em Aurora, mas achava apenas que ela compartilhava do mesmo nome da falecida Aurora Valor. Nunca imaginou que se tratava da mesma pessoa.

– Percebo que você tem muitas perguntas – comentou Caos.

– Não tenho nada além de perguntas. A sua família voltou dos mortos? Ou estava apenas se fingindo de morta? Por onde andaram todos esses anos? Por que voltar agora?

– Sei que vai ser difícil, mas sugiro que você segure suas perguntas até eu terminar de contar a história, caso Jacks nos encontre.

O vampiro não lhe deu tempo para argumentar e acrescentou na sequência:

– Acho que Jacks já te contou que minha irmã foi noiva de Vingança Massacre do Arvoredo.

Evangeline fez que sim e Caos prosseguiu.

– Vingança achava que Aurora não passava de uma linda princesa, incapaz de cuidar de si mesma. Mandou fazer um bracelete de proteção para ela: um bracelete que refreava qualquer um que tivesse a intenção de lhe fazer mal. O bracelete tinha uma única artimanha: uma vez colocado, não podia ser retirado. Sabendo disso, minha irmã se recusou a usá-lo. Além disso, não precisava de nenhum amuleto de proteção ou, pelo menos, era isso que pensava. Mas ficou com o bracelete. Não sei o que pretendia fazer com ele. Mas, enquanto ficou trancafiado na Valorosa, esse bracelete se tornou uma lenda.

– Espere aí – interrompeu Evangeline. – A sua irmã estava dentro da Valorosa?

– Toda a minha família estava dentro da Valorosa, presa em um estado de sono suspenso. Por que você acha que eu queria tanto abri-la?

– Achei que era por causa do elmo.

Antes de Evangeline abrir a Valorosa, Caos usava um elmo amaldiçoado que o impedia de se alimentar. Mas, agora que ela parara para pensar, fazia todo o sentido Caos também ter um motivo mais profundo para querer abrir o arco. Talvez ele fosse o monstro que certas pessoas acreditavam estar dentro da Valorosa. Só que não era Caos quem estava trancafiado, era a sua família.

– Depois da noite que você abriu o Arco da Valorosa, Jacks ficou meio enlouquecido. Não parava de falar que você tinha morrido. Que precisava salvar sua vida. Não levei a sério. – Caos parou de falar alguns instantes, passou a mão no cabelo e resmungou: – Eu dei uma mordida nele, sem querer, e achei que era só efeito da perda de sangue. Então, dois dias depois,

descobri que Jacks havia feito um trato com minha irmã em troca do bracelete. Ele queria a joia para colocar em você, para que ninguém, nunca mais, pudesse te fazer mal.

– Ele anda obcecado com isso – comentou Evangeline.

Evangeline se recordava de o Príncipe de Copas ter atitudes protetoras em relação a ela no passado. Mas, ultimamente, parecia que o Arcano estava obcecado. Ou estivera. Obviamente, algo havia mudado desde a última vez que tinha estado com Jacks, na estalagem. Caos disse que o bracelete de proteção funciona com base nas intenções da pessoa e deteve Jacks quando ele tinha a intenção de beijá-la.

– O que Jacks deu em troca desse bracelete?

– Tentei impedir – respondeu Caos. – Falei para ele não fazer isso, mas Jacks não me deu ouvidos.

– O que ele deu em troca do bracelete? – insistiu Evangeline, desta vez com mais firmeza.

Caos olhou para ela, mas não nos olhos.

A jovem se obrigou a recordar que não se deve olhar um vampiro nos olhos, porque eles interpretam isso como um convite para morder a pessoa que está olhando. Mas, naquela situação, teve a impressão de que não era isso. Agora, Caos parecia estar mais triste do que faminto.

– Jacks deu o próprio coração em troca do bracelete.

– O próprio coração? – repetiu Evangeline. – Que tipo de coração? É alguma espécie de objeto mágico? Uma bugiganga qualquer? Não pode ter sido o coração de verdade, com certeza.

– Todo mundo tem dois corações – explicou Caos. – Um deles é o coração que bate e mantém a pessoa com vida. E o outro, o segundo coração, é aquele que não bate, mas se parte. É o coração que ama, e que com isso dá todo o sentido para a existência. Era esse coração que minha irmã queria.

– E por que Aurora iria querer isso? – perguntou Evangeline, mas temia já saber a resposta e que tivesse alguma coisa a ver com os dois nomes que vira gravados nas paredes da Grotă.

## AURORA + JACKS

Nomes gravados na parede havia centenas de anos. Para Aurora, a sensação devia ser de que se passaram poucos anos, talvez só alguns meses, já que ficara todo esse tempo presa dentro da Valorosa, em um estado suspenso.

– Aurora é apaixonada por Jacks.

– Eu sempre suspeitei. Aurora nunca admitiu, mas imagino que seja só porque Jacks jamais demonstrou algum interesse por ela. Lyric Arvoredo da Alegria é que a amava, e sempre achei que minha irmã estava com ele só para ter uma desculpa para ficar perto de Jacks, que nunca sequer lhe dirigiu o olhar.

– Se Aurora realmente quisesse desfazer o noivado com Vingança para se casar com Lyric, nosso pai teria ficado chateado, mas teria permitido. Ele não é um tirano. Só que Aurora gostava de ser objeto de desejo. Gostava de receber atenção tanto de Lyric quanto de Vingança, e acho que tinha a esperança de que isso deixaria Jacks com ciúme. Claro que tudo deu errado. Acho que nunca ocorreu a Aurora que, depois de terminar com Vingança, ele iria atrás de Lyric e destruiria tudo o que havia no Arvoredo da Alegria. Mas esse é justamente o problema da minha irmã: nunca pensa nas consequências, e sei que não está pensando nelas agora.

– Você sabe o que Aurora pretende fazer com o coração de Jacks? Vai lançar um feitiço de amor nele? – Evangeline deu esse palpite em voz alta. Mas sabia, por experiência própria, que não era preciso ter o coração de alguém para fazer isso. E que feitiços de amor também podem ser quebrados.

– Tenho a sensação de que ela pretende fazer algo mais permanente – respondeu Caos, com um tom pesaroso.

– Tipo o quê? Dar um coração novinho em folha para Jacks?

– Não sei. Mas imagino que, quando Aurora fizer o que pretende fazer, Jacks será dela.

Evangeline teve vontade de vomitar e de andar de um lado para outro ou, talvez, andar de um lado para outro e vomitar. Não conseguia suportar a ideia de Jacks ficando com Aurora e não conseguia imaginar que ele fosse querer isso.

Como Jacks podia ter feito uma coisa dessas? Como podia ter entregado o próprio coração? Como podia desistir de Evangeline daquele jeito? Entretanto, ela duvidava muito que o Príncipe de Copas visse as coisas dessa maneira. Provavelmente ele acreditava que sacrificar o próprio coração para protegê-la era um ato de bondade e nobreza.

Infelizmente, não foi isso que ele fez de fato. Jacks podia até achar que abrira mão do próprio coração para salvar a vida de Evangeline, mas ela receava que o Arcano havia feito isso para poder desistir dela com mais facilidade.

Tinha que haver um modo de mudar aquilo. De consertar. De impedir que Aurora mudasse para sempre os sentimentos do coração de Jacks ou lhe desse outro coração, novinho em folha. Quem Jacks seria caso isso acontecesse?

- Como nós podemos pegar o coração dele de volta?
- Nós não, só você pode. Receio não poder te ajudar.
- Por que não?
- Eu até ajudaria, mas acredito que minha irmã escondeu o coração no único lugar em que não posso entrar. Acho que está escondido na Grotă.
- Evangeline! – A voz cantarolante de LaLa ecoou pelas árvores ao redor dos dois. – Espero que você não tenha esperado mui... – A voz de LaLa foi interrompida abruptamente quando ela saiu do meio das árvores e avistou Caos do outro lado da fonte cintilante.
- O que você está fazendo aqui? – perguntou ela, com os lábios retorcidos de desgosto.
- Acabei de salvar a vida da sua amiga – respondeu Caos, ríspido.

Teria sido apenas coisa da imaginação de Evangeline ou o vampiro realmente estufou o peito? Até aquele momento, a princesa ainda pensava nele como Caos. Mas agora o vampiro estava com uma postura mais ereta, com a capa jogada para trás de um dos ombros, de um jeito altivo, e ela conseguia vê-lo como Castor Valor, o jovem e convencido príncipe do Magnífico Norte.

– Bom, agora eu estou aqui. Então... – disse LaLa, apontando para a floresta.

– Por acaso você está me dispensando? – perguntou Castor.

– Estou tentando – respondeu LaLa, que era a mais baixa dos três, e mesmo assim, olhou para Castor de um jeito que deu a impressão de que era mais alta do que ele. – Você não tem que beber sangue de virgem ou algo do tipo?

– Sangue de virgem? – Castor deu um daqueles sorrisos arrasadores de vampiro e passou a mão no cabelo, de um jeito descontraído. – Que histórias você andou lendo a meu respeito?

– Eu não leio histórias a seu respeito – LaLa bufou, mas Evangeline poderia jurar que as bochechas da amiga ficaram mais coradas.

– Então é uma mera coincidência você ter acabado de citar uma dessas histórias?

– Sei que você bebe sangue.

O olhar de Castor ficou ardente. “Eu gostaria de beber o seu sangue”, parecia dizer.

E, de repente, tudo parecia estar mais acalorado do que devia. LaLa dava a impressão de não gostar de Castor, mas Evangeline desconfiou de que o vampiro tinha uma opinião bem diferente a respeito da amiga.

– Acho que estamos fugindo do assunto – interveio, antes que desse tempo de o vampiro dar uma mordida em LaLa. – Jacks precisa de ajuda.

LaLa imediatamente parou de olhar para Castor.

Evangeline explicou rapidamente para ela o que o vampiro havia lhe contado sobre Aurora e o coração de Jacks.

– Não acredito que eu achava que Jacks era o mais inteligente de todos nós. – Mais uma vez, LaLa olhou feio para Castor e perguntou: – Por que você não o impediu?

– Eu tentei.

– *Pff.* Óbvio que você não se esforçou.

– Não é culpa de Castor – disse Evangeline, mas ninguém prestou atenção nela.

– Por acaso você já conseguiu impedir Jacks de alguma coisa?

– perguntou Castor.

LaLa ergueu o queixo com uma expressão imperiosa.

– Eu já apunhalei Jacks com uma faquinha de manteiga.

– Eu me lembro do fiasco da faquinha de manteiga – comentou Evangeline. – Causou uma grande confusão. E, por falar em confusão, o que vamos fazer em relação ao coração de Jacks?

– Eu voto por sequestrar Aurora e torturar a megera até ela nos contar onde o coração está – sugeriu LaLa.

– Não vou permitir que você torture a minha irmã – interrompeu Castor.

– A sua irmã é um monstro!

As narinas de Castor se dilataram.

– Somos todos monstros.

Com um grunhido, ele se afastou da árvore em que estava encostado.

Por um instante, Evangeline achou que o vampiro iria atravessar para o lado da fonte em que elas estavam e afundar os dentes em LaLa. A tensão havia voltado, era visível no maxilar e nos ombros dele. E aí, lentamente, Castor deu um passo para trás.

– Não estou pedindo para você perdoar minha irmã pelo que ela causou à sua família – disse, baixinho. – Mas não precisa machucá-la. Aurora ficou trancafiada na Valorosa por centenas de anos: já pagou pelo crime que cometeu. Se quer que ela sofra, é só encontrar o coração e devolver para Jacks. Será tortura suficiente.

Castor deu as costas para ir embora.

– Aonde você pensa que está indo? – gritou LaLa.

– O sol já vai raiar. Preciso ir embora, mas já falei para Evangeline para onde ela tem que ir.

E, com essas palavras, Caos desapareceu em meio à noite.



## Apollo

**N**ão havia ninguém na tenda. Evangeline havia sumido. À primeira vista, parecia ter ocorrido uma luta. Tudo estava de pernas para o ar – baús com as roupas reviradas. Almofadas rasgadas. A mesinha estava virada por cima de uma poça de vinho derramado e de comida espalhada. Frutinhos do bosque espalhados pelo chão, pisoteados, ao lado de pedaços de carne sujos de terra.

– Guardas! – berrou Apollo, chamando os dois soldados que estavam de prontidão do lado de fora.

Ficou óbvio, no instante em que os guardas olharam para dentro da tenda, que não ouviram confusão nenhuma. Não houve luta, não houve sequestro – bem como o príncipe temia.

Evangeline tinha ido embora de livre e espontânea vontade – e deixara aquela cena para despistá-lo.

O que só poderia significar uma coisa.

*Ela se lembrou.*

– Quero que encontrem minha esposa. Tragam-na de volta, não importa o que tenham de fazer.



## Evangeline

-Eu continuo preferindo torturar Aurora com minhas próprias mãos – declarou LaLa, enquanto caminhava, ao lado de Evangeline, pela trilha que levaria as duas até a Grotta. O sol estava começando a raiar lentamente, lançando a luz quente da manhã em todas as gotículas de orvalho que molhavam a grama dos dois lados da trilha.

– Acho que eu também gostaria de torturar aquelazinha – comentou Evangeline. Mas foi mais para dizer alguma coisa que a fizesse parar de pensar no fato de que Jacks estava sem coração e que, quando o recobrasse, poderia não ser o mesmo coração.

A amiga conseguiu distraí-la, sugerindo tocar fogo no cabelo de Aurora, arrancar as unhas da garota e outras coisas que Evangeline não tinha nem coragem de repetir.

– Eu só quero beijar o Jacks – disse a princesa, baixinho. – E... não quero morrer.

Até a noite anterior, Evangeline jamais acreditara de fato que Jacks a mataria. Na noite que passaram juntos na cripta ficou com medo de que ele a mordesse e a transformasse em vampiro, mas jamais teve medo de morrer pelos lábios do Arcano.

Até aquele momento.

Foi aí que LaLa se virou para ela, com um sorriso especialmente gentil.

– Espero que, algum dia, você consiga, sim, beijar Jacks na frente de Aurora. Essa seria a melhor das torturas.

– Mas achei que você acreditava que beijar Jacks me mataria...  
A Noiva Abandonada deu de ombros.

– O que posso dizer? A vingança me dá esperança.

Poucos metros depois, chegaram à tabuleta onde estava escrito “Bem-vindo à Grotă!”.

Um dragãozinho tirava um cochilo em cima da placa, roncando e soltando faíscas minúsculas e adoráveis.

Com um susto, Evangeline recordou da noite que passara ali com o Príncipe de Copas.

Em seguida, recordou que a Floresta Amaldiçoada levara Jacks de volta à Grotă.

Poderia o melhor dia da vida de Jacks ser o dia em que ele ficou ali com Evangeline? Tinha a sensação de que seria pedir demais. Mas, só de pensar nisso, parte da luz que havia dentro de Evangeline se reacendeu. Talvez o Príncipe de Copas realmente não quisesse um final feliz, mas ela se negava a acreditar que o Arcano não a desejava. Contudo, sabe-se lá o que Jacks iria querer depois que Aurora mudasse os sentimentos dele ou trocasse seu coração por um novo.

– Estamos perto – disse LaLa. – Se bem me lembro, Aurora tinha um covil maligno escondido na base de uma das árvores. Sempre vinha passar férias na Grotă com a família. Eu me recordo de ter tentado brincar com ela nos primeiros anos, mas Aurora sempre queria correr atrás dos meninos.

A Noiva Abandonada guiava a princesa. As amigas saíram da trilha e adentraram uma floresta repleta de árvores e de cogumelos de chapéus aveludados, que chegavam na altura dos joelhos e das pernas das duas. Viram mais dragões adormecidos em cima de outros cogumelos, espalhando pelo ar faíscas de uma luz dourada. Depois os cogumelos rarearam e, por diversos metros, o chão era só de terra – sem cogumelos, sem grama, sem um único galhinho quebrado. Apenas um grande círculo de terra intocada ao redor de uma árvore onde estava gravado, bem no meio, a figura de um lobo usando uma coroa feita de flores.

– Eu deveria ter trazido um machado – comentou LaLa, parando na frente da árvore.

– Acho que consigo abrir usando meu sangue.

– Sim, mas seria muito mais divertido acabar com esse brasão dela a machadadas.

– Podemos voltar, depois que encontrarmos o coração de Jacks.

Evangeline pegou a adaga que o Arcano havia lhe dado e, por um segundo, sentiu uma pontada de algo muito parecido com remorso. Sabia que não tinha culpa de ter perdido as próprias lembranças. Mas gostaria de ter chegado antes. Gostaria de ter lembrado de Jacks quando ele lhe dera aquela faca.

Agora, pensando em retrospecto, era óbvio que o Príncipe de Copas ficara magoado com o fato de Evangeline ter esquecido dele. Se ela tivesse se lembrado antes, talvez tivesse impedido tudo aquilo.

Evangeline cortou o dedo com a adaga, espalhou várias gotas de sangue na árvore e desejou que ela se abrisse com a força do pensamento. Depois de vários e longos instantes, uma porta apareceu no tronco. E, do outro lado dessa porta, havia uma escada que descia. Branca, cheia de flores esculpidas. Devia ser encantada porque, no primeiro passo, começou a brilhar.

– Onde Aurora conseguiu a magia para fazer tudo isso? – perguntou.

– Não faço ideia – respondeu LaLa. – Acredita-se que todos os filhos da família Valor possuíam magia, mas ninguém nunca soube dizer qual era, de fato, a magia de Aurora.

Evangeline contou vinte degraus até ela e LaLa chegarem ao pé da escada. Assim como os degraus, o chão daquele recinto brilhava, iluminando as paredes repletas de estantes. De um lado, parecia haver praticamente só livros – livros bonitos, encapados em cores suaves – lilás, rosa, dourado e creme – todos amarrados com lacinhos caprichados.

A princesa mal olhou para eles e se virou para o outro lado, que estava repleto de frascos e vidros. Alguns eram abaulados, outros

finos, lacrados com cera derretida ou tampas de vidro cintilante. E continham todo tipo de coisa. Evangeline viu flores secas, aranhas mortas, dedos – *argh* –, poções cor de pedra preciosa, um frasco que brilhava feito luz de estrelas. Mas não havia nada parecido com um coração, nem batendo nem parado.

Foi passando os olhos por aquela infinidade de frascos até avistar um vidro cheio de um líquido cor de vinho, que brilhou quando ela lhe dirigiu o olhar. Pegou o frasco. Presa à tampa de vidro, havia uma fita com uma pequena etiqueta escrita à mão: “Sangue de dragão”.

Evangeline se encolheu toda. Não gostava nem um pouco da ideia de existir sangue engarrafado, mas lhe parecia especialmente cruel tirar sangue de dragõezinhos.

Colocou o vidro de sangue de volta na prateleira e pegou um lindo frasco cheio de partículas cintilantes, que se encolheram assim que ela encostou no vidro, indo todas parar no fundo do frasco, formando um amontoado cinzento. O vidro estava sem rótulo, mas Evangeline achou que não se tratava do segundo coração de Jacks.

Reconheceria o coração de Jacks – ela *conhecia* o coração de Jacks. O coração do Arcano tinha ferimentos como o dela, mas era forte, não se encolheria nem se esconderia de Evangeline. Bateria mais rápido, mais forte, no mesmo ritmo que o dela.

A jovem fechou os olhos, estendeu a mão na direção das prateleiras e deixou que os dedos roçassem na lisura do vidro dos frascos.

“Por favor, bata. Por favor, bata”, ficou repetindo em pensamento, encostando em frasco após frasco.

Nada. Nada. Nada. Só vidro frio e mais vidro frio e...

Seus dedos tocaram em algo que não era um frasco nem era de vidro. A sensação era de couro roçando na pele. Evangeline abriu os olhos e deu de cara com um livro encadernado em couro branco, com letras douradas gravadas na lombada.

– Pensando bem... – conjecturou. – Seria possível Aurora ter cortado o miolo de algum desses livros e colocado o coração dentro?

– Suponho que tudo seja possível – respondeu LaLa, que logo começou a puxar os livros das prateleiras. Desamarrou os laços, sacudiu, virou de cabeça para baixo, para ver se alguma coisa caía – Evangeline ouviu algumas chaves baterem no chão. Em seguida, viu uma peruca castanha e comprida cair de um dos tomos, que LaLa atirou no chão sem o menor cuidado. – Não é a mesma coisa que dar umas machadadas na porta, mas até que é bom – declarou a Noiva Abandonada, jogando mais um livro no chão, por trás do ombro.

Evangeline foi mais cuidadosa quando tirou o volume encadernado de couro branco da estante. A capa não continha nenhuma palavra, só mais um desenho de uma cabeça de lobo usando coroa.

Ela não sabia se o coração de Jacks estava escondido dentro daquele livro, mas era óbvio que havia algo dentro dele. Sentiu mais alguma coisa quando tentou abri-lo, mas as páginas se recusaram a se mexer. *Magia*.

A princesa furou o dedo e passou o próprio sangue nas páginas do livro enquanto dizia “Por favor, abra”.

O livro obedeceu imediatamente.

As palavras “Livro de feitiços de Aurora” estavam escritas com capricho na primeira página.

– O que você encontrou aí? – perguntou LaLa, pouco antes de atirar mais um livro no chão.

– É o livro de feitiços da Aurora.

Evangeline virou a página, torcendo para encontrar um índice. Mas, pelo jeito, aquele livro estava mais para um diário.

O primeiro registro continha a data, seguida pela seguinte frase: “Hoje tentei fazer meu primeiro feitiço”.

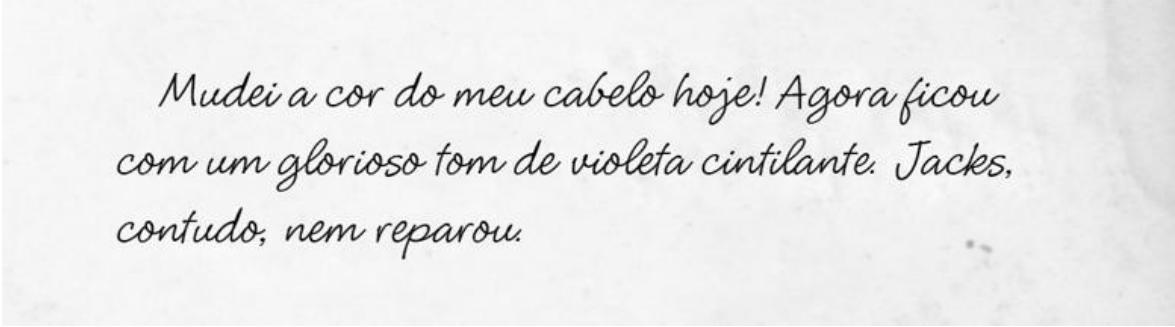
– Acho que você não vai encontrar o coração de Jacks aí dentro – disse LaLa.

– Eu sei, mas talvez encontre o feitiço que Aurora pretende usar para mudar os sentimentos do coração de Jacks ou lhe dar um novo.

– Ou, quem sabe, a gente consiga encontrar um feitiço para lançar nela – sugeriu a Noiva Abandonada, toda empolgada.

Evangeline continuou virando as páginas. A sensação que teve, ao encostar no papel, foi de que era velho e frágil. Ela examinou cuidadosamente todos os registros, um por um.

Aurora era determinada, isso a princesa tinha que reconhecer. A maioria dos primeiros feitiços que fez deu errado, mas isso não a deteve. Continuou testando feitiços com afinco, até começar a ter sucesso.



*Mudei a cor do meu cabelo hoje! Agora ficou  
com um glorioso tom de violeta cintilante. Jacks,  
contudo, nem reparou.*

– É claro que não – resmungou LaLa, que estava lendo por cima do ombro da amiga.

Evangeline sentiu um breve friozinho na barriga, algo bem parecido com felicidade. Mas a sensação logo se dissipou, depois de mais alguns registros.

Minha irmã, Vesper, finalmente teve uma visão do futuro de Jacks. "Ele vai se apaixonar por uma Raposa", disse ela.

"Como assim, uma raposa?", perguntei.

Mas é claro que Vesper não sabia responder. Ainda está tentando controlar suas visões. Por enquanto, essas visões nem sempre fazem sentido. Mas acho que fui brilhante e consegui descobrir.

Castor, meu irmão, está formando uma rede de espiões para garantir a segurança do Norte - até parece que nosso pai precisa de ajuda com isso!

Felizmente, para mim, os espiões de Castor são muito úteis. Um deles gosta de mim, claro. Outro dia, quando sem dúvida ele estava tentando me impressionar, comentou comigo que tinha conhecido uma plebeia que tem a habilidade de se transformar em raposa. Ele pretendia contar isso para o meu irmão, achando que essa tal garota daria uma excelente espiã.

Eu o convenci a não fazer isso.

Essa garota só pode ser a tal "raposa" que Jacks vai amar. Mas não vou permitir que isso aconteça.

Na verdade, eu já fiz uma coisa, algo que não deveria ter feito, para impedir que isso aconteça. E agora é tarde demais para mudar.

– Não é tarde demais para torturá-la – declarou LaLa.

– Eu nunca confiei nela – resmungou Evangeline. – Mas ainda é difícil de acreditar que ela seja tão terrível.

Apesar de Aurora não ter escrito o que havia feito, Evangeline achou que sabia o que era.

Jacks havia lhe contado a história de como se tornara o Arqueiro de *A balada do Arqueiro e da Raposa*. Que fora contratado para caçar uma raposa, mas descobriu que a raposa, na verdade, era uma jovem – uma garota pela qual começou a se apaixonar. Jacks contou isso para os homens que o contrataram, na certeza de que haviam se enganado quando pediram que ele caçasse a raposa. Mas, em vez de rescindir o contrato com Jacks, lançaram um feitiço nele que o obrigava a não apenas caçar, mas matar a garota-raposa. Jacks resistiu ao feitiço e não flechou sua amada – mas, depois, a beijou, e ela morreu.

– Você acha que isso quer dizer que Aurora lançou as duas maldições em Jacks: a maldição do Arqueiro e a maldição que torna o beijo dele letal?

– Vindo dela, não duvido – respondeu LaLa. – Aurora roubou o coração de Jacks. Acho que isso entra na categoria “se não posso ficar com ele, ninguém mais pode”.



## Evangeline

A impressão era a de que mais bandeirolas alusivas ao festival haviam se proliferado da noite para o dia. Alegres bandeirolas triangulares, de todo tipo de tecido e cor – pêssego listrado, verde-menta, azul-ovo-de-pintarroxo-salpicado, rosa-pôr-do-sol e roxo de bolinhas, todas tremulando alegremente na brisa suave – se alastravam por todo o Vilarejo de Arvoredo da Alegria, que estava em polvorosa.

O sol amarelo brilhante estava a pino, desimpedido das nuvens, apesar de haver uma certa umidade no ar que deixou Evangeline com a sensação de que poderia chover mesmo na ausência das nuvens. Ela imaginou o céu se abrindo, como se alguém o estivesse cortando com uma faca.

Discretamente, endireitou a peruca que roubara do covil de Aurora – aquela, castanha, que caíra de dentro de um dos livros. Evangeline torcia para que a peruca ajudasse a passar despercebida em meio aos habitantes do vilarejo, evitando que os guardas a reconhecessem enquanto ela e LaLa procuravam por Aurora. O plano era encontrar a ex-princesa entre as pessoas que estavam ali para participar do festival e segui-la, na esperança de que ela levasse as duas até o lugar em que havia guardado o coração de Jacks.

No dia anterior, Aurora comentara que se interessava por todas as barraquinhas, gostosuras e coisas bonitas do festival do Arvoredo da Alegria. Pensando bem, Evangeline se lembrou que

Aurora estava toda feliz, usando uma coroa feita de flores e um sorriso radiante. Em retrospecto, Evangeline concluiu que, na verdade, toda aquela alegria era pelo fato de Aurora ter, por fim, conseguido roubar o coração de Jacks.

Evangeline procurou Aurora no meio da multidão, passando pelos vendedores de serras e martelos, de frutas silvestres e cerveja, e pelas intermináveis bancas de quinquilharias. Ao redor das barraquinhas, crianças davam risadas e soltavam gritinhos, correndo e girando seus cata-ventos de papel. A felicidade se alastrava pelo ar feito pólen. Estava por todos os cantos, tocando tudo, menos Evangeline. Ela só conseguia sentir um aperto no peito, uma sensação de que seu tempo estava acabando.

Já se passara um dia desde que Aurora roubara o coração de Jacks.

E se fosse tarde demais? E se o motivo para não encontrarem Aurora fosse porque ela estava em algum lugar com Jacks e já havia substituído o coração do Arcano? E se...

– Está vendo a princesa maligna em algum lugar? – perguntou LaLa.

Evangeline fez que não. Viu pessoas regateando, conversando, ajudando na reconstrução do local. Mas não viu nenhuma garota de cabelo violeta.

– Maçãs assadas por dragões, venham comprar maçãs assadas por dragões! – gritava um vendedor ambulante, arrastando um carrinho vermelho tom de doce, que dava a impressão de ter sido pintado com todo o capricho. As palavras “Maçãs Assadas por Dragões” estavam escritas com uma letra rebuscada e, em volta delas, havia delicados desenhos de maçãzinhas e silhuetas de dragões adoráveis.

O vendedor foi reduzindo a velocidade do carrinho, até parar na frente de LaLa.

– Não temos interesse, obrigada – disse a Noiva Abandonada.

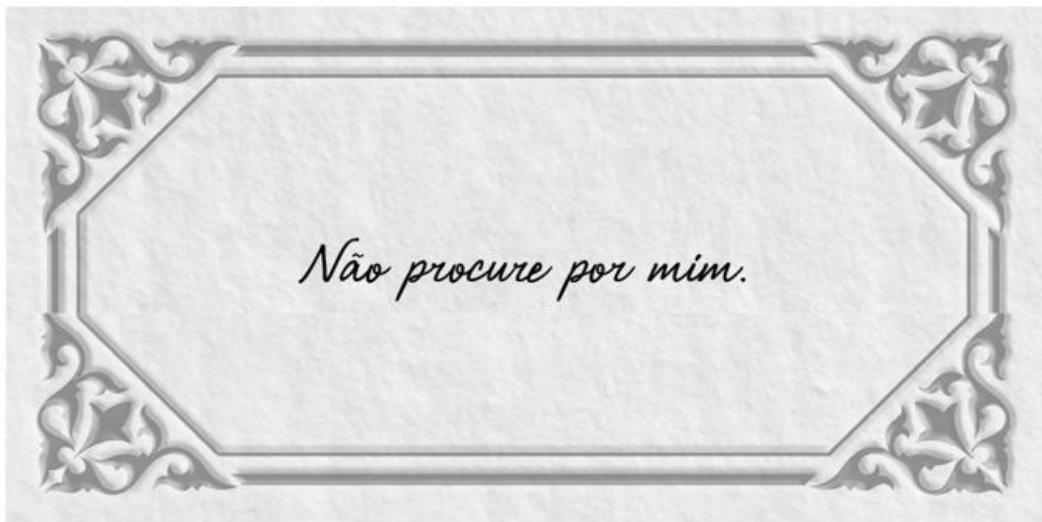
– Mas alguém comprou uma maçã para a jovem senhorita.

O vendedor, um rapaz com um rosto simpático e franco, sorriu. Mas foi um sorriso meio estranho, feito um sorrisinho que uma criança teria desenhado no quadro de um grande mestre da pintura.

Com os dedos trêmulos, o vendedor entregou para Evangeline um pergaminho pequeno, amarrado com uma fita branca de organza.

– Pediram que eu lhe entregasse isso primeiro.

Evangeline desenrolou o pergaminho, toda nervosa.



O bilhete não tinha assinatura nem rubrica. Mas, na mesma hora, ela teve certeza de quem o havia enviado. *Jacks*.

A princesa se virou para o vendedor de maçãs. Se o Príncipe de Copas havia ordenado que Evangeline não procurasse por ele, é porque estava pensando nela. Ainda havia esperança.

– Quando lhe deram isso? – perguntou Evangeline.

O rapaz não respondeu. Nem olhou para ela. Parecia que ele estava em uma espécie de transe. Virou um saco de açúcar na tampa de seu precioso carrinho de maçãs e em seguida se dirigiu aos dragõezinhos. Eram três. Um marrom, um verde, um cor de pêssego.

– Está na hora – ordenou, baixinho.

Os dragões choraram.

– Obedeçam logo – murmurou, ainda ignorando Evangeline.

Devia estar sob a influência do Príncipe de Copas. Evangeline levou um susto ao se dar conta disso. Já vira Jacks controlando as pessoas em outras ocasiões. Mas, no passado, sempre fizera isso para protegê-la.

Tinha uma sensação horrível de que esse não era o caso agora, porque viu o vendedor secar uma lágrima bem na hora que os dragões soltaram faíscas de fogo, queimando o açúcar. Em segundos, o carrinho inteiro estava pegando fogo, coberto de chamas brancas e cor de laranja. O vendedor ficou parado, imóvel, do lado do carrinho, como se estivesse preso ao chão.

– Precisamos de água! – gritou Evangeline, dirigindo-se a LaLa e virada para o poço que ficava no meio da praça.

– Não! – respondeu a Noiva Abandonada, já pegando a amiga pelo braço. – Precisamos ir embora.

Ela arrastou Evangeline para longe do vendedor e da praça bem na hora que os guardas reais repararam no carrinho em chamas e o público do festival começou a correr e a levar baldes d’água.

O rapaz chorava. Os dragõezinhos choravam.

O fogo se extinguira, mas o carrinho estava destruído, reduzido a pedaços de madeira chamuscada, em brasa.

– Não acredito que Jacks faria uma coisa dessas – murmurou Evangeline, enquanto LaLa a empurrava ainda mais para longe da multidão. – Isso me parece, simplesmente, uma crueldade desnecessária.

– Jacks é desnecessariamente cruel – retrucou LaLa. – Fazia esse tipo de coisa o tempo todo. Você não conhece esse Jacks porque ele sempre foi diferente quando estava com você.

Nesta hora, a Noiva Abandonada falou mais baixo e, por mais que não tenha dito com todas as letras, Evangeline teve a sensação de que a amiga estava pensando que aquela versão de Jacks não existia mais.

– Você acha que Aurora já mudou os sentimentos de Jacks ou deu um coração novo para ele?

LaLa mordeu o lábio, mas não respondeu, coisa que, para Evangeline, era muito parecida com um “sim”.

O sol batia com força no rosto das amigas quando chegaram aos limites do vilarejo. Era aquela parte do dia em que não há sombras. Tudo é claro e iluminado. Era para ser fácil avistar Aurora no meio de uma multidão como aquela, em que a maioria das pessoas usava roupas rústicas e tinha cabelo de cor normal.

– Não a vejo – disse Evangeline.

Um lado dela temia ter chegado tarde demais. Temia que Aurora já tivesse mudado os sentimentos de Jacks ou lhe dado um coração novo. Mas não podia desistir do Príncipe de Copas e sabia que, se o Arcano ainda fosse o *Jacks dela*, não desistiria de Evangeline caso ela perdesse o próprio coração.

– Acho que já sei. – LaLa apontou para um ponto depois do vilarejo, para uma trilha de pétalas de flores rosa-claro que levava à Floresta do Arvoredo da Alegria. Em seguida, revirou os olhos. – Quando Aurora era mais nova, queria que as pessoas pensassem que ela deixava um rastro de flores por onde passava. Por isso, sempre carregava consigo pétalas de flores e as jogava no chão conforme se movimentava. Aposto que, se seguirmos aquele rastro, vamos encontrar o coração de Jacks.

O rastro de pétalas de flores cor-de-rosa salpicava as pedras, a grama e até alguns dragões adormecidos, e obrigou LaLa e Evangeline a se enveredarem por um caminho tortuoso que levou as duas para as sombras da Floresta do Arvoredo da Alegria. Seguir aquelas pétalas fez a princesa recordar de uma lenda da qual não conseguia lembrar direito, mas tinha quase certeza de que não acabava bem.

Evangeline queria ter esperança de que a sua própria lenda fosse diferente. Acreditava que todas as histórias têm a possibilidade de infinitos fins e se esforçou muito para se apegar

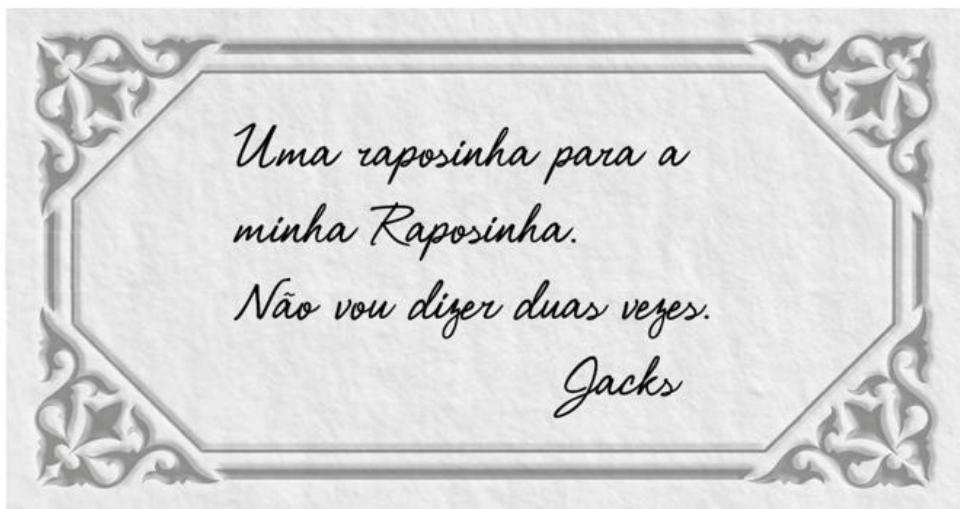
a essa crença toda vez que respirou e a cada passo que deu na vida.

Até que o rastro de pétalas chegou ao fim.

Terminou na base de uma árvore. Onde havia uma raposa. Que era branca e de um marrom-avermelhado, com um deslumbrante rabo peludo. Só que o rabo não se mexia, nem a raposa: estava estirada na base da árvore, com uma flecha dourada atravessada no coração.

– Ah, não!

Evangeline caiu de joelhos e verificou se o coração da raposa ainda estava batendo. Mas encontrou apenas um bilhete preso na flecha.



– Nossa, como estou odiando Jacks neste exato momento – declarou Evangeline.

– Pelo menos, ele não matou uma pessoa – disse LaLa.

– Mas fará isso em breve. É isso que este bilhete quer dizer.

Primeiro, o Arcano destruiu o carrinho. Depois, matou aquela raposa. Na próxima, vai matar um ser humano.

– Por acaso isso significa que você quer desistir? – perguntou LaLa.

– Não. Vou salvar a vida dele.

– Não é mais possível salvá-lo – ecoou uma voz vinda de dentro da árvore. No instante seguinte, o tronco estalou, uma porta oculta se entreabriu, e Aurora Valor saiu por ela.

O cabelo violeta estava todo bagunçado; o rosto, pálido, com um grande hematoma se formando nas têmporas.

– Se veio até aqui para pegar o coração de Jacks, não vai encontrar. Você chegou tarde demais.



## Evangeline

**A**s saias iridescentes de Aurora Valor esvoaçaram, formando um círculo perfeito, quando ela desabou no chão, em um amontoado elegante. Mechas do cabelo violeta caíram na testa, que não tinha sequer uma ruga fina de preocupação. A expressão quase parecia serena. Aurora fez Evangeline se lembrar de uma donzela em perigo, esperando pacientemente pelo príncipe.

Mas, observando com mais atenção, o semblante de Aurora mais parecia uma fachada do que um reflexo dos verdadeiros sentimentos que tinha.

Os lindos olhos ficaram com uma expressão dura, e a voz melodiosa tinha um acorde amargurado quando ela olhou para Evangeline e perguntou:

– O que foi que você fez? Por que Jacks se apaixonou por você?

– Bom, ela não é uma lambisgoia como você – respondeu LaLa.

Aurora se encolheu toda. Outra camada de sua expressão fingida rachou quando ela retorceu os lábios, fazendo uma careta.

– Onde está Jacks? – indagou Evangeline. – E o que você fez com o coração dele?

Aurora deu risada.

– Você acha que Jacks fez isso por minha causa? – Aurora pegou o rabo da raposa morta e ficou sacudindo para a frente e para trás, batendo com ele no chão, sem a menor consideração, enquanto a pobre raposa continuava estirada no chão, com os

olhos vazios. – Por mais que eu goste do simbolismo, não tive nada a ver com isso.

– Não acredito. Sei que foi você quem amaldiçoou Jacks – declarou Evangeline. – Achei seu antigo livro de feitiços. Foi por sua causa que ele matou a primeira garota que amou, a que se transformava em raposa.

– Sim, mas não tenho nada a ver com *isto*. – Nesta hora, Aurora soltou o rabo da raposa morta. – Jacks fez isso porque quis, por você.

O tom de Aurora ficou azedo, transmitindo algo muito parecido com ciúme, e deu a impressão de que desejava o sofrimento de Jacks tanto quanto o amor dele.

– Foi você quem roubou o coração dele – argumentou Evangeline.

– Eu não roubei! Jacks me deu de livre e espontânea vontade. Mas não está mais comigo.

– Como assim, não está mais com você? – perguntou LaLa, com um tom de ceticismo.

Aurora jogou a cabeça para trás, até encostar na árvore, em mais uma pose dramática.

– Jacks veio falar comigo há pouco. Exigiu o coração de volta. Como eu não quis devolver, ele me nocauteou. – Apontou para o hematoma que tinha na têmpora, que ficava cada vez maior. – Quando eu acordei, Jacks havia sumido. E o coração também.

– Isso não faz o menor sentido – disse Evangeline. – Se Jacks pegou o coração de volta há pouco, por que faria tudo isso? – Ela apontou para a raposa morta.

Aurora deu risada.

– Você acha que Jacks pegou o coração porque o queria de volta?

Ela deu mais uma risada, mais alegre e mais alta.

– Acho que a gente deveria ir embora daqui – murmurou LaLa.

– Também acho – disse Aurora, ainda dando risada. – Depois que Jacks terminar de destruir o próprio coração, vai voltar e vai

matar, e não será apenas uma raposa selvagem.

Aurora tornou a sacudir o rabo da raposa. Para a frente e para trás, para a frente e para trás, e Evangeline sentiu o sangue ferver e correr mais rápido, zumbindo nos seus ouvidos.

LaLa pode até ter dito alguma coisa, mas não conseguiu ouvir direito, porque as palavras de Aurora não paravam de se repetir dentro da sua cabeça: "Depois que Jacks terminar de destruir o próprio coração".

Queria acreditar que Aurora estava apenas sendo malvada e tentava atormentá-la. Queria afirmar que Jacks não destruiria o próprio coração, mas também jamais havia pensado que o Arcano daria o coração em troca de alguma coisa. Uma das coisas que Evangeline amava em Jacks era a determinação, a motivação, a busca incansável pelas coisas que mais queria. E ela não queria acreditar que Jacks queria não sentir nada. Que ele não estivesse nem aí para o próprio coração. Que abrisse mão do amor, de tudo, completamente.

Evangeline queria gritar e soltar palavrões. E um lado dela queria apenas cair de joelhos no chão e chorar.

Jacks era o Príncipe de Copas – passara quase a vida toda procurando pelo amor. E, agora que Evangeline aparecera... ele estava desistindo?

– Para onde ele foi? – perguntou para Aurora. – E o que posso fazer para impedir?

– Você não pode fazer nada. – Aurora soltou um suspiro e inclinou a cabeça para o lado, cansada, como se ela fosse a mais prejudicada com tudo aquilo. – Eu já falei que você chegou tarde demais.

– Então só me diga para onde ele foi!

Aurora revirou os olhos e respondeu:

– Não foi bem uma preocupação dele me contar quais eram exatamente seus planos antes de bater na minha cabeça.

– Eu sei aonde ele foi – murmurou LaLa. – Só tem uma maneira de destruir o segundo coração de alguém.

– Como? – perguntou Evangeline.

LaLa engoliu em seco e olhou para a amiga com ar de culpa.

– Desculpe, amiga.

– Por que você está pedindo desculpas?

– Porque, se não fosse por mim, Jacks agora não teria para onde ir. O coração que as pessoas usam para sentir é algo poderoso e só pode ser destruído com fogo. Mas não qualquer fogo.

– Como você sabe disso? – perguntou Evangeline.

A Noiva Abandonada continuou com uma expressão sofrida.

– Quando Dane foi trancafiado na Valorosa, quis destruir meu coração.

– Você quis destruir seu coração por causa de *Dane*? – perguntou Aurora, dando uma risadinha debochada.

LaLa olhou feio para Aurora. Por um segundo, Evangeline reparou que a amiga estava reconsiderando a possibilidade de torturá-la.

– Você pode bater nela depois que me contar como acha que Jacks vai destruir o próprio coração – declarou Evangeline.

– A única maneira de destruir o segundo coração de alguém é queimá-lo no fogo de uma árvore-fênix real.

– Você plantou uma árvore-fênix? Por acaso é burra? – Aurora ficou de pé e parecia sinceramente assustada. As bochechas estavam tomadas por uma coloração furiosa. Pelo jeito até aquele momento não acreditava que Jacks conseguiria destruir o próprio coração e estava brincando com Evangeline, provocando só por diversão.

– Onde você plantou a árvore? – perguntou Aurora.

– Até parece que vou te dizer – respondeu LaLa.

Aurora, então, se dirigiu a Evangeline:

– Você sabe onde fica?

A princesa teve um pressentimento de que sabia, mas não estava disposta a revelar o local para Aurora. Vira a árvore na primeira noite que passara no Magnífico Norte.

Tinha sido na véspera do Sarau sem Fim. Apollo estava esparramado nos galhos de uma árvore-fênix, posando para um retrato. Na verdade, ela reparou naquela árvore espetacular antes de reparar no príncipe.

Sua mãe havia lhe contado sobre o mito da árvore-fênix, e Madame Voss, a ex-tutora, também. As folhas da árvore-fênix levam mais de mil anos para transmutar-se em ouro – ouro de verdade. Mas, se alguém arrancar uma folha antes que todas tenham se transmutado, a árvore inteira pega fogo.

Talvez fosse isso que Jacks pretendia fazer. Arrancar uma folha de ouro, fazer a árvore pegar fogo e atirar o próprio coração nas chamas. E Evangeline não tinha nenhuma dúvida de que o Príncipe de Copas faria isso. A menos que ela o detivesse.

– Não quero que Jacks destrua o próprio coração – declarou Aurora. – Se me contar onde plantou a árvore, posso mostrar para você como chegar lá usando um arco.

– Não quero sua ajuda – disse a princesa. – E jamais confiaria em você.

Evangeline também tinha esperanças de que não fosse precisar da ajuda de Aurora. Tinha quase certeza de que sabia onde LaLa havia plantado a árvore-fênix – só precisava chegar lá antes de Jacks.

– LaLa, onde fica o arco mais próximo? – perguntou.

Evangeline estava certa de que convenceria o arco a levá-la até a clareira onde ficava a árvore, se a amiga soubesse dizer onde ficava o arco. O sangue da princesa abria qualquer porta, e os arcos, especificamente, sempre atenderam aos seus pedidos.

– Vou com você – respondeu LaLa.

– Obrigada – disse Evangeline. – Mas acho que, desta vez, preciso ir sozinha. Se eu realmente quiser salvar a vida de Jacks, não vai ser pela força.

– Então como você vai salvar a vida dele? – perguntou Aurora.

– Com amor.

Aurora caiu na risada. E o som de seu riso estava ficando cada vez mais feio.

Evangeline sentiu um calor no rosto, mas tentou não ficar envergonhada.

– O amor não é motivo de riso.

– Hoje é. Sabe por que, Evangeline? É que mesmo se você conseguir salvar o coração de Jacks, não bastará para salvar a sua própria vida. Se um dia vocês se beijarem, você vai morrer. Não faz diferença se o seu amor é o amor mais verdadeiro de que o mundo já teve notícia.

Evangeline se lembrou que Aurora era uma mentirosa: até aquele momento, ela só tinha encenado uma farsa. Mas agora parecia estar falando a verdade, pois exibia uma expressão de triunfo perturbadora.

– Quando eu me dei conta de que Jacks jamais mataria a garota- raposa, lancei outro feitiço nele – explicou Aurora. – Mas a maldição das histórias distorceu a verdade. O verdadeiro amor de Jacks não é a pessoa que será imune ao beijo dele e fará o coração voltar a bater. Apenas uma garota que *jamais* amará Jacks sobreviverá a esse beijo. O seu amor pode até, talvez, salvar o coração dele. Mas, ao receber o beijo, será apenas mais uma raposa que foi assassinada por Jacks.



## Evangeline

**E**ncontrar o arco foi fácil.

A impressão foi de que levou apenas alguns minutos.

Evangeline pensou que o verdadeiro trajeto de onde Aurora estava até o arco, escondido nos limites da Floresta Amaldiçoada, não podia ser tão rápido. É mais provável que LaLa e ela tivessem levado quase uma hora para encontrá-lo. Mas a sensação era de que o tempo estava passando mais depressa. O sangue de Evangeline corria em um ritmo absurdamente rápido. Mesmo parada, ela percebeu que estava respirando com uma dificuldade lastimável.

Elas se sentiu aliviada quando entrou na clareira: Jacks ainda não havia chegado.

Evangeline estava a sós com a árvore-fênix e o sol, que se punha lentamente.

Quando estivera naquela clareira pela primeira vez, havia músicos tocando harpas e alaúdes, cortesãos trajando suas vestes mais finas, uma mesa enorme repleta de comida e promessas de desejos que se tornariam realidade pairando no ar.

Porém, naquele momento, o único ruído era o farfalhar nervoso das folhas, à medida que Evangeline se aproximava da árvore reluzente. Dava para ouvir as folhas tremerem e se sacudirem, como se, de alguma forma, sentissem que sua hora estava quase chegando.

Da última vez que estivera ali, as folhas que ainda não haviam se transmutado tinham tons de vermelho, laranja e bronze. Agora eram esverdeadas, feito esmeraldas e relva orvalhada.

Ela viu os veios de uma folha trêmula se transmutar de verde em ouro, rapidamente. Depois ficou observando o ouro começar a se espalhar com rapidez por toda a superfície da folha, como se assim fosse impedir aquilo que temia estar por vir. E, apesar disso, a menos que as demais folhas fizessem o mesmo, a transmutação daquela folha específica não bastaria para protegê-la do que Jacks tentaria fazer em breve.

Evangeline respirou fundo para acalmar a si mesma e à árvore temerosa.

Também estava com medo. Tinha a sensação de que não deveria estar. Tinha a sensação de que sua fé no amor deveria ser inabalável.

Mas ela estava bastante abalada.

Cada leve suspiro da brisa tensionava seus ombros. O movimento mais silencioso das folhas a fazia soltar um suspiro de assombro.

Na noite em que abriu o Arco da Valorosa, foi tomada pela sensação de que aquilo era inevitável. Soube que nascera para abrir aquele arco. Sentiu que cada acontecimento de sua vida a levara até aquele momento.

Agora estava vivendo os instantes seguintes desse algo inevitável, e podia sentir isso também. Aquele momento, em vez de ser algo gravado em pedra, lhe parecia uma espécie de tapeçaria frágil, que poderia se desfazer caso alguém puxasse um único fio – ou uma única folha.

A clareira transbordava de uma expectativa que explodia na pele dela feito faíscas de um fósforo, dando a sensação de que tudo poderia acontecer. Evangeline já tinha gostado dessa sensação. Mas naquele momento a expectativa só a deixava nervosa, como aquela folhinha que acabara de se transmutar de verde para ouro.

Evangeline também havia mudado desde a primeira vez que entrara naquela clareira, na primeira noite que passara no Magnífico Norte, quando acreditava que se casar com um príncipe seria a realização de todos seus sonhos. Em retrospecto, seus sonhos pareciam tão impossíveis, e a jovem se sentia tão corajosa por acreditar neles... Agora tinha se dado conta de que aqueles nunca foram seus sonhos, não de fato. Eram sonhos que emprestara de histórias, sonhos aos quais se apegara porque seus próprios sonhos ainda estavam por ser imaginados.

Naquela primeira noite Evangeline jamais sonharia em ter um futuro com Jacks. Podia até se sentir atraída por ele, mas não era o Arcano quem deveria desejar.

O Príncipe de Copas era perigoso. Não vinha com promessas de um final feliz. Pelo contrário: garantia exatamente o oposto. Não acreditava que heróis têm direito a finais felizes. Desde o início, Evangeline sentiu que amar Jacks era um amor fadado ao fracasso. Mas descobrira que o amor é mais do que um sentimento. E que não precisa ser a opção livre de perigos, porque o amor também é mais poderoso do que o medo. É o ápice da esperança. É mais forte do que maldições.

E mesmo assim...

Temia que seu amor não bastasse.

As últimas palavras ditas por Aurora ainda a assombravam.

"Não faz diferença se o seu amor é o amor mais verdadeiro de que o mundo já teve notícia. A maldição das histórias distorceu a verdade. O verdadeiro amor de Jacks não é a pessoa que será imune ao beijo dele. Apenas uma garota que *jamais* amará Jacks sobreviverá a esse beijo."

Evangeline não gostava de pensar em Jacks ficando com outras garotas. Não gostava de imaginá-lo gostando de outras, beijando outras ou matando outras. Na primeira vez que o viu, imaginou que o Arcano tampouco pensava muito em outras pessoas. A versão desleixada e desrespeitosa de Jacks que viu na igreja do Príncipe de Copas não lhe pareceu capaz de gostar de ninguém.

Mas, agora, quando imaginava Jacks no dia que o conhecera, Evangeline não pensava na primeira conversa terrível que tiveram. Ela o via sentado nos fundos da própria igreja, rasgando as próprias roupas, de cabeça baixa, como se estivesse de luto ou fazendo algum ato de penitência.

O Príncipe de Copas estava de coração partido. Não no mesmo sentido que a maioria das pessoas pensa, de que alguém teria partido seu coração. O coração de Jacks fora partido incontáveis vezes, até que perdeu a capacidade de ter esperança, de se importar com os outros e de amar.

As histórias sempre davam a entender que as meninas que Jacks beijara até então não o amavam de verdade. Que tinham sido apenas pessoas que ele havia testado e descartado, feito roupas que não servem mais.

Só que agora Evangeline achava que o Príncipe de Copas não tinha sido tão insensível quando começou a distribuir seus beijos por aí, que ele talvez tenha se importado com algumas daquelas garotas antes de beijá-las. Depois imaginou que algumas delas talvez tivessem amado Jacks de verdade. Que tinham acreditado, assim como a própria Evangeline acreditara, que seu amor bastaria para salvar a vida do Arcano e quebrar a maldição. Mas nunca bastou.

Não era para menos que Jacks achava que os sentimentos de Evangeline não bastariam. E talvez não bastassem. Mas isso não queria dizer que o Arcano não tinha salvação. Talvez não fosse apenas o amor *dela* que o salvaria. Talvez o amor *dele* também fosse necessário.

A princesa dirigiu o olhar para a folha de ouro que acabara de se transmutar e ficou observando-a roçar em outra, ainda verde, como se implorasse para que a companheira também se transmutasse. Porque, a menos que a árvore inteira fosse de ouro, pegaria fogo. Assim como Evangeline e Jacks, se ela fosse a única a acreditar no poder do amor.

O ar crepitou, algo que a fez pensar em faíscas minúsculas. E aí ela sentiu que seu pulso pinicava, no contorno da cicatriz de coração partido.

*Jacks tinha chegado.*

Evangeline virou para trás. E foi quase igual à primeira vez que viu o Príncipe de Copas naquela clareira.

Jacks estava tão altivo naquela noite, tão frio que a neblina se enroscava em suas botas quando ele caminhava.

Ela se lembrou de que, na ocasião, tentou se segurar e não se virar. Não olhar para trás. E, quando decidiu olhar para o Príncipe de Copas, fez força para só olhar de relance, só por um segundo.

Mas não foi possível. Jacks era a lua e ela era a maré que a força extraordinária do Arcano controlava. Essa parte não havia mudado.

Com todo o seu coração, Evangeline ainda queria que Jacks fosse dela.

Só que aquele Jacks não era dela.

Havia algo nas mãos brancas do Arcano, um frasco que ele jogava para cima, como se fosse uma de suas maçãs. Só que não era uma maçã. Era o próprio coração.

O coração de Evangeline se partiu de leve ao vê-lo jogar o coração para cima de modo tão descuidado, como se fosse um pedaço de fruta que iria jogar fora, e não algo tão precioso e belo que chegava a ser impossível de descrever.

O coração de Jacks se assemelhava a raios de sol pouco antes de se derreterem no horizonte. O frasco emitia tantas cores, tantos tons de dourado, mas também lançava faíscas de uma luz iridescente que ultrapassava o vidro, dando a impressão de que o dourado pulsava.

O Príncipe de Copas, por sua vez, estava com uma expressão absolutamente inabalável.

– Você não deveria estar aqui.

– Nem você! – gritou Evangeline.

Ela não tinha a intenção de gritar. Seu plano não era gritar com Jacks. Seu plano era dizer o quanto o amava. Mas vê-lo tratando o próprio coração de uma maneira tão temerária e negligente a fez berrar.

– O que você está fazendo?

– Acho que você já sabe a resposta, meu bem. Só não gosta muito dela.

O Príncipe de Copas jogou o frasco para cima, ainda mais alto.

Evangeline não pensou – apenas deu um pulo para frente, de braços abertos, e tentou pegar o coração. Os dedos encostaram no frasco, mas Jacks a segurou primeiro.

O Arcano pôs a mão na base da garganta da jovem. Segurou com força suficiente para mantê-la onde estava, para impedir que ela pegasse o coração que estava dentro do frasco. Mas não a machucou. Os dedos não deixaram marcas.

Das duas, uma: ou ele estava sendo cauteloso por causa do bracelete de proteção que ela usava no pulso ou... não queria feri-la porque a proximidade do próprio coração fazia o Arcano ter sentimentos.

A luz dentro do frasco pulsou mais forte, como se estivesse tentando se libertar. E Jacks não estava mais com uma expressão completamente inabalada. Os olhos azuis eram quase animalescos, de tanto que brilhavam, parecia que ele tentava resistir aos sentimentos que ameaçavam voltar.

– É melhor você ir embora – falou, com os dentes cerrados.

– Por quê? Porque você vai queimar seu coração e, depois que fizer isso, acha que vai me ferir? Você já está me ferindo, Jacks.

Ela esticou o braço – não para pegar o frasco, mas para acariciá-lo.

O maxilar de Jacks mais parecia uma rocha, dura e implacável, sob seus dedos. O Arcano cerrou ainda mais os dentes e sacudiu a cabeça para se desvencilhar da mão dela.

– Se eu tentar te ferir, o bracelete vai me impedir – disse ele, ríspido.

– Não estou falando de um ferimento físico.

*Meu coração... está doendo.*

E doía mesmo. Evangeline jamais havia se sentido tão próxima e tão distante de alguém, tudo ao mesmo tempo. A mão gelada e rígida de Jacks continuava segurando sua garganta, os olhos estavam fixos nos dela. Mas era um olhar que dava a entender que aquela era a última vez que o Príncipe de Copas encostaria em Evangeline, a vez definitiva.

Aquilo era tudo que haveria entre os dois.

Jacks não estava desistindo. Jacks já havia desistido.

– Como posso te fazer entender – vociferou o Arcano –, que nossa história não termina bem. Nossa história simplesmente *termina*.

– Como você pode saber disso se nem tentou?

– Tentar? – Nesta hora Jacks deu uma risada, e o som de seu riso foi pavoroso. – Isso não é coisa que se tenta, Evangeline.

O riso morreu nos lábios do Príncipe de Copas, e o fogo que havia em seus olhos se apagou. Por um segundo, Jacks não parecia um Arcano nem um humano, parecia um fantasma, uma concha que fora esvaziada e jogada no mar demasiadas vezes. Evangeline voltou a pensar que o coração de Jacks fora partido incontáveis vezes, tantas que não tinha mais capacidade de ter esperança, só de ter medo.

– Isso é algo que só tem uma chance de dar certo ou errado. E, se der errado, não tem como tentar de novo. Não tem mais nada.

O silêncio se instalou na distância que os separava. Nem sequer uma folha da árvore teve coragem de farfalhar.

E aí Jacks falou, tão baixo que Evangeline quase não ouviu:

– Você estava lá, você viu o que o bracelete fez comigo quando tentei te beijar.

O Príncipe de Copas ficou com um olhar que parecia de vergonha. Evangeline não sabia que tal coisa era possível, mas o Arcano lhe pareceu ainda mais frágil do que antes. Como se

bastasse encostar nele para quebrá-lo, como se a palavra errada pudesse fazê-lo quebrar em mil pedaços.

– Não chegaremos mais perto do que isso – declarou o Arcano.

Em seguida, acariciou o pescoço de Evangeline, e ela teve certeza de que, em um instante, o Arcano iria acabar com tudo. Iria soltá-la, arrancar uma folha e jogar o próprio coração no fogo.

Ela estava apavorada, com medo de se mexer, petrificada, sem querer falar, com medo de dizer algo errado. As mãos tremiam, e tinha a sensação de que o peito estava oco, como se tivesse um buraco, e que a esperança estava se esvaindo dela, sumindo e indo parar no mesmo lugar que roubara toda a esperança de Jacks.

Mas Evangeline sabia onde aquilo iria parar e se recusou a ir para tal lugar.

– Eu te amo, Jacks.

O Arcano fechou os olhos quando ela pronunciou a palavra “amo”.

A esperança de Evangeline cresceu. Teve vontade de pedir para Jacks olhar para ela, mas só importava o fato de o Príncipe de Copas não a ter soltado.

– Sempre me perguntei se o destino existia mesmo – disse ela, baixinho. – Tinha medo de que a existência do destino significasse que eu não teria escolhas de verdade. E aí, em segredo, eu torcia para que o destino existisse e que eu e você fôssemos predestinados. Que, por algum milagre do destino, eu fosse seu verdadeiro amor. Mas agora não me importo se o destino existe ou não, porque não preciso que o destino decida por mim. Não preciso dele para tomar essa decisão. Tomei minha decisão, Jacks. Escolhi você. Sempre escolherei você, até o fim dos tempos. E vou lutar contra o destino e contra qualquer um que tente nos separar... incluindo você. Você é a minha opção. Você é meu amor. Você é meu. E você não será o meu fim, Jacks.

– Acho que já sou. – Ele abriu os olhos e deles pingaram lágrimas vermelhas. – Me deixa fazer o que preciso fazer, Evangeline.

– Diga que você não vai atear fogo ao seu coração que eu te deixo em paz.

– Não me peça isso.

– Então não me peça para eu te deixar em paz!

Os olhos de Jacks choraram mais lágrimas de sangue, mas a mão continuou segurando firme o frasco.

– Sou despedaçado. Gosto de coisas despedaçadas. Às vezes, tenho vontade de te despedaçar.

– Então me despedace, Jacks.

Os dedos do Príncipe de Copas ficaram tensos em volta do pescoço de Evangeline.

– Pela primeira vez na vida, quero agir do jeito certo. Não posso fazer isso. Não posso ver você morrer de novo.

A expressão “de novo” arranhou Evangeline, como se fosse um espinho.

– O que você quer dizer com “de novo”?

– Você morreu, Evangeline. – Jacks a puxou mais para perto de si, até ela sentir o subir e descer descompassado do peito dele. Então disse, com uma voz rouca: – Eu te abracei enquanto isso acontecia.

– Jacks... não sei do que você está falando. Eu nunca morri.

– Morreu, sim. Na noite em que abriu a Valorosa. Na primeira vez que você fez isso, não entrei com você.

O Arcano ficou em silêncio por um instante, depois Evangeline o ouviu pensar: “Eu não consegui dizer adeus”.

– Só você e Caos estavam lá – sussurrou Jacks. – Assim que se livrou do elmo, ele te matou. Tentei impedi-lo... tentei salvar sua vida... mas...

O Príncipe de Copas abriu a boca e fechou em seguida, como se mal conseguisse pronunciar aquelas palavras.

– Não consegui. Quando cheguei, ele já tinha te mordido e já tinha bebido tanto sangue... Você morreu assim que eu te abracei. A única coisa que eu pude fazer foi usar as pedras para voltar no tempo. Fui avisado de que isso me custaria alguma coisa. Mas achei que custaria *a mim mesmo*. Não imaginava que custaria algo *seu*.

“Me desculpe”, pensou o Arcano.

– Você não precisa pedir desculpas, Jacks.

– A culpa é minha – murmurou ele, com os dentes cerrados.

– Não, não é. Não perdi minhas lembranças porque você voltou no tempo. Perdi porque Apollo as roubou de mim.

Por um segundo, Jacks ficou com uma expressão assassina. Em seguida, com a mesma rapidez, desdenhou das palavras de Evangeline.

– Não importa. O que importa é o fato de você ter morrido. E, se você morrer de novo, não terei como te trazer de volta.

– Então você prefere viver sem mim?

– Prefiro que você viva.

– Estou viva, Jacks, e não vou morrer tão cedo.

Evangeline fechou os olhos e então o beijou.

Foi um beijo que mais parecia uma prece, silencioso, quase uma súplica, feita de lábios trêmulos e dedos nervosos. A sensação era de tatear no escuro, torcendo para encontrar uma luz.

Os lábios de Jacks tinham um gosto levemente adocicado e metálico, de maçã e lágrimas de sangue, e ele sussurrou, com os lábios encostados nos de Evangeline:

– Você não devia ter feito isso, Raposinha.

– Agora é tarde demais.

Ela passou os braços em volta do pescoço do Arcano, puxou o Príncipe de Copas mais para perto de si e entreabriu os lábios. Bem devagar, a pontinha da língua de Jacks foi entrando.

Foi um beijo mais delicado do que Evangeline teria imaginado. Menos sonho febril e mais segredo, algo perigoso e sussurrado

que poderia escapar caso Jacks não tomasse cuidado. E foi cauteloso quando pôs as mãos no casaco dela. Com delicados movimentos dos dedos, o Arcano foi abrindo os botões, um por um.

Quando o Príncipe de Copas tirou o casaco dela e o jogou no chão, as pernas de Evangeline se esqueceram de como funcionavam, e os pulmões se esqueceram de como se respirava.

Até aquele momento, estivera enganada. Sua vida não fora repleta de momentos que a levaram até o Arco da Valorosa. Cada momento de tudo o que já vivera a levara até aquele lugar. Precisara de toda a dor de ter o coração partido, todo o quase-amor e o amor errado para saber que aquele amor era o verdadeiro amor.

Um vidro se espatifou. Jacks havia soltado o frasco – e, assim que fez isso, o beijo ganhou vida nova. A sensação era de estrelas se chocando e de mundos chegando ao fim. Tudo era estonteante e rodopiava. O Arcano beijou Evangeline com mais intensidade. Ela apertou o Arcano com mais força, pressionando os dedos em sua nuca, depois fazendo cafuné no cabelo sedoso dele.

Evangeline queria nunca mais parar de beijar Jacks. Mas estava começando a sentir uma tontura. Estava de olhos fechados. E via estrelas.

– Raposinha... – O tom de pânico de Jacks interrompeu o beijo. “Estou bem”, disse ela, ou tentou dizer. Evangeline não conseguia falar direito. A cabeça girava rápido demais. As estrelas também brilhavam. Pequenas constelações, debaixo de suas pálpebras.

As pernas ficaram bambas.

– Não! – gritou o Príncipe de Copas.

E aí Evangeline sentiu os braços de Jacks a pegando no colo, porque ela estava caindo. Tentou ficar de pé, tentou se mexer, mas a cabeça não parava de girar.

– Não! – berrou o Arcano. – De novo não!

Jacks se ajoelhou no chão com Evangeline nos braços. Ela estava sentindo o peito do Príncipe de Copas tremendo enquanto ele a abraçava.

*Jacks.* Evangeline pensou no nome dele. Ainda não conseguia falar direito, mas conseguia abrir os olhos. As estrelas tinham ido embora e, agora, o mundo voltava a ficar nítido, lentamente. Primeiro o céu, todo em tons de índigo e violeta. Depois, viu a árvore, toda reluzente e dourada.

Depois, viu Jacks.

Que parecia angélico e angustiado. O belo rosto estava sem cor. Rastros de sangue caíam dos olhos e escorriam pelo rosto pálido.

– Não chore, meu amor. – Ela secou as lágrimas do Arcano delicadamente, com os dedos. – Estou bem.

Em seguida, deu um sorriso tímido.

Os olhos de Jacks se arregalaram e ficaram azuis como o céu limpo depois de uma tempestade.

– Como isso é... – Ele deixou a frase no ar.

Era algo um tanto cativante de se ver. Jacks entreabriu, delicadamente, os lábios amuados e deu a impressão de que havia esquecido de como se fala.

– Eu já te falei. Você é o amor da minha vida. Você é meu, Jacks da Grotta. E você não será o meu fim.

– Mas você estava morrendo.

– Não – disse ela, um tanto envergonhada. – Eu só esqueci de respirar.



**E**ra uma vez um instante em que não havia nada além de beijos e tudo era perfeito. E, depois, ainda mais beijos.



## Evangeline

A sensação era de que toda a mágoa, toda a dor, todo o medo e todo o pavor que Evangeline sentira quase valeram a pena, só para ver o jeito que Jacks olhava para ela quando o primeiro beijo dos dois chegou ao fim.

Ela achava que conhecia todos os olhares do Arcano. Já o vira com olhar de deboche, de provocação, de raiva, de medo. Mas nunca o vira com tamanho maravilhamento refletido em seus olhos azuis. Eles brilhavam, enquanto as folhas da árvore-fênix farfalhavam, fazendo um ruído que a fez pensar em alguém soltando o ar, lentamente.

Em algum momento, os dois tinham se aproximado da árvore. Agora Jacks estava com as costas apoiadas no tronco, e Evangeline se apoiava em Jacks. O céu assumira as cores do crepúsculo, mas as folhas douradas e cintilantes da árvore iluminavam o Arcano. Até aquele momento, não se recordava de ter visto as folhas brilhando, mas a luz era suficiente para que enxergasse um cacho de cabelo dourado caído na testa do Príncipe de Copas, que estava com os lábios retorcidos, em uma expressão de pesar, e a segurava no colo, apertando um pouco mais.

– Você está com cara de quem está pensando em algo de que eu não vou gostar – disse ela.

Jacks ficou acariciando o rosto dela bem devagar.

– Te amo – disse, simplesmente.

Então a expressão do Arcano se transformou abruptamente, ficando séria.

- Nunca vou te perder de vista.
- Você diz isso como se fosse uma ameaça.

O Príncipe de Copas continuou a olhar para Evangeline com um ar solene.

- Não só agora, mas para sempre, Raposinha.
- Gosto de ouvir “para sempre”.

Ela sorriu com os lábios encostados nos dedos de Jacks e esticou o braço para acariciar o rosto do Arcano, porque agora ele também estava sorrindo.

E a amava.

Ele a amava.

Ele a amava.

Ele a amava.

Ele a amava tanto que reescrevera a própria história. Tinha aberto mão do que acreditava ser sua única chance de amar. E, agora, tinha finalmente quebrado o feitiço do qual pensou que jamais se livraria.

Evangeline queria rodopiar ao redor da clareira e cantar a todo volume, para que o mundo inteiro ouvisse, mas ainda não queria ficar longe dos braços de Jacks. Ainda não. Talvez nunca.

Ela segurou um dos dedos do Príncipe de Copas e passou por cima de uma das covinhas do Arcano.

- Sabe – confessou –, sempre adorei suas covinhas.
- Eu sei. – Jacks deu um sorrisinho malicioso. – Ficou muito óbvio que você se apaixonou por mim à primeira vista...
- Não foi amor à primeira vista. – Ela bufou. – Só falei que adorei suas covinhas desde a primeira vez que te vi. – Ela tirou a mão do rosto de Jacks. – Eu nem gostei de você. Te achei uma péssima pessoa.
- E mesmo assim... – nesta hora, o Príncipe de Copas tornou a segurar a mão de Evangeline e a passou em volta do próprio pescoço – ...você não parava de olhar pra mim.

– Bom... – Evangeline passou a outra mão em volta do pescoço de Jacks e, em seguida, tornou a acariciar o cabelo dele. Adorava mesmo o cabelo do Arcano. – Posso até não ter gostado de você, mas sempre te achei bonito demais.

Evangeline puxou delicadamente o pescoço de Jacks até ele baixar a cabeça e encostar os lábios nos dela.

Por um instante, tudo voltou a ser perfeito.

Jacks tinha o próprio coração. Evangeline tinha Jacks. Os dois estavam apaixonados. Isso era tudo que ela queria. Esse era o final feliz.

Mas o problema com finais felizes é que são mais uma ideia do que uma realidade. Um sonho que continua a existir depois que o contador terminou de narrar a história. Mas histórias verdadeiras nunca chegam ao fim. E, ao que tudo indicava, a história de Evangeline e Jacks ainda não havia terminado.

As folhas verdes e douradas da árvore-fênix começaram a farfalhar de novo. A se movimentar de modo frenético, fazendo mais barulho do que quando a jovem tinha chegado à clareira – parecia que a árvore inteira estava tremendo. Sacudindo. Assustada.

Em seguida, vieram as palmas.

Três palmas bem altas, seguidas por uma voz amargurada.

– Que espetáculo mais comovente!

Evangeline se afastou dos lábios de Jacks e viu Apollo parado a poucos metros de distância, com uma postura altiva, a cabeça bem erguida.

O príncipe deu um sorriso largo e parou de bater palmas.

– Vocês dois sabem dar um show e tanto. Isso foi romântico e autodestrutivo. Só ficou faltando o *grand finale*. – O sorriso de Apollo ficou ainda mais largo. Aquele sorriso faria Evangeline ter pavor de sorrisos de príncipe para sempre. – Mas acho que posso ajudar com isso.

Ele esticou a mão na direção da árvore-fênix e arrancou uma folha dourada.

Ouviu-se um estalo.

Uma faísca.

– Corra, Evangeline! – gritou Jacks.

Ele a empurrou para longe do seu colo bem na hora em que a árvore ardeu em chamas. Era uma luz cegante. Branca e nítida. Devorou a linda árvore em questão de segundos. O tronco, os galhos, as folhas... tudo ardia em chamas.

Evangeline correu o mais rápido que pôde.

Obrigou-se a não olhar para trás.

Mas onde estava Jacks? Por que o Arcano não corria com ela?

A fumaça se adensava, o calor das chamas aumentava. Ela parou só por um segundo. Parou para olhar.

– Jacks! – Era tanta fumaça. – Jacks! – Evangeline começou a voltar correndo para a árvore.

– Ah, não vai, não!

Os braços de Apollo enlaçaram sua cintura, vindos por trás, rápidos e com uma força excessiva.

– Não! – gritou Evangeline. Tentou se desvencilhar, mas Apollo era tão maior do que ela. – Jacks...

– Pare de resistir! – O príncipe a ergueu de forma truculenta e a pôs em cima do ombro, segurando as pernas dela com o braço forte, deixando-a de cabeça para baixo. – Estou tentando salvar sua vida, Evangeline!

– Não! Você que fez isso!

Evangeline batia nas costas do príncipe com os punhos cerrados e chutava o peito dele.

– Jacks! – gritou mais uma vez.

Por breves instantes, parou de bater em Apollo e ergueu a cabeça para ver se o Príncipe de Copas surgia em meio às chamas, se viera atrás dela.

Mas tudo o que viu foram fumaça e chamas.



## Apollo

E vangeline continuou gritando e batendo em Apollo com os punhos cerrados, com tanta força que talvez estivesse deixando hematomas. Mas o príncipe mal sentia os socos.

Mais uma vez, Evangeline havia escolhido Jacks.

Mais uma vez, Evangeline havia feito a escolha errada.

O príncipe tinha tentado salvar a vida dela. Tinha tentado protegê-la, mas não bastou. Finalmente tinha entendido. O feitiço que Jacks lançara na jovem não seria quebrado por um mero ser humano. Era uma pena Apollo não poder ser humano e também salvar a vida de Evangeline.

Não demorou muito para o príncipe voltar até o arco que o levara à clareira onde ficava a árvore-fênix. Não vira Jacks vindo atrás dos dois em meio às chamas, mas não lhe restava um pingo de otimismo que lhe possibilitasse ter esperança de que isso queria dizer que o lorde estava morto.

Mas, se estivesse vivo, não faria muita diferença. Apollo achava que Jacks não conseguiria usar o arco sozinho. Não conseguiria roubar Evangeline dele, não desta vez.

A dor atravessou o corpo do príncipe quando ele pensou isso.

Ele bem que gostaria de poder arrancar aquele maldito bracelete de proteção do pulso dela.

Porém, desta vez, já esperava pela dor. E estava acostumado a sentir dor: sentira uma dor constante quando estava sob efeito da maldição do Arqueiro. Só que aquela dor era muito pior.

Apollo tropeçou e quase deixou Evangeline cair no chão quando passou pelo arco.

– Me solte! – gritou ela. – Por favor! Por favor, tenho que voltar... Se tem alguma afeição por mim, me solte!

O príncipe a largou no chão. Evangeline tentou se afastar, arrastando-se. Mas Apollo era maior e mais forte. Segurou a jovem pelo tornozelo e puxou com tanta força que ela caiu de barriga no chão. A dor que o atravessou desta vez foi quase cegante. Mas bastou um único puxão para fazê-la cair. Em seguida, Apollo sentou-se em cima de Evangeline, imobilizando-a, e pegou as algemas que levava presas no cinto.

– Não!

– Relaxe, querida.

O príncipe algemou os braços de Evangeline atrás das costas.

– Não faça isso! – gritou ela. E ficou se debatendo, chutando loucamente, com as duas pernas.

Conseguiu acertá-lo no ombro uma vez. Mas aí Apollo conseguiu segurá-la e prender as pernas dela, atando outro par de algemas nos tornozelos.

Quando terminou de fazer isso, se afastou dela imediatamente. A dor que ele sentia era quase insuportável. Apollo inclinou o tronco para a frente e vomitou na lateral do túnel por onde tinha vindo com Evangeline.

Pensou em largá-la ali. Não sabia quanta dor mais poderia suportar. E não sabia nem se precisava que Evangeline estivesse com ele.

Mas ainda a amava. Olhou para ela, algemada no chão, chorando, o cabelo rosa grudado no rosto. Ela havia traído a confiança dele e partido seu coração. Mas, já que Evangeline tinha só mais alguns minutos de vida naquele plano terrestre, Apollo queria que os dois ficassem juntos.

– Não se preocupe, amada, tudo isso vai terminar logo, logo – sussurrou.

Então ele pegou Evangeline no colo e a carregou nos braços.



## Jacks

Jacks só conseguia enxergar fumaça. Densa e cinzenta, que ardia em seus olhos e na sua garganta. Mas precisava encontrar Evangeline.

– Jacks! Socorro! Jacks!

Conseguia ouvir a voz dela ao longe. Fraca e apavorada. Jamais a ouvira falar com um tom tão indefeso.

Nem parecia a voz dela, depois dos primeiros gritos.

De início, a voz de Evangeline mais parecia a própria fumaça – o Príncipe de Copas a ouviu vinda de todos os lados. Gritando o nome dele, chamando por ele. Só que, depois, independentemente de para onde se dirigesse, o Arcano tinha a impressão de que Evangeline estava mais longe.

– Jacks!

– Estou chegando, Raposinha!

O suor escorria pelo pescoço do Príncipe de Copas enquanto ele corria em meio à fumaça.

– Jacks... aqui...

Ela parou de falar, porque teve um acesso de tosse.

Mas parecia estar mais perto.

Jacks correu atrás do som das tossidas de Evangeline, distanciando-se da árvore em chamas, distanciando-se da fumaça.

O ar ainda estava pesado por causa da fuligem suja. Mas conseguia enxergar de novo em meio a toda aquela sujeira, toda

aquela fuligem, em meio a todas aquelas cinzas. Na clareira, viu o contorno de uma árvore que não havia pegado fogo. Um carvalho comum, onde uma garota de cabelo violeta aguardava, encostada no tronco, com uma das mãos na cintura do vestido iridescente e a outra em cima da boca, fingindo que tossia.

Era Aurora.

Não era Evangeline.

– Suponho que eu não seja quem você estava esperando ver – disse Aurora, toda meiga.

Jacks odiou ouvir o som da voz dela. Nunca havia gostado. Sentiu vontade de poder arrancar aquela voz e atirar nas chamas da árvore-fênix, que queimava atrás dele.

– Onde ela está? – vociferou Jacks.

Aurora fez beicinho e respondeu:

– Por que você acha que eu sei onde ela está?

O Arcano cerrou e abriu os punhos lentamente. Estava tentando tratá-la bem, porque era irmã gêmea de Castor. Mas quantas vezes já havia feito isso? Desculpar o comportamento de Aurora por causa de quem ela era? Tentado se convencer de que ela não era perigosa porque tinha algo que ele queria? Sabia que não tinha sido Aurora quem ateara fogo à árvore-fênix, mas ela acabara de atraí-lo até ali, fingindo ser Evangeline, para impedi-lo de encontrá-la. E, mesmo que Aurora soubesse onde Evangeline estava ou deixava de estar, o Príncipe de Copas tinha vontade de feri-la com gravidade.

– Vou te dar mais uma chance. – Nesta hora, o Arcano esticou o braço e segurou Aurora pela garganta. – Cadê Evangeline?

Aurora apertou os lábios.

– Você quer morrer? – Jacks apertou de leve o pescoço dela. – É isso que você quer, Aurora? Porque estou por um fio.

– Você não vai me matar. Até onde sei, estrangular não faz muito seu estilo. Você teria que me beijar, e acho que a sua preciosa Evangeline não iria gostar muito disso.

– Sempre posso abrir uma exceção. – O Príncipe de Copas pressionou um pouco mais a garganta de Aurora. – Fale logo onde ela está.

Aurora fungou. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas Jacks pensou que aquelas lágrimas eram tão verdadeiras quanto a tosse dela.

– Me diga por que você escolheu Evangeline. Estou tentando entender. Não consigo compreender a sua fascinação por ela, nem quando me esforço. Evangeline é mais bonita do que eu? É por isso?

– Você é mesmo tão superficial assim?

– Sou.

– E ainda não sabe por que eu não te amo.

Aurora se encolheu toda e, desta vez, quando uma lágrima caiu, parecia verdadeira.

– Você nunca vai conseguir salvar a vida de Evangeline, Jacks da Grotta. Apollo a levou para a Árvore das Almas.



## Evangeline

**E**vangeline se debateu com todas as suas forças para tentar se livrar das algemas de metal com as quais Apollo a prendera. Tentou esfregar a pele até sair sangue. Se conseguisse arrancar uma única gota de sangue, conseguiria convencer as algemas a se abrirem. Poderia voltar para o local onde Jacks estava.

Temia, contudo, que Jacks não fosse a única pessoa com a qual precisava se preocupar.

Apollo usara um arco para transportá-la até um local desconhecido para ela. Uma enorme caverna iluminada por faixas de fogo vermelho- alaranjado na altura do chão, um lugar que a fez pensar em um antro de vampiros, repleto de sangue e de uma magia cruel e punitiva.

Ele a carregara no colo por alguns minutos. Mas, como Evangeline continuava a se debater, tornou a colocá-la em cima do ombro e a carregá-la como se ela fosse um saco de batatas. E, nessa posição, era difícil para ela ter noção de onde estava.

Conseguia ver que ali havia uma espécie de árvore. A maior árvore que já vira na vida, uma coisa enorme e pavorosa, com galhos selvagens e rostos distorcidos entalhados no tronco e... um coração? Era isso que ela sentia bater?

*Tum. Tum. Tum.*

Definitivamente, era um coração pulsante. Evangeline sentiu a pulsação vinda da terra quando Apollo a colocou no chão, diante

daquela árvore horripilante, como se ela fosse um sacrifício humano.

– Apollo, por favor, não faça isso! – Ela sacudiu os braços desesperadamente, tentando se livrar das algemas que prendiam seus pulsos. – Por favor, me solte! – implorou. – Eu...

Ela tentou dizer que sentia muito. Sabia que teria sido a coisa mais inteligente a dizer naquele momento. Mas não tinha por que pedir desculpas por ter beijado Jacks.

Ela cerrou os dentes e olhou feio para o príncipe.

– Será que o seu orgulho está tão ferido ao ponto de você me matar só por causa de um beijo?

– Não é isso que estou fazendo. – Apollo ficou mexendo o maxilar, com suor escorrendo pela testa. – Eu queria que a gente ficasse juntos para sempre, queria que o legado do meu reino também fosse o seu legado. Eu ia fazer de você uma rainha.

– E, já que isso não vai acontecer, vai me matar?

– Você não entende... Não quero te matar. Se houvesse alguma alternativa, eu não te mataria. Mas não há. Não posso garantir a sua segurança sendo um mero ser humano. Mas não posso ter você e ser mais do que isso. – O príncipe, então, ficou de joelhos e acariciou o rosto da jovem. – Esta é a decisão mais difícil que eu já tomei. Você é o amor da minha vida, Evangeline, e vou sentir imensamente a sua falta.

Em seguida, Apollo se inclinou e beijou os lábios de Evangeline.



## Jacks

Jacks achou que não poderia testemunhar nada pior do que ver Evangeline morrer em seus braços. Mas aquilo chegava perto. Ela estava no chão, algemada diante de uma árvore, e o cretino que havia roubado as lembranças dela estava perto de beijá-la na boca.

– Tire suas mãos dela, seu crápula!

O Príncipe de Copas atravessou a caverna correndo e deu um soco na cara de Apollo. E outro em seguida, depois mais um. Socou a cara do príncipe até parar de sentir o próprio punho, que quebrava os ossos de Apollo. Quando o sangue jorrou do nariz do príncipe, o Arcano sentiu o jato no próprio rosto.

Seria mais fácil simplesmente cortar a garganta daquele cretino. Mas, antes disso, Jacks precisava fazê-lo sofrer.

– Eu vou te matar pelo que fez com ela!

O Arcano deu mais uma saraivada de socos na cara do príncipe.

– Alguém faça esse homem parar! – gritou alguém.

Passos rápidos ecoaram pela caverna.

Jacks sentiu que alguém o segurava. Mão grandes e enluvadas puxaram seus braços. Tentou se desvencilhar, tentou usar os próprios poderes para deter aquelas mãos. Mas, das duas, uma: ou ele estava completamente exaurido ou aqueles guardas, sabese lá como, eram mais do que humanos.

– Me soltem!

Jacks ficou se debatendo, porque os guardas o seguravam firmemente pelos braços e começaram a arrastá-lo dali.

Então viu que não eram guardas. Ele conhecia aqueles homens. Eram parecidos com Dane e Lysander Valor, os irmãos mais velhos de Castor.

– Me soltem! Isso não é assunto de vocês.

Dane, o mais cabeça-dura dos irmãos de Castor, pode ter resmungado alguma coisa, mas o Príncipe de Copas não conseguiu ouvir, por causa do próprio sangue, que zumbia em seus ouvidos, e por causa dos gritos de Evangeline, que continuava imobilizada, no chão.

– Por que vocês não estão socorrendo Evangeline em vez de me segurar? – berrou Jacks.

E foi aí que ele viu Lobric.

Era a primeira vez que o Arcano via o antigo rei do Norte desde aquela noite, na Valorosa. Dava a impressão de estar trajado para uma batalha, com facas presas nos braços, espadas nas laterais do corpo, outra arma nas costas.

E estava conversando com Apollo. Jacks ficou esperando que Lobric atacasse o canalha com uma de suas facas e depois pegasse Evangeline no colo. Mas, pelo jeito, todo mundo naquela caverna havia perdido a cabeça. Em vez de esfaquear o príncipe, Lobric deu um tapinha no ombro dele e lhe entregou um lenço. Depois se aproximou de Jacks e dos filhos, pisando firme, sem nem sequer dirigir o olhar para Evangeline.

– Qual é o seu problema? – vociferou o Príncipe de Copas.

Lobric olhou para ele com um ar pesaroso e passou a mão na barba.

– Lamento, filho. Mas não posso permitir que você se aproxime dela.

– Você não pode me impedir – urrou Jacks.

Tentou se desvencilhar de Dane e Lysander, mas todos na família Valor eram muito mais fortes do que deveriam ser.

– É a esposa dele – disse Lobric, como se isso, de alguma maneira, justificasse aquela situação.

– Apollo vai oferecê-la em sacrifício para uma árvore! – gritou Jacks.

O príncipe parecia meio morto. O rosto estava ensanguentado e quase irreconhecível, por causa da surra que Jacks lhe dera, mas ainda conseguia se manter de pé. Apollo levantou a espada.

E Lobric continuava sem fazer nada. Jacks nem sempre gostou de Lobric Valor, mas o respeitava. Sabia que o antigo rei acreditava em honra, em justiça e em todas as coisas que mencionava quando propunha seus brindes.

– É por que sou um foragido? – gritou o Arcano, dirigindo-se a Lobric. – Essas histórias não são verdadeiras. Eu não apaguei as lembranças de Evangeline: Apollo é quem fez isso!

– Nada disso tem importância para mim – grunhiu Lobric. – Estou fazendo o que é certo.

– Não é, não, e você sabe disso – berrou o Príncipe de Copas.

Deitada no chão, Evangeline ainda se debatia e chorava. O rosto estava marcado pelas lágrimas quando ela ergueu a cabeça e olhou Jacks nos olhos. Os olhos de Evangeline brilhavam. Mesmo naquela situação, estava tão linda. Não disse nada, mas o Arcano ouviu o que ela pensou: *Vai ficar tudo bem*.

Só que não estava tudo bem.

Nada ficaria bem novamente se Jacks a perdesse agora.



## Evangeline

**E**vangeline ainda se debatia, tentando se livrar das algemas que prendiam seus pulsos. Só precisava de uma única gota de sangue. Tinha que salvar a própria pele e a de Jacks – se não saísse viva daquela situação, não queria nem pensar no que iria acontecer com ele.

A história dos dois não podia terminar daquele jeito.

Evangeline se lembrava de que o Príncipe de Copas havia dito que heróis não têm direito a finais felizes. Mas isso não queria dizer que os heróis deveriam entregar os finais felizes de bandeja para os vilões.

Apollo dava a impressão de mal conseguir ficar de pé, depois da surra que levara de Jacks. O nariz do príncipe estava quebrado e sangrava. Um dos olhos se fechara de tão inchado. Ainda assim, tinha força para brandir a espada bem acima da cabeça.

A lâmina brilhou na luz do luar.

O chão começou a pulsar mais rápido. Pedrinhas minúsculas se ergueram e bateram no rosto de Evangeline, porque o bater perturbador do coração da árvore estava mais forte do que antes. *Tu-tum. Tu-tum. Tu-tum.*

Ela segurou a respiração. Se Apollo a atingisse com a espada, mas não a matasse, poderia usar o sangue para se livrar das algemas.

– Raposinha! – Jacks sacudiu os braços para se livrar dos homens que o seguravam, gritou e xingou todos os que estavam

ali na caverna. – Raposinha, me desculpe. – A voz torturada do Arcano ecoou pelos céus.

Ao ouvir o som desamparado da voz de Jacks, Evangeline poderia ter caído no choro, caso já não estivesse chorando. Ela queria dizer para o Arcano que não precisava pedir desculpas, queria repetir que tudo ficaria bem. Mas, para o caso de que não ficasse, gritou:

– Te amo, Jacks!

– Cala a boca – berrou Apollo. Em seguida, golpeou com a espada. A lâmina zuniu pelos ares.

Mas não a atingiu. Apollo cortou um dos galhos carmesins da árvore, fazendo com que sangue jorrasse da madeira.

Evangeline jamais havia visto nada tão aterrador. Meio que ficou esperando a árvore gritar, mas não foi isso que aconteceu. Muito pelo contrário: ela ficou com a impressão de que a planta ganhava mais vida à medida que o sangue escorria. O tronco ficou mais vermelho, como se a pele estivesse corada, e se espichou, como se estivesse se preparando para alguma coisa.

– Adeus, meu amor – disse Apollo.

Em seguida, encostou os lábios no galho que sangrava.

Era uma coisa horrível de se ver. O sangue manchou os lábios e o queixo do príncipe, que bebeu sem parar. Engasgou-se de leve e cuspiu, mas terminou de beber com um sorriso escarlate, de dentes vermelhos e lábios ensanguentados.

Tirando isso, ele estava perfeito.

Deveria ter ficado horrível. Mas havia mudado. Apollo brilhava, do mesmo jeito que Jacks brilhava de vez em quando. O nariz não estava mais quebrado. Os olhos não estavam mais inchados. Os olhos do príncipe eram dourados, cintilantes como as estrelas que brilhavam no céu.

– Me sinto um deus – declarou ele, dando risada.

O chão pulsava cada vez mais rápido e cada vez mais forte. A força da pulsação sacudiu Evangeline, que foi rolando por

diversos metros, afastando-se da árvore e sujando o rosto de terra.

Quando ela tornou a olhar para cima, Apollo tinha perdido o equilíbrio. Recuperou rapidamente, mas perdeu de novo quando tentou se afastar da árvore. Evangeline ficou vendo a pele brilhante de Apollo ficar cinzenta, e seu belo rosto se contorcer, quando tentou dar mais um passo.

– O que está acontecendo? – perguntou o príncipe. Então fez uma careta de dor e olhou para Lobric, com um ar de acusação.

– Eu avisei – disse o antigo rei. – Eu te disse que, se você desse algum valor à sua vida, deveria esquecer dessa árvore.

De repente, Apollo caiu de joelhos e se segurou no chão com uma mão, como se tentasse se equilibrar.

– Você me disse que a árvore roubaria a vida da pessoa que eu mais amo.

– Sim – respondeu Lobric. – Está roubando a sua vida.

O chão vibrou com mais força. Mais pedras e mais terra voaram pelos ares. Raízes compridas, que pareciam dedos, brotaram do chão e se esticaram na direção do príncipe.

– Pare! – gritou Apollo.

Galhos da árvore se precipitaram, feito as grades de uma jaula.

– Não! Isso está errado: não era para você tirar minha vida.

Evangeline o observou golpear freneticamente com a espada. Ele deu mais um golpe, um dos galhos prendeu a espada, e lágrimas escorreram pelo rosto de Apollo. A árvore lançou a espada para longe. A arma pousou, com um ruído alto, ao lado de Evangeline.

Os rostos presos no tronco da árvore se retorceram. Os lábios se retorceram. Os olhos se arregalaram quando os galhos da árvore se enroscaram em Apollo e começaram a arrastá-lo em direção ao tronco.

Apollo tentou arrancá-los com as mãos e gritou:

– Era para você ficar com ela, não comigo!

Evangeline jamais testemunhara algo tão pavoroso. Viu o tronco se abrir como se fosse uma boca, pronta para devorar o príncipe.

Apollo soltou um ruído apavorado, algo entre um choramingo de criança e um urro animalesco.

Ela fechou os olhos, mas não tinha como evitar ouvir os gritos.

– Não! – berrou o príncipe. – Por favor, não...

Suas últimas palavras não foram ouvidas.

Silêncio.

Por todos os lados.

Um silêncio absoluto tomou conta da caverna. Tão absoluto quanto os gritos de Apollo, que ecoavam há poucos instantes.

Não se ouviam mais urros.

Nem gritos.

Nem galhos que se espichavam.

Nem batidas de coração.

Com todo o cuidado, Evangeline abriu os olhos. A Árvore das Almas estava exatamente no mesmo lugar. Só que, agora, havia mais um rosto horrorizado preso dentro do tronco.



## Evangeline

A história poderia ter terminado ali, com o vilão sendo derrotado e o casal cheio de júbilo prestes a partir para um duvidoso final feliz.

Infelizmente, a luta não cessara porque Apollo ficaria preso dentro de uma árvore por toda a eternidade. Jacks ainda estava furioso. E, sendo assim, quando os filhos de Lobric Valor finalmente o soltaram, mais socos foram trocados e mais maldições violentas foram proferidas. As palavras ecoaram pela caverna iluminada pelo luar enquanto punhos cerrados bateram em rostos e roupas foram rasgadas.

Evangeline gritou para que parassem depois do primeiro soco. Mas logo ficou óbvio que ninguém estava lhe dando ouvidos e que aquela luta não demoraria a tomar grandes proporções caso ela não desse um jeito de pôr fim naquilo.

A espada descartada de Apollo não estava muito longe. Depois de se arrastar no chão de pedregulhos, ela conseguiu cortar o próprio dedo na lâmina e empregar o sangue para se libertar das algemas.

– Chega! – gritou, correndo em direção à briga dos homens, Os dois filhos de Lobric estavam lutando com Jacks, de nariz ensanguentado e causando uma terrível confusão. O antigo rei do Norte era o único que havia se afastado da briga. Dava a impressão de estar inspecionando a árvore – ou, talvez, conversando com ela. Evangeline apenas olhou para Lobric de

esguelha, então pulou no meio dos três homens que brigavam e berrou:

– Parem com essa bobagem, agora mesmo!

Jacks foi o primeiro a parar, seguido de um dos filhos de Lobric. O outro, o mais corpulento dos dois, deu um último soco no estômago do Príncipe de Copas – como se não conseguisse se segurar. Mas Evangeline teve a sensação de que o rapaz era apenas do tipo que precisava dar o último soco.

Jacks se encolheu todo de dor, soltando um grunhido.

Evangeline correu para o lado do Arcano.

– Você está bem?

– Estou ótimo. – Então passou o braço nos ombros dela, em um gesto protetor, e endireitou a postura. – Mato os dois depois.

– Até parece – disse o mais corpulento dos irmãos Valor, aquele que dera o último soco em Jacks.

Em seguida, tirou a camisa cinza-escura para estancar o sangue do nariz.

– Este é Dane – grunhiu o Príncipe de Copas.

Evangeline levou um instante para ligar o nome à pessoa. “Dane”. LaLa falara esse nome algumas vezes. Dane era o metamorfo da amiga. Ela jamais havia tentado imaginar como ele era, mas achava que não teria imaginado aquele brutamontes que tinha acabado de dar o último soco.

O outro irmão, que tinha uma pele bem dourada que até chegava a brilhar, lhe pareceu um pouco mais simpático.

– Não foi nada pessoal, Jacks. A gente apenas fez o que nosso pai pediu.

O Arcano apertou os ombros de Evangeline e olhou feio para Lobric, que acabara de se aproximar dos três.

– Não dava para você ter arranjado um jeito mais fácil de se livrar do príncipe? – perguntou Jacks. – Tipo, quem sabe, enfiar uma espada na barriga dele ou cortar a cabeça?

Todos os três integrantes da família Valor se encolheram ao ouvir falar de cortar cabeças.

O Príncipe de Copas esboçou um sorriso.

Os integrantes da família Valor não tiveram a cabeça cortada de fato, é claro. Mas, àquela altura, já deveriam conhecer a história e, muito provavelmente, deveriam ter visto as estátuas decapitadas de si mesmos no porto de Valorfell.

– Sinto por tê-la colocado nessa situação – disse Lobric, dirigindo-se a Evangeline.

Estava com uma expressão arrependida, mas algo em suas palavras, no jeito que dissera “tê-la colocado nessa situação”, fez com que ela desconfiasse que as desculpas do antigo rei do Norte não eram sinceras.

Evangeline teve a impressão de que Lobric acreditava que havia agido corretamente e que suas ações eram mais importantes do que o sofrimento e o pavor que lhe causaram. Em seguida, ele explicou a história daquela árvore pavorosa, contou como a havia plantado sem saber o que era e que Apollo descobrira sua existência e perguntado como poderia usá-la. O antigo rei contou para Evangeline e para o Príncipe de Copas que havia alertado o príncipe duas vezes. Evangeline acreditou nisso, mas não acreditou que Lobric Valor tinha um pingo de pesar pelo fato de o príncipe não ter dado ouvidos aos seus conselhos.

– Você pretende retomar o reino? – perguntou Jacks.

Lobric deu risada.

– Não é uma questão de retomar: o Norte sempre foi meu. – Então começou a assoviar e se dirigiu à saída da caverna. – Vamos, meus filhos – disse, virando a cabeça para trás. – Precisamos encontrar a irmã de vocês.

Os irmãos se entreolharam de um jeito que deixou Evangeline com a impressão de que os rapazes não queriam acompanhar o pai em mais uma missão. Ela até podia concordar com eles, porque tampouco estava a fim de encontrar Aurora.

– O que você acha que eles farão com Aurora? – perguntou, depois que os três foram embora.

– Acho que jamais a encontrarão – respondeu Jacks. – Aqueles rapazes não querem sair à caça da irmã. Vão desistir em menos de dois dias. E Lobric é orgulhoso demais para permitir que alguém de fora da família saiba que a filha é um monstro.

“Assim como Castor”, pensou Evangeline. Mas não queria dizer isso em voz alta: na verdade, gostava muito de Castor. E não queria falar mais da família Valor, por mais que tivesse certeza de que ainda ouviria falar deles. Evangeline pensou que, agora que Apollo se fora, seu título de princesa não significava mais muita coisa. Mas, se Lobric quisesse o reino, podia ficar com ele. Desde que ela pudesse ficar com Jacks.

O Príncipe de Copas riu baixinho ao lado de Evangeline, e ela teve a impressão de que o Arcano ouvira seus pensamentos.

Evangeline se virou para Jacks. Um hematoma roxo-azulado crescia no olho esquerdo dele, o lábio estava cortado. As roupas estavam rasgadas. Os botões da camisa haviam sido arrancados. A manga esquerda se rasgara na altura do ombro e estava pendurada.

E, mesmo assim, ele estava lindo como sempre.

Na verdade, a fazia lembrar da primeira vez que o vira, na igreja do Príncipe de Copas, sentado lá no fundo, rasgando as próprias roupas. Mas agora o Arcano estava sorrindo. Evangeline ficou só observando os lábios de Jacks esboçarem um sorriso presunçoso enquanto os dois se dirigiam à saída da caverna.

– Aonde vamos? – perguntou ela.

Uma covinha apareceu bem debaixo de um corte no rosto de Jacks.

– Podemos ir aonde você quiser, Raposinha.

## Epílogo

**A**famigerada maldição das histórias do Magnífico Norte ficou observando os amantes amaldiçoados – que não eram mais amaldiçoados – saírem daquela caverna antiquíssima.

A maldição ficou aliviada de ver que, por fim, estavam indo embora. Nunca gostou daquela caverna – era um cenário tão sinistro – e simplesmente tinha aversão daquela maldita árvore que ali vivia. A maldição ateava fogo em qualquer história que mencionasse a árvore amaldiçoada, na tentativa de alertar os mortais e convencê-los a se manterem longe dela, mas os seres humanos podem ser criaturas tão tolas...

A maldição ficou feliz de ver que aquela garota humana e seu garoto, que não era exatamente humano, tiveram a inteligência de se afastar da árvore.

A maldição supôs que, agora, o casal estaria a caminho de alguma espécie de final feliz. Normalmente, a essa altura teria parado de olhar.

Finais felizes são reconhecidamente chatos. Não dão histórias muito boas e, sendo assim, a maldição das histórias não consegue fazer muita coisa, a menos que esteja a fim de virar esses finais jubilosos de pernas para o ar. E a maldição não queria fazer isso naquele momento. Mas queria, sim, encontrar a resposta para uma pergunta específica, que ainda não fora respondida.

E, sendo assim, a maldição das histórias ficou observando o garoto, que não era exatamente humano e estava ferido, com o braço em volta dos ombros da garota que, um dia, trouxera de volta dos mortos.

A maldição realmente torcia para que os dois encontrassem um final feliz. Não tinha cem por cento de certeza de que o garoto que não era exatamente humano merecia isso. Mas, com certeza, a garota de cabelo ouro rosê merecia.

A garota olhava para o garoto que não era exatamente humano com ar de adoração, apesar dos hematomas, dos cortes e do sangue espalhado no corpo dele.

– Ainda tenho uma pergunta – disse a garota.

Se a maldição das histórias fosse capaz de respirar, poderia ter segurado a respiração naquele momento.

E viu o garoto que não era exatamente humano erguer a sobrancelha, ofendido, e retrucar:

– Só uma?

– Não... na verdade, tenho muitas.

Ela mordeu o lábio com seus dentes brancos.

Algo mudou no olhar do garoto que não era exatamente humano: dava a impressão de que também queria morder os lábios dela.

– Você pode me perguntar tudo o que quiser, Raposinha.

– Sensacional! – Os lábios dela esboçaram um sorriso terno. – Conte qual é a das maçãs.

– Próxima pergunta.

– Você disse que eu poderia perguntar tudo o que eu quisesse.

O garoto que não era exatamente humano ficou com um olhar de deboche, seus olhos brilhavam com pequenas partículas de prata.

– Eu não falei que ia responder.

Ela curvou os lábios.

O garoto que não era exatamente humano passou o dedo no lábio inferior dela.

– Não tem importância – falou, baixinho. – Não preciso mais das maçãs.

A garota piscou, surpresa.

O garoto que não era exatamente humano se aproximou...

E a maldição das histórias parou de olhar. Estava na hora de deixar aqueles dois em paz e permitir que tivessem seu final feliz. Outras histórias estavam nascendo no Magnífico Norte.

## Agradecimentos

**E**u sempre fico nervosa quando escrevo agradecimentos. Tenho medo de não conseguir transmitir o quanto sou grata a todas as pessoas incríveis que fazem parte da minha vida. Este livro foi particularmente difícil de escrever, e eu não teria mesmo conseguido sozinha.

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, porque tenho a sensação de que, sinceramente, foi um milagre eu ter terminado de escrever este livro.

Sarah Barley, você faz parte do milagre que me ajudou a terminá-lo – e você é simplesmente maravilhosa. Muito, muito obrigada por todos os telefonemas, pelas sugestões de edição e pelo incentivo de que eu tanto precisava. Eu não teria sobrevivido a este livro sem você.

Sou tão grata pelo fato de meus livros terem uma editora incrível nos Estados Unidos, a Macmillan, e serei eternamente grata a todas as pessoas fantásticas que trabalham lá e à incrível equipe da Flatiron Books. Obrigada, Bob Miller, Megan Lynch, Malati Chavali, Nancy Trypuc, Maris Tasaka, Cat Kenney, Marlena Bitter, Sydney Jeon, Donna Noetzel, Frances Sayers, Emily Walters, Keith Hayes, Kelly Gatesman, Louis Grilli, Erin Gordon e a todas as equipes da Macmillan Áudio, Macmillan Bibliotecas e Macmillan Vendas.

Eu me sinto tão abençoada de também ter uma editora maravilhosa no Reino Unido, a Hodder & Stoughton. Kimberley Atkins, é um sonho trabalhar com você – obrigada por ter aparecido para fazer uma leitura quando era tão absurdamente necessário e por todas as suas brilhantes intervenções.

Esses livros não seriam os mesmos sem os incríveis artistas que fizeram capas, mapas e capas alternativas para toda a trilogia. Muito, muito obrigada, Lydia Blagden, Erin Fitzsimmons, Virginia Allyn e Sally Pham.

Obrigada, Rebecca Solar, por ter dado vida a esses personagens de uma maneira tão extraordinária com a sua espetacular locução no audiolivro.

Este livro teria sido um desastre se eu não tivesse minhas amigas – sou muito grata pelo incentivo, pelo amor, pelas perguntas e por terem me avisado sempre que fiz escolhas erradas ao longo desta história. Obrigada, Stacey Lee, Kristin Dwyer, Isabel Ibañez, Anissa de Gomery, Jenny Lundquist, Kristen Williams, Brandy Ruscica, J. Elle e Kerri Maniscalco. E um agradecimento especial e enorme para Mary E. Pearson, que foi a primeira pessoa a ler este livro – sou especialmente grata pelos conselhos que recebi dela.

Um enorme agradecimento para minha maravilhosa agente, Jenny Bent, e para todos da agência Bent. Sou tão grata pelos incansáveis esforços que todos vocês fizeram por mim.

Agora estou com lágrimas nos olhos de pensar em como posso dizer “obrigada” para minha família. Este último ano foi tão absurdamente difícil, e nem tenho palavras para agradecer à minha família pelo amor, pela ajuda e por serem simplesmente tão maravilhosos. Obrigada, mãe, pai, Allison e Matt – não tenho palavras para dizer o quanto amo vocês.

Por fim, obrigada, leitores. Neste último ano, fiquei absolutamente admirada com o amor que esta trilogia recebeu. Sou grata pelas fotos, pelos vídeos e por todas as palavras gentis de todos vocês. É tão frequente eu receber mensagens que começam com “Duvido que um dia você vá ver essa mensagem” – mas eu vejo, sim! Não consigo responder a todos individualmente, mas quero que saibam que eu as vejo e sou muito grata a todos vocês!